A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2851—9.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quinta-feira, 1 de Agosto de 1918

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço 2 centavos

HA 4 ANNOS

Poucas horas faltam para que se registe o quarto anniversario da guerra. Foi, com effeito, no dia 2 de agosto de 1914, que as tropas allemãs praticaram o primeiro acto de hostilidade, invadindo o territorio do Luxemburgo. Pouco depois, desembocavam na Belgica onde os fez parar a resistencia d'esse pequeno paiz, resistencia que, á medida que se teem desenrolado os successos da guerra, patenteando-se o formidavel pôder allemão, que ainda não está debellado, mais gloriosa se demonstra, chegando a parecer inacreditavel á força de sublime!

A' frente d'essa resistencia estava um chefe de Estado, um rei, mas um rei de ideias modernas, corajoso e leal, que não prestou culto ás ideias autocraticas reflectidas no imperialismo prussiano, e que em vez de luctar contra a democracia a serviu com a sua espada; um rei que não deixou aviltar a sua patria que não deixou impunemente assolar o territorio nacional, que não mandou que se recebessem como amigos os invasores tratando ao mesmo tempo de se pôr em segurança, sem esperar pela chegada d'esses amigos; um rei que foi fiel ao seu povo e ao seu paiz, compenetrado do dever supremo de ficar junto d'esse povo, e d'esse paiz, até ao ultimo momento, como um commandante não abandona o navio que lhe foi confiado.

A recordação do que foi o procedimento do rei Alberto da Belgica impõe-se n'este momento em que está prestes a soar a hora que marca o quarto anniversario da guerra, porque sobre a Belgica primeiro se exerceu a brutalidade germanica, e foi tambem na Belgica que primeiro se manifestou essa resistencia que os allemães do ahi em deante não cessaram de encontrar, e que não só quebrou o impeto do seu arranque, como em breve se transformou na garantia da victoria, cuja promessa é hoje mais cathegorica do que nunca.

Por fallarmos no rei Alberto da Belgica, não podemos, por uma natural associação de pensamentos, deixar de alludir ao panegyrico fervoroso que a minoria monarchica, outro dia, no parlamento, consagrou á memoria de D. João VI, pelo facto de elle ter fugido para o estrangeiro, deante da invasão inimiga. Lendo os extractos d'esse espantoso elogio historico, a nós mesmos perguntámos que ficava para dizer do rei Alberto da Belgica?

A commemoração de qualquer anniversario da guerra não se pode fazer sem destacar a acção heroicamente luminosa da Belgica. Ella foi, realmente, deslumbrante. Em presença, d'um poder quasi sobrehumano, munido de infernaes recursos para vencer, sem saber se muitas ou poucas nações acceitariam o retto germanico, esse pequeno paiz com o seu grande chefe levantou-se contra o aviltamento e a oppressão. Todos os partidos, todas as classes se sentiram electrisados pelo mesmo sentimento. Liberaes e conservadores, socialistas e catholicos, partidos, correntes que sempre se tinham degladiado, dir-se-hia que só sentiam a emulação de soltar os gritos mais patrioticos e de crear a maior resistencia aos inimigos do seu paiz.

Quando se fizer a historia da guerra, o procedimento da Belgica avultará como uma profunda razão psychologica do espirito de resistencia opposto á investida allemã. Essa pequena nação envergonhou as grandes nações. Esse pequeno povo estimulou os grandes povos. Não podiam ficar até ao fim indifferentes a uma via de facto praticada pelo espirito do despotismo, todas aquellas nações, todos aquelles povos que na liberdade se fundaram, e pela liberdade se teem desenvolvido e glorificado.

A Belgica foi o grão de areia que primeiro fez falhar o jogo combinado das engrenagens da machina allemã. Retardando o avanço do inimigo, salvou Paris. Salvando Paris, porventura foi ella que, de entrada, votou á derrota inevitavel o imperialismo prussiano.

Hoje, vinte e tres nações se encontram alliadas para vencer a Allemanha. Entre essas vinte e tres nações estão as maiores, e tambem os mais pequenos Estados do mundo. E' um levantamento geral de escudos. Pode-se dizer que n'este movimento de assombro a primeira energia foi a da alma belga, preparando, com o seu sacrificio, como um holocausto, as futuras victorias do direito.

Os alliados verão principiar o quinto anno da guerra com uma confiança absoluta. Ninguem duvida da victoria. Os acontecimentos seguem a sua marcha logica. A Allemanha será vencida e a paz surgirá, patrocinada pela democracia universal.

A GUERRA

Nas linhas britannicas

Acções locaes em que os inglezes alcançam exito

LONDRES, 31.—Communicação official britannica.—Esta noite, durante os golpes de mão felizes e os recontros das patrulhas nos arredores de Lens, ao norte da Bethune, e no sector norte da nossa frente, fizemos alguns prisioneiros. Um «raid» inimigo foi repellido pelo nosso fogo a sudoeste de La Bassée. A artilharia inimiga mostrou-se activa dos dois lados do Somme, particularmente nas vizinhanças de Morris e no sector de Kemmel.—(Havas).

*

Na frente italiana

Lucta violenta—Um forte ataque repellido

ROMA, 31.—Commando supremo:— Na noite de 27 para 28 de julho, no valle de Danonne, os nossos alpinos surprehenderam um posto da vanguarda inimigo, aprisionando a guarnição. No valle de Brenta, na noite de 29 para 30, depois de um fogo muito violento, que se estendeu tambem lateralmente, chegando até á retaguarda e seus arredores, o inimigo lançou um forte ataque contra as nossas linhas do Cornone (vertentes sul do Sasso Rosso), mas a nossa infantaria, por um energico contra-ataque e depois de violenta lucta corpo a corpo, repelliu o adversario, que foi obrigado a retirar e perdeu metralhadoras. Os nossos aviadores renovaram hontem os bombardeamentos efficazes dos objectivos militares do inimigo. Foram abatidos 5 aviões austriacos.—(Havas).

*

Na Russia

O assassinio de von Eichorn

BASILEA, 31.—Dizem de Kieff que foi commettido um attentado contra o feld-marechal von Eichorn e o seu ajudante de campo von Dressler e que ambos succumbiram.—(Havas).

N. da R.—Segundo um telegramma publicado pelo nosso collega «Diario de Noticias», o assassinio foi commettido, ás 14 horas, por um individuo que seguia n'um tram. A arma empregada foi a bomba de dynamite.

Cartas de França

No campo arruinado, por entre os espectros que se agitam, uma só cousa vive, uma só cousa fréme: a voz da artilharia. E' o hymno que sulca d'harpejos a epopeia da morte, e é o *leit-motif* plangente que embala e adormece os homens extenuados, enrolados como farrapos nos taludes das trincheiras. Ninguem a ouve—e toda a gente a sente. Vibra em todas as cavidades—e deixa placidos todos os corações. E' a voz da guerra, a voz que ha quatro annos, sem um instante unico de socego silva faiscando desde o mar até á Alsacia, cobrindo os homens todos no seu mugido sem fim. De longe, quando passa além do horisonte, é surda e grave, reflexiva, lenta, uma voz que dá conselhos em vez de expelir ameaças. Mais perto, é a voz irada d'um gigante, a fala d'um *ogre* convulsivo e agitado, pontuando os seus dizeres com golpes de montante que por maravilha resoassem nos granitos de toda a Terra. Ao pé, junto d'ella, não é nada, porque é tudo, não tem definição porque é extra-humana, não tem crescendos nem repousos porque vae além de todas as acuidades. E' a voz, a voz da guerra! Quem pudéra explical-a! Misto confuso, incomparavel amalgama de todos os ruidos da terra, mysterioso, devastador, cambiando tonalidades a todo o momento, rumorejante como vento que passára atravez d'uma floresta de casuarinas da Australia, pesada e echoante como as torrentes que desaggregam os *canons* do Colorado e rugem sombriamente nas cavernas do Kentucky, maëlstrom furioso, horrenda voz d'Apocalypse que alastra e brama e grita e ribomba e clama, urrando imprecações e pragas e rugidos, formidavel voz de Deus, sobrehumana voz dos homens que esphacela as profundidades azues a todos os instantes, a todos os segundos, a todos os momentos, ha quatro annos, teimosa, continua, constante, Briarêo de cem braços transmudado em gigante de mil boccas, aço, ferro, dureza, rigidez, trombeta collossal de Josaphat clangorando em toda a face desolada da terra. A voz passa a ulular! E ella, que não enrouquece nunca, e colhe n'um assombro abominavel as cousas do Universo,— esmaga as cargas, esfuma os heroismos, esbate os sacrificios e as centenas de milhares d'homens que avançam e morrem, rugindo como leões, são um formigueiro confuso estrebuchando furiosamente n'um mar de sangue — e não se vêem, não se sentem, não se adivinham, submergidos n'ella, envolvidos n'ella, rolando como folhas n'aquella immensa tempestade, sua obra, seu engenho, seu producto, que logo se emancipou ao sahir da bocca dos canhões e occupa o espaço e conquista o céu e insulta Deus. No seu bramido, onde nenhum outro bramido mais forte póde já caber, estão todas as violencias da guerra e todas as amarguras dos homens. A voz vive, a voz passa a ulular, a ulular! E' sob a rajada sangrenta d'aquella voz que ceifa a sombria foice da morte emquanto as formações se escalonam e as bandeiras se desfraldam, os olhos relampejam de cóleras e o clangôr soturno das tubas ronca atravez das companhias. E é no viver d'ella, no passar d'ella, maldita voz dos infernos, maldita voz dos humanos, que os lares se cobrem de lutos e as lagrimas rompem, os soluços rebentam e vae por toda a terra da França uma dôr tão grande e tão forte que ha de vincar nas gerações futuras uma larga ruga de Mágua, de Martyrio e de Desolação. A voz! A voz! Por cima d'ella Deus preside impassivel, por baixo Deus castiga tonitroante, fulminando a maldade dos homens. Para melhores destinos que não conheceremos nunca, para outras edades d'iro onde de novo todos os males se fechem na bocca de Pandora e a grande illusão do Christo reuna as almas n'um grande abraço mystico e fraternal, — aquelle troar persisto, aquelle troar devora, tão possante, tão imperioso que quando um dia calar, por longos annos ainda os ouvidos se recolherão como para escutal-o e em todos os tympanos vibrará, como um vestigio imperecivel, eterno, da coruscante tempestade d'outr'ora. A maior obra do homem a que mais o approxima de Deus — é que não podendo crear como Elle, destróe como Elle nunca destruiu, voando entre rugidos de vingança, trilhando as terras entre clarões de triumpho. E' a voz com que Deus amaldiçôa e reprova. Bellona ruge com as suas fauces d'aço. E' a voz estridente de Bellona! Grande manto, grande sombra, incorruptivel voz de desgraça que passa a ulular, a ulular, a ulular...

Mario de Almeida

"As grandes batalhas"

Vae a Capital iniciar brevemente a publicação da admiravel obra que o eminente escriptor Julio Dantas escreveu expressamente para o nosso jornal. As grandes batalhas, que irão renovar o immenso triumpho da Patria Portugueza e do Amor em Portugal no seculo XVIII, serão opportunamente annunciadas e hão de constituir, sem duvida, um dos grandes acontecimentos litterarios do anno corrente.

O caso do vapor "Coimbra,,

e o que diz a Liga dos Officiaes de Marinha Mercante

A proposito da noticia que démos, extrahida do nosso collega «A Manhã», ácerca do vapor ex-allemão «Coimbra», recebemos a seguinte carta:

Lisboa, 30 de julho de 1918.—Sr. director de «A Capital».—A Liga dos Officiaes de Marinha Mercante em sua assembleia geral d'hontem decidiu por unanimidade evitar pelos meios ao seu alcance a divulgação de noticias menos verdadeiras que sobre os Transportes Maritimos ha tempos persistentemente teem vindo em alguns jornaes, noticias que afectam não só a direcção d'aquelles serviços, como tambem as prestimosas classes que esta Liga representa e todas as que prestam serviço nos seus vapores, que navegam, que trabalham, que prestam altissimos serviços ao paiz com risco de vida constante e imminente.

E' no cumprimento d'este dever que vimos declarar a v. que foi mal ou tendenciosamente informado sobre o «Coimbra» pois que este vapor ha mez e meio não se encontrava em Lisboa mas sim em Cardiff e que tendo chegado durante este mez descarregou um completo carregamento e carregou outro embora como é do dominio publico as cargas e descargas no porto de Lisboa tenham estado quasi paralisadas pela gréve das classes maritimas, o que muito difficulta todos os serviços, e já sahiu com novo destino não se encontrando portanto «balouçando-se tranquillamente no Tejo», como diz o jornal de v., em noticia extrahida do jornal «A Manhã».

Agradecendo a v. a publicação d'esta carta que é o restabelecimento da verdade subscrevemo-nos.—De v., etc.—Joaquim José Rodrigo.

Está muito bem que a Liga dos Officiaes de Marinha Mercante proteste e não negamos, nem o poderiamos fazer, que os seus membros prestem relevantes serviços. Somos mesmo os primeiros a fazer-lhes justiça.

Mas o que tambem é innegavel é que os serviços de cargas e descargas e que o modo como teem sido utilisados os navios ex-allemães teem sido prejudicialissimos ao paiz, como por mais d'uma vez temos demonstrado.

A Liga dos Officiaes de Marinha Mercante decidiu evitar por todos os meios ao seu alcance a publicação de noticias que diz, prejudicam a sua classe. Acima dos interesses d'uma classe ha os da nação, que são muito mais amplos e d'um valor muito mais elevado.

A paternidade da noticia do *Coimbra* não nos pertence, como aliaz a Liga reconhece. Limitámo-nos a fazer uns ligeiros commentarios. E em defeza dos interesses do paiz, reservamo-nos a liberdade de continuar a commentar qualquer noticia que ácerca de navios chegue ao nosso conhecimento. Vae n'isso um interesse superior a todos, repetimos: o interesse do paiz, perante o qual todos os outros teem de desapparecer.

André Brun

Foi promovido a major graduado este nosso antigo camarada de redacção e brioso official do exercito, que de ha muito, como se sabe, se encontra no «front» em França.

Da sua collaboração nas columnas de «A Capital» desnecessario é falar, porque todos os nossos leitores a conhecem, sendo a secção de que elle estava encarregado uma das mais lidas e das mais brilhantes.

Do seu valor como official diz de sobejo o modo como se tem havido em França. Tendo-se offerecido para partir logo que se tratou da nossa intervenção, teve de sustentar uma verdadeira lucta para conseguir o seu «desideratum», pois que era sempre collocado em unidades que não mobilisavam, aproveitando os seus inimigos o facto para lhe dirigirem insinuações infundamentadas.

Conseguido, afinal, o que queria, André Brun, portuguez de alma e coração, mas ligado á terra de França por laços de familia, partiu satisfeito, na ancia de voltar coberto de gloria. E que tem cumprido briosamente o seu dever demonstra-o a distincção que acaba de lhe ser conferida.

Ao nosso antigo companheiro e sempre prezado amigo as nossas sinceras felicitações.

Brazil e Japão

O inter-cambio commercial e financeiro entre os dois paizes

RIO DE JANEIRO, 31.—O dr. Pereira Lima, ministro da agricultura, commercio e industria, resolveu enviar ao Japão uma missão commercial e industrial, em retribuição da visita das personalidades japonezas, que se encontram ainda no Brazil, estudando a maneira pratica de intensificar o intercambio commercial e financeiro entre os dois paizes.—(Americana).

A falta de gazolina

A proposito do que temos dito sobre a falta de gazolina para as industrias e para os particulares, escreve-nos «Assiduo leitor» dizendo:

«Quando tantas e tantas pessoas se vêem na mais afflictiva situação por muitas industrias terem parado a sua laboração e outras ameaçarem fazel-o, quando os que vivem do automovel (e são milhares de familias) se veem já alguns em lucta com a miseria por falta de gazolina, nós todos os dias estamos assistindo ao mais criminoso esbanjamento.

Para os particulares, para as industrias não ha gazolina, mas constantemente os automoveis e motos do Estado cruzam as ruas da cidade em freneticas correrias, transportando numerosas pessoas, naturalmente em apressadas missões de serviço. Ainda ha dias, o automovel numero 111, do P. A. M., subia a Avenida Fontes Pereira de Mello, na mais vertiginosa correria e transportava... um alumno do Collegio Militar! Pois se até ha um cabo que vae todos os dias a um ponto bastante excentrico da cidade falar á namorada e para isto vae n'uma moto do P. A. M.!»

E insurge-se quem nos escreve contra esse verdadeiro esbanjamento. Pedir providencias? Para quê?!

O incendio da "Montanha,,

No seu numero de ante-hontem o nosso collega do Porto «A Montanha» diz:

«Não estão cobertos por qualquer seguro os prejuizos causados pelos assaltantes—só os da rotativa e typo de impressão, avaliados pelos peritos respectivamente em esc. 2.000$00 e 900$00.

Os peritos foram typographos da «Liberdade» e «Patria»!

Com esta simples noticia ficam desfeitas as insinuações feitas na camara dos deputados pelo sr. secretario do Estado do interior e que tão applaudidas foram por alguns dos seus correligionarios.

Cunha e Costa

Com uma carta extremamente amavel, enviou-nos o grande jurisconsulto dr. Cunha e Costa dois exemplares impressos do elogio historico, por elle pronunciado na Associação dos Advogados, do professor Luiz Renault.

Muito gratos á gentileza do nosso distincto amigo.

Ao leitor d'A CAPITAL

Depois de lido, enviar este jornal á *Junta Patriotica do Norte* (Paços do Concelho — Porto), a fim d'esta o mandar para os nossos soldados no «front».

ECHOS DO CONGRESSO

Ayres de Ornellas em camaradagem com Antonio Sardinha

A sessão d'hontem da Camara dos Deputados foi extremamente grata ao nosso espirito de patriotas. Parece ter-se chegado, finalmente, á plataforma commum, onde todos os portuguezes se podem entender: a guerra ao allemão. Está muito bem assim.

Relacionando o acontecimento d'hontem com os variadissimos incidentes da nossa politica, desde o inicio da guerra, verifica-se que, finalmente, se adoptou a formula preconisada, logo á primeira hora, por todos os republicanos. O principio fundamental em que assentava a «União Sagrada» não era outro senão o da resistencia de todos os portuguezes ao allemão poderoso; a proclamação do alliadophilismo, que hontem solenemente se affirmou na Camara dos Deputados, não é senão uma phase da orientação da politica externa, adoptada pelos governos do sr. Bernardino Machado e solemnemente ractificada nos parlamentos da epoca.

A documentação d'esta verdade é inutil, tanto os acontecimentos, por serem muito recentes, estão ainda na memoria de todos.

Está, pois, assente que somos todos alliadophilos. Talvez que, em breve, nos vejamos obrigados a ser, simplesmente, lusophilos; mas, por emquanto, limitemo-nos ao sentimento commum d'um alliadophilismo «á outrance».

Entretanto, não é inutil recordar que a indignação do sr. Ayres d'Ornellas foi, um pouco, á sobreposse.

Ninguem negou—que nós saibamos—os profundos sentimentos alliadophilos do illustre chefe monarchico, logar-tenente, em Lisboa e arredores, d'um dos pretendentes á corôa de Portugal.

Mas o sr. Ayres d'Ornellas não é todo o partido monarchico, antes a sua chefia é contestada por realistas cathegorisados, citando nós, apenas, entre outros, o primeiro que á memoria nos occorre como opposicionista já declarado: o sr. José d'Arruella. E' talvez por causa da indisciplina partidaria que corroe o partido, que o sr. Ayres d'Ornellas, alliadophilo, se não atreve a repellir a solidariedade politica com outros membros de valor do seu partido, réus confessos d'um germanophilismo agudo. Era isso que a local do «Republica» queria dizer. E isso é verdade.

O Reverendo Padre Domingos, de Cabeceiras de Basto, é ou não é monarchico? A affirmativa não pode deixar de ser feita, emquanto não houver declaração em contrario, que só pode ser dada por quem de direito: ou pelo proprio Reverendo, que é marechal do partido, formando á direita do sr. Ayres d'Ornellas, ou por este proprio, em virtude dos poderes, mais platonicos que outra cousa, que lhe foram conferidos pelo pretendente. Mas o Padre Domingos é réu de germanophilismo, surprehendido na pratica flagrante do delicto, como é sabido. Não é legitimo concluir que, sendo o Padre Domingos correligionario do sr. Ayres d'Ornellas, ha contradicção manifesta entre o que diz e faz o chefe e o que pratica o chefiado? E essa contradicção não deslustra, com certeza, este ultimo...

Mas o Padre Domingos não pertence ao Congresso, objectar-se-ha. E' certo. Mas tambem é facto provado á evidencia, pela confissão dos proprios e por documentos escriptos, que outros politicos monarchicos, fazendo parte da minoria realista, apparentemente sob a chefia unica e incontestada do sr. Ayres d'Ornellas, podem ser suspeitados de germanophilismo. Isso disse e provou o «Republica». Provou o sr. Ayres d'Ornellas o contrario? Não. E o seu alliadophilismo continua a acamaradar, sem attrictos visiveis, com o germanophilismo dos seus correligionarios. Pode haver nada de mais contradictorio? São factos. E a agua lustral da sessão d'hontem da Camara dos Deputados não passa, n'este caso particular, d'um diluvio de palavras, absolutamente inefficaz.

Dêmos, ao acaso, um exemplo de germanophilismo provado e confessado, sentado em poltrona da Camara dos Deputados.

Faz parte da minoria monarchica o sr. Antonio Sardinha. Eis o que elle escreveu, já depois de declarada a guerra:

«A nossa derrota será, latinos, a nossa salvação!... Francophilo que me mostrei já em publico, seu desejo agora vehementemente a victoria da Allemanha»

O partidario do sr. D. Manuel ou d'outro pretendente qualquer deseja, pois, a derrota de Portugal, na guerra com a Allemanha: A NOSSA DERROTA, exclama, SERÁ A NOSSA SALVAÇÃO! E accrescenta: EU DESEJO VEHEMENTEMENTE A VICTORIA DA ALLEMANHA!

Admittamos (simples hypothese) que o deputado incriminado se arrependeu e, agora, se cobriu com o dominó do alliadophilismo, emprestado, occasionalmente, pelo seu chefe politico, o sr. Ayres d'Ornellas, que julga ter d'isso o bastante para uso proprio e dos seus correligionarios mais necessitados. Não pode ser! O sr. deputado Antonio Sardinha não quer equivocos a tal respeito. E' germanophilo e, mais que isso, lusophobo. E affirma-o em verso, para maior realce das suas convicções. Em 11 de abril, já depois da batalha do Lys, o parlamentar realista publicou este soneto, que não pode deixar duvidas ácerca das suas convicções:

A PAIXÃO DAS TRINCHEIRAS

Cordeiro dos peccados d'uma raça,
tu és o portador da nossa cruz!
Ao teu calvario sobre a noite baça,
quanta agonia, quanta, lá conduz!

No circulo de morte que te abraça,
a treva te embrulhou no seu capuz.
Mas sobre ti o olhar de Deus perpassa
cobrindo-te esse Golgota de luz!

Crucificado como te imagino,
o sangue que nasceu p'ra nos salvar,
eil-o correndo sobre um campo alheio...

Por obra mistiriosa do destino,
foste remir um crime secular
á terra sem perdão d'onde elle veiu!

O crime secular é o da Liberdade. O sangue que o remiu é o dos portuguezes, correndo a jorros na batalha do Lys!

Concluimos, pois, da seguinte forma: A manifestação da Camara dos Deputados foi a condemnação dos monarchicos germanophilos, que abundam nas fileiras do pretendente D. Manuel e que são commandados, por delegação do ex-rei de Portugal, pelo alliadophilo sr. Ayres d'Ornellas. Ainda não é esta, porém, a sentença condemnatoria, passada em julgado, de que necessita o chefe monarchico para repellir a camaradagem dos seus correligionarios amigos da Allemanha e inimigos dos alliados, de Portugal e da Liberdade. Fallamos em Liberdade mas confessamos que, n'este ponto, talvez o sr. Ayres d'Ornellas sinta boa a solidariedade dos reaccionarios d'ella inimigos.

Navarro da Costa

A festa, de sabbado, em sua homenagem

Realisa-se no proximo sabbado, pelas 16 e meia horas, uma grande matinée de arte em homenagem ao illustre pintor brazileiro Navarro da Costa, promovida por um grupo de intellectuaes e artistas portuguezes.

E' de esperar que esta festa revista o maior brilho, pois trata-se d'uma justissima homenagem a quem tem procurado sempre estreitar ainda mais as relações amistosas que ligam entre si portuguezes e brazileiros.

Navarro da Costa terá occasião de ver como o seu espirito scintilante é apreciado em Portugal, onde é considerado e estimado mais como irmão do que como hospede. A' encantadora festa digna-se assistir o embaixador do Brazil, sr. dr. Gastão da Cunha.

O illustre artista regressa ao Brazil depois d'uma permanencia de dois annos entre nós.

O assucar

A distribuição de senhas

A junta de parochia da freguezia da Encarnação mandou affixar editaes avisando os seus parochianos de que a venda do assucar nas mercearias da area da sua jurisdicção só se effectuará por meio de senhas, que são distribuidas na séde da junta, das 16 ás 18 horas.

A medida é justissima e por mais d'uma vez a temos preconisado nas columnas d'*A Capital*. Mas chamamos a attenção—e a nosso ver com justiça—para a hora a que a distribuição de senhas é feita. Muita gente ha que a essa hora está nos seus empregos e não pode ir á séde da junta. Por isso, lembram a conveniencia de ser transferida para a noite.

Estamos certos que a junta attenderá o pedido.

Reintegração de officiaes

Os jornaes noticiam a reintegração no exercito de mais um official, o sr. Almeida Garrett. Por outro lado, o sr. Telles de Vasconcellos apresentou na Camara dos Deputados um projecto de lei, para reintegração de todos os officiaes que foram irradiados do exercito, por motivos politicos, anteriormente á declaração da guerra.

Não fazemos opposição systematica á reentrada de officiaes nas fileiras do exercito. Deixamos ao governo e ao parlamento, como guardas fieis da Republica, o julgar da opportunidade dos actos de benevolencia que convenha praticar, a tal respeito. Apenas accentuamos, como é de justiça, que não faz sentido que voltem para o serviço effectivo officiaes comprovadamente inimigos das instituições e continuem fóra d'elle, e, ainda por cima, exilados, outros que, pela Republica, se bateram e sacrificaram.

Ainda ha dias sustentámos esta doutrina, respondendo ao nosso collega «Diario Nacional», a proposito do excesso por este jornal commettido contra o sr. Leotte do Rego. Dissemos então que a classificação de desertores, applicada aos officiaes exilados por motivos politicos, era uma patacoada legal, e não era mais do que isso.

As successivas reintegrações confirmam que é verdadeiro o nosso modo de vêr, emquanto que era singular e excepcionalmente faccioso o do «Diario Nacional».

A nossa opinião é, aliás, bem expressa no caso de que se trata: o governo deve abster-se, por emquanto, de toda a iniciativa, deixando ao parlamento o exame da questão.

Mutilados da guerra

As festas de sport a seu favor obtiveram um resultado pecuniario brilhante

A commissão organisada por iniciativa da secção sportiva de «A Capital», que levou a effeito as festas de sport em 7 e 14 de julho findo e que era constituida pelos srs. major Camara Leme, Bento Mantua, Francisco Callejo, Francisco França e 2.º sargento Alegria—um dos mutilados — desempenhou-se brilhantemente do seu encargo, como se vê dos documentos que em seguida publicamos.

Animados d'um ardente patriotismo e d'um fervoroso enthusiasmo pela causa santa dos mutilados, todos os membros d'essa commissão trabalharam incançavelmente, sacrificando tempo e commodidades para que as festas resultassem brilhantes, como o foram na realidade.

Merecem elles todos os elogios, que nos apressamos a tributar-lhes.

Os documentos a que nos referimos são os seguintes:

Lisboa, 1 de agosto de 1918. — Sr. Manuel Guimarães, director de «A Capital» e meu presado amigo: — A commissão executiva das primeiras festas de sport, a favor dos mutilados da guerra, de iniciativa do jornal que v. tão dignamente dirige, e que tiveram logar nos dias 7 e 14 de julho p. p., encarrega-me de vir apresentar-lhe a conta corrente d'essa festa, bem como os recibos na importancia de 2.088$09 que foi entregue ás ex.mas direcções dos hospitaes dos mutilados.

Ha ainda a importancia de 230$00 a receber e em cobrança, que diz respeito a 23 camarotes e que dentro em poucos dias, será entregue ás mesmas direcções.

Agradecendo a v. a honra com que nos distinguiu, confiando-nos tão alta missão: creia-me de v. etc.—Luiz Borges S. da Camara Leme, major.

RECEITA—Julho, 7—5 camarotes, venda no campo, 50$00; 131 bancadas C., idem, 131$00; 454 bancadas L., idem, 317$80; 1:017 geraes, idem, 203$40; sellos, idem, $12. Total 702$32.—Julho, 14—4 camarotes, venda no campo, 40$00; 105 bancadas C., idem, 105$00; 472 bancadas L., idem, 330$40; 1:716 geraes, idem, 343$20, sellos, idem, $12. Total, 818$72.

Passagem de camarotes, 890$00; venda de postaes no campo pelas enfermeiras do hospital de Santa Izabel, 90$16; venda na «Capital», 6$81.—Total geral, 2.508$01.

DESPEZA — Julho, 7 — Bilheteiros, 8$50; falhas, 2$00; pessoal do campo, 10$6; limões, $86. Total, 16$96.—Julho, 14—Bilheteiros, 8$50; pessoal do campo, 8$40; transporte de musica, 1$56; limões, $86; falhas, 2$40.— Total, 16$72.

Armar bandeiras (conta do carpinteiro do campo), 14$00; 600 «placards» electricos (Editora), 12$00; 500 «placards» e folhas cartaz (Bandeira & Brito), 20$15; aluguer de cadeiras (dois dias) ao asylo D. Pedro V, 8$40; frete das mesmas, 1$00; 2 gravuras (Pires Marinho), 2$00; avença de sello, 7$50; papel sellado, $3; distribuição de prospectos, 1$40; 1 carimbo, 1$50; frete de bandeiras da camara municipal, 1$00; gratificações, 2$00; contas de impressos (Victorino & Pacheco), 14$70; affixação de cartazes (Thomaz de Mello e Agencia Luso) 8$94; impressos (conta da Typographia Sport de Lisboa), 33$03; gratificação a Valerio, 10$00; 2 bolas de «foot-ball», 15$00; ao sargento Alegria para um mutilado, 1$20; envelopes, 1$20. — Total 55$92. Total geral 189$60. Saldo a favor dos hospitaes de mutilados, 2.318$41.

Recebi da commissão executiva da primeira festa de sport a favor dos mutilados da guerra, que por iniciativa do jornal «A Capital» e por intermedio da sua secção desportiva se organisou e realisou nos dias 7 e 14 de julho, no Campo Grande, a quantia de 1.044$04,5 (um conto quarenta e quatro escudos e quatro centavos e meio) destinada a prover ás necessidades dos mutilados da guerra, objectos de uso, tabaco, apparelhos, etc., para seu beneficio e conforto individual.

Lisboa, 1 de agosto de 1918.—O director do Instituto Medico Pedagogico, Costa Ferreira.

Recebi da commissão executiva da primeira festa de sport a favor dos mutilados da guerra, que por iniciativa do jornal «A Capital» e que por intermedio da sua secção desportiva se organisou e realisou nos dias 7 e 14 de julho no Campo Grande, a quantia de 1.044$04,5 (um conto quarenta e quatro escudos e quatro e meio centavos), destinada a prover ás necessidades dos mutilados da guerra, objectos de uso, tabaco, apparelhos, etc., para seu beneficio e conforto individual.

Lisboa, 1 de agosto de 1918.—O director, Tovar de Lemos, capitão medico.

C. E. P.

No quartel general territorial do C. E. P. foi hoje affixada a seguinte lista de fallecidos:

Por ferimentos em combate:

Artilharia 2, soldado 509, 3.ª Manuel da Silva, em 9 de abril.

Intoxicação por gazes asfixiantes:

Bateria de artilharia de guarnição, soldado 455 da 6.ª, Antonio Gomes Rezende, em 5 de abril.

Por doença:

Artilharia 2, 2.º sargento 261, da 3.ª Joseph em 1 de abril, por tuberculose pulmonar; artilharia 3, soldado 699 da 2.ª, José Teixeira, em 1 de abril, por pneumonia; 1.ª bateria de artilharia da costa, 1.º cabo 23 da 8.ª Antonio Monteiro, em 6 de julho, de tuberculose pulmonar. Infantaria 2, soldado 398 da 11.ª José da Silva Espalha Lamas em 5 de julho, de tuberculose pulmonar; Infantaria 29, soldado 52 da 4.ª, Candido Cruz em 13 de maio, de septicemia; Infantaria 32, soldado 323 da 3.ª, José Antonio Monteiro, em 8 de maio, de broncopneumonia.

Ultima hora

Cruzada Nacional Nun'Alvares

Carta ao sr. Ayres de Ornellas, enviada por um monarchico cathegorisado

O sr. Ascanio Pessoa, alferes da guarda republicana, pede-nos para aqui publicarmos uma carta que dirigiu ao sr. Ayres d'Ornellas, unico porta-voz do pretendente D. Manuel de Bragança, que é agora capitão da C. V. I. e, nas horas vagas, insigne orthopedista e curandeiro.

De boa vontade satisfariamos o pedido do illustre official, se a carta não contivesse expressões que, não deixando de ser correctamente portuguezas, destoam um pouco da indole de «A Capital». Em todo o caso, para que o sr. alferes Ascanio Pessoa se não arrependa de confiar na lealdade d'um adversario politico, vamos resumir as suas considerações, que merecerão ou não—isso não é comnosco—a attenção do seu insigne chefe politico.

O sr. Ascanio Pessoa começa assim a sua carta:

«Ex.mo Sr. Conselheiro: Ao lêr a local no «Diario Nacional» intitulada «Especulação», uma tal onda de justa revolta perpassou no meu espirito que, não como membro da «Nacional Cruzada Nun'Alvares», a que d'alma e coração pertenço e pertencerei, por ser, acima de tudo, portuguez, mas como homem de caracter, e assumindo individualmente responsabilidades, passo a prevenir V. Ex.ª de que não tem auctoridade alguma para precaver monarchicos com «alertas» contra especulações, sem me dar primeiro uma resposta, clara e elucidativa, sobre o caso dos documentos que Homem Christo possue...»

O sr. alferes Ascanio Pessoa diz, em seguida, que foi soldado de Paiva Couceiro e que, como tal e como patriota, dá ao sr. Ayres d'Ornellas uma lição de patriotismo, ensinando-lhe como nos momentos de maior crise nacional, foram outros, que não elle, os que se bateram e os mais sacrificados pelo ideal monarchico: entretanto, estes põem agora tudo de lado, quando a Patria periga, para serem portuguezes, sinceros e leaes.

O sr. alferes Ascanio Pessoa affirma que, jornalisticamente, o sr. Ayres d'Ornellas não dá grandes manifestações de ser um portuguez amigo da sua Patria, visto que pretende desvirtuar (não é esta a palavra escripta pelo sr. Ascanio Pessoa) um movimento nacional dos mais sinceros e leaes, «mas tambem, da parte que me diz respeito, lesou a minha dignidade de caracter».

A carta termina assim:

«E como homem normal, a ninguem admitto tal arrojo. Em sintese, intimo, individualmente, V. Ex.ª a retratar-se, porque, perante tal monstruosidade, não torpeço mesmo á custa do meu proprio sangue».

Centro Latino Coelho

Por motivo do fallecimento do sr. Antonio Ferreira, dedicado unionista, não se realisou hoje a annunciada sessão solemne no Centro Latino Coelho, para inauguração das suas novas installações, ficando transferida para dia que opportunamente será fixado.

Echos & Noticias

CASAMENTOS

Realisou-se o casamento do estimado empregado commercial sr. Joaquim Rodrigues com a sr.ª D. Joaquina Dias.

ANTONIO FERREIRA

Falleceu hoje de madrugada o sr. Antonio Ferreira, proprietario da pharmacia Durão, ao Chiado. Era socio benemerito da Sociedade de Beneficencia Brazileira, tendo sido um dos fundadores das Casas de Trabalho.

Foi o primeiro administrador da «Lucta», tendo feito parte durante muito tempo da direcção do Centro União Republicana. Foi membro da commissão municipal unionista de Lisboa, e fez parte da commissão administrativa do municipio de Lisboa, nomeada logo após a revolução de 5 de dezembro.

O seu fallecimento, que causa profundo pesar entre os seus correligionarios e entre os seus amigos pessoaes, deu-se cerca das duas horas e meia, não tendo durado o seu soffrimento mais de meia hora. Subitamente atacado pela doença que o victimou, mal poude balbuciar algumas palavras.

Contava 48 annos, era pae do sr. Raul de Mattos Ferreira, quintanista de medicina, e deixa viuva a sr.ª D. Amelia de Mattos Ferreira.

O funeral realisa-se amanhã, saindo o prestito da casa do fallecido, rua Serpa Pinto, 28, 4.º, para o cemiterio oriental, onde o corpo ficará depositado em jazigo.

A' familia enlutada as nossas condolencias.

TOURADAS

CAMPO PEQUENO—Domingo á tarde de animada corrida. Faz a sua festa um dos mais apreciados toureiros portuguezes, Jorge Cadete, e realisa-se uma corrida que elle organisou com billos elementos. Para vêr a lide primorosa do distincto cavalleiro-amador sr. D. Alexandre de Mascarenhas, para vêr José Casimiro e os nossos melhores bandarilheiros, e para vêr de novo a tradicional e portugueza sorte da pega, executada por um grupo chefiado por Chico Marujo, affluirá decerto no domingo ao Campo Pequeno larga concorrencia.

LIGA DE VIGILANCIA SOCIAL

Pedem-nos a publicação do seguinte:

Lisboa, 31 de julho de 1918.—Sr. director do «A Capital».—Rogamos a v. a especial fineza da publicação do seguinte: Os abaixo assignados, secretario e thesoureiro da «Vigilancia Social» veem declarar que não é inteiramente verdade o que v. affirma na «Capital» do sabbado, 27 de julho, porquanto esta aggremiação é neutra em questões politico-partidarias, empenhando-se tão sómente na defeza e integridade da Republica, procurando a harmonia entre todos os bons, sinceros e leaes republicanos, e, se é certo, entre os seus socios haver quem acompanhe o P. N. R., tambem é certo que ha quem acompanhe o sr. vice-almirante Machado Santos e talvez mesmo entre elles se encontrem elementos mais avançados. Pela publicação d'esta lhe ficam muito gratos os que se subscrevem com toda a consideração.—De v. etc.—(aa) Francisco Maria Ribeiro, Maximiano Ferreira.

«A Capital»

Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora.

Theatros
Cartaz de hoje

THEATRO NACIONAL—A's 21—«Côra, ou a escravatura».—SÃO LUIZ—A's 21,30—«Generos alimenticios».—TRINDADE—A's 21,30—«O gato maltez».—GIMNASIO—A's 21,30—«Morgadinha de Val-Flôr»—APOLO—A's 21,30—«A revolta».—EDEN—A's 21,30 «A trombeta da fama»—POLYTHEAMA—A's 21,30 «Salada russa»—AVENIDA—A's 21,30—«O homem de gelo».—SALÃO FOZ—A's 21—Variedades e animatographo.

Animatographos e concertos—Central, Olympia, Chiado Terrasse, Condes e Salão da Trindade.

Réclames

Querem saber? Esta é authentica! De Mogam-Sandoal alguem acaba de escrever a Ferreira da Silva, como proprietario dos melhores «Generos alimenticios» na «Mercearia Bourdin», do theatro São Luiz o seguinte: «Vi n'um annuncio do «Diario Nacional» que se vendia assucar na sua casa. Vinha perguntar a v. ex.ª se pudesse enviar para a provincia alguma quantidade, embora 2 ou 3 kilos e qual o preço». D'aqui fique prevenido o sr. A. A. P. que o «assucar» da comedia não acaba mais e que custa apenas 1$20 cada... «fauteuil».

—O bailado do terceto «A Revolta», «A Situação» e «O Poder» do 2.º acto da revista em scena no Apollo honra o corpo de baile da companhia d'aquelle theatro, demonstrando os apreciaveis progressos da interessantissima arte coreographica, applicada á vida do tablado. De resto todo esse numero é de effeito como comprova o agrado, que todas as noites alcança.

—Constitue um verdadeiro espectaculo de estreia a representação d'esta noite, no Polytheama, da sensacional revista «Salada russa», que hontem havia completado 80 representações, sempre com casas explendidas. Exhibe-se um novo quadro «Comes e Bebes», de flagrante opportunidade, e seis outros numeros fóra d'elle se cantam pela primeira vez, entregues a Satanella, Amarante, Filomena, Roldão, Arthur Rodrigues, Soares Correia e Alfredo Silva. Os que já viram a peça encontral-a-hão quasi desconnecida, taes a transformação que com a intromissão d'estes numeros e do quadro novo ella soffre. A encenação é como na anterior do distincto e sabedor actor Jayme Silva, e o scenario do «Comes e bebes» da trempe, Renda, Serra e Amanzio.

—Despede-se hoje do publico a encantadora «Morgadinha de Val-Flôr». Amanhã e depois o «Altar da Patria» volta a trazer ao cartaz o nome illustre de Bernstein e a dar ensejo a um admiravel trabalho de Brazão, Palmyra Bastos, Carlos Santos e Maria Pia, annunciando-se já para a semana a sensacional «premiere» da comedia de Wolff «Marionettes», exito extraordinario da Comedia Franceza.

—Tem sido extraordinaria a concorrencia ao Salão Foz, não só devido ao successo alcançado por todos os artistas que tomam parte no espectaculo, como principalmente ao magnifico trabalho do conhecido artista Thomaz Vieira, que é um verdadeiro elemento no genero de variedades e que tem chamado uma extraordinaria frequencia.

Banco Portuguez e Brazileiro

Capital...	escudos	3.000:000$00
Reservas..	»	1.295:000$00

A partir de 1 de agosto p. f. está a pagamento em Lisboa, na séde do Banco, todos os dias uteis, das 12 ás 14 horas, excepto aos sabbados, e no Porto no escriptorio dos srs. H. Kendall & C.ª, rua do Infante D. Henrique, o dividendo do 1.º semestre de 1918 de 6 por cento ou sejam esc. 4$80, por acção. Na mesma occasião proceder-se-ha á troca dos recibos pelos titulos definitivos.

Lisboa, 29 de julho de 1918. Pelo Banco Portuguez e Brazileiro.—Os Directores, João Pires Corrêa, Jayme Rego de Pinho.

NOS DEPUTADOS

A nossa intervenção na guerra — Accusações graves feitas pelo sr. coronel Amilcar Motta

Estão 86 deputados quando abre a sessão e na bancada do governo o sr. secretario de Estado da guerra. Conversou-se muito durante a chamada, o que fez suppor que haveria qualquer coisa de sensação, que não é segredo. E' o que veremos.

Depois de lida e approvada a acta e dando ao expediente o devido destino é dada a palavra ao sr. Alberto Navarro, que se occupa da falta de milho em um dos concelhos do norte, pedindo providencias ao governo, e da fabulosa e confusa quantidade de decretos que teem sido publicados desde 5 de dezembro de 1917 até á abertura do parlamento. Ascendem a 1.042 esses diplomas.

O sr. Mello Vieira sauda a presidencia e trata da situação do nosso exercito em França, fazendo referencias elogiosas ao artigo dado á publicidade pelo sr. general Gomes da Costa e extrahindo d'elle subsidios para fazer perguntas ao sr. secretario de Estado da guerra. O C. E. P. marchou para França completamente desorganisado; tanto ou tão pouco desorganisado que mereceu a alguem a apreciação de que era a desorganisação mais bem organisada que até então se vira. Cita exemplos para demonstrar o que affirma.

Pergunta se existe algum telegramma mandando o nosso exercito entrar em campanha mesmo ainda não sufficientemente preparado para isso. E' o representante dos que se acham no «front», que deseja saber do que lhe diz respeito. Deseja saber se vão ser enviados novos reforços. A seu ver é necessario refrescar as forças que se encontram em França. Refere-se a um official com quinhentos e tantos dias de serviço na guerra, ferido e condecorado a quem foram concedidos 90 dias de licença pelos medicos militares, o que foi reduzido a 30 dias, tendo ordem de seguir novamente para o «front». Entende que a situação dos officiaes é egual á das praças. Uns e outros precisam ser substituidos não devendo, porém, haver preferencias para os galões.

A nossa instrucção militar é excellentemente feita, facto reconhecido pelos officiaes superiores alliados.

Os officiaes aviadores tiveram de ir fazer serviço com os francezes, por não terem aviões. De começo foram encarregados de assistir á descarga de comboios de mantimentos, para fazerem alguma coisa. Pergunta ao governo se tenciona mandar soldados instruidos ou não?

O orador fala largamente, com o assentimento da camara, que o escuta attenciosa e interessada. Não é um orador, é um soldado que expõe com singeleza e verdade o que julgou interessante ácêrca dos seus camaradas. (E' muito felicitado por toda a camara.)

Responde-lhe o sr. secretario de Estado da guerra, que só em sessão secreta poderão ser tratados esses assumptos, em sua maioria, não se furtando, é claro, o orador nem o governo a fazel-o. Refere-se á instrucção dos nossos soldados e ao envio de novas tropas que o sr. Norton de Mattos disse estarem promptas e aptas para partir, verificando-se que tal não era verdade. Tudo mais que sobre o assumpto poderia dizer reservará para uma sessão secreta. Basta dizer-se que para o «front» foram mandados soldados, sem lá se acharem officiaes; não havia armas, nem munições, nem nada.

Todos os deputados se acercam do orador e os espectadores das galerias apuram os ouvidos. O telegramma a que se referiu o sr. Mello Vieira existe. E' dirigido pelo sr. Norton de Mattos ao sr. Affonso Costa, então em Inglaterra, pedindo-lhe que conseguisse permissão para serem enviadas tropas, mantendo d'esse modo o prestigio do partido democratico. O governo inglez fez então uma proposta ao governo portuguez, para manter uma divisão no «front», visto não poder manter duas, como era desejo do sr. Norton de Mattos. Esmiuça e pormenorisa as faltas de toda a natureza, com que as nossas tropas partiram para França.

Fala o sr. secretario da guerra, depois, da batalha de 9 de abril e diz que a nossa primeira linha ficou completamente inutilisada e a segunda bastante prejudicada.

Propõe uma saudação aos que pereceram heroicamente n'essa batalha e áquelles que ainda lá se manteem.

Tem a palavra o sr. Egas Moniz e propõe, d'accordo com os «leaders» das minorias catholica e monarchica, se nomeie uma commissão composta de todos os deputados que estiverem no «front», que apurará toda a verdade do exposto pelo sr. secretario da guerra.

Ninguem melhor do que elles pode encarregar-se de levantar o prestigio dos seus camaradas, que é o d'elles proprios.

O sr. Ayres de Ornellas apoia calorosamente a proposta, que servirá para levantar bem alto o nome d'esses bravos que se deixam morrer agarrados ás peças, no seu posto.

Tambem approva a proposta o sr. Pinheiro Torres, e fal-o nos mais ardorosos termos. Devem ser esclarecidos e punidos os factos relatados pelo sr. secretario da guerra, que constituem um crime de alta traição á Patria.

A discussão generalisa-se, falando ainda sobre o assumpto varios oradores, todos elles concordes com a proposta apresentada pelo sr. Egas Moniz.

NO SENADO

O primeiro orador a falar é o sr. Pinto Coelho, catholico, que se dirige ao sr. secretario da instrucção, que está presente, perguntando-lhe se, á face das leis que regulam o ensino religioso, este, é neutro nos estabelecimentos particulares. Assim se determina no decreto n.º 4653, mas a propria lei da Separação, intangivel como um dogma politico, diz que a neutralidade desse ensino só é obrigatoria nos estabelecimentos officiaes. Assim deve ser, e o orador quer, portanto, saber se assim é.

O sr. secretario da instrucção responde. A Constituição é clara e ninguem tem o direito de perguntar a um membro do governo a sua opinião pessoal sobre tal materia. Elle nada pode fazer. A questão tem de ser posta pelo parlamento, pois só elle póde alterar a lei basica do regimen.

O sr. Pinto Coelho replica, dizendo que lhe causou profunda decepção a resposta do sr. secretario da instrucção. Nem se trata sequer d'uma reivindicação mas d'uma simples reclamação dos catholicos contra uma vexatoria tyrannia.

O sr. Luiz Caetano Pereira da Costa pede que sejam modificados os horarios da linha de Vendas Novas. Pergunta se ha algum decreto dictatorial a publicar sobre o arroz, e, por ultimo, deseja saber se foram tomadas providencias sobre as tabellas de cereaes não panificaveis.

O sr. secretario da agricultura dá explicações.

O sr. Mello Mattos occupa-se da falta de cereaes e manda tres projectos para a mesa.

O sr. José de Serpa pede a revogação do decreto sobre a entrada de aguardente no Douro.

O sr. Julio de Moraes Sarmento pergunta se é verdadeiro o telegramma publicado hontem nos jornaes, sobre a reorganisação e ampliação do Corpo Expedicionario Portuguez.

O sr. secretario dos estrangeiros responde que isso se faz apenas no sentido de mantermos em França as forças que lá estavam antes do combate de 9 de abril.

Entra-se depois na ordem do dia: eleição de commissões.

Capitulações de Marrocos

Um acto do governo que ficará, talvez, sem explicação completa

Noticia-se, como um *fait-divers* qualquer e sem importancia, que entre o nosso governo e o de Madrid se celebrou um accordo, segundo o qual Portugal desiste, a favor da Hespanha, da situação privilegiada que lhe era reconhecida no regimen das capitulações, em todo o territorio do protectorado hespanhol de Marrocos. O accordo, segundo um despacho de Madrid, está ainda sujeito a ratificação.

Esta questão precisa ser esclarecida. Encaremol-a, desde já, por dois dos seus aspectos principaes:

Consiste o primeiro em acreditar piamente que este assumpto será sujeito ao exame do Parlamento, antes da sua completa sancção legal. Entendemos que o convenio não póde deixar de ter sido assignado *ad referendum* e suppomos, na nossa pouca erudição em questões diplomaticas, que é a isso que se refere a palavra *ratificação* contida no texto telegraphado de Madrid e publicado no jornal official do governo hespanhol.

A outra observação é esta: que recebemos nós em troca do que damos?

Com muito ou pouco valor, tinhamos, em Marrocos, uma situação de privilegio, que nos fôra legada pelo passado. Os privilegios das capitulações faziam parte do patrimonio nacional. Se, para nós, pouco valor tinham, já não acontecia o mesmo com a Hespanha, que, emquanto existissem as capitulações, não podia exercer, em toda a sua integridade, os direitos de dominio em Marrocos, euphemisticamente disfarçados na formula de protectorado. Por isso é natural que a Hespanha desejasse ardentemente a extincção d'essas capitulações. Que nos deu a monarchia visinha em troca da desistencia dos privilegios que herdámos, em Marrocos, dos nossos maiores?

Eis o que o paiz necessita saber.

A guerra

Nas linhas britannicas

Bombardeamentos executados pelos aviadores, 21 apparelhos allemães destruidos

LONDRES, 31. — Communicado britannico:

Durante o dia a artilharia inimiga mostrou-se activa a sudoeste de Albert e egualmente manifestou alguma actividade a leste de Robecq e n'outros sectores.

Nenhum outro acontecimento a assignalar.

Aviação em 30—A visibilidade foi alguma coisa reduzida pelas brumas terrestres; comtudo, pudemos tirar um grande numero de photographias e lançámos mais de 11 toneladas de bombas sobre as vias ferreas, garages e depositos de munições inimigos. Deram-se varios recontros com um certo numero de apparelhos inimigos, dos quaes 15 foram abatidos e 6 foram obrigados a aterrar desamparados. Faltam 6 dos nossos apparelhos. Durante a noite lançámos 20 toneladas e meia de bombas sem perdas para nós. Além dos apparelhos já mencionados, 1 avião inimigo foi abatido pelo fogo da nossa infantaria no dia 29.—Havas).

A contra-offensiva alliada

Ataques allemães repellidos depois de vivo combate

PARIS, 1.—Na região ao sul e a oeste de Reims, um ataque allemão sobre a montanha de Bligny foi repellido depois de vivo combate. O inimigo executou diversos golpes de mão na região de Paris e sobre a margem direita do Mosa sem obter nenhuma vantagem, tendo-lhe os francezes infligido perdas e feito prisioneiros.—(Havas).

Dezoito aviões abatidos, golpe de mão repellido

PARIS, 31.—Communicado official. No conjunto da linha de batalha o dia foi marcado por acções de artilharia. Entre Montdidier e o Oise um golpe de mão inimigo ao norte de Anthoiul não obteve resultado.

Aviação—Hontem as esquadrilhas franco-britannicas abateram, ou puzeram fóra de combate 18 aviões inimigos e incendiaram um balão captivo.—(Havas).

Os americanos matam ou aprisionam todos os destacamentos que os atacaram

PARIS, 1.—Communicado official americano.—Na noite passada o inimigo renovou os seus contra-ataques sobre a linha de Ourcq.

Na região de Seringes e Nesles os destacamentos que nos atacaram, momentaneamente, conseguiram penetrar nas nossas linhas, mas, cercados e batidos pelo fogo das nossas metralhadoras, todos os homens foram mortos, feridos ou prisioneiros.

A sudoeste do bosque de Meuniere, depois de um duro combate á baioneta, as nossas tropas repelliram o inimigo dos bosques, tendo nós tomado o bosque de Grimpettes e attingido a aldeia de Cierges.

Na Alsacia e na Lorena varios golpes de mão foram repellidos com perdas para o inimigo.—(Havas).

*

Na frente belga

Duellos d'artilharia, lucta á bomba

PARIS, 1.—Communicado belga d'hontem:—Actividade media das duas artilharias, principalmente nas zonas de Merckem e de Bosinghe. Lucta de bombas em Dixmude.—(Havas).

Operações no Oriente

Actividade mutua d'artilharia

PARIS, 31.—Exercito do Oriente: Actividade de artilharia de parte a parte no Vardar. A leste do rio um golpe de mão bulgaro foi repellido. Fraca actividade da aviação devido ao vento violento.—(Havas).

POEIRA DA ARCADA

O resgate da linha d'Ambaca

A Companhia dos Caminhos de Ferro Através d'Africa enviou a todos os secretarios de Estado uma reclamação contra o resgate do caminho de ferro d'Ambaca.

Cruzador "Adamastor,,

Telegramma hoje recebido diz que o cruzador «Adamastor», que ultimamente soffrera uma importante reparação, está novamente em fabrico.

Major general da armada

Reassumiu as funcções de major general da armada o almirante sr. Alvaro Ferreira, que fôra ao norte inspeccionar as defezas maritimas dos portos e barras de Leixões e Aveiro.

Aviação naval

Reuniu hoje o conselho superior de saude da armada, para elaborar um regulamento acerca das condições de admissão de officiaes, sargentos e praças para o serviço d'aviação naval.

Hospital da cidade do Porto

Deve ser amanhã publicado um decreto ampliando a verificação e declaração de utilidade publica para a execução das obras do hospital da cidade do Porto, á expropriação dos predios constantes da planta cadastral, expropriação que deverá ser levada a effeito no praso de seis mezes.

Funccionarios aposentados

A commissão de funccionarios aposentados que trata de conseguir que a sua classe seja incluida na subvenção, procurou hoje novamente o secretario de Estado interino das finanças, para instar pelas suas reclamações.

Provas para major

O tenente-coronel sr. Freitas Soares ausentou-se por alguns dias das funcções de chefe do gabinete do secretario de Estado da guerra a fim de prestar provas para major do corpo do Estado maior. Ficou substituido pelo tenente-coronel sr. Fernando Borges.

A variola em Lisboa

Segundo o boletim de sanidade interna que foi presente ao conselho superior de hygiene, durante a semana finda deram-se 19 casos de variola em Lisboa.

Pagamentos em divida

Continuam em divida os vencimentos dos funccionarios das direcções geraes de saude e de assistencia, que ultimamente transitaram para o ministerio do trabalho, e, ao que se diz, a demora é apenas devida a formalidade burocraticas que facilmente poderiam ser resolvidas.

ULTIMA HORA

Addiamento do Congresso e crise ministerial

Era esta tarde voz corrente, nos corredores das duas casas do Parlamento, que ainda esta semana seria publicado o decreto de addiamento dos trabalhos legislativos, dando-se a seguir uma crise total de gabinete.

Não nos foi possivel obter confirmação ou desmentido ao boato. Por isso o mencionamos, a titulo meramente informativo.

Aggressão mysteriosa

Na enfermaria n.º 4 do hospital de S. José, onde dera entrada depois de operado do trepano, falleceu hoje o desconhecido que ha dias foi encontrado cahido, muito ferido e sem fala, na Avenida Nova de Chellas. O cadaver deu entrada na morgue.

Ferro-viarios do Sul e Sueste

A' hora a que recebemos o serviço da Arcada, ainda nada transpirava acerca da conferencia realisada entre o sr. secretario de Estado do commercio e commissões delegadas dos ferro-viarios da C. P. e S. S.

O comité central d'estes ultimos fez hoje distribuir profusamente um manifesto dirigido ao publico e ás classes trabalhadoras.

PEQUENAS NOTICIAS

Justa Oteres, de 31 annos, residente na rua do Arco do Bandeira, 104, 3.º, tentou hoje suicidar-se por meio de enforcamento. Foi soccorrida no banco do hospital de S. José.

Antigos alumnos do Instituto Academico

Realisou-se hontem a annunciada reunião dos antigos alumnos do Instituto Academico que constituiu uma encantadora festa de solidariedade. Entre outras deliberações que interessam sobremaneira aos referidos alumnos, resolveu-se realisar um almoço em Cintra no Hotel Netto.

O ponto de reunião é na estação do Rocio, ás 9 horas do proximo domingo, 4. Todos os antigos alumnos que não comparecerem á referida reunião devem inscrever-se até ás 18 horas, de sexta-feira, 2, no escriptorio do antigo condiscipulo Antonio de Macedo, na rua Augusta, 70, 2.º Esq.º

Na Camara dos Deputados

Um inquerito aos serviços de organisação do C. E. P.

A' hora em que redigimos estas rapidas notas está ainda em discussão, na Camara dos Deputados, a seguinte proposta, apresentada pelo «leader» da maioria, sr. Egas Moniz:

«Proponho uma commissão de inquerito á organisação e funccionamento do C. E. P., e que essa commissão seja assim constituida: tenente-coronel José Vicente de Freitas; capitão José Cabral Caldeira do Amaral; capitão Ventura Malheiro Reimão; capitão Arthur Mendes de Magalhães; capitão Francisco Cunha Leal; capitão José João Pinto da Cruz Azevedo; capitão-medico Affonso José Maldonado; Alberto Pinheiro Torres e alferes José Adriano Pequito Rebello.

Esta proposta foi suggerida por um extenso discurso pronunciado pelo sr. ministro da guerra, atacando que, pelos governos transactos, foram praticados abusos gravissimos e apresentando documentalmente as graves provas, que nós, afinal, não podemos apprehender, dada a voz em surdina do illustre titular da pasta da guerra e, tambem, as pessimas condições acusticas da sala.

A'cerca da proposta abriu-se inscripção especial, falando os srs. Egas Moniz, Moreira d'Almeida, Cunha Leal, Pinheiro Torres, João de Castro, Costa Lobo e Ayres d'Ornellas. A discussão continua. Tudo faz prever que a proposta será approvada por unanimidade.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2855—9.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA—Sexta-feira, 2 de Agosto de 1918 | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço 2 centavos

A affixação d'um discurso

Apesar do que se procura fazer crêr, as revelações que o sr. secretario d'Estado da guerra hontem fez na camara dos deputados ácerca de certos documentos respeitantes á nossa participação militar na lucta travada na linha occidental não constituiram realmente uma surpreza. Ainda não ha muito que o orgão governamental, «A Situação», iniciou uma campanha no sentido de chegar á publicação d'esses documentos, campanha que repentinamente cessou, evidentemente em virtude de qualquer intervenção de natureza decisiva. O complemento d'essa campanha foi agora feito pelo sr. secretario d'Estado da guerra no parlamento, mas não se nos affigura que das suas revelações se venha a apurar aquillo que sobretudo as folhas adversas ao regimen desejariam poder concluir contra esse mesmo regimen.

A intervenção mais judiciosa da sessão foi a do sr. Egas Moniz, «leader» da maioria. Levantou-se o sr. Moreira de Almeida, reclamando a affixação em todo o paiz do discurso pronunciado pelo sr. Amilcar Motta. Que queria o sr. Moreira de Almeida? Expôr, simplesmente, á execração publica o partido democratico, como principal partidario da guerra? Não! O sr. Moreira de Almeida pensava na affixação d'esse discurso, para que essa affixação, bem pouco propria, como disse o sr. Egas Moniz, para o incentivo dos animos necessario á continuação da nossa participação na guerra, redundasse n'um desprestigio para a Republica, provocado pelos proprios republicanos.

Não deixou o sr. Egas Moniz vingar esta especulação politica. Não só não a deixou vingar, levando a uma especie de confissão de erros ou faltas graves que a Republica houvesse commettido, porque perante o espirito simplista de populações pouco illustradas nunca se desassociam as responsabilidades dos homens das responsabilidades dos regimens que elles servem, mas não a deixou mesmo vingar como tentativa de condemnação irreparavel a um partido da Republica. O sr. Egas Moniz não considerou as declarações do sr. secretario de Estado da guerra como uma sentença; considerou-as como um libello accusatorio, que—são as suas proprias palavras—ainda é preciso investigar.

A affixação d'um discurso só se comprehende quando esse discurso contem affirmações cujo rigor não admitte impugnação. Não é este o caso presente. Se alguem imagina que essas affirmações não podem, de forma alguma, ser rebatidas, esse alguem não é certamente o sr. Egas Moniz, nem a maioria de que o illustre parlamentar é leader, e que rejeitou a affixação proposta pelo sr. Moreira de Almeida.

O que hontem se passou no parlamento é uma indicação que os republicanos que lá se encontram não devem desprezar. Prova-se, a todo o momento, que os monarchicos não pensam senão em pôr a Republica em cheque. Seria natural, e até porventura legitimo, se não se tratasse, em certos casos, de questões de ordem internacional em que todos os membros do parlamento deveriam formar bloco, e, sobretudo, sendo conhecida, como é, a declaração official do partido monarchico proclamando treguas, pelo menos até á conclusão da guerra. N'estas circumstancias, porém, o procedimento monarchico não tem desculpa, e é mais uma prova d'aquella duplicidade contra a qual se deve prevenir a maioria republicana, mantendo-se sempre em guarda contra ella e collocando essa preoccupação necessaria acima de todas as paixões partidarias que porventura possam influir no seu espirito.

Mutilados da guerra

Uma recita no theatro da Trindade

A actual empreza do theatro da Trindade dá na proxima semana um espectaculo, cheio de attractivos em favor dos mutilados da guerra, para o qual estão convidados a assistir, o sr. presidente da Republica e os srs. secretarios de Estado da guerra e da marinha, commandante da guarnição de Lisboa e outras personalidades.

Tambem para essa recita, que será abrilhantada por uma das melhores bandas militares, foram convidados os mutilados que estejam em condições de poder assistir.

Opportunamente publicaremos o programma.

Homenagem á memoria de um bravo

Promovida pela familia realisa-se depois d'amanhã uma manifestação funebre ao soldado n.º 487 da 4.ª companhia de infantaria 5, José Vieira, um dos nossos mutilados que falleceu no Instituto Medico Pedagogico.

O ponto de reunião é no largo de Santa Izabel, pelas 14 horas, dirigindo-se ao cemiterio dos Prazeres.

GUERRA

Diario da guerra

Continuam as tropas alliadas a realisar progressos importantes na lucta que se vem ferindo entre Soissons e Reims, apesar da resistencia desesperada das tropas de von Boehm.

Quem observa n'um mappa a região onde as tropas franco-americanas teem combatido a sul de Soissons nota o cruzamento de estradas, importantes vias de communicação, que ao inimigo convem conservar como base das suas operações offensivas. Esta batalha entre o Marne e o Ourcq tem sido das mais renhidas d'esta guerra; porque os alliados não perdem o contacto com o inimigo e os allemães, vendo-se n'uma situação critica, pelo ataque na sua asa direita, teem conduzido a retirada por uma forma modelar, evitando o perigo que os ameaçou.

Entre o Aisne e o Ourcq o exercito do general Mangin, em ligação com as unidades britannicas repelliram os allemães da região comprehendida entre Plessier-Huleu e o rio Ourcq. Basta ver a energia com que o inimigo defende estas posições, para se avaliar da grande importancia tactica que ellas representam. Pelos prisioneiros feitos aos allemães sabe-se os effectivos numerosos empregados na defeza e que teem conseguido chegar ao campo de batalha, sem que tenham conseguido evitar os impetuosos ataques dos alliados. Mais para sul de Cramaille que fica a nordeste de Oulchy-le-Chateau, os americanos apoderaram-se de Ciernes, de forma que o avanço dos alliados vae fazendo desapparecer o sacco que existia entre Soissons e Reims. Apesar do methodo com que os allemães teem operado a sua retirada não tem evitado que os alliados tenham feito prisioneiros em numero elevado, attingindo já cerca de trinta e quatro mil.

Os allemães estão a attingir a linha de defeza ao longo do Vesle, que será muito dura de levar de vencida em ataques frontaes; mas que os alliados naturalmente hão-de procurar envolver, por acções combinadas a sudoeste de Reims e a oeste de Soissons. Quando os alliados conseguirem a posse de Soissons a situação militar soffrerá uma grande modificação.

A contra-offensiva alliada

Novo progresso dos francezes —Aldeia conquistada —33.400 prisioneiros

PARIS, 1—Communicação official de hoje ás 23 h.—Ao norte de Ourcq as nossas tropas, em ligação com as unidades britanicas, repelliram o inimigo das posições onde estava agarrado com energia, entre a região de Plessier-Huleu e o rio.

Tomámos a altura ao norte de Grand Rozoy, ultrapassámos a aldeia de Beugneux e alcançámos Gramoiselles e Cramaille, realisando n'este ponto um avanço de cerca de 3 kilometros.

Ficaram em nosso poder 600 prisioneiros.

Mais para o sul apoderámo-nos de Ciernes e do bosque de Meunière.

Ao norte da estrada de Dormans a Reims conquistámos, depois de um combate encarniçado, a aldeia de Romigny e fizemos uns 100 prisioneiros. O numero total de prisioneiros feitos na linha da batalha do Marne e da Champagne no periodo comprehendido entre 15 de julho, data do principio da offensiva allemã, e 31 eleva-se a 33.400, dos quaes 600 officiaes.—(Havas).

Operações no Oriente

PARIS, 1.—Exercito do Oriente:—Actividade da artilharia a leste do Vardar. Foi completo o revez soffrido por um destacamento de assalto bulgaro n'um golpe de mão tentado contra as linhas britannicas. Grande actividade das patrulhas na região de Skra e na frente servia. Na região a oeste de Pogradec o inimigo bombardeou violentamente as nossas novas posições. A aviação franceza lançou 1 tonelada de explosivos nos acampamentos do vale do Devoli e a aviação britannica bombardeou a gare de Petric.—(Havas).

Nas linhas britannicas

Prisioneiros feitos em julho—35 apparelhos allemães fóra de combate

LONDRES, 1.—Communicação britannica:—Durante a noite as nossas patrulhas capturaram alguns prisioneiros nos arredores de Merris. Nada mais a registar hoje, afóra a actividade habitual das duas artilharias. O numero de prisioneiros feitos por nós durante o mez de julho, é de 4.503, dos quaes 89 officiaes.

Aviação:—No dia 31 tiveram logar muitos combates aereos, durante os quaes foram abatidos 26 apparelhos inimigos e 9 cahiram sem governo. Dos nossos não voltaram 4. Apesar da observação ser novamente difficil, tirámos muitas photographias e lançámos 15 toneladas de bombas com bons resultados. Durante a noite lançámos mais de 23 toneladas de projecteis, sem perdermos apparelho algum. Diversas vias ferreas, principalmente as de Cambrai e Lille, ficaram gravemente avariadas por alguns tiros que acertaram no alvo e declarou-se um certo numero de incendios consideraveis.—(Havas).

Nas linhas italianas

Luctas locaes desfavoraveis ao inimigo

ROMA, 1.—Commando supremo.—Durante o dia e a noite de hontem luctas locaes em differentes pontos da frente de batalha. No vale do Ledro uma das nossas patrulhas de reconhecimento, encontrando-se com uma patrulha inimiga, travou combate com ella, fazendo alguns prisioneiros. No monte Corno (Vallarsa) e em Cornone, depois de intensa preparação da artilharia, as patrulhas inimigas tentaram approximar-se das nossas linhas, sendo rechaçadas sanguinolentamente, devido á vigilancia das nossas defezas.—(Havas).

De todo o mundo

A chamada da classe de 1920

PARIS, 1.—A camara dos deputados approvou por 858 votos contra 61 o projecto de lei relativo ao recenseamento, revisão e chamada da classe de 1920.—(Havas).

O epilogo de um crime d'alta traição

ROMA, 1.—O tribunal militar deu a sua sentença no processo de traição por afundamento do couraçado «Benedetto Brin». Giorgio Carpi e Ashillo Moschini foram condemnados a ser fusilados pelas costas, depois de serem exautorados; Guglielmo Bartoloni foi condemnado a trabalhos forçados por toda a vida, tambem com exautoração, e Mario Azzoni foi absolvido, visto não se ter provado a sua culpabilidade.—(Havas).

Os americanos progridem tambem

PARIS, 2.—Communicado americano de hontem. Na linha do Ourcq vigorosas acções locaes consecutivas, tendo-se produzido os nossos ataques e contra-ataques inimigos em muitos pontos.

Tomámos Cerigės e avançámos para além d'esta aldeia. A situação não mudou no resto do sector.—(Havas).

Figuras da guerra

O fornecedor geral de viveres dos Estados Unidos

O nome de mr. Herbert Chark Hoover a quem o presidente dos Estados Unidos designou para o cargo de organisador de viveres, e a quem pode chamar-se o fornecedor geral do mundo, é pouco conhecido.

Segundo nos diz Paul Hervieu, na «Nouvelle Revue», Clark nasceu em Iowa em 1875 e trabalhou primeiro na granja de seu pae, aprendendo só as primeiras lettras e economisando os honorarios que recebia ao extremo de, unicamente com o seu dinheiro, custear quatro annos de estudos na universidade de Stauford, onde obteve o titulo de engenheiro de minas.

No começo da guerra já era muito rico e achava-se em Londres, dirigindo os seus importantes negocios de minas da Africa do Sul.

Sem appoio official, trabalhando como simples particular, mister Clark imaginou soccorrer as povoações da Belgica, ameaçadas pela fome, negociou directamente com os belligerantes e organisou com assombrosa habilidade e maravilhosa rapidez a obra philantropica mais vasta que se tem conhecido no mundo. Formou um exercito de 100.000 pessoas, reuniu uma frota de vapores, de barcas e de chalupas e, finalmente, occupando a presidencia do «comité» de soccorros á Belgica, levou a alimentação e a vida aos lares vazios das familias belgas e francezas.

Milhares de toneladas de subsistencias foram transportadas com regularidade para as communas invadidas. Durante mais de dois annos foi ele a providencia e a esperança de milhões de infelizes, victimas da guerra.

Visitas de estudo

O Atheneu Popular continua na sua louvavel acção de vulgarisar conhecimentos aos seus associados, por meio de visitas e passeios de estudo a differentes estabelecimentos, tanto scientificos como industriaes.

Continuando a realisar esta parte do seu programma, effectuam no proximo domingo, ás 13 horas, os socios d'este atheneu a 6.ª visita de estudo a bordo do vapor «Africa», da Companhia Nacional de Navegação, mediante auctorisação concedida pela administração da companhia.

Os visitantes serão acompanhados pelos srs. official e engenheiro machinista de serviço a bordo do referido vapor.

O ponto de reunião é, ás 13 horas junto do Muzeu de Artilharia, ao caes da Fundição, onde o vapor está atracado á muralha.

Ao leitor d'A CAPITAL

Depois de lido, enviar este jornal á *Junta Patriotica do Norte* (Paços do Concelho—Porto), a fim d'esta o mandar para os nossos soldados no «front».

Casa de asylo...

O germanophilismo endemico no partido monarchico em contradicção com o alliadophilismo agudo do sr. Ayres de Ornellas

Não commettemos jámais a descortezia de duvidar das affirmações politicas do «Diario Nacional», embora seja certo que as comentamos e interpretamos conforme as circumstancias e nos limites, que reconhecemos restrictos, da nossa intelligencia. O nosso illustre collega entende, porém, que identico criterio não deve observar e nosso respeito, o que é lamentavel, não para nós, mas por elle.

Dissemos e repetimos que nos agrada muito que os monarchicos tenham, emfim, acceite a plataforma patriotica da união perante o inimigo, preconisada por todos os republicanos e prégada insistentemente pelo sr. Ayres d'Ornellas, cujo alliadophilismo ninguem—a não ser que seja simplesmente um asno—é capaz de pôr em duvida. Sômos, agora, todos alliadophilos, sem excepção. Excellente. Nós prophetisamos que ha-de ser preciso um dia, sermos absolutamente lusophilos. Encontrar-nos-hemos, então, com o sr. Ayres d'Ornellas, mas não estamos convencidos de sermos appelados, sem hesitação, por todos os monarchicos de que o sr. Ayres d'Ornellas é, por obra e graça do espirito santo que está em Londres, «sacerdos maximus», embora contestado.

Já dissemos em que consistia o germanophilismo do Reverendo Domingos guerrilheiro e martyr. Os factos são publicos e notorios. Para que serve reeditar a sua narração? Ella não venceu o sr. Ayres d'Ornellas, que gostosamente acamarada com tão valioso correligionario, que é, ao mesmo tempo e no dizer do «Diario Nacional», agente do governo republicano. Agente de quê e para quê? Não sabemos.

Quanto ao sr. Antonio Sardinha nada temos nós que rectificar o que se escreveu, porque o seu auctor é elle proprio. Não é lenda—como, com habilidade de Além-Tejo, escreve o «Diario Nacional»—o facto de o sr. Antonio Sardinha ter escripto que «queria a victoria da Allemanha e de se ter regosijado, em verso heroico ou não, pelo morticinio de portuguezes na batalha do Lys». Apesar de tão flagrante prova de sentimentos impatrioticos, o sr. Antonio Sardinha foi escolhido, com acquiescencia do sr. Ayres d'Ornellas (unico depositario da vontade do pretendente) para representante em côrtes da Causa Monarchica, com maiusculas e tudo.

Quanto ao jornal «A Republica»...

O nosso collega evolucionista não precisa da defeza d'este jornal, que é e sempre foi sómente republicano. Nada temos com o que «A Republica» escreveu. Nós não publicariamos o que lá sahiu. Se fossemos consultados antes da publicação, (simples hypothese do acaso...) responderiamos por uma formal repulsa á inserção da local.

Isto é bem claro. Não foi, pois, a «Republica» que nos inspirou, mas, sim, a discussão parlamentar. Já o dissemos. Agora repetimol-o.

Fixemos, pois, que nada ou pouco mais de nada se apurou, ao que já era sabido, n'esta questão do germanophilismo endemico no monarchismo manuelino. O diagnostico do mal não está feito, segundo o sr. Ayres d'Ornellas.

E' forçoso que se venha a declarar a epidemia, com grande força de irradiação. Então, intervirá o sr. Ayres d'Ornellas, disposto a extirpar o mal. Os tribunaes farão de cirurgião. E o primeiro monarchico, ferido por sentença condemnatoria, passada em julgado, ver-se-ha irradiado do partido monarchico. Mas até lá, o «statu quo» mantem-se. O partido monarchico, chefiado, por delegação do pretendente, pelo portuguez de lei e portanto, alliadophilo, sr. Ayres d'Ornellas, continuará a ser asylo inviolavel para todos os suspeitos de germanophilismo, mesmo d'aquelles que o são por confissão propria.

Não se adeantou nada. Mas constatou-se, mais uma vez, a manifesta contradicção entre o que se pensa e o que se faz. E' da tradicção e da historia... de D. João VI!

"As grandes batalhas"

Vae a Capital *iniciar brevemente a publicação da admiravel obra que o eminente escriptor Julio Dantas escreveu expressamente para o nosso jornal.* As grandes batalhas, *que irão renovar o immenso triumpho da* Patria Portugueza *e do* Amor em Portugal no seculo XVIII, *serão opportunamente annunciadas e hão de constituir, sem duvida, um dos grandes acontecimentos litterarios do anno corrente.*

Contra os açambarcadores

Os fiscaes de abastecimentos fazendo serviço no concelho de Oeiras srs. Raul Pinto e Antonio Leitão teem conseguido regularisar n'aquelle concelho o peso do pão, obrigando todos os padeiros a pezal-o em conformidade com o disposto na postura municipal d'aquelle concelho; egualmente teem conseguido fazer baixar o preço do azeite, pois que os commerciantes vendiam aquelle genero ao publico pelo preço de $80 e $90 cada litro. A fiscalisação de todos os generos alimenticios tem sido rigorosamente feita, tendo já apparecido á venda no mercado grande quantidade de generos que se encontravam açambarcados.

O serviço dos telephones

E' pessimo, porque á companhia assim convém

O serviço dos telephones é pessimo, como por mais d'uma vez temos dito. Ainda ha dias nos tornámos echo das queixas que a tal respeito nos teem sido dirigidas. Mas o que ignoravamos—confessamol-o—é que esse estado de coisas assim convem á companhia. Parece um paradoxo, mas não o é.

A razão explica-nol-a alguem da seguinte forma:

A inutilidade das reclamações que se fazem deriva de que ha perto de 1000 pessoas que querem telephones e para quem não ha logar no quadro. D'ahi a vantagem dos actuaes assignantes se desgostarem e mandarem retirar os seus apparelhos, pois por cada novo subscriptor recebe a companhia mais de 20$00 de installação, afóra as «gorgetas», visto que ha muito quem offereça gratificação pela cedencia d'um telephone.

N'outro qualquer paiz não se consentiria que uma companhia que goza do privilegio que tem a dos telephones servisse tão mal o publico, como ella o está fazendo. Mas no nosso...

Vêr noticiario diverso na 4.ª pagina.

POLITICA COLONIAL

Um discurso do sr. Vasconcellos e Sá e um áparte do sr. Antonio Cabral

O sr. secretario de Estado das colonias, respondendo hontem a algumas perguntas do sr. Telles de Vasconcellos, ácerca de questões coloniaes, pronunciou um pequeno discurso, onde resumidamente expoz o modo de ver governamental ácerca de alguns dos muitos problemas que, pela pasta das colonias, reclamam urgente solução. Quando o ministro se referia á questão d'Ambaca, o sr. Antonio Cabral, minorista monarchico, arremessou-lhe o seguinte áparte:

—Tambem do tempo da Republica ha a questão da porta aberta.

Lastimamos que o sr. Vasconcellos e Sá não soubesse replicar nos termos proprios á insidiosa insinuação. Vamos nós fazel-o.

O regimen da porta aberta, em Angola, foi a melhor forma que o governo e o parlamento (de que fazia parte o sr. Vasconcellos e Sá) encontraram para entravar as ambições allemãs, contra as quaes o paiz se encontrava quasi indefezo. A Inglaterra, querendo evitar a guerra, não nos appoiaria n'uma resistencia sem limites e não occultava esse proposito. O governo e o parlamento, admittindo o regimen da porta-aberta, não fizeram senão submetter-se a um mal que era, d'entre muitos outros, o menor.

A avaliar pelos precedentes, a monarchia, se ainda governasse, ter-nos-hia arrastado a uma situação desgraçada. Com diplomatas da incompetencia do sr. Camello Lampreia (citamos este, ao acaso, para emparceirar com a maior parte dos outros...) o governo monarchico havia de conduzir o conflicto por forma tal que redundaria em desastre e humilhação quasi irreparaveis. Não é d'isso um exemplo eloquente a propria questão d'Ambaca, que o regimen extincto legou á Republica?

A crise de 1890, quando a politica de Barros Gomes pretendeu hostilisar a Inglaterra approximando-nos da Allemanha, foi um dos productos interessantes da falta de clarividencia dos estadistas monarchicos. Provocou o «ultimatum» da Gran-Bretanha, foi causa das horriveis humilhações do exercito de Africa, motivou a diminuição do territorio nacional pela perda d'uma parte do nosso dominio ultramarino e presenteou-nos com uma crise financeira e economica que terminou pela bancarrota.

E nem é preciso ir a tempos tão recuados para encontrar exemplo a contrapôr ao invocado, com tanto injustiça como falta de conhecimento do assumpto, pelo illustre deputado sr. Antonio Cabral.

Em epoca mais recente, isto é, nos ultimos annos da monarchia, tambem o governo portuguez se humilhou perante a Allemanha, collocando-se n'uma situação «gauche» para com a Inglaterra. Era então ministro da Allemanha em Lisboa o conde de Tattenbach, que impoz a Portugal a celebração d'um tratado de commercio, absolutamente contrario aos interesses britannicos e portuguezes. O governo portuguez pretendeu resistir á pressão germanica, é certo. Mas fêl-o com pusilaminidade, tremendo de receio deante da pressão insolente do conde de Tattenbach, que tratava o ministro dos estrangeiros de Portugal com ironica cortezia, quando não era com ostensivo desprezo. Pois o governo de então—o gabinete monarchico que do seu rei recebia ordens e as cumpria—submetteu-se a todas as exigencias e extorsões que a Allemanha impunha, o tratado de commercio, lesivo dos nossos interesses e dos interesses britannicos, concluiu-se, com grande gaudio das gazetas serventuarias da realeza, e a Inglaterra, prejudicada e soffrendo no seu prestigio, com a humilhação que nos fôra imposta, não quiz mais negociar tratados de commercio com Portugal, abandonando, todavia, essa attitude de semi-hostilidade, já depois de proclamada a Republica.

Isto são factos. Com elles devia o sr. Vasconcellos e Sá responder ao sr. Antonio Cabral, inimigo d'aquella Republica que o sr. ministro das colonias serve e que o fez gente. E, se acaso se não lembrava d'estes procurasse outros, ao acaso da memoria,—tantos são os que existem para a demonstração, impossivel de contestar, de que a politica externa da monarchia foi sempre guiada por aquelle espirito de incerteza e pusillanimidade que caracterisou a epoca vergonhosa do gordoroso monarcha D. João VI, expoente maximo d'aquella degenerescencia brigantina, que maleficamente influiu nos destinos da Nação desde o advento do fundador da dynastia.

Apontamos apenas e ao acaso dois males principaes, que outros houve, que não vale a pena pormenorisar. Só teve uma vantagem, essa nefasta politica de germanophilia subserviente. Fez intensificar o sentimento republicano, que se affirmou, quasi victoriosamente, no levante de 31 de janeiro de 1891; desde então, nunca mais a ideia republicana se apagou até fulgurar, para sempre triumphante, nos dias gloriosos de outubro de 1910.

O passado monarchico é de tal ordem, que os erros da Republica nada valem ao lado dos crimes realistas. As fugas de D. João VI e D. Manuel são peccadilhos insignificantes ao lado dos crimes de lesa patria de muitos estadistas da monarchia constitucional. As historicas evasões, ignominiosas para os dois monarchoides, foram uteis á Nação. O mesmo se não pode dizer, em toda a sua extensão, dos actos politicos praticados pelos estadistas da monarchia constitucional. E' a Historia que o demonstra e regista.

Navarro da Costa

A festa de sabbado

E' no proximo sabbado—como já tinhamos annunciado—que se realisa no Chiado Terrasse a recita de homenagem a Navarro da Costa, distincto pintor brazileiro.

E' de esperar que esta justa homenagem se revista do maior brilho, pois tomam parte n'ella as figuras de maior destaque no nosso meio litterario e artistico.

Os bilhetes acham-se já á venda, na bilheteira do Chiado Terrasse.

A questão das subsistencias

Uma cooperativa que se queixa

O sr. João Eduardo Farinha, secretario da Sociedade cooperativa de credito e consumo «Alliança Operaria 24 de Julho de 1888», com séde na rua das Mercês, á Ajuda, 112, dirige-nos uma carta em nome da direcção d'essa cooperativa, queixando-se de que, apesar de no dia 11 do mez findo ter feito uma requisição de assucar ainda até hoje na direcção das subsistencias houve quem se dignasse dar despacho. E foram já tres as requisições que em tal sentido deram entrada n'essa repartição.

Com o arroz dá-se o mesmo. Pagou a direcção, no dia 27 findo, uma sacca na Cooperativa dos Vendedores de Viveres a Retalho. Pois até hoje, esse arroz não foi recebido.

Contra taes factos reclama a cooperativa de que se trata, pois que é constituida na sua maioria por operarios, que não podem assim estar á mercê de más vontades ou de desleixos indesculpaveis.

Noticias do Brazil

A approximação luzo-brazileira

RIO DE JANEIRO, 1.—O dr. Fausto Ferraz pronunciou na Camara dos Deputados um brilhante discurso sobre a approximação do Brazil e Portugal.—(Americana).

Greve fracassada

RIO DE JANEIRO, 1.—Fracassou a greve dos leiteiros, que estava annunciada para hoje. As auctoridades tinham tomado providencias para o abastecimento dos hospitaes e azylos de velhos e creanças.—(Americana).

Um "canard"...

No Rio de Janeiro corre o boato de que o sr. Sidonio Paes fôra assassinado

Transcrevemos de «A Noite», do Rio de Janeiro, de 21 de junho:

«Desde manhã, em virtude de um boletim affixado pela «A Epoca», começaram a correr pela cidade noticias de haver sido assassinado o sr. Sidonio Paes, presidente da Republica Portugueza. Procurámos obter, em todas as fontes possiveis, informações sobre esse facto, não conseguindo, felizmente, confirmação do tragico acontecimento.

Tambem as agencias telegraphicas nenhuma noticia tiveram a esse respeito. Como os leitores verão, entretanto, vieram de Lisboa outras noticias, o que dá a entender nada ter havido de anormal n'aquelle paiz. Aliás, o boato do assassinio do sr. Sidonio Paes, dada a censura rigorosa exercida em Portugal, só no Rio poderia ter sido gerado...»

Egreja da Mizericordia

A egreja da Mizericordia, cujo culto foi entregue á irmandade de S. Roque, ali erecta desde 1540, continua a ser um muzeu publico, que se encerrará ás 15.

O restabelecimento do culto effectua-se em breve, com uma solemne festividade.

Regimen do ouro

O secretario de Estado das colonias vae nomear uma commissão para elaborar um projecto relativo ao regimen do ouro nas nossas colonias.

POLITICA

A crise ministerial e o addiamento do Congresso.—O sr. ministro da Justiça pediu a demissão, que lhe foi recusada

Não é facil dar uma ideia, em poucas linhas, como é indispensavel a um jornal da noite, da situação politica no momento presente. Todavia, vamos tental-o:

O ministerio não tem os dias contados, porque não perdeu a confiança do sr. Presidente da Republica. Entretanto, o apoio da maioria é-lhe muito problematico. E' possivel que o gabinete conseguisse consolidar-se n'uma votação parlamentar, mas a experiencia é tão arriscada que ainda ninguem se atreveu a provocal-a,—nem mesmo aquelles que desejariam a successão no governo. O sr. Osorio de Castro, reconhecendo que a hostilidade da maioria lhe era manifesta, foi a Cintra e apresentou ao sr. Presidente da Republica a demissão do ministro da justiça. O chefe do Estado, porém, não lh'a acceitou. E teve muita razão em assim proceder. Onde está a indicação constitucional que force uma modificação na constituição do governo? Não ha, pelo menos, manifesta, clara, terminante. Ha, sem duvida, questões que dividem a maioria, a avaliar pelo que se tem passado nas reuniões ultimas. Mas isso pertence á vida interna do P. N. R. Que tem o sr. Presidente da Republica com ellas?

O mais provavel é que, não tendo a maioria parlamentar a coragem de provocar a crise por meio de uma votação parlamentar contraria ao governo, este se mantenha até ao addiamento do Congresso. Accresce ainda a circumstancia de que ha quem sustente que o governo em hypothese alguma será ferido de morte no Parlamento, visto que, se os «centristas» votarem contra elle, as minorias juntar-se-hão aos «sidonistas» para sustentar o gabinete. Não conhecendo a composição dos dois grupos e havendo, ainda, a contar com os «amarellos», não é possivel fixar numericamente a demonstração da possibilidade do acontecimento.

Quanto ao addiamento do Congresso diz-se, agora, que não se dará antes de 15 do corrente. Se, porém, acontecer o contrario, ninguem ficará surprehendido.

O sr. ministro da Justiça abandona o P. N. R.

Sabemos que o sr. Osorio de Castro, secretario de Estado da Justiça, se desligou do P. N. R. Depois d'este gesto continuará no governo?

Cruzador "Almirante Reis"

Desarmou por completo o cruzador «Almirante Reis», que amanhã será entregue aos serviços maritimos do Arsenal.

ECHOS DO CONGRESSO

Ligeiros commentarios ás declarações do sr. ministro da guerra, na Camara dos Deputados, hontem, em resposta ao sr. Mello Vieira

Em «A Capital», de hontem, dissemos nós que, da bancada da imprensa, não fôra possivel apprehender o discurso pronunciado pelo sr. ministro da guerra, cuja voz era abafada pela aglomeração dos parlamentares que o rodeavam e chegava até junto dos jornalistas n'uma especie de indistincta surdina. Para orientarmos a nossa critica temos, pois, só um recurso: o extracto do discurso publicado nos jornaes da manhã.

Aproveitemos dois, para o effeito: o de «A Situação», que é orgão presidencial, e o do «Diario de Noticias», com merecida reputação de jornal desapaixonado e imparcial.

Duas perguntas fez o sr. Mello Vieira ao sr. ministro da guerra. Eil-as:

1.ª—Quaes os responsaveis pela desorganisação inicial e continuada do C. E. P.?

2.ª—Serão enviadas mais tropas para França?

A resposta á primeira pergunta não interessa sobremaneira a população, que está farta e refarta de saber que tudo foi feito tumultuariamente, com responsabilidades varias.

Nomeou-se agora uma commissão d'inquerito que ha-de examinar e resolver o problema. Será sempre tempo de fazer a critica dos seus trabalhos.

Já o mesmo não acontece com a segunda interrogação do sr. Mello Vieira. O paiz empenha-se em saber, sem duvida, se o governo tem ou não, a intenção de mandar mais tropas para França.

«A Situação» não menciona resposta alguma do sr. ministro da guerra. E, todavia, a reportagem d'este jornal governamental foi escrupulosamente feita, corrigindo, elle proprio, as inexactidões e deficiencias dos jornaes da noite de hontem. Elle proprio o diz, assim:

«O coronel sr. Amilcar Motta produziu, na verdade, um discurso sensacional. A este discurso faremos mais larga referencia, quando o publicar o «Diario das Sessões», limitando-nos por hoje a dar um ligeiro extracto, em que se corrigem algumas inexactidões de varios dos nossos collegas da noite, inexactidões devidas certamente, ás más condições acus-

...ções da sala e a precipitação com que foram de ser feitos estes extractos.

Temos, pois, que admittir uma das duas hypotheses:

Ou que «A Situação» omittiu propositadamente a resposta do sr. ministro da guerra; ou que, contrariamente a outras reportagens, o sr. secretario de Estado da guerra não disse uma palavra ácerca do envio de mais tropas para França.

O facto de «A Situação» ser um jornal que recebe, directamente, inspiração do sr. presidente da Republica, collocou-nos n'um grave embaraço. Não sabemos, realmente, o que acreditar.

Mas vejamos o «Diario de Noticias». Este periodico attribue ao illustre titular da pasta da guerra as seguintes declarações:

«Tambem se refere ao novo pedido feito pelo governo inglez, pedido identico ao que fizera ao governo democratico, para manter na frente uma divisão e outra na retaguarda, declarando que é n'essas condições que se está em França. Faz a defeza do decreto de «roulement», feito nas melhores intenções mas que por varias razões não tem sido posto completamente em execução, sendo uma d'ellas a epidemia que grassou no norte do paiz o que determinou o pedido da Inglaterra de não mandar para França nem um só soldado».

Temos, pois, que ha um pedido do governo inglez para se manter em França uma divisão de tropas portuguezas com gutra de reserva, e, ainda, que o decreto do «roulement» não tem sido posto completamente em execução, o que já era, afinal, do dominio publico.

Representa isto uma resposta á segunda pergunta do sr. Mello Vieira? Ou persiste a duvida sobre o envio de mais tropas para França?...

O leitor, secretamente como nós, fica habilitado a interpretar, como quizer, as declarações do sr. ministro da guerra. Mas não crêmos que o paiz fique muito adeantado, emquanto palavras mais claras não forem pronunciadas, por quem tenha auctoridade para o fazer.

O problema não fica resolvido, parece-nos, com arremessos de inflamados tropos contra os democraticos vencidos. Isso, para o paiz, são aguas passadas. Durante um certo tempo os males da patria eram attribuidos aos thalassas e aos «jazuitas», conforme costuma escrever o «Diario Nacional», sempre que estaia o bordão dos «bons principios»; agora, arguma-se desalmadamente (mas um pouco inoffensivamente) nos malvados dos «formigas brancas» que, como é sabido, são a causa unica da estiagem que deu cabo das sementeiras e nos faz presagiar um inverno tormentoso. O primeiro «chá» ferveu tantas vezes, que por fim já era aguachirra; o segundo leva o mesmo caminho, embora ainda produza, nas almas simplistas, um certo effeito derivativo.

Publicações recebidas

TERRA PORTUGUEZA—D'esta magnifica revista d'archeologia artistica e de ethnographia sahiu o numero 24 do 2.º anno. Vem, como de costume, bellamente illustrada e contendo dados muito curiosos.

CAMARAS PORTUGUEZAS DE COMMERCIO E INDUSTRIA—Recebemos o boletim, relativo a março findo, da do Rio de Janeiro, trazendo, entre outros, um artigo relativo ao decrescimento do «deficit» na balança commercial portugueza. Tambem recebemos o boletim da de S. Paulo, relativo a maio, trazendo informações que ao commercio exportador importa conhecer.

RELATORIO DO DEPARTAMENTO MARITIMO DA PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE—Só agora nos veiu ás mãos este relatorio, relativo ao anno economico de 1916-1917. E' uma desenvolvida e clara exposição dos factos mais importantes, apresentada pelo capitão de fragata sr. Manuel Adelino Nunes de Sousa, que n'elle versa problemas de grande importancia para a provincia.

CAMBIOS

Lisboa, 2 de agosto de 1918.

	Compra	Venda
Cheque sobre Londres	31	30 5/8
90 d/v.	31 1/2	
Cheque sobre Paris	281	289
» Hollanda	850	860
» Italia	175	185
» New York	1640	1665
» Madrid	430	440
Rio sobre Londres	12 3/8	—
Libras ouro	10$90	11$50
Agio do ouro	140 0/0	145 0/0

Campos, Thermas, Praias

Grande Casino Internacional

Quantas vezes ao passarmos por este grandioso edificio, paramos a contemplal-o e commentamos com tristeza com amigos nossos aqui residentes, quanto nos custava vel-o fechados os salões d'este magnifico Casino, que bem podia rivalisar com os seus congeneres da Cote d'Azur. A sua fama é mundial e o seu encerramento era um rude golpe para o bom nome do Mont'Estoril.

E', portanto, com vivo prazer que hoje annunciamos aos nossos leitores que, dentro de breves dias, nos meiados do mez corrente, as suas portas se abrirão, com grande regosijo dos amadores de divertimentos d'este genero e da primeira sociedade que em Mont'Estoril está veraneando.

Porque abre este casino tão tarde? Eis a pergunta que a todos occorre. Porque os poderes publicos, que em nada favorecem o turismo, julgam ainda muitas vezes necessario crear toda a especie de difficuldades para o entravar.

E', porém, já tempo dos nossos burocratas se convencerem que o turismo é uma industria, altamente lucrativa para a economia nacional, e que todos os grandes paizes do mundo já a exploram, com o poderoso auxilio do Estado. Ninguem ignora tambem que, quando Portugal acordar d'este somno lethargico, terá todas as possibilidades, pois as bellezas naturaes do nosso paiz e a benignidade do seu clima, são na Europa invejadas, mas, antes, teremos de esmagar habitos inveterados.

Este anno o Casino Internacional está sob a direcção do Palace Club, e é devido á iniciativa e arrojo do sr. Rosado que o publico frequentador dos nossos formosissimos Estoris deve este grande beneficio, que lhes augmentará o bem estar n'estas encantadoras estancias.

E' um verdadeiro palacio o edificio do Internacional, e a sua construcção relativamente moderna, toda em granito, é, só por si, um padrão de gloria do architecto que o lançou.

Um grande terraço, com vista dominante sobre o mar, convida logo o passeiante, que desembarca na estação do Mont'Estoril, a descançar admirando ao mesmo tempo a surprehendente vista do mar que d'ali se disfructa. Ao longe veem-se nitidamente passar os grandes transatlanticos, que sulcam as nossas aguas territoriaes, n'um vaevem constante, entrando e sahindo a barra. Aos nossos pés a encantadora praia, onde uma multidão de senhoras e de creanças, com seus trajes ligeiros e garridos, constituem um quadro, que seduz o espirito mais exigente dando-nos a impressão de vivermos n'um paiz de fadas.

Passam-se aqui horas inesqueciveis, n'um repouso do corpo e do espirito, olvidando os contratempos da vida.

O seu interior é simplesmente magestoso. Grandes salas de jogo, imponente salão de baile e um magnifico restaurante.

A mobilia, de um bom gosto e d'uma riqueza inexcedivel, harmonisa-se brilhantemente com o esplendor das salas, e, ao penetrarmos n'este templo de luxo, temos a impressão de entrarmos n'aquelles salões de que nos falam as descripções do fausto de que se cercava Luiz XIV.

Estando a exploração d'este casino como já dissemos, confiada á direcção do Palace Club, é para todos uma garantia do seu exito n'esta estação, pois esta empreza, já com os seus creditos firmados entre a nossa elegante sociedade, não se poupará a esforços, mesmo que isso lhe cause prejuizos, para os manter illesos.

Afim de satisfazer a justa curiosidade dos nossos leitores, podemos desde já alguma coisa desvendar...

N'um dia da semana, opportunamente annunciado, haverá deslumbrantes «matinées» da moda, com esplendidos concertos, e serões d'arte, sendo servidos primorosos «five-o-clock teas».

Os concertos estão confiados a um sextetto, sob a direcção do insigne maestro sr. Gallisso, 1.º violoncello do Conservatorio de Paris, sendo esta a primeira vez que se exhibe no nosso paiz.

Grande numero de artistas de variedades estão já contractados, taes como cantoras, bailarinas e coupletistas hespanholas, que brevemente nos deliciarão com a sua arte e a sua formosura.

Na inauguração, teremos o subido prazer de assistir á apresentação d'um original par de baile, que em Paris obteve o primeiro premio na «maxixe».

O serviço do restaurante está a cargo do afamado Hotel Miramar, e nenhuma garantia mais precisamos para termos a certeza do seu esmerado e profuso serviço.

Que a direcção do caminho de ferro seja porém, mais benevola ao desenvolvimento d'esta formosa estancia, organisando pelo menos um comboio rapido, para o publico poder regressar a Lisboa, após os espectaculos—é o vivo desejo que aqui deixamos expresso.

Terminamos, fazendo votos para que a Empreza seja coroada de exito, correspondendo os lucros ao enorme capital empregado, a fim de que não escasseiem iniciativas d'estas.

Nas estancias do Norte

A Foz do Douro, a Foz, como, *tout court*, carinhosamente, lhe chamam os que teem já pela graciosa praia qualquer coisa de parecido com um sentimento um pouco filial, um pouco maternal, é uma das mais alegres, das mais lindas, poderemos, dizer das mais garridas praias que ornam a beira mar do Norte. E' uma *boite* cheia de côr e de vida, alcançando a elegancia sem perder o pitoresco, o que lhe empresta uma dualidade de civilisação e campesismo, verdadeiramente adoravel. E' mundano—e é quasi familiar. Está-se ali á vontade sem deixar de se estar com distincção. Como conseguiu a Foz esse delicioso hermaphrodismo de caracteristicas? Com o tempo. A praia da Foz do Douro é uma das mais antigas estancias de veraneio do norte. Já Camillo—e ha que annos!—escreveu as suas maravilhosas e maliciosas *Scenas da Foz*, o primeiro livro realista portuguez ao que dizem certos criticos. Não sabemos se devido ao interprete chocarreiro e genial se, na verdade, devido ao seu caracter de então, a Foz aparece-nos ahi com um ar excessivamente burguez, suado, remangado. Hoje, não. Ella não é, de facto, o ceu de Mr. Snob que Karr imortalisou. Mas é, sem duvida, o de M.lle Flirt que Catulle explorou.

Se algumas lacunas havia essas foram, em definitivo, preenchidas com a criação de um casino—o casino, que é o templo da praia.

A praia, o campo é um grande, um admiravel remedio mas tem de se tomar ás colheres. E essas colheres não perdem nada se forem de—prata. E' a funcção do casino. Este, de que tratámos é uma maravilha em elegancia, conforto e modernismo. E' tão difficil obter isto na nossa terrasital E'. Não se extranhará, porém, o facto se dissermos que esse casino pertence aos proprietarios do Club Regaleira, que todo o fiel lisboeta conhece, não diremos só como os seus proprios dedos mas como as suas proprias luvas... E' uma obra de arte—de diversão. Foram-lhe feitas obras importantes, radicaes, completas. Sahiu do velho casino um casino moço, seculo XX, de hoje. Mas a essa parte material corresponde toda uma orchestração de diversões, comodidades, exuberancias que fazem honra ao seu organisador—o socio gerente Domingos Carlos d'Oliveira. O banhista vae encontrar ali o maximo possivel do conforto no mais puro da Natureza. São os salões de bilhar e leitura ou de jo-

Um aspecto da fachada do Casino Foz do Douro

gos de vasa e tantos outros cujas qualidades de aperitivo são conhecidas de tal modo preenchem para os jantares no *restaurant* onde os *menús* attingem verdadeiras surprezas. N'esta altura é interessante recordar aquelle copeiro de el-rei sol que se suicidou—por o jantar para S. M. ter demorado mais cinco minutos...

Proximo do Porto, a dois passos, uma legua curta, elle é quasi a realisação d'aquelle sonho de Eça de Queiroz—uma casa de campo com porta para o Chiado.

O Casino Internacional da Foz do Douro é hoje o centro elegante d'aquellas proximidades, Leça, Matosinhos, etc. As suas *soirées* teem attingido um enthusiasmo excepcional de elegancia. Entretanto, é um espectaculo curioso ver, passada a hora esbrazeante do calor, as senhoras, no *terrasse* do casino, fazendo renda, fazendo bordado. Este *terrasse* é, na verdade, convidativo. Fica *vis-à-vis* com o Passeio Alegre, uma avenida que banha a feliz agua lustral

que a baptisou. Como se tudo isto não bastasse a nota da Arte apparece com um sextetto magnifico, composto de professores distinctissimos e dirigido pelo illustre maestro Martinez.

Que exigir mais? E' difficil. Todo o Norte encontra ali o seu fulcro de distracção, que embora não attinja a transcendencia d'aquelle que Archimedes pretendia para a sua alavanca, se não pode, francamente, deixar de classificar de—completo, de admiravel.

Theatros

Cartaz de hoje

THEATRO NACIONAL—A's 21—«Córa, ou a escravatura».—SÃO LUIZ—A's 21,30—«Generos alimenticios».—TRINDADE—A's 21,30—«O gato maltez».—GIMNASIO—A's 21,30—«Morgadinha de Val-Flôr».—APOLO—A's 21,30—«A revolta».—EDEN—A's 21,30 «A trombeta da fama».—POLYTHEAMA—A's 21,30 «Salada russa».—AVENIDA—A's 21,30—«O homem de gelo».—SALÃO FOZ—A's 21—Variedades e animatographo.

Animatographos e concertos—Central, Olympia, Chiado Terrasse, Condes e Salão da Trindade.

Nota do dia

Alguem me escreve lamentando que eu vote ao abandono e não faça, por vezes, referencias elogiosas a alguns bons numeros de variedades que nos teem visitado. Argumentarei que esse theatro representa uma especialidade inferior, porquanto não necessitam os respectivos artistas das faculdades e do estudo sem os quaes os seus collegas que fazem parte de companhias organisadas não conseguiriam valorisar-se ou fazer-se sequer applaudir. E' possivel que excepcionalmente, depois da guerra, alguns numeros appareçam dignos de menção, mas o que ultimamente se tem visto, salvo rarissimas excepções não é mau, porque é pessimo. Excluirei d'esse pessimismo apenas dois numeros: Thomaz Vieira que, presentemente, trabalha na Foz e que sem ser o «notavel artista portuguez» que a empreza reclama, tem um agrado seguro nas suas cançonetas excentricas ou elle não fosse, em theatro, um bello creador de «typos» e os dansarinos Mora y Mauzano, contractados no Palace Club que, se no baile de salão nos não fazem olvidar a Duque e a Gaby, são notaveis e talvez os melhores que tenho visto, em determinadas danças regionaes.

Alvaro Lima

Réclames

Decididamente, a mercearia de Lisboa mais e melhor frequentada é a «Mercearia Bourdin» de Ferreira da Silva e Angela Pinto, todas as noites aberta ao publico e onde ha «Generos alimenticios» que curam neurasthenias e fazem esquecer pezares. A sciencia dos dois illustres merceeiros é ao que parece uma sciencia occulta por que a freguezia augmenta sem cessar e sem cessar se renova.

—As agencias de informação estão em moda e ainda mais as agencias de informações secretas. Dentro em pouco estará montada uma d'essas agencias, nova e com novos processos. Dentro em pouco Lisboa poderá falar para «21-29-Central», onde permanentemente alguns consagrados artistas do Apollo explicarão aos interessados o que é o quadro com que vae ser ampliada «A Revolta».

—Satisfazendo innumeros pedidos, ainda esta semana o publico frequentador do Gymnasio poderá ter ensejo de admirar o soberbo trabalho de Brazão e Palmyra Bastos na «Morgadinha de Val Flôr», que no domingo definitivamente se despede para dar logar a duas unicas recitas extraordinarias com o «Altar da Patria» precedendo a sensacional «première» da admiravel comedia de Wolff «Marionettes», exito colossal da Comedia Franceza.

—Está despertando extraordinario successo o excentrico cançonetista Thomaz Vieira, que todas as noites se exhibe no Salão Foz, e que apresenta todas as noites numeros novos, o que tem ali levado um publico escolhido e amigo de ver como os artistas portuguezes se estão dedicando a este genero, não ficado em nada inferiores aos que veem do estrangeiro de larga fama.

SPORT

Pelos clubs

(Communicações officiaes)

Club Recreativo Lusitano

No proximo domingo realisa-se n'este club uma exhibição de box entre os srs. Antonio Fernandes e Victor Machado sendo por ella grande o interesse no nosso meio.

Luzitano Club Cyclista

Realisa-se no proximo domingo um passeio velocipedico a Cabo Ruivo, dedicado aos socios fundadores d'este club com partida da séde rua Val Santo Antonio, 280, pelas 8 horas.

No mesmo local effectuar-se-ha uma corrida de bicycletas de 5 kilometros para os cyclistas da velha guarda.

Entre athletas

Recebemos do sr. Raul Alves Martins, uma carta, cuja publicidade nos foi pedida, sobre o repto lançado pelo sr. João Pinto d'Almeida.

Sem tempo de por ponto na questão, visto que o «match» não é realisavel.

Lisboa, 30 de julho de 1918—Ex.mo sr. João Pinto d'Almeida—No jornal «A Capital» de 17 do corrente, publicou v. ex.a copia da carta que dias antes me havia dirigido e com a qual pretende dar por liquidado o desafio que v. ex.a, por intermedio do mesmo jornal, havia dirigido a todos os athletas portuguezes e que do modo constante havia acceitado nas condições opportunamente convencionadas.

E' bastante para lamentar que v. ex.a não houvesse, antes de lançar tal repto, ponderado bem a responsabilidade que, com tal gesto, assumia perante o publico, e mais especialmente para com todos aquelles que se interessam pelo nosso meio desportivo, porquanto, permitta-me que lhe diga que não era para acceitar as razões por v. ex.a invocadas, porque, depois de assumir, como já disse, tal responsabilidade, não se vem dizer que «motivos particulares o obrigaram a deixar os treinos».

Comprehende-se, sim, que v. ex.a pedisse um addiamento, mas nunca declarar-se «vencido».

Devo ainda dizer-lhe que se v. ex.a se considera vencido eu não posso acceitar a qualidade de vencedor, porque o meu caracter não me permitte acceitar um titulo que não ganhei, e v. ex.a com a sua resolução só me permittiu o ter ocasião de se ver quem seria vencido ou vencedor.

Todas as occasiões, que na minha vida desportiva fui vencedor ou vencido, foi sempre defrontando-me franca e lealmente com os meus adversarios, e só assim é que tenho obtido alguns titulos para mim muito honrosos, devo tambem dizer-lhe que nunca me envergonharam as derrotas.

Por tudo isto espero, pois, que v. ex.a reconsiderando de por nulla a estranha resolução que tomou, e recomeçando os seus treinos, para o que conte com o meu auxilio procurando obter material necessario, convencione datas em que possamos encontrar-nos e só então se decidirá quem será o vencido ou o vencedor.

Com toda a consideração e estima, sou De v. ex.a, att.o vndr. e obrg.—Raul Alves Martins.

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

Fóco de infecção

Nos pateos do predio n.º 6 da rua do Conselheiro Arantes Pedroso, ao Campo de Sant'Anna, junto da inspecção escolar do circulo oriental e contiguo á escola central n.º 1, ha ralo ou pia que não tendo talvez siphão é um pestilento fóco de infecção. Exhala cheiro insupportavel e é perigoso para a saude de quem é obrigado a permanecer proximo do local, jámais com tantas epidemias annunciadas.

A quem competir se podem providencias.

ULTIMA HORA

NOS DEPUTADOS

E' admittido á discussão um projecto relativo a officiaes de terra e mar, apresentado pelos srs. Moreira d'Almeida e José d'Azevedo.

O sr. secretario do interior declara-se habilitado a responder a todos os oradores sobre as materias de que vão tratar: accumulações dos cargos de deputados com outros; auctorisação para o poder executivo poder substituir o legislativo durante o interregno parlamentar. Fala sobre o assumpto o sr. Egas Moniz, estabelecendo quando pode haver tal substituição. Falam tambem os srs. Carneiro Pacheco, que não se julga habilitado a resolver de afogadilho sobre o caso e Amancio de Alpoim, que acha ser um simples caso de interpretação de artigos de leis. Manda para a mesa uma proposta que estabelece a norma a seguir.

Actualmente está-se dando o facto de apparecerem constantemente legislações sem a sancção da Camara. O sr. Carvalho da Silva reforça as razões expendidas pelo sr. Moreira d'Almeida. O sr. Amancio Alpoim interrompe os oradores, dizendo-lhes que quem mais abusou das auctorisações parlamentares foi o governo Pimenta de Castro, que o sr. Moreira d'Almeida não contrariou, antes applaudiu. O sr. Oliveira Pinto perfilhou quanto expendeu o sr. secretario do interior.

O sr. Pacheco insiste sobre o assumpto.

O sr. Alberto Navarro concorda em parte com o expendido pelo sr. secretario de Estado do interior, esclarecendo a discussão e explicando os reparos que fez a varios pontos com que não concorda.

O sr. Moreira d'Almeida entende que n'esta sessão legislativa devem ficar estabelecidas providencias tendentes a evitar interpretações erroneas, como até agora se tem dado.

Este volta a falar, declarando acceitar a doutrina expendida pelo sr. Alberto Navarro e Carneiro Pacheco. Desde que o Parlamento está constituido o governo nunca mais assignou decreto algum. Tem é certo, publicado diplomas anteriormente datados. O sr. Carneiro Pacheco perguntou ao orador que valor teem certas rectificações que tem visto publicadas na folha official.

O orador explica quando o governo pode legislar com as camaras abertas: sobre ordem publica e assumptos de caracter economico e internacional. Tambem sobre o assumpto fala o sr. ministro do commercio. O sr. Amancio Alpoim responde aos reparos do sr. Carneiro Pacheco.

POEIRA DA ARCADA

O retrato de D. Manuel

O sr. secretario de Estado do interior recebeu um telegramma em que o sr. governador civil de Villa Real communica que o administrador do concelho de Ajó lhe telegraphára afirmando ser falsa a noticia publicada no «Norte» e transcripta pela «Republica», de 25 de julho ultimo ácerca da colocação do retrato do D. Manuel na sala das sessões da camara, pedindo ao mesmo tempo que transmittisse esta informação ao sr. Tamagnini Barbosa. A camara, segundo a mesma communicação vae protestar e chamar á responsabilidade o auctor da noticia, por ser absolutamente destituida de fundamento.

Conferencia

O governador civil de Santarem teve hoje demorada conferencia com o secretario de Estado do interior.

Outra reintegração no Exercito

A «Ordem do Exercito» de hontem manda augmentar ao effectivo do exercito o tenente de cavallaria Henrique de Castro Constancio, que em 6 do mez findo se apresentou voluntariamente de deserção, pelo que fica na situação de disponibilidade até entrar no respectivo quadro.

O official reintegrado é o mesmo que, quando do levante de Mafra, sahiu para a rua, com alguns soldados, aos gritos de—Abaixo a guerra! Viva a Monarchia!

ONDE DEVEMOS PASSAR O VERÃO?

CAMPOS — THERMAS — PRAIAS

DE ALGÉS A CASCAES

Em Algés

O film cinematographico da paisagem que a velocidade do automovel faz desenrolar vertiginosamente é que os nossos olhos semi-cerrados gosam com volupia, atravez os écran da poeira branca das estradas, muda agora de aspecto e Algés, com os seus pequenos encantos, com as suas alamedas, com os seus jardins fronteiriços aos *chalets* que marginam á direita a rua Central surge docemente, offerecendo-se nos na sua inteira maravilha de suburbio *chic*, transformado e adaptado ás exigencias modernas, prompto a receber todas as noites a população inteira d'uma capital que, embora não se divorcie nem se separe em absoluto da Lisboa que ama e detesta ao mesmo tempo, póde n'um rapido quarto de hora de commodo trajecto n'um *tramway* electrico, encontrar-se em plena *Diversion Plage*, com a atmosphera já limpida pelo beijo morno e sadio das aragens do mar e rodeado de centros admiraveis de diversão, casinos, planeados e construidos nos moldes mais absolutamente proprios, mais requintadamente artisticos que se teem concebido.

São esses casinos precisamente que nos chamam a attenção, em depois de uma rapida ordem ao *chauffeur*, o auto parou e nós encetamos a reportagem que *A Capital* desejava realisar.

Casino de Algés

O Casino de Algés ergue-se logo pouco depois da passagem do posto da guarda fiscal, á esquerda de quem vem de Lisboa. As suas installações aproveitaram intelligentemente dos salões e terraços admiraveis do antigo palacio da Conceição, conservam as suas linhas aristocraticas, embora a habilidade, o bom gosto e o modernismo dos adaptadores tivessem conseguido maravilhas de leveza e de frescura para melhor enquadrar com o scenario de mar que das suas varandas se disfructa e cujo espumar das ondas se vê, a pouca distancia, prateando, como n'um sonho de luar, a praia, a linda praia de Algés, que os toldos listrados das barracas mancham bizarramente na evocação de uma kermesse delicada.

Mas não é só pela belleza dos seus aspectos, pelas commodidades dos seus marroquins, que o Casino d'Algés attrahe a attenção do publico—e a nossa attenção de reporters. E' sobretudo pelos espectaculos que offerece aos seus frequentadores, espectaculos que podem ser considerados de admiraveis e ainda pelo seu serviço de restaurant, que attinge a perfeição maxima e que um dos maiores mestres do genero dirige sabiamente.

Dos espectaculos, não querendo já citar as sessões cinematographicas que, como toda a gente sabe, são preenchidas pelos melhores «filmes» que entram em Portugal, para a acquisição dos quaes a empreza do Casino de Algés não hesita em fazer as maiores despezas, devem-se destinguir os concertos que o seu extraordinario quartetto realisa todas as noites. Para provar as nossas affirmações, basta dizer que esse quartetto é assim constituido: violino, Antonio Pereira; violoncello, Alvaro Santos; contrabaixo, Emilio Salgado, e pianista, Julio Simões.

Mas, terminemos esta reportagem aos casinos de Algés. A viagem é longa, o tempo corre, e lá em baixo o motor do nosso auto trepida impaciente.

Casino de S. José de Ribamar

A poucos metros, encontra-se a vasta e bella explanada do Casino de S. José de Ribamar. Subimos uma pequena e suave rampa, atravessamos um largo portão e eis-nos no recinto. Dezenas de pequenas *mezas* coalham a explanada e, em derredor d'ellas, centenas de pessoas elegantes, «demoiselles» estylisadas, rapazes da nossa «jeunesse dorée» bebericam cervejas, chupam refrescos por caniços, ducham com siphões licores coloridos—emquanto, no palco, os celebres artistas Bellinis cantam, entre applausos do publico, uma canção terna da Italia em que toda a lenda de belleza e de poesia que envolve Napoles surge ante os nossos olhos, n'uma nitidez opulenta, de quasi realidade...

A' esquerda, por debaixo das ramarias compactas das arvores frondosas e seculares passam ininterruptamente carros electricos que trazem de Lisboa quasi toda a sua população. A' direita estende-se até ao palco todo o edificio do casino, cujas multiplas janellas brilham jacteando a sua luz intensa para a explanada.

Estamos no rez-do-chão. O «restaurant» dividido em duas enormes *salas* e com as paredes chapeadas quasi totalmente pelos crystaes dos espelhos, não abriga menor numero de clientes do que a explanada. Criados, erguendo nas pontas dos dedos as travessas de metal, os baldes do «Champagne», correm de meza em meza, correctos e irreprehensiveis.

Um sextetto enche o ambiente de harmonia. Ha em tudo aquillo, nos mais insignificantes detalhes, aquella «joie de vivre» de que falam os francezes.

Voltámos á explanada. Agora, com as retinas mais habituadas á confusão berrante, á agitação graciosa da multidão que enche o Casino de S. José de Ribamar, podemos, n'um só golpe de vista, apprehender todo o quadro, na belleza do seu conjuncto. Realmente elle nos recorda certas evocações coloridas de Renaud das notas elegantes de Paris.

Sahimos. O auto poz-se de novo em marcha.

No Dafundo

A paizagem é a mesma. Ao longo da alameda, em ranchos alegres, seguidos de «babys» loiros que traquinam, os lisboetas olham com curiosidade para o nosso automovel que os despertára da sua amena passeata. E' perto... uns segundos apenas. Estamos já em frente ao portão do

Casino do Dafundo

As rampas, ladeadas de canteiros floridos, conduzem-nos em momentos á casa apalaçada, onde se encontram installadas as bellas dependencias do Casino do Dafundo: a sala de baile, vastissima e decorada á moderna, com brilho e com um genuino gosto parisiense; o recinto ao ar livre, onde n'estas noites de verão é d'um encanto infinito o encontrarmo-nos e realisar ali um sonho ideal de cenaculo de palestra remanços; o cinema, em cujo «écran» se teem projectado as melhores peliculas que as grandes manufacturas cinematographicas teem enviado para Portugal; o salão de jantar onde um mestre do genero na arte de cozinhar combina e executa «menus» como raramente se realisam em Portugal; e tantos outros salões e salas, que são um mimo de arte decorativa e que possuem no «emplacement» geral dos seus quadros e dos detalhes do seu mobiliario encantos que não cabem nos bruscos apontamentos d'um «block-notes» d'um «reporter».

O Casino do Dafundo ha muito que possue um publico numerosissimo para o qual não existe nos suburbios de Lisboa outro centro de diversão, onde possa passar mais agradavelmente uma noite, onde a labuta d'um dia de esforços e de trabalhos se esquece e tem, como recompensa, horas seguidas de bem estar, de commodidade, de um bom serviço de meza, de escolhidos trechos de musica, executados por verdadeiros artistas, e ainda sessões cinematographicas onde esplendidos films são projectados por uma machina cuja nitidez attinge o inverosimil. Despedimo-nos dos «cicerones» a cuja amabilidade devemos todas estas informações e de novo partimos em direcção a Paço d'Arcos.

Em Paço d'Arcos

O auto abandona bruscamente as fitas brancas das estradas e emaranha-se pela teia estreita das ruasinhas d'uma villa. Chegamos á Paço d'Arcos. Mais uns momentos e surgimos na Avenida da Serra. Perto avista-se a praia, a bella praia de Paço d'Arcos, que é hoje considerada como uma das mais bellas dos arredores de Lisboa e que se estende além na brancura brilhante da sua areia. Mudamos de rumo. Antes de mais nada queremos visitar

Paço d'Arcos Hotel

Paço d'Arcos Hotel fica installado na rua Costa Pinto, 40, e occupa dois andares do predio.

Sendo o unico que existe n'esta praia, possuindo como possue todas as grandes commodidades que se podem offerecer aos hospedes e dispondo d'um serviço de cozinha que, na verdade, é esplendido, não é para admirar que os seus aposentos estejam durante todo o anno, quer no verão quer no inverno, totalmente cheios.

Mas, ha mais razões. O *Paço d'Arcos Hotel*, que ha já nove annos marca uma nota de modernismo e de civilisação na elegante praia, é dirigido pelo sr. José dos Santos Rocha, uma das maiores competencias na industria hoteleira, e cuja gentileza requintada, é, já por si, uma attracção para todos que se veem abrigar sob o tecto do seu hotel.

Das janellas do Paço d'Arcos Hotel avista-se o mar como n'um quadro permanentemente perturbante de belleza. O interior, que é mobilado sobriamente, á ingleza, dispõe de aposentos para familias e sala de visitas. O serviço de meza redonda e de pasto é admiravel. Apesar de tudo, este hotel é o mais barato que possuimos. Pensem os senhores que o preço da pensão é de Esc. 2$50 por dia, fazendo-se ainda reducções ás familias. Resta-nos dizer que o Paço d'Arcos Hotel fornece jantares para fóra, *lunchs* para casamentos, baptisados, etc. Pena é que a Companhia dos Caminhos de Ferro tenha retirado os comboios expressos para esta praia, que, além de ser um completo centro de turismo, tem tambem uma intensa vida commercial.

Em Santo Amaro d'Oeiras

Em Santo Amaro de Oeiras, recanto pittoresco bruscamente apparecido entre o oceano e o campo, n'uma curva difficil da estrada, pára o nosso automovel, n'um descanço que vamos aproveitar visitando o que na encantadora praia ha digno de reparo e de registro.

Circumvagando a vista, embebendo bem fundo os olhos no scenario feerico de Santo Amaro, lembra-nos por vezes um «bouquet» de flôres dobrado sobre a salva de prata que é o Tejo e em que se reflecte o azul purissimo do ceu — recanto, portanto, privilegiado pela natureza, para que os homens lhe prodigalisem todas as caricias de espirito e do esforço, transformando-o n'um apreciavel centro de turismo.

Eden de Santo Amaro

Estamos no Casino Eden de Santo Amaro, maravilha de conforto e bom gosto, que é o encanto da numerosa e selecta colonia balnear d'aquella bellissima praia.

Já o conheciamos da tradição dos seus esplendidos saraus de arte, em que a musica e o *bel-canto* teem nos programmas, seleccionados com o maior escrupulo, parte primacial sublinhada pelos nomes dos mais distinctos artistas nacionaes e estrangeiros.

Eden de Santo Amaro se intitula o Casino, e nunca tão justa foi a escolha d'essa designação para a frontaria de uma casa de recreio.

Assim, ao pittoresco tão suave e tranquillo, tão sugestivamente repousador para o espirito, da pequenina praia, verdadeiro logar de convalescença para os esgotados da lucta pela vida, veiu juntar-se o encanto espiritual d'este ponto de reunião obrigatorio de todas as familias que veraneiam em Santo Amaro de Oeiras, onde a arte tem um culto e a commodidade e o conforto a nota communicativa de uma enternecedora intimidade.

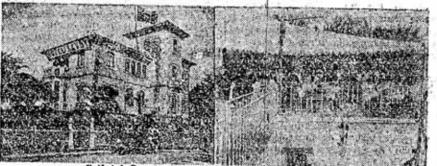
O casino é sumptuoso, nada lhe faltando do que impõe estas casas de especial natureza, condemnadas ao abandono durante o inverno, por isso mesmo mais queridas quando abrem os seus salões ás festas da epocha balnear.

Dirigido pelo sr. Julio Galvão, um technico competentissimo no assumpto, é o Eden de Santo Amaro propriedade dos srs. Alvaro dos Santos, João Duarte e José das Neves Leal, tres apaixonados cultores das bellezas d'esta praia, que vão dotar para o anno com um vasto e modelar hotel, sempre seguindo a sua norma de proporcionar aos frequentadores do Santo Amaro as maiores commodidades e distracções.

Possue o casino um soberbo balneario com banhos doces e salgados, quentes e frios, de «douche», de chuveiro e de agulheta, optimo para os exigentes em assumptos de hydrotherapia, sendo a sua sala de jantar e «terrasse» verdadeiras obras primas architectonicas pela decoração e privilegiada situação, panoramica que disfructam.

Ali, ainda, n'um bello e amplo palco que será inaugurado nos primeiros dias d'este mez, vae a empreza do Eden de Santo Amaro transformar de vez o soberbo edificio n'um casino ideal, tendo contractado uma companhia lyrica portugueza composta de artistas consagrados, que cantarão ainda n'esta epocha, com scenario e fatos proprios, as melhores operas do reportorio moderno: *Tosca*, *Rigoleto*, *Bohemia*, *Barbeiro de Sevilha*, *Lucia*, *Cavaleria Rusticana*, *Palhaços*, *Madame Butterfly*, etc., dando tambem logar ao nosso rico «folk-lore» pela passagem em revista dos nossos mais suggestivos fados e canções.

D'esta companhia farão parte os sopranos D. Cacilda Ortigão, D. Izabel Barahona Vieira e Mademoiselle Maria Pires Marinho, o tenor Guilherme Bizarro e o barytono Alfredo Mascarenhas, tudo nomes conhecidos dos nossos «dilletanti», sendo os acompanhamentos feitos por um sextetto regido pelo maestro Alberto Sarti.

Tal é a boa nova que com prazer transmittimos a todas as familias que veraneiam na linha de Cascaes, e que estamos certos, não perderão a primeira assignatura de quatro recitas, com garantia de comboios á hora de terminar o espectaculo, boa nova que é tambem o prenuncio de muitas outras novidades e surprezas que aos seus distinctos frequentadores reserva n'esta epocha o encantador Casino de Santo Amaro de Oeiras.

O Hotel Savoie é um ninho de ternura e de conforto]
Um aprazivel terraço completa o encantador retiro que é o Eden de Santo Amaro

Em S. João do Estoril

A paizagem, que vae continuamente mudando de caracter, n'um desabrochar cadenciado de belleza e de encantamentos, envolve-nos agora n'uma villasinha de sonho onde os «chalets», só «chalets»—se erguem por toda a parte, como ninhos de marmore e flôres que se amontoassem em cachos bizarros... Ao longe, o effeito é surprehendente. De perto fascina-nos como um trecho de scenario suisso.

Olhamos para as estradas, para as ruas, para os caminhos. Mas onde está essa horrivel sujidade, esse descuido das estradas, das ruas, dos caminhos de Portugal, de que tanto se fala?

De facto, aqui, a terra portugueza aristocratisa-se, melhora, espartilha-se. E, no conflicto permanente de tranquillidade e agitação que se estabelece no nosso espirito de homens de acção, triumpha por momentos o grande desejo de um longo repouso, repouso absoluto, gosado calmamente nas varandas d'aquelles «chalets», com os olhos fitos na phantasia bizarra d'aquella paizagem verdadeiramente feerica.

Hotel Savoie

O Hotel Savoie, na execução cuidada das suas installações, realiza de facto o fito a que se propoz. Não quiz elle erguer palacios babylonicos, aposentos vastos, salões colossaes; não quiz plagiar, emfim, os grandes hoteis das grandes cidades, abrigar dentro de si a vida mundana de casino-hotel que é habitual vêr-se nas grandes taernas. Não. O seu proprietario, um italiano intelligentissimo, para o qual a industria hoteleira não tem segredos e que é considerado no seu paiz como dos primeiros em Portugal—um verdadeiro technico na sua profissão—Mr. Michel Poggio, concebeu um «chalet» cheio de ternura e de conforto, «chalet» em que essa gente do norte—a principal clientella do Savoie Hotel é composta de inglezes—possa gosar, mesmo no inverno, e sobretudo no inverno, as caricias doiradas do sol, que, em S. João do Estoril não deixa de brilhar, em qualquer mez do anno.

O Savoie Hotel é o unico da bahia de Cascaes que tem todos os seus vinte aposentos com vista atravez as suas duas janellas—cada quarto do Savoie Hotel possue, pelo menos, duas janellas—para o mar e para o campo. Dispõe, além d'isso, de uma excellente cozinha, magnifico «stock» de vinhos e licores, electricidade, casa de banho, salas e jardim e todos os confortos modernos, estando installado proximo da praia e das estações de caminho de ferro e telegrapho-postal.

Falámos com o sr. Michel Poggio, que nos confessou o seu desgosto de não poder completar por emquanto a sua obra de turismo porque, por um lamentavel descuido e ao contrario do compromisso tomado pela Misericordia de Cascaes, os celebres Banhos da Poça não estão abertos, como deviam.

Felicitámos, sinceramente enthusiasmados, o sr. Poggio, e partimos de novo na vertigem do auto.

No Estoril

O tempo urge. A ancia de terminarmos ainda hoje a reportagem sobre o turismo na linha de Cascaes inhibe que os nossos olhos se embebam soffregamente na feerie d'aquelles campos e que os nossos pulmões se purifiquem com as brizas que o mar visinho nos envia, como que n'uma cordeal saudação. Estamos no Estoril.

Hotel Restaurant de Paris

—*Chauffeur*... pare...

O auto estacionou, branco de poeira, offegante como um animal cançado, defronte do Hotel Restaurant de Paris, a descripção do qual, que nos haviam feito em Lisboa, nos aguçara a curiosidade. Surgindo, nas suas linhas rectas e sobrias, de entre um mar immenso de arvores e flores como n'um biblico milagre de belleza, este hotel tem qualquer coisa de insinuante, de attrahente, de convidativo.

No rez do chão, n'um comprimento de algumas dezenas de metros, estende-se um terraço vastissimo, todo cheio de mezas, onde, no verão, são servidos os admiraveis e tradicionaes jantares e almoços do *Hotel-Restaurant Paris*, a que um mestre habilissimo de cozinha sabe dar os mais delicados tons de gosto.

Defronte está a «gare» do caminho de ferro.

O mar expõe-se em toda a sua maravilha aos que se vão acolher ao *Hotel Restaurant Paris*.

E' o seu intelligente proprietario que vem, n'um requinte de amabilidade, receber-nos. Chama-se Louis Vergani e é bem conhecido entre todos os que habitualmente viajam com frequencia pelo paiz. E' socio do Grande Hotel Club das Caldas das Felgueiras e foi, durante largos annos, gerente do Hotel de Inglaterra e de outros hoteis do Mont'Estoril.

Presta-se elle a satisfazer a nossa curiosidade de «reporters» e fornece-nos as seguintes informações:

—No *Hotel Restaurant Paris*, que conta cincoenta aposentos, fala-se o francez, o italiano, o inglez e o hespanhol, o que é uma enorme vantagem para a clientella cosmopolita, que é a que a mais o frequenta. Os preços, apesar de todas as grandes difficuldades de hoje, são mais baixos do que em Lisboa. Assim, por exemplo, a pensão é de tres a cinco escudos por dia. Os almoços 1$40, e os jantares 1$50.

Realmente, quem é que não quererá vir passar um tempo ao Estoril, no tão magnifico hotel, por tão favoraveis preços? Mas apressem-se, que poucos são os quartos ainda disponiveis no *Hotel Restaurant Paris*.

No Monte Estoril

Sahindo do hotel Paris, o nosso auto continúa a sua marcha, que nós teriamos desejado fosse vagarosa, pois a magnifica paisagem, que á nossa vista se desenrola, seduz-nos e quasi esquecemos a nossa missão para nos deixarmos encantar por essas bellezas tão surprehendentes. A estrada continua seguindo a margem do Oceano, que n'esse dia nos apresenta o aspecto d'um enorme e formoso lago, onde pequenas embarcações sulcam as aguas, conduzindo jovens e formosas banhistas, que assim aproveitam a bella tarde, com que a nossa boa sorte nos quiz mimosear.

Do lado de terra a paisagem, modifica-se um pouco, o terreno é mais accidentado, e ao longe divisa-se nitidamente a serra de Cintra. Na verdade o Mont'Estoril foi dotado pela providente Natureza de forma a constituir uma das nossas mais lindas estancias balneares e ao mesmo tempo, uma optima estação d'ares e repouso. Mas íamos esquecendo a nossa missão, de darmos aos nossos leitores uma breve noticia, das commodidades e diversões que se encontram nas nossas lindas praias da linha de Cascaes.

Hotel Miramar

E' costume portuguez, dizer mal de tudo quanto é nosso e apesar d'isso quantas praias e thermas estrangeiras não invejariam este magnifico hotel! O seu aspecto encanta-nos. Não estamos em presença d'um edificio frio, de architectura pesada, que na maioria dos casos, é caracteristica dos grandes hoteis.

Estamos em frente d'um grande e bello palacete, rodeado por um grande e mimoso jardim, bem tratado, onde flôres e plantas raras, d'um colorido vivo e alegre, nos despertam um desejo enorme d'ahi viver, longe, bem longe, das lides jornalisticas, que tanto nos fatigam e muitos dissabores nos dão.

Um grande e elegante «tennis», mostra-nos que os inglezes ali abundam, pois o seu jogo favorito assim o attesta. Vê-se logo que vamos entrar n'um hotel de repouso, onde á entrada somos recebidos com requintada amabilidade pelo seu digno gerente, que ao tomar conhecimento dos nossos desejos, gentilmente se põe á nossa disposição. Damos então começo á nossa rapida mas minuciosa visita a todo o magnifico edificio. Algumas salas singelamente mobiladas, mostram bem o gosto artistico do seu director. Amplos quartos [illegible] com mobilia nova, simples, higienica e confortavel, denotam que ali não falta conforto algum moderno. Casa de jantar sumptuosa, toda ella resplandecente de limpeza, mobilada com tal esmero e tudo disposto com um gosto, que difficilmente nos convencemos que não é ali, sentados á uma engalanada mesa, que termina a nossa missão. Tambem não nos escapa a vasta cozinha, onde uma multidão de cozinheiros e moços, todos sob as ordens do seu chefe, manejam os mais diversos apetrechos da sua arte, todos elles n'um estado de limpeza, que desafia os rigores da mais meticulosa dona de casa.

Apesar de um pouco fatigados, não resistimos á tentação de subir ao alto mirante, que a uma altura de cerca de 50 metros desperta a nossa curiosidade. E' difficil aqui darmos uma pallida idéa da nossa viva impressão ao sermos surprehendidos com o mais bello panorama, que a nossos olhos foi dado ver. A serra de Cintra, mil pequenas casas de uma brancura ideal, bellos campos onde os pinheiros sobresaem, bastantes culturas com a côr propria da maturação, eis o que divisamos ao longe, mais perto, lindos chalets, imponentes palacios, bellos e vistosos jardins e do outro lado o grande Oceano, tudo n'um conjuncto tão admiravel, tão original, tão infinitamente bello, que difficilmente acordamos d'esse sonho tão sublime, em que nos mergulhou tão impressionavel panorama.

Descemos. Alguns hospedes vão-se approximando do hotel, acossados pelo seu appetite. Uns regressam em automoveis e trens, de passeios pelas formosas estradas dos Estoris-Cascaes e de Cintra; outros da praia e ainda muitos da sua partida de «tennis» com os seus trajes brancos e as faces coradas por tão violento e hygienico exercicio. Despedimo-nos do nosso amavel cicerone e após os agradecimentos do estylo, seguimos para o

Hotel Estrade

Construcção propria de hotel rico, onde embaixadores, consules, e outros membros diplomaticos e altos funccionarios e ricos proprietarios, veem: uns no verão gosar na praia da moda, as delicias d'um descanço, que o bom gosto e o bom tom impõem, mas que com prazer inexcedivel se acceitam; outros no inverno procuram uma temperatura das mais benignas do mundo.

O seu aspecto exterior confirma o que já ao nosso conhecimento tinha chegado, sob a bem orientada, activa e intelligente direcção da nova Empreza, que actualmente dirige este hotel, em toda a parte do mundo considerado de primeira classe. A fachada pintada de fresco, com uma côr viva, que delicia a vista, desperta a nossa attenção.

Entrámos, procurámos o digno gerente e após as costumadas palavras preliminares, expômos o assumpto da nossa visita, que é recebida com um prazer, que bem denota o justo orgulho com que o nosso interlocutor nos vae apresentar a sua obra. A' entrada uma comprida galeria, toda envidraçada, nos convida a um repouso ante e após as refeições, e quantos bellos sonhos e idyllios amorosos, senão terão ali desenrolado, n'essas calidas tardes, em que o calor não permitte o «flirt» da praia. N'uma linda saleta, d'um estylo simples e alegre, alguns hospedes aguardam a hora do jantar. Ao mesmo tempo que elles, nos seus trajes mais ou menos cerimoniosos, entram na linda casa de jantar, somos tambem nós ali introduzidos. Os creados com as suas casacas novas, de talhe elegante, dão uma nota de gravidade a esse lindo salão. Ricas roupas, louças, cristaes e talheres, d'um brilho inexcedivel despertam o nosso apetite. A mobilia de estylo moderno, onde os bellos espelhos dão um tom alegre e festivo, o qual se completa com uma abundancia de flores em jarras, jarras das côres mais garridas, tornam esta sala modelar.

O menu confeccionado por um «maitre» de hotel, mestre na sua arte, é um primor de cosinha franceza. Resistimos a todas as tentações e sahimos d'este templo e perdemo-nos, n'uma rapida visita a innumeros quartos, quasi todos occupados e com uma nota authentica de chic, confortaveis e hygienicos. Luz electrica em profusão, casas de banho alegres, etc., tudo nos deixa debaixo da impressão agradavel de bem estar e nos faz mais uma vez ver bem claro como no nosso paiz, se vae desenvolvendo o bom gosto e quanto o [illegible] ganhe; pelo menos nas suas [illegible] estancias, como as que agora percorremos. Escusado será dizer, que só visitámos as casas, em que o progresso é manifesto, pondo de parte as que seguem uma rotina, anti-progressiva. Terminamos a nossa rapida, mas minuciosa visita por uma vista de olhos a cosinha, onde ha uma azafama immensa mas se nos depara com uma boa ordem e disciplina, que desafia o mais disciplinado corpo de tropas.

Um grande aperto de mão a expressão mais viva da nossa satisfação com mil agradecimentos e eis-nos a pé, a caminho do

Casino Portuguez

Somos magnificamente acolhidos pelo sympathico e deligente gerente d'esta casa, nosso amigo Villar, que adivinhando as nossas intenções, immediatamente se põe á nossa disposição, não escondendo o seu prazer e justa vaidade em nos mostrar o que o seu esforço tem feito para melhorar este pequeno mas elegante casino.

O jardim que o circunda é digno da nossa admiração, pela cultura cuidada de ricas plantas e lindas flores, entre as quaes sobresahe uma bella collecção de cravos. Ahi logo se nota o bom gosto e a arte que a tudo preside. E' n'este Casino que nos domingos de tarde e todas as noites, se reune toda a elegantissima sociedade dos Estoris. Uns entreteem seus ocios nas sensações do jogo honesto, com assistencia escolhida e empregados modelares. Outros, a maior parte, frequenta o animatographo annexo.

A' roda das mesas de jogo vêem-se formosas damas, que com as suas «toilettes» ricas, chics e alegres, dão á sala um explendor desusado. A mobilia condiz com o distincto da frequencia. No cinematographo, nos domingos á tarde, reunem-se centenas de lindas e interessantes creanças, que gosam as delicias d'uma «matinée», com programmas escolhidos, a que o chilrear alegre e vivo das mesmas dá um aspecto que encanta. A' noite dão ali «rendez-vous» as mais elegantes damas da nossa primeira sociedade, que dos Estoris e Cascaes acorrem a esta bella casa de espectaculo, pequena para tão grande assistencia. Não se poupa a gerencia a esforços colossaes, para manter esta casa ao nivel das suas congeneres da capital, e n'ella se teem exhibido as mais sensacionaes fitas que se teem corrido na America e na Europa.

Na noite que ali fomos, entre outras, figuravam duas partes da mais sensacional fita da actualidade «Judex». Nem um logar disponivel e muitos espectadores de pé, gosavam o bello espectaculo. Tanto

Vidé na 4.ª pagina:
EM CASCAES — Riviera Palace, Riviera Hotel e Casino da Praia.
Vidé na 2.ª pagina:
Grande Casino Internacional de Mont'Estoril e Casino da Foz do Douro.

«O Jornal do Soldado»

3116 consultas respondidas até 7 de Junho de 1918

Entendeu A Capital que devia acompanhar de perto a partida dos primeiros contingentes portuguezes para os campos de batalha da Europa, fazendo não só uma reportagem completa junto do bravo Corpo Expedicionario Portuguez, mas abrindo uma secção especial intitulada

«O Jornal do Soldado»

em que se trate tudo quanto aos nossos soldados interessa.

E não só a esses, mas ainda a todos os que precisem de consultar sobre a situação em que se encontram perante as leis militares.

Como dissemos, começou O Jornal do Soldado a publicar no dia 1 de fevereiro, sendo immediatamente satisfeitas todas as requisições, acompanhadada respectiva importancia, que sejam dirigidas á administração A Capital, rua do Norte, 5, 1.º

a sala do jogo, como a de espectaculos, são precedidas por elegantes saletas, mobiliadas com uma elegancia moderna e um conforto inexcedivel. Um optimo bufete, com um serviço admiravel completa este Casino, unico que actualmente funcciona nos Estoris.

E' noite, Um bello luar, deixa-nos admirar na varanda do Casino uma linda vista sobre o mar. O mar é sempre bello, mas visto d'este ponto, n'uma noite linda como esta, tinha um encanto que jámais se pode olvidar. Felizes d'aquelles a quem fôr possivel passar esta quadra nos Estoris, onde não ha casas devolutas e os bons hoteis estão quasi repletos.

Em Cascaes

E' com saudade que deixamos os Estoris e nos mettemos novamente no nosso auto, para nos dirigirmos á mais antiga praia d'esta linha cujo nome nos evoca recordações umas historicas, outras da nossa mocidade e ainda outras bem recentes.

A estrada segue em zig-zags os contornos caprichosos da costa que n'esta parte apresenta um aspecto menos abrupto. Do lado de terra immensos pinhaes e, orlando a estrada, vêem-se obras que são o inicio de grandes construcções d'um luxo aqui trivial, que bem denotam, o enthusiasmo que entre nós existe por estas soberbas praias, onde se respira saude e alegria. Cascaes, que muitos poderiam suppôr que, tendo chegado ao apogeu nos ultimos tempos da monarchia, pois a familia real d'ella tinha feito a sua praia dilecta, após a extincção da mesma, entraria a declinar, assim não succedeu e resistiu heroicamente a este rude mas não mortal golpe e ainda hoje é a estrada predilecta da nossa mais nobre e velha fidalguia. Se não tem o tom novo e animado dos Estoris tem comtudo as suas nobres e velhas tradições, e o seu progresso em edificações e conforto é manifesto e certamente não longe virá o tempo em que o camartelo demolidor, arraze aquellas velhas ruas, que se nada terão de bello á vista, muito teem de grande perante a historia. Para o nivel em que hoje se mantem Cascaes, muito tem concorrido o esforço da Empreza do

Riviera Hotel

E por isso nos resolvemos a visitar esta modelar installação, que fica n'um dos pontos mais centraes e bellos da villa. Tem na verdade uma situação privilegiada. D'um lado teem os hospedes uma deliciosa e linda vista do mar, onde numerosas embarcações dos mais diversos typos cortam as aguas azuladas e transparentes. Do lado opposto a paizagem esmaltada de verdura deslumbra tambem

E' noite, a illuminação profusa que existe em todo o grande edificio, dá-lhe um aspecto soberbo e imponente. Procurámos o seu intelligente gerente que vamos encontrar, na sumptuosa casa de jantar, onde os hospedes terminam a refeição da tarde.

Que deslumbramento nos produz esta magnifica sala. Os candelabros cheios de luz, que se reflecte na alvura de ricas toalhas de linho, sobre as quaes cristaes e pratas, n'uma profusão enorme, claramente nos mostram o bom gosto e riqueza que predomina na installação d'este hotel.

Cumprimentamos o gerente e expondo-lhe claramente os nossos desejos, elle immediatamente accede e amavelmente se põe á nossa disposição, mostrando-nos os magnificos aposentos que o hotel possue e que podem comportar cerca de 50 pessoas. Das janellas bem amplas desvendam-se todos os melhores recantos de belleza de Cascaes.

O Riviera Hotel tem tradições de nobreza que não esquecem facilmente. Antigamente chamava-se o Hotel Globo e, nos seus magnificos quartos e salas se hospedaram as familias mais illustres da nossa «vieille roche», como os Duques de Palmella, marquezes de Fayal, condes de Tarouca. Hoje, revestido de um aspecto de mocidade, continua a manter as mesmas tradições...

Casino da Praia

Estamos agora no Casino da Praia, esse magnifico centro de diversões que, tendo a frequental-o uma assistencia selectissima, vae, de dia para dia, introduzindo novos aspectos de arte e de attracção, devido aos esforços e ao bom gosto dos seus directores, os srs. Antonio Martins Espadinha e Joaquim Ferreira.

Detemo-nos, por momentos, na contemplação sonhadora do mar que, a poucos metros de distancia, se desenrola revolto e magestoso, como que gritando todo um passado glorioso de grandeza epica e inexcedivel.

Entramos nas salas que se encontram inundadas de uma verdadeira orgia de luz e onde uma multidão compacta de veraneantes e de turistas se acotovellam, na ancia fremente de assistir aos espectaculos de variedades que a empreza do Casino da Praia, com uma mestria digna de applauso e de registro, sabe organisar e fazer impôr. Que silhuetas de belleza e de sonho teem passado pelo gracioso tablado d'este Casino? E, ao fazermos esta pergunta, logo evocamos a gentilissima rainha dos bailados Dorita Caprano, que na atmosphera aristocratica do Salão da Trindade deixou uma impressão bem funda do enthusiasmo e de saudade. Tambem, nos espectaculos de variedades, se tem exhibido o magnifico duetto Serrana Moreno — artistas de grande reputação mundial.

As *matinées*-concertos—realisadas ás quinta-feiras e domingos—constituem o *rendez-vous* da sociedade elegante, não só d'aquella que costuma veranear em Cascaes, como ainda da que accorre de Lisboa, propositadamente para esse fim.

E' primoroso o serviço de buffete do Casino da Praia, que dispõe ainda de um restaurante com um vasto terraço, onde são servidos magnificos jantares.

Completamos esta rapida noticia com os nomes dos distinctos elementos que compõem o sextetto que está fazendo as delicias das noites inolvidaveis que se passam n'aquelle Casino. Eis os seus nomes:

1.os violloncellos, Luiz Barbosa e Henrique Mendonça; piano, D. Isaura de Mello; 2.º violino, Antonio Leal; viola, Francisco Canto e Castro, e baixo, Paulo Correia.

Riviera Palace

Aproxima-se o momento em que o Riviera Palace ha de manifestar os seus magnificos salões e dominar em Cascaes com a soberania da sua arte e elegancia. Não podemos deixar de lhe consagrar uma noticia e de o visitarmos—visita de que guardamos as mais gratas impressões.

Alem de tudo já estão concluidas as obras para adaptação do palacio do conde da Guarda, hoje propriedade do sr. dr. Herlander Ribeiro—diz-nos o nosso cicerone—para o casino que aqui se abrirá ainda este anno e que apresentará um elegante restaurant nos baixos conservando o estylo portuguez e as salas do 1.º andar, tres vastos salões para concertos e diversos jogos, entre elles alguns completamente novos em Portugal. Nos andares superiores, está, como vê, o hotel, com 90 magnificos quartos e na parte de traz um balneario com dez cabines para banhos communs e salgados, quentes e frios.

Para serviço dos hospedes haverá dentro do edificio estação telegrapho-postal e posto telephonico, assim como um elevador ligará os andares.

Este anno, em 15 de agosto deve inaugurar-se o restaurant que está a cargo de um acreditado estabelecimento de Lisboa e o casino, dirigido por um dos proprietarios de um dos mais notaveis casinos do estrangeiro, havendo um apreciado quintetto no salão de concertos e outro no salão de jantar onde serão executadas as mais inspiradas joias da musicographia classica e moderna assim como se farão ouvir as maiores celebridades nacionaes e estrangeiras.

O projecto do grande edificio é de um distincto architecto.

O nosso informador calou-se. Puzemo-nos a cogitar, emquanto os nossos olhos percorriam velozes aquellas maravilhas. Cascaes, pois, fica com o primeiro estabelecimento do genero em Portugal e constituirá um explendido ponto para a reunião de portuguezes e estrangeiros durante o inverno.

Soubemos ainda que a illuminação será electrica, fornecida por motor proprio e a condução dos hospedes far-se-ha commodamente em dois grandes automoveis, de Lisboa, directamente das gares e pontes de vapores.

Ao terminarmos estas despretenciosas linhas, não queremos deixar de frisar que, dispondo este nosso bello paiz de pedaços de terreno, como este que a iniciativa particular tanto completou pois o turismo nada deve aos governos é pena que os nossos homens politicos tudo sacrifiquem aos seus odios pessoaes e politicos e esqueçam que este nosso bello clima antes convida á paz, á ordem e ao trabalho.

NATURISMO

No Paraiso

N'estes tempos de calamidade é como que uma offensa falar de felicidade e alegria. Entretanto, é meu dever indicar, mais uma vez, o modo facil de, alheiados da perfidez do meio extenuado e cruel, termos pelo menos aos domingos a sensação inefavel e doce de não sentir o desgosto, a dôr e a desventura da vida habitual, cheia de difficuldades e ás vezes eriçada de abrolhos...

Pesa sobre o paiz a aza negra da guerra que traz os companheiros a fome e a peste. E assim será por muito tempo ainda, não sendo possiveis as medidas postas em vigor para entravar o declivo... so rodar da tormenta... Comtudo, por mercê da amizade d'um amigo passei o domingo ultimo fruindo as delicias do Paraizo, onde me alheei de desgostos reflectidos da pobre humanidade, luctando para ser escrava dos vicios. Passei esse dia em Algés, na companhia do querido confrade sr. João Pitta, que me recebeu no seu «Chalet Virginia» com toda a gentileza. Passámos o dia no seu Parque de Hygiene corporal, tomando banho de ar, luz e sol, e por fim mergulhando na piscina onde cantava a agua, reflectindo carmancheis da verdura encantadora. E depois d'um almoço de saladas sublimes e fructos deliciosos, á sombra d'um jacarandá adormeci, na paz e ventura, emquanto as aves cantavam na ramaria e uma briza suave me embalava no somno ameno. Foi assim que vislumbrei o paraizo sonhado, fóra da civilisação. O meu bom amigo referiu-me a anecdota que viera estampada n'um jornal de gravuras: dois selvagens, olhando ao longe o mundo em chammas da guerra, conversavam dizendo um para o outro:

«Olha se cahimos na tolice de nos civilisarmos!» De verdade, a humanidade cada vez se afastando mais da vida simples, cada vez mais se complica, se estiola, se perturba; os prazeres infantis do banho, os alimentos aromaticos que a terra offerece, são postos de lado. Longe da biblica satisfação, a humanidade perdendo os laços da sua posição na terra, pervertida, só chama a guerra, a peste e a fome!... Mau caminho é.

Dr. Amilcar de Sousa

Festas associativas

LISBOA-CLUB—No domingo recita extraordinaria promovida pela direcção, com a peça «João José», seguindo-se baile.

Brindes e calendarios

A companhia de seguros «A Gloria Portugueza» acaba de distribuir pelos seus clientes e amigos um calendario de escriptorio para o anno economico de 1918-1919.

Coleção seleta

D. Augusta Baptista da Piedade Vinhas

FALLECEU

C. Vinhas Lt.a participam a todas as pessoas das suas relações o fallecimento da extremosa mãe do seu socio Carlos Brito das Vinhas e que o seu funeral se realisa á manhã, pelas 15 horas, sahindo o prestito funebre da Egreja de S. Nicolau para o Cemiterio dos Prazeres.

D. Augusta Baptista da Piedade Vinhas

FALLECEU

Francisco Brito das Vinhas, seus filhos Carlos Brito das Vinhas, sua mulher, filhos, Maria Adelaide Vinhas da Conceição e seu marido (ausentes), Manuel Brito das Vinhas e sua mulher, Francisco Brito das Vinhas Junior, sua mulher e filho, Esther Baptista Vinhas e Isidoro Brito das Vinhas participam o fallecimento da sua muito querida esposa, irmã, sogra e avó, e que o funeral se realisa amanhã, pelas 15 horas, sahindo o prestito funebre da Egreja de S. Nicolau para o Cemiterio dos Prazeres.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2856—9.º Anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sabbado, 3 de Agosto de 1918

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço 2 centavos

Norton de Mattos e Gomes da Costa

No seu artigo d'«A Illustração Portugueza» que tanta impressão causou e que tão discutido está sendo, escreveu o sr. general Gomes da Costa, explicando as razões do revez soffrido pelas nossas tropas, na batalha do Lys:

«E' bom saber-se ainda, para se comprehender a gravidade da situação da divisão, que no effectivo faltavam perto de 200 officiaes! Em quasi todos os batalhões faltavam os majores; quasi todas as companhias estavam commandadas por subalternos e os pelotões por segundos sargentos».

A batalha do Lys travou-se no dia 9 de abril de 1918. Em 10 de junho de 1917, n'um telegramma dirigido de Londres pelo ex-ministro o sr. Norton de Mattos ao sub-secretario de Estado da guerra, e que o sr. Amilcar Motta, actualmente titular d'essa pasta leu ao Parlamento na sessão de ante-hontem, encontraram-se as seguintes instancias:

«Situação causada falta officiaes altamente deploravel e gravissima não podemos entrar combate e ministerio guerra inglez pergunta razão nosso desejo constituição corpo exercito e nossa pressa embarcar mais tropas, se nem sequer temos officiaes sufficientes para o que já se encontra França. E' indispensavel esse ministerio tome energicas e urgentes medidas para fazer partir immediatamente officiaes para França, sem olhar quaesquer considerações ordem pessoal e indo buscal-os onde os houver, sem attender situações, armas ou serviços, utilisando officiaes cavallaria para serviço infantaria, quer ahi, quer França, mandando partir já todos alferes milicianos e produzindo cada vez mais, utilisando officiaes reserva e reformados, e fazendo promoções em grande numero. Peço informações este assumpto, pois estou altamente preoccupado este estado de coisas e não comprehendo razões não tem sido satisfeitos meus instantes pedidos officiaes».

A linguagem d'este telegramma é, póde dizer-se, afflictiva. Já n'essa occasião se sentia a falta de officiaes nas fileiras do C. E. P., e não se diga que se tratava de um grande augmento do numero de officiaes para constituir o corpo de exercito. Não! A falta sentia-se já na organisação realisada. As tropas que já estavam em França não podiam entrar em combate por falta de officiaes, e o ministerio da guerra inglez significava bem claramente a sua extranheza por esse facto.

Pois se em junho de 1917 faltavam officiaes, em abril de 1918 essa falta continuava, indo ao ponto de n'ella encontrar uma das razões da maior gravidade do revez soffrido o illustre e intrepido commandante da divisão que soffreu o peso da investida germanica.

Dez mezes tinham decorrido desde o envio d'este telegramma instante, tão instante mesmo, que melhor o denominariamos um grito de appello, e ainda não havia officiaes em numero sufficiente. Tinham decorrido dez mezes, perto de onze, uma parte sob o consulado democratico, e a outra sob o consulado do governo sahido da revolução de dezembro, governo de que hoje faz parte o sr. Amilcar Motta. E o facto é que, tanto n'um como n'outro d'estes consulados, não embarcou para França o numero de officiaes sufficientes para commandar as nossas tropas.

E' em documentos que o verificamos. Um d'esses documentos é o telegramma do sr. Norton de Mattos, profundamente preoccupado com a falta de officiaes, e que os pede, indo-se buscar onde os houvesse; o outro é o artigo do sr. general Gomes da Costa, auctoridade como militar, insuspeito como partidario do actual governo, do sr. Gomes da Costa que sendo não só um official brioso e valente, mas um official muito intelligente e patriota, não duvidou pôr o dedo n'uma das chagas da nossa organisação militar, em terra estrangeira. As declarações do sr. Gomes da Costa justificam as instancias do sr. Norton de Mattos, e tanto essas declarações como essas instancias se conhecem-se inspiradas pelo mesmo patriotismo e pelo mesmo zelo. N'ellas se comprova o desejo ardente de se honrar e engrandecer a nação.

Noticias do Brazil

Producção de ouro

BELLO HORIZONTE (ESTADO DAS MINAS GERAES), 1.—As minas de Ouro Preto produziram, no mez de junho, ouro no valor de 7.810 libras esterlinas.—(Americana).

Da guerra e dos exercitos

A contra-offensiva dos alliados

Os francezes entram em Soissons—Os allemães, derrotados em toda a linha, retiram precipitadamente

PARIS, 2—Communicação official de hoje ás 23 horas. Os ataques feitos ha 2 dias pelas tropas e unidades alliadas na linha ao norte do Marne obtiveram pleno exito. Derrotados em toda a linha, os allemães viram-se obrigados a abandonar a resistencia que tinham escolhido entre Fere-en-Tardenois e Ville-en-Tardenois e precipitar a retirada. A' esquerda as nossas tropas entraram em Soissons. Mais ao sul transpuzeram o Crise em todo o seu percurso. No centro, progredindo largamente ao norte do Ourcq, passámos além de Arcy-Ste. Restitute e penetrámos no bosque de Dole. Mais para leste, Coulonges, 4 kilometros ao norte do bosque Meuniere, está em nosso poder. A' nossa direita Gousseaucourt, Villers-Agron e Ville-en-Tardenois então em nosso poder; n'esta parte da frente levámos as nossas linhas até cerca de 5 kilometros ao norte da estrada de Reims a Dormans na linha geral Vezilly-Lhery. Entre o Ardre e o Vesle occupámos Gueux e Thillois.—(Havas).

N. da R.—Este telegramma só o nosso collega «Diario de Noticias» o poude publicar em parte da sua edição.

*

Nas linhas italianas

Actividade de patrulhas, destacamentos inimigos repellidos

ROMA, 2.—Commando supremo.—No conjuncto da linha lucta moderada das artilharias. No estuario do Alan as nossas patrulhas desenvolveram actividade molestando e fustigando a linha dos pequenos postos inimigos, infligindo-lhes perdas, fazendo prisioneiros e obrigando o resto da guarnição a retirar. Foram abatidos 6 aviões e 1 balão captivo inimigos.

Communicação official da Albania:—N'estes ultimos dias cessou a actividade combativa nas linhas avançadas. As nossas tropas de cobertura, em vista da marcha dos trabalhos de consolidação approximaram-se em alguns pontos das linhas de defeza. Durante o dia de hontem foram sanguinolentamente repellidos alguns destacamentos de exploradores inimigos, deixando em nosso poder 3 officiaes e 32 soldados.—(Havas).

*

Nas linhas britannicas

A magnifica cooperação dos aviadores—Importantes bombardeamentos

LONDRES, 2.—Communicado britannico d'esta noite: Na noite passada, no sector de Locre, as nossas patrulhas fizeram alguns prisioneiros, bem como em seguida a um «raid» feliz, hoje por nós executado a leste do lago Dickebusch. A artilharia inimiga mostrou alguma actividade ao norte de Bethune.

Aviação:—Lançámos durante o dia de hontem mais de 24 toneladas de bombas, uma grande parte d'ellas a pequena altura sobre um aerodromo inimigo. No decurso do «raid» emprehendido por duas das nossas esquadrilhas, os hangares e acantonamentos que se encontravam n'esse aerodromo foram seriamente avariados. Seis hangares e 16 apparelhos foram incendiados e um aeroplano cahiu em pedaços sobre o solo. Nos combates travados durante o dia abatemos 17 aviões inimigos, obrigámos 3 a aterrar fóra das nossas linhas pelas nossas baterias anti-aereas. Os nossos aviadores incendiaram tambem um balão de observação. Dois apparelhos inimigos de bombardeamento foram abatidos sobre o seu proprio aerodromo, pelos nossos pilotos de bombardeamento. Até á noite não tinham regressado 2 dos nossos aviões. Durante a noite, apesar das condições atmosphericas serem desfavoraveis, lançámos 10 toneladas de bombas sobre as vias ferreas, gares e aerodromos, sendo novamente bombardeado o mesmo aerodromo que tinha sido atacado de dia. Do bombardeamento nocturno regressaram todos os nossos apparelhos.—(Havas).

*

De todo o mundo

A accusação contra o sr. Malvy

PARIS, 2.—Supremo Tribunal.—O procurador geral, sr. Werillon, pronunciou o discurso de accusação, dizendo que não considera o sr. Malvy um traidor, como disse o sr. Daudet, não atraiçoou com effeito voluntariamente o seu paiz. Não quer comparal-o a Bolo ou a Duval; deixará, pois, completamente de parte as accusações de traição, mas para elle, procurador, o sr. Malvy tem responsabilidades nas desordens militares e deve ser punido como cumplice. O procurador geral esforça-se por provar essa cumplicidade, mostrando que a verdadeira causa das desordens foi a propaganda pacifista. Se, diz elle, se demonstrar o auxilio do ministro, deve ser reconhecida a cumplicidade. O sr. Merillon é de opinião que a criminalidade do sr. Malvy não offerece duvidas pelo que respeita ao cheque Duval e declara haver correlação entre a questão Caillaux e a questão Malvy, visto que o fim d'este parece ter sido livrar de embaraços o sr. Caillaux. [illegible] sr. Malvy prestou auxilio a Almereyda e ao seu jornal «Bonnet Rouge». O sr. Malvy deve, portanto, ser conservado preso como cumplice.—(Havas).

Um marquez accusado de espião

PARIS, 2.—O «Temps» annuncia que foi posto em liberdade provisoria, pelo capitão Crebaut, o marquez Dapoevilley, accusado de espionagem.—(Havas).

O recenseamento da classe de 1920

PARIS, 2.—O Senado approvou a lei relativa ao recenseamento da classe de 1920.—(Havas).

Officiaes milicianos

Batem-se em França e não são promovidos

Sr. director d'«A Capital»—Permitta-me que lhe venha apresentar um caso interessante, que bem demonstra a falta de escrupulos que em tudo existe n'este pobre paiz em que se não quer cultivar a justiça e assegurar os direitos adquiridos.

Imagine v. que fui promovido em 31 de agosto de 1916 a alferes miliciano, contando a antiguidade desde junho do mesmo anno. Em fevereiro embarquei para França e conto 384 dias de primeira cathegoria e 78 de segunda cathegoria (tempo de instrucção). Conto, portanto dois annos e dois mezes da posto de alferes miliciano, tendo já sido promovido a tenente o curso da Escola de Guerra que sahiu em julho de 1916, promovido a alferes em 15 de setembro de 1916.

Agora, pretende-se promover tambem a tenentes os jovens que saiam da Escola de Guerra em janeiro de 1917 e que estiveram até maio ou junho do mesmo anno no posto de aspirante para não serem alcançados pela mobilisação.

Como se comprehende que, tendo eu feito o serviço d'elles em França e sendo mais antigo um anno, apesar de miliciano, venham estes officiaes a ser promovidos a tenentes, preterindo-me, e eu que devo ser promovido a tenente miliciano, ou que já o devia ter sido, continue no esquecimento?

Isto é justo, é legal? Supponho que por principio nenhum deverão cesar-me e aos meus camaradas.

Fallou-se já por trez ou quatro vezes, na promoção dos milicianos do C. E. P., a tenentes, mas hoje o que se vê precisamente é o olvido e a promoção dos que são da Escola de Guerra, que apenas contam um anno de posto, se tanto, e que nunca conheceram as privações da campanha e seus combates.

Permitta-me v. que o venha importunar e lhe solicite que nas columnas do seu mui conceituado diario eu veja advogada a tão justa causa dos milicianos.—De V., etc.—*Um official miliciano.*

LIVROS NOVOS

«A Comedia da Vida» por Oldemiro Cezar

Foi ante-hontem, apenas ante-hontem, posta á venda a nova obra do nosso camarada da imprensa Oldemiro Cezar e já hoje gostosamente vimos dizer ao leitor o que nos proporcionou a sua leitura leve, rapida e agradavel.

O porquê d'esta pressa diz-se em breves palavras: o livro de Oldemiro Cesar é o livro de um trabalhador afincado e merece uma saudação logo que surge nas livrarias entre as dezenas de livros que se não leem. Essa saudação é, de resto, a mais justa que a todos os seus volumes se tem feito, pois na nova obra, o jornalista alegre e espirituoso, o temperamento critico, humoristico do litterato que a vida diaria da imprensa não consegue embotar, apparecem mais frequentes e expressivos. Dos seus tres volumes apparecidos quasi em rajada, seguidamente uns aos outros é este o que mais realmente nos agrada.

Ha scintilação, vivacidade, colorido berrante nas suas chronicas, ha uma permanente bonhomia em todas as suas narrativas, alacridade em todas as irreaes comedias que bailam no livro; e tão raros são os livros alegres em Portugal, tão espaçados surgem os livros de cuja leitura se sahe sem ser com aquelle peso nos hombros caracteristico dos arredores dos Prazeres ou do Alto de S. João, que o livro de Oldemiro Cesar é como um grito, uma offensa irreverente n'esta circumspecta litteratura, ou «snob ou choramingona, ou vasia ou pretenciosa.

Todo o livro, sem entrarmos em detalhes, algumas optimas paginas de critica aos costumes: a comedia da politica, a comedia do adulterio, a comedia burgueza, o chapeu de D. Brites, as chistosas paginas em que Oldemiro Cesar nos conta «como não subiu no balão» os trechos escolhidos da sua carteira de jornalista como «atravez da Allemanha em guerra», e «um crime foi praticado» e que são elementos para tornar reimprimivel em breve um livro qualquer; é isso, sem duvida, o que auctor e editor pretendem; aos que buscam apenas litteratura parecerá demais estas linhas de louvor ás farças e «pochades» de Oldemiro Cesar. E' que a «Comedia da vida» não foi feita para crear pennas de pavão ou *foros* de coisa grauda ao que de tal não precisa, foi feita para despeitar *sorrisos*, para dispor bem, para fustigar pelo riso alguns podres e desconchavos da nossa vida intima «ora o riso é ainda, como disse Eça, a mais antiga e a mais terrivel forma de critica. Consegue-o, o presente livro, logo triumphou, venceu plenamente.

Uma novidade traz o presente volume: a copiosa illustração de Roch. Vieira, a «bonecada» propria que anima e realça a edição, o complemento ás «caricaturas do auctor litterario». Todo este conjuncto forma um bom livro em optimo edição, como a casa Guimarães & C.ª sempre nos ná.

A CRISE MINISTERIAL

Interpretações ao incidente de hontem, na Camara dos Deputados—A situação insustentavel do sr. ministro da justiça

Resumimos hontem, na nossa nota politica, a situação do gabinete ministerial em face do Parlamento e do sr. Presidente da Republica.

Quando a escrevemos não se tinha ainda produzido o incidente que foi relatado no extracto noticioso da sessão da Camara dos Deputados e que lançou alguma luz—não muita—sobre a situação politica.

A questão resume-se assim: O sr. ministro da Justiça apresentou realmente ao sr. Presidente da Republica o pedido de demissão; o Chefe do Estado recusou-lh'o, allegando que o seu secretario não desmerecera da sua confiança.

Não ha duvida que a lei garante ao sr. Presidente da Republica a faculdade de nomear e demittir livremente os seus ministros, conforme é expresso na Constituição de 1911. Livremente, porem, não quer dizer descricionariamente. Quer significar, apenas, que a coacção illegal não pode influir na vontade do Chefe do Estado. E não é coacção illegal, antes pelo contrario, a expressão da vontade parlamentar. Se, portanto, a Camara dos Deputados tivesse castigado, com um voto de reprovação, a gerencia do sr. ministro da Justiça, o sr. Sidonio Paes teria recebido uma indicação constitucional a que, por certo, não pretenderia fugir: o sr. Osorio de Castro sahiria do governo. Tudo isto é tão elementar, que, para o escrevermos, temos de procurar desculpa e justificação no facto de ser necessario recordal-o, para melhor comprehensão do que vae seguir-se.

Ninguem ignora que o golpe contra o sr. ministro da Justiça foi despedido em virtude de desavenças que tiveram a sua primeira explosão nas reuniões da maioria, realisadas fóra do Parlamento e revestidas de caracter puramente partidario. N'essas reuniões foi evidente a discordancia entre a maioria e o ministro. Foi por causa d'isso que o sr. secretario de Estado da Justiça pediu a demissão. O seu gesto correspondeu á logica politica. O sr. Presidente da Republica, que deve estar fóra e acima dos partidos, não lh'a acceitou. Fez bem. Mas o sr. Osorio de Castro procedeu com [illegible] criterio politico não insistindo, porque não se comprehende que elle pretenda sustentar-se contra vontade da maioria governamental.

Mas ha aqui um ponto duvidoso. A maioria parlamentar não quer realmente o sr. Osorio de Castro na pasta da Justiça? Emquanto uma votação não esclarecer completamente a situação, é licito duvidar. A maioria está dividida. A sua cohesão politica é apenas apparente. Ella consta de dois grupos, conhecidos pelas designações de «centristas» e «sidonistas». Se uns e outros se pronunciam contra o sr. ministro da Justiça, como ha de este sustentar-se no poder? Mas se os «sidonistas» e as minorias o appoiarem, ficarão os «centristas» em minoria, sendo consolidada a posição do ministro. E isto será possivel? Talvez. Mas não é republicano. Não faz sentido que um governo da Republica se sustente no poder graças ao appoio da opposição inconstitucional. E não é digno d'um ministro republicano acceitar o appoio dos inimigos das instituições para surripiar á Republica um logar de destaque que os republicanos lhe negam. Affirmam-nos, porém, que toda a maioria repelle a solidariedade politica com o sr. Osorio de Castro, ministro da Justiça. Se a votação não se fez, preferindo-se a formula da materia discutida, foi simplesmente para evitar um gesto que magoaria o sr. Presidente da Republica e que, por emquanto, foi julgado dispensavel. Não comprehendemos muito bem como uma votação parlamentar, fazendo incidir a desconfiança politica do Parlamento sobre um secretario de Estado, possa ir melindrar o primeiro magistrado da Nação, que, por conveniencia propria, deveria até desejar uma indicação constitucional clara e iniludivel, que teria a virtude de o habilitar a resolver constitucionalmente a crise. Mas ainda comprehendemos menos a teimosia do sr. ministro da Justiça em se agarrar desesperadamente ás cadeiras do poder, provocando uma situação violenta, de que os inimigos do regimen procuram, a todo o panno, aproveitar-se, reproduzindo no Parlamento aquellas serodias habilidades que celebrisaram os ultimos tempos do parlamentarismo monarchico. A não ser que seja verdadeira a versão que dá o sr. Osorio de Castro como muito afastado da Republica por sempre se ter conservado proximo da monarchia. Como isso depõe contra o caracter do illustre homem publico, nós recusamo-nos a acreditar na desprimorosa atoarda. Póde acontecer que a fé republicana do sr. Osorio de Castro se não approxime, nem de longe, d'aquella que guia o nosso cerebro e o nosso coração; mas admittir, mesmo a titulo de simples hypothese, que o sr. ministro da Justiça procura embaraçar, por desvio de caracter, a marcha politica republicana, vae um abysmo, que nós nos recusamos a transpôr. O sr. Osorio de Castro é um homem honesto.

Secretario d'Estado do trabalho

A politica seguida pelo sr. Forbes Bessa não agrada á maioria parlamentar

Nas reuniões da maioria parlamentar, ultimamente realisadas, tem-se discutido muito a obra do actual secretario de Estado do trabalho, sr. Forbes Bessa.

Parece que os motivos d'essa discussão se fundamentam em que, ao contrario do que muitos desejavam, o sr. Forbes Bessa não seguiu a politica do seu antecessor, quer dizer, não tem feito politica partidaria, no sentido restricto da palavra, antes pretende e tem pretendido fazer politica verdadeiramente republicana. Assim, em vez de perseguições a adversarios politicos, tem distinguido e promovido mesmo aquelles funccionarios que realmente trabalham e que teem aptidões.

E' essa uma orientação que não podemos deixar de louvar. E do que se tem feito ultimamente na secretaria do trabalho temos elementos, que em breves dias tornaremos conhecidos. Trabalho util e productivo é esse e devia ser a norma seguida em todos os ministerios a de politica republicana e só republicana, pondo de lado todas as animadversões e facciosismos.

ROL DE HONRA

Baixas em França

Mortos nas datas que se indicam

Por ferimentos em combate: Regimento de artilharia n.º 2, soldado 309 da 3.ª bateria Manuel da Silva, em 9-4-918.

Por intoxicação de gazes: Batalhão 3, artilharia de guarnição, soldado 415 da 6.ª companhia, Antonio Gomes Resende, em 5-7-918.

Sociedade Musical Ordem e Progresso

Assignado pelo secretario da meza da assembléa geral, sr. Fructuoso Alves, recebemos um officio em que nos é communicado, nos termos mais penhorantes, que na assembléa d'aquella conceituada instituição de recreio, por proposta da direcção cessante, foi approvado, por unanimidade, um voto de agradecimento a «A Capital».

Registamos a gentileza para comnosco havida e agradecemol-a reconhecidos.

Prisioneiros de guerra

Em sessão especial, realisar-se-ha na Sociedade de Geographia, em um dos dias da proxima semana, uma conferencia sobre a situação dos prisioneiros de guerra, pelo sr. conde de Penha Garcia. A conferencia será acompanhada de numerosas e interessantes projecções electro-luminosas.

Agentes de fiscalisação

Como já noticiámos, reunem amanhã, pelas 14 horas, nas salas do Atheneu Popular, os agentes de fiscalisação, a fim de resolverem se devem ou não concorrer ás vagas de agentes principaes com pessoas estranhas ao seu quadro.

A favor dos Mutilados

Um agradecimento á «A Capital» e uma homenagem ao dr. Pontes

Do illustre director da Casa Pia, e nosso amigo sr. dr. Aurelio da Costa Ferreira, acabamos de receber o seguinte officio, que é extremamente lisonjeiro para nós e em que com merecida justiça se põe em relevo o nome do nosso antigo e prezado collega de redacção dr. José Pontes:

Belem, 3 de agosto de 1918.—Sr. Manuel Guimarães, dig.mo director de «A Capital».—Por patriotica e altruistica iniciativa do jornal «A Capital», e por intermedio da sua secção desportiva, realisou-se nos dias 7 e 14 do mez findo a primeira das festas que, a favor dos mutilados da guerra, a respectiva commissão executiva pretende levar a cabo.

Cumprindo o grato dever de apresentar a V. e á referida commissão os agradecimentos, não só da direcção do Instituto de Santa Izabel como dos mutilados ali recolhidos, pela parte do producto liquido da festa que ao mesmo Instituto foi destinada, na importancia de escudos 1.044$04(5), já ali recebida, muito grato me é tambem aproveitar este ensejo para significar a V. que a humanitaria, altruista e patriotica cruzada que «A Capital» a si arrogou se deve sem duvida a recepção de outros donativos que ao Instituto teem sido feitos.

E já que de tão sympathico assumpto está tratando, permitta V. que a direcção do Instituto de Mutilados de Santa Izabel lembre o nome do sr. dr. José Pontes, seu collaborador e a quem o Instituto já tão relevantissimos serviços deve, como um dos maiores e mais enthusiastas apostolos da propaganda a favor dos que nos campos de batalha da França e da Africa tanto teem exaltado o esforço portuguez e ali teem sido victimas do seu dever, combatendo pela causa santa do Direito e da Liberdade dos povos.

A todos, pois, a nossa maior e mais sincera gratidão!

Saude e Fraternidade.—O director, Aurelio da Costa Ferreira.

Como «A Capital» noticiou, ao publicar os documentos da commissão, o hospital militar de Arroyos recebeu quantia egual á de que o nosso illustre amigo sr. dr. Aurelio da Costa Ferreira accusa a recepção, ou seja 1.044$04(5).

Os theatros collaboram na obra d'«A Capital»

Ha dias publicou a «Capital» a importancia dos donativos recebidos em virtude do appello que nas nossas columnas tem sido feito a favor dos bravos soldados que regressam mutilados e estropiados e que são internados nos hospitaes já montados para esse fim: o Instituto Medico-Pedagogico de Santa Izabel, dirigido pelo sr. dr. Aurelio da Costa Ferreira, e o hospital Militar de Arroyos, pelo sr. dr. Tovar de Lemos.

Tem sido por todos acolhido esse appello com geral sympathia e só assim se poderia angariar em nove mezes cerca de dezenove mil escudos, incluindo já 2.318$041 da primeira festa de «sport», que se realisou nos dias 7 e 14 de julho, disputando-se a magnifica «Taça Mutilados da Guerra» instituida pela «Capital» e um grupo de amigos.

Hoje temos a registar um facto importante: as emprezas dos theatros que estão funccionando vão collaborar comnosco n'esta obra de benemerencia, a favor dos mutilados.

Já hontem registámos a adhesão do theatro da Trindade e hoje temos a de mais dois theatros: o Gymnasio e o S. Luiz, que dentro de breves dias darão uma das suas recitas em homenagem aos mutilados da guerra offerecendo uma parte da sua receita liquida.

A todos agradece «A Capital», em nome d'esses bravos, que necessitam de todo o carinho e protecção.

André Brun

Um commentario de «A Situação» que não é absolutamente exacto

O nosso illustre collega «A Situação» transcreve hoje uma informação de «A Manhã» de hontem, e fal-a seguir de algumas considerações, que não correspondem á verdade dos factos. Se bem que o sr. André Brun, nosso amigo muito querido, não precise de rectificações d'este jornal ácerca da sua vida publica, toda feita de abnegação patriotica inspirada por uma alma de eleição, cremos não commetter uma indiscripção dando alguns ligeiros pormenores, que restabelecem a verdade dos factos.

E' inexacto que o sr. Norton de Mattos o «transferisse sempre para regimentos ou batalhões que não mobilisavam, quando a unidade do sr. major André Brun ia ser attingida pela mobilisação». E' certo que o facto se deu, mas não por vontade do sr. Norton de Mattos e antes com seu desconhecimento. Para desfazer o equivoco, foi o major sr. André Brun falar ao sr. Norton de Mattos, não em attitude energica, o que seria contradictorio com o espirito de disciplina que sempre guiou os actos militares do bravo official, mas amigavelmente, o mais amigavelmente que se póde conceber. Um amigo commum acompanhou o sr. André Brun. A conferencia dos dois illustres officiaes foi revestida d'extrema cordealidade. O sr. Norton de Mattos immediatamente corrigiu o erro e em termos que muito penhoraram o sr. André Brun. Não é, pois, exacto que, conforme diz «A Situação», tivesse sido necessario que o sr. André Brun «tomasse uma attitude energica, forçando o sr. Norton de Mattos a envial-o para o «front», para que S. Ex.ª se decidisse a fazel-o». O que se verificou foi que o sr. Norton de Mattos era, juntamente com o sr André Brun, victima dos taes «patriotas» de que fala «A Manhã», no trecho transcripto e commentado por «A Situação».

Portugal na guerra

As declarações do sr. ministro da guerra não desfizeram algumas duvidas, cuja consolidação convem evitar

A celebre sessão da Camara dos Deputados, onde o sr. ministro da guerra, respondendo a uma convencional interpelação, pretendeu esclarecer a situação de Portugal na grande guerra, não teve a virtude de esclarecer a opinião publica, na parte mais importante, na unica mesmo que convinha evidenciar. Constatou-se officialmente que o C. E. P. foi tumultuariamente organisado e que se não conseguira manter, com effectivos completos, as duas divisões que constituiam o corpo de exercito em operações. Admittiamos, mesmo, que se apurou muito mais. Démos de barato que se averiguou tudo quanto os jornaes monarchicos mais que governamental, se fez echo; cos disseram e de que «A Situação», jornal no empenho de carregar nas côres da accusação ministerial aos democraticos; Isso, porém, pouco importa á opinião publica, que prefere saber o que vae passar-se a ser completamente elucidada sobre as aguas, que, outr'ora, moveram os moinhos. E, agora, estão paradas ou vão mover outros?...

A resposta a esta pergunta é que agradaria á opinião nacional. O que ella está impaciente por saber é se vão mais tropas para França ou se o esforço produzido, pouco ou muito e bem ou mal conduzido, ficará, pela força da inercia, completamente perdido.

«A Situação» nada diz a tal respeito.

O sr. ministro da guerra, que confessou que, até hoje, não pode executar o decreto do «roulement», não se apressa a tranquilisar a alma dos patriotas, que vêem, apprehensivamente, a inacção aparente do governo.

Um official, o sr. Cunha Leal, não deixou passar em julgado a affirmação accusadora dos homens que executaram a vontade nacional com a intervenção militar portugueza nos campos de batalha. O sr. deputado Cunha Leal accentuou que, se os governos anteriores a 5 de dezembro do anno passado, tinham feito pouco e mal, os posteriores ainda não produziram o sufficiente.

«Elles procederam mal», exclamou o sr Cunha Leal. E nós, que temos feito?...» Outros deputados, como, por exemplo, o sr. Celorico Gil ratificaram, com appoiados, as palavras do orador.

Nem mesmo se executou, foi confessado, o decreto do «roulement»! Reputamos, pois, de inadiavel necessidade que seja dada resposta clara á seguinte pergunta do sr. Mello Vieira, na sua interpelação ao sr. ministro da guerra:

Manda o governo mais tropas para França?

Se não houvesse inconveniente de maior, desejariamos ainda que se dissesse á Nação se já começaram os preparativos necessarios á perfeita organisação militar, tão imprescindivelmente preconisada pelo sr. coronel Amilcar Motta, ex-chefe do Estado Maior d'uma divisão do exercito e actual ministro da guerra.

Aos homens publicos detentores do poder não deve passar despercebido um aspecto da questão, que, para nós, é, afinal, o unico digno de exame.

Nós somos um paiz colonial. O nosso dominio ultramarino é a principal razão da existencia autonomica de Portugal. Não é a unica razão, evidentemente, mas é a principal. Ora as colonias mudarão de soberania, se a nossa intervenção na guerra não fôr de molde a manter o «statu-quo». E, perdidas as colonias...

Ninguem ignora que a União Sul Africana poderia manter-se estranha ao conflicto. Não o fez, antes mandou para a Europa o maximo de tropas que poude concentrar, sem prejuizo da guerra local ao allemão, seu visinho, a Oriente e Occidente. E porque? Simplesmente para isto: manter a sua grandeza moral. O mesmo fizeram a Australia, a India e o Canadá. E a America do Norte? E o Japão? Que tinham elles com o conflicto? Vieram para a voragem pela mesma fatalidade historica que a nós nos arrastou, pelo mesmo senso patriotico que força o pacifico e laborioso Brazil a enviar a sua esquadra para o Mar do Norte, onde já se encontra, e os seus soldados para as trincheiras gaulezas, onde não tardarão a chegar.

A guerra é para nós um mal inevitavel, a não ser que prefiramos o suicidio da Nação, com uma formula de servidão que não é senão a morte lenta e a curto praso. Imaginar que o mundo inteiro está em guerra para que nós, potencia colonial alliada da Inglaterra e vivendo na esphera de influencia do seu poderio, vivamos, entre o Chiado e o Rocio, em plena tranquillidade, gosando a paz e, mais tarde, colhendo com esperteza saloia, os fructos da victoria... dos outros, imaginar isto é... ser doido. E a doença da loucura é mortal...

Por todas estas razões—e outras, que seria longo enumerar—é que nós applaudimos a attitude do sr. Egas Moniz e dos seus amigos da maioria, que regeitaram a afixação do discurso do sr. ministro da guerra, proposta pelo sr. Moreira de Almeida. Quem viu mal, quem viu pessimamente esta questão, foi o sr. Ayres d'Ornellas, que se esqueceu do seu alliadophilismo, para se lembrar, sómente, dos interesses da causa monarchica, reduzidas as maisculas habituaes ás minusculas proprias do momento. O que o sr. Egas Moniz disse foi a verdade, e o sr. Ayres d'Ornellas, fóra da influencia do meio em que se debatia, ha de tel-o comprehendido já. Para o povo, o discurso do sr. ministro da guerra exerceria uma influencia depressiva. Mas os interesses monarchicos, concretisados por «O Dia» na formula «quanto peior, melhor», exigiam a desmoralisadora publicação. Evitaram-n'a os republicanos. Procederam bem, como patriotas que são, acima de tudo. O sr. Ayres de Ornellas entendeu o contrario, arrastado para o erro pela paixão do partidarismo de que «O Dia» é expoente maximo. Como o estriota se deve sentir mal com o correligionario do Padre Domingos!

Procederam, pois, muito bem os deputados da maioria. E completariam obra se procurassem obter do governo

... pital».—Publicou a «Capital» na secção que v. tão intelligentemente dirige, o resultado da prova d'esgrima «Taça José Pontes», e dando a noticia da minha desistencia não indicou o motivo d'ella, provavelmente por não ter conhecimento das razões que me levaram a abandonar uma prova que para mim se apresentava duplamente sympathica, a figura do homenageado, e o fim humanitario a que era destinada.

Ora não querendo eu que o publico que assiste a estas festas veja na minha desistencia intenção que eu não tive, devo declarar-lhe que os motivos que me levaram a proceder assim se basearam na parcialidade excessiva da parte d'um dos membros do jury—o sr. Fernando Farinha, da sala Carlos Gonçalves—que em harmonia com as conveniencias da sua sala, em todos os assaltos suppunha ver toques que não existiam, influindo assim no espirito do jury e levando-o por este modo a classificações que não correspondiam á verdade. Foi essa attitude irritante da parte d'um dos membros do jury que me levou a essa resolução. Agradecendo a publicação d'este esclarecimento o que é de v., etc.—Antonio Duarte Montez.

Por hoje abi ficam essas duas reclamações.

A. de Campos Junior

uma desposta decisiva sobre a segunda pergunta formulada ao sr. ministro da guerra pelo sr. Mello Vieira. Essa resposta, clara ou não, propositadamente omittida pela «Situação» no seu extracto da sessão parlamentar.

Noticias do Brazil

Accordo com credores estrangeiros

RIO DE JANEIRO, 2.—O governo federal vae intervir na administração e nas finanças do Estado do Amazonas para fechar um accordo com os credores estrangeiros.—(Americana).

SPORT

Noticias diversas

No Sporting Club de Portugal continua hoje, pelas 21 e 30, a assembleia extraordinaria para tratar do caso do jogador sr. Rio.

—A prova de natação de 100 metros, organisada pelo Club Naval de Lisboa, que estava marcada para amanhã, foi transferida para dia ainda não conhecido.

—Fala-se que só para outubro continuarão os torneios de esgrima de espada.

—Vae ser distribuida na proxima semana por todos os jogadores de «football» que disputaram a taça «Mutilados da Guerra» uma interessante medalha commemorativa do primeiro anno da sua realisação.

Igualmente receberão a medalha, além d'outras pessoas, os tres arbitros e as direcções dos clubs que se inscreveram.

—Consta que no fim d'este mez deve realisar-se a terceira festa de «sport» a favor dos mutilados da guerra.

—Diz-se que o Sport Lisboa e Benfica esta epocha não concorre a provas de natação.

—Conforme já noticiamos, a taça «Carlos de Moura», instituida pelo Club Naval de Lisboa, foi ganha em «Water-polo» pelo Sport Algés e Dafundo concorrendo apenas a esta prova o Club promotor.

—Nos meados de setembro deve partir para a provincia um grupo de gymnastas conhecidos.

Reclamações

De ha tempo a esta parte chovem sobre a nossa meza cartas e postaes, umas reclamando contra isto ou contra aquillo, outros pedindo que se faça uma coisa, ou que se deve fazer antes outra.

Por isso hoje iniciamos esta secção, que os nossos leitores poderão utilisar, não sendo extensos e em termos correctos.

Toda a correspondencia deverá ser assignada, sem o que nos reservamos o direito de lhe não dar publicidade.

E julgamos assim satisfazer a vontade de alguns «sportsmen» e a curiosidade de todos.

Sr. redactor sportivo da «Capital».—Como assiduo leitor do seu mui conceituado jornal, venho por este meio pedir-lhe a publicação do seguinte, o que desde já agradeço.

E' do conhecimento do publico de Lisboa, do que preza o «sport», a questão Benfica-Sporting.

O caso é o seguinte: Pelo S. L. B. foi castigado um seu jogador, o sr. Alberto Rio, por consecutivas faltas não justificadas aos desafios, o qual falto de educação desportiva foi proposto socio de um club rival, club esse que elle repudiava e algumas vezes lhe ouvi proferir palavras de revolta, querendo assim demonstrar aos seus clubs que o ouviam e ao grande amor pelo club que lhe tinha dado o nome glorioso no meio «foot-ballista», a cuja bandeira sempre defendeu com brio e galhardia.

Mas dos factos que se passam tiro a conclusão de que essas palavras não tinham vontade propria, eram proferidas apenas por phantasia.

Não é isto fazer politica no «sport», é simplesmente mugnar pelos legitimos interesses de um club que por ser leal, é envolvado pelos outros que nunca usaram senão da hypocrisia para com elle.

Não sou socio do S. L. B., mas... agora mais que nunca vou ver n'elle um club que simplesmente pratica sport, e onde não ha politicas nem muito menos interesses. Isto vem a proposito de uma proposta de um jogador do I. C. P., o sr. Jayme Gonçalves, proposta esta para ser admittido nas linhas do Sport Lisboa e Benfica.

Quem leu o «Sport Lisboa» de 18 do corrente por-se-ha ao facto do assumpto a que me refiro.

Esse club (o Sporting) não respeitou os compromissos tomados e assignados n'um bocado de papel, faltando assim á sua palavra de honra, e ficando tambem, e com maiores responsabilidades que o jogador, por ser uma collectividade, com o seu nome manchado, sendo apontado um club sem criterio e sem respeito pelos contractos feitos.

Compete pois ao publico fazer a rectificação e a justiça que o caso merece.—De v., etc.—(a) João Antunes.

Sr. redactor sportivo do jornal «A Capital»...

Pelos clubs

(Communicações officiaes)

Club Recreativo Lusitano

A'manhã realisa-se n'este club, installado na rua do Arco a Jesus, 19, pelas 21 horas, um sarau desportivo ao ar livre, organisado pela commissão de melhoramentos no qual tomam parte amadores e profissionaes conhecidos no nosso meio. O programma é o seguinte:

«Desafio de box», entre os amadores srs. Antonio Fernandes e Antonio Galvão e arbitrado pelo sr. Victor Machado «Jogo de pau», pelos alumnos do professor Arthur dos Santos—Os Pupilos. «Assalto de esgrima», pelos srs. Pereira da Costa e Costa Junior. «Clown's Henri & Franci, os quaes desempenharão a pantomima «Os maestros». «Forças combinadas», pelos srs. Carlos Moreira e Viriato Reis «Jogo de pau», pelos srs. Jorge de Sousa e Jeronymo de Andrade. «Argolas», pelo sr. Mario Miranda. «Athletica», pelo sr. Carlos Moreira.

No final do sarau seguir-se-ha baile.

Velo Club de Lisboa

Um numeroso grupo de fundadores, socios e corredores d'esta antiga club, está-o reorganisando, para o que se encontra em sessão permanente na séde provisoria installada na U. V. P., travessa de S. Domingos, 39, 1.º. A assembleia geral reorganisadora effectuar-se-ha ainda este mez, devendo o primeiro passeio official e as primeiras corridas realisar-se no dia 1 de setembro. E' grande o enthusiasmo que se nota no novo meio velocipedico pelo resurgimento do V. C. L., cujas glorias sportivas ainda hoje são recordadas com saudade pelos velocipedistas da «velha guarda».

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados

3066 . . . . 20.000$00
1348 . . . . 2.000$00

4876	600$	1990	100$
675	200$	2280	100$
808	200$	2724	100$
2600	200$	3243	100$
3459	200$	3581	100$
4122	200$	3640	100$
8065	187$5	3646	100$
3067	187$5	5776	100$
134	100$	4113	100$
284	100$	4222	100$
297	100$	4988	100$
623	100$	5891	100$
1129	100$	6182	100$
1706	100$	6417	100$

CAMBIOS

Lisboa, 3 de agosto de 1918.

	Compra	Venda
Cheque sobre Londres	31	30 3/4
90 div.	31 7/16	
Cheque sobre Paris	282	288
» Hollanda	840	860
» Italia	175	192
» New York	1640	1660
» Madrid	430	440
Rio sobre Londres	12 1/16	
Libras ouro	10$90	11$05
Agio do ouro	140 0/0	145 0/0

Reclamos

O sr. «Freitas», o sr. «Rôla», o continuo da repartição, o policia «Macarrão» e a «Alfacinha», são os principaes papeis do quadro da comedia «Comes e bebes», que hontem, pela segunda vez, fez numeroso no Politheama a «Salada russa», agora com esse quadro e seis numeros, assis completamente modificada. O successo foi absoluto e os artistas que os desempenham chamados muitas vezes. Satanella e Chica Martins teem tambem n'esse quadro duas deliciosas rabulas, pelo que foram ambas muito applaudidas, como o foram tambem todos os artistas, applausos vibrantes que sempre se ouviam.

—São os seguintes os espectaculos do quadro com que na semana será augmentada a revista do Apollo: «Zé dos Patacos», «Viscondessa», «Sopeira», «Noiva», «Desconfiado», «Filho da Noite», «Mamã», «Empregada», «Patarata», «Picotas». No seu desempenho entram os principaes artistas da companhia que d'esta forma passarão a ser agentes de informações secretas.

—Como se sabe, os distinctos artistas Ferreira da Silva e Angela Pinto fizeram-se merecidos. Ao que parece, tem-se dado magnificamente com o seu novo mister, visto que o seu grande estabelecimento de «Generos alimenticios» no theatro de São Luiz todas as noites regorgita de freguezia.

Contractos Federação-Malhou

7:350 CONTOS DE LUCROS

A MYSTIFICAÇÃO DE TORRES VEDRAS

Que meninos!

Publicamos hoje mais um communicado dos commerciantes exportadores de vinhos contra o contracto Federação-Malhou. O que n'elle se affirma é bastante grave, tornando-se absolutamente indispensavel que os poderes publicos façam a revisão do já famoso contracto, cortando as azas a um favoritismo alcançado por um funccionario superior do Estado junto do ministerio a que pertencia—como não é segredo para ninguem. Não obstante, a Federação Malhou já ter pretendido responder ás accusações feitas no presente communicado—essas accusações não foram esmagadas, ficam inteiramente de pé, redundando a resposta a ellas sómente em insultos gratuitos. Dentro de poucos dias teremos notas sufficientes para, em alguns artigos, fazermos incidir mais luz sobre este interessantissimo caso.

A commissão de defeza dos commerciantes exportadores de vinhos de Lisboa e do Porto, que pagam as respectivas patentes, que não pedem ao Estado senão o que lhes é devido, e por isso o não adulam ou mystificam para fins inconfessaveis e que, finalmente, e apezar e atravez de tudo, ainda acreditam no artigo da Constituição da Republica que garante a nacionaes e estrangeiros a liberdade de commercio,—vem mais uma vez ajustar contas com a chorruda negociata Noronha-Salles-Malhou, pondo-lhe a calva á mostra com a costumada evidencia.

Será a resposta á cabeça d'aquelle famoso comicio de Torres Vedras, que só não fez rir a bandeiras despregadas aquelles raros patetas que não sabem como essas e quejandas manigancias se conchavam, ensaiam e representam entre alguns *compadres* de olho aberto é as respectivas *clientelas* de olhos fechados!

No dia 22 de junho proximo passado publicava o Conselho Administrativo da Federação dos Syndicatos Agricolas do Centro de Portugal uma nota dos cascos carregados pelo commercio em geral e pela Federação desde 18 de março proximo passado, isto é, desde o primeiro dos dois contractos Federação-Malhou.

N'essa nota faziam-se, com um topete sem egual, as mais impudentes affirmações, e, entre ellas, a de que a maior pouca vergonha de que reza a historia das *negociatas* escuras em Portugal fizera subir o vinho, de 22$50 ou 23$00, a que estava antes dos contractos da Federação-Malhou, para 40$00.

Sendo assim, o apezar de nada haver que justifique, contra o formal preceito constitucional, o previlegio dos transportes por terra e mar, em proveito seja de quem fôr, com prejuizo geral, o *trio* Malhou-Salles-Noronha poderia, ao menos, allegar em sua defeza aquella supra-mencionada attenuante.

Logo, porém, poucos dias depois, a 2 de julho, no comicio da Regua, e a 6 de julho, em publicação que fez o *trio* a escorrer sangue, se lhe demonstrou que tudo aquillo era uma pantomimice pegada e que o proprio Malhou, antes dos famosos contractos Federação-Malhou, comprara, em Almeirim, 2:000 pipas a 33$00, não sendo crivel que tão esperto senhor tivesse comprado tal vinho para n'elle perder, ao minimo, 2:000 vezes 10$00, ou sejam 20 contos!

Mais se provou ao famigerado *trio*, porque elle proprio veiu ineptamente confessal-o, que vinho que nada tinha com a Federação fôra á sombra d'esta embarcado. Malhou ainda tentou deitar uns fundilhos no caso, mas fel-o tão desastradamente que melhor fôra não ter perdido essa excellente occasião de ficar calado!

Assim, apanhado em flagrante delicto de mentira, a mentira descarada e torpe, o famoso *trio*, vendo fugir-lhe a maior parte d'aquella rica maquia de 7:350 contos, *SETE MIL TRESENTOS E CINCOENTA CONTOS* para mais que não para menos, manigaciou então, com muito vivorio, morrorio, foguetorio e vinhorio, aquelle, patusquissimo comicio de Torres Vedras, em que entraram todos os *compadres* e todos os *comparsas*, aliás muitissimo bem ensaiados, o que não admira, porque até as mais caras revistas até agora montadas em Portugal nunca custaram coisa que se parecesse com *SETE MIL TRESENTOS E CINCOENTA CONTOS*, para mais que não para menos.

Esse comicio, em que o *bluff* attingiu proporções delirantes, a tecla de preferencia martelada foi aquella do vinho que, graças ao encendrado *patriotismo* e ao acrisolado *altruismo* do trio Malhou-Salles-Noronha passára de 22$00 a 40$00.

Nenhum d'aquelles senhores (qual historia!) quiz fazer uma negociata em que se comem, presumivelmente, *SETE MIL TRESENTOS E CINCOENTA CONTOS*, comprando vinhos a 40$00 e revendendo-os a 210$00. O que todos elles quizeram foi salvar a viticultura, a lavoura, a Patria, a Republica, a moral, o direito, a justiça e a civilisação! Está-se mesmo a metter pelos olhos, pois não está?!...

Que farça e que farçantes!

Pois tenham paciencia, mas ainda d'esta vez são os exportadores, nacionaes e estrangeiros, o commercio legitimo, os não privilegiados, que hão de ficar de cima.

E' vão-no ficar de modo a tapar de vez a bocca á torpe e desavergonhada mystificação contraria.

Elles, os *benemeritos, os patriotas*, as virgens por força maior das circumstancias e quasi martyres, affirmam que foram elles e não a eterna e insolismavel lei da offerta e da procura que fez pular o vinho de 22$00 para 40$00.

Pois então limpem-se aos varios guardanapos das seguintes declarações:

Declaramos que no ultimo trimestre do anno proximo passado comprámos aos srs. Antonio Ignacio Pereira, de Runa; Luiz Aniceto Boaventura e outros, de Torres Vedras, *350 pipas de vinho ao preço de 37$50 cada pipa de 500 litros.* A Antonio Caetano Parreira de Carvalho, Ignacio José Alves e outros, de Torres Novas, e á Ricardo Joaquim de Oliveira, de Santa Cita, Thomar, *350 pipas ao preço de 37$50 por pipa* e ainda a Rodrigues & C.ª, de Leiria, *300 pipas ao mesmo preço.*

(a) *José Ferreira Martins, Limitada* de Lisboa

Declaramos que no ultimo trimestre do anno passado comprámos aos srs. Gomes & Commandita, de Santarem, *220 pipas de vinho da colheita de 1917, ao preço de Esc. 38$00 por pipa de 442 litros (Seja 43$00 por pipa de 500 litros)*; a Manuel Antonio da Silva Monga, do Sanguinhal, 1:250 quartolas, ou sejam *1.753 pipas de vinho da colheita de 1917 ao preço de Esc. 40$00 por pipa de 442 litros. Seja 45$24 por pipa de 500 litros.*

(a) *Piccapane Frères* de Lisboa

Declaramos que no ultimo trimestre do anno passado comprámos aos srs. Virgilio Roquette Costa *200 pipas a 38$50 cada pipa*; a Roquettes & Vianna, Limitada, *400 pipas a 39$50*; a Manuel Duarte de Oliveira, *1.560 pipas a 35$50*; a Henrique & Gomes, *1.550 pipas a 35$50*, além de muitos outros que achamos desnecessario enumerar.

(a) *Abel Pereira da Fonseca, Limitada* de Lisboa

Declaro que no ultimo trimestre de 1917 comprei aos srs. Francisco São Boaventura, do Ramalhal, *100 pipas de vinho tinto a 37$50.* A Henrique Mendes, da Figueira da Foz, *160 pipas ao mesmo preço*; á Viuva Avellar Machado, de Chão de Maçãs, *10 pipas ao mesmo preço*, por pipa de 500 litros, e vinho da colheita de 1917. *Comprei tambem muito vinho branco a preço superior ao indicado acima.*

(a) *Mario C. Feio* de Lisboa

Declaramos que comprámos no ultimo trimestre de 1917 os seguintes vinhos: A Manoel Marques Ferreira, Limitada, Antonio Salvador, José Pinto Barreiros, dr. José Lobo e Quinta da Torre, todos da região de Alemquer, ao preço de *40$00 por pipa de 500 litros*; a Diamantino José das Neves, de Almeirim, a Ferreira & Antunes e José Manoel Ferreira, de Torres Novas, *ao mesmo preço.*

(a) *Sociedade Vinicola Sul de Portugal Limitada*

Participamos a V. Ex.ª que no ultimo trimestre de 1917 comprámos vinhos ao preço de *37$50 por pipa de 500 litros*, o que poderemos provar com a nossa escripta.

(a) *Affonso & C.ª*

Declaramos ter comprado no principio de outubro do anno findo ao Ex.mo Sr. Antonio Francisco Ribeiro Ferreira cêrca de *5.000 pipas de vinho da sua colheita* ao preço de 31$50 por 442 litros ou *seja 35$63 por pipa de 500 litros*; mais declaramos que comprámos ao Commendador Avelino Nunes de Carvalho a sua colheita de vinho de 1917 em abril do corrente anno ou seja já depois de vir a lume o celebre contracto dos Syndicatos e fizemol-o porque o commissario n'esta compra Sr. Manoel Victorino de Miranda nos declarou que aquelle senhor *não queria nada com os Syndicatos*, textual.

Não podemos deforma alguma suppôr que o Sr. Miranda mentiu ao fazer-nos aquella affirmação, não só porque ha muitos annos, na sua qualidade de commissario, connosco trata e sempre o considerámos honesto e serio, mas ainda porque o proprio preço da compra,—*Esc. 1$50 por 20 litros posto na estação de Torres Vedras*, quando o preço dos Syndicatos era superior, justifica aquellas palavras.

Nós não sabemos classificar o acto de quem, conhecendo-nos de ha muito como exportadores de vinhos, depois de nos vender o seu vinho, pretende a todo o transe impedir-nos que o exportemos. Sabemos entretanto registal-o, como prova da decadencia moral de quem, pela sua educação, nos era licito esperar outra forma de proceder.

(a) *J. T. Pinto Vasconcellos Limitada*

E agora, para fechar com chave de ouro saibam quem é esse senhor Commendador Francisco Avelino Nunes de Carvalho, que, já na vigencia dos contractos Federação-Malhou e *por nada querer com os dictos, vendeu á firma J. T. Pinto Vasconcellos, Limitada, por preço inferior ao do mercado*, o seu vinho?!...

Querem saber quem é esse senhor, que depois de vender o seu vinho áquella firma, *que lh'o pagou*, pretende agora impedil-a de o exportar?!...

Querem saber quem é?

E' o proprio *PRESIDENTE DO SYNDICATO AGRICOLA DE TORRES VEDRAS!*

Depois d'isto... bolas!

Depois d'isto... o Diluvio!

ULTIMA HORA

NOS DEPUTADOS

Ao começo da sessão, trocam-se explicações entre o sr. presidente e o sr. Sousa d'Almeida a proposito d'uma local hontem publicada pelo jornal de que esse deputado é director, explicações com que o sr. presidente se dá por satisfeito.

Tambem pelo sr. presidente é chamada a attenção da Camara para um projecto readmittindo os officiaes expulsos do exercito, apresentado pelo sr. Teles de Vasconcellos. E' admittido á discussão.

E' lido o projecto apresentado pelo sr. ministro do interior, relativo á accumulações. O sr. Alberto Navarro declara que a minoria monarchica approva.

Tem a palavra para tratar em negocio urgente da questão dos grêves do porto de Lisboa, o sr. Costa Lobo.

A paralysação do trabalho no porto de Lisboa põe em graves dificuldades o governo e a população, porque, entre outros inconvenientes que aponta, tem o de difficultar o desembarque de abastecimentos. Pergunta ao sr. secretario do interior como tenciona o governo pôr termo a esse estado de coisas. Não pretendo ser desagradavel ao operariado, mas entendo que este não tem o direito de collocar a população em geral em circumstancias que a impeçam de alimentar-se. Affirma que o problema das subsistencias está dependente do desembarque de generos que, com as grêves não pode fazer.

O sr. secretario do interior diz que a questão estará brevemente resolvida com o estabelecimento de armazens municipaes e que as grêves teem de acabar.

Falam os srs. ministro da instrucção, Carneiro Pacheco que apresenta dois projectos de lei, um no sentido de normalisar o prazo de validade das leis, e outro á alteração d'ellas, sem a auctorisação parlamentar.

O sr. Egas Moniz propõe que a sessão seja addiada para 4 de novembro do corrente anno e que na proxima segunda-feira se effectue uma sessão conjuncta das duas casas do parlamento. Varios deputados das minorias pedem a palavra para discutir essa proposta, mas o sr. Egas Moniz requer urgencia e dispensa do regimento (Approvado).

São cinco horas da tarde. E' dada a palavra ao sr. Antonio Cabral que faz considerações sobre a suspensão dos trabalhos parlamentares que julga descabida.

POLITICA

A crise parece definitivamente comprovada—Noticias da Republica Novissima—Addiamento do Congresso e suspensão do direito á grève—A revisão constitucional

As ultimas noticias dão como atestada, mas não por muito tempo, a hypothese d'uma crise politica, determinada pela incompatibilidade entre o Parlamento e o sr. ministro da Justiça.

Como é sabido, o sr. Osorio de Castro enviara ao directorio do P. N. R. o pedido de demissão, fundamentando na opposição que, principalmente por parte dos parlamentares «centristas», lhe era feita nas duas casas do Parlamento. O Directorio communicou, em resposta, que recusava o pedido, continuando a considerar o sr. Osorio de Castro como um dos seus mais valiosos e prestantes correligionarios. Ao mesmo tempo, manifestava a opinião e o empenho de que o sr. Osorio de Castro não devia abandonar a pasta da Justiça.

A avaliar pela apparencia, o conflicto tomará agora uma outra feição, a não ser que os elementos «centristas» do P. N. R. incondicionalmente se submettam á situação creada por esta resolução do Directorio. Se bem que esta hypothese não pareça a mais provavel, convem não esquecer que, em politica, é, muitas vezes, o illogico que vem a realisar-se.

Temos noticias da Republica Novissima, que se approxima, á medida que os dias vão passando. A nomeação d'um Alto Commissario para o Porto não deve ser estranha á nova modalidade que se pretende imprimir na politica nacional. Uma parte do discurso pronunciado por esse funccionario, na occasião da posse, vae publicado n'outra columna d'este jornal.

Os trabalhos parlamentares vão ser addiados para 4 de novembro e annuncia-se que o sr. ministro do interior está na intenção de suspender, durante o tempo da guerra, o direito á grève.

No interregno parlamentar as commissões eleitas no Congresso tratarão a revisão das leis promulgadas em dictadura, e tambem, como é natural, da Constituição de 1911.

Um discurso do Alto Commissario da Republica, no Porto

Chegou ao Porto e tomou posse um Alto Commissario, nomeado pelo governo da Republica para governar a cidade, o districto ou todo o norte do paiz. A extensão territorial dos poderes do Alto Commissario não é, por nós, sufficientemente conhecida. A noticia da sua nomeação foi, também, surpresa.

O Alto Commissario é o sr. major Alberto Martins de Menezes. Os seus poderes parecem illimitados, a avaliar por este extracto do seu eloquente discurso, pronunciado por occasião da posse:

«Sou, no emtanto, militar e se depois de usar d'estes processos leaes e attenciosos, que reputo sensatos, me corresponderem com bombas, revolução, grêves, comicios, assaltos e tudo mais que ha tanto tempo nos traz sobresaltados, irritados e mal dispostos com constantes prevenções e incommodidades, não poderei, por mim, que me sinto mal correspondido e auxiliado pelo publico, que está desassocegado, pelo exercito, que se sente aborrecido e irritado, permittir a continuação d'esse mal e para lhe pôr um termo final, empregarei a minha actividade e desembaraço, parecendo-me que, com lição memoravel, acabarei, talvez, para sempre, com essa situação desagradavel e insustentavel de ha tempos para cá.

Parece-me ter sido claro e devemos estar entendidos. Para nossa tranquillidade já basta termos tantos portuguezes, nossos irmãos, batendo-se em França e Africa, e dia a dia outros vão substituir os que tão honradamente morrem defendendo a Patria.

Nós, que cá estamos, temos o sagrado dever de lhes preparar no paiz as condições de segurança e bom viver para quando voltarem cançados de luctar pela Patria, e encontrem por nós cultivada e florida, o descanço, o conforto, a paz e alegria a que teem direito.

POEIRA DA ARCADA

Carregamento de bacalhau

Entrou hoje no nosso porto um navio inglez com carregamento completo de bacalhau para Lisboa.

Pedido de inquerito

O capitão de mar e guerra sr. Annibal Oliver requereu um inquerito aos seus actos, como director dos serviços maritimos do Arsenal. O pedido foi deferido, sendo nomeado para proceder a esse inquerito o official de egual patente sr. Pereira Nunes.

Cruzador «Adamastor»

Telegramma recebido na secretaria de Estado da marinha diz que se verificou carecer o cruzador «Adamastor» de importantes reparações, pelo que terá de dar entrada n'um porto inglez da Africa Oriental.

Echos & Noticias

FALLECIMENTOS

Falleceu a sr.ª D. Ritta Antunes Borralho, mãe do compositor typographico sr. Manuel Borralho, realisando-se o seu funeral amanhã, ás 10 horas, do bairro Estrella d'Ouro, á Graça, lettra G, para o cemiterio oriental.

Feridos do 5 de Dezembro

Tiveram hoje alta da enfermaria n.º 5 do hospital de S. José o cabo marinheiros n.º 905, José das Neves; Manoel Cunha, marinheiro n.º 3.124 e Armindo Barradas, soldado n.º 563, da 8.ª companhia de infantaria 5, feridos por occasião dos acontecimentos de 5 de Dezembro—o primeiro a bordo do *Vasco da Gama*, o segundo no Rato e o terceiro na rua da Palma.

Monsenhor Ragonesi envia saudações ao sr. Egas Moniz

Chegou a Hespanha Monsenhor Ragonesi que, ao deixar Portugal, enviou de Valença o seguinte telegramma ao sr. Egas Moniz:

«Muito reconhecido aos cheques de v. ex.ª e aos seus grandes e felizes trabalhos pelo restabelecimento das relações entre a Santa Sé e este paiz tão digno d'um glorioso futuro. Envio a v. ex.ª meus cordiaes cumprimentos de despedida e a sua Ex.ma esposa minhas respeitosas homenagens.—Monsenhor Ragonesi».

Jardim Zoologico

No mez de julho ultimo, entraram no Jardim Zoologico 16:202 visitantes, e nos 7 mezes decorridos d'este anno 94.098.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

SOCIEDADE ESTENO-DACTILOGRAFICA PORTUGUEZA.—A commissão organisadora d'esta sociedade convida todos os interessados a tomarem parte na reunião que se effectua na proxima segunda-feira, na rua Antonio Maria Cardoso, 20, sendo como ordem dos trabalhos a discussão dos estatutos.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2357 — 9.º Anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Domingo, 4 de Agosto de 1918

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 — Preço 2 centavos

A Inglaterra na conflagração mundial

Passa hoje o quarto anniversario da entrada da Inglaterra na conflagração europeia. A sua intervenção no conflicto, pelas razões de ordem moral que a motivaram, será para todo o sempre um titulo de gloria para a nobre nação britannica. Foi ella a primeira a ferir a nota do direito, ultrajado e ameaçado pelo espirito de conquista. D'essa data em deante, rios de sangue inglez teem corrido para affirmar essa doutrina salvadora, sem a qual não ha equilibrio nem segurança nem tranquilidade nas sociedades modernas.

Os allemães tinham invadido a Belgica, nação absolutamente neutral, e cuja neutralidade estava assegurada por um pacto que a propria Allemanha firmara com outros Estados. Mas emquanto a Inglaterra se considerava obrigada a affrontar as maiores contingencias para honrar a sua firma, a Allemanha não duvidava considerar o documento que assignara como um d'esses despreziveis farrapos de papel que o seu chanceller, dentro em pouco, em pleno parlamento do seu paiz, não hesitaria em apontar como inutilidades ridiculas, quando um grande pensamento de ambição imperial se apresta para levar tudo de vencida, não escrupulisando em nenhum meio de o conseguir.

E em torno d'esta questão do direito prevalecendo sobre a força ou da força prevalecendo sobre o direito se tem travado e continua a travar a maior lucta que o mundo tem visto. Dentro d'esta formula estão todos os aspectos da guerra. A existencia das pequenas nacionalidades, o conflicto da democracia e da autocracia, a supremacia do poder civil ou o predominio da classe militar, tudo isso não representa mais do que esse combate encarniçado entre os principios do direito puro e as arrogancias exclusivas da força. A guerra é muito mais uma guerra de ideias do que um duello travado entre canhões.

Este caracter da lucta chocou a consciencia de todos os povos livres. Na realidade, tratava-se e trata-se d'uma questão essencial. O mundo tem de saber se viverá livre ou se será escravo. Foram postas em chéque as mais bellas civilisações do globo. Ninguem podia conservar-se indifferente perante semelhante collisão.

Pela nossa parte, vimos logo a situação que inevitavelmente a guerra preparava a Portugal. Pertenciamos á civilisação mais directamente atingida. Pertenciamos ao systema de democracias mais evidentemente alvejado. Da resolução da guerra dependeria o destino dos nossos ideaes, a sorte das nossas liberdades. Mas havia mais: Eramos e somos uma potencia colonial, cujos principaes dominios ha muito vinham sendo cobiçados pela Allemanha. A sua victoria seria a perda das nossas colonias. Mas havia mais: eramos e somos os mais antigos alliados da Inglaterra, e a Inglaterra, n'um gesto heroico, mas medindo bem todas as consequencias d'este gesto, que a collocava em frente da maior potencia militar do mundo, acabava de entrar na lucta, seguindo-lhe logo o exemplo um outro seu alliado, o Japão.

A extensão do conflicto que primeiro parecia restringido ao rompimento entre a Austria e a Servia foi devido á rêde das allianças a que pertenciam esses paizes. Por causa da Austria entrou a Allemanha na guerra; por causa da Servia, entrou na guerra a Russia. Por causa da Russia, entrou a França. Foi este o aspecto inicial da guerra.

Portugal tinha de entrar na guerra, e como tanto os seus interesses como as suas aspirações o levariam para o lado da Inglaterra, desde o primeiro dia comprehendemos que era impossivel a nossa neutralidade. A Inglaterra assim o comprehendeu tambem, e tanto assim que, como já não é segredo para ninguem, pouco mais de dois annos após a sua entrada na guerra, já solicitava o concurso dos nossos armamentos e dos nossos soldados. Póde dizer-se que, de facto, Portugal não esteve nem uma hora em situação de neutralidade, tal como o direito internacional a define.

Entraram na lucta os povos alliados. Depois, entraram na lucta povos que não eram a isso obrigados por quaesquer compromissos, mas que comprehenderam a impossibilidade de não tomar partido n'uma guerra de que dependem os destinos de todos os povos. O quinto anno de guerra abre-se tendo tomado partido, por um ou outro dos grupos belligerantes, quasi todas as nações do globo. Assim tinha de ser forçosamente.

Mas pode dizer-se que foi a Inglaterra que apresentou a formula mais poderosa para abalar a consciencia da humanidade, e por isso é justo sempre, e ainda mais n'este dia, accentuar que a sua intervenção foi decisiva.

A guerra

A guerra aerea

Uma aguia contra um aeroplano

BERNE, 2.—Dois officiaes que, pilotando um aeroplano, fazem o serviço postal entre Vienna e Budapest, acabam de passar por um transe cheio das mais vivas emoções.

Conta o facto o «Hamburger Fremdenblatt», a quem foi narrado pelos dois militares.

No transcurso da sua viagem o apparelho foi subitamente atacado por uma aguia de grande tamanho, a uma altura de 700 metros.

Em attitude aggressiva, a ave de rapina procurou approximar-se dos costados do aeroplano, que n'esse momento voava a uma velocidade de 120 kilometros á hora.

A aguia debatia-se furiosa, descrevendo circulos no ar, mas sem se decidir a cahir sobre os aviadores, que não se atreviam a disparar contra ella para não a excitar mais, caso errassem os tiros.

Parece que o rodomoinho de ar causado pela marcha da machina deteve durante algum tempo as accommettidas da aguia. Por fim, decorridos alguns minutos, lançou-se como uma flecha sobre a helice, cahindo mortalmente ferida.—(Correspondente).

De todo o mundo

Troca de saudações entre Brazil e Portugal

RIO DE JANEIRO, 3.—Tendo o dr. Sidonio Paes enviado um telegramma de saudações ao dr. Wenceslau Braz, presidente da Republica, pelo motivo da chegada da esquadrilha brazileira á zona de guerra, o chefe da nação brazileira [illegible] Republica Portugueza e pela victoria dos alliados.—(Americana).

O trabalho nas fabricas Krupp —Contra os operarios que não são allemães

LONDRES, 2.—O correspondente do «Daily Express», em Amsterdam informa que, segundo narrativas dos operarios hollandezes que regressam de Essen, as operarias das fabricas combinaram não deixar trabalhar mais nenhum operario de paizes neutraes nas fabricas Krupp, senão depois de terminada a guerra.

Quando chegou a ultima leva de operarios hollandezes a Essen, deram-se scenas violentas. Milhares de mulheres allemãs agrupadas nas cercanias da estação apedrejaram os viajantes, gritando:

«—Morram os neutraes que veem substituir os nossos homens».

Com effeito por cada operario neutral empregado nas fabricas Krupp é enviado um operario allemão para a frente, motivo por que as mulheres estão resolvidas a apedrejar todos os hollandezes que se dirijam a Essen, e como a policia é hoje a decima parte do que era em tempo de paz não tem força para reprimir taes desordens.—(Correspondente).

Mercados fechados

LIVERPOOL, 3.—Os mercados estão fechados até terça-feira.—(Havas).

CONFERENCIA INTER-ALLIADOS

Homenagem a um dos delegados portuguezes

O nosso illustre amigo sr. dr. Aurelio da Costa Ferreira recebeu de Paris, enviado pelo nosso collega de redacção José Pontes, o seguinte telegramma:

«PARIS, 27.—As sessões da Conferencia teem sido importantissimas, com a assistencia de numerosos delegados. Foi reeleito vice-presidente.

Deram-se algumas mudanças no «bureau». Na terça-feira, reunem de novo os delegados».

Mais uma vez Portugal foi honrado na pessoa d'um dos seus mais distinctos delegados. E' com verdadeiro orgulho que registamos o facto.

A crise alimenticia na India portugueza

O «Heraldo», de Nova Goa, diz que, por estarem abarrotados de mercadorias os armazens de Mormugão e os terrenos adjacentes se encontrarem egualmente cheios de lenha que se destina a Bassorá, foi prohibida a sahida dos generos, que, indo consignados da metropole aos negociantes da capital da India Portugueza, se acham detidos em Bombaim, onde chegaram por via de Lourenço Marques.

D'ahi vem a crise que aquella nossa possessão atravessa, a determinante da alta de preços de tudo quanto é mais necessario á vida.

Esperam os indianos que o nosso governo insta com o governo visinho para que se arredem os empecilhos, que mal se justificam desde que esses generos são para a India.

Commenta o «Debate», de Nova Goa: «E já que não são poucos os entraves que de quando em quando surgem para a importação de generos da India Britannica, não vamos agora supportar, resignados, os que se erguem para que entre o que é nosso em nossa casa, por causa dos outros».

Ao leitor d'A CAPITAL

Depois de lido, enviar este jornal á *Junta Patriotica do Norte* (Paços do Concelho — Porto), a fim d'esta o mandar para os nossos soldados no «front».

POLITICA

O manifesto do Partido Republicano Portuguez — A'cerca d'elle não foi ouvido o sr. Affonso Costa—Esphynge ou quê?...—A crise de gabinete resolvida, a curto praso, por armisticio forçado...

Deve ser depois de amanhã lançado a publico o manifesto do Partido Republicano Portuguez. Este acto politico é o primeiro resultado pratico dos trabalhos realisados junto do Directorio pelos delegados do partido, os srs. Ramada Curto, Augusto Soares e Barbosa de Magalhães.

O manifesto é um documento cuidadosamente redigido, versando todas as questões que interessam a opinião publica, no actual momento historico.

Trata, em primeiro logar, da campanha de desmoralisação politica e mesmo pessoal contra alguns homens eminentes do P. R. P., fazendo resaltar a circumstancia de que, em appoio á versão dos erros politicos e factos criminosos imputados a essas personagens, nenhuma prova ou simples indicio de valor foi deduzido, por quem tinha o dever de o fazer. O manifesto tende, pois, a fazer ricochetear sobre os actuaes dominantes as accusações de que elles se fizeram gratuitos agentes.

Outros assumptos são em seguida tratados, com desenvolvimento, no manifesto.

A questão internacional concretisada, especialmente, na comparticipação armada de Portugal na guerra—é analysada sobre os seus diversos aspectos: os problemas financeiro, economico e religioso merecem, tambem, especial attenção; o perfeito equilibrio dos diversos partidos constitucionaes é reconhecido como de urgente necessidade.

Segundo informações que obtivemos e a que ligamos credito, o sr. dr. Affonso Costa, chefe do democratismo, foi com- [illegible] o lançamento do manifesto, as ideias n'este expressas e até mesmo á sua redacção. O ex-chefe do governo conserva-se no estrangeiro, mantendo um silencio esphyngico acerca da politica portugueza. Esta attitude, que muito tem desgostado os seus amigos, não encontra facil explicação, conhecido como é o temperamento fogoso do sr. Affonso Costa. As versões explicativas são, pois muitas e variadas. Não queremos d'ellas fazer-nos echo.

E' positivo que a maioria não renovará os ataques parlamentares ao sr. ministro da justiça. Os «centristas», principaes oppositores, estão persuadidos de que a vida ministerial do sr. Osorio de Castro será curta, porque consideram a sua posição insustentavel dentro do P. N. R., qualquer que seja a resolução final do Directorio acerca do pedido de irradiação formulado pelo secretario de Estado em foco.

Examinada a questão sob o ponto de vista restricto da confiança presidencial, tambem os «centristas» (ou a maioria parlamentar, se assim o quizerem) suppõem que o chefe do Estado não levará até ao infinito a sua benevolencia com o homem publico que desmereceu, pelo menos em grande parte, da confiança do parlamento.

Por agora, estabeleceu-se uma especie de armisticio. Quantos dias durará elle, contados do primeiro dia do addiamento da sessão legislativa?...

A favor dos Mutilados

Um agradecimento do director do Instituto Militar de Arroyos

Do distincto clinico e nosso amigo sr. dr. A. Tovar de Lemos, director do Instituto Militar de Arroyos, recebemos a seguinte carta:

Sr. director do jornal «A Capital»—Meu muito presado amigo—Muito lhe devem os nossos mutilados da guerra, pela campanha que em seu beneficio tem mantido o seu jornal, muito em especial pela penna brilhante do nosso amigo dr. José Pontes, que conseguiu crear entre nós uma corrente de simpathia por esses bravos que se inutilisaram na guerra, e cujos resultados se affirmam na forma cheia de civismo como accorrem os donativos para o Instituto de Santa Izabel, instituição modelar da Casa Pia de Lisboa, dirigida pelo meu bondoso collega dr. Aurelio da Costa Ferreira.

A commissão organisadora das festas de sport a favor dos mutilados, promovidas pelo jornal «A Capital», e por intermedio da sua secção sportiva, teve a gentileza de distribuir a receita pelos dois Institutos, o de Santa Izabel e o de Arroyos, cabendo a cada um 1.044$04,5.

Pouco acostumados estamos, ali n'aquelle rincão, onde se está trabalhando muito, a receber donativos, pelo que não posso deixar de, penhoradissimo, agradecer o seu generoso auxilio e felicital-o pela sua iniciativa de fazer acordar os corações portuguezes incitando-os ao cumprimento d'um elevado dever. Não é que não saibam sentir, nós que somos tão affectivos, mas o desinteresse é tão grande, o egoismo tão pasmoso, que o necessario é fazel-os sahir da sua gelidez. Depois, se a alma portugueza se sentir tocada por esse sentimento de generosidade, iremos até ao excesso, por pouco tempo é certo.

Aproveitemos e saibamos conduzir as boas virtudes do nosso povo.

Em nome pois dos mutilados ahi internados, o maior dos nossos agradecimentos.—A. Tovar de Lemos, director do Instituto Militar de Arroyos.

Effeitos da paz allemã na Russia

Segundo um telegramma de Londres, o general Sukhomlinof, ex-ministro da guerra da Russia, acceitou o logar de porteiro e sua esposa o de vendedora de programmas de cinematographo.

E' estupenda essa Russia vertiginosa em suas transformações constantes e ineditas.

Pobre Russia! Pobres russos!

POR DESFASTIO...

Uma prisão arbitraria

Onde se mostra a influencia d'um fumador de tabaco hollandez

Nm dia d'estes, n'uma tabacaria d'esta cidade, entrou um sujeito—que não sabemos quem era, nem isso interessa para o caso—e pediu:

—Um maço de tabaco hollandez.

O empregado podia dizer-lhe claramente que não tinha, se o animasse, por qualquer má vontade, o proposito de não servir o freguez. Mas não. Preferia explicar-lhe que possuia á venda outras marcas de tabaco, e que do hollandez só tinha uma pequena porção reservada para compradores da casa, por ordem do gerente do estabelecimento.

O sujeito irritou-se, discutiu o direito que o empregado tinha de obedecer ou não ás ordens do seu superior e terminou as duas considerações com esta ameaça:

—Pois vamos a vêr se vende ou não vende...

Passados poucos minutos, voltou, acompanhado d'um policia, que ouviu a narração do caso e não soube que voltas lhe deveria dar para satisfazer o desejo do pretendente de tabaco hollandez. Sahiram os dois do estabelecimento, parecendo que tudo estava arrumado, conformando-se o fumador com a simples visita que o guarda tinha feito.

Passaram-se mais uns minutos e o agente da ordem fez nova apparição, dizendo ao empregado que o acompanhasse ao governo civil para lá apresentar as suas razões. O empregado pegou no chapeu e dispoz-se a seguil-o. Já na rua, o guarda explicou-lhe:

—O senhor vae preso.

—Preso? Porquê?

—Não sei. Mandaram-me cá prendel-o. Não vendeu o tabaco hollandez áquelle sujeito...

Assim foi. Levaram-no para o governo civil e metteram-no dentro do calabouço n.º 3, d'onde transitou, pela intervenção de varios amigos, para outro aposento menos repugnante E ali esteve preso cêrca de 24 horas!

Esta curta historia prestava-se a variadas considerações, em que se salientasse, por exemplo, como a liberdade d'um cidadão está dependente dos caprichos ou da influencia d'um sujeito que fuma tabaco hollandez—não havendo lei que considere o tabaco como artigo de primeira necessidade, não estando regulamentada nem imposta a sua venda. A todas os indignadas considerações que poderiamos fazer preferimos a singela narração do caso. O leitor que faça os commentarios, se entender que vale a pena. Se não, faça como nós: passe adeante e não perca mais tempo a meditar na historia.

Portugal na guerra

Mas que foi, afinal, o que a Inglaterra nos pediu?...

Encontramos hoje, no jornal presidencial «A Situação», alguma coisa, que vagamente pode responder á segunda pergunta formulada pelo sr. Mello Vieira na Camara dos Deputados. Eis o que diz o nosso illustre collega:

«A proposta ingleza, formulada muito anteriormente ao 9 d'abril, foi acceite, como toda a gente sabe, tendo até isso dado logar aos ataques que do estrangeiro o sr. Norton de Mattos dirigiu contra o actual governo».

Essa proposta ingleza, segundo a resposta que alguns jornaes attribuiram ao sr. ministro da guerra, mas que «A Situação» não reproduziu, porque, propositadamente, omittiu, na sua reportagem da sessão parlamentar, a parte que se referia á continuação da nossa participação na guerra segundo o criterio do sr. Amilcar Motta, ex-chefe de Estado maior d'uma divisão do exercito e actual secretario de Estado da guerra,—essa proposta ingleza, repetimos, consiste em se manter uma divisão portugueza no «front» e uma outra na retaguarda, de reserva.

A avaliar pelo espirito da prosa de «A Situação», e não pela sua redacção litteral, que, de proposito ou não, é extremamente confusa, o governo do sr. Sidonio Paes teria aceite o pedido ou a indicação do governo britannico.

Admittindo que assim é—e á «Situação» pertence dizer a ultima palavra...—temos forçosamente de admittir que mais tropas irão juntar-se ás que combatem em França. Mas se o proprio titular da pasta da guerra confessou que ainda não foi possivel executar, mesmo parcialmente, o decreto do «roulement»?...

O momento é, emfim, extremamente obscuro. «A Situação» tem, porém, elementos para o poder esclarecer. A questão é querer ou... poder!

Reproduzimos, pois, novamente, as duas perguntas formuladas pelo sr. Mello Vieira na Camara dos Deputados, ao fazer a sua interpellação ao sr. ministro da guerra:

1.ª—Quaes os responsaveis pela desorganisação inicial e continuada do C. E. P.?

2.ª—Serão enviadas mais tropas para França?

A primeira pergunta teve uma resposta qualquer, que interessa ao passado, que não ao presente. Mas a segunda? Quer ou não quer dar-lhe clara e insophismada resposta o diario presidencial «A Situação»?...

PORTUGAL E BRAZIL

A festa de homenagem a Navarro da Costa

Quando ha cerca de dois annos, depois de uma longa permanencia no Brazil, regressei a Lisboa, attrahiu-me a attenção e espontaneamente conquistou o meu espirito e o meu carinho uma insinuante figura de brazileiro que o nosso meio artistico acabava de conhecer tambem com admiração e com ternura. Temperamento vibrante sensibilidade profundamente emotiva, gestos irrequietos e nervosos, alma alada a grandes vôos de artista, mas, ao mesmo tempo, com ingenuidades limpidas de creança—esse camarada e logo amigo, encarnando bem as altas virtudes e fraquezas sympathicas da psychologia brazileira, não podia deixar de vir suavisar, ao seu espiritual convivio, as saudades intensas que me marejavam o coração de lagrimas, desde que um transatlantico hollandez, n'uma manhã pura de maio, me arrancara á formosissima bahia de Guanabara...

E' que em Navarro da Costa, na sua emotividade apaixonada e na sua bondade roçando a candura, eu via todos aquelles rapazes intelligentes e bons, affectivos e generosos cujo convivio me foi facultado o prazer de experimentar durante cerca de tres annos de trabalho jornalistico no Rio de Janeiro. Mas os laços fortes que me haviam de prender ao nosso gentilissimo hospede, não se limitaram sómente a essa reminiscencia e a essa saudade, a essa camaradagem e a essa excellente amizade. Quando contemplei as suas telas, quando os seus trechos campesinos e as suas deliciosas marinhas feriram os meus olhos de luz e de côr, de rythmo e de harmonia eu saudei em Navarro da Costa o representante illustre d'essa arte moça que é a arte do Brazil—mas em cuja mocidade vigorosa e bizarra os nossos olhos fatigados de europeus põem as esperanças frementes de um futuro glorioso, em que os dois povos irmãos hão-de fulgurar e completar a sua bella obra de fraternidade.

O distincto pintor vae partir para o Brazil, dentro de poucos dias. Nada, na verdade, mais justo, nada na verdade que melhor correspondesse ao cumprimento de um dever, do que a festa que um grupo de jornalistas e de artistas, offereceu, hontem, em sua honra, no Chiado Terrasse. Pode dizer-se que na organisação d'essa homenagem collaboraram representantes de quasi todos os jornaes de Lisboa, das mais diversas facções politicas, que talvez pela vez primeira se solidarisaram na mesma communhão de votos, aspirações e de ideas em que o nome do Brazil ficou carinhosamente envolvido. O elegante salão do Chiado Terrasse encontrava-se litteralmente cheio, vendo-se nos balcões, ao centro o illustre embaixador do Brazil e os seus secretarios, bem como todo o pessoal do consulado. Entre a assistencia via-se largamente representada ainda a colonia brazileira, destacando-se o eminente jurisconsulto dr. Mello de Mattos e outras individualidades illustres.

Abriu a «matinée» a nossa querida camarada sr.ª D. Virginia Quaresma que, n'uma rapida mas vibrante alocução, uniu os nomes de Portugal e do Brazil n'uma oração fremente de sentimento. Referindo-se a Navarro da Costa, fel-o com o enthusiasmo e a amizade que nos prendem—a todos nós—ao distincto brazileiro, tendo palavras commovidas de reconhecimento para a sua grande obra em favor da approximação luso-brazileira. Em seguida a esta saudação que o auditorio cobriu de repetidas salvas de palmas, deu-se execução ao programma que foi deveras brilhante e marcou um dos mais requintados acontecimentos de arte, ultimamente surgidos no nosso meio. O barytono Antonio Caldeira que além de possuir uma voz bella e com uma magnifica escola, é um artista cheio de expressão e de emotividade, cantou, com justeza e alto relevo, varios trechos de opera e varias canções populares brazileiras e «lieders» portuguezas, tendo conquistado, na tarde de hontem, mais um triumpho na sua carreira de artista. A sobriedade dos gestos, a nobreza da apresentação, a discreção delicada nos processos artisticos—dão-nos a plena garantia de um concertista harmonico e completo e que, em breve, devemos ver triumphar nos paizes estrangeiros que se propõe percorrer.

Izabel Fragoso, a illustre soprano lyrico, foi a artista deliciosa de sempre, cantando, com geral agrado, trechos do «Barbeiro de Sevilha», da «Traviata» e ainda o duetto do 2.º acto da opera «Traviata» com Antonio Caldeira e no qual os dois artistas se houveram com grande correcção e brilho.

Foram recitados versos de Raymundo Correia, de Gonçalves Crespo e de Olavo Bilac por Palmyra Torres, Carlos Santos e Henrique de Albuquerque que os disseram á altura dos seus reaes meritos de artistas.

Rematando esta noticia, indispensavel se torna uma referencia a Samuel Diniz que cantou varias «romanzas» com alma e com verdadeira intuição artistica.

Foi distribuido pela assistencia um soneto, impresso em papel «couché», e original do nosso distincto collega na imprensa Mario Salgueiro.

"As grandes batalhas"

Vae a **Capital** *iniciar brevemente a publicação da admiravel obra que o eminente escriptor* **Julio Dantas** *escreveu expressamente para o nosso jornal.* **As grandes batalhas**, *que irão renovar o immenso triumpho da* **Patria Portugueza** *e do* **Amor em Portugal no seculo XVIII**, *serão opportunamente annunciadas e hão de constituir, sem duvida, um dos grandes acontecimentos litterarios do anno corrente.*

Cartas de França

Terra de ninguem!

Um dia radioso de primavera ergue-se sobre a terra de ninguem. A purpura incendeia os largos horisontes e a tragica, funebre payzagem, onde centenas de milhares de homens se escondem em galerias de toupeiras, explende na luz matinal. Um fio cinzento de agua torcicóla em meandros atravez os montes ligeiros. E' o Somme, o rio de gloria e de sangue. Em derredor, toda a terra é parda, quasi negra, uma immensa escumadeira, uma perspectiva sem fim de covas de lobo onde, de quando em quando, uma cratéra aberta por um morteiro pesado abre o seu funil tenebroso, forrado de pedras e de estilhaços de ferro. Longe, quasi no horisonte, quatro arvores recortadas no espaço azul dobram com anciedade, curvadas a todo o instante pelo sopro rijo da ventaneira que passa. Desolação nua, absoluta desolação a d'aquella terra ensoalhada e deserta, ondulando em linhas de leiva avermelhada, largo oceano cujas vagas fossem de repente solidificadas para se conservarem immoveis para todo o sempre. A phantasia de Gustavo Doré nunca idealisou uma payzagem assim.

Aquella terra de ninguem, aquella terra que nem mesmo é de quem a pisa, aquellas ruinas disputadas passo a passo, pollegada a pollegada,—tem a grandeza lancinante de quem envelheceu entre devastações e constantemente soffreu com a abominação dos homens. Despida de toda a verdura, como uma antiga avó desprezada de toda a mocidade, por sobre ella, sempre, a todos os instantes, passou a torrente pavorosa do crime e sempre, sobre os seus velhos membros, se degladiavam a ambição, a cupidez dos fortes. Não ha terra mais sagrada, não ha terra mais repleta de tradicções. Ainda nos limbos da historia, quando era ainda uma bruma confusa, ultima Thule, sentinella avançada dos pantanos da Hollanda, já era terra de terror e terra de desolação, embuçada na capa verde das florestas, impassivel perante os ritos sanguinarios, povoados de ermidas e de carvalhos dez vezes seculares, onde os sacerdotes de Tarann, deus do ceu, motor do universo, espirito terrivel que lançava o seu trovão sobre os mortaes,—interpretavam agouros no palpitar das visceras. Depois Cezar talou-a, iniciou a destruição de aquellas Ardennes onde em cada ravina, em cada clareira, emquanto os aruspices interrogavam, gottejava o sangue vivo dos holocaustos, empapando-a, fecundando-a já, a preparal-a para o vagalhão dos barbaros, flagellos de Deus, macaréu immenso que durante seiscentos annos carreou a ruina, a morte, o crime, a força e o anathema. A velha terra palpitava já!

Palpitava já a velha terra! Sombria fronte, pomposa cortina de mysterio, vetustissima Austrasia onde rolavam lentamente os reis vagabundos na voluptuosidade dos carros merovingios, terra de Brunilda e de Fredegonda, do louro cavalleiro Parsifal e onde o grande rei Carlos Magno talhava imperios vibrando solidamente o seu montante aquitão. Terra onde já o sangue d'Affonso Henriques dominava, a terra do conde Fernando, soberbo senhor das Flandres, solo sacratissimo de Bouvines, berço do espirito nacional onde cahiu com a primeira lagrima dos humildes, o primeiro germen da liberdade dos homens. Como palpitava a velha terra! E por cada crime, uma communa erguia-se, por cada dólo um *beffroi* ameaçava os ares, levando ás nuvens os seus carrilhões d'alarme. Terra d'Amiens, terra de Beauvais, d'Arras, de Bethune, terra de Laon e de S. Quentin, épico torrão disputado por flamengos, borguinhões, hespanhoes, germanos, onde sempre brotaram as florescencias do sacrificio e das dôres, heroismos e abnegações, que deu Joanna Hachette e deu o Grand Ferré, amor, liberdade, justiça, piedade, orgulho, gritos, imprecações, patria viva, patria sublime, onde Monthlery cruzava os fogos com Pierrefonds e onde o senhor de Coucy, magnifico, feudal hieratico na sua grande dalmatica roxa, fazia a guerra de pendões ao vento, no estralejar das oriflammas, talando os campos de Borgonha onde os cães atassalhavam creanças! Como ella palpitava a dolorosa!

A dolorosa arfava! E sem repouso, sem tréguas, sempre os homens a trilharam, sempre os canhões rugiram por sobre ella. Ah! Velha terra, incomparavel terra de ninguem! No fragor coruscante das batalhas, entre bandeiras, entre glorias, passa o phantomatico cortejo dos superhomens, o que os seculos tiveram de melhor, de mais vibrante. Carregado de oiro, com a barbicha rala, o queixo de prognata, aquelle que levantou o pincel do Ticiano e venceu em Pavia, marcha para Gand. Em volta os homens dobram como vimes e todo o Artois em sangue, em fôgo, em lagrimas, vê passar o imperador Carlos V. Depois é Emmanuel—Philiberto—uma gôta de sangue portuguez—a onda amarella da infantaria hespanhola, de Fuensalidanha e do duque d'Alba, trovejando, devastando a velha terra a offegar, a offegar. Pleiada immensa, pleiada d'Homero, esmagando a Picardia, a campina guerreira que ergue para os ceus, n'um desespero mudo, as torres das suas dez mil egrejas. Terra! Inferno! E é depois, sempre sobre ella, sempre degladiando-se n'ella, que passam os generaes, que passam os heroes. E' Turenne! E' Montecuculli! E' Condé! E' o marechal de Saxe! Cidades conquistadas, recuperadas e perdidas, cidades arrazadas, velho torrão perpetuamente convulsionado, pelo tragôr da metralha, rugidos, queixumes, mobilisações sob o claro e impassivel olhar de Deus. E' Friburgo. E' Rocroy. E' Nordingen. E' Lens. E é depois, soberba o scintillante, Fontenoy, onde os homens tiram os chapeus de longas plumas para caminharem para a morte e se cumprimentam inimigos em mesuras de côrte antes que o roncar dos mosquetes proste e devore e aniquile. Grandes clarões, grandes epopeias passam. Arrás, Cambrai, Bethune, pobres cidades, queridas cidades, grande lamento, grande amargura, lagrima de Deus cahida sobre a face da terra, cem vezes arrazadas, cem vezes passadas a fio de espada, peripheria de cyclones, envolvida perennemente na rajada tormentosa dos homens! Terra! Deus! E depois Sambro-et-Meuse e depois Volmy e depois Montmirail e depois as tardes cinzentas, sempre atravez d'ella, sempre percorrendo-a, quando Faidherbe arrastava um bando de fugitivos e já Guilherme I se coroava em Versailles. Terra de ninguem, terra de fremitos, terra de soluços, terra cem vezes sagrada de todos os heroes! De joelhos!

De joelhos sobre a terra de ninguem! De joelhos! Ha dois mil annos que soluça e soffre. E ainda hoje, nua, espectral, vasia, ensanguentada, palpita ainda a velha terra, com uma vitalidade, uma energia, uma tal perseverança que nada a poderá destruir, nada a poderá subjugar. O sangue corre, corre o sangue. Tragica abominação de todas as creaturas vivas! Terra! D'aquelles caudaes vermelhos hão de reflorir de novo todas as flores, todos os fructos hão de amadurecer, hão de vir novas primaveras e novas searas hão de vir, correndo leves por sobre ella, augusta anciã, terra dos maiores, ensopada de lagrimas, prenhe de recordações. Corre o sangue. O sangue corre. Que importa! Atravez da destruição, atravez do saque, perdura aqui e além uma promessa divina. Ha herdades arrazadas, aldeias para todo o sempre desapparecidas. Mas nos cantos resguardados, no abrigo dos muros que o acaso deixou de pé, ainda florescem lilases, magnificos e indifferentes sob o fogo, lilases para que ninguem olha e que são todavia, uma promessa do ceu, uma dadiva de cima, um sorriso de Deus para aquella terra de desolação e de crime onde os homens se batem e se destroem, indifferentes á magestade silenciosa da eterna e sorridente natureza!

Mario de Almeida

Cruzada das Mulheres Portuguezas

A cruzada não esmorece nem para no desempenho da nobre missão que se impoz. Aos soldados repatriados que se encontram em Campolide tem sido distribuida roupa nova executada nas «Casas de Trabalho» da Cruzada e a expensas d'esta benemerita instituição. D'esta forma é dupla a acção benefica, pois levando auxilio e conforto aos valentes soldados que pela Patria se sacrificam, emprega mais de oitenta mulheres de mobilisados que trabalham nas casas de Xabregas e São Bento, tendo annexas as creches onde são tratados carinhosamente os seus filhos.

O grupo de senhoras encarregadas das visitas nos hospitaes e que aos soldados doentes leva auxilio material e palavras de conforto tambem deixou a semana passada aos mutilados de Santa Izabel 20$00 para lhes serem distribuidos conforme as suas necessidades. A visita aos hospitaes é um dever que a Cruzada se impõe, interpretando d'esta forma os sentimentos patrioticos e humanitarios dos que tão generosamente a teem auxiliado.

Por ordem telegraphica recebeu a Cruzada da Commissão Patriotica de Manaus, Brazil, por intermedio do Banco Nacional Ultramarino, 2.300$00, que vem accrescentar as dividas de gratidão que esta grande obra deve aos nossos irmãos que se encontram no Brazil, sendo Manaus um dos Estados que mais expontanea e generosamente a teem auxiliado. A generosidade com que a Cruzada tem sido auxiliada sempre seria bastante incentivo para não esmorecerem nos seus

propositos, só as senhoras que patrioticamente se agruparam para praticar o bem alguma vez perdessem a coragem e a fé nos destinos da Patria.

Tem sido muito visitado o escriptorio dos «Afilhados da Guerra» pelos repatriados, augmentando sempre a correspondencia com os inscriptos e sua familias, expedindo-se diariamente correspondencia e varias encommendas.

Da sr.ª D. Encarnação Peon Sanchez, enfermeira de guerra no C. E. P., recebeu-se uma carta agradecendo em nome dos seus doentes os jornaes e livros tela Cruzada enviados para o Hospital Portuguez onde se encontra.

Por diligencia das senhoras da Cruzada alguns repatriados se teem empregado, tendo sido auxiliados com roupa, abono para renda de quartos e comer, pois muitos se encontram em situação dolorosa.

SPORT

Reclamações

Sr. A. do C., redactor sportivo da «A Capital».—Vi hontem na sua bem orientada secção de sport duas reclamações. Dizia v. que todos os seus leitores podem fazel-as, comtanto que sejam breves e em termos correctos. Pois venho hoje pedir-lhe que chame a attenção da Camara Municipal de Lisboa para o facto seguinte: Varias vezes se tem tentado que se dê a uma das nossas ruas o nome de Luiz da Costa Monteiro, que, como v. sabe, foi o introductor da gymnastica sueca entre nós, além de ser o fundador do club que conta já 43 annos e se chama Gymnasio Club Portuguez.

Era uma homenagem justissima e estou certo de que as «démarches» que um grupo de «sportsmen» e amigos da sua terra vão encetar, serão attendidas. Esse grupo tem á sua frente um socio antigo da velha guarda e tambem fundador do Club da Parreirinha do Soccorro, que mais tarde se installou na rua de Serpa Pinto.

A' Camara Municipal compete attender a petição que por dias lhe vae ser feita, conforme uma resolução tomada ha dias n'uma assembléa geral que se realisou no club. Creio estar dentro das condições que v. impõe e assim espero que auxilie esta homenagem que é bem merecida.—Sou de v. etc.—A. Norberto Silva.

Pelos clubs
(Communicações officiaes)

Club Recreativo Lusitano

Realisa-se hoje pelas 21 horas, na séde do Club Recreativo Lusitano, installado na rua do Arco a Jesus, um sarau sportivo em que tomam parte varios amadores e profissionaes, em numeros de box, jogo de pau, argolas, athletica, forças combinadas, etc.

O espectaculo, realisar-se-ha ao ar livre tendo sido grande a procura de bilhetes sendo de esperar grande concorrencia e animação.

Noticias diversas

No dia 15 de setembro deve partir para as provincias a «tournée» Ruy da Cunha, de que fazem parte Francisco França, João Laclau, Oscar Del-Negro, Viriato Rosa, Carlos Moreira, Levy Jenochio, etc.

—Parece que foi solucionado o caso do jogador sr. Alberto Rio, bem contra vontade dos homens mais em evidencia no Sporting Club de Portugal.

—Encontra-se entre nós o conhecido professor de esgrima sr. Horacio Ferreira, que regressou ha pouco de França, devendo dentro em breve tomar a direcção technica do Grupo d'Armas e Sport, juntamente com os srs. Ermelindo dos Santos e major Silva Lopes.

—Fala-se com insistencia na abertura, brevemente, de uma nova sala de box e esgrima, dirigida por um conhecido campeão de box.

— Motivos imprevistos obrigaram a transferir os espectaculos de sport no Colyseu dos Recreios, parte do produto dos quaes revertia em beneficio da Assistencia 5 de Dezembro.

—E' voz corrente que o Club Naval está na disposição de não organisar esta epocha as provas de natação que foram já marcadas.

—Continuam animadas as sessões de patinagem na Amadora e no Sport Lisbôa e Bemfica.

—Partiu para as Pedras Salgadas o sr. Bento Mantua, presidente do Sport Lisbôa e Bemfica.

A. de Campos Junior

VIDA PARTIDARIA

Centro Unionista Latino Coelho

Realisa-se amanhã, na séde d'esta aggremiação, largo de S. Sebastião da Pedreira, 2, 2.º, pelas 21 e meia horas, a sessão solemne para inauguração das suas novas installações, que por motivo do fallecimento do malogrado republicano sr. Antonio Ferreira, deixou de effectuar-se em 1 do corrente.

Usarão da palavra, entre outras individualidades em destaque no partido os srs. dr. Brito Camacho, dr. Aresta Branco, Jorge Nunes e dr. Emygdio Mendes. Abrilhanta a festa um sextetto. Os bilhetes de admissão podem ser requisitados na séde do Centro, no largo do Calhariz, 17, e na rua do Livramento, 127, 1.º, sendo validos os já distribuidos.

Theatros
Cartaz de hoje

THEATRO NACIONAL—A's 21 — Amor de perdição.—SÃO LUIZ—A's 21,30—«Generos alimenticios».—TRINDADE — A's 21,30—«O gato maltez».—GYMNASIO—A's 21,30—«Morgadinha de Val-Flôr».—APOLLO—A's 21,30—«A revolta».—EDEN—A's 21,30—«A trombeta da fama».—POLYTHEAMA — A's 21,30 «Salada russa».—AVENIDA—A's 21,30—«O homem de gelo».—SALÃO FOZ—A's 21—Variedades e animatographo.

Animatographos e concertos—Central, Olympia, Chiado Terrasse, Condes e Salão da Trindade.

Nota do dia

Li ha dias que a futura empreza do theatro do Gymnasio, estabelecera para a proxima epoca, dois premios pecuniarios que serão adjudicados, respectivamente, ao auctor e traductor das obras que maior numero de representações tiverem n'aquelle theatro. Não basta, porém, em minha opinião, aquelle incentivo aos litteratos da nossa terra e, salvo melhor parecer, um elenco homogeneo e com alguns elementos de valia, bastaria para que, á nova empreza, não faltassem auctores.

Ora, o que é verdade é que, o theatro do Gymnasio, como aliás succede com outras casas de espectaculo, não tem a sua companhia organisada, de forma a que, (sem desprimor pessoal para com os seus contractados) quem escreve para theatro, tenha no desempenho das suas peças uma completa garantia de exito. Além de que o publico tendo em cada genero de theatro, os seus artistas predilectos, não soffre duvida que, se um mau desempenho não consegue desvalorisar uma obra boa, uma peça defensavel, naufraga fatalmente com uma má companhia. Não creio, pois, que pelo facto dos premios estabelecidos, seja maior a affluencia de auctores ao velho theatro do Gymnasio, tanto mais que os consagrados, preferem e com razão, estabelecer em bases solidas os seus direitos de auctor, não deixando o certo pelo duvidoso.

Alvaro Lima

Informações

Está annunciada para amanhã, no Polytheama, a recita de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos, os consagrados auctores da «Salada Russa» e de tantas outras peças d'exito. Pertencia-lhes, como é sabido, a 50.ª. Mas o primeiro encontrava-se doente n'essa occasião. Relegou-se o facto para depois da estreia do quadro novo «Comes e bebes». Não quiz a empreza demorar a homenagem que se impunha e por isso ella se effectua amanhã.

Cine

Entre mr. Chalon, representante da famosa casa Gaumont, e o sr. Commendador Antonio Santos, emprezario do Colyseu dos Recreios, foi hontem fechado contracto para a exhibição da sensacional pelicula «Nova missão de Judex», cujo recente exito em Paris constitue um notabilissimo acontecimento cinematographico.

O cine como meio educativo

O ministro da instrucção publica de Hespanha acaba de publicar um decreto implantando a cinematographia nas escolas primarias, como meio educativo para a infancia.

Os assumptos dos «films» serão paysagens, typos, costumes, monumentos, obras hydraulicas e outros assumptos e especialmente tudo quanto possa interessar ás localidades onde tenham séde as escolas.

Réclames

Despede-se hoje definitivamente do publico frequentador do Gymnasio» a adoravel «Morgadinha de Val Flôr», que é um soberbo trabalho de Brazão e Palmyra Bastos. Amanhã e depois, antes da sensacional «premiére» das «Marionettes» realisam-se duas unicas recitas com o «Altar da Patria», o celebre drama de Bernstein.

—Todas as noites o publico do Apollo faz cançar o delicioso «Rouxinol», não se fatigando por seu turno de ouvir a «Corneta de barro». Não é menor o seu agrado pelo fado da «Balbina e do Anastacio» e chega a ser tanto o seu enthusiasmo por todos os outros numeros da famosa «Revolta» que se mostra febril, como se estivesse com a «Hespanhola», outro numero de grande successo no Apollo.

—Tem sido profusamente distribuido por toda a cidade um papel com os seguintes dizeres:—«Tabella de preços dos —Generos alimenticios»—Assucar «Paz», gratis; Bacalhau «Aviador», 4,00; Arroz «Projectil», 2,20; Azeite «Front», 2,05; Petroleo «Asfixiante», 1,25; Batatas «Tank», 0,50; Banha «Retaguarda», 3,75; Atum dos «Alliados», 2,75; Vinho da «Victoria», 3,00; Feijão «42», 0,60, etc. Mercearia Central de «Hypolito Bourlin», theatro São Luiz», todas as noites, das 21 e meia ás 24.

Ex-alumnos do Asylo Maria-Pia

Amanhã, pelas 20 horas, na Associação dos Chauffeurs, sita no largo de S. Domingos (antigo Quartel General, lettra J.), reunem os ex-alumnos do Asylo Maria Pia, para tratarem da organisação definitiva da sua collectividade de beneficencia e recreio.

A commissão organisadora pede a comparencia de todos os ex-alumnos.

NATURISMO

O assucar

Felizes os que não precisam viver do assucar industrial. Eu sou uma das poucas creaturas que não me apoquento com a falta d'esse estimulante falsamente nutritivo. O assucar que falta no mercado, ou se vende a preços impossiveis e que tem perturbado, pela sua ausencia, a população inteira, escravisada do chá perfido, do café envenenador e dos bolos e docerias dos gulosos, não tem o valor alimentar que julgam os viciosos, os escravos d'esse pó... Eu sei que dos tuberculos ou da cana oriundo poderá dizer-se ser um producto vegetal, mas são taes as manipulações, as alterações, os ingredientes usados até ao finalisar as operações do fabrico—que, desde a inicial e saborosa garapa até ao momento de concentrado, ser deitado na bebida ou utilisado na guloseima—o todo se industrialisa, o conjuncto se concreta mineralisado, irritante, bastardo. Sobre estas idéas chamam todos os seus devotos o anatema proscrevendo do seu gremio quem as espalha e defende, em virtude de entravar muito ganho, muito lucro, muito commercio. Mas não vae mal algum pelas expressões aqui estampadas. O mundo continuará a assucarar-se e fazer todos os sacrificios para pagar a preços maximos o branco ingrediente. E quem rema contra a maré o mais que poderá soffrer é um sorriso de desdem dos sabios officiaes ou das damas que vão á pastelaria entupir-se com bolos e histerisar-se com o fidalgo chá das 5.

A falta do assucar quasi que ia dando uma revolução entre as damas principalmente: tomavam o café sem elle, bebericavam o chá amargo...

A moderna escravatura é formada por todos os que amam os vicios alimentares. Quanto dinheiro deitado fóra em pseudo-nutrição, unicamente por regalo do paladar. O unico assucar utilisavel pelo organismo (sem causar males physiologicos) é o dos fructos doces. Vae a chegar a quadra das uvas, manancial de glicose: Se 5 milhões de portuguezes comessem por dia, cada pessoa, durante 2 mezes um kilo d'uvas—assucar esse lhe bastava á boa nutrição... O tal assucar (pomo da discordia) serve para estragar os dentes...

Dr. Amilcar de Sousa

Industriaes de arroz

Convidam-se todos os industriaes descascadores de arroz para uma reunião que deve ter logar na proxima quarta-feira, 7 do corrente, ás 2 horas da tarde, na rua da Betesga, n.º 57, 2.º para se tratar de assumpto que interessa á classe e ao publico.

Uma commissão de industriaes

Escola Commercial Ferreira Borges

Solicitam-nos a publicação do seguinte:

Pede-se a comparencia dos alumnos reprovados n'este anno lectivo, a uma reunião que se realisa amanhã, 5 do corrente, pelas 21 horas, na rua do Mundo, 81, 3.º, a fim de se tratar de um assumpto de maximo interesse e urgencia.

Festas associativas

GREMIO LAFONENSE—Realisa-se hoje n'esta conceituada aggremiação de recreio uma festa, que promette revestir grande brilhantismo.

A revolta da Ukrania

A proposito do assassinio do marechal Eichhorn

O attentado contra o marechal von Eichhorn liga-se á serie inaugurada pelo assassinio do conde Mirbach. Os incidentes de tal genero nunca ficam isolados, especialmente n'um paiz onde as tradicções terroristas se encontram tão bem estabelecidas como na Russia.

Os allemães não deixarão de denunciar de ora ávante varios manejos insurreccionistas. O caso está em perscrutar bem as palavras, inferindo d'ellas que por toda a parte por onde os allemães passem provocam sempre uma exasperação impellida até á revolta. Esta explicação é rigorosamente applicavel ao estado dos espiritos na Ukrania.

Toda a gente se recorda ainda das circumstancias em que os ukranios chamaram os allemães para que os libertassem das convulsões anarchicas dos bolcheviks. Os desgraçados que o fizeram não tardaram em verificar que não tinham feito mais do que mudar de tyrannos. As tropas de occupação teem procedido como estando em paiz conquistado. Tratava antes de mais nada de obter a entrega de stocks de cereaes e de preparar as futuras colheitas. O marechal von Eichhorn não hesitou em recorrer aos methodos mais draconianos. Foi necessario que as coisas tivessem ido muito longe para que os protestos mais violentos chegassem até ao Reichstag.

Descoroçoado com a resistencia passiva das populações dos campos, o marechal von Eichhorn deu o golpe de Estado de 28 de abril, que substituiu o governo provisorio Holdbovitch pela auctoridade dictatorial do hetman Skoropadsky.

As noticias das ultimas semanas davam o paiz em estado de insurreição, achando-se as communicações paralysadas em virtude da gréve geral ferro-viaria. Não se chegou mesmo até a annunciar a retirada de Skoropadsky. Certamente o assassinio do marechal von Eichhorn corresponde a essa situação tumultuosa. Não é esse o momento azado para os allemães retirarem d'alli tropas para reforçarem com ellas a frente occidental.

«O Professor Primario»

Recebemos o numero 1 d'esta revista semanal, orgão do professorado primario official portuguez, que se apresenta bem redigida e com um programma elevado.

Ao nosso collega, longa e prospera vida.

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

Funcionarios da extincta direcção geral da agricultura

Estes funccionarios reuniram hoje, domingo, pelas 14 horas, nas salas do Atheneu Popular, a fim de resolverem o caminho a seguir, em vista de ainda não ter sido satisfeita a reclamação que apresentaram ao chefe do Estado contra as nomeações que se fizeram e continuam fazendo, para prehencher os logares de primeiros, segundos e terceiros officiaes do quadro administrativo da secretaria de Estado da agricultura, bem como para tratar de outros assumptos que lhes dizem respeito.

Morto á facada

Na Morgue, com a assistencia do juiz do 4.º districto de investigação criminal, realisou-se hontem a autopsia do maritimo Francisco dos Santos, morto, como os jornaes noticiaram, n'uma desordem occorrida na travessa do Pé de Cava.

O funeral sahiu hoje d'aquelle estabelecimento, pelas 18 horas, sendo grande a assistencia.

Assistencia 5 de Dezembro

Inauguram-se mais duas cozinhas com a assistencia do chefe do Estado

A obra da Assistencia 5 de Dezembro inaugurou esta tarde mais duas cozinhas elevando assim o seu numero a vinte e a 14.000 as sopas distribuidas aos pobres diariamente.

Assistiram a ambos esses actos, que foram presididos pelo sr. presidente da Republica, os membros da commissão da obra da assistencia, muitas senhoras protectoras da instituição e numeroso concurso de povo, especialmente na cozinha de Santa Martha, installada no edificio do extincto mosteiro de Santa Joanna, do qual o ministerio das finanças cedeu algumas dependencias para n'ellas ficarem estabelecidas a administração das cozinhas e os depositos de viveres e utensilios destinados ás mesmas.

O chefe do Estado chegou ali ás 14,45, sendo aguardado pelos srs. major Nascimento Affonso, capitão Ferreira, presidente, e tenente Mariares, alferes Ferreira da Silva e João Affonso, o primeiro inspector, o segundo presidente, e terceiro e quarto vogaes e o quinto secretario da obra da assistencia.

O pateo do convento, as janellas da dependencia onde tem estado installado a Sociedade de Instrucção Militar Preparatoria n.º 9 e o barracão onde funcciona a cozinha, estavam ornados de bandeiras nacionaes e das nações alliadas, fazendo a guarda de honra um piquete da 3.ª secção auxiliar do serviço de incendios (Bombeiros Voluntarios Lisbonenses) e o corpo dos alumnos da Sociedade de instrucção militar acima alludida.

A banda do corpo de marinheiros executou o hymno nacional e o sr. dr. Sidonio Paes dirigiu-se ao fundo do pateo, onde debaixo da arcaria tomou logar junto de uma meza, coberta por uma preciosa colgadura, sobre a qual se via uma floreira de prata, ostentando magnificas flôres da estação.

Uma vez ali chegada a comitiva, o sr. capitão Ferreira e o sr. David da Silva saudaram o chefe do Estado, enaltecendo a obra da assistencia de sua iniciativa e as suas qualidades de estadista, palavras que o sr. dr. Sidonio Paes agradeceu, incitando os que se lhe juntam para levar a bom exito os propositos que a assistencia tem em vista.

A assistencia applaudiu as palavras de todos os oradores e levantou calorosos vivas ao sr. dr. Sidonio Paes, á Patria e á Republica.

Terminados os discursos o chefe do Estado dirigiu-se á cozinha, onde as sr.as D. Maria Amelia Figueiroa e D. Victoriana de Mello lhe serviram a sopa que ia ser distribuida: massa com grão e hortaliça.

Foram 800 as sopas, acompanhadas cada uma de um pão, hoje distribuidas.

De Santa Martha dirigiram-se o sr. presidente e os membros da commissão á rua do Sacco, onde ficou inaugurada no gymnasio da escola municipal n.º 1 outra cozinha, sendo distribuidas 300 sopas e pães, falando o sr. tenente Mal rlares e o sr. dr. Sidonio Paes, que fizeram affirmações identicas ás expendidas no mosteiro de Santa Joanna. Serviu ali a prova da sopa ao sr. dr. Sidonio Paes a sr.ª D. Palmyra Ruivo de Carvalho.

A assistencia tambem acclamou o chefe do Estado, que depois se dirigiu a Sacavem, a fim de lançar a primeira pedra para a Creche-Escola que ali vae ser construida, cuja planta é do sr. visconde de Assentiz.

Esse acto foi egualmente concorrido e revestiu grande imponencia.

A Gloria portugueza

Assembleia geral

Nos termos do artigo 46 dos Estatutos realisa-se amanhã pelas 20 horas a Assembleia Geral d'esta Companhia, a fim de se elegerem os membros da mesma Assembleia Geral, na séde da Companhia, Rua Garrett, 80, 1.º

A Direcção

Gatunas de forasteiros

E' presa a principal auctora do furto de 2.000 escudos

Ha dias o agente Custodio das Dôres, disfarçado de *apache*, passou uma rigorosa busca pela serra do Monsanto, a fim de prender as tres gatunas de forasteiros que furtaram 2.000 escudos a um hespanhol na travessa da Palma.

Esta manhã, esse agente continuou a diligencia, disfarçado do mesmo modo, e depois de ter dado umas voltas pelos Terramotos descobriu que Maria dos Anjos Serra, a principal auctora do furto, estava refugiada na rua Particular aos Prazeres, n.º 1.

Cercou a casa com varios guardas da policia civica, e conseguiu prendel-a, fazendo-a conduzir ao governo civil, onde deu entrada no calabouço n.º 2.

ULTIMA HORA

A compra das acções da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Na revista «O Trabalho Nacional» appareceu agora um artigo onde se defende a transacção, levada a effeito pelo sr. Xavier Esteves, da compra das 83.500 acções da C. C. F. P. O artigo é extenso mas não sem pontos de vista novos. N'estas columnas não é difficil encontrar resposta contrariando victoriosamente todos os argumentos expostos em «O Trabalho Nacional». Não vamos, pois, cansar a paciencia do leitor, reproduzindo razões já publicadas. Apenas nos limitaremos a uma transcripção, que resume, por assim dizer, todo o artigo em questão. Eis o trecho:

«Ter conhecimento de que se achavam accumuladas as acções em mão particular, receber a offerta para a sua acquisição, rejeitar essa offerta e não possuir meios coercivos que evitassem a sahida para Hespanha, de um tão extraordinario valor de conjuncto sobre o capital de uma Companhia riquissima, que explora 1.200 kilometros de linhas ferreas na parte mais activa e mais populosa do nosso paiz—isto sim, isto seria um tremendissimo erro de administração publica por cujos resultados funestos o paiz chamaria opportunamente á responsabilidade quem o praticasse».

Respondemos:

As acções estavam accumuladas em mão particular (não todas as que foram compradas...) ha mais de quinze annos, sem que d'isso resultara mal ao Estado, nem este sentisse a necessidade de as adquirir. A operação realisada pelo sr. Xavier Esteves não alterou, como não podia deixar de ser, a situação existente durante esses quinze annos. Foi absolutamente inutil. Se a composição do Conselho de Administração da C. C. F. P. apparece agora levemente modificada, aliás sem proveito visivel para o Estado, foi porque se decretaram dictatorialmente algumas medidas que alteraram o disposto nas leis, especialmente no Codigo Commercial. Se tinha que se legislar «ad hoc» para se obter algum resultado, facilmente se podia inventar o processo de se chegar ao mesmo resultado, sem que o erario soffresse tão inopportuna sangria.

A versão de que os hespanhoes queriam hoje, parece mais crivel a hypothese de riam as acções não ficou provada. Até que se tratou, com a atoarda, d'uma habilidade dos negociadores da transacção, destinada a fazer acreditar no problematico e illogico perigo hespanhol. A verdade é que, tendo a Hespanha a posse das linhas ferreas que, desde a fronteira portugueza, conduzem aos Pyrineus (com excepção do pequeno troço de Salamanca) o gabinete de Madrid está sempre senhor da situação, não precisando, para coisa alguma, do dominio ou mesmo d'uma influencia qualquer na gerencia das linhas ferreas de Portugal.

Persistimos, pois, em considerar a compra das 33500 acções da C. C. F. P. como um funesto erro de administração publica, praticado pelo ex-ministro das finanças, sr. Xavier Esteves.

Segundo parece, a commissão encarregada do inquerito á compra das 33.500 acções, concluo no seu relatorio por aconselhar o governo a que mande proceder a uma averiguação judicial, visto se reconhecer que se praticaram actos que estão por completo fóra da sua alçada.

A GUERRA

A contra-offensiva alliada

O general Pershing tem um milhão de homens sob o seu commando. Declarações do general March

WASHINGTON, 4.—O general March disse na reunião semanal da commissão militar do senado que: nenhuns perigos nos impedem de ter o numero de homens sufficiente para manter os exercitos americanos com os effectivos completos, pois o total das tropas americanas embarcadas em julho bateu todos os «records». Mais de 300.000 homens foram embarcados, o que dá a totalidade até ao fim do mez de julho de 1.300.000 homens. Com a recente retirada das divisões americanas que estavam emquadradas com as tropas britannicas, o general Pershing mantem um milhão de homens sob o seu commando directo.

Discutindo a actual batalha, o general March diz que os golpes dados pelos francezes e britannicos nos dois flancos do saliente tiveram por resultado o enfraquecimento da resistencia allemã. O general March mostrou a mensagem official americana ás forças na linha de batalha, declarando parecer impossivel como um exercito qualquer tivesse numerosos canhões como os allemães abandonaram na sua retirada. Os allemães, batidos, não tiveram tempo de enterrar os mortos, que são tão numerosos que é impossivel avançar sem passar por cima d'elles.—(Havas).

*

De todo o mundo

Regimento allemão que se revolta

STOCKOLMO, 2.—Informações de origem fidedigna dizem que rebentou uma grave insubordinação em Mohilev, no 47.º regimento da landwehr.

Os soldados recusaram-se a partir para a frente occidental e mataram o commandante do regimento e muitos officiaes.—(Correspondente).

Bolsa de Londres

LONDRES, 3.—Esteve fechada, hoje, a Bolsa.—(Havas).

PONTOS:—TODOS BONS.

Mutilados da guerra

Homenagem á memoria de um bravo

Realisou-se hoje, como estava annunciada, a manifestação funebre á sepultura do soldado José Vieira, um dos nossos bravos mutilados, fallecido no Instituto Medico Pedagogico em 25 de junho findo.

O cortejo organisou-se pelas 12 horas e um quarto, no largo de Santa Izabel, incorporando-se n'elle grande numero de pessoas da familia e amigos do extincto, quasi todos os mutilados internados em Santa Izabel e uma deputação dos do Instituto Militar de Arroyos.

Chegado o cortejo ao cemiterio dos *Prazeres*, sobre a campa do fallecido foram depostas quatro corôas, duas d'ellas offerecidas pela familia e as outras duas pelos mutilados dos dois Institutos, e varios ramos de flôres naturaes.

Proferiram palavras de saudade e de commovida emoção o alferes mutilado sr. Manuel de Freitas e o alumno da Casa Pia, em serviço no Instituto Medico Pedagogico, sr. Americo Marinho.

O innocente Carlos Infante da Camara Nogueira FALLECEU

Carlos Infante da Camara, Clotilde Infante da Camara, Emilio Infante da Camara Nogueira, Emilio Augusto Infante da Camara, Maria Luiza da Silva Saturnino, Maria Carolina da Silva Rodrigues e familia, Maria Ernestina Infante da Camara e Sá, e seu marido, José Levy da Silva Saturnino, Maria José Rosa do Saturnino, Guilherme Pereira e Palmyra Amelia Pereira, cumprem o doloroso dever de participar o fallecimento de seu estremecido filhinho, irmão, neto, sobrinho e afilhado, cujo funeral se realisa no dia 5, pelas dezeseis e meia horas da tarde, para o cemiterio oriental, sahindo o prestito da Rua Andrade, n.º 30, 2.º

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2358 — 9.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães

Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Segunda-feira, 5 de Agosto de 1918

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL

Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço 2 centavos

O manifesto democratico

Annuncia-se para muito breve a apparição d'um manifesto do Partido Republicano Portuguez. N'esse manifesto, segundo consta, e já hontem *A Capital* assignalava, tratar-se-ha das accusações feitas ao Partido e a alguns dos seus homens mais eminentes, accusações cujo fundamento não se verificou: fazem-se affirmações sobre politica internacional, no sentido de mais uma vez salientar a fidelidade á causa dos alliados, e versam-se varios aspectos dos problemas financeiro, economico e social. E' isto o que se tem affirmado, em relação a esse documento, certamente destinado a grande resonancia; mas a parte principal do manifesto será, segundo tambem nos informam, aquella em que se farão declarações relativamente ao equilibrio dos partidos republicanos ao principio parlamentar e ás alterações recentemente introduzidas na lei da Separação.

Ouvimos dizer que a attitude do partido democratico, perante estas questões fundamentaes para um possivel entendimento de todas as forças republicanas se caracterisará por um tom de evidente tolerancia e absoluta lealdade. Semelhante attitude será, com effeito, a unica que se póde considerar adequada á segurança da Republica e aos mais altos interesses da patria.

Aguardamos a publicação d'esse documento para detidamente o apreciarmos. A sua importancia é realmente é manifesta. Ha mais de sete mezes, pode dizer-se, que paiz espera do partido mais forte da Republica um acto solemne que o habilite a julgar das suas intenções e da maneira como encara o novo estado de cousas. As responsabilidades d'esse partido são e serão sempre grandes, precisamente porque n'elle reside, como acabamos de accentuar, uma das maiores forças da Republica, e se não é possivel abstrahir da sua existencia, como não é possivel abstrahir da existencia de nenhum dos outros partidos republicanos, ao considerar-se a marcha da Republica, tambem não é possivel que um elemento politico d'essa natureza deixe de dizer o que tem a dizer. Tem direito á defesa e tem direito á critica. Tem direito a reivindicar o seu logar na politica portugueza e tem egualmente o dever de a explicar perante a nação.

Falamos tanto mais insuspeitamente quanto nunca pertencemos ao partido democratico. Apoiámos algumas vezes os seus actos, sempre que os julgamos uteis á Patria e á Republica, assim como condemnámos todos aquelles que se nos affiguraram representarem erros ou faltas nocivas á Patria e á Republica. Por este ultimo motivo recebemos aggravos. Fomos lançados ás feras por alguns elementos d'esse partido, que chegaram a fazer a queima inquisitorial da nossa folha em plena sala do ultimo congresso d'esse partido, porque nós não pactuavamos com as camarilhas que o dominavam. Em nada isso influe na maneira por que julgamos dever considerar esse partido que, na sua grande massa, é uma firme e genuina força republicana, e que nunca nos passou pela ideia responsabilisar pela attitude hostil para comnosco assumida por meia duzia de creaturas cujo sectarismo, como todos os sectarismos, não reconhece a ninguem o direito de pensar livremente.

Esperamos com interesse o documento que se annuncia e que, a serem verdadeiras as informações colhidas, deverá ter uma grande importancia politica. Analysal-o-hemos com toda a serenidade e com toda a sinceridade, animados, como sempre estamos, do desejo de que todos os republicanos manifestem a sua força e comprovem a sua decisão de serem uteis á Republica.

"As grandes batalhas"

Vae A Capital *iniciar brevemente a publicação da admiravel obra que o eminente escriptor Julio Dantas escreveu expressamente para o nosso jornal.* As grandes batalhas, *que irão renovar o immenso triumpho da* Patria Portugueza *e do* Amor em Portugal no seculo XVIII, *serão opportunamente annunciadas e hão de constituir, sem duvida, um dos grandes acontecimentos litterarios do anno corrente.*

Ao leitor d'A CAPITAL

Depois de lido, enviar este jornal á *Junta Patriotica do Norte* (Paços do Concelho — Porto), a fim d'esta o mandar para os nossos soldados no «front».

Da guerra e dos exercitos

A importancia da conquista de Soissons — A offensiva dos alliados entrou n'uma phase decisiva

Desde que os alliados resolveram o problema de se subordinarem á direcção de um commando supremo, é relativamente facil fazer algumas previsões acerca da marcha das operações militares.

Assim por exemplo, previmos no ultimo commentario feito na sexta-feira ultima, que os alliados não empenhariam o seu esforço principal em ataques frontaes sobre a linha do Vesle, onde os allemães hão de ter preparado uma forte linha de resistencia na direcção da corda do sacco, que se apoiava em Soissons e Reims. Dissemos que o ataque principal havia de incidir na região de Soissons e que a queda d'este ponto de apoio havia de preceder qualquer outra operação importante, levada a effeito pelos alliados.

E effectivamente, este facto produziu-se e muito mais depressa que esperavamos. Ora, assim como nós o previmos, tambem o estado maior allemão devia estar prevenido para essa hypothese da marcha das operações e por isso era natural que tivesse feito deslocar reservas importantes para aproveitarem as vias de communicação a norte do rio Aisne e fazerem deter uma impulsão que para os alliados pode ser de um effeito decisivo para operações subsequentes.

A posse de Soissons representa para os alliados as vantagens seguintes:

Ameaça da ala direita do exercito de von Boehm, que ha de retirar a tempo de evitar o cataclismo que tem estado imminente sobre o exercito do Marne, se por acaso se produz a ruptura da linha de batalha. Os allemães teem executado a retirada com as maximas precauções, conseguindo pôr a salvo o material d'artilharia e perdendo apenas alguns milhares de prisioneiros.

Com a queda de Soissons podem os alliados recuperar o celebre Chemin des Dames e mais tarde os montes de Craonne, posições memoraveis pelos sacrificios feitos ha um anno, para a sua posse.

O almejado caminho para Compiègne fica fechado ao kronprinz, que assim vê mais uma vez fugir-lhe a esperança de poder avançar sobre Paris.

Ora, como os allemães deviam ter comprehendido esta situação muito melhor do que nós, d'aqui se deprehende que a lucta devia ter sido renhida, a não ser que não tivessem tido tempo de transportar as suas reservas ainda concentradas para os lados de Reims.

Desde que os allemães retiram para o Aisne, é muito provavel que os franco-americanos passem a actuar no sector de Lassigny, a sudeste de Montdidier, com a cooperação simultanea dos inglezes em Albert, a fim de fazerem desapparecer o sacco de S. Quentin a Montdidier.

Com os reforços successivos que os americanos vão enviando para o campo de batalha e com a intelligente direcção das operações devemos confiar no exito da offensiva dos alliados, que parece ter entrado n'uma phase decisiva.

Os allemães teem visto que os seus exitos se vão annullando successivamente desde o esforço colossal iniciado em 21 de março.

As suas tropas devem estar extenuadas pela serie de tentativas realisadas continuadamente em operações offensivas durante quatro annos. Agora com a entrada dos americanos, animados de uma firme vontade de vencer, sem preoccupações de tempo nem carencia de recursos materiaes, já não se pode duvidar da victoria dos alliados. E' uma questão de tempo e de se saber esperar com confiança. E por isso não nos cansamos de repetir, que os povos empenhados na lucta precisam de chamar á collaboração nos problemas da vida nacional todas as competencias, todas as individualidades que possam contribuir para o aproveitamento dos recursos de que se tenha de lançar mão para se poder viver durante um longo periodo de uma crise que se irá agravando com a duração da guerra.

A contra-offensiva alliada

O progresso francez accentua-se dia a dia

PARIS, 4.—Os jornaes dizem que os allemães trouxeram grandes effectivos e numerosa artilharia para o outro lado do Aisne e que fizeram saltar as pontes.

Na hora actual devemos occupar toda a linha do Vesle; infiltrámos a extremidade da nossa ala direita na margem direita do rio, e temos na margem norte do Aisne a testa da nossa frente e a extremidade da nossa ala esquerda.—(Havas).

Os americanos na margem sul do Vesle

PARIS, 5.—Communicado official americano:

As nossas tropas tomaram Fismes de assalto e apoderaram-se da margem sul do Vesle n'este sector.—(Havas).

O general Pershing gran-cruz da Legião de Honra

PARIS, 3—O general Pershing, commandante das forças expedicionarias americanas, foi elevado á dignidade da gran-cruz da Legião de Honra. O sr. Clemenceau enviou-lhe um telegramma de felicitações dizendo: «Os francezes não esquecerão nunca que foi no momento em que a lucta era mais rude que as vossas valentes tropas vieram reunir os seus esforços aos d'elles. Esta cruz será o simbolo do nosso reconhecimento».—(Havas).

*

Nas linhas britannicas

Os inglezes chegam ao Ancre

LONDRES, 4.—Communicado britannico.—As nossas patrulhas alcançaram o Ancre entre Dernancourt e Hamel e estão em contacto com o inimigo n'este sector. Durante a noite a artilharia inimiga mostrou alguma actividade nos sectores ao norte de Bethune e ao sul de Ypres.—(Havas).

*

A intervenção do Japão

As declarações do governo do Mikado

TOKIO, 4.— O governo do Japão publicou uma declaração dizendo que em face da impotencia do estado de desordem na Russia, os imperios centraes consolidaram-se exercendo n'este paiz a sua acção para que as possessões russas do Extremo Oriente opponham entraves á passagem das tropas tcheco-slavas atravez da Siberia. Em presença d'este perigo e sob proposta do governo americano, o Japão decidiu enviar as tropas necessarias a Vladivostock. A integridade territorial da Russia será respeitada, e o Japão abstencionar-se-ha de toda e qualquer intervenção na politica interna, e, logo que se tenha attingido o fim, as tropas de occupação serão retiradas.—(Havas).

TOKIO, 4.— Uma divisão japoneza partiu para Vladivostoch.—(Havas).

*

De todo o mundo

A fabricação de gazes na America

NOVA YORK, 3.—A repartição de minas, o corpo medico e os mais eminentes physicos e chimicos dos Estados Unidos teem estudado afincadamente a questão dos gazes, procurando não só melhorar os meios de evitar-lhe os effeitos, mas tambem os de responder aos ataques dos gazes allemães por outros de poder destructivo mais efficaz.

Em grandes laboratorios e officinas, de cujos locaes se faz absoluta reserva, trabalha-se de noite e de dia na fabricação de gazes e disposições destinados á sua rapida emissão, em grandes quantidades, e representando o minimo perigo para os sapadores encarregados de desencadeiar vagas envenenadas contra o inimigo.—(Correspondente).

Quanto custa a guerra á America do Norte

NOVA YORK, 3.—O orçamento da guerra, segundo informações officiaes, attinge a somma de vinte e quatro biliões de dollars, sendo as despezas nos ultimos vinte e sete dias de julho de dois biliões trezentos e quarenta milhões ou sejam cincoenta milhões de dollars diarios.

Em abril de 1917, logo que os Estados Unidos entraram na guerra as despezas mensaes não hiam alem de duzentos e oitenta e nove milhões, verificando-se, portanto, um augmento de quinhentos por cento.—(Correspondente).

O processo Malvy—A terminação dos debates

PARIS, 4.—Supremo Tribunal.—A audiencia abriu ás 14 horas e 10. O sr. Bourdillon continuando a defeza, diz: «O unico argumento sustentado pelo procurador é a manifesta negligencia que houve para impedir a propaganda pacifista. O sr. Malvy declarou ter sido sempre adversario das buscas nas organisações operarias. Tereis a julgar se esta politica foi boa ou imprudente, mas, pode se como procurador geral qualifical-a de criminosa, vis-a-vis com as organisações anarchistas. Não se pode negar que o sr. Malvy fez inteiramente o seu dever, pois numerosas circulares provam que deu sempre instrucções para aprehender os pamphletos e punir os seus auctores. Comtudo, este ministro proferiu algumas vezes tratar com elles em logar de os punir. Esta solução seria melhor que o uso da força! Depois de ter examinado outros pontos da accusação, o defensor appella para a sabedoria do tribunal. O sr. Malvy levantando-se diz que tem a consciencia de ter servido a Patria. Terminaram os debates. O tribunal reunirá ámanhã, ás 9 horas, na sala do conselho.—(Havas).

O 5.º anniversario da guerra

Saudações de Wilson a Jorge V e a resposta do rei d'Inglaterra

LONDRES, 5.—O presidente Wilson telegraphou ao rei Jorge V: «A America estende cordialmente a mão á Gran-Bretanha n'este anniversario da entrada da Gran-Bretanha na guerra, onde as forças da civilisação estão empregadas contra as forças da reação, e congratulo-me com ella, de que estas duas nações estejam ao lado uma da outra n'uma tão grande causa». O rei respondeu:

«Apresso-me a agradecer-vos, sr. presidente, a vossa mensagem que será lida com cordial apreciação pelos meus povos e os encorajará a proseguirem na lucta contra os inimigos communs. Estou orgulhoso de que as minhas forças e as dos Estados Unidos combatam lado a lado. Podeis estar certo da nossa inabalavel resolução de empregar todas as nossas forças até que a victoria do direito sobre a injustiça esteja assegurada».

Mensagens em termos semelhantes foram dirigidas aos chefes dos outros estados aliados, accrescentando que o rei confia em que «a aurora da paz victoriosa não está longe».—(Havas).

Escola preparatoria de officiaes milicianos

São convocados para se apresentarem no Quartel General, a fim de receberem guia para a E. P. O. M., onde devem fazer a sua apresentação hoje, 5 do corrente, as seguintes praças do regimento de infantaria n.º 2:

José Anjos Barreira, Antonio Gomes Polvora, Cristiano Victor Leite Cruz, Antonio Nunes Bicca, José Athayde Ramos de Oliveira e Alberto Carlos Pinto, sob pena de serem considerados desertores, nos termos dos artigos 124 e 125 do Codigo de Justiça Militar.

Policia com pretenções a Lovelace

No governo civil estão presos o actor do theatro Salão dos Anjos sr. Alberto Pinto Junior e sua esposa sr.ª Virginia Pinto, accusados de terem injuriado e insultado o policia n.º 683, morador na rua do Loureiro, 93, loja.

Os presos assim como as testemunhas srs. José Joaquim Lopes da Silva, Manuel Antonio, Lino de Figueiredo e Manuel José, todos moradores no pateo da travessa da Cruz do Soure, seus visinhos, contam o caso d'outro modo e que a dar-se-lhes credito, se vê ser uma vingança do civico.

Uma filha do preso, Amelia Pinto, de 14 annos, aprendiza de modista, trabalhando na rua da Assumpção, 40, 2.º, foi hontem, por ordem da sua mestra, levar uma encommenda á quinta da Atalaya, em Palhavã. Ao apear-se do electrico para lá de Sete Rios, dirigiu-se ao 683, perguntando-lhe onde era a quinta. O guarda, em vez de lhe ensinar onde era a quinta, tentou leval-a por umas terras e fez-lhe propostas deshonestas chegando mesmo a agarral-a, quando ella quiz fugir.

Valeu á pequena o conhecel-o como seu visinho e dizer-lh'o, pois que assim que ella falou na morada do policia, elle largou-a.

Ao chegar a casa, a pequena contou o que se passára a seus paes e á tarde, sua mãe dirigindo-se a casa do policia narrou-o á mulher d'este.

O 683, que estava em casa, sahiu ao pateo, agarrou a pobre mãe pelos cabellos e arrastou-a pelo chão.

Aos gritos de sua mulher accudiu o sr. Alberto Pinto, prendendo-os o policia e levando-os para a esquadra, sob a accusação de o terem injuriado.

Contracto Federação-Malhou

E' urgente que se faça completa luz sobre este tão curioso caso

De harmonia com a nossa promessa iniciamos amanhã a publicação de uma série de artigos com curiosos esclarecimentos sobre o Contracto Federação-Malhou. E' necessario, é indispensavel, torna-se absolutamente urgente que sobre este caso se faça completa luz, a fim de ser feita justiça a quem a pede e a quem a merece.

A questão das subsistencias

Apprehensões. Falta de pezo no pão

Pelo encarregado da fiscalisação no concelho de Alcanena foram ali apprehendidos: 50 litros de petroleo ao notario Joaquim Albino da Silveira, por negociar n'este genero e não querer vender ao publico; 4 saccas de farinha a Manuel Torrinha Senior, por as estar vendendo por preço superior á tabella.

O vendedor ambulante Angelo Martins dos Santos foi autoado por vender pão de typo de 2.ª qualidade, adquirido na Companhia de Panificação Limitada, com falta de 500 grammas. Na mercearia de José Maria Fernandes, na rua Ferreira do Amaral, n.º 3, verificou-se que no pão de 2.ª qualidade faltavam 30 grammas.

Foram aprehendidos, na estrada da Torre, ao Lumiar, pertencente á firma Castanheira de Moura, 19 saccas de farinha de 2.ª qualidade.

Na padaria pertencente á Nova Companhia Nacional de Moagem na rua da Magnalena, 85, verificou-se haver falta de 50 grammas no pão de 1.ª qualidade.

Na rua do Arco do Bandeira, 9, padaria pertencente á mesma companhia, verificou-se tambem a falta de 50 grammas no pão de primeira qualidade.

Foi autoado o gerente do deposito pertencente á firma Farinha Pereira & C.ª, na rua dos Fanqueiros, 119, por vender ao publico azeite por mais $30 em cada litro.

O vendedor ambulante Raul Martins da Siva vendia pão de 1.ª qualidade, adquirido n'uma padaria pertencente á Nova Companhia Nacional de Moagens, com falta de 80 grammas.

Nas padarias da rua do Sol, 67; rua Pedro Dias, 41; rua Pereira Carrilho, 20; rua da Mouraria, 100; rua Marquez d'Alegrette, 2, E; calçada do Marquez de Abrantes, 18 e 20; rua dos Prazeres, 11 e 74 a 78; rua de S. Paulo, 112; rua da Bica de Duarte Bello; rua Luz Soriano, 98; rua do Seculo, 11; rua do Norte, 151; Travessa da Agua de Flôr e r. da Boavista, 178, foi tambem verificada a falta de peso no pão e na ultima negaram-se a vender ao publico.

POLITICA

Viagem presidencial ao norte do paiz

Uma villegiatura em Cascaes

A saude do Chefe d'Estado e a sua predilecção pelos exercicios equestres e pelos jogos de vasa

Trez amigos inseparaveis: Affonso Costa, Sidonio Paes e José Tavares

O manifesto do Partido Republicano Portuguez

O sr. presidente da Republica parte para o norte do paiz dentro de muito breves dias. Acompanha-o o sr. ministro da agricultura e, talvez, outro ou outros membros do governo.

A primeira povoação que terá a honra de hospedar o chefe do Estado será Thomar. S. Ex.ª vae ali a convite da Camara Municipal. A Thomar seguir-se-ha o Porto, onde o sr. Sidonio Paes se demorará apenas um dia, seguindo para a Regua, afim de inaugurar uma exposição agricola e para Vianna do Castello, onde vae assistir ás festas da Agonia, tradicionaes na bella cidade minhota. E' possivel que o sr. Sidonio Paes visite tambem Braga, mas isso não é ponto assente. De regresso voltará ao Porto, com demora de um ou dois dias, visto que deseja conferenciar longamente com o Alto Commissario major Margaride. Quando regressar a Lisboa irá residir para Cascaes.

Devemos dizer, a proposito, que a saude do sr. presidente da Republica, um pouco abalada desde os ultimos dias de junho, melhorou sensivelmente. Concorreram para isso, evidentemente, os purissimos ares serranos, que o sr. presidente aproveita dando longos passeios a cavallo, durante as primeiras horas da manhã. Não se pode, porém, dizer que o chefe do Estado e a sua «entourage» tenham gosado umas ferias de repouso. Pelo contrario: em Cintra trabalha-se ainda mais que em Lisboa.

A's noites joga-se um pouco. O sr. Sidonio Paes é forte em jogos de vasa. Em Coimbra, já depois de formado e sendo lente da Universidade, tres homens se reuniam, ás tardes, para uma partida diaria de solo. Eram elles os srs. Sidonio Paes, Affonso Costa e José Tavares. Amigos intimos e inseparaveis, durante alguns annos! Por signal que, no jogo, cada um d'elles denunciava o temperamento proprio. Assim, o sr. Affonso Costa era impulsivo e audacioso, não «passando» senão raras vezes, sendo fatal o prejuizo no apurar das contas; o sr. José Tavares era timido, só «se fazendo» com jogo mais que seguro, o que faz perder que não ganhar; o sr. Sidonio Paes era apenas prudente, «passando» quando a sorte lhe era absolutamente adversa, mas não hesitando, se a vasa lhe vinha ás mãos. Sabia esperar... Não está aqui photographada a vida publica d'estes tres personagens, dois dos quaes forçaram as portas da historia, emquanto o outro—o mais timido...—vive ignorado, quasi esquecido?...

Transcrevendo uma parte da nossa noticia de hontem acerca do manifesto do P. R. P., «A Manhã», de hoje, esclarece:

«A Capital» accrescenta que o manifesto deve ser amanhã lançado a publico. As nossas informações, porém, dizem-nos que o manifesto, que corresponderá a uma intensificação de trabalho politico do Partido Republicano Portuguez, só na quinta-feira apparecerá na imprensa de Lisboa e Porto».

LIVROS NOVOS

«Polichinelo em Traz-os-Montes», por Emilia de Sousa Costa

Com o n.º 8 da Bibliotheca Infantil, já nos surgem as novas aventuras de Polichinelo, que a pena fecunda da escriptora dilecta da petizada, Emilia de Sousa Costa, com tão devotado interesse e sublime orientação vem delineando, polvilhando de encantos e fazendo publicar regularmente, methodicamente.

Livro para creanças, como os seus mais velhos, não se limita a um acervo alinhavado de phantazia, ao chimerico ou irreal, que encerra quando muito, uma sentença moral ao fim d'uma longa serie de confusas aventuras; os volumes da collecção infantil da Livraria Classica Editora, sob a inspiração patriotica e feminina d'aquella notavel escriptora, revestem uma feição nova, desconhecida e, na sua simplicidade, na sua quasi ingenuidade, um largo fim altruista e educativo.

As phantasias que prendem as creanças, lá estão; a alegria, a graça, o encanto que attrahem á pequenada não faltam; mas, em vez de tudo se perder inutilmente sem um fim, uma ideia, esta obra enovela-se sobre pequenos quadros da nossa terra, vive em volta de cambiantes regionaes e ensinamentos elementares que podem, quem sabe? servir para base d'uma educação superior mais eclectica, mais apurada e abrir novos instinctos, novos sentimentos basilares para as gerações futuras.

Galhofando, rindo, saltitando, sem maçadas geographicas, nem perorações insipidas, Polichinelo, o seu companheiro Giorgio e todos os outros seus companheiros—os leitores da sua idade—passeiam ao longo do Tua, visitam o districto de Bragança e entre aventuras e episodios aprendem costumes, familiarisam-se com nomes, habitos, lendas, tradições, que os fazem começar a amar esses torrões ignorados e longinquos do nosso encantador Portugal.

E' assim, o novo livro da intelligente escriptora, Emilia de Sousa Costa.

«As causas «ideaes» da conflagração», por Antonio Ferrão

Pela Academia de Sciencias de Portugal foi editado o discurso, que sob o thema indicado e sobre a funcção pedagogica das academias scientificas apoz a guerra, o academico sr. Antonio Ferrão, pronunciou n'uma sessão ainda recente pelo brilhantismo que a ella presidiu. Com uma incontestavel erudição, uma bem baseada dose de fundamentos, mostra o auctor o erro e a negligencia com que os academicos scientificos trabalharam antes da guerra e conclue que a ellas cabe depois do conflicto a resolução do problema moral, a mais importante questão que a humanidade tem a estudar, futuramente, bem como o magno problema de orientar a instrucção dos paizes. Assim diz:

«E' pois essencial, de futuro fazer intervir as instituições scientificas na solução dos problemas de administração nas questões economicas e principalmente nas reformas de caracter pedagogico; pois, ás Academias deve, de futuro, competir a alta funcção de «inventores», e «geradores moraes» das sociedades».

As notas justificativas que completam a obra são de molde a facilitar os estudos sobre o thema e bastante elucidativas para o discurso do sr. Antonio Ferrão.

«Coimbra Terra d'amores», por Vicente Arnoso

N'uma elegantissima edição da «Atlantida» com capa artistica de Antonio, «encadrement» condigno da obra de arte que cinge, publicou-se agora em tomo, essa evocação gentil e graciosa de Vicente Arnoso, «Coimbra Terra d'Amores».

E' escusado lembrar esses tres actos maviosos, sentidos e vividos por todos que coçaram as suas batinas pelos recantos poeticos dos arredores verdejantes de Coimbra, pelas esquinas da cidade baixa, ou mesmo nas bancadas da Universidade. Como peça, foi um episodio de theatralisação quasi nulla,—«não é de enredo a peça», dizia-nos o prologo—sem embates, nem paixões, mas que prendeu e encantou Lisboa, e Portugal inteiro, nas suas innumeras e applaudidas representações. E' que dentro d'aquellas quadros tão impressivos, tão serenos, havia a verdade transparente, e n'essa verdade divisava-se a alma, a alma tão sonhadora d'um portuguez.

Ao lêr-se, a evocação nada perde do seu encanto. O relevo, a minucia expressiva da verdade, vivem na forma simples e litteraria do seu auctor; não foram criados pela scena. Por isso, Deolinda, a figura interessantissima de Guilhermina, a Candidinha, esses estudantes do Francisco e do Antonio, passam, teem vida, sob os nossos olhos, teem alma, teem sentimento, evocam, encantam e seduzem.

Muito bem andou a «Atlantida» em editar a «Coimbra Terra d'Amores», e d'esse gesto largamente aproveitará, pois muitos, muitos serão aquelles que quererão guardar perto de si as palavras evocadoras d'uma mocidade, que não é de A, nem de B, mas de todos nós, sentimentaes, devaneadores e sonhadores, e que tão bem Vicente Arnoso, soube representar na sua «Coimbra Terra d'Amores».

O serviço dos comboios na linha de Cintra

Varias pessoas nos teem escripto pedindo-nos para chamarmos a attenção da direcção da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes para os factos seguintes:

Não se comprehende porque, tendo sido reduzido o numero de comboios, por que motivo não se organisam os comboios existentes com o numero de carruagens sufficientes para a concorrencia actual?

Hontem por exemplo deram-se scenas de verdadeiros assaltos ás carruagens, para ser disputado um logar nas diversas estações da linha de Cintra. Nas plataformas apinharam-se os passageiros e nas coxias por uma forma, que provocava os mais vehementes protestos do publico contra a companhia.

Na estação de Campolide existe um barracão de tijolos que uma vez por outra, á passagem do comboio, larga um bloco sobre os passageiros, correndo estes o risco de ficar com um braço quebrado. Ninguem se tem importado em providenciar.

Tambem não se comprehende porque motivo não ha de estar illuminada a luz electrica a estação de Cintra, desde que na localidade se encontra um tal systema de illuminação. Hontem causava pavor, ver a massa compacta na estação de Cintra, illuminada na gare por duas tremuluzentes lamparinas de petroleo, a atropellar-se, a esbarrar e a protestar contra tamanha imprevidencia.

Além d'isto representar um atrazo e negligencia imperdoaveis, dá-se ainda o facto de se estar a consumir combustivel que faz falta n'outros pontos onde não se encontra energia electrica.

Assim como a Companhia parece já ter providenciado com respeito ao atrazo dos comboios, tambem esperamos que attenda estas reclamações tão justas que formulamos em nome dos nossos presados leitores.

As relações italo-brazileiras

RIO DE JANEIRO, 4.—Os jornaes, apreciando o desenvolvimento do commercio da Italia com o Brazil em 1917, declaram que, brevemente, os dois paizes devem sentir os resultados da visita da missão economica italiana ao nosso paiz. Em 1917 o Brazil importou da Italia quasi vinte vezes o valor da sua exportação para aquelle paiz.—(Americana).

Conferencia sobre prisioneiros de guerra

E' na quinta-feira, ás 21 e meia horas, que em sessão especial da Sociedade de Geographia se realisa a conferencia do sr. conde da Penha Garcia sobre «A Situação dos Prisioneiros de Guerra» acompanhada de elucidativas demonstrações electro-luminosas.

Para esta conferencia, que está despertando momentoso interesse, foram convidados a assistir os ministros dos estrangeiros e da guerra, as legações estrangeiras, a commissão central de prisioneiros de guerra, a Cruz Vermelha, a imprensa e as associações que estão em relação com a Sociedade de Geographia.

Nos Deputados

Uma sessão agitada

A's 14,40 acham-se na sala das sessões apenas doze representantes da nação, contando com os membros da meza. Na sala dos Passos Perdidos haverá numero egual. A concorrencia, que espera o momento de tomar logares nas *galeries*, tambem é pequena.

A's 15 em ponto procede-se vagarosamente á chamada, indicio de que não ha *quorum*. O primeiro secretario de Estado a chegar é o das colonias, que com outros membros da maioria vae formar *cercle* em torno do *leader* da maioria. Entram pouco depois os da agricultura e do interior, que vão occupar as suas cadeiras. A chamada prosegue lentissimamente e vão entrando mais deputados. A's 15,25, verificando-se que estão presentes 69 deputados, é aberta a sessão e lê-se a acta, que é approvada.

O sr. Moreira de Almeida chama a attenção do governo para a falta de generos que tem havido em varios concelhos que representa, e pede a conclusão de uma estrada de Poyares á Louzã. Fez tambem considerações sobre o que na ultima sessão disse o sr. Celorico Gil relativamente aos politicos hoje fóra do paiz. Aquelle deputado entende que não se deve falar d'elles; o orador não pensa assim. Os actos d'esses politicos devem ser discutidos e apreciados devidamente. Requer que sejam publicados os resultados das syndicancias feitas aos actos praticados por alguns politicos do regimen deposto, que deseja ver rehabilitados.

O sr. Almeida Garrett occupa-se das concessões de quedas de aguas, para as quaes requer modificações.

Responde ao sr. Moreira d'Almeida o sr. secretario da agricultura, dizendo que vae tratar-se de um emprestimo de 10.000$00 para reparações de estradas.

Tambem se procurará resolver as questões das subsistencias e das quedas de aguas.

Tem depois a palavra o deputado catholico sr. Diniz da Fonseca que se refere ao projecto relativo aos mutilados de guerra apresentado pelo sr. Horta Osorio, ao qual se reserva fazer alguns commentarios, quando entre em discussão. Applaude esse projecto. Tambem se associa ao que o sr. Moreira de Almeida disse e faz considerações variadas de ordem politica, economica e social.

A seguir fala o sr. Correia Monteiro em defesa dos interesses da região que representa, pondo em relevo a falta de subsistencias que n'ella se nota. Trata dos celleiros municipaes, cuja organisação na aludida região, pelo menos, não corresponde ao fim que determinou a sua creação. Reclama tambem contra o disposto no sentido de acorrer ás necessidades alimenticias da Figueira na presente epocha em que afluem ali numerosos banhistas.

N'esta altura entra o sr. secretario d'Estado da justiça.

O deputado figueirense occupa-se ainda do açoreamento do Mondego, que tanto difficulta a navegação, acarretando grandes prejuizos ao commercio e á população d'aquella cidade.

Trata ainda o orador do facto de estar ainda á frente do governo civil de Coimbra e dos varios concelhos que lhe estão jurisdicionados personalidades monarchicas.

A maioria applaude o orador, emquanto a minoria monarchica levanta protestos. Faz accusações de parcialidade politica ao sr. Solano de Almeida.

Ao deputado figueirense responde o sr. secretario do interior. Em vista da discordancia entre a maioria e o governo, tem este de tomar uma attitude. Os serviços de transportes maritimos não devem estar a cargo do Estado. Trata da questão das guias de transito, de que se occupou o sr. Correia Monteiro, as quaes entende devem ser concedidas pelos municipios locaes.

Trata da questão do governador civil de Coimbra, que foi nomeado por um republicano de cuja integridade politica e pessoal se póde duvidar.

O sr. Correia Monteiro interrompe-o para dizer que o sr. Solano d'Almeida não corresponde á confiança n'elle depositada.

Continuando as suas considerações o sr. secretario do interior defende os actos do governador civil de Coimbra.

O s. Antonio Cabral observa que o sr. Solano d'Almeida tem pedido por mais d'uma vez a sua exoneração, não lhe tendo sido concedida.

O orador declara que o sr. Solano de Almeida pediu a sua demissão «pró-forma», sabendo de ante-mão que não lhe seria acceite. Tem dado provas de que n'elle o governo pode confiar. Se a Camara entende que elle não corresponde á confiança do paiz que o diga, perguntando quaes as suas faltas no desempenho do seu cargo, e o sr. Solano de Almeida será demittido, se o dever ser.

O sr. Maldonado faz considerações

sobre a l... da acta, que entende dever ser revogada, explicando as razões que determinam o seu modo de pensar a tal respeito.

O sr. Egas Moniz pede a palavra para tratar de um assumpto urgente. E'-lhe concedida.

Antes de occupar-se do assumpto diz achar que o sr. Solano de Abreu deve ser demittido.

O sr. Egas Moniz propõe a nomeação da commissão internacional do commercio inter-alliada no intervallo parlamentar, que é composta de differentes elementos da camara e do Senado e de delegados que não fazem parte das duas casas do parlamento.

O sr. Ayres de Ornellas agradece-lhe a fórma por que organisou essa commissão.

Usa depois da palavra o sr. Monteiro de Castro, que apresenta o seu programma politico, como defensor dos principios e prerogativas socialistas, fazendo um programma dos assumptos que n'esse sentido se propõe tratar.

Apresenta uma moção n'esse sentido e faz depois considerações sobre as palavras na ultima sessão proferidas pelo sr. secretario de Estado do interior, que reputa attentatorias das liberdades do proletariado.

Responde-lhe o sr. Tamagnini Barbosa, dizendo que não persegue, nem pretende esmagar as classes proletarias. Pretende unicamente evitar perturbações nos serviços de transportes, que envolvem o serviço de abastecimentos.

O sr. Cruz Amarante tomou a defeza do sr. governador civil de Coimbra, provocando protestos e applausos, e tambem tumulto.

Passou-se á ordem do dia: discussão do projecto relativo aos mutilados, apresentado pelo sr. Horta Osorio.

Da maioria invoca-se o regimento por se julgar que o sr. Cruz Amarante soltou expressões offensivas contra o sr. Correia Monteiro. Aquelle deputado diz que se houve offensas foram ellas dirigidas pelo sr. Monteiro ao sr. Solano de Abreu.

E n'isto se levam dez minutos, não conseguindo o presidente restabelecer o silencio.

Está inscripto em primeiro logar para a ordem do dia o sr. Celorico Gil.

A presidencia consulta a camara sobre o modo de apreciar a questão.

O sr. Ayres d'Ornellas esclarece o caso, declarando que não houve do lado da minoria monarchica intenção de offender quem quer que fosse. Espera que do outro lado da camara se faça outro tanto.

O sr. Egas Moniz diz que os campos estão ali dentro bem extremados. Não acha portanto logico que se mantenha no governo civil de Coimbra uma personalidade retintamente monarchica.

Dá explicações por parte da maioria e assim fica serenada a tempestade, que durante um quarto de hora pairou sobre a camara.

Entra-se finalmente na ordem do dia e vae falar o sr. Celorico Gil.

NO SENADO

A primeira chamada respondem 19 senadores, apoz se feita ás 14,20. Preside o sr. Forbes Bessa. Galerias desertas. Cerca das 15 horas 16,50 e approva-se a acta.

E continua a esperar-se.

O sr. Mario Monteiro pede a palavra. Entende que o Regimento pode ser interpretado de maneira que qualquer senador possa usar da palavra, depois da leitura da acta, sem que haja maioria absoluta, logo que sobre o assumpto não tenha o Senado que tomar qualquer deliberação.

O sr. Carneiro de Moura, pela maioria concorda com essa interpretação.

Lê-se o expediente, no qual figura um telegramma do presidente do Senado brazileiro, agradecendo a homenagem prestada ao Brazil pelo Senado portuguez.

O sr. presidente ennuncia que, segundo communicação que recebeu da outra Camara, a reunião do Congresso, que estava marcada para hoje, realisar-se-ha amanhã, pelas 16 horas.

O sr. Julio Faria de Moraes Sarmento, referindo-se aos recentes triumphos dos alliados, propõe que se enviem telegrammas de saudação aos chefes das nações que combatem contra a Allemanha.

Associam-se a essa proposta os srs. Zeferino Pacheco, pela maioria, Pinto Coelho, pelos catholicos e secretario das colonias pelo governo, sendo approvada por unanimidade.

O sr. Ernesto de Faria refere-se a duvidas levantadas na Junta de Credito Publico sobre a legalidade das nomeações dos delegados do Senado n'aquella instituição. Entende que a eleição do Senado foi feita de harmonia com a lei, e, assim, para prestigio d'esta Camara, é necessario que seja dada posse immediata áquelles delegados. N'esse sentido apresenta uma proposta, que é approvada.

O Senado aprova em seguida o parecer favoravel do pedido de renuncia do sr. Annibal Vaz.

O sr. Luiz Caetano Pereira da Costa Luz, declarando-se monarchico, affirma que tem apoiado o governo, com mais enthusiasmo do que muitos que se dizem seus partidarios. Pede providencias para as tabellas dos preços de generos, carecendo de ser alterados os decretos que os regulam.

O sr. secretario das colonias agradece o apoio que o orador offerece á situação e garante que os açambarcadores serão castigados.

O sr. Xavier Cordeiro, em nome da classe dos advogados, protesta contra as exaggeradas contribuições lançadas sobre a industria, estando a sua classe agravadissima.

A hora a que fechamos este relato está falando o sr. secretario do commercio, em resposta ao orador antecedente.

PEQUENAS NOTICIAS

Queixou-se á policia o sr. Augusto Alfredo de Sousa, residente no Campo Grande, 10, de que na praça de touros do Campo Pequeno lhe furtaram hontem o relogio e um cordão de ouro com passadeira, tudo no valor de 135$00.

Liquidando uma velha rixa

Na rua Direita do Paço do Lumiar deu-se esta tarde uma desordem entre individuos que andavam ha muito de rixa. Da contenda, que assumiu grandes proporções, sahiu ferido com um tiro no peito, mas de raspão, Henrique Bento, cuja residencia se ignora e que recebeu curativo no banco do hospital de S. José.

O aggressor e os restantes desordeiros evadiram-se.

Tratamento da tuberculose

A tuberculose incipiente trata-se com exito empregando os comprimidos de «Fibro calcina», (para a calcificação). A «carne em pó», anti-fermentescivel e sobreproteina de carne, (na superalimentação).

Nas grandes expectorações e temperaturas elevadas, dão resultado as injecções de sacarose, que melhoram tambem muito o estado geral do doente. Pedidos ao deposito do Laboratorio Farmacologico. R. da Betesga, 57, 1.º

Um caso extraordinario

3066

Damos hoje aos nossos leitores a noticia d'um curiosissimo caso occorrido no sabbado passado, do qual, as creaturas, sequiosas que estão acostumadas a ver em tudo a influencia do sobrenatural, affirmam que o destino mais uma vez se propoz a rimar as suas poesias mysteriosas.

Como ninguem ignora, todos aquelles que teem relações com a casa Antunes & Herbert, da rua do Mundo, esquina da praça Luiz de Camões, quer adquirindo os seus admiraveis artigos de novidade e escriptorio, quer comprando-lhes as incomparaveis machinas de escrever americanas «Underwood», quer, ainda, sujeitando as machinas desarranjadas ás suas officinas de reparação, encontram a sua verdadeira felicidade commercial.

E o acaso, para provar com mais evidencia este phenomeno, fez com que, no sabbado passado, o numero da sorte grande fosse o 3066—precisamente aquelle que marca o telephone da casa Antunes & Herbert.

O que é o destino!

C. E. P.

A situação dos sargentos

Os sargentos regressados do *front* estão n'uma situação que se não percebe bem. Foram para todos os effeitos addidos ás unidades, onde estão fazendo serviço, tendo apenas os vencimentos que lhes pertencem em tempo de paz; não foram por ora desmobilisados, continuando, portanto, a pertencer ao C. E. P.

Primeiro motivo de reparo.

Mas mais curioso é o que se dá com os concursos para primeiros sargentos. Por uma circular, os segundos sargentos só podiam e podem concorrer aos logares de primeiros em França. Ahi, porém, desde que as nossas tropas ali estão, só foi, ultimamente, aberto um concurso, ao passo que aqui já houve, nada menos de cinco.

Um 2.º sargento que esteve no C. E. P. durante 18 mezes, 9 dos quaes no «front», ao regressar a Portugal, de licença, foi-lhe dito, na unidade a que está addido, que podia ir ao concurso aberto para 1.ºs sargentos. Foi e ficou approvado. Mas de nada lhe valeu isso, porque uma nova circular manda dar como nullo esse concurso, sob o pretexto de que elle só o podia fazer em França.

Esse militar, que esteve no «front», que foi até victima d'um ataque de gazes asphyxiantes, vê os camaradas mais novos e com menos serviços do que elle passarem-lhe á frente.

D'este facto e d'outros semelhantes deprehende-se que os que fazem parte do C. E. P. são considerados—ou como tal se pretende fazel-o—desligados do exercito portuguez. De modo que, para futuro, para melhoria de situação, para tudo quanto represente vantagem, melhor é não ter ido nunca á França, nem para lá ir. Os que se sacrificam, aquelles que se batem pela Patria, estão, no entender dos que mandam n'esses assumptos, muito abaixo dos que por cá ficam, sob pretextos varios ou mercê de empenhos.

Decididamente, não faz sentido.

A favor dos Mutilados

Donativos ao Instituto de Santa Izabel

Innumeros são já os donativos que para os valorosos mutilados da guerra se teem recebido no Instituto Medico Pedagogico de Santa-Izabel, continuando elles a affluir ali, d'um modo que mostra bem o altruismo da raça portugueza.

Quasi se não passa um dia em que se não registem novos offerecimentos. Bem digna é a modelar instituição da sympathia do publico e recommendal-a é ocioso, sabendo-se que tem á sua frente um homem como o dr. Aurelio da Costa Ferreira, e que os mutilados encontram ali mais do que protecção e amparo, um carinho inexcedivel.

Partido Socialista Portuguez

Importantes declarações proferidas na tribuna parlamentar

O sr. João de Castro, *leader* do Partido Socialista Portuguez na camara dos deputados, leu hoje, apoz um discurso justificativo, o seguinte documento, definindo a attitude dos seus amigos politicos:

«A minoria socialista considera como fundamentaes e, interessando, na hora presente, aos trabalhadores e aos indigenas, os seguintes problemas: o problema da guerra; as reformas de caracter economico e social; a questão constitucional ou da reorganisação juridico-politica da nacionalidade, comprehendendo as colonias; e, finalmente, o problema religioso.

1.º—Relativamente á questão da guerra a minoria socialista, fiel á theoria da internacional, exprime a sua convicção de que o interesse da causa humana dependerá muito da victoria das concepções sociaes e politicas que constituem os fins pelos quaes luctam as nações alliadas.

2.º—Quanto ás reformas de caracter economico e social a minoria socialista declara apoiar as reclamações fundamentalmente socialistas formuladas pela União Operaria Nacional, logo após a revolução de 5 de dezembro.

Mas, a par d'essas legitimas aspirações das organisações sindicaes advogará a reforma das associações de classe no sentido da maxima liberdade; a instituição d'um codigo em que o dia normal, o contracto, as bolsas de trabalho e os tribunaes de conciliação e de judicatura sejam devidamente regulados.

Como complemento d'essas leis a das cooperativas e das associações mutualistas; comprehendendo as de seguro social são pontos fundamentaes que requerem remodelação immediata e prendem particularmente a attenção da minoria socialista.

O problema da assistencia não pode restringir-se á insufficiencia de occorrer á miseria pelo asylamento ou pelo subsidio e arvorar-se em «caridade graciosa». Deve ser o uso social das reservas economicas pela solução dos seguros preventivos dos factores da Economia e das pensões de vida, previdentes dos menores e dos enfermos.

A minoria socialista tem egualmente como necessario e urgente que se organisem as «Cooperativas de trabalho» comprehendendo as «Bancarias» e, com estas a socialisação do trabalho.

No que respeita especialmente ao problema das subsistencias exercerá a sua acção, propugnando pela effectivação das resoluções tomadas sobre o assumpto, pelo ultimo Congresso Nacional Socialista de Coimbra.

3.º—Tem a minoria socialista como principio constitucional incontroverso de uma democracia que o poder reside integralmente na collectividade, d'onde deriva a soberania, base e fundamento de toda a auctoridade legitima.

Por isso a forma politica do regimen social deve ser a d'uma Republica federal parlamentar.

Affirma, portanto, peremptoriamente que a acção immediata do Partido Socialista será de incidencia irreductivel sobre os seguintes objectivos constitucionaes: a federação da metropole e colonias, sob o systema parlamentar, em regimen republicano; a federação e autonomia dos municipios, na sua administração concelhia; a municipalisação progressiva da producção.

N'estas condições a chamada questão colonial que os conservadores apresentam sob o aspecto d'um problema intrincado ficará resolvida pela integração das colonias na vida nacional.

4.º—Pela liberdade de consciencia e do livre pensamento não póde o Estado previlegiar qualquer profissão religiosa e, muito menos, oppor uma a outras.

A separação da egreja do Estado é um principio logico, humanista e da paz para as consciencias, porque é o reconhecimento da personalidade humana no seu justo anceio de emancipação psychologica.

D'esta sorte não pode o Estado instituir uma egreja official, nem officiosa, e cumpre-lhe apenas regular a separação completa das instituições temporaes de actos que deem á sociedade civil a subordinação do pensamento livre ao dominio de qualquer formula philosophica, caracterisada pelo espirito religioso que escravisa o individuo, antes da razão formada.

Tal é o programma de acção parlamentar que a minoria socialista a si se impoz.

Conta ella que todas as facções da Camara contribuam para lhe facilitar o seu trabalho, convencidas como devem estar de que, no actual momento da historia, em face da transformação que a guerra accelerou, dos principios que teem até aqui regido a organisação e a vida dos povos, é transigindo intelligentemente em todos os campos que o capitalismo póde minorar as collisões irreductiveis e dolorosas que o proletariado é o primeiro a não desejar.

Sala das sessões da Camara dos Deputados, em 5 de agosto de 1918.

O deputado, João de Castro

CAMBIOS

Lisboa, 4 de agosto de 1918.

	Compra	Venda
Cheque sobre Londres	81	80 3/4
90 d/v.	81 1/2	
Cheque sobre Paris	280	288
» Hollanda	840	860
» Italia	180	190
» New York	1640	1660
» Madrid	430	440
Rio sobre Londres	12 1/4	—
Libras ouro	10$80	11$00
Agio do ouro	140 0/0	145 0/0

Ultimas noticias

ECHOS DO CONGRESSO

A questão Solano de Almeida hoje, na Camara dos Deputados

O sr. Correia Marques, deputado da maioria, levantou hoje na Camara dos Deputados uma questão interessante, que, desde muito tempo, preoccupa os espiritos republicanos. Essa questão pode concretisar-se nas seguintes palavras, pronunciadas pelo illustre deputado:

—A' frente do governo civil de Coimbra está um monarchico, o sr. Solano de Almeida. Este homem tem sido desleal á Republica, é um traidor! Espero que o sr. ministro do interior não mantenha o sr. Solano de Almeida no logar de confiança que exerce.

Respondeu ao sr. Correia Marques o sr. secretario de Estado do interior.

—O sr. Solano de Almeida não foi nomeado por mim. Encontrei-o já governador civil de Coimbra quando assumi a gerencia da pasta. Quem o nomeou foi o sr. Machado Santos e eu não tenho o direito de duvidar dos sentimentos republicanos do fundador da Republica. Não demittirei, pois, o governador civil de Coimbra, a não ser que a Camara, por meio de uma moção, claramente m'o indique.

O sr. Egas Moniz, *leader* da maioria, expoz, em duas palavras, a sua opinião:

—Se a occasião não fôsse inopportuna, agora mesmo enviaria uma moção para a meza, definindo a orientação da maioria. Mas não é o momento proprio. Em todo o caso, a situação do sr. Solano de Almeida é má. Elle não deve continuar a ser governador civil de Coimbra. E' monarchico e como tal se tem affirmado n'esta Camara. Nem ao governo nem a elle proprio ficam bem sustentar a posição equivoca existente.

Notou-se, na discussão d'este caso, que a minoria monarchica se constituiu em defensora do sr. Solano de Almeida e do sr. secretario do interior.

A questão reduziu-se a muito pouco. A verdadeira doutrina foi posta, com clareza, pelo sr. Egas Moniz.

Não faz sentido, na realidade, que continue a exercer um logar de confiança, que implica intimamente com a questão da ordem publica, um politico militante, que se affirma monarchico e que pauta o seu procedimento na Camara por uma orientação que não é compativel com as idéas republicanas, como, aliás, é natural.

Ha, porém, uma circumstancia que dá razão ao sr. secretario d'Estado do interior. Porque se não apresentou uma moção sobre a qual recahisse a votação parlamentar?

Mas ha outra circumstancia que é humilhante para um ministro da Republica. Acaso o sr. Tamagnini Barbosa—a cargo do qual está especialmente a defeza da Republica—se sente lisongeado pelo facto de se ver defendido sómente pelos inimigos do regimen?...

O sr. Cruz Parente, deputado monarchico, aproveitou o momento, aliás com esperteza, para fazer sentir ao governo a posição falsa em que se collocou. O illustre deputado constituiu-se em defensor do seu correligionario e fel-o em termos de tal vehemencia que provocaram protestos da maioria, protestos tão ruidosos que quasi degeneraram em tumulto. Elle classificou os processos de ataque ao sr. Solano d'Almeida de pouco dignos, palavra esta que alguns dos seus pares da direita entenderam incorrecta.

D'ahi a tempestade, a que puzeram fim os srs. Egas Moniz e Ayres d'Ornellas, com palavras habeis e evidentes intuitos politicos.

E o incidente Solano de Almeida ficou encerrado,—se bem que não seja extranho que viesse a recomeçar, já depois de termos abandonado a Camara, forçados pela urgencia da hora.

A nosso vêr, a sessão de hoje não foi feliz para a Republica. Os seus homens publicos sahiram d'ella mal feridos. O sr. ministro do interior, defendido pelos monarchicos e atacado pelos republicanos, parece um symbolo; o sr. Egas Moniz, «leader» da maioria, demonstrou referir tudo—até o desprestigio do regimen!... a um cheque no governo, mesmo restricto ao sr. secretario d'estado do interior e até...ao sr. governador civil de Coimbra, e a minoria demonstrou pouco espirito combativo e muita subordinação, perante o facto estranho da duplicidade politica de que foi com justiça accusado o sr. Solano d'Almeida e com a qual se tornou solidaria a minoria monarchica. Salvou-se alguem: o sr. presidente da camara.

Pagamentos em divida

Continuam sem receber os seus vencimentos os funccionarios das direcções geraes de saude e de assistencia e das repartições suas dependentes, por motivo da passagem dos respectivos serviços, da secretaria do interior para a do trabalho, que não foi acompanhada da correspondente transferencia de fundos.

A demora parece não ter justificação porquanto aquellas direcções geraes passaram com os seus quadros sem alteração de qualquer natureza e no orçamento do ministerio do interior existem as verbas necessarias para pagamento dos vencimentos aquelles pagos.

A guerra

De todo o mundo

Exacções allemãs na Belgica

HAVRE, 3.—Dizem de Bruxellas que, em virtude dos allemães terem requisitado todos os cavallos e se ter tornado inaccessivel o preço dos transportes é a companhia de tramwayes bruxellezes que, por ordem da cidade, será a encarregada de conduzir os mortos ao cemiterio de Evére.

Em Namur, foram expropriados os terrenos da praça d'armas e os dos edificios contiguos, a fim de reconstruir o palacio municipal incendiado pelos allemães em 1914.

Em Liège, os officiaes allemães teem, d'ora ávante, o direito de deter os tramwayes em marcha, de mandar descer os civis e de subirem para os logares que elles occupavam. Escusado é dizer que o numero de viajantes diminue.

O odio ao allemão é tal que os clientes sahem dos restaurantes, logo que ahi entra um allemão fardado.—(Correspondente).

A confusão russa

AMSTERDAM, 3. — Dizem de Moscou, «via» Berlim, que em Tcheliabinsk os tchequos ordenaram a mobilisação das classes de 1912 e 1920 e em Kergan das de 1917 a 1919.

Os operarios e os camponezes protestam vivamente.

O serviço postal entre Moscou e a Siberia foi suspenso por causa da guerra. As auctoridades ordenaram a mobilisação de todos os telegraphistas nascidos em 1896 e 1897 e que serviram na artilharia ou na engenharia.

O conselho dos commissarios do povo está tratando de redigir um decreto requisitando os cavallos e os meios de transporte.

Grandes manifestações se deram em Bakú em consequencia da mobilisação do exercito vermelho. Uma revolta dos guardas brancos foi suffocada em Wolsk.

Destacamentos communistas foram formados no districto militar do Ural e enviados para o «front».—Correspondente).

A situação moral e sanitaria na Allemanha

LONDRES, 3.—O correspondente do *Times* na Haya telegrapha, com data de 30 de julho findo:

«Acabo de receber a seguinte informação d'um dos meus correspondentes:

A grippe hespanhola que grassa em Berlim, principalmente entre as tropas, fez estragos entre as reservas da guarda imperial. Na ante-penultima semana, os obitos andaram entre dez a doze em certas companhias, entre cinco a seis n'outras. A insufficiencia da alimentação contribuiu para aggravar uma epidemia que d'outro modo não teria tido serios effeitos.

Todos os homens de que se póde prescindir são actualmente enviados para o exercito. Dos 200.000 operarios empregados nas fabricas Krupp, 30 a 40 mil partiram para o «front», succedendo o mesmo nas outras grandes fabricas.

As condições de alimentação são peores do que nunca o foram. Em muitas regiões as batatas a principio soffreram de secca, depois de demasiada humidade, de modo que as hastes estão murchas.

Na generalidade, as colheitas são medianas, mas não são boas.

As familias abastadas comem sopa de nabos trez vezes por dia.

Quanto a vestuario, cita-se o facto de um fato novo ter custado ha pouco 1.250 francos.

Quasi em toda a parte se póde notar que os habitantes são deprimidos, porque falhou a offensiva que devia trazer-lhes a paz.

Ouve-se muitas vezes os homens e principalmente as mulheres diserem: «Fomos enganados», alludindo assim ao trigo da Ukrania e ás tropas americanas.

Em Berlim, ha tres semanas, os officiaes proclamavam que a guerra estaria terminada no praso de tres mezes, com a tomada de Paris.

Agora, declaram que deve acabar este anno, porque, se a Allemanha não pode continuar a lucta, os alliados egualmente o não podem fazer. Reconhecem que a doença mina os exercitos allemães, mas accrescentam que os dos alliados tambem soffrem.

Em Berlim ouve-se agora a historia pungente dos estragos causados pelos aviadores alliados ao longo do Rheno. Os habitantes de Mannheim, principalmente, estão n'um estado de extrema sobreexcitação.

Os suicidios são ahi numerosos. Durante um recente *raid*, muitos hangars foram destruidos e a gare foi seriamente avariada. Muitas vezes, no meio da noite, os habitantes precipitam-se para as caves, descobrindo d'ahi a pouco que se assustaram sem motivo».

POLITICA

Uma rectificação

Tem-se dito, na imprensa realista, que o sr. Francisco Joaquim Fernandes, illustre deputado da Nação, foi incluido na commissão de revisão constitucional sem prévio consentimento seu. Como é sabido, os parlamentares monarchicos abstiveram-se de intervir n'esta eleição.

Pois as nossas informações contrariam a versão monarchica: o sr. Francisco Joaquim Fernandes foi prèviamente consultado. O erro, n'este caso, não foi do illustre deputado pelo Porto. A nosso vêr, o consentimento formulado pelo sr. Francisco Joaquim Fernandes, não implica duplicidade, que, aliás, seria absurdo suppor em tão preclaro cidadão. O seu gesto é, apenas, o reconhecimento de que o seu mandato veiu da Nação e que a constituição a fazer é destinada á communidade de todos os portuguezes e não é, de forma alguma, o estatuto d'uma seita. O erro não foi do sr. Francisco Joaquim Fernandes...

Poeira da Arcada

Governador de Macau

Seguiu já ao seu destino o sr. Arthur Tamagnini Barbosa, governador da provincia de Macau.

Petroleo

A bordo d'um navio portuguez chegado ao Tejo vieram 4.000 caixas de petroleo, embarcadas no Funchal, tendo ainda alli ficado 9.000, que em breve virão para Lisboa.

Indulto a condemnados

Na secretaria da justiça está-se trabalhando na concessão do indulto aos individuos que se acham condemnados nas cadeias do continente e que o requereram por occasião da proclamação do actual presidente da Republica.

Marinha colonial

Os officiaes que estão servindo na marinha colonial de Moçambique pediram que os seus vencimentos lhes sejam pagos em ouro, a exemplo do que se faz com os officiaes que estão ao serviço da secretaria de Estado da marinha.

Marinha de guerra

O contra-almirante sr. Julio Galis faz amanhã entrega do commando de defeza do porto e barra de Lisboa ao capitão de mar e guerra sr. Francisco Eduardo dos Santos.

Mutilados da guerra

Está definitivamente assente a realisação de varias recitas nos theatros de São Luiz, Gymnasio e Trindade na proxima semana, do producto das quaes será retirada uma importancia a favor dos mutilados da guerra.

Hoje, pelas 21,30 horas, reune na redacção de «A Capital» a commissão executiva das proximas festas de sport, que se deverão realisar ainda este mez.

Sports

Aos clubs de foot-ball

Foi o semanario «Sport de Lisboa» que n'um dos seus ultimos numeros aventou a ideia da formação de uma caixa de soccorros dos jogadores de «foot-ball».

E' na realidade uma iniciativa boa, digna de applauso e estamos certos que para ella olharão os nossos clubs que praticam o «foot-ball».

Innumeros casos se dão, n'uma epoca, tanto em treinos como nos desafios, de jogadores ficarem temporariamente inutilisados para exercerem a sua vida profissional, acarretando-lhes isso grandes prejuizos, como se pode calcular.

Do ultimo numero do mesmo semanario recortamos a local que abaixo publicamos, por onde se verá que actualmente os jogadores de «foot-ball» estão á mercê—quando se inutilisem—d'um club, ou de uma direcção que procura angariar meios para o seu tratamento e até n'alguns casos para a sua alimentação, visto que na maioria, os jogadores de «foot-ball» não possuem meios que os possam manter determinado tempo sem exercer a sua profissão.

Por isso chamamos a attenção dos clubs de «foot-ball» para que,—agora que elle não se faz—se organise uma caixa de soccorros em beneficio d'aquelles que pelo seu club se inutilisam.

Consta-nos que o Sport Lisboa e Bemfica approva esta ideia, que o «Sport de Lisboa» aventou e que nós não descuraremos.

A local a que acima nos referimos é do theor seguinte:

«Organisada por uma commissão de socios do Sport Grupo Sacavenense, teve logar no passado domingo, n'esta villa, uma attrahente festa desportiva em beneficio do sr. Joaquim Nunes, socio do mesmo club, que, na passada epoca de «foot-ball», n'um desafio official, soffreu um lamentavel desastre, que o inhibiu da continuação da pratica d'este bello desporto».

Travessia do Porto a nado

Já está aberta a inscripção para a importante prova de natação que se realisa no Porto, no dia 1 de setembro, travessia do Porto a nado, que o anno passado se disputou com uma boa organisação e da iniciativa do nosso amigo Oliveira Valença, director do semanario «A Vida Moderna».

Este anno é de esperar que os nossos clubs se façam representar em maior numero, assim como o club vencedor do anno passado, que foi o Sport Algés e Dafundo, onde Rodrigo Bessone Basto afirmou mais uma vez a sua qualidade de campeão de natação de resistencia.

Os boletins de inscripção podem ser requisitados ao Comité Pró Sport, na Avenida Rodrigues de Freitas, 278, 1.º, Porto.

A's juntas de parochia
O ensino da natação ás creanças

Noticiaram ha dias os jornaes, que as juntas de parochia iam iniciar a epoca dos banhos ás creanças pobres das varias freguezias.

E' de facto uma obra digna de louvor, mas achamol-a incompleta.

Essas creanças, que vão tomar banhos, umas por necessidade e outras por distracção, poderiam sem mais dispendio aprender a nadar.

A natação é um dos exercicios que a creança nos dez annos pode já praticar e nós devemos beneficiar essas creanças e desenvolver o ensino da natação creando escolas dirigidas por professores competentes.

As juntas de parochia não terão certamente mais dispendio, porque entre tantos «sportsmen» nadadores e com competencia para o ensino poderemos organisar um grupo que obsequiosamente ministre o ensino d'um dos mais hygienicos sports.

Além de ser a natação um sport hygienico; é tambem de grande utilidade á vida.

Julgamos util a transcripção das conclusões da these apresentada pelo propagandista da natação sr. Alvaro de Lacerda, no 1.º Congresso de Educação Physica. Foram ellas as seguintes:

«A natação é um exercicio que não só augmenta a capacidade pulmonar, como tonifica o organismo, introduzindo-lhe o ar puro do mar.

A natação devia aprender-se na escola primaria. Todo o individuo devia aos 10 annos, já saber nadar.

Certas carreiras como a das armas ou a da marinha deviam ser vedadas a individuos que não soubessem nadar.

O exame que a estes se exigisse devia constar além de uma prova de velocidade e outra de resistencia, d'uma prova do mergulho e outra de salvação.

Estabelecidas que fossem um certo numero de provas classicas, de velocidade de resistencia, de mergulho e de salvação, cada lyceu, cada faculdade, cada regimento, cada navio de guerra, organisariam annualmente a disputa das respectivas provas para os seus alumnos, os seus soldados, os seu tripulantes, para o que instituiriam o numero necessario de Taças ou Quadros de Honra, que ficassem na posse da entidade organisadora e onde se fossem successivamente gravando o nome dos vencedores.

O ensino da natação deve comprehender o ensino da arte de mergulhar em busca de um objecto e da arte de agarrar e trazer para terra um afogado.

E' complemento indispensavel do ensino da natação a pratica dos meios de dar vida a um asfixiado».

Reclamações

Sr. redactor sportivo de «A Capital».—Peço o favor da publicação d'estas linhas. A carta do sr. Montez, envaidecendo-me immensamente, se não fosse tão desprimorosa para os outros membros do jury, que era presidido pelo antigo e apreciado mestre d'armas sr. Pedro d'Oliveira, e de que fizeram tambem parte os srs. Pinto d'Almeida e Faria, sendo este ultimo delegado do Atheneu.

As affirmações da carta do sr. Montez collocam a questão da seguinte forma: Ou as razões apresentadas por mim para a marcação dos toques eram tão sinceras e axiomaticas que o jury as acceitava sem relutancia, e consequentemente sem parcialidade, ou a excitação nervosa do sr. Montez, que lhe fez perder a sensibilidade dos toques recebidos, levou-o á injustiça de collocar n'um plano inferior e deprimente os outros membros do jury, cuja dignidade e competencia nunca poderia acceitar o papel tão subalterno como lhe foi distribuido pelo sr. Montez.

Agradecendo, sou de v. etc.—Fernando Farinha.

A. de Campos Junior

"Latina,,

Acha-se em organisação esta companhia de seguros, da qual fazem parte figuras em destaque no nosso meio social, devendo brevemente partir para o Brazil um dos directores, que ali vae installar a filial.

O capital da «Latina» é de 2.000:000$00 em acções de 20$00, tendo sido grande a affluencia á subscripção.

A «Latina» cobre os riscos de fogo, transportes, gréves, tumultos, agricolas, guerra, vida, etc., conforme explica o annuncio que na respectiva secção publicamos.

Para a subscripção das acções da «Latina», os «guichets» estão abertos na séde provisoria, travessa do Alecrim, 3, 1.º

Praias e campos

FIGUEIRA DA FOZ, 4.—O movimento de verão é já bastante grande, chegando diariamente numerosas familias tanto portuguezas como hespanholas. Os casinos abriram todos; o Peninsular já exhibe um sextetto magnifico sob a direcção proficientissima do sr. Francisco Benetó, que todos os dias é applaudido phreneticamente. O Tennis Club iniciou na passada quinta-feira a sua epocha de jogos, nas explendidas installações da Explanada do Forte de Santa Catharina. O concurso hippico internacional, que se deve realisar nos principios de setembro promette revestir grande enthusiasmo. Corre por esse paiz que na Figueira faltam em absoluto os generos de primeira necessidade. E' redondamente falso. O que falta na Figueira é o assucar que aliás falta em toda a parte.

—Os amadores da arte taurina esperam anciosamente o proximo domingo, 31, para assistirem á primeira tourada da epoca, na qual tourearão os arrojados cavalleiros José Casimiro e Rufino da Costa, além dos bandarilheiros Jorge Cadete, Theodoro, Santos, etc.

PELA SCIENCIA

Outra doença nova

Os drs. Joly e Baryl, dos serviços de saude da marinha franceza, apresentaram recentemente um trabalho sobre uma nova enfermidade, de caracter febril epidemico que dura trez dias, observada ha pouco a bordo de um navio, o «Bien-Hoa», que transporta feridos e outros doentes do corpo expedicionario do Oriente.

Essa febre, semelhante á dengue mediterranea, e a uma outra observada nas costas gregas, designa-se sob o nome de «papatacci», destaca-se nitidamente da grippe e do paludismo. O seu prognostico é benigno e a sua duração curta. E', segundo parece, transmittida pelas moscas e ligada a um parasita semelhante ao hemotozoario do paludismo—o phlebotoma. Estes factos demonstram que a sua prophilaxia é facil e que fazendo rigorosa observação das dejecções e estabelecendo lucta proficua contra as moscas o mal não pode ir muito longe.

Ensino commercial

O magisterio livre

Não é, porém, a contradansa dos documentos, a aberração unica da legislação sobre o ensino comercial livre. Ha peior:

O paragrapho 4.º do artigo 2.º do decreto de 1914, ratificado pelo artigo 8.º do decreto de 1915 e incluido com o n.º 205, paragrapho 7.º, no Regulamento das Escolas de Ensino Industrial e Commercial, aprovado por decreto n.º 2009-E, de 4 de setembro de 1916, diz textualmente:

Artigo 205, paragrapho 7.º—«Ficam a cargo das escolas que submetterem alumnos a exame nas escolas officiaes, as despezas com os transportes de professores que constituirem o jurys de exames e as «gratificações que os mesmos professores vencerem, nos dias em que se realisarem taes exames, á razão de escudos 1$50 por professor e dia de exame» (!)

Tal determinação da lei é simplesmente espantosa!

O alumno a pagar ao professor o seu proprio exame!

Isto é immoral! Isto é até humilhante para os proprios professores, que teem de receber dos proprios alumnos a paga ao trabalho que com elles tiverem.

E quem pode evitar que um dia, um cabula, de profissão, irrespeitoso, vexe um professor á sombra do immoralissimo artigo?

A propina nas escolas commerciaes é de escudos 3$000. Ora, de tres escudos é a propina dos exames individuaes, nos lyceus.

Nos lyceus, é d'esta propina que saem as gratificações dos professores.

Por que não ha-de succeder o mesmo nas escolas de commercio, onde o pagamento das gratificações aos professores pelos alumnos, além de representar uma immoralidade, constitue tambem uma injustiça para os alumnos d'estas escolas, que assim teem a sua propina elevada a 4$50, por exame?

A propina d'estes exames representa uma receita importante para o Estado, que pode ainda augmentar se ella fôr convidativa, ou pelo menos em egualdade de circumstancias com a dos alumnos dos lyceus, que em tal caso, nada justifica que tenham regalias de excepção, que se tornam até antipathicas.

Esta absurda exigencia da lei deve desaparecer immediatamente por immoral e injusta e injustificada.

Outra questão importantissima do ensino commercial é a do professorado.

Quem exerce o ensino commercial e quem tem o direito de exercel-o.

Exerce-o toda a gente que... não tendo mais que fazer, se lembre de se fazer professor de commercio.

Para muito boa gente, o ensino do commercio, limita-se a saber classificar contar e escripturar os livros de uma escripta. De modo que, todo o rabiscador de escriptas baratas entende que deve annexar-se a qualidade do... professor e, se o tempo lhe sobeja, lecciona escripturação commercial.

Não se sabe quem tem o direito de exercel-o, porque a legislação sobre ensino commercial é omissa n'este ponto e d'ahi haver professor de commercio que não sabe escrever!

Não pode, nem deve ser. O magisterio commercial tem de ser fiscalisado como o é o dos lyceus, e só deve ser exercido por quem tenha habilitação legal para o professar.

O professor de commercio tem tantas responsabilidades como o lyceal e ensina no commercio não se resume á ensinar o dever e haver das contas commerciaes.

O ensino do commercio demanda conhecimentos muito complexos de todas as sciencias que o professor de commercio se socorre para o seu exercicio, como sejam, a economia, o direito, a mathematica, a lingua patria, a geographia geral e economica, etc., etc., e não pode nem deve, portanto, ser exercido por quem não prove ter os conhecimentos necessarios para exercer tal profissão.

Isto é, em conclusão, o professor de commercio deve ser exclusivamente um diplomado na especialidade.

Humberto Beça

NATURISMO

Em casa d'um pintor

Um motivo de devoção levou-me ha dias á Carnaxide, a fazer uma visita em casa do meu confrade dedicado e illustre artista, José Bazalisa. Ha muitos annos que não tinha passado por esses lados dos suburbios da grande cidade. E, quando lá fora, foi á Casa Branca, morada illustre do meu bom amigo sr. Francisco Calvente que, em minha honra, n'uma das minhas visitas á capital, havia offerecido a muitos devotados naturistas um «couresoote» de fructas, [illegible] o sr. José Bazalisa. A sua moradia é [illegible]

D'esta vez fui jantar com o delicado artista [illegible] n'uma casa recatada que elle ornamentou com fino gosto. Legendas adequadas em fundo d'oiro envolvidas n'uma cercadura de oliveira e fructos enlaçados, cercam a casa. No jantar onde havia perfumosos nectares de aromaticos fructos e uma ampla porta envidraçada dando para um recanto em relvedo apto para tomar banhos de sol. A familia envolvia, da graça, na profunda alegria da ventura, a moradia escondida ao lado do templo augusto. E, horas esquecidas passámos, confraternisando, trocando impressões, fazendo planos para bem da humanidade... Este insigne artista ama a Natureza-mãe e os fructos e tudo quanto a terra uberrima cria. Adora o canto das aves, o sol divino e resplandecente que torna a paisagem doirada e luminosa... E' um devotado psychista, entendendo que, para preparar a vida futura e beneficiar a alma, não é necessario matar para comer, segundo os grandes iniciados. Ha relações intimas entre a Dieta, a Arte e a Vida psychica.

Pintor, d'emoções, sentimental e commovido perante as desgraças humanas, José Bazalisa, coração d'oiro, encarna em si a bondade e a honradez.

Foi um tempo breve de paz e amor aquelle que senti na sua companhia de eleição.

Dr. Amilcar de Sousa

TOURADAS

CAMPO PEQUENO—Realisa no domingo, no Campo Pequeno, a sua festa o bandarilheiro Thomaz da Rocha, que contractou o espada Izidoro Marti Flóres, o matador que gosa de maior cartel em Lisboa, mercê das suas extraordinarias faenas de capote e de muleta e do seu primoroso trabalho de bandarilhas. [illegible] touros de João Coimbra, [illegible] cavallo Morgado e R. Teixeira, haverá toureio em selim raso, figuram como bandarilheiros T. Branco, o festejado, Luciano e Alfredo dos Santos, e com Flóres veem os seus bandarilheiros «Negron» e «Pepin de Valencia», que alternarão em um touro com Alfredo dos Santos. Tambem toma parte, aggregado á «cuadrilla», o cabeçudo «Pinturas».

A corrida é dedicada ás actrizes de Lisboa e será dirigida pelo actor Henrique Alves, recemchegado do Brazil.

Theatros

Cartaz de hoje

THEATRO NACIONAL—A's 21—«Cora ou a escravatura».—SÃO LUIZ—A's 21,30—«Generos alimenticios».—TRINDADE—A's 21,30—«O gato maltez».—GYMNASIO—A's 21,30—«Altar da patria».—APOLO—A's 21,30—«A revolta».—EDEN—A's 21,30 «A trombeta da fama».—POLYTHEAMA—A's 21,30 «Salada russa».—AVENIDA—A's 21,30—«O homem de gelo».—SALÃO FOZ—A's 21—Variedades e animatographo.

Animatographos e concertos—Central, Olympia, Chiado Terrasse, Condes e Salão da Trindade.

THEATRO POLYTHEAMA—«Comes e Bebes», novo quadro da revista «Salada Russa».

Assistimos, ha dias, á representação do novo quadro que os auctores da «Salada Russa», introduziram na sua revista presentemente em scena no Polytheama, explorado pela empreza Amarante. De justiça é dizer que, para o novo trabalho dos srs. Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos, vão os nossos incondicionaes elogios. Sempre que uma peça d'aquelle genero, começa a fracassar, materialmente, é uso e costume remodelal-a e introduzir-lhe um novo quadro de forma a insuflar-lhe nova vida. Obedecendo quasi sempre a esta louvavel iniciativa, o que é certo, porém, é que, em geral esse «desideratum» como afinal é bem comprehensivel, só se obtem nas peças de successo relativo, visto que nas que o publico consagra logo, após a primeira representação, além de se tornar desnecessaria qualquer substituição, ha a difficuldade, muitas vezes, de conseguir modificar para optimo, o que, na primitiva era bom. Com as revistas, presentemente, em scena nos nossos theatros, inclusivé a «Salada russa», essa remodelação impunha-se e, feita habilmente, como agora succedeu, não se torna necessario ser M.me Brouillard, para vaticinar á peça do Polytheama uma nova e prospera carreira. Se não fosse mesmo a honestidade de processos dos seus auctores por demais conhecida e de que teem dado sobejas provas, era caso para julgarmos que o primitivo fracasso foi propositado para, mais brilhantemente, tirarem agora a sua desforra. O novo quadro é uma «charge» espirituosissima á carestia constante dos generos alimenticios em que Amarante, Tristão e Soares Correia (este ultimo gritando, talvez, em demasio o seu papel), teem occasião de evidenciar os seus meritos, merecendo, com justiça, os applausos que o publico lhes tributou. Bem movimentado, embora se trate de um quadro de comedia, o dialogo é vivo e a graça sahe espontanea do proprio dialogo, tendo a amenisal-o um numero interessante o «tercetto dos Rolas». Outros numeros novos foram introduzidos como seja o novo «Fado hespanhol» por Filomena Lima que sendo, como já por varias vezes o temos dito, uma artista de revista, ao contrario do que seria licito suppôr, tem o numero dos seus papeis reduzido: o numero do «Totó», muito gracioso, feito por Satanella, o «Fado da Sina» por Amarante que não alcançou talvez o successo desejado por o acompanhamento na orchestra se limitar a guitarras e finalmente o «Trio de Santo Amaro», verdadeiro numero de revista, fazendo rir pela sua graça e critica acerada e, sem sombra de duvida, o melhor de toda a «Salada Russa».

Alvaro Lima

Informações

Realisa-se amanhã, no Eden, a festa dos auctores da revista actualmente ali em scena, «A trombeta da fama», que tanto agrado tem alcançado. Lino Ferreira, Arthur Rocha e Xavier de Magalhães vão ser amanhã mais uma vez applaudidos e festejados.

Réclames

Hoje e amanhã, em duas unicas recitas, a pedido despede-se definitivamente a famosa peça de Bernstein «Altar da Patria», o mais recente successo da magnifica companhia do theatro do Gymnasio. Para quarta-feira annuncia-se já, em recita da moda, a sensacional «première» da celebre comedia «Marionettes», cujos principaes papeis são desempenhados por Brazão e Palmyra Bastos, exito extraordinario da Comedia Franceza, onde deu mais de 200 representações.

—No quadro novo de «A Revolta», que, como se sabe, se intitula «21-29-Central» entram, além de outros, Auzenda d'Oliveira, Antonio Gomes, Carlos Leal, Alvaro Pereira, Aurelio Ribeiro, Flora Dysson, Carmen d'Oliveira, Emma d'Oliveira, Maria Alves e Idalina Lopes. Quem pretender mais esclarecimentos fale para o 21-29-C, telephone authentico da supposta agencia de informações secretas que Alberto Barbosa ainda esta semana vae montar em Lisboa.

—«Açambarcadores! Açambarcadores!» E' o brado unisono de Lisboa inteira insurgindo-se contra os illustres artistas Ferreira da Silva e Angela Pinto, desde que elles tomaram de trespasse... três passam para o São Luiz a celebre «Mercearia Bourdin», que já Mello Barreto trouxera comsigo de Paris, por ter encontrado no interior do estabelecimento os melhores e mais baratos «Generos alimenticios», n'uma quadra em que elles faltam ou são excessivamente caros. Mas elles não «açambarcam» mais do que o publico numeroso dos seus admiradores.

o total do papel moeda sem garantia de reserva metallica subia, segundo os seus calculos, a 15.000.000.000 rublos. A revolução havia augmentado enormemente as despezas, como demonstrava a circulação do papel moeda. Durante os mezes de guerra de 1914 o total fôra de 219.000.000 rublos; em 1915 subira a 223.000.000, em 1916 a 290.000.000 e durante os mezes revolucionarios de 1917 a 832.000.000. Evidentemente, o paiz não podia seguir por tal caminho.

Explicou algumas das causas d'esse phenomenal augmento. Podiam ser com razão attribuidas aos insaciaveis appetites dos soviets, dos comités e da soldadesca revolucionaria.

Assim, no dizer de Nekrasoff, os creditos extraordinarios para as tropas no anno de 1917 subiam ao total de 11.000.000.000 rublos. A organisação dos comités d'alimentação levava 500.000.000, a dos comités territoriaes 140.000.000. As exigencias dos operarios empregados pelo governo impunham um orçamento addicional de 19.000.000 rublos por anno.

O orçamento militar para a guerra mostrava até áquella data um dispendio de 49.000.000.000 contra uma receita de 35.000.000.000, ao passo que os orçamentos ordinarios para 1914-1917 mostravam um excesso total de 1.179.000.000. O thesouro apenas tinha bilhetes que não haviam sido pagos. Era absolutamente necessaria a economia, não só na frente, mas na retaguarda.

As receitas haviam começado a decrescer immediatamente apos a revolução e estavam n'um ponto desanimador. Só se podia esperar levantar dinheiro por meio de impostos indirectos. Era absurdo falar em recorrer á apropriação da propriedade particular para o fim de fazer receita. O governo nunca faria experiencia tão arriscada.

O primeiro dia do congresso pôz assim aos olhos dos congressistas reunidos e por intermedio da imprensa aos de todo o paiz um quadro de tristeza e de ameaça. Não foi isso apagado pelas ameaças um tanto theatraes de Kerensky á direita, que toda a gente comprehendeu serem uma tactica para conseguir a sympathia da esquerda.

O congresso não conservára o socego que convinha a uma situação como aquella. Pelo contrario, a sua attenção fôra desviada das aterradoras exigencias do momento para um conflicto pessoal entre Kerensky e os generaes. Assim, o verdadeiro objectivo e fim do seu patriotico appello á união para proseguir a guerra estava sendo prejudicado pelo seu resentimento pessoal contra homens que sincera e dedicadamente queriam alcançar o fim que elle se propunha.

Todo o dia seguinte foi consagrado a conferencias particulares entre varios grupos, sendo o maior o das quatro dumas, que contava 250 deputados e ex-deputados de todos os partidos.

Quasi por unanimidade approvaram uma moção apresentada por Miliukoff a favor da quarta duma. Continha condições politicas, algumas das quaes Kerensky, por motivos politicos e pessoaes, não podia acceitar.

No primeiro ponto—a necessidade da guerra proseguir—estava d'accordo com Kerensky.

sa poderem ser detidas por Lenine, nomeou para o alto commando Krylenko e teve de tomar o quartel general em Mogileff. O general Dukhonin que succedera a Korniloff, recusou-se a dar ordens para suspender as operações e não quiz render-se a Krylenko. Foi brutalmente assassinado pelos marinheiros e soldados bolchevics. O seu estado maior, juntamente com as missões militares e o general Korniloff, sahira no dia anterior para Kieff, a convite da Rada.

O movimento ukraniano assumira, nos mezes precedentes, uma feição popular e nacional. Os Pequenos Russos, pela sua proximidade das fronteiras inimigas, apreciavam, mais claramente do que os seus compatriotas Grandes Russos, todos os perigos d'uma paz separada com o inimigo e não estavam dispostos a dar o seu apoio aos bolchevics.

Já antes do congresso de Moscou, alguns dos collegas socialistas de Kerensky haviam resolvido, por motivos tacticos, sahir do ministerio. A modificação mais importante foi a sahida do *leader* social democrata Tseretelli, que considerou finda a sua missão no governo provisorio e que seria mais util no soviet, para ahi combater a influencia dos bolchevics.

Isso indicava, se não um resfriamento de enthusiasmo dos sociaes democratas por Kerensky, pelo menos o augmento de desintelligencias entre a secção menshevista do partido quanto á habilidade de Kerensky fazer face ao perigo bolchevista.

O novo ministerio, reconstituido a 6 d'agosto, compunha-se de trez socialistas revolucionarios—Kerensky, Avksentieff e Chernoff,—egual numero de sociaes democratas, menshevistas, incluindo Skobeleff, quatro constitucionaes democratas, dois radicaes, um populista (socialista moderado) e tres membros não partidarios. Savinkoff continuou sendo ministro da guerra e Tereshenko ministro dos negocios estrangeiros; Chernoff e Skobeleff representavam a agricultura e o trabalho.

O congresso reuniu sob a presidencia de Nikitin, menshevista, que era ministro dos correios e telegraphos.

Poucos dias antes d'elle reunir, haviam circulado boatos de que uma perigosa conspiração contra a revolução havia sido descoberta; algumas prisões foram feitas e o governo removeu secretamente o czar e sua familia de Tsarskoe Selo para Tobolsk.

Nos jornaes disse se, a 19 d'agosto, que «por razões de Estado o governo resolvera transferir o antigo imperador e a imperatriz, presos, para outro local de residencia, o qual ia ser Tobolsk, para onde o antigo imperador e a imperatriz foram mandados sob conveniente escolta. Juntamente com o ex-imperador e imperatriz foram mandados para Tobolsk, segundo os seus desejos, seus filhos e certas pessoas do seu sequito».

De momento, essa transferencia foi vista com uma suspeita por todos os partidos, porque se suppunha que fôra exagero, mas os acontecimentos subsequentes mostraram quão acertada ella tinha sido.

A retirada dos ex-soberanos para além da esphera de influencia bolchevista evitou a natural anciedade que os outros partidos sentiriam se elles tivessem continuado em Tsarskoe Selo. Os boatos de «conspiração», fortalecidos com a transferencia dos ex-soberanos, crearam uma atmosphera propicia para o acto imminente do drama revolucionario conhecido pelo congresso de Moscou.

Foi inaugurado a 25 d'agosto por Kerensky. Representantes de quatro dumas e de todas as organisações revolucionarias existentes, civis e militares, assim como officiaes, cavalleiros de S. Jorge e cossacos enchiam

o grande *hall* do theatro de Moscou.

O ministerio occupava cadeiras no palco, emquanto a grande sala era occupada pelos delegados dos soviets na esquerda e pelos deputados das dumas na direita. Kerensky trajava um vestuario meio civil, meio militar.

Ao dar as boas vindas aos congressistas, o presidente do ministerio explicou que os tinha convocado para que elles ouvissem a verdade ácerca do estado de negocios, para que não pudessem mais tarde allegar a ignorancia como desculpa de actos que tendessem á ruina do Estado.

Avisava todos os que pudessem formar projectos contra revolucionarios de que esses projectos seriam reprimidos «pelo ferro e pelo sangue.» Avisava muito em especial aquelles que pensavam em dominar a revolução com o auxilio das bayonetas.

Apoz esta ameaça clara aos generaes—assim foi entendida pelos socialistas, que applaudiram calorosamente—e em especial aos generaes Korniloff e Kaledine, que eram conhecidos como favorecendo o restabelecimento da disciplina e da auctoridade por meio da força, tendo Kerensky conseguido a attenção da esquerda, começou a dizer-lhe verdades desagradaveis.

Descreveu a situação como extremamente perigosa. A fome, a falta de transportes, a crise industrial e financeira assoberbavam o paiz e um sentimento geral de terror entorpecia a nação. A *débâcle* do exercito fizera morrer as melhores esperanças que a nação alimentára quanto ao triumpho da democracia, o rapido advento da paz e o exito da revolução russa.

Esta fiel exposição de tristes realidades foi, porém, seguida d'outra serie de ameaças, dirigidas d'esta vez tanto contra a esquerda, como contra a direita. Avisou os poucos bolchevics e generaes que ali estavam de que saberia submettel-os á vontade suprema do governo.

Os bolchevics estavam ali francamente representados, mas haviam demonstrado a sua força promovendo uma gréve geral dos caminhos de ferro e dos restaurantes.

Depois d'essa reiterada ameaça aos generaes, Kerensky disse algumas consoladoras palavras ácerca dos officiaes. A desconfiança com que eram olhados, era, no seu entender, justificada. Toda a nação estava soffrendo do mal hereditario de se não cumprir a lei e de desconfiança de todas as auctoridades, o que concorria em parte para o modo como eram tratados os officiaes. Mas o governo estava tentando conciliar os soldados com os seus dirigentes por meio de comités.

Pensava que a principal tarefa n'aquelle momento era salvar o exercito. Se o exercito não tivesse enfraquecido, a Russia e os seus alliados não teriam sido sujeitos a uma offerta allemã de paz como o papa propuzera e não teria havido uma tendencia separatista entre os ukranianos e os finlandezes.

Dirigindo-se aos delegados do exercito assegurou-lhes que o governo trataria de os proteger das intrigas dos bolchevios e iria a ponto de applicar a pena de morte para reprimir a desmoralisação, a covardia e a traição, assim como os assaltos aos cidadãos pacificos.

A Kerensky seguiram-se o ministro do interior Avksentieff, que apresentou uma serie de medidas para a organisação do governo local, Prokopovitch, ministro do commercio e da industria, e Nekrasoff, ministro das

finanças, que fez uma descripção tragica da situação economica e financeira do paiz, causada pela guerra e pela revolução.

Segundo Prokopovitch, as despezas da guerra, no primeiro anno haviam sido de 5.300.000.000 rublos, no segundo anno de 11.200.000.000 e no terceiro anno de 18.000.000.000.

Disse que em 1913 os rendimentos totaes nacionaes (agricultura e industria) pouco haviam excedido a rublos 16.000.000.000. Na sua opinião, a Russa no terceiro anno de guerra havia dispendido de 40 a 50 por cento da riqueza total do paiz.

Com exactidão disse que a situação era aggravada pelo isolamento da Russia dos mercados mundiaes. Quasi tudo tinha de ser obtido no interior. Apenas 16 por cento do que era necessario para a guerra podia ser importado. Não era de admirar que o paiz estivesse exhausto de todos os «stocks», que a elevação de preços tivesse sido enorme, que os lucros do capital e das terras se tivessem elevado enormemente. Prokopovitch não explicou essa exposição. Provavelmente suppunha que muitos trabalhadores tinham ido servir no exercito.

As ondas dos que tinham ficado, porém, cresceram enormemente.

Argumentou elle que a Russia mostrava grande prosperidade nas classes proprietarias e grande miseria entre as massas trabalhadoras. A primeira affirmativa era exacta, a segunda infundada, excepto no que era resultado das experiencias socialistas, mas fel-as para justificar o que chamava «a energica intervenção do Estado», por outras palavras, a legislação socialista.

Quanto á alimentação, citou numeros. Eram necessarias para o anno mais de 10 milhões de toneladas de trigo e de forragens, cerca de 140 mil toneladas de gorduras e 1.000.000 toneladas de carne. Em muitas localidades não havia pão sufficiente.

Oito provincias no centro tinham grande falta de alimentação. Os stocks em Petrogrado e em Moscou estavam reduzidos ao minimo. Na frente a situação melhorára um pouco. Havia abastecimento para seis semanas no principio de julho, mas os recentes desastres na Galicia haviam causado a perda de parte d'esse abastecimento.

O ministro socialista lamentou-se amargamente da má vontade das classes commerciaes em auxiliarem a combater a crise da alimentação e louvou os comités d'alimentação e territoriaes instituidos pelo governo provisorio.

Mostrou a necessidade de augmentar a producção das fabricas e das industrias do carvão e do ferro. Tencionava assegurar um bom lucro ao capital, mas ao mesmo tempo melhorar as condições do operariado. Estava tomando medidas restrictivas contra os que auferiam grandes lucros com a guerra, mas introduziria um minimo obrigatorio para o trabalho diario. Procederia sem piedade contra a desordem e a anarchia.

Em conclusão, deu a esperança de uma melhoria na situação devida á falta de trafico. Só em julho a deficiencia havia attingido o enorme numero de 25.000 comboios. Não havia muito a esperar do auxilio americano em carruagens e machinas n'um futuro proximo. A falta de locomotives era enorme, estando mais de 25 por cento inutilisadas.

Nekrasoff tratou mais da influencia da revolução em devastar os recursos do paiz. A 1 de janeiro de 1918.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2359 — 9.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães

Redacções Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Terça-feira, 6 de Agosto de 1918

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL

Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço 2 centavos

Á attitude de Portugal

Se no dia 2 de agosto se registou o anniversario das hostilidades desencadeiadas pela Allemanha, e no dia 4 se celebrou o da intervenção da Inglaterra no conflicto mundial, poucas horas faltam para que se commemore tambem o anniversario da resolução tomada pelo nosso paiz perante o mesmo conflicto. Foi, com effeito, no dia 7 de agosto de 1914, isto é, apenas cinco dias depois de rebentar a guerra, apenas tres dias depois de a Inglaterra n'ella intervir, com tão firme decisão, que Portugal por seu turno tomou uma attitude definida perante a guerra. N'esse dia que, na realidade, marca o primeiro passo dado pelo nosso paiz no sentido da guerra, fizeram-se no parlamento portuguez affirmações claras e peremptorias em relação á fidelidade que timbramos em votar á alliança ingleza. E tão nitidas foram, effectivamente, essas declarações que, desde então, Portugal começou a ser olhado como um inimigo pela Allemanha, e, muito antes do estado de guerra, já allemães vertiam traiçoeiramente o sangue portuguez nas longinquas paragens de Africa.

Foi no dia 7 de agosto que o parlamento reuniu em sessão extraordinaria para tratar da questão da guerra. Presidia então ao governo o sr. Bernardino Machado. Respeitador das boas normas constitucionaes, o illustre republicano promoveu a reunião do congresso, e n'uma das sessões mais solemnes que em S. Bento se teem realisado, perante a camara repleta de representantes da nação, contando-se entre elles os chefes dos tres partidos, e o sr. Machado Santos que sempre interpretou os sentimentos d'uma determinada corrente de opinião e d'um determinado numero de amigos, o presidente do ministerio leu um relatorio em que se expunha a situação provocada pela guerra e que terminava por estas palavras:

«Logo apoz a proclamação da Republica, todas as nações se apressaram a affirmar-nos a sua amisade, e uma d'ellas, a Inglaterra, a sua alliança. Por nossa parte, temos feito incessantemente tudo para corresponder a essa amisade, que deveras prezâmos, sem nenhum esquecimento, porém, dos deveres de alliança que livremente contrahimos, e a que em circumstancia alguma faltariamos. Tal é a politica internacional de concordia e de dignidade que este governo timbra em continuar, certo de que assim solidarisa indissoluvelmente os votos do venerando chefe do Estado com o sentimento collectivo do Congresso e do povo portuguez.»

A esta declaração, em que se confirmavam solemnemente, e na hora do perigo, os compromissos resultantes do pacto secular que une Portugal e a Inglaterra, corresponderam as affirmações cathegoricas dos chefes de partido, que todos se irmanaram na communhão patriotica, requerida pela situação. O sr. Affonso Costa declarou que abatia a bandeira do seu partido no altar da patria, accentuando o valor dos compromissos resultantes da alliança ingleza. O sr. Antonio José de Almeida affirmou que tinhamos de fazer a politica da nossa alliada, por ser a unica que nos convem, e concluiu bradando: «Vamos para a guerra!» O sr. Brito Camacho declarou que dava o seu voto á declaração ministerial porque, n'aquelle momento, não era politico, mas sómente portuguez. O sr. Machado Santos egualmente deu o seu voto ao governo, e o mesmo fez o sr. Manuel José da Silva, representante do partido socialista. Não houve uma nota discordante. Como poucas vezes tem succedido, um grande sopro de patriotismo e ideal passou por cima do hemicyclo onde tantas batalhas se teem travado em torno dos principios e dos homens.

Findou a sessão com um vibrante viva á Republica, e *A Capital*, cujo extracto da sessão estou relendo, noticiava que o enthusiasmo fôra indescriptivel. Deputados de todas as facções politicas abraçaram o sr. Bernardino Machado, e cá fóra, as manifestações attingiram o seu auge. Enorme multidão, agitando bandeiras portuguezas, francezas, inglezas, acompanha a carruagem do chefe do governo, e formando um cortejo onde, acima de todas as acclamações, se destacavam as notas energicas e sentidas da *Marselheza* entoada em côro por muitos milhares de boccas.

Desde esse dia, a sorte de Portugal estava lançada. Outros dias vieram, de lucto e de dôr. Mas encontraram-nos sempre de pé, e de pé continuarão a encontrar-nos. A força, a vitalidade d'um paiz medem-se tanto pelos seus successos como pela intrepidez com que supportam os seus sacrificios e os seus revezes.

Quantos sacrificios, quantos revezes não teem supportado os alliados! E, todavia, a sua fé não tem esmorecido, e a cada novo golpe as suas energias teem redobrado, até que, finalmente, a victoria lhes sorri já no horisonte!

Cartas de França

O galo, o licorne e a aguia

Em frente da aldeóla de Archeux-le-français, a linha dos alliados forma um saliente agudo que seria de defeza difficil se dois môrros quasi eguaes, quasi parallelos, lhe não guardassem os flancos. Em cada um de aquelles mamelões, tornados quasi inexpugnaveis, os anglo-francezes installaram vinte e quatro peças de setenta e cinco, que varrem a campina em frente e desdobram uma verdadeira cortina de ferro. Mas se os canhões troam constantemente, as acções d'infantaria são raras ali e na maior parte das vezes não passam de *raids* ligeiros, constituindo *la pêche aux boches*, porque de cada excursão d'estas veem sempre dois ou tres prisioneiros allemães, trazidos em triumpho, logo empanturrados benevolamente porque todos trazem uma fome diabolica e expedidos com presteza para a retaguarda.

N'aquella manhã, o tenente Robinson estava d'humor belicoso. Tinhamos almoçado bem. Junto d'uma cantina da *Christmas Joung* um capitão de sapadores informou-nos de que justamente n'aquella parte do saliente, operavam em boa camaradagem, francezes e inglezes, em companhias mixtas. Robinson coçou a face esquerda com a cabecinha do dedo minimo.

—Quer lá ir?—perguntou-me elle.

—Não vim cá para outra cousa.

—Bem. Vou ao *twerdchey* solicitar a licença.

Twerdchey é um novo termo, um intraduzivel termo que pode á primeira vista parecer inglez mas que não pertence a nenhuma lingua e que designa caracteristicamente os ajudantes da brigada, officiaes da papelada, que visam guias e expedem ordens. Porque motivo *twerdchey*? Não o consegui saber nunca. Acendi um cigarro, olhando a antiga estalagem da terra, onde em tempos tinha existido um ferrador, e que era agora o quartel general da brigada. Para lá entrou o meu bizarro companheiro e de lá sahiu em breve com um grande papel azul que voava ao vento, esmaltado de carimbos e de rubricas.

—E então?

—Vamos embora...

Chupei o cigarro com viveza. Coisa grave a trincheira! Silenciosos sahimos da aldeia, um ao lado do outro. Era um passeio de quatro kilometros. Logo largámos a estrada de Moreuil, que corria ao longo do Avre, estrada que ninguem utilisava porque n'ella choviam constantemente os obuzes e tambem as grossas castanhas dos *schrapnell's*, como que cahidas do céu, rolando como folhas mortas n'um ciciar sinistro. Em roda sempre a campina cinzenta, deserta na apparencia e onde só ao longe, em em semi-circulo, fumositos brancos e irregulares denunciavam baterias tonando. A ondulação larga da charneca estendia a perder de vista um oceano de pedras eternamente batidas, esphaceladas pela metralha — e de tal forma que as maiores eram do tamanho de ovos acabando de pulverisar-se, espalhando-se em poeiras quando uma marmita lhes rebentava por cima, abrindo um funil perfeitamente regular, uma cratera minuscula por onde rebolavam com fragor avalanches de terras e de granitos. E bruscamente, com algum allivio e grande alacridade, o rasgão de uma trincheira appareceu á flôr do solo, meandrosa, torcicolante, caminhando para leste, escura mas abrigada, um verdadeiro Eden n'aquelle ermo onde nervosamente me parecia que todos os canhões allemães visavam os nossos dois vultos isolados e visiveis em todo o largo horisonte. Apeteci-a logo furiosamente, aquella doce trincheira! E ia dar parte d'este apetite ao meu companheiro — quando elle saltou ligeiramente para dentro d'ella. Arremessei-me tambem — e apezar da aragem fresca, quasi aguda, que perpassava, com as costas da mão limpei duas camarinhas de suor, teimosas, que me tombavam da testa. Hoje, no socego da minha rua, na placidez do meu bairro, penso muitas vezes n'esse momento em que vivi formidavelmente — e quer-me parecer que tive medo.

Estava deserto o aproxe, corredor simples, sem banqueta, sem parapeito, com o talude de revez a pique, com raros abatises aqui e ali, visivelmente abandonados e esquecidos. Galerias transversaes abriam vãos de sombra de quando em quando e para além, adivinhavam-se outras ainda, cruzando-se nas entranhas pardas da terra, formando ruas e beccos, verdadeira cidade de toupeiras pacientes e laboriosas, tão confusa, tão inextrincavel que demandava roteiro e bussola. Estão semi-mortos já os vivos que ali habitam n'aquelle labyrintho barbaro, talhado a picareta e a que só falta a abobada de rocha para se transmudar em catacumba ou em necropole. Pelas paredes dos fossos a agua gotejava, conglobando no fundo, apezar do verão, apezar da estiagem, aquella lama fétida, a lama da guerra, torturante, obsecante, invasora, a lama de que todos falam com horror, que devora e transforma em vermes os homens que pensam e é o maior martyrio dos que teem de ali viver. Em breve as nossas grossas botas pesavam kilos, desequilibrando-nos, atirando-nos de encontro ás escarpas que logo maculavam as fardas e immediatamente enviscavam as mãos. Colhidos n'aquelle intestino sem fim, uma vez e meia mais alto do que a estatura de um homem, nada viamos da terra e do céu apenas uma nesga escassa, vagamente azul, nos acompanhava, riscada de quando em quando pela trajectoria dos obuzes que rebentavam alto. Silencio em torno de nós, na Babylonia de soffrimento e lama. Decametros adeante de decametros, kilometros adeante de kilometros atravez d'aquelle dédalo da morte onde só o echo abafado das passadas esparrinhando papas, dava fugitivos rumores de gente viva. Confusos pensamentos, inolvidaveis reflexões em plena febre, na espectativa do desconhecido, na imminencia do estilhaço que mata, caminhando para deante, para a voragem. E de repente, n'um rugido que me fez estremecer, uma voz gritou:

—*Qui vive?*

Santo Deus! Era o galo, era o *poilu*, o soldado de França, ali, no seu elemento natural. Como eram os soldados d'Hoche? Como eram os heroes de Marceau? Farrapos e clarões, agonias e clamores. Era ainda o mesmo o soldado de França. Um corpo debil, um corpo meudo servia de cabide a umas calças que tinham sido vermelhas, a um capote que talvez, outr'ora, fosse cinzento. Uma espingarda maior do que elle onde refulgia a lamina azulada d'uma baioneta esguia servia-lhe d'amparo, enxada de guerra, enxada de morte com que se abrem os corrêgos para os alicerces de futuras civilisações. A barba uma floresta; a fronte uma ruga immensa; a bocca uma convulsão. Mas por cima dois olhos enormes, dois olhos soberbos, scintillantes, imperiosos, carregados d'orgulho, faiscando d'epopeia, largos olhos, humidos olhos de *piou piou*,—denunciavam a raça, erguiam a imperecivel scentelha do heroismo na ruina miseravel d'aquelle corpo. Lamentavel e grande, abjecto e sublime, emproado, vibrante, cantando claro, dominador, grave, hieratico e meticuloso—era a França! Era o galo!

Passâmos. Agora a trincheira povoava-se. E blindava-se tambem, complicando-se de *blokaus* chapeados d'aço, onde se abriam *machicoulis* que as metralhadoras utilisavam logo. Por vezes a tripa sem fim tinha aspectos de galeria de mina, ribombando com echos abafados, rumorejante na treva com o perpassar dos homens apressados e deligentes. As chapas de ferro soavam lugubremente no patear pressuroso dos trabalhadores. Aqui azafama, alem socego, por cima o trovejar incessante das artilharias. Calças vermelhas, calças cinzentas, sapatões rasos, sandalias, pés descalços escoando-se entre panoplias d'espingardas penduradas nos barrotes, n'um gesto pueril e complicado, cunhetes de cartuchos onde sempre havia mãos a remecher, febris e impacientes. Encontrões, pragas. E a dois passos d'uma crista onde crepitava com estalidos seccos uma fuzilaria mollo, n'um reducto circular onde estavam installados telephones, telegraphos, microphones, toda uma complicação de machinas industriosas e deligentes, seis inglezes cachimbavam com ripanço, com gravidade, deixando escapar de quando em quando interjeições placidas que subiam no ar mephitico tão vagarosamente como as volutas do *golden-flake*. Logo lhes reconheci, no tumulto do prélio, o sangue-frio ancestral, um pouco bretões, um pouco normandos, participando do mercador do pannos das Indias e de John Churchill, que foi depois duque de Marlborough, linhas de grande senhor do Carlos II bruscamente cortadas por traços communs de *wogrentake*, misto confuso de covenentarios e de fidalgos, a coragem lucida de *lord* Moutrôse amalgamada na circumspecção constante de Herbert ou de Mouck. Heraldicos e hieraticos, fortes e placidos, nobres e graves, representavam bem o licorne das armas reaes do seu paiz, por mysteriosas afenidades lembravam o animal de chimeira e de legenda que symbolisa a Inglaterra n'uma reunião de força, de elegancia, d'orgulho e de simplicidade. E no estrepito dos combates, o galo estridente, o licorne placido, bons amigos, bons camaradas, transfusando um no outro qualidades e defeitos, virtudes e deficiencias, um com a ira de Jupiter, outro com a serenidade de Vulcano, n'um largo gesto, n'um largo clamor,—combatem a aguia.

Subita gritaria commove os meus seis inglezes. Um *raid* ligeiro, uma distracção familiar áquelles troglodytes—a unica distracção—déra em resultado dois mortos no fundo d'uma cratera e um prisioneiro prussiano trazido em triumpho. A fuzilaria amortecera, diminuira e por fim calára deixando apenas a voz grave e continua do canhão. E no reducto, escoltado, entrou o homem, lugubre peça da formidavel engrenagem d'Atila, mudo, sinistro, emparvoecido, coberto de lama, esguzeado, quasi conservando por unico e supremo luxo o capacete de metal onde rutilavam as armas imperiaes, a aguia bipartida d'aquelles fidalgotes do Brandeburgo que o destino levou a imperadores da Allemanha. De novo os inglezes mergulharam nos cachimbos, mirando curiosamente o prisioneiro. O tenente Robinson foi mais communicativo:

—*Godam!*—exclamou elle.

O homem mordeu vorazmente um pedaço de pão trigueiro que lhe deram. Um *tommy* e um *poilu* em serviço de *corvée*, na retaguarda, prepararam-se para levar o prisioneiro. Vi-os todos tres em fila, caminharem pela trincheira fóra, todos tres exhaustos, todos tres curvados, embrutecidos no horror immanente da guerra. E depois, n'um angulo d'um aproxe, phantomaticos, lentos, o galo, o licorne e a aguia desappareceram. E eu accendi um segundo cigarro.

Mario de Almeida

«A saude pelo Naturismo»

O nosso presado collaborador e distincto clinico naturista sr. dr. Amilcar de Sousa acaba de vêr o seu livro *A saude pelo Naturismo* traduzido em hespanhol e editado por uma casa de Valença.

Tendo tido larga acceitação entre nós, *A saude pelo Naturismo* vae com certeza alcançar o mesmo exito em Hespanha. Ao sr. dr. Amilcar de Sousa as nossas sinceras felicitações.

Ministro da Argentina em Portugal

O seu fallecimento

Victimado por uma congestão de figado, falleceu no Bussaco, onde estava passando a estação calmosa com sua familia, pela uma hora, o sr. Baldomero Garcia Sagastume, ministro da Argentina em Portugal.

O illustre diplomata, que ha bastantes annos desempenhava entre nós o alto cargo de ministro plenipotenciario do seu paiz, contava 54 annos e iniciara a sua carreira diplomatica em Montevideu. Esteve depois no Paraguay, Perú, Chili, Brazil e Japão, d'onde veiu para Portugal.

Ao ser conhecida em Lisboa a dolorosa noticia, accorreram á legação, na rua Braamcamp, M. C., 1.º, muitas pessoas, que ali foram deixar cartões de pezames.

O cadaver virá brevemente para Lisboa, realisando-se aqui o funeral.

A' tarde esteve na legação um representante do sr. secretario d'Estado dos negocios estrangeiros.

A favor dos mutilados

Donativos ao Instituto de Santa Izabel

Innumeros são já os donativos que para os valorosos mutilados da guerra se teem recebido no Instituto Medico Pedagogico de Santa Izabel, continuando elles a affluir ali, d'um modo que mostra bem o altruismo da raça portugueza.

Quasi se não passa um dia em que se não registem novos offerecimentos. Bem digna é a modelar instituição da sympathia do publico e recommendal-a é ocioso, sabendo-se que tem á sua frente um homem como o dr. Aurelio da Costa Ferreira, e que os mutilados encontram ali mais do que protecção e amparo: um carinho inexcedivel.

Hoje registamos o donativo de 2$50 que um anonymo—habitante de Bemfica—entregou á commissão das festas de sport.

Lello Portella

Parte hoje para o norte, onde vae descançar durante algum tempo, este brioso aviador portuguez que, como se sabe, foi condecorado com a Cruz de Guerra franceza.

Os nossos desejos d'uma feliz viagem.

Em Santarem

Homem morto por um policia

SANTAREM, 6.—Esta madrugada, quando o guarda civico n.º 44, Francisco de Freitas, andava em serviço no bairro de Santa Clara, approximou-se d'elle um grupo de individuos do qual fazia parte José Cabral, mestre do casão de sapateiros d'artilharia 3.

Não se sabe o que se passou, porque a unica testemunha de vista, uma mulher amante do Cabral, se limita a narrar que ouviu o policia dizer diversas vezes:

—Não olhes para mim, ó Cabral! Não olhes para mim!

O certo é que o policia disparou um tiro e o Cabral cahiu por terra, dispersando-se o grupo. Aos gritos de soccorro soltados pela mulher que presenciou a scena accudiu muita gente. Conduzido o Cabral, que era casado e tinha filhos menores, dos quaes o mais velho conta 7 annos, ao hospital, verificou-se ali que estava morto, pelo que o cadaver deu entrada na Morgue.

O policia, no emtanto, foi apresentar-se na esquadra do Canto da Cruz. Tem uma grande facada na mão direita e um ferimento na cabeça, feito com uma pedrada, d'onde se depreheude que houve lucta entre elle e o tal grupo.

O commissario de policia compareceu no local, e á hora a que telephonamos está procedendo a averiguações.—(Correspondente).

A GUERRA

A contra-offensiva alliada

Os francezes manteem-se na margem do Vesle

PARIS, 5.—Nada de particular a assignalar na linha de batalha. Os elementos ligeiros francezes que passaram o Vesle manteem-se apesar da resistencia allemã.—(Havas).

*

Nas linhas britannicas

Pequenas acções locaes, actividade da artilharia

LONDRES, 5.—Communicado britannico:—Durante a noite fizemos alguns prisioneiros nas proximidades de Neuville-Vitasse, ao sul e a leste da Arras. A artilharia inimiga esteve muito activa na noite passada, em La Bassée, ao norte de Bethune, e em differentes pontos entre Hazebrouck e Ypres.—(Havas).

*

O bombardeio de Paris

PARIS, 5.—Recomeçou o bombardeamento da região parisiense pela peça de grande alcance.—(Havas).

*

A campanha aerea

Raid sobre o leste d' Inglaterra

LONDRES, 6.—Official:—Alguns aeroplanos inimigos approximaram-se esta tarde das costas de alguns condados de leste, mas não conseguiram voar sobre o territorio, a não ser n'uma pequena superficie.—(Havas).

*

A intervenção do Japão

Os nipo-americanos limitar-se-hão a auxiliar os tcheco-slovacos

WASHINGTON, 5.—No exercicio das suas funcções, o secretario de Estado publicou uma declaração em que se diz que a acção japoneza-americana tem em vista unicamente ajudar os tcheco-slovacos na lucta contra os prisioneiros austro-allemães e nos seus esforços de constituirem um governo com o auxilio dos russos e para os russos; protesta que as tropas americanas se limitarão a guardar os aprovisionamentos militares e a darem toda a assistencia acceitavel aos russos, sem de forma alguma intervirem nos negocios da Russia.—(Havas).

*

Guerra maritima

Dois contra-torpedeiros e um transporte-ambulancia afundados

LONDRES, 5.—O almirantado annuncia as seguintes perdas de navios: Em 2-8 devido ás minas, 2 contra-torpedeiros britannicos com 97 homens, entre os quaes 5 officiaes. Em 3-8, em consequencia de um torpedeamento, o transporte ambulancia britannico «Warilda», sendo as suas perdas de 123 pessoas, entre as quaes 1 official e 6 marinheiros da tripulação, presumindo-se que entre os que faltam morressem afogados 2 officiaes do exercito, o commandante do corpo auxiliar feminino e um soldado americano.—(Havas).

*

Afundamento do Warilda

Actos de heroicidade—Entre os mortos figuram muitas enfermeiras

LONDRES, 6.—Os allemães torpedearam e metteram a pique no dia 3 do corrente o transporte-ambulancia britannico «Warilda», havendo entre os mortos muitas enfermeiras. O «Warilda» transportava 600 feridos e doentes, além da tripulação e pesoal sanitario. Mais de 650 sobreviventes foram conduzidos para o mesmo sitio, no sabbado, a maioria dos quaes em trajes menores soffreu grandes privações. Os dois contra-torpedeiros britannicos que escoltavam o transporte-ambulancia tiveram de lançar foguetões porque a noite estava muito escura, o mar agitado e o vento violento. O torpedo attingiu a retaguarda da casa das machinas, matando o 3.º machinista e mais dois homens do pessoal de fogo, e, destruindo o dinamo, mergulhou assim o navio na obscuridade. Justamente por cima do dinamo estava uma enfermaria comportando mais de 100 feridos e doentes, a maioria dos quaes morreu em consequencia da explosão, e outros foram feridos pelos estilhaços do torpedo; encontrando-se interceptados e fóra de qualquer soccorro, todos pereceram salvo alguns que se atiraram ao mar e foram recolhidos. Esta parte do navio não tardou a afundar-se, e a agua innundou a enfermaria afogando os homens impossibilitados de se salvarem.

Foi no meio das trevas e da lucta terrivel que se soccorreram os feridos e doentes do navio transporte-ambulancia, que fluctuou durante duas horas continuando a navegar, emquanto durante este tempo, porque era impossivel parar as machinas, tres das quatro chalupas se partiram ao descel-as para o mar, e os seus passageiros eram lançado nas aguas. Todos os militares feridos e doentes, e enfermeiras, rendem homenagem aos heroicos esforços dos officiaes de marinha da tripulação. Apesar das espessas trevas os marinheiros executaram com methodo e sangue frio a operação consistindo em trazer os feridos e doentes para a ponte. Os feridos, estendidos sobre a ponte e esperando a sua vez de serem levados, nunca soltaram um queixume, ou exigiram dos seus salvadores que se apressassem. Os mais levemente feridos insistiram para que levassem primeiro aquelles cujo estado era mais grave, e que as mulheres fossem embarcadas primeiro, mas estas protestaram pedindo para não descerem antes dos seus doentes.

O «Warilda» afundou-se lentamente pela pôpa até ficar perpendicular á superficie da agua, que attingindo as caldeiras as fez explodir, levantando-se n'esta occasião uma terrificante columna de fogo por cima das aguas. Depois tudo recahiu nas trevas.—(Havas).

*

De todo o mundo

O processo Malvy

PARIS, 5.—O Supremo Tribunal resolveu, na audiencia d'esta manhã, por 98 votos contra 96, tratar successivamente das questões de soberania e incompetencia, a que a accusação attribue capital importancia.—(Havas).

PARIS, 6.—Os jornaes prevêem que os debates no Supremo Tribunal sobre a questão subsidiaria relativa a prevaricação. Fez uso da palavra grande numero. Segundo o «Petit Parisien» alguns juizes julgam possivel uma nova informação judiciaria.—(Havas).

Divergencias entre os membros do gabinete

MADRID, 6.—Dizem de San Sebastian ao «Imparcial» ser de prever que no conselho de ministros de quinta-feira proxima se manifestarão certas divergencias entre os membros do governo, motivadas por difficuldades de caracter internacional que parece terem surgido e dado logar a troca de cartas pouco amaveis entre alguns ministros. Mais se diz que o torpedeamento de navios hespanhoes suscitou tambem seria discussão no seio do gabinete.—(Havas).

ROL DE HONRA

Baixas em França

Mortos nas datas que se indicam:

Por ferimentos em combate: batalhão de artilharia de guarnição, sold. 425 da 3.ª, Joaquim José Sobral, em 30 de maio de 1918; 1.º batalhão de artilharia de costa: sold. 127 da 3.ª, Miguel Luiz, em 1 de junho de 1918; 1.º cabo 578 da 3.ª, Joaquim José, em 30 de maio de 1918; sold. 261 da 6.ª, João Antonio, em 30 de maio de 1918; sold. 225 da 6.ª, Bernardo Fernandes, em 1 de junho de 1918; sold. 311 da 3.ª, João Baptista, em 1 de junho de 1918; sold. 349 da 6.ª, Antonio Francisco Motta, em 30 de maio de 1918; sold. 412 da 3.ª, Ignacio da Silva, em 30 de maio de 1918; 2.º cabo 265 da 3.ª, Manuel Rodrigues Costeira, em 30 de maio de 1918; 1.º cabo 218 da 3.ª, Carlos Ferreira da Silva, em 1 de junho de 1918; 1.º grupo de companhias de saude, 1.º cabo 896 da 7.ª, Antonio da Costa, em 1 de junho de 1918; 1.º batalhão de artilharia de costa, sold. 442 da 1.ª, Antonio Valerio, em 19 de julho de 1918.

Noticias do Brazil

As relações commerciaes niponico-brazileiras

RIO DE JANEIRO, 5.—Devem chegar brevemente ao Brazil os representantes das principaes casas nipponicas para adquirirem, nos diversos Estados, materias destinados ao desenvolvimento da industria siderurgica. Segundo consta, serão exportadas para o Japão grandes quantidades de «Zarconio», o novo metal recentemente descoberto no Estado de S. Paulo.—(Americana).

Cruz Vermelha

O «Diario do Governo» de hoje insere uma portaria louvando e agraciando com a «medalha de serviços distinctos» o pessoal e auxiliares do serviço de saude da Sociedade Portugueza da Cruz Vermelha pelos generosos serviços prestados a quando da revolução de 5 de dezembro.

Funccionarios da Secretaria da Agricultura

Com enorme concorrencia, reuniram nas salas do Atheneu Popular os funccionarios da extincta Direcção Geral da Agricultura, para apreciarem a sua situação em face do decreto que creou o ministerio da agricultura, e sobre as nomeações a que deu origem tal organisação. Fizeram uso da palavra grande numero de assistentes, sendo unanimes os protestos contra as nomeações feitas de individuos estranhos ao funccionalismo, para esta secretaria de Estado. Por ultimo foram votadas tres moções, que foram approvadas por unanimidade: 1.ª protestando contra as nomeações do pessoal administrativo que o secretario de Estado da agricultura, está fazendo ao abrigo do decreto que organisou esta secretaria, pois as reputam illegaes e attentatorias das affirmações feitas pelo chefe do Estado a estes funccionarios; 2.ª enviar um telegramma ao chefe de Estado instando por que justiça lhes seja feita e 3.ª um voto de louvor para a imprensa diaria de Lisboa que se não tem recusado a tratar d'esta justa questão.

Os agentes de fiscalisação resolveram, não concorrer ás vagas de agentes principaes de fiscalisação com individuos estranhos á sua classe, pois, além de lhes ser prejudicial, será um mau exemplo de futuro.

O telegramma enviado ao sr. presidente da Republica é do theor seguinte:

«Senhor:—Novamente os funccionarios da extincta direcção geral da agricultura, ainda confiados no espirito de justiça de V. Ex.ª, esperam que a acção de V. Ex.ª, como chefe do Estado, se faça sentir junto do secretario de Estado da agricultura, a fim de que justiça lhes seja feita».

Na Camara dos Deputados

Uma sessão tumultuosa

Scenas de pugilato

Como a sessão conjunta é ás 16, a chamada para a dos deputados começa meia hora mais cedo que de costume. Do governo está só o sr. secretario da agricultura. A sessão abre com 69 deputados e preside o sr. Lino Netto.

Fala em primeiro logar o sr. secretario da agricultura, que declara que os demittiria, se fosse ainda ministro das subsistencias, os funccionarios que forneceram ao sr Cunha Leal documentos confidenciaes. Elogia os membros do conselho economico, todos homens de provadissima honradez e da maior competencia, tornando esses elogios extensivos a toda a camara, na qual se nota vontade de trabalhar. O sr. Cunha Leal insurge-se contra as affirmações do sr. secretario da agricultura.

O sr. Egas Moniz requer que entre em immediata discussão o projecto do sr. Horta Osorio relativo aos mutilados da guerra e o sr. Celorico Gil requer que seja posta em votação uma proposta que apresenta para que o projecto não entre em discussão sem as formalidades que o Regimento preceitua.

O sr. Solano d'Almeida pede a palavra para se defender das accusações que um deputado da maioria hontem proferiu e que affectam a sua honra. Ha protestos por parte da maioria e do sr. Correia Monteiro.

O sr. Egas Moniz entende dever-se tratar antes de mais nada do projecto dos mutilados, opinião que o sr. Ayres d'Ornellas perfilha, esperando que a presidencia não tolha o sr. Solano d'Almeida de dizer de sua justiça, antes de se encerrar a sessão.

A proposta do sr. Celorico Gil é rejeitada, requerendo este deputado que n'esse caso o projecto a discutir seja lido, para o orador e a camara se inteirarem do que vão votar e desejar discutir. Assim se resolve, sendo lido o projecto dos mutilados.

Depois da leitura o sr. Celorico Gil pede a palavra para uma questão prévia. Diz que não se deve dispensar nunca as formalidades regimentaes, espraiando-se em considerações para demonstrar a justiça do seu modo de ver. Pede o projecto, que a presidencia lhe conceda. Levantam-se duvidas sobre se o orador deve continuar a occupar-se da questão prévia para que pediu a palavra. Ha protestos. O presidente consulta a camara sobre se o deputado algarvio está fóra da ordem, manifestando-se a camara em sentido affirmativo. O sr. Gil protesta e o presidente reserva-lhe a palavra para a proxima sessão, visto approximar-se a hora destinada á sessão conjuncta e haver ainda assumptos a tratar.

O sr. Manuel Bravo apresenta um projecto para que os trabalhos feitos pelas commissões durante o interregno, sejam considerados trabalhos parlamentares.

Foi votada a urgencia.

O sr. Celorico Gil combate os subsidios aos deputados. Nunca o recebeu e se entende que durante as sessões os representantes do paiz o não devem receber, muito menos julga que devam ser remunerados quando o parlamento está fechado. O sr. Alberto Navarro demonstra-lhe que o caso está estatuido no regimento.

Os srs. Joaquim Chrysostomo e Egas Moniz tambem esclarecem o assumpto.

Foi approvado o projecto.

O sr. Almeida Pires propõe que as commissões que ainda não estão constituidas o façam hoje.

Um deputado da maioria propõe para ser aggregado á commissão de inquerito ao C. E. P. o sr. Manuel Pinto Osorio. Ambas as propostas são approvadas.

E' concedida a palavra ao sr. Solano de Almeida. Movimento de attenção e curiosidade na sala e nas galerias.

O orador começa por apresentar as suas homenagens á presidencia e declara que faz uso da palavra para se defender do que a seu respeito disse um homem que não merece a consideração de um homem.

O sr. Solano d'Almeida entra n'um caminho a que a presidencia entende dever pôr ponto; o sr. Egas Moniz invoca o regimento, levantando-se enormes protestos. O presidente convida o orador a retirar as palavras que proferiu. O sr. Solano diz que preferia que lhe chamassem ladrão e assassino a que ponham em duvida a sua lealdade, que até agora não foi posta em duvida por ninguem. Retira, em attenção á camara, unicamente, o que disse. Pede que se pergunte ao deputado que hontem falou se teve intenção de o offender. Depois deseja que lhe lancem em rosto os seus erros e faltas de correcção e lealdade. Declara que pediu a demissão de governador civil de Coimbra, por ver que não podia accumular essas funcções com as de deputado. Explica como acceitou esse cargo, para que foi convidado pelo sr. almirante Machado Santos, seu amigo intimo e os factos que se deram antes, que determinaram o movimento politico de 5 de dezembro. A ordem publica era um cahos em Coimbra e desde que o orador tomou conta do governo civil, nunca mais foi alterada. Faz as suas affirmações monarchicas, com protestos da maioria e applausos das minorias. A monarchia—diz—é a unica coisa que pode salvar a Patria.

Durante mais de cinco minutos ninguem se entende. O sr. Egas Moniz pede a palavra para invocar o regimento, dizendo que a maioria foi aggravada. N'esta altura o tumulto attinge o seu auge, trocando-se improperios e ameaças, que chegam ao ataque pessoal, ao pugilato. O presidente suspende a sessão e o tumulto continua, sendo as galerias evacuadas.

A's 17,15 o sr. presidente reabriu a sessão apenas para declarar á camara que a encerrava, em virtude do adeantado da hora e ter de reunir-se o Congresso.

Exportação de vinhos

O grande "cambalacho" da Federação-Malhou — Está em foco o sr. Thiago Salles

Como já dissemos, propomo-nos tratar, n'este jornal, com desenvolvimento, da questão conhecida por «O contracto Federação-Malhou». O escandalo é, mais ou menos, conhecido. Mas não é extemporaneo fazer um resumo do «cambalacho», arranjado, com arte e proveito, nos tempos, não saginquos, em que o sr. Thiago Salles, presidente da Federação, conquistou de assalto o logar de chefe de gabinete do ministro do interior. O qual ministro era, não convem esquecel-o, o sr. Machado Santos, homem de antes quebrar que torcer, no que fez certa differença do sr. Sidonio Paes, que não quebra nem torce. E o sr. Machado Santos, que viu falhada a sua habilidade politica quando se proclamou, na gloriosa jornada de 5 de dezembro, commandante em chefe da columna do norte, para contrapôr á do sul, que tinha á sua frente o actual chefe do Estado,—o sr. Machado Santos, repetimos, já está sentindo as consequencias da sua versatilidade politica, curtindo as amarguras d'um ostracismo que se sabe quando começou, mas não se adivinha quando acabará...

Pois foi o sr. Thiago Salles que arranjou o negocio. Não sabemos até que ponto o sr. Machado Santos se deixou illudir, pelo seu grande homem de confiança. A verdade, porém, é que o erro foi commettido durante o periodo da sua gerencia na pasta das subsistencias e transportes. Convenientemente ou não, o sr. Machado Santos sanccionou o negocio. Está é a verdade!

O negocio do sr. Thiago Salles, presidente da Federação, tem a simplicidade dos traços de genio. Duas pennadas, algumas assignaturas e os contos de réis, ás centenas e aos milhares, começaram a cahir, como por milagre, nos bolsos insaciaveis dos seus amigos da Federação. Para alguma coisa ha-de valer, n'este paiz, ser grande homem! Mas eis o que foi o negocio, em duas linhas:

Em março, meia duzia de dias depois de o sr. Machado Santos assumir a pasta do Ministerio das Subsistencias e Transportes, custou na praça que este havia concedido, por meio de um contracto á Federação dos Syndicatos Agricolas do Centro de Portugal, a garantia de transporte de 80.000 pipas de vinho para França.

Reunidos na Associação Commercial grande numero de commerciantes, resolveram elles ir junto do sr. Machado Santos para que este informasse ácerca da possivel revogação do boato. De facto, acompanhado pelo Presidente da Associação Commercial, foram as principaes casas de negocio de vinho recebidas pelo ministro, que declarou **ser verdadeira a informação e que se elle tinha feito essa concessão era porque essa gente tinha conseguido collocar lá fóra aquella quantidade de vinho** (textual). Como se lhe respondesse que os presentes haviam conseguido de ha muito collocação para cerca de 200.000 pipas e que a difficuldade não estava em *collocar* lá fóra, mas sim em *transportar*, o ministro respondeu que não sabia nada d'isso, mas que lhe mandassem a nota da quantidade collocada, porque não seriam os negociantes prejudicados. Mais se lhe disse que dada a exiguidade de transportes, que já não chegavam para as necessidades presentes, não podiam os negociantes deixar de ser prejudicados, visto que a garantia d'aquelle transporte era a mobilisação a favor da Federação de toda a tonelagem maritima e terrestre, ou o contracto se não cumpria.

A questão foi posta, pois, com extrema clareza ao sr. Machado Santos: ou s.ex.ª mantinha o contracto com a Federação—o que representava, de facto, o monopolio dos meios de transportes maritimos a favor d'ella e com prejuizo da grande maioria dos commerciantes exportadores de vinhos—ou rescindia o contracto que lhe tinha sido extorquido sem pleno conhecimento do problema (conforme propria confissão) e então seria possivel estudar-se *modus-vivendi*, que a ninguem prejudicaria e antes a todos seria equitativamente util, nos limites das disponibilidades da nossa tonelagem maritima.

A segunda solução era a mais justa. Mas, se fosse adoptada, lá iam por agua abaixo os lucros da Federação e ficaria praticamente demonstrado que nada pode um valido de ministro da Republica sempre que se trate d'um negocio contrario aos interesses do Estado e ao prestigio das instituições! Foi talvez por isso que a boa orientação não foi adoptada, tão desorientadora é a febre do lucro e a posse do ouro, a *auri sacra fames*, já cantada por Virgilio e que perdura, atravez dos tempos e das leis, desde que no mundo appareceu a primeira moeda.

A *Federação-Malhou* tinha (dizia elle) 80.000 pipas de vinho para entregar para França. Pois 200.000 tinham os commerciantes exportadores. Havia, pois, por estas contas, um *stock* de 280.000 pipas de vinho, com collocação certa em França, se houvesse transportes para tal. Mas não havia. Um administrador consciencioso procederia assim: distribuiria a tonelagem na proporção da carga. Mas o sr. Machado Santos, comprehendendo que tal coisa iria prejudicar o artificioso monopolio da «Federação-Malhou», marca «Thiago Salles», deitou para traz das costas os «sagrados principios» apregoados em Fontello e de 14 projectados nos seus famosos manifestos, atravez do paiz,—e sustentou o seu amigo dilecto, o habilidoso commerciante sr. Thiago Salles, presidente da «Federação-Malhou», e, nas horas vagas *et pour cause*, chefe do gabinete do secretario d'Estado das subsistencias e Transportes, sr. Machado Santos, por um intitulado o *Grande* e por outros o *Fundador*. A Federação-Malhou tem carradas de razão para fundir, n'um só, os dois magnificos titulos, passando a cognominal-o, com desvanecida gratidão, de **O Grande-Fundador!**

Voltemos, porém, ao sr. Thiago Salles, *Deus-ex-machina* de toda a engrenagem. E' a elle que nós fazemos algumas perguntas simples. Eil-as:

Se o sr. Thiago Salles (que é medico, e não viticultor...) se apresenta, de repente, á maneira dos alçapões das magicas, como o Salvador da viticultura, porque razão não guardou para elle os beneficios da concessão escandalosa que obteve? Porque foi dar a outrem esses beneficios, que não são pequenos, antes sóbem a 13.000 contos ou, deduzidas as despezas, a 7.500 contos? Porque razão contractou com a Federação-Malhou? Porque motivo, visto que tão generosamente queria dar aos outros aquillo que poderia guardar para si, não poz em almoeda a concessão e não veiu ao mercado com o vinho da Federação, offerecendo-o a quem mais désse? Porque razão se limitou a receber sómente *40$00* escudos pelo vinho posto a bordo? Encontrava entre os commerciantes, que elle agora accusa de gananciosos, quem lhe désse mais, porque se limitariam a ganhar menos. Nem todos trabalham com uma margem de lucros tão grande ou seja 300 0|0...

Mas isto são muitas perguntas juntas. Talvez o sr. Thiago Salles não queira ou não possa responder. Pois nós aqui diremos a verdade, **toda a verdade**, por forma a que o publico fique habilitado a satisfazer a sua curiosidade, por mais intensa que seja. Tempo ao tempo! Continuaremos...

Associação Commercial de Lisboa

Aos carregadores da «Brava»

Como se sabe, diversos carregadores tiveram carga para embarque no vapor «Brava» que depois foi destinada a seguir n'outro vapor. Deu-se, porém, o caso de que esta carga deixou afinal de embarcar em virtude de ter sido necessario expedir uma outra n'este ultimo navio.

A secretaria da Associação Commercial de Lisboa convida os carregadores em questão a mandarem-lhe com urgencia uma nota dos volumes que n'essas condições deixaram de embarcar.

SPORT

Pela capital do Norte

A Travessia do Porto a nado

Continua aberta a inscripção para esta importante prova de natação, cujo regulamento o Comité Pró Sport vae dentro em breve distribuir.

Publicamos hoje um excerto do regulamento referente á sua inscripção:

«Artigo 7.º—A inscripção para a corrida será feita nos boletins enviados pelo «comité», podendo deixar de ser assignada pelo proprio.

Paragrapho 1.º— A inscripção acha-se aberta até ao domingo precedente á data fixada para a corrida.

Paragrapho 2.º—A taxa de inscripção será de 2$00 por cada concorrente.

Art. 8.º—Os nomes dos corredores que se inscreverem, serão conservados secretos até á reunião dos delegados.

Paragrapho 1.º—A secretaria da Associação que se pretende inscrever, dará parte do seu designio em officio, mas sem declarar os nomes dos concorrentes. N'este officio deve incluir:

a) Os boletins de inscripção, separados e mettidos em um enveloppe competentemente fechado e lacrado, por forma a tornar secreto o nome de cada concorrente.

b) A importancia relativa ás inscripções que remette.

Art. 9.º—O «comité» accusará a recepção do officio e de tudo quanto o mesmo incluir, indicando n'esse momento o numero d'ordem que ficou tendo cada um dos enveloppes.

Paragrapho 1.º—Quando houver a remetter mais de uma inscripção, deverá o club que se inscreve designar essas inscripções por A B C marcando-as assim exteriormente, em cada enveloppe.

Art. 10.º—E' da competencia dos delegados a acceitação ou rejeição das inscripções, examinando se as mesmas obedecem a todas as prescripções do recente regulamento.

Paragrapho 1.º—Em caso de rejeição, esta será participada ao club interessado, em communicação secreta.

Paragrapho 2.º—Os delegados são dispensados de justificar a recusa de qualquer inscripção.

Paragrapho 3.º — Quando a inscripção não seja acceite, a taxa será immediatamente devolvida».

Os boletins de inscripção deverão ser enviados até ao dia 25 d'este mez á rua Rodrigues de Freitas, 278, 1.º, Porto.

—No dia 18 de agosto, realisa-se um campeonato de 100 metros de natação e uma prova para «juniors» em egual percurso.

—Tambem se deverá realisar esta epoca um campeonato de Walter-Polo.

Noticias diversas

Fala-se na realisação, brevemente, de um campeonato de natação entre os alumnos da Casa Pia de Lisboa.

—No Club Naval de Lisboa diz-se que brevemente se realisará nova assembleia geral, para se decidir se aquelle club organisa ou não o kalendario das provas de natação.

—Continuam animadas as classes de gymnastica, jogo de pau e de esgrima no Grupo d'Armas e Sport.

—Fala-se em que ainda este mez deve realisar-se no Estoril um torneio de esgrima.

O que se ouve, o que se diz e o que se escreve

Ouve-se dizer com grande insistencia que o campeonato do Portugal de espada vae ser organisado por um grupo de salas d'armas visto que a aggremiação que o tem levado a effeito, este anno, apesar da epoca em que já estamos, não o annunciou ainda nem abriu a inscripção para elle.

Diz-se que se passaram scenas desagradaveis n'uma festa sportiva que se realisou no domingo á noite na rua do Arco a Jesus e que o sport assim praticado nada tem a lucrar, sendo até contraproducente...

Escreve-se no «Sport de Lisboa» que appareceram pelas esquinas uns cartazes reclamando os torneios de «foot-ball» da «Taça Mutilados da Guerra», salientando-se pelo mau gosto—em dois d'elles viam-se jogadores cahidos como se o «foot-ball» fosse um jogo de cambalhotas...

Não, collega, o «foot-ball» é o que todos nós sabemos... não é um jogo de cambalhotas...

Mas como á commissão foram offerecidos gentilmente aquelles cartazes e se tratava de uns desafios de beneficencia, toda a gente de bom senso os affixaria nas paredes, ainda que fossem desagradaveis a qualquer...

Agradecemos, comtudo, o reclame gratuito aos trabalhos que já são conhecidos do sr. Garcez.

Pelos clubs

(Communicações officiaes)

Club Naval de Lisboa

Pelo conselho director do Club Naval de Lisboa, de accordo com a secção de remo, foi nomeado instructor official o sr. Albano dos Santos, antigo e valioso remador e um dos mais conhecedores d'este tão util sport.

As escolas de remo funccionam todos os dias uteis, até fins de outubro, das 17 ás 20 horas.

"A Gloria Portugueza"

Assembleia geral

Na séde da Companhia de Seguros «A Gloria Portugueza», rua Garrett, 80, 1.º, realisou-se hontem, pelas 8 horas da noite, a primeira assembleia geral para a apresentação dos nomes que d'ora avante teem de fazer parte das assembleias geraes. Presidiu o sr. dr. Luiz da Cunha Gonçalves, tendo como secretarios os srs. Carlos da Motta Marques e Manuel Pereira do Valle e como escrutinadores os srs. Ayres Rodrigues da Costa e dr. Santos Lucas, nomes esses que foram recebidos pela assembleia, que era numerosa e que era composta de 70 accionistas representados por si e procurações no valor de mil contos e no total de 2204 votos, com acclamações vibrantes.

Antes de se proceder á eleição o sr. dr. Luiz da Cunha Gonçalves diz sentir-se orgulhoso por presidir á primeira assembléa geral de «A Gloria Portugueza», demonstrando com factos e numeros o seu desenvolvimento, pois, em bem pouco tempo conseguiu realisar cerca de 5.000 contos de capital, tendo já 130 contos de premios!

E, n'um grande repto de eloquencia, termina o seu discurso elogiando os homens que fazem parte da actual direcção e propondo-lhes um voto de louvor, o que foi approvado entre calorosos applausos de toda a assembléa.

A seguir procedeu-se á eleição por escrutinio secreto, sendo eleitos os seguintes srs.: Francisco Otero Salgado (Presidente), José Antunes Martins (Vice-Presidente), Daniel Pestana (1.º Secretario), Eugenio d'Aguiar (2.º Secretario), João Braz de Campos (1.º Vice-Secretario) e João Vieira (2.º Vice-Secretario).

N'esta altura é concedida a palavra ao Sr. Dr. João dos Santos Monteiro, um dos directores d'essa companhia; que, em palavras cheias de brilho e de reconhecimento agradece a todos a sua comparencia ali e o voto de louvor que a elle e seus illustres collegas da direcção a assembleia lhe tinha dispensado, affirmando que «A Gloria Portugueza» teria sempre os seus livros abertos para que todos vissem como a direcção encaminha os seus negocios! E o sr. dr. João dos Santos Monteiro n'essa grande eloquencia de phrase termina o seu brilhante discurso por salientar as qualidades do illustre presidente d'essa assembleia, a quem agradece a sua cooperação, e por honrar todo o pessoal de «A Gloria Portugueza».

As ultimas palavras d'este distincto advogado foram delirantemente applaudidas por toda a assembleia, que terminou por fazer uma grandiosa manifestação de apreço aos srs. dr. João dos Santos Monteiro, dr. Francisco Maria da Cunha e Francisco Alves—a actual direcção de «A Gloria Portugueza».

Theatros

Cartaz de hoje

THEATRO NACIONAL—A's 21—«Cora ou a escravatura». —SÃO LUIZ—A's 21,30—«Generos alimenticios». — TRINDADE — A's 21,30—«O gato maltez».—GIMNASIO — A's 21.30 — «Altar da patria» — APOLO — A's 21,30—«A revolta».—EDEN—A's 21,30 «A trombeta da fama»— POLYTHEAMA — A's 21,30 «Salada russa»— AVENIDA—A's 21,30—«O homem de gelo».—SALÃO FOZ—A's 21—Variedades e animatographo.

Animatographos e concertos—Central, Olympia, Chiado Terrasse, Condes e Salão da Trindade.

Informações

Está marcada para sexta-feira, no Avenida, a primeira representação de «M.me Eva Somnambula», traducção do nosso camarada de imprensa Tito Martins, que o mesmo é que dizer que será magnifica.

Réclames

O espectaculo alegre por excellencia é o que no Polytheama todas as noites se exhibe com a revista «Salada Russa», com o novo quadro «Comes e bebes» e seis novos numeros que são uma maravilha. Tambem o mais fresco e mais concorrido theatro é aquelle. A «Irmandade de Santo Amaro» a todos acolhe com a mesma delicadeza e Amarante lê todas as noites a sina de cada um, com um fado que é uma delicia.

—Iwes Mirande e George Montignac, mercê da versão livre que Mello Barreto fez da sua comedia «Mr. Bourdin Profiteur», ficam sendo entre o publico portuguez dos mais conhecidos e dos mais apreciados comediographos estrangeiros. Garantimos que nem uma só pessoa das que tenham visto «Generos alimenticios» pensará de maneira differente.

—O publico leu já com certeza os versos inspirados que um poeta compoz na revista «A Revolta» em scena no Apollo, para Auzenda d'Oliveira recitar como recita deliciosamente!—com uma voz que se diria partindo-se, com aquella tragilidade tão propria do barro como do coração do homem... mas ouvil-os uma vez ainda da bocca da formosa e distincta actriz não será demais. Não concorda o leitor?

Escola Commercial Ferreira Borges

Reuniram na séde da associação d'esta escola os alumnos reprovados no anno lectivo findo para tratarem da sua situação. A' reunião, que foi bastante concorrida compareceram tambem alguns paes.

Depois de larga discussão, foi nomeada uma commissão com plenos poderes para elaborar e entregar uma representação ao sr. secretario de Estado do commercio pedindo uma segunda epoca de exames.

NATURISMO

Congresso Naturista

Um confrade illustre e devotado, o meu querido amigo Luciano Silva, antigo director de «O Mundo Moral» e da «Bondade» propõe-se congregar todos os elementos nacionaes para levar a cabo e com exito, o 1.º Congresso Naturista Portuguez. Não lhe falta energia e não lhe cabem tambem da minha parte senão louvores. E' necessario agitar a ideia, apresental-a, repetil-a, insinual-a. Nascida ha proximamente 10 annos, a campanha tem creado fundas raizes. E' bem verdade que, não havendo a verdadeira fé, ou por solicitações do ambiente, a maioria dos devotados peca e abandona. Mas o que se deve accentuar é que milhares de pessoas, geralmente por motivo da saude tem obtido melhoras nos seus padecimentos e mesmo curas notaveis ha. Pelo meu consultorio (R. Alves Correia, 85), teem passado muitos enfermos que, louvando a hora de me procurarem, obteem, em curto praso, á sua dôr, uma pausa, á sua tristeza uma alegria. Mais, por mercê da propaganda a causa tem irradiado para o Brazil e para as nossas colonias. Dez annos de lucta, sem haver hospitaes ou sanatorios, contra a indifferença publica e governativa, mais se não pode fazer... O Naturismo pretende accentuar dois principios que brigam com a medicina official: 1.º não ser a carne um alimento para o homem; 2.º poder curar-se sem productos chimicos das suas enfermidades organicas.

O Congresso que se procura reunir este anno vae dar balanço ás forças de que dispõe a cruzada moralisadora que tantos homens illustres, desde Pitagoras a Tolstoi, advogam e tanto cala no animo das pessoas sensiveis que vivem sem ser necessario, por lei moral, matar os animaes, nossos irmãos.

A alimentação sem sangue produz grande elevação mental, sendo a melhor para aquelles que se dedicam a estudos psychicos; assim como dá grande energia phisica sendo a escolhida pelos athletas para as suas proezas notaveis.

Auspicione ao meu amigo sr. Luciano Silva um triumpho com a sua ideia de reunir um congresso Naturista em Lisboa. Eu julgo que só pela pratica d'estas ideas será possivel, pela renuncia dos vicios, formar uma sociedade nova, onde a paz e a saude estreitem as mãos e não a guerra...!

Dr. Amilcar de Sousa

ULTIMA HORA

NO SENADO

Aberta a sessão, o sr. Machado Santos pergunta se já foi marcada a sua interpellação sobre politica militar e economica. Responde-lhe o sr. presidente affirmativamente, retorquindo o sr. Machado Santos:

—Bem, então realisar-se-ha para as kalendas gregas!

O sr. Ribeiro do Amaral protesta contra o facto das diversas classes não terem representantes nas varias commissões nomeadas pela presidencia.

O sr. presidente diz não haver procedido com intenção de melindrar as classes, algumas das quaes estão representadas.

O sr. Ribeiro do Amaral:—Mas não as trabalhadoras...

Da maioria discorda-se.

A Camara auctorisa a meza a nomear quatro senadores para a commissão parlamentar de commercio inter-alliados.

O sr. presidente lê a lista dos nomes por elle escolhidos para as 12 commissões encarregadas de rever a obra dictatorial do governo, no interregno parlamentar.

O sr. Machado Santos apresenta um projecto de lei, permittindo a entrada no paiz a individuos civis e militares, exilados ou desertores, no caso de declararem acatar as leis do regimen ou irem servir em França.

O sr. Moraes Sarmento requer, sendo approvado, que o projecto baixe á commissão de guerra.

Na ordem do dia discutiu-se a proposta de lei dando ao governo auctorisações legislativas, no interregno parlamentar.

A' hora a que fechamos este extracto está a falar o sr. Alfredo da Silva.

ECHOS DO CONGRESSO

Uma desordem em plena Camara dos Deputados—Scenas de pugilato—Imminencia de conflicto mais grave

Interrompe-se a sessão no meio de um tumulto infernal

Hoje appareceu na Camara dos Deputados o sr. Solano d'Almeida, que hontem foi accusado de desleal e traidor á Republica, pelo deputado da maioria sr. Correia Monteiro.

O sr. Solano d'Almeida pediu a palavra. Na Camara estabelece-se um silencio profundo. E o sr. governador civil de Coimbra começa a falar, nervosamente, entremeiando o seu discurso com o estribilho—sabe? hein... sabe?—que se vê ser-lhe habitual.

— Venho responder ás accusações que hontem me foram dirigidas, apesar de ausente. Sou monarchico e, se entrei na revolução de 5 de dezembro, foi por odio á demagogia e não por amor á Republica. Já pedi a demissão de governador civil, visto que essas funcções são incompativeis com o mandato de deputado. Agora resta-me affirmar que o paiz só encontrará salvação na restauração da monarchia...

A maioria ergue-se, a protestar. Os deputados monarchicos gritam destemperadamente.

O sr. Solano d'Almeida exclama, voltado para a direita:

—«O sr. é um canalha!...»

A desordem attinge proporções nunca vistas. O deputado da maioria, sr. Pedro Navarro, avança em direcção do sr. Solano d'Almeida. Deputados seguem-nos. A minoria junta-se em torno do sr. Solano d'Almeida. Formam-se assim dois grupos oppostos.

Surge então o pugilato. O sr. Pedro Navarro distingue-se entre os luctadores. Por momentos, a sala parece um «ring» de socco americano.

Ouvem-se gritos varios, improperios de uma agudeza extrema. As galerias manifestam-se. Um official do exercito grita de lá:

—«Viva a Republica! Viva a Republica!...»

E na sala os deputados, surdos á campainha do presidente, exclamam, dos dois lados da Camara:

—«Viva a Republica!»

—«Viva a monarchia!»

Por entre estas exclamações, insultos raivosos chocam-se no ar agitado pelos luctadores. O sr. Rocha Martins, apopletico, anda aos saltos, sobre as carteiras, sapateando, tomado por uma especie de paroxismo de furor. Não se percebe porquê nem para quê...

Como serenou todo este tumulto? Serenou... acabando. A sessão foi interrompida e, pouco a pouco, os animos exaltados adquiriram a habitual serenidade.

POEIRA DA ARCADA

Arsenal da Marinha

Vão iniciar-se muito brevemente os trabalhos de construcção do Arsenal da Marinha na margem sul do Tejo.

Canhoneira «Lurio»

Realisam-se amanhã as experiencias de machinas da nova canhoneira «Lurio».

Governador civil de Coimbra

O sr. secretario d'Estado do interior assignou esta tarde o decreto exonerando o sr. Solano d'Almeida do logar de governador civil de Coimbra.

PONTOS:—TODOS BONS.

C. E. P.

Praças fallecidas

Foi hoje affixada no quartel general territorial do C. E. P. a seguinte lista de praças fallecidas:

Por ferimentos em combate:

Regimento de artilharia 2, 1.º cabo 359 da 2.ª bateria, Francisco Simões Seraphim, em 9 de abril de 1918; bateria de artilharia de posição, soldado 917, José da Silva, em 9 de abril de 1918.

Por doença:

Escola de equitação, sold. 141 do 1.º esquadrão, João Belchior, em 10 de maio de 1918, tuberculose pulmonar; 5.º grupo de metralhadoras, sold. 182 da 2.ª bateria, Manuel Rodrigues Fonseca, em 1 de julho de 1918, tuberculose pulmonar; regimento de infantaria 24, sold. 320 da 3.ª, Arthur da Costa Lima, em 10 de julho de 1918, tuberculose pulmonar; 1.º batalhão de artilharia de costa, sold. 170 da 2.ª, Manuel Lopes, em 5 de julho de 1918, bronchite.

CAMBIOS

Lisboa, 6 de agosto de 1918.

	Compra	Venda
Cheque sobre Londres	30 7/8	30 5/8
90 d/v.	31 1/4	
Cheque sobre Paris . .	285	289
» Hollanda . . .	840	860
» Italia . . .	187	197
» New York . . .	1645	1665
» Madrid	430	440
Rio sobre Londres . . .	12 1/4	—
Libras ouro	10$90	11$00
Agio do ouro	141 0/0	144 0/0

Publicações recebidas

«A vida de uma tribu sul-africana»

Editado pela Sociedade de Geographia de Lisboa foi publicado o primeiro volume d'esta curiosa obra, devida á pena de Henri A. Junod, da missão suissa, romanda, e traducção do sr. Carlos Bivar. Curiosa, dizemos, mas pode tambem accrescentar-se instructiva, pois que descrevendo os usos e os costumes das tribus africanas n'ella ha muito a aprender.

O dr. Sidonio Paes e a Republica nova.—Edição da Livraria Scientifica, da rua Nova do Almada, 81, original do sr. Sergio Gouveia, é um pequeno opusculo em que o auctor faz um caloroso elogio ao actual chefe do Estado, cujo retrato dá.

O ludibrio dos professores primarios.—E' um opusculo em que o sr. Antonio Figueirinhas, do Porto, analysa a obra do actual secretario de Estado da instrucção no que respeita á reforma do professorado primario, obra que, no entender do auctor, deixa muito a desejar, nada tendo feito o sr. dr. Alfredo de Magalhães em beneficio d'essa prestimosa classe.

Revista industrial.—D'este quinzenario illustrado recebemos o numero 8. Vem interessante.

Ao leitor d'A CAPITAL

Depois de lido, enviar este jornal á *Junta Patriotica do Norte* (Paços do Concelho—Porto), a fim d'esta o mandar para os nossos soldados no «front».

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2380 — 9.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Quarta-feira, 7 de Agosto de 1918

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço 2 centavos

Da guerra e dos exercitos

A contra-offensiva alliada

Violento fogo de artilharia e de metralhadoras

PARIS, 7. — Communicado americano das 21 horas: — No sector occupado pelas nossas tropas ao longo do Vesle, houve durante o dia violento fogo de artilharia e metralhadoras.—(Havas).

*

Os alliados desembarcam em Arkangel

no meio de enthusiasticas acclamações

LONDRES, 6.—Official.—As tropas alliadas de terra e mar desembarcaram em 2 do corrente em Arkangel, com o concurso da população russa, que as acclamou enthusiasticamente.—(Havas).

*

A confusão russa

Um ex-ministro assassinado

PARIS, 7.—Telegrapham de Kieff para os jornaes «Berle Hamburger» e «Fremdenblatt» que o sr. Terestchenko, antigo ministro dos negocios estrangeiros de Kerensky, foi assassinado em Poltova por um desconhecido.—(Havas).

Attentado que falha

BASILEIA, 6.—No dia 30 de julho foi praticado em Kieff um attentado contra o sr. Butence (?) ministro dos transportes, sobre quem foi disparado um tiro de revolver por um desconhecido. O alvejado, porém, ficou illeso.—(Havas).

O partido social-revolucionario russo contra os allemães

LONDRES, 5.—Segundo um telegramma de Copenhague para o «Daily Mail», um dos chefes do partido social-revolucionario da esquerda russa declarou que Donskoi, ou Donzoff, assassino do marechal von Eichhorn, era marinheiro antes da revolução.

Eleito pelos marinheiros de Cronstadt como seu representante, foi um dos adversarios de Kerensky.

Depois do tratado de Brest-Litovsk, mais de sessenta attentados teem sido commettidos contra os allemães. Setecentos allemães encontraram a morte n'uma explosão occorrida em Kiev; outras explosões teem sido provocadas nas fabricas de munições em Odessa, Karkov e outras cidades da Ukrania.

Acontecimentos ainda mais graves se darão n'um futuro proximo, porque os sociaes-revolucionarios estão resolvidos a luctar contra a Allemanha até ao seu ultimo homem.—(Correspondente).

*

A guerra aerea

A cooperação dos aviadores inglezes

LONDRES, 6.—No dia 5 os nossos aeroplanos collaboraram efficazmente na acção da artilharia por meio de observações e reconhecimentos. Appareceram muito poucos apparelhos inimigos e não ha noticia de qualquer combate. Aos 3 aeroplanos destruidos no dia 3 em combates aereos ha a accrescentar outro apparelho inimigo abatido pelo nosso fogo. —(Havas).

Um «raid» sobre a Inglaterra

LONDRES, 6.— Communicação official. —Cinco dirigiveis que tentaram atravessar a costa hontem á noite foram atacados no mar pelas nossas forças aereas. Um d'elles foi abatido em chammas a quarenta milhas da costa, e um outro ficou avariado.—(Havas).

*

Francezes e americanos

A entrega da Legião de Honra ao general Pershing

PARIS, 6.—O sr. Poincaré partiu esta manhã para o grande quartel americano, a fim de entregar ao general Pershing, em nome do governo da Republica, as insignias da grã-cruz da Legião de Honra. Esta cerimonia realisou-se na presença do estado maior americano, das missões alliadas e das tropas americanas e francezas.—(Havas).

*

De todo o mundo

O processo Malvy

PARIS, 7.— Com excepção dos jornaes avançados, que apoiam atravez de tudo a politica do sr. Malvy, toda a imprensa governamental moderada e das direitas applaude a sentença dos juizes que o proprio sr. Malvy havia reclamado que o julgassem, e appella para o patriotismo de todos os francezes, a fim de se pôr termo a discussões irritantes e evitar a ruptura da união sagrada.—(Havas).

PARIS, 7.—A sentença pronunciada pelo alto tribunal contra o sr. Malvy foi proferida depois d'este ser reconhecido culpado em sessão publica, seguindo-se conferencia secreta para resolução da pena a applicar.—(Havas).

C. E. P.

Uma enfermeira, officiaes e praças louvados

No quartel general territorial do C. E. P. foi hoje affixada a seguinte lista de louvores mandados conferir pelo general commandante das tropas portuguezas em França:

Miss Mary Anne Harvey R. R. C. enfermeira em chefe do H. B. n.º 1, pela sua intelligencia, direcção nos serviços de enfermagem, e pelo desvelo e carinho dispensados aos soldados portuguezes em França; o 2.º sarg. Mario da Cruz Pereira, da 4.ª comp. do bat. de inf. 15, pela maneira como no dia 9 de abril ultimo conduziu a sua secção a Lacouture, debaixo do fogo da artilharia inimiga e pela serenidade e sangue frio com que dirigiu e fez fogo com a sua metralhadora contra as forças inimigas que avançavam para a sua posição, obrigando-as a dispersar, conservando-se e mantendo os seus homens no posto de combate, até ao momento em que sendo envolvido, foi obrigado a retirar, tendo sido ferido, demonstrando assim coragem, valor e nitida comprehensão dos seus deveres; os officiaes e praças da ambulancia n.º 3, pelo zelo, dedicação e proficiencia com que desempenharam o serviço durante o ataque do dia 9 de abril ultimo; o capitão medico da ambulancia n.º 3, Eugenio Pereira de Castro Caldas, pela parte que tomou em todos os trabalhos d'aquella ambulancia e chefiou interinamente em perigos de grande actividade; o capitão medico miliciano Maximiliano Cordes Cabedo, pelo zelo e competencia de que deu tantas provas, realisando na ambulancia n.º 3, por occasião do ataque de 9 de abril ultimo, toda a cirurgia de urgencia, mesmo a mais grave; o tenente medico da ambulancia n.º 3, Vasco Palmeirim, pelas provas de dedicação e competencia, operando e ajudando no trabalho arduo da sua formação; o capellão equiparado a alferes José Manuel de Sousa, porque no ataque de 9 de abril, estando em serviço na ambulancia n.º 3, demonstrou qualidades extraordinarias de decisão, energia e coragem procurando por todos os meios soccorrer e evacuar os feridos e indo voluntariamente aos logares mais perigosos no desempenho da sua missão; o 2.º sarg. Antonio Augusto Barnobé, 466 da 1.ª bat. do 2.º G. B. A., porque no combate de 9 de abril do corrente anno, sendo chefe de uma peça, mostrou muita coragem e valentia, só abandonando o seu posto quando para isso recebeu ordem, sendo ferido por estilhaço de granada, de que resultou soffrer a amputação do braço direito.

Prisioneiros de guerra

Na Sociedade de Geographia, como já noticiámos, realisa-se amanhã uma sessão especial, pelas 21 e meia horas para communicação inscripta pelo socio sr. conde de Penha Garcia sob o thema «A situação dos prisioneiros de guerra», acompanhada de projecções electro-luminosas.

Os socios podem fazer-se acompanhar de senhoras de suas familias.

A bandeira portugueza

Um boato absolutamente destituido de fundamento

Nos ultimos dias correu insistentemente o boato de que se projectava mudar as côres da bandeira portugueza. «A Situação» desfaz hoje a intriga da forma seguinte:

«Essa bandeira (a bandeira verde e encarnada) terá sempre em redor de si os republicanos sinceros. Hoje, que é a bandeira da Patria, tem sob as suas dobras todos os portuguezes.

Continuará vermelha como o sangue dos heroes que os «boches» assassinaram.

Ficará verde como os mares que os nossos navegadores trilharam, como os campos que os nossos lavradores cultivam.

Soceguem as almas timoratas. Ninguem tenta mudar a nossa bandeira — porque acima de tudo o Estado é republicano.

Muito bem. Não poderiamos exprimir o nosso proprio pensamento e a nossa indestructivel vontade em termos mais eloquentes.

Se não nos fizemos echo do boato foi porque o julgámos absurdo. A bandeira verde-rubra está consagrada nos campos de batalha. Apesar de recente, tem já uma tradição que falta absolutamente á azul-branca. A bandeira portugueza nunca foi assim. Na época do absolutismo miguelista era branca. Os constitucionalistas do aventureiro D. Pedro *malharam-na* de azul. E azul e branca se mantem até á proclamação da Republica. A sua tradição limita-se ás guerras fratricidas, a algumas campanhas coloniaes e aos escandalos que illustraram, especialmente, os reinados de D. Luiz, D. Carlos e D. Manoel.

Terminou a vida ingloria na manhã gloriosa de 5 de outubro de 1910. Era tempo!...

Ao leitor d'A CAPITAL

Depois de lido, enviar este jornal á *Junta Patriotica do Norte* (Paços do Concelho — Porto), a fim d'esta o mandar para os nossos soldados no «front».

POLITICA

A missão ao Brazil não será nomeada, n'estes tempos mais chegados... A pacificação em marcha

Como se sabe, o Congresso, na sessão de homenagem ao Brazil, resolveu, sob proposta do sr. Amancio Alpoim, que ao Brazil fosse enviada uma grande missão economica, composta de homens eminentes nos varios ramos da actividade portugueza.

Suppomo-nos habilitados a assegurar que o poder executivo não resolveu ainda a data da partida da missão, estando mesmo na disposição de transferir «sine die» a indicação das personalidades encarregadas do desempenho do mandato conferido pelo poder legislativo.

O mais provavel é que estas visitas que, por emquanto, são apenas espectaculosamente cortezes, venham a realisar-se depois da guerra, quando se iniciar a lucta economica que ha de succeder á conflagração pelas armas.

O manifesto do P. R. P. é, effectivamente, publicado e distribuido ámanhã.

Podemos affirmar, sem sombra de duvida, que é cada dia mais vigorosa—e, d'aqui a pouco, será irresistivel...—a opinião de que se deve orientar a politica republicana n'um sentido de pacificação, embora sem abdicação do direito de opposição constitucional ao actual gabinete. N'esta ordem de ideias se teem realisado, ultimamente, importantes conferencias entre homens cathegorisados dos partidos da Republica. Estamos impossibilitados de dar mais pormenores porque não queremos, com uma inconfidencia, embora jornalistica, perturbar uma actividade politica que entendemos muito util á Republica e particularmente proveitosa á tranquillidade interna da Nação.

O incidente tumultuoso, hontem occorrido no Congresso, veiu evidenciar a necessidade da união de todos os republicanos perante o problema da defeza da Republica. E' natural, pois, que elle facilite algumas approximações politicas, ainda ha pouco tempo julgadas impossiveis ou, pelo menos, improvaveis.

Canhoneira «Lurio»

Realisaram-se hoje as experiencias de machinas da nova canhoneira *Lurio*, a qual, depois de prompta, irá servir na fiscalisação da costa.

Farinha de trigo e algodão

No Tejo entrou um grande vapor ex-allemão, vindo de Nova York e trazendo um importantissimo carregamento consignado ao Estado, entre o qual 4.062 toneladas de farinha de trigo, algodão e outros generos.

Electrificação da linha de Cascaes

Na secretaria geral do ministerio do commercio foi hoje assignado o contracto entre o governo, a Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes e a Sociedade Estoril, relativo á concessão a esta ultima entidade da electrificação da linha terrea de Cascaes.

O praso da concessão é de 50 annos e começará a vigorar seis mezes depois de terminada a guerra.

Noticias do Brazil

O patriotismo da colonia portugueza

RIO DE JANEIRO, 6. — No consulado geral de Portugal tem havido grande movimento por causa do aviso publicado na imprensa d'esta capital chamando os conscriptos, os refractarios e os desertores recentemente amnistiados.

O dr. Alberto d'Oliveira, consul geral de Portugal, pediu o auxilio da guarda civil para evitar atropellos á porta do consulado. A imprensa elogia o patriotismo da colonia portugueza.—(Americana).

Companhia dos Tabacos

A reunião da assembleia geral

Reuniu hoje a assembleia geral da Companhia dos Tabacos, cujos trabalhos haviam sido suspensos em 31 do mez de julho findo, em virtude d'uma proposta que foi apresentada para se aguardar a chegada do sr. dr. Eduardo Burnay, que fôra a Paris entender-se com o «comité» francez.

Presidiu o sr. Carlos Anjos e a ordem do dia era a apreciação do relatorio da gerencia de 1917-1918 e eleição para os cargos vagos nos conselhos de administração e fiscal.

Os representantes da imprensa, retiraram-se antes de aberta a sessão, porque, emquanto o secretario da assembleia procurava facilitar-lhes as condições de trabalho, um dos membros da direcção declarava que a sessão era privativa.

Um perigo para a navegação

O commandante do vapor francez *Colorado* informou as auctoridades portuguezas de que na latitude 40º Norte e longitude 15º 30' Oeste encontrou um navio submerso, que constitue um grande perigo para a navegação.

Direcção geral das subsistencias

Ao que consta, o sr. Antonio d'Oliveira Bello acceitou o convite para o cargo de inspector geral das subsistencias.

O capitão sr. Antonio Bernardino Ferreira, actual director do serviço das subsistencias, irá desempenhar uma commissão na direcção dos transportes maritimos do Estado.

A favor dos Mutilados

O producto do torneio de esgrima é entregue ao Instituto de Santa Izabel

A commissão das festas de sport a favor dos mutilados vae amanhã entregar no Instituto de Santa Izabel o producto liquido da festa de esgrima, «Taça José Pontes», que se realisou nos dias 27 e 28 de julho no «rink» do Sport Lisboa e Benfica, gentilmente cedido por aquelle club.

A importancia liquida foi de 73$60, incluindo o donativo que hontem registámos de 2$50 de um habitante de Bemfica.

A commissão já distribuiu pelos jogadores de «foot-ball», arbitros, e direcções dos clubs que se inscreveram na «Taça Mutilados da Guerra», uma artistica medalha commemorativa do primeiro anno da realisação das primeiras festas sportivas, cujo producto foi destinado aos mutilados da guerra.

Uma festa no theatro de S. Luiz

Conforme «A Capital» noticiou, os theatros vão collaborar na nossa obra em favor dos mutilados da guerra.

No proximo sabbado, a empreza exploradora do theatro São Luiz, composta pelos srs. Antonio Pinheiro, D. Celeste Leitão e Eduardo Santos, resolveu realisar n'aquelle magnifico theatro uma recita em homenagem aos nossos mutilados do producto da qual será retirada uma importancia para beneficiar o Instituto Medico Pedagogico de Santa Izabel.

Representar-se-ha a engraçada comedia em completo exito «Generos alimenticios», o que representa da parte dos actuaes emprezarios uma gentileza digna do maior louvor.

Donativos ao Instituto de Santa Izabel

Innumeros são já os donativos que para os valorosos mutilados da guerra se teem recebido no Instituto Medico Pedagogico de Santa Izabel, continuando elles a affluir ali, d'um modo que mostra bem o altruismo da raça portugueza.

Quasi se não passa um dia em que se não registem novos offerecimentos. Bem digna é a modelar instituição da sympathia do publico e recommendal-a é ocioso, sabendo-se, que tem á sua frente um homem como o dr. Aurelio da Costa Ferreira, e que os mutilados encontram ali mais do que protecção e amparo: um carinho inexcedivel.

*

Hoje temos a registar a entrada de mais um importante donativo, o de 177$34, entregue pelo sr. Antonio Violante, representante de uma commissão de festejos realisados nas noites de 28, 29 e 30 de julho passado, no Carregado, concelho de Alemquer, sendo o principal promotor o sr. Antonio dos Santos Silva auxiliado por um grupo de senhoras d'aquella localidade.

Essa quantia deve dar entrada no fundo geral dos mutilados da guerra internados no Instituto Medico Pedagogico da Casa Pia, conforme a vontade da commissão.

A' memoria de Fialho

Um alvitre d'um dos seus admiradores

Sr. redactor.—Tenho lido na imprensa palavras que exprimem, da parte dos «amigos de Fialho» a ideia de erigir um monumento á sua memoria. Não constituirá, porém, esta ideia uma ironia, que é talvez uma afronta, para o ironista admiravel que, com todas as letras, classificou os monumentos de tal genero de «Urinoes de cães e pasmaceiras de vadios»?

Não seria preferivel que, com o producto da subscripção, se instituisse um premio que seria attribuido á melhor obra litteraria portugueza que surgisse n'um periodo de tempo convencionado, a exemplo do que se dá com premios scientificos?

Este premio, que seria um estimulo, poderia revestir a forma de uma medalha de oiro artisticamente cinzelada e chamar-se-hia «Premio Fialho d'Almeida». Seria entregue com toda a solemnidade na Academia das Sciencias, por exemplo, com a assistencia da elite intellectual. Tal premio seria arbitrado por um jury constituido pelos nossos litteratos já consagrados, professores e criticos da litteratura.

A sessão solemne de entrega do premio seria, de tempos a tempos, uma sessão em homenagem a Fialho, ao qual, evidentemente, só é licito viver na alma dos que o leram cheios de admiração e commoção, como o signatario d'estas linhas—e não na alma da multidão que «acaso» e de fugida fitasse os seus traços vigorosos em qualquer pedra esquecida á beira de qualquer jardim, sem saber de quem se tratava!

Perdoe-me v. a minha ousadia em escrever esta carta, eu, o mais humilde dos admiradores d'esse maravilhoso escriptor e ainda a ousadia maior de lhe pedir publicidade no seu considerado diario, se julgar acceitavel o que proponho.

Agradecendo, sou de v. etc.— Adriano Rodrigues.

"As grandes batalhas"

Vae a Capital iniciar brevemente a publicação da admiravel obra que o eminente escriptor Julio Dantas escreveu expressamente para o nosso jornal. **As grandes batalhas**, *que irão renovar o immenso triumpho da* **Patria Portugueza e do Amor em Portugal no seculo XVIII**, *serão opportunamente annunciadas e hão de constituir, sem duvida, um dos grandes acontecimentos litterarios do anno corrente.*

Ultimos echos do Congresso

Algumas responsabilidades politicas que convem fixar

A primeira «étape» da sessão legislativa do Congresso terminou hontem. Os trabalhos foram addiados para novembro. Como ponto final, desencadeou-se, em plena sala da Camara dos Deputados, a maior desordem de que resam os annaes parlamentares. Se a contoação não foi bella, foi, entretanto, ruidosa.

Não somos d'aquelles que demasiadamente se impressionam com estes escandalos. Em todos os parlamentos do mundo os tem havido e, repetidas vezes, muito mais aggravados do que o que hontem marcou o desenlace imprevisto d'uma curiosa crise politica, cuja ecclosão, allás, ficou apenas addiada. E como o facto do escandalo não nos interessa mais do que outra reportagem qualquer do genero, preferimos fazer uma breve analyse da crise politica de que elle foi um episodio, procurando fixar as responsabilidades dos que n'ella intervieram, mais destacadamente.

A tres homens publicos pertencem as responsabilidades da crise. São elles os srs. secretario d'Estado da justiça, secretario d'Estado do interior, e o «leader» da maioria. Digamos porque o entendemos assim.

Por duas vezes o sr. Egas Moniz provocou, ou consentiu que fossem provocados, incidentes ruidosos; em nenhuma teve decisão para os resolver conforme o voto parlamentar, que cautelosamente evitou. No caso do ataque ao sr. ministro da justiça, mascarado n'uma campanha contra o nepotismo (como se o nepotismo não fosse endemia vulgar na organisação administrativa do Estado!...), o sr. Egas Moniz fez-se apenas o centro de uma intriga de palacio, como se nós ainda vivessemos no regimen em que era preciso, para affirmar a vontade popular, injectar sobre as Necessidades qualquer especie de insinuação. Não colheu resultado politico visivel. Nem admira. O sr. presidente da Republica manteve o ministro da justiça e faz bem, porque a maioria não lhe deu uma contra indicação clara e iniludivel.

Uma coisa, porém, ficou apurada. O sr. ministro da justiça não tem as sympathias da maioria ou, pelo menos, de uma grande parte d'esta. Politicamente, é homem ao mar. Pode a sua agonia ministerial prolongar-se algum tempo, graças aos balões d'oxigenio que lhe forneça o chefe do Estado. Mas tem que se ir embora. Porque não foi, então, em tempo proprio? Teria saido de cabeça levantada, porque não é deslustre, para um ministro, perder a confiança do parlamento, antes isso é proprio do perfeito funccionamento do regimen.

Resta falar do sr. ministro do interior. A sua posição é delicadissima e as suas responsabilidades politicas são mais importantes que as de qualquer outro. Vamos dizel-as, com a independencia habitual n'este diario.

O sr. ministro do interior quiz manter, contra todos os principios, um monarchico militante á frente d'um governo civil. Contra esta orientação pronunciou-se, por unanimidade ou quasi, a maioria governamental. O sr. ministro do interior resistiu. Appoiado por quem? Pela *minoria monarchica*.

Ha nada mais incoherente? No seu discurso o illustre secretario de Estado voltou-se para a minoria monarchica, todo embevecido nos calorosos «appoiados» que lhe eram dirigidos d'aquelle lado da Camara. Como se os monarchicos podessem dar o seu appoio a alguma attitude proveitosa ao prestigio da Republica!

E, afinal, depois d'isto, o sr. ministro do interior tem de assignar o decreto de demissão do sr. governador civil de Coimbra, que comprehendeu — e muito bem!—que a sua situação era insustentavel, apezar do appoio incondicional dos seus correligionarios da esquerda. Porque motivo se subalternisou, pois, o illustre titular da pasta do interior?

Crêmos, em resumo, que o sr. Tamagnini Barbosa tem enveredado por mau caminho. Isto não vae á valentona, como S. Ex.ª parece estar persuadido. Ha de ir mais com geito, paciencia e tempo. Por emquanto, o sr. ministro do interior apenas parece ter comprehendido que tem o ultimo á sua disposição...

O resgate da linha d'Ambaca

Razão tinhamos quando dissémos que o decretar-se o resgate da linha d'Ambaca fôra uma medida tomada d'animo leve, sem a reflexão requerida em assumpto de tal magnitude.

A corroborar essa nossa asserção, começam a surgir os protestos. Do nosso collega «Commercio do Porto» transcrevemos na nossa 2.ª pagina, o que acaba de ser apresentado pelos obrigacionistas portuguezes.

Dois terços dos obrigacionistas da Companhia dos Caminhos de Ferro Atravez d'Africa são inglezes, o que quer dizer que não tardará que elles apresentem ao seu governo esse mesmo protesto ou outro semelhante, fazendo assim com que elle intervenha na questão.

Embora para todos os effeitos, o que diz respeito á Companhia tenha de ser derimido nos tribunaes portuguezes, todos nós sabemos muito bem que mau é que um governo estrangeiro intervenha, porque se cria assim uma questão internacional cujas consequencias difficil é de prevêr.

Brazil e Portugal

RIO DE JANEIRO, 7.—Os jornaes elogiam o dr. Lobo d'Avila Lima pelo seu projecto apresentado recentemente para o estreitamento das relações commerciaes entre Portugal e o Brazil.—(Havas).

Falta de sensibilidade...

Ha dinheiro para tudo, só não existe, para garantir, no paiz, a administração da Justiça

Um cataclysmo horrivel, o maior de que reza a Historia, assola o mundo, ha annos. Milhões d'homens e, entre elles, milhares de portuguezes, chocam-se n'um duello de morte. A guerra, desencadeada na Europa pela ambição desvairada d'um monarcha semi-doido, estende-se hoje a todas as partes do mundo e a conflagração, que a principio se denominou europeia, já enegrece de luto o mundo inteiro...

Nós tambem andamos em guerra. Entretanto ella não se sente em Portugal, na phrase, feliz ou infeliz, pouco importa, pronunciada n'uma conferencia feita pelo sr. Magalhães Lima. As discussões bysantinas são aqui a ordem do dia. A nomeação de um escrivão de direito para a Relação de Lisboa quasi derruba, no Parlamento, o ministro da justiça; o facto extranho de existir um governador civil que procede como se fosse monarchico e não como um homem a quem se confiou a guarda da Republica, origina um tumulto em plena Camara dos deputados,—uma desordem como não ha memoria em assembleia legislativa portugueza; o povo esfomeado disfarça as amarguras d'um viver incerto nos espectaculos publicos; e, por cima de tudo isto, o chefe do Estado distribue, com mão prodiga e excellentes intenções, a sopa da «Assistencia 5 de dezembro», demonstrando assim que faz o que pode e se mais não faz é porque mais não pode. Conta-se que já um outro hospede de Cintra dissera, em emergencia difficil da alta governação:

—*Mas se não ha outros portuguezes!...*

Estamos, todavia, em guerra com a Allemanha. Sobre isto parece que não ha duas opiniões. Mas os nossos homens publicos estão habituados a esta guerra que se faz lá longe, em França e na Africa, e só d'ella se lembram quando necessitam de disparar tropos que impressionem as multidões e sirvam os occultos designios da sua politica tortuosa, de aquella estrabica politica que o constitucionalismo monarchico, nado bastardo, assentou em ser a melhor forma de governar este paiz de analphabetos... encyclopedicos. Apesar da guerra, o sol continua a doirar as espigas maduras dos campos; a brisa varre os outeiros da capital; para nos enganarmos a nós proprios continuamos a affirmar que a cidade é de marmore e granito, escondendo cautelosamente que o granito é pouco e o marmore é raro... Ditosa Patria!...

Mas os factos desmentem todas estas enganosas theorias. O paiz consome-se, devora-se a si proprio. E a indisciplina é tal que o governo ainda não pode—e quando é que poderá?... tornar em realidade aquelle decreto do «roulement», muito do nosso conhecimento...

Os serviços publicos são um cahos. Damos um exemplo. Elles são aos milhares, mas por hoje, basta um, que é supremamente eloquente, e que demonstra, da parte dos governantes, uma insensibilidade que é um cumulo. Narremos, simplesmente. Basta isso.

Está preso no Funchal um homem, ha mais de sete annos, esperando julgamento. Está culpado? Está innocente? Só o jury pode proferir o seu «veredictum». Entretanto elle está preso ha muitos annos, por um crime de morte de que é apenas suspeito auctor. Mas por que não é julgado? Porque o Estado, que em Portugal se mostra mais inimigo que protector dos cidadãos, o não permitte. O Estado, Empata-Mór, não deixa que se verifique a innocencia ou a culpabilidade do povo, que, vae morrendo lentamente, a alma consumida na esperança falhada de todos os dias.

Para Lisboa vieram umas peças de vestuario do assassinado. N'essas peças ha manchas suspeitas. Será sangue humano ou não? Só a analyse o pode dizer. Mas os analystas da Escola Polytechnica receberam os farrapos e não se resolveram a fazer o exame porque o Estado lhes deve já 1.500$00 e não lhes paga. Não querem (e estão no seu direito) trabalhar de graça. E o desgraçado do cidadão do Funchal, que pode ser um innocente, está preso ha mais de sete annos e assim continuará até que a vida se lhe extinga, simplesmente porque o Estado, que é prodigo com toda a especie de inutilidades, não paga aos analystas da Escola Polytechnica aquillo que lhes deve!..

E', acaso, illegitimo concluir que os homens publicos portuguezes são insensiveis, systematicamente insensiveis, á desgraça e ao soffrimento dos cidadãos?...

Condecorações a officiaes

O governo portuguez vae conceder a varios officiaes alliados as commendas do Aviz e da Torre e Espada.

O CELEBRE «CAMBALACHO» THIAGO SALLES

Uma intelligente campanha de mentiras industriosas dá apparencias de equidade no contracto extorquido ao Estado

Continuemos, pois.

Já hontem dissémos em que consistiu o negocio engendrado pelo sr. Thiago Salles, que ganhou esporas de oiro n'esta especie de torneios, onde a esperteza vale mais que a lealdade commercial. Sendo ministro das Subsistencias e Transportes o sr. Machado Santos, o Estado celebrou um contracto com a invicta e sempre gloriosa Federação Malhou da qual é gran-mestre o sr. Thiago Salles, pelo qual se obrigava a fornecer os navios necessarios para o transporte de 80.000 pipas de vinho portuguez para França. Conhecido o negocio, o commercio exportador apitou com desespero e como fôsse junto do sr. Machado Santos, o mesmo senhor disse que não sabia que havia mais vinho a exportar. Mais espantado ainda ficou quando os exportadores lhe disseram que, se a Federação Malhou possuia 80.000 pipas, os exportadores dispunham d'um stock de 200.000, que não podiam ser transportadas por causa do monopolio, com tanta arte e geito arranjado pelo sr. Thiago Salles. E o ministro prometteu providenciar ...

Mas a Federação Malhou estava alerta. Era preciso salvar o negocio. Convinha illudir o publico, dando apparencias de equidade á extorsão de que todo o commercio exportador ia ser victima. E como o negocio era da China, dando lucros fabulosos, podendo servir, á vontadinha, para o fabrico, quasi instantaneo, d'uma legião de novos-ricos, iniciou-se a campanha da publicidade, fazendo gemer os prelos e lançando em circulação boatos sem conta, uns mais absurdos que outros, mas todos proprios a lançar poeirada grossa nos olhos myopes do publico ingenuo e de boa fé. A Federação-Malhou, se o negocio fosse por diante, ia inundar o paiz com o ouro francez, que se despenharia sobre Portugal em troca do vinho da celeberrima e nunca assaz cantada Federação-Malhou! Seria um milagre mais espantoso que o de Fatima! E como o Estado não era indifferente a estas manobras, as «notas officiosas» choveram nos jornaes.

Uma d'ellas explicava o negocio. Revelava ao publico pasmado que se tratava de um fornecimento feito ao «Ravitaillement Francez», portanto ao governo d'este paiz, e que já se achavam depositados no Banco Lisboa & Açores 30 milhões de francos, como garantia.

Isto não passava d'uma gratuita atoarda, embora fosse geitosamente propria para desviar as attenções do negocio principal, que consistia na immoralidade de se monopolisar, nas mãos do sr. Thiago Salles, chefe do negocio», a exportação de vinhos para França, — sendo o mesmo illustre cidadão Thiago Salles chefe de gabinete, *para a circumstancia*, do senhor Machado Santos.

A opinião republicana não perdoaria um tal attentado aos principios que serviram de escudo aos propagandistas da Republica. Que fazer, então? Inventou-se a *cantata* dos trinta milhões de francos, *cantata* mentirosa, sem fundamento serio. Nunca os taes trinta milhões vieram para o paiz!

A mentira era facil de provar. **Trinta milhões de francos não se deslocam com facilidade e, depositados em Lisboa, fariam logo baixar o cambio de tal modo que o trariam ao par. Ora o cambio justamente havia subido n'aquelles dias!**

Mas a outra mentira—a da compra ter sido feita pelo governo francez—foi tambem desfeita. A propria legação de França **auctorisou um dos commerciantes da praça de Lisboa a tornar publico o desmentido.**

E assim, com duas mentiras principaes, conseguiu o sr. Thiago Salles, fundador do negocio, illudir um ministro seu amigo, cuja confiança não merecia, sendo chefe de gabinete *para a circumstancia* do seu rico Ministerio das Subsistencias e Transportes!

Mas basta, por hoje. Continuaremos. Havemos de demostrar, sem sombra de duvida, que n'este negocio dos vinhos da Federação Malhou se tratou, especialmente de ganhar alguns milhares de contos, á custa e em prejuizo do commercio honrado. Ha tempo!...

SPORT

Os clubs de foot-ball

devem crear a caixa de socorros aos seus jogadores.

Até agora nada se sabe da attitude que os clubs de «foot-ball» tomarão sobre este alvitre que o semanario «Sport de Lisboa» lançou e que nós perfilhamos e applaudimos.

Os jogadores de «foot-ball» necessitam de ter uma caixa de soccorros, que lhes garanta a sua existencia, em caso de desastre ou de impossibilidade de exercerem a sua profissão; mas para isso torna-se urgente que os clubs tomem uma resolução, formulem as suas opiniões e se convoque desde já uma reunião de delegados, na qual se estudará a maneira mais pratica de garantir ao jogador—em caso de desastre—a sua cura, e recompensal-o dos prejuizos que d'ahi lhe advem.

Estamos certos que todos, sem excepção, acolheram este alvitre com agrado, mas o que é necessario é que não fique só em applausos como—infelizmente—succede entre nós.

E' preciso sahirmos do nosso habito: lançar idéas, applaudil-as, mas a respeito da effectivação... nada...

Ora é exactamente n'um caso d'estes que todas as energias se devem conjugar para organisar definitivamente uma obra de reconhecimento para com aquelles que—pelo seu club—se sacrificam, com prejuizo proprio.

O que faz a Associação de Foot-Ball?

Ainda não teve conhecimento do assumpto?

Como não lhe interessa directamente, naturalmente dirá: Raras vezes lemos os jornaes!

Pois é necessario lel-os e preoccupar-se com este e com outros assumptos de mais importancia do que dos casos do «dize tu, direi eu»...

A caixa de soccorros aos jogadores de «foot-ball», além de trazer um grande beneficio ao jogador, têm ainda a vantagem de todos elles, sem receio, praticarem este sport.

Dizia ha tempos um jogador acerca de um desastre que soffreu um seu collega:

—Olha, se fosse commigo!... Aquelle ainda tem meios para as despezas de massagem, mas eu nem para as massagens nem para outras coisas. Necessito de trabalhar porque é com o meu trabalho que me sustento, não é com o «foot-ball».

Por estas palavras vê-se bem o alcance grandioso que tem o projecto em beneficiar o jogador de «foot-ball»!

O que dizem os clubs? Poder-se-ha organisar este ante-projecto?

E' natural que sim e por isso tomamos a liberdade de convidar todos os clubs de «foot-ball» a darem a sua adhesão, porque nós juntamente com o semanario «Sport de Lisboa» procuraremos ajudal-os para a constituição definitiva d'essa caixa.

No extrangeiro

Brevemente, vae-se organisar nos vastos terrenos do Racing Club de France uma grande parada athletica, a favor dos clubs sportivos das regiões invadidas. Para esta reunião de athletas, foram convidados a dar o seu concurso os mais brilhantes athletas francezes e estrangeiros, sabendo-se que quasi todos acceitaram o convite.

Parece que o americano Kiviat, um dos vencedores dos jogos olympicos de Stockholmo, tambem tomará parte n'esta grande manifestação athletica.

A. de Campos Junior

Victima d'um engano

O sr. Manuel da Cruz, compositor typographico, morador na rua das Gaivotas, 19, 2.º, ao passar, no sabbado, no Rocio, foi accusado por um provinciano, que o mandou deter, como tendo-o ludibriado por meio do «conto do vigario». Conduzido ao governo civil, verificou-se ser falsa tal accusação. O sr. Cruz é um operario honesto, não tendo sequer uma prisão.

O MEZ LITTERARIO DE "A Capital,,

Wounded of the War.

Em defeza da creança, Salvador Marques.

Verdades amargas, Oldemiro Cesar.

Fumo do meu cigarro (8.º milhar), Augusto de Castro.

A funcção economica do ensino commercial superior, Francisco Antonio Correia.

Batendo os mattos, Neves do Carvalho.

Livro do nosso amor, Guilhermino de Almeida Gomes.

Fallencias e concordatas, Adriano Gomes Pimenta.

Martha, Wenceslau de Oliveira.

Na Flandres, Bazilio Telles.

Companhia dos Caminhos de Ferro Atravez d'Africa

A Companhia dos Caminhos de Ferro Atravez d'Africa, surprehendida com o decreto n.º 4.600, de 13 do corrente, não lhe tendo sido communicada préviamente a intenção do Governo com relação ao resgate da sua linha, feito extemporanea e violentamente, vem perante V. Ex.ª protestar vehemente contra tal violencia, por absolutamente illegal e attentatoria de contractos feitos de boa-fé e ainda vigentes, bem como por desnecessaria, porque a Companhia nunca se recusou a qualquer accordo com os Governos, antes os propoz sempre, como o prova com innumeros officios e propostas, que a tal respeito lhes tem dirigido.

A prova provada de que o Governo, ou antes o Secretario das Colonias, estava convencido de que não se podia fazer o resgate, está na fórma porque procedeu.

Não procurou evitar que se fizesse a «gréve» na Companhia, promovida pelo Director da exploração do seu caminho de ferro (Lucalla a Malange), auxiliado por um syndicalista, que se affirma ser enviado de Lisboa para tal fim, do que resultou a sahida do nosso Director.

Reteve em Lisboa o novo Director que tinha de seguir, a proposito d'uma conferencia proposta pela Companhia, justamente para se aproveitar a occasião para se harmonisarem os serviços entre as duas linhas.

Nomeou commissões e mandou fazer pareceres á ultima hora, que o ajudassem a dar uma apparencia de legalidade á violencia projectada.

Subornou os empregados da Companhia com promessas de conservação nos respectivos logares, reforma, etc., vantagens enunciadas no artigo 7.º do decreto de resgate.

Preparado o terreno, e não achando nas leis e nos contractos vigentes bases para fazer o resgate, promulgou em dictadura o decreto de 1 de julho, «que só foi publicado em 12».

«Em 13» publicou o decreto mandando resgatar a concessão de Ambaca.

Telegraphou este decreto para Loanda, quando a lei manda que as leis só teem valor no ultramar, depois de lá chegar o «Diario do Governo».

Interceptou os telegrammas, em que a Companhia dava as suas instrucções.

Apossou-se do que pertencia á linha, e do que particularmente pertencia á Companhia.

Interceptou, sem duvida, telegrammas de Loanda, porque, ainda que conseguisse subornar dois empregados antigos e da confiança da Companhia, que dirigiam interinamente a exploração, não é crivel que qualquer d'elles, mesmo para mascarar a traição, se a houve, désse logo alguma noticia á Companhia.

E tudo isto foi feito atabalhoadamente, decretando «em nome do Congresso» ainda fechado, auctorisando-se a si mesmo a occorrer ás despezas do resgate, tudo ás escondidas, em segredo, como quem tem a consciencia de que pratica um acto criminoso, muito á pressa, com o receio de que venha a policia apanhal-o em flagrante delicto.

Se o Governo se julgasse com direito ao resgate, esperava uns dias pela abertura do Congresso, propunha-lhe a promulgação dos decretos, publicava-os com tempo, intimava a Companhia para fazer a entrega e proceder juntamente com elle aos inventarios respectivos, etc., e, se ella se recusasse, empregaria então a violencia, claramente, corajosamente, mostrando que a razão que lhe assistia não receiava os resultados, nem por parte da Companhia, nem por parte dos «Trustees».

Mas isso não convinha para o caso. No Congresso, entre tantas pessoas illustradas e correctas, não deixaria de se levantar uma ou mais vozes justiceiras e sensatas, que mostrassem claramente ao auctor dos projectos a illegalidade do acto e as consequencias que d'elle teem de derivar.

Então a Companhia defendia-se da violencia, os obrigacionistas defendiam-se tambem, e lá se ia tudo, d'envolta com a vingança ha tanto tempo acariciada.

Assim, no preambulo que precede o decreto, se declara logo no principio, que «não ha nas nossas leis coloniaes nenhum preceito generico sobre o prazo da remissão, nem sobre o modo de estabelecer o preço da concessão», quando no artigo 30.º do contracto de 25 de setembro de 1885, «que faz lei», se encontram claros e precisos taes preceitos.

Pretende-se negar ao concessionario o direito de contestar o resgate d'uma concessão, quando se sabe que, desde que haja divergencia entre o Governo e a Companhia, tem ella de ser resolvida por arbitros, conforme o artigo 68.º do citado contracto, approvado por varios Parlamentos, e considerado inteiramente valido por um accordão proferido pelo Tribunal da Relação de Lisboa com data de 20 de dezembro de 1916. Argumenta-se que nenhuma legislação «moderna» concede esse direito, mas não se demonstra que lh'o negue.

Logo no artigo 1.º do decreto, o Governo diz que o Estado póde remir as concessões depois dos primeiros 25 annos, «quando outro prazo não tenha sido estipulado». E no paragrapho 1.º do mesmo artigo diz, que o prazo para o resgate se conta a partir da data do diploma da concessão, «quando outra data não tenha sido fixada».

Ainda no paragrapho unico do artigo 9.º o Governo prevê o caso do resgate ser «extemporaneo», demonstrando tudo isto que o Governo tinha (nem podia deixar de ter) a certeza de que tudo estava previsto no contracto de 1885 e respectivas prorogações, e de que não podia fazer o resgate, ás outro motivo o não impedisse, antes de 1924.

D'onde se conclue que, conforme as disposições legaes, o Governo terá de restituir á Companhia tudo aquillo de que tomou conta, pagando além d'isso as indemnisações indicadas n'esse paragrapho.

No artigo 10.º manda abater ao rendimento liquido a amortisação nos objectos da exploração, isto é, material circulante, etc., etc., quando o Governo não ignora que, pelo artigo 19.º do contracto de 1885, «pertencem ao dominio da empreza e pelo artigo 20.º lhe serão pagos, por louvação, logo que tenha expirado o prazo da concessão», que é n'este caso a data do resgate, como muito bem diz a Procuradoria Geral da Republica no documento n.º 5, junto ao decreto n.º 4.600. E' evidente que, sendo esses objectos «louvados para o pagamento», não precisam de desconto algum na annuidade, porque lá lhe é feito na louvação.

Tambem no decreto n.º 4.600, o artigo 2.º manda tomar posse immediata de toda a via-ferrea, «com todo o seu material fixo e circulante», mandando apenas avaliar para pagamento o «carvão, coke, ou outros abastecimentos», com absoluto desprezo dos citados artigos 19.º e 20.º do contracto de 1885, sendo evidente o lapso da inclusão do material circulante no artigo 30.º. Nem se comprehende que, devendo o Estado pagar o material circulante, «se a Companhia conservar a linha até expirar o prazo da concessão», isto é, tirando todo o proveito d'essa concessão, se recuse a pagar-lh'o quando lhe tira a mesma concessão a «um terço» do prazo por que lhe foi dada. Rasoavel seria o contrario, se estivesse estabelecido no contracto.

Resalva ainda no artigo 9.º todos os direitos do Estado ao pagamento integral das responsabilidades da Companhia para com elle, tambem com manifesto desprezo da sentença arbitral de 1911, passada em julgado, e sem obrigar a Companhia a liquidar immediatamente taes responsabilidades, se as provar que as tem.

Vem por ultimo a documentação com que quer justificar tão injusta violencia, documentação que esta Companhia adeante refuta desde já, apresentando a seguir, desenvolvidamente a sua argumentação, bem como os respectivos documentos.

O Governo não póde fazer o resgate da linha em tempo algum, porque auctorisou, pelo artigo 15.º do Estatuto, a dal-a como garantia ás obrigações «por todo o prazo da concessão», e não póde retirar essa garantia sem estar amortisada «a ultima obrigação», quando não decorreu ainda nem a terça parte do prazo, e quando de 8.565 contos, «ainda estão por amortisar mais de 8.200».

O Governo não podia resgatar a linha, porque, sendo isso objecto de uma divergencia entre ella e a Companhia, tinha de ser ella resolvida por meio de arbitragem, «já estabelecida pelo Tribunal do Commercio», e confirmada pelo citado accordão da Relação de 20 de dezembro de 1916, em uma acção que lhe está affecta, não podendo o Governo, na sua qualidade de réu, invadir as attribuições do Poder Judicial, resolvendo-a a seu alvedrio.

Ainda, porém, que o podesse fazer, não era agora, não só porque a questão sobre o assumpto está pendente do Tribunal e da arbitragem, mas porque, se a divergencia fôr decidida a seu favor, só o póde fazer em 1924, prazo estabelecido na ultima prorogação, porque o artigo 30.º do contracto de 1885 diz que «o Governo terá a faculdade de resgatar a concessão inteira 25 annos depois do prazo estabelecido para a conclusão da linha». E como não diz que é do prazo «estabelecido n'aquelle contracto», segue-se que os prazos estabelecidos foram tantos, quantas as prorogações, devendo, portanto, contar-se do prazo «estabelecido na ultima prorogação (1899)».

Nem mesmo outra coisa se deve comprehender, quando se queira tratar com boa fé e com justiça, desde que nas prorogações, «incluindo a do mesmo contracto de 1894», se affirma que o atrazo da concessão é devido a causas independentes da vontade da Companhia, sendo contra todos os principios de equidade e de bom criterio, pretender-se fazer pagar á Companhia, retirando-lhe a concessão antes do «prazo estabelecido», culpas que os proprios Governos affirmam que ella não tem.

Quem attentar ainda que, para construir 364 kilometros de linha, n'uma região desprovida de todos os recursos e cercada de todas as difficuldades, que offerecem as regiões desconhecidas e inhospitas, se marcou o prazo de 4 annos (91 kilometros por anno!!), não póde conscienciosamente admittir, que se possam applicar com tanto rigor as disposições sobre o resgate, ainda mesmo que não houvesse prorogações a ampliar o prazo «préviamente estabelecido».

«Se era urgente para Portugal», como diz no seu documento (?) n.º 4, tomar posse da linha, para que anda «ha tres annos» a entorpecer a acção da justiça, em vez de deixar seguir livremente o processo, e até activando-o, como tem feito a Companhia, que tem a convicção da sua razão e da sua justiça?

Está provado que, liquidadas as questões entre o Estado e a Companhia, por meio da nova sentença arbitral, que deve resultar da acção pendente no Tribunal do Commercio, a Companhia ficava com elementos que lhe permittiam concluir operações financeiras importantes, que lhe trouxessem recurso para remodelar por completo o seu caminho de ferro, o que nunca poude fazer, pelas peias de que foi sempre cercada.

Em virtude d'isto, vem esta Companhia protestar em nome dos accionistas e dos obrigacionistas perante o paiz, o Ex.mo Presidente da Republica, a Camara dos Senhores Deputados, o Senado, e mesmo perante o Governo, contra o decreto n.º 4.600, á sombra do qual foi feita tão estranha violencia, assim como,—contra o obstruccionismo que os Governos teem feito nos Tribunaes do Commercio de Lisboa e Porto, chegando a dar como testemunhas subditos inimigos, que é impossivel interrogar na Allemanha e na Austria, impedindo que a Companhia se habilite a pôr o seu caminho de ferro em condições de bem desempenhar a sua missão, protestando tambem contra todas as difficuldades que os Governos teem levantado ao seu regular funccionamento, não cumprindo as disposições dos contractos com ella feitos, nem executando os trabalhos que lhe competiam para que o caminho de ferro podesse ser um beneficio publico, como a construcção de estradas para as estações, etc., etc.

Protesta ainda contra a falta de entrega dos terrenos, que lhe foram cedidos pelo contracto, dos quaes a Companhia não recebeu nem um unico palmo, durante 32 annos, e que podiam ter sido para ella uma fonte de receita importantissima, como se provará até com documentos officiaes, o que ao mesmo tempo produziria um grande augmento no trafego e na receita do caminho de ferro, e consequentemente uma grande diminuição nas garantias pagas pelo Estado, como tambem se provará.

Como consequencia d'isto, protesta mais:

a) Contra a invasão do Poder Executivo nas attribuições do Poder Judicial;

b) Contra o acto de posse extemporanea da linha e suas dependencias;

c) Contra o facto de se tirar aos obrigacionistas a unica garantia que tinham, dada em um contracto celebrado com os «Trustees», e reconhecido pelo Governo Portuguez, em virtude da auctorisação concedida no artigo 15.º do Estatuto;

d) Contra a annuidade calculada pelo Governo, e contra o respectivo deposito na Caixa Geral, contestando desde já pelos meios legaes o quantitativo da indemnisação, como lh'o faculta o decreto n.º 4.581-A;

e) Contra o facto de não se lhe querer pagar o material circulante, de uma parte do qual a Companhia tem ainda letras saccadas, contra o claramente disposto nos artigos 19.º e 20.º do contracto de 25 de setembro de 1885;

f) Contra o facto de não ser avisada a Companhia das intenções do Governo, a tempo de fazer acautelar os seus interesses em Loanda, onde tem haveres, que não teem de passar para a posse do Estado, taes como: propriedades, terrenos, materiaes, dinheiro, devedores («entre os quaes figura o Estado por uma verba de transportes muito importante»), livros, documentos, etc., etc.;

g) Contra o facto de tomar posse sem a presença do representante idoneo da Companhia, demorado propositadamente em Lisboa pela Secretaria das Colonias, sob pretexto d'uma conferencia proposta pela Companhia, «e que tinha justamente por fim um accordo com o Governo para a harmonisação do serviço nas duas linhas»;

h) Contra o facto de o Governo mandar fazer inventarios, sem a assistencia do mesmo representante, visto que, devendo suppôr-se por absoluta falta de noticias, que os empregados da Companhia em Loanda, encarregados interinamente da direcção da exploração emquanto não chegasse lá o Director, não cumpriram as instrucções que lhes foram deixadas para o caso de qualquer violencia já receiada, não podem ser dignos da confiança da Companhia, ficando o Governo responsavel por qualquer falta ou desvio na existencia de objectos ou provimentos pertencentes á Companhia;

i) Contra o facto de se telegraphar o decreto para Loanda, quando a lei manda que as leis ou decretos só entrem em vigor no ultramar, «depois de lá chegar o «Diario do Governo»;

j) Contra a não menor violencia de serem interceptados telegrammas e cartas enviadas pela Companhia para Loanda, Londres, etc., sem que lhe fosse restituida a importancia por elles paga;

k) Contra o facto extranho de se promulgar um decreto «em nome do Congresso da Republica», quinze dias antes de elle realisar a sua primeira sessão, e que, para futuro póde trazer difficuldades, se não lembrar esta ultima circumstancia;

l) Protesta, finalmente, levar esta questão perante quem compete, na certeza de que ainda ha em Portugal quem saiba fazer justiça, e na esperança de que nem sempre imperará a violencia e o arbitrio.

Impugnação dos documentos juntos ao decreto n.º 4600

«O documento n.º 1» não justifica o decreto. Diz como deve ser feito o resgate e quando o deva ser, desde que não houvessem prorogações do prazo.

«O n.º 2» tambem o não justifica. Porque, se o contracto de 1894, que a Companhia repudiou e que caducou em 1911, proroga o prazo da construcção, «menos para os effeitos do resgate», todas as prorogações anteriores e posteriores, «nomeadamente á ultima», não tem essa clausula.

«O n.º 3» tambem o não justifica, pelas mesmas razões. Quanto ao material circulante, os artigos 19.º e 20.º do contracto de 25 de setembro de 1885 dizem precisamente o contrario.

«O n.º 4» tambem o não justifica.

Ao contrario do que se affirma no documento n.º 4, «o Governo tem toda a responsabilidade para com os «Trustees», não só porque o consul portuguez em Londres validou o contracto em nome do Governo Portuguez, mas tambem porque não o contestou durante 32 annos. Além d'isso, tanto no contracto de 1894 como em outros subsequentes reconheceu-o, insistindo no pagamento do coupon em ouro, e o que é mais, acautelando-o».

Ainda a Commissão de 1912, de que era alma e cabeça o actual Secretario das Colonias, o reconheceu tambem a pag. 24 e 25, não só propondo um accordo com os «Trustees», mas mandando um emissario a Londres procurar fazer um accordo a seu modo. Além d'isso, a pag. 42 do seu relatorio, ainda insiste em «ser inadiavel assegurar aos «Trustees» o integral cumprimento do contracto», etc.

Tambem no tempo da monarchia se fizeram varias tentativas junto dos «Trustees», provando tudo isto que os Governos se teem julgado com responsabilidades.

«O n.º 5» tambem não. Sabe-se que estas consultas reflectem a opinião dos ministros que as fazem, porque já estão feitas com esse fim. N'este documento ha contradicções, porque diz que «o resgate não é execução do contracto!» Pois se o resgate está prescripto no contracto, fazendo-se aquelle, executa-se este. Está tambem em contradicção com o documento n.º 3.

N'este diz-se que o material circulante só é pago á Companhia «se ella conservar a linha até expirar o prazo da concessão, não tendo o governo de o pagar no caso de remissão». No n.º 5 diz-se «que o resgate representa o fim da concessão». Não podendo o governo levar a linha e ao mesmo tempo a Companhia conserval-a em seu poder, e terminando a concessão com o resgate, é evidente que a Companhia conservou a linha até expirar o prazo da concessão. Este documento é tão pouco consciencioso que diz que «a remissão não póde ficar dependente da arbitragem em face do artigo 69.º do contracto de 1885», quando este contracto «não tem mais de 68 artigos!» Baseia a sua «opinião» sobre «tratadistas», que nem ao menos cita, e sobre «principios de direito administrativo e civil», que não cita tambem.

«O n.º 6» nada justifica egualmente. Apenas prova que desconhece «ou finge desconhecer», o accordão da Relação de Lisboa de 20 de dezembro de 1916, sobre a arbitragem, declarando a obrigatoria e validando portanto a de 1911, por onde foram liquidadas as contas entre a Companhia e o Estado.

«O n.º 7» tambem não justifica coisa alguma. Conclue por dizer que «é forçoso e indispensavel unificar a exploração da linha, entregando-a a uma só entidade, o Estado ou a Companhia». Documentos d'estes podia juntar muitos; os officios da propria Companhia, em que por muitas vezes tem dito aos Governos «precisamente o mesmo».

«O n.º 8» nada justifica ainda, porque os funccionarios do Governo dizem o que elle manda que digam, e n'aquella data tambem era preciso justificar-se o decreto do Snr. Lisboa de Lima, do mesmo mez, que não chegou a executar-se porque tambem não se justificava.

O ultimo director do proprio caminho de ferro de Malange, pertencente ao Estado, o distincto engenheiro Snr. Miranda Guedes, tambem disse em um jornal de Loanda, muito recentemente, que esse caminho de ferro «não tem material». Pois se o nosso tambem não tem, para que o quer o Estado, mórmente em uma occasião em que, nem para o seu tem conseguido arranjal-o?

«O n.º 9» tambem nada justifica. E' a opinião d'um outro funccionario do Governo. A justificação que este produz devia conter-se em um periodo, «que se vê dever ser favoravel á Companhia», e que foi insidiosamente truncado.

«O n.º 10» nada justifica, como os outros. E' um calculo feito muito atabalhoadamente, por uma commissão nomeada «poucos dias antes da promulgação do decreto (26 de junho de 1916)», que fez obra pelas indicações que lhe deram, por nada conhecer da questão, como se vê das declarações do Snr. Antonio dos Santos Viegas, membro da mesma.

«O n.º 11» finalmente, nada justifica, e é irrisorio. E' ainda um telegramma de um funccionario do Governo, que cumpre as ordens que lhe dão, e que ficou tão atrapalhado, que até cita, sem querer, o numero do telegramma em que ellas lhe foram dadas.

Porto, 2. de Julho de 1918.

Pelo Conselho d'Administração

Augusto Gama

Jorge Pinto da Silva

José Augusto Monteiro

Praias e campos

VIZELLA, 5.—Em beneficio dos pobres d'estas thermas realisou-se hontem no Parque uma corrida de natação e regata em que tomaram parte bastantes banhistas. A concorrencia foi grande, tendo ido do Porto grande numero de visitantes. A festa foi abrilhantada pela banda da Fabrica de Negrellos. Aos vencedores foram conferidas diversas medalhas.

—Encontra-se n'estas thermas o considerado clinico sr. dr. Antonio Aurelio.

PEQUENAS NOTICIAS

Foi preso Antonio Rosa Limpo, residente na rua dos Remedios, 59-A, 1.º, accusado de ter furtado caixas com chapeus de senhora, um livro e um «enveloppe» com uma factura, tudo no valor de 720$00.

Tubos lança torpedos

Deseja-se vender o privilegio de invenção concedido em Portugal pela patente n.º 8280 para «disposição para a pontaria dos tubos lança-torpedos».

Para tratar e informações o agente official de patentes J. A. da Cunha Ferreira, rua dos Capellistas, 178, 1.º, Lisboa.

Theatros

Cartaz de hoje

THEATRO NACIONAL—A's 21—«Cora ou a escravatura». —SÃO LUIZ—A's 21,30—«Generos alimenticios». — TRINDADE — A's 21,30—«O gato maltez».—GIMNASIO — A's 21,30 — Não ha espectaculo— APOLO — A's 21,30— «A revolta»EN—A's 21,30 «A.—ED trombeta da fama»— POLYTHEAMA — A's 21,30 «Salada russa» — AVENIDA—A's 21,30—«O homem de gelo».—SALÃO FOZ—A's 21—Variedades e animatographo.

Animatographos e concertos—Central, Olympia, Chiado Terrasse, Condes e Salão da Trindade.

Informações

Machado Correia e Accacio Antunes, estão ultimando uma revista que destinam ao theatro da Trindade e que, brevemente, alli deve subir á scena.

*

E' a seguinte a distribuição completa do novo quadro da revista «A Revolta» que hoje se estreia no Apollo: «Viscondessa», Auzenda d'Oliveira; «Zé dos Pacatos», Antonio Gomes; «Patarata», Carlos Leal; «Picitas», Alvaro Pereira; «Desconfiado», Aurelio Ribeiro; «Filho da Noite», Flora Dysson; «Sopeira», Carmen d'Oliveira; «Noiva», Emma d'Oliveira; «Mana», Maria Alves; «Empregada», Idalina Lopes.

Réclames

A idéa de modificar por completo a revista «Salada Russa», o grande exito do Polytheama, apezar de se não poder dizer que a peça estivesse cançada, foi optimamente recebida pelos frequentadores do theatro. Com effeito ella ficou assim superiorisada. O novo quadro «Comes e bebes» é um verdadeiro achado. Não ha um dito que não tenho espirito, uma palavra que se não envolva de graça, resultante da situação que se preparou com rara habilidade e grande talento do comediographo. Os numeros novos são verdadeiramente inspirados e na delicadeza da musica vê-se o gosto e o saber de instrumentista de Filippe Duarte, o mestre.

—Por motivo da complicada montagem das «Marionettes», a deliciosa peça de Wolff que foi um dos mais extraordinarios successos da Comedia Franceza, fecha as suas portas hoje o elegante theatro do Gymnasio, procedendo-se a um ensaio geral da famosa e encantadora peça, cujos principaes papeis serão desempenhados por Brazão e Palmyra Bastos. Ha já innumeros pedidos de bilhetes para a «première» de amanhã.

—Luctará com a crise das subsistencias apenas quem quizer luctar porque a verdade é que «Generos alimenticios» não só não faltam como até abundam... no theatro São Luiz. Deixe-se o governo de caças aos açambarcadores que são pessoas muito honestas em comparação com certos consumidores, e como medida adopte a affixação de editaes aconselhando ao povo de Lisboa que frequente aquelle theatro pois a comedia tambem alimenta... o espirito. Nem só de pão vive o homem...

Publicações recebidas

Publicações do ministerio das finanças:

Acabam de sahir: «Annuario das contribuições directas, contribuição industrial», liquidação e cobrança no anno civil de 1914 e anno economico de 1914-1915; «Boletim commercial e maritimo», numeros de agosto e setembro de 1916; e «Movimento da população», abrangendo o movimento phisiologico nos annos de 1911 a 1915, a emigração no mesmo periodo de tempo e o movimento de passageiros nos portos da metropole e nas estações da fronteira terrestre do continente nos annos de 1914 e 1915.

PONTOS:—TODOS BONS.

Echos & Noticias

UM ALMOÇO A NAVARRO DA COSTA

Madame Aragão e seu esposo, o distinctissimo poeta brazileiro Mario d'Aragão, offereceram hoje no seu «châlet» da Avenida Ressano Garcia—um verdadeiro ninho de marmores e cristaes coloridos e que contem no seu seio verdadeiras preciosidades de arte, desde o quadro celebre á faiança oriental mais rara—um primoroso almoço ao grande pintor Navarro da Costa, que como já temos noticiado, parte em breves dias para a sua patria—o Brazil. Assistiram ao almoço algumas pessoas intimas e o nosso collega da imprensa Reynaldo Ferreira. Ao «toast», o sr. Mario d'Aragão proferiu um delicadissimo e commovido brinde ao pintor brazileiro.

Navarro da Costa, que era acompanhado por sua esposa e por sua graciosa filhinha, agradeceu com vehemencia as palavras do seu illustre compatriota. Finalmente, o sr. Mario d'Aragão ergueu um brinde a Reynaldo Ferreira, brinde em que, na sua pessoa, era abraçado todo o jornalismo portuguez.

ANNIVERSARIO

Passou hoje o anniversario natalicio do sr. Valeriano Ribeiro.

PARTIDAS E CHEGADAS

Regressou hoje a Evora, depois de uma permanencia de alguns dias em Lisboa, o nosso amigo sr. Sertorio A. Fragoso, socio-gerente da firma Fragoso & C.ª, e director da revista commercial e industrial «A Informadora». O sr. Sertorio Fragoso veiu sobretudo a Lisboa para tratar com a nossa collega D. Virginia Quaresma de assumptos referentes a uma grande empreza de propaganda alemtejana que se está organisando em Evora sob a egide e com capitaes das figuras de maior relevo no commercio, na industria e na agricultura do sul do paiz.

FALLECIMENTOS

Em Vizella, falleceu uma filha do distincto clinico sr. dr. Manuel Pereira Caldas. O funeral foi numerosamente concorrido.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Realisou-se esta tarde a eleição da meza da assembleia geral e do conselho fiscal da Companhia de Seguros «Metropole», tendo sido eleitos os srs.:

Mesa da assembleia geral: presidente, dr. Mario Pinheiro Chagas; vice-presidente, Henrique Samuel da Silva; 1.º secretario Gastão Porto de Moraes; 2.º, Carlos Rombert; 1.º vice-secretario, Zeferino Candido Chimusca; 2.º, Abilio José David.

Conselho fiscal: Eduardo David Martins, Duzagios & C.ª e Maurizio Pollerl; substitutos: Luiz Victor Rombert, Joaquim Monteiro e Carlos Chichorro.

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

Sr. redactor de «A Capital».—A v. que tão gentilmente acolhe sempre as reclamações justas, exponho o seguinte caso, pedindo-lhe a extrema fineza de lhe dar publicidade no seu acreditadissimo jornal:

Em 20 de junho p. p. dirigi-me á «Empreza das aguas das Lombadas» para fazer uma encommenda, como fiz sempre que preciso.

No escriptorio da empreza disseram-me que o preço actual do vasilhame era de 24 centavos cada garrafa e caso eu tivesse vasilhame a devolver esto só me seria aceite á razão de 14 centavos cada garrafa, visto ser esse o preço porque as tinha pago.

Como não achasse justo, visto que as garrafas que eu possuia eram perfeitamente eguaes, mas não podendo oppôr-me á exploração, respondi que n'esse caso guardava as minhas garrafas e estava prompto a satisfazer as garrafas que recebesse agora, a 24 centavos, contanto que a empreza me restituisse essa importancia, logo que as devolvesse.

Calcule v., sr. redactor, a minha surpreza quando o empregado me respondeu que n'essas condições me não podia fornecer agua, e que só querendo eu entregar as garrafas que tinha á razão de 14 centavos e pagando a differença é que me satisfazia a encommenda!!!

Revoltado com tal exigencia que representa uma verdadeira exploração, recusei comprar a agua n'essas condições e exalto todos os meus collegas revendedores façam o mesmo, oppondo assim serena mas firmemente a nossa vontade de não deixar que nos explorem as nossas algibeiras.

Agradecendo antecipadamente a v., assigno-me com toda a consideração.—Miguel Paggio, proprietario do Hotel Savoy, S. João do Estoril.

CAMBIOS

Lisboa, 7 de agosto de 1918.

	Compra	Venda
Cheque sobre Londres	30 3/8	30 1/4
90 d/v.	30 7/8	
Cheque sobre Paris	287	293
» Hollanda	850	870
» Italia	195	205
» New York	1650	1680
» Madrid	485	445
Rio sobre Londres	12 1/4	—
Libras ouro	10$80	11$00
Agio do ouro	140 0/0	144 0/0

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2361 — 9.º Anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Quinta-feira, 8 de Agosto de 1918

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço 2 centavos

O manifesto democratico

Está publicado o manifesto do Partido Republicano Portuguez, e não nos enganavamos quando previmos que seria um documento importante. Com effeito, encontram-se n'esse manifesto algumas declarações que asseguram á politica republicana uma nova base, e não menos é de considerar o espirito que anima semelhante documento, firmado pelo corpo directivo d'aquelle dos partidos constitucionaes que é inegavelmente o mais forte da Republica.

O partido democratico defende-se das accusações de que foi alvo, sem que surgissem provas que determinassem a sua condemnação legitima, e reclama o seu direito á vida activa, intervindo nos destinos da nação. Mas annuncia essa resolução manifestando d'uma maneira expressa que não insiste, de forma alguma, na manutenção de attitudes ou no cultivo de processos que só foram nocivos ao seu prestigio e prejudiciaes á Republica.

Commetteram-se erros, commetteram-se violencias de que o cabe ao Partido Republicano Portuguez a responsabilidade collectiva, no ponto de vista partidario, ou foram praticados por elementos que da sua orientação a reclamavam. Apraz-nos consignar que o manifesto democratico explicitamente renuncia a qualquer proposito de os insultar ou attenuar.

Assim, a affirmação despotica do sr. Affonso Costa, no Congresso da Figueira, que clamando, com o applauso d'esse Congresso, que só havia um partido republicano com direito á vida politica, e que esse era aquelle do que se arvorava em chefe supremo, é terminantemente invalidada pela declaração do manifesto, segundo a qual, o Partido Republicano Portuguez reconhece aos outros partidos o direito á vida politica, considerando que a acção de cada um só pode ser delimitada pelas correntes de opinião nacional. D'esta forma se destroe o erro de se pretender que só um partido dispuzesse da Republica, admittindo-se quando muito que, n'um futuro mais ou menos proximo, d'esse partido se destacasse um nucleo que fosse formar um novo agrupamento partidario. A macula de origem, impressa como um estygma, na frente dos partidos evolucionista e unionista, não podia subsistir.

O segundo erro que o Partido Republicano Portuguez implicitamente reconhece é o de se ter opposto, durante tanto tempo, com caracter irreductivel, á inclusão do principio de dissolução parlamentar na Constituição da Republica. Sem duvida, em principio ha todo o direito de ser contrario á dissolução; mas as circumstancias já tinham indicado que era forçosa essa modificação constitucional, para evitar maiores perigos. Se a dissolução tivesse sido aceita a tempo, ter-se-hiam evitado dolorosas contingencias para a Patria e para a Republica.

Na questão religiosa, não é menos importante a attitude tomada pelo partido democratico. Sem duvida, a lei da Separação da Egreja e do Estado é uma lei basica da Republica Portugueza. O que se não podia pretender era que ella fosse considerada intangivel. Essa pretensão de intangibilidade acabou. O manifesto considera a questão religiosa inteiramente aberta, e expressa a confiança de que «um parlamento republicano saberá conciliar os interesses da sociedade civil com o que sejam as justas reclamações da consciencia catholica» oppondo-se apenas intransigentemente á introducção do congreganismo, sob qualquer disfarce, o que não é mesmo uma doutrina essencialmente republicana porque pertence á tradição liberal do paiz.

Outro erro, senão do partido democratico, dos seus representantes no poder, foi a creação d'um estado agudo de conflicto com o operariado, que necessariamente perturbou a orientação governativa, levando a excessos que ninguem hoje deixará de lamentar. O manifesto declara, n'este ponto, que o Partido Republicano Portuguez affirma a necessidade, de accordo, de resto, com o seu programma, «da intervenção do Estado e dos organismos municipaes no jogo das forças economicas, intensificando a producção e regularisando a distribuição da riqueza no sentido de, por uma medida de acção reformista attenuar o conflicto entre as duas categorias economicas—capital e trabalho.» Nenhum partido da Republica póde viver em conflicto com o operariado, que, sendo o principal elemento d'uma nação, tem, em relação á Republica, uma tradição de sacrificios e luctas em prol da sua implantação e consolidação que nenhum republicano ou das outras classes póde esquecer.

Por ultimo, e muito embora nunca se podesse attribuir a uma responsabilidade collectiva do partido democratico certos actos de violencia e vindicta que se deram durante o consulado dos seus governos ou da sua influencia predominante na vida do regimen, o Partido Republicano Portuguez, protestando contra as perseguições e ataques de que ultimamente tem sido alvo, declara terminantemente considerar esses factos antigos, reprehensiveis e lamentaveis, desejando que os tribunaes apurem as responsabilidades de taes casos.

Pelo que se vê, o manifesto do partido democratico é um documento em que lealmente se expõe a situação e não se duvida enveredar por outro rumo, quer nas relações entre os partidos, quer na applicação mais genuina dos principios republicanos. Ha uma parte n'esse documento porventura aspera, mas justifica-se. E' a da defeza contra os ataques de que tem sido victima, e não será facil sustentar que ella seja excesso—ou se recordarmos a forma como esse partido foi tratado, tanto nos ataques da imprensa adversa, como nas proprias notas officiosas do governo.

Falamos na importancia das principaes declarações d'este documento e já salientámos, mas aludimos tambem ao espirito que evidentemente o anima. Esse espirito é o d'uma estreita solidariedade entre os partidos da Republica. E' essa, certamente, a caracteristica mais significativa do manifesto, e que dá á sua apparição fóros d'um grande acontecimento politico. Tudo indica que se encontrou definitivamente a base para o entendimento dos republicanos na indecisa hora que atravessamos. Era esta uma aspiração da opinião republicana em que nitidamente se reflectia a alma da nação.

O funeral DO MINISTRO DA ARGENTINA

Revestiu grande imponencia e foi extraordinariamente concorrido o funeral do sr. D. Baldomero Garcia Sagastume, ministro da Republica Argentina, junto do nosso governo ha bastantes annos e com justiça muito considerado pela sua competencia como diplomata e qualidades pessoaes que muito o distinguiam.

Conforme estava annunciado, o feretro do illustre extincto chegou esta manhã á estação do Rocio vindo do Bussaco.

A urna, encerrando os restos mortaes do sympathico diplomata, vinha em fourgon, armado em camara ardente, atrelado á cauda do comboio, que deu entrada na estação ás 8,30. Vinham n'esse mesmo comboio [illegible] do finado, sr. D. [illegible] de la Cuesta.

Aguardavam o feretro os srs. D. Baldomero Gayan, que assumiu a encarregatura de negocios da Argentina, Alcaz, chanceller; Luiz Trigueiros; rev. José Filippe Cardoso, coadjuctor de Santa Isabel, e outras pessoas.

A urna, de jacarandá, com fecharias de metal e tendo no tampo um crucifixo, foi depois de verificada pelo respectivo delegado de saude, sr. dr. Nuno Porto, transportada para um carro funerario no qual foi conduzida para o templo de S. Domingos, sendo ahi collocada sobre uma tarima, armada ao centro da nave, ladeada por tocheiros.

Sobre a colgadura, negra, relusentes de lustrins de oiro e prata, que cobria o athaude, via-se a bandeira da Argentina, e chapéu armado, o espadim do fallecido diplomata, velados de crepes.

Ornavam ainda o athaude e a tarima corôas magnificas da viuva e filha, da D. Pedro de la Cuesta, do sr. embaixador do Brazil e do sr. presidente da Republica.

As sr.as D. Suzana Sagastume e D. Suzana la Cuesta, viuva e filha do distincto diplomata, não puderam acompanhar, como se annunciara, os seus despojos mortaes, a primeira por se achar bastante doente e a segunda para assistir-lhe, como filha dedicadissima que é.

A's 10,30 foi resada no altar-mór a missa de corpo presente, seguida de «libera-me», actos celebrados pelo rev. Fiadeiro, prior da freguezia de Santa Justa e Rufina.

A' ceremonia assistiram, além de senhoras do corpo diplomatico e da amizade da familia Sagastume, os srs.: embaixador do Brazil, ministros de Inglaterra, França, Italia, America, Hollanda, Romenia, encarregados de negocios da Santa Sé, do Uruguay, do Paraguay, da Grecia, Suecia, addidos, consules e outros funccionarios das representações estrangeiras, general addido militar da Inglaterra, addido militar da America, addido militar do Brazil, addido militar de França, representante do chefe do Estado, sr. alferes Ferreira da Silva, secretarios de Estado dos estrangeiros, interior, justiça, guerra, marinha, instrucção, alferes Vasconcellos e Sá (Silvares) representando o sr. secretario das colonias, vice-presidente da Camara dos Deputados, governador civil de Lisboa, Frederico Tavares, representando o municipio, Picotas Falcão, guarda-mór do mesmo, marquez de Castello Melhor, viscondes de Silvares e de Assentiz, conselheiro Ernesto Schroeter, Barjona de Freitas e Francisco Patricio, vice-almirante Alvaro Ferreira, dr. Santos Farinha, Jorge O'Neill, D. João da Costa (Villa Franca), Hypacio de Brion, Ernesto de Vasconcellos, dr. Antonio da Costa Cabral, chefe do protocolo, Simão Trigueiros Martel, Lambertini Pinto, Julio Schmith, visconde de Faria, Eugenio Santos Tavares, Jorge Collaço, Moreira de Almeida, pae e filho, Jorge de Mendonça, Firmino Lopes Roberto, Henrique Andrade, Henrique de Hollanda, vice-consul brazileiro, Leonel Peres de Mello, Saude Junior, dr. Moreira Telles, director da Agencia Americana, Gouveia Pinto, representando o sr. Roque da Costa, antigo ministro de Portugal na Argentina, Valeriano Beça, pelos Bombeiros Voluntarios de Campo d'Ourique, etc.

Dirigiram o funeral os srs. visconde de Silvares e Luiz Trigueiros.

A's borlas do athaude, na sua conducção da egreja ao carro funerario, pegaram os srs. secretarios de Estado, o vice-presidente dos deputados e os representantes do municipio e da secretaria dos estrangeiros.

Na frente do cortejo iam os convidados, seguindo-se-lhe o mordomo do finado, conduzindo as suas insignias, o representante do chefe do Estado, o carro com o sacerdote e acolyto, o feretro e um esquadrão de lanceiros 2.

O itenerario seguido pelo sahimento funebre foi o seguinte: largo de Camões, rua 1.º de Dezembro, avenida da Liberdade—lado occidental—, rua Braamcamp, praça do Brazil, ruas do Sol, Visconde de Santo Ambrosio e Saraiva de Carvalho.

As forças militares estendiam-se desde esta ultima rua até ao largo dos Prazeres, desenvolvendo-se até á rua de S. Luiz e compondo-se de batalhões dos regimentos de infantaria 1, 5, 16 e 33, tendo á esquerda a respectiva banda á frente, e os demais agrupamentos de cornetas.

Como de costume em actos identicos a bateria de artilharia—a n.º 1—formava no largo dos Prazeres, fazendo frente ao cemiterio.

Depois do meio dia começou o cortejo a desfilar que as forças, que obateram as armas, fazendo a banda ouvir uma marcha funebre e tocando cornetas e clarins em continencia, á passagem do feretro.

No cemiterio organisaram-se os seguintes turnos até ao jazigo do sr. Gaspar Mendes Barata, onde a urna fica depositada até á sua transferencia para Buenos Ayres:

1.º—Srs. embaixador do Brazil, ministro da America, marquez de Castello Melhor, conde do Bomfim, governador civil de Lisboa, major general da armada, drs. Egas Moniz e Augusto Soares.

2.º—Srs. ministros de Italia e Hespanha, encarregados de negocios do Uruguay, China e Cuba, monsenhor Mazzella, chefe da missão militar ingleza e 1.º secretario da legação da Inglaterra.

3.º—Primeiros secretarios das legações de Hespanha, Italia, França, Belgica e Uruguay, chefe da missão militar americana, addidos militares francez e americano e visconde da Graça Real.

4.º—Srs. consules de Hespanha e do Chili, segundo secretario da legação hespanhola, addido militar hespanhol, D. José de la Cuesta, secretario da embaixada do Brazil, Arnaldo do Couto Vianna e Eugenio dos Santos Tavares.

Depois da urna ser encerrada no jazigo as forças militares deram as salvas do estylo.

Falta de sensibilidade

Acerca da promoção dos officiaes milicianos

Não conhecemos, senão muito succintamente, um projecto de lei que foi apresentado na Camara dos Deputados, respeitante ao futuro que se reserva aos officiaes milicianos que andam na guerra, aquelles que ainda lá não foram e os que para lá irão. O problema é apparentemente complexo no que diz respeito á execução das soluções, mas é, em ultima analyse, extremamente simples, se o encararmos com espirito de justiça e equidade. Preferimos, por emquanto, examinal-o sob estes ultimos aspectos.

A questão reside n'isto: que requisitos se devem exigir dos officiaes milicianos para ganharem a promoção?

Os officiaes milicianos receberam em Portugal uma instrucção militar summaria e partiram para a guerra. No campo de batalha distinguiram-se por uma extremada dedicação ao serviço todos elles; muitos excederam as melhores esperanças, sendo condecorados com altas distincções. Todos exerceram, com evidentes demonstrações de saber o que faziam, commandos de responsabilidade, em secções, pelotões, companhias e batalhões. Isto dura ha muito tempo. A instrucção theorica que receberam aqui foi, pois, aproveitada nos campos de batalha. Duas escolas de guerra se completaram: a da rua Gomes Freire e a da Flandres.

A instrucção militar dos alferes milicianos está, pois, finda. O seu tirocinio militar é perfeito. Conhecem a guerra moderna porque a fizeram; e, para assimilarem o que a pratica lhes mostrou foi sufficiente a theoria que cá lhes foi ministrada.

Entretanto lança-se a ideia de que os alferes milicianos não devem ser promovidos a tenentes emquanto não vierem cursar, novamente, a Escola de Guerra da rua Gomes Freire. Mas para que? Para aprenderem alguma coisa que lhes falte saber? Evidentemente, não. Os alferes milicianos estão habilitados a ensinar, e não a aprender. Aos seus camaradas que ainda não foram para a guerra, ou aos officiaes milicianos, que teem estado em França, narrar como se faz a guerra moderna. Mas os professores da Escola de Guerra da rua Gomes Freire, que não conhecem as batalhas senão atravez dos jornaes e dos livros, que conhecimentos novos podem accrescentar ao saber de experiencias feito, que os officiaes milicianos trarão na bagagem com que regressem de França?

[illegible] aspecto conclue-se que a injustiça, com os officiaes milicianos, é flagrante, caso se adopte o criterio de os preterir na promoção. Effectivamente a preterição imposta aos officiaes que cursaram a Escola de Guerra de Flandres, favorece aquelles que sómente aprenderam theoricamente, a arte da guerra, na pacifica Escola da rua Gomes Freire. Com o aggravante de que esta escola é hoje tambem miliciana, dada a reducção no tempo gasto com o ensino, imposta pelas necessidades da participação de Portugal na conflagração.

Não quer isto dizer que nós advogamos a vantagem de promover os officiaes milicianos sem prejuizo dos outros; quer simplesmente significar que não é justo, nem equitativo, nem mesmo de boa politica, deitar para traz das costas o sacrificio dos officiaes que andam lá longe, em lucta com os inimigos da Patria. Os interesses legitimos, d'uns e d'outros, não serão, talvez, incompativeis. O remedio é procurar uma formula, que a todos dê satisfação, com vantagem para a efficiencia do nosso exercito. E isso não será impossivel, se a questão for examinada por alguem que não governe couraçado contra a sensibilidade...

«As grandes batalhas»

Vae a Capital iniciar brevemente a publicação da admiravel obra que o eminente escriptor Julio Dantas escreveu expressamente para o nosso jornal. **As grandes batalhas,** *que irão renovar o immenso triumpho da Patria Portugueza e do Amor em Portugal no seculo XVIII, serão opportunamente annunciadas e hão de constituir, sem duvida, um dos grandes acontecimentos litterarios do anno corrente.*

C. E. P.

FERIDOS E PRISIONEIROS

No quartel general territorial do C. E. P. foi hoje afixada a seguinte lista, referida a 20 de julho findo, de feridos e prisioneiros:

Ferimentos em combate:

1.º batalhão d'artilharia de costa: soldados da 1.ª—219 Crispim dos Santos e 490 Manuel Helancia; da 3.ª—91 José da Graça, 888 Josué Pinto, 1.º cabo 397 Alfredo Rosa, sold. 415 Antonio Moreira, 1.º cabo 425 José Correia Hypolito, 496 José Augusto Matra, 2.º sarg. 457 João Francisco dos Santos, sold. 487 José Santos, 493 Gabriel Duarte, 494 Luiz Correia, 501 Abilio Duarte, 509 Francisco Antonio Colla, 545 Salvador Ribeiro, 588 João Henriques Belchior, 561 Manuel Montes, 577 Julio Calixto, 2.º sarg. 590 Joaquim Quebrita; da 4.ª—sold. 512 Antonio José Cabrita; da 5.ª sold. 739 Marçal Freire, 821 Manuel Gregorio, 283 André Martins, 302 Bernardo Ragaio, 1.º cabo 355 Francisco Costa, sold. 366 Miguel Rodrigues, 408 Manuel Ferreira; da 7.ª—1.º cabo 158 Custodio Florencio, sold. 381 Manuel Leirião e 385 José Francisco Pereira.

Batalhão de artilharia de guarnição; soldados: da 1.ª—284 Antonio Brito; da 2.ª—311 Francisco Pontes; da 3.ª—329 Luiz Teixeira, 390 Salvador Marcelino do Vale, 610 Salomão Correia, 364 José Victorino; da 4.ª—443 Manuel Francisco; da 5.ª—332 Manuel Cordeiro, 1.º cabo 425 Antonio Gomes, e sold. da 6.ª 600 Joaquim Duarte Barradas.

Infantaria 1: sold. 151 da C. M. 1, José Antonio d'Oliveira.

Artilharia 2: sold. 354 da 7.ª Joaquim Simões.

Infantaria 14: sold. 425 da 1.ª Joaquim de Sá.

Infantaria 19: sold. 355 da 5.ª Porfirio Augusto Pereira.

Infantaria 21: sold. 117 da 5.ª Camillo Julio.

Ferimentos por gazes:

1.º batalhão d'artilharia de costa: sold. 257 ? Manuel Cordeiro, 2.º sarg. 409 da 1.ª Antonio Rodrigues Maximino, sold. 98 da 2.ª Joaquim Pereira, 103 da 3.ª Manuel Valente, 144 da 3.ª João Custodio, 170 da 4.ª Manuel Lopes; da 5.ª—278 Evaristo da Silva, 291 Pedro da Silva Christino, 310 Narciso Sromenho; da 6.ª 1.º cabo 130 Joaquim Pedro Palinha, sold. 334 Manuel Joaquim Torres, 368 João Francisco Monteiro, 371 Sebastião Domingues; da 7.ª—107 João Runa dos Santos, 537 Pedro Lira e da 8.ª 78 Joaquim da Costa Barradas.

Grupo de artilharia de guarnição: soldados: da 1.ª—180 José Fernandes, 239 Manuel Antonio; da 2.ª—139 Joaquim Mendes Junior, 181 José Francisco Milhão Junior, 216 Thiago Lourenço, 229 Manuel Duarte, 285 Antonio dos Santos Verissimo, 348 Joaquim Pedro Lucas, 398 Francisco d'Oliveira, 1.º cabo 330 David Augusto, sold. 461 Manuel dos Santos Gonçalves, 507 Francisco Lourenço, 616 José Rodrigues, 617 Antonio dos Santos; da 4.ª—357 Antonio Fernandes; da 5.ª 1.º cabo 319 Antonio Harrington, sold. 403 Eduardo do Nascimento, 436 Antonio Gomes Resende e 536 Antonio José Fortunato.

Bataria de artilharia de posição: soldados 165 ? Antonio Pires Miguels e 834 ? Joaquim Guerreiro.

Infantaria 30: sold. 660 da 2.ª Manuel da Silva Affonso.

Ferido por desastre em serviço:

Batalhão de artilharia de guarnição: sold. 478 da 1.ª Bernardino José.

PRISIONEIROS:

No campo de Munster:

Companhia de telegraphistas da praça: 1.º cabo 1119 José Pereira Peixoto Junior, 1.º cabo 1241 Alberto Martins, 1.º cabo 1382 Diamantino Pereira da Cruz, soldados 257 Manuel, 1125 Manuel Antonio Verissimo, 1.º cabo 1138 Manuel Carvalho, 1.º cabo 1147 Manuel Antonio Veiga e sold. 1451 José Eugenio Chagas.

Artilharia 1: 1.º cabo 33 da 1.ª Arthur Moreira Sabido, sold. 60 da 3.ª Luiz Pinheiro, 1.º cabo da 4.ª Eugenio Rodrigues; da 6.ª—1.º cabo 51 Norberto Madeira, 1.º cabo 89 André da Silva, 1.º cabo 192 Manuel Pereira, sold. 281 Manuel Heloy e 285 Francisco Machado.

Artilharia 3: 1.º cabo 20 da C. M. 2 João Araujo Barros.

Artilharia 5: 2.º cabo 267 da 1.ª Antonio Fernandes e 1.º cabo 14 da C. M. 2 Antonio Alves Portella.

Artilharia 6: soldados: 41 da 6.ª José Pereira, 42 da C. M. 2 Isaac Francisco Marques Rosa e 49 da C. M. 2 Augusto Pinto Ribeiro.

Artilharia 7: soldado 507 da 1.ª Lino Alves do Pinho.

Artilharia 8: soldados: 30 da 3.ª Jayme de Castro, 350 da 3.ª José Luiz, 97 da 4.ª José Gil Marques, 207 da C. M. 2 João Alves e 235 da C. M. 2 Custodio José.

1.º grupo de companhia de saude: soldados: 95 da 1.ª Augusto Varino, 108 da 1.ª Maximiano Nunes e 330 da 7.ª João Antonio.

Infantaria 3: sold. 305 da 1.ª João Affonso da Rocha, 2.º sarg. 715 da 1.ª Fausto Luiz, 2.º sarg. 850 da 2.ª Miguel Antonio de Araujo; soldados: da 3.ª—330 Januario Rodrigues, 492 Antonio José Serra, 531 Antonio Cunha, 569 Manuel João Barros; da 3.ª—88 João Maria Moraes, 1.º cabo 108 Abilio José Domingues, sold. 143 João Exposto, 1.º cabo 164 Antonio Barbosa do Amorim, 1.º cabo 197 Manuel Rodrigues Brito, sold. 288 Manuel Martins de Barros, 292 José Rodrigues da Cunha, 355 Manuel Rodrigues Correia, 365 João Rodrigues, 377 Antonio Esteves, 303 Antonio Joaquim Sanches, 394 Manuel Antonio Alves, 2.º sarg. 403 Manuel Francisco dos Reis, 2.º sarg. 463 Manuel Joaquim Lourenço e 1.º cabo 543 Alfredo Manuel Fernandes.

Infantaria 4: soldados: da 9.ª—430 Manuel Ignacio, 469 José Verissimo; da 10.ª—462 Agostinho de Assumpção, 556 Manuel João, 643 Luiz Teixeira; da 11.ª—498 Manuel Victorino; da 12.ª—597 Joaquim Mendes, 1.º cabo 620 Antonio Alves, 2.º sarg. 636 Narciso Rolão e 774 Manuel Lopes.

Infantaria 8: soldados: da 1.ª—274 Manuel da Motta, 278 Antonio Rodrigues, 284 Francisco Nunes da Rocha, 379 João Rodrigues Araujo, 2.º cabo 485 Francisco Pereira, sold. 486 Antonio Ferreira, 488 Manuel de Carvalho, 542 Hermenegildo José Alves, 559 José Carvalho, 1.º cabo 577 Adelino Alves de Carvalho, sold. 626 Paulino dos Santos Figueiredo, 2.º cabo 651 José Joaquim Gonçalves Dias, sold. 659 Guilherme José de Mattos, 665 Adelino José Dias de Miranda, 676 José Lopes da Silva, 717 Manuel Gomes, 7595 Paulino Laranjeira, 1.º cabo 822 Basilio José Rodrigues Leira; da 2.ª—2.º cabo 275 José Duarte, sold. 311 João Lourenço, 458 João Fernandes de Sousa, 473 Bento Ferreira, 1.º cabo 475 José Sampaio, 2.º cabo 399 Joaquim Silva Costa; da 4.ª—sold. 217 Manuel Ferreira Couto, 270 Manuel da Costa Gomes, 275 Antonio da Costa, 2.º cabo 316 Francisco Fernandes Costa, sold. 324 João Araujo, 329 João Vieira, 1.º cabo 382 Francisco Vieira, 396 Antonio da Silva, 405 Manuel Martins do Carvalho, 407 Antonio Pereira de Sá, 441 Custodio Ferreira Gomes, 478 Antonio Martins Ribeiro, 480 Antonio Fernandes Costa, 493 José Maria Gonçalves, 507 David Silva Gomes, 508 Domingos da Venda, 509 José Paris, 531 José da Cunha, 532 José Alves Carneiro, 2.º cabo 549 Alfredo Gomes Ribeiro, sold. 550 Antonio José da Silva, 645 Manuel Carneiro de Faria e 635 Manuel José da Silva Junior.

Infantaria 9: corneteiro 331 da 4.ª Silvestre da Silva.

Infantaria 11: soldados: da 9.ª—319 Francisco Dantas, 321 Victor Augusto, 588 Francisco Brites, 754 Joaquim Bonito; da 12.ª—610 Manuel Pinela e 614 Manuel Mendes.

Infantaria 12: 2.º sarg. 671 da 2.ª Romulo Augusto Macedo e 1.º cabo 84 da 3.ª Joaquim Monteiro.

Infantaria 13: sold. 348 da 2.ª Antonio Alves Fernandes.

Infantaria 15: 1.º cabo 280 da 2.ª Antonio Lopes Brito, sold. 417 da 2.ª Augusto Godinho, 432 da 2.ª Antonio Ramalho, 1.º cabo 435 da 2.ª Francisco Ribeiro, sold. da 2.ª José Joaquim e 334 da 4.ª Jeronymo Maria.

Infantaria 16: soldados: da 1.ª—342 David Joaquim de Carvalho, 645 Alfredo Carmino, 534 Manuel dos Santos Varejas, 978 Antonio Madeira, 1000 Manuel dos Santos, 1032 Joaquim Victor; da 2.ª—840 José Ricardo, 856 Pedro Antonio Arroja; da 4.ª—589 Narciso José, 627 Manuel Joaquim Fernandes, 635 Ignacio Gomes, 658 Deolindo Antonio, 1.º cabo 691 Francisco Ferreira Ramos, sold. 701 Armando Moreira, 1.º cabo 720 Manuel Rufino, 727 Manuel Barra, 791 Eduardo Augusto, 724 Manuel Chicharino, 731 Justo Mauricio, 767 Joaquim Lopes, 784 Francisco Bernardino Guerra e 2.º sarg. 824 Antonio Simões.

Infantaria 17: sold. 34 Joaquim Felismino, 731 da 2.ª Manuel de Brito; da 1.ª—170 Manuel Antonio, 260 Francisco Pena Lucio, 420 Antonio Carneiro, 483 Francisco Santos, 604 Francisco Simas, 614 Antonio Ferreira, 1.º cabo 657 Manuel Antonio Pinto; da 12.ª—159 Francisco Valente Castro, 382 João Dias, 415 João Ferreira Patricio, 435 Marcellino Baptista Barradas e 410 Antonio Lucio Bartholomeu.

Infantaria 19: 1.º cabo 712 da 1.ª João Augusto Lobo.

Infantaria 29: soldados: da 1.ª—300 José Maria Pereira, 442 Antonio Marques de Oliveira Pinto, 1.º cabo Francisco Dias; da 2.ª sold. 243 Joaquim Maria Gonçalves, 328 Domingos Jesus Gonçalves; da 3.ª—206 Manuel Silva, 445 Abilio Alves Rodrigues, 1.º cabo 1918 Antonio Pereira; da 4.ª—540 Januario Correia Braga, 599 Joaquim da Silva, 240 Eduardo de Araujo, 254 Joaquim da Costa, 360 Manuel George, 379 Manuel José Alves, 435 Antonio Azevedo e 435 José Dias.

Infantaria 30: sold. 530 da 2.ª Antonio Innocencio Leopoldo.

Infantaria 31: soldados: da 1.ª—505 Affonso Antonio Rajão, 815 Benjamim Ferreira, 1.º cabo 842 José Pereira e 532 da 2.ª Manuel Oliveira Pinto.

Infantaria 32: soldados: da 1.ª—506 João Monteiro Lucas, 539 Alfredo Coelho Freire e 1.º cabo 546 da 2.ª Joaquim

Da guerra e dos exercitos

Nas linhas italianas

Actividade da artilharia—Na Albania é dispersa uma columna inimiga

ROMA, 7.—Commando supremo.—No conjuncto da frente tem havido actividade normal das duas artilharias.

A nossa tem batido com o seu fogo concentrado as columnas de tropas inimigas e os comboios da rectaguarda no planalto de Asiago.

Entre o Artico e o Brenta as nossas patrulhas teem hostilisado efficazmente as linhas avançadas do inimigo, infligindo-lhe perdas e fazendo alguns prisioneiros. Abatemos 6 aviões inimigos em combates aereos.

Na Albania a nossa cavallaria, andando em reconhecimento, descobriu uma columna inimiga, que atacou com brilhantismo, dispersando-a. O adversario deixou grande numero de mortos no campo e 72 prisioneiros e 5 metralhadoras em nosso poder.—(Havas).

A confusão russa

Contra os bolcheviks

KANDALATHKA, 7.—Depois do levantamento anti-bolchevich formou-se em Arkangel um novo governo do norte. Este novo governo comprehende a região da Murmania e reconhece direitos mais amplos aos representantes de Arkangel na participação no governo relativamente á politica estrangeira, finanças e justiça.—(Havas).

O bombardeio de Paris

PARIS, 7.—Continuou hoje o bombardeamento da região parisiense pela peça de longo alcance.—(Havas).

Os medicos perante a guerra

A situação dos medicos e cirurgiões portuguezes perante a guerra com a Allemanha é curiosa e merece a attenção dos governantes, se, na realidade, se quer fazer obra util na pacificação da familia portugueza. Para se attingir este resultado é indispensavel uma distribuição equitativa da justiça. Alimentar situações excepcionaes e de favor não é senão manter, em permanente exercicio, agentes perigosos de dissolvencia social.

Quando se fez a chamada dos medicos mobilisados, partiu para o «front» um certo numero d'elles, mas a maior parte ficou por cá, classificados n'um quadro de «serviço moderado». Resolvido o «roulement», o sr. presidente da Republica assignou um decreto, mandando submetter estes medicos a nova revisão de saude, afim de se apurar quaes seriam os que poderiam ser julgados aptos para substituirem os seus collegas, sacrificados no serviço arduo dos campos de batalha e dos hospitaes de sangue.

Fez-se a revisão?... Não. E não se fez porque o decreto não foi ainda publicado, nem se sabe onde pára. Talvez esquecido em alguma gaveta...

Se é assim que se pretende effectivar a participação de Portugal na guerra, é forçoso confessar que mais se attingirá resultado visivel. O decreto do «roulement», em que o sr. presidente da Republica punha as suas melhores esperanças, não se tornará jamais effectivo, naturalmente porque contra esta força activa conspira a força passiva da burocracia nacional...

Os novos ricos

Onde se mostra, como, por meio do contracto Thiago Salles, se fabrica, de pé para a mão, uma legião de argentarios

Concluimos o artigo anterior demonstrando que com dois artificios conseguiu o syndicato Malhou (organisado sob o alto patrocinio do sr. Thiago Salles, armado em chefe de gabinete do sr. Machado Santos, ministro das Subsistencias e Transportes...) dar apparencia de equidade ao monopolio dos transportes maritimos, postos á disposição do syndicato para o seu serviço particular. A compra de vinho pelo «Ravitaillement» francez e a remessa para Portugal de trinta milhões de francos foram o «pivot» principal do negocio. Pois não era verdade nada d'isto. O governo francez nada comprou e os trinta milhões de francos tambem não vieram. E foi com estes dois grosseiros artificios que o sr. Thiago conseguiu illudir a boa-fé do seu ministro! Bem empregada confiança...

Mas a imaginação dos monopolistas era inexgotavel. Vendo que o publico se não deixou enganar por tão grosseiras phantasias, logo o cerebro do sr. Thiago Salles se poz a trabalhar (acontecia-lhe isso, ás vezes...) e lançou cá para fóra outros «bluffs», sempre por meio das «notas officiosas», em que se mostrou tão prodiga a gerencia do defunto ministerio das Subsistencias e Transportes, organisado para tranquilisar o irrequieto revolucionario Machado Santos e em tão feliz hora extincto, embora o momento fosse realmente tardio para se evitar a desgraça de tantas victimas...

Fracassadas, pois, as duas phantasias que acima citamos, uma «nota officiosa» ou coisa parecida pretendeu levar ao publico a convicção de que o syndicato Malhou conseguira collocar em França as taes 80.000 pipas de vinho. Isto não era difficil. Pois isto mesmo tambem não era exacto, como se demonstra com o testemunho do proprio contracto Malhou de 18 de março. Não pode haver melhor prova...

Por esse contracto a concessão Thiago Salles era transferida ao sr. Malhou, testa de ferro d'um syndicato. E a transferencia fazia-se sem condição alguma que acautelasse os interesses da Federação Malhou, constituida sob a egide vigorosa, poderosissima, do sr. Thiago Salles, chefe de gabinete do sr. Machado Santos, pondo e dispondo a seu talante dos sellos do Estado. Se, pois, a concessão era transferida ao sr. Malhou **sem condições de garantia quanto ao vinho que se dizia vendido em França,** era porque essa venda **era ficticia.** Era a especulação, pura e simples, agora posta a claro, d'uma forma que desafia toda a contestação!

E este negocioisinho, tão artisticamente arranjado pelo sr. Thiago Salles, vinha ferir injustamente o desleixamento o commercio exportador de vinhos portuguezes para França, porque, monopolisados os transportes maritimos para o syndicato Malhou, os exportadores vêr-se-hiam na impossibilidade de satisfazer os seus contractos em França, «por falta de navios que lhe transportassem a mercadoria». D'ahi, os prejuizos fataes: perda total da mercadoria, das despezas já feitas e, ainda, a perspectiva de grossas indemnisações a pagar aos compradores francezes. Mas o syndicato Malhou sentia-se feliz, porque ia encher-se com o ouro francez, que conseguiria canalisar para as suas *burras*, já preparadas e promptas para receberem o fructo do bem armado negocio arranjado pelo sr. Thiago Salles, á sombra do sr. Machado Santos, como chefe de gabinete, *para o effeito*, do Ministerio das Subsistencias e Transportes.

Mas como se explicam, então, todas estas manobras de syndicato? Muito simplesmente. Tratava-se apenas d'uma especulação, arranjada de pé para a mão, afim de se realisarem lucros colossaes sem dispêndio de um vintem. Assim é que se enriquece. E por estes e outros semelhantes processos que apparecem feitos, de vinte e quatro horas, os *novos-ricos*. São estes que aproveitam com a guerra, emquanto que o commercio honrado ganha pouco, (quando ganha...) em relação aos riscos enormes que corre.

Pois a especulação consistia no seguinte, exposto com a crueza inseparavel da verdade. A verdade é, effectivamente, simples, sempre. Para se ficar comprehendendo a malversação basta lêr isto:

O vinho havia em Bordeus subido *por falta de transportes*, de 100 francos a 140. O grupo de que o sr. Salles fazia pacto não havia aqui comprado uma pipa de vinho. Obtendo a concessão de transportes, collocava lá fóra o vinho que a concessão lhe facultava **ao preço mais alto do mercado, sem empatar uma centavos** em capital, e, com todas as garantias.

Entretanto aquelles que tinham feito venda do vinho a 90 e a 100 francos e feito aqui as suas compras, **não o podiam transportar.**

A manobra era geitosa, não ha duvida. No artigo seguinte veremos quem com ella mais ganhava e mais perdia...

O caso de um açambarcador... que o não é

Correrias, prisões, uma rua em alvoroço... e uma tempestade n'um copo d'agua

O caso deu-se hontem de tarde e parece até impossivel ter passado despercebido á reportagem dos collegas matutinos. Evidentemente que dos seus resultados mal algum veiu ao mundo; podendo até classificar-se de «tempestade n'um copo d'agua», pela importancia que na verdade tem. Mas as peripecias, a forma como a «fita» se desenrolou, é que vale a pena narrar-se.

A rua Eugenio dos Santos (antiga Santo Antão) ostentava hontem de tarde a sua tranquillidade habitual, com o costumado movimento de vehiculos e peões, quando um ajuntamento se formou, como que de repente, quasi em frente do edificio da Sociedade de Geographia. No centro da mole, que mais a mais engrossava, uma voz esganiçada berrava:

—Não o larguem, não o larguem! E' um açambarcador!

—Bandido (gritava alguem mais longe. Por causa d'esse e d'outros figurões é que nós andamos assim...

—Não ha dinheiro que chegue, commentava outro.

E a massa de gente, no centro da qual se debatiam varias figuras,—o açambarcador e os que pretendiam detel-o,—ondulava ao sabor dos seus movimentos e na correria dos que deixavam um ponto para affluir a outro onde melhor pudessem gosar o espectaculo, por entre uma berraria que nunca mais acabava.

Até que appareceu a policia. Com alguma calma procurou primeiro afastar as pessoas das ultimas filas, para informar-se, mas estas, as que estavam adeante, as outras filas que se lhe seguiam, oppunham uma barreira que não parecia facil de ultrapassar.

Os civicos zangaram-se, perderam a cabeça e desembainharam os sabres; e como por encanto a mole desfez-se. Cada um fugia para onde podia; as mulheres gritavam, alguns homens protestavam, mas sem deixar de esgueirar-se...

E quando poude haver alguma serenidade viu-se o açambarcador, com o fato rasgado, algumas escoriações na cara, sempre agarrado pelos individuos que de principio o haviam preso, a protestar que aquillo era um equivoco, que nunca negociára em coisa alguma...

Levado para a esquadra proxima, apurou-se do que se tratava. O homem era casado, reunindo em sua casa entre filharada, parentela e recolhidos por esmola, nada menos de 25 pessoas que hontem tinha querido levar ao Polytheama a ver a revista que ali está em scena.

Ouvira falar do quadro novo, dos novos numeros e de apetite aguçado, dirigiu-se á bilheteira a comprar tantos logares quantos os seus pensionados. Um contractador seu conhecido, chamára-lhe por brincadeira «açambarcador». Tres individuos que passavam sem inquirirem do que se tratava e julgando que o epitheto era merecido, insultaram-no. Começou a discussão em que ninguem conseguia explicar-se. Emfim agglomerou-se gente. Os tres individuos deitaram-lhe a mão ao fato e não o largaram mais. Os outros, da mesma forma inconscientes invectivavam-no. E se a policia não apparece ainda ali estariam a caturrar.

E' claro que o pobre homem foi immediatamente solto, com as desculpas dos captores... impulsivos.

Ultima hora

A guerra em Africa

Pensa-se, acaso, em affastar de Portugal o bravo general Gomes da Costa?...

N'um discurso recente, pronunciado na Camara dos Deputados, referiu-se o sr. secretario de Estado das colonias ás operações militares na Africa Oriental Portugueza, declarando que os allemães estavam encurralados n'um districto do interior e que não podiam manter-se, por muito tempo, na posição perigosa em que se encontravam. A guerra colonial estava, pois, proxima do fim. Para dar o golpe de morte ás pretenções dos nossos inimigos, um general de prestigio seria talvez enviado á Africa. Não sabemos se o governo ainda pensa, realmente, em destacar para o serviço d'Africa um general portuguez. Apezar de não termos um conhecimento perfeito do assumpto, ousamos dizer que tal nos parece demasiado luxo, agora que a guerra colonial está prestes a terminar.

A verdade é esta: com as forças que estão em Africa, operando de combinação com o exercito angloboer, a guerra colonial não pode durar muitos mezes. Taes forças são mais que sufficientes para forçar os allemães á capitulação. Os nossos effectivos, que já eram importantes, foram agora accrescidos com o contingente de marinheiros. O que valem os marinheiros toda a gente o sabe. Que mais é preciso?...

Em todo o caso, se em Africa ha necessidade de alguma coisa, com certeza que não é de um general. Os officiaes portuguezes, para lá destacados, são competentissimos, e a sua bravura e dedicação á causa nacional não podem ser postas em duvida. Sob este ponto de vista nada mais é preciso, com certeza.

Não vemos, pois, necessidade de enviar para Africa o sr. general Gomes da Costa que, segundo corre, é o official a quem se referiu, no parlamento, o sr. secretario d'Estado das colonias. O sr. Gomes da Costa estava muito bem em França. Veiu de lá e por cá ficou — não se sabe porque, mas, naturalmente, contra a propria vontade. Envial-o agora para Africa seria crear a apparencia d'uma situação pouco compativel com os brios militares do bravo official.

Ao contrario do que é, talvez, o pensamento do governo, nós entendemos que o sr. Gomes da Costa deve ser conservado no continente, prompto a ser utilisado n'uma emergencia difficil, que póde surgir d'um instante para o outro. A guerra é fertil em surprezas. Contra ellas nos devemos acautelar.

Submarinos allemães

Recompensas ás suas guarnições

A «Revista Maritima Brazileira», ultimamente chegada a Lisboa, traz-nos uma noticia interessante sobre os premios concedidos pelo almirantado allemão, ás guarnições dos submarinos ou de outros navios que afundem navios de guerra ou mercantes inimigos ou neutros:

Um por cento do valor do navio afundado ao commandante; 4 0|0 para ser dividido pelos officiaes e 10 por cento para ser repartido pela equipagem.

Além d'isso, os commandantes dos submarinos que destruirem mais navios durante uma viagem teem direito a outros premios.

Prevenção

Manuel Hipolito Ferreira, casado com D. Maria Clementina Relvas Hipolito (Condessa de Podentes), proprietario, residente n'esta cidade na Avenida Almirantes Reis, 84, 1.º, previne o commercio e o publico em geral, e em especial os donos de automoveis e trens, casas de penhores, casas bancarias ou de credito e todos os que emprestam dinheiro por letras ou por outra qualquer forma ou caução, que nenhum valimento terão todos esses actos e transacções sem a sua interferencia como administrador que é dos bens do casal—isto para prevenir esbanjamentos, abusos e explorações de que a mesma sua esposa é victima.

Egual prevenção é publicada no «Diario do Governo».

Lisboa, 8 de agosto de 1918.

O advogado com procuração

Alexandre Sobral de Campos

Theatros

Cartaz de hoje

THEATRO NACIONAL—A's 21—«Amor de perdição».—SÃO LUIZ—A's 21,30—«Generos alimenticios».—TRINDADE—A's 21,30—«O gato maltez».—APOLO—A's 21,30—«A revolta»—EDEN—A's 21,30—«A trombeta da fama».—POLYTHEAMA—A's 21,30 «Salada russa»—AVENIDA.—A's 21,30—«O homem de gelo».—SALÃO FOZ—A's 21—Variedades e animatographo.

Animatographos e concertos—Central, Olympia, Chiado Terrasse, Condes e Salão da Trindade.

No theatro Apollo, com uma boa casa, realisou-se hontem a primeira representação do novo quadro «Agencia de informações secretas» com que foi ampliada a revista ali em scena «A Revolta».

O novo quadro tem graça e actualidade.

Auzenda, Dyson, Emma d'Oliveira, Antonio Gomes, Carlos Leal e Alvaro Pereira, nos seus novos papeis, ouviram fartos applausos, tendo de bisar alguns numeros.

Informações

Está definitivamente marcada para amanhã, em recita da moda, a sensacional «première» das «Marionettes», a explendida comedia de Pierre Wolff, que na Comedia Franceza deu 200 representações na mesma epoca. Todo o scenario e mobiliario das «Marionettes» é completamente novo e do mais deslumbrante effeito, desempenhando Palmyra Bastos, Brazão, Carlos Santos e Maria Pia os principaes papeis.

*

Os srs. Eugenio Affonso Perrache e José Dias Ferreira concluiram uma peça militar intitulada «Raça Portugueza», baseada nos feitos dos nossos soldados que se estão batendo na Flandres.

Réclames

Depois que com a intromissão do novo quadro «Comes e bebes» e mais seis numeros admiraveis, como por exemplo o do conductor, guarda-freio e revisor dos electricos, que todas as noites obtem um exito assombroso, a revista «Salada russa» se modificou, é hoje a 1.ª recita da moda que no Polytheama se realisa. O facto deve concorrer para uma grande enchente, pois que a nossa melhor sociedade, frequentadora assidua do theatro, não quererá deixar de honral-a com a sua presença.

—No Salão Foz, no proximo domingo, ás 15 horas, realisa-se uma «matinée» em beneficio do sr. Santos Nunes, que Lisboa inteira conhece, porque, como reclamista excentrico, nunca foi excedido. Santos Nunes merece ser auxiliado. Além de trabalhador infatigavel, é muito honesto, e, se não fosse a doença que ha seis mezes o atacou, certamente não recorreria a este meio.

—Pensou a empreza do São Luiz e pensa ainda em pôr em scena «Os Mineiros». Todavia a vibrante peça de Dicenta não será tão cedo representada, visto que a desopilante comedia «Generos alimenticios» de noite para noite está alcançando maior successo, não devendo, portanto, sahir tão depressa do cartaz.

Arantes Pedroso

O seu fallecimento

Falleceu esta manhã em Cascaes, este illustre official de marinha, muito considerado entre os seus camaradas e que occupou logar proeminente no partido democratico, fazendo parte do Senado nas côrtes constituintes e, depois, exercendo n'aquelle corpo legislativo as funcções de sub-«leader».

Quando se deram os acontecimentos de 5 de dezembro de 1917, o sr. Arantes Pedroso era ministro da marinha.

O capitão de mar e guerra sr. José Antonio Arantes Pedroso era filho do notavel operador e professor da Escola Medica de Lisboa, que tinha o mesmo nome. Nascera a 15 de maio de 1866, tendo, portanto, 52 annos feitos e alistára-se na armada a 16 de outubro de 1883.

Era condecorado com a Ordem do Merito Naval de Hespanha, de 1.ª classe, a medalha militar de prata de classe de comportamento exemplar e a medalha do cobre de philantropia e caridade.

Actualmente era secretario da commissão central de pescarias e delegado do governo junto da Companhia de Moçambique.

O seu funeral deve effectuar-se amanhã, vindo o feretro n'um dos primeiros comboios e sendo sepultado n'um dos cemiterios da capital.

A' familia enlutada enviamos a expressão das nossas condolencias.

Desastre

Na enfermaria de Santo Antonio, do hospital de S. José, deu entrada o carpinteiro Antonio Joaquim de Sousa que na officina mechanica na Avenida Defensores de Chaves ficou com a mão esquerda esphacelada, a qual lhe foi amputada no banco pelos srs. drs. Amor de Mello, Duarte Silva e Fernando de Lacerda.

José Antonio Arantes Pedroso

Falleceu

Amelia Felner Arantes Pedroso, Maria Adelaide Felner Arantes Pedroso, José Antonio Arantes Pedroso Junior, Fernando Felner Arantes Pedroso, Maria Amalia Felner Arantes Pedroso, Carlos Felner Arantes Pedroso, Julio Felner Arantes Pedroso, Alfredo d'Albuquerque e Castro Felner e sua mulher, Pedro Carlos d'Albuquerque Felner e sua mulher e Adelia Felner d'Almeida Rino e seu marido, participam o fallecimento, no dia sete do corrente, do seu querido marido, pae e cunhado, José Antonio Arantes Pedroso e que o seu funeral terá logar amanhã, 9, sahindo da estação do Caes do Sodré para o cemiterio dos Prazeres.

A GUERRA

O papel da marinha britannica

A Allemanha nunca poderá sahir victoriosa, emquanto os alliados tiverem a supremacia do mar

LONDRES, 7.—Passando em revista a situação da guerra, n'um discurso que pronunciou na camara dos communs, o sr. Lloyd George disse que ha 4 annos que o imperio britannico resolveu lançar todo o peso da sua força na maior guerra que o mundo jámais viu, não porque o solo britannico estivesse invadido ou ameaçado, mas porque se tratava de um ataque ao direito das gentes. Quando rebentou a guerra, tinhamos uma esquadra tão poderosa como o conjuncto das tres esquadras se seguiam ás nossas. Tinhamos um accordo com a França, em virtude do qual, em caso de um ataque injustificado, no Reino Unido, viria em seu auxilio. Não havia qualquer «entente» relativamente á importancia das forças que deviamos fornecer e nunca em qualquer discussão se encarou a hypothese de que deviamos empregar forças que excedesse em 6 divisões. Fazendo sobresahir a importancia do trabalho realisado pela marinha, disse o sr. Lloyd George que se os alliados tivessem sido derrotados no mar, a guerra estaria acabada agora e emquanto não forem batidos no mar, a Allemanha nunca poderá sahir victoriosa.

Esta lucta decisiva é mesmo por causa da esquadra britannica. No principio da guerra a esquadra britannica, a maior do mundo inteiro, tinha uma tonelagem de 2 milhões e meio. Hoje, comprehendendo a esquadra auxiliar, tem uma tonelagem de 8 milhões. Sem este augmento, os mares teriam podido fechar-se ao commercio do mundo. Durante 4 annos todas as estradas maritimas e commerciaes teem sido constantemente patrulhadas pela esquadra britannica, que erigiu uma barreira impenetravel á Allemanha. Alem d'isso a esquadra britannica executou operações de comboio, collocação e dragagem de minas e caccia, perseguido os submarinos, tendo destruido pelo menos 150, mais de metade dos quaes foram destruidos durante os ultimos doze mezes. A marinha mercante que é agora um ramo da esquadra ingleza, atravez de todos mos perigos com egual intrepidez e tranportou tanto para os alliados como para nós mesmos a maior parte das tropas americanas que se portaram com tanta valentia nos recentes combates. O numero de homens requeridos para equiparem e manterem a esquadra e a marinha mercante britannicas é pelo menos de um milhão e meio, dos quaes provavelmente 800 a 900 mil estão em edade militar. Fizemos todos os esforços possiveis para recuperar esses homens para o exercito, mas achámos que era impossivel fazel-o sem comprometter a esquadra britannica, o que teria sido comprometter a causa dos alliados. Durante os dois ultimos annos por duas vezes bem distintamente, os allemães tentaram obter um resultado decisivo, uma vez no mar e outra vez em terra. Tentaram a offensiva em terra porque a offensiva no mar falhou e se tivesse tido exito seria o fim da guerra.—(Havas).

Se os submarinos tivessem obtido exito, os nossos exercitos em França ter-se-hiam dizimado inutilmente, os americanos não teriam podido atravessar os mares, não teria sido possivel transportar munições e não poderiamos exportar carvão e os materiaes necessarios para a França e a Italia fabricarem munições.

A se a França, a Italia e a Gran-Bretanha estivessem ameaçadas pela fome, a guerra teria terminado antes mesmo que essa ameaça se traduzisse em facto. E' evidente que não pretendo apoucar, seja no que fôr, a importancia do soccorro prestado pelas esquadras americana, franceza, italiana e japoneza; mas não é menos certo que a esquadra britannica é incontestavelmente mais importante, e a as suas operações estendem-se em muito maior escala.

So desde o principio da guerra os alliados não tivessem sido vencedores no mar, nenhum esforço em terra os teria podido salvar. O triumpho, que é devido principalmente á esquadra britannica, teria sido impossivel obtel-o agora sem fazer um esforço gigantesco em homens e material, e toda a dispersão de recursos, cujo conjuncto constituisse esse esforço, ainda que em minima proporção, seria desastrosa para os alliados.

Falando do exercito e do augmento dos seus effectivos, Loyd George diz que, apesar de todos os apellos feitos para manter os recursos necessarios á nossa marinha de guerra e mercante, e ao aprovisionamento do carvão, temos desde agosto de 1914 alistado para o nosso exercito a marinha de guerra, unicamente na Gran Bretanha, e quasi exclusivamente por meio do recrutamento voluntario 6.250.000 homens, facto sem exemplo na historia de nenhum paiz do mundo. Se os Estados Unidos possuissem em armas um numero de homens em egual relação com a sua população, isto significaria, pouco mais ou menos, 15.000.000 de homens. Os dominios britannicos contribuiram com 1.000.000 de homens, e os seus representantes, muito especialmente os seus primeiros ministros, teem-nos sido preciosos auxiliares nas reuniões do conselho e nas decisões das quaes participaram. Desde o principio da guerra a India forneceu 1.250.000 homens. Relativamente á actual situação militar, Lloyd George diz que, em 21 de março, a paz de Brest-Litovsk tinha tirado ao inimigo as suas apprehensões sobre a linha de batalha do leste, graças ao que pôde trazer d'esta linha as suas melhores divisões, ao passo que as nossas tropas estavam fatigadas por uma prolongada offensiva.

Em 21 de março não tinhamos em linha senão uma divisão americana, as condições meteorologicas não podiam ser mais favoraveis ao inimigo e a unidade de commando do lado dos alliados não tinha sido ainda realisada. Mas o inimigo tinha para chegar a obter uma decisão militar este anno, antes da intervenção do exercito americano, de principiar por separar os exercitos britannicos e os exercitos francezes; depois esmagar os britannicos, e uma vez assim perfeitamente á vontade, bater com todo o seu vagar o exercito francez.

A principio, o exercito allemão conseguiu exitos consideraveis. As nossas perdas em soldados, material de guerra e prisioneiros foram muito importantes, mas no espaço de 15 dias mandámos para o outro lado da Mancha 263.000 homens e n'um mez 355.000. Todos os canhões perdidos foram substituidos e até augmentado o numero das nossas metralhadoras. No fim de seis semanas os allemães foram repellidos pelo exercito britannico e forçados a parar. Depois de 1 de junho, os allemães obrigados a retirar, atacaram os francezes.

Conseguiram um exito preliminar n'uma escala consideravel, mas não só foram sustidos pelo general Foch (a quem a Camara tem de endereçar uma mensagem de felicitações pela sua elevação á dignidade de marechal de França, que conquistou com a sua habilidade e genio militares) mas ainda este por uma das suas mais brilhantes respostas estrategicas, conseguiu repelli-os.

O perigo não está de todo conjurado, mas, a falar a verdade, o membro do Grande Estado-Maior allemão que ao presente confessa ainda na efficacia do plano de Ludendorff de alcançar a victoria militar no anno corrente, daria provas de extraordinario optimismo. Analisando os elementos de exito dos alliados, Lloyd George, insistiu sobre a rapidez com que reparámos as nossas perdas, e aquella com que as tropas americanas foram transportadas para a Europa. Outro fator do exito foi a unidade de commando. Desde o dia em que Foch recebeu nas suas mãos o alto commando estrategico a fortuna dos exercitos alliados era restaurada. Nunca mais se produzirão para o inimigo golpes favoraveis como o de 21 de março.

Os Estados Unidos teem em França um grande, poderoso e victorioso exercito que em coisa alguma é inferior ás melhores tropas, e este exercito continuará a augmentar sem interrupção até quasi egualar o effectivo do proprio exercito allemão.

Os imperios centraes estão, sob o ponto de vista economico, n'uma situação desesperada. Não temos o menor desejo de nos intrometter nos negocios do povo russo, mas não hesitaremos em dar a este povo todo o auxilio que nos seja possivel, para lhe permittir a sua emancipação. O unico desejo dos tcheco-slavos é atravessar a Russia e vir a oeste combater pelos alliados, e o nosso unico desejo é ajudal-os a porem-se a caminho.

Abordando a questão da paz, Lloyd George diz crêr na sociedade das nações, mas o successo d'esta sociedade depende das condições em que ella fôr estabelecida. Deve ter o poder de impôr a execução das decisões justas, e desde que possamos provar ao inimigo [illegible] a paz chegará. Antes, não!—(Havas).

Uma aclaração de Lloyd George

LONDRES, 7.—No decorrer da sessão da camara dos communs, o sr. Lloyd George, pedindo a palavra para explicações, disse que, tendo empregado no seu discurso sobre o esforço militar e naval a expressão «Unico accordo que jámais fizemos com a França», considera muito forte essa expressão e para qualificar o que se passou, acha mais exacto dizer que se tratava de «compromisso de honra».—(Havas).

A contra-offensiva alliada

As tropas franco-britannicas travam combate a sudoeste de Amiens

PARIS, 8.—Hoje, ás 5 horas da manhã, as tropas francezas em conjugação com as britannicas, iniciaram na região a sudoeste de Amiens um ataque que se está desenvolvendo em condições favoraveis.—(Havas).

Os alliados na Russia

Os alliados desembarcam em Vladivostock

LONDRES, 7.—As tropas inglezas desembarcaram no dia 3 em Vladivostock, sendo-lhes feita amistosa recepção pelos habitantes.—(Havas).

*

Nas linhas britannicas

A linha ingleza avança n'uma extensão de 1.000 jardas em cerca de 5 milhas de frente

LONDRES, 8.—Communicado britannico de hontem á noite:—De manhã e de tarde, o inimigo lançou novos ataques ás posições estabelecidas nos dois lados de Bry e Corbie, sendo repellidos depois de varios combates. Foram tambem repellidos alguns «raids» ao sul de Hamel e a sudoeste de La Bassée. As nossas patrulhas continuaram progredindo no sector a leste de Robecq, estando agora a nossa linha entre as ribeiras de Lawe e Clarence, avançada n'uma extensão de cerca de 1.000 jardas em cerca de 5 milhas de frente. Mais ao norte as nossas patrulhas penetraram nas trincheiras inimigas a leste do bosque de Nieppe, fazendo mais de 30 prisioneiros e tomando algumas metralhadoras. Em outros pontos da linha de batalha fizemos tambem prisioneiros.

Aviação.—Durante o dia 6 abatemos 4 apparelhos allemães e incendiámos um na noite seguinte. Durante as ultimas 24 horas lançámos 24 toneladas de bombas sobre linhas ferreas, aerodromos e acantonamentos, verificando-se que algumas d'estas attingiram directamente o alvo. Todos os nossos apparelhos regressaram aos pontos de partida.—(Havas).

*

De todo o mundo

A ex-czarina em Hespanha

BASILEIA, 7.—Diz o «Hamburger Fremdenblatt» que proseguem as negociações para que a tzarina e suas filhas vão para Hespanha, tratando-se agora de estabelecer determinadas garantias exigidas pelos «bolchevicks».—(Havas).

O movimento contra os bolcheviks

PARIS, 8.—Augmenta o movimento contra os bolchevicks. Na reunião dos soviets tratou-se de medidas contra a propaganda, que é feita com grande violencia por meio de publicações clandestinas.

Em alguns districtos da Russia os camponezes organisaram-se contra a Guarda Vermelha, para defenderem as suas colheitas, requisitadas pelo governo.

Trotsky chegou a Petrogrado, em comboio especial.—(Correspondente).

Ministro assassinado

PARIS, 8.—Informações da capital da Ukrania dizem que o sr. Buteux, ministro das communicações e transportes, foi assassinado a tiros de revolver por um desconhecido.—(Correspondente).

A tomada de Soissons

PARIS, 8.—Em Berlim é ainda desconhecida a tomada de Soissons, pelos alliados.

Os jornaes allemães dizem que terminou o recuo estrategico.—(Correspondente).

Os dessidentes do "Centrismo"

O professor sr. Leonardo Coimbra deliberou acompanhar os seus amigos que formam o grupo republicano independente, formado pelos dissidentes do partido centrista.

O sr. ministro do interior e a minoria monarchica

Diz o «Diario Nacional»:

«Referindo-se á resposta dada na sessão de segunda-feira, pelo sr. ministro do interior, á interpellação que lhe fôra dirigida por um deputado da maioria (!) sobre o que se convencionou chamar «o caso Solano d'Almeida», diz «A Capital» que o sr. Tamagnini Barbosa resistiu, apoiado pela minoria monarchica.

As informações do illustre collega são completamente inexactas, porque o sr. ministro do interior nem resistiu, nem foi apoiado pela minoria monarchica, na parte em que esse apoio poderia ter qualquer significação ou alcance politico».

Assistimos á sessão. Vimos o que se passou. O nosso depoimento foi perfeitamente exacto.

O sr. ministro do interior resistiu ás manifestações da maioria; durante uma grande parte do seu discurso a minoria monarchica appoiou-o; o sr. ministro do interior, julgando-se forte com esse appoio, sustentou a sua posição. De certo momento em deante, o sr. Tamagnini Barbosa já não falava para a presidencia nem para a Camara. A sua eloquencia era disparada para a esquerda parlamentar, quasi exclusivamente.

Isto foi o que nós vimos. E, como nós, todos os jornalistas que estavam na Camara.

O que parece ter impressionado o «Diario Nacional» é poder suppôr-se, pelo que escrevemos, que a minoria monarchica pretendeu dar appoio politico ao illustre titular da pasta do interior. Não dissemos tal coisa. Escrevemos precisamente o contrario. Não foi a minoria monarchica que deu appoio politico ao sr. ministro do interior; este é que suppoz—e n'isso consistiu o seu erro—poder firmar-se nos «appoiados» repetidos da minoria para resistir á imposição republicana, que reclamava a demissão do sr. Solano d'Almeida. Demissão que, afinal, o sr. ministro do interior teve de assignar, embora a «contre-cœur»...

O proprio «Diario Nacional» confessa que os applausos se fizeram realmente ouvir. Diz assim:

«Por outro lado os applausos da minoria monarchica ao sr. ministro do interior fizeram-se ouvir apenas n'aquellas passagens da sua exposição em que o sr. Tamagnini Barbosa se reportou a materia do facto...»

Se os applausos existiram [illegible]

PONTOS:—TODOS BONS.

ministro do interior adoptou a attitude que lhe attribuimos, onde é que as nossas informações falseiam a verdade dos factos?...

MUTILADOS DA GUERRA

A colaboração dos theatros

No São Luiz e no Trindade—Uma iniciativa digna de todo o louvor

As emprezas theatraes resolveram, como já noticiámos, collaborar na obra emprehendida pela *Capital* em favor dos heroicos soldados que se bateram pela Patria, erguendo bem alto o nome portuguez.

Uma das primeiras a adherir foi a actual empreza do theatro São Luiz, que destinou o dia de sabbado para a recita em homenagem aos bravos mutilados. Representar-se-ha a peça actualmente em scena *Generos alimenticios*, que tão grande exito tem alcançado e em que Angela Pinto, Ferreira da Silva e Theodoro Santos teem esplendidos papeis, que desempenham com a habitual mestria.

Do que será essa recita e do brilhantismo que deve revestir, desnecessario será falar. O theatro São Luiz encher-se-ha depois d'amanhã, pois todos quererão prestar o seu culto aos heroicos mutilados da guerra, alguns dos quaes assistem ao espectaculo.

Os bilhetes para a recita encontram-se desde já á venda na bilheteira do theatro.

A empreza do Trindade marcou o dia 16 para a recita que egualmente vae realisar em honra dos mutilados. E' a revista *Gato maltez*, em pleno successo, a peça escolhida e a actriz Rachel Barros lerá uma poesia allusiva, escripta expressamente pelo nosso collega de imprensa sr. Edmundo d'Oliveira.

Para assistirem ao espectaculo, foram convidados o chefe do Estado e os membros do governo, tendo a empreza reservado logares para 58 mutilados e 18 marinheiros.

Cahido na rua

Pelo guarda civico n.º 520 foi conduzido ao banco do hospital de S. José um individuo que aparenta ter 45 annos, typo de trabalhador encontrado cahido e com ferimentos na cabeça. Depois de pensado recolheu á enfermaria de S. Francisco.

Noticias do Brazil

RIO DE JANEIRO, 7.—Tem havido grandes temporaes nas costas do Estado do Rio de Janeiro. Hontem naufragou junto dos Abrolhos o lugre norte-americano «Yost», que seguia para New-York com um carregamento de 9.000 saccos de assucar.—(Americana).

Poeira da Arcada

Vapor «Patrão Joaquim Lopes»

Parece que o vapor de salvação «Patrão Joaquim Lopes», unico n'este genero, ao serviço da armada, já não passa como fôra determinado para os serviços de transportes do Estado.

Dr. Vasconcellos e Sá

Consta que o secretario de Estado das colonias parte para Vidago no proximo dia 15.

Centro Colonial

A reunião d'hoje

A convite da direcção d'este centro, estiveram presentes á sessão extraordinaria d'hoje o governador geral de Angola, capitão de fragata sr. Filomeno da Camara, o senador eleito pela mesma provincia, sr. Francisco Marques Ribeiro, e os governadores dos districtos do Congo e Moxico.

Depois do presidente da direcção, sr. dr. Manuel Correiro do Rego, ter saudado o sr. governador geral de Angola, salientando os relevantes serviços prestados pelo mesmo senhor ao paiz, houve troca de impressões entre o governador, senador e alguns agricultores e industriaes d'aquella provincia, sobre os mais interessantes problemas da respectiva administração e fomento.

Sobrelevaram entre elles, os que respeitam á occupação e pacificação dos respectivos territorios, ás vias de communicação, ao aproveitamento do trabalho indigena e ainda os dos deputados, concessões de terrenos, melhoramentos indispensaveis nos respectivos portos, protecção ás industrias provinciaes.

O sr. presidente da direcção fez os mais ardentes votos para que do provimento dos varios governos ultramarinos, tanto provinciaes como destrictaes, fosse arredado o falso criterio—até agora seguido—de attribuir, ao exercicio das funcções governativas do Ultramar, o caracter de cargos de confiança politica.

O merito pessoal dos governadores deve ser a unica razão da sua escolha, sendo estes mantidos nos seus cargos emquanto derem inequivocas provas de competencia.

Foram abordados ainda os importantes e graves problemas do fornecimento por Angola, de braços e subsistencias para S. Thomé e Principe, absolutamente imprescindiveis á vida e economia d'esta ultima provincia.

O sr. governador geral, que tomou na mais alta consideração todos os alvitres suggeridos, declarou estar inteiramente disposto a dar-lhes toda a sua attenção, pois elles representam, no fundo, pretenções justificaveis como legitimas.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2392 — 9.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães

Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sexta-feira, 9 de Agosto de 1918

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL

Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço 2 centavos

Sem odio

Outro dia, no parlamento, um membro da minoria monarchica referindo-se aos mutilados da guerra, entendeu dever affirmar, salientando o valor dos nossos soldados que na Africa e na Europa se batem pela causa commum dos alliados, que a sua acção era tanto mais digna de relevo quanto nenhum odio os movia contra os allemães.

Afigura-se-nos que teria sido bem dispensavel esta observação do deputado monarchico a quem alludimos, e facil será demonstral-o a quem não esteja simplesmente animado do desejo de fixar a opinião de que a Allemanha não é nossa inimiga, de que os allemães não nos querem mal nenhum, de que não temos recebido d'elles nenhum aggravo nem em nada ameaçam os nossos mais vitaes interesses, esquecendo-se por tal forma os ambiciosos planos germanicos sobre as nossas colonias e primeiro sangue derramado n'esta lucta, que foi o de portuguezes atacados, logo no inicio da conflagração, n'um dos nossos postos africanos.

Não acreditamos que tenha sido este o proposito do deputado em questão, porque semelhantes tendencias são de germanophilismo puro, e não o direito de as attribuir sem base a ninguem. Mas mesmo n'um ponto de vista geral, a observação de que ha soldados que se batem sem odio contra o inimigo não encontra facilmente justificação.

Na guerra actual, ha bastantes povos que se batem contra os soldados dos imperios centraes sem que para isso tenham um motivo de odio exclusivo. Comprehende-se que os francezes se batam contra os allemães, movidos até certo ponto por esse odio, que de resto é sagrado. Comprehende-se que o mesmo odio anime os luctadores que ainda restam do intrepido exercito belga. Comprehende-se que um odio da mesma natureza enthusiasme para a lucta contra os austriacos os soldados italianos.

Mas que diremos de povos que teem entrado na lucta mercê das suas allianças, ou do reconhecimento da necessidade de pôr termo a uma chacina espantosa, garantindo o triumpho absoluto da democracia? Porventura, para cumprir o seu dever de alliado, o Japão necessita ter odio aos allemães? Porventura tinham ou teem odio aos allemães os Estados Unidos, em cujo territorio mais de dez milhões de allemães existem, alli tranquillamente prosperando? Evitou isso que os Estados Unidos interviessem, e interviessem d'uma maneira decisiva, assegurando a derrota da Allemanha e das suas ideias autocraticas, e do seu espirito de conquista, e do seu despotismo avassalador?

A guerra faz-se em nome de grandes deveres internacionaes, de importantissimos interesses das nações, de principios essenciaes do progresso que tem de ser invenciveis. Para isso não é necessario o odio aos homens, não é necessaria a animosidade tradicional, uma especie de «vendetta» tragica declarada entre as nações. As luctas de hoje travam-se pelos grandes interesses da humanidade, n'uma esphera superior á dos intuitos que desencadeiaram as passadas guerras.

Portugal é um dos paizes que entraram na guerra, não em virtude d'um odio tradicional aos allemães, mas sim para o cumprimento de deveres imprescriptiveis e para a salvaguarda de ideaes que não podem desapparecer da face da terra. Nem por isso o seu esforço será menor. Na realidade a guerra que se está fazendo não é uma guerra de odio: é, pelo contrario, uma guerra cujo fim é acabar com o odio entre os paizes e as raças, inspirando o amor da paz e o culto da liberdade.

Muita attenção

Maria Clementina Relvas, surprehendida, com uma declaração hontem publicada no jornal «A Capital» por seu marido o sr. Manuel Hipolito Ferreira, da qual parece deprehender-se que ella é uma perdularia — affirmação gratuita, como o provam os longos annos em que tem gerido a sua fortuna, cuja administração lhe foi dada pelos Dignissimos Juizes do Supremo Tribunal de Justiça — vem declarar, para conhecimento de todo o publico a quem semelhante noticia deve egualmente ter surprehendido, que ha dentro d'essa prevenção um fim occulto que mais dia menos dia os tribunaes vão aclarar. A resolução tomada por seu marido é o primeiro passo para a tentativa de realisação de um plano de ante mão preconcebido e o desforço por ella se não ter prestado a assignar-lhe o levantamento de um emprestimo de 60 contos e ainda á venda das suas propriedades, em suma, de toda a sua fortuna, para a converter em titulos ao portador.

Lisboa, 9 de agosto de 1918.

Maria Clementina Relvas.

(Segue-se o reconhecimento).

COISAS DE THEATRO

Altri tempi...

Outros costumes hoje — Divagações: Na Rua dos Condes nasceu o theatro portuguez moderno — Garrett e conde de Farrobo

A vida moderna soffreu e está soffrendo uma grande e continua transformação. Tudo se modifica: desde os habitos até aos sentimentos e, por isso, correlativamente o gosto. O que hontem interessava, era bom, deleitoso, representa hoje uma maçada, enfadonho ou trivial. Toma-se chá (quando ha assucar) ás cinco e janta-se tardissimo, apesar da falta de carvão e da lenha ser vendida como se pedra preciosa fosse. Mas tudo avança, até a hora, pois os espectaculos que começavam ás 21, que aliás, singelamente, são as 8 e meia da noite d'outras eras, começam agora tardissimo...

Andam mais depressa, tudo a vapor, mau grado a falta de gazolina, para mais rapidamente chegarem ao fim, que, afinal, bem observado, não passa... de fim!

O theatro é que não segue esse movimento. Anda a passo: estacionou. Soffre d'uma crise, que é manifesta, accusada por todos, que o accusam, egualmente, d'elle não se defender, com tão assiduidade, dos terriveis inimigos que por todos os meios o atacam, não só tirando-lhe frequencia, como até fazendo-lhe, parallelamente, equivalencias de diversão e chamariz publicos. Um d'esses seus temerosos concorrentes é o animatographo e o outro é a «moda», que irmanando-se com o «snobismo» e com o «Maria vae com as outras», dita o que lhe apraz, sem na sua volubilidade se importar com coisa differente dos seus caprichos...

Ora, ainda pouco tempo antes da guerra — esta veiu desorientar tudo! — d'um inquerito internacional, organisado sobre o caso, se veiu a apurar, conforme o depoimento dos entendidos e em especial de Doumic, que o theatro precisava modificar-se e que, sendo o publico do seculo XX muito menos illustrado que o do XIX, só as diversões que não carecessem das qualidades que a cultura verdadeira dá, poderiam obter o exito que a concorrencia especialmente garante.

N'isto, se ha um pouco de verdade, verificada ha tambem um pouco de mentira que se evidencia.

Mas, para a especie de que me estou occupando, é facto que o grande numero prefere e gosta de tudo quanto seja diversidade, d'um local onde esteja á vontade, circule, encontre pessoas que vão para ver e serem vistas, que possa accender o seu charuto, que não tenha que pensar e os olhos vejam o que teem que ver e até... o que se devia occultar! O genero variedades, hoje miscelanea de tudo, está na berra, como o espectaculo por sessões — concessão feita aos novos habitos. Que importa a diversão: o passatempo é que é tudo!

Uma noite d'estas, passei junto do antigo Rua dos Condes, hoje «Condes», como conseguiu entrar no ouvido geral, reverberava. E' com fitas que ha tempos consegue ter o que as gazetas chamam agora «sociedade elegante». Entrei e, no intervallo, olhei para o tecto. E' bom olhar para os céus, principalmente quando a terra não nos prende a vista... E a minha vista trouxe então ao meu espirito uma suave e delicada impressão: vi-a n'essas alturas o pequenino busto de Garrett, ladeado de Thalia e de Melpomene — duas das nove Musas, que, como sabem, uma era deusa da comedia e outra da tragedia — e seguido dos de Emilia das Neves, Tasso, Anastacio, (o pae Rosa), etc. E pensando no que essa gloriosa pleiade, em pintura, já terá visto de cima — felizmente, para ella só pelos olhos da tinta e, infelizmente, para nós só d'ella resta essa manifestação — eu vi o motivo para uma palestra e á minha memoria occorreram as lembranças, os conhecimentos — em virtude de estudos historicos que tenho feito — de outra gente d'outras epocas. Vivi, por minutos, no passado.

E' doce recordar, mesmo que essa recordação provenha unicamente do que a leitura deu aos nossos sentidos. No dizer do poeta florentino — «Nulla é più dolce e triste delle cose lontane». Se tu, que por acaso me lês, tambem assim entendes e aprecias o perfume que dão as coisas longinquas do presente, n'uma melancholia mais firme do que os gaudios de actualidades, aos gosos de phantasias espirituaes, aqui te deixarei rapidos debuxos sobre esse theatro, do qual analysando-se a esteira como que analysadas synthericamente ficam diversas manifestações da arte nacional.

Foi n'aquella scena que se creou, verdadeiramente a primeira companhia portugueza. Foi alli, na Rua dos Condes que se fundou o que, na historia da litteratura, se chama o moderno theatro portuguez. Foi elle que rivalisou com S. Carlos. Elle se arvorou em moda: Alli foi campo de grandes batalhas de palmas, pateadas e partidos. Alli se abrigou a bizarria do luxo, da prodigalidade e do talento. Já então era uma bebida, para que se encerrava, para dispersar, os requintes, como uma essencia n'uma simples garrafa deixa adivinhar as almas de centenas de flores...

Mas se o facto faz recordar esse passado, o decorador primitivo (segundo creio esse tecto apenas tem sido reparado) commetteu duas injustiças, pelo menos de esquecimento. Lá não se vê uma simples debuxo, uma allusão sequer nem a Emilio Doux, nem ao conde de Farrobo. Nem estumados! Nem Thalia (que a mythologia representa na figura de uma donzella, coroada de hera, com uma mascara na mão e calçada de borzeguins), nem Melpomene (donzella egualmente, com ar serio, vestida sumptuosamente, calçada com cothurnos, tendo sceptro e coroas n'uma das mãos e um punhal na outra) com tal se zangariam. Nem o proprio Almeida Garrett, pois sem o auxilio dos dois o seu «Auto de Gil Vicente», teria talvez permanecido... na [illegible]

Assim prestada ficava a justa homenagem. O primeiro, Doux, viera com uma companhia franceza de declamação, introduzindo entre nós a escola romantica. N'ella brilhava a primeira dama dramatica, «Madame Charton» — e tantos são os elogios que lhe teceram, que quem alguma vez viu os registos do tempo tal como jámais poderá esquecer a força de citações.

D'essa companhia fazia parte esse Emilio Doux, actor mediocre, mas d'um talento finissimo para director e ensaiador e que creou ali, em seguida, (e pertence-lhe essa gloria) a primeira companhia portugueza: «Dias», Epiphanio, o grande e malogrado Ventura e Emilia das Neves.

O conde Farrobo — nome que á lida geração de hoje ainda deve echoar como o d'um rico, que para certa mentalidade será tido como um doido gastador, mas cujas loucuras artisticas eram differentes das do dissipador hodierno que na banca franceza joga ou estoira pneumaticos, atordoando o ar com buzinas tocando a valsa da «Viuva Alegre» — assumiu as duas emprezas S. Carlos e Rua dos Condes, por um acto de liberalidade digno d'uma alma grandiosa como a sua. Deslumbrava o publico apresentando em S. Carlos as operas e danças com uma riqueza de espectaculo que nunca mais (confrontadas as descripções) Lisboa presenceou e mandando representar no mesmo S. Carlos pela companhia portugueza, «D. João de Marana», «O ultimo dia de Veneza» e outros. Ao mesmo tempo, instituia duas vezes a opera comica em Portugal: uma na Rua dos Condes, outra no seu proprio theatro no palacio das Laranjeiras, hoje parte da quinta occupada pelo Jardim Zoologico.

Tal era o homem de quem o pintor se esqueceu e tal era a epocha. Foram os primeiros annos da quadra liberal: uma transição da sociedade que passava para a sociedade que renascia... A Rua dos Condes ainda tem alicerces a attestarem essa edade.

Hoje o theatro é o que se está vendo...

...Mas, sem reparar, e ao vôo das divagações, em tempo canicular e com os theatros em revistas, por onde já se ia! Que maçada para tantos! E como as columnas não teem a elasticidade da phantasia, pôr-se-ha ponto, mas não sem dizer que n'aquelle tempo e áquellas peças e festas ia o que se chamava então «toda a gente conhecida». Agora, as chronicas cultivam o que apelidam a «sociedade elegante». A verdade é, porém, que essa elegancia de hoje está para o fomento dos prazeres espirituaes um pouco desconhecida! E' provinciana. Parece-se com os «arrivistas» que no momento pretendem abordar a critica theatral como se ella fosse um passatempo compravel a dinheiro ou pertencendo ao primario que lhe chama sua.

José Parreira

A GUERRA ACTUAL

A instrucção das tropas

Diversas escolas d'especialistas

O que nos diz um official que visitou os campos d'instrucção

Já decorreram quatro annos de guerra, o que representa um periodo bastante longo para se tirarem ensinamentos que devem ser aproveitados por todos os Estados que teem de cuidar da instrucção dos seus exercitos, de forma a apresental-os devidamente instruidos e poderem cooperar com exito na grande lucta. Por varias vezes se tem insistido na conveniencia de serem creados entre nós campos de instrucção, que secundas sem os esforços de Tancos, mas orientados por forma a pôr em pratica os novos methodos de guerra. A secretaria da guerra chegou a enviar á Flandres uma commissão de officiaes, sob a direcção competente do 2.º commandante da Escola de Guerra, a fim de estudar os processes de instrucção a pôr em pratica na nossa escola militar. Essa commissão já findou e já devia ter sido entregue um relatorio.

Não sabemos de que elle trata, mas qualquer que seja a sua orientação, achamos interessante apresentar aos nossos leitores um resumo do que se tem feito nos exercitos alliados, com o fim de preparar os combatentes para a lucta actual.

Pode-se dizer, segundo nos informa um nosso amigo ha pouco chegado de França, que se produziu uma completa transformação em todos os regulamentos tacticos e instrucções dos variados serviços de campanha.

Começamos pelas metralhadoras. Os progressos executados por este armamento são na verdade phantasticos. As metralhadoras pesadas, pela precisão do seu tiro permittem fazer barragens como a artilharia. As metralhadoras ligeiras acompanham a infantaria a toda a parte.

Devido a estes progressos extraordinarissimos — os francezes e inglezes criaram escolas de metralhadoras por toda a parte. Todo o pessoal educado em tal serviço precisa de possuir condições especiaes.

As escolas de morteiros tambem teem uma importancia consideravel. Os morteiros pesados, medios e de trincheiras exigem uma technica especial.

As escolas de gazes são interessantes, tanto nas manipulações como nos meios de destruir os seus effeitos. Sabe-se que o meio a pôr em pratica para a defeza exterior do organismo, de um ataque de gazes é o individuo despir-se depressa e metter-se n'um banho de carbonato de sodio. De passagem diremos, que no C. E. P., nos combates de março, de 9 de abril, houve praças e officiaes atacados de gazes, que chegaram aos hospitaes da base ainda vestidos, 2 e 5 dias depois d'esses ataques.

As escolas de granadas de mão e de espingardas teem um largo desenvolvimento.

As escolas de observadores e patrulhas exigem uma instrucção do pessoal de forma a habituar a ver, sem ser visto.

As escolas de tiro empregam o tiro reduzido. Na educação do atirador salientam-se os que se destinam aos «snipers» atiradores especiaes, que trabalham dois a dois. Um d'elles observa o local onde está o inimigo, marca no mappa a posição, emquanto o outro aponta e o deita infallivelmente por terra.

Nas escolas de esgrima do bayoneta ministra-se uma instrucção especial para o soldado saber atacar e defender-se dentro das trincheiras na lucta corpo a corpo.

A fortificação de campanha reveste um caracter especial.

As escolas de «tanks» constituem uma perfeita novidade. Esta machina de guerra vae destruir os ninhos de metralhadoras, sobretudo as metralhadoras pesadas que tanto mal fazem á infantaria quando esta tenta avançar.

Todos os officiaes frequentam um curso geral onde estudam os diversos assumptos em conjuncto e a seguir são enviados para as escolas das especialidades.

O numero d'estas escolas multiplica-se por toda a parte, tanto em França, como na Inglaterra.

Não falamos nas escolas de aviação, nos campos de tiro de artilharia, nas escolas de signaleiros, etc. Tudo isto constitue uma serie de especialidades, em que o combatente se instrue dia a dia, com uma intensidade febril.

A guerra de posição, que caracterisa a lucta actual, permittiu educar os quadros com uma facilidade que não seria talvez tolerada pela guerra de movimentos.

Mas a especialisação é indispensavel só ella garante preparar os homens para esta lucta sem egual e tão cheia de imprevistos.

Entre nós, quando nos convencermos de que o exercito está em guerra com um paiz estrangeiro, é possivel que se organisem algumas escolas de instrucção com os quadros que teem regressado do C. E. P. Emquanto isso não succeder, não deixamos de achar interessante tornar conhecidos estes pormenores que lá fóra interessam tanto aos paizes em lucta.

Contracto Federação-Malhou

8 de agosto de 1918

EX.mo SR. — Rogo a V. Ex.a o favor de fazer publicar no primeiro numero do seu jornal o que se segue:

Vejo que vae reviver a campanha contra o meu contracto com a Federação dos Syndicatos Agricolas do Centro de Portugal, allegando-se novamente que os meus lucros excedem muitos milhões de escudos.

Já por mais de uma vez propuz á Federação a rescisão pura e simples do meu contracto e sem o menor lucro para mim.

Não desejo promover nova recusa, e, portanto, não renovarei aquella proposta á Federação, mas visto que os srs. Exportadores resolveram voltar á campanha, a elles me dirijo, para lhes propor a transferencia do meu contracto, que tantos engulhos tem provocado, mediante o modico lucro de (3 0|0) trez por cento, que é a commissão minima que costuma receber o mais modesto corretor de vinhos.

Hão de, porém, os srs. exportadores dar-me uma resposta definitiva dentro de 8 ou 10 dias, e se o não fizerem, o publico que os tem lido e continuar a ler, tirará dos seus arrazoados as conclusões que melhor entender.

De V. Ex.a,
Att.º Vnr., e Obg.º
José Malhou.

Vêr na 3.a pagina noticiario diverso e a secção «Ultima hora».

Mutilados da guerra

A recita de amanhã no theatro São Luiz

E' amanhã que a empreza do theatro de São Luiz — correspondendo ao appello de «A Capital» para se realisarem recitas patrioticas a favor dos mutilados da guerra — offerece a sua elegante sala aos promotores de tão sympathica iniciativa.

Representa-se pela penultima vez a engraçadissima comedia «Generos alimenticios», em que Angela Pinto, Ferreira da Silva e Theodoro dos Santos teem magnificos papeis.

A procura de bilhetes tem sido enorme, o que nos leva a crer, que a noite de amanhã será memoravel.

N'um dos intervallos, a illustre actriz Angela Pinto dirá alguns versos allusivos aos mutilados.

Ao espectaculo assistem alguns dos internados do Instituto Medico Pedagogico de Santa Izabel, o que dará novo brilho á festa, visto que o publico certamente dispensará a esses bravos uma calorosa manifestação de carinho.

Actriz Cinira Polonio

Esta illustre artista, que fez em Lisboa e em varios theatros, especialmente nos da Trindade, Avenida e Rua dos Condes, magnificos papeis em originaes portuguezes e traducções de varios idiomas, as mais brilhantes personagens, imprimindo-lhes a sua maneira requintadamente parisiense, acha-se de novo entre nós e teve a amabilidade de enviar-nos os seus cumprimentos.

Muito reconhecidos, damos á gentil actriz as boas vindas e folgaremos de vel-a e admiral-a na proxima epoca em algumas das nossas melhores casas de espectaculos.

Só terá para o conseguir «l'embarras du choix».

A glorificação do sr. D. João VI

A espada do Condestabre e a lanceta do curandeiro

O «Diario Nacional» gasta hoje uma parte do seu texto a fazer a historia anecdotica do rei D. João VI, pretendendo demonstrar que esse monarcha praticou um acto politico de grande alcance patriotico, passando-se, com armas e bagagens, para o Brazil, ás primeiras ameaças da invasão napoleonica.

O porta-voz do pretendente D. Manuel de Bragança soccorre-se, para isso, da opinião do sr. Oliveira Lima, publicista brazileiro, e, ainda, d'uma qualquer auctoridade litteraria hespanhola.

Nós pertencemos ao numero d'aquelles velhos portuguezes, que entendem que de Hespanha nos não vem nem bom vento nem bom casamento. Isto não quer dizer que sejamos inimigos da monarchia visinha; significa apenas que somos muito amigos de Portugal...

Entendemos, pois, que não merece a pena examinar até que ponto é sincera a opinião do historiador hespanhol, que, aliás, nos é desconhecido.

O mesmo não acontece, porém, com o sr. Oliveira Lima, que é do nosso conhecimento, por leitura e por tradicção. Ora a auctoridade do sr. Oliveira Lima, em questões que respeitam á historia conjuncta de Portugal e Brazil, não é propria para ser acatada por nós, portuguezes.

A permanencia de D. João VI no Brazil foi extremamente util ao desenvolvimento brazileiro, em todas as suas manifestações progressivas. Graças a D. João VI — ou aos homens eminentes que o acompanharam no homisio — o Brazil galgou, em alguns annos, o caminho sufficiente para impôr, á metropole, a sua independencia: graças a D. João VI, o Brazil encontrou no aventureiro D. Pedro o testa de ferro necessario á consolidação d'uma completa hegemonia politica. D. João VI é, por isso, digno da veneração dos brazileiros; mas, pela mesma razão, o monarcha deshonrou-se na historia de Portugal, porque desempenhou aquelle papel politico que, na guerra d'hoje, conduz os traidores perante o pelotão d'execução.

E' curiosa a selecção que os monarchicos fazem dos reis de Portugal. Para apregoar as excellencias do regimen que defendem, não trazem á discussão os nomes dos monarchas que foram realmente grandes. Esquecem o Mestre d'Aviz para se lembrarem de D. João VI; preferem o desvairado D. Sebastião, que foi causa d'um hiato na independencia da Nação, ao bondoso D. Pedro V; todos se derretem em blandicias á devassa D. Carlota Joaquina ou á doida D. Maria I sem uma palavra de louvor á Rainha Santa Izabel ou á liberal Maria Pia, avó do pretendente D. Manuel; e, finalmente, falam na gloria portugueza como se fosse obra exclusiva dos reis de Portugal, olvidando-se de suprimir da lista de tão preclaros imperantes os tres Filippes, que reinaram em Portugal para o sujeitarem ao jugo hespanhol. E' a selecção negativa: dos seus reis os monarchicos escolhem os peiores, apontando-os como bom exemplo da reinação em terras de Portugal.

Voltando a D. João VI diremos que é possivel que a Inglaterra aconselhasse ao monarcha o homisio para o Brazil. E' possivel. Mas isso não prova senão que os interesses da Grã-Bretanha eram uns e os de Portugal eram outros. O monarcha preferiu as vantagens inglezas e a sua propria segurança phisica, á protecção que devia ao povo e ao bom nome que lhe importava legar á historia. Procedeu com um criterio egoista, proprio de um Bragança authentico. Se fosse tambem Orleans, faria peior: fugiria pela calada da noite, aproveitando as ultimas bayonetas fieis para se resguardar — a elle só, só a elle!... — de hipotheticos ataques revolucionarios.

Que differença entre a covardia de D. João VI e o galhardo patriotismo do rei Alberto, da Belgica! Este não foge. Resiste e retira. Victima dos azares da fortuna e dos rigores d'uma guerra cruel, vae trilhando, palmo a palmo, o terreno belga, que se vê forçado a deixar em poder do inimigo. E, por ultimo, agarra-se desesperadamente a alguns kilometros da sua querida Belgica e não ha arrancal-o de lá. Este sim: é um grande rei! Mas os panegyristas de D. João VI só podem encontrar justificação para a fuga para o Brazil em acto identico, embora em circumstancias differentes, praticado, alguns annos mais tarde, por outro Bragança, de sangue cruzado com os Hohenzollerns e os Orleans: o sr. D. Manuel II. Com a differença que este, ao menos, não atraiçoou a Nação, limitando-se a trocar a espada do Grande Condestabre pela lanceta d'um curandeiro...

A isenção dos medicos

e a sua collocação nos serviços moderados

Sr. director de «A Capital». — E' sempre v. extremo defensor de causas justas e sobre assumptos militares mais e melhor do que ninguem tem dado informações publicas preciosas. Referia-se v. hontem á situação immoral e previlegiada de muitos medicos que estão nos serviços moderados tendo todavia resistencia para cumulativamente tratarem da sua clinica associativa, bem fatigante, particular, hospitalar, etc. Como sou medico e sobre mim pesa uma injustiça embora proveitosa para algum moderado, peço a v. a publicação do seguinte, cujas conclusões ficam ao criterio da opinião publica. — Joaquim Manuel Nunes Saraiva.

Ex.mo sr. ministro da guerra. — Joaquim Manuel Nunes Saraiva, tenente medico miliciano requereu a v. ex.a uma junta hospitalar e das observações do meu boletim verifica-se que o medico militar especialista ex.mo sr. dr. Ary dos Santos propoz a minha passagem aos serviços moderados em virtude da minha doença de nariz que para praças é motivo de isenção. Os outros medicos que me observaram em virtude da opinião d'aquella collega egualmente confirmam a minha incapacidade para serviço de campanha.

Submettido á junta presidida pelo ex.mo sr. coronel medico do quadro militar dr. Salgueiro julgou conveniente a observação de mais dois collegas que ainda me julgaram incapaz em virtude da sua opinião e tambem muito especialmente do medico militar especialista. Por motivo de doença que communiquei ao ex.mo director do hospital fui á junta presidida pelo ex.mo coronel dr. Abilio Barreto, sendo na sua opinião embora reconhecidas as minhas lesões, julgado apto para todo o serviço. Recorri da junta e conforme os regulamentos determinam juntei os attestados medicos de especialistas de maior reputação como drs. Avelino Monteiro, Manuel Valladares, etc., confirmando a minha doença e a minha diminuição de resistencia para serviços que não sejam moderados. Presente á junta de recurso e observado por mais um medico especialista militar dr. Francisco Seia, confirmou o diagnostico de isenção, porém, em virtude de ser medico é sua opinião passar aos serviços moderados. O meu relator ex.mo sr. dr. Mascarenhas de Mello, director do hospital militar perguntando-me se acaso algum documento tinha a juntar levei-lhe uma radiographia com attestado medico do ex.mo sr. dr. Feyo e Castro, radiologista em que declara existir um nodolo de calcificação do tecido pulmonar do lado esquerdo, diminuição de permeabilidade do vertice, presença de ganglios no hilo e vascularisação da base do pulmão direito! Apesar d'isso a junta julga-me capaz de todo o serviço. Se não ha tabella de isenção para officiaes como se comprehende que cerca de duzentos medicos estejam nos serviços moderados até aos 36 annos, edade que eu tenho? Peço á v. ex.a justiça e que a minha observação seja feita por especialistas militares em Lisboa ou onde v. ex.a determine e haja meios de observação. Em assumptos da especialidade só os technicos teem competencia. As minhas affirmações estão comprovadas pelo meu boletim e documentos juntos do qual assumo as responsabilidade.

ROL DE HONRA

Baixas em França

Mortos nas datas que se indicam:

Por ferimentos em combate: regimento de artilharia 2: 1.º cabo 368 da 2.a bateria, Francisco Simões Seraphim, em 9 de abril de 1918; bateria de artilharia de posição: soldado 217, José da Silva, em 9 de abril de 1918.

"As grandes batalhas"

Vae a Capital *iniciar brevemente a publicação da admiravel obra que o eminente escriptor Julio Dantas escreveu expressamente para o nosso jornal.* As grandes batalhas, *que irão renovar o immenso triumpho da* Patria Portugueza *e do* Amor em Portugal no seculo XVIII, *serão opportunamente annunciadas e hão de constituir, sem duvida, um dos grandes acontecimentos litterarios do anno corrente.*

OS ARGENTARIOS MODERNOS

Sem grande trabalho, com alguma esperteza e ainda com a ruina completa do commercio de exportação de vinhos, a Federação-Malhou arranjava 7.500 contos de réis!

Os leitores de *A Capital* que tiverem dedicado a sua attenção a esta serie de artigos, estão agora habilitados a comprehender, sem esforço de maior, em que consistiu e como foi engendrado este famoso negocio conhecido pela designação de «Contracto Federação-Malhou». E' essencial, para boa comprehensão dos artigos seguintes, que aqui se faça agora uma recapitulação, com conclusões finaes muito elucidativas e muito eloquentes, destinadas a demonstrar a *alta moralidade* que presidiu ao golpe de talento e de favor de que foi agente principal um chefe de gabinete, o sr. Thiago Salles.

A primeira *étape* do negocio ficou vencida logo que o sr. Thiago Salles conseguiu fazer-se nomear chefe de gabinete do Ministerio das Subsistencias e Transportes, sendo secretario de Estado o grande cidadão Machado Santos, cognominado o *Fundador*, em homenagem á bravura demonstrada no dia historico e feliz de 5 d'outubro de 1910. N'esse dia houve a batalha decisiva da Rotunda, que instituiu a Republica em Portugal; dava-se assim a repetição d'um outro grande acontecimento, que foi a batalha de Campo d'Ourique, onde Affonso Henriques fundou a nacionalidade portugueza; agora, isto é, recentemente, tambem o sr. Thiago Salles feriu outra batalha, fazendo do Ministerio das Subsistencias e Transportes seu grande quartel general e, com muita habilidade e estrategia, venceu o seu ministro, arrancando-lhe um contracto, em nome do Estado, para o transporte de 80.000 pipas de vinho portuguez para França. Foram tres grandes batalhas com outros tantos enormes triumphos, que approximaram o nome glorioso de Affonso Henriques, Fundador da Nacionalidade, dos outros, já agora historicos, dos que fundaram a Republica (Machado Santos) e o Monopolio dos Transportes Maritimos, Thiago Salles-Federação-Malhou. Gloria a tão excelsos portuguezes!...

O sr. Thiago Salles conseguiu, pois, o contracto e passou-o, inteirinho, á Federação. A troco de quê? Não está inteiramente averiguado...

O sr. Thiago Salles fez bem. O contracto não lhe servia para outra coisa. O sr. Thiago Salles não tinha vinho para mandar para França nem para parte alguma. Quem o tinha era a Federação, embora sem estar vendido. Mas como era preciso lançar poeira aos olhos do publico, inventaram-se tres phantasias, afim de cohonestar o feliz negocio, arrancado ao Estado com venturosa inspiração e grandes artes, pelo sr. Thiago Salles, sendo chefe de gabinete, *para o effeito*, do sr. Machado Santos, primeiro ministro das subsistencias e transportes da Republica Portugueza. O leonino negocio foi uma grande estreia!...

As tres phantasias, projectadas para o publico por meio das «notas officiosas», especie de cartinhas de amor com que se pretendia seduzir a donzella conhecida por «Opinião Publica», consistiram no seguinte:

1.a — Que o *Ravitaillement* francez comprara o vinho a exportar pela Federação-Malhou;

2.a — Que, como garantia, já para Portugal tinham vindo trinta milhões de francos;

3.a — Que havia vinho vendido em França, que era forçoso lá pôr.

Provou-se que nada d'isto era verdade. As notas officiosas ou as noticias subrepticiamente introduzidas nos jornaes não passavam de balõesinhos de ensaio, destinados a perturbar, no publico, a visão perfeita do negocio. E veiu a saber-se:

1.º — Que o *Ravitaillement* francez não comprara vinho algum, **conforme declaração da propria legação de França em Lisboa;**

2.º — Que a historia dos trinta milhões de francos vindos para Portugal não passava d'uma mal imaginada phantasia. Se tal massa de numerario entrasse repentinamente em Portugal, o cambio viria ao par. **Ora, justamente n'essa epocha, o cambio peorava!**

3.º A Federação-Malhou não vendera em França uma unica gotta de vinho, porque isso lhe não convinha. O negocio era mandar vinho á consignação, impedindo a venda directa. Vejamos este terceiro aspecto da questão, que ainda aqui não foi claramente exposto. Mas vae já ser comprehendido.

Arranjado o contracto, só a Federação-Malhou poderia exportar. Uma classe inteira, a dos commerciantes exportadores, ficava arruinada. Mas isso que importava? *C'est la guerre!* Porque a guerra, para elles, foi isto: enriquecerem-se!...

O raciocicinio, que presidiu ao negocio, foi este:

Se fôr possivel fazer resolver, em proveito exclusivo de alguem, a crise dos transportes, a margem entre o preço do mercado em França e o do mercado em Portugal, é sufficiente para melhorar um pouco, nas compras que se fizerem, as cotações do momento e ainda para se fazer um negocio da China.

Com o contracto Thiago Salles conseguiu-se monopolisar os transportes maritimos. O resto facilmente se comprehende.

Resultado final:

1.º — Ruina do commercio exportador;

2.º — Descredito no estrangeiro, porque o mercado francez não comprehenderia que não houvesse transportes para o vinho comprado a cem francos, com pagamentos adeantados em muitos casos, e os houvesse para vinhos á consignação, e que obtinha o preço, uma vez collocado em França, de 140 e 150 francos.

3.º — E' a differença entre o preço de compra (40$00) e o da venda (140 francos) **que dá o lucro liquido de 7.500 contos de réis, que cahiam nos bolsos dos felizes syndicateiros.**

C'est la guerre... ao commercio de exportação!

Agora, perguntamos: pode acaso manter-se uma tão mostruosa immoralidade?

Mas esta questão tem ainda outros aspectos. Estudal-os-hemos nos artigos seguintes.

P. S. — Acabamos de lêr nos jornaes da manhã a carta do sr. José Malhou. A'manhã a analysaremos com vagar...

Para os devidos effeitos se annuncia que por escriptura de hoje, outhorgada perante o notario ajudante, abaixo assignado, foi constituida uma sociedade anonyma de responsabilidade limitada, nos termos dos artigos seguintes:

ESTATUTOS

DO

Banco Colonial Portuguez

CAPITULO I

Denominação, séde, objecto e duração

Artigo 1.º

Em harmonia com a respectiva legislação vigente e nos termos dos presentes estatutos é creada uma sociedade anonyma de responsabilidade limitada, que adopta a denominação de BANCO COLONIAL PORTUGUEZ.

Artigo 2.º

A sociedade tem séde em Lisboa, podendo a sua direcção estabelecer nas ilhas adjacentes, no ultramar portuguez e no estrangeiro filiaes, succursaes, agencias ou quaesquer outras formas de representação.

Artigo 3.º

O objecto do Banco Colonial Portuguez é, principalmente promover o fomento e progresso economico financeiro das provincias ultramarinas, podendo:

1.º)—Comprar, vender e negociar, directamente ou por conta de outrem, especies metallicas e preciosas, valores commerciaes, agricolas, industriaes e equivalentes titulos representativos de credito ou divida, pertencentes a entidades particulares ou publicas, nacionaes ou estrangeiras;

2.º)—Descontar, redescontar e promover por qualquer forma a compra, venda e negociação de titulos de credito, lettras de cambio, cartas de credito, cheques e saques de varia ordem;

3.º)—Abrir creditos em conta-giro e conta-corrente, mediante fiança mercantil idonea ou caução de valores moveis ou immoveis, podendo bem assim crear contas de participação com caracter permanente;

4.º)—Acceitar em deposito, á ordem ou a prazo, em moeda nacional ou estrangeira, dinheiro ou valores representativos, podendo a sociedade se a direcção o julgar vantajoso, assumir o serviço de caixa por conta de quaesquer entidades particulares ou publicas, nacionaes ou estrangeiras;

5.º)—Comprar, vender ou negociar fundos por conta proprio au de terceiros, mediante as respectivas operações cambiaes ou outras quaesquer formulas de credito.

6.º)—Effectuar contractos com o estado e entidades d'elle representativas, em Portugal, Ultramar Portuguez e no Estrangeiro;

7.º)—Facilitar por todas as formas de recurso do credito as operações commerciaes de exportação e importação, promovendo e estimulando a creação e desenvolvimento de quaesquer meios de transporte, terrestres ou maritimos, dirigidos a servir e beneficiar o intercambio mercantil, entre Portugal, seus dominios ultramarinos. Brazil e estrangeiro;

8.º)—Finalmente realisar por si ou de accordo com outras entidades bancarias, quaesquer operações bancarias, commerciaes e financeiras, auctorisadas pela lei.

Artigo 4.º

A duração da sociedade é por tempo indeterminado, contando-se para todos os effeitos, o seu começo desde hoje.

CAPITULO II

Secção I

Capital

Artigo 5.º

O capital social é de 10.000.000$00 esc. (10.000.000$000 rs.) representado por 100:000 acções do typo de esc. 100$00 (100$000 rs.) cada uma com o desembolso inicial de 20 %.

§ 1.º—Os restantes 80 % serão pagos quando a direcção julgar necessario, em prestações nunca excedentes a 20 % do valor nominal das acções e com intervallo de, pelo menos, 30 dias.

§ 2.º—O capital social poderá elevar-se até 100.000.000$00 esc. (réis 100.000.000$000) em harmonia com o disposto no n.º 1.º do art.º 19.º

§ 3.º—No caso de emissão de novas series de acções ou de augmento do capital social, os anteriores accionistas terão preferencia na distribuição das novas acções segundo as condições estipuladas pela direcção.

Artigo 6.º

Os accionistas que não effectuarem o pagamento das prestações da respectiva subscripção nos prazos estabelecidos, ficarão obrigados aos juros de móra de 6 % ao anno, durante o prazo fixado pela direcção, findo o qual perderão a favor da sociedade o direito de accionistas e as prestações pagas, podendo a mesma sociedade dispôr livremente das acções ou annulal-as, passando em sua substituição titulos novos que serão vendidos na Bolsa por intermedio de corretor, revertendo o producto da venda para a sociedade.

Secção II

Acções, accionistas e obrigações

Artigo 7.º

As acções serão nominativas e indivisiveis, devendo os respectivos titulos ou cautelas representativas ser assignados, pelo menos, por dois directores.

§ 1.º—Os titulos poderão ser de 1, 5 e 10 acções consoante a vontade do accionista manifestada no acto da subscripção.

§ 2.º—Liberado o capital-social, os respectivos titulos representativos poderão ser convertidos em acções de «coupon» e ao portador na proporção deliberada pelo Conselho de Administração.

Artigo 8.º

Póde ser accionista qualquer pessoa, nacional ou estrangeira, singular ou collectiva.

§ unico. Podem ser accionistas os menores, interditos e mulheres casadas, desde que auctorisadas por quem de direito.

Artigo 9.º

A transmissão das acções poderá fazer-se mediante endosso ou qualquer outra forma legalmente auctorisada, resalvando a direcção, no acto da inscripção do novo accionista, todas as garantias que julgar necessarias quanto á parte do capital não realisado e bem assim no referente ás conveniencias nacionaes.

Artigo 10.º

O averbamento, consequente á transmissão das acções, por effeito de sucessão, poderá ser feito independentemente de pertence judicial, se não houver inconveniente de lei e a direcção julgar sufficientemente provada a legitimidade da transmissão.

Artigo 11.º

O accionista perde os direitos de socio, quando não effectuar as entradas, a que é obrigado, dentro do prazo estabelecido pela direcção, e nos demais casos provistos por lei.

Artigo 12.º

Poderá a sociedade emittir obrigações sob proposta da Direcção e com o voto favoravel do conselho fiscal.

Secção III

Fundos da sociedade

Artigo 13.º

A sociedade estabelecerá os seguintes fundos:

1.º—Fundo de reserva legal;

2.º—Fundo especial de garantia, destinado a corrigir a depreciação dos valores sociaes;

3.º—Fundo de regularisação de dividendos;

4.º—Fundo de previdencia, destinado a garantir a assistencia aos seus empregados assalariados.

§ 1.º — Poderá a direcção crear quaesquer outros fundos de reserva, se assim o entender conveniente;

§ 2.º—Em caso de «deficit» será o fundo de regularisação de dividendos o primeiro a ser utilisado pela Direcção, e a seguir o fundo especial de garantia.

Secção IV

Lucros

Artigo 14.º

Os lucros liquidos, provenientes das operações concluidas dentro do respectivo anno, terão a seguinte applicação;

1.º)—10 0|0 para o fundo de reserva legal, emquanto não estiver preenchido ou fôr preciso reintegral-o.;

2.º)—Dividendo pelos accionistas até 6 0|0 sobre o capital realisado;

3.º)—6 0|0 para a direcção, assim divididos:

4 0|0 para dividir pelos directores:

2 0|0 para o gerente, quer faça parte da direcção, quer seja recrutada em harmonia com a auctorisação constante do § 2.º do art. 18.º, sendo o saldo distribuido na conformidade seguinte:

a)—30 0|0 para o fundo especial de garantia;

b)—20 0|0 para o fundo de regularisação de dividendos;

c)—10 0|0, para o fundo de previdencia;

d)—40 0|0 para dividendo complementar aos accionistas.

CAPITULO III

Assembléa geral

Artigo 15.º

A assembléa geral compõe-se de todos os accionistas possuidores de 50 ou mais acções, que estejam averbadas ou hajam sido depositadas com 2 mezes de antecedencia pelo menos.

§ 1.º— A mesa da assembléa geral compõe-se de um presidente, um vice-presidente, dois secretarios e dois vice-secretarios, eleitos trienalmente d'entre os accionistas com voto, sendo permittida a reeleição.

§ 2.º — Qualquer accionista com direito a voto póde fazer-se representar na assembléa geral mediante carta notarialmente reconhecida ou procuração passada a outro accionista que faça parte da mesma assembléa, devendo a respectiva prova do mandato ser entregue na séde da sociedade 10 dias antes da data da reunião.

Artigo 16.º

A assembléa geral, exceptuados os casos previstos pelo § 2.º do artigo 17.º, constitue-se com a presença de um minimo de 20 accionistas que representem pelo menos 1|5 do capital social. A assembléa geral reunirá ordinariamente no primeiro qudrimestre de cada anno social; e extraordinariamente quando a direcção ou o conselho fiscal o julgarem necessario, ou por effeito d'um requerimento de um certo numero de accionistas que representem um quarto (1|4) do capital subscripto e hajam declarado em seu requerimento o motivo da reunião.

Artigo 17.º

Compete á assembléa geral ordinaria deliberar sobre as contas, relatorios, pareceres e propostas apresentadas pelos corpos gerentes e pelo conselho fiscal; e á assembléa geral extraordinaria deliberar sobre a modificação dos estatutos, dissolução e liquidação da sociedade.

§ 1.º — As decisões da assembléa geral ordinaria ou extraordinaria deverão ser tomadas por maioria de votos dos accionistas presentes ou representados; a forma de suffragio será o escrutinio secreto no caso de eleição para os cargos da meza da assembléa geral, dos corpos gerentes, do conselho fiscal, ou quando tal fôr requerido por cinco accionistas.

§ 2.º — As decisões da assembléa geral extraordinaria constantes do presente artigo deverão ser tomadas com um numero de accionistas que representem, pelo menos, metade do capital social.

CAPITULO IV

Administração e fiscalisação

Artigo 18.º

A administração da sociedade compete ao conselho de administração e á direcção, compostos respectivamente de 5 (conselho de administração) e 3 membros (direcção), effectivos e outros tantos supplentes, eleitos trienalmente e com a faculdade de reeleição.

§ 1.º — Os directores eleitos não poderão entrar em exercicio sem possuirem ou caucionarem á sociedade 100 acções cada um, vigorando esta caução até á approvação das contas do ultimo anno em que houverem servido.

§ 2.º—A direcção elegerá entre os seus membros um director-gerente, ou poderá contractar entre o pessoal da sociedade ou fóra, para os effeitos de gerencia, contencioso e consulta, entidades idoneas, n'estas delegando, sob sua responsabilidade, as funcções e poderes que julgar convenientes aos fins da sociedade.

§ 3.º—A remuneração da direcção será constituida pela participação nos lucros a que se refere o n.º 3.º do artigo 14.º Os membros da direcção receberão além d'isso o ordenado mensal de 300$00 esc. cada um.

§ 4.º—Não pode fazer parte da direcção quem occupar cargo identico em sociedade congenere ou não poder commerciar; não poderão servir conjunctamente ascendentes e descendentes, irmãos, seus affins, no mesmo grau, nem os socios da mesma firma.

Artigo 19.º

Compete ao conselho de administração, cujas funcções são gratuitas, o seguinte:

1.º — Proceder de accordo com a direcção e quando assim o aconselharem as necessidades sociaes, ao augmento do capital social;

2.º — Deliberar, sob proposta da direcção, ácerca do emprego dos fundos a que se referem os n.os 1 a 4 do artigo 13.º e seus §§;

3.º — Designar de entre os membros da direcção os respectivos presidente, secretario e director-gerente, caso as conveniencias da sociedade aconselhem o exercicio d'essa faculdade, e bem assim prestar o seu conselho e voto á direcção, sempre que esta o julgar conveniente.

§ unico—O conselho de administração fica auctorisado a adquirir o edificio-séde da sociedade.

Artigo 20.º

Compete á direcção:

1.º—Pronunciar-se sobre a creação de filiaes, succursaes, agencias ou outra qualquer forma de representação da sociedade, em conformidade com o artigo 2.º dos presentes estatutos.

2.º—Nomear e demittir os empregados da séde, filiaes, agencias e succursaes da sociedade, fixando os seus vencimentos, salarios, beneficios e cauções.

3.º—Elaborar os regulamentos que houver mister;

4.º—Representar a sociedade em sua relações com terceiros ou em juizo, acompanhando e resolvendo sobre quaesquer pleitos e procedimentos judiciaes concernentes aos interesses da sociedade, podendo renunciar a quaesquer direitos e privilegios e constituir mandatarios para a pratica de actos que necessarios forem:

5.º—Realisar emprestimos e demais operações de credito, determinando os respectivos termos quantitativos e taxas de desconto e bem assim, compra, venda e negociação de valores moveis e imoveis, estabelecer e presidir ás relações entre a sociedade e demais entidades, singulares ou collectivas, congenere ou de fim diverso;

6.º—Dirigir e inspecionar a escripturação geral da sociedade e todo o seu expediente, assignando a respectiva correspondencia e apresentar ao conselho fiscal o inventario relatorio e demais documentos referidos no artigo 189.º do Codigo Commercial;

7.º—Executar e fazer cumprir a lettra da lei e dos presentes estatutos e as decisões da assemblea geral e requerer aos poderes competentes todas e quaesquer garantias para a execução dos presentes estatutos, credito e segurança da sociedade e suas operações;

8.º—Tomar a iniciativa e, dentro da sua competencia, pôr em pratica todos e quaesquer actos uteis á melhor e mais progressiva effectivação dos fins da sociedade.

§ 1.º—Os documentos de responsabilidade deverão ser assignados pelo menos, por dois membros da direcção, ou por um director e outra entidade representante da direcção conformemente ao disposto no § 2.º do art. 18.º

§ 2.º—A direcção procurará sempre e preferencialmente resolver, mediante recurso de arbitragem, qualquer materia de contencioso, derivada dos negocios da sociedade.

Artigo 21.º

Ao conselho fiscal competem as attribuições conferidas por lei aos membros do conselho fiscal das sociedades anonymas.

§ unico—Os membros do conselho vencem o honorario annual de Esc. 500$00 (quinhentos escudos).

Artigo 22.º

Quando qualquer dos membros dos Corpos Gerentes ou do Conselho Fiscal se ausentar da séde da Sociedade com prejuizo do serviço será designado o seu respectivo supplente pela forma legalmente preceituada.

CAPITULO V

Dissolução e liquidação

Artigo 23.º

A Sociedade dissolve-se e liquida nos termos legaes.

CAPITULO VI

Disposições diversas

Artigo 24.º

O anno social é o anno civil e contar-se-ha como primeiro o tempo decorrido desde a data da sua constituição até 31 de dezembro de 1919.

Artigo 25.º

Para as questões entre os accionistas e a sociedade, resultantes de contracto da sociedade ou de actos sociaes, fica estipulado o fôro da comarca de Lisboa com renuncia expressa a qualquer outro.

Artigo 26.º

A sociedade toma a seu cargo o pagamento da contribuição industrial dos corpos gerentes e dos seus empregados.

Artigo 27.º

Dentro de sessenta dias, a contar da data da outhorga da escriptura de constituição da sociedade, reunir-se-hão os seus accionistas em assembleia geral para se proceder á eleição da respectiva meza e do conselho fiscal.

Artigo 28.º

O conselho de Administração no primeiro triennio fica constituido pelos seguintes accionistas.

Conselho de Administração: Effectivos:

Candido Sotto Maior.
José Antunes dos Santos.
Joaquim dos Santos Lima.
Dr. Antonio da Costa Correia Leite (Mario d'Artagão).
Antonio Moraes.

§ unico. Os supplentes do actual Conselho de Administração serão nomeados pelos effectivos dentro de 2 mezes, a contar de hoje, nomeação que se considera como inserta nos presentes estatutos.

Artigo 29.º

Os membros effectivos e supplentes da direcção serão nomeados pelo Conselho de Administração dentro de 2 mezes, a contar de hoje, e feita essa nomeação considerar-se-ha como inserta nos presentes estatutos. Entretanto, serão as respectivas funcções exercidas pelo Conselho de Administração, bastando a assignatura de dois membros do dito conselho para obrigar a sociedade.

§ unico. Os supplentes nomeados tanto para o Conselho de Administração como para a direcção no primeiro triennio, serão chamados á condição de effectividade segundo a ordem pela qual forem designados.

Lisboa, 7 de agosto de 1918.

O notario-ajudante,

Mario Tavares de Carvalho.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

CONSTRUCÇÃO CIVIL — Reuniu a secção federal de Belem em assembleia geral, tratando-se de assumptos de interesse para a classe e sendo approvado um voto de sentimento pela morte de Maximo Gorki. Na acta foi lançado um voto de protesto contra a fórma por que um deputado se insurgiu contra as gréves.

SYNDICATO FERRO-VIARIO — Reune amanhã, ás 21 horas, a assembleia geral da secção de tracção, para dar conta dos trabalhos realisados pela commissão e deliberar sobre as ultimas concessões.

NATURISMO

Hora propicia...

A quadra agora propicia-se á diffusão das ideias de que me fiz e conservo «paladino» em terras luzo-brazileiras. Faltam a maioria dos generos chamados de 1.ª necessidade, pelos usos e costumes inveterados. E abundam, se bem que caros, supinamente, á exorbitancia, os fructos! Os figos que fazem um almoço delicioso, apparecem. As uvas esmaltam já os mercados. E os pecegos, os abrunhos, as peras, os tomates, os pepinos, etc., começam a tentar.

A epoca é dedicada a Pomona. Veste-se de alegria, no perfume que se come e no sabor com que delicia, essa Deusa adorada onde se polarisa e enfeuda a verdadeira nutrição phisiologica do homem.

Para a maioria, a questão alimentar é fundamental, olhada sob o ponto de vista do «goso». Quanto á hygiene nada se pensa; tanto importa seja o que fôr, tudo se come... Entretanto, do desvairo alimentar resultam prejuizos enormes para a raça. Houve tempo em que cheguei a julgar possivel a regeneração da familia portugueza pelas normas da hygiene. Esse sonho altruista que abrigava a dentro do meu coração, tomado da ideia apostolica, não pode ter realidade. Os homens, enfeudados a ideias preconceituosas da gula, enraizados secularmente, ao ouvirem a boa-nova, sorriram desdenhosos... As senhoras, essas, na sua mentalidade especial, apontaram como irrita a doutrina. E as creanças, cujo extincto as chamava para a alimentação phisiologica, são desviadas, retirando-as ostensivamente, de tão salutar dieta.

Sómente algum infeliz escorraçado do officialismo medico, com a bolsa exausta e o organismo empobrecido (por mil e uma panaceias chimicas, geradas pela ideia machiavelica de envenenar o organismo)—é que se abalança a buscar alivio na Natureza. São creaturas clarividentes, mas ás quaes, se a vontade sobeja, falta a energia vital para a revolução intima nos tecidos aptos á mutação da materia organica se operar normalmente.

Entretanto, a ideia que o facho da Verdade illumina, tem a orientala a voz da consciencia. Os animaes que os necrofagos comem são nossos irmãos inferiores. Matal-os é attentar contra a lei que está impressa na nossa natureza. E' um barbaro costume que inferiorisa e em contra-partida torna o organismo morbido.

A epoca, agora, seduz com os seus fructos divinos que deliciam, empolgam e vitalisam. Faça-se uma pausa nos matadouros. Bem bastam os campos de batalha...

Dr. Amilcar de Sousa

Theatros

Cartaz de hoje

THEATRO NACIONAL—A's 21 — «Córa, ou a escravatura».—S. LUIZ—A's 21,30—«Generos alimenticios».— TRINDADE — A's 21,30—«O gato maltez».—GIMNASIO—A's 21,30—«Marionettes»—APOLO—A's 21,30—«A revolta»—EDEN—A's 21,30—«A trombeta da fama». — POLYTHEAMA — A's 21,30 «Salada russa»—AVENIDA — A's 21,30—«O homem de gelo».—SALÃO FOZ—A's 21 — Variedades e animatographo.

Animatographos e concertos—Central, Olympia, Chiado Terrasse, Condes e Salão da Trindade.

Agenda da semana

São Luiz—Amanhã—Recita patriotica a favor dos mutilados da guerra com a engraçada comedia *Generos alimenticios*.

Nota do dia

Com 78 annos de edade, falleceu em Nichtheroy no dia 14 do mez de julho passado a actriz Ismenia Augusta dos Santos, a mais notavel de todas as artistas brazileiras.

Para que os leitores possam avaliar o quanto ella era querida do publico carioca, transcrevo abaixo a noticia que um dos grandes jornaes do Brazil, dá da sua morte.

«Ainda ha pouco o palco brazileiro teve uma noite de brilho, recordando passadas glorias de um grupo de actrizes que fizera epoca d'entre elas a que foi notavel pelos seus talentos—a actriz Ismenia dos Santos, essa que desappareceu hoje para sempre. Foi no Trianon que Ismenia dos Santos, com os seus 78 annos, como uma grande chamma que bruxoleia para se apagar conseguiu dar ao papel que tomara, de um dos cardeaes da Ceia, um tão grande fulgor, que causou impressão. Foi a sua ultima passagem pelo palco, que ella tanto enalteceu. N'essa noite, ella, com Apollonia e Helena Cavallier, fizeram os tres cardeaes.

Quem a conheceu d'outros tempos, quem a conhecia agora e que lá esteve n'essa noite tão cheia de reminiscencias e saudades, poude ainda rever, n'aquela que all estava a extraordinaria expoente da arte brazileira nos seus ultimos lampejos.

Pelo dedo se conhece o gigante—disse alguem ao ver entrar no palco Ismenia dos Santos. E era ainda assim.

De Ismenia dos Santos ha muito que dizer, mas que não cabe n'uma simples noticia necrologica. Sousa Bastos, na sua «Carteira do Artistas», editada ha vinte annos, resumia assim a nota sobre Ismenia dos Santos: «1840—Nasceu na Bahia a notavel actriz brazileira Ismenia dos Santos. Representou pela primeira vez, como amadora, n'um theatrinho particular da sua terra, fazendo a «Stella», de Scribe. Por tal forma se houve, no difficilimo papel de que se incumbiu, que todos a aconselharam a seguir a carreira dramatica, o que era tambem de seu desejo. Tendo casado, conseguiu que seu marido a levasse para o Rio de Janeiro e lá obteve d'elle auctorisação para se escripturar no theatro Gymnasio, onde se estreou em 1865, na comedia «Não é com essas!»

Em poucos mezes Ismenia era considerada a primeira actriz brazileira, logar que ainda hoje conserva.

Quando em 1896 estive no Rio, annunciou-se uma recita extraordinaria da companhia Dias Braga, fazendo Ismenia a «Morgadinha de Val Flôr». Apezar de reconhecerem o talento da actriz e saberem de antemão o que ella fizera n'aquelle papel, esperavam todos um «fiasco», pela edade em que ella já estava e pelas fórmas descommunaes. Lembro-me de que assisti á recita n'um camarote, com Eduardo Schwalbach, que tambem estava no Rio. Pela primeira vez ia ver representar Ismenia dos Santos. Apezar da rotundidade, dos muitos annos e de tudo, applaudimos com enthusiasmo, assim como todo o publico, porque a talentosa artista representou e disse magnificamente o seu papel, valendo ella só muito mais do que todos os artistas juntos!

Ismenia tem um passado illustre como artista. O seu reportorio é de primeira ordem, tendo sobresahido nas seguintes peças: «Soror Thereza», «Princeza do Bagdad», «Intimos», «Terreal», «Redempção» «Magdalena», «Anjo da meia noite», «Naná», «Familia Benoaton», «Condessa Romani», «Dalila», «Heloisa Parouquet», «Pedro», «Supplicio de uma mulher», «Filho de Coralia», «Judia», «Dama das Camelias», «Duas orphãs», «Estatua de Carne», «Frou-Frou», «Morgadinha de Val Flôr», «Justiça», etc., etc.

Ismenia, sempre com brilhante exito e merecidos louvores, creou grande parte do seu repertorio, confrontando com Ristori, Duse, Sarah Bernhardt, Pezzana, Emilia das Neves, Emilia Adelaide e Lucinda Simões.

Creio que n'isto está feito o seu elogio. Ismenia dos Santos tem sido por vezes ensaiadora e empresaria».

Acompanhando essa nota da «Carteira do Artista», encontra-se o retrato da grande artista, do qual damos acima uma copia.

Já lá vão uns 40 annos».

Os transportes de vinhos para França

Recebemos do sr. dr. Thiago Salles uma carta, em que este senhor procura defender-se das accusações que lhe veem sendo feitas na imprensa, a proposito do privilegio concedido pelo ex-ministro sr. Machado Santos de transportes de vinhos para França. Tratando-se, porém, de um assumpto de interesse meramente particular, sentimos não poder reproduzir na integra a carta de s. ex.ª

Os Villasiul

Estes eximios artistas mundiaes, estreiam-se amanhã, no elegante palco terrasse do Casino de S. José de Ribamar, em Algés. Esta estreia constitue o acontecimento do dia, pelos seus extraordinarios trabalhos.

Echos & Noticias

EXAMES

Fizeram exame do 2.º grau, ficando approvadas, as meninas Julia e Candida Martins da Silva, filhas do nosso estimado empregado do quadro typographico Miguel Martins.

Jazigos de salitre no Brazil

Segundo uma communicação dirigida á Sociedade Nacional de Agricultura do Brazil, descobriram-se, no Estado de Piauhy, jazigos de salitre, que occupam uma superficie de 900 kilometros quadrados.

A sua riqueza em nitrato de potassio é de 80 por cento, o que permitte applical-o directamente á agricultura.

Estes jazigos estão situados a 60 kilometros de Cratheos e ligados pelo caminho de ferro ao porto de Comecim, distante 300 kilometros.

Material electrico

O «GOA», chegado da America, trouxe uma importante encommenda de cabos e fios electricos, consignada á casa Raul Vieira, d'esta cidade.

Previnem-se os srs. accionistas de que a partir do dia 5 de agosto proximo se acha aberta a subscripção, em opção, de 3.000 acções emittidas a Esc. 400$00 por acção.

Os srs. accionistas que desejarem usar o seu direito de opção, poderão exercel-o na proporção de um para dez, sujeitando-se ás seguintes condições: 1.ª prestação 30 % no acto da opção podendo-se encontrar com o pagamento do dividendo deferido.

Os restantes 70 % serão cobrados em 2 prestações opportunamente annunciadas com intervallo não inferior a 30 dias.

Os srs. accionistas possuidores de fracções de acção d'esta Companhia teem de se agrupar a fim de poderem exercer o seu direito de opção.

Lisboa, 1 de agosto de 1918.

A DIRECÇÃO

Mantem em Portugal brilhantes creditos

«A Continental», com os eloquentes numeros do seu ultimo relatorio, prova-o exhuberantemente

A Capital tem sido o jornal que mais tem posto em relevo a alta missão desempenhada pelas companhias de seguros, quando são organisadas sobre bases solidas e orientadas por um criterio intelligente e moderno. Não necessitamos, portanto, de frisar mais uma vez o papel de previdencia —o papel verdadeiramente altruista, —que se deve a estas instituições no campo de expansão commercial e industrial durante a guerra. N'ellas temos de reconhecer as razões por que a actividade das fabricas, o intercambio do commercio não paralysaram, ante a ameaça do terror dos submarinos com que a marinha mercante se tem cruzado em todos os mares, não lhe valendo, ao menos, o facto de parte desfraldar a bandeira de uma nação neutral. Pois bem, se ha industria de seguros que mais se tenha imposto pelo seu trabalho intelligente, pela sua acção proficua, pelos escrupulosos processos usados na desobrigação dos seus compromissos—é, sem duvida, a nossa industria de seguros, que nunca teve sequer um momento de fraqueza ou de hesitação, ainda mesmo perante os encargos mais pesados, os prejuizos mais avultados que tivesse de cobrir. E é-nos aprazivel constatar que não são apenas os colossos, os potentados, as companhias de capital e de acção gigante que contribuem para a excellente e justa reputação de que gosam entre nós os organismos seguradores.

Ahi temos, por exemplo «A Continental» que sendo uma companhia relativamente moderna tem já a affirmal-a, a impol-a e a tornal-a preferida uma existencia brilhantissima que os factos e os numeros bastam para documentar. Temos presente o seu relatorio de exercicio até 31 de dezembro de 1917, isto é do primeiro anno do seu funccionamento cujas operações foram iniciadas em 2 de janeiro do mesmo anno. Os lucros obtidos até essa data foram de Esc. 43.392$01,5, mas sendo a reserva de sinistros a liquidar de 18.000$00, temos a registar o lucro liquido de 29.392$05.

Para applicação d'este lucro, a direcção apresentou e foi approvado o seguinte projecto:

Fundo de reserva n. 1 do Artigo 49.º 10 % 2.939$20; Para reforço 7.060$80; Total 10.000$00.

Fundo de reserva variavel n.º 2 do art. 49.º 6.000$00; dividendo n.º 3 art. 49—10 % 6.000$00; Percentagem á direcção art. 39.º 4 1/2 % sobre Esc. 29.392$01,5—1.322$64 percentagem ao director delegado, art. 39.º § 1.º, 1 1/2 % sobre Esc. 29.392$01,5 — 440$88; percentagem ao conselho fiscal, art. 47.º, 3 % sobre Esc. 29.392$01,5—881$76, deduzindo importancias mensaes já recebidas (330$00) 551$76; para amortisação da conta Despezas de Installação, 2.461$24; saldo para conta nova, 2.615$49,5.—Total geral Escudos—29.392$01,5.

Ainda pelos outros mappas incluidos no relatorio se verifica o escrupulo que preside a todo o movimento de «A Continental», bem como a sua prosperidade de dia para dia mais brilhante e notavel. A Companhia que tem 600.000$000 de capital —mas apenas com o desembolso de 10 0/0—tem os seus valores guardados na Caixa Geral dos Depositos, no Banco Economia Portugueza, no Banco Nacional Ultramarino, e nos estabelecimentos bancarios de José Augusto Dias Filho & C.ª e Joaquim Pinto Filho & C.ª.

A receita encontra-se assim descriminada nas seguintes parcellas:

Premios	475.268$64
Commissões em reseguros	31.255$23
Salvados	80$53
Juros e dividendos	2.568$24,5
	509.172$64,5

A despeza é assim explicada:

Sinistros	42.812$73
Reseguros	370.755$69
Extornos e annulações	1.186$46
Commissões e descontos	29.895$65
Despezas com sinistros	481$63
Gastos geraes	15.165$16
Sellos	901$26
Devedores e credores (*differença de cambio*)	582$05
	461.780$63
Lucros liquidos	47.392$01,5
	509.172$64,5

E' inteiramente dispensavel alongarmo-nos mais para que no espirito de todos os que nos leem fique a convicção de que os corpos gerentes de *A Continental* teem trabalhado com intelligencia, com vontade e com inexcedida competencia para levantar os creditos da Companhia á altura do brilho e da respeitabilidade em que presentemente se encontram.

Resta-nos, pois, mencionar simplesmente os seus nomes, que são de figuras de toda a respeitabilidade no nosso meio. Assim, na direcção estão os srs. Victor Marques Caratão, Arthur Sousa Luna e dr. Orlando de Mello Rego, constituindo o conselho fiscal os srs. Jeronymo Netto de Oliveira, José Eduardo de Abreu Loureiro e Luiz Ferreira da Silva Vianna.

SPORT

Reclamações

Entre esgrimistas

Do sr. Antonio Montez recebemos a carta que hoje publicamos, não o tendo feito ha mais tempo por absoluta falta de espaço.

Sr. redactor sportivo do jornal «A Capital».—A maneira gentil como acolheu a minha primeira carta obriga-me a não abusar da sua paciencia roubando-lhe o precioso espaço da sua secção. Mas o sr. Farinha, veiu á estacada n'uma carta em que nada diz e me dispensa de outras considerações além d'esta: prezo-me de falar verdade e portanto tudo o que o sr. Farinha diga em contrario do que já declarei é faltar a ella.

E, d'este modo considero terminado o incidente. Muito grato pela publicação d'estas linhas. —Sou de v. etc.—Antonio Duarte Montez.

Pelos clubs

(Communicações officiaes)

Sociedade Hippica Portugueza

O Concurso Hippico da Povoa do Varzim que devia realisar-se em 15, 17 e 18, ficou transferido para 24, 25 e 27 do corrente.

Pela capital do Norte

Corridas de remos

Realisaram-se no domingo passado no Douro as annunciadas corridas de remos, organisadas pelo Club Fluvial Portuense, cujos resultados foram os seguintes:

1.ª corrida, guigas—«Aurora» tripulada por Carlos Pereira dos Santos (voga), José da Costa, Domingos Loureiro Dias, Manuel Dias e Antonio Pereira dos Santos (timoneiro).

2.ª corrida, sapatas—Armando Ivo Guerreiro.

3.ª corrida (Porto-Villa do Conde)—Escaleres— Vencedores, Coriolano Saraiva (voga), Americo Saraiva, João Romeu Loureiro, Tancredo Silva e José da Silva (timoneiro).

4.ª corrida—«Dia», timonado pelo sr. José Lima Ramos e tripulado pelos srs. Antonio F. Sequeira Junior (voga) e Argilo Gouveia Villela.

Corrida de natação—Extra-programma —Vencedores: 1.º Ricardo Rodrigues, de 13 annos; 2.º Mario Augusto de Albuquerque, de 12 annos e 3.º Gaspar Monteiro, de 14 annos.

A favor dos mutilados da guerra

Um quadro em favor dos mutilados

Foi hontem posto em exposição na montra da papelaria da Moda, pertencente á firma Vieira & C.ª, da rua do Ouro, 167 e 169, um quadro muito curioso e interessante, reproducção lytographica do apparelho que serviu para elevar e collocar no seu pedestal a estatua equestre de D. José, que se admira no Terreiro do Paço.

O offertante, um distincto official que não deseja que se divulgue o seu nome, entendeu collaborar assim em favor dos nossos mutilados, para quem reverterá o producto da venda. N'esse desejo foi secundado pelos proprietarios da papelaria da Moda, que se promptificaram immediatamente a expôr o pequeno quadro, attendendo ao fim a que é destinado.

Sociedade Astronomica de Portugal

Estação radio-telegraphica

Em Cabo Verde está quasi estabelecida uma estação radio-telegraphica para pôr em communicação as ilhas d'aquelle archipelago com a navegação e a metropole. Por esse facto o governador respectivo pediu ao ministerio das colonias, com urgencia, telegraphistas para começar a funccionar.

Casino de Ribamar

A empreza do Grande Casino de S. José de Ribamar, em Algés, acaba de contractar, com enormes sacrificios, os celebres artistas mundiaes, Vellasini, que amanhã se estreiam n'aquelle casino.

Ministerio das subsistencias

As accusações feitas aos seus funccionarios

Sr. director:—O sr. Fernandes de Oliveira, que n'uma hora infeliz geriu interinamente o ministerio das subsistencias e transportes, e nem tempo teve para conhecer os serviços, permittiu-se vir a publico, no parlamento, fazer insinuações e accusações vagas a todos os funccionarios, que tambem não conheceu.

Eu repto o sr. Fernandes de Oliveira a concretisar as suas accusações, no que me diz respeito, como funccionario superior que fui do ministerio das subsistencias e transportes.

Pertenço áquelle numero de homens que levam uma vida inteira de lucta, desprovidos da protecção seja de quem fôr. Tenho luctado sosinho. Muita amargura, muita vigilia, sacrificios sem nome tenho passado para poder legar sem macula o meu nome. Tenho sabido caminhar sem atropelar ninguem e seria para mim desgosto mortal se qualquer dos meus triumphos custasse a alguem uma lagrima. A maior lucta travada tem sido contra as invejas, contra os ambiciosos maus, que eu tambem não consinto que me atropelem a mim. A quem, como eu, leva uma vida inteira de luctas nascem e endurecem as garras, para muito maiores luctas que seja preciso travar.

Por tudo, emfim, eu não posso consentir a qualquer, por mais altamente collocado, que venha lançar um labéo sobre o meu nome que atravez de todas as vicissitudes quero conservar honrado.

E' em nome do sagrado direito de defeza, sr. director, que lhe peço a publicação d'esta carta. Um nome que no meio de tanta miseria chega aos trinta annos sem mancha resume já uma historia de bem dolorosas mas dignificantes paginas. O respeito que esse nome não merece aos maus, impõe-se-lhes.

Acceite v. os vivos agradecimentos de Boavida Portugal

N. B.—Falo apenas por mim e poderia falar tambem por aquelles que tive a honra de ter sob as minhas ordens; mas, como não tenho procuração para os defender, elles que digam de sua justiça.

Os outros meus collegas, se prezam a sua honra que me imitem.—B. P.

Ultima hora

Da guerra e dos exercitos

Diario da guerra

Depois de alguns dias relativamente calmos voltaram os telegrammas a apresentar alguma importancia nas operações realisadas no sacco de Arras a Soissons. Os alliados estão actuando com os seus ataques a leste e a sul de Amiens, para obrigarem os allemães a recuar em condições analogas á retirada para o Vesle. O inimigo, sendo retirado, ordenadamente para este vale, era natural que procurasse n'essa linha de defeza alguma resistencia. Mas é de prever que Foch faça executar alguma manobra e aproveite a posse de Soissons, para conseguir novos triumphos e obrigar os allemães a retirar para o Aisne.

Não é natural que o novo marechal de França desista de proseguir e de exercer pressão acentuada á resistencia que se lhe apresente, para assim poder tirar todo o partido das suas victorias.

E' provavel que os allemães, installados na linha do Vesle convidem os alliados a uma batalha, aproveitando a situação topographica; mas o alto commando dos alliados não fará o que convém ao inimigo, mas sim o que convém á situação militar.

Tudo leva a crer que os exercitos de Foch continuarão desenvolvendo uma acção manobradora, na qual Mangin ha de sallentar-se, como até agora.

Pela imprensa estrangeira sabe-se que o inimigo multiplica os obstaculos na linha do Vesle; mas por outro lado teem-se observado alguns simptomas, que revelam que o limite de retirada allemã não chegou.

Além d'isso os ataques que os alliados estão executando a norte e a leste de Reims, bem como a pressão exercida entre o Oise e o Aisne, a passagem do Vesle pelas tropas americanas revelam que os allemães não estão muito seguros nas suas novas posições e por isso a sua retirada para o Aisne não se deve fazer esperar por muito tempo.

A contra-offensiva dos alliados

Mais de 10.000 prisioneiros.—Os "tanks,, e a cavallaria perseguem os fugitivos

PARIS, 9. — Os jornaes publicam em «á ultima hora» a noticia de que os "tanks,, e a cavallaria dos alliados, ultrapassando as linhas avançadas, já hontem á tarde por nós attingidas, proseguem a batalha, travando violenta lucta, e que o numero dos prisioneiros é já superior a 10.000, dos quaes 2.500 feitos pelos francezes, que operam n'uma frente de 10 kilometros.—(Havas).

Os inglezes tomam 100 canhões e avançam na profundidade de 4 a 5 milhas

LONDRES, 8, ás 23 horas.— O sr. Bonar Law communicou á camara dos comuns que tinhamos ás 3 horas da tarde, n'uma frente de 20 kilometros entre Morlancourt e Montdidier, attingido todos os nossos objectivos, tomado 100 canhões e feito 7.000 prisioneiros, realisando um avanço na profundidade de 4 a 5 milhas, e attingindo mesmo n'um ponto 7 milhas.—(Havas).

Pormenores do ataque iniciado pelos alliados, os quaes traespõem o Avre

LONDRES, 8. — O correspondente da Agencia Reuter junto do exercito britannico telegraphou ás 8,12: «Os britannicos tomaram a offensiva esta manhã, ao raiar a aurora. Desencadeámos um forte ataque contra as posições inimigas desde o rio Ancre, immediatamente ao sul, até um ponto que dista cerca de 12 milhas. Tres quartos de hora mais tarde os francezes entraram na batalha, prolongando de algumas milhas a linha de ataque para o sul. O maior pezo do ataque era dirigido contra o 18.º exercito do general von Hutier, ainda que se estenda contra os exercitos inimigos collocados sob outros commandos.

Desde que os allemães attingiram a linha actual, em seguida ao grande arranco para oeste, os alliados, não lhes deixando descanso algum, embaraçaram-os de tal maneira que elles não tiveram occasião de construir o systema complicado de trabalhos de defeza como aquelles que tinhamos que affrontar na Flandres e no Somme. O facto dos britannicos terem podido proseguir tão rapidamente a marcha victoriosa e brilhante do marechal Foch, ampliando a zona das operações offensivas, prova que a iniciativa passou definitivamente para os alliados por agora pelo menos e que não é razoavel esperar outra coisa no resto da guerra.

A batalha começou com o estrondo do bombardeamento, que durou 3 minutos, depois a barragem das peças de campanha e dos morteiros de trincheira avançou lentamente, emquanto os grandes canhões concentravam os seus fogos nos locaes em que se esperava que a resistencia fosse mais porfiada. Algumas centenas de «tanks» puzeram-se em movimento no momento em que avançaram as vagas de infantaria. As primeiras noticias que chegaram á retaguarda são naturalmente incompletas e não dão muitos detalhes, mas de uma forma geral são muito satisfatorias. Na maior parte da linha de ataque o inimigo foi tomado de surpreza e a resistencia do inimigo offereceu esse caracter de falta de preparação e pressa, que raras vezes dura muito tempo perante o assalto organisado. Os nossos «tanks» transpuzeram o Avre e operam na direcção do terreno mais difficil, o vale do Luce.

Os francezes annunciam tambem um bom avanço e os prisioneiros reconhecem que a surpreza foi completa. Um auxiliar muito precioso para os alliados foi os allemães imaginarem que a nossa faculdade de offensiva tinha sido neutralisada pelos seus successos da primavera. Já fizemos grande numero de prisioneiros e tomámos metralhadoras e um certo numero de peças de artilharia. Sei que existe um relatorio, dizendo que tomámos tantos prisioneiros que não sabemos como dispôr d'elles. Foi identificada uma nova divisão: um official d'esta declarou que os allemães tinham sabido que um ataque da nossa parte era possivel, mas não faziam idéa alguma da data. A perfeição e o segredo da nossa concentração parecem ser a causa principal dos nossos successos iniciaes.—(Havas).

Grande numero de povoações tomadas

LONDRES, 8.—A Agencia Reuter sabe que entre o numero consideravel de aldeias tomadas na offensiva britannica a leste de Amiens, se conta Amiens e Moreuil, Demuin e Avancourt. As nossas forças chegaram ás alturas a leste de Cerisy, ao sul do Somme, e ás alturas de Morlancourt, ao norte do Somme. O avanço teve logar n'uma profundidade de mais de 3 kilometros e meio; a situação na frente de oeste é agora, definitivamente mais favoravel que nunca.—(Havas).

O proseguimento do ataque—184 aviões allemães abatidos em julho

PARIS, 8.— Communicado official das 23 horas:—O ataque effectuado esta manhy pelas nossas tropas a sudoeste de Amiens, em ligação com as tropas britannicas, prosegue em boas condições. Os detalhes conhecidos são dados no communicado britannico.

Aviação:—Durante o mez de julho abatemos 184 aviões inimigos, dos quaes 30 pela nossa artilharia anti-aerea: 154 aviões inimigos foram vistos cahir desamparados nas suas linhas, sendo 15 pelo tiro dos nossos canhões anti-aereos; na totalidade 338 apparelhos inimigos foram destruidos ou gravemente avariados. Os nossos aviões de bombardeamento lançaram de dia 194 toneladas de projecteis, e de noite, mais de 350, ou sejam, ao todo, mais de 550 toneladas, sobre as pontes do vale do Marne as tropas inimigas avançadas ao sul do Aisne, e as gares da região de Laon, Hirsen e Rethel.—(Havas).

Nas linhas italianas

Acções locaes, ataque inimigo repellido

ROMA, 8.—Commando supremo em 8: —Ao norte de Colo Rosso, uma patrulha conseguiu por um audaz golpe de mão pôr em fuga um posto avançado inimigo, fazendo alguns prisioneiros e apoderando-se de metralhadoras. Na noite de 7 para 8 o inimigo, depois de breve preparação da artilharia, tentou atacar as nossas posições de Comene, mas a intervenção opportuna da nossa artilharia e a prompta reacção da nossa infantaria frustraram o ataque. No vale Lagarina, no vale Arsa e no Asiago as nossas baterias destruiram columnas de camions em marcha e centros de actividade inimigos.—(Havas).

Ataque franco-americano

Os americanos ganham terreno

PARIS, 8. — Communicado americano das 21 horas:—Ao norte do Vesle os combates locaes permittiram ás nossas tropas ganhar algum terreno.—(Havas).

A tactica de Pétain—Os allemães sob a ameaça da ruptura das suas linhas

LONDRES, 9. — O correspondente da Agencia Reuter, junto do quartel general americano, telegraphando hontem de tarde diz: «O general Pétain, continuando o avanço, já lançou forças sufficientes para lá do Vesle, para ter a testa da ponte na margem direita. O inimigo está ameaçado de ver as suas linhas rotas no seu ponto mais fraco, se separarmos a extremidade noroeste do planalto das cristas fortemente sustentadas mais a leste, o que ameaça a linha da retaguarda á direita, para lá de Aisne. Os nossos esforços n'esta direcção tendem a alargar a frente de La Neuvillette, ao norte de Reims. Será interessante ver como o inimigo responderá a estas ameaças e que indicações dará ás suas tropas. E' significativo que todas as cartas encontradas aos prisioneiros falam da fraqueza das suas companhias que attribuem á diminuição da força de resistencia dos allemães, facto que, se se confirma, permitte ao general Pétain adoptar tactica mais temeraria, o que convem ás intenções dos americanos, para pôrem em execução pratica semelhante».—(Havas).

Guerra maritima

O torpedeamento do «Maceió» causa indignação no Brazil

RIO DE JANEIRO, 7, (atrazado).—A noticia do torpedeamento nas costas da Hespanha do navio brazileiro «Maceió» antigo cargueiro allemão, actualmente fazendo parte da frota do «Lloyd Brazileiro», causou indignação em todos os Estados do Brazil, por causa das primeiras noticias, que affirmavam que o submarino allemão havia canhoneado e mettido no fundo dois barcos com naufragos.

O governo espera brevemente o relatorio official sobre a maneira como foi torpedeado o navio.—(Americana).

De todo o mundo

A attitude do governo hespanhol

MADRID, 9. — O «Imparcial» escreve, occupando-se do conselho de ministros realisado hontem: — «Não julgamos entravar a acção official exprimindo a crença de que o ministro dos negocios estrangeiros fez uma longa exposição das negociações, ou reclamações, endereçadas ao gabinete de Berlim por occasião da repetição dos torpedeamentos da nossa marinha mercante, reclamações que ficaram sempre sem resposta, ou o foram sem formulario e sem expressão pratica, pois que os torpedeamentos continuaram até ao ponto desagradavel de não respeitarem os barcos necessarios para o nosso commercio e conduzindo elementos de vida necessarios ao nosso paiz. A exposição d'estes factos teria produzido forte impressão nos membros do governo, tendo por isso o conselho resolvido, ao que affirmam, manter a neutralidade com digna energia.—(Havas).

A execução da sentença

PARIS, 8. — A notificação da sentença do Alto Tribunal contra o sr. Malvy foi hoje entregue ao ministerio do interior, a quem foi enviada pelo procurador geral da Republica. Cabe agora ao ministro dar execução á sentença, nos termos do artigo 39.º do Codigo Penal.—(Havas).

POLITICA

Atoardas?...

Correm insistentes boatos de que vão produzir-se acontecimentos indicativos de mudança de orientação governativa. Mencionemol-os summariamente, a titulo meramente informativo.

Como é sabido, o sr. ministro do interior manifestou-se, em repetidos discursos parlamentares, como partidario de uma repressão «á outrance» nos casos vulgarmente designados por crimes sociaes. O parlamento transferiu ao poder executivo a faculdade de fazer leis applicaveis á hypothese. Affirma-se que brevemente apparecerá publicado um diploma, impondo penas graves, que podem ir até á deportação, aos delictuosos de taes factos.

Nos centros politicos não se occulta o alarme produzido por estes e outros boatos. Receia-se que o governo leve mais longe que o indispensavel o direito e o dever de reprimir a desordem: desarmando definitivamente os «bombistas» e os conspiradores de officio: ha quem acredite que, escudado na lei de excepção annunciada, o governo poderá deportar politicos cathegorisados. Esta ultima versão é, aliás, contrariada por muita gente, entre a qual nos contamos.

Um outro boato fala na instituição de uma dictadura militar. Seria a Republica Novissima, a que já nos referimos. Se as perseguições politicas não são criveis para nós, tambem o não pode ser o absurdo boato d'uma dictadura, alguns dias após a leitura da mensagem presidencial ao Congresso, annunciando a instituição da normalidade constitucional.

A occasião, aliás, não é propicia a aventuras politicas. O credito que a Europa nos abriu para revoluções, ou sejam de baixo para cima ou de cima para baixo, está exgottado, á nosso ver. A guerra annuncia-se favoravel aos alliados. A paz pode surgir—quem sabe?...—de um instante para o outro. Não seria preferivel pôrmos termo, voluntariamente, a manifestações de loucura que possam fazer crer ao mundo que a endemia da desordem só é curavel, em Portugal, por meios extraordinarios?...

Banco Colonial Portuguez

Publicamos na 2.ª pagina os estatutos d'este novo Banco, que em breve iniciará as suas operações n'uma vasta escala.

A organisação da nova instituição de credito é um trabalho juridico de alto valor devido ao illustre lente de direito da Universidade de Coimbra sr. dr. Lobo d'Avila Lima.

C. E. P.

Officiaes louvados

No quartel general territorial do C. E. P. foi hoje affixada a seguinte lista de louvores:

Que sejam louvados: o major da bat. de inf. 13 Gustavo de Andrade Piçarra, porque na batalha do dia 9 de abril de 1918, em Lacouture, commandando o seu batalhão, manifestou muita coragem, decisão e espirito de sacrificio, determinando, dispondo e animando a resistencia das forças junto das quaes se encontrava até que por fim empunhando uma espingarda, resistiu até ao ultimo momento tendo sido feito prisioneiro; o capitão da 4.ª companhia de inf. 13, porque na batalha de 9 de abril de 1918 onde pereceram muitas praças da sua companhia, encorajou os seus homens a fazer frente ao inimigo, luctando corpo a corpo até ser feito prisioneiro, mostrando assim coragem, valor e espirito militar; o alferes miliciano do batalhão de infantaria 12, Francisco Pinto da Veiga, porque no combate de 9 de abril de 1918, sendo commandante do S. Sn. do seu batalhão, chegado o momento em que entendeu que os serviços da sua especialidade já não podiam ser utilisados foi auxiliar o fogo de uma metralhadora, transportando cunhetes, carregando tambores e indicando ao atirador os pontos em que apparecia o inimigo, emquanto os seus ferimentos permittiram, manifestando assim grande energia, muita coragem, serenidade e sangue frio.

Arantes Pedroso

A' hora a que fechamos o nosso noticiario vae a caminho do cemiterio dos Prazeres, onde ficarão sepultados, os restos mortaes do capitão de mar e guerra sr. Arantes Pedroso, sendo grande o acompanhamento.

Creança colhida pelo comboio

Recolheu á enfermaria n.º 14 do hospital de S. José Salvador Pablo de 4 annos, que foi colhido pelo comboio no apeadeiro do Bom Successo, ficando com diversas contusões pelo corpo e pela cabeça.

As operações no Barué

Victorias das tropas portuguezas

Telegramma recebido hoje no ministerio das colonias, referente á campanha no Barué, diz que as nossas forças se bateram com mais de 300 rebeldes d'aquelle districto, encontrando-se proximo de Sauferi com um dos regulos mais importantes dos revoltados, que durante a refrega foi ferido pelos nossos, conseguindo, porém, fugir, por entre o capim. Foi-lhe, no emtanto, apprehendida toda a bagagem, espingardas, algumas d'ellas do systema Mauser, revolveres, pistolas, zagalotes, polvora e dinheiro portuguez e inglez. Foram aprisionadas varias mulheres e creanças.

N'um outro recontro os rebeldes tiveram grande numero de mortes e feridos, sendo-lhes tambem aprisionadas bastantes mulheres e creanças. Foi preso um importante soba, que estava commandando os rebeldes na Zambezia.

Viagem presidencial

O sr. presidente da Republica, acompanhado pelo seu secretario da guerra, parte ámanhã para Thomar, onde assistirá ás festas annunciadas para os proximos dias.

Desastre no trabalho

A' enfermaria n.º 4 do hospital de S. José recolheu David Fernandes, de 28 annos, caldeireiro, que na officina onde trabalha foi colhido por uma chapa de ferro n'um pé, ferindo-o bastante.

Poeira da Arcada

Conselho theatral

Foram validadas as eleições para delegados ao Conselho theatral srs. Julio Dantas, pela Escola de Arte de Representar; Coelho de Carvalho, pelas Academias de Sciencias de Lisboa e de Portugal; Augusto de Mello, professor, pelos artistas escripturados e reformados do theatro Nacional Almeida Garrett; professor Velloso Salgado pela Escola de Bellas Artes de Lisboa; actores Ferreira, Americo Alfredo Monteiro e auctor Felix Bermudes, pela Associação dos Trabalhadores de Theatros.

Sobreviventes do «Roberto Ivens»

O sr. secretario de Estado da marinha determinou que todo o pessoal da armada sobrevivente da explosão e incendio occorridos a bordo da «Roberto Ivens» passem a usar trancelim de ouro no braço esquerdo, como teem os militares do exercito feridos em campanha.

Governador d'Angola

Addiou a sua partida para Angola o novo governador geral, sr. Philomeno da Camara, seguindo porém já os novos governadores dos districtos d'aquella provincia.

Atropellado por um electrico

O sr. Carlos Pereira Vidinhas, commandante do vapor «Funchal», foi hoje, ao passar pela rua de S. Paulo, atropellado por um carro electrico, ficando com a perna direita fracturada.

O guarda-freio José Maria dos Reis foi preso, afim de se apurar se tem responsabilidade no caso.

CAMBIOS

Lisboa, 9 de agosto de 1918.

	Compra	Venda
Cheque sobre Londres	30 1/2	30 1/4
90 d/v.	31	
Cheque sobre Paris	286	293
» Hollanda	850	870
» Italia	195	205
» New York	1650	1680
» Madrid	430	440
Rio sobre Londres	12 5/16	
Libras ouro	10$80	11$00
Agio do ouro	140 0/0	145 0/0

„LATINA„
(Em organisação)

Companhia de Seguros Luso-fluminense — **CAPITAL: 2.000:000$00**
Séde provisoria em Lisboa: Travessa do Alecrim, 3, 1.º — Delegação no Porto: Praça Guilherme Gomes Fernandes 41
Agencias em todo o paiz: Africa, Brasil, Hespanha, França, Italia, Inglaterra, Scandinavia e em todos os paizes
Riscos de **fogo, transportes, gréves, tumultos, agricolas, guerra, vida, etc.**
A subscripção das acções (20$00 por acção) é feita na séde provisoria, Travessa do Alecrim, 3, 1.º

Secretaria do Estado da Marinha
Direcção Geral da Marinha
1.ª Repartição

Em consequencia de findar em 8 de setembro proximo a concessão da exploração das aguas sulfureas do Arsenal da Marinha, utilisadas nos banhos de S. Paulo, está aberto concurso por espaço de 30 dias, a contar de 9 (nove) do corrente mez para nova concessão, nas condições do edital publicado no supplemento ao «Diario do Governo» n.º 184, 2.ª serie, de hoje, e que tambem estão patentes na 1.ª repartição da Direcção Geral da Marinha.

O Estado concede, além de outras, a usufruição durante 80 annos das aguas sulfureas do Arsenal da Marinha, do terreno dentro do Arsenal para assentar machinas, bombas e outros apparelhos para a elevação das aguas, e das machinas, tubos e outros apparelhos que estejam assentes no local do Arsenal, onde actualmente se faz a elevação das aguas, sendo a renda annual de 1.200 escudos.

As propostas serão abertas no dia 9 de setembro proximo pelas 13 horas.

1.ª Repartição da Direcção Geral da Marinha, 8 de agosto de 1918.

O chefe da Repartição
Manuel Norton
Capitão de fragata

(Ex-gerente da Alfaiataria Americana)

Participa a todos os seus amigos e clientes que se estabeleceu com alfaiataria e camisaria na rua de S. Nicolau, 106 e 108, onde espera continuar a merecer as suas estimaveis ordens.

Alfaiataria Paris
DE
Leal, Lim.da
106, R. de S. Nicolau, 108

Completo sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras, o que ha de mais chic.
Secção de camisaria, gravataria e novidades para homem.

Artigos Militares

CAPITALISTAS
Vende-se um predio todo destinado a commercio e industria, de recente e solida construcção, o qual dá o rendimento liquido de 6 a 6 1/2 0/0. Trata-se na rua Augusta, 213, 1.º

EXTREMOZ
A CAPITAL vende-se no estabelecimento do sr. J. de Mattos Mexias, em Extremoz.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes
Sociedade Anonyma—Estatutos de 30 de Novembro de 1894.

Aviso ao publico
De harmonia com as instrucções recebidas das instancias officiaes competentes faz-se publico que, até aviso em contrario, o transporte das mercadorias abaixo indicadas, qualquer que seja o seu pezo, está sujeito ás seguintes restricções:

Assucar, arroz, batata, cereaes panificaveis (trigo, milho e centeio) e suas farinhas, feijão, mel e nitrato de sodio. Só se acceitam a transporte remessas d'estes generos quando sejam acompanhadas de guia de transito da secretaria de Estado das Subsistencias e Transportes.

Pelo que respeita a remessas de feijão ter-se-ha em vista que estas ficam sujeitas ainda ás seguintes restricções:

Para a circulação entre concelhos que não sejam o de Lisboa, as guias de transito serão requisitadas á secretaria de Estado das Subsistencias e Transportes pelas Camaras Municipaes de origem e as respectivas remessas só pódem ser consignadas á Camara Municipal do concelho de destino indicado na guia de transito.

Para as remessas do feijão destinadas á cidade de Lisboa, as guias de transito serão requisitadas pelos expedidores á mesma secretaria do Estado e as remessas podem ser consignadas e entregues a qualquer individuo ou firma designada pelo expedidor na respectiva nota de expedição.

Azeite—Para o transporte d'este genero é indispensavel a apresentação de guia de transito excepto quando as remessas sejam despachadas directamente para Lisboa (Rocio, Caes dos Soldados, Caes do Sodré, Alcantara-Mar e Alcantara-Terra). As remessas d'este genero que estejam nas estações mais de 48 horas sem que pelo expedidor sejam concluidas as formalidades para a expedição ou sem serem retiradas pelo consignatario, serão consideradas apprehendidas e postas á disposição da secretaria de Estado das Subsistencias e Transportes.

Gazolina e petroleo—Não se acceitam expedições d'estas mercadorias nas estações que servem Lisboa, sem virem acompanhadas de guia de transito passada pela secretaria do Estado das Subsistencias e Transportes.

Gado para concelhos fronteiriços—Não são aceitas remessas de gado de qualquer das especies comestiveis para as estações abaixo indicadas sem a apresentação de uma guia de transito passada pelo administrador do concelho de onde o gado procede, a qual acompanhará as remessas até destino.

As estações situadas em concelhos fronteiriços são:

Nas linhas da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes—Castello Branco, Alcains, Lardosa, Santa Eulalia, Elvas, Marvão, Portalegre e Castello de Vide.

Nas linhas do Minho e Douro—Ancora, Moledo do Minho (ap.), Caminha, Seixas, Lanhelas, Gondarem, Cerveira, S. Pedro da Torre, Valença, Ganfei (ap.), Verdoejo, Friestas, Lapela, Monção, Sabroso, Vidago e Barca d'Alva.

Nas linhas do Sul e Sueste—Villa Viçosa, Serpa-Brinches, Pias, Machados (ap.) Moura, Cacela, Monte Gordo, Castro Marim e Villa Real de Santo Antonio.

Nas linhas da Beira Alta—Cerdeira, Freineda e Villar Formoso.

Na linha de Bragança—Sendas, Salsas, Rossas, Sortes, Rebordãos (ap.), Mosca e Bragança.

Faz-se egualmente publico que as remessas despachadas á vista de guia da Secretaria de Estado das Subsistencias e Transportes não podem mudar de destino nem ser reexpedidas sem apresentação, em qualquer dos casos, de nova guia da Secretaria de Estado das Subsistencias e Transportes.

Como consequencia d'estas disposições, nas notas da expedição de remessas acompanhadas das referidas guias de transito devem os expedidores fazer a seguinte declaração: «Renuncio ao disposto no artigo 38) do Codigo Commercial.

NOTA—Para as remessas a expedir pela Manutenção Militar com destino a unidades e estabelecimentos militares é dispensada apresentação de guias de transito sempre que as respectivas notas de expedição venham autenticadas com o sello branco da Manutenção Militar.

Pelo presente ficam anulados os avisos ao publico B. 2882 de 30 de janeiro, B. 2896 de 2 de março, B. 2897 de 6 de março, B. 2921 de 30 de abril, B. 2920 de 14 de maio e B. 2941 de 4 de julho de 1918.

Lisboa, 8 de julho de 1918.

O director geral da Companhia.
Ferreira de Mesquita.

Garrafões
EMPALHADOS, vendem-se em grandes e pequenas quantidades. Acceitam-se encommendas. T. de S. Domingos, 26.

Aos bancos e casas bancarias
Declaração
TENDO apparecido na praça de Lisboa já por varias vezes differentes lettras, de meu aceite, mas de manifesta falsificação, previnem-se todos os interessados que não devem descontar taes lettras sem que sejam do meu conhecimento.

Lisboa, 7 de agosto de 1918.

João B. Carneiro

Agua da Foz da Certã
A Agua minero-medicinal da Foz da Certã apresenta uma composição chimica que a distingue de todas as outras até hoje usadas na therapeutica.

E' empregada com segura vantagem nas Diabetes—Dyspepsia—Catarrhos gastricos putrido ou parasitarios;—nas perversões digestivas derivadas das doenças infecciosas;—na convalescença das febres graves;—nas atonias gastricas dos diabeticos, tuberculosos, brighticos, etc;—no Gastricismo dos exgotados pelos excessos ou privações, etc., etc.

Mostra a analise bacteriologica que a Agua Foz da Certã, tal como se encontra nas garrafas, deve ser considerada como *microbicamente pura*, não contendo *colibacillo*, nem nenhuma das especies pathogeneas que podem existir em aguas. Além d'isso, goza de uma certa acção microbicida. O *B. Tiphico, Diphterico, e Vibrio cholerico* em pouco tempo n'ella perdem toda a sua vitalidade, outros microbios apresentam porém, resistencia maior.

A Agua da Foz da Certã não tem gazes livres, é limpida, de sabor levemente acido, muito agradavel quer bebida pura quer misturada com vinho.

DEPOSITO GERAL
Rua dos Fanqueiros, 84, 1.º

Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes
Sociedade anonyma
Estatutos de 30 de novembro de 1894

Despacho central de Barco d'Avila
Segundo participação da Companhia dos Caminhos de Ferro de Madrid a Caceres e a Portugal e do Oeste de Hespanha é supprimido, a partir do dia 1 de setembro de 1918, o Despacho Central de Barco d'Avila, em correspondencia com a estação de Bejar, na linha do Oeste de Hespanha, a que se refere o aviso ao publico B. n.º 2146 de 13 de janeiro de 1915.

Lisboa, 6 de julho de 1918.

O director geral da Companhia.
Ferreira de Mesquita.

Lei do Inquilinato
Decretada em 27 de junho de 1918, seguida do
Imposto do sello
decretos de 6 e 25 de abril de 1918.
PREÇO 100 réis

Catalogos de Livros d'Occasião
Estão publicados os n.os 1, 2 e 3 de livros raros e curiosos; romances, sciencia, instrucção, artes e officios, litteratura, etc., etc.

Catalogo Theatral
Proprio para amadores dramaticos. Peças theatraes em todo o genero. Distribuem-se gratuitamente a quem os requisitar na

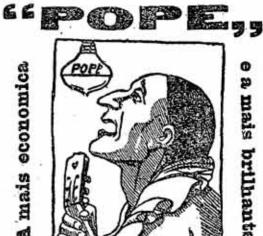
Livraria Portugueza
—DE—
João Carneiro & C.ta
58 — Travessa de S. Domingos — 60
—LISBOA—

Motores electricos
Corrente trifasica, 190 voltios
Corrente continua, 110, 220 e 440 voltios

DYNAMOS
Corrente continua, 110 e 220 voltios

O maior deposito do paiz dos mais afamados fabricantes italianos e suissos

Lampadas electricas
„POPE„
A mais economica — e a mais brilhante

Depositarios geraes

JOHN M. SUMNER & C.A
SUCCESSOR
JOSÉ J. TEIXEIRA
29, Avenida da Liberdade, 37
— LISBOA —

Escola Berlitz
Rua do Alecrim, 20-A, 1.º

Ensino rapido e pratico do Francez e Inglez em cursos ou lições particulares a preços reduzidos

Curso de inglez commercial

Encarrega-se de traducções

Champagne de Lamego
(CAVES DA RAPOZEIRA)
Reservas de finissimas qualidades

A' venda em todas as confeitarias e mercearias.

Depositario em Lisboa:
ARTHUR BENARUS
Telephone, 16—Central
Poço do Borratem, 4, 2.º

Como se curam certas doenças
E' a impureza do sangue a causa principal que origina e faz estacionar a doença. Combater a causa é o tratamento mais racional e proveitoso que o doente pode fazer. A syphilis, o rheumatismo, escrophulas, tumor e eczemas seccos e humidos, as doenças do uthero e ovario, muitas doenças dos olhos, etc., curam-se sómente pela expulsão de toxinas contidas no sangue. E' o depurativo Dias Amado (Antonio) não confundir, o unico preparado que ha perto de vinte e cinco annos tem feito milhares e milhares de curas d'este genero de doenças. O verdadeiro depurativo e unico que está registado é o do Antonio Dias Amado.

Deposito geral—Farmacia Luzo Brazileira, praça de S. Paulo, 20 e 22.—Telef. 1667.

AGENCIA FUNERARIA
Francisco dos Santos Rodrigues
Rua das Pedras Negras, 7 a 13 e 15, 1.º
Telephone 1044-C—Teleg. Funeraria, Lisboa

Esta casa impõe-se, porque sendo uma das mais antigas, é a que dos mais ricos funeraes se tem incumbido. Exposição permanente de corôas nacionaes e estrangeiras.—Coches antigos, berlindas, carros e sêges. Transladações no paiz e estrangeiro.

MUITA ATENÇÃO—Recomendamos a quem tenha de recorrer a estas casas que sejam escrupulosos na escolha das urnas, porque casas ha, que as vendem como de mogno quando o não são. As d'esta casa são absolutamente garantidas.

Tabacaria Malafaia
Tabacos nacionaes e estrangeiros
R. da Boa Recordação, 43 e 45
Figueira da Foz

„A Capital„
Vende-se no estabelecimento do sr. J. de Mattos Mexias em Extremoz.

Sociedade anonima—Responsabilidade Limitada
CAPITAL: E. 600:000$00
SEDE—RUA DO COMMERCIO, 93, 1.º
ENDEREÇO TELEGRAPHICO: Probidade,—Lisboa
NUMERO TELEPHONICO: 1995
USA-SE O COD. TELEG.: RIBEIRO

Fundos de reserva Esc. 110:000$000
Importancia paga por prejuizos até 31 de dezembro de 1916:
Esc. 814:994$47

Effectua seguros terrestres, contra fogo casual ou precedido de raio, sobre predios, estabelecimentos e mobilias, e maritimos contra avaria grossa e particular e

Contra Riscos de Guerra

Agencias em todas as cidades e nas principaes villas e povoações do continente, ilhas e ultramar.

„GLOBO„ Companhia de Seguros
Telephone 2966
Capital 1:000:000$00 Esc.
Effectua seguros contra todos os riscos.
SÉDE, R. Nova do Amparo, 17
ESCRIPTORIO AGENCIAL, Rua dos Retrozeiros, 68
Succursaes Porto e Faro.—Delegações e Agencias em todo o paiz e estrangeiro.

ADUELA BOBET
Venda judicial em hasta publica de numerosos lotes de aduela d'esta marca acreditadissima

Nos dias 14 e seguintes do corrente mez de agosto, pelas 13 horas

Local da venda—Armazem n.º 4
Avenida da India, em Alcantara—Lisboa

Por ordem do Tribunal do Commercio d'esta cidade (2.ª vara, cartorio do 2.º officio), deve effectuar-se, começando na data indicada, a venda judicial em hasta publica de grande parte de um importante carregamento de aduela da referida marca, abrangendo diversos lotes das melhores qualidades, taes como aduelas de 60"—1 pinta encarnada, e aduelas de 60"—2 pintas encarnadas.

A licitação terá por base os preços da avaliação official, constante do processo por onde foi ordenada a venda judicial, preços que são inferiores aos correntes no mercado.

Lisboa, 6 de agosto de 1918.

O solicitador
João Moniz Pereira.

Adamastor
Companhia de Seguros luso sul-americana

Capital:—Dois milhões de escudos
Capital realisado: Quatrocentos contos
Effectua seguros terrestres, maritimos e de guerra
Séde provisoria:
Rua Ivens, 15-A—Teleph. 3022
Delegação no Porto:
Rua Infante D. Henrique, 31, 1.º—Teleph. 940.

Resultados absolutamente seguros
Frasco 300 réis
A' venda em toda a parte e no Deposito—Exclusivo da Drogaria e Laboratorio Pharmaceutico—Rua Jardim do Regedor, 19, 21.

«O Jornal do Soldado»
3116 consultas respondidas até 7 de Junho de 1918

Entendeu **A Capital** que devia acompanhar de perto a partida dos primeiros contingentes portuguezes para os campos de batalha da Europa, fazendo não só uma reportagem completa junto do bravo Corpo Expedicionario Portuguez, mas abrindo uma secção especial intitulada

«O Jornal do Soldado»
em que se trate tudo quanto aos nossos soldados interesse.

E não só a esses, mas ainda a todos os que precisem de consultar sobre a situação em que se encontram perante as leis militares.

Como dissemos, começou **O Jornal do Soldado** a publicar no dia 1 de fevereiro, sendo immediatamente satisfeitas todas as requisições, acompanhada da respectiva importancia, que sejam dirigidas á administração **A Capital**, rua do Norte, 5, 1.º

Onde se veste actualmente melhor?

Onde se encontram os fatos já feitos e elegantes?

E os chics coletes de fantasia?

Só na acreditada casa

A. LEMOS L.da
113, Rua Augusta, 115
Telephone 942-C.
LISBOA

Calçado Fabrico Manual
Já abriu a casa

Freitas
Avenida Almirante Reis, 6-C, 6-D

Calçado para senhora		Calçado para homem	
Sapatos cordovão	4$900		
» » 1.ª	2$900	Boas botas vitella branca para campo	5$500
» pelica	4$500	Botas calf preto	6$500
» calf	5$500	» » 1.ª	7$500
Botas pelica	7$500	» » extra	9$500
» calf	7$500	» » com duas solas	10$500
Sapatos verniz	7$000		
» » Luiz XV	8$500		

Saldo de 1.000 pares de botas de polimento com cano de fazenda preta para homem a . . . 6$750

Enviam-se encommendas para a provincia contra reembolso. Troca-se qualquer encommenda quando não vá nas condições pedidas.

Ver mais preços no nosso catalogo, que enviamos a quem o pedir

Barato! Barato! Só na Avenida Almirante Reis, 6-C, 6-D

Ao Intendente; no edificio da fabrica Lamego

GAZOLINA
O que verdadeiramente resolve o problema da falta de GAZOLINA é o GAZEIFICADOR BURNAY mediante o qual se transforma o alcool em vapor bem como a agua n'elle contida do que resulta energia e consumo equiparaveis aos da gazolina.

O alcool não gazeificado é indubitavelmente nocivo aos motores e tambem impraticavel por motivo do seu enorme consumo em taes termos.

Para mais explicações AMERICA HALL—RUA DA ESCOLA POLITECNICA, 37-A e 37-B onde se encontram sempre automoveis em via de montagem do

GAZEIFICADOR BURNAY

NOVA COMPANHIA NACIONAL DE MOAGEM
Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Fabricas a vapor de moagem de trigo, descasque de arroz, massas alimenticias, bolachas e biscoitos em Lisboa, Sacavem, Xabregas e Coimbra.

Depositos em Lisboa
Rua da Prata, 210 e 212—Telephone, Central, 558, Rua da Palma, 276—Telephone, Central 2402, Rua Direita de Belem—Telephone, Belem, 3106.
Depositos em Aldegallega, Cintra e Porto.

Escriptorio: 52, Rua do Jardim do Tabaco, 82—Lisboa
TELEGRAPHO:—FARINHAS

Farinhas em rama—Farinhas especiaes para exportação (em barricas, meias barricas, caixas, sacas ou latas)—Farinhas das marcas 1.ª e 2.ª—Sêmeas superfina, fina e grossa—Alimpadura—Arroz—Casca de arroz—Massas alimenticias especiaes para exportação (em caixas e meias caixas)—Massas alimenticias de luxo e de 1.ª qualidade—Bolachas e Biscoitos—Bolachas capitão e de embarque de 1.ª, 2.ª e 3.ª qualidade (em barricas, meias barricas, caixas ou latas)—Cereaes e legumes.

Preços e descontos sem competencia

TELEPHONES:—Escriptorio: Administração, 4224; Expediente, 4223 e 28; Secção de Padaria 2.028; Sacavem e Xabregas (Fabricas), 4222 e 4223) fabricas: 24 de Julho (Moagem) 81, Central; 24 de Julho (Bolacha e Massas), 2080 Central; Rua do Barão (Massas), 388 Central; Santo Amaro (Moagem) 2008 Central; Sacavem (Moagem), 3 Sacavem.

Codigos:—A. B. C. 6.ª edição, Ribeiro e Criptographico

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2363 — 9.º Anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacções Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sabbado, 10 de Agosto de 1918

Telephone n.º 2298 — End. telegr. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço 2 centavos

A GUERRA

Diario da guerra

Vae-se confirmando dia a dia o que temos escripto acerca das previsões que já podem ser formuladas, desde que se estabeleceu a unidade de commando dos alliados.

Na batalha do Marne não venceu a força bruta, esmagadora da massa, mas sim o talento militar de Foch e as leis immutaveis da guerra.

Os alliados, debaixo da direcção de Foch actuam mais pela manobra do que pelo choque.

O novo marechal de França concebeu o plano de fazer desapparecer os dois saccos do Marne e de Montdidier.

Para conseguir a retirada dos allemães para o Vesle ameaçou-lhes a ala direita e collocou-os n'uma situação estrategia arriscada. D'aqui resultou que a retirada allemão no Marne foi um movimento previdente, do que resultou ser poupado o material dos germanicos e o pessoal largamente experimentado nas grandes batalhas.

Os allemães executaram a retirada do Marne, para o Vesle, com uma pericia que não nos deve surprehender; mas é certo que perderam a sua iniciativa. Começaram a ver que as columnas dos alliados se apresentavam em situações que obrigam á evacuação de pontos importantes. Assim, Soissons é uma prova. Esta posição era utilissima para os allemães e a sua perda não pode ser considerada como um abandono voluntario, desde que a linha do Vesle era a escolhida para resistencia. A posse de Soissons evitava o possivel envolvimento pela direita da linha. Foch viu esta situação com intelligencia e opportunidade e incumbiu o general Mangin de actuar com toda a energia, na ameaça da ala direita allemã.

E assim vemos agora ir revivendo as grandes operações cujo caracter estrategico não passavam dos livros de arte militar como exemplos de estudo.

Como se explica o ataque pelo lado de Amiens? Faz parte do plano de Foch. Logo que se fez desapparecer o sacco do Marne, os allemães transportaram as suas reservas para a defeza do Vesle e naturalmente enfraqueceram a linha de batalha no sector comprehendido entre Albert e Montdidier. Mas Foch, que já teria premeditado um ataque do flanco pelo rio Avre, em condições analogas ás que fez por Chateau Thierry, para desmanchar o sacco de Montdidier, logo que soube que os allemães se tinham enfraquecido no Avre, deu ordem ás tropas anglo-francezas para executarem um ataque a fundo. O exito foi lindo e, sobretudo pelo effeito da surpreza. Não se cahiram em poder dos alliados as povoações ao longo do Avre, mas ainda se produziu uma forte depressão moral no inimigo que trata de retirar a tempo como o fez no Marne.

*

A contra-offensiva alliada

Novas povoações tomadas pelos francezes—E' apprehendido numeroso material de guerra

PARIS, 9.—Communicação official de hoje ás 23 horas:—Proseguindo no seu avanço á direita do 4.º exercito britannico, as nossas tropas alcançaram hoje novos successos. Depois de termos quebrado a resistencia do inimigo, tomámos as aldeias de Pierrepont, Contoire e Hangest-en-Santerre. Para além da via ferrea, a leste de Hangest, alcançámos Arvillers, que está em nosso poder. A nossa progressão n'esta direcção, attinge desde hontem pela manhã, 14 kilometros em profundidade.

Além de um material consideravel, que ainda não poude ser descriminado fizemos só á nossa parte, 4.000 prisioneiros. As nossas perdas, como as dos nossos alliados britannicos, são particularmente ligeiras. No Vesle as tropas americanas apoderaram-se de Fismette, onde fizeram uma centena de prisioneiros. —(Havas).

*

Nas linhas italianas

Dois ataques repellidos, bombardeamentos pelos aviadores

ROMA, 9.—Commando supremo:—Hontem de manhã cedo, no planalto de Asiago, os destacamentos inimigos atacaram por duas vezes o desfiladeiro de Rosso e o seu saliente. Ambos os ataques foram repellidos pelo nosso fogo. Em varios pontos da frente da batalha infligimos perdas ao inimigo com as certeiras concentrações dos fogos da nossa artilharia e com as acções das nossas patrulhas. Os aviões do exercito e da marinha real bombardearam os objectivos militares em Pola, na planicie de Veneza e nas visinhanças de Trento. N'um combate aereo foram abatidos 2 apparelhos inimigos.—(Havas).

*

A campanha aerea

A cooperação dos aviadores francezes na batalha a sueste de Amiens

PARIS, 9.—A aviação franceza foi mais uma vez um auxiliar precioso da batalha travada a sudeste de Amiens. Não obstante a espessa bruma e as nuvens baixas, que augmentavam as difficuldades da tarefa, as nossas esquadrilhas multiplicaram os reconhecimentos por cima das linhas inimigas, intervindo muitas vezes na lucta, metralhando as tropas em terra. Durante os combates aereos foram abatidos 4 aviões inimigos e 4 balões captivos. Por fim os nossos apparelhos de bombardeamento de noite lançaram perto de 10 toneladas de projecteis nas vias ferreas e nas gares da região de Chaulnes, Nesles, Ham e Roye, notando-se incendios e explosões principalmente em Roye e em Nesles.—(Havas).

*

A guerra no Oriente

Actividade de artilharia

PARIS 9—Exercito do Oriente.—Actividade da artilharia no Struma, no Vardar, na região de Vetrenik e a leste do Cerna. Na região do Monastir, um destacamento inimigo, que tentava abordar as nossas linhas, foi repellido com perdas. Na Albania, depois do cheque soffrido, os austriacos não renovaram os seus ataques.—(Havas).

*

De todo o mundo

Ardis da marinha britannica contra os submarinos

LONDRES, 7.—O correspondente naval do «The Times» publicou hontem interessantes revelações sobre o trabalho desenvolvido por mysteriosos navios britannicos, que desempenham importante papel na lucta contra os submarinos inimigos.

O publico só esta semana teve conhecimento da existencia d'esses barcos, dos quaes varios officiaes, muitos se distinguiram, especialmente o capitão Gordon, e foram condecorados pelos seus excellentes feitos.

O correspondente alludido diz que a primeira menção dos barcos mysteriosos se fez, no caso do «Baralong», que a 19 de agosto de 1915 afundou o submarino allemão que tinha atacado o «Arabic».

Os capitães inglezes deram provas do maior engenho para elaborar os planos que tinham por fim estender as redes aos submarinos, citando-se, entre outros, o caso de um almirante em funcções de capitão, que collocou uns pedregulhos a bordo do seu navio, e ao receber ordem para render-se, sahiu das pedras uma bateria fortemente armada e guarnecida, que poz em fuga o submarino.

Outra vez, um barco de cabotagem, que atravessava o mar do Norte, foi detido por um submarino e collocaram bombas no convez: o capitão, por uma habil manobra, acercou-se do submersivel, e ao tel-o ao seu alcance, descobriu o seu armamento e fez fogo, afundando o barco inimigo.

Cita-se, por ultimo, um curiosissimo caso da actuação dos navios mysteriosos: um barco foi detido, dando-se ordem de lançar as baleeiras ao mar. Uma mulher appareceu junto da amurada, com uma creança ao colo, começando a correr afflicta pela coberta. Acercou-se o submarino e a mulher, como se tivesse enlouquecido subitamente, arrojou a creança sobre o submarino, onde ao cahir, no meio do convez, fez explosão, destruindo-o. A creança, uma boneca, encerrava uma bomba de formidavel força.

Essa mulher foi condecorada com a Cruz de Victoria.

No tribunal de arbitros-avindores

No tribunal de arbitros-avindores ficou hontem addiado um julgamento interessante. Trata-se de 19 empregados da Companhia Carris de Ferro de Lisboa, que por se tornarem solidarios com os ferro-viarios das linhas do Sul e Sueste, por occasião da ultima gréve a direcção d'aquella companhia despediu. Pretendem os seus ex-empregados que ella os indemnise com 12 dias de vencimento a que se julgam com direito, correspondentes a egual periodo de licença a que annualmente todos os empregados da Companhia é concedida, argumentando a direcção que essa reclamação não deve ser attendida, por varios motivos. Em primeiro logar a licença deve ser, segundo os regulamentos, requerida no fim do anno anterior aquelle em que deve ser gosada, e effectuada em janeiro. Além d'isso, os reclamantes foram despedidos por faltarem aos seus deveres, e ainda porque, tambem de conformidade com os regulamentos, não pediram para lhes serem levadas á conta de licença certas faltas menores commettidas durante o anno findo.

A companhia fez-se representar pelo seu advogado sr. dr. Esmeraldo, que sabedor—como se ignora uma lei que é do reinado de D. Luiz I.º—de que perante os tribunaes de arbitros-avindores não são admittidos advogados, a representar companhias, mas unicamente um director ou um chefe superior das mesmas, sahiu da sala.

A sessão foi addiada, conforme a lei preceitua, para de hontem a oito dias, mas não se effectuará, por nos acharmos dentro do periodo de ferias que vae até outubro.

A Juncção do Bem

A inauguração do seu sanatorio

A «Juncção do Bem», a prestante instituição de beneficencia da freguezia de S. Nicolau, vae ver finalmente coroados de exito os esforços que de ha muito as suas incançaveis direcções vinham empregando para a realisação do fim que se haviam proposto: a creação d'um sanatorio proprio, onde as creanças protegidas pela Juncção encontrassem na epocha estival o necessario repouso e conforto, de que tanto carecem, assim como os banhos de mar, que lhes retempera o organismo depauperado pela permanencia na cidade.

Inaugura-se amanhã ás 14 horas, em Oeiras, o sanatorio da Juncção do Bem. Para essa inauguração, que marcará mais uma «étape» no caminho da benefica instituição, são convidados a assistir a imprensa e todos os consocios da Juncção, assim como o publico em geral.

Pelas 8 horas, segue para ali o primeiro grupo de 30 creanças, que ficarão no Sanatorio até ao dia 15 de setembro.

PELOS THEATROS

Uma "estrella" que desponta

Entrevista com a sr.ª D. Maria Abranches, que vae dedicar-se a operetta

Desejando proseguir a tarefa de pôr o publico ao corrente do que vão fazer ás differentes emprezas theatraes na proxima epocha de inverno, tarefa ha dias encetada com a informação relativa á companhia Maria Mattos-Mendonça de Carvalho, dirigimo-nos esta tarde a casa de Armando Vasconcellos, que fica paredes-meias com o theatro Avenida, para entreter-nos com o apreciado e sympathico actor-emprezario uma conversação sobre o assumpto.

—Ainda é cedo, bem contra minha vontade—nos disse Armando Vasconcellos—para poder determinar com precisão o que será a minha vida de emprezario e de artista durante a epocha que está a bater-nos á porta. O repertorio não está ainda fixado definitivamente, assim como o elenco da companhia, que soffre algumas modificações...

—Importantes?

—Bastante, a meu vêr.

—Levante lá uma pontinha do veu... Sômos mais curiosos do que a mais curiosa mulher.

—Tambem pode ser, concluiu, ao fim de alguns segundos, como quem pensou e resolveu uma coisa sobre a qual tinha duvidas se deveria fazel-a ou não. Vou dar-lhe para que o annuncie aos amadores de theatro que leem «A Capital» uma noticia interessante com certeza a mais interessante de quantos poderia fornecer-lhe a respeito da minha companhia.

—Vamos á noticia.

—Ella ahi vae. Lembra-se de lhe haver dito, ha quatro ou cinco mezes, que procurava escripturar um elemento de primeira ordem...

—Uma senhora sua parente...

—Tal qual... Pois fechei contracto com ella... Fica contente se lhe arranjar uma entrevista com essa senhora?

—Radiante; tanto mais que recebendo a honra de ser-lhe apresentado, ha mais d'um anno, em Madrid, tive occasião de apreciar a sua primorosa cultura de espirito, verificar que possue uma deliciosa voz de soprano absoluto, sabe cantar, é formosa e veste elegantissimamente.

Emquanto diziamos estas palavras, Armando Vasconcellos, fallava com a nova artista para o Avenida Hotel, onde se acha hospedada, e obtinha d'ella a promessa de que dentro de uma hora nos receberia.

Decorrido esse periodo de tempo alli nos dirigimos, fallando de varios assumptos artisticos, em geral e entrando na questão principal que nos levou ao hotel.

—Desde creança, desde os 13 annos—principiou por dizer-nos a sr.ª D. Maria Abranches—é este o seu nome de artista... que representei em minha casa varias comedias, ensaiadas por Manoel Nobre e pelos irmãos João e José Mendes...

—O primeiro foi discipulo do Conservatorio e o segundo é professor official...

—Justamente. Guardo recordações inapagaveis d'esses espectaculos de familia e muito especialmente de um que se effectuou no Club do Calvario, com a opera do maestro Filippe Duarte, «A Lancha Favorita».

E ao recordar esse tempo que não vae muito distante ainda, mas que lhe traz gratas recordações, a sr.ª D. Maria Abranches, commovida, continuou:

—A vocação foi-se radicando de anno para anno, chegando a assumir as proporções de uma verdadeira paixão, que me tirava o somno, o apetite e a alegria. Sempre com a esperança de vir a pisar o tablado—ser cantora lyrica era o meu desejo mais arreigado—aprendi canto com a professora Mme. Eugenia Mantelli e estudei com esta, além dos segredos de bem aproveitar a voz, algumas operas.

—E cantou, se não estou em erro...

—Em varios concertos organisados pela notavel professora, e em publico, no Colyseu dos Recreios, fazendo a parte de «Santuzza», na «Cavalleria rusticana», com os artistas italianos Mario Zuffa, barytono e Mariscoti, tenor...

—E como se resolveu a enlear para o theatro de operetta?

—A instancias do Armando, que, como sabe, é meu parente... Sinto-me bem com elle, porque me sinto com pessoa de familia... Elle accedeu no meu espirito mais ainda, se é possivel, a paixão pela arte scenica... Creio que sou bem um caso de atavismo. Ora oiça: em minha casa, todos mais ou menos teem representado; meu tio foi auctor dramatico e ensaiador de grande valor.

—Aristides Abranches, se chamava, conheci-o muito.

—Meu bisavô, cujo appellido era... lá ia eu trahir a familia a que pertenço, que ao saber da minha deliberação cortou relações commigo... Como ia dizendo, meu bisavô foi emprezario do theatro de S. Carlos e professor de canto da rainha D. Maria II...

—Esses preconceitos vão hoje sendo postos de parte... Uma artista, em meios menos acanhados do que o nosso, é uma senhora como qualquer outra... Em Madrid, em Paris em todas as capitaes ninguem se preoccupa com semelhantes ninharias.

—Passarei sem essas relações que, confesso, aprecio e me dão saudades... E depois, quem sabe? O mundo dá tanta volta...

—Em que peça faz a sua estreia?

—Na «Reginetta d'elle Rose», opera de Forzano, musicada por Leoncavallo. Peça e partitura são bonitas...

—E aqui tem tudo quanto, creio, deve interessal-o e aos que o leem. Devo concluir que acho enormes os dias que ainda faltam para fazer a minha apparição. Desde menina que sonho com o theatro... Serei eu feliz? Parece-lhe que ficarei bem em scena? Lembra-se da minha voz?

—Terá um justificado exito; a sua voz, quer declamando, quer cantando, é agradabilissima... Veste como uma duqueza, que saiba vestir bem e possue sobre todos estes predicados mais o de «querer...» quem quer, pode... muito especialmente quando conta com requisitos naturaes, cultivados com paixão, com talento e com estudo...

Na linha de Cascaes

Os jornaes prejudicados com o novo horario

Da estação do Caes do Sodré partia um comboio ás 19,30, de modo que era elle aproveitado pelos jornaes da noite, que assim conseguiam ser lidos pelas numerosas pessoas que transitam na linha de Cascaes e pelas que actualmente se encontram veraneando nas differentes praias e estancias thermaes servidas por essa linha.

Succede que o horario foi agora alterado, passando o comboio a sahir ás 19,10 e só se realisando outro ás 21,25. Quer dizer: do primeiro não podem aproveitar-se os jornaes, a não ser os que sejam exclusivamente da tarde; para se aproveitarem do segundo, a hora é já impropria.

Agora, que a linha de Cascaes passou ou vae passar para uma nova empreza, estamos convencidos de que esta attenderá a nossa justa reclamação. Com um bocadinho de boa vontade tudo se póde conciliar: os interesses dos passageiros e o da imprensa, que bem digna é de auxilio n'um momento em que lucta com difficuldades de toda a especie.

Instituto Militar d'Arroyos

Uma commissão de senhoras da Cruzada das Mulheres Portuguezas, de Setubal, procurou ha dias o director d'este Instituto, o sr. dr. Tovar de Lemos, a quem a thesoureira d'essa commissão, sr.ª D. Julieta Libano Pereira, fez entrega, para os mutilados, da quantia de 68$62, importancia da «quête» feita por occasião das exequias pelos nossos marinheiros e soldados mortos na guerra.

Tambem ha dias esse Instituto recebeu a quantia de 1:000$00 escudos da Grande Commissão de Fundos de Guerra, da cidade da Beira (Africa Oriental), a qual foi entregue pelo sr. Luiz Duarte Ferreira.

N'este Instituto estão já funccionando as officinas de carpinteria, serralheria, sapataria, orthopedia, cursos commercial, instrucção primaria e ensino agricolas para reeducação dos mutilados da guerra.

Apprehensões de pão e azeite

Na padaria da travessa de Agua de Flôr, 18, pertencente a João Castanheira de Moura, foi apprehendida pelo fiscal Raul Pinto uma porção de pão incapaz para o consumo.

A Manuel Lourenço Catharino, do logar da Chambreira, concelho de Loures, foram apprehendidos 140 litros de azeite, que estavam sonegados. Em Bucellas, a Francisco Custodio egualmente foram apprehendidos 50 litros de azeite sonegados. Finalmente, em S. João do Tojal, concelho de Loures, a Lourenço Fernandes foram apprehendidas cinco talhas com azeite, por conterem quantidade superior á manifestada.

Foi condemnado pelo Tribunal do Contencioso Fiscal na multa de 644 escudos o sr. Manuel Martins da Costa, estabelecido com mercearia na rua de S. Pedro d'Alcantara. A condemnação foi motivada pelo facto dos fiscaes dos abastecimentos haverem encontrado n'aquelle estabelecimento assucar que estava sonegado.

O assucar

Porque é que o não ha no mercado?...

O Dia de hontem noticiava o seguinte:

«Segundo informações que temos como fidedignas existem na Refinaria Colonial (Alcantara) mais de **quatrocentos mil kilos** de assucar.

Na Sociedade Portugueza de Assucares (Alcantara) a existencia não será inferior a 300.000 kilos.

Porque se não vende? Porque o governo o não tem consentido?»

A Situação explica assim o extranho phenomeno:

«Ora o que ahi fica é quasi verdadeiro. Simplesmente—é *precipitado*. Nós comprehendemos o que é a necessidade de encher o jornal e, ainda, de fazer coisas *à sensation*. Se assim não fosse *O Dia* indagaria primeiro e apuraria que quatrocentos mil kilos não é quasi nada para o paiz inteiro. Esses quatrocentos mil kilos não se destinam só a Lisboa.

A maioria d'esse assucar está já rateado pela provincia. Só resta que os delegados municipaes o venham pagar. Já vê *O Dia* que se está ali, para alguma coisa é!»

As razões de *A Situação* serão excellentes, não duvidamos. Mas o que é certo é isto: ha assucar nos armazens do governo mas não o ha á venda. Póde acontecer tambem que, se se estiver á espera que os delegados municipaes o venham pagar, o caso seja definitivamente resolvido lá para as kalendas gregas, que é data approximada em que as camaras disporão de numerario.

Mas porque será que extravagancias d'estas só acontecem em Portugal?...

"As grandes batalhas"

Vae **a Capital** *iniciar brevemente a publicação da admiravel obra que o eminente escriptor Julio Dantas escreveu expressamente para o nosso jornal.* **As grandes batalhas**, *que irão renovar o immenso triumpho da* **Patria Portugueza e do Amor em Portugal** *no* **seculo XVIII**, *serão opportunamente annunciadas e hão de constituir, sem duvida, um dos grandes acontecimentos litterarios do anno corrente.*

Ao leitor d'A CAPITAL

Depois de lido, enviae este jornal á *Junta Patriotica do Norte* (Paços do Concelho—Porto), a fim d'esta o mandar para os nossos soldados no «front».

MUTILADOS DA GUERRA

A recita de hoje no Theatro São Luiz

Conforme temos noticiado, realisa-se hoje, no magnifico theatro São Luiz, a recita extraordinaria em favor dos mutilados da guerra.

A peça que se representa, a diliciosa comedia «Generos alimenticios», é como se sabe, engraçadissima, devendo a concorrencia hoje áquelle theatro ser grande, pois grande é o empenho em prestar homenagem condigna aos que se sacrificaram pela Patria.

N'um dos intervallos, a illustre actriz Angela Pinto recitará versos allusivos aos mutilados, muitos dos quaes assistem ao espectaculo, imprimindo assim, com a sua presença á festa uma feição caracteristica.

Desde hontem que estão marcados muitos logares, o que nos leva a crer que o São Luiz terá esta noite uma numerosa concorrencia, ficando a recita de hoje memoravel, por todos os motivos.

Justo é tudo quanto se faça no sentido de concorrer para melhorar a situação dos valentes que nos campos de batalha da França e da Africa teem sabido honrar o nome portuguez.

A celebre compra das acções

Em 10 do corrente publicámos a seguinte noticia:

«Segundo parece, a commissão encarregada do inquerito á compra das 33.500 acções conclue no seu relatorio por aconselhar o governo a que mande proceder a uma averiguação judicial, visto se reconhecer que se praticaram actos que estão por completo fóra da sua alçada».

Noticias recentes dizem que a investigação judicial já foi iniciada no Porto, sendo nomeado para tal effeito um juiz de direito.

Cartas de França

A COTA 321

Em Orchies-le-doyen, no fim d'um vago jantar em torno d'uma vasta mesa, pandemoniuns de todas as nacionalidades, aquelle major obeso, que me fitava com insistencia ensacado no seu uniforme francez, interpelou-me brusoamente:

—O camarada é portuguez?

—Sim, senhor. Sou portuguez.

O official palitou os dentes e ficou um instante pensativo, perdido n'um scismar que não perturbei. E de repente, arrastando a cadeira, sentou-se ao pé de mim.

—Vem do sul?—perguntou elle.

—De Paris, por Beauvais.

—Passou por Breteuil?

—Passei.

—Por Moreuil?

—Tambem.

—Viu a aldeia de Trombignon?

—Não me recordo. Vi tantas!...

—Não lhe mostraram a cota 321?

—Não.

—Pois em maio de 1917,—mais d'um anno passou,—estiveram ali compatriotas seus. Alguns portuguezes, do corpo de artilharia pesada, fizeram serviço com os nossos sete e meio, por espaço d'um mez, antes de voltarem aos seus canhões de posição. Uma bateria, a que guarnecia a cota 321, era composta exclusivamente de portuguezes, sob *o meu* commando. N'esse tempo era eu capitão.

Um velho de barbicha rála, vagamente hospedeiro, vagamente ladrão, trouxe-nos cidra normanda. E o major, como n'um soliloquio, contou:

—Estranhos homens, esses! Vivi com servios, montegrinos, russos, belgas... Nunca vi gente assim. Nós suppunhamos que o nosso proverbio—*les portugais sont toujours gais*—era uma verdade incontestavel. Não ha erro maior. Os portuguezes são de um temperamento fechado, pouco communicativo, não é verdade?

—Nem tanto como pensa.

—Não bebem, não fazem barulho, não teem a indisciplina incipiente do nosso *grognard*. Gente socegada. Via-os muitas vezes sentados aos grupos pequenos, em qualquer abrigo, em qualquer berma de estrada, aprendendo a lêr, soletrando n'um livro de letras esquisitas.

—N'um livro?...

—Sim. *O alodou jaeuse deuse.*

—Não conheço.

—E' curioso. Talvez seja por causa da minha accentuação. Mas eu assentei o titulo no meu livro de lembranças...

E remechendo no abysmo da algibeira o meu interlocutor tirou do aquelle pégo, um carrinho de linhas, uma lata de *corn-beef*, um quarto de pão, um saleiro e um livrinho de capa d'oleado crivado de notas. E n'uma das paginas do começo pude decifrar, já com o lapis sumido, o titulo d'aquelle livro onde os portuguezes aprendiam a lêr. Inclinei-me e balbuciei:

—*Methodo João de Deus.*

Como ha baforadas de perfumes, assim ha baforadas da da Patria. Deliciosa e vibrante sensação! Decerto deixei transparecer na face o que me ia dentro d'alma,—porque o major obeso sorriu, contemplou-me e teve um momento de silencio que foi a melhor e mais delicada homenagem ao tumultuar confuso dos meus pensamentos. E depois, n'uma voz onde se adivinhava sympathia, falou-me mais, falou-me muito tempo dos queridos portuguezes. Contou-me a sua vida na rudeza do campo, as longas horas de contemplação vaga, quando os olhos olham sem vêr e o coração vagueia pelas terras de Portugal onde ha serras immoveis nos confins do horisonte e sombras meigas na frescura dos pomares. E atravez d'uma nostalgia que se adivinhava em todas as acções, em todos os gestos, fazia ainda mais triste a tristeza natural dos homens,—durante quasi um mez os portuguezes agruparam-se em torno das suas quatro peças, instrumentos queridos, élos de ligação n'aquella grande familia de cincoenta homens, constantemente reparando estragos constantemente alimentando um fogo devorador sobre a crista elevada, varrida perpetuamente pela metralha allemã. Ali aprendeu, ali conheceu o heroismo obscuro e grande, aquelle que não fala, o que não gesticula e procede serenamente, impulsionado por um fundo innato de coragem. Todos os dias os homens lhe diminuiam, cerceados um por um pelas granadas desgarradas. Os *raids* successivos das tropas bavaras que tinha pela frente, haviam-lhe diminuido as guarnições, desmontado quasi toda a bateria. Outras baterias em volta tinham chegado—mas portuguezes mais nenhum viéra. E restava-lhe apenas uma peça, uma unica guarnecida por seis minhotos e trasmontanos, esquecidos pela morte que em redor ceifára todos os compatriotas e que todos se reuniam effusivamente em volta do seu engenho de morte, tão poucos e tão soberbos, doidos de desespero, allucinados, movendo-se como formigas laboriosas em torno do seu canhão, cuidando apenas d'elle, vivendo apenas para elle...

N'uma aurora fresca de maio, quando já o sol enrubescia as nuvens ligeiras, doirando o escalracho pobre que teimava em viver e brotar na crista da cota,—o fogo do «boche» recrudesceu, augmentou de violencia, transmudou-se n'um formidavel furacão de ferro. Durante apenas horas o grupo de baterias poude ainda sustentar-se na crista deslocando-se regularmente em todo o comprimento d'ella, esquivando-se ao acertar do tiro. Mas depois a avalanche d'aço foi tão violenta, cada metro quadrado de terreno era tão convulsionado por toneladas e toneladas de explosivos—que não foi possivel ao chefe conservar o commandamento. Para traz, o fogo de barragem começara já, difficultando, impossibilitando quasi a retirada. Por entre nuvens amarellas e brancas de *gazes*, os capacetes teutões onde o sol riscava confusos reflexos avançavam n'um clamor desordenado enristando baionetas, esboçando quadros de Vernet, épicas devastações que um dia terão a consagração da tela. As baterias cederam terreno, começaram retirando e uma e uma, lentas, contrariadas, detendo-se nas alturas á rectaguarda para recomeçarem um fogo vivo e logo retiraram mais e mais. Por fim viera a ordem para retirar a bateria d'elle, capitão, onde apenas existiam duas peças uteis e só a portugueza conservando a sua escassa guarnição. O carro-observatorio foi empurrado a braço, precipitado n'uma ravina, inutilisado por um bando de francezes. O gado avançou em semicirculo, engatou, levou uns setenta e cinco n'um galope phantamatico, terrivel, abrindo caminho por entre o fragor, por entre o fumo, rebolando, esmagando moribundos, levado por aquella tromba irresistivel que arrastava os homens como folhas seccas de platanos n'um murmurio sinistro e plangente. A peça dos portuguezes, todavia, continuava ainda o seu fogo. O unico graduado, o sargento Rodrigues, cahira sobre o léme, agonisando, d'olhos terriveis, incendiados, fitando ainda o horisonte maldito. Veiu a ordem repetida, imperiosa de retirar. Os minhotos não se moveram. Uma granada parte, certeira, o servente que segurava o escorvilhão tombou sobre o rodado, morto instantaneamente. Na peça restavam tres homens, tres titans que tartamudeavam entre rugidos um canto de Homero, preparando-se para morrer ali, gritando, martelando furiosamente a culatra para inutilisarem a peça, impedil-a do ser util ao inimigo. Depois, o major não sabia mais nada. Intimara os portuguezes a abandonar a peça. Elles tiraram as pistolas, negras, enormes, formidaveis, unicos vivos na immensa desolação da cota 321. E não recuaram um passo, não tiveram um olhar para traz, agrupados em torno do seu canhão, épicos, medonhos, parcellas de Deus, seis portuguezes, seis heroes—seis mães de luto! E ficaram lá todos, colhidos no eterno e doce somno da morte, os seis rapagões d'Affife ou de Montedor, queridos filhos, nobres irmãos, prostrados para todo o sempre sobre uma peça franceza!

Mario de Almeida

ORDEM PUBLICA

Um jornal da manhã publica o seguinte, com o titulo que nos serve de epigraphe:

«Segundo informações de origem officiosa, não teem o menor fundamento certos boatos, alguns d'elles registados em tom alarmante, ácerca de suppostas medidas contra agitadores politicos ou sociaes. Presentemente, affirmam-nos estas informações, a situação do paiz, no que respeita a ordem publica, não reclama de modo algum quaesquer providencias de caracter excepcional; mas, mesmo na hypothese de se produzirem acontecimentos anormaes, seria desnecessaria a promulgação de qualquer diploma especial, visto haver, creada pelo governo anterior ao 5 de dezembro, legislação sufficientemente ampla a esse respeito.

Do mesmo modo nos garantem serem infundadas as conjecturas adrede formuladas acêrca do direito á gréve e especialmente aquellas que attribuem ao secretario de Estado do interior o proposito de legislar sobre tal assumpto. A legislação sobre o direito á gréve é da competencia de outra secretaria de Estado—a do trabalho—excepto na parte referente aos ferro-viarios, que compete á secretaria do commercio. E dizem-nos ainda as mesmas informações que em nenhumas das referidas secretarias existe o menor proposito de attentar contra as reivindicações legitimas do operariado».

Cartas são papeis...

Com a publicação da carta do sr. José Malhou, nova luz foi lançada sobre o contracto «Federação-Malhou» Um dos réus já confessou...

E' forçoso abrir agora um parenthesis. A carta publicada nos jornaes de hontem, assignada pelo sr. José Malhou, impõe-nos a necessidade de lhe fazer um breve exame, por forma a que o publico saiba o que ella vale e o fim que, com ella, se pretende atingir. Feita a critica da epistolographia aguda de que foi atacado o sr. José Malhou, continuaremos o exame consciencioso ao contracto Federação-Malhou. Vamos, pois, á carta. «Reum habemos confitentem...» O réu confessou.

A immoralidade flagrante e manifesta do celebre contracto — com a execução do qual se fabricavam, emquanto o diabo esfregava um olho, algumas boas duzias de novos-ricos — ficou plenamente confirmada na carta do sr. José Malhou, que é o documento mais curioso que temos visto no genero de insensibilidade moral. E' facil proval-o.

Que diz, em resumo, o sr. José Malhou? Que está prompto a transferir o seu contracto—seu, é um modo de dizer...—a quem lhe der um lucro de 3 por cento. Não se percebe bem sobre que capital entende o sr. Malhou que deve incidir os taes 3 por cento. E' uma obscuridade a juntar ás outras, ás muitas outras em que anda immerso este negocio. Mas não importa. Isso não pôe nem tira para as illações suggeridas pela leitura da trabalhada prosa do sr. José Malhou. Em ultima analyse: elle está prompto a vender o contracto. Vejamos sómente se elle quer vender o que lhe pertence. Quer-nos parecer que não. Se o contracto lhe pertence de facto, acreditamos que o sr. José Malhou o não possue em bom direito. Logo, não pode vender. Deve apenas restituir... E a demonstração é tão simples como a Verdade.

Os transportes maritimos servem-se especialmente dos navios ex-allemães. Estes barcos são hoje pertença do Estado, porque foram apprehendidos á Allemanha e mais tarde, em virtude da sentença do respectivo tribunal, considerados boa presa de guerra. E com que fim foram os navios apprehendidos á Allemanha? Para que o Estado portuguez podesse servir-se d'elles a fim de attenuar a crise economica que, já se previa, a guerra havia de determinar. Segue-se d'aqui que o Estado assumia a obrigação moral de empregar os barcos no abastecimento da nação em generos exoticos e no transporte, atravez os mares, dos productos que de Portugal e colonias podessem ser exportados. Logicamente se conclue que o Estado não pode, em bom direito, empregar os navios em beneficio d'este ou d'aquelle, mas sómente em proveito da communidade portugueza, com uma equitativa e proporcional distribuição de tonelagem por todos aquelles cidadãos portuguezes que demonstrem necessidade d'ella. O contracto Federação-Malhou é, pois, nullo de direito ou é, pelo menos, muito contestavel a sua perfeita legalidade. Se accrescentarmos a tudo isto que elle foi primitivamente celebrado entre o Estado e um seu servidor, o sr. Thiago Salles, chefe do gabinete do ministro que o referendou, facilmente se chega á conclusão que o sr. José Malhou pretende vender uma coisa de que realmente é detentor mas cuja posse perfeita está sujeita a contestação.

O que é curioso, sobretudo, é o sr. José Malhou confessar que já propoz á Federação a rescisão, pura e simples, do contracto, **sem com isso auferir o menor lucro**. A Federação, segundo elle insinua, não acceitou. Pois agora o sr. José Malhou arrependeu-se de prescindir de lucros, fazendo aos exportadores a proposta de lhes transferir o contracto **mediante uma commissão de 3 % sobre um capital incerto ou sujeito á controversia**. No primeiro caso, completa isenção, nada de lucro; no segundo uma commissãosinha modesta d'uns tres por cento a liquidar. Mas a quem pensa o sr. José Malhou que consegue illudir?...

E'-nos indifferente que o sr. José Malhou encontre ou não comprador para o contracto de que é detentor. Simplesmente, quem lh'o comprar não fica mais adeantado... Ousamos lembrar-lhe que o melhor é pôl-o em almoeda. Adopte, porém, ou não adopte, a nossa lembrança, isso é-nos fundamentalmente indifferente. Não é a parte material d'esta questão que nos interessa. O seu aspecto moral, principalmente no que diz respeito á nação e á agricultura portugueza é que faz o assumpto d'estes artigos. Mas o sr. José Malhou impoz-nos uma diversão, publicando a sua carta. Pois ella dar-nos-ha ainda assumpto para o artigo seguinte. Depois, fechado o parenthesis, continuaremos no exame detalhado do negocio Federação-Malhou, immoralissimo monopolio arranjado sob o patronato do sr. Thiago Salles, presidente da Federação e, ao mesmo tempo, chefe do gabinete, «para a hypothese», do grande Machado Santos, o *Fundador*. O artigo seguinte é, portanto, dedicado ainda, por especial deferencia, ao sr. José Malhou. Depois, ponto final na carta, para se continuar a desfiar o complicado enredo do romance em muitos volumes, intitulado: **O contracto Federação-Malhou ou como se consegue enriquecer sem trabalhar**. Para edificação do povo e desmoralisação da esperançosa mocidade...

A momentosa questão das subsistencias

Parece que o governo está providenciando para se adquirirem os productos chimicos

Continuam alguns dos nossos leitores a manifestar o seu applauso ao que temos escripto acerca da forma como o governo deu providencias, para fornecer directamente os depositos que sejam creados, com os productos mais necessarios para o consumo, evitando-se d'esta forma que os intermediarios lancem percentagens exaggeradas que obrigam o consumidor a comprar algumas materias primas com o encargo de duzentos por cento.

Assim tem succedido, por exemplo com os productos chimicos, cujo preço não é marcado pelo seu valor real, ou pelo custo da importação, mas pela difficuldade com que se consegue obter auctorisação dos governos estrangeiros para a sua importação.

Assim, por exemplo, um amigo nosso, esteve n'esta redacção e mostrou-nos uma factura da compra de Lactose, que recebeu ha poucos dias da casa Poulenc Frères de Paris e que lhe custou a 6$50 o kilogramma, incluindo o porte e o pagamento dos direitos em ouro. Pois este producto vende-se, no nosso mercado, o mais barato, a 13$00 o kilogramma.

Tambem vimos uma factura de Galatol, pelo preço de 7$50 o kilogramma, e que se vende agora a 25$00.

A saccarina, alcaloides, saes de quinino, sulfonas, saes de litio etc., vendem-se comprados com o encargo para o consumidor de 200 a 300 por cento.

E tudo isto se comprova, se denuncia e o governo nada resolve com a urgencia indispensavel.

Agora parece que no ministerio do estrangeiro se começou a trabalhar no sentido de fazer alguns accordos com os governos estrangeiros, para se receberem os productos cuja importação é difficultada.

Mas depois de quatro annos de guerra e do tão prolongada exploração do publico, é era tempo dos governos terem acordado. Mas, lá diz o dictado «que mais vale tarde do que nunca».

Oxalá que tivessem realmente despertado e se resolvessem a tomar providencias urgentes.

Sargentos do C. E. P.

Pagamentos effectuados tardiamente

Acerca d'uma local que publicámos no dia 9 sobre a situação dos sargentos do C. E. P., dizem-nos:

«Além da injustiça feita com a anulação do concurso a 1.º sargento, para os sargentos do C. E. P., em que se tem mais demonstrando uma resistencia passiva, já ha muito conhecida, existe ainda a forma de pagamento dos vencimentos a que os mesmos teem direito, pois que não recebendo mais do que os vencimentos de tempo de paz, estes mesmos são pagos tardiamente e com alguns descontos, o que causa graves transtornos, essencialmente áquelles que estam casados, e que, visto estarem fazendo serviço, não podendo auferir quaesquer lucros na vida civil.

Estamos a 9 e ainda no conselho administrativo do regimento de artilharia 1 se não fizeram os pagamentos do mez de julho, dizendo «não haver dinheiro para o respectivo pagamento» quando estão determinados em diversas circulares, mencionadas na O. G. de 24 de fevereiro de 1917, que diz «as unidades que tiverem de fazer os ditos vencimentos, providenciarão para que os mesmos sejam feitos no prazo marcado, ou seja de 1 a 5; lançando mão, de quaesquer fundos que tenham á sua disposição, visto que estes preferem a quaesquer outros vencimentos a fazer».

Nada disto se tem feito.

Abona-se no tempo competente os vencimentos aos que estão na metropole, e nota-se ao desprezo «para quando houver verba» os vencimentos que devem ser pagos ás familias d'aquelles que com uma parcella do seu esforço teem contribuido para o engrandecimento da nossa querida patria.

E' isto justo?

Colhida de que resulta a morte

Na enfermaria n.º 14 do hospital de S. José falleceu hoje Salvador Pablo, filho de Luziares Pablo e Francisca Pablo, residente na Praia Secca, no Bom Successo, que ante-hontem fôra colhido por um comboio na linha de Cascaes.

Rateio de petroleo

A junta de freguezia do Monte Pedral convida todos os commerciantes d'esta freguezia, que nos seus estabelecimentos usem a venda de petroleo, a reunir na rua do Paraizo, 1, 1.º, segunda feira, 12 do corrente, pelas 21 horas, afim de se assentar na forma a estabelecer o rateio de 1:836 litros d'este combustivel adquirido pela mesma junta.

AS GRÉVES

Classes maritimas

Foram requisitadas praças de marinhagem para embarcarem nos navios surtos no Tejo que teem fragatas atracadas, afim de se evitar que os fragateiros, que estão em gréve vão largar os cabos d'essas embarcações, fazendo assim com que ellas venham rio abaixo.

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados

2266	20.000$00		
5858	2.000$00		
5019	600$	1668	100$
893	200$	1755	100$
5147	200$	1981	100$
6280	200$	2301	100$
6469	200$	2456	100$
6839	200$	2559	100$
2265	187$5	2612	100$
2267	187$5	2619	100$
784	100$	2693	100$
765	100$	2816	100$
1026	100$	3497	100$
1037	100$	4813	100$
1333	100$	5557	100$

Noticias do Brazil

A industria das minas de carvão

PORTO ALEGRE (Estado do Rio Grande do Sul), 10.—A industria das minas de carvão continua a desenvolver-se extraordinariamente no Estado do Rio Grande do Sul. A empreza das minas de S. Jeronymo assignou um contracto com a Estrada de Ferro Central do Brazil para o transporte do carvão em caminho de ferro até Xarqueada, onde será embarcado em navios da companhia do «Lloyd Brazileiro» para o Rio de Janeiro.—(Americana).

Poeira da Arcada

O caso dos dividendos

O sr. secretario das finanças encarregou o inspector das finanças do districto de Lisboa de averiguar o caso do officio do escrivão de Loures, mandando suspender o pagamento de dividendos de acções do Banco de Portugal; averbadas ha vinte e oito annos, por virtude d'uma sentença judicial e com o pretexto de que era devida a contribuição de registo, quando a propria sentença os declarava livres de tal imposto por se tratar de bens dotaes e dos possuidores serem considerados credores, mesmo por parte da Fazenda Nacional. Parece que o funccionario asseverou mesmo que o caso não fora julgado por sentença quando o foi. A providencia do secretario d'Estado filia-se numa reclamação parlamentar.

Productos norte-americanos

No Tejo entrou um grande vapor consignado á Companhia Nacional de Navegação, com um carregamento de productos norte-americanos, no valor de alguns milhares de contos.

Ria d'Aveiro

Vão proceder-se ao levantamento da carta hydrographica da ria d'Aveiro, estando já ali a commissão incumbida de esse serviço.

Um louvor

Vão ser louvados em portaria o capitalista João Marques dos Santos, por ter gasto importantes quantias no embellezamento e melhoramentos da praia de Espinho, e o dr. José de Barros e Sousa, juiz de direito na Feira, que com a fundação d'uma assistencia contribuiu para a extincção da mendicidade n'essa praia.

A reforma do cooperativismo

Varias cooperativas e associações de soccorros mutuos teem representado junto do sr. presidente da Republica e do secretario d'Estado do trabalho no sentido de que a reforma do regimen a que estão sujeitos o cooperativismo e o mutualismo não seja publicada sem que o parlamento se occupe do assumpto, ou sem que os interessados sejam ouvidos.

Theatros

Cartaz de hoje

THEATRO NACIONAL—A's 21 «A vida d'um rapaz pobre».—S. LUIZ—A's 21,30—«Generos alimenticios».—TRINDADE—A's 21,30—«O grato maltez».—GYMNASIO—A's 21,30—«Marionettes».—APOLO—A's 21,30—«A revolta».—EDEN—A's 21,30—«A trombeta da fama».—POLYTHEAMA—A's 21—«Salada russa».—AVENIDA—A's 21,30—«O homem de gelo».—SALÃO FOZ—A's 21—Variedades e animatographo.—COLYSEU DOS RECREIOS—A's 21,30—«A nova missão de Judex».

Animatographos e concertos—Central, Olympia, Chiado Terrasse, Condes e Salão da Trindade.

Agenda da semana

SÃO LUIZ—Hoje ás 21 horas «Generos alimenticios», recita patriotica a favor dos mutilados da guerra.

Réclames

Nunca appareceu em Lisboa pellicula que despertasse mais enthusiasmo que «A Nova Missão do Judex», que esta noite se estreia no Colyseu dos Recreios, correspondendo assim ao exito incomparavel que obteve em Paris onde durante tres mezes figurou no «écran» da casa Gaumont. Hoje, exhibem-se o prologo, «A Razzia dos Segredos», e os tres primeiros soberbos episodios «O Mysterio d'uma noite de verão», «Adeus... felicidade» e «A Enfeitiçada», em que reapparecerão os celebres artistas René Cresté, Lévesque e Melle Yvette Andreyor.

Amanhã, em «matinée» e á noite, o mesmo attrahente programma.

Pelo estrangeiro

No Magic Park, de Madrid, continua fazendo successo a companhia de opereta e zarzuela que ali está trabalhando e de cujo elenco fazem parte como primeiras figuras, Mercedes Sanz e Meyer Perez. A seguir á «Casta Suzanna», montou aquella empreza «Os cadetes da rainha», peça que agradou.

A companhia de zarzuela que presentemente trabalha em «El Paraizo», de Madrid, e de cuja companhia é primeira figura Clarita Panach, continua sendo, alli, applaudida.

O engarrafamento do "Peninsular"

Somos o mais ditoso paiz do mundo, graças á inconsciencia e á imprevidencia, as duas maiores forças que nos dominam. Ninguem se lembra, que estamos em guerra: os dias vão passando e a questão dos transportes maritimos continua insoluvel: os serviços de transportes anarchisam-se cada vez mais, com grave prejuizo para o abastecimento do paiz; e a secca horrivel promette um anno de fome: mas os poderes publicos não largam a sua caracteristica atitude de bonzos inertes e a população portugueza, tendo diante de si a perspectiva de morrer á mingua, debate-se na duvida de saber em que termos ha de regular á famosa declaração para as sementeiras, que deve ser entregue, nas esquadras de policia, mas que estas se recusam a receber. Assim vamos parar por ahi!

Agora chega a noticia de que o «Peninsular» continua «engarrafado» no porto de Cette. Este navio foi ali carregado com vinho—o celebre vinho da Federação Malhou!...—que devia descarregar em Cette. Mas como era obrigado, por compromissos anteriores, a transportar chulipas, o governo francez poz embargos á descarga. Interveiu a diplomacia. O sr. Bettencourt Rodrigues desenvolveu toda a sua habilidade, de consummado diplomata e conseguiu—finalmente!—que o navio fosse auctorisado a descarregar. As pipas de vinho começaram effectivamente a sair o cães de Cette. O navio ia, emfim, ter livre pratica. De repente, tudo se transtornou. O vinho estava em mau estado e o vapor ficou a entravar as machinas do «Peninsular». Continua engarrafado, o desgraçado!

Abreviada historia... Quem é que a poucos já nem se sabe como ella começou!

QUEDA

Depois de pensado no hospital de S. José recolheu á enfermaria do hospital da Estephania, Etelvina Nunes da Silva, operaria, na rua do Terreirinho, 55-A, que tendo dado uma queda fracturou a perna esquerda.

Carestia da vida

Realisa-se na proxima terça-feira, 13, pelas 21 horas na séde da Associação de Classe dos Caixeiros de Lisboa, rua Augusta, 20, uma sessão magna da classe dos empregados do commercio para tratar da carestia da vida.

N'esta sessão devem usar da palavra, além dos delegados da direcção diversos elementos da classe.

Publicações recebidas

«PROCURAL — D'esta revista forense mensal, do que é director gerente o sr. M. d'Agro Ferreira, recebemos o n.º 11 do 5.º volume, correspondente ao mez

Ultimas noticias

A GUERRA

A contra-offensiva alliada

Os aviadores inglezes cooperam com os «tanks» e a cavallaria na perseguição dos fugitivos

LONDRES, 10.—Hontem, as nossas esquadrilhas cooperaram com as outras armas, durante todo o dia, na linha de batalha. Os nossos apparelhos indicaram as linhas attingidas pela nossa infantaria, a posição da artilharia inimiga em acção, assim como as columnas de infantaria allemã e os comboios em marcha eram indicados aos nossos canhões pelos nossos apparelhos. Outros aviões trouxeram pela via das azas munições ás tropas avançadas. A cooperação com os «tanks» foi realisada d'uma maneira methodica, fornecendo informações ás equipagens dos «tanks», que atacavam os pontos fortificados e outros reductos com bombas e metralhadoras, auxiliados por bombas fumiginosas lançadas ao longo da linha de combate, conseguindo atanhar o inimigo proximo dos «tanks». Os nossos apparelhos de ligação, trabalhando com a cavallaria, prestaram grandes serviços. Voando baixo sobre a linha de combate, as nossas esquadrilhas atacaram sobre o inimigo, e bombardearam na retirada, fazendo grande destruição nas tropas em massa e nos comboios que se accumulavam pelas estradas, e as nossas esquadrilhas de bombardeamento voando apenas a algumas centenas de pés do solo, atacaram os comboios e lançaram bombas sobre as vias ferreas, entroncamentos e pontes. São dados como destruidos pelos nossos 48 apparelhos inimigos, dos quaes 17 cahiram desamparados, e 5 balões captivos, foram descidos em chammas. Faltam 30 dos nossos apparelhos, sendo a maior parte d'estas perdas devidas aos tiros vindo do solo. Um dos nossos apparelhos não regressou do bombardeamento nocturno. Hoje, os nossos aviadores continuaram na linha de batalha a sua cooperação com a artilharia, infantaria, cavallaria e os «tanks» britannicos. Em toda a parte em que se apresentava um objectivo conveniente, tropas e comboios allemães, eram de novo bombardeados e metralhados a pequena altura. Tanto de dia como de noite, as pontes do Somme foram abundantemente bombardeadas. No resto da linha de batalha, actividade aerea foi fraca, não passando do trabalho ordinario de photographia, reconhecimento e observação.—(Havas).

Os franco-britannicos progridem em toda a linha de batalha—17.000 prisioneiros e captura de 200 a 300 canhões

LONDRES, 10.—Communicado britannico de hontem á noite:—De manhã o exercito alliado renovou o ataque em toda a linha de batalha ao sul do Somme, progredindo em todos os pontos, apesar da energica resistencia do inimigo. As tropas francezas, alargando a frente de ataque para o sul, tomaram a aldeia de Pierrepont e o bosque que lhe fica ao norte. Ao norte d'esta localidade as tropas francezas fizeram tambem rapidos progressos e realisaram um avanço de mais 4 milhas.

Na frente do 4.º exercito britannico, as tropas canadianas e australianas apoderaram-se com admiravel «entrain» das linhas de defeza exteriores de Amiens e passaram-nas n'uma profundidade de 2 milhas, depois de duro combate. Ao fim da tarde, as tropas de infantaria franceza e britannica tinham attingido a linha geral Pierrepont, Arvillers, Rosieres, Raincourt e Marcourt. O combate continua n'esta linha, e ao norte do Somme, teem-se dado combates locaes.

O numero de prisioneiros attinge 17.000 e tomámos 200 a 300 canhões, comprehendendo peças de grosso calibre montadas sobre carris. Tomámos egualmente morteiros de trincheira e metralhadoras em grande quantidade, assim como enormes aprovisionamentos de materiaes de toda a natureza, um comboio completo e outro material circulante. Hontem as nossas perdas foram excepcionalmente ligeiras.—(Havas).

E' de 21.000 o numero de prisioneiros

PARIS, 10.—Segundo o «Petit Journal», as ultimas informações, hontem á noite recebidas, calculam o numero de prisioneiros allemães em 21.000. O «Gaulois» diz que os grandes movimentos na região de Mondidier são a preparação de proximas e excellentes novidades n'este ponto.—(Havas).

A confusão russa

O consul geral inglez preso em Moscou

LONDRES, 9.—A agencia Reuter sabe que o governo inglez recebeu informações de que o sr. Lockart, consul geral da Gran-Bretanha em Moscou, foi preso pelas auctoridades «bolchevicks», como represalia de haverem sido fuzilados em Arkangel alguns membros dos «soviets», e que o governo britannico exigiu a sua libertação. Julga-se que tambem foi preso o pessoal dos consulados britannico e francez em Moscou.—(Havas).

*

Guerra maritima

Vapores torpedeados

COPENHAGUE, 11. — Foram torpedeados os vapores dinamarquez «Columbia» e norueguez «Alix».—(Correspondente).

De todo o mundo

Uma conspiração entre allemães

STOCKHOLMO, 10.—Foi descoberta uma conspiração contra von der Goltz, no aquartelamento allemão. — (Correspondente).

O desterro de Malvy

PARIS, 10.—O sr. Malvy segue amanhã no expresso para Hendaya.—(Correspondente).

O rei da Bulgaria doido?

PARIS, 10.—Os jornaes de Amsterdam dizem que a forte neurasthenia que affligia o tzar da Bulgaria degenerou em alienação mental. O tzar abdicará brevemente e será substituido pelo principe herdeiro. O tzar Fernando insistiu muitas vezes junto do imperador da Austria para se obterem novas «démarches» para a paz e fôra pessoalmente ainda ha pouco a Vienna com esse fim.—(Havas).

Belgas na Siberia

PARIS, 10. — Das forças que operam na Siberia fazem parte voluntarios belgas.—(Correspondente).

O afundador do «Lusitania»

PARIS, 10. — O tenente allemão Schweiger que afundou o «Lusitania» morreu em virtude do submarino que commandava, o «88», ter batido n'uma mina.—(Correspondente).

O alarme na Allemanha

BALE, 8.—O «Vorwaerts», diario de Berlim, diz o seguinte:

«Tenhamos, como os inglezes, a coragem de confessar que uma guerra, emquanto não terminar, não se pode dizer ganha e pode perder-se.

Tenhamos animo para confessar ao povo allemão que o imperio se bate, hoje como hontem contra uma grande força, postada a oeste: os allemães batalham, desacompanhados, contra o bloco dos inglezes, francezes, italianos e americanos, não falando dos innumeros alliados secundarios. No dia 4 d'agosto, quinto anniversario da guerra, a situação é a mesma que no inicio da conflagração».

As habilidades da propaganda monarchica

O «Diario Nacional» transcreve hoje, d'um jornal do Rio de Janeiro, «A Epoca», uma entrevista que um dos seus redactores realisou com o antigo ministro franquista, sr. Teixeira d'Abreu.

N'essa transcripção, o «Diario Nacional» attribue ao sr. Teixeira d'Abreu a seguinte phrase:

«E' o caso de relembrar aqui, adaptando-a, a celebre exhortação dirigida á monarchia por um grande e puro republicano conimbricense, que foi o professor José Falcão:—Se a Republica pode salvar a nação, que a salve; mas, se não pode salval-a, que se retire, para que os monarchicos possam fazel-o».

Não foi isto que José Falcão disse. A phrase foi esta:

«Se a monarchia pode salvar a Nação, que a salve; mas, se não pode salval-a, que se retire, para que os republicanos possam fazel-o».

A monarchia confessou-se impotente para salvar o paiz e foi-se embora, sem que para tal fosse preciso um grande trabalho. Bastou um barco de pesca, arranjado á pressa na Ericeira, para a continuação da ininterrupta fuga iniciada nas Necessidades pelo actual pretendente D. Manuel, ex-rei de Portugal. Passados apenas oito annos já os monarchicos se atrevem a parodiar as palavras d'essa grande cidadão que se chamou José Falcão.

Será isto apenas inconsciencia?...

Echos & Noticias

CASAMENTO

Para seu filho, o alferes d'artilharia sr. Mario Cabral da Cunha Goodolphim de Mattos Cordeiro, que partiu hontem para França, foi pedida por seus paes, o coronel do estado maior sr. Antonio Maria de Mattos Cordeiro, quartel general do exercito, e sr.ª D. Antonia Cabral da Cunha Goodolphim de Mattos Cordeiro, a mão da sr.ª D. Maria Izabel Ribeiro da Costa Pereira Dias, gentil filha do sr. Alberto Manuel Pereira Dias e da sr.ª D. Maria Adelina Ribeiro da Costa Pereira Dias.

—Realisou-se o casamento da sr.ª D. Laura d'Almeida Pinto, filha da sr.ª D. Guiomar da Silva Pinto e do sr. João d'Almeida Pinto, com o sr. Americo Rodrigues, filho da sr.ª D. Luiza da Cruz Rodrigues e do sr. Antonio Rodrigues. Testemunharam o acto por parte da noiva sua irmã sr.ª D. Amalia Pinto Torres e seu esposo sr. José Fernandes Torres e por parte do noivo seus tios sr.ª D. Palmyra Cruz e Silva e seu esposo sr. João Ferreira e Silva. A ceremonia, que teve caracter intimo, effectuou-se em casa dos paes do noivo, tendo os noivos seguido para o norte.

A aviação franceza

Embora peze aos inimigos dos alliados, que não querem ver ou fingem não ver que na França se trabalha intensivamente na aviação, espalhando elles entre nós o contrario, basta dizer que a producção diaria, media, n'esse paiz, augmentou, desde o principio da guerra, nas seguintes proporções:

Em aviões, de 1 a 50; em motores, de 1 a 41.

PEQUENAS NOTICIAS

A sr.ª Maria da Conceição Felismina, moradora na rua Vinte e Quatro de Julho, 112, 1.º, queixou-se á policia de que Maria Casca lhe furtou objectos no valor de 113 escudos.

Desastre

Nas officinas da Exploração do Porto de Lisboa quando os operarios estavam trabalhando na reparação da helice do um navio, esta cahiu sobre elles, ficando José Pereira com uma perna fracturada, Julio Pereira de Sousa Massas e Francisco Maria com diversas contusões pelo corpo.

Conduzidos no automovel da Cruz Vermelha do serviço de saude dos Bombeiros Voluntarios de Lisboa ao hospital de S. José ali ficaram em tratamento.

Festas associativas

TUNA COMMERCIAL DE LISBOA — Amanhã, ás 21 horas, baile dedicado ás damas, solteiras, com surprezas e attractivos.

GREMIO LAFONENSE — Dedicada á colonia lafonense, realisa-se amanhã, ás 14 horas, uma «matinée», que promette ser brilhante.

CLUB RECREATIVO LUZITANO — Promovida pela direcção, ha amanhã recita com «Codigo penal artigo 111», um acto de variedades e «O bolo», seguindo-se baile.

CAMBIOS

Lisboa, 10 de agosto de 1918.

	Compra	Venda
Cheque sobre Londres	30 1/2	30 1/4
» »	31	30
Cheque sobre Paris	286	292
» Hollanda	850	870
» Italia	200	210
» New York	1650	1680
» Madrid	430	440
Rio sobre Londres	12 5/16	
Libras ouro	10$80	11$00
Agio do ouro	140,00	145,00

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2394 — 9.º Anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Domingo, 11 de Agosto de 1918

Telephone n.º 2293 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço 2 centavos

Duas attitudes

Ha dias noticiavamos que o tenente Henrique Constancio, chefe da sublevação de Mafra, em outubro de 1914, fôra reintegrado no exercito. O orgão governamental, «A Situação», desmentiu essa noticia, declarando que o sr. tenente Constancio ia ser julgado como desertor, o que não significava que fôsse reintegrado. Entretanto, vemos que pela «Ordem do Exercito», n.º 14, da 2.ª serie, de 29 de julho passado, se determina, sob proposta do secretario de Estado da guerra, que seja augmentado ao effectivo do exercito o tenente de cavallaria, Henrique de Castro Constancio, ficando na situação de disponibilidade até entrada no respectivo quadro.

Não pretendemos apreciar, n'este momento, o acto do official alludido, que o levou a desertar do exercito. Mas ninguem ignora que a sublevação de Mafra se realisou aos gritos de «Abaixo a guerra! Viva a *monarchia!*» E, sendo assim, occorre pôr em confronto a attitude do governo perante o tenente Constancio e a attitude do mesmo governo perante o ex-ministro Norton de Mattos, tambem official do exercito.

Encontra-se na situação de desertor o sr. Norton de Mattos, como na situação de desertor se encontrava o sr. Henrique Constancio. Mas o sr. Norton de Mattos foi levado a essa situação por motivos inteiramente diversos. O ex-ministro da guerra não é accusado, por ninguem, de ter praticado qualquer acto ou soltado qualquer grito contra a Republica, á qual, não só como ministro, mas tambem como official, estava preso por um compromisso de fidelidade. E a accusação de que é objecto não consiste em qualquer acto contra a guerra, nem mesmo em qualquer grito contra a guerra. Não! O sr. Norton de Mattos é accusado precisamente do contrario, visto que o accusam de procurar intensificar o esforço portuguez na guerra. Affirma-se que o fez simplesmente para engrandecimento do seu partido, que sempre se pronunciára pela nossa intervenção no conflicto europeu. Mas, em todo o caso, de que ninguem o accusa é de ter querido arredar Portugal do caminho que o levava, pelos deveres da alliança e pelos seus proprios sentimentos e interesses, á cooperar na causa dos alliados.

O que se nos afigura estranho é que, emquanto o tenente Constancio livremente regressa a Portugal, e já se encontra reintegrado no exercito, o sr. Norton de Mattos esteja inhibido de pisar o solo da sua patria e definitivamente seja considerado como expulso do exercito de que foi chefe n'uma das mais agudas crises da nossa historia.

Uma cousa é preciso affirmar: Nem aos homens que foram derrubados, por uma revolução, em 5 de dezembro do anno findo, nem áquelles que, mercê d'essa revolução, conquistaram o poder, é licito qualquer acto que signifique repudio da causa dos alliados, a que estamos indissoluvelmente ligados. N'esse ponto, a linguagem do governo anterior a 5 de dezembro não se differença, effectivamente, da linguagem do governo posterior a 5 de dezembro. Essa linguagem é da fidelidade á alliança. Essa linguagem é a da solidariedade com todas as nações que fazem a guerra aos Imperios Centraes. Essa linguagem é a da guerra. Como é então que se favorece os que foram contra a guerra, e a quizeram evitar mesmo por meios subversivos, e se tratam como criminosos da peor especie os que foram cooperadores da guerra, e cumprindo as vontades do parlamento, a fizeram?

O que se está fazendo tem o aspecto d'uma inversão e d'um illogismo que nada justifica, nem explica, sequer.

Sabão e vellas

Segundo as ultimas noticias, estes dois artigos vão desapparecer do mercado, por ser impossivel fabrical-os.

As fabricas não dispõem da materia prima indispensavel.

Se não existisse esta ultima, seria mais uma desgraça irremediavel e a que teriamos, portanto, de nos submetter. Mas o caso não é esse. As sementes oleaginosas, indispensaveis ao fabrico d'aquelles dois artigos industriaes, estão retidas nos armazens do porto de Lisboa, ás ordens do governo, mas este não as deixa sahir, por causa dos mil nadas que sempre embaraçam os negocios publicos. Entretanto o povo, que já difficilmente pode trabalhar nos serões, ver-se-ha forçado a prescindir dos modestos proventos do trabalho nocturno porque, d'esta vez, ficará irrevogavelmente mergulhado em trevas.

Esta é outra questão como a do *Peninsular*: d'aqui a pouco já não se sabe como começou!...

"As grandes batalhas"

Vae a Capital *iniciar brevemente a publicação da admiravel obra que o eminente escriptor Julio Dantas escreveu expressamente para o nosso jornal.* As grandes batalhas, *que vão renovar o immenso triumpho da* Patria Portugueza *e do* Amor em Portugal no seculo XVIII, *serão opportunamente annunciadas e hão de constituir, sem duvida, um dos grandes acontecimentos litterarios do anno corrente.*

Theatro Nacional

Se alguma duvida existisse acerca do interesse que ao publico de Lisboa merece a litteratura dramatica nacional, bastavam os commentarios de centenas de pessoas á attitude do secretario da instrucção publica na decantada reforma do antigo theatro D. Maria, pondo de parte interesses absolutamente legitimos e reclamações justissimas, para só olhar a compadrios e a empenhos, para se poder apreciar o quanto vale o theatro no grau de civilisação de um povo.

E, se assim penso, é porque não é licito suppôr que, de motu proprio, qualquer ministro, seja de que paiz fôr, propositadamente queira desconsiderar todos aquelles que, confiados, se lhe dirigiram, crentes de que lhes não seria negada justiça n'uma petição em que esse mesmo ministro tinha o restricto dever de cooperar, para lustre da arte nacional e prestigio do seu nome e ainda como satisfação a uma classe que representa um pouco a intellectualidade do seu paiz e que a mais rudimentar educação manda que não seja tratada como qualquer «rebanho de carneiros». Se todos os auctores nacionaes tivessem, como eu tenho, o desassombro de escrever o que pensam, dizendo meia duzia de verdades, talvez que o secretario da instrucção publica não sorrisse, como, com certeza, succedeu ao ser-lhe entregue a mensagem, que, decerto, deitou já no cesto dos papeis velhos. A que attribuir o seu silencio? Por s. ex.ª me foi dito, no seu camarote, durante uma representação no Theatro Nacional que, apesar de leigo no assumpto, comprehendia bem a necessidade de remodelar aquelle theatro do Estado. Estavam presentes, Bento Mantua, Vasco Alves, Luiz Barreto, Affonso Gaio e Accurcio Miranda. E todos nós, n'essa noite, ao retirarmo-nos, vinhamos absolutamente convencidos de que alguma coisa se faria em prol do Theatro Nacional. «Tretas, tretas... e mais tretas!» Vivemos, positivamente, no paiz do «palão»! Estamos a dois mezes da abertura d'esse theatro e tudo está como estava, sem ao menos ter havido o decoro de lhe riscar a palavra «Nacional». Em que situação fica collocado o secretario da instrucção publica, para com os auctores portuguezes, depois da declaração feita perante as testemunhas acima mencionadas?

E' absolutamente necessario apurar-se a razão d'este silencio que pode muito bem ser interpretado por apathia, commodismo ou incompetencia. Na imprensa diaria, pela penna de alguns dramaturgos illustres e de muitos jornalistas competentes que se não envergonham de pôr o seu nome por baixo do que escrevem, o assumpto, «Theatro Nacional» tem sido debatido em artigos doutrinarios que elucidam sufficientemente os males e defeitos de que enferma o theatro de Garrett, apontando ao mesmo tempo os meios de remediar esse «cahos». Torna-se, portanto, inutil, citar toda a legislação que o tem regido desde a primitiva e que a meudo tem sido revogada mais para attender a interesses pessoaes do que a interesses geraes. O que é urgente é pôr côbro ao descalabro que alli vae, mudando-lhe o nome, adjudicando-o a qualquer empreza ou remodelando a sua maneira de ser. E isso, far-se-ha, embora custe a determinadas entidades, no dia em que o publico se convença de que está sendo ludibriado e se arvore em ministro, fazendo da propria sala de espectaculos, o parlamento em que discutirá o assumpto, como, por vezes, outros de menor interesse, são discutidos na camara dos deputados.

E, para que s. ex.ª se convença de **que o theatro não é uma futilidade, nem pode estar á mercê de meia duzia de *jarrões*, abaixo lhe transcrevo parte de um artigo do *Heraldo de Madrid*, sobre uma casa de espectaculos que existe na capital visinha e se intitula theatro Español, da auctoria de Narciso Diaz de Escovar, cuja doutrina pode e deve ser applicada na integra ao theatro Nacional Almeida Garrett. O sr. secretario da instrucção publica conhece, decerto, a belissima lingua de Cervantes, mas, porque é meu dezejo que seja lido por todos os que se interessam pelo engrandecimento do theatro portuguez, tomei a liberdade de o traduzir.**

«O theatro Hespanhol, o proprio nome indica o caminho a seguir e as condições a que se devem sujeitar os seus arrendatarios. Forçoso é que seja o palanque apropriado para o engrandecimento da nossa litteratura dramatica, recordação do nosso passado scenico e palco em que devam exhibir-se os sustentaculos honestos e sinceros da arte nacional.

Não deve existir compadrio, nem luctas nem influencias para outorgal-o, não ao que mais dê ou ao que mais activo e audaz se mostre, mas sim ao que melhor se cinja ao espirito que deve reflectir-se na direcção acertada, digamos mesmo patriotica, do mesmo.

E' lamentavel que, n'aquelle salão se oiçam mais obras traduzidas do que originaes; que alli se cantem operas italianas ou zarzuelas de maior ou menor merito; que no seu proscenio desfilem companhias de histriões estrangeiros, fallando n'um idioma que não é o nosso e que se profanem as suas tradicções com peças que, felizmente, o publico culto começa a repudiar, ou com obras inferiores proprias do mais baixo dos nossos theatros. Isso não pode nem deve seguir-se, com nosso consentimento.

....

Nos contractos de arrendamento, tem-se exigido que os emprezarios ponham em scena, cada temporada, um numero determinado de peças do fundo. Tem-se cumprido esta condição? Muitas poucas vezes e com muito mau gosto para as escolher. E não se argumente que essas obras não agradam, visto que o maestro Luceno, Villegas, Bueno e outros, arranjando obras classicas, teem conquistado applausos sinceros sem intervenção da «claque» e dinheiro bastante ás emprezas, muito embora, algumas d'essas producções não tenham sido *interpretadas* mas simplesmente «executadas».

O caso é apresental-as bem e cuidar convenientemente da sua distribuição. Ainda temos na memoria o exito de «Reinar depois de morrer» e de varias outras do repertorio de Maria Guerrero».

Assim fala D. Narciso Diaz de Escovar. Assim é necessario que todos *nós falemos do* theatro Nacional Almeida Garrett que, mais talvez do que o theatro Hespanhol, necessita de escova e de vassoura.

Alvaro Lima

A transferencia dos tribunaes criminaes e civis

Entre outros edificios, indigita-se, para installação provisoria dos tribunaes criminaes e civeis, respectivas contadorias, juizes de investigação e registro criminal, o antigo palacio dos Condes de Pombeiro, propriedade actualmente do sr. conde d'Azarujinha, no largo da Escola do Exercito.

Tem o referido edificio vastissimas e bastantes salas de baile e de recepção, facilmente adaptaveis a tribunaes, mas não sabemos se chegarão as dependencias restantes para accomodar os gabinetes dos respectivos juizes, delegados, jurados, escrivães, calabouços, arrecadações, etc.

E' o que, segundo nos dizem, está sendo verificado, a fim de se transferirem quanto antes, do velho mosteiro da Boa Hora, onde vae levantar-se o novo edificio da Caixa Geral dos Depositos, os serviços de justiça.

A ETERNA BUROCRACIA

A historia d'um concurso

De Gôa escrevem-nos, com data de 8 de junho:

«Existe aqui uma vaga de professor de philosophia do Lyceu da India, ha quatro annos. E quer v. saber a serie de coisas que se tem feito para esse provimento se não effectuar ou demorar, até calhar talvez em alguem que agrade ou tenha lampada accesa em Meca, como aqui se diz?

O professor effectivo de philosophia falleceu em 1914. Mezes depois foi aberto concurso ahi, no ministerio. Em 1915 appareceu nomeado um candidato primeiro classificado. Como este não quizesse seguir, foi nomeado outro e ninguem veiu para aqui. Em 1915, foi aberto novo concurso. Em abril de 1916, disseram os jornaes, incluindo o «Republica», orgão do ministerio ao tempo, que ia ser nomeado o sr. dr. José Benedicto Gomes, ora residente em Lisboa e que fôra o primeiro classificado e proposto pelo jury do concurso.

Mas, 6 mezes depois, viu-se que o mesmo ministro annulava o concurso, allegando que se não conformava com a classificação e mandava abrir outro. Reparo v. que um concurso foi annullado» por o ministro se não conformar com a classificação.

O candidato primeiro classificado e proposto, requereu para o Supremo Tribunal Administrativo, o qual requisitou o processo do concurso em vista ao ministro, mas este que ainda era o mesmo da annullação, recusou enviar-o, pelo que o recurso foi rejeitado!

O mesmo ministro promulgou depois uma portaria na qual se dizia que o jury de taes concursos dava apenas parecer cosultivo! E foi aberto novo concurso n'esse mesmo anno de 1916 e nomeado novo jury, cujo resultado ainda se não sabe até agora, junho de 1918. No emtanto, interinos já temos tido pelo menos 6 professores!»

A favor dos Mutilados

Donativos ao Instituto de Santa Izabel

Innumeros são já os donativos que para os valorosos mutilados da guerra se teem recebido no Instituto Medico Pedagogico de Santa Izabel, continuando elles a affluir ali, d'um modo que mostra bem o altruismo da raça portugueza.

Quasi se não passa um dia em que se não registem novos offerecimentos. Bem digna é a modelar instituição da sympathia do publico e recommendal-a é ocioso, sabendo-se que tem á sua frente um homem como o dr. Aurelio da Costa Ferreira, e que os mutilados encontram ali mais do que protecção e amparo: um carinho inexcedivel.

No Instituto foram recebidos: um par de muletas, offerecido pelo sr. Albino Pereira Magno, e um livro, offerta da enfermeira do Instituto sr.ª D. Hortense Ponce de Leão.

Os internados do Instituto Medico Pedagogico, em signal de gratidão pelas innumeras provas de carinho recebidas de ha muito de parte da esposa e filha do fallecido capitão de mar e guerra sr. Arantes Pedroso, fizeram-se representar no funeral pelo alferes mutilado sr. Manuel de Freitas e pelo 1.º sargento tambem mutilado e condecorado com a Cruz de Guerra sr. Agostinho Loureiro.

Portugal na guerra

O exemplo da Romenia e a paz dos centraes

Os jornaes publicam um telegramma muito interessante. Elle não pode passar desapercebido para nós, portuguezes.

Trata-se da paz imposta pela Allemanha á Romenia. As condições ditadas pelo vencedor ao heroico povo latino foram as mais duras, as mais crueis. Representam, para já, o saque puro e simples aos dois mais ricos productos do reino, os cereaes e o petroleo; para mais tarde, depois da paz, um regimen economico que colloca o povo romeno na situação de um escravo para com o seu senhor.

Pois os allemães julgam que este regimen foi ainda de favor. Perante a surpreza dos negociadores romenos, apressaram-se em declarar que as condições que teriam de ser impostas aos povos occidentaes em guerra com a Allemanha seriam de tal forma onerosas, que as clausulas do tratado de paz com a Romenia pareceriam ditadas pela mais alta benevolencia...

Este exemplo é demonstrativo do erro em que ainda se debatem alguns portuguezes, que ingenuamente acreditam (ou fingem acreditar) que seria possivel a existencia autonomica de Portugal se os rigores de um destino cruel dessem a victoria ás armas germanicas. Nós seriamos simplesmente riscados do mappa politico europeu, passando a constituir, provavelmente, uma longiqua provincia da grande Germania, que aproveitaria o bello sol de Portugal para mandar para aqui, a convalescer ou a morrer, os seus degenerados principes tuberculosos.

Nada d'isto ha de acontecer, felizmente. Mercê de leis moraes que os homens desconhecem mas de que presentem a existencia, os «centraes» hão de ser reduzidos á impotencia e, em vez de impôr leis, hão de ser forçados a acceital-as. A Romenia ha de resarcir-se dos prejuizos materiaes de hoje e receber as compensações convenientes; e o velho Portugal, sob a egide das suas instituições republicanas, verá fulgurar de novo, nos campos de batalha, o sol da victoria, quaesquer que sejam as intenções dos seus governantes.

A isenção dos medicos

e a sua collocação nos serviços moderados

O sr. dr. Nunes Saraiva pede-nos a publicação do seguinte:

Ex.mo Sr. ministro da guerra.—Desejava não ter vindo á imprensa esclarecer o meu caso se militarmente o pudesse fazer. Foi-me recusado. A junta é soberana nas suas decisões. A especialisação clinica civil é vantajosa aos doentes e a sua appliação castrense mira o mesmo fim. Quem melhor e mais convenientemente pode dar a sua opinião sobre ophtalmologia, vias urinarias, laringologia, etc., que os medicos que a esse ramo scientifico se dedicam? Póde o medico de clinica geral, com conhecimentos rudimentares que em geral temos, formar uma opinião segura do um doente de especialidade, sem educação technica e material preciso? Porque razão a junta constituida, é certo, por pessoas da maxima respeitabilidade e da maior graduação militar sem que sejam especialistas, me julga apto para todo o serviço? Fizeram s. ex.as a minha observação nasal? Em que situação moral e scientifica são tidos os medicos especialistas, no meu caso, perante as juntas hospitalares?

Não me assiste, porventura, o dever de protestar?

Um dos attestados diz o seguinte:

«Manuel Diogo Valladares, medico-especialista de clinica de garganta, nariz e ouvidos, director da enfermaria de Santa Emilia, etc.

Attesto que o ex.mo sr. Joaquim Manuel Nunes Saraiva soffre de ozena fectida ha alguns annos, além d'isso tem uma obstrução nasal que lhe dá insufficiencia respiratoria e uma fadiga produzida pelo desvio do septo do nariz e hypertrophia das cornetas inferiores, com alteração da mucosa, lesões estas que o obrigam a cuidados de hygiene e a trabalhos moderados, unicos compativeis com o seu estado physico, tendo-lhe varias vezes aconselhado intervenção cirurgica.

Por ser verdade passo este attestado, sob minha palavra de honra, etc.»

Devo affirmar a V. Ex.ª cathegoricamente que não é espirito politico a causa do meu protesto. Nunca tive filiação partidaria, nem tão pouco a falta de respeito á disciplina militar, como não é por cobardia que não conheço. Tenho em vista apenas que S. Ex.ª o sr. ministro da guerra me mande fazer justiça e observar por medicos especialistas e além d'isso não sanccione por mais tempo (que já vem de longe), embora sem intenção, o favoritismo imoral dos ex.mos collegas moderados, de que a classe medica é a principal culpada, e que repito, uma grande maioria tem resistencia para ao mesmo tempo que desempenham missões militares proveitosas se entregarem á clinica associativa, civil, hospitalar, etc.

Da imparcialidade de V. Ex.ª espero justiça.—Joaquim Manuel Nunes Saraiva, tenente medico miliciano.

A GUERRA

A offensiva dos alliados

As linhas francezas avançam para além de Montdidier — 8.000 prisioneiros, mais de 200 canhões tomados aos allemães

PARIS, 10—Communicação official de hoje ás 23 horas. Na linha de batalha do Avre, os nossos ataques continuaram todo o dia com um successo crescente. Logo de manhã Montdidier, cercada por leste e nordeste, cahiu em nosso poder. Proseguindo o nosso avanço victorioso á direita das forças britannicas, levamos as nossas linhas até 10 kilometros a leste de Montdidier na linha Andéchy-Laboissier-Fécamps.

Por outro lado, alargando mais a nossa acção para sudeste, atacámos as posições allemãs á direita e é esquerda da estrada de St. Juste-en-Chaussée a Roye e n'uma linha de mais de 20 kilometros conquistámos Rollot, Orvillers, Sorel, Ressons-sur-Matz, Conchy-les-Pots, Laneuville, Surressons e Elincourt, realisando em certos pontos um avanço de 10 kilometros.

Em 3 dias de combates as tropas francezas progrediram mais de 20 kilometros ao longo da estrada de Amiens a Roye. O numero de prisioneiros que fizeram no mesmo periodo de tempo passa de 8.000. Entre o enorme material abandonado pelo inimigo, contámos até agora 200 canhões. —(Havas).

O avanço dos exercitos alliados progride de hora a hora

LONDRES, 11. — Communicado britannico de hontem á noite—Conforme o plano de operações dos alliados, o ataque lançado hontem á noite á direita pelo 1.º exercito francez, ao sul de Montdidier, foi desenvolvido esta manhã com um exito completo. Durante o resto do dia o avanço do 1.º exercito francez continuou em cooperação com o exercito francez estabelecido á sua direita, e á direita do 4.º exercito britannico, as tropas britannicas precipitando a retirada dos allemães sobre Lihons, quebraram a resistencia inimiga e realisaram serios progressos na actual linha geral attingida pelas tropas alliadas, passando de norte a sul, por Lihons, Fresney-lez-Roye, Lignieres, Couchy-les-Pots. O numero de prisioneiros augmenta.

AVIAÇÃO — Nos combates de hontem abatemos 29 apparelhos inimigos e forçámos a aterrar 22. Faltam 23 dos nossos. Um apparelho que tinha faltado á noite regressou depois. De dia lançámos 38 toneladas e meia de bombas sobre differentes objectivos e 18 toneladas e meia durante a noite seguinte.

Hoje, a intervenção da nossa aviação na zona de batalha continuou sem interrupção, dando-se numerosos combates com aeroplanos allemães. Os nossos apparelhos seguiram de perto o avanço da infantaria e fizeram uteis observações durante o dia.—(Havas).

As tropas inglezas e americanas atacam o saliente entre o Ancre e o Somme— Mais de 24.000 prisioneiros

LONDRES, 10 — Communicado britannico d'esta tarde. Hontem á noite os exercitos alliados continuaram o avanço em toda a linha de batalha desde o sul de Montdidier até ao Aisne. As tropas francezas, atacando esta tarde ao sul de Montdidier, tomaram Tronquoy, Fretoy, Assainvillers, e ameaçam Montdidier por sudoeste. Os nossos alliados fizeram mais de 2.000 prisioneiros n'este sector. As divisões canadianas e australianas tomaram Bouchoir, Moharicourt e Lihons, e penetraram em Proyart. A' noite as tropas inglezas e americanas atacaram o saliente entre o Ancre e o Somme, obtendo um exito immediato. Ao cahir da noite attingimos todos os objectivos, entre os quaes Morlancourt e as alturas situadas ao sul e a leste d'esta localidade. Os contra-ataques do inimigo n'este sector, foram repellidos depois de vivos combates. O numero de prisioneiros feitos pelos alliados desde a manhã do dia 8, passa de 24.000.—(Havas).

*

A guerra no Oriente

Na Albania recontros de patrulhas

PARIS, 10.—Exercito do Oriente.—Actividade habitual da artilharia. Na Albania recontros de patrulhas que nos renderam alguns prisioneiros. A aviação franceza bombardeou acampamentos inimigos na região de Pegradec e a aviação britannica as vias ferreas na região de Seres.—(Havas).

*

De todo o mundo

O governo norte-americano assume a fiscalisação do trabalho

NOVA YORK, 10—O governo assumiu, desde o dia 1, a fiscalisação do emprego do trabalho não especialisado em todos os Estados Unidos. O plano do governo é facilitar o emprego dos operarios e operarias em conformidade com as necessidades das industrias que contribuem para augmentar a força combativa dos Estados Unidos, segundo o que foi exposto pelo secretario do Estado do trabalho, o sr. Wilson.

Esse plano, que só se applica, no momento actual, ao trabalho não especialisado, nas fabricas onde ha mais de 100 operarios, será applicado proximamente, segundo o que disse o sr. Wilson, pelo governo ao trabalho dos especialistas, de modo que o governo terá eventualmente a fiscalisação de treze milhões de trabalhadores, ou mais.

Cada homem poderá continuar a trabalhar onde quizer, mas será dado a cada industrial um pessoal proporcional á importancia das fabricas sob o ponto de vista do fabrico de guerra.

Evitar-se-ha assim o emprego de trabalhadores para fabricos não essenciaes e o desperdicio de producção causado pelas deslocações de trabalhadores d'uma fabrica para outra, causada por offertas mais vantajosas.

E' prohibido arranjar materias primas por meio da publicidade. Quem d'ellas tiver necessidade deve dirigir-se á agencia do governo.

O fabrico do papel foi classificado entre as industrias essenciaes, com a condição de se realisarem as maiores economias e do consumo de papel de jornaes, especialmente, ser reduzido de 15 0|0.—(Correspondente).

A partida do sr. Malvy

PARIS, 10.—O sr. Malvy partiu ás 20,25 pelo comboio de Irun.—(Havas).

Alto funccionalismo francez

PARIS, 10.—O sr. Labussière, chefe de repartição no ministerio do interior, foi nomeado director da segurança geral, em substituição do sr. Maringer, anteriormente nomeado commissario geral da segurança nacional.—(Havas).

Noticias do Brazil

PORTO ALEGRE (ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL), 10.—Estão muito adiantadas as negociações para o pagamento dos coupons em atrazo da Companhia do Porto do Rio Grande do Sul. O regulamento fixa o prazo de tres mezes para esse pagamento, restando apenas combinar a maneira como deverá ser effectuada a troca das obrigações por titulos de rendas federaes ou do Estado do Rio Grande do Sul.—(Americana).

Ao leitor d'A CAPITAL

Depois de lido, enviar este jornal á *Junta Patriotica do Norte* (Paços do Concelho — Porto), a fim d'esta o mandar para os nossos soldados no «front».

As historias que o "Diario Nacional" engendra

Agradecemos muito ao illustre collega «O Diario Nacional» não ter querido deixar, sem uma resposta qualquer, o ligeiro commentario historico que aqui fizemos (acompanhado do illucidativo parallelo...) ao alto discernimento politico que obrigou o sr. D. João VI, de saudosa memoria, a passar-se, a elle mail-a familia e as riquezas que poude arrebanhar, a terras de Santa Cruz, á quando da invasão napoleonica. Sentimos, porém, que, apezar de todas as auctoridades litterarias colleccionadas pelo «Diario Nacional», não conseguissemos vêr modificada a opinião já emittida, isto é, que ao acto da fuga não presidiu senão o medo, que parece ser, aliás, qualidade hereditaria na familia dos Braganças e dos Orleans. Em reforço ás razões já produzidas, pedimos licença ao collega para restabelecermos a verdade dos factos historicos, tirando d'elles a philosophia conveniente.

Quando Napoleão invadiu, por meio dos seus exercitos, a Peninsula Hispanica, houve um rei que se deixou ficar no seu posto e outro que extrahiu das indisposições e preguiça degenerativas, a necessaria energia para dar ás de Villa-Diogo. O primeiro chamava-se Fernando e imperava em Hespanha; o outro foi um pobre diabo e ficou na nossa historia com a denominação de D. João VI. O rei Fernando VII foi aprisionado e substituido no throno pelo mano José, mano de Napoleão, é claro. O nosso [illegible] monarcha cedeu o logar ao [illegible] montes do Junot, mais tarde substituido, sempre durante a prudente ausencia do glorioso e gordoroso D. João VI, pelos outros sargentões que se chamaram Soult e Massena. Mas Napoleão teve o fim, auspicioso para a paz europeia, que se conhece, indo largar os ossos nas solidões de Santa Helena. A Europa, pacificada, reconstituiu-se.

Parece, pelo raciocinio do «O Diario Nacional», que a Hespanha teria sido consideravelmente desfavorecida por causa da attitude de Fernando VII, opposta á de D. João VI. Pois não aconteceu assim. A Hespanha conservou a sua integridade territorial, apezar de Fernando VII se ter deixado aprisionar; Portugal perdeu o Brazil e, tambem, Olivença, que ainda nos pertence de direito, apezar da Hespanha continuar a ser a detentora de facto. E D. João VI não se deixou aprisionar...

Que concluir de tudo isto? Que a fuga de D. João VI nos foi prejudicial? Não. Simplesmente que a sorte dos dois reinos não ficou dependente da attitude dos seus monarchas porque, adoptando cada um d'elles procedimento diverso em momentos historicos identicos, se colheram resultados equivalentes,—ainda assim com evidente prejuizo para Portugal. E' que a sorte dos povos não depende dos reis...

No proprio «Diario Nacional» encontramos opinião identica á nossa.

Um monarchico do polpa, o sr. Diniz da Fonseca, que accusa o «Diario Nacional» de ter falseado um seu artigo na «Ordem», onde se diz precisamente o contrario d'aquillo que o «Diario Nacional» quer fazer vêr, pergunta em seguida «porque é que se transtornam assim coisas tão evidentes e que é tão facil de lêr e... verificar». Do que se queixa o sr. Diniz da Fonseca já nós, em tempos, nos lastimámos tambem. A's vezes—não muitas vezes...—o «Diario Nacional» muda o bico ao prego, arranjando a presa dos outros ao sabor das suas convicções. O diario manuelista confessa-o hoje, aliás, na resposta que dá ao sr. Diniz da Fonseca, quando appela para o publico afim de que este julgue «se um monarchico esclarecido como o sr. Diniz da Fonseca», pode pensar d'uma tão desfavoravel forma á gloria posthuma do sr. D. João VI. Se o sr. Diniz da Fonseca aperta mais o «Diario Nacional» elle não prescindirá, com certeza, de lhe lançar uma replica fulminante, dedilhando, com vigor, o faduncho dos «bons principios», com as estafadas variações ácerca dos «malvados jesuitas» e a costumada pena de excommunhão maior, a cuja ameaça tão sensivel se mostrou «O Dia».

Em nossa opinião El-Rei D. João VI fugiu para o Brazil pelas mesmas razões que puzeram cêbo nos calcanhares de outro El-Rei, o sr. D. Manuel II: foi por medo e... mais nada. Cremos que se D. João VI fôsse vivo em 1910 teria feito o que fez o seu tataraneto ou lá o que é: raspava-se tambem. E d'esta vez com certa desculpa—que reconhecemos, aliás, no sr. D. Manuel,—a qual desculpa consiste na vantagem de pôr o mar salvador entre o soberano e os subditos que o aborreciam, os ingratos!

Os Braganças são, de resto, todos os mesmos. Medrosos como coelhos, só encontram energia para a fuga desapoderada. Veja-se o que fez, em outubro de 1910, o Condestabre D. *Affonso Henriques*, antonomasia com que se adornou o tio do capitão-pretendente. Aos primeiros tiros de canhão, ala, que se faz tarde! Elle ahi vae, sem querer saber do seu El-Rei para nada, escondendo-se nos porões do «hiaght» «D. Amelia» e consentindo, a custo, que o navio fôsse postar-se defronte da Ericeira, á espera dos outros foragidos... Por fim, desesperançado de lhe cahir um throno do ceu aos trambulhões, troca os seus sagrados direitos de herdeiro presumptivo pelo prato de ricas lentilhas que lhe offereceu a multimillionaria americana. D'aqui a uns annos, ainda apparecerá um historiador, no genero do articulista do «Diario Nacional», para vêr no acto do principe D. Affonso, cognominado o «Arreda», uma alta comprehensão dos seus deveres politicos...

"AVIZ"

Companhia Reseguradora Portugueza

Realisou-se hoje, pelas 14 horas na sua séde Rua do Carmo, 69, 2.º a assembleia geral ordinaria d'esta Companhia para eleição dos membros da mesa da assembleia geral para o primeiro trienio, sendo eleitos por 128 votos:

Presidente, José Emilio Raposo de Magalhães;

Vice-presidente, Antonio Casanovas Augustine;

Secretarios effectivos: Antonio Ignacio Baião e Luciano Ribeiro;

Secretarios supplentes: João Baptista Nunes da Silva e Sebastião Horta Pereira Machado, todos dos maiores accionistas da Companhia e nomes bem conhecidos do meio commercial e bancario.

Presidiu á assembleia geral o Ex.mo Sr. Dr. Carlos d'Oliveira, Dignissimo Administrador da Companhia de Seguros «A PAZ» secretariado pelos Ex.mos Srs. Luciano Ribeiro e Arnaldo Horta Machado, conduzindo os trabalhos de forma a merecerem um voto de louvor approvado por acclamação pela assembleia.

Antes de encerrar a sessão, o sr. Alberto Correia, pelo Conselho de Administração, fez uso da palavra para communicar á Assembleia a prosperidade financeira da Companhia que em pouco mais de mez e meio obteve uma receita superior a cem mil escudos, como provou com documentos apresentados, seguindo-se o accionista Sr. Antonio Neves que, firmado na exposição da receita feita anteriormente, faz votos para os progressos da Companhia, tão brilhantemente accentuados no seu inicio se prolongassem, propondo um voto de louvor por unanimidade ao Conselho de Administração, o qual foi sublinhado por uma salva de palmas pela Assemblea, sendo de seguida encerrados os trabalhos.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

SOCIEDADE ESTENO-DACTILOGRAFICA PORTUGUEZA—A commissão organisadora d'esta sociedade pede a todos os tachygraphos parlamentares e commerciaes, esteno-dactilographos, dactilographos e professores que compareçam no proximo dia 12 na Rua Antonio Maria Cardoso, 20, para tomarem parte na reunião que se realisa ás 21 horas para discussão dos estatutos.

UNIÃO DOS VINICULTORES DE PORTUGAL.—Reuniu hoje a assembléa geral da União dos Viniculteres de Portugal, approvando o relatorio e contas da gerencia de 1917, o parecer do conselho fiscal e dando um voto de louvor aos seus corpos gerentes. Foi discutida uma moção no sentido de os srs. [illegible] direito de opção no arrendamento de armazens e venda de terrenos da União, sendo seguido o criterio por essa moção estabelecido.

Associação Protectora Infantil Santo Antonio

Realisou-se hoje a sessão solemne commemorativa do seu anniversario, para distribuição de premios ás alumnas que mais se distinguiram durante o anno. Antes, foi aberta a exposição dos trabalhos, alguns dos quaes dignos de elogios.

O sr. Gustavo Mauritty abriu a sessão convidando para presidir o sr. Luiz Saude Junior, representante do sr. governador civil, e para secretario o sr. dr. Pereira dos Reis, prior dos Anjos.

Falaram os srs. Saude Junior, dr. Carneiro de Moura, Henrique Alves, dr. Pereira Dias e Sabino Galamba, procedendo seguidamente á distribuição dos premios, que constavam de dinheiro, livros, côrtes de vestidos e «bombons». Durante a distribuição a orchestra executou varios trechos musicaes.

Cartas são papeis...

Se o sr. José Malhou se resolvesse a escrever mais, talvez se viesse a conhecer, por completo, os «dissons» do negocio...

Terminamos n'este artigo com a prosa injectada no jornal pelo sr. José Malhou. Que este sr. tente desviar as attenções do publico, fazendo-lhe acreditar no seu desinteresse, está muito bom. São manobras que não nos apaixonam. Na analyse que fazemos ao contracto Federação-Malhou somos orientados por um ponto de vista de muito maior elevação. Apenas nos impressionam os interesses nacionaes. A moralidade da administração republicana acima de tudo! Mas se deixassemos passar em claro a carta do sr. José Malhou, a opinião publica ver-se-hia embaraçada para definitivamente se pronunciar, influenciada pela habil prosa que outrem escreveu e o sr. José Malhou assignou. Por isso fomos forçados a fazer-lhe a critica, sem prejuizo, é claro, da analyse da questão fundamental e que reside no contracto Federação-Malhou, artificiosamente obtido do sr. Machado Santos que, n'esta questão como em muitas outras, procedeu com notavel ingenuidade. Não temos o proposito de fazer campanhas, se ellas não são justificadas e orientadas n'um sentido puramente moral. Não somos por uns nem por outros: somos pela Republica!

A carta do sr. José Malhou foi redigida para perturbar a discussão. Era preciso destruil-a. Quem leu o nosso artigo anterior ficou já sabendo que o sr. José Malhou pretende vender uma coisa de que é detentor, embora a posse em direito esteja sujeita a ser-lhe victoriosamente contestada.

Toda a questiuncula da carta reside n'isto. E' um sophisma. Nós destruimol-o, dizendo ao sr. José Malhou:

—Restitua!

O signatario da famosa carta geme lamentosamente:

—Sim, eu restituo! mas dêem-me, por favor, uns 3 %...

Para que quer o sr. Malhou uma percentagem, alias de liquidação incerta? Que despezas fez já o famoso concessionario d'um monopolio subrepticiamente obtido do Estado?

Só documentando *essas despezas preparatorias do negocio* é que o sr. José Malhou poderia allegar justificação para a venda da concessão, extorquida ao sr. Machado Santos *quando era seu homem de confiança o grande cidadão Thiago Salles, presidente da Federação*. Se o sr. José Malhou se resolvesse a dizer tudo que sabe, quanta luz se faria!... E que bella justificação para nós, jornalistas, que pômos a penna ao serviço da moralidade administrativa da Republica!

A confissão do sr. José Malhou ficaria completa e os *dessous* d'este negocio completamente postos a nú... Mas o sr. José Malhou entende que o segredo é a alma do negocio!

—Porque é preciso não esquecer quem provocou tudo isto. Foi o sr. Thiago Salles. Por isso o sr. Machado Santos exclamava, á medida que o iam pondo ao facto do laço que lhe armaram:

—*Então tambem n'isso me enganaram?...*

Sim, Ex.mo Senhor. Enganaram-no e riram-se, depois, da burla que lhe pregaram. E, depois de o illudirem, pretendem ainda perturbar o bom juizo da Nação. Para isso surgiu agora a carta do sr. José Malhou. Ella aqui fica interpretada, segundo o bom senso. Para que tudo venha a saber-se, só resta pedir ao sr. José Malhou:

—Escreva mais, Ex.mo Sr., escreva sempre... Quanto mais escrever mais confessará!...

Agora continuamos a critica do contracto.

SPORT

«A Taça José Pontes»

Realisou-se, nos dias 27 e 28 do mez passado o primeiro torneio de esgrima d'esta epocha. Foi um torneio levado a effeito pela commissão promotora de festas do sport a favor dos mutilados da guerra, disputando-se a «Taça José Pontes». A sua inscripção foi na realidade diminuta, pois apenas se inscreveram vinte atiradores que representavam a Sala Carlos Gonçalves, Atheneu Commercial, Sport Lisboa e Benfica e Grupo d'Armas e Sport.

Porque não se inscreveram as restantes salas d'armas?

De duas uma: ou fizeram politica, ou não teem atiradores.

Se fizeram politica, foi muito mal cabida, porque a prova era mais alguma coisa do que um torneio vulgar, visto que o producto de entradas era destinado aos nossos mutilados da guerra, a esses bravos soldados que souberam enobrecer o nome portuguez e que agora regressam á sua Patria estropiados e mutilados.

Se não teem atiradores, foi porque abandonaram, com a costumada má orientação, este sport. Mas não, não se póde comprehender que não tivessem atiradores—poucos ou muitos—para inscrever n'um torneio em que se disputava a «Taça José Pontes».

Não conhecerão agora essas salas de armas quem é José Pontes?

Talvez não, mas deviam conhecel-o porque José Pontes foi durante dezoito annos a alma do sport, e não temos duvida em affirmar que, com a sua grande propaganda muito lucraram os clubs de sport e até as salas d'armas que, agora, deviam reconhecer isso e prestar-lhe a sua homenagem. A verdade é esta!

Podemos affirmal-o sem receio de contestação: quantas e quantas vezes esses—que agora o não conhecem imploraram o seu auxilio para si ou para o seu club!

Ainda ha pouco, quando nós faziamos parte da direcção de um club, quantas e quantas vezes entrámos n'esta redacção, pedindo-lhe o seu auxilio, ouvindo-o, e escutando os seus conselhos.

Porventura esses senhores — as competencias da nossa terra—nunca se teriam utilisado dos seus serviços?

Podemos affirmar que sim, porque conhecemos já ha «onze» annos a marcha d'esta machina...

Reclamações

Sr. redactor sportivo da «Capital».—Acabo de lêr a carta do sr. Montez, que, não refutando a minha, publicada em 5 do corrente, considera o incidente terminado. Pois seja assim, mantendo, porém, integralmente tudo o que escrevi.—De v., etc.—Fernando Farinha.

Festas associativas

ACADEMIA INST. PESSOAL DOS CAMINHOS DE FERRO DE LESTE E NORTE.—Esta Academia realisa o seu «pic-nic» no proximo domingo, 18, no Parque Silva Porto (Matta de Benfica), havendo diversos divertimentos.

Echos & Noticias

ANNIVERSARIOS

Passa amanhã o anniversario natalicio do sr. José Ignacio, estimado funccionario do Sanatorio Popular de Lisboa.

Publicações recebidas

BOLETIM COMMERCIAL.—Está publicado o numero relativo a junho findo. Entre outros assumptos, trata dos relatorios e informações consulares dos nossos agentes em S. Paulo, Havre e Curityba.

NATURISMO

Vaccina

Hoje é obrigatoria a vaccina. E todos os paes são coagidos a introduzir o pus de uma vitela doente no sangue dos seus filhos queridos. Já se viu maior barbaridade? Já se viu maior despotismo e mais intensa prepotencia?

Nem ao menos somos senhores do que é nosso, o corpo!

Uns sabios ou pseudo scientistas, para se opporem á variola, intimaram com penas e castigos (por leis forjados em cerebros tirannicos) os paes a deixar envenenar com materia putrida d'uma vitela podre, com fins erradamente profilaticos, o organismo infantil e por varias vezes. Irra com taes decretos... Imagine-se que, a Inglaterra, a patria de Jenner, tratador de animaes, não obriga os seus subditos á inquisição da innoculação do virus. Está longe de ser demonstrado bem o effeito curativo ou profilatico de tal pratica. Se a variola decresce é devido sómente á hygiene e á limpeza. A introducção do virus, erroneamente chamado imunisante, causa nos supplicados que a tal se sujeitam, varias alterações. Dizem alguns auctores que o agente da vacinação é identico ao agente da avaria (syphilis). E, de verdade, são em algumas creanças taes as manifestações apoz a intromissão do pus vaccinico, que se póde confirmar tal asserção.

O homem moderno, entre as phantasias therapeuticas de hoje e do amanhã, torna-se um «super infeliz» que continua sempre a descer os degraus da miseria phisiologica. Só a hygiene natural póde impedir a variola; assim como só a therapeutica naturista cural-a realmente quando manifestada a doença. Procedimentos simples mas racionaes que dão alegria a quem os indica na certeza da cura e ás mães consolação, vendo seus filhos libertos dos estragos das pustulas.

«Em nome da justiça clamo contra a obrigatoriedade da vaccina para os paes que não queiram seus filhos infectados pela materia morbida d'uma pobre vitela sacrificada em holocausto a uma therapeutica reaccionaria e empirica».

Dr. Amilcar de Sousa

Atropelamento

Hontem de tarde andava pela Junqueira, agarrando-se á plataforma dos carros electricos, o menor Manuel Pires, de 13 annos, e de uma das vezes desequilibrou-se, sendo colhido por uma das rodas que lhe fracturou o craneo e o braço direito.

Conduzido ao banco do hospital, foi-lhe feita a operação do trepano, sendo grave o seu estado.

Theatros

Cartaz de hoje

THEATRO NACIONAL—A's 21 «A vida d'um rapaz pobre».—S. LUIZ—A's 21,30—«Generos alimenticios».—TRINDADE—A's 21,30—«O gato maltez».—GIMNASIO—A's 21,30—«Marionettes».—APOLO—A's 21,30—«A revolta».—EDEN—A's 21,30—«A trombeta da fama».—POLYTHEAMA—A's 21,30 «Salada russa».—AVENIDA—A's 21,30—«O homem de gelo».—SALÃO FOZ—A's 21—Variedades e animatographo.—COLYSEU DOS RECREIOS—A's 21,30—«A nova missão de Judex».

Animatographos e concertos—Central, Olympia, Chiado Terrasse, Condes e Salão da Trindade.

Informações

E' amanhã, no São Luiz, a ultima representação da peça «Generos alimenticios». Na sexta-feira é a «première» de «Os mineiros».

Réclames

Brazão, Palmira Bastos, Albuquerque, Carlos Santos, Maria Pia e Jorge Grave, teem nas «Marionettes» mais um soberbo trabalho, digno de todos os applausos. A deliciosa comedia repete-se hoje.

—Quem ha que não tenha ouvido fallar da quadrilha de «Os filhos da noite», tenebrosa instituição, que a tanta noticia-folhetim tem dado azo? Pois a quadrilha foi apanhada, e um dos seus mais endiabrados chefes (a graciosa Ema d'Oliveira) foi coagida com alguns dos seus sequazes a exhibirem-se no palco do Apollo, todas as noites, contribuindo d'esse modo para o maior successo de «A Revolta», pois não ha quem queira conhecer os «Filhos da noite».

—A admiravel, a explendorosa revista que é a «Salada russa», representa-se esta noite pela 71.ª vez no Politheama. Até para os que anteriormente a viram, se impõe o voltarem ao theatro, pois que está agora completamente modificada com o quadro «Comes e bebes», que é uma maravilha de graça, e 6 numeros mais que sempre são applaudidos delirantemente, especialmente o bicetto dos electricos, que é sempre repetido. Esta noite deve haver uma enchente de pôr letreiro á porta.

No Brazil

Deve já ter chegado ao Rio de Janeiro, André Brulé e a sua «trupe» que ali vae dar uma serie de recitas no theatro municipal. Segundo os jornaes brazileiros os novos elenco e reportorio d'aquella companhia franceza, que é natural vermos em Lisboa quando do seu regresso, são os seguintes:

Elenco—Mlle. Louise Mornand, creadora da «Une femme passa...» no Rénaissance; mlle. Sabine Landray, mlle. Mirval, especialmente contractada para os principaes papeis violentos («Femme X», «Maman Colibri», «Enfant de l'amour»); mlle. Kerseff, do theatro de Petrogrado; madame Moret, mlle. Fabry, etc.; André Brulé, Gaston Séverin, Antonin Gildés, Lucien Brulé, Malavié Mangys-Sance; galã comico, mr. Saint-Bonnet.

Repertorio—«Pièces blanches»; «Pelléas et Melisande», de Maeterlink; «Un soir au front...» de Kistemakers, ultima creação do André Brulé, grande successo do theatro da Porte Saint-Martin; «Monsieur Bourdin, profiteur de la guerre», recente grande successo comico; «Belle aventure», «Demoiselle de magasin», «Le maitre de forges», «La princesse Lointaine», de Edmond Rostand; «Amants», de Maurice Donnay; «Les demi-vierges», de Marcel Prévost; «Maman Colibri», e «Enfant de l'amour», de Henri Bataille, e «Le détour», de Bernstein.

Além d'essas peças do maior interesse, figuram no repertorio para a America do Sul as seguintes: «Coeur de Moineu», «La Rafale», «La Femme X», «Monsieur de Beverley», «L'Epervier», «Zazá», «Le Duel», «Le Danseur Inconnu» e «Triplepatte».

Desastre

Ao banco do hospital de S. José foi hontem receber curativo Manuel Alves, de 28 annos, que quando descia em motocycleta a rua de S. Bento, cahiu, ficando muito contuso pelo corpo.

Ultimas noticias

O começo da Victoria!

O nosso illustre collega «A Situação», orgão, na imprensa, do sr. Presidente da Republica, abre hoje com o seguinte vistoso «en-tête», subordinado ao titulo acima, a toda a largura do jornal:

«Pelos ultimos telegrammas da guerra, verifica-se que a offensiva dos nossos alliados está, finalmente, conduzindo á victoria a causa do Direito e da Justiça.

Todos nós, que sentimos pulsar um coração lusitano, nos orgulhamos de estar ao lado das nações que ora erguem bem alto a sua idéa, em defeza dos pequenos povos opprimidos.

Que a alma lusiada saiba sentir a alma da França, mãe espiritual de todos nós! Que saiba exprimir a sua admiração pelos soldados admiraveis da Grã-Bretanha, a grande nação cujo exercito tem sido um dos nervos da guerra! Que saiba orgulhar-se de enfileirar ao lado da America, que veiu auxiliar os soldados do Velho Mundo. São estes os votos que fazemos, no momento em que a fera começa a encolher as garras venenosas.»

Estas nobres palavras exprimem, com muita eloquencia, os sentimentos de todos os portuguezes. Nós não podemos cruzar os braços n'uma lucta de cujo resultado depende o futuro da nossa nacionalidade.

Accrescentaremos, a proposito, que «A Situação» ainda se não resolveu a responder á pergunta que lhe fizemos e que não é senão a reproducção da que, no Parlamento, já o sr. Mello Vieira fez ao illustre titular da pasta da guerra. Como é sabido, «A Situação» supprimiu, na sua reportagem, a resposta do sr. secretario de estado da guerra.

A pergunta do sr. Mello Vieira foi esta:

—Manda o governo mais tropas para França?

De toda a questão, tão clamorosamente levantada na Camara dos Deputados pelo sr. ministro da guerra, esta parte é, com certeza, a que mais interessa á Nação.

A GUERRA

Cooperando na batalha—Perseguindo o inimigo á bomba e á metralhadora—Gares e bivaques bombardeados

PARIS, 11.—Communicado official:

Aviação.—A aviação franceza ainda hontem tomou parte na batalha em intima ligação com a infantaria guiando o avanço realisado pelos nossos infantes e perseguindo sem descanso o inimigo á bomba e á metralhadora.

Apezar das condições athmosphericas pouco favoraveis, as nossas esquadrilhas travaram numerosos combates aereos, no decurso dos quaes abatemos ou cahiram desamparados 14 aviões allemães e incendiámos 9 balões captivos.

As nossas esquadrilhas de bombardeamento lançaram de dia mais de 23 toneladas de projecteis sobre as concentrações de tropas inimigas no valle do Avre e na zona da batalha, assim como sobre as gares á rectaguarda da linha de batalha inimiga. De noite lançámos tambem perto de 17 toneladas sobre as gares de Ham, Tergnier Nesles, Hombleux e sobre numerosos bivaques, provocando incendios e explosões.—(Havas).

Nas linhas italianas

Italianos, inglezes e francezes travam acções em que alcançam exito

ROMA, 10—Commando supremo em 10.—Em Giudicario e no planalto do Asiago, as tropas italianas, inglezas e francezas effectuaram com exito, acções muito brilhantes nas linhas inimigas. No dia 8, em Giudicario, as nossas forças de «élite» passaram o Chiese, chegaram ao valle Daone, onde surprehenderam um importante posto inimigo nos desfiladeiros meridionaes de Dosso e do Morti, mataram alguns soldados e fizeram 21 prisioneiros, apezar do fogo da artilharia austriaca e da chegada de reforços.

Na noite de 8 para 9, destacamentos britannicos depois de terem destroçado com o concurso das baterias italianas os entrincheiramentos inimigos entre Canove e o Asiago, penetraram em 8 elementos de trincheira, infligindo grandes perdas ás suas guarnições e aos reforços que chegaram em seguida, regressando ás suas linhas com 374 prisioneiros, entre elles 10 officiaes, e tomando tambem 10 metralhadoras, 4 lança-bombas, alguns quadrupedes e material de guerra.

Ao amanhecer do dia 9, depois de curta e violenta preparação de artilharia, as tropas francezas fizeram uma incursão e penetraram profundamente no principal ponto inimigo do monte Sisemol, destruindo uma boa parte da guarnição e obrigando o resto a render-se, capturaram 5 officiaes e 243 soldados, e tomaram um canhão de trincheira e varias metralhadoras.

Mais a leste as forças italianas que partiram das posições do valle Bela, do colo Rosso e do colo de Echele, conseguiram passar n'alguns pontos as formidaveis linhas inimigas que se achavam em frente, infligindo sérias perdas aos seus defensores por uma violenta lucta corpo a corpo e fazendo prisioneiros 2 officiaes e 57 soldados. As perdas italianas e alliadas teem sido muito ligeiras apezar da violenta reacção da artilharia e das metralhadoras inimigas. Destruimos 2 aviões inimigos em combates aereos.—(Havas).

A confusão russa

Lenine e Trotsky com medo

AMSTERDAM, 10.—A «Gazetta de Voss» recebeu informações de Moscou confirmando o descobrimento d'uma conspiração contra Lenine e Trotsky, do que se falou ha já dias.

Tanto um como outro tomam as maiores precauções. Lenine só se atreve a apparecer em publico guardado por uma forte escolta.

Quando ha dias, foi visitar o dr. Helfferich, as ruas por onde passou estavam guarnecidas de filas de tropa.—Correspondente).

A Russia vae declarar guerra á Entente

WASHINGTON, 10.—O governo dos Estados Unidos recebeu um telegramma de Moscou dizendo que Lenine declarou recentemente n'uma reunião de «soviets» em Moscou, que existia o «estado de guerra» entre a Entente e a Russia.

A czarina declarou aos consules alliados que a declaração de Lenine devia ser tomada como «estado de defeza» da Russia.—(Havas).

Um «ultimatum» da Russia ao Japão

COPENHAGUE, 10.—O «Pravda» annuncia que a Russia enviou um «ultimatum» ao Japão, em seguida á sua intervenção na Siberia.—(Havas).

Mutilados da guerra

A recita de hontem no theatro São Luiz

Realisou-se hontem a recita de homenagem aos mutilados da guerra, no theatro São Luiz.

N'um dos intervallos, a illustre actriz Angela Pinto disse magistralmente sete quadras do insigne poeta Antonio Corrêa d'Oliveira, que a assistencia applaudiu com enthusiasmo.

Representou-se a espirituosa comedia «Generos Alimenticios», sendo os principaes interpretes muito applaudidos. A recita foi, por todos os motivos, encantadora.

Obra da Assistencia 5 de Dezembro

Inauguração de mais duas cozinhas

O sr. dr Sidonio Paes inaugurou hoje mais duas cozinhas, a da freguezia das Mercês e das da Sé e S. Thiago, a primeira em uma dependencia do palacio da sr.ª condessa de Ficalho, na rua dos Caetanos, e a segunda no atrio da antiga egreja de Santa Luzia, hoje pertença do ministerio das finanças, onde se acha installado o archivo da extincta Casa Real.

O chefe do Estado acompanhado pelos seus ajudantes achava-se ás 14,30 em ponto, no palacio Ficalho, sendo aguardado pela sr.ª condessa, que o recebeu com a tradicional galanteria que é timbre da sua illustre familia e lhe offereceu um grande ramo de magnificos cravos, varias outras senhoras, os srs. major Nascimento Affonso, capitão Bernardino Ferreira, alferes Ferreira da Silva, João Affonso, respectivamente inspector, presidente, vogal e secretario da commissão central da Obra da assistencia 5 de Dezembro, o presidente da junta de parochia das Mercês e outras pessoas.

O recinto estava ornado de colchas preciosas, bandeiras das nações alliadas e plantas decorativas.

O sr. dr. Sidonio Paes tomou logar junto de uma cadeira de assento e espaldar de coiro, pregueada, atraz de um magnifico bufete de talha, collocado sobre um estrado alfombrado de vermelho.

Uma vez ali o presidente da junta da parochia deu-lhe as boas vindas, agradeceu-lhe a comparencia, elogiou a Obra da assistencia e entregou-lhe um pedido de donativo para o dispensario que a junta vae crear.

A assistencia saudou com palmas e vivas o chefe do Estado, dando tambem vivas á Patria e á Republica, usando depois da palavra o sr. capitão Bernardino Ferreira, que poz em relevo os resultados que a Assistencia, em boa hora creada pelo sr. dr. Sidonio Paes vae tendo, dirigindo palavras de reconhecimento á sr.ª condessa de Ficalho, cujas virtudes e espirito caritativo elogiou.

Depois de novos vivas e palmas o sr. presidente agradeceu a recepção que acabava de lhe ser feita, repetiu mais uma vez sentir-se bem junto do povo e folgou por vêr que as pessoas mais avessas ao regimen por que ora nos administramos, mas dotadas de corações puros e almas boas, se associavam sincera e expontaneamente ás obras dictadas por boas intenções.

Passando então á cosinha, installada á direita do recinto, a sr.ª condessa de Ficalho pediu-lhe para provar a sopa que ia ser servida aos pobres, n'um prato de velha e rica porcelana, collocado sobre uma salva de prata, cinzelada e ornada com o brazão da sua familia.

Em seguida foram distribuidas 200 sopas de feijão com hortaliça e outras tantes pães. A distribuição diaria será de 400 sopas, quando estejam a funccionar os caldeiros, que ainda hoje não puderam ficar installados.

Depois de alguns minutos de conversação com as senhoras e demais pessoas presentes, o chefe do Estado tomou o automovel, seguindo para Santa Luzia.

Ali foi recebido pelos membros da Assistencia, já mencionados, e pelos srs. presidentes das juntas de parochia da Sé e de S. Thiago, que enalteceram a Obra da Assistencia: Joaquim Ferreira Pacheco, encarregado do archivo ali installado e Custodio José Vieira, funccionario do ministerio das finanças, expressamente encarregado de dar-lhe as boas vindas, pelo respectivo secretario d'Estado.

A todos o sr. Presidente da Republica agradeceu, pondo em evidencia os esforços que todos aquelles de que se cerca fazem no sentido de consolidar a Republica e de auxiliar as classes desprotegidas da fortuna.

O recinto estava adornado de bandeiras e os discursos fizeram-se no guarda-vento do templo, cujo fundo estava coberto de velludo verde-malva, junto de uma meza antiga, coberta por uma colgadura de damasco carmezim, agaloada de prata.

Numerosos vivas foram soltados á entrada e sahida do chefe do Estado que te ali se dirigiu ao Alto do Pina, onde lançou a pedra fundamental da segunda créche-escola infantil e foi depois a Bemfica ver onde melhor ficarão installados os estabulos que a Assistencia vae fundar, para fornecer leite ás creanças pobres.

PONTES—TODOS BONS.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 9—Está fazendo serviço no grupo de artilharia 2, aquartelado em Santa Clara, um filho do sr. dr. Sidonio Paes, que vem o graduação de aspirante a official.

—Realisa-se este anno a tradicional romaria ao Senhor da Serra de Semide, proximo do Miranda do Corvo. Começa no dia 12 e prolonga-se até 24, sendo muito frequentada por todas as populações das localidades do termo de Coimbra.

—Os agentes Lucio e Ferreira, ao serviço da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, descobriram que o guarda-freio de 1.ª classe da mesma Companhia, Augusto dos Santos, quando ao serviço de comboios, abria as malas dos passageiros e roubava objectos de valor que ellas continham.

Foram-lhe encontradas grandes porções de chaves, com que commettia os roubos. Augusto dos Santos já foi demittido do serviço da Companhia.

CASTELLO BRANCO, 9.—Começou hontem a publicar-se n'esta cidade o jornal semanal «Noticias de Castello Branco» e orgão da commissão municipal do Partido Republicano Portuguez d'esta cidade.

O «Noticias de Castello Branco» propõe-se pugnar pelo engrandecimento da nossa bella cidade; cooperar na realisação das mais justas e legitimas aspirações a que o nosso importante districto tem incontestavel direito, e realisar a mais activa propaganda republicana, baseada nos principios da mais pura democracia.

—No comboio d'esta manhã seguiu para o norte a companhia theatral da qual faz parte a actriz Maria Mattos, tendo aqui realisado 4 magnificos espectaculos no nosso elegante theatro.

—N'um vasto edificio que o sr. Antonio de Jesus Pardal adquiriu á rua Cinco de Outubro, vae este senhor montar uma importante fabrica de moagem de azeitona, para o que já iniciou os respectivos trabalhos e adquiriu o melhor e mais aperfeiçoado material e machinas.

CAXIAS, 9.—Concluiram os exames de 2.º grau, cujo resultado não podia ser mais satisfactorio para o que muito contribuiu a dedicação da sr.ª D. Elvira Marques e de seu marido sr. Francisco Marques, distinctos professores em Laveiras, que viram approvados todos os seus discipulos, 3 dos quaes com distincção, contando-se no numero o menino Adelino Emilio de Sousa Mendes Leal, filho do correspondente da «Capital», que sendo o mais novo que frequentava a escola já o anno passado obtivera distincção no 1.º grau.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2835 — 9.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Segunda-feira, 12 de Agosto de 1918

Telephone n.º 2298 — End. telegr. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço 2 centavos

A união dos republicanos

Não se comprehende a razão porque o manifesto do partido republicano portuguez foi recebido com tamanha acrimonia pelos monarchicos.

Porventura os monarchicos suppunham que esse partido não podesse dirigir-se ao paiz, declarando quaes os seus pontos de vista perante a actual situação politica, e definindo tambem a sua attitude em relação aos outros partidos republicanos?

Porventura desejariam impedil-o de se pronunciar sobre as questões fundamentaes para o entendimento dos republicanos, patenteando uma transigencia que facilite esse entendimento?

Porventura se julgam no direito de proceder contra a união, mercê d'uma plataforma commum, de todos os republicanos que acima de tudo devem vêr a Republica e preparar-se para a defender d'um golpe de mão dos monarchicos, que as circumstancias teem favorecido nos seus designios, não sendo a menos grave d'essas circumstancias a desunião dos republicanos?

Os monarchicos protestam contra o manifesto democratico. Como affirmação de principios não teem o direito de o condemnar: como documento de natureza revolucionaria não lhes é licito condemnal-o, porque esse manifesto não faz o menor appello ao paiz para qualquer acto subversivo. Todo o seu significado é de defeza: todo o seu caracter, legalista.

E' então o entendimento entre os republicanos, para combaterem os manejos monarchicos, entendimento de que esse manifesto parece ser a base, lisando arestas nas relações dos partidos, patenteando um criterio de transigencia em questões capitaes da orientação republicana, é então esse entendimento que os monarchicos não queriam ver realisado?

Se assim é, o manifesto democratico não poderia desejar melhor confirmação da sua utilidade.

Para que os monarchicos tanto desespero revelem, é preciso que o entendimento de que se trata seja realmente um passo dado na melhor, na mais efficaz, na mais poderosa defeza da Republica.

Sem que discutamos as causas complexas que taes effeitos produziram, o facto é que os monarchicos possuem hoje, pelo menos, uma apparencia de força que outr'ora não possuiam. E não foi a sua propaganda, não foi o proselytismo dos seus principios que lhe conferiram essa força. Foi o proprio Estado.

Os monarchicos estão investidos em funcções de auctoridade e direcção civil e militar; os monarchicos teem no parlamento uma representação que, em numero, nunca foi egualada por qualquer partido anti-dynastico em Portugal. Nem as funcções de auctoridade civil, nem os altos cargos militares, foram conquistados pela sua força: nem os logares que teem no parlamento os disputaram n'uma lucta pelo suffragio. Receberam tudo de mão beijada.

Evidentemente, esta circumstancia cria um perigo monarchico, que seria loucura desconhecer e traição pretender occultar. Contra esse perigo monarchico, a união de republicanos impõe-se, dispostos a defrontal-o em todos os campos e sob todos os aspectos que possa revestir.

Não agrada aos monarchicos esse entendimento?

Ella não pode deixar de fazer-se, se se quizer garantir a Republica d'uma morte inevitavel. De resto, que ha de mais logico do que uma tal attitude? Por não a terem tomado, é que a monarchia caiu sem lucta, porque os monarchicos se degladiavam como feras em vez de se unirem contra o inimigo commum.

Os republicanos não imitarão os monarchicos. E não o farão porque elles teem uma fé republicana, tributam um amor á Republica, que os monarchicos pela sua ausencia de convicção, nem seguer, podem avaliar.

O papel para os jornaes

Antes da guerra, quando o papel custava a $08 o kilo, um numero de 4 paginas d'*A Capital* pezava 21 grammas.

Veiu a guerra, o papel foi augmentando de custo de anno para anno, de mez para mez, pôde dizer-se, a ponto de actualmente custar cada kilo a $60, e o pezo augmentou tambem, de modo que um numero nosso de 4 paginas, de julho findo, passou a ter 22,5 grammas. E, no mez corrente, já esse augmento se accentuou, e tão visivelmente que peza agora 23 grammas.

Quer dizer: quando o preço do papel era muito mais favoravel, imensamente mais favoravel, um kilo dava para um maior numero de exemplares do que actualmente, em que esse preço soffreu um augmento de quasi 700 0|0!

Não fazemos commentarios. Limitamo-nos a expôr factos comprovados, lastimando apenas que até hoje se não tenham tomado providencias de especie alguma.

Bem se importam os governos com que a imprensa lucte com difficuldades quasi insuperaveis!

Cartas de França

UM PERFIL NA SOMBRA

Caminhar sosinho n'uma estrada deserta, na hora mysteriosa e grave da madrugada, antes do romper do dia, — é um prazer d'andarilho de raça, ou d'officio. Pelas duas horas da manhã, n'uma granja meio arruinada, onde se instalára a brigada Flowoord, a dez kilometros ao sul de Amiens, deixei o meu inefavel Robinson dormindo um somno empedernido n'uma enxerga de palha — abalei marcando-lhe um *rendez-vous* em horas de sol, no quartel general do quinto exercito. Sombrio caminho povoado de rumores, d'agitações abafadas. Para leste rugia a eterna trovoada e em toda a linha do horisonte, n'um semi-circulo immenso, os projectores accendiam-se e apagavam-se bruscamente, olhos de luz em plena trêva, pesquizando ciladas e posições. Na pompa mysteriosa da madrugada, sob a clara paz d'uma noite estrelada, caminhei revolvendo no espirito os versos immortaes do *Firmamento*, os versos adoraveis de Soares de Passos. N'aquella hora, sob o immenso socego, os homens degladiavam-se, abatiam-se aos milhares por cada segundo que passava. Pairava a morte no ambiente, riscando no ceu longos sulcos de fogo, chuva d'astros cadentes que tombavam no acaso da sombra ribombando n'um fragor lugubre e sinistro. Os meus passos sonoros, batendo no *mac-adam* rijo e sêco pareciam acordar, como atroadas d'artilharia, as balsas empobrecidas que debruavam a estrada e onde se adivinhavam grandes arrepios de mysterios. Um monte, outro monte, ondulações ligeiras cavando valles por onde serpenteava a fita esverdinhada do caminho. Por vezes um barracão esguio d'onde surdia uma luzinha quasi extincta revelava uma cantina isolada na noite, obra da *Christma's Young* e grupos reduzidos, em silencio, bebiam chavenas de chá a tervor. A todo o instante, grandes avisos que mal se podiam ler na negrura da treva, faiscavam deflexões, denunciando os pontos batidos habitualmente pelos canhões do principe Ruprecht. Por toda a parte um grande scenario de ruinas phantasticas e no meio d'ellas um constante estrebuchar de vida que se preparava para solemnisar com metralha esta primeira olympiada dos supernomens. E bruscamente, quando doirava a crista d'um mamelão, ella appareceu-se ao longe, como uma grande mancha de Gavarny, espectral e destunada, tal como foi dado aos meus olhos vêl-a apenas um momento, como nunca mais a tornei a ver, a sagrada, a dolorosa, Amiens... Amiens...

Os heroes mortos, os marcos indestructiveis da liberdade dos homens pairam na sombra da noite por sobre as cidades destruidas. Em plena treva, evocando com lentidão no perfil desgraçado, vi John Brown, o martyr da alforria negra, titan formidavel, tal como o desenhou o lapis de Victor Hugo. Vi Lincoln, vi Mazini, vi Botzaris, grandes fachos, luminosos fachos que traziam comsigo uma aurora melhor. E por sobre as ruinas, aquelles duendes, envoltos na sua forma corporea, soluçavam. As cidades por onde passou a guerra teem uma alma transparente; toda feita de luto e de lagrimas. Grande vôo, grande dôr, grande perfil na sombra. Um borrão negro, pouco mais negro do que o céu, desenhava uma linha quebrada que se estatia continuamente nas claridades indecisas e que devagar se iam esfumando para leste. Amiens está ainda de pé, ficará sempre de pé — mas tem apenas a frente, é uma fachada de cidade. Uma renda napolitana, uma teia de Woiseley não seriam mais recortadas, mais «á jour». Na luz livida da aurora, todas as frontarias erguem as suas paredes impassiveis — mas por detraz d'ellas adivinha-se o entulho e cambiantes de todas as chammas surdem dos vãos das janellas onde os caixilhos pendem sem um unico vidro. Imagem medonha, imagem do crime, que poderia desenhar-se com quatro traços de carvão sobre uma folha de papel amarello. Estatuas tombam por terra, os «squares» desenham-se por montes de pedras onde agui e além o vento ergue volutas ligeiras de poeira, os jardins são desoladas tiras de leiva nua onde um ou outro tronco sem um rebento, sem uma folha se ergue como um braço supplicante n'uma prece angustiosa e muda. Empenas que não acabaram de ruir patenteiam interiores, mostrando o papel desbotado das paredes, as coisas banaes e queridas de que todos nos rodeamos e sem as quaes a vida seria um perpetuo exilio. No canto d'uma grande praça, uma cornija abateu levando comsigo cantarias complicadas, um pedaço de telhado, um pedaço de parede-mestra. E nas primeiras seitas da luz de um sol ruitante e magnifico, que a bia devagar no horisonte allemão, vis-se distinctamente uma cama de ferro, pintada de claro, d'onde ainda pendiam cortinas de cassa, de um branco immaculado, escondendo nas suas prégas uma Virgem colorida, encaixilhada em ebano, por cima d'uma mesa redonda, pequenina, sustentando dois livros de capa amarella poucados ao lado d'um copo que deixava pender duas rosas inteiramente murchas.

A sombra fugia, a sombra cavalgava pelos espaços, mostrando cada vez mais nitido o perfil da dolorosa, d'aquelle ar cristalino e puro, no ar incomparavel da madrugada. A cidade negra cada vez se destacava melhor na purpura que subia, deixando cahir das alturas em derredor um caudal de predios acavallados, torrente de ruinas, épicas encostas forradas de pedra, por onde tinha passado o sopro rugidor d'Atila. E na mole escura, na angustiosa mole já sem forma e sem nome, como um grito, como um protesto, como um estertor de desespero, a cathedral ergue os seus muros seculares, inspiradora de poetas, adoração de contemplativos, alma heroica e obscura da Meia-Edade, casa profanada de Deus e onde todavia Deus existe ainda, mais forte, mais bello do que nunca. A cathedral emmudece negra e morta, maciça, atarracada, herculea, apoiada nos seus gigantes, especada nos seus arcos botantes, braços de granito, carne de pedra, que a circundam, a enlaçam n'um esforço que parece furioso, ululante de piedade e d'amor. E a renda sobe triumphalmente aos ceus, impassivel, desdenhosa, furando com as suas flêchas as profundidades azues que as granadas rasgam n'um bramido soturno. Os santos barbaros, os santos ingenuos dos primeiros seculos christãos, olhidos eternamente nas suas roupagens de granito que um sopro de prophecia parece agitar, permanecem no socego dos nichos, na sombra dos baldaquinos, enfileirados por debaixo da grande rosacea onde os vitraes laborosos de mestre Varenpin deixam passar, para a escuridão piedosa da nave, uma luz coada, diffusa, meiga e casta. E sorriem os velhos santos milenarios, multidão silenciosa, de pedra, S. Theophrasto que foi grande bispo na Umbria, Santo Umbelino que fez milagres por entre as incomparaveis larangeiras de Sorento, S. Childerico, S. Nume, S. Vilanfredo, toda a Thebaida, todo o Deserto esculpido na pedra maravilhosa, seculos de crença, seculos de fé chamejante na istinto ao prélio dos Titans que sobrepõem Pelion sobre Ossa, entre maldições e clamores. A mysteriosa aureola de poesia que teem as cousas que não voltam mais, nimba a cathedral. A tradição está ali, viva, de pé, culto dos Maiores, poema de renda, grito de desherdados, soluço d'humildes. E é ella que dá grandeza ao sagrado perfil immovel, afflictivo perfil de dôr, tão velho, tão querido, tão bello, obra de gerações apagadas, obra dos tristes obreiros que viviam na amargura das cousas e que de paes para filhos passavam o cinzel, arrebatados no fulgor crescente d'aquella fé religiosa que escalava os espaços, cada vez mais esguia, cada vez mais tenue, depurando-se á medida que se elevava, já mais perto do ceu, mais perto do Supremo Architecto. Amiens, dolorosa, tétrica, catacumba immensa, cidade d'abominação e de tragedia que me foi dado ver dois curtos momentos, na magestade soberba d'uma alvorada, Amiens, gloriosa, martyr, nobre e querida necropole, os seculos vôam, os homens passam, a guerra suicca e desaparece, — mas tu ficas luminosa e em ruinas, nimbada d'epopeias e de lagrimas, entre miserias e grandezas, debaixo d'aquelle ceu, dominando aquella terra onde ha-de voltar de novo a paz, onde nasceram outros homens — melhores, maiores, vivendo mais perto de Deus.

Mario de Almeida

'As grandes batalhas'

Vae a Capital iniciar brevemente a publicação da admiravel obra que o eminente escriptor Julio Dantas escreveu expressamente para o nosso jornal. As grandes batalhas, que irão renovar o immenso triumpho da Patria Portugueza e do Amor em Portugal no seculo XVIII, serão opportunamente annunciadas e hão de constituir, sem duvida, um dos grandes acontecimentos litterarios do anno corrente.

HOJE E HONTEM

"Habilidosidades" do DIARIO NACIONAL

Referindo-se aos commentarios que hontem aqui publicámos acerca d'uma entrevista com o sr. Teixeira d'Abreu, inserta no jornal do Rio de Janeiro «A Epoca», escreve o «Diario Nacional»:

«José Falcão, exhortando a monarchia a que salvasse o paiz, se isso lhe era possivel, referia-se a males mais imaginarios e declamatorios do que reaes — quem nos dera que não estivessemos soffrendo agora outros mais duros! — e dos quaes não era decerto muito difficil livrar o paiz.

Hoje a oito annos da queda do regimen monarchico, a Republica logrou crear para o paiz uma calamitosa situação de que já chega a ser muito duvidoso que elle possa salvar-se, e de que é absolutamente seguro que o não salvará a Republica».

De modo que «A Capital», recalcitrando, deixou fugir a bocca para a verdade.

«Quod volumus, facile credimus». O «Diario Nacional» sabe, acima de tudo, a sua aspiração d'uma restauração, manuelista se for possivel. Na febre d'esse egoismo — aliás digno de veneração, pela absoluta improbabilidade de realisação — o «Diario Nacional» esquece o passado para unicamente se lembrar do presente.

Avivemos-lhe, pois, a memoria, a fim de que se não julgue que passaram em julgado affirmações que estão em absoluta discordancia com a realidade dos factos.

Os males de que enferma a Nação, se abstrahirmos dos originados pela guerra, são os mesmos da monarchia, embora attenuados pelo esforço republicano de oito annos.

A monarchia deixou-nos sem defeza militar terrestre ou maritima. Em 1914, ao ser decretada a guerra, a reorganisação do exercito estava no seu inicio mas, ainda assim, foi graças a ella que, melhor ou peior, se conseguiram formar os exercitos, em para combater em França e contra em Africa.

Se a guerra tivesse rebentado antes de outubro de 1910, a monarchia ver-se-hia na impossibilidade de intervir militarmente no conflicto, porque os bandos armados que então havia não podiam denominar-se nem mesmo por amor proprio, de exercito nacional.

Os regimentos serviam, quando muito, para acompanhar procissões ou desempenhar o papel scenico que lhes era distribuido na abertura solemne das Côrtes. Quando o general Pimentel Pinto queria illudir a opinião, simulavam-se umas manobras de outomno, que não eram senão grotescas parodias de mobilisação militar. Levavam meses a imaginar e resolviam-se sempre em phantasmagorias, que não enganavam ninguem, a não ser o inteligente monarcha, que presidia a ellas, com o uniforme lantejoulado de generalissimo e montado no burro branco, descendente degenerado do bucephalo de Napoleão.

Quanto á defeza maritima, nem vale a pena falar d'isso. O capitão-pretendente que chegou a guarda-marinha, talvez ouvisse dizer do seu valor...

E' legitimo duvidar que elle fosse capaz de vir a comprehender alguma cousa.

Estamos em guerra. Por isso falamos apenas das classes armadas. Melhor que nós poderia depôr o sr. Ayres d'Ornellas. Elle é que as dirá bonitas e boas, se quizesse manusear o seu «dossier».

Vêr na 3.ª e 4.ª paginas:

Noticiario diverso

Escola da Arte de Representar

Recita de despedida dos artistas-discipulos premiados que terminaram o curso

Realisa-se na proxima quinta-feira, ás 15 horas, em *matinée* publica gratuita, no theatro Nacional Almeida Garrett, uma recita de despedida dos artistas-discipulos que terminaram, com premios, o curso da Escola da Arte de Representar. Representam-se as seguintes peças: *Annel de Policrates*, de Eugenio de Castro; *Locandeira*, de Goldoni; *Rosas de todo o anno* e *D. Beltrão de Figueirôa*, de Julio Dantas. O publico pode requisitar bilhetes na secretaria do Conservatorio, na quarta feira, 14, e marcal-os ámanhã, 13, por todo o dia.

A favor dos Mutilados

Donativos ao Instituto de Santa Isabel

Inumeros são já os donativos que para os valorosos mutilados da guerra se teem recebido no Instituto Medico Pedagogico de Santa Izabel, entrando elles a affluir ali, d'um modo que mostra bem o altruismo da raça portugueza.

Quasi se não passa um dia em que se não registem novos offerecimentos. Dem digna é a modelar instituição da sympathia do publico e recommendal-a é ocioso; sabendo-se que tem á sua frente um homem como o dr. Aurelio da Costa Ferreira, e que os mutilados encontram ali mais do que protecção e amparo, um carinho inexcedivel.

Da guerra e dos exercitos

A cirurgia na guerra actual

O methodo de Carrel e o soluto de Dakin — As impressões dos drs. Azevedo Gomes e Alberto Mac-Bride

No principio d'esta guerra alguns cirurgiões illustres taes como Doyen pretendiam convencer os seus collegas que a cirurgia de guerra devia ser identica á cirurgia de paz. Entre nós, quando regressou de França de uma missão de estudo o habil cirurgião militar sr. dr. Vasconcellos Dias, o que trazia a opinião de que havia uma cirurgia de guerra, houve alguem que, em ar de mofa, contestou esta affirmação, n'uma polemica travada nas columnas d'este jornal. Hoje já não resta duvida alguma a tal respeito. Desde que se viu apparecer complicações infecciosas: septicemia, tetanos gangrena gazosa, etc., que eram completamente desconhecidas na pratica da cirurgia civil, reconheceu-se que se seguiu no inicio da guerra uma tactica cirurgica, exactamente contraria á que devia ser adoptada.

A pouco e pouco se adquiriu o habito de desbridar as feridas desde as formações da linha do fogo, de forma a separar os microbios mais toxicos, que necessitam de cavidades fechadas e que são paralisados pela presença do ar, como o seu nome indica «anaerobios». Recorreu-se ao emprego de substancias esterilizantes como as de Ménière ou de Vincent que permittiam juntar a infecção durante as primeiras horas, até que o ferido chegasse á retaguarda e fosse ahi operado.

Actualmente, segundo se lê nos jornaes estrangeiros, adopta-se um methodo mais radical e que se deduziu logicamente da evolução pendente: procede-se á extirpação total do tumor sceptico, seguida de sutura. Isto é, já nas formações sanitarias da frente, nas ambulancias, se tratam as feridas por grandes desbridamentos, extrahindo não só os corpos estranhos (projecteis, pedaços de vestuario), mas ainda os tecidos lesados pelo projectil, para se evitar que no fim de algumas horas haja um caldo de cultura proprio para desenvolver a infecção. Fecha-se a ferida, que é vigiada á retaguarda.

Mas se este methodo constitue um progresso notavel, nem por isso deixa de ser nos hospitaes da base onde se realisa a grande cirurgia de guerra.

Não sabemos se o leitor sabe o que são os hospitaes da base. O ferido é colhido na linha de fogo, onde pode ser pensado e transportado para o posto de socorro, que se encontra a uns 500 metros á retaguarda do batalhão; d'aqui segue para a ambulancia, em carros automoveis da columna de transportes de feridos e ahi soffre as operações mais urgentes. Da ambulancia o ferido é transportado até á linha ferrea em carros automoveis, seguindo no comboio de feridos até ao hospital á retaguarda, chamado hospital da base a uns 50 a 60 kilometros da 1.ª linha e que geralmente pode conter 1:500 doentes. No nosso C. E. P. os hospitaes da base só foram abertos este anno, no mez d'abril. Durante cerca de um anno foram os nossos compatriotas tratados carinhosamente nos hospitaes inglezes, cuja organisação, como já se tem dito é realmente maravilhosa.

Mas como diziamos, é nos hospitaes da base que se effectuam as grandes operações cirurgicas e por isso ouvimos as opiniões de dois cirurgiões portuguezes dos mais illustres e cujos nomes ficaram á fóra na memoria dos seus collegas estrangeiros. São elles os srs. drs. Azevedo Gomes e Alberto Mac-Bride.

O primeiro esteve no hospital da Cruz Vermelha da base. Pouco serviço teve a desempenhar, comparado com os seus collegas que serviram nos hospitaes inglezes. Mas vem enthusiasmadissimo com os successos que obteve e viu obter com o methodo de Carrel e o emprego do soluto de Dakin no tratamento das feridas infectadas.

Diz-nos elle: Nas estatisticas elaboradas em França com o emprego do soluto de Dakin garante-se 85 por cento de casos de esterilisação de feridas de guerra. Está provado que cerca de 70 por cento dos amputados nos hospitaes foram victimas das infecções e não da extensão das lesões anatomicas.

— Mas por cá ha muita gente que descrê do methodo.

— Succedeu o mesmo em França, a principio, antes de estar conhecida a sua technica. Esse methodo foi levianamente atacado e por individuos de auctoridade, taes como professores da Faculdade de Medicina e cirurgiões dos hospitaes. E' sobretudo na preparação do soluto de Dakin empregado no methodo de Carrel que tem de haver o maximo cuidado. Deve-se ter presente que a solução para ser activa deve manter entre 0,45 e 0,50 por cento de hipoclorito de sodio. Não se deve empregar o acido borico, mas sim o carbonato e bicarbonato de sodio.

O sr. dr. Alberto Mac-Bride chegou ha pouco dos hospitaes da base onde evidenciou as suas notaveis faculdades. Estimadissimo e reputado pelos inglezes, que o convidaram a ficar dirigindo um serviço importante, passou para um hospital portuguez em abril d'este anno, antes do combate de 9.

— Pode-se dizer que haja uma cirurgia de guerra, inquirimos nós?

— Eu lhe digo. Na guerra a cirurgia só pode ser praticada por individuos que tenham sido cirurgiões na paz. Não se improvisa um cirurgião na guerra.

— Mas em que consistem as caracteristicas da cirurgia de guerra?

— Nos hospitaes da base trabalha-se sempre em meio sceptico. Ha a attender á extensão e multiplicidade das lesões. As operações são atypicas, quer dizer, não se apresentam como os tipos definidos que em regra apparecem nos theatros anatomicos.

São precisos grandes desbridamentos, especialmente nos casos de gangrena gazosa. Surgem por vezes casos de complicações scepticas taes como a gangrena gazosa e o tetano.

Devo dizer-lhe uma coisa muito curiosa. No nosso exercito apenas se registou na base um caso de tetano e esse foi curado.

Os cirurgiões portuguezes trabalharam bastante emquanto estiveram nos hospitaes inglezes, sobretudo por occasião dos combates do mez de março. Tivemos dias de 9 cirurgiões portuguezes recebermos 100 a 200 feridos. A mortalidade foi pequena.

— E que methodo empregavam no tratamento das feridas?

— Sempre o methodo de Carrel. E' claro que algumas vezes, nas grandes offensivas recorriamos ao emprego da agua oxigenada, porque esta permitte operar um mais rapidez. O dizer o contrario seria uma technica mais demorada e carece de mais pessoal. E no dizer concelituoso de um escriptor militar, a guerra não se faz para tratar de feridos. Temos de andar de depressa e subordinar os methodos as exigencias do momento.

Conheci o cirurgião Carrel quando veiu da America com o hospital de Rokefeller. Foi para Compiègne onde soffreu bastantes contrariedades, pela guerra que os seus proprios compatriotas lhe faziam ao seu methodo.

O triumpho foi por fim completo e hoje ninguem já põe em duvida as vantagens do emprego do soluto de Dakin.

Como nota interessante, o dr. Carrel queixou-se a perseguição acintosa que lhe era feita diz com magua:

— Deixem estar que o methodo de Carrel ha de entrar em França trazido pelos allemães!

Diremos em que consiste o celebre methodo e como elle interessa aos cirurgiões e pharmaceuticos.

Todavia devemos dizer, que a Faculdade de Medicina de Lisboa devia promover conferencias, realisadas pelos cirurgiões que regressaram dos hospitaes da base, a fim de elucidarem os seus collegas sobre os pormenores da technica do methodo de Carrel e evitar-se que entre nós não se saiba tirar partido do emprego do soluto de Dakin, porque em regra não se ignora a sua preparação, como se não sabe a maneira de o empregar.

J. Correia dos Santos

A offensiva dos alliados

Os francezes continuam a ganhar terreno — Novas posições conquistadas

PARIS, 11. — Communicado official — Durante o dia as nossas tropas continuaram a ganhar terreno entre o Avre e o Oise, não obstante a resistencia opposta pelo inimigo. Ao sul do Avre occupámos Marquivillers e Grivillers e attingimos a linha Armancourt-Thilolloy. Ao norte de Roye-sur-Matz progredimos cerca de 2 kilometros até ás proximidades de Canny-sur-Matz. Mais ao sul conquistámos e ultrapassámos a aldeia de La Berlière. Entre o Matz e o Oise, o nosso avanço accentuou-se ao norte de Chevincourt. Machemont e Cambronne estão em nosso poder. (Havas).

A linha ingleza avança ao norte do Somme — Ataque repellido após encarniçada lucta

LONDRES, 11. — Communicado britannico. — Por meio de um feliz operação levada a effeito durante a noite, avançámos a nossa linha ao norte do Somme, nas colinas entre Etinehem e Dernancourt e ao sul do rio. Tiveram logar diversas combates locaes em differentes pontos, tendo as tropas francezas feito novos progressos ao longo da margem sul do Avre e alcançando os limites de l'Echelle-St-Aurin. De manhã muito cedo o inimigo lançou um ataque local contra as posições ao norte de Kemmel. O ataque foi repellido depois de uma lucta encarniçada, deixando o inimigo prisioneiros em nosso poder. Algumas patrulhas inimigas foram repellidas ao norte de Scarpe. Melhorámos ligeiramente as nossas posições a leste de Robecq. — (Havas).

O 1.º e o 3.º exercitos francezes continuam a avançar na região de Lassigny

LONDRES, 10. — A agencia Reuter sabe que no domingo á noite o 1.º e o 3.º exercitos francezes continuam o avanço na região de Lassigny.

O 3.º exercito francez, sob as ordens do general Humbert, realisou, desde hontem de manhã, um avanço de 2 a 5 milhas.

No domingo de manhã a linha alliada passava por Menuil, ao sul de Albert, Etinehem, Lihon, gare de Balle, Parvillers, Lechelle, Armancourt, depois por Faro, Tilloy, Roye-sur-les-Matz, Mareuil Lamotte, Machemont para retomar a linha de batalha primitiva.

Os prisioneiros capturados desde o dia 8 elevam-se presente a 28 mil e a 450 os canhões tomados, dos quaes 225 pelos britannicos.

As perdas britannicas são ligeiras. O moral das tropas allemãs da novos signaes de abatimento e contrasta com a maneira enthusiasta como os exercitos alliados luctam pela victoria. — (Havas).

PARIS, 11. — Na tarde e na noite de hontem as tropas francezas accentuaram os seus progressos em toda a linha de batalha entre o Aisne e o Oise.

Tomámos o macisso de Oulogne, e La Graisse está um pouco abaixo das nossas linhas.

Mais ao sul penetrámos na região florestal entre Matz e o Oise, attingimos as proximidades de Berlère, Gury, Mareuil Lamotte e realisámos um avanço approximadamente de três kilometros ao norte de Chevincourt. — (Havas).

Operações no Oriente

Actividade da artilharia e de patrulhas

PARIS, 11. — Exercito do Oriente. — Actividade da artilharia e das patrulhas no Struma, no Vardar e em frente da linha servia. Um destacamento inglez fez com exito uma incursão nas linhas bulgaras, a oeste do lago Doiran. A actividade da aviação foi prejudicada pelo mau tempo. — (Havas).

A intervenção na Siberia

O que se pensa na America a esse respeito

LONDRES, 10. — O «Times», em correspondencia de Washington, diz:

«Considera-se como um feliz augurio a noticia do Japão e dos Estados Unidos terem chegado a um accordo acerca da politica a seguir na Siberia, no dia em que a imprensa acclama a victoria dos alliados como o maior triumpho depois da primeira batalha do Marne.

Com effeito, na America, a situação russa é considerada de há muito, o peor perigo, e está-se persuadido que o accordo com o Japão permittirá que os alliados adoptem a melhor politica possivel de momento para auxiliarem a Russia.

Deve-se comprehender claramente que a politica americana não sancionaria de forma alguma uma intervenção á força na Russia.

O presidente Wilson mantem-se fiel ao principio de que se não deve intervir nos negocios internos de paiz algum, a não ser para auxiliar aquelles que desejam libertar o seu paiz d'um dominio estrangeiro maléfico.

Fundam-se grandes esperanças em Washington, na missão economica educadora que deve em breve chegar á Siberia. Além do perigo que haveria em crear um novo theatro d'acção militar, está-se aqui convencido que uma grande expedição militar só conseguiria restabelecer a frente tarde de mais.

A missão pacifica, por outro lado, servirá para fortalecer, ao que se espera, a opposição á Allemanha, fazendo por em evidencia as differenças entre os methodos dos alliados e dos teutões, ao passo que pequenos contingentes alliados, nos pontos de accesso, assegurarão aos tcheco-slovacos e aos que luctam pela libertação da Russia os recursos de que elles carecem». — (Correspondente).

De todo o mundo

Um cardeal patriota

RIO DE JANEIRO, 11. — O cardeal Arcoverde compoz uma oração especial pedindo a protecção para a missão medica que vae a França prestar serviços nos campos de batalha.

A oração foi hoje resada na cathedral, á hora da missa conventual. — (Americana).

Monumento commemorativo da intervenção americana

PARIS, 11. — O deputado Damour tomou a iniciativa de fazer erigir no estuario do Gironta um monumento commemorativo da intervenção americana, idéa a que a cidade de Bordeus e a respectiva Camara de Commercio adheriram, estando já organisada uma commissão executiva que dispõe de algumas centenas de milhares de francos.

A idéa a symbolisar pelo monumento será «O triumpho do Direito sobre a Força».

E' de prever que o presidente Wilson venha em breve collocar a primeira pedra d'esse monumento. — (Havas).

Pela Arte e pelos Mutilados da Guerra

Carta aberta ao Ex.mo Sr Dr. Aurelio da Costa Ferreira

Como vivi sempre, mais ou menos, no Paiz da Utopia, é possivel que as considerações aqui expostas ao alto criterio, sa intelligencia, e raro altruismo de V. Ex.ª sejam meras futilidades, se não verdadeiras ridiculezas. Perdoará.

Fui ouvir, n'um dos ultimos sabbados, a bella banda da Guarda Republicana, ao claustro do quartel do Carmo. Não pode conceber-se nada mais anti-esthetico, mais improprio, mais revoltante, do que o recinto citado, para tal fim!

O proficiente mestre da banda e os seus dedicados cooperantes devem sentir-se vexados, exhibindo os seus talentos musicaes n'um ambiente absolutamente opposto para tal designio! O empedramento é pessimo, sulcado de valetas, sempre mais ou menos molhadas, d'um lado ficam tanques-bebedeiros, do outro materiaes de construcção, dos outros cavallariças! Poderão dizer: ha a galeria, no primeiro andar. Ha. Com a continua passagem de soldados e de publico, que em nada respeita o silencio que em taes casos é indispensavel.

E pensemos na pessima impressão que aos estrangeiros poderá produzir a escolha de tão detestavel local para exhibição de tão bons concertos.

Desde que se entra no claustro não mais nos larga o cheiro cavallar, as patadas dos animaes perturbam a audição de tão bella musica, os ruidos proprios dos trabalhos de construcção do edificio arripiam, de quando em vez, o mais duro ouvido, o proprio publico, reduzido ao que afronta tão desharmonico conjunto para harmonias, não tomando a serio o recinto, e mercê da sua má educação, conversa alto, sem sombra de respeito pelas pessoas, que querem ouvir, e sem vislumbre de consideração pelas mais comesinhas regras da civilidade!

No sabbado, 10, nem um estrado havia para os musicos!

Ora, visto que qualquer praça publica, pelo ruido, tem quasi os mesmos inconvenientes, para audição de uma banda por tantos titulos notavel, occorre-me o seguinte:

Indubitavelmente, o digno commandante das guardas republicanas e a digna officialidade são fartamente altruistas para annuirem a que os bellos concertos dos sabbados sejam executados em local mais adequado, em ambiente mais proprio, n'um «meio» por todas as razões mais recommendavel e, sobretudo, se d'essa mudança puder resultar um beneficio para os mutilados da guerra.

Supponhamos que o emprezario do Colyseu dos Recreios, com a boa vontade de que tem dado bastas provas, annuia a ceder o vasto edificio aos sabbados, notando-se ser indifferente que o Colyseu estivesse ou não armado em circo; estando em circo poderiam tocar os conceituados musicos na arena, estando em theatro tocariam no palco.

Haveria um preço minimo de entrada para a geral, e preços modicos para cadeiras, camarotes, etc.

O problema dos porteiros poderia ser resolvido por guardas republicanos e ate por mutilados que se prestassem a exercer gratuitamente tal missão.

Emfim, a questão economica é um caso simples a resolver, se a idea basilar fôr acceitavel. Não faltariam cooperadores desinteressados, creio eu. Mas admittamos por um momento que fosse impossivel obter o Colyseu dos Recreios, poderia ainda, talvez, servir o salão nobre do theatro Nacional. E' do Estado, e bastaria que a illustre empreza societaria a tal se não oppuzesse, o que é de esperar, dados os seus nobres sentimentos.

Teriamos dois resultados: apresentar condignamente ao publico a nossa melhor banda, e um aproveitamento de receitas para um fim supremamente altruista.

Em todo o caso, no Colyseu, no Nacional, no proprio claustro do Carmo—o mais antagonico «meio» para exhibições de arte—seria conveniente collocar letreiros bem visiveis, assim: «Pede-se ao publico que não perturbe, por qualquer forma, mesmo conversando, as audições musicaes».

Se os mutilados da guerra tudo merecem do reconhecimento patrio, tambem não devemos esquecer as considerações a que tem jus a Arte e os seus cultores conscienciosos.

Pedindo desculpa d'esta importunação ao illustre director da Casa Pia de Lisboa e á «Capital», subscrevo-me gratamente com a mais alta consideração.—De v., etc, *Cruz Magalhães.*

Para grandes males...

Como o contracto «Federação-Malhou» é prejudicial aos interesses do Estado, tanto materiaes como moraes, reclama-se a sua annullação como medida moralisadora da administração publica

Voltemos a falar do contracto «Federação-Malhou».

Já foi mostrado o aspecto immoralissimo dos preliminares d'este negocio: o sr. Thiago Salles, chefe de gabinete do ministero das subsistencias e transportes, obtem do Estado um contracto que representa, na realidade, o monopolio dos vapores ex-allemães a favor da Federação Agricola de que o mesmo senhor é e continuará a ser presidente.

N'um paiz onde a moralidade da administração publica significasse alguma coisa, pouco que fosse, bastava esta clarissima intervenção d'um chefe de gabinete n'um contracto com o Estado, para que a concessão, obtida por tão escandaloso e suspeito processo, fosse annulada, sem mais formalidades. Quem se sentisse prejudicado, fosse para o tribunal. E não haveria juiz de direito digno d'esse nome que acabasse por dar sancção legal a um negocio que não passa, em ultima analyse, d'uma especulação habilidosa. Mas entre nós...

E não se julgue que o contracto obtido pelo sr. Thiago Salles e patrocinado pelo sr. Machado Santos, não fora já tentado junto d'outras altas individualidades politicas. Segundo informações que temos por certas, já se tinham realisado certas avançadas até junto dos srs. Lima Bastos e Feliciano da Costa, o primeiro ministro do trabalho no consulado democratico e o segundo titular da mesma pasta, já na vigencia da presente modalidade republicana. Quer dizer: foi preciso que se fizesse a revolução de 5 de dezembro e que o sr. Machado Santos viesse de Fontelo para que se celebrasse o contracto do monopolio dos transportes maritimos! E' edificante...

Nós sabemos muito bem que o pretexto invocado para arrancar ao sr. Machado Santos o celebre contracto **foi o de defender a agricultura.** Mas isto não era senão a mascara encobridora das verdadeiras intenções dos *brasseurs d'affaires* que intervieram nas negociações preliminares. A agricultura nada ganhou com o regimen do contracto Federação-Malhou, antes perdeu. Se não veja-se:

A Federação diz ter salvo a viticultura obtendo, pelo vinho que vendeu ao sr. Malhou, *até 80.000 pipas,* o preço de 40$00. Está, porem, provado que já em 1916, sem que o sr. Thiago Salles tivesse feito tão engenhoso negocio, o preço do vinho subia a 50$00 por pipa, no lavrador, e não resta duvida que no ultimo trimestre do anno passado, (o negocio Federação-Malhou tem a data de 18 de março) o vinho se vendeu, no lavrador, a 40$00 e até a 50$00 escudos a pipa.

Onde está então o alto serviço prestado pelo sr. Thiago Salles á agricultura nacional ou, mais especialmente, á viticultura? Não está mau serviço: **em vez de conseguir uma alta do preço do vinho** em cima da borra ou em casa do lavrador, o contracto Federação-Malhou **determina uma baixa que, se não é extraordinariamente sensivel, é, entretanto, bem visivel!** E ainda isto se conclue acceitando como certa a versão de que o sr. Malhou comprou vinho a 40$00; entretanto o facto é duvidoso, pelo menos em toda a sua extensão, visto que não falta quem affirme que o sr. Malhou comprou em Almeirim 2.000 pipas de vinho, a praça de 33$00 cada uma. Onde está então o beneficio para a lavoura? Que vantagem tem ella em se ligar ao preço de 40$00, quando existe o exemplo recente de ter alcançado 50$00 para cada pipa dos seus vinhos? Isto são factos, não são phantasias. Toda a gente póde tirar d'elles, as conclusões necessarias...

Não, mil vezes não! O contracto Federação-Malhou não trouxe beneficio algum para o lavrador. Nem podia trazer, porque todo o monopolio é feito em prejuizo da producção e do consumidor. Não ha economista algum que não condemne o regimen ruinoso dos monopolios. Elles servem apenas para enriquecer os especuladores, mas estiolam a industria e prejudicam o consumidor. Só n'uma circumstancia se justificam os monopolios. E essa circumstancia é de força maior: só aos Estados é legitimo recorrer aos monopolios **por motivo de salvação publica.** Foi o que se fez entre nós com os monopolios dos tabacos e dos phosphoros. Mas qual foi agora **a alta razão do Estado** que forçou o sr. Machado Santos a dar ao seu intimo amigo Thiago Salles o goso exclusivo da tonelagem maritima mercante? Não, não foi, não podia ser uma razão de salvação publica... Mas então...

A ingenuidade de certos governantes e tal que as invenções mais disparatadas servem para os convencer. Assim, um dos argumentos com que o sr. Thiago Salles enchia a bocca era que o contracto facilitaria a venda do vinho em França. Entretanto toda a gente sabe que a difficuldade de vender vinhos em França está em leval-os para lá, isto é, a difficuldade consiste, apenas, nos transportes maritimos, visto que é tão facil vender vinho em França como trigo em Portugal. Mas os nossos estadistas estudam as questões no Café Chave d'Ouro e não admira que sejam ludibriados com tão rudimentares processos.

Aquillo que o sr. Thiago Salles conseguiu (o seu a seu dono!...) foi crear um lamentavel conflicto entre duas classes, ambas uteis, ambas indispensaveis á vida economica portugueza—a agricultura e o commercio ou especialisando, a viticultura e a vinicultura. Uma sem a outra não podem viver e mal vae á Nação cujos interesses procuramos defender sem se deixar levar nas aguas barrentas do sr. Thiago Salles arriscando-se a que venha a crear-se um estado de guerra entre o agricultor do vinho e o commerciante do vinho. Isto seria desastroso para a economia nacional. E é para que não venha a acontecer que estudamos a questão reclamando dos poderes publicos que avocando sómente a si a resolução do problema dos transportes maritimos, iniciem uma acção moralisadora **rescindindo o contracto Federação Malhou, annullando-o** ou praticando, emfim, qualquer acto que **destrua os perniciosos effeitos da medida administrativa que o sr. Machado Santos sancionou,** em hora particularmente infeliz. Não encontramos outra solução, porque seria inutil appelar para o patriotismo do sr. Thiago Salles ou do sr. Malhou...

Continuaremos.

POEIRA DA ARCADA

Vapor «Desertas»

Este vapor, que está sendo posto a fluctuar, era um dos que haviam sido cedidos á Inglaterra. Ficará, porem, agora, a ser explorado pelos transportes maritimos.

Magistratura ultramarina

Ao que consta, o secretario de Estado das colonias vae fazer a remodelação dos serviço da magistratura do ultramar, pela qual haverá reorganisação os quadros.

As mulheres em empregos publicos

Por meio de concurso, em que obteve a primeira classificação, vae ser nomeada escripturaria do Arsenal de Marinha a sr.ª D. Maria Pilar Soares Monteiro.

Engenheiros machinistas

Vão ser promovidos a 1.os tenentes engenheiros machinistas os srs. Augusto Marques, José Manoel Machado e João Sequeira de Castro.

Governador geral d'Angola

O sr. Philomeno da Camara addiou a sua partida para Angola por motivo de ter de ultimar com o secretario de Estado das colonias varios assumptos respeitantes a medidas importantes que vão ser postas em pratica n'aquella provincia.

Conclusão d'uma estrada

A commissão municipal de Oliveira do Hospital pediu ao secretario de Estado do commercio que mande proceder á conclusão da construcção da estrada que deve ligar a povoação de S. Gião com a estrada nacional n.º 14.

A illuminação de Gaya

A commissão administrativa de Villa Nova de Gaya representou ao governo pedindo que seja concedida a licença requerida pela Empreza Hydro-Electrica concessionaria do fornecimento de energia electrica d'aquelle concelho, para que no proximo inverno já alli possa haver illuminação publica e particular.

Soda artificial

Vae ser concedido alvará a Gualberto da Costa Veiga para a introducção de nova industria do fabrico de soda artificial pelo prazo de 10 annos.

ULTIMAS NOTICIAS

Da guerra e dos exercitos

Diario da guerra

Pelos ultimos telegrammas publicados confirma-se que os allemães não esperavam o ataque de Douglas Haig, pelo sector de Montdidier. Os allemães peccaram ou por inadvertencia ou por não poderem admittir que os exercitos de Foch se mantivessem perante a ameaça dos dois saccos, que collocavam os alliados em situação critica, se se tivesse produzido a ruptura estrategica em qualquer dos sectores de Montdidier ou de Chateau Thierry.

Vamos explicar ao leitor a situação, para avaliar o genio de Foch, a sua intervenção opportuna e assombrosa. Os allemães vinham tentando cercar os exercitos alliados do Oise, comprehendidos entre Montdidier e Chateau Thierry. Se conseguissem romper o fundo de qualquer dos dois saccos, as tropas alliadas que se encontravam nas linhas do Oise e do Marne estavam irremediavelmente perdidas e por isso, os allemães esperavam, quasi que tinham a certeza, que os alliados haviam de retirar para o sul deixando-lhes mais accessivel o avanço sobre Paris. Qual não foi a surpreza de toda a gente, quando notou, que em vez d'essa retirada se fazer, os alliados tomam uma iniciativa audaciosa de contra-atacarem pelo centro, desprezando o perigo da ameaça dos flancos.

Ora isto só se pode executar, devido a que Foch tem ao seu dispôr elementos magnificos semelhantes em valor aos de que dispõe Hindemburg. A manobra encommendada a Douglas é identica á realisada por Mangin. Os allemães não a tinham sequer sonhado e por isso foram surprehendidos. Tudo é a obra do talento do general em chefe.

Um detalhe importante da offensiva pelo sector de Montdidier é a intervenção da cavallaria, depois de ser quebrada a resistencia germanica, conseguindo actuar sobre os transportes e columnas de artilharia em retirada. E' esta a aspiração classica e legendaria da cavallaria, no seu papel perseguidor, no epilogo de uma batalha; mas como se comprehende, esta missão não se pode realisar quando os destacamentos de retaguarda das tropas que retiram marcham com ordem por escalões, fazendo deter com o seu fogo e reacções, o adversario. O acesso da cavallaria á impedimenta dos allemães é um facto bastante eloquente para dar a entender que a retirada não se fez ordenadamente e que o numero de prisioneiros deveria ser elevado. Os communicados officiaes já falam em 25 000.

A situação militar apresenta um aspecto de mudança brusca de vantagens alcançadas pelos alliados e para ella se produzir não foi necessaria a intervenção de todas as forças norte-americanas em cujo poder tanta fé tinham a França e a Inglaterra.

Sabe-se que os contingentes americanos na linha de fogo não deram aos exercitos de Foch uma superioridade numerica esmagadora: entram n'uma discreta proporção com os inglezes e francezes e como elles, inflammados do mesmo desejo de vencer e com uma abnegação á prova de todos os sacrificios.

A modificação produzida deve-se ao commando, ao homem notavel que é o general Foch, que constitue a ideia, o plano, o motor da dinamica de todos os exercitos alliados.

Os allemães até ha pouco eram os senhores da iniciativa. Seguiam o seu systema de guerra: offensivas preparadas com muita antecipação, tropas adestradas em missões especiaes, pormenores cuidados com esmero escrupuloso; tudo chronometrico, formidavel no tempo e no espaço.

Todos os technicos militares aguardavam que surgisse o caudilho. Custava a ver supplantar a arte em beneficio da sciencia, da inspiração, da ideia subjugada pelo systema. A guerra adquiriu finalmente uma sensação mais espiritual.

O avanço dos alliados sobre a linha de Roye-Chaulnes representa vantagens incalculaveis para os alliados; porque com a queda de Chaulnes, cruzamento importante de vias ferreas, caminhar-se-ha para Albert; para a posse do Somme na sua linha descendente de Péronne a Ham. E a resistencia allemã na linha de Vesle será anniquilada. Seguir-se-ha a retirada para o Aisne e depois o abandono d'esta celebre linha de resistencia. E' extraordinario como tudo mudou, com a intervenção de um homem de genio no alto commando dos alliados.

Talvez o leitor ainda se recorde, de que ha alguns mezes lhe dissemos que se esperasse por uma grande e então inadmissivel surpreza. Eis que ella está bem evidente: a Russia contra a «Entente».

A contra-offensiva dos alliados

Chaulnes deve estar já em poder dos francezes

PARIS, 12.—Os jornaes dizem que os alliados fizeram mais de 40.000 prisioneiros e tomaram numero superior a 700 canhões, tendo infligido aos allemães perdas particularmente sangrentas.

O "Matin,, diz que Chaulnes está cercada, devendo a estas horas estar já nas mãos dos francezes.

O "Petit Journal,, noticia que o massiço de collinas entre Lassigny e o Oise está cercado, tendo de ser evacuado pelos allemães e segundo o "Petit Parisien,, diz, a tomada de Lassigny está por horas. Este ultimo jornal accrescenta que o inimigo vae ser varrido por completo do Somme.—(Correspondente)

*

Os allemães trazem reforços, mas apoz encarniçada lucta, são repellidos — A aviação ingleza opera brilhantemente—61 apparelhos allemães abatidos

LONDRES, 12.—Communicado britannico de hontem á noite:—Esta manhã o inimigo, lançando na batalha novas divisões de reserva, emprehendeu fortes ataques contra as posições britannicas de Lihons, bem como ao norte e ao sul d'esta localidade, sendo, porém, repellido em toda a parte, depois de vivos combates, no decurso dos quaes as nossas tropas infligiram pesadas perdas aos assaltantes. Apenas n'um unico ponto, immediatamente ao norte de Lihons, as tropas de assalto allemãs penetraram nas posições a oeste da aldeia; mas o contra-ataques das nossas valorosa tropas, depois do encarniçada lucta em terreno difficil, repelliram-nas a leste e a norte da aldeia, ficando assim a nossa linha integralmente restabelecida. A direita, o exercito britannico, em ligação com as tropas francezas, continuou os ataques progredindo a sudoeste e ao sul de Roye. No resto da linha de batalha britannica, as nossas patrulhas trouxeram prisioneiros durante o dia.

Aviação:—Hontem, a lucta aerea foi muito intensa, sobretudo por cima dos campos de batalha. Abatemos 41 apparelhos allemães e forçámos 20 a aterrar descamparados. Não regressaram 12 dos nossos. De dia, os nossos aviadores lançaram 23 toneladas e meia de bombas e de noite 31 toneladas, principalmente sobre as pontes e as gares do Somme. Em toda a frente o trabalho de reconhecimento e regulação de tiro proseguiu activamente, em ligação com as outras armas empregadas na batalha. O numero de tiros feitos pelos aviadores sobre as tropas inimigas e os comboios em estrada batem todos os «recordes» precedentes. Durante a noite de 10 para 11 abatemos 2 aviões de bombardeamento inimigos. Um d'esses apparelhos era de 4 motores e tinha um importante carregamento de bombas. Nos ultimos dias 2 outros aviões inimigos foram abatidos pelas nossas baterias anti-aereas. — (Havas).

Vias ferreas, bivaques e gares bombardeadas pelos aviadores francezes

PARIS, 12—Communicado official de hontem.—Aviação—Hontem, apezar do tempo se mostrar nevoento e de aguaceiros, o que difficultava o trabalho da aviação, as nossas esquadrilhas demonstraram grande actividade. Em toda a zona de batalha os nossos aviões de bombardeamento, multiplicando as suas expedições, atacaram á bomba e á metralhadora as formações do inimigo que marchavam para a retaguarda. Os centros de concentração foram submettidos a severos bombardeamentos que lhes causaram pesadas perdas.

Em Lassigny, onde se achavam accumulados numerosos comboios de viaturas e tropas, 120 dos nossos aviões lançaram 23 toneladas de projecteis. As vias ferreas, os bivaques, as gares de Ham, Chauny, Roy, Fescamps, Teignier, Guscard, etc, etc., foram egualmente bombardeadas. Na totalidade, 65 toneladas de projecteis, das quaes 33 de noite foram inutilisadas durante o mesmo dia.

Incendiámos 3 balões captivos inimigos, e abatemos, ou puzemos fóra de combate, 7 aviões allemães.—(Havas).

*

Nas linhas americanas

Dia relativamente calmo

PARIS, 12.— Communicado americano das 21 horas de hontem:—Além da actividade habitual da artilharia ao longo do Vesle, o dia foi calmo nos sectores occupados pelas nossas tropas.—(Havas).

*

A guerra aerea

O raid sobre Vienna

PARIS, 12. — De Vienna dizem que os jornaes publicam narrativas do «raid» effectuado sobre aquella cidade, feitas segundo a descripção do aviador Sarti, capturado proximo d'ali. Os jornaes publicam quatro dos manifestos lançados pelos aviadores italianos.—(Correspondente).

POLITICA

A futura constituição será parlamentarista

Tudo quanto é possivel prever pela marcha os trabalhos a commissão parlamentar revisora da Constituição de 1911, podemos esperar que a lei fundamental da modalidade republicana iniciada em 5 de dezembro do anno passado terá fortes tendencias parlamentaristas. As bases principaes deverão vir a ser estas:

A dissolução parlamentar será concedida ao chefe do Estado, «sub-condições». O Presidente da Republica gosará ainda das seguintes prerogativas:

1.ª—Iniciativa diplomatica, que, em certos casos, se pode exercer directamente, isto é, sem intervenção do ministerio dos estrangeiros;

2.ª—Commando em chefe das forças nacionaes de terra e mar;

3.ª—A faculdade de residir, permanente ou temporariamente, em edificios publicos especificados;

4.ª—Tratamento e honras especiaes á familia;

5.ª—Assistencia civil e militar de caracter temporario e de nomeação do governo;

6.ª—Augmento de dotação, que attingirá quantia não fixada, cincoenta contos, provavelmente;

D'uma maneira geral, a orientação dos membros da commissão pode assim se fixada:

Os parlamentaristas preoccupam-se mais com as temporalidades do chefe do Estado e com o explendor da sua representação official, que com os poderes extensos a conferir-lhe, os presidencialistas—que constituem a nosso ver, a minoria—ambicionam entregar ao chefe do Estado um grande campo de iniciativa e força, relegando para segundo plano a questão material, resolvida ridiculamente na Constituição de 1911.

Pela forma como teem corrido os trabalhos é de facil previsão suppôr que nada d'importante evitará um accordo final.

Tratamento da tuberculose

A tuberculose incipiente trata-se com exito empregando os comprimidos de «Fitina calcina», (para a calcificação).

A «carne em pó», anti-fermentescivel e o scomprimidos de carne, (na superalimentação).

Nas grandes expectorações e temperaturas elevadas, dão resultado já comprovado as injecções de saccarose, que melhoram tambem muito o estado geral do doente. Pedidos ao deposito do Laboratorio Farmacologico R. da Betesga, 57, 1.º

Os Villasiul

Estes insignes duetistas que se deviam estreiar no Casio S. José de Ribamar, em Algés, só por estes dias o poderão fazer, visto acharem-se retidos em Huelva, esperando a legalisação dos seus passaportes.

Diplomatas brazileiros

RIO DE JANEIRO, 11.—O sr. Jeronymo de Avellar Figueira de Mello, segundo secretario da embaixada do Brazil em Lisboa, foi promovido a primeiro secretario, continuando a prestar serviço na mesma embaixada.—(Americana).

Officinas destruidas por um incendio

Prejuizos de 47 contos

Pouco depois das 14 horas de hoje o bombeiro municipal n.º 77, José Maria e o seu collega voluntario sr. Alexandre Cerdá, notaram que d'uns barracões que ficam nas trazeiras do lyceu Passos Manoel sahiam alguns rolos de fumo.

Sem perda de tempo, esses bombeiros muniram-se de agulhetas e montando as trataram de ver se atacavam o incendio que já então lavrava com certo desenvolvimento. Ficam os barracões installados n'um pateo com entrada pela rua do Arco a Jesus e n'elles estão installadas officinas de serralheria, carruageiro, carpinteiro, marceneiro e outras. Dado aviso para os bombeiros, seguiu para o local quasi todo o material e pessoal, tanto dos municipaes como dos voluntarios, com todos os chefes de divisão e secção. Montadas outras agulhetas foi o fogo dominado, não sem que ficassem quasi reduzidas a cinzas as officinas de serralharia e forja pertencente a José Alves.

Nos trabalhos de extincção ficou muito queimado nas mãos o operario Julio Marques, que teve de ir receber curativo ao posto medico de A Mundial. No local compareceram forças de policia e de infantaria e cavallaria da guarda republicana.

Os prejuizos são avaliados em 47 contos, cobertos pelas companhias Fidelidade e Portugal Previdente.

CAMBIOS

Lisboa, 12 de agosto de 1918.

	Compra	Venda
Cheque sobre Londres	80 1/2	80 1/4
90 d/v.	31	
Cheque sobre Paris	285	295
» Hollanda	850	870
» Italia	205	215
» New York	1650	1675
» Madrid	425	435
Rio sobre Londres	12 3/8	—
Libras ouro	10$80	10$95
Agio do ouro	140 0/0	144 0/0

Coimbra Commercial e Industrial

Alguns dos principaes estabelecimentos da Rainha do Mondego

A Capital inicia hoje a descripção da cidade de Coimbra sob o ponto de vista commercial e industrial. Coimbra não é só a terra de encantos, com o seu Penedo da Saudade, Lapa dos Esteios, Quinta das Lagrimas e tantos outros aprazíveis sitios dignos de serem visitados; Coimbra tem campos lindissimos e está destinada a ser um dos melhores centros do turismo em Portugal.

O seu commercio e industria progridem a olhos vistos, bem merecendo, por isso, embora em resumido espaço, que se alluda a alguns dos seus principaes estabelecimentos. E' o que vamos fazer, começando pelo do sr.

José Maria dos Santos

A actividade tem o seu prototypo em um rapaz, commerciante acreditadissimo, e muito conhecido não só em Coimbra, como em outras terras do seu termo e bem assim na região do Norte, mantendo tambem transacções com a praça de Lisboa.

Este conceituado negociante é o sr. José Maria dos Santos Junior que possue escriptorio e grande armazem, no Terreiro do Mendonça n.os 13 a 17, a pouca distancia da estação Nova. O commercio do sr. José Maria dos Santos Junior consta de vinhos, azeites, aguardentes, batatas, adubos, madeiras, lenhas, toros, etc. Nas linhas da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, alguns com boios especiaes circulam com lenhas, expedidos pelo importante commerciante. E' agente da Companhia de Seguros Africana, representante da Empreza de Sal Limitada no Porto e depositario da fabrica de palitos Mondego.

O sr. José Maria dos Santos, com quem falámos e cujos escriptorios e armazem nos deixaram deveras impressionados pelo movimento que ali se nota, disse-nos que se encarrega tambem de quaesquer transacções commerciaes á commissão, etc.

Coimbra Hotel

E' um dos melhores senão o mais luxuoso de Coimbra. *A Capital* já por mais de uma vez se tem occupado d'este magnifico hotel, inaugurado ha um anno. Propriedade dos srs. Almeida & Seabra, o *Coimbra Hotel* que fica situado na magestosa Avenida Navarro, proximo da estação Nova é o unico que tem installação electrica em todo o edificio. Installado n'um magnifico predio em magnifico local, possuindo mobiliario elegantissimo, salão de jantar vasto e confortavel, o bello hotel encerra tambem inegualaveis quartos e salas de banho, vastos e luxuosos, como poucas vezes temos visto em estabelecimentos d'aquelle genero.

Photographia União

A linda cidade de Coimbra, para nada lhe faltar, tem tambem bellos ateliers photographicos. Começamos por descrever *A Photographia União*, installada na Avenida Navarro, 54. Propriedade de um habil e sympathico artista, sr. José Tinoco. Na exposição que mantem nos bellos salões photographicos, admiram-se explendidos clichés, prova da habilidade que distingue o artista que os tirou, sr. José Tinoco. Em Lisboa e Porto não ha melhor no genero.

Retrozaria João Mendes

Já temos reclamado este estabelecimento importantissimo da cidade de Coimbra, em objectos de retrozaria, camisaria, rendas, roupas brancas, sombrinhas, etc. Fica a bella casa do sr. João Mendes situada na rua Ferreira Borges, 18, 20 e 22, possuindo os seus vastos depositos na parte inferior do bello edificio, o qual tambem tem entrada pela praça do Commercio.

E' digno de ser visto, a quem passe pela rua Ferreira Borges, o estabelecimento de Retrozaria do sr. João Mendes. Lá dentro vê-se a casa sempre cheia de freguezes, entre os quaes todo quanto Coimbra tem de distincto.

União Limitada

Toda a cidade de Coimbra conhece a *União Limitada*, antiga Sociedade União Limitada, de Cantanhede. O seu ramo de commercio consta de mercearias, pregaria, sulphato de cobre, etc. São seus proprietarios dois commerciantes muito honrados e credores das maiores sympathias pela seriedade nas suas transacções, os srs. Manuel Gomes de Carvalho e Abel Pessoa Frota. A séde da União Limitada é na rua da Moeda n.º 94. Tem uma filial na importante villa de Cantanhede, e o seu commercio não se limita só a Coimbra, vae até Payares e outras localidades d'aquella região.

A Funeraria em pedra

A cidade de Coimbra tem um importante atelier de esculptura, dirigido por um habil artista, o sr. Francisco Antonio dos Santos, Filho. Na officina, que fica situada na rua Direita, 141, admiram-se bellos ornamentos em pedra, esculturas, jazigos e mausoléus. O sr. Santos, que como dizemos, é um artista muito apreciavel, mostrou-nos tambem a sua secção de vendas de marmores nacionaes e estrangeiros para mobilias, balcões, etc.

No momento em que lhe falámos estava o distincto esculptor fazendo varias plantas para construcções modernas, trabalho de que se encarrega e em que egualmente é eximio. Nas cidades de Lisboa e Porto não encontramos melhor em trabalhos n'o genero dos que são executados no excellente atelier do sr. Francisco Antonio dos Santos, Filho.

O grande artista herdou os dotes de intelligencia de seu saudoso pae, o fallecido Francisco Antonio dos Santos, *O Sardinheiro*, que toda a cidade de Coimbra conheceu como um distincto artista esculptor.

Café Montanha

Lisboa, tem como se sabe, bons cafés. Em Coimbra ha um, tambem digno de especial menção e que recommendamos a quem visitar aquella linda cidade. E' o **Café Montanha**, situado no largo Miguel Bombarda. Propriedade dos srs. Manuel Antonio de Carvalho & Filho, é um magnifico estabelecimento, com um excellente terraço, d'onde se gosa a linda vista da magestosa Avenida Navarro. N'esse café se reune a *élite* de Coimbra, abancando ás varias mezas a sociedade elegante da cidade. A' noite faz-se ouvir ali uma magnifica orchestra.

Alfayataria Machado

Na rua Visconde da Luz, n.os 17 e 19, isto é, no coração da cidade, fica um excellente atelier de alfayataria. E' dirigido pelo seu proprietario, sr. Antonio Dias Vieira Machado, excellente caracter e eximio artista no seu *metier*. Quem entra no seu elegante estabelecimento fica encantado com a elegancia dos fatos que são feitos sob o córte do mesmo sr. Vieira Machado.

Alem d'isso, os preços são os mais modicos possiveis, porque a divisa do seu proprietario é vender barato, bem feito, para vender muito. A alfayataria do sr. Vieira Machado é uma das melhores de Coimbra.

Fernandes & Filho

Acreditados banqueiros da cidade de Coimbra, os srs. Antonio Fernandes & Filho, teem a sua casa bancaria na rua do Corvo, n.os 50 a 60. O importante estabelecimento de credito fundou-se ha 42 annos, progredindo sempre, mercê da probidade do fundador da casa, sr. Antonio Fernandes, o qual decorridos 20 annos se associou a seu filho, sr. Raul José Fernandes, rapaz que em Coimbra gosa dos melhores creditos. A firma Fernandes & Filho, além da casa bancaria, tem commercio de mercearias e legumes por meúdo e atacado. Tem um credito illimitado devido á honradez dos seus proprietarios.

A Tabacaria Crespo

E' a Monaco de Coimbra. A tabacaria Crespo na rua Visconde da Luz, n.os 27, 29 e 31, é o centro de reunião da sociedade elegante de Coimbra. Officiaes do exercito, academicos, burocratas, advogados, etc., tudo se reune no estabelecimento do sympathico Eduardo Crespo, sempre tão amavel para com todos, com o riso a aflorar-lhe aos labios.

A Tabacaria Crespo, vende tabacos nacionaes e estrangeiros, jornaes de Lisboa e Porto, papel, lapis, pennas, leques, tintas de escrever, bijoterias, etc. Torna-se muito interessante uma visita á Tabacaria Crespo da rua Visconde da Luz. Ella escusava de reclamos, tão conhecida é para as pessoas não só de Coimbra, como tambem para as que visitem a cidade, mas não resistimos á tentação, visto que descrevemos o commercio da linda cidade, de nos referirmos á elegante casa do excellente Eduardo Crespo.

Bazar dos Caçadores

Subimos a rua Visconde da Luz e lá vemos a enorme espingarda como que a dar fogo para o ar. E' o Bazar dos Caçadores do nosso amigo, Elysio da Costa Neves. Aproxima-se a epoca da caça, e os paladinos d'esse genero de «sport», devem procurar o Bazar dos Caçadores, na rua Visconde da Luz, n.os 57, 59 e 61.

Ali se admiram bellas espingardas dos melhores auctores, bolsas de caça, cartuchame, polvora, etc.

Espingardaria Central

Ao passar-mos pela rua Visconde da Luz, mesmo junto da Calçada, notava-se já hontem um desusado movimento no bello estabelecimento denominado «A Espingardaria Central», do nosso bom amigo sr. Amancio da Costa Neves.

O dia 1 de setembro, em que se realisa a abertura da caça, já não vem muito longe, e por isso os enthusiastas por aquelle genero de «sport» encheram de lés a lés as varias dependencias da «Espingardaria Central», para comprarem bonitas e solidas espingardas dos melhores auctores, chumbo de caça, cartuchame, bolsas, polvora negra e pyroxilada, etc.

O nosso amigo Amancio Neves e os seus empregados não teem mãos a medir com a grande freguezia.

Apprehensões de carne, feijão e pão

Em Alfama foram apprehendidos no estabelecimento de Maria das Dôres, o qual foi mandado encerrar, 46 kilos de carne, por estar á venda sem o preço figurar na tabella. Tambem foram apprehendidos 12 litros de feijão no estabelecimento de Manuel Lopes dos Santos, o qual foi egualmente mandado encerrar, por ser vendido a preço superior ao marcado na tabella.

N'uma padaria da alameda do Beato pertencente á Nova Companhia Nacional de Moagem foram apprehendidos 12 kilos de pão de 2.ª qualidade, que estava incapaz de consumo.

«A Capital»

Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora.

A isenção dos medicos

e a sua collocação nos serviços moderados

Ex.mo sr. ministro da guerra—Ha casos em que a moderação é monstruosa.

Se não ha para officiaes lesões que fortifiquem a isenção, comprehende-se que o numero dos moderados seja tão elevado? Não se terá attendido para justificar o decreto de consequencias tão immoraes a falta de exercicio clinico (por conveniencia) e egualmente lesões de ordem secundaria comprovando a diminuição de resistencia como erythemias de origem gastrica ou nervosa, varicocelles, hernias inrapanistnes, etc? A v. ex.ª o affirmo positivamente.

Não fazem, pois, na sua maioria todos estes medicos a sua laboriosa clinica citadina ou rural? Será rasoavel que bacillosos hemoptoicos e paralyticos estejam ao serviço do exercito?

Preciosa therapeutica! Por certo que s. ex.ª o ex.mo sr. ministro da guerra desconhece tamanhos abusos. A classe medica e o publico sabem perfeitamente, para muitos casos, qual o criterio por que passaram estes senhores a situação tão privilegiada.

Porque não sahe um decreto (creio já elaborado) reparando tantas injustiças? A quem interessará esta demora?

Ingrato assumpto que só me interessa no sentido geral. A quem pertence a responsabilidade de uma verdade indiscutivel? Somos nós os mais velhos que devemos partir, perante a nossa consciencia de fronte altiva, em proveito dos beneficiados? Não teem os mais novos mais resistencia e maior dever militar? Terá a natureza feito um aborto para os medicos de maior idade? Porque motivo as juntas respeitam umas vezes a opinião dos especialistas e outras não?

Quanto ao meu caso particular, corroborando as affirmações dos medicos militares especialistas, attesta o ex.mo sr. dr. Avelino Monteiro, medico-director de enfermaria e de clinica oto-rhino-laringologica do Hospital de S. José que «Joaquim Manoel Nunes Saraiva soffre d'uma obstrucção nasal causada por desvio do septo direito e uma crista á esquerda com hipertrophia dos cornetos medio e inferior esquerdo. A mucosa do nariz acha-se irritada, com catharro abundante e apparecendo algumas vezes crostas mal cheirosas com caracteres ozenosos. Esta obstrucção diminue muito a sua capacidade respiratoria e como consequencia diminue a sua resistencia phisica de modo a não poder supportar grandes trabalhos sem fadiga immediata. Por ser verdade passo o presente que assigno sob minha responsabilidade profissional, etc.»

Ex.mo sr. ministro da guerra: o meu protesto não significa a recusa a um dever e o apello que a v. ex.ª faço como magistrado superior de um governo republicano e chefe supremo do exercito é de ordem moral.

Devendo partir em breve para França desejava fazel-o com a certeza de que v. ex.ª não desconhece o meu caso e o que um dia me será feita justiça.

Joaquim Manoel Nunes Saraiva
(tenente-medico miliciano)

Atropelamento mortal

Falleceu hontem, no hospital de S. José, José Carvalho, de 60 annos, trabalhador, que em 10 de janeiro foi atropelado por uma carroça na estrada de Carriche.

Desastre

Recebeu curativo no hospital D. Este[illegible] que caiu d'uma carroça na rua Menezes Soares, resultando-lhe um grande ferimento no braço esquerdo.

SPORT

Uma festa militar?

A favor dos mutilados da guerra

A commissão promotora das festas de sport a favor dos mutilados da guerra vae, brevemente realisar uma grande festa militar com a collaboração de esplendidos elementos sportivos.

A commissão executiva, que é composta pelos srs. Francisco Calheiros, Levy Jenechio, Fernando Parinha e sargento Alegria, vae convidar para fazer parte da commissão o «sportsman» sr. Placido Duro, reunindo esta na proxima quinta-feira, pelas 21 e 30 horas, na redacção d'A Capital, para definitivamente elaborar o programma, que terá numeros publicados logo que elle esteja definitivamente assente.

Uma "tournée" de sport

Confirma-se a noticia que aqui demos da organisação d'uma «tournée» de variedades e «sports» de que fazem parte o athleta Ruy da Cunha, Oscar del Negro, Jean Le-Clau, etc. Depois de visitarem as principaes cidades do norte é possivel que se apresentem em Lisboa.

Sabemos mais que Ruy da Cunha apresentará um numero extraordinario, verdadeiramente á «frisson», que é um «record» de audacia.

PEQUENAS NOTICIAS

No largo da Saude foi hoje colhida por um carro electrico, ficando muito ferida no corpo e na cabeça, Perpetua do Livramento, de 42 annos, residente na rua da Bella Vista, 59, 3.º. Foi pensada no banco do hospital de S. José.

—Clotilde Ferreira, de 22 annos, operaria na fabrica de lanificios de Oeiras quando hoje alli estava trabalhando com uma machina esmagou com o carreto o dedo medio da mão direita. Recebeu curativo no hospital de S. José.

—No banco do hospital de S. José recebeu hoje curativo Rosa Moreira Ribeiro, de 60 annos, creada de servir na rua do Arco, Marquez de Alegrette 96, 1.º, que alli deu uma queda, ferindo-se na cabeça.

Cahido d'uma arvore

Deu entrada no hospital de S. José Antonio de Mattos Brazileiro, de 14 annos, residente em Villa Franca de Xira que alli cahiu d'uma arvore a que subira para apanhar um ninho com passaros, fracturando a perna direita e ferindo-se no rosto.

Venda judicial de aduela

No dia 14 do mez corrente e nos dias seguintes, se fôr necessario, pelas 13 horas, ha de proceder-se á venda judicial, em hasta publica, por determinação do M.mo Juiz Presidente da 2.ª vara commercial d'esta cidade (cartorio do escrivão Ferreira) de diversos lotes de aduela, marca «BOBET» das melhores qualidades, sendo a venda effectuada no armazem n.º 4 Avenida da India, em Alcantara.

Previne-se o publico de que a avaliação da aduela que vae ser vendida e sobre que ha de recahir a licitação é inferior aos preços correntes.

Lisboa, 11 d'agosto de 1918.

O depositario
Alvaro de Souza Lima

Productos norte-americanos

Carga valiosa

Noticiámos ha dias que no Tejo entrara um vapor consignado á Companhia Nacional de Navegação e vindo da America do Norte, com uma carga no valor de alguns milhares de contos.

Hoje podemos já dizer que esse vapor foi o «Dondo» e que entre a carga figuravam: 8.158 fardos de algodão, 6.313 aduellas, 1.373 caixas de folha de Flandres, 151 volumes com couros, 10 caixas com pianos, grande quantidade de fio de arame para pregaria, caixas com machinas de escrever, automoveis, anilinas, aço em barra e em chapa, etc.

Da janella á rua

Cahiu hoje da janella da sua residencia á rua, ficando muito contusa pelo corpo e ferida na cabeça, a menor de 3 annos Hortencia dos Anjos Ribes, moradora na rua da Magdalena, 192, sobreloja. Recolheu em estado grave á enfermaria n.º 13 do hospital de S. José.

A' memoria de Fialho

Respondendo a um dos seus admiradores

Sr. redactor:—Publicou «A Capital», em ... do corrente, uma carta do sr. Adriano Rodrigues, a proposito da homenagem que um grupo de admiradores de Fialho d'Almeida se propoz prestar ao grande artista, erigindo-lhe um monumento n'esta cidade, que elle tanto amou. Como tenho a honra de pertencer ao grupo «Os amigos de Fialho», permitta-me v. que eu responda não só ao sr. Rodrigues, como ás outras pessoas que na imprensa e nos centros de cavaco se teem referido desfavoravelmente á ideia de glorificar pelo marmore o pamphletario audaz de «Os gatos».

Affirma-se que a ideia de erigir um monumento a Fialho «constitue uma ironia, que é talvez uma affronta, para o cronista admiravel que, com todas as outras, classificou os monumentos de tal genero (?) de urinoes de cães e pasmaceiras de vadios».

Podia responder a esta affirmativa reproduzindo as palavras enthusiasticas com que a ideia da erecção do monumento foi recebida por alguns dos mais intimos amigos de Fialho, como sejam Santos Tavares, Albino Forjaz de Sampaio, Eugenio Vieira, Antonio Maria Teixeira, etc. Todavia, a consideração que eu tenho pelo sr. Adriano Rodrigues, como admirador que diz ser de Fialho, leva-me a declarar-lhe que a ideia do monumento ao estylista admiravel de «A Cidade do Vicio» não constitue uma affronta á sua memoria—e em caso algum podia considerar-se como tal uma ideia cimentada no carinho e no amor á obra do que foi um dos maiores artistas da nossa terra. Fialho d'Almeida não era um inimigo irreductivel dos monumentos. E' certo que elle detestava as grandes estatuas, inesthetícas e massudas, mas só essas. Lembro-me que em certa parte de «Os gatos», a proposito da estatua a Silva Porto, Fialho faz a apologia dos monumentos pequenos, de «alguma coisa de intimo, cinzelada pelos amigos, collaborada por todos os discipulos, pequenina, graciosa, á altura dos beijos e dos ramos, tocada como uma joia e deante de quem toda a gente pare e se enterneça».

Posso garantir ao sr. Rodrigues que a commissão «Os amigos de Fialho», na reunião de jornalistas e escriptores, que promove para fins de setembro, pugnará para que o monumento ao Mestre seja um artistico busto respeitando, assim, como é seu dever, a vontade do grande escriptor.

Defende o sr. Adriano Rodrigues a ideia de substituir o monumento a Fialho pela creação d'um premio litterario com o seu nome Sim, porque se faça mais essa outra coisa. Com o que não concordo, em quebra do respeito que devo ás opiniões do sr. Rodrigues é que se realise, de tempos a tempos, uma sessão em homenagem a Fialho, porque isso seria collocal-o ao lado de todo um numero infinito de vulgaridades que estadeiam a sua mediocridade por todas as tribunas, offerecendo-se aos applausos das turbas ignorantes com ademanes de homens de genio. A consummar-se, este facto representaria um authentico crime, que teria por certo a repulsa de toda a gente que sabe ler Fialho.

Ha por ahi quem entenda que a Academia não deve ser chamada a collaborar na obra augusta da erecção d'um monumento a Fialho como pretende a commissão dos seus admiradores, porque, diz-se, ella não tem a comprehensão nitida do que a obra do Mestre revela. E' intuitivo que a parte da Academia que se pretende interessar n'esta homenagem ao auctor de «O Paiz das Uvas», é aquella que sente e comprehende a obra de Fialho—não sendo crivel que os academicos que o não tenham lido procurem immiscuir-se n'uma manifestação que pertence apenas á «élite» que adora o escriptor.

Interessando a Academia na homenagem a Fialho, procura-se dar-lhe um cunho de affectividade que ella não terá por completo se lhe faltar a collaboração e o enthusiasmo dos novos, d'aquelles em quem a obra de Fialho pode exercer uma decisiva influencia.

Esperando, dever-lhe a fineza da publicação d'esta, sou de v. etc.—Belo Redondo.

Theatros

Cartaz de hoje

THEATRO NACIONAL—A's 21—«Amor de perdição».—S. LUIZ—A's 21,30—«Generos alimenticios».—TRINDADE—A's 21,30—«O gato maltez».—GIMNASIO—A's 21,15—«Marione tesa»—APOLO—A's 21,30—«A revolta»—EDEN—A's 21,30—«A trombeta da fama».—POLYTHEAMA—A's 21,30 «Salada russa»—AVENIDA—A's 21,30—«O homem de elos».—SALÃO FOZ—A's 21—Variedades e animatographo.—COLYSEU DOS RECREIOS—A's 21,30—«A nova missão de Judex».

Animatographos e concertos—Central, Olympia, Chiado Terrasse, Condes e Salão da Trindade.

Reclames

Confirmado plenamente pelos applausos unanimes da critica o extraordinario e incomparavel successo das «Marionettes», a deliciosa comedia de Pierre Wolff, lá vae seguindo todas as noites no Gymnasio a sua triumphal carreira, levando ao elegante theatro consecutivas enchentes, o que não admira, visto ser notavel e esplendido trabalho de Brazão, Carlos Santos e Palmira Bastos, na delicada e graciosa peça.

—Continua o terceto da «Irmandade de Santo Amaro» a provocar a gargalhada franca e desopilativa dos espectadores do Polytheama, onde se mantem com grande successo a revista «Salada russa», ha pouco augmentada com o novo quadro «Cofres e bebes». Esse numero é dos que sempre se repetem, tal o comico de que os auctores o impregnaram, tão bom o desempenho que lhe dão os artistas a quem foi confiado. Acompanha-o condignamente o «Boa Nova», vendedor de sinos e que nas sinas politicas... é um adivinho notabilissimo.

—Faltava ser «aquillo» ao Carlos Leal. Temol-o visto fazer muita coisa, quer dizer, ter inrumeras profissões... secretas, é que o não sabiamos. Pois é verdade. Elle lá está agora todas as noites no Apollo fazendo tambem successo a par de Antonio Gomes, o impagavel «compère» da peça, que não perde ensejo de fazer rir o publico que o bemdiz pela sua humanitaria vocação, n'este tempo de tristezas.

«Os mineiros» está sendo activamente ensaiada pelo distincto actor e ensaiador Antonio Pinheiro. Na peça entram as principaes figuras da actual companhia do São Luiz, constando-nos que Ferreira da Silva terá na peça um papel de seguros effeitos scenicos. A affluencia á bilheteira, para marcação de logares tem sido grande, devendo portanto, esperar-se para sexta-feira uma grande enchente, mesmo nos logares baratos, pois «Os mineiros» deve despertar o interesse da classe operaria.

—No theatro Avenida realisa-se amanhã a primeira representação da comedia «Mme. Eva somnambula» adaptação do nosso collega de imprensa Tito Martins, cujo nome é sobeja garantia do valor da peça e do escrupulo com que foi adaptada.

No Brazil

A' data das ultimas noticias não tinha ainda subido á scena a peça de Guilhermina Rocha «O Caradura».

—O actor Emygdio Campos, galã da companhia Froes da Cruz, abandonou a carreira theatral para se dedicar á sua primitiva profissão de cinzelador.

—Contractada pelo emprezario Juca de Carvalho voltará ao Rio, em despedida, a transformista Fatima Miris.

—O nosso conhecido actor João Silva organisou uma companhia de opereta que está trabalhando no theatro Republica, tendo-se ali estreiado com «A gata borralheira». Presentemente tem em scena «O Boccacio», cujos principaes papeis estão a cargo de Abigail Maia, Ismenia Matheus, Herminia Adelaide, Asdrubal Miranda e Martins Veiga.

—Os jornalistas brazileiros Lafayette Silva e Robespierre Trovão estão escrevendo um livro sobre theatro intitulado «Os nossos artistas».

—Entrou em ensaios no Trianon a nova peça de Gastão Tojeiro «O joven Presentino».

NATURISMO

Feitiçaria

Outro dia, quando a tarde ardente abrandava n'um crepusculo doce, tive de ir ver um enfermo a uma das ruas proximas da Escola Polytechnica. Este meu amigo é um intelligente moço dedicado ás artes e sciencias occultas. A conversa versou, apoz a consulta sobre feitiçaria. E' um assumpto digno de ser notado por quem procura investigar. A bibliotheca d'este meu amigo estava cheia de obras dos drs. Leven, Papus, Guaita, Lancelin, Durville e de centenares de auctores occultistas e hiperfisicos. A sua conversa amena chamava-me para verificar os acertos sobre este problema: de haver pessoas que faziam sortilegios para mau fim: bruxos, feiticeiros e mulheres de virtude, capazes, pelas suas artes magicas, de lançar mau olhado e mesmo fazer adoecer pessoas...

Qualquer outro medico sorriria ao cliente... Eu não; acho interessante, progressivas, verdadeiramente amigas da sciencia todas as creaturas que procuram investigar afóra dos meios habituaes. E este moço, instruido, educado, erudito, buscou aclarar um assumpto que, desde muitos e remotos seculos, ainda hoje é applicado em todas as terras d'este paiz onde o sol fulgura, a cotovia canta e o mocho pia... Eu estava ouvindo este iluminar de Hermes-Trimegista, iniciado nos grandes mysterios de além, quando, á janella, me referi a um predio fronteiro, de vidros quebrados e abandonado; onde se diz ninguem poder morar. E' uma das casas de Lisboa que se diz habitada por almas do outro mundo: uma casa enfeitiçada a que este jornal já se referiu ha annos. Curiosa a coincidencia, ir a casa d'um estudante de magia, enfraquecido por ter alliviado, por magnetismo, uma creatura cancerosa—e em frente estar uma casa que ninguem «quer» ou «póde» habitar? Diz-se, na visinhança que vive lá uma força malefica, que atira pedras a quem lá penetra. Ora aqui está um caso d'uma casa, como o celebrado homem macaco que desperta estudo. Muito ha que saber ainda...

Dr. Amilcar de Sousa

Echos & Noticias

NAVARRO DA COSTA

Realisou-se no Casino de S. José de Ribamar um jantar offerecido a este distincto pintor brazileiro, pelos seus collegas e amigos do consulado do Brazil.

O jantar decorreu animadissimo, pronunciando-se varios brindes de despedida ao bom companheiro e amigo, sendo-lhe pelos mesmos offerecida uma magnifica carteira em seda com o monogramma em ouro, recordação dos seus companheiros de trabalho.

PARTIDAS E CHEGADAS

Partiu para as Caldas da Rainha o sr. Nuno de Freitas Queriol, illustre director da Companhia de Moçambique.

—Para Bragança parte esta noite o estimado empregado commercial da nossa praça sr. José Joaquim Neves.

Oriental Club

Tendo-se propalado ultimamente que este club, sito na Rua de S. Pedro d'Alcantara n.º 81, vae encerrar brevemente as suas portas, a Direcção previne os seus dignos consocios e todas as pessoas que dignam honral-a com a sua amisade de que tal boato é absolutamente destituido de fundamento e que só malevolas intenções lhe podem ter dado origem.

Pela Direcção
Carlos Leitão

Instrucção Militar Preparatoria

SOCIEDADE N.º 5—O conselho technico avisa por este meio todos os alistados que pertenceram ou pertençam ainda a esta Sociedade e que durante o corrente anno foram julgados isentos definitivamente ou condicionalmente, ou ainda os que foram apurados para o serviço do exercito, a fazerem a sua apresentação por todo o corrente mez na secretaria da Sociedade, rua do Mundo, 81, 3.º, todos os dias uteis das 21 ás 23 horas, sob pena de rigoroso procedimento para os que não acatarem esta determinação, que é considerada como desobediencia em tempo de guerra.

Publicações recebidas

LA NATION TCHEQUE—Mais um fasciculo acabamos de receber d'esta magnifica revista quinzenal, abrangendo os numeros 3 e 4 do 4.º anno, correspondentes a 1 e 15 do mez corrente. Publicação silladophila, superiormente dirigida pelo dr. Edouard Barrés, traz entre muitos outros artigos interessantes, o discurso, na integra, dirigido pelo presidente Poincaré aos tcheco-slavos na occasião de lhes entregar a bandeira.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 11—As leiteiras continuam na sua «parede» estando no firme proposito de não voltar á cidade emquanto a camara não revogar o imposto que lançou sobre aquellas vendedeiras.

Hoje faltou-se com falta de leite, vendendo-se o de cabra a 40 e 50 centavos o litro! Outro tanto se dá com outros generos de primeira necessidade, que se vendem por um preço exhorbitante. Os ovos estão a 50 centavos a duzia. Um horror!

—Os caçadores preparam-se com as suas equipagens para a proxima epocha venatoria que, como se sabe, começa no dia 1 do proximo mez de setembro. Já hontem notámos grande alvoroço na Espingardaria Central e no Bazar dos Caçadores, respectivamente dos nossos amigos Amandio e Elisio da Costa Neves, na rua Visconde da Luz.

—Vae ser deportado o conhecido gatuno e vadio Adelino Simões que conta cerca de 20 prisões por assaltos. Apezar de contar apenas 19 annos de idade, está classificado como um temivel salteador, conhecido especialmente no Sitio de Coselhas.

MORTAGUA, 10—Suicidou-se hontem com um tiro de espingarda, na sala das sessões da Camara Municipal d'este concelho, o soldado de infantaria 23 de nome Elias Pereira, filho de Antonio Maria Calhorino, do logar de Cozélhas, junto a Coimbra, que fazia parte do destacamento que aqui se encontra. O funeral realisa-se hoje. Os seus companheiros quotisaram-se para depôr sobre o feretro uma linda coroa de flores.

Lei do Inquilinato

Decretada em 27 de junho de 1918, seguida do

Imposto do sello

decretos de 6 e 25 de abril de 1918.

PREÇO 100 réis

Catalogos de Livros d'Occasião

Estão publicados os n.ºs 1, 2 e 3 de livros raros e curiosos, romances, sciencia, instrucção, artes e officios, litteratura, etc., etc.

Catalogo Theatral

Proprio para amadores dramaticos. Peças theatraes em todo o genero. Distribuem-se gratuitamente a quem os requisitar na

Livraria Portugueza
—DE—
João Carneiro & C.ta
68 — Travessa de S. Domingos — 60
— *LISBOA* —

Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Sociedade anonyma

Estatutos de 30 de novembro de 1894

Despacho central de Barco d'Avila

Segundo participação da Companhia dos Caminhos de Ferro de Madrid a Caceres e a Portugal e do Oeste de Hespanha é supprimido, a partir do dia 1 de setembro de 1918, o Despacho Central de Barco d'Avila, em correspondencia com a estação de Bejar, na linha do Oeste de Hespanha, a que se refere o aviso ao publico B. n.º 2446 de 13 de janeiro de 1915.

Lisboa, 6 de julho de 1918.

O director geral da Companhia,
Ferreira de Mesquita

Secretaria do Estado da Marinha

Direcção Geral da Marinha

Repartição

Em consequencia de findar em 8 de setembro proximo a concessão da exploração das aguas sulfurosas do Arsenal da Marinha, utilisadas nos banhos de S. Paulo, está aberto concurso por espaço de 30 dias, a contar de 9 (nove) do corrente mez para nova concessão, nas condições do edital publicado no supplemento ao «Diario do Governo» n.º 184, 2.ª serie, de hoje, e que tambem estão patentes na 1.ª Repartição da Direcção Geral da Marinha.

O Estado concede, além de outras, a usufruição durante 80 annos das aguas sulfurosas do Arsenal da Marinha, do terreno dentro do Arsenal para assentar machinas, bombas e outros apparelhos para a elevação das aguas, e das machinas, tubos e outros apparelhos que estejam assentes no local do Arsenal, onde actualmente se faz a elevação das aguas, sendo a renda annual de 1.200 escudos.

As propostas serão abertas no dia 9 de setembro proximo pelas 13 horas.

1.ª Repartição da Direcção Geral da Marinha, 8 de agosto de 1918.

O chefe da Repartição
Manuel Norton
Capitão de fragata

EXTREMOZ

A CAPITAL vende-se no estabelecimento do sr. J. de Mattos Mexias, em Extremoz.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Sociedade Anonyma—Estatutos de 30 de Novembro de 1894.

Aviso ao publico

De harmonia com as instrucções recebidas das instancias officiaes competentes faz-se publico que, até aviso em contrario, o transporte das mercadorias abaixo indicadas, qualquer que seja o seu peso, está sujeito ás seguintes restricções:

Assucar, arroz, batata, cereaes panificaveis (trigo, milho e centeio) e suas farinhas, feijão, mel e nitrato de sodio. Só se aceitam a transporte remessas d'estes generos quando sejam acompanhadas de guia de transito da secretaria de Estado das Subsistencias e Transportes.

Pelo que respeita a remessas de feijão ter-se-ha em vista que estas ficam sujeitas ainda ás seguintes restricções:

Para a circulação entre concelhos que não sejam o de Lisboa, as guias de transito serão requisitadas á secretaria de Estado das Subsistencias e Transportes pelas Camaras Municipaes de origem e as respectivas remessas só pódem ser consignadas á Camara Municipal do concelho do destino indicado na guia de transito.

Para as remessas de feijão destinadas á cidade de Lisboa, as guias de transito serão requisitadas pelos expedidores á mesma secretaria de Estado e as remessas podem ser consignadas e entregues a qualquer individuo ou firma designada pelo expedidor na respectiva nota de expedição.

Azeite—Para o transporte d'este genero é indispensavel a apresentação de guia de transito excepto quando as remessas sejam despachadas directamente para Lisboa (Rocio, Caes dos Soldados, Caes do Sodré, Alcantara-Mar e Alcantara-Terra). As remessas d'este genero que estejam nas estações mais de 48 horas sem que pelo expedidor sejam concluidas as formalidades para a expedição ou sem serem retiradas pelo consignatario, serão consideradas apprehendidas e postas á disposição da secretaria de Estado das Subsistencias e Transportes.

Gazolina e petroleo—Não se aceitam expedições d'estas mercadorias nas estações que servem Lisboa, sem virem acompanhadas de guia do transito passada pela secretaria do Estado das Subsistencias e Transportes.

Para dados por concelhos fronteiriços—Não são aceitas remessas de gado de qualquer das especies comestiveis para as estações abaixo indicadas sem a apresentação de uma guia de transito passada pelo administrador do concelho de onde o gado procede, a qual acompanhará as remessas até destino.

As estações situadas em concelhos fronteiriços são:

Na linha da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes—Castello Branco, Alcains, Lardosa, Santa Eulalia, Elvas, Marvão, Portalegre e Castello de Vide.

Nas linhas do Minho e Douro—Ancora, Moledo do Minho (ap.), Caminha, Seixas, Lanhelas, Gondarem, Cerveira, S. Pedro da Torre, Valença, Ganfei (ap.), Verdoejo, Friestas, Lapela, Monção, Sabroso, Vidago e Barca d'Alva.

Nas linhas do Sul e Sueste—Villa Viçosa, Serpa-Brinches, Pias, Machados (ap.) Moura, Cacela, Monte Gordo, Castro Marim e Villa Real de Santo Antonio.

Nas linhas da Beira Alta—Cordeira, Freineda e Villar Formoso.

Na linha de Bragança—Sendas, Salsas, Rossas, Sortes, Rebordãos (ap.), Mosca e Bragança.

Faz-se egualmente publico que as remessas despachadas á vista de guia da Secretaria de Estado das Subsistencias e Transportes não podem mudar de destino nem ser reexpedidas sem apresentação, em qualquer dos casos, de nova guia da Secretaria do Estado das Subsistencias e Transportes.

Como consequencia d'estas disposições, nas notas de expedição de remessas acompanhadas das referidas guias de transito devem os expedidores fazer a seguinte declaração: «Renuncio ao disposto no artigo 28) do Codigo Commercial».

NOTA—Pa a as remessas a expedir pela Manutenção Militar com destino a unidades e estabelecimentos militares é dispensada apresentação de guias de transito sempre que as respectivas notas de expedição venham autenticadas com o sello branco da Manutenção Militar.

Pelo presente ficam anulados os avisos ao publico B. 2882 de 30 de janeiro, B. 2896 de 2 de março, B. 2897 de 6 de março, B. 2921 de 30 de abril, B. 2920 de 14 de maio e B. 2941 de 4 de julho de 1918.

Lisboa, 8 de julho de 1918.

O director geral da Companhia,
Ferreira de Mesquita.

ADUELA BOBET

Venda judicial em hasta publica de numerosos lotes de aduela d'esta marca acreditadissima

Nos dias 14 e seguintes do corrente mez de agosto, pelas 13 horas

Local da venda—Armazem n.º 4

Avenida da India, em Alcantara — Lisboa

Por ordem do Tribunal do Commercio d'esta cidade (2.ª vara, cartorio do 2.º officio), deve effectuar-se, começando na data indicada, a venda judicial em hasta publica de grande parte de um importante carregamento de aduela da referida grande marca, abrangendo diversos lotes das melhores qualidades, taes como aduelas de 60"—1 pinta encarnada, e aduelas de 60"—2 pintas encarnadas.

A licitação terá por base os preços da avaliação official, constante do processo por onde foi ordenada a venda judicial, preços que são inferiores aos correntes no mercado.

Lisboa, 6 de agosto de 1918.

O solicitador
João Moniz Pereira.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2866 — 9.º Anno · Direcção e propriedade de Manuel Guimarães · Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Terça-feira 13 de Agosto de 1918

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL · Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 · Preço 2 centavos

A aventura de Mafra

Commentando o artigo que publicámos ha dias sobre o caso da reintegração do tenente Constancio no exercito portuguez, declára o «Dia» que ácerca do caracter de movimento cuja chefia militar esse official assumiu se formou uma lenda que convem finalmente desfazer. Essa lenda seria a de que o movimento referido fosse feito contra a guerra.

Um dos processos mais interessantes dos jornaes monarchicos consiste em deixar passar o tempo sobre determinados factos, e quando se julga que estão esquecidos, ou esbateram os seus contornos nas brumas do passado, vir audaciosamente apresentar como lendas o que foram realidades vivas e palpaveis.

Como está prestes a registar-se o quarto anniversario d'essa miserrima aventura, o «Dia» suppõe que já ninguem se lembra das condições em que ella se desenrolou. E' contar demasiadamente com a falta de memoria de nós todos.

O movimento de Mafra fez-se aos gritos de: «Não queremos ir para a guerra!» e «Viva a monarchia!» Que se désse o grito «Viva a monarchia!» não o negará o orgão realista, visto que o chefe militar da intentona era um monarchico militante, que até já fôra accusado de tomar parte n'um «complot» anterior. Quanto ao outro grito, tambem não é facil pôl-o em duvida, sabido que o plano dos monarchicos consistia em levantar na provincia as sublevações militares e motins a pretexto de que, proclamada a monarchia, nem um só soldado iria para a guerra.

Senão veja-se o que declarou um outro dirigente da sublevação, o dr. Pacheco Soares, chefe civil, no interrogatorio que lhe foi feito. O dr. Pacheco Soares, perguntando-se-lhe por que se não tinha addiado o movimento, respondeu que «era preciso aproveitar a campanha feita ás claras e ás occultas contra a partida da expedição.»

O «Dia» parece, com effeito, ignorar que, quando rebentou o movimento de Mafra, já Portugal definira a sua attitude de absoluta solidariedade com a Inglaterra, na celebre declaração parlamentar de 7 de agosto de 1914, que foi o ponto de partida da nossa intervenção na guerra. E parece ignorar tambem que já se tratava da campanha de Africa, em que necessariamente nos chocariamos com os allemães. Assim como parece ignorar, ainda mais, que já Portugal cooperára na guerra europeia, cedendo parte do seu armamento á sua alliada.

O movimento era contra a guerra. O «Dia» sabe-o muito bem. Dezenas, centenas de vezes se tem feito allusão ao caso do tenente Constancio, e só agora a folha realista julgou possivel, passados quasi quatro annos, desnaturar o seu caracter.

O movimento era contra a guerra, porque se pensava que, fazendo a propaganda contra a ida para a guerra, se conseguiria conquistar a grande massa da população portugueza. Já que o povo não queria ouvir fallar na monarchia, já que tinham sido batidas, no meio da indifferença geral, as duas incursões de Couceiro que pensava em derrubar a Republica com um simples passeio triumphal, hasteando a bandeira azul e branca, talvez que o povo acceitasse a monarchia como uma segurança de que não iriamos para a guerra, rasgando a alliança ingleza, e trahindo os superiores interesses da patria, da raça e da civilisação.

Enganaram-se redondamente os monarchicos, e a aventura de Mafra liquidou d'uma maneira ridicula. Mas não ha duvida de que o caracter d'essa aventura foi o d'uma especulação politica, baseada na esperança de que o exercito e o povo não queriam a participação na guerra.

Vem agora o «Dia» pretender ligar o «movimento das espadas» de que sahiu a dictadura Pimenta de Castro a esse movimento de tão triste memoria. Mais ainda: pretende asseverar que o mesmo espirito presidiu ao movimento de 13 de dezembro e á revolução de 5 de dezembro. Que lhe agradeçam os visados.

Ao leitor d'A CAPITAL

Depois de lido, enviar este jornal á *Junta Patriotica do Norte* (Paços do Concelho — Porto), a fim d'esta o mandar para os nossos soldados no «front».

Noticias do Brazil

As festas do jubileu de Ruy Barbosa

RIO DE JANEIRO, 12.—Telegrammas dos diversos Estados communicam que em todo o Brazil se teem realisado com grande enthusiasmo as festas do jubileu de Ruy Barbosa, tomando parte todas as classes sociaes. As festas, lêgo são imponentes, principalmente nos Estados de S. Paulo e Bahia. Os governos associam-se a todas as manifestações em honra do grande tribuno brazileiro.—(Americana).

Da guerra e dos exercitos

Cirurgia de guerra

O tratamento dos feridos infectados—O methodo de Carrel—Preparação do soluto de Dakin

Como dissemos hontem, depois de ouvirmos as opiniões dos illustres clinicos, os cirurgiões srs. drs. Azevedo Gomes e Alberto Mac-Bride, o methodo Carrel, no tratamento das feridas infectadas está perfeitamente consagrado. Um livro publicado ha pouco tempo por A. Carrel e G. Dehelly tratam desenvolvidamente de toda a technica e é d'esta obra que extrahimos algumas das notas que passamos a expôr.

Henry Dakin estudou a acção de um numero consideravel de antisepticos sobre os tecidos e sobre os micro-organismos: examinou os effeitos de mais de duzentas substancias e foi conduzido a fabricar as cloroaminas e com o auxilio de uma technica especial, o hipoclorito de sodio, com um fraco poder irritante e de um poder bactericida consideravel.

Foi demonstrado, que os microbios desappareciam se a substancia antiseptica estudada, com uma concentração apropriada, se mantinha durante um certo tempo, em contacto com a ferida. Já se sabia, que o hipoclorito de sodio, descoberto por Berthollet em 1788 apresentava propriedades antisepticas. Labarraque que adquiriu uma fama immortal, empregando este licor para embalsamar o cadaver de Luiz XVIII, que estava tão profundamente decomposto, que não permittia que alguem se approximasse d'elle.

Mas a solução de Labarraque, da mesma forma que a agua de Javel, não podiam ser empregadas com segurança, em cirurgia; porque uma das condições essenciaes da esterelisação das feridas é, como se sabe, o emprego de uma substancia que, sob uma concentração determinada possa ser mantida por algum tempo sobre as feridas, sem as irritar. E' por isso que os hipocloritos do Comercio não podem servir, porque, além da riqueza em hipoclorito ser variavel, contem uma certa quantidade de alcali livre que ataca a pele. Dakin estudou o meio de obter uma solução desprovida de alcali caustico livre e cuja riqueza em hipoclorito esteja rigorosamente comprehendida entre 0,40 e 0,50 por cento. As experiencias feitas mostram que abaixo de 0,40 por 100 a solução é insufficientemente activa e acima de 0,50 por cento ella é irritante.

A solução de Dakin, preparada segundo a technica de Daufresne, é obtida com cloreto de cal, carbonato de sodio e bicarbonato de sodio, pondo-se de parte o processo de preparação com acido borico, como está ainda em uso nas pharmacias portuguezas.

Na preparação do soluto de Dakin é preciso dosear primeiramente o cloreto de cal, para se saber que porção de cloro activo encerra. N'este doseamento é preferivel empregar o methodo de Penot, ao aconselhado pelo auctor, porque como este indica, o iodeto põe em liberdade o iodo, que pela acção do cloro pode passar a acido iodico.

Conhecida a quantidade de cloro activo existente no cloreto de cal, procuram-se n'uma tabella, as quantidades de carbonato e de bicarbonato de sodio a empregar, para que se obtenha, automaticamente uma solução graduada como o exige a technica.

O methodo de Carrel foi applicado, primeiro sobre as feridas antigas e depois sobre as recentes.

A esterelisação produzia-se nos dois casos, mas o tratamento precoce produz resultados rapidissimos.

A partir do mez de maio de 1915, mostrou-se á evidencia, que todas as feridas, antigas ou recentes, tratadas com uma certa technica com o auxilio do hipoclorito se esterilisavam, sem que resultasse perigo algum para os doentes. O methodo passou a ser applicado em algumas ambulancias de primeira linha.

As communicações foram feitas á Academia de Medicina: os principios foram expostos da forma mais completa possivel nos arquivos de medicina em 1916. Por varias vezes, quer na Academia de Medicina, quer na Sociedade de Cirurgia se insistiu na technica e mostrou as suas vantagens. O medico Cheletiffoltz publicou no mez de janeiro de 1916 um artigo importante sobre os resultados obtidos nas suas ambulancias. Indicavam-se casos como os seguintes: de 11 feridos tratados n'uma ambulancia, em nenhum d'elles se notou a supuração. Em 153 feridos tratados na ambulancia de Compiègne durante o mez de dezembro de 1915, 135 foram fechadas e d'estas, 121 ao decimo segundo dia.

Muitas outras communicações notaveis e de um exito retumbante iam sendo trazidas a lume nos meios scientificos. Na Belgica Depage obtinha exitos extraordinarios, desde o começo do anno de 1916, na esterilisação de grande numero de feridas, com ou sem fractura.

Em Buenos Ayres annunciava-se a cura de infecções osseas e articulares antigas.

Em Nova York, Gibson e Lyle começaram a empregar a esterilisação chimica na pratica cirurgica ordinaria.

A partir do mez de setembro de 1916, Carrel estudou a applicação do methodo aos feridos já infectados, taes como chegavam aos hospitaes da base em Compiègne. E ahi mostrou-se que as feridas supurantes e as fracturas antigas, podem tornar-se estereis e que se podem evitar as amputações ou as complicações que originam a morte do ferido.

Mas apesar do tamanho exito, de se ter provado a esterilisação de 85 por cento dos feridos de guerra, o methodo de Carrel era alvo da descrença de uns e da opposição viva de outros. E porque? Não se sabe. E' uma questão natural que se observa em todas as epocas, sobretudo no meio medico. E a guerra ao methodo de Carrel foi tamanha, que o seu auctor abalou desesperado para a America, d'onde tinha vindo para França com o hospital de Rokefeler. E n'um impeto de desespero declarou:

«Deixem estar que ainda hão de ver em França, o methodo de Carrel, introduzido pelos allemães».

Segundo declara o auctor no livro já citado, poder-se-ia, desde o mez de setembro de 1915 ter supprimido a supuração nos hospitaes.

«Mas os nossos processos tinham encontrado uma opposição tão viva, da parte de alguns medicos francezes, que não os quizeram applicar».

A leitura dos relatorios, das discussões na Sociedade de Cirurgia, e na Academia de Medicina mostra com que leviandade condemnavel foi repellido um methodo que poderia salvar a vida e defender os membros de um grande numero de feridos. Os homens que nos criticaram tão vivamente não tinham sequer tido o trabalho de examinar a nossa technica, nem de fiscalisar os nossos resultados. Ignoravam todos os processos que discutiam. A sua responsabilidade é tanto maior quanto a sua posição na universidade e nos hospitaes de Paris faziam com que as suas opiniões tivessem peso e influencia no espirito dos seus collegas».

Mas finalmente o methodo de Carrel triumphou, sem ser preciso a sua introducção em França, pelos allemães.

Quem tenha lido o livro de Carrel não deve pois admirar-se de ver a guerra que se faz em regra a qualquer trabalho, que represente um novo methodo de tratamento, ou a descrença com que se recebe qualquer novo agente therapeutico, notando-se que na maioria dos casos não se dão ao incommodo de o conhecer. Entre nós por exemplo, deu-se ha pouco um caso com a descoberta do «Hidropenol», que apesar de se ir mostrando á evidencia, nos hospitaes, que se tratava de um remedio importante, para a cura das cirroses do figado, elle foi repellido sem sequer se mostrar desejo algum de o conhecer sob o ponto de visto pharmacologico. Todavia as experiencias feitas eram animadoras; cá fóra na clinica particular registavam-se e registam-se casos de cura de uma doença, para a qual não se encontra um especifico de effeito seguro. Pois apesar d'isso, só em ultimo caso se recorre ao «Hidropenol» quando o doente tem o figado em estado de não ser possivel a cura. Ora isto, confrontado com o que se passou em França com o methodo de Carrel não tem importancia alguma; mas achamos interessante citar o facto, que obedece a uma lei geral, fecundada pelos mesmos intuitos do bicho humano.

J. Correia dos Santos

Depois de escripto este artigo, recebemos uma carta de um nosso presado amigo que nos garante, que em Portugal, já se pratica o methodo de Carrel, com pleno exito, no hospital da Cruz Vermelha e n'outros pontos. Não o pômos em duvida, mas podemos garantir, que nos principaes centros de technica cirurgica TEMOS VISTO que não se prepara o soluto de Dakin como está preceituado.

Iremos vêr, se nos fôr permittido, como se procede no hospital da Cruz Vermelha e dil-o-hemos aos nossos leitores.

J. S.

Diario da guerra

A offensiva dos alliados ameaça expulsar os allemães do Somme, parecendo que a offensiva britannica, que tem para eixo Albert-S. Quintin prosegue em pleno exito.

As tropas francezas continuam ganhando terreno entre o Avre e o Oise, apesar da resistencia opposta pelo inimigo.

Os germanicos, quando lhes succede algum desastre, attribuem sempre a culpa aos elementos. Já na retirada do Piava os austriacos apresentaram a cheia como causa da fatalidade que os perseguiu. Agora são os allemães que attribuem ao nevoeiro, a opportuna intervenção dos «tanks» que permittiram romper-lhes as linhas.

Na linha do Vesle os francezes repelliram ataques dos allemães, o que mostra que estes se acham dispostos a reagir, antes de retirarem para o Aisne.

Devido á serie de ramificações de linhas ferreas que o inimigo dispõe no sector de Mondidier, que já existiam e que foram ainda organisadas por occasião da offensiva de março, é provavel que tenha feito chegar a tempo fortes reservas á linha de Roye-Chaulnes para contra-atacarem os alliados.

Todavia estes continuam avançando, ainda que lentamente.

De todo o mundo

Grève geral na capital do Uruguay

MONTEVIDEO, 12.—Foi declarada a grève geral.—(Havas).

A offensiva dos alliados

Mais de 1.000 canhões e mais de 10.000 metralhadoras tomadas — 70.000 prisioneiros

PARIS, 13—«O Echo de Paris» avalia o numero de canhões tomados ao inimigo em mais de 1.000, e o das metralhadoras em mais de 10.000. Recapitulando em seguida o numero de prisioneiros capturados desde o dia 18 de julho diz que passa de 70.000. A Allemanha apellou para o auxilio da Austria, em consequencia do que varias tropas austro-hungaras marcham para os sectores da nossa linha de batalha onde tem havido socego.—(Havas).

Combates encarniçados—Continuando a avançar

LONDRES, 12.—Communicação britannica.—Hoje houve combates felizes na visinhança da estrada de Roye, a leste de Fouquescourt e na margem sul do Somme; em cada um d'estes pontos avançámos a nossa linha e fizemos algumas centenas de prisioneiros. Ao sul do Somme as nossas tropas apoderaram-se da aldeia de Proyart, depois de vivos combates, durante os quaes o inimigo soffreu grandes perdas, tanto em prisioneiros como em mortos; os combates continuam nos arredores d'esta povoação. A' direita do exercito britannico as tropas francezas tomaram Les Loges.—(Havas).

Novas posições tomadas

PARIS, 12.—Communicação official (14 horas).—Communicação britannica. O inimigo atacou novamente hontem á tarde as nossas posições ao sul de Lihons, mas foi repellido. Depois de uma operação executada com successo, immediatamente ao sul do Somme, fizemos 200 prisioneiros. As nossas posições a leste de Mericourt estão ligadas á nossa linha a leste de Etinchem. Na margem norte do Somme á direita do 4.º exercito britannico, os nossos alliados fizeram progressos hontem de tarde na direcção de Roye, tomando as aldeias de Armancourt e Tilloloy. Na parte norte da frente britannica melhorámos a nossa linha a leste de Robecq, entre Vieux Berquin e Merris.—(Havas).

Nas linhas italianas

Actividade combatente moderada—Na Albania o inimigo obrigado a recuar

ROMA, 12.—Commando supremo.—Em todo o conjuncto da frente da batalha foi muito moderada a actividade combatente. Na região de Tonale, no valle de Lagarina e no sector oriental do planalto de Asiago as nossas baterias hostilisaram com efficacia as linhas inimigas e ao norte do desfiladeiro de Rosso as forças de assalto forçaram um posto da vanguarda inimigo, obrigando a sua guarnição a retirar-se. Durante o dia de hontem os aviões e aeroplanos alliados bombardearam com resultados satisfactorios os objectivos militares nas linhas inimigas de communicação. Cinco aeroplanos inimigos foram abatidos em combates aereos pelos nossos aviadores e pelos dos alliados.

ALBANIA.—No dia 10 obrigámos o inimigo a evacuar a testa de ponte do Jagodina e a passar para a margem direita do rio. Hontem os destacamentos, adversarios, que tentavam approximar-se das nossas posições, foram repellidos e perseguidos.—(Havas).

O esforço americano

A edade militar abrangerá dos 18 aos 45 annos

WASHINGTON, 13.—No Senado, varios oradores pediram a apresentação de um projecto de lei que amplie o periodo da edade militar dos 18 aos 45 annos, inclusivé, para assim se poder «enviar para a Europa um força irresistivel, que apresse o fim da guerra». O sr. Reed declarou ser preciso, agora, que os Estados Unidos estão na guerra, que combatam até ao fim. O sr. Borah preconisa a convocação immediata do Congresso para votar o projecto de lei. E' crença geral que dentro de uma semana esta medida será posta em discussão.—(Havas).

O caso das 33.500 acções

Continúa, em Lisboa, a investigação judicial iniciada no Porto

Demos a noticia, ha tempos, de que a commissão d'inquerito ao caso da compra das 33.500 acções da C. C. F. P., encerrára as sessões aconselhando ao governo uma investigação judicial, visto que, no decorrer dos seus trabalhos, podéra verificar a existencia de factos presumivelmente delictuosos. Em conselho de ministros foi resolvido adoptar-se o parecer da commissão, sendo nomeado o juiz sr. dr. Costa Santos para o desempenho d'aquella delicada missão.

O sr. dr. Costa Santos partiu para o Porto, depois de ter estudado detidamente o processo d'inquerito. N'aquella cidade ouviu o depoimento do sr. Ricardo Malheiro e ordenou telegraphicamente, talvez como consequencia immediata do testemunho colhido, uma busca na residencia do sr. Anselmo Vieira, um dos agentes intermediarios no negocio.

A deligencia effectuou-se, mas não nos foi possivel averiguar ácerca dos resultados positivos colhidos.

As averiguações judiciarias proseguem agora em Lisboa. O sr. dr. Costa Santos installou-se n'uma das salas do Supremo Tribunal Administrativo onde hoje inutilmente o procurámos, não nos tendo s. ex.ª dado a honra de nos receber) e de lá expedirá os mandados que julgar indispensaveis para o esclarecimento da verdade.

Segundo informações que reputamos verdadeiras, concluiu-se já, á evidencia, que dois homens publicos representaram no negocio das acções papeis de importancia, sem falar no sr. Ricardo Malheiro. São elles os srs. Anselmo Vieira e Eusebio da Fonseca, estando averiguado que o primeiro ganhou na especulação uma quantia approximada a 40 contos de réis.

Não será para surprehender que o sr. dr. Costa Santos venha a expedir, d'um instante para o outro, alguns mandados de captura.

Affirmava-se esta tarde— embora sem fundamento sério—que um dos agentes ás ordens do sr. Costa Santos não lograra encontrar, para effeito d'uma intimação, uma alta personagem.

"As grandes batalhas"

Vae a Capital *iniciar brevemente a publicação da admiravel obra que o eminente escriptor Julio Dantas escreveu expressamente para o nosso jornal.* As grandes batalhas, *que irão renovar o immenso triumpho da* Patria Portugueza *e do* Amor em Portugal no seculo XVIII, *serão opportunamente annunciadas e hão de constituir, sem duvida, um dos grandes acontecimentos litterarios do anno corrente.*

Ainda o contracto Malhou

Uma moção da Associação Commercial respondendo á proposta publica do syndicato Malhou

Os exportadores de vinhos pela praça de Lisboa, reunidos hontem na Associação Commercial, a proposito da offerta que o sr. J. Malhou lhe fez pelos jornaes, approvaram a seguinte moção que nos pedem para tornar publica:

«Considerando que a proposta do sr. Malhou ou não é nada ou é a offerta clara e insophismavel da praça que tem garantida nos vapores do Estado, mediante qualquer commissão;

«Considerando que os transportes maritimos do Estado são pertença d'este e não de qualquer particular e portanto elle não pode negociar aquillo de que é simples de tentor;

«Considerando que o commercio pediu sempre aos Poderes Publicos a annullação d'este privilegio por o considerar illegitimo, illegal e contrario aos interesses economicos da nação;

«Considerando que o privilegio que permitte a um particular negociar a praça de que dispõe nos navios do Estado, é uma immoralidade;

«Considerando que os protestos do commercio são contra os principios monopolistas que este privilegio contem e que nenhum commerciante pode querer para si o que acha condemnavel nos outros:

A assembleia resolve não tomar em consideração a proposta do sr. Malhou e pedir mais uma vez aos Poderes Publicos que ponham transportes á disposição de todos aquelles que, lavradores ou commerciantes, n'um regimen de plena liberdade de commercio conseguirem collocar os vinhos nacionaes em França, e que annule o supposto contracto que o Estado, em prejuizo do commercio, fez com a Federação, e que esta deu ao sr. Malhou, e para a vir agora vender, em publico, ao mesmo commercio».

COISAS DE THEATRO

Titeres, ou bonifrates

Expressões portuguezas que se fingem desconhecer. A desnacionalisação de tudo. O theatro de Wolff. A critica morreu, viva a «reclame»!

Pugnei pelo emprego da palavra *Titeres* para ser traduzido para portuguez o titulo da peça de Wolff, por variadas rasões: a primeira porque temos alguns termos, muito usados antigamente, e se hoje o não são tanto, deve-se apenas aos que podendo empregal-os não o querem fazer, e que dizem exactamente a mesma coisa e teem o mesmo fim do que a franceza *Marionnettes*. A segunda adiante direi. Os lexicons das duas linguas esclareceriam completamente. O francez:

Marionnettes—(velho francez *mariolette*, diminutivo de Maria) s. f. Outr'ora, pequena figura representando a virgem Maria. Hoje, pequena figura humana, em madeira ou em cartão, que se faz mover por meio d'um fio. Figurado. Pessoa ligeira, frivola, sem caracter.

Em portuguez:

Titere ou *bonifrate* s. m., boneco de engonços que se move por meio d'um fio e que serve a representar farças. Fig., pessoa voluvel, que falta á decencia, decoro, gravidade do seu estado, sexo e idade.

Querem melhor e que mais a caracter estivesse para a transposição! Estas expressões foram sempre muito empregadas, nos livres e nas conversações. Mas ha melhor: o proprio auctor parisiense, explicando as suas intenções diz que as personagens «são bonecos (*des pantins*) que se agitam»...

O diccionario do nosso Candido de Figueiredo não menciona o termo *marionnettes* nos neologismos. Nem tinha que mencionar.

Mas ha mais: *titeres* e *bonifrates* são synonimos. As pessoas que tenham lido as chronicas do seculo XVII lá encontram, fugidiamente, allusões a divertimentos com *bonifrates*. Apezar de serem poucos os elementos que se podem colher sobre recintos e diversões até 1820, comtudo, Guimarães relata, falando dos *pateos*, que em seguida á exposição do *presepio* havia *bonifrates*. Cá, como em França, isso era adjacente de coisas religiosas: *bone* (bom) *frater* (irmão).

Mas tambem se lhe poderiam chamar *fantoches*, que é o bonifrate aperfeiçoado, já articulado. E esse termo é que então está no ouvido do vulgo. As personagens de «fantoches» não passam...

Nós, porém, desnacionalisamos tudo. Nem queremos saber do que ricamente possuimos. Temos a caracteristica... do estrangeirismo, que procuramos.

E o mais engraçado é que o cartaz suprime um *n* e um *t* ao termo, que sendo francez merecia, ao menos, que lhe não tirassem o que elle a si proprio lá ainda não tirou...

A querer então passal-o a exprimir para a nossa lingua as regras filogicas lhe davam a terminação em *a*, *Marionetas*. Tudo menos deixar o cartaz em liberdade!

Pierre Wolff tem bastantes peças de variedades differentes e nas quaes a dextreza da technica e da linguagem não dão maior relevo ao seu valor intrinseco. Personagens incompletas e obras inconsistentes. *Leurs filles* que foi no theatro Livre (Antoine) peças de these *Le lys* e *le Ruisseau*, *Le secret de Polichenelle*, *L'age de aimer* (sentimentaes) *Deux amours* e *L'amour defendu* onde ha um magnifico assumpto de tragedia (o conflicto do amor e da amisade) mas que segundo Bidou infelizmente só teve a audacia de o tentar mas não de o tratar.

Esta é a primeira peça de Wolff que se representa em portuguez. No entanto, o publico lisbonense de certa cathegoria já d'elle viu duas comedias por companhias francezas que estiveram ha annos no D. Amelia: *O Segredo de Polichenello* e *le Ruisseau* (*a viela*, quadro de costumes amorosos de Montmartre), a primeira representada por Huguenet e a segunda por uma «troupe» que no 2.º acto (vida amorosa do restaurante do bairro) lhe imprimia um pittoresco e um regionalismo curiosos. Tanto uma como outra, porém, não obtiveram o enthusiasmo.

Wolff conta que á sua peça «teve 53 titulos successivamente, nem um de menos. Por fim ficámos no de *Les Marionnettes*». E ficou bem, porque realmente é de bonifrates que ella trata. E já agora sempre direi aos que acharam que tinhamos sido severos no que a respeito d'ella escrevemos, que a vimos lá fóra, que a relemos agora e que as nossas considerações se basearam nos principios da esthetica que devem nortear o caso. Apoz a destreza na composição, o brilho do dialogo e algumas scenas adjacentes, não é obra que resistisse á analyse critica. De moral não tem nada. Ainda ha tempos lêmos o que Bordeaux d'ella disse: «Foi um triumpho pessoal de Pierat, fina, sensivel, natural; mas gostariamos de ver a artista n'uma peça em que a dignidade feminina não fosse tão esquecida.» E a perder de vista fica do conceito e alcance da *Visita de nupcias*, de Dumas filho. E' bom repetil-o. Um marido só a render-se perante «o decote ultrajante da mulher n'um baile...» Que Palmyra é bastante discreta até com a rubrica...

Nem sequer é tambem para um publico que prezasse a grande arte e quando se diz que a pretendiam fazer, tirasse a vez a *Connais toi*, de Hervieu, *Le duel*, de Lavedan, ou *La nouvelle idole*, de Ourel.

O verão vae quente...

Com respeito ao desempenho portuguez já dissemos o que o dever profissional nos impoz. Deixou muito a desejar. E agora, por isso: Um salto typographico fez com que no artigo em o *Diario de Noticias* tres linhas ficassem nos caixotins: «Brazão dá ao papel de tio Fernay um ar, uma uncção, que se parece com o que fez Mr. Méraucе, o cardeal da curia, da *Primerose*, que é parente do *Abbade de Constantino*». A bonhomia é outra. Não costumo emendar gralhas, nem fazer rectificações... mas como vem a talhe de foice relembrar que esta ultima foi a creação inolvidavel do saudoso João Rosa, como escrevi n'um artigo que acompanha o retrato do grande artista.

Mas o tempo não está para fazer criticas. Nem merecem esse interesse as producções e as circumstancias actuaes. O encomio e a louvaminha é que são o pão de cada dia. O que é curioso, porém, é que quanto mais elogios vemos tecer a tudo e a todos, tanto mais ouvimos tambem dizer que tudo baixa extraordinariamente. Não o que se compra ou se paga! E viva a reclame! Ao menos com ella todos lucram e estão contentes!

José Parreira.

As omissões de "A Situação"

ácerca da participação de Portugal na frente da batalha

O sr. ministro da guerra fez, como toda a gente sabe, um discurso na Camara dos Deputados, respondendo a uma interpelação, adrede preparada, do sr. Mello Vieira. Tratava-se de esclarecer dois pontos da historia militar contemporanea, um respeitante á acção democratica no caso especial preparatorio da guerra e outro ácerca da orientação governamental no que diz respeito á participação effectiva na grande conflagração. Esta ultima questão resume-se na seguinte pergunta, formulada ao sr. ministro da guerra pelo sr. Mello Vieira:

—Enviará o governo mais tropas para França?

Não foi ainda possivel saber-se, ao certo, quaes as declarações do illustre titular da pasta da guerra. No extracto que «A Situação» fez da sessão parlamentar foi propositadamente supprimida a resposta ao sr. Mello Vieira. Entretanto ella existe. Qualquer que seja, existe! Prova-o o facto do sr. Mello Vieira não ter insistido na segunda pergunta que, como é sabido, foi assim concretisada:

—Manda o governo mais tropas para França?

«A Situação» dá hoje a entender que sim. Eis o que se lê no preambulo com que abre as noticias telegraphicas da guerra:

«Em presença dos grandes acontecimentos militares de hoje, occorre tambem perguntar se o esforço portuguez irá juntar-se em maior escala ao esforço dos alliados. Confiantes no futuro, ambiciosos de gloria para esta querida Patria que tão sacrificada tem sido, mas tão valorosa se mostra, nós julgamo-nos habilitados a responder:

—Vae!»

Segundo a opinião expressa por «A Situação» pode, com um pouco de boa vontade, conjecturar-se que o governo tem realmente a intenção de enviar, n'um futuro mais ou menos remoto, reforços militares (tropas, se preferem...) para França.

Ha, em todo o caso, um pormenor duvidoso a constatar e uma obscuridade a lamentar. Uma e outra se resumem em que, se «A Situação» diz que sim, o sr. ministro da guerra não diz nada, a não ser que já tivesse dito o sufficiente.

Concordamos que «A Situação» tem uma auctoridade especial n'estes delicados assumptos, por ser orgão, na imprensa, do sr. Presidente da Republica. Mas o nosso illustre collega não é, senão por intima delegação, o proprio Chefe d'Estado; e o sr. secretario d'Estado da guerra é, sem contestação possivel, o unico personagem official—além do Chefe de Estado—que, n'estas coisas de intervenção de Portugal na guerra, pode falar com plena auctori-

dade e inteiro conhecimento de causa. E «A Situação» não o ignora. Quando publicou, em 2 do corrente, a reportagem da sessão parlamentar, disse o seguinte:

«O coronel sr. Amilcar Motta produziu, na verdade, um discurso sensacional. A este discurso faremos mais larga referencia, quando o publicar o «Diario das Sessões», limitando-nos por hoje a dar um ligeiro extracto, em que se corrigem algumas inexactidões de varios dos nossos collegas da noite, inexactidões devidas, certamente, ás más condições acusticas da sala e á precipitação com que teem de ser feitos estes extractos».

A rectificação de «A Situação» limitou-se a supprimir, na integra, a resposta que o sr. ministro da guerra porventura deu á pergunta do sr. Mello Vieira, assim concebida:

—Manda o governo mais tropas para França?

Todas as duvidas desappareceriam, pois, se o collega illustre de «A Situação» procurasse saber do sr. ministro da guerra «se, realmente, vão ou não mais tropas para França, antes que a guerra finde. Hic opus...

Theatros

Cartaz de hoje

THEATRO NACIONAL—A's 21—«Amor de perdição».—TRINDADE — A's 21,30—«O gato maltez». — GIMNASIO—A's 21,15 — «Marionettes»—APOLO—A's21,30 —«A revolta»—EDEN—A's 21,30 —«A trombeta da fama».— POLYTHEAMA — A's 21,30 «Salada russa» — AVENIDA. — A's21,30— «Madame Eva somnambula» — SALÃO FOZ — A's 21 — Variedades e animatographo. — COLYSEU DOS RECREIOS — A's 21,30—«A nova missão de Judex».

Animatographos e concertos—Central, Olympia, Chiado Terrasse, Condes e Salão da Trindade.

Informações

E' hoje, como noticiámos, que sobe á scena no theatro Avenida em primeira representação, a comedia burlesca em 3 actos que Tito Martins (João Verdades) adaptou ao meio lisboeta, «Madame Eva, Somnambula». As personagens principaes da sensacional comedia foram entregues a Silvestre Alegrim, que fará um operario electricista que a colera d'um guarda obriga a ser barão e juiz, a Sofia Santos, Aida d'Aguiar, que fará a protagonista e Vasco Sant'Anna. A peça é posta em scena com todo o rigor e propriedade.

Réclames

E' não só um encanto para o espirito a soberba comedia «Marionettes», com tanto exito em scena no Gymnasio, mas sobretudo uma delicia para os olhos pelo extraordinario luxo da sua encenação e as riquissimas «toilettes» de Palmira Bastos que em todos os 4 actos da lindissima comedia nos dá uma rara e preciosa lição de elegancia e bom gosto na difficil sciencia de vestir bem. As «Marionettes» repetem-se hoje e todas as noites com successivas enchentes e enthusiasticos applausos.

—As «desteiras» é um gracioso numero do novo quadro «Comes e bebes» da revista «Salada russa», em scena no Polytheama. Commentario alegre e innocente ás differentes festas da flôr, que na propria revista dão motivo a uma apotheose que é uma consagração d'essas mesmas festas, esse numero dá tambem pretexto para uma musica lindissima e optimo desempenho de Honorina Cruz e Evan Viçoso. Ambas d'uma grande mocidade e frescura lhe imprimem o «cachet» que requeria para que o pensamento dos auctores não sahisse atraiçoado. Ambas o relevam pela forma da dicção, discreção do canto e pelos trajes que são encantadores.

—Gomes, Leal e Alvaro Pereira dizem e fazem das boas n'aquelle quadro novo do «A Revolta», agencia muito seria, mas que faz rir, de informações secretas, mas ainda mais publicas que até é frequentada por titulares, entre ellas uma d'estas viscondessinhas de se lhe tirar o chapéu com a maior reverencia. Queiram v. ex.ªs dar-se ao incommodo de fazerem para o «21-29 Central» pedindo que lhes marquem logar para a sessão d'esta noite.

—Os milhares de pessoas que com o maior interesse teem seguido o assombroso «film» «A Nova Missão de Judex», em pleno exito no Colyseu dos Recreios, vão hoje assistir á estreia do 5.º episodio «A Matta Tenebrosa» e á repetição dos 3.º e 4.º, o que constitue um programma attrahente. Amanhã, estreia-se o 6.º episodio «Uma luz nas trevas», ponto culminante do entrecho e prodigiosa creação cinematographica.

—A empreza do São Luiz não desiste de montar «Os mineiros», que desde o inicio da temporada incluiu no programma. O trabalho de Dicenta, que ás modernas gerações vae ser dado conhecer, é um trabalho theatral que póde servir de modelo, intenso e movimentado. E' um trecho da vida social hodierna transplantado para o palco.

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

Presos por questões sociaes

Escrevem-nos informando que ha anno e meio se encontram indevidamente presos por questões sociaes, na cadeia do Limoeiro, João dos Santos e Manoel Martins, quando é certo que já foram abrangidos por um decreto de amnistia.

Para o caso, pedem-nos que chamemos a attenção do sr. Secretario d'Estado da Justiça.

Pela instrucção

Centro Escolar Dr. Salgueiro d'Almeida

N'este Centro, cuja direcção está ha muito confiada aos disvellos do nosso velho amigo sr. Julio Estrella, terminaram no sabbado os exames cujo resultado foi o seguinte:

1.º grau: Conceição do Nascimento da Silva e Ermelinda Gaspar, distinctas; Aida Silva, Judith Franco Costa, Luiza Ribeiro, Ofelia Bahia Amado, Olympia Fernandes Baptista, Olinda da Conceição Monteiro, Alfredo Pimenta Rodrigues, Antonio da Costa Lopes, Aluizio Gomes, Firmino Ferreira, José Augusto Paes e Luiz Paulo, approvados.

2.º grau: Amelia Jacintha Martins, Conceição do Nascimento Silva, Alfredo Pimenta Rodrigues, Carlos Ferreira da Silva, Jayme da Conceição Monteiro e Luiz Paulo, approvados.

Total, 20 alumnos apresentados a exame e todos approvados, havendo 3 alumnos que fizeram exame de 1.º e 2.º graus.

Esta collectividade é digna de todo o elogio pelos esforços que emprega para o bom resultado dos exames, contribuindo d'esta forma com uma grande percentagem para a diminuição do analphabetismo e praticando assim uma grande homenagem ao nome do patrono da sua escola o dr. Salgueiro d'Almeida, que em vida tanto se dedicou á causa da instrucção, de que egualmente tanta propaganda tem feito o nosso amigo sr. Julio Estrella.

Por se oppôr a um roubo

Ferido com um tiro

O sr. Antonio Marques, proprietario da tabacaria Avenida da Liberdade, necessitou hontem de ir a Collares para tratar de negocios. Mettendo-se n'um electrico, onde já estavam varios passageiros, em Cintra alguns d'estes, a meio caminho, lembraram-se de se apearem para furtarem uvas, emquanto os restantes protestavam contra o facto. Da discussão resultou uma grande desordem da qual sahiu ferido com uma bala n'um hombro o sr. Marques. Recebeu ali os primeiros soccorros e veiu para Lisboa dando entrada na enfermaria n.º 10 do hospital de S. José.

O serviço de comboios

na linha de Cintra

Continuam os protestos de passageiros na linha de Cintra, contra a Companhia de Caminhos de Ferro Portuguezes, pelo facto de não se darem providencias, para que haja o numero de carruagens sufficiente, em harmonia com a affluencia de passageiros.

O comboio que sahe de Cintra ás 8,30 quando chega á estação da Amadora, onde a affluencia de passageiros é sempre numerosa, é raro já trazer um logar vago e d'ahi succede, que as reclamações e os protestos são diarios. Com toda a justiça chamamos mais uma vez a attenção da Companhia para que dê as necessarias providencias.

Julia Nazareth James

FALLECEU

Maria da Conceição Nazareth Teixeira, filha e genro, Eugenia Sarah Nazareth Cardoso e filho, Carolina Ismael da Cruz Nazareth Oliveira, marido e filhos, Manuel Soares Nazareth, mulher e filhos, Abilio da Silva e filhos, Julia Candida da Silva Vianna, marido e filhos, participam o fallecimento da sua querida irmã, cunhada, tia, sobrinha e prima Julia Nazareth James, e que o seu funeral se realisará amanhã, 14, pelas 9 horas da manhã, sahindo o prestito funebre da sua residencia na Rua Pedro Nunes, 19, 1.º, para o cemiterio Occidental.

Escolas moveis officiaes

São convidados todos os professores d'estas escolas a reunirem no proximo dia 19 na Sociedade Promotora, sita no largo do Calvario, em Alcantara, pelas 14 horas, a fim de se tratarem assumptos de grande importancia para a classe.

AS FIGURAS DO «ECRAN»

Gastão Polonio é um grande artista

Assim o proclamam os principaes jornaes

Anina Polonio que, como já noticiámos, regressou recentemente de Paris, teve a gentileza de trazer-nos hoje á nossa redacção os seus cumprimentos e, mais uma vez, a affirmação de uma excellente e affectuosa camaradagem que nos tem sido grato registar atravez de muitos annos. Com a illustre artista, vem seu filho, o sr. Gastão Polonio, um intelligente e insinuante rapaz, cujos meritos artisticos as principaes revistas e jornaes do cinema veem unanimemente proclamando e enaltecendo. Louis Delhuc, o notavel critico do importante jornal «O Film» refere-se a Gastão Polonio nos seguintes termos:

Nunca fez theatro, apezar de ter experimentado um pouco de tudo unicamente por «sport».

E' de esperar que teremos o prazer de o vêr muitas vezes no «ecran», isso mais para nosso interesse e regosijo que o d'elle, proprio.

Um conselho: utilisem este phenomeno! E' um rapaz elegante, latino, impetuoso, capaz de se impressionar com os arrebatamentos e ternuras do seu papel sem nenhuma sciencia nem artificio, offerecendo-nos assim surprehendentes impressões interiores».

No «Paris Midi» diz-se do joven artista que é um dos futuros azes da carreira cinematographica.

Não vimos ainda passar pelo «ecran» a bella figura de Gastão Polonio. Mas, depois de termos estas incisivas e auctorisada apreciações, depois de, n'uma suggestiva conversação, admirarmos o seu singular jogo physionomico, vem-nos ao espirito a ideia de quanto seria interessante se, a exemplo do que outros paizes com exito estão fazendo, se conseguisse afinal, montar entre nós uma empreza de «films», onde não poderiam ser esquecidos nem os nossos bellos panoramas, nem os nossos grandes quadros historicos, nem os costumes e a propria psychologia social!

Infelizmente, todas as iniciativas de emprezas d'esta natureza que entre nós teem surgido não teem passado de tentativas inteiramente malogradas, não tendo algumas d'ellas senão o aspecto de meras infantilidades.

O coração dos aviadores

Na Academia de Medicina de Paris foi lida pelo professor mr. Chauffard uma informação dos medicos militares mrs. Etienne e Lany sobre o coração dos aviadores.

Em numerosas autopsias que teem realisado, esses medicos teem verificado uma hypertrophia do coração nos aviadores de caça e de bombardeamento, que se elevam a grandes alturas, de cinco a seis mil metros, hypertrophia que augmenta em importancia quando os aviadores teem feito ininterrompidamente muitas ascenções elevadas.

Alfandega de Lisboa

LEILÃO

Quinta-feira, 15, ás 13 horas, nos armazens d'esta casa fiscal, em Porto Franco (Junqueira), proceder-se-ha á venda por conta e risco de quem pertencer, de chapas d'aço e de ferro zincado, correntes, catarinas, poleame em ferro e madeira, picaretas, mangueiras de couro, assentos para barcos, madeira para marcenaria, cascos e frascos vasios e outras mercadorias que serão presentes no acto do leilão.

10 de agosto de 1918.

O escrivão
Alfredo Marcolino de Almeida

Venda judicial de aduela

No dia 14 do mez corrente e nos dias seguintes, se fôr necessario, pelas 13 horas, ha de proceder-se á venda judicial, em hasta publica, por determinação do M.mo Juiz Presidente da 2.ª vara commercial d'esta cidade (cartorio do escrivão Ferreira) de diversos lotes de aduela, marca «BOBET» das melhores qualidades, sendo a venda effectuada no armazem n.º 4 Avenida da India, em Alcantara.

Previne-se o publico de que a avaliação da aduela que vae ser vendida e sobre que ha de racahir a licitação é inferior aos preços correntes.

Lisboa, 11 d'agosto de 1918.

O depositario
Alvaro de Souza Lima

Com papas e bolos...

Onde se demonstra que o famoso contracto Salles-Malhou representa um enorme e irremediavel prejuizo para a agricultura nacional

O contracto Federação-Malhou é ruinoso para a viticultura nacional, já o dissemos e já começámos a demonstral-o. Mas o assumpto é d'uma grande complexidade e, para ser exposto com clareza, demanda tempo e paciencia. Como os poderes publicos parecem resolvidos a encarar este problema com uma impassibilidade estranha, não se resolvendo a adoptar a unica solução efficaz e que consistiria na **annulação pura e simples do contracto**, continuemos tambem nós a pôr o negocio a claro, sempre esperançados que alguem nos leia e adopte, emfim, uma attitude digna perante a escandalosa especulação.

A Federação não é beneficiada, se analysarmos bem o caso. O unico que ganha, em toda esta embrulhada, é o feliz concessionario d'um verdadeiro monopolio arrancado ao Estado, contra toda a moral e contra todo o direito, — graças á situação de chefe de gabinete do secretario de Estado das subsistencias e transportes, que o sr. Machado Santos houve por mal dar ao sr. Thiago Salles, medico na disponibilidade e homem de negocios em effectivo serviço.

A Federação vende o seu vinho mais barato do que se não estivesse ligada ao contracto Salles-Malhou. Effectivamente, pela primeira condição do contracto, a Federação é obrigada a entregar ao sr. Malhou uma quantidade de vinho até ao limite maximo de 80.000 pipas. Isto não quer dizer que o sr. Malhou assumisse a obrigação de comprar todo este vinho; a Federação é que tem de o arranjar, á medida que o sr. Malhou lh'o pedir e só na quantidade que convier a este. A Federação cahiu, pois, n'uma ratoeira, assumindo uma obrigação positiva sem encontrar reciprocidade na outra parte contractante. Quanto a quantidades de vinho, as obrigações são só para a Federação!

Com respeito a preço dá-se phenomeno semelhante.

O preço fixado para a compra do vinho á Federação é de 40$00. Por este preço o sr. Malhou póde requisitar á Federação a quantidade de vinho que lhe convier, até 80.000 pipas; a Federação não lhe pode exigir preço superior, qualquer que seja ou venha a ser a cotação do mercado. Ora a conhecida lei da offerta e da procura determina que uma mercadoria se valorisa com a procura e é sabido que em França se vende todo o vinho portuguez, sendo questão unica transportal-o para lá. Logo o vinho havia fatalmente de subir de preço e a Federação perde, sem compensação alguma e sem remedio, a differença entre 40$00 por pipa e o valor muito mais elevado que a procura fatalmente provocaria. O vinho, se não fosse a prisão da clausula do contracto, attingiria 60$00 ou mais por pipa, posto a bordo. Não faltaria quem lh'o pagasse por este preço. O contracto, absolutamente favoravel ao sr. Malhou, é, pois, ruinoso para o productor de vinhos.

Com este artificio de limitação de preços na compra de vinho e larga margem para as requisições á Federação (80.000 pipas) consegue o sr. Malhou—e os seus socios, conhecidos ou desconhecidos, da famosa operação ...—obter um lucro de pelo menos 1.500 contos, representada pela differença entre o preço fixo da compra em Portugal e o preço variavel, mas sempre elevadissimo, da venda em França. E isto sem grandes canceiras, sem consideraveis empates de capital, sem riscos possiveis e com prejuizo para a lavoura nacional, que fica sem esses milhares de contos, que o sr. Malhou embolsou ou só ou acompanhado. Isso é lá com elles!

Foi assim que o sr. Thiago Salles defendeu os interesses da Federação Agricola de que é presidente. Os lucros do negocio foram para o sr. Malhou; os desfalques nos beneficios e a fatalidade das obrigações são apenas para a Federação. Para os socios da Federação são os 40$00 por pipa; para o sr. Malhou não são demais os avultados francos que o vinho obtem em França, por grande que seja a quantidade que lá se consiga desembarcar. Que grande defensor da agricultura nacional nos sahiu o Thiago Salles, acreditado e bemquisto medico e sabio e habilissimo commerciante. Merece uma estatua, em vida.

Mas isto ainda não é tudo. Amanhã ainda se verá mais e melhor.

Jardim Zoologico

A secretaria de instrucção deve subsidiai-o

Tem-se falado ultimamente bastante na situação economica em que se encontra o Jardim Zoologico de Lisboa, que vive unicamente á custa de uma serie de esforços realisados por um grupo de individuos, que se compenetraram da necessidade do um tão importante meio de estudo e de recreio. Não se comprehende porque motivo a secretaria da instrucção publica não ha de incluir no seu orçamento uma verba destinada a subsidiar o Jardim Zoologico, visto que a sua existencia interessa bastante a todas as escolas, que ali realisam excursões de estudo.

Era mesmo justo que se lançasse um pequeno imposto, sobre os auctores de livros de estudo approvados para o ensino e sobre as matriculas, para se manter desafogadamente a vida do Jardim, ficando garantida a entrada gratuita ás excursões de estudo.

Lá fóra, nas grandes capitaes, os jardins zoologicos, estão intimamente ligados ás cadeiras de zoologia das universidades. A nossa Faculdade de Sciencias da Universidade de Lisboa, devia mesmo ser incumbida de superintender na direcção technica do jardim, logo que o Estado se encarregasse da sua manutenção. E agora que se fazem reformas de instrucção e tambem se hão de fazer ainda «reformas de ensino» é de esperar que o sr. ministro da instrucção publica dedique a sua attenção a este problema de tamanho interesse publico.

PEQUENAS NOTICIAS

Queixou-se á policia José Affonso Ferreira, rua dos Sete Castellos, 46, 1.º, de que sua mulher lhe fugiu de casa com objectos de ouro e dinheiro, tudo no valor de 150 escudos.

Com as pernas fracturadas

Ao tentar atravessar por entre dois carros electricos

Hoje de manhã, pelas 10 horas, estavam parados na rua oriental do Rocio, aguardando signal de partida, alguns carros electricos, entre elles o n.º 417, e 355, do primeiro dos quaes era guarda freio Manuel Antonio, n.º 1017, e conductor o n.º 1000, Francisco José, de 29 annos, casado com Felizbella da Conceição, de quem tem uma filhinha de 4 annos e morador na rua Gil Vicente, 5, rez-do-chão.

Francisco José estava para ser rendido por um collega e ao ver este approximar-se quiz largar o serviço, passando por entre os dois carros justamente na occasião em que o primeiro se punha em andamento.

Colhido pelo salva-vidas, o pobre conductor foi de encontro á plataforma do carro da frente, ficando entallado pelas pernas.

Os seus gritos attrahiram alguns camaradas e outras pessoas que trataram de o soccorrer, tirando-o de entre os vehiculos. Tinha, porém, já ambas as pernas fracturadas.

Conduzido ao hospital de S. José foi operado no banco, recolhendo depois, em estado grave, á enfermaria n.º 4.

Generos apprehendidos

O administrador do concelho do Barreiro, auxiliado pelos fiscaes das subsistencias ali em serviço, effectuou as seguintes apprehensões:

Na fabrica de moagem de Verderena, 23 saccos de farinha de centeio e 200 kilos de batatas, que estavam sonegados; na mercearia de Fernando Braz da Silva, no Barreiro, 26 litros d'azeite; no estabelecimento de Antonio Baptista David, no Lavradio, 600 kilos de batatas, e no de Candido João dos Santos, 500 kilos; no de Duarte Oliveira Pelinga, na mesma localidade, 40 litros d'azeite.

Todos os generos apprehendidos estavam sonegados.

Atropellamento

Recebeu curativo no hospital de S. José, Perpetua do Livramento, de 42 annos, moradora na rua das Olarias, 59, 3.º, por ter sido atropelada por um electrico no Largo da Saude, ficando bastante ferida na cabeça.

Desastre no trabalho

Foi pensada no banco do hospital Clotilde Ferreira, de 22 annos, fabricante, residente em Oeiras, que entalou a mão direita n'uma carreta na fabrica de lanificios, ficando com um dedo esmagado.

ULTIMA HORA

C. E. P.

Louvores a officiaes e praças

No quartel general territorial do C. E. P. foi hoje affixada a seguinte lista de louvores:

O soldado servente 72 Antonio Rodrigues da 1.ª B. M. T., porque fazendo parte da guarnição de um morteiro que cooperava no bombardeamento de 3 do abril ultimo e tendo sido gravemente ferido, continuou imperturbavel o seu serviço junto do morteiro, dizendo aos seus camaradas que não se importava estar ferido, pois apenas se preoccupava com o serviço de que estava encarregado, e assim se manteve até ao fim do bombardeamento com desprezo absoluto pela vida pois o morteiro que guarnecia foi attingido por varios estilhaços da artilharia inimiga; o tenente miliciano Virgilio da Conceição Costa, da 1.ª C. B. S. C. M., pela excepcional competencia technica, muita coragem e sangue frio com que executou, algumas vezes por offerecimento o trabalho de reparação na estação de Marqout o desvio para peças sendo muitas d'ellas feita debaixo de fogo da artilharia inimiga, isto durante o periodo da offensiva inimiga em Arras; o tenente de engenharia Mario José Ferreira Mendes da 2.ª C. do R. S. C. F. pela muita competencia, coragem e sangue frio, com que dirigiu os trabalhos da 1.ª companhia que commandava interinamente durante o periodo da offensiva inimiga em Arras, em que a zona do trabalho esteve sujeita ao intenso bombardeamento da artilharia inimiga; o tenente de engenharia Herculano Amorim Ferreira, da 4.ª companhia de sapadeiros de C. F., pela dedicação, sangue frio e decisão que manifestou nos trabalhos de reparação da gare de Ohcques durante os dias da sua permanencia n'aquelle local, nomeadamente na noite de 10, em que com risco de vida procedeu a uma rapida reparação na linha directa d'aquella gare sob o bombardeamento o 2.º cabo 535 da 9.ª de infantaria 14, Vitor Manuel Ritta, porque achando-se em Pont du Hene, no dia 9 de abril ultimo e tendo um caco de granada partido a sua espingarda, lançou mão de uma outra que se achava abandonada e foi juntar-se a duas outras praças que faziam fogo contra o inimigo, e sendo aprisionado conseguiu evadir-se, recebendo n'essa occasião um ferimento do qual lhe resultou a amputação do braço esquerdo; o capitão de infantaria Annibal Francisco Gonçalves de Azevedo, do batalhão de infantaria 14, mais officiaes e praças da mesma companhia, pela correcção e aprumo com que desfilaram no dia 14 de julho na grande revista commemorativa da Festa Nacional Franceza e pelo seu porte correcto durante a permanencia em Paris; o capitão do Serviço de Administração Militar, Augusto Campilho de Lima Barreto, chefe dos serviços administrativos da Brigada do Minho, pelo zelo, honestidade e dedicação sempre manifestados em todos os serviços de que tem sido encarregado. Apesar da sua pouca resistencia phisica, animado de uma grande força de vontade deveras exemplar, conseguiu salvar com risco de vida sob um intenso bombardeamento no dia 9 de abril, todos os fundos da sua brigada onde se manteve até ás 12 horas, bem como a parte mais importante do archivo, visto não o poder conduzir todo, por falta de transporte. Antes de retirar, sabendo que n'uma cave da formação se encontravam alguns officiaes e praças, levado pelo grande espirito de abnegação, para ali se dirigiu sob a acção intensa do fogo inimigo, para os avisar que retirassem, evitando assim que morressem ou ficassem prisioneiros do inimigo; o 2.º sargento 687 da 2.ª do batalhão de infantaria 8, Manuel de Sousa Guedes, por no combate de 9 de abril ultimo, depois de ter sido posta fora do combate a guarnição de que era chefe, lançou mão da sua metralhadora e de alguns tambores, indo tomar posição na Red-Houde, onde se aguentou com completo desprezo pela vida, apesar de lhe ter sido dada por mais de uma vez ordem de retirar a que elle objectou que ainda tinha cartuchos para fazer bom serviço, manifestando muita coragem, decisão e valor militar, tendo desapparecido.

Mutilados da guerra

Donativos — Uma festa interessante

No Instituto Medico Pedagogico de Santa Izabel foram recebidos ultimamente os seguintes donativos:

Do sr. duque de Palmela o seu camarote para alguns dos mutilados assistirem á corrida de touros de domingo passado.

A commissão que promoveu na noite de S. João uma pequena festa para divertimento dos mutilados internados, composta da sr.ª D. Aida Rolfi e seus filhos e dos alumnos da Casa Pia que no Instituto estão fazendo serviço, entregou a quantia de 18$00, saldo da referida festa, quantia que foi destinada á compra de tabaco.

—Realisa-se amanhã no Salão Foz uma festa em que o artista Joaquim Mendes, pintor sem mãos, offerece aos mutilados da guerra da freguezia de Santa Izabel o producto da venda dos quadros por ell pintados desde o primeiro dia da sua reapparição n'este salão.

E' digno de louvor tal offerta por um artista que vendo-se sem outro recurso de angariar os meios de vida e sem as duas mãos se lembra d'aquelles que a guerra inutilisou dando-lhes agora o producto do seu trabalho que é digno de ser admirado.

A confusão russa

O assassino de Echhorn

BERNE, 13.—Dizem de Kieff que foi ali executado hoje o assassino do general Eichorn.—(Correspondente).

ENTRE INIMIGOS...

Attentado contra o rei da Bulgaria

BERNE, 13.—Informações particulares dizem que á partida do czar da Bulgaria se effectuou com receio de premeditados attentados.

Em Sofia foram descobertos alguns «complots», tendo sido os seus auctores fuzilados sem processo.—(Correspondente).

PONTES—TODOS BONS.

Uma proeza dos australianos

PARIS, 13.—Informa «Le Matin» que, n'uma recente offensiva, os australianos cahiram sobre as linhas allemãs com tal impeto que conseguiram aprisionar um general allemão, com todo o seu estado-maior.—(Correspondente).

Desastre com arma de fogo

Na enfermaria n.º 11 do hospital de S. José deu entrada Armando José, de 18 annos, que involuntariamente foi ferido com um tiro de pistola pelo guarda fiscal n.º 141 da 4.ª companhia, quando este examinava a arma. O projectil foi-se alojar na virilha esquerda depois de lhe atravessar o braço do mesmo lado.

Echos & Noticias

PARTIDAS E CHEGADAS

Regressou do Gerez e partiu para Cintra o sr. Manuel Filippe Vieira, acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Deolinda Vieira, e seus filhos.

—Com sua familia, parte amanhã para Alcochete o proprietario e commerciante sr. Antonio Castanheira Nunes.

POEIRA DA ARCADA

Nota officiosa

O governo vae requisitar todo o algodão que não fôr retirado do Armazem da Exploração do Porto de Lisboa dentro de 15 dias.

Generos accumulados nas colonias

Os governadores das provincias de Moçambique, Angola, S. Thomé e Guiné continuam instando junto do ministerio das colonias, para que lhes envie os navios necessarios para o transporte para a metropole dos numerosos productos que pejam os caes e armazens, muitos dos quaes correm o risco de se deteriorarem. E' interessante recordar que os navios por nós apresados aos allemães, que representam 243.699 toneladas, seriam, ainda que todos applicados a esses transportes, insufficientes para accommodar a carga que se acha n'aquellas provincias.

Reforma da secretaria de marinha

Vae ter execução a reforma da secretaria de Estado da Marinha, elaborada pelo sr. José Carlos da Maia. E' a maior que se tem publicado desde 1892, sendo por ella completamente refundidos e melhorados todos os serviços.

Officiaes para o C. E. P.

Segundo communicação official, chegou hoje sem novidade ao seu destino o transporte que ha dias largou do nosso porto para França, levando ... officiaes para o C. E. P.

«Ordem do Exercito»

E' provavel que seja publicada no proximo sabbado a «Ordem do Exercito» n.º 17.

Juizes do Supremo Tribunal de Justiça

No Supremo Tribunal de Justiça effectuou-se hoje o sorteio dos juizes que hão de compôr as suas duas secções durante o anno juridico de 1918-1919, dando o seguinte resultado: 1.ª secção, terças-feiras: drs. Vieira Lisboa, Tovar de Lemos, Almeida Fernandes, Ribeiro Pinto, Veliez Caldeira, Abreu e Sousa e Matheus d'Azevedo. 2.ª secção, sextas-feiras: drs. Fernandes Braga, Almeida Pessanha, Sousa e Mello, Augusto Maria da Costa, Pestana Vasconcellos, Rocha Callixto e Braga de Oliveira.

CAMBIOS

Lisboa, 13 de agosto de 1918.

	Compra	Venda
Cheque sobre Londres	30 3/8	30 1/4
90 d/v	30 7/8	
Cheque sobre Paris	290	294
» Hollanda	850	870
» Italia	205	215
» New York	1650	1680
» Madrid	410	420
Rio sobre Londres	12 1/8	
Libras ouro	10$80	10$90
Agio do ouro	140 0/0	143 0/0

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2867 — 9.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães

Redacções Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Quarta-feira, 14 de Agosto de 1918

Telephone n.º 2298 — Endereço telegr. CAPITAL

Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço 2 centavos

André Brun

Vindo do «front», com dois dias de espera em Biarritz, visto a fronteira estar fechada, regressou a Portugal o nosso querido amigo, velho correligionario, e saudoso camarada de redacção, André Brun. Vem de licença de campanha, com 466 dias de França, 404 dos quaes passados na primeira linha, dez mezes e meio de commando do batalhão, uma promoção por distincção, citação em ordem de brigada que dá direito á Cruz de Guerra e excellentes informações dos seus chefes. N'estas breves notas se resume a acção, em França, do capitão André Brun que de lá volta em major, pois foi a esse grau na hierarchia militar que por distincção foi promovido.

Não é sem commoção que d'aqui endereçamos a André Brun as nossas saudações de boa-vinda. Recordamos os primeiros dias da guerra, recordamos a attitude decidida a favor da participação de Portugal no grande conflicto europeu, acompanhando a sua velha irmã de armas, a Inglaterra, e a sua mãe espiritual, a França, que desde o primeiro momento «A Capital» assumiu, procurando despertar as inspirações épicas da nossa raça. Em todos os seus redactores encontrou «A Capital» uma completa unanimidade de sentimentos a tal respeito. Permitta-se-nos que reivindiquemos, com orgulho, o que tantas vezes nos tem sido assacado como uma ignominia. «A Capital», desde a primeira hora, teve fé na causa dos alliados, teve fé nas energias nacionaes, teve fé na liberdade, teve fé no futuro. Por essa causa combatemos o bom combate, vivendo horas de febre e de enthusiasmo cuja memoria jámais se apagará da nossa mente.

Entre todos os redactores d'«A Capital», um houve que na campanha a favor da guerra dispendeu todo o ardor da sua alma, todo o sentimento do seu coração, toda a força da sua vontade, e d'ella fez, com que os scintillações do seu espirito e com a vibração dos seus nervos, qualquer coisa de vivo, palpitante, heroico, sorrindo e cantando, hoje com um soluço, amanhã com uma ironia, sempre com mocidade e ideal. Foi André Brun que se destacou de entre nós todos, e não admira que assim succedesse em virtude da sua ascendencia franceza, e da sua probidade de militar. Quantas vezes, pela sua penna, fallou a alma e todos nós, anciando pela hora do triumpho que somente agora se avizinha!

Pois bem! Se contra «A Capital» se moveu desde logo uma campanha surda dos tibios, dos scepticos, dos commodistas, dos admiradores do poder autocratico da Allemanha, dos que, por odio á Republica, vão sempre para o lado contrario áquelle que ella adopta, embora assim se colloquem em opposição aos mais sagrados interesses nacionaes, contra André Brun essa campanha desceu ás ultimas villezas. Espalhou-se que o valente official receiava ir para a guerra, e procurava todas as maneiras possiveis de se eximir a marchar para a França. Houve mesmo quem declarasse que só marcharia se André Brun marchasse.

André Brun não partia. Mas esse facto não era devido á sua vontade. Não partia, porque não o mandavam partir. E que fazia André Brun? Esfalfava-se a solicitar que o mandassem para França, que o mandassem o mais depressa possivel, embora ainda não fosse a sua vez de marchar. Sete vezes renovou esta solicitação. Sete vezes! E na ultima foi o nosso director que se dirigiu ao sr. Norton de Mattos, pedindo-lhe que não demorasse mais o deferimento aos pedidos de André Brun, cuja reputação era todos os dias enxovalhada por creaturas que nunca foram, nem irão para o campo de batalha.

André Brun partiu. E o que lá fez o official que se dizia que não queria bater-se, o redactor d'«A Capital», do qual se dizia que, sendo embora militar, procurava eximir-se a partir para a França, está resumido nas breves palavras com que encerramos estas linhas. Perto de dezeseis mezes na França, e d'esses dezeseis mezes mais de treze passados nas trincheiras, na primeira linha, batendo-se intrepidamente, e sabendo, mesmo n'esse inferno, conservar o sorriso que é a como flor do seu espirito.

«A Capital» saúda effusivamente, no seu regresso, o seu velho e querido camarada. Se elle volta, apaixonado pela causa dos alliados tanto ou mais do que no primeiro dia, tambem nos encontra, como no primeiro, cheios de fé na victoria, e ainda mais na justiça d'essa causa que ha mais de quatro annos defendemos, no nosso posto, com todas as forças da nossa consciencia e do nosso coração.

Cartas de França

"Sunt lacrimæ rerum"

Pela tarde uma *syde-car* parou deante da nossa barraca. O tenente de Lincourt com quem n'essa manhã me tinha relacionado ao almoço, gritou de cima do seu selim:

—Quer vir a Flêchelles?

—Onde é?

—Para oeste... a vinte kilometros da linha...

—O que é que lá ha?

O tenente de Lincourt encolheu os hombros.

—Nada!—accrescentou elle. Nada, além da muita verdura porque não chegou lá o canhão *boche*. Eu vou ao enterro d'um camarada e condiscipulo, o tenente Bézan. Quer vir commigo? E' um passeio.

—Parto á noite para Doulens.

—A' noite estamos de volta.

Duas horas em volta d'uma paisagem placida pareceram-me um presente do ceu. Saltei para o caminho e bem depressa me enebriou o prazer d'uma carreira doida, de tres quartos d'hora, por uma estrada que a cada momento viecejava mais, á medida que nos affastavamos do alcance allemão. Com palavras rapidas, entrecortadas pelo ruido do motor, o tenente de Lincourt expoz-me a razão da sua romaria piedosa. O tenente Bézan, seu amigo que servia na artilharia, fôra ferido gravemente proximo de Vimy e expirára dois dias depois na sua casa de Flêchelles,—onde tinha nascido,—nos braços de velhas pessoas de familia. E enterravam-n'o n'aquella tarde, no cemiteriosinho de Dernancout, proximo da aldeia. Elle soubéra e viéra. Durante a cerimonia, que seria curta, poderia eu descançar, aquietar debaixo d'uma arvore.

Calámo-nos. A estrada fugia vertiginosamente por detraz de nós. Um casal, um casal inteiro, intacto surgiu pela nossa esquerda. E depois, perto da aldeia que branquejava um pouco mais adeante, um velho casarão do seculo XVIII, macisso, baixo, pousado como um dado no fundo d'um valle minusculo,—jazia. O moto parou. Era ali. De Lincourt desmontou. E eu, já tocado pela gravidade silenciosa d'aquelle solar que tão bem me lembrava de Portugal, saltei do carrinho.

—Vou tambem!

Subimos. N'uma sala enorme, debruada d'arcas antigas, pousado sobre a maior, o caixão descançava, já fechado. Um homem alto dirigia o enterro, penetrado de importancia, barafustando com uma velha que perdia a cabeça afogando soluços. Em roda sombras negras e immoveis cumpriam um dever penoso, não ousando sentar-se nas cadeiras atravancadas pelas roupas de linho atiradas ao acaso. Um guardanapo manchado de sangue ficára esquecido a um canto e na meia sombra das janellas semi-cerradas, junto da vidraça entreaberta um ramo d'olaia tentava entrar teimosamente para dentro das paredes, na direcção d'uma gaiola onde um canario abandonado tinha por vezes crispações que lhe abanavam a prisão doirada. Uma varejeira entrou, zumbiu, pousou um momento no esquife, bateu atordoada nos vidros, fugiu pela fisga. Os vultos continuavam immoveis, como que escutando o bramir do canhão que, áquella distancia era apenas um rumor grave de mil carros de ferro que rolassem por uma estrada de bronze. Depois uma grande pendula bateu a espaços, com notas crystalinas, as cinco horas da tarde.

Um padre-soldado, com uma estola refulgente lançada por cima da farda desbotada, entrou, tão perturbado que trazia na mão o bonné. Os doirados da sua insignia animaram a escuridão no proprio momento em que o velho queimava duas pedras d'incenso, na ideia piedosa de transformar em templo a casa mortuaria. Atraz, o sachristão balouçava o hyssope. Um armão d'artilharia já esperava em baixo e como o prestito ia para Demancourt, a dois kilometros d'ali, o trajecto promettia ser duro, sobretudo quando ao abandonar da estrada tivessem de metter pela azinhaga que poupava bem á vontade dez minutos de caminho. Quatro soldados começaram descendo o caixão pela escada carunchosa, quebrando involuntariamente as hastes das avencas que se deviam dar bem ali. O esquife repousou sobre o armão, na plena luz do caminho, uma grande tricolor cobriu a lhama grosseira, prendeu até á poeira da estrada, vibrante, estridente, pedacinho de Patria, disposta com ligeireza pelos soldados que voejavam em torno do padre, grave, mudo, resplandescente. Por fim o cortejo abalou devagar; na ultima janella do canto uma cortina branca estremeceu, como n'um derradoiro adeus. O sachristão abriu o seu grande guarda-sol escarlate.

O sol obliquo tornava as sombras gigantescas na magestade mais absoluta, n'ais silenciosa dos crepusculos exangues de maio; a pompa doirada dos poentes acudia em tropel, enroupava em amarelo de fogo os largos horisontes contemplativos, decorando por toda a parte a immobilidade apparente das cousas vivas, envolvidas no perfume acre das agulhas dos pinheiros. Para além dos valles, uma locomotiva que despregava d'uma estação ignorada silvou offegante, arrepiou as solitudes profundas; depois, sem se ver, durante longo tempo arfou entre colinas e gargantas, apressada, imperiosa, ora perto, ora longe, levando comsigo a fita do comboio que fugia da sombra das clareiras para a apotheose do sol. N'uma ladeira adeante o armão parou um momento, arrumado junto da sébe viva d'um jardim d'onde se escapavam sardinheiras violentas. No mirante que dava sobre o caminho, duas raparigas louras, vestidas de luto, persignaram-se; uma d'ellas encarou com o velho que se arrastava entre nós—e estendeu-lhe em silencio uma flôr de sangue. Devagar o cortejo pôz-se novamente em marcha, conglobado em torno da grande papoila vermelha que era o guarda-sol escarlate do sachristão, para voltar á direita, largando a estrada e entrar n'uma alea cerrada entre pinheiros, pensativo, phantomatico na placidez sem fim da tarde que descia. As grandes arvores pareciam abrir alas na passagem d'aquelles vivos que levavam a enterrar um morto com tanto recolhimento. Havia agora um ramalhar mais grave que pretendia acompanhar os passos abafados pelo leito das agulhas secas. Todas as cópas se inclinaram no mesmo movimento, um grupo de platanos estalou baixinho, deixou cahir uma chuva de folhas verdes sobre a tricolor. E todo o pinhal rumurejou, aplaudiu a fugitiva homenagem ao irmão morto que ia a enterrar. E elle ia passando na curiosidade dos troncos frementes que deixavam pender a sua sombra mais fresca e offereciam o seu verde mais rico, n'uma festa estridente de côr, affogando em tons immarcessiveis a grossa papoila do guarda-sol de paninho. Um riacho atravessou a congosta, um riacho que dezembro devia precipitar em cachoeiras caprichosas e onde apenas agora as pedras do váu, muito brancas, muito polidas, aflorando no filete claro, deram a passagem ao prestito reduzido onde sempre a estola do padre irradiava na luz irradiante; e a agua ligeira correu mais receosa, escoou com menos presteza, n'um ciciar que era talvez um murmurio de boas-vindas ao irmão-soldado que mudava de forma na eternidade da impassivel Mãe-Natureza. Os ramos febris d'uns azinheiros atarracados açoitaram lentamente as faces dos artilheiros curvados sobre o armão, roçaram pela bandeira que escondia o corpo e novamente se ergueram estremecendo ainda. Um pica-pau diligente suspendeu a faina, espreitou. As linhas de mato hirsuto que trepavam ao assalto desordenado das colinas vestiram de negro o seu verde estridulo. Em silencio o ceu contemplava.

Logo que o acompanhamento dobrou o atalho, o cemiterio appareceu com os seus quatro muros caiados de branco, enquadrando o terreno acanhado e nú, com a profunda tristeza habitual nos cemiterios de provincia. Só um jazigo novo, em cantaria se erguia no descampado, meio coberto pela hera brava, construido ao lado d'um cypreste unico que visto de perto parecia mais esguio, mais alto, ameaçando o azul como um estylete acerado e hostil. O coveiro abriu a porta, o cortejo avançou mais devagar, agora que o feretro era levado á mão por entre a perspectiva desolada das cruzes de madeira, carcomidas pela humidade, tombando desfeitas, com a apparencia de destroços que nenhuma mão removia para o lixo inutil dos passados que não voltam mais. Era lugubre o campo dos mortos—e uma tristeza mais tristeza nimbou a meia luz que fugia, cahiu pesadamente por sobre os homens e por sobre as coisas...

A trovoada do canhão continuava ao longe. Os soldados pousaram devagar o caixão ao pé do balde de cal, junto da cova, um buraco negro, cavado de fresco na herva basta e verde, ao lado d'uma sébe mal talhada. A terra sêca abafava o ruido dos passos, uma rajada brusca dobrou a ponta esguia do cypreste que novamente se endireitou hirto, impassivel, recortado como uma renda no fundo polido do espaço. O grupo immobilisou-se, o velho ajoelhou, abriu a tampa do caixão com um longo suspiro abafado e plangente. O padre approximou-se, com a sua estola já maculada de poeira leve.

—*Deus cujus miseratione...* — começou elle.

As palavras do ritual banhavam lentamente a face palida do morto, branca como o linho usado. O sacristão, que tinha deixado o guarda-sol na porta do cemiterio, ergueu a cruz muito alto, com as duas mãos; o sol poente bateu-lhe, refulgiu, emquanto dos labios molles escorria n'um murmurio a litania latina, cortada pelos soluços do velho, nodoa escura manchando a terra. E no silencio crepuscular as sylabas destacadas pareciam subir, crystalinas, imponderaveis, indicando a alma immortal ás ignotas divindades do Universo. Depois a cal foi espalhada por cima do lençol. O padre murmurou mais nitidamente:

—*De profundis clamavit a te Domine...*

Os soldados passaram as cordas. A sébe palpitou toda n'um mysterioso tremor de folhas. O caixão desceu esboroando as paredes da cova, descançou na terra molle do fundo. O padre pegou no hyssope, desenhou a cruz larga com gotas d'agua benta; e a ultima emoção da tarde cobriu a sua face palida:

—*Requiem æternam donaei, Domine*

—*Et lux perpetua luceat ei*—replicou o sacristão mordendo todas as sylabas.

Quando o coveiro começou a cobrir a lhama com as primeiras pasadas de terra, o velho atirou para cima do caixão a sardinheira rubra da rapariga loura. O baque surdo dos torrões batendo nas taboas mal pregadas ia amortecendo gradualmente á medida que a leiva se amontoava mais espessa. Um artilheiro tornou a plantar, n'um gesto rapido, a raiz d'uma roseira meio sêca que a abertura recente da cova tinha desalojado. O padre terminou:

—*Requiescat in pace!*

Todos responderam *amen*, n'um murmurio. O sacristão abalou na frente. Os outros sahiram devagar, torneando o jazigo, já com a cantaria tornada livida pelas claridades exhaustas. O canhão troava sempre. Um grande lume espreitou no ceu. E de repente, ao longe, o sino da egrejinha de Flêchelles deixou cahir limpidamente *Avé-Marias*.

Mario de Almeida

OS GRANDES BRAZILEIROS

Manifestação a Ruy Barbosa

Mais de 100.000 pessoas acclamam o seu nome

RIO DE JANEIRO, 13.—Commemorando o jubileu litterario do senador Ruy Barbosa, o povo e os estudantes organisaram uma grande marcha «aux flambeaux», que percorreu as principaes ruas da cidade desde a residencia de Ruy Barbosa até ao theatro São Pedro, discursando o advogado Evaristo de Moraes em frente do palacio Monroe e o jurisconsulto Pinto da Rocha de uma das janellas do Hotel Avenida.

Ruy Barbosa pronunciou um eloquente discurso no theatro São Pedro, agradecendo as manifestações do povo brazileiro.

Mais de 100.000 pessoas tomaram parte no cortejo, acclamando com enthusiasmo o nome glorioso de Ruy Barbosa.—(Americano).

C. E. P.

A necessidade d'examinar os que partem

Sr. redactor—De todas as coisas e alvitres sobre o C. E. P. que «A Capital» tem publicado, uma, porém, esqueceu e que é do ponto extremamente importante.

E' o caso de chegarem á França, conforme todos sabem, sobretudo na classe medica, os nossos soldados sem uma rigorosa observação antes da partida.

Dá-se então o vergonhoso espectaculo de uma enormissima percentagem das tropas portuguezas se encontrar atacada de syphilis ou tuberculose.

Depois, aturemos os inglezes, apesar d'eles terem muita razão.

Será bom sob todos os pontos de vista que v. diga no seu jornal qualquer coisa sobre o caso, mostrando a necessidade de serem examinados «cuidadosamente» todos os militares do C. E. P. antes a sua partida para França, a fim de evitar, até mesmo, a remessa de idiotas!

Deve esta medida estender-se aos licenceados, mais ou menos abalados ou contaminados pelos males adquiridos em campanha e aos quaes não foi feita ainda observação alguma, posto que esperam embarque d'um momento para outro. Restabelecer-se-hiam, officiaes e sargentos «en permission» se por acaso os não obrigassem a fazer serviço depois de terminada a licença de campanha. Seria bom licencear os que o requererem.—De v., etc.—Um medico «permissionaire».

A GUERRA

A contra-offensiva alliada

Entre os prisioneiros feitos desde o dia 8 figuram 800 officiaes, incluindo 8 commandantes

Milhares de metralhadoras tomadas

LONDRES, 13—Communicação britannica.—Dia relativamente calmo na frente da batalha, excepto o augmento de actividade da artilharia inimiga. Fizemos alguns prisioneiros em differentes pontos, ha noticia de alguns «raids» no resto da linha britannica e uma certa actividade das patrulhas ao sul do Scarpa, a nordeste de Robecq e nos arredores de Vieux Berquin. O numero de prisioneiros capturados pelo primeiro exercito francez e pelo quarto exercito britannico desde a manhã de 8 passa de 28.000, entre os quaes 800 officiaes, incluidos 8 commandantes de regimentos. Durante o mesmo periodo estes dois exercitos tomaram cerca de 600 canhões, alguns dos quaes de grosso calibre, assim como alguns milhares de metralhadoras e grande numero de morteiros de trincheira, que ainda não foram contados. Entre o material aprisionado figuram 3 trens completos e grandes depositos de material de engenharia e de reabastecimento.—(Havas).

Comboios engarrafados—36 aviões postos fóra de combate no dia 11

PARIS, 12 — Communicação official franceza.—Aviação.—Desde 11 do corrente, a despeito da actividade da aviação inimiga, que tentou oppor-se á passagem das nossas forças aereas, as nossas esquadrilhas de bombardeamento effectuaram duas expedições fructuosas por sobre as linhas inimigas. Os centros de reunião, os cruzamentos das estradas, as pontes, as encruzilhadas e as vias ferreas foram copiosamente regadas de projecteis e metralhadas as columnas em marcha. O importante centro de communicações de Porquéricourt recebeu a sua parte 17 toneladas de projecteis em pleno dia e numerosos comboios ficaram engarrafados. Em total foram lançadas 57 toneladas, das quaes 22 de noite nas regiões de Ham, Noyon, Guiscard, Tergnier, etc. No mesmo dia foram abatidos 15 aviões e 4 balões captivos e 21 postos fóra de combate pelos nossos pilotos de collaboração com as tripulações americanas.—(Havas).

*

Nas linhas italianas

Acções locaes, intensos duelos de artilharia

ROMA, 13—Commando supremo.—No valle do Zebrus superior (Vattelina), uma das nossas patrulhas, vencendo difficuldades de terreno, atacou um posto da vanguarda inimigo a uma altura de 2.682 metros, matando varios soldados da guarnição e aprisionando os que ficaram com vida. Depois de destruir o abrigo inimigo, a pequena patrulha regressou illeza ás nossas linhas. No resto da linha intensas acções para incommodar por parte das duas artilharias, no sector de Riva, no vale de Lagarina, no valle do Arsa, na região de Ponti della Priula (sudeste de Montello). Os aeroplanos e os aviões do exercito e da marinha real bombardearam os campos de aviação inimigos e os estabelecimentos de caminhos de ferro. Abatemos 2 apparelhos inimigos em combate aereo.—(Havas).

*

Guerra maritima

Paquete francez afundado, tendo desapparecido 442 pessoas

PARIS, 13—Os jornaes suissos reproduzem um telegramma official de Berlim, annunciando o torpedeamento, no Mediterraneo, do transporte francez «Djemnah» de 3.716 toneladas. O «Temps» diz que a noticia é exacta.—(Havas).

Contra-torpedeiro inglez afundado

LONDRES, 13—Official—Um contra-torpedeiro britannico, que tinha ficado avariado em consequencia de um abalroamento, foi torpedeado e afundado no Mediterraneo no dia 6 do corrente por um submarino. Desappareceram 9 officiaes e 5 homens da tripulação.—(Havas).

UM ARCHIVO PRECIOSO

A EGREJA DE SANTA LUZIA

Vae ser apropriada para a guarda de documentos de alto valor historico

No domingo ultimo, quando estavamos em Santa Luzia assistindo á inauguração da distribuição de sopas aos pobres das freguezias da Sé e de S. Thiago, pensámos, ao olhar o interior da egreja, onde se accumulam em armarios centenas e centenas de tombos do archivo da administração da fazenda da extincta casa real, que todos aquelles livros e papeis mereciam, pelo interesse que comportam para a historia das epocas que alcançam a ordem e arrumação que tinham quando estavam na sua installação propria, que era na administração da casa real, na Correnteza das Necessidades.

Resolvemos hoje tirarmo-nos de cuidados e dar um passeio até Santa Luzia, a fim de ver se conseguiamos saber qual destino pensava dar o ministerio das finanças aos documentos que se acham no velho templo.

E soubemos do sr. Joaquim Ferreira Pacheco, encarregado de ordenar esses artigos, o seguinte:

O archivo da administração da fazenda da extincta casa real está hoje submettido á 4.ª repartição da direcção geral da fazenda publica, que depois de o fazer transportar quando foi do advento da Republica, para uma dependencia do paço das Necessidades, o mandou trasladar para a egreja de Santa Luzia.

Ao sr. Pacheco succedeu o que quasi sempre se dá com todos aquelles que lidam com manuscriptos, codices, pergaminhos, velhos alfarrabios, apaixonar-se e tomar bem á lettra a missão de que fôra encarregado e d'ahi o empenhar-se para que toda aquella livraria e papelaria historicas fossem devidamente accommodadas e ao edificio se desse um aspecto adequado ao fim que tem de desempenhar. Encontraram os seus bons esforços echo nas regiões superiores, a começar pelo sr. Manuel da Silva Bruschy e do respectivo ministro—que então ainda assim se chamava, ficando assente que a egreja seria restaurada externa e internamente: o archivo ficaria installado na egreja, que é em forma de cruz, tendo a rematar o fecho do cruzilhão um zimborio. Ao longo de todas as suas paredes e a altura conveniente receberia uma galeria espaçosa, onde se arrumariam as estantes, obdecendo ao estylo do restauro; mais estantes seriam collocadas sob essa galeria, no pavimento da egreja; cuidar-se-ia de conservar as sepulturas existentes no templo, com suas respectivas lapides, algumas bem antigas e eis tudo.

Appareceu depois o sr. Adães Bermudes a disputar a plataforma, que fica ao lado da egreja, para ser convenientemente ajardinada e utilisada pelos moradores do bairro, especialmente, e pelas demais pessoas que quizessem disfructar d'ali o magnifico panorama que o Tejo e a Outra Banda offerecem.

Vem a proposito dizer que tal ideia foi lembrada pela «Capital», ha uns dois annos.

Entretanto o archivo lá vae estando tão arrumado quanto pode estar, á espera que se realise a obra projectada.

Agora apparece tambem a installação da cozinha fornecedora de sopas aos pobres da Sé e de S. Thiago, parece, dizem algumas pessoas que a tolher ainda, o aproveitamento da egreja para archivo e da explanada para regalo do alfacinha e do visitante estrangeiro.

Mas não será assim, segundo nos informam, uma vez que ha meio de tudo conciliar. Assim a egreja será transformada em archivo, apresentando um aspecto semelhante ao da Bibliotheca da Universidade de Coimbra; a esplanada será uma realidade encantadora e tambem ali ficará installada—visto haver espaço para tudo—em uma edificação modesta, elegante e apropriada, a cozinha da Obra da Assistencia 5 de Dezembro.

Tres coisas uteis e perfeitamente compativeis. Assim seja.

Voltando ao archivo. E' elle composto dos antigos documentos da extincta casa real e abrange o periodo de trezentos annos, desde o anno de 1610 ao de 1910. Todos esses documentos estão, na melhor ordem—manda a verdade dizer-se que já o estavam quando se proclamou a Republica—guardados em umas tres mil caixas approximadamente, onde ao findar cada anno eram mettidos, pela seguinte ordem: documentos de despezas das diversas repartições e dos diversos almoxarifados e expediente de cada anno. Além d'isso, as salas onde se encontravam archivados os documentos, a summariação dos assumptos e dos annos a que se referem, o armario respectivo, a prateleira e a caixa onde se guardam, tudo se acha perfeitamente catalogado em livros a esse fim destinados.

Como se tal não baste, ainda ha massos de verbetes, contendo o cadastro geral dos assumptos, por ordem alphabetica, indicando tambem a sala, a prateleira, o armario, caixa e numero do processo. Esse cadastro tem, no fim, tambem por ordem alphabetica, todos os titulos dos assumptos archivados.

Tambem existe no archivo de que nos occupamos o cadastro do pessoal, por cargos, nomes e epocas em que foi admittido. As caixas e livros estão em sua maior parte accommodados em armações da casquinha, pintadas, com portas de rede e o resto em estantes moveis envidraçadas ou com portas de madeira.

Tambem teem grande, se não maior importancia, os tombos dos proprios nacionaes, que fazem parte do archivo. Ha ali quinze caixas, contendo documentos de commissão do Tombo dos Bens da Corôa—4 de outubro de 1843, que se referem aos almoxarifados da Ajuda, da Alfeite, de Belem, da Bemposta, da Caxias, de Cintra, de Mafra, do Calvario, do Pinheiro, do Porto, de Queluz, de Santarem das Tapadas d'Ajuda e de Mafra, de Vendas Novas, da herdade do Arneiro, da Adiça, etc.

Não são menos preciosos o inventario dos bens e mais preciosidades da corôa a que procede a commissão nomeada por decreto de 21 de novembro de 1842; os 30 registros de tombos das propriedades da corôa; 2 volumes da Illustração genealogica da casa dos Braganças; 1 volume de direitos e encargos da mesma; plantas dos palacios e propriedades ruraes, mappas medalhas ganhas em exposições de solipedes e outros gados pela casa de Bragança, etc.

O archivo é destinado á conservação de todos os documentos de caracter economico e financeiro, que, perdendo actualidade, pertencem por sua importancia á historia.

Estão ali já muitas centenas de livros de escripta da Real Companhia de Navegação do Grão Pará, Maranhão e Parahyba, que tinha uma frota de cerca de duzentos grandes navios de vela e levou cerca de 100 annos a liquidar.

A retirada allemã

Espectaculos de devastação

O correspondente especial de «Le Journal», na frente de batalha, escreve, com data de 7 do corrente:

«Desgraçadamente — e é o premio da nossa victoria—o avanço victorioso das... mento de ceder e de fugir.

—«Venham!» dizem aos habitantes ao mesmo tempo que se encaminham para os «camions».

—Nós não partiremos, dizem os francezes.

Então o «boche» irrita-se. Arrebata esta gente que lhe resiste.

Acampam, durante a noite, proximo d'uma aldeia e de manhã distinguem um canhão assestado sobre elles.

Mas já os nossos soldados estão ali.

O peões cinzentos cedem o logar aos «poilus» azues.

A população de Vilette estava salva.

Não quizera sujeitar-se ao captiveiro e á dentro dos «camions» americanos que alcança logares mais tranquillos.

Mas, infelizmente, não succedeu o mesmo em toda a parte. Grande numero dos nossos camponezes foram levados como escravos pelo invasor que, na fuga precipitada abandonou centenas de milhares dos seus obuzes, mas pensou em se assenhorear de novos refens.

E, comtudo, apesar do sentimento de dolorosa piedade que inspiram ás nossas almas, as nossas ruinas e as dôres dos pobres velhos, de mulheres e de creanças endurecidas sobre este campo de batalha, não sei que impressão de doçura invade o coração no meio d'estes campos libertados.

Quaesquer que sejam as mutilações do solo e das casas, sente-se que a este rico paiz voltou de novo a paz e que vae curar as suas feridas e erguer de novo os lares abatidos.

Na margem do Ourcq, n'um caminho cheio de abrigos feitos pelo inimigo, ha um pequeno corredor aonde se deviam ter batido terrivelmente.

A terra está coberta de obuzes, de granadas e de capacetes furados.

Cadaveres allemães jazem deante de um lavadouro, coberto por um pequeno tecto de telhas ennegrecidas.

Mas n'um rico casal, muito proximo, um piano, ficou intacto.

E' a hora do almoço e os soldados purificam estes logares profanados tocando a quatro mãos, um trecho de musica classica.

A musica evola-se pelos campos, onde por um instante o sol consente em acariciar os trigos maduros, curvados como se estivessem fatigados. A guerra palpita ainda ali.

O vento ainda não enxugou os pannos ensanguentados que ella deixou cahidos sobre o solo, mas sente-se que, aqui, ella está já vencida e não se pode impedir que se tenha a certeza de que um dia será expulsa, sem jámais poder voltar, da terra de França.

Os nossos soldados com as suas mãos magoadas, teem-na já segura pelo pescoço e apesar da sua grande fadiga apertam, apertam sempre até a estrangular. As nossas tropas, não pode libertar o nosso solo senão destruindo as nossas aldeias, e quando, finalmente, o boche, com as forças exgotadas, se vir obrigado a abandonal-as, não o faz sem acabar pelo incendio a obra dos nossos canhões.

Acabo de percorrer todo o nosso infeliz Tardenois.

E' um verdadeiro calvario esta peregrinação e não se pode realisal-a sem se sentir um estremecimento de odio contra o invasor, tal é a dôr ao ver o estado em que se acha o solo francez.

Longas descripções seriam inuteis e um amontoado de pormenores enervantes dariam mal a impressão de horror que produz o espectaculo repetido d'estes cantos de paisagem, todos semelhantemente destruidos, d'estas villas e aldeias cujas ruinas, enegrecidas pelo fogo, exalando um cheiro de cadaver misturado ao da madeira queimada, clamam vingança.

E não se descortina, entre estes montões de escombros, o menor indicio sequer de todos os dramas commoventes, que se representaram entre estas paredes antes d'ellas terem abatido.

Em muitos d'estes logares, habitantes houve que ficaram—ou por terem sido surprehendidos pela rapidez do avanço allemão, ou porque se recusaram a abandonar os seus lares.

O que soffreram, durante dois mezes de occupação, adivinha-se facilmente.

Mas isto não é nada, comparado com as dôres mortaes, marcadas nos relogios das pobres egrejas, da approximação inesperada da batalha.

Quasi por toda a parte, os allemães, anciosos e presentindo já a derrota, pretendem conduzir para a escravatura da retaguarda os camponezes que ficaram com elles.

No logar de Villette, a 1.500 metros de Fismes, uma centena de pobres creaturas tinha ali ficado.

Não podem permanecer aqui—dizem os «boches». Vamos leval-os comnosco, serão bem tratados.

Os desgraçados civis recusaram, sem hesitação.

—Serão mortos!

—Tanto peior!

Vinte e quatro horas são passadas.

Os allemães vêem que é chegado o mo-

A lição dos factos

O caso do «Peninsular» é um exemplo dos desastres a que nos conduz a manutenção immoralissima do contracto Federação-Malhou

Dêmos agora, para illucidação da opinião publica, um exemplo da desordem que o contracto Salles-Malhou ou Federação-Malhou veiu estabelecer no serviço dos transportes maritimos e dos graves prejuizos que acarretou e está acarretando á Nação.

Esse exemplo é o que aconteceu com o *Peninsular*, um dos navios ex-allemães. Narra-se em poucas palavras e não é preciso adjectivar a narração, porque ella é, só por si, d'uma flagrante eloquencia.

O *Peninsular* fez em tempos uma viagem a França, carregando vinho da Federação e em execução do celebro contracto manopolisador dos transportes maritimos do Estado. O governo francez poz embargos á descarga, mas, a instancias do nosso representante diplomatico em Paris, consentiu em ficar com o vinho, dando livre sahida ao vapor, comtanto que, na viagem seguinte, elle levasse tóros de pinho e não outra qualquer mercadoria. O compromisso foi aceite.

A razão da imposição do governo francez é facil de explicar. O exercito francez, obrigado a recuar, perdeu uma grande parte das suas communicações ferro-viarias. Era urgente construir, na nova rectaguarda, linhas ferreas que substituissem as perdidas e que eram indispensaveis para o abastecimento regular dos exercitos alliados. Para a fabricação das chulipas tornava-se indispensavel o pinho, que o *Peninsular* se obrigou a conduzir para França.

Veiu o *Peninsular* para o Tejo e aqui começou a carregar os tóros de pinho.

Tudo caminharia bem, se, por desgraça, o sr. Thiago Salles se não tivesse apropriado dos sellos do Estado, encaixando-se no Ministerio das Subsistencias como chefe de gabinete do sr. Machado Santos.

O sr. Thiago Salles teve, pois, artes e meios de levar o sr. Machado Santos a expedir ordens terminantes, em virtude das quaes o embarque dos toros foi suspenso e, em seu logar, o *Peninsular* carregou mais pipas de vinho da Federação.

Bem se avisou o sr. Machado Santos que estas ordens iam contrariar anteriores compromissos solemnemente assumidos com o governo francez. O sr. Machado Santos hesitou, é verdade. Mas junto d'elle, no logar de confiança de chefe de gabinete, existia o sr. Thiago Salles, e o vinho da Federação foi preferido, *quand même*, á carga dos toros de pinho.

Aconteceu depois o inevitavel. O *Peninsular* chegou a Cette e as auctoridades maritimas d'aquelle porto francez, em conformidade com as ordens recebidas, oppozeram-se á descarga.

Tempos infinitos se gastaram nas negociações para desfazer a carrapata».

O vinho, entretanto, rebentava as vasilhas e extravasava-se nos porões. As bombas de bordo eram poucas para dar vasão ao liquido derramado, trabalhando incessantemente em lançal-o ao mar. O sr. Bettencourt Rodrigues, nosso ministro em Paris, desenvolvia, no Quay d'Orsay, o melhor das suas habilidades, para se encontrar uma solução ao conflicto, cuja responsabilidade era exclusivamente do governo portuguez. Afinal, lá se conseguiu que fosse auctorisada a descarga do resto do vinho, aliás pouco, porque a maior parte d'elle se tinha completamente perdido.

Mas o navio, esse, ainda ficou preso! E não sahirá de Cette emquanto o não fôr substituir um outro dos nossos vapores, que será, parece, o «Mossamedes», encarregado agora de levar para Cette a carga de toros de pinho que devia ter sido conduzida no «Peninsular». E o «Mossamedes» terá de chegar a Cette em data fixa, ainda que para isso tenha de rebentar as caldeiras, com a tiragem forçada que se verá obrigada a fazer.

Este é um exemplo, entre mil, dos prejuizos e desaires a que nos conduziu o famoso e rendoso monopolio, concedido pelo Estado, a favor do sr. Malhou e seus socios, visiveis e invisiveis. Os prejuizos materiaes são faceis de calcular. Mas quem é capaz de precisar o descredito que ao nome portuguez advem d'este singularissimo caso do «Peninsular» e de muitos outros a que este jornal já se tem referido? E quando lá fora se dão a estas coisas os nomes proprios, todos nós nos arrepelamos e vociferamos imprecações contra o estrangeiro insaciavel. Essas ou outras baboseiras similhantes... Para casos d'estes, gritava-se d'antes: «Aqui d'El-Rei! Agora resta-nos dizer, afflictivamente, implorativamente:

—Valha-nos São Sidonio... se pode!

P. S.—Já depois de escripto e composto este artigo chega-nos a noticia de que o *Peninsular* já foi desengarrafado. No resto, está tudo certo, inclusivamente a ida para França, a todo o vapor e mesmo sem lastro, do vapor *Mossamedes*. E' um bello final para revista d'anno, sendo *compère* o sr. Thiago Salles...

Commercio de seguros e reseguros

A portaria 1405 de 15 de Junho de 1918 sobre sellos em reseguros

Por iniciativa do Centro de Seguradores Portuguezes foi entregue hoje ao sr. Ministro das Finanças a representação em seguida, contra a Portaria n.º 1405 de 15 de Junho p. p., mandando considerar os contractos de reseguros como contractos iniciaes de seguro, estabelecendo ainda a retroactividade d'essa disposição.

Ex.mo Sr. Secretario de Estado das Finanças:

Os abaixo assignados, como representantes da industria seguradora portugueza, veem junto de V. Ex.a significar o seu protesto contra a lettra e consequencias da portaria n.º 1.405 de 15 de junho ultimo, publicada no «Diario do Governo» n.º 134 de 19 do mesmo mez.

Determinam o seu protesto as mais sinceras e fortes razões de facto e de direito, cuja essencia e virtude passam a expôr, com a concisão e serenidade que convem ás allegações plenamente justas.

E como quer que a lettra mesma da referida portaria seja ao mesmo tempo o enunciado da base do presente protesto e, só attentamente lido, a sua mais cabal justificação, comecemos pela sua transcripção textual:

«Constando superiormente que algumas companhias de seguros e reseguros, por uma interpretação erronea teem deixado de apôr nas minutas dos seus contractos de reseguros o sello a que são obrigadas pelo artigo 13.º da tabella annexa á carta de lei de 24 de maio de 1902 e convindo regularisar a situação illegal em que se encontram os mencionados contractos por não estarem devidamente sellados:

Manda o governo da Republica Portugueza pelo Secretario de Estado, interino, das Finanças:

1.º—Que todos os contractos de reseguros sejam legalisados sem multa, no prazo de sessenta dias, com as taxas do imposto do sello a que se refere o artigo 13.º da tabella geral de 24 de maio de 1902.

2.º Que para este effeito e para simplificar o expediente da legalisação auctorisada por esta portaria entrarão as Companhias de Seguros e Reseguros nos cofres do Estado, mediante guias em duplicado, com a importancia correspondente do sello em debito.

Paragrapho unico.........................

Assim sahiu no «Diario do Governo» n.º 134 de 19 de junho findo. E, desde logo, porque assim nol-o exige a consideração devida á instancia «ad quem» e a magnitude do assumpto, adoptemos uma systematisação a mais simples (emquanto é aquella que a metodologia aconselha para a apreciação das coisas rudemente materiaes e terrenas) promovendo a analyse qualitativa e quantitativa do texto em questão.

A primeira será a sua escalpelisação juridica: a outra o julgamento do seu absurdo economico-financeiro.

Sob o ponto de vista strictamente juridico, a providencia em questão contem e traduz um verdadeiro attentado ás mais elementares normas de exegetica e interpretação do Direito.

Senão, vejamos e... «ab ovo».

A «portaria n. 1.405» visa a corrigir a pratica e effeitos d'uma anterior providencia de lei, que por signal não é uma «portaria», offerecendo, pois, logo de entrada a subvertida caracteristica de vir oppôr á lettra e interpretação d'uma «lei» anterior: a lettra e contexto d'uma simples «portaria».

Mas adiante. Em correcção da lettra e effeitos d'uma «lei» comparece uma «portaria» nua e crua...

Para quê?

Para aclarar qualquer omissão recente e imprevista?

Não: para imprimir, nem mais nem menos, ás consequencias e permanente effectividade d'essa lei, uma completa e vasta translação economico-juridica.

Duvida-se? Pois vamos á contestação e contra-prova abstracta e concretamente.

Após a innocente leitura da portaria em questão, tome-se do artigo 13.º da tabella geral de 24 de maio de 1902 que diz e dispõe o seguinte:

«Apolices de seguros e seus pertences ou endossos, segundo o premio annual ou por uma só vez:

Até 5$000 réis. Sello de estampilha	$150
De mais de 5$000 réis a 12$000 réis. Sello de estampilha	$400

E' o artigo 13.º da tabella geral de 24 de maio de 1902 o fulcro da recente portaria; é elle que essa portaria pretende vir «interpretar e esclarecer»...

E como o primeiro e natural passo da interpretação juridica é a «interpretação grammatical», pura e simples, a essa racional exigencia nos não eximimos pois que da leitura, imparcial e á vista desarmada, do texto, aliás bem claro, da lettra da lei, se extrae tão nitidamente a sua intenção, como a sua discrepancia com a opinião official recem-manifestada. «De «apolices» de seguros e seus pertences ou endossos»—ali se falava e fala, de ha dezeseis annos a esta parte; e porque só d'isso («de apolices de seguro» e não de «reseguros», que «apolices», de resto, não conhecem) se fala e menciona como e por motivo vir «esclarecer e rectificar» (?) o texto d'uma lei; introduzindo em seu contexto aquillo de que essa mesma lei jámais fez menção?! Nem sequer a este é o caso da districção subtil e capciosa, aliás e redondamente condemnada pelo elementar preceito de hermeneutica que prescreve «distincções onde quer que o legislador tal não haja feito», que em nenhuma disciplina juridica é tão forte e absolutamente imperativo como na legislação fiscal e tributaria; (Cf. art. 1.º do Regulamento do Imposto de Sello de 9 de agosto de 1902) o que ora se pretende levar a cabo é peor do que uma distincção: é uma verdadeira e desmascarada «modificação» da essencia e effeitos d'uma «lei» sob o rotulo e pretexto d'uma simples aclaração! Evidente isso torna perante o singelo confronto entre a linguagem do legislador de 1902 e a do de 1918.

E que o legislador de 1902 falou e escreveu claro, claro á evidencia, o demonstra ainda (se do complementar demonstração necessita o caso?) uma coherente e uniforme pratica da sua linguagem, comprehendida e corroborada durante a bagatela de quinze annos de vigencia do respectivo texto, pratica uniforme applaudida pela fiscalisação dos representantes idoneos das estancias governativas, que, já pela analyse e comparencia periodicas de seus agentes já em resoluções «ad hoc» se não furtaram a manifestar a sua perfeita conformidade.

Tal foi concretamente o caso e resposta dada, a proposito de duvidas suscitadas para a execução do artigo 38.º da lei orçamental n.º 220 de 30 de Junho de 1914, pela Direcção Geral das Contribuições e Impostos á consulta para o effeito formulada pelas companhias de seguros.

Qual foi essa resposta, constante do referido despacho?

«Que os contractos de «reseguros» são sujeitos ás taxas do artigo 92.º».

«Quid inde?» O artigo 92.º (da lei de 24 de maio de 1902) é o caminho directo para o artigo 13.º da tabella geral do imposto de sello, que foi a effectivação de applicação a effeitos da supracitada lei. E quanto ao artigo 13.º, cujo contexto ficou já sufficientemente relido e analyse—nada mais ha que accrescentar, sob pena de redundancia e fastidio.

Arrumado e sepulto deixamos o caso sob o ponto de vista legal e juridico.

Uma ultima allusão, apenas: esta é ao lastimavel lapso,—á tremenda exigencia contida na portaria em questão, a cujos effeitos, nominalmente aclarativos mas de facto innovadores, se pretende, sem mais tir-te nem guar-te, com o mais completo desprezo pela natureza e justos effeitos de toda e qualquer iniciativa legal, imprimir uma retroactividade mais de quinze annos atraz (!!!) e um só dia, hora ou minuto que fosse? Essa circumstancia é, por tal forma, e extensão, subversiva e estranha, que a quem quere que faça a leitura da referida portaria só uma impressão fica: a de que o verdadeiro, embora dissimulado, intuito do legislador foi o é «onerar com um novo encargo tributario» as entidades seguradoras portuguezas.

Ora esse intento, admittindo que seja exequivel—e assim lealmente o confessamos, pois que multiplos e legitimos processos de libertação se antolham ás referidas entidades reseguradoras...) é tributariamente monstruoso á força de absurdo.

Em verdade e a subsistir a portaria de 15 de junho ultimo o Estado virá a collectar «duplamente» o contracto de seguro.

O «reseguro» é n'uma, porventura a «melhor», intermediação do Direito, uma «cessão» de beneficios e responsabilidades,—de direitos e obrigações,—que o «segurador» faz ao «ressegurador», d'uma parcella do contracto que com o segundo originariamente celebrada.

E' assim que o segurador retem para si uma parte do seguro transferindo ao ressegurador ou resseguradores o restante, mas tendo préviamente o contracto de seguro sido affectado na totalidade pelas exigencias da lei fiscal.

A vigorar a doutrina da portaria em questão, chegariamos ao caso estranho de poder dar-se a hypothese de v. g. r., n'um contracto de seguro do valor de mil contos, em que uma Companhia haja retido para si apenas dez contos, e resegurado novecentos e noventa,—o imposto incidir sobre a totalidade dos mil contos resegurados absorvendo e prejudicando enormemente os beneficios e as condições da parte minima segurada e, consequentemente, as condições e beneficios da que resegurada. Tal o absurdo, que não seria excepção...

E' evidente, pois, que a portaria em questão envolve uma duplicação de encargo fiscal o que, constituindo um assombroso aggravamento para a industria seguradora é alheio, absurdamente alheio a qualquer principio de utilidade para o Estado e do elementar equidade para com o contribuinte.

Ex.mo Sr. Secretario de Estado das Finanças. As razões expostas, tão succintamente quanto possivel, pelos signatarios—crêem estes, em sua sã consciencia, serem justas á evidencia, e, desde logo, merecedoras d'uma ponderação e acolhimento, a que o elevado e imparcial criterio de V. Ex.a se não recusará.

Reportadas apparentemente a um incidente de lei, ellas visam a defender e garantir as mais fundamentaes e sagradas prerogativas d'uma sociedade bem organisada: «o respeito pelo Direito e a garantia da propriedade», digna e legitimamente adquirida.»

Esta invocação final basta aos signatarios para lhes dar a certeza do deferimento e sancção officiaes dos intuitos da presente reclamação, como de justiça.

Lisboa, 14 de Agosto de 1918.

Seguem-se as assignaturas das seguintes Companhias:

Fidelidade
Bonança
Continental
Commercio e Industria
Iris
Paz
Tranquillidade Portuense
Africana
União Reseguradora
Equitativa de Portugal e Ultramar
Futuro
Luzitana
Universo
Minerva
Metropole
Atlas
Oriental
Garantia Funchalense
Atlantica
Compensadora
Sagres
Portucalense
Indemnizadora
Iberia
Mondego
Algarve
Popular
Sociedade Portugueza de Seguros
Previdencia
Portugal
Europa
Portuense
Probidade
Lisbonense
Lusa
Progresso
Meridional
Nacional
Globo
Aviz
Regionalista
Adamastor
Extremadura
União dos Proprietarios
Gloria Portugueza
Reseguro
Mindello
Redempção
Porto
Prosperidade
Tagus
Beira
Portugal Previdente
Colonial
Lloyd Peninsular
Lloyd Portuguez
Açoriana
Patria
Douro
Segurança
Garantia
Fomento Agricola
Alliança Madeirense
Ultramarina

Desastre n'uma pedreira

Dois homens feridos

Na Ribeira da Baleia, concelho da Ericeira, na pedreira pertencente a José do Rego e da qual é encarregado Joaquim Ferreira, na occasião em que, ante-hontem, os jornaleiros Frederico Gonzaga Ferreira, de 25 annos e Elias da Silva, que residem no mesmo logar, carregavam um tiro, este explodiu inesperadamente, ferindo ambos no rosto e fracturando o braço direito do primeiro.

Receberam os primeiros curativos no hospital local, vindo depois para o de S. José, onde ficaram recolhidos.

ULTIMA HORA

PONTES—TODOS BONS.

Da guerra e dos exercitos

As tropas portuguezas merecem elogios do rei de Inglaterra

LONDRES, 14. — Durante a sua visita á linha de batalha, o rei de Inglaterra passou revista á divisão portugueza, que apresentava armas. A bella apresentação e o garbo dos seus homens chamou a attenção e provocou da parte do soberano expressões de admiração e louvor.—(Havas).

*

A offensiva dos alliados

A situação anterior á offensiva dos alliados mudou completamente em desvantagem dos allemães

LONDRES, 14—O correspondente da Agencia Reuter, junto do exercito francez telegraphou, hontem, pelas 17 horas: «Desde o dia 8 que nos habituamos á idéa da victoria. Os acontecimentos marcham tão depressa que é quasi tão difficil ao observador aperceber-se dos ganhos, como ao estado maior dos exercitos combatentes estar ao corrente do numero de prisioneiros capturados e dos canhões tomados. O ponto principal é que a situação se encontra completamente invertida. O sonho da victoria decisiva que ha um mez parecia ao alto commando allemão quasi realisado foi já dissipado para todo o sempre. Ha menos d'um mez os allemães estavam senhores de Chateau-Thierry, e encontravam-se a algumas milhas de Epernay. A principal linha de communicação entre as duas frentes de batalha occidental e oriental, constituida por Paris-Chalons-Nancy, estava cortada ao longo do Marne e a nossa rede de transportes estava assim seriamente compromettida. Perto do exercito francez do norte, os allemães conservavam Scissons e Montdidier. Amiens estava sob o fogo dos seus canhões; e elles bombardeavam a linha Amiens-Paris, que, antes da offensiva de março, era a principal via de communicação com o norte, como o será de novo dentro de poucos dias. As duas cidades e as respectivas linhas ferreas estão agora bem distantes do «front» e já não é possivel pensar em marchar para o mar ao longo do Somme, para assim separar os exercitos francez e inglez, bem como em cahir sobre Chalons e cortar aos exercitos do leste da França a sua ligação com os do oeste. Só resta saber se o inimigo pode defender-se e permanecer onde está. O ataque franco-britannico no norte é consequencia directa da victoria dos generaes Nourend, Maugin e Berthelot, entre o Marne e o Aisne.—(Havas).

Os francezes progridem apezar da resistencia opposta pelo inimigo

PARIS, 13—Communicado official das 23 horas—Durante o dia as nossas tropas, repelliram os seus ataques na região florestal entre o Matz e o Oise. Apesar da forte resistencia do inimigo, conseguimos progredir ao norte e a leste de Gury; penetrámos na coutada de Plessix-de-Roye e atingimos Belual; mais a leste, levámos as nossas linhas até cerca de 2 kilometros da aldeia de Cambronne. Nada mais a assignalar no resto da linha de batalha.

Aviação—Na noite de hontem, os nossos aviões de bombardeamento lançaram 29 toneladas de projecteis sobre as gares e os acantonamentos inimigos de Tergnier, Han, Nesle, St. Quentin, Noyon, declarando-se incendios em muitos pontos. Durante o dia de hontem abatemos, ou puzemos fora de combate, 11 aviões allemães e destruimos 4 balões captivos. O tenente Madon abateu na noite do dia 11 o seu 40.º apparelho inimigo.—(Havas).

Golpes de mão allemães que falham

PARIS, 13—Não ha acontecimento importante a assignalar na linha de batalha. O inimigo tentou muitos golpes de mão nos Vosges e no Alta Alsacia, sem obter resultado.—(Havas).

*

Guerra maritima

Outro paquete afundado 20 mortos

PARIS, 13 — Official — O paquete «Djemnah», das Messageries Maritimes, indo de Bizerta para Alexandria com passageiros militares, foi torpedeado e afundado na noite de 14 para 15 de julho. Ha 442 pessoas desapparecidas. No dia 19 do mesmo mez, no Mediterraneo, foi torpedeado e afundado um paquete australiano da mesma companhia, morrendo 17 marinheiros, salvando-se 948 passageiros e havendo desapparecido 3. Do mesmo comboio foi torpedeado outro navio, que não se afundou. Foi lançado grande numero de bombas sobre o submarino, que emergiu.—(Havas).

Desmentindo uma affirmativa allemã

LONDRES, 13 — O jornal allemão «Dusselderg Nachrichten» publicou em 10 do corrente o seguinte telegramma: «Somos forçados a declarar que a guerra anti-submarina inimiga não representa, por forma alguma e de uma maneira geral, o exito que o primeiro ministro britannico pretende attribuir-lhe».

A este respeito, a Agencia Reuter está auctorisada a declarar por seu turno o seguinte: «Este telegramma constitue uma tentativa para deitar poeira nos olhos do publico allemão e do das nações neutraes. O almirantado possue provas que estabelecem seguramente a perda, desde o principio da guerra, de «mais de 150 submarinos», provas que serão opportunamente publicadas. — (Havas).

*

Nas linhas americanas

Um dia relativamente calmo

PARIS, 14 — Communicado official americano das 21 horas de hontem— Nada a assignalar nos sectores occupados pelas nossas tropas, salvo uma actividade intermittente. Nos dias 11 e 12 os nossos aviadores bombardearam com exito as gares de Longuyon, Penocour e Conflans. Regressaram todos os nossos apparelhos.—(Havas).

*

A guerra no Oriente

Uma incursão nas linhas inimigas

PARIS, 13—Exercito do Oriente—Actividade media da artilharia em toda a linha de batalha. Um destacamento de assalto servio conseguiu fazer uma incursão nas linhas inimigas, trazendo prisioneiros e material. Apezar do violento vento, a nossa aviação metralhou as organisações e os trabalhadores inimigos a oeste de Guevguelli (?). A aviação britannica bombardeou os bivaques inimigos ao norte d'esta localidade.—Havas).

*

De todo o mundo

Uma conferencia entre soberanos

BASILEIA, 14—Um telegramma de Berlim diz que o principe Boris, da Bulgaria, se avistou com o kaiser, no quartel-general allemão.—(Havas).

Handley Page não morreu

PARIS, 12—O boato que correu da morte do engenheiro inglez Handley Page constructor bem conhecido e um dos creadores da aviação de bombardeamento, não é verdadeiro.

Elle proprio, por communicação telephonica, desmentiu tal noticia.—(Correspondente).

Aprensão de 13.000 litros de azeite

Multa de 92 contos

Em 24 de julho, os fiscaes dos abastecimentos srs. José Baptista da Costa e Luiz Rodrigues apprehenderam 13.000 litros de azeite no armazem da firma Silva & Silva, Limitada, em consequencia da tabella de preços não estar affixada e por transgressão, visto aquelle genero estar sendo vendido a retalho ao preço de $82 o litro, quando o preço legal é de $72.

Enviado o auto para o tribunal do contencioso fiscal, foi julgada subsistente a apprehensão e a firma arguida condemnada no pagamento de 92.000 escudos, importancia relativa a dez vezes o valor do azeite apprehendido.

Escola da Arte de Representar

Por doença subita de um dos artistas da Escola da Arte de Representar, não pode realisar-se amanhã a «matinée» de despedida dos artistas discipulos que terminaram o curso com premios. Será opportunamente annunciado o dia em que essa festa se effectuará.

C. E. P.

Hospital-base n.º 1

No gabinete dos Reportes foi hoje recebido o seguinte telegramma de França:

«Os sargentos do hospital-base n.º 1, surprehendidos com a inesperada partida para Lisboa do seu querido e digno director, tenente-coronel medico sr. Adolpho Artayette, manifestam o seu reconhecimento e admiração pelas provas que deu de acrisolado patriotismo e nobre espirito disciplinador e humanitario.—(aa) Miranda, Fialho, Costa, Carreira, Saraiva, Rocha, Santos, Ferreira, Lopes, Duarte, Lopes, Oliveira, Moreira, Ayres, Lopes, Casadinho, Vieira, Mario, Bastardo, Trajano, Aguiar, Cosme, Affonso, Brich, Bran, Fontes, Ferreira e Duarte.

Com o craneo fracturado

Soffreu hontem a operação do trepano no hospital de S. José, um menor filho de Manuel Machado e de Rosa Augusta, aprendiz d'uma fabrica no pateo do Carrasco, que ali foi colhido por um coice d'uma muar, que lhe fendeu o craneo.

Poeira da Arcada

Presidente da Republica

E' positivo que o sr. presidente da Republica já não vae assistir aos festejos da Regua e de Vianna do Castello.

Com o chefe do Estado estiveram hoje em Cintra os secretarios de Estado do interior, da guerra e do commercio, que foram submetter alguns despachos á sua assignatura.

Pela marinha

Vae ser nomeado commandante do contra-torpedeiro «Douro» o capitão de fragata sr. Magalhães Ramalho.

De director dos serviços maritimos do Arsenal de Marinha vae ser exonerado o capitão de mar e guerra sr. Annibal Oliver.

Desastre no trabalho

Entrou no hospital de S. José para a enfermaria de Santo Onofre o chapeleiro Arthur Ribeiro, de 25 annos, que ficou muito queimado na cara, por ter explodido um maçarico de gazolina com que estava trabalhando.

As senhas do assucar

Os jornaes teem referido interessantes episodios com respeito á distribuição das senhas de assucar. Relatemos nós tambem um, que não deixa de ter certo sabor de pittoresco, proprio para revista do anno.

Este caso passou-se no Alto do Pina. Um chefe da familia fez, com todo o cuidado, a participação para a esquadra de policia, nos termos do edital respeitante ás senhas do assucar. Levou a participação á esquadra, mas não lh'a acceitaram:—que viesse no dia seguinte, foi a resposta Passadas as 24 horas, disseram ao portador que a redacção não estava boa: que precisava d'isto e mais d'aquillo. Nova jornada ao Alto do Pina. Ainda não estava bem: era preciso que fosse tudo escripto em papel azul, pautado, de 25 linhas. O chefe de familia desistiu. Mas antehontem foram dois senhores baterlhe á porta e deixaram-lhe duas senhas de meio kilo recommendando-lhe com instancia que mandasse immediatamente á mercearia, do contrario o assucar acabava. Correu-se á mercearia. Arranjou, a custo, o kilosinho.

Queda

A' enfermaria n.º 6 do hospital de S. José recolheu Antonia Assis, de 77 annos, moradora na rua do Castello, 96, que cahiu no largo da Graça, fracturando uma perna.

CAMBIOS

Lisboa, 14 de agosto de 1918.

	Compra	Venda
Cheque sobre Londres	80 1/4	80
90 d/v.	80 5/8	
Cheque sobre Paris	292	298
» Hollanda	850	880
» Italia	205	215
» New York	1650	1685
» Madrid	410	420
Rio sobre Londres	12 3/8	—
Libras ouro	10$50	10$80
Agio do ouro	135 0/0	144 0/0

Venda de pinhaes

A Companhia das Lezirias do Tejo e Sado recebe propostas no seu escriptorio de Lisboa, para venda de madeira e lenha dos seus pinhaes de Samora Correia, concelho de Benavente, constantes da relação patente no mesmo escriptorio e nos termos das condições tambem alli existentes.

O córte e transporte será de conta do comprador, podendo a Companhia ceder a sua linha Décauville e prestar outras facilidades, nos termos a combinar.

O caso de Santa Iria

Legal aviso aos rendeiros das terras

Previnem-se mais uma vez todos os sublocatarios de terrenos, casas, hortas, etc., pertencentes ao grupo de terras de Thomaz Reynolds, mulher e filhos e genros, situados em Santa Iria d'Azoia, concelho de Loures e na Granja de Alpiarte do concelho de Villa Franca de Xira que não paguem rendas a ninguem nem saiam das propriedades», emquanto não findarem as questões judiciaes que o signatario traz pendentes contra todos os senhorios.

E' preciso que se não deixem illudir, porquanto são os sublocatarios os fieis «depositarios» das rendas vencidas e a vencer, tendo, decerto, mais tarde de prestar contas rigorosas á justiça.

E' pois no seu interesse que o signatario os vem avisar que não devem pagar, seja a quem fôr, as rendas depositados, defendendo-se de possiveis trabalhos futuros, «não pagando» e ficando com as rendas bem arrecadadas em seu poder ás ordens do tribunal.

Por saber quanto todos são instados para pagarem as rendas a quem menos direito tem de as receber, é que os venho avisar a fim de que de futuro não possam allegar ignorancia.

Tambem ninguem deve negociar com o sal das marinhas de Santa Iria.

Em breves dias o signatario publicará documentos a este respeito.

Lisboa, 13 de agosto de 1918.

Joaquim da Silva Netto.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2868 — 9.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacções Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Quinta-feira, 15 de Agosto de 1918 | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço 2 centavos

A guerra

A offensiva dos alliados

Ribecourt em poder dos francezes
Viva lucta d'artilharia

PARIS, 14.—Communicação official de hoje ás 23 horas:—Durante o dia as nossas tropas, continuando nos seus progressos entre o Matz e o Oise, apoderaram-se de Ribecourt. A leste de Belval, tendo os nossos elementos de infantaria descoberto um contra-ataque allemão em preparação, conseguiram fazer prisioneiros 7 officiaes, entre os quaes 2 commandantes de batalhão, e um certo numero de soldados. Nas regiões de Roye e Lassigny a lucta de artilharia continua muito viva.

Communicação franceza sobre a aviação:—No dia 12 de agosto as nossas tripulações abateram ou puzeram fóra de combate 12 apparelhos allemães; na noite de 13 para 14 os nossos bombardeiros lançaram 32 toneladas de projecteis sobre objectivos inimigos. Tergnier, Saint Quentin, Ham, Noyon, Nesles, os bivaques da região de Ognolles, e as gares de Maison Bleue, Guiguicourt e Le Chatelet-sur-Retourne foram copiosamente bombardeados; declararam-se incendios violentos, principalmente em Ham e em Noyon, que só á sua parte receberam 15 toneladas de explosivos.—(Havas).

Na linha de batalha não houve acções de infantaria
Pequenos "raids„

LONDRES, 14.— Communicação britannica:—A artilharia inimiga mostrou-se activa durante a noite. Na linha de batalha não se registou nenhuma acção da infantaria. Ao meio dia de hontem houve contra-ataques locaes no sector de Dickebusch, mas foram repellidos. Durante a noite a artilharia inimiga mostrou-se bast. te activa na visinhança de esta localidade e fez tambem fogo contra as nossas posições a oeste do Kemmel. A noite passada, um «raid» feliz feito na visinhança de Ayeke, valeu-nos alguns prisioneiros. No sector de Vieux-Berquin, as nossas patrulhas continuaram a avançar e conseguiram estabelecer a nossa linha a leste da aldeia. No decurso d'esta operação capturámos um certo numero de prisioneiros e metralhadoras. Avançámos ligeiramente a nossa linha a leste de Meteren.—(Havas).

A cooperação da aviação britanica

LONDRES, 14.— Communicação britannica sobre a aviação:—As nossas operações aereas foram activamente conduzidas no dia 12. Na linha de batalha os nossos balões avançaram até á proximidade das primeiras linhas e forneceram informações numerosas e importantes e os nossos aviões de reconhecimento e artilharia trabalharam muito durante todo o dia. A aviação inimiga mostrou-se muito activa e tiveram logar numerosos combates. Abatemos 30 apparelhos inimigos e 7 foram obrigados a aterrar sem governo; foi descido em chammas um balão allemão. Lançámos 45 tonelladas de projecteis durante as ultimas 24 horas; as gares de Cambrai e Péronne foram bombardeadas fortemente. 12 dos nossos apparelhos, entre os quaes 1 avião de bombardeamento nocturno, não regressaram.—(Havas).

*

Operações no Oriente

Um ataque inimigo repellido, bivaques bombardeados

PARIS, 14.—Exercito do Oriente.—Actividade da artilharia media no Struma e no Vardar, mais viva na curva do Cerna e ao norte de Monastir. Na Albania, depois de um bombardeamento de algumas horas, o inimigo atacou as nossas posições da região de Gere-Porocani; foi completamente repellido pelos nossos fogos e pelos nossos contra-ataques. A nossa aviação bombardeou bivaques de artilharia a nordeste de Monastir e perdas importantes foram infligidas ao inimigo. A aviação britannica bombardeou bivaques a noroeste de Guevguel.—(Havas).

*

De todo o mundo

Uma nova arma

PARIS, 12.—Uma Cruz de Guerra bem ganha é a que acaba de ser collocada no peito do sargento americano Robertson.

Este militar fazia parte d'um regimento de engenharia, encarregado de operar as destruições necessarias n'um determinado sector, por occasião d'uma grande offensiva allemã.

Em dado momento, a situação tornou-se critica; o inimigo avançava em massa e tão rapidamente que só houve tempo para evacuar o material circulante que tinha ficado sobre a via ferrea. Encarregado de guiar uma locomotiva, o sargento Robertson teve a pouca sorte de a vêr saltar dos «rails». Que fazer?

Anciosamente, espreita para o lado de onde vinham os allemães, que estavam já proximos.

Tomou uma resolução: fechar a valvula de segurança da caldeira, metter mais combustivel na fornalha e apressadamente pôr-se em fuga.

Instantes depois, uns sessenta allemães cercavam a machina descarrilada, quando a caldeira, submettida a uma formidavel pressão, realisou o que tinha concebido o engenhoso sargento: rebentou com effeitos apenas comparaveis aos de um obuz de 520.

Os sessenta «boches», terrivelmente queimados, não tiveram tempo nem para soltarem ai.—(Correspondente).

A SITUAÇÃO perante a união dos republicanos

O nosso illustre collega de «A Situação» escreve hoje um editorial, no qual, se analysa, com superior criterio, a attitude dos republicanos perante o manifesto democratico e o momento politico que vamos atravessando.

Folgamos de vêr que «A Situação» abandonou aquelle tom de intransigencia que caracterisou os artigos de critica ao manifesto, ultimamente publicados, em serie. O editorial d'hoje é, pelo contrario, ditado por um notavel e opportuno espirito de confraternisação, embora, aqui e ali, ainda eivado de expressões asperas, aliás facilmente explicaveis pela paixão politica que em quasi todos os portuguezes continua a perturbar a clara visão das coisas e das circumstancias.

Transcrevemos de «A Situação» um pequeno trecho, que resume o ponto de visa que nos interessa e que, quanto a nós, é mesmo o unico que merece ser attentamente examinado. «A Situação» diz:

«Na projectada união dos partidos historicos ha varios pontos a considerar. Tem ella por fim, segundo se diz, defender a Republica do perigo monarchico que a ameaça.

Posto isto, dois casos ha a analisar: Ou esses partidos confiam no republicanismo do governo, ou não confiam. No primeiro dos casos, sabendo o disposto a defender o regimen a todo o transe, mas receando uma «traição» dos monarchicos, aprestam-se para o auxiliar na lucta que prevêem. No segundo, duvidando da força e da energia republicanas do governo, preparam a sua queda, para garantir a Republica.

No primeiro caso realisa-se, finalmente, a conciliação da familia portugueza, porque a situação se definirá, e ficamos libertos de alterações da ordem publica.

«A Capital» definiu, desde ha muito tempo, a sua posição dentro da actual modalidade republicana. Respeitamos no sr. Presidente da Republica a vontade expressa da Nação e protestamos que, emquanto a Lei não fôr violada fundamentalmente e a Liberdade não soffrer a conspurcação do arbitrio, o chefe de Estado se encontra, para nós, fóra e acima dos partidos. Reconhecemos que o sr. Sidonio Paes tem diligenciado pacificar a Nação e, por vezes, praticado actos de governação publica ditados por um grande espirito republicano. Por isso lhe temos dado appoio, que se traduz, principalmente, na opposição que, por vezes, nos teem merecido alguns actos dos membros do seu governo. Não é a applaudir «á tort et á travers» que se traduz melhor e mais efficaz appoio á situação presente; criticando com a razão e com a verdade, sem excessos de linguagem, mas com firmeza, nós damos a demonstração que acatamos a legalidade, que a todos obriga, tanto a nós, que somos pequenos, como ao sr. Sidonio Paes, que é grande.

Se assim pensamos e procedemos—no uso do nosso direito de cidadãos e cumprindo os deveres que nos impõe a qualidade de republicanos—é logico que aconselhemos a todos os correligionarios uma attitude identica, em face da Republica saïda do movimento revolucionario de 5 de dezembro. Dentro da legalidade preceituada na Constituição ha vasto campo de opposição ao governo, para aquelles que entenderem que a acção dos actuaes detentores do Poder é prejudicial aos interesses supremos da Patria Republicana; por isso, merece inteira repulsa a acção revolucionaria, que reputamos ruinosa para a Patria, qualquer que seja a modalidade politica em que ella se concretise.

O perigo monarchico ameaça a Republica? E' certo. Para que se ha de esconder o que é evidente? A declaração de que os realistas não appelarão para a revolução emquanto durar a guerra, não é de receber para aquelles que amam a Republica. Os monarchicos sabem muito bem que, por emquanto, a desunião republicana não é tão profunda que lhes facilite o triumpho á mão armada. Mas espreitam o instante proprio, que tanto póde vir seis mezes depois da guerra como seis mezes antes. E, se o momento vier, elles aproveitam-no sem escrupulos porque, se com o ceu se obteem sempre arranjos, tambem o exito politico faz esquecer declarações platonicas, que não teem, na realidade, senão o valor material do papel onde foram escriptas. São... «farrapos de papel», para nos servirmos da phrase historica.

E' evidente que nem todos os republicanos assim pensam e, o que é peor, parece que nem todos assim procedem, preferindo a revolução á Constituição. Mau é isso. Mas, como sempre acontece, ha, aqui tambem, o lado bom e que consiste na separação, que fatalmente ha de vir a produzir-se, entre os pacifistas e os revolucionarios. Segundo o que dizem alguns jornaes, o sr. Affonso Costa põe-se á frente dos segundos, denunciando essa vontade em cartas que escreveu a amigos seus. Está muito bem. A scisão no P. R. P. tornar-se-ha assim inevitavel e necessaria, agrupando-se em torno do directorio os amigos da ordem—embora, possivelmente, inimigos constitucionaes do governo—e do outro lado os partidarios da desordem, com o sr. Affonso Costa á testa da columna assaltante do Poder. Eis uma situação politica muito clara!

Finalisando, diremos aos homens do governo, e com o devido respeito, ao proprio chefe do Estado, que Portugal está em guerra, QUE DO RESULTADO D'ELLA E DA NOSSA COMPARTICIPAÇÃO NO CONFLICTO DEPENDE O FUTURO DA NACIONALIDADE e que, para defender e consolidar uma Republica não é proprio, antes é inintelligente, procurar a força precisa para o effeito n'aquelles que representam a reacção aos principios que adoptamos. A Republica tem apenas um grande, um irreductivel adversario. Este é a sua antithese e chama-se monarchia. Os monarchicos: eis o inimigo!

A questão das subsistencias

Tumultos em Guimarães, rapidamente reprimidos

VIZELA, 13.—Por motivo da carestia da vida, produziram-se hontem á tarde em Guimarães graves acontecimentos que poderiam originar as mais funestas consequencias.

As classes trabalhadoras, indignadas contra a constante subida dos generos de primeira necessidade, e principalmente contra a escassez do milho e do seu exorbitante preço, reuniram-se em differentes pontos da cidade, indo em seguida assaltar as padarias, que destruiram.

As auctoridades tomaram logo providencias, acudindo forças da policia e guarda republicana, tendo esta, para evitar maiores desmandos, de dar algumas descargas.

A' noite, o povo indignado contra o procedimento da guarda, premeditava um assalto ao quartel, tendo as auctoridades que tomar energicas providencias para evitar novos disturbios.

A cidade foi durante a noite patrulhada por forças de infantaria 20, que de manhã recolheram ao quartel sem que se tivesse produzido coisa alguma de anormal.

A indignação é geral.

E' urgente que os governantes tomem as mais energicas providencias, garantindo ao povo não só a abundancia dos generos de primeira necessidade, como o seu barateamento, relativo, para que excessos lamentaveis como o de Guimarães se não repitam.

O norte está, como todo o paiz, atravessando uma crise desoladora.

E' urgente que se tomem medidas para que a situação futura não seja mais critica. Pense o governo a serio na questão economica, a principal n'este momento.

Noticias do Brazil

Um novo apparelho radiographico

RIO DE JANEIRO, 14.—A estação radiographica de S. Thomé communicou hontem com as estações de Demerara, Trinidad e das costas da Inglaterra, situadas á distancia de 40.000 milhas, por meio de um apparelho de invenção nacional, que será applicado a todas as estações radiographicas brazileiras.—(Americana).

Apprehensão de batatas e d'azeite

Pelo sr. administrador do Bairro, o fiscal dos impostos Arthur José de Castro Pereira e os fiscaes da direcção dos abastecimentos Ermindo Rodrigues da Silva, Joaquim Seraphim Cardoso Junior, José Luiz Justo, José Alves e Francisco Ferreira Godinho, foram apprehendidos n'aquella vila a Antonio Luiz Camarão, residente no Lavradio, 2.000 kilos de batata, havendo n'esta quantidade 400 kilos completamente deteriorada e a Manuel Antonio, n'um armazem de mercearia e vinhos 32 litros de azeite que sonegou á venda.

Visitas de estudo

Continuando a sua missão de ensino e vulgarisação popular, effectuam os socios do Atheneu Popular e suas familias, no proximo domingo, ás 13 horas, a setima visita de estudo ao cáes e doca grande de Alcantara e a bordo do excellente vapor de carga «Lima», que se encontra atracado á muralha de Alcantara, para a qual a direcção d'esta instituição conseguiu a competente auctorisação da direcção dos Transportes Maritimos.

Os visitantes serão acompanhados por technicos competentes. O ponto de reunião é junto á Rocha do Conde de Obidos, ás 13 horas.

Ao leitor d'A CAPITAL

Depois de lido, enviar este jornal á *Junta Patriotica do Norte* (Paços do Concelho—Porto), a fim d'esta o mandar para os nossos soldados no «front».

Mutilados da guerra

Um donativo de 27$70 e uma manifestação de sympathia por «A Capital»

O appello que vem sendo feito nas nossas columnas a favor dos bravos mutilados da guerra encontra, como não podia deixar de ser, ecco em todos os corações verdadeiramente generosos. A mocidade sente talvez mais ainda que outros a grandeza que ha em contribuir para attenuar as condições em que ficaram os que pela Patria se bateram heroicamente.

Alumnas e alumnos da Associação Academica do Instituto Superior de Commercio resolveram abrir entre si uma subscripção cujo producto nos foi entregue e que hoje mesmo vamos remetter ao Instituto Medico Pedagogico de Santa Izabel.

Damos a seguir o officio que acompanhava a remessa d'essa quantia. Ha n'elle termos de sympathia para «A Capital», que muito nos lisongeiam e que, reconhecidos, agradecemos.

Diz esse officio:

Sr. director do jornal «A Capital».—Em assembléa geral de 24 de maio proximo passado foi approvada por unanimidade uma proposta do digno socio d'esta associação, sr. Antonio Maria Pereira, encarregando a direcção de abrir entre os alumnos d'este instituto uma subscripção para os mutilados da guerra.

Encerramos hoje esta subscripção, com a qual se angariou a quantia de 27$70 (vinte e sete escudos e setenta centavos), que enviamos a v.

Expressando a v. toda a nossa sympathia pela meritoria obra que está sendo levada a effeito por intermedio do seu muito conceituado jornal e rogando a v. o favor de inserir nas columnas do mesmo os nomes e donativos que adeante seguem.

Somos de v., etc. — Pela direcção, *Antonio Maria da Silva Santos*, thesoureiro.

Associação Academica do Instituto, 5$00; Antonio Maria Pereira, 2$50; Antonio Napoleão de Sousa, 1$00; Francisco de Almeida Carmo e Cunha, 1$20; José Bettencourt Ferreira, $50; Alberto Pereira Jorge, 1$00; Rodrigo Raposo, 1$00; Maria Falcão de Freitas, 1$00; Maria Bello Pereira, 1$00; Jayme Falcão Guia, 1$00; Alberto Zagallo Fernandes, 1$00; Henrique da Costa Monteiro, 1$00; João Marques Pereira, $50; José Solano de Almeida, $50; Jayme Nobre de Lacerda, $50; Porphyrio Augusto de Sousa Martins, $50; Mario dos Reis Villa, $50; Moysés Bensabat Amsialak, 2$50; Manuel de Andrade Lopes, $50; Francisco Bruno de Miranda Barbosa, $50; Antonio Maria Paiva de Carvalho, $50; Arthur Maria Nunes Ribeiro, $50; Augusto Duarte Beirão, $50; José Manuel de Figueiredo, $50; Antonio Condeça, 1$00; Antonio da Silva Santos, 1$50.—Somma, 27$70.

Mais donativos na importancia de 38$30

No intervallo entre a sessão cinematographica e o acto de variedades do espectaculo hontem realisado no Salão Foz, e ao qual assistiram 22 mutilados dos internados em Santa Isabel, procedeu-se ao sorteio de alguns quadros pintados por Joaquim Mendes, amputado de ambas as mãos, e cujo producto, na importancia de 28$30, aquelle pintor entregou ao sargento Marçal para o fundo dos mutilados internados no Instituto Medico Pedagogico.

Tambem no mesmo espectaculo duas senhoras entregaram ao mesmo sargento Martins, e para o mesmo fundo, a quantia de 10$00.

Uma carta do sr. dr. Aurelio da Costa Ferreira

Belem, 14 de agosto de 1918—*Sr. Manuel Guimarães e meu amigo.*—Por intermedio do seu jornal, que tanto tem feito pelos nossos mutilados, recebi, d'esta vez em carta aberta, o donativo de sympathicas ideias de que pode provir apreciavel bem, e que não são menos de agradecer do que os donativos materiaes, que os mutilados por seu intermedio teem recebido. De mais a mais veem de pessoa que merece a attenção de nós todos, e a quem tenho justamente consagrado em nome dos mutilados e do Instituto de Santa Izabel, votos de agradecimento, por dadivas e beneficios de outro genero.

As ideias que o sr. Cruz Magalhães expõe na carta aberta com que quiz honrar-me não carecem da minha intervenção para serem aproveitadas; basta que cheguem, estou certo d'isso, ao conhecimento d'aquelles de cuja realisação ellas mais dependem e que só por grandes difficuldades as não aproveitarão.

Com a collaboração de mutilados pode o sr. Cruz Magalhães contar.

Na carta aberta só ha uma coisa que pode ser mal interpretada por os que fazem juizos ligeiros: é duvidar do valor educativo e moralisador da musica em que eu acredito.

O que se passa, segundo o sr. Cruz Magalhães, com as audições da excellente banda da guarda republicana, é de molde a isso.

Estou-me lembrando de coisa que li algures e em que se dizia que um mestre de Pericles acreditava tanto na acção moralisadora da musica, que affirmava que para «relaxar ou reformar o costumes d'um povo bastava juntar ou tirar uma corda á lira».—De v. com a maior estima, etc.—*Costa Ferreira.*

CARTAS A PRAXÉDES

Paris de 1917

Um novo estado na Europa — Meias palavras que não bastam — O dito do fim

André Brun que, como hontem dissemos, se encontra de licença na Figueira da Foz, vindo do «front», de onde regressa graduado em major por proposta do commandante em chefe, depois de dez mezes de commando interino do seu batalhão e citado em termos muito elogiosos na ordem da sua brigada, prometteu-nos, ao partir para França em abril de 1917, uma larga collaboração á «Capital». Uma interpretação singular dos regulamentos de censura ingleza vedou-lhe por completo o cumprimento das suas promessas.

Hoje, pondo em ordem as suas notas e papeis, emquanto conclue o seu livro «A malta das trincheiras», que será dado a publico em setembro proximo, encontrou e enviou-nos, a titulo de curiosidade, a primeira das chronicas que escreveu então para estas columnas e que publicamos a seguir:

«Capital do mundo — Domingo 22 de abril — Meu querido amigo: São onze horas da noite, venho descendo o «boulevard» em direcção á Magdalena de regresso d'uma desopilantissima comedia, não se vê um palmo adeante de Paris, está um tempo delicioso, o céu é recamado de estrellas e de aviões de vigilancia e estou pensando em si. Você, meu caro Praxedes, que é ainda descendente do desembargador dos «Peraltas e Sécias», mirando o atlas de geographia do seu Quico e lendo os telegrammas dos seus jornaes, suppõe estar, quando muito, a uma mão travessa da guerra. E, no emtanto, meu velho, como você está longe d'ella, como eu proprio o estava n'aquella tarde em que me fui despedir de si e você me recommendou um capacete de «boche» para fazer um escarrador da sua casa de jantar. Vim colher n'este Paris de 1917 impressões muito diversas das que tivera em 1915 quando aqui me debrucei sobre o coração sangrento d'esta França admiravel. Reconheci, agora, depois da meia duzia de palestras sortidas, que a geographia politica da Europa se alterou. Ha hoje um novo estado além dos que você conhece. O seu territorio tem por linha de fronteira, e para um lado, um traço que muda todos os dias, que os francezes chamam o «front», a que os inglezes entendendo que o que não é d'elles não pertence a ninguem, puzeram o nome de «no man's land» e que o seu Quico, sempre pittoresco na expressão, catalogaria de «Traulitada de cima».

Para o outro lado esse novo estado não tem fronteiras definidas. Começou por ser habitado por belgas e francezes. Apenas estes descascaram o peor, os inglezes vieram installar-se sem precipitações, com methodo e com commodidade e escuso de lhe dizer que já lá temos uma pequena colonia portugueza.

Alguns dos primitivos habitantes muito desejariam que outras colonias ali se viessem installar e isso explica a profusão de discursos, de salvas de artilharia e de bandeirinhas de papel com que hoje, por um radioso dia de sol, a França sempre «coquette» fez um escandaloso namoro aos Estados Unidos da America do Norte.

Esse estado, meu bom Praxedes, tem os seus usos, as suas leis, começa a ter a suas tradições e a affirmar os seus habitos. Tem as suas relações com os paizes visinhos, com elles faz um largo commercio de importação e interessa muito, em todo o sentido da palavra, a essa nova classe da sociedade, que é constituida pelos novos ricos.

Não perderei tempo a dizer-lhe que é muito pouco saudavel o territorio d'esse novo estado, pelo menos na sua fronteira confinante com a Bocholandia. Morre-se lá muito: o que não quer dizer que um pouco atraz, n'uma região mais amena e quasi arcadica, chamada Embuscadia, se não engorde em relativo socego.

Esse novo estado da Europa, você, meu caro Praxedes, apesar de ler sem faltas a sua enfiada diaria de telegrammas, não o conhece, nem pode conhecel-o se não vindo ver com os seus proprios olhos. As pessoas mais intelligentes da nossa terra—e sabe bem que, graças a Deus, não é o que nos falta—estão a cem mil legoas da verdade. Descance, Praxedes. Não se assuste e torne a pôr as lunetas. «On les aura», havemos de vencer, a Allemanha será derrotada—dou-lhe a minha palavra d'honra, Praxedes— mas o que lhe digo é que ha de ser sem que por ali se saiba bem como isso foi. Aquillo que se lhe manda dizer é felizmente a verdade, compõe-se de tantas outras coisas que lhe occultam que, se eu, que aqui estou apenas ha trinta e seis horas, e presumia de soffrivelmente informado, porque sabe quanto o meu coração anda ligado a esta causa, pudesse dar uma saltada á sua casa e ahi cavaquear comsigo uma noite sem a presença entre nós da D. Censura, você, Praxedes, ficaria assombrado e escutar-me-hia com aquelle supremo interesse que lhe inspira o «Rocambole», seu livro predilecto das noites de leitura em familia. Repito-lhe: isto vae bem, vae mesmo muito bem; mas como é differente do que se julga em Portugal. Emfim, eu um dia lh'o contarei pelo meudo e outros ah'o contarão melhor ainda do que eu.

As relações de Paris com o novo estado de que lhe falei e cujo desapparecimento do mappa não lhe posso annunciar para muito breve, são cordealissimas. Os que de lá veem, sendo os unicos estrangeiros que chegam á cidade, são recebidos com enthusiasmo. Os que para lá vão e estão aqui de passagem, como eu, podem colher todos os tres passos um sorriso para pôr na botoeira. A'quelle seu collega do ministerio, boateiro encartado, diga-lhe que mente redondamente quando lhe quer impingir patôas ácerca da nossa colonia. Tratei de me informar d'ella assim que poude e calcula com que carinho. Pois, meu caro Praxedes, tudo vae como nós queremos, sobretudo agora que o sol brilha no firmamento e a temperatura se amenisa. Se o physico é bom, o moral medio não o é menos. Seio de fonte limpa e dentro de algumas horas estarei a caminho de o constatar com estes que a nossa terra ha-de comer, se Deus quizer e o diabo fôr surdo.

Pelo que diz respeito ao pequeno grupo de turistas de que faço parte devo dizer-lhe que, como teem succedido aos grupos anteriores, somos por toda a parte acolhidos em amizade, apenas nos reconhecem. Havia já quem nos distinguisse pelo fato. N'esta barafunda infernal de uniformes, abundam creaturas perspicazes que ao ver-nos passar, exclamam:

—Tiens! Voilà des officiers du Portugal...

E—já agora deixe-me accrescentar—quasi sempre a exclamação se remata com este pequeno reclamo aos alfayates militares da Luzitania:

—Ils sont bien! Ils sont chics!

Escusado será dizer-lhe que então floresce nos nossos labios um sorriso um pouco menos mysterioso do que o da Joconda.

Outros parisienses menos informados não fazem cerimonia e perguntam-nos directa ou indirectamente d'onde somos e a que vimos. Esta tarde subiamos, dois camaradas e este seu amigo, a rua Royale quando entre duas senhoras e um francez de luneta e barba, gente muito distincta, se suscitou uma duvida sobre as nossas nacionalidades. Deixaram-nos passar, ouvimos-se entrecruzados: «Mais oui!... Mais non!...» até que o cavalleiro voltou atraz e perguntou:

—«Pardon, messieurs. Voudriez-vous bien me dire dans quelle armée vous êtes?»

Escuso de lhe traduzir, não é verdade? Elle queria saber a que exercito pertenciamos. Então, Praxedes, perfilado e com um sorriso para as damas, eu respondi-lhe:

—«Monsieur, nous avons l'honneur d'être portugais».

André Brun.

A recita d'amanhã no Trindade

E' ámanhã que no theatro da Trindade se realisa, com a assistencia dos srs. presidente da Republica e do secretario de Estado da guerra, o espectaculo de homenagem aos mutilados da guerra portuguezes, cujo producto liquido reveste em seu beneficio.

Durante o espectaculo, a que assistem tambem mutilados e marinheiros e que será abrilhantado por uma banda regimental, serão recitados versos do sr. Edmundo d'Oliveira pela talentosa actriz Rachel Barros.

Pobres d'"A Capital„

Commemorando o anniversario do fallecimento de uma pessoa muito querida, enviou-nos o anonymo J. M., para distribuirmos por doze das nossas protegidas com creanças, a quantia de 6$00.

Satisfazendo os desejos manifestados pelo generoso anonymo, hoje mesmo nos vamos desempenhar da incumbencia que nos foi commettida e desde já, em nome das contempladas, os nossos agradecimentos.

D. Virginia Quaresma

Para o Porto, onde foi tratar de assumptos respeitantes á *A Capital*, partiu a nossa querida collega e distincta jornalista sr.ª D. Virginia Quaresma.

Possuidora de invulgares dotes de talento e de espirito, d'um primoroso trato, que captiva todos os que d'ella se approximam, Virginia Quaresma vae na capital do norte, onde já conta grande numero de sympathias, ser recebida com a bizarria e a gentileza proverbiaes dos homens do norte e de que ella é, por todos os titulos, merecedora.

"As grandes batalhas"

Vae a Capital *iniciar brevemente a publicação da admiravel obra que o eminente escriptor Julio Dantas escreveu expressamente para o nosso jornal.* As grandes batalhas, *que irão renovar o immenso triumpho da* Patria Portugueza *e do* Amor em Portugal no seculo XVIII, *serão opportunamente annunciadas e hão de constituir, sem duvida, um dos grandes acontecimentos litterarios do anno corrente.*

Ex-tenente Constancio

Subordinado a este titulo, «A Situação» publicou hontem o seguinte:

«Com este titulo publicámos ha dias o seguinte desmentido a certas noticias tendenciosas:

Segundo nos informam, não tem fundamento a noticia de que vae ser reintegrado no exercito o tenente Constancio, envolvido no caso do «complot» de Mafra.

Aquelle ex-official do exercito apresentou-se voluntariamente e vae ser julgado em conselho de guerra como desertor. Isto não significa, porém, que seja reintegrado.

Depois d'isso a O. E. publicou a seguinte portaria:

Hei por bem decretar, sob proposta do secretario de Estado da guerra, que seja augmentado ao effectivo do exercito o tenente de cavallaria Henrique de Castro Constancio, que em 5 do corrente mez se apresentou voluntariamente de deserção, pelo que fica na situação de disponibilidade até entrar no respectivo quadro.

O secretario de Estado da guerra o faça publicar. Paços do governo da Republica, 13 de julho de 1918.—Sidonio Paes, Amilcar de Castro Abreu e Motta.

(«Ordem do Exercito» n.º 14 (2.ª serie) de 20 de julho passado, pag. 700 e 701).

Diversos jornaes consideraram esta portaria como um desmentido ao nosso desmentido. Vamos mostrar que o não é, pois mantemos em tudo o que ha dias dissémos.

O sr. tenente Constancio, chefe da revolta monarchica de Mafra, havia desertado em seguida á mesma revolta, pelo que, «como é de lei», foi abatido ao effectivo do exercito.

Tendo-se ultimamente apresentado ás auctoridades militares, succedeu-lhe o que succede a todos os desertores: foi de novo augmentado ao effectivo do exercito, sendo considerado na disponibilidade até á conclusão do respectivo auto de corpo de delicto e julgamento pelos tribunaes militares. Fez-se unicamente o que mandam os regulamentos militares, que felizmente conhecemos bem.

O facto do referido official ser augmentado ao effectivo até conclusão de uma reintegração, nem como tal póde ser considerado. E' antes um preparativo indispensavel para o julgamento.

Como queriam as pessoas que nos contestam, que se procedesse sem effeito Constancio? Este official apresentara-se. Se a lei manda que seja augmentado ao effectivo até conclusão do julgamento, que havia de fazer o illustre secretario de Estado da guerra?

Bastava lêr com attenção a portaria referida, para se notar que nada ha de extraordinario n'este caso. E já agora diremos que aos srs. Norton de Mattos e Leote do Rego succederá o mesmo assim que se apresentarem. Serão, como o sr. tenente A. Constancio, augmentados ao effectivo do exercito e da armada, ficando na disponibilidade até julgamento pelos tribunaes militares, só sendo reintegrados se estes os absolverem.

A lei assim o determina.»

Não concordamos com a hermeneutica de «A Situação», seja qual fôr a praxe que até hoje se tenha seguido, no caso particular da apresentação e julgamento dos desertores do exercito. E não temos duvida em dizer porquê, com a condição que se abstraia do caso do ex-tenente Constancio e encaremos a questão genericamente, figurando a hypothese no pseudonymo de tenente X... E isto pela simples razão de que a sorte do revoltado de Mafra nos é indifferente, embora nos interesse muito a segurança da Republica e o prestigio das instituições militares. Deixemos, pois, o ex-tenente Constancio e falemos simplesmente do tenente X...

Toda a lei deve ser interpretada pela sua letra e pelo seu espirito, isto é, deve caber conjunctamente na intelligencia e na consciencia de quem a executa. Dizer que a lei manda augmentar ao effectivo do exercito o tenente X... que, como desertor, foi abatido e que continua a ser desertor, até julgamento final absolutorio, é uma interpretação que repugna á intelligencia do mais bronco dos cabos de esquadra. O que é logico, o que cabe na intelligencia do interpretador, é isto: o tenente X... foi abatido ao effectivo do exercito; apresentou-se, continuando a ser desertor e mantendo, portanto, a qualidade militar que o fez irradiar das fileiras; é julgado e, de duas, uma: ou é condemnado ou absolvido; na primeira hypothese, cumpre a pena, já dentro do effectivo do exercito; na segunda, é reintegrado. Mas ser reintegrado no exercito «emquanto não fôr, por sentença judicial, annullada a qualidade de desertor», é uma interpretação arrancada «á forceps» do texto legal, e que repugna á intelligencia. Está, por força, errada.

Agora, outro lado da questão. O tenente X... entrou n'uma revolta militar, já depois de 7 de agosto, estando Portugal virtualmente em guerra e com baixas de officiaes e soldados no com-

po de batalha. Arrastou com elle alguns soldados e gritou—«Viva a monarchia! Abaixo a guerra!...» Vencido, fugiu e foi abatido ao effectivo do exercito, «por deserção». Supponhamos que foi só por deserção... Mas o tenente X... apresentou-se mais tarde, antes da guerra acabada. E, para ser julgado, o ministro da guerra reintegrou-o no exercito.

Isto, agora, não repugna só á intelligencia. E' contrario á consciencia republicana, porque o tenente X... gritou o triumpho da monarchia, e é radicalmente adverso á consciencia patriotica, porque uma das suas reivindicações se revoltoso foi concretisada na exclamação—«Abaixo a guerra!»

Está errada, por força, a hermeneutica de «A Situação». O que se devia ter feito era esperar pelo julgamento final e, segundo o seu resultado, augmentar ao effectivo do exercito o tenente X..., ou como condemnado, para cumprir a pena, ou como reintegrado, em caso de absolvido. Qualquer outra coisa, é sophisma. E grosseiro...

Theatros

Cartaz de hoje

THEATRO NACIONAL—A's 21—«Dama das Camelias».—TRINDADE — A's 21,30—«O gato maltez». — GIMNASIO—A's 21,15 — «Marionettes»—APOLO—A's 21,30 —«A revolta» — EDEN—A's 21,30 —«A trombeta da fama».— POLYTHEAMA — A's 21,30 «Salada russa» — AVENIDA — A's 21,30— «Madame Eva somnambula» — SALÃO FOZ — A's 21 — Variedades e animatographo. — COLYSEU DOS RECREIOS — A's 21,30—«A nova missão de Judex».

Animatographos e concertos—Central, Olympia, Chiado Terrasse, Condes e Salão da Trindade.

AVENIDA—A peça que ante-hontem se representou pela primeira vez no Avenida chama-se em francez «Toison d'or». Tito Martins, nosso collega na tribuna diaria da imprensa, pegou n'ella, fil-a, por assim dizer, de novo e adaptou-a ao meio lisboeta. Conhecedor como poucos, do meio theatral, limou-lhe as arestas e apresentou-nos um trabalho bom, uma peça que, embora um tanto ou quanto fresca, tem graça a valer, sem recorrer á pornographia. Situações bem achadas, personagens do nosso meio bem estudadas, tudo concorre para que «Madame Eva somnambula» mereça ser vista e ouvida.

A companhia que actualmente está no Avenida deu-nos um conjuncto que nos não desagradou. Todos se esforçaram porque o desempenho fôsse bom. A destacar, o trabalho de Silvestre Alegrim, de Alda Aguiar no duplo papel de Clotilde de Castro e de «Madame Eva», o de Sophia Santos no de esposa do juiz, e o de Vasco Sant'Anna. Os restantes, como dizemos, deram um desempenho no geral acceitavel, lembrando-nos ao acaso da memoria. Alice Rodrigues n'um papel de «soubrette» ladina e graciosa, o de Alda Söller, Militina Neves, etc.

Em resumo, «Madame Eva somnambula» é peça para se conservar longo tempo no cartaz.

G. F.

Informações

A «première» no São Luiz, de «Os mineiros», que estava marcada para depois de amanhã, realisar-se-ha no sabbado.

Na segunda-feira, realisa-se no theatro da Rua dos Condes, uma recita para apresentação do Grupo Dramatico Tavares de Mello, ha pouco constituido e que conta elementos valiosissimos, com o fim de contribuir para o sanatorio de tuberculosos pobres que o Grupo dos Makavencos vae fazer construir em Cabeço de Montachique, a que se denominará Sanatorio Albergaria. Promette ser uma festa brilhantissima, estando já vendidos muitos bilhetes.

Réclames

—Foi elogiada por toda a critica a encenação das «Marionettes», a encantadora comedia de Pierre Wolf, com tanto exito em scena no Gymnasio, levando todas as noites ao elegante theatro consecutivas enchentes. As «Marionettes» teem todos os requisitos para agradar: deslumbrante scenario, optimo desempenho, situações engraçadissimas, e a alta lição de moral a maridos pouco zelosos de suas mulheres.

Sopeirinha gentil acerca-se do «cavalla» seu preferido, insinua-se, declara-se e pretende prendel-o logo nas malhas dos seus encantos. Mas o brioso «magala» não vae assim ás primeiras. Resiste, porque, sendo da guarnição, se sente com direito a... mãos patricias. Mas a sopeirinha gentil redobra de artificios e o soldado acaba por se deixar vencer... em pé de guerra. Tal é o namoro que ha mais de 60 noites mantem no palco do Apollo, com pleno applauso do publico, a distinctos artistas Auzenda d'Oliveira e Carlos Leal.

Malas artes...

O contracto Federação-Malhou não passa d'uma mystificação que entrega os lavradores da Federação nas mãos insaciaveis do outro contractante

E' justo confessar-se que o contracto Federação-Malhou é uma obra prima no genero. O que é difficil de conceber é que uma das partes, representada pelos lavradores da Federação, se tivesse deixado ludibriar pelos grosseiros expedientes postos em pratica pelo habilidoso sr. Malhou, o outro contractante. Ora vejamos:

Já dissemos que o principal artificio do contracto reside n'isto: a Federação é obrigada a entregar o vinho á medida que o sr. Malhou lh'o requisitar e sómente na quantidade da requisição; por outro lado o sr. Malhou obriga-se a pagar-lh'o á razão de 40$00 a pipa, seja qual fôr a cotação do mercado, forçosamente maior que aquella quantia, em virtude da valorisação natural da procura.

Isto, como se vê, já não é mau para o sr. Malhou, que tem todas as vantagens, deixando á Federação os duros ossos do negocio, que ella, aliás, vae roendo, parece que muito satisfeita...

Mas o sr. Malhou não se contentou com isto. Arranjou outras clausulas, pelas quaes os lavradores se lhe entregaram, de mãos e pés atados. E essas clausulas são, principalmente, as seguintes:

A clausula 1.ª do contracto diz que **o vinho só será pago na proporção do embarcado;** a alinea a) á clausula 6.ª preceitúa que o sr. Malhou receberá uma amostra do vinho que a Federação lhe vender e, se a approvar, **desembolsará a quarta parte do preço da compra.**

Vê-se a habilidade. O sr. Malhou comprou o vinho que deverá ser egual á amostra previamente entregue e, quando lh'o entregaram, passou ás mãos do vendedor **a quarta parte do preço global da compra.** D'est'arte o sr. Malhou fica proprietario d'uma mercadoria da qual desembolsou apenas a quarta parte do seu valor; sobre ella levanta facilmente as outras tres quartas partes ou, pelo menos, duas quartas partes; com este engenhoso processo o sr. Malhou obtem capital, isto é, paga o vinho com o dinheiro feito sobre o proprio vinho. Chama-se a isto fazer fogo com a polvora alheia!

Effectivamente, o contracto preceitua ainda, na alinea b) da clausula 6.ª que o sr. José Malhou só é obrigado a pagar as outras tres quartas partes do preço da compra do vinho, depois de lhe terem sido entregues os recibos e conhecimentos d'embarque. Toda a gente sabe, por muito leiga que seja em negocios, que com estes documentos se faz facilmente dinheiro. Podem ser descontados n'um estabelecimento de credito. E d'esta forma o sr. José Malhou, **sem immobilisar um centavo, alem da primitiva quarta parte,** vae conduzindo o negocio, nada tendo a perder, tudo tendo a ganhar e explorando assim—cardando, é o termo—os ingenuos lavradores da Federação. E digam lá que o homem não tem talento!...

Mas ainda ha clausula mais mirabolante.

Supponhamos—simples hipothese, que não se realisa, graças á proteção que os poderes publicos continuam a dispensar ao famoso monopolio dos transportes maritimos...—supponhamos que o sr. José Malhou não obtinha praça para o vinho comprado. N'esse caso lá está a clausula 10.ª, que colloca o sr. José Malhou ao abrigo de prejuizos, porque os atira para cima da Federação. Para cima da Federação? perguntará o leitor, admirado. Sim, senhor, para cima dos lavradores. Porque, n'esse caso, o sr. José Malhou poderá rescindir o contracto quanto aos vinhos não embarcados, **devendo ainda ser reembolsado das despezas que porventura já tivesse feito por conta dos vinhos comprados.**

E' evidente que tendo á sua disposição tão engenhosas e emaranhadas clausulas contractuaes, o sr. José Malhou está armado de ponto em branco para jogar quando e como quizer e o lavrador obrigado, pela força das circumstancias, a satisfazer-lhe todos os caprichos e a submetter-se incondicionalmente ás exigencias vorazes da outra parte contractante.

Mas a clausula 9.ª do contracto ainda mais enleiado deixa o lavrador. O socio da Federação é por ella obrigado a enviar, **com a maior brevidade e antecedencia** os vinhos para os armazens do sr. José Malhou. Este lá os prepara e lota como quer e lhe convem. Se acaso o sr. José Malhou lhe convier chicanar o preço devido pela transacção, o lavrador ha-de submetter-se ao que elle quizer, porque não é capaz de ir reconhecer os seus vinhos armazenados pelo sr. Malhou, visto que se encontram desfigurados pelos lotes e preparações industriaes. Como pode elle provar que o vinho já foi para bordo, **condição essencial para o pagamento das tres quartas partes que ainda lhe são devidas pela mercadoria?...** Impossivel! O contracto é, pois, uma mistificação. Mas o primeiro, o contracto do monopolio dos transportes maritimos, esse, é inclassificavel. Porque hesita, então, o governo, em o rescindir ou annular? Pois ella é a unica causa de tantos e tão grandes males, graciosamente arrancados á ingenuidade do sr. Machado Santos pelas *malas artes* do sr. Thiago Salles!...

Atropelamento

Ao hospital de S. José foi curar-se Eugenia Ribeiro, de 8 annos, filha de João Domingos e de Isabel Maria Moreira, que na rua da Palma foi atropellada pelo automovel n.º 2753, de que era «chauffeur» José Ferreira Santos.

Venda de pinhaes

A Companhia das Lezirias do Tejo e Sado recebe propostas no seu escriptorio de Lisboa, para venda de madeira e lenha dos seus pinhaes de Sampra Correia, concelho de Benavente, constantes da relação patente no mesmo escriptorio e nos termos das condições tambem alli existentes.

O córte e transporte será de conta do comprador, podendo a Companhia ceder a sua linha Décauville e prestar outras facilidades, nos termos a combinar.

Victima de desastre

Para o cemiterio da Ajuda sahiu hontem do hospital de S. José o funeral de menor Salvador Pablo, ha dias colhido no Bom Successo.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

EMPREZA AGRICOLA DO PRINCIPE —Sob a presidencia do sr. dr. Manuel Caroça, secretariado pelos srs. dr. Guilherme de Passos Costa Vianna e Fernando de Villhena, realisou-se hoje, pelas 14 horas, a reunião da assembleia geral.

Foram lidos e approvados na generalidade e na especialidade as conclusões do parecer do Conselho Fiscal, relativo ao anno economico findo 1917-1918.

Jardim Zoologico

Valiosos donativos

O Jardim Zoologico recebeu os seguintes donativos:

Da sr.ª D. Gertrudes Almeida Margiochi, 50 escudos em dinheiro; do sr. Luiz de Sommer, um vagon de palha de centeio; do Grupo «Amigos do Jardim Zoologico», um vagon de palha e 584 escudos de cereaes.

Rasgos de generosidade, como estes são dignos do maior louvor e são titulos de benemerencia a quem os pratica, porque redundam em beneficio de uma instituição de verdadeira utilidade publica, como é o Jardim Zoologico, e que n'este momento lucta com graves difficuldades, derivadas do augmento enorme da sua despeza.

Entendemos que o governo deve auxiliar tambem o Jardim Zoologico, como de ha muito o faz a Camara Municipal.

SPORT

Morte do corredor portuguez Armando d'Almeida

Morreu o grande corredor portuguez Armando d'Almeida.

Encontrava-se presentemente internado no hospital do Rego, onde déra entrada apenas ha trez semanas.

Armando d'Almeida contava 23 annos de idade, tendo ganho importantes corridas pedestres representando o Sport Club Cruz da Pedra.

Em 1911 começou a notabilisar-se, tomando parte em quasi todas as corridas.

Foi o vencedor da «Marathona» dos Jogos Olympicos Nacionaes de 1912.

N'esse mesmo anno ganhou o 1.º premio da «Marathona» da Semana Sportiva organisada pelo «Mundo».

Em outubro de 1913, ganhou o 1.º premio de uma prova de 9 kilometros das festas commemorativas do 3.º anniversario da Republica, tendo ganho ainda o 1.º premio da corrida «Grand Prix Progresso» (30 kilometros) além de outras de menor importancia.

Crêmos que presentemente era socio do Sporting Club de Portugal.

A sua familia, ao Sporting Club de Portugal e Sport Club Cruz da Pedra endereçamos os nossos sentimentos pela perda de Armando d'Almeida.

Luiz Campanella

Tambem falleceu ha dias no hospital do Rego o «sportsman» corredor pedestre, fundador do Nacional Club Luiz Campanella.

Ao seu Club e a sua familia os nossos pesames.

União Velocipedica Portugueza

Cyclismo

Realisou-se a corrida de 50 kilometros do districto de Lisboa, classificando-se em 1.º logar o sr. Joaquim Dias Maia e em 2.º o sr. Armando Gonçalves.

A corrida «Circuito da Extremadura» está marcada para o dia 1 de setembro; encontrando-se a inscripção aberta na séde a União, todos os dias uteis das 21 ás 23 horas. Para esta prova ha já grande enthusiasmo esperando-se a inscripção de alguns corredores que se encontram affastados. A commissão technica reune sexta-feira para ultimar os trabalhos dos «contrôles» em Leiria e Thomar.

A direcção do Amora Foot-Ball Club n'uma das suas ultimas reuniões deliberou levar a effeito varias festas sportivas que se realisam nos dias 18 e 19 do corrente, tendo constituido o programma da seguinte forma:

Dia 18, ás 14 horas, desafio de «football» do 2.º «team» do Amora Foot-Ball contra Academia Almeidense; ás 16 horas, desafio do 1.º «team» do Amora Foot-Ball contra Portugal Foot-Ball Club.

Dia 19, Corridas cyclistas, pedestres e desafios de «foot-bal» (finaes).

Estas festas serão abrilhantadas por bandas regimentaes.

Reclamações

Semana d'armas

Sr. redactor sportivo d'«A Capital»—Sendo v. redactor desportivo, e portanto devendo estar ao facto do que se passa no nosso meio, venho fazer-lhe uma pergunta que parece muito simples, mas que na verdade é de difficil resposta. Não havia «in illo tempore» umas provas a que se chamavam semana d'armas? Ou estou eu enganado?

E digo isto porque estando nós em agosto e devendo pelo regulamento, a «Semana d'armas» realisar-se na segunda quinzena de maio, até agora não ha novas nem mandados.

Queira v. elucidar-me a este respeito pelo que desde já agradeço—Um esgrimista.

A sua carta, comquanto venha um pouco em tom de brincadeira, tem alguma coisa de verdade.

A «Semana d'Armas» devia realisar-se em maio, chegando mesmo a ser annunciada pelo Centro de Esgrima. Até agora nada se sabe e a nossa opinião é que as salas d'armas devem dirigir-se ao Centro de Esgrima a saber se aquella collectividade organisa ou não os torneios, para depois essas salas saberem o caminho que devem seguir.

Noticias diversas

Encontra-se entre nós o «sportsman» portuense Armando de Lyz.

—Falla-se com insistencia em que um campeão de box portuguez partirá em breve para o paiz visinho.

—Amanhã fecha a inscripção para a prova de natação «Meia milha», que se realisará no dia 18.

Parece que concorrem á «Travessia do Porto a nado» dois clubs de Lisboa. A inscripção fecha no dia 25 e deverá ser enviada ao Comité Pró-Sport, rua Rodrigues de Freitas, 278 1.º, Porto.

—Na Escola de Natação em Pedrouços «Jangada Avala», começam dentro em breve a receber ensino os alumnos da Escola Officina n.º 1.

—Continúa com enthusiasmo a reorganisação do Velo-Club, contando-se já innumeros socios antigos e modernos.

A. de Campos Junior

A isenção dos medicos

e a sua collocação nos serviços moderados

Ex.mo sr. ministro da guerra. — Attestando a immoral moderada, conheço factos particulares, que não posso, por ver, publicar mas que são verdadeiros, escandalosos como revoltantes. Haverá na classe medica a par da diminuta resistencia phisica, ainda maior incapacidade moral?

Fazer idéa de que uma junta soberana, medica, deve ser constituida, para avaliar de um caso clinico, á semelhança de uma causa judicial de juizes austeros, serenos e imparciaes, é illusão e ingenuidade! O que se passou comigo e deve ser regra quando a porta está fechada, é um monumento.

Na primeira junta da presidencia de s. ex.ª o sr. coronel dr. Salgueiro, em virtude da minha insistencia sobre a pathologia do meu apparelho intestinal ou porque não tivesse provas bastantes para me tornar apto ou isento, teve o escrupulo que sinceramente lhe agradeço e fez justiça de me mandar observar por mais dois collegas drs. Couto Nogueira e Jacobus Patya, cuja opinião está exarada no meu boletim. Entre mim e s. ex.ª houve um incidente sem importancia de que eu ao encontral-o lhe pedi desculpa. E que me disse s. ex.ª? Que o medico illustre ex.mo sr. dr. Pereira de Carvalho lhe lembrára terminar o incidente tornando-me apto com uma «pennada». Dias depois encontrando o ex.mo sr. dr. Marçal da Silva, vogal da mesma junta, á entrada do hospital, fiz-lhe identica pergunta e confirmou-o. Que imparcialidade e criterio!

Por doença, que communiquei, fui posteriormente á junta do ex.mo sr. coronel dr. Barreto.

Que me disse? O serviço tem de ser feito por medicos portuguezes. Assim deve ser.

Mas é justa a generosa isenção da maior parte da avalanche moderada?

O subido criterio de s. ex.as e as suas consciencias o sabem. Não foram os juntas que para essa situação os lançaram?

Não menos edificante é o que se passa na suprema junta de recurso e a que mais interessa.

Entre os coroneis medicos e um tenente-coronel que a compunham estavam os srs. drs. Salgueiro e Barreto.

Pode alguem ser juiz em causa propria?

No primeiro dia, feita a apresentação, fez-me alguem de s. ex.ª, que não posso precisar, duas perguntas:

Do que me queixava (o que para s. ex.ª não seria novidade porque pelo meu boletim por certo o conheciam!) e se tinha mais alguns documentos a juntar. Por deferencia do que me confesso muito grato ao ex.mo sr. dr. Mascarenhas de Mello, meu relator, juntei no dia immediato uma radiographia com attestado, relatorio do medico radiologista ex.mo sr. dr. Feyo e Castro. Por isso fui a seguir radiographado no laboratorio hospitalar e o que s. ex.ª verificaram não sei. Nada ou o contrario. Aguardava-me sem que eu o soubesse ou conhecesse o medico especialista militar sr. dr. Francisco Sela, cuja opinião, identica á do ex.mo sr. dr. Arv dos Santos se lê no meu boletim.

No ultimo dia a minha observação reduziu-se a ficar pelo corredor, sendo s. ex.as menos incommodados. O diagnostico estava feito. Decorrido algum tempo sae a decisão. Justiça me fôra feita!

Ex.mo sr. ministro da guerra:

Porque os medicos especialistas militares e civis me julgam com diminuição de resistencia para serviços de campanha, porque os medicos de clinica geral sanccionam essa opinião, e tambem porque juntamente ha uma radiographia que tem valor clinico, quaes as conclusões logicas a tirar? E' a graduação militar que a s. ex.as dá mais vastos conhecimentos medicos? Com que fundamento aquillo que ao espirito de qualquer pessoa seria axiomatico se torna n'um absurdo?

A minha consciencia está desafrontada e a v. ex.ª peço para todos justiça.—Joaquim Manuel Nunes Saraiva, tenente medico miliciano.

Echos & Noticias

PARTIDAS E CHEGADAS

Partiu para Vidago o sr. dr. Abel Andrade, lente da Universidade de Lisboa e presidente do Supremo Tribunal Administrativo.

—Para a serra da Estrella, onde vae passar uma temporada, parte dentro de amanhã o nosso amigo e distincto professor lyceal sr. dr. D. Thomaz de Noronha.

ULTIMA HORA

A GUERRA

A offensiva dos alliados

A confissão da derrota

PARIS, 14.—A «Gazeta Popular de Colonia» diz:

«Ainda se não vê claramente a extensão da derrota das nossas tropas ao sul do Somme. Comtudo, não se póde contestar que ella nos deu um golpe sensivel, não só no numero de prisioneiros como no dos canhões, que perdemos.—(Correspondente).

Os allemães evacuam as posições avançadas de Beaumont e Hamel

LONDRES, 14.— Communicado britannico d'esta noite:—Deu-se um combate local durante o dia, nos arredores de Parvillers, progredindo as nossas tropas que fizeram alguns prisioneiros. Como consequencia da recente retirada das suas tropas no sector de Hebuterne, o inimigo evacuou as posições avançadas de Beaumont e Hamel, e foi seriamente apertado em Bucquoy. As nossas patrulhas proseguindo em estreito contacto com o inimigo ganharam terreno nas proximidades d'estas aldeias, e fizeram alguns prisioneiros.

Aviação:—O bom tempo permittiu importantes trabalhos serios de bombardeamento. As pontes do Somme, as dos caminhos de ferro, e os entroncamentos teem continuado a ser bombardeados de dia e de noite, desde o principio da offensiva, pondo obstaculos á chegada dos reforços inimigos. Este bombardeamento obriga o inimigo a empregar grossas formações de aviões de combate com o fim de proteger as communicações de importancia vital, mas os esforços combinados dos nossos aviadores quebraram toda a resistencia. Nas ultimas 24 horas, foram lançadas 58 toneladas de bombas sobre aquelles objectivos, sendo 21 de dia e 37 de noite. Os aviões inglezes e americanos fizeram tambem um «raid» a pequena altura sobre os aerodromos inimigos destruindo 6 apparelhos allemães que estavam nos seus hangares, os quaes foram incendiados. Em combate foram abatidos mais 21 e 10 obrigados a aterrar sem governo. Dos nossos faltam 6.—(Havas).

Grande actividade da artilharia

PARIS, 15. — Entre o Avre e o Oise houve durante a noite grande actividade da artilharia. Não deu resultado algum um «raid» tentado pelo inimigo no sector de Les-Marguises, na Champagne.—(Havas).

Bombardeamentos effectuados pelos aviadores inglezes

LONDRES, 14 (official). — Na noite de ante-hontem para hontem, os nossos aviões bombardearam e metralharam o aerodromo, as baterias anti-aereas, os projectores e outros objectivos em Buhl, regressando todos indemnes aos pontos de partida e tendo tambem abatido um apparelho inimigo.—(Havas).

Jorge V assistiu á batalha

PARIS, 14.—O rei Jorge, que acaba de abandonar a frente britannica, chegou ao theatro das operações alguns dias antes da offensiva. Percorreu os campos de batalha, visitou Amiens e Villers-Bretonneux, e collocou numerosas condecorações, especialmente a gran-cruz da ordem do Banho aos generaes Byng e Pluber. Visitou egualmente as tropas americanas e francezas, que felicitou calorosamente, e fez o general Debeney cavalleiro da ordem do Banho. O soberano encontrou-se com os soberanos da Belgica, com o sr. Poincaré, e com os generaes Foch, Petain e Pershing.—(Havas).

Uma homenagem do rei de Inglaterra a sir Douglas Haig

LONDRES, 15.—O rei dirigiu ao general Douglas Haig, no dia 13 do corrente, a seguinte carta:—«Ao principiar este 5.º anno de guerra, tenho o prazer de me encontrar de novo no meio dos meus exercitos. Quando vos escrevi em 30 de março, depois da minha ultima visita, e fazendo allusão á necessidade de abandonar algumas das nossas posições, accentuei a impressão que me tinha causado o esplendido «entrain» das tropas que acabava de vêr. Os acontecimentos posteriores confirmaram plenamente quão bem fundada era esta impressão, porque, desde então, nunca mais enfraqueceu esse «entrain», que nas operações da semana decorrida os conduziram ao triumpho. D'esse feliz resultado vos felicito calorosamente. E' com reconhecimento que verifico que o seu tão elevado estado moral é devido em grande parte á cordeal cooperação com o exercito combatente, das grandes organisações da retaguarda, dos serviços de transportes de terra e mar, e dos grandes industrias, por meio das quaes os homens e as mulheres da metropole manteem os fornecimentos de viveres e material de guerra.»

O rei passa depois em revista os trabalhos dos outros diversos serviços, e termina:—«Sinto que a Gran-Bretanha está possuida de profunda admiração pelos nossos exercitos, e estou convencido de que, de accordo com as nações alliadas, obteremos com a ajuda de Deus, uma paz victoriosa e correspondendo dignamente aos sacrificios feitos, uma paz assegurando á posteridade que os soffrimentos a que tem sido submettido o mundo durante estes annos de guerra implacavel, nunca mais se produzirão.—(Havas).

*

O esforço americano

Troca de telegrammas entre Jorge V e o presidente Wilson

WASHINGTON, 15.—O rei Jorge V, tendo visitado um couraçado americano que se encontra em aguas europeias, enviou ao presidente Wilson, por intermedio de lord Reading, uma mensagem na qual exprime a sua admiração pelo tão efficaz papel das forças navaes [illegible] accrescentando que as excellentes relações entre as esquadras americana e britannica, bem como a unidade dos respectivos objectivos que caracterisa os seus trabalhos, são garantia segura da continuação do exito d'esses trabalhos. O presidente Wilson respondeu assegurando que a cooperação americana com a marinha britannica é orientada no mais completo espirito de cordealidade e traz vantagens cada vez maiores á causa das nações que se associaram contra a Allemanha.—(Havas).

A situação politica

Nota officiosa

Um jornal da manhã noticia que a casa do sr. Machado Santos estava cercada. Informa a policia que tal noticia é destituida de fundamento, sendo egualmente destituido de fundamento o boato de esse official estar preso.

POEIRA DA ARCADA

Concessão de condecorações

O «Diario do Governo» publicou hoje pela secretaria d'Estado da marinha decretos concedendo a 2.ª classe da Ordem Militar de Aviz ao official francez de Mos Lestre, commandante de artilharia na Zona do Sul de l'Aégs, e a 3.ª da Ordem da Torre e Espada, ao official de marinha, commandante do navio patrulha «Asie», Gervais de Lafond, assim como a 3.ª classe da de Aviz ao director do Syndicato dos Empregados de Commercio de Bordeus, dr. Albert Bergand.

Essas condecorações foram concedidas em virtude de serviços prestados á canhoneira «Ibo» e ao vapor de salvação «Patrão Lopes».

O quartel de marinheiros

O secretario interino d'Estado da marinha, acompanhado dos srs. major general da armada e coronel o engenharia Sousa Queiroz, visitou hoje o edificio do antigo quartel de marinheiros e suas dependencias, a fim de se verificar se pode ser adaptado ás diversas installações da secretaria d'Estado da marinha.

O edificio passa novamente a posse do Estado, a instancias, ao que parece, do sr. Carlos da Maia.

Taxas de contribuição de registo

A proposito do caso da publicação do decreto alterando as taxas da contribuição do registo, o sr. Julio Maria Baptista, director geral das contribuições e impostos, foi chamado á presença do secretario interino d'Estado das finanças, a fim de se averiguar a quem cabe a responsabilidade d'essa publicação, feita sem conhecimento do sr. Mendes do Amaral.

Festas associativas

ACADEMIA RECREIO ARTISTICO—Realisa-se hoje n'esta collectividade uma sessão solemne, commemorando o seu 63.º anniversario, para a qual estão convidados os srs. Agostinho Fortes, dr. Carneiro de Moura e Julio Silva, seguindo-se baile e um copo d'agua.

PEQUENAS NOTICIAS

Foi preso José Gomes Ferreira, morador na rua de S. Paulo, 232, por ter aggredido sua mãe com um garfo, fazendo-lhe um ferimento n'um dos olhos, do qual foi receber curativo ao banco do hospital de S. José.

—Foi preso Albano do Carmo Guedes, morador na rua Maria Pia, 265, e empregado na Nova Companhia Nacional de Moagem, accusado de ter ali furtado 200 saccos vasios, no valor de 500 escudos.

CAMBIOS

Lisboa, 15 de agosto de 1918.

	Compra	Venda
Cheque sobre Londres	30 1/4	30
90 d/v.	30 5/8	
Cheque sobre Paris	291	298
» Hollanda	850	880
» Italia	215	225
» New York	1660	1685
» Madrid	410	420
Rio sobre Londres	12 3/8	
Libras ouro	10$50	10$80
Agio do ouro	135 0/0	140 0/0

Excursões e passeios

A Academia Instructiva do Pessoal dos Caminhos de Ferro do Leste e Norte realisa no proximo domingo um «pic-nic» no Parque Silva Porto (matta de Bemfica), sendo a reunião dos seus associados e suas familias pelas 12 horas no mesmo parque.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2399 — 9.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Sexta-feira, 16 de Agosto de 1918 | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço 2 centavos

Estar em guerra

Na França, segundo uma estatistica recente, o custo dos generos mais indispensaveis á vida, augmentou de 132 por cento, e todavia, o povo francez, mostrando uma completa uniformidade de sentimentos em todas as suas classes, continua a bater-se contra o inimigo, que ha quatro annos invadiu uma parte do seu territorio, com a mesma energia, a mesma fé, a mesma tenacidade que desde o primeiro momento o animaram.

Agora mesmo chega noticia de haver desembarcado na Inglaterra um socialista americano de alto prestigio, que junto dos socialistas inglezes vae ser interprete da perfeita communhão nos altos ideaes da campanha contra os Centraes que se nota no operariado americano em relação a todas as outras classes assim como a todos os partidos. O povo norte-americano faz um esforço prodigioso para salvar a causa da democracia universal, e para esse fim não só utilisa todos os seus recursos como está prompto a derramar todo o seu sangue. E todavia, esse povo não é um povo guerreiro, é um povo de trabalho, e no seu paiz existem dez milhões de allemães que elle generosamente acolheu.

Que quer isto dizer, senão que se torna forçoso sobrepôr a todos os interesses egoistas, bem como a todas as paixões de seita ou puramente individuaes, os interesses superiores e sacratissimos da independencia das nações e do futuro da liberdade?

O nosso caso é o caso de todos os paizes alliados. Tambem soffremos todas as consequencias da guerra, mas se os outros paizes se manteem na lucta sem outra preoccupação dominante que não seja a guerra, tambem nós não podemos, não devemos ter outra preoccupação.

Do desfecho da guerra depende a integridade nacional, dependem as nossas liberdades, os nossos direitos. N'uma palavra, depende, positivamente, a nossa vida. Para podermos viver, para assegurar a nossa existencia livre no presente e no futuro, necessario se torna que a ideia da guerra se sobreponha a todas as outras que sollicitem a nossa attenção. Justas que sejam, é preciso que a da guerra as domine, para que a Patria e a liberdade se salvem.

Nem na França nem nos Estados Unidos, por maiores que sejam os problemas de qualquer ordem que n'esses paizes tenham de se resolver, se tem notado até agora qualquer tentativa para perturbar a vida social. Principios antagonicos, interesses incompativeis, paixões irreductiveis, tudo tem sido posto de lado para se fazer a guerra, para se continuar a guerra, sem duvida por espirito de patriotismo, levado ao auge, mas tambem pela reflexão de que tudo o que se fizer antes de se conhecer o desenlace da guerra póde ser edificado sobre a areia. Concluida a guerra, é que se póde saber que principios prevalecem, e que elementos podem existir para dar força a esta ou áquella corrente de opinião, ou para fazer triumphar este ou aquelle genero de reivindicações instantes.

Os dois casos que citamos são de molde a provar que tudo é possivel quando se quer, se essa vontade é norteada pela verdade e pela justiça. São exemplos que se devem levantar deante dos olhos de todos aquelles que porventura, n'uma excitação de momento ou tendo-se deixado possuir de premeditações sombrias, possam esquecer-se de que estamos em guerra, e de que a guerra exige de nós todos os sacrificios, todas as renuncias e todas as dedicações.

Pobres d'«A Capital»

A quantia de 6$00, que, como hontem noticiámos, nos foi enviada pelo anonymo J. M., para ser distribuida por 12 mulheres com creanças, em commemoração do anniversario do fallecimento d'um ente querido, foi assim repartida:

Margarida Seixas, Villa Maria, 11, loja; Eliza Conceição, rua Salgadeiras, 24, 3.º; Palmyra Conceição, Horta das Tripas (Estephania); Sophia Rodrigues, travessa da Bica, 5, loja; Maria Amelia Martins, calçada de Arroyos, 76, loja; Emilia Vieira, Terras do Monte, 15, 1.º; Cora Ferreira, rua Penha de França, 200, 1.º; Ouvenza Mello Mathias, Pateo do Collegio, 7, (Marvilla); Florinda Mello, Pateo Viuva Tavares, (Marvilla); Palmira Fernandes, T. Espera, 49, 1.º; Lucinda de Jesus, T. S. João da Praça, 107, s/loja; Thereza de Jesuz, rua da Barroca, 91, 1.º.

Ao leitor d'A CAPITAL

Depois de lido, enviar este jornal á *Junta Patriotica do Norte* (Paços do Concelho — Porto), a fim d'esta o mandar para os nossos soldados no «front».

A POLITICA

Entrevista com o dr. Antonio Macieira

acerca do manifesto do Partido Republicano Portuguez

O paiz conhece o nosso entrevistado. O dr. Antonio Macieira foi ministro da justiça e dos estrangeiros e presidente da Camara dos Deputados. As suas tendencias liberrimas destacaram-no na politica democratica como um insubmisso. Houve mesmo um instante em que elle se tornou o centro—mais pela força das circumstancias que por vontade propria—de todos os espiritos a quem repugnava a centralisação da orientação politica no arbitrio de um só. N'estas condições, o sr. dr. Antonio Macieira estava naturalmente indicado para ser ouvido acerca do manifesto democratico, recentemente lançado a publico.

O sr. dr. Macieira não se recusou a falar ao publico de «A Capital», antes prazenteiramente e com grande acento de verdade respondeu a algumas perguntas que lhe fizemos. O resumo da palestra constitue, pois, o assumpto d'este artigo.

Como o dr. Antonio Macieira vê os partidos da Republica

—Diga-nos v. ex.ª, por favor, o que pensa dos partidos republicanos...

—A posição politica dos partidos constitucionaes da Republica é a que era ao tempo das eleições mas melhorada. Basta ver como foi recebido o manifesto do Partido Republicano Portuguez. Podem os monarchicos dizer o que quizerem, e quanto mais vociferarem mais nos dão razão. A questão está posta: Monarchia ou Republica.

—De modo que, segundo a sua opinião, os inimigos da Republica...

—...esperavam que o P. R. P. publicasse um manifesto atrabiliario, de desordem. Se o fizesse, de novo a já gasta palavra demagogia resurgiria com exito; como o não fez os monarchicos arrepelam-se. E' que elles sentem que não podo continuar esta farça de uma Republica apoiada em monarchicos. E' que o manifesto annuncia uma politica nova de esforços conjugados, bem republicanos.

—V. Ex.ª collaborou na redacção do manifesto?

—Não intervim na redacção d'esse documento notavel, mas vejo por elle que dos seus pontos de vista alguns se continham na moção que apresentei á reunião dos antigos ministros e parlamentares do meu partido e que nenhuma affirmação d'ella foi por elle contrariada. Não me arrependo de a ter feito publicar; e era então esse o meu dever visto que por motivos imperiosos não assisti a essa reunião. Tornei assim patente, ao menos, o meu pensamento.

A critica do manifesto democratico

—Então a sua opinião, acerca do manifesto, é que...

—No manifesto ha passagens admiraveis, de um alto conceito politico. Esta por exemplo: «O P. R. P. confia nas forças da opinião publica representada pelos partidos constitucionaes do regimen para fazer regressar o paiz á normalidade constitucional sem violencias que só fatalmente surgem avassaladoras quando o poder tiranico e arbitrario as torna inevitaveis e irresistiveis». Eis o que o paiz quere e anceia: normalidade constitucional, intervenção dos republicanos na vida do Estado, liberdade para todos até para os monarchicos que dizem apoiar a Republica para a estrangularem, e ordem que é essencial a todo o progresso.

A revisão constitucional

—Mas para se entrar na normalidade constitucional é necessaria a revisão...

—Certamente. Por isso mesmo no manifesto se considera aberta a revisão constitucional e defende-se claramente o principio da dissolução. E' isto o que se chama uma reivindicação da opinião publica que o P. R. P. comprehendeu elevadamente.

E' justo dizer-se e eu não me tenho cançado de o dizer que a faculdade de dissolução foi excluida na Constituição de 1911 por conselhos do passado. Houve de resto sempre a esperança que ella fosse dispensada, confiando-se que não tardaria a verificar-se o equilibrio e estabilidade dos partidos. Os factos, porém, aconselharam a necessidade da introducção d'essa faculdade na Constituição e já antes do movimento de 5 de dezembro havia dentro do P. R. P. quem a considerasse util.

A questão religiosa

Aberta é tambem «inteiramente» a questão religiosa, mantendo o P. R. P. a sua intransigencia contra o congreganismo, essa chaga que cicatrisou com a revolução de 5 de outubro de 1910 e que parece querer reincidir.

—Entretanto é certo que houve quem denominasse de intangivel a lei da separação...

—E' preciso respeitar nitidamente os principios da lei da Separação do Estado das Egrejas e só por isso ella foi apregoada como intangivel. Eu assim publicamente o disse mais de uma vez, até quando era ministro da justiça, vista a exploração politica que os adversarios da Republica faziam com o termo intangibilidade. Não ha leis intangiveis, muito simplesmente porque não leis perpetuas. Affirmar o contrario seria negar o proprio movimento social. Negar-se-hia o progresso pois é nas leis que elle se espelha, e até o proprio retrocesso que infelizmente não raro se verifica...

Muitas são, aliás, as questões que esperam resolução do regimen republicano. Nenhuma esqueceu o manifesto pois todas enunciou e algumas detalhou.

—Diga-nos a sua opinião sobre algumas, se lhe apraz...

A questão economica e o operariado

—Sem duvida como das capitaes considerou o manifesto a questão economica. Desenvolveu-a tanto como a financeira. Oparo notar a seguinte passagem: «O P. R. P. de accordo com o seu programma partidario affirma a necessidade da intervenção do Estado e dos organismos municipaes no jogo das forças economicas, intensificando a producção e regularisando a distribuição da riqueza no sentido de pôr uma immediata acção reformista, attenuar o conflicto entre as duas cathegorias economicas—capital e trabalho—que tão dolorosa e inutil violencia attinge na hora presente nos paizes que teem descurado o auxilio á sua evolução pacifica e legal».

De facto, é pelo intervencionismo do Estado tanto quanto pelo das camaras municipaes que o problema economico ha-de achar o seu equilibrio. Voltem as camaras municipaes á sua primitiva funcção de progresso local. Constituam-se em termos de exercer essa funcção, pois não é exclusivamente politico o seu fim embora o não descure. Chame-se o trabalho tanto quanto o capital á vida activa da politica economica. Permitta-se a organisação do proletariado para a lucta legal e não se suffoquem as suas iniciativas. Trabalhar é viver e não vivem os que luctam pela vida vendo um inimigo no capital. Mesmo não havendo, que ha, motivos justos para essa politica, o Estado não pode desinteressar-se da razão importante que está em o trabalho representar o maior numero. A livre organisação operaria está necessariamente no ambito de uma democracia. Necessario é sem duvida que o numero não esmague tambem o direito. Basta que o raciocinio entre em acção, considerando que o capital é tão necessario ao trabalho como este áquelle. Por isso o manifesto diz que: «a missão dos governos deve ser a de coordenação das forças economicas organisadas, moderadora dos conflictos, inspirando-se sempre, como é proprio da democracia, nos interesses e direitos do maior numero».

A união dos republicanos para a defeza das Instituições

—Vêmos que v. ex.ª se considera satisfeito com o espirito conciliador que presidiu á redacção do manifesto democratico. Se v. ex.ª nol-o permitte, dêmos por finda esta breve conferencia a fim de ainda hoje poder ser publicado o seu relato.

—Pois não... Deixe-me apenas accrescentar que me abstenho de analisar muitas das passagens d'esse nobre documento. Uma ha na hora actual que acima de todos me encheu de prazer. Vejo por ello que todos os republicanos devem estar satisfeitos, porque n'elle canta sonora a palavra Republica, pela união dos republicanos. E isso me orgulha porque, embora reconheça que são as circumstancias auctoras d'essa obra, posso considerar-me dos primeiros que tentaram essa união e que sempre a apregoaram.

Com estas palavras—onde está synthetisado um grande, um profundo amor á Republica — terminou a exposição do illustre estadista, a quem renovamos os agradecimentos de «A Capital», expressos pelo seu redactor no aperto de mão da despedida.

Escoteiros de Portugal

Para secretario da commissão executiva foi nomeado o sr. Armando Duarte. Foi recebido um telegramma do general Baden Powell, saudando os escoteiros portuguezes.

A secretaria está aberta ás segundas, quartas e sextas-feiras, das 20 e meia ás 23 horas.

"As grandes batalhas"

Vae a Capital iniciar brevemente a publicação da admiravel obra que o eminente escriptor Julio Dantas escreveu expressamente para o nosso jornal. As grandes batalhas, que irão renovar o immenso triumpho da Patria Portugueza e do Amor em Portugal no seculo XVIII, serão opportunamente annunciadas e hão de constituir, sem duvida, um dos grandes acontecimentos litterarios do anno corrente.

BRAZILEIROS ILLUSTRES

Homenagem a Ruy Barbosa

RIO DE JANEIRO, 15.—A companhia franceza do actor Brulé deu hontem uma recita de gala em honra do senador Ruy Barbosa. O theatro estava repleto. Assistiram á recita as altas personalidades da politica brazileira e os ministros e consules de todos os paizes alliados. Ruy Barbosa, no fim do espectaculo, foi cumprimentar o actor Brulé, dando origem a uma grande manifestação de sympathia do publico a todos os artistas da companhia. Os criticos theatraes offereceram hoje um almoço intimo aos actores francezes, que partem ámanhã para S. Paulo.—(Americana).

Tribunaes de arbitros-avindores

Uma remodelação, indicada pela experiencia, que vae ser proposta

De ha muito que se faz sentir no funccionamento dos tribunaes de Arbitros Avindores a necessidade de uma remodelação, que os torne mais conformes com os fins uteis para que foram instituidos; mas, até agora, ainda ninguem tinha pensado em apresentar idéas, pelo menos suggeridas pelas deficiencias notadas, que pudessem ser transformadas em coisa pratica e proficua.

Deixa muitas vezes de haver audiencias, por falta de arbitros-patrões e do juiz, que é sempre um advogado, os quaes, não recebendo remuneração pelo seu trabalho n'esses tribunaes, tendo as occupações de que vivem, não comparecem a essas audiencias, com grave prejuizo para os interessados, sem que das suas faltas lhes sejam exigidas responsabilidades ou sequer explicações.

Essas e outras irregularidades e numerosas deficiencias do regulamento e funcções dos tribunaes em questão, levaram o sr. José Joaquim d'Almeida, antigo reporter do «Diario de Noticias», e arbitro-operario d'aquelles tribunaes, a organisar um projecto que vae ser conhecido e discutido pelos arbitros-patrões e operarios e depois submettido á apreciação do sr. ministro do trabalho, que, certamente elucidado pelas remodelações, que o sr. Almeida poude colligir em tres annos de pratica n'esses tribunaes, transformarão, salvo esta ou aquella modificação, em lei, prompta a ser posta em execução depois das ferias, que se prolongam até outubro.

Por esse projecto criam-se tribunaes de arbitro-avindores em todos os districtos do continente e ilhas adjacentes e nos concelhos em que existiam industrias de certa importancia, devendo em Lisboa e Porto haver um tribunal em cada bairro.

São da competencia d'esse juizo, qualquer que seja o valor da causa, os seguintes assumptos: em geral, todas as controversias sobre a execução de contractos ou convenções de serviços em assumptos industriaes, commerciaes, agricolas ou domesticos, entre patrões, de uma parte, e os seus operarios entre si, incluindo os de qualquer serviço domestico; quando trabalharem para o mesmo patrão, e, em especial, os que disserem respeito a salarios, preços e qualidade de mão de obra, compensações de salario por alteração na qualidade da materia prima fornecida ou pelas modificações do trabalho, indemnisação pelo abandono da fabrica ou pelo licenciamento antes de findo o trabalho ajustado e indemnisação pelo não cumprimento do contracto de aprendisagem.

Os mesmos tribunaes funccionarão obrigatoriamente, como camaras syndicaes, desde que pela auctoridade administrativa, associações de classe ou grupos de operarios ou empregados ou pelo patronato lhes seja dado conhecimento de reclamações ou conflictos, proferindo a sua sentença, que deve ser acceite pelas partes litigantes no prazo de tres dias, depois de ouvidas as partes reclamantes ou reclamadas e as testemunhas necessarias á boa solução da causa. D'essas sentenças não haverá appelação.

Tambem compete aos referidos tribunaes, além da missão conciliadora, vigiar pela execução das leis e regulamentos respeitantes ás industrias; decidir sobre as queixas contra os patrões, seus empregados e operarios; pelo esquecimento dos bons serviços de justiça que entre uns e outros devem existir, levantar autos, enviando ás auctoridades competentes, quando as transgressões revistam gravidade de vulto, que determine intervenção do juizo criminal ou mera acção policial. Para esta fiscalisação, dado os riscos que podem correr, os arbitros terão um diploma especial e ser-lhes-ha permittido o porte de arma.

Aos operarios eleitos para vogaes dos tribunaes de arbitro-avindores ser-lhes-ha abonada, pelo tempo que exercerem o seu mandato, a importancia das collectas industriaes que lhes hajam sido lançadas, não perdendo, por esse facto, o direito aos salarios ou ordenados dos dias perdidos nas funcções de jury.

Quando sejam de empregos particulares, receberão um escudo por cada sessão em que funccionarem.

Os arbitro-patrões terão o desconto de 25 por cento da collecta que lhes fôr lançada e a quantia de 40$00, durante o tempo que exercerem essas funcções, ficando isentos de servirem como jurados n'outros tribunaes.

Nem uns nem outros poderão, sem motivo bem justificado, faltar ás audiencias, sob pena de lei.

O presidente do tribunal terá o ordenado fixo de 20$00 e 2$50 por cada sessão a que presidir.

Os operarios do Estado vencem os ordenados respectivos, no dia da audiencia e os particulares 1$00.

Salvo disposição, que o projecto preceitua, poderá haver recursos das sentenças d'estes tribunaes, quando o valor da causa fôr superior a 60$00, ou fôr apresentada, antes do julgamento, a excepção de incompetencia, sendo livre ás partes reconhecer previamente a competencia do tribunal e sujeitando-se á decisão d'este.

Quando o valor da causa seja omisso no pedido ou quando as partes não estejam de accordo sobre elle, será sempre julgada como questão previa de cuja decisão não haverá recurso.

O julgamento aos recursos das decisões d'estes tribunaes será feito por um jury composto por seis vogaes, presidido pelo presidente do tribunal de 1.ª instancia, sendo, n'este caso, os vogaes escolhidos por pessoas extranhas aos collegios de patrões e operarios effectivos e supplentes—em escrutinio secreto e trez por cada parte.

Os recursos serão decididos á face das provas adquiridas no julgamento de primeira instancia e serão julgados no prazo maximo de quinze dias, depois da primeira decisão. Uma vez confirmada ou annullada a sentença, esta terá immediata força executoria até final do julgamento.

Conforme já estava preceituado a justiça nos tribunaes de arbitros-avindores é gratuita e não são admittidos advogados ou solicitadores. As partes pleitearão pessoalmente e só por excepção, fundamentada em motivos graves e como tal pelo tribunal reconhecidos, os interessados poderão delegar em patrões ou operarios.

A forma de processo é summarissima; os livros do tribunal, as sentenças e quaesquer documentos do tribunal serão isentos de sello; as despezas para as suas installações e exercicio dos tribunaes ficam a cargo dos municipios, sendo consideradas obrigatorias e quando a circumscripção dos mesmos tribunaes comprehender dois ou mais concelhos serão repartidas egualmente entre esses municipios.

Quando se prove a má fé entre os litigantes, poderá o tribunal applicar-lhes a multa de 1$00 a 30$00.

Um carta do sr. Leotte do Rego

Tendo feito n'este jornal a reportagem da vida publica dos grandes emigrados politicos escrevemos, ácerca do sr. Leotte do Rego, o seguinte, em palestra amena com o nosso illustre collega «O Diario Nacional»:

«O sr. Leotte do Rego, e todos os outros emigrados, são pessoas dignissimas, incapazes de praticarem actos indecorosos, para nos servirmos da palavra escripta com muita infelicidade pelo «Diario Nacional». Trabalham no estrangeiro e vivem honestamente do seu trabalho. Tornal-o publico é prestar-lhes a maior homenagem de respeito e admiração.»

E ainda isto:

«O sr. Leotte do Rego ganhou os seus galões pelo estudo e por relevantes serviços prestados á Patria, no continente e nas colonias. As contingencias da politica forçaram-no a emigrar.

Como consequencia do homisio foi dado por desertor. Um dia abrangel-o-ha uma amnistia qualquer e o sr. Leotte do Rego será reintegrado na armada, no posto que ao tempo lhe pertencer. Não é isto que, mais ou menos, tem acontecido com outros officiaes que, aliás, não arriscaram a vida e a posição por amor á Republica? Com mais forte razão ha de vir a dar-se com o sr. Leotte do Rego e com todos os seus companheiros d'armas que, com boa ou má visão politicas, amaram a Republica e por ella se sacrificaram.

Quer isto dizer que a concepção de desertor, na vulgaridade do termo, applicada ao sr. Leotte do Rego, é absurda.

O illustre marinheiro continua a ser o mesmo distincto official que sempre foi. N'estas condições é levar muito longe a paixão politica pretender que elle commette um acto indecoroso usando uma farda, que lhe pertence pelo direito que lhe deram a sua intelligencia e a sua dedicação á Patria commum de republicanos e monarchicos.»

Quem quizer avaliar do estado de espirito do sr. Leotte do Rego basta lêr, agora, o que a nosso respeito elle publica no «Republica», de hoje.

D'esse artigo nós recortamos apenas este trecho:

«O sr. Manuel Guimarães já que por motivos, que é cêdo para apreciar, não quiz arriscar uma só palavra de defeza desde 5 de dezembro, uma só palavra de repulsa contra as violencias, calumnias e torpezas de que esses seus companheiros teem sido victimas por parte dos «herrs» e «vons» da Ukrania occidental, tinha o dever sagrado de ao menos respeitar essas creaturas no seu exilio.»

Basta lêr, outra vez, o que escrevemos ácerca do sr. Leotte do Rego e de outros grandes emigrados politicos, para se avaliar do lamentavel impulsivismo a que o sr. Leotte do Rego não soube resistir, ao escrever a carta publicada no «Republica». Em todo o caso, quando o sr. Leotte do Rego entender que «deixa de ser cedo para apreciar» a nossa acção republicana, será então occasião de voltar a este assumpto.

Navarro da Costa

Depois de dois annos de permanencia entre nós, seguiu para o Rio de Janeiro, com sua familia, o eminente pintor brazileiro sr. Navarro da Costa. A bordo, em romagem, foram levar-lhe, no abraço de despedida, a homenagem da sua estima, da sua admiração, grande numero de artistas, jornalistas e homens de lettras.

Navarro merece bem quantas homenagens lhe dispensem. Subvencionado pelo governo do seu paiz para viver na Italia, onde conquistou o applauso enthusiastico dos mestres da pintura e da critica, podia ter-se fixado ali, na patria harmoniosa da Arte e dos artistas. Em vez d'isso, ou de se installar na França, a moderna terra de Preste Johan para brazileiros e portuguezes, transferiu-se de Italia para Portugal—onde foi o mais lyrico, o mais intenso, o mais emotivo interprete, atravez da sua paleta ardente de tropical, do azul do nosso ceu, do bucolismo da nossa paisagem, da arrogancia do nosso mar. Os seus quadros, pintados em horas de febre e de paixão, destinava-os elle a enternecida propaganda da terra lusitana no Brazil. Mas, expostos aqui e no Porto, como se se viesse mutilado nos pedaços do seu corpo e da sua alma que pretendiam levar-lhe para longe, Portugal adquiriu-lh'os quasi todos. De maneira que reduziu o numero de lettras á vista com que Navarro desejava valorisar-nos no seu paiz—o que não significa a reducção na propaganda que, apezar d'isso, fará de nós, com os bellos quadros de sobresselente, e com a sua palavra colorida de impressionista.

Um grupo de admiradores do pintor illustre pensou em lembrar ao governo portuguez, attendendo aos seus serviços de inter-cambio artistico entre Portugal e Brazil, a necessidade de lhe offerecer, antes da partida, a comenda de S. Thiago. Não ha, porém, essa comenda, ou essa ordem, desde a proclamação do novo regimen.

Pena é que o sr. presidente da Republica, ao restaurar a Torre e Espada e a ordem de Aviz para os feitos militares, não restaurasse a de S. Thiago, de nobre tradição, para os meritos artisticos. Seria agora belamente aproveitada na homenagem a um grande pintor e ao Brazil—ainda ha poucos dias tão sensibilisado pelo rasgo francez que collocou ao peito de Ruy Barbosa, uma das mentalidades supremas da raça latina moderna, a insignia do grande officialato da Legião de Honra.

A nossa posição internacional, segundo a "A Situação,,

Lê-se em «A Situação», de hoje:

«Internacionalmente a situação nunca foi tão boa. Estamos nas melhores relações possiveis com as nações alliadas e neutras, que nos tratam com uma consideração maior do que nunca.

Não é verdade que o governo houvesse declarado no parlamento que os alliados lhe tivessem pedido reforços. Não o podia declarar, porque os alliados nenhuns reforços lhe sollicitaram... antes pelo contrario. A missão de que foi encarregado em Paris e Londres o general sr. Garcia Rosado visa exactamente a que esse «pelo contrario» desappareça».

«A Situação» responde assim a um suelto de «A Opinião», onde se lamenta a precaria posição internacional de Portugal.

E' curioso! dizemos nós agora. Sempre que «A Situação» se propõe explicar a nossa posição internacional, fica tudo mais confuso que d'antes. Sempre obscuridades. D'aqui a pouco é o Legro absoluto!

Officiaes milicianos

A sua promoção e o projecto de lei apresentado no Senado

O alferes miliciano sr. Alberto de Souza envia-nos copia d'uma carta que dirigiu ao sr. conde de Mangualde, a proposito do projecto de lei por este senhor apresentado no Senado.

Não concorda o sr. Alberto de Souza com tal projecto, que entende deve ser modificado de modo a satisfazer as justas aspirações d'aquelles que de ha muito teem direito á promoção e que se veem preteridos. E tomou a liberdade de indicar ao apresentante do projecto os pontos que em seu entender devem ser modificados.

Para bem se comprehenderem as alterações propostas, ser-nos-hia preciso publicar o projecto na integra, o que nos levaria espaço de que não dispomos. Esse, e só esse, o motivo porque o não fazemos.

Daremos, porém, os seguintes trechos da carta alludida:

«Tal como se encontra redigido, sómente viria descontentar, porque lesaria, desde já, na sua promoção e consequentemente no seu futuro militar, todos os officiaes que estão abrangidos por esse projecto de lei, que justamente os distingue e que, ao mesmo tempo, inadvertidamente os molesta, porque muitos já teem direito á promoção, encontrando-se já preteridos, e muitissimos só não tem o minguado exame de equiparação.

Segundo esse projecto de lei, os officiaes a que elle se refere, para serem promovidos, teriam de frequentar ou obter approvação nos cursos da Escola de Guerra, que, em muito pouco, ou nada, difere da Escola de Belem, e isso equivale a dizer que se fizessem immediatamente frequentar a Escola de Guerra ainda teriam de ser preteridos durante mais um anno, o que é d'uma injustiça flagrante e de uma ausencia de gratidão simplesmente unica, que V. Ex.ª não protege, nem alimenta!

Mas ha peor. Actualmente ha muitos officiaes que se encontram mobilisados, alguns com dois annos e mezes de serviço effectivo como alferes, que, estando já preteridos, teriam ainda de esperar que fossem desmobilisados, para poderem frequentar a Escola de Guerra (embora sem utilidade de maior), e finalmente, apoz immenso tempo, virem a alcançar a bem regateada promoção, galões já bem ganhos em Africa e na França em lucta effectiva.

Verifique V. Ex.ª quanto tempo, quantos annos perderiam ainda, e quantas vezes seriam preteridos injustificadamente? A equidade preside a tudo isto sob algum ponto de vista? Decerto V. Ex.ª será o primeiro a descordar do seu proprio projecto de lei que, com leves modificações, facilmente satisfaz».

A favor dos Mutilados

Donativos ao Instituto de Santa Izabel

Innumeros são já os donativos que para os valorosos mutilados da guerra se teem recebido no Instituto Medico-Pedagogico de Santa Izabel, continuando ella a affluir ali, d'um modo que mostra bem o altruismo da raça portugueza.

Quasi se não passa um dia em que se não registem novos offerecimentos. Bem digna é a modelar instituição da sympathia do publico e recommendal-a é ocioso, sabendo-se que tem á sua frente um homem como o dr. Aurelio da Costa Ferreira, o que os mutilados encontram ali mais do que protecção e amparo: um carinho inexcedivel.

O espectaculo de hoje no theatro da Trindade

A actual empreza do theatro da Trindade, como já noticiámos, dedica o seu espectaculo de hoje aos mutilados da guerra, em beneficio dos quaes reverte todo o producto liquido da recita, a que assistem nucleos de mutilados de todos os institutos de Lisboa e um contingente de marinha.

Assistirão tambem os secretarios de Estado da guerra e da marinha, o commandante da policia e o secretario geral do governo civil.

No intervallo do 1.º para o 2.º acto da revista ali em scena, «O gato maltez», a actriz Rachel de Barros recitará a poesia «A nossa gratidão», expressamente escripta pelo nosso camarada de imprensa, sr. Edmundo de Oliveira.

Hoje como hontem...

Salles-Federação-Malhou

O escandaloso contracto, monopolisador dos transportes maritimos, só encontra parallelo no discutido e ainda obscuro caso dos vapores da Furness

O leitor de *A Capital* que tenha seguido a analyse que aqui temos feito á inclassificavel concessão do monopolio dos transportes maritimos do Estado, mantida pelo governo com uma complacencia que se vae approximando de criminosa fraqueza, ha de têr extranhado, com certeza, que não apparecesse ainda na imprensa uma unica contestação ao que escrevemos. Entretanto a explicação é bem simples: arranjado o monopolio, mercê da incondicional amizade que o sr. Machado Santos dedica (ou dedicava) ao sr. Thiago Salles, os felizes e espertissimos concessionarios preferem o silencio, na esperança de que a opinião se fatigue d'uma questão que promette jamais acabar. Podem os jornaes demonstrar que a concessão é immoralissima, representando uma extorsão á collectividade em favor d'um particular. Que importa isso ao sr. José Malhou, ao sr. Thiago Salles, ao proprio sr. Machado Santos?... O sr. Malhou sente-se feliz porque, quantos mais soldados morrem em França, mais esterlinas elle mette na já recheiada «burra» e os seus socios da empreza monopolisadora—que não queremos saber, por emquanto, quem sejam...—vão arrecadando tambem a sua parte, rindo-se, á socapa, dos que morrem pela Patria, e zombando d'esta ingenua Republica, á sombra da qual, graças á impassibilidade governamental, se vão fazendo tantos e tão rendosos negocios. E' por isso que nós bradamos no deserto. O sr. José Malhou—o venturoso novo-rico—importa-se pouco com a opinião publica, dando até todas as demonstrações de que a despreza; e o nosso patriotico governo deixa correr o marfim, que, n'este caso especial, se transforma em ouro correndo caudalosamente para os cofres insaciaveis do sr. Malhou e dos seus amigos. E' esta a tactica. A nossa é, pelo contrario, ir falando, continuar a demonstração do delicto praticado. Não será com a nossa cumplicidade, representado pelo silencio, que continuará o escandaloso monopolio. Pois que estamos n'essas disposições, prosigamos:

A Situação, jornal do sr. presidente da Republica, isto é, por elle directamente inspirado, publicou o seguinte, em 15 do corrente, referente ao negocio do contracto Federação-Malhou:

«Um tal Fernando Carvalho dizia [illegible] de saber o que foi o caso das 33:500 acções, o que foi o contracto Federação-Malhou, o que se tem gasto com a preventiva, e o que foi o caso das sulinas do Porto, e porque se fez o resgate do caminho de ferro de Ambaca.

....

O contracto Federação-Malhou foi obra do sr. Machado Santos, e, segundo declaram os vinicultores, representa um grande serviço prestado á vinicultura.

De resto, nada com elle temos, visto que até já publicámos annuncios atacando-o.»

A Situação passa sobre este caso escandaloso do contracto Federação-Malhou como gato sobre brazas, salvo o devido respeito. Lembra Pilatos a lavar as mãos... E é realmente uma singular forma de defender um acto administrativo da Republica dizer que elle «foi obra do sr. Machado Santos». E' claro que foi obra do sr. Machado Santos e das mais limpas feitas administrativas que este illustre estadista disparou sobre a Nação estarrecida de admirativo espanto.

Mas, crêmos nós e comnosco toda a gente, era, ao tempo como ainda hoje, felizmente, chefe do Estado o sr. Sidonio Paes. Ora, se o sr. Machado Santos fez mal, porque se não resolve o sr. presidente da Republica a corrigir o erro praticado pelo ex-commandante em chefe da columna do Norte, collega do ex-commandante da columna do Sul? Ou o sr. Sidonio Paes tambem lava as mãos?...

Estranha maneira tem *A Situação* de defender o governo! Porque, se por um lado procura desculpar o erro invocando o nome do sr. Machado Santos (ora! quem fez isso foi o Machado Santos... E' acaso preciso accrescentar mais alguma coisa?...) vae insinuando uma coisinha innocente, que pecca por não ser a fiel expressão da verdade dos factos. Assim diz, com muito «aplomb», que, «segundo declaram os vinicultores, o contracto Federação-Malhou representa um grande serviço prestado á vinicultura.»

Não é verdade!

E' menos exacto que os vinicultores tivessem feito ou façam tal affirmação. E' certo que o sr. Malhou, para cohonestar a feliz transacção, arrebanhou meia duzia de amigos a fingirem de grandes vinicultores. A isto respondeu o importante comicio da Regua, onde os lavradores da região se pronunciaram unanimemente contra a concessão do exclusivo dos vapores do Estado a favor d'uma unica entidade. O que lá se reclamou é muito simples e é a unica coisa que cabe dentro da moralidade republicana que *A Situação* se não cança de reclamar: liberdade do commercio e distribuição equitativa e proporcional, por todos os que d'ella necessitarem, da praça dos transportes maritimos. Onde está então o apoio dos vinicultores ao negocio conhecido pela designação contracto **Federação-Malhou e que tanto e tão importante comparsaria está mettendo em scena?...**

Tambem é curiosa a fórma como *A Situação* sacode a agua do capote, declarando que nada tem com o negocio. E' um modo de falar. Nada tem sob o ponto de vista material, como tambem nós. Mas o aspecto moral não lhe pode ser indifferente porque elle vae ferir a Republica, aquella mesma Republica que *A Situação* com tanto brilho por vezes defende. E vae ainda bater em cheio no governo, que mantem um negocio que ninguem sabe ao certo em que consiste, *visto que o contracto privativo dos vapores, arranjado pelo sr. Thiago Salles quando era chefe de gabinete do sr. Machado Santos, continúa fechado a sete chaves, sem ninguem—a não ser os socios do negocio ...—lhe conhecer as clausulas.* Perguntamos á *A Situação*: isto é decente? **Não tem este caso muitos pontos de contacto**—por semelhança—**com o contracto dos navios cedidos á Furness?...** Responda a boa fé de *A Situação*, pondo a verdade na resposta. Ella não deixará de nos dar razão.

Fiquemos hoje por aqui.

Theatros

Cartaz de hoje

THEATRO NACIONAL—A's 21—«Dama das Camelias».—TRINDADE — A's 21,30—«O gato maltez». — GIMNASIO—A's 21,15 — «Marionettes»—APOLO—A's 21,30 —«A revolta»—EDEN—A's 21,30 —«A trombeta da fama».—POLYTHEAMA — A's 21,30 «Salada russa» — AVENIDA — A's 21,30— «Madame Eva somnambula» — SALÃO FOZ — A's 21 — Variedades e animatographo. — COLYSEU DOS RECREIOS — A's 21,30—«A nova missão de Judex».

Animatographos e concertos—Central, Olympia, Chiado Terrasse, Condes e Salão da Trindade.

Nota do dia

O facto de ser bastante longo o artigo sobre a peça «Marionettes», presentemente em scena no Gymnasio, obriga-me a retiral-o d'esta secção para o paginar em folhetim da terceira para a quarta pagina. Como ainda ha meia duzia de pessoas que se interessam por coisas de theatro, ahi fica o aviso.

Alvaro Lima

Réclames

Todas as noites o grande exito da moda é a lindissima comedia «Marionnetes», que leva ao elegante Gymnasio enchentes sobre enchentes. As «Marionettes» repetem-se hoje e sempre, sendo digno de vêr-se o extraordinario trabalho de Brazão, Palmyra Bastos e Carlos Santos em tão espirituosa comedia.

—Se o mysterio é a parte maxima do celebre «film» «A Nova Missão de Judex», o grande successo d'esta epocha, a interpretação e «mise-en-scene», e o engenhoso do enredo não encontram termo de comparação com qualquer outra pellicula. D'aqui as continuas enchentes no Colyseu dos Recreios, onde hoje se estreia o 8.º episodio «As duas captivas» e se repetem os 6.º e 7.º. A'manhã, estreia-se o 9.º, «Os papeis do dr. Hower», em que as scenas imprevistas, os grandes «coups de theatre» commovem o espectador.

—Mais uma noite de enchente deve ser a de hoje no Politeama, com a 76.ª representação da revista «Salada russa», completamente transformada com o quadro «Comes e bebes», dos mais engraçados que se tem feito nos ultimos annos. Tambem os numeros novos lhe vieram dar um magnifico cunho de novidade que tem sido apreciadissimo.

—Menina casadoira quer saber se o seu eleito cumprirá a sagrada promessa que a fez ditosa e a traz inquieta? Rapaz apaixonado quer certificar-se de que é correspondido por aquella que lhe traz a cabeça ás voltas? Estas ou quaesquer outras informações de caracter amoroso, politico, social e economico, historico, geographico, botanico, zoologico se dão quasi de graça no «21.29-Central»—theatro Apollo.

—A nossa conhecida companhia Aura-Chaby que presentemente está trabalhando no Palace Theatre e para a qual a empreza do Loureiro abriu uma assignatura de doze recitas, debutou ali com a peça de Bataille «Blanchette» que obteve um grande successo.

—Clara Della Guardia que está trabalhando no Rio de Janeiro, embora sem um grande successo, fez ali a sua festa artistica com a peça «A Dama das Camelias».

—No Trianon, deve já ter subido á scena, a peça de costumes nacionaes na segunda metade do seculo passado, «No tempo antigo» comedia de Antonio Guimarães.

No Brazil

A' data das ultimas noticias, constava no Rio de Janeiro que Leopoldo Froes estava em negociações para trazer a Lisboa a sua companhia, de que fazem parte Apollonia Pinto, Attila de Moraes, Belmira de Almeida e Eduardo Pereira, artistas queridos do publico carioca.

—A companhia de revistas Antonio de Sousa, está representando a conhecida revista «Tim tim por Tim-tim».

—Como se mede um patrão com o seu operariado se este se ergue ameaçador para reclamar? Que scena vibrante e que embate violento é o d'um recontro d'essa ordem? Sabem-no muitos, mas muitos mais o desconhecem. Ora no «Daniel» de Dicenta, em portuguez traduzido com o titulo de «Os Mineiros» esse conflicto reproduz-se e é vivido com uma verdade e uma justeza de pormenores absolutos.

No extrangeiro

Regressaram a Madrid, os artistas Matil de Jareno e Gregorio Cruzado.

—No Poliorama, de Barcelona, continua obtendo successo a nova obra de Torres e Araujo «Los Herejes».

—No theatro de Mayo, de Buenos Ayres, estreiou-se uma revista de Renovales e Pacheco, musica dos maestros Rivas e Estremera, intitulada «Abajo los solteros».

—No Luna-Park, de Madrid, estreiou-se com grandes applausos, um sainete de Garcia Infesta, musica do maestro Monterde, intitulado «Pasarse de guapo».

—Deve debutar em Valladolid, nos primeiros dias de setembro, a companhia dirigida pelo actor Eugenio Casalo que, presentemente está ensaiando em Madrid.

Desastre no trabalho

Na enfermaria n.º 5 do hospital de S. José deu entrada Joaquim Leal Pinto, de 36 annos, serrador, que na estancia de madeira da rua do Cais do Tojo foi colhido por uma viga de pinho, fracturando a perna direita.

Poeira da arcada

Pela armada

Tomaram hoje posse dos cargos de directores geraes da 3.ª e 4.ª direcções da secretaria d'Estado da marinha, de chefe do estado maior naval e de chefe do commando superior naval, respectivamente, os contra-almirantes srs. Silveira Moreno, Julio Gallis e Canto e Castro e capitão de fragata sr. Vieira da Rocha. Ao acto assistiram muitos officiaes da armada.

Foi assignada hoje uma portaria nomeando o capitão de mar e guerra sr. Pinto Basto para substituir o official da mesma patente sr. Annibal Oliver na direcção dos serviços maritimos do Arsenal de Marinha.

Foi exonerado de chefe da contabilidade da Cordoaria Nacional o capitão-tenente da administração naval sr. Villalobos Vieira, que é substituido pelo capitão de fragata do mesmo quadro sr. Alfredo Macedo.

Sanidade interna

O boletim de sanidade interna relativo á ultima semana informa que se deram em Lisboa 31 casos de febre typhoide e no Porto ainda 13 de typho exhantematico com 4 obitos.

Construcções escolares

Foi auctorisada a entrega das seguintes importancias para construcções escolares dos subsidios concedidos em 1917:

A' camara municipal de Felgueiras, 2 contos para a escola da séde do concelho; á junta de freguezia de Vallongo, concelho de Agueda, 2 contos para a escola de Arrancada; á camara municipal de Oliveira de Azemeis, 500 escudos para a escola da séde do concelho e mais 500 para a de S. Martinho de Gandara.

Ordem do Exercito

A «Ordem do Exercito», 2.ª serie, referida a 31 de julho ultimo, só será distribuida na segunda-feira.

Aguas da Fadagosa

O conselho superior de hygiene deu parecer favoravel á transmissão de licença para exploração da nascente de aguas minero-medicinaes de Fadagosa, concelho de Marvão.

Um fogueiro ferido

Recebeu tratamento no hospital de S. José Manuel Camarral, fogueiro da Companhia dos Caminhos de Ferro, morador no largo de Santos-o-Novo, 26, que na estação de Campolide ficou ferido nos olhos com os estilhaços dos vidros d'uma carruagem.

PEQUENAS NOTICIAS

O sr. Manuel Narciso da Silva, com armazem de couros, cabedaes, papelão e fio de vela na rua de Sá da Bandeira, 195 a 199, Porto, distribuiu pelos seus clientes e amigos um bonito chromo representando o regresso d'um soldado expedicionario.

—Manuel Alves, do logar do Espargas, foi preso por ter furtado a quantia de 141 escudos a José Gomes, do Monte de Caparica.

—A menor de 19 mezes, Edith, filha de Romão Antonio Soeiro, morador no Caminho Debaixo da Penha, 26, recebeu curativo no hospital de S. José, por lhe ter cahido sobre o corpo uma panella com comida quente.

Echos & Noticias

CASAMENTOS

Realisa-se na segunda feira o enlace matrimonial da sr.ª D. Dóra Silvia de Figueiredo, filha do distincto publicista sr. dr. Candido de Figueiredo, com o sr. Ruy Gomes da Costa, alferes de artilharia.

Incorporação de licenceados

A commissão do recenseamento militar do 1.º bairro de Lisboa, faz constar a todos os mancebos licenceados de artilharia 1, em Alcobaça, que ficaram transferidas as suas incorporações para o dia 10 de setembro proximo. Tambem se faz constar aos mesmos mancebos licenceados, que tiverem de se apresentar em Alcobaça, que as guias dos caminhos de ferro são passadas no Districto de Recrutamento n.º 5, Necessidades, sendo apenas estas só entregues por esta commissão, aos mancebos que ainda não tenham as guias m|9 de apresentação.

CAMBIOS

Lisboa, 16 de agosto de 1918.

	Compra	Venda
Cheque sobre Londres	30 1/4	30
90 d/v.	30 5/8	
Cheque sobre Paris	292	298
» Hollanda	850	880
» Italia	215	225
» New York	1660	1680
» Madrid	410	420
Rio sobre Londres	12 3/8	—
Libras ouro	10$50	10$80
Agio do ouro	135 0/0	140 0/0

Cahido d'uma carroça

No banco do hospital de S. José recebeu tratamento Thiago Augusto Ribeiro, carroceiro, morador no pateo do Jacintho, que em Bemfica cahiu da carroça de que era conductor, ficando muito ferido na anca esquerda.

Ultimas noticias

Na estação das Devezas

O que se passou entre passageiros e ferro-viarios

O nosso collega do Porto «Jornal de Noticias» de hontem, hoje chegado a Lisboa, narra do seguinte modo o caso occorrido na estação das Devezas:

«Em virtude da difficuldade que ha em viajar nos comboios da Companhia Portugueza, por ser deficiente o numero de esses comboios, teem-se esboçado conflictos varios, que já hontem attingiram proporções alarmantes.

Assim, na segunda-feira de manhã, em Miramar, quando vinha para o Porto o comboio de Espinho, houve passageiros que, em virtude da agglomeração extraordinaria, partiram os vidros de algumas carruagens e tentaram praticar mais graves prejuizos, evitando esse facto o haver-se posto o comboio em marcha quasi inesperadamente.

Ante-hontem, quando seguia tambem para Espinho o comboio que sahe de S. Bento ás 5,20, nas Devezas mandaram retirar duas carruagens, como havia acontecido ha dias.

Varios passageiros oppuzeram-se e procuraram impedir que o respectivo empregado desligasse essas carruagens.

Como elle tratasse mal os passageiros, estes cahiram-lhe em cima e aggrediram-no.

Outros empregados que acudiram foram tambem esmurrados.

Estabeleceu-se grande borborinho, attingindo taes proporções que alguns dos proprios empregados chegaram a apedrejar as carruagens.

A força da guarda republicana ali destacada cudiu para apaziguar os animos. Mas só o chefe da estação conseguiu pôr termo ao conflicto, ordenando que as duas carruagens seguissem ao seu destino.

Em virtude do que acabamos de relatar, os empregados da estação das Devezas procuraram desforçar-se, preparando um assalto ao mesmo comboio, que de S. Bento sahia hontem de tarde. E assim, quando esse comboio ia a entrar nas agulhas, de todos os lados surgiram homens armados de pedras, ferros, trancas e varapaus, e, emquanto dois desligavam o freio automatico, os outros subiram ás carruagens e aggrediram a torto e a direito toda a gente, escolhendo de preferencia os que levavam chapéu de palha.

A aggressão foi tão brutal que não escaparam velhos, mulheres e creanças.

Foram muitas as pessoas feridas, entre ellas o empregado commercial Armando Ramos Pereira, de 21 annos, morador na Avenida Serpa Pinto, Espinho, que recebeu dois ferimentos na cabeça e ficou muito contuso nos braços; Guilherme Bramão, empregado na casa bancaria Pinto da Fonseca, d'esta cidade e morador no hotel da Granja, que ficou muito ferido na cabeça.

Não satisfeitos, os ferro-viarios prenderam os dois e entregaram-nos ao chefe da estação, que os mandou com o respectivo auto para a administração do concelho.

Depois d'estes acontecimentos, que causaram profunda indignação, o comboio seguiu finalmente viagem, sendo da Granja expedido para o sr. governador civil o seguinte telegramma:

«GRANJA, 14, ás 18-45—Hoje, o comboio «tramway» sahido de Campanhã ás 17,30 foi assaltado na estação de Gaia por mais de 100 ferro-viarios, armados de pedras, ferros, trancas e varapaus, que aggrediram os passageiros, deixando alguns gravemente feridos.

O chefe da estação consentiu nas aggressões.

O pessoal fez parar duas vezes o comboio, cortando os pneumaticos. Pedem-se providencias, receando-se novas e promettidas aggressões.

(aa) Juiz Campos Paiva, dr. Luiz Patricio, dr. Americo Claro, tenente Novaes e Silva, José Augusto Ribeiro, vice-consul do Brazil».

Foram dirigidos telegrammas de egual theor aos srs. secretario do interior e director geral da Companhia de Caminhos de Ferro Portuguezes.

Estes telegrammas continham além de aquellas mais as seguintes assignaturas: Miguel Antonio Vaz, Alcibiades de Barros, Ignacio de Sousa, Antonio de Sousa, Manuel Granjo, José Pinto do Couto, Ramiro Mourão, Jorge Viterbo Ferreira, dr. Eduardo Machado, Homero Couto, Antonio Valeriano Motta.

Logo que recebeu o telegramma a que nos referimos, o sr. governador civil telephonou immediatamente para Gaia, informando-se do que se passava e mandou pôr em liberdade os dois presos. Seguidamente ordenou á policia que averiguasse quaes eram os responsaveis, para serem devidamente castigados.

Por esse motivo, seguiu para as Devezas, de automovel, o sr. inspector de segurança, capitão Solari Alegro, com cinco guardas armados de carabina, resultando das suas diligencias informações importantes para apuramento de responsabilidades».

*

As informações que em Lisboa pudemos hoje colher são as seguintes:

Estão tomadas as necessarias providencias no sentido de evitar que tenham recrudescencia os lamentaveis acontecimentos que se deram. O governo aguarda o resultado do inquerito a que o sr. governador civil do Porto está procedendo, ácerca das responsabilidades que possam caber aos ferro-viarios que estão detidos e no sentido de averiguar se ha mais alguem compromettido no assumpto. As estações do Aveiro ao Porto estão devidamente guardadas por forças militares. O serviço continua paralysado n'essas estações.

Os passageiros, malas e mercadorias que seguem de Lisboa para a capital do norte e pontos entre esta cidade e a de Aveiro, permanecem n'esta ultima ou seguem o seu destino, servindo-se de outros meios de transporte.

Hoje, não houve alguns comboios, entre elles o que traz o correio. Em Alfarellos organisou-se um comboio especial, que chegou ás 9,30 á estação do Rocio, que trouxe apenas 8 malas de correspondencia e poucos passageiros.

Na reunião convocada para hoje, ás 21 horas, o Syndicato Ferro-Viario occupar-se-ha do assumpto.

A GUERRA

Diario da guerra

Nota-se uma pausa nas operações militares. Parece que na Flandres os allemães preparam uma nova offensiva, porque se nota uma grande actividade exploradora entre o Yser e o Scarpa.

Na margem sul do Vesle os allemães tentam atacar. A actividade aerea da parte dos alliados tem sido consideravel, sendo despejadas algumas toneladas de explosivos nas cidades das margens do Rheno.

Os allemães, vendo-se em perigo de ser batidos, apreciando a gravidade da situação, teem naturalmente tratado de reorganisar as suas unidades e reunir as suas reservas nas proximidades do campo de batalha, para intervir com opportunidade na defeza da linha Roye-Chaulnes, antes que os alliados tirem todo o partido do seu exito inicial. A surpreza do ataque dos alliados, a intelligente conducta das tropas, a desvantajosa situação de uma linha que se vê ameaçada de flanco, hão-de ter levado os allemães a recorrer a meios de defeza extremos, porque comprehendem o perigo que resultará da perda do valle do Somme.

Ter-se-ha já produzido um equilibrio de forças? Não é provavel. Todavia Foch não desejará avançar ao acaso e sobretudo quando encontre uma resistencia tenaz da parte do inimigo.

Este viu-se forçado a ceder terreno em uma retirada imposta, não tanto pela dura acção, como pelo talento militar do novo marechal de França.

Os alliados hão de chegar a obter a superioridade numerica e material, com o concurso da America.

Na execução dos ultimos combates os alliados puzeram em acção um invento novo: os carros ligeiros de assalto. São uma reducção, em miniatura dos «tanks» cujo peso e volume os tornavam uma boa presa para a artilharia. Resolve-se assim o problema da artilharia de acompanhamento da infantaria e quando reunidos, fornecem baterias volantes, grupos automoveis de immenso valor no ataque.

*

A offensiva dos alliados

Os francezes progridem entre Matz e o Oise

PARIS, 15. — Communicado official:

Conseguimos, graças a uma operação local, progredir durante o dia no massiço florestal entre o Matz e o Oise, e apoderarmos-nos, a noroeste de Ribecourt, das herdades de Attiche Monolitho, que foram energicamente defendidas pelo inimigo, fazendo alguns prisioneiros.

Nenhum acontecimento importante a assignalar no resto da linha de batalha.—(Havas).

Povoações que cahem em poder dos inglezes

LONDRES, 15.— Communicado britannico d'esta noite:—Uma feliz operação, executada hoje á direita da linha de batalha, permittiu que as tropas canadianas progredissem nas visinhanças de Damery e Parvillers, apoderando-se d'estas duas localidades. Avançámos ligeiramente as nossas linhas ao sul e a leste de Proyart, fazendo prisioneiros durante estas operações.

De dia, as nossas patrulhas mantiveram estreito contacto com o inimigo, dando-se combates locaes em varios pontos. Além d'isso as nossas patrulhas estiveram activas durante todo o dia no sector de Vieux-Berquin, realisando novos progressos a sudoeste d'esta aldeia e fazendo alguns prisioneiros. Realisámos um «raid» a noroeste do Loyon, infligindo perdas ao inimigo e tomando 2 metralhadoras. A artilharia inimiga mostrou-se activa na frente de Kemmel a Ypres.—(Havas).

Na linha de batalha de Montdidier a Albert o numero de prisioneiros desde o dia 8 passa de 30.000

LONDRES, 15.— Communicado official britannico:—Na noite passada deu-se um vivo combate em Rainecourt, que terminou com vantagem para nós, pois avançámos ligeiramente a nossa linha n'esta região. As nossas patrulhas apoderaram-se d'um posto inimigo ao norte de Albert, tomando uma metralhadora. Durante a noite, entre Albert e Ayette, as nossas patrulhas mostraram-se activas, estando sempre em contacto com o inimigo. As nossas tropas realisaram novos progressos em diversos pontos da linha de batalha, fazendo muitos prisioneiros e tomando algumas metralhadoras.

Na noite passada, repellimos patrulhas inimigas a sudoeste do Arras e nas immediações do Merville. A artilharia inimiga esteve activa a leste de Robec e Cherpenberg. O total dos prisioneiros feitos pelo 4.º exercito britannico desde a manhã do dia 8 do corrente, eleva-se, actualmente, a 21.844, tendo o 1.º exercito francez capturado durante o mesmo periodo 8.500, o que eleva a 30.344, o numero dos prisioneiros feitos pelos exercitos alliados na linha de batalha de Montdidier a Albert.—(Havas).

*

Operações no Oriente

PARIS, 15.—Exercito do Oriente, em 14:

Lucta de artilharia, de mediana intensidade, em toda a linha de batalha.

A oeste de Porccani o inimigo tentou um novo ataque, mas foi repellido.

A aviação britannica bombardeou os bivaques inimigos ao norte de Gevegulli.—(Havas).

*

Emprestimos de guerra

O nacional inglez eleva-se a 1.000 milhões de libras esterlinas

LONDRES, 15. — A subscripção dos «bens» do emprestimo nacional de guerra attinge, hoje, a prodigiosa cifra de mil milhões de libras esterlinas. Nunca, em nenhum paiz, as subscripções para qualquer emprestimo attingiram semelhante importancia em dinheiro para despezas do Estado. O emprestimo de guerra de 1917 produzindo 948 milhões e 450 mil libras esterlinas, constituia, até agora, o «record» mundial das subscripções de «bens nacionaes; mas hoje, esse «record» passou para mais de 30 milhões. O facto é tanto mais notavel quanto é certo que este magnifico resultado foi attingido por meio de entradas de dinheiro semanaes, continuas e regulares, não exigindo grandes transferencias de capital, inevitaveis quando se emprestam rapidamente centenas de milhões, e evitando-se a deslocação de numerario e circulação e, portanto, a sua possivel influencia nos cambios.—(Havas).

*

Os alliados na Russia

Como a aprecia a revista «New Europe»

LONDRES, 15.—A revista semanal «New Europe» publica um artigo do gioso intitulado: «O começo d'uma nova era em Portugal», no qual se contém as seguintes passagens: «A revolução de Dezembro ultimo em Lisboa abriu uma nova era na historia de Portugal e será muito favoravelmente acolhida por todos os que amam a democracia, por todos os que conhecem Portugal e sympathisam com o mais antigo dos nossos alliados. O novo regimen, de que é presidente o sr. Sidonio Paes é favoravelmente acolhido por todas as classes do povo: exercito, camponezes, proprietarios, lavradores, clero, commerciantes, professores, todos saudam com enthusiastica alegria o governo que apoia inteiramente os alliados, nacionalisa a republica, purifica a sua politica, e fortalece as correntes de sympathia entre os povos portuguez e britannico.»—(Havas).

*

Politica portugueza

Na defeza de Baku cooperaram os inglezes

LONDRES, 15.—A Agencia Reuter recebeu um telegramma communicando que um destacamento britannico avançou de Bagdad até ao mar Caspio, e seguindo depois n'um vapor até Bakou, onde contribuiu para a defesa da praça.—(Havas).

*

Nas linhas italianas

Actividade da artilharia, pequenos acções locaes

ROMA, 15.—Commando supremo.—Na região de Tonale continuou a actividade contrabatente, viva, desde hontem pela manhã e normal durante o dia. No sector de Lagarina as nossas patrulhas exploradoras repelliram destacamentos inimigos. No Piave, quando um destacamento de «balsaglieri» passava pela margem occidental do rio, surprehendeu-o a guarnição de uma ilhota que o inimigo conservava a sudoeste de Grave di Papadopoli, occupando a ilhota, pondo em fuga a guarnição e repellindo os esforços que acudiram a contra-atacal-os, fazendo 36 prisioneiros e tomando uma metralhadora. Os nossos aeroplanos e os dos alliados, durante o dia, e os nossos aviões durante a noite bombardearam objectivos militares nas linhas de communicação inimiga. Foram abatidos um aeroplano e um balão captivo.—(Havas).

*

De todo o mundo

Morre um amigo da «Entente»

PARIS, 15.—O «Temps» noticia a morte do «caid» marroquino Mudun Glaoni, amigo da causa da «Entente».—(Havas).

O processo Caillaux

PARIS, 15.—Segundo diz o «Temps», chegou-se ao fim do processo Caillaux e parece assente que o sr. Caillaux comparecerá perante o Senado, constituido em supremo tribunal de justiça.—(Havas).

A distribuição do azeite

Nota officiosa

Tendo havido uma reunião de negociantes (armazenistas) de azeites, presidida pelo novo director dos abastecimentos, apurou-se que os mesmos não dispunham n'esta occasião do material necessario para fazerem o abastecimento de azeite de Lisboa a não ser a Companhia União Fabril, em vista do que o governo resolveu fazer as compras necessarias directamente e a distribuição pelos retalhistas, visto que a União Fabril pediu para ser dispensada de intervir directamente em vista dos outros armazenistas não estarem habilitados a fazel-o, tendo á disposição do governo os seus armazens, cascos, bilhas, etc.

Tambem a firma Levy & C.ª poz á disposição do governo os seus armazens e Theotonio Pereira & C.ª 150 cascos vasios, o que tudo foi acceite, indo ser requisitados aos restantes negociantes os seus armazens o material disponivel para se fazer immediatamente ao preço da lei o abastecimento de Lisboa e das localidades onde ha falta d'este genero.

THEATRO GYMNASIO

"Marionettes,,

4 actos de Pierre Wolf, traducção de Mello Barreto

A peça de Pierre Wolf, que na Comédie-Française fez um grande successo e que, primitivamente se pensou em montar no theatro Nacional e agora subiu á scena no theatro do Gymnasio n'uma traducção de Mello Barreto, é bem uma obra franceza. O que ella vale como technica, os seus defeitos e o que tem de brilhante, está, a meu vêr, relatado com uma proficiencia modelar, na critica que então lhe fez, Adolphe Brisson, inserta no seu sexto volume de «Le Théâtre», publicado em 1911. E é tão completa essa chronica, tão bem detalhada a sua analyse que me não posso furtar ao desejo de a traduzir e de a dar, na integra, aos meus leitores.

Diz Adolphe Brisson:

«O espectador francez aprecia em alto grau o espirito e a sensibilidade, aprecia-as isoladamente; gosa-as ainda mais quando formam conjuncto e foi isso exactamente o que sobre tudo lhe agradou nas «Marionettes».

Creio que se experimenta um interesse menos vivo pelo fundamento da obra que pelos seus detalhes, pela aventura das personagens que pelas circumstancias da sua crise passional. Um marido que aborrece a esposa, trahe-a, tortura-a e sob o espirito do ciume, congraça-se: nada mais banal que tal assumpto e nada mais interessante, segundo o espirito de observação e de verdade que n'elle se encerra... N'este ponto, chegamos ao defeito da obra... O que n'ella existe menos apreciavel, é o essencial; o que tem de excellente são as particularidades. Absorvido pela miragem que dá causa a que, desde que um auctor escreva para a Comedia, céda ao desejo de elevar a intensidade, M. Wolff modelou na violencia as suas figuras principaes. Julgando imprimir-lhes mais força, endureceu-as, torceu-as; porém, a vida que não soube imprimir-lhes, derramou-a em torno d'ellas. E então ahi, o seu conhecimento do espirito humano, a sua experiencia do amor, a sua natural lucidez, o seu engenho e a sua subtileza, serviram-n'o. Desconcertou o publico pela pintura dos sentimentos excessivos, insufficientemente definidos; conseguiu encantal-o por tudo quanto esta artificial —«grande peça»— contem de fino, de delicado, algumas vezes de profundo...

A sympathia e a estima, concedidas a um bello talento que nem sempre sabe o que visa, um pouco de mal estar, muito prazer: eis aqui, summariamente definida, segundo minha opinião, a impressão que desperta no espirito do auditor imparcial, a representação das «Marionettes».

O primeiro acto é delicioso; mais ainda, emana d'elle uma sensação de realidade demasiado rara em theatro. Os caracteres revelam-se n'elle, nitidamente desenhados, envolvidos em uma atmosphera quente e viva.

O marquez Roger de Monclars, deixou momentaneamente, por conveniencia, a sua amante, Madame de Jussy; mas esta tornará a conquistal-o, sem esforço, visto elle detestar sua joven esposa. Este casamento realisou-se contra sua vontade, sob a pressão d'uma necessidade imperiosa. Tinha dividas; sua mãe liquidou-as, exigindo por sua vez, que elle despozasse uma joven visinha do campo, Fernanda ...Roger inclinou-se deante da tirania maternal; mas logo depois executou a recommendação: em quem não quiz ver senão uma provinciana, seca, timida, [illegible] apenas estonteada [illegible]. E' rico pela riqueza d'ella; ella é nobre pelo titulo d'elle. Ora ella adora Fernanda; ella ama-o sinceramente, perdidamente; o impulso do seu coração ardente e ingenuo eleva-se até elle que a repelle, a quem uma repulsa invencivel fecha os olhos á evidencia. Scenas muito habilmente graduadas precisam esse mal entendido fundamental, põem em relevo as disposições reciprocas dos esposos.

Vêeram installar-se em Paris; o tio de Fernanda, ou antes, seu pae adoptivo, o venerando e bom M. Ferney, aloja-os sob o seu tecto, testemunha desolada d'um desaccordo, tanto mais penoso quanto elle é mudo. Roberto, posto que bastante brutal, (assim o veremos constantemente) não maltrata positivamente a sua legitima companheira; provoca-lhe ennuos, affasta-a e testemunha-lhe uma frieza que é a forma mais mortificante do desprezo. Grosseiramente fatuo, tem o habito de deixar-se amar, não crê nos sentimentos do amor que jámais experimentou. Ostenta orgulhosamente perante o seu velho amigo Nizerolles (que, pelo contrario, soffre com uma especie de volupia o jugo feminino) a sua placidez.

—Ignoro o que seja o ciume; as mulheres são creaturas frivolas, inconscientes. Você, Nizerolles, adora-as, serve-lhes de distracção, diverte-as. A mim, divertem-me.

Tardo ou cedo, tal soberba será abatida e castigada. Entretanto, Roberto, conserva Fernanda a distancia; em tudo mostra ser o chefe e senhor; dá-lhe ordens n'um tom inexoravelmente cortez; dá-lhe parte da intenção em que está de uma proxima partida para o Sul (e perguntamos a nós proprios que razões o determinam a procurar um colloquio sobre esta fuga conjugal que deve ser-lhe odiosa). Humilha-a, olha com desdade, quasi com desgosto, os seus vestidos elegantes, os seus cabellos de India penteados sem graça, o seu rosto sem expressão, as suas palpebras cerradas... Mademoiselle Piierat reproduz perfeitamente este aspecto constrangido e burguez da personagem, caracterisa-o ás mil maravilhas, exprime-o totalmente no phisico e no moral, indicando por uma forma sobria e commovedora as tristezas, as coleras, as revoltas que se chocam sob a pallidez da sua fronte placida.

Por fim, ellas manifestam-se... E os segredos d'esta pequena alma magoada são-n'os revelados. Fernanda dirige a seu marido supplicas tocantes, capazes de fazerem enternecer uma rocha. Elle responde-lhe com uma dureza inconcebivel, quasi incompativel com a cortezia e totalmente contraria á galanteria que deve esperar-se d'um espirito superior, da sua cathegoria social e da sua educação. Em summa, é feroz.

«Pretendeis ter-me amado. Palavras e nada mais!...»

Que sabe elle, e sobre que se funda para accusar Fernanda d'uma indigna hypocrisia? Ella não renuncia a reconcilial-o; supporta com humildade os seus ultrajes: «Supplico-vos um esforço, que me não considereis uma inimiga...» Esbarra, porém, com uma recusa mortificante. «Vi claro no vosso jogo, diz elle; quizestes ser Marqueza de Monclars. Nada mais me exijaes. Preveni-vos de que me serieis estranha; procedi lealmente. Um homem como eu, não se liga com uma mulher como vós». Decididamente, este marquez, não tem educação alguma. A enormidade da sua má vontade excede a paciencia de Fernanda. Por muito resignada que ella esteja a tudo tolerar, não pode conter-se. Trocam-se palavras irreparaveis. A joven mulher soluça nos braços do tio Ferney, que tenta, em vão, consolal-a.

Inesperadamente, ella recobra a sua energia; o seu orgulho renasce, uma sêde ardente de represalias a anima.

—Pois bem, tambem eu vou tratar de ser feliz!»

Termina o acto com este grito de esperança, com esta explosão de dôr e de amargura, grito que attesta uma maestria que, até então o talento de M. Wolff não tinha revelado, porque, não sómente é rapido e claro como tambem é humano, de alguma maneira impregnado de emoção interior. A implacavel destreza do dramaturgo não se faz sentir demasiado n'esta phrase. Encerra o minimo de artificio indispensavel ao seguimento da acção. Evidentemente, aqui e ali, o auctor tem recursos para situações de menor interesse; quando, por exemplo, Fernanda faz a um amigo de seu marido, Vareine, confidencias romanescas e lhe relata a inclinação infantil que uma das suas collegas de convento tinha por elle, presentimos que ella não affasta por completo esse mancebo e que a confiança instinctiva que os approxima se tornará um dos fundamentos do drama. No emtanto, taes processos são legitimos; o velho codigo eterno da arte dramatica auctorisa-os e prescreve até o seu emprego. E' necessario que o «nexo» e o «desfecho» sejam preparados. Assim como não é possivel construir-se um monumento sem alicerces, assim uma boa peça necessita uma exposição nitida e solida. Todo este começo das «Marionettes» é notavel. Se a ultima parte da obra tivesse correspondido inteiramente ás premissas, seria esta «uma bella obra».

A partir do 2.º acto, começa a peça a desviar-se para as combinações facticias d'acontecimentos e de sentimentos. Este acto scintilante, deslumbrante, construido com uma prestigiosa virtuosidade e que se evola n'um turbilhão de ruido, de alegria e de luz, não é, psycologicamente, d'uma verdade irreprehensivel. Ahi, tornamos a encontrar os nossos personagens completamente transformados e a precipitação da sua evolução causa-nos certa inquietação...

O scenario representa os salões de Nizerolles animados pelo brilho d'uma festa mundana.

(Nada mais avesso de reproduzir que o aspecto movediço e disperso d'um baile com o seu desfile de silhuetas fugitivas e ligeiras, que se tornam geladas ao experimentar-se fixal-as: nada mais pezado do que o espectaculo de pessoas que se divertem. A verve de M. Wolff triumphou d'esta difficuldade, e realisou este «tour de force»).

Roger, definitivamente liberto dos laços conjugaes, vae juntar-se na Suissa a Madame de Jussy. Regressando, depois de um mez d'ausencia tem a audacia de bater á porta de Fernanda, que, justamente offendida, recusa recebel-o... Não podendo apresentar-se com sua mulher em casa de Nizerolles, ahi se mostra ufano com a sua amante. Elle, sempre o mesmo, enfatuado, arrogante, não tendo nem pezares nem remorsos pelos soffrimentos que causou, gozando serenamente a sua liberdade. Uma apparição subita o deixa estupefacto: vê entrar Fernanda, mas não a Fernanda que elle abandonou; uma nova Fernanda, transformada, uma Fernanda miraculosamente embellezada, vestida sumptuosamente, temerariamente decotada, uma Fernanda ousada, provocadora, arrogante, «flirteuse».

Como se produziu em alguns dias uma tão prodigiosa transfiguração na pequena provinciana?—Elle não o comprehende—e nós compartilhamos do seu espanto... Recordamo-nos, é certo, da phrase que ella pronunciou: «Pois tambem quero ser feliz». Ella parte para a conquista da felicidade. Todavia, essa transformação é bem rapida. Nós desejariamos descobrir n'ella um vislumbre d'embaraço de «gaucherie»... Mas nada... Ella approxima-se de M.me de Jussy, acolhe sorridente a sua mordaz urbanidade e responde com a desenvoltura de Célimène. Anima as declarações do joven Vareine seu fervoroso adorador. Mostra-se commovida e, todavia, nós percebemos que essa commoção não é mais do que um jogo e que ella procura aturdir-se, esquecer o que quem ella ama, é o outro o infiel.

(Estas «nuances», pelo menos, são delicadamente observadas).

De repente, porém, assistimos a uma segunda metamorphose. O marido, tão cruelmente inerte, torna-se n'um minuto, um amante apaixonado; começa por desejar loucamente essa mulher cuja seducção acaba de lhe ser revelada; pretende saciar logo o seu desejo, e impôr-lh'o sem demora. A consciencia da sua indignidade, da sua traição, da mortal affronta que infligiu a Fernanda, não põem um dique á effusão d'esse desejo violento. E que, de tudo isto, elle não experimente constrangimento algum, é o que nós não admittimos facilmente. Fernanda repelle com colera uma perseguição que a bulha e a mortifica. Irritado por este desdem, o capricho de Roger vae tornar-se verdadeiramente em amor. Era certamente, curioso explicar a evolução suprema d'este sentimento, mas seria preciso tel-o estudado, applicar a este estado o esforço d'uma analyse meticulosa á Marivaux, indicar as hesitações, os recuos momentaneos, o tormento do homem, obrigado a seu pezar, a confessar-se vencido.

M. Wolff não se demorou n'estas minucias; querendo affirmar o vigor do seu temperamento dramatico terminou em tragedia uma obra cujo assumpto exigiria antes desenvolvimento de comedia sentimental e ligeira; imprimindo demasiada vehemencia ás suas personagens,

---

SPORT

Reclamações

Semana d'armas

Sr. redactor sportivo.—Agradeço-lhe bastante a publicação da minha primeira carta sobre a decantada «Semana d'armas», mas a verdade é que o Centro de Esgrima devia quanto antes marcar a data dos torneios, porque todos ou quasi todos os esgrimistas desejam ir para fóra de Lisboa e não o podem fazer porque nada se sabe nem nada se diz.

Disse v. hontem, na sua amavel resposta, que o Centro de Esgrima devia declarar se organisa ou não a «Semana d'armas», para as salas d'armas resolverem o caminho a seguir.

O que quer v. dizer?

Poderão as restantes salas d'armas organisar as provas a que me refiro? Se o podem fazer, mettamos mãos á obra, porque o sport esgrimistico não póde nem deve estar nas mãos de pessoas que por elle nada se interessam.

E' esta a minha opinião.

Agradecendo mais uma vez, creia-me de v., etc.—Um esgrimista.

Noticias diversas

Deve realisar-se no dia 25 do corrente o campeonato de 100 metros, de natação, organisado pelo Club Naval de Lisboa.

—Brevemente vae ser distribuido o novo regulamento da «Travessia do Tejo a nado» pelos clubs congéneres.

—E' no dia 1 de setembro que se realisa no Porto a «Travessia do Porto a nado».

De fóra de Lisboa

No Porto—A travessia a nado

Continua aberta a inscripção para esta importante prova de natação, até ao dia 25 do corrente, devendo as inscripções serem enviadas pelos clubs ao Comité Pró-Sport, na rua Rodrigo de Freitas, 278, 1.º, Porto.

Parece que de Lisboa apenas concorrem o Sport Algés e Dafundo e o Gymnasio Club Portuguez, representados pelos nadadores srs. Bessone Basto, Mario Cezar de Jesus e A. Bazilio.

—Fala-se com insistencia na realisação de um torneio de «tennis» entre jogadores do Porto e de Lisboa.

Consta que em Lisboa, trata da organisação d'este torneio o conhecido sportsman sr. Placido Duro.

Nas Caldas da Rainha—Concurso hippico

Promovido pela Associação Commercial deve effectuar-se nos dias 14, 16, 18 e 19 de setembro o concurso hippico.

Em Vizella—Tiro aos pombos

E' depois d'amanhã que se realisa em Vizella o grande torneio de tiro aos pombos, sob o regulamento do Club do Porto, constando de varias provas, disputando-se premios valiosos gentilmente offerecidos pelos hoteis e casinos d'aquella localidade.

Em Oeiras—«Law-Tennis» Santo Amaro

Realisa-se depois d'amanhã, no court de «lawn-tennis» Santo Amaro um torneio de men's double entre os nossos melhores jogadores.

A marcação de cadeiras póde desde já fazer-se, revertendo o seu producto a favor da benemerita instituição «Assistencia aos pobres d'Oeiras».

Duas provas de natação organisadas pelo Sport Algés e Dafundo

O Sport Algés e Dafundo organisa esta epocha duas importantes provas de natação, conforme já noticiámos.

São ellas, dois campeonatos, o da «milha» para disputa da «Taça Velloso Lima» e o de 2.ºs teams de «Walter-Polo» para disputa da «Taça Gloria».

A «Taça Velloso Lima» é perpetua e a «Taça Victoria» é para ser disputada até qualquer club ou associação a ganhe dois annos consecutivos.

A prova da «milha» realisa-se em 13 d'outubro com chegada á Praia d'Algés e o «Walter-Polo» abre hoje a inscripção até ao dia 23, pelas 21 horas, realisando-se todos os desafios do campeonato na mesma praia.

A inscripção está aberta apenas para os clubs ou associações legalmente constituidas.

As taças foram offerecidas pelos seus consocios srs. Domingos Francisco Velloso Lima e Pedro José de Moura.

Pelo estrangeiro

Boxeur que morre no ring

Nelson Fapperman, boxeur do peso leve, morreu durante um combate de box em Jersey City. O vencedor Ritchie Harlem foi preso sob a accusação de homicidio.

Os medicos que foram chamados suppõem que a morte foi devida a uma congestão ou então excesso de alimentação antes do inicio do combate.

Box

Em Deauville

As manifestações sportivas continuam em Deauville até ao fim da estação.

As reuniões que se realisaram na semana ultima, alcançaram um grande successo.

O Sporting Club de Deauville, que organisou estas manifestações com o concurso do National Sporting Club de France, faz serios esforços para que o «sport» de box seja dignamente representado.

E' assim que Balzac, Laffay, Bob Scaulon, Forlab, Bouroy, o campeão belga Morty, Dupré, Gaby, etc., deram já o seu concurso.

Novamente, uma esplendida serie de «matches» vão ser disputados brevemente.

Pelos clubs

(Communicações officiaes)

Portugal Foot-Ball Club

A direcção d'este club previne os socios e amigos do Cub, que o 1.º grupo de «foot-ball» vae no proximo domingo jogar um desafio de «foot-ball» a convite do Amora Foot-Ball Club, para a disputa d'um objecto d'arte.

A partida é da estação do Terreiro do Paço, ás 10 horas prefixas, e a volta ás 19 horas.

BOMBARRAL, 14.—O Sport Club Bombarralense está elaborando um explendido programma para levar a effeito um dia desportivo em Bombarral para o que conta com valiosos elementos. Haverá corridas de bycicletes, para seniors e juniors, com premios de valor, e uma corrida pedestre que está despertando muito interesse. A inscripção está aberta no club para concorrentes de toda a parte.

Sociedades recreativas

As festas anniversarios da mais antiga de todas

As sociedades recreativas, pequenos centros, creados entre os meios burguezes ou operarios e mesmo entre as classes mais elevadas, onde se conversa, se joga, se faz musica ou se representa, começaram a apparecer em Portugal, notadamente, por começos do seculo XIX Chamavam-se assembléas e n'ellas imperavam as modinhas e as recitações, acompanhadas por accordes de violão ou de cravo, tiveram inicio as valsas a dois tempos, vertiginosas, as polkas, as mazurkas, varsovianas, schotischs e outras danças, hoje em desuso.

Mais tarde, vieram as sociedades philarmonicas, ou de «sol-e-dó», tambem com as suas secções de dança, representação theatral e jogo, revestindo uma feição mais popular.

Não é nosso intuito fazer a historia pormenorisada d'essas aggremiações, onde as classes que levam a semana entregues ás labutas da vida se juntam aos sabbados e domingos, em convivio intimo, divertindo-se, e onde os rapazes encontram quasi sempre as companheiras que hão de amenisar-lhes a vida.

Esta meia duzia de regras que fica escripta vem a proposito das festas anniversarias da Academia Recreio Artistico, a mais antiga de todas as suas congéneres, que hontem á noite commemorou a passagem do seu 63.º anniversario, sem nunca ter interrompido a sua vida normal, sem ter deixado de proporcionar festas aos seus associados e tendo conservado grande partes d'elles, até que, obedecendo á lei commum; que a todos e por tudo estende a sua acção, os leva para a terra de onde tudo vem e para onde tudo vae.

Essa sociedade, a avó de todas, como é cognominada pelas demais, foi fundada em 15 de agosto de 1855, por iniciativa dos operarios da chapelaria Rôxo, de que a maioria dos alfacinhas de meia edade se recordam, que tinha o seu estabelecimento de venda e de «apropriagem», na casa hoje occupada pela «Brazileira», no Rocio.

A séde da Academia foi primitivamente na travessa das Salgadeiras, ao Desterro, sendo por ali proximo que existia a fabrica de «fulagem» da chapelaria alludida. Ao fundo d'essa travessa, morava um dos socios fundadores do Recreio Artistico, o grande actor Antonio Pedro, no predio que ainda hoje lá existe e que era de sua propriedade.

Era uma phylarmonica das melhores e teve numerosos socios. Mais tarde veiu para o largo do Soccorro n.º 35, 1.º, onde permaneceu bastantes annos, passando, ha mais de trinta, para a rua dos Fanqueiros n.º 286, 1.º, onde ainda hoje se acha installada e hontem á noite commemorou, com uma sessão solemne, mais um anniversario, falando varios oradores, que puzeram em evidencia a acção benefica que tem exercido sobre umas poucas de gerações de associados e suas familias.

A essa sessão seguia-se uma recita muito interessante e baile, que terminou esta madrugada e correu animadissimo.

A Academia Recreio Artistico tem tido, durante a sua larga vida, como todas as aggremiações, a sua politica, por vezes apaixonada e accesa, determinando scisões originarias de novas sociedades. De algumas d'essas dissidencias sahiram varias sociedades, entre ellas a «Marcos Portugal», que por seu turno deu logar á fundação da «Guilherme Cossoul, que é uma das mais antigas de Lisboa e possue uma excellente banda.

A phylarmonica Alumnos de Euterpe é tambem filha do Recreio Artistico.

Tem a velha sociedade uma classe de socios, denominados «conselheiros», que se compõe dos que contam dez annos de matricula, tendo as suas quotas em dia e prestado serviços assignalados á aggremiação.

E' a um d'elles, o n.º 2, sr. S. M. Leitão, considerado commerciante da nossa praça, que devemos a maioria das notas que aquim ficam registadas.

As festas da Academia Recreio Artistico não ficam pela hontem realisada. No sabbado haverá baile, no domingo um «pic-nic» com gymkhana sportiva, n'uma das mais aprazivels quintas dos arredores da capital; a 3 de setembro «matinée rose», abrilhantada pelo grupo musical da Academia e distribuição de premios aos vencedores da «gymkhana», inauguração de uma «kermesse» e baile; a 15 do mesmo mez, baile á ingleza, a 22 sarau á franceza, a 28 recita pelo grupo dramatico da casa e baile, e, finalmente, a 29 baile e encerramento da «kermesse».

Todas estas festas são promovidas por uma incansavel commissão, composta dos socios srs. Raul Sestelo, Bernardino Monteiro, Affonso Rodrigues, Manuel Camara e Antonio Sobral.

Desastre

Recebeu curativo no Banco do hospital de S. José, J. Fernandes, de 21 annos, morador na travessa da Travessa da Trabuqueta, 28, loja, que na feira de Santos foi colhido por um balouço, ficando contuso e ferido pelo corpo.

Agradecimento

Joaquim da S. Netto e sua esposa Joaquina da C. Netto veem por este meio agradecer á Ex.ma Sr.a D. Palmira Barbosa, digna directora do Collegio Camões, e ás demais professoras do mesmo collegio a forma attenciosa e proficua com que administraram o ensino a sua filha, Bertha da Conceição Netto, na habilitação para o exame de instrucção primaria, no qual alcançou uma brilhante classificação.

Um negocio da China, realisado em Portugal

Estão-se apurando na Policia de Investigação as manigancias de um negocio da China, realisado com a intervenção e lucro de varias pessoas em proveito do irmão de um advogado d'esta cidade.

O assumpto promette fornecer ampla margem de commentarios, e está ligado com o caso tão debatido na Imprensa, da herança da Condessa da Junqueira. Na forma em que em que foi concebido e realisado o «negocio» parece encontrar-se debaixo da alçada do Codigo Penal.

NATURISMO

O mel

Eu sei que não é necessario usar mais nenhum assucarado que os fructos para se possuir o bastante ás despesas organicas. Mas, desde os tempos prehistoricos se pode utilisar o mel fabricado pelas abelhas como melhor que o assucar do commercio. Podiamos ser um paiz «melifluo»—seja permittido o termo—se cultivassemos assisadamente as abelhas. Uma serra—a de Grandola, com as suas estevas brancas, daria toneladas de mel. E quem tem colmeias moveis possue uma fonte de riqueza, se os pastos dos operosos insectos são bons. Milhares de auctores teem tratado do assumpto, desde Pitagoras que o usava na sua frugal alimentação, a Meterlinck que escreveu um volume sobre as abelhas e magistral.

O mel é, desde os seculos passados, considerado o alimento dos deuses. Com agua e gottas de limão, dá uma bebida hygienica. Solidificado a melhor marmelada ou compota. O mel refresca e tonifica quando é bom, sem alteração e centrifugado. E' util para adoçar as bebidas e juntar aos fructos e saladas mesmo. Come-se na Suissa com torradas e junta-se a castanhas, no tempo, cosidas. Podem fazer-se biscoitos de milho com mel muito uteis e salutares, sem fermento. O mel tem proveito para as creanças e para os velhos. Em vez do assucar devia usar-se mel d'abelhas ou d'uvas que tem propriedades laxativas e que se encontra na Nutricia, por exemplo, á venda.

O mel tem carbonatos, sulfatos e fosfatos de ferro e cal, além de assucar proprio predigerido. «Com mel caçam-se moscas...», diz o ditado.

Quem come bastantes fructos e os póde usar, evita o mel. Mas, com o mel operam-se verdadeiros milagres therapeuticos. Convem não abusar e com parcimonia usal-o no tempo quente. E' laxativo utilissimo.

Dr. Amilcar de Sousa

Instituto de Cegos no Porto

Do sr. Miguel Motta, director do Instituto de Cegos do Porto, unico estabelecimento do genero existente no norte do paiz, recebemos o relatorio do anno findo, pelo qual se verifica, que a sua administração continua a ser seria e devotadamente feita, não lhe faltando tambem os auxilios de pessoas caritativas, nem das camaras municipaes do districto.

Varios dos seus protegidos fizeram exames, com bom resultado, do 1.º e 2.º graus, recebem educação physica, que muito tem concorrido para corrigir-lhes certos defeitos organicos resultantes da falta de vista, tornando-os fortes e saudaveis.

Varios dos alumnos foram contemplados com premios, por sua applicação e comportamento.

Realisam-se espectaculos a favor da benemerita instituição, para o que concorrem com seus meritos varios artistas e amadores distinctos.

Lamenta o director do Instituto de que nos occupamos da falta de recursos e da elevação de preços de materias primas, o que tolhe o desenvolvimento que pretende dar ás officinas de escovas e empalhamento de cadeiras, em que se empregam os reclusos e constitue em tempos normaes uma razoavel fonte de receita.

O relatorio publica um retrato e algumas linhas cheias de saudade á memoria da esposa do director, sr.a D. Julia Pereira Motta, collaboradora dedicada, que a morte lhe arrebatou a 21 de março ultimo, e de outros bemfeitores fallecidos durante o anno de 1917.

Publicações recebidas

ESTATISTICA DEMOGRAPHICO-SANITARIA—Estão publicados os boletins mensaes relativos a novembro de 1917, de Lisboa e do Porto. Util estatistica elaborada pelo Instituto Central de Hygiene.

MORTAGUA, 13.—Proseguem as averiguações sobre a passagem de notas falsas n'este concelho, tendo sido hoje preso e remettido para Vizeu José Ferreira, de Villa Bouca.

Plantas alimentares

Riquezas naturaes que não sabemos aproveitar

Os velhos mestres francezes não estão inactivos.

Não podendo acompanhar os seus discipulos ás linhas de fogo, pela sua avançada idade, eil-os nos laboratorios trabalhando, creando e desenvolvendo todos os processos scientificos que possam dar á França a força de que ella necessita para resistir ao invasor, que, em nome d'uma «outra cultura», enlameou o seu solo.

Mas entre tantos e tantos problemas, que a guerra fez surgir, ha um que sobreleva a todos: o da alimentação. O distincto professor de Nancy, M. Beauverie escreveu, ha dias, n'uma das mais conceituadas revistas de sciencia francezas um artigo sobre o valor alimentar da «Muscari comosum», que nasce expontaneamente, não só na França mas tambem entre nós.

A leitura d'este artigo despertou-nos o interesse de saber quaes as plantas, além d'esta, que existem na nossa terra, que nascem expontaneamente e que poderiam ser empregadas na alimentação.

Da «Muscari comosum», entre nós conhecida pelo nome de «goivos dos campos», havemos de fallar mais tarde.

Por agora desejamos apenas apontar outras, que se poderiam empergar na alimentação e que só dão trabalho... em as apanhar.

Só nos Açores se comem as «beldroegas». Cruas ou cosidas dão um prato saboroso, assim como o «funcho», tambem desprezado no continente. Só o funcho dos terrenos calcarios é que não serve para a alimentação, pois é bastante duro.

As folhas novas da «mostarda branca», as «ortigas», o «arroz do telhado», a «salsa dos cavallos», o «cardo do coalho», e o «cardo de Santa Maria ou leiteiro», que nós todos conhecemos, dão optimo alimento, assim como as «serralhas», os rebentos das «malvas» e as bardanas ou «pegamaços».

A «espadana das seares» (gladiclus) dá um tuberculo com fecula semelhante á araruta.

Os nossos alliados, os inglezes, exportam uma farinha, a que elles chamam «araruta de Portland» e que provém d'um rizoma. Esta planta existe tambem entre nós: é o jarro.

Nos Açores fabrica-se esta farinha, mas, infelizmente, não pode rivalisar com a ingleza, porque os processos do fabrico são muito rudimentares. Importamos o «salepo», tendo nós as «salepeiras» (orchis) abundantemente, como por exemplo nos arredores de Lisboa. Evora é a unica terra do paiz que approveita a «escurcioneira». Faz com ella doce.

Como estas tantas outras! Idealistas sempre, olhamos mais para o ceu do que para a terra, desprezando estas «pequeninas coisas» que o solo bondosamente nos dá!

A provincia n'A CAPITAL

VIEIRA DE LEIRIA, 14.—Foi enviado ao presidente da camara da Marinha Grande um telegramma do teor seguinte: «A commissão administrativa d'esta freguezia, reunida em sessão extraordinaria, para apreciar o attentado de que ia sendo victima o cidadão José Maria Chaves Costa, um dos maiores contribuintes d'este concelho, pelo secretario da camara, Jayme Almeida Coutinho, vem junto de V. Ex.a lavrar o seu mais indignado protesto contra tão insolito attentado, sendo maior a sua indignação por ser praticado no proprio edificio dos paços do concelho, quando o mesmo cidadão alvejado ia tirar uma licença, e por isso pede a urgente demissão do criminoso funccionario. A commissão: Francisco Fremé Feteira, Custodio Domingues Farto, Antonio Filippe Ferreira».

O povo de Vieira tambem telegraphou ao presidente da camara, protestando, e bem assim foram enviados telegrammas ao chefe do Estado, ministro do interior e governador civil de Leiria.

FIGUEIRA DA FOZ, 12.—E' esperado com justificada anciedade o concurso hippico internacional, promovido n'esta cidade nos dias 6, 8, 10 e 11 do proximo mez de setembro, pelos conhecidos «sportsmen» da capital, srs. Xavier de Almeida e major Latino. O «Grande Premio da Figueira», para o que concorre o commercio local, tem premios no valor de mil e cincoenta escudos.

—Effectuou-se hontem a primeira tourada da epocha, no vasto Colyseu Figueirense, tendo continuado a merecer applausos os arrojados cavalleiros José Casimiro e Rufino da Costa, além dos bandarilheiros Theodoro, Cadete, Thomé, Custodio, etc. A assistencia enchia quasi completamente o grande redondel. O gado, da afamada «ganaderia» dos srs. Mendonça & Irmão, do Cartaxo, foi excellente, assistindo a philarmonica Figueirense, que executou lindos trechos de musica.

—Esteve n'esta cidade o general d'esta divisão, que veiu passar revista ás tropas da guarnição. Assistiu tambem a exercicios nos quarteis d'infanteria 28 e artilheria 2. Fez a guarda d'honra uma força d'infanteria 28 sob o commando do sr capitão Vasques, acompanhada da respectiva banda. A impressão do general foi magnifica.

...trou-lhes uma dose de realidade; e so... nós proprios não deixamos de ... lugar sinceros, elles acabam por não ... interessar e ficamos insensiveis á ... temperamento dramatico, terminou em ... o esse movimento que nos parece ... um pouco ôco. Roger, durante o terceiro e quarto actos dá-nos o effeito d'um demente, ou se o preferem, d'um louco de paixão, movido a cordelinhos.

—Perdão, dirá M. Wolff, o meu fim é justamente demonstrar que os homens que amam não são senão bonecos».

—Concordo; no emtanto elle concordará tambem com que os gestos d'um boneco inconsciente despertam um fraco interesse...

E na verdade, a inconsciencia de Roger ultrapassa os limites; clama de dôr; não ... a Fernanda as palavras que apaziguariam e que conduziram, pela persuasão, a perdoar-lhe os erros de que se tornou culpado. Accusa-a com furor d'uma infidelidade que lhe parceria inadmissivel se só désse ao trabalho de a examinar.

Bem que, bastante commovida pelos ternos protestos de Vareine, ella defende-se com firmeza contra a vertigem de uma falta para a qual, no fundo, não tem inclinação.

O joven amante repellido, solicita-lhe pelo telephone, o favor d'um ultimo «rendez-vous».

O marido surprehende esta conversação e exige o nome do supposto amante. E é esta a scena que termina o 3.º acto. E' uma scena de grande effeito, não uma scena verdadeiramente pathetica, porque Roger nos parece bastante incomprehensivel, pois não podemos inteiramente dar fé nem á colera cega do marido, nem ao affecto inalteravel e não diminuido da esposa. Se Fernanda não escutasse senão o impulso do seu coração, precipitar-se-hia nos braços que se lhe estendiam depois de ter provado facilmente a sua innocencia. O tio Ferney exhorta-a a dissimular, a não se desculpar para que a paixão renascente de Roger se avive pelo ciume.

—Não fraquejes. Não lhe digas que és culpada, mas tambem não lhe digas que o não és em absoluto».

Ella obedece a estes conselhos d'experiencia e de astucia. Não desengana o esposo torturado, decidido a affastar-se para sempre e incapaz de se separar d'ella, que retem o grito d'amor que lhe sóbe aos labios.

Emfim, no momento em que elle vae partir, ella não resiste mais e pronuncia o seu nome. Os seus labios unem-se e comquanto Fernanda se não tenha justificado, Roger crê na sua innocencia. Ella perdoou-lhe as suas suspeitas, e a peça conclue com esta optimista e feliz reconciliação.

Não atenuei os defeitos que julguei descobrir. Experimento a mais viva satisfação em enumerar as suas qualidades. São em bom numero, seductoras e inteiramente particulares a M. Wolff...

A mais caracteristica consiste em uma deliciosa mistura de ironia, de graça e de ternura...

E' uma impressão que muitas vezes elle nos dá... Sob o gracejo pittoresco da phrase occulta-se uma lagrima. Oh! uma pequenina lagrima. E tudo termina por um sorriso um pouco doloroso, um pouco amargo.

A personagem de Nizerolles é a perfeita incarnação d'esse sentimento complexo; e adivinha-se que o auctor empregou a sua melhor solicitude em o modelar. Talvez que até lhe tenha introduzido algo de si proprio.

Este Nizerolles é um «dilettanti», colhe as flores que a vida lhe depara. Quando elle dá a volta ao mundo, faz-se acompanhar d'uma «companheira de viagem», mas procede de fórma que a inclinação que os uniu passageiramente desapparece no seu regresso. Sobre o apeadeiro da gare, separam-se, trocando um adeus melancholico.

Não é encantador deixarem-se assim, quando se não pertence um ao outro, apertar-se a mão um pouco tremulos, partir lentamente, cada um para seu lado, voltando-se uma, duas vezes?... Ella abriu a sua pequena mala de mão, passou um pouco de pó de arroz pelo rosto, perguntou-lhe se estava assim mais apresentavl... e foi tudo...

«Eterno amante!» exclama Roger. E' bem este, com effeito, o papel de Nizerolles, a sua razão d'existir. Elle é o amante perpetuo, desejoso de recomeçar a aventura, sejam quaes fôrem as decepções que ella lhe reserva, feliz se ama, mas sobre tudo, feliz de amar, feliz de soffrer pelo amor. Quando vê Roger debater-se e chorar, na angustia da incerteza, é ainda elle que o embala com lindas phrases acariciadoras.

—«Sinto, que não posso passar sem ella, diz Roger, com esforço; não sei o que digo, o que faço, evito-a, procuro-a... Ella já me não ama, e eu amo-a...

Nizerolle pensa para comsigo:

—Qual é o homem que nunca chorou por uma mulher? A esse, lamentemol-o; porque não viveu. Chora, amigo, chora... Não passas de um debutante; é a tua primeira ferida. Estás em atrazo. Chora!...

Mas este apaixonado—e é isso o que o torna delicioso,—é um apaixonado discreto: não se impõe: comprehende o que um gesto ou um olhar significa. Escutae-o na scena dos bonecos no 2.º acto, scena arrebatadora e já celebre.

Nizerolles, que é auctor dramatico tambem, nas suas horas d'ocio, como toda a gente, compoz um pequeno sainete para titeres, cujas personagens são o marido, a mulher, o amante e um «velho amigo da familia»...

Esta pequena peça assemelha-se á maior parte das grandes peças: o seu thema é o amor. Foi applaudido. Nizerolles chega, tendo ainda na mão um dos titeres, o «velho amigo da familia». Fernanda é portadora de outro; então os dois bonecos conversam. E o que Nizerolles não ousaria revelar a Fernanda, faz-lhe comprehender pelo velho amigo; timidamente, confessa-lhe que um sentimento muito doce, muito forte, despertou n'elle e que pensa n'ella, mas muito. E pelo mesmo meio a assisada Fernanda chama-o á razão.

—Porque tenho eu já cabellos brancos? suspira o «velho amigo da familia».

—E que farieis?

—Dir-vos-hia ao ouvido mil loucuras. Não duvideis.

—Sim, duvido, responde ella gravemente, duvido se não seremos mais que pobres bonecos a quem se fazem dizer coisas que muitas vezes deviamos calar...

Nizerolles comprehende e interpella o pequeno titere de cabellos brancos:

—«Na tua edade, meu amigo, é preciso pensar o que dizes e não dizer o que pensas.

Fernanda commove-se e replica-lhe:

—Dae-me a vossa mão, não a do «velho amigo», mas a vossa...

E Nizerolles suspira:

—Que desgraça que o coração não envelheça...

Esta phrase que representa o estado d'alma de Nizerolles, é o encanto romanesco do que escreveu M. Wolff: é a sua elegancia e a sua graça.

Esta constante «elegancia» é ainda um traço do auctor das «Marionettes», um pouco gaiata quando é joven a personagem, um pouco unctuosa e austera quando se trata d'um ancião.

M. Wolff compraz-se em desenhar as «boas mamãs», os «bons papás», a moçidade typos de faladores afaveis, maliciosos e cordeaes, d'esses papeis que outr'ora Bouffé interpretara e dos quaes é modelo o affavel Nöel de «La joie fait peur». E' talvez bastante facil fazel-o, mas necessita uma certa sciencia, porque do enternecimento á sensibilidade não dista a espessura d'um fio, e se o enternecimento é amavel a sensibilidade affectada é odiosa.

De Ferney não chega a tanto, detem-se a tempo... é delicado, respira indulgencia, bonhomia; é talvez um pouco comico, não muito, o bastante para se não tornar grotesco e conseguir despertar a simpathia. Foi ao mesmo tempo o pae, a mãe, a ama, o tutor e o professor de Fernanda...

Traça um quadro idyllico dos cuidados de que a cercou e do contentamento e satisfação que ella lhe tem proporcionado

—Ella vinha sentar-se sobre um tamborete junto da minha mesa de trabalho: vejo-a ainda, pequenina, rosea e loura, immovel, fixando-me com os seus grandes olhos pensativos. Eu dizia-lhe: «Sômos dois isolados. Agora sou eu a tua força; quando eu envelhecer, serás tu a minha».

Depois, o bom velho expõe as suas ideias sobre o amor e o adulterio: «A ultima mulher que deveriamos amar é a que nos vê o primeiro cabello branco».

Perguntam-lhe: «E quando deixou de amar?»

—«No dia em que morreu minha mulher, que eu adorava». Como não soltar um pequeno «ah!» de prazer, a estas palavras? Ellas forçam o applauso.

Sem duvida que ellas tambem o reclamam. No emtanto, certos episodios se produzem que me não mereceram grande interesse, como seja a scena de Ferney, no 4.º acto, em que, ditando a sua sobrinha uma carta que ella deve escrever, exprime em voz alta, as suas proprias preoccupações, a nostalgia dos seus cães, e do seu cachimbo. E' este um processo um pouco antiquado e usado no velho theatro. M. Wolff só excepcionalmente incorre n'este exaggero, pois é dotado de subtileza e sabe por que fórma se prende o publico, as situações a que tem de dar a precisa feição para o commover ou fazer rir. E não se supponha que o accuso de falta de sinceridade. Ella abandona-se á dupla inclinação da sua maneira de ser. A grande eloquencia e a violencia passional são-lhe interdictas. Mas, quando se detem na nota moderada, agrada e seduz. Das duas cordas da sua lyra, a da alegria é talvez a que melhor dedilha. O 2.º acto das «Marionettes» scintilla.

Parece que todas as personagens beberam champagne, se agitam e conversam sob a acção de uma embriaguez espumosa.

São perfis habilmente burilados, pedaços de dialogos impertinentes e seccos, replicas que se cruzam, ápartes que transpõem a ribalta, gestos furtivos, movimentos de leques, «flirts» a cada canto, phrases conceituosas, bagatellas... E, de tudo isto, não resalta uma palavra pezada, incorrecta ou que possa molestar.

Em resumo, á peça de M. Pierre Wolff parece-me assegurado, apezar das suas imperfeições, um exito duradouro. Ella dá logar á contradicção e, por vezes, irrita e excita. No emtanto, attesta uma producção de valor, delicada e d'uma extraordinaria destreza. E depois, possue ainda uma qualidade essencial... diverte...

O desempenho que, á peça deram, os artistas que presentemente trabalham no Gymnasio, não foi completo. Se, deixa muito a desejar no conjuncto que se resente principalmente em todo o decorrer do 2.º acto, provando mais uma vez que toda a scena que tenha de metter figuração perde, entre nós, quasi a totalidade de effeitos scenicos, tambem não é perfeito por parte das figuras principaes referindo-me muito especialmente ao trabalho da sr.ª Palmyra Bastos e Carlos Santos. A primeira não me deu, no 1.º acto, a impressão que se colhe da propria leitura da peça e que Brisson tão bem descreve ao criticar o trabalho de Pierat. Nos outros actos sim, teve scenas felizes, muito embora ao contrario do que deveria ser, o seu decote na festa de Nizerolles, não mereça os commentarios a que dá logar, por não passar da vulgaridade. Por sua vez, o sr. Carlos Santos, a quem faltam requisitos para o papel, torna-o por vezes, muito mais antipathico do que elle já é, sendo injustificados e por vezes intoleraveis os seus constantes monosylabos. A Maria Pia, no papel de Madame de Jussy falta-lhe, com a devida venia, a figura e a frescura que o papel requer. Erico, n'uma personagem ingrata e attendendo ao seu pouco tempo de theatro, foi feliz em algumas scenas. Albuquerque, muito bem, a meu ver, se exceptuarmos a caracterisação.

Em papeis secundarios, Ilda Stichini e Grave foram os unicos que, com verdadeira intenção, valorisaram as suas pequenas rabulas. Finalmente Brazão, no velho Ferney, cheio de bonhomia, agradou-me por completo, ao contrario do que succedeu com o meu camarada José Parreira, que ao seu trabalho fez referencias discordantes n'este mesmo jornal, convencido, certamente de que o critico da casa, nada escreveria sobre a peça.

O palco, pequeno para a montagem que a peça exige, não valorisando, portanto, o trabalho dos scenographos e finalmente é pena que, peças como «Marionettes» não estejam sabidas na ponta da lingua, pois é principalmente da viveza do dialogo que ellas vivem.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Sociedade Anonyma—Estatutos de 30 de Novembro de 1894.

Aviso ao publico

De harmonia com as instrucções recebidas das instancias officiaes competentes faz-se publico que, até aviso em contrario, o transporte das mercadorias abaixo indicadas, qualquer que seja o seu pezo, está sujeito ás seguintes restricções:

Assucar, arroz, batata, cereaes panificaveis (trigo, milho e centeio) e suas farinhas, feijão, mel e nitrato de sodio. Só se acceitam a transporte remessas d'estes generos quando sejam acompanhadas de guia de transito da secretaria de Estado das Subsistencias e Transportes.

Pelo que respeita a remessas de feijão ter-se-ha em vista que estas ficam sujeitas ainda ás seguintes restricções:

Para a circulação entre concelhos que não sejam o de Lisboa, as guias de transito serão requisitadas á secretaria de Estado das Subsistencias e Transportes pelas Camaras Municipaes de origem e as respectivas remessas só pódem ser consignadas á Camara Municipal do concelho do destino indicado na guia de transito.

Para as remessas de feijão destinadas á cidade de Lisboa, as guias de transito serão requisitadas pelos expedidores á mesma secretaria de Estado e as remessas podem ser consignadas e entregues a qualquer individuo ou firma designada pelo expedidor na respectiva nota de expedição.

Azeite—Para o transporte d'este genero é indispensavel a apresentação de guia de transito excepto quando as remessas sejam despachadas directamente para Lisboa (Rocio, Caes dos Soldados, Caes do Sodré, Alcantara-Mar e Alcantara-Terra). As remessas d'este genero que estejam nas estações mais de 48 horas sem que pelo expedidor sejam concluidas as formalidades para a expedição ou sem serem retiradas pelo consignatario, serão consideradas apprehendidas e postas á disposição da secretaria de Estado das Subsistencias e Transportes.

Gazolina e petroleo—Não se acceitam expedições d'estas mercadorias nas estações que servem Lisboa, sem virem acompanhadas de guia de transito passada pela secretaria de Estado das Subsistencias e Transportes.

Gado para concelhos fronteiriços—Não são aceitas remessas de gado de qualquer das especies comestiveis para as estações abaixo indicadas sem a apresentação de uma guia de transito passada pelo administrador do concelho de onde o gado procede, a qual acompanhará as remessas até destino.

As estações situadas em concelhos fronteiriços são:

Nas linhas da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes—Castello Branco, Alcains, Lardosa, Santa Eulalia, Elvas, Marvão, Portalegre e Castello de Vide.

Nas linhas do Minho e Douro—Ancora, Moledo do Minho (ap.), Caminha, Seixas, Lanhelas, Gondarem, Cerveira, S. Pedro da Torre, Valença, Ganfei (ap.), Verdoejo, Friestas, Lapela, Monção, Sabroso, Vidago e Barca d'Alva.

Nas linhas do Sul e Sueste—Villa Viçosa, Serpa-Brinches, Pias, Machados (ap.) Moura, Cacela, Monte Gordo, Castro Marim e Villa Real de Santo Antonio.

Nas linhas da Beira Alta—Cerdeira, Freineda e Villar Formoso.

Na linha de Bragança—Sendas, Salsas, Rossas, Sortes, Rebordãos (ap.), Mosca e Bragança.

Faz-se egualmente publico que as remessas despachadas á vista de guia da Secretaria de Estado das Subsistencias e Transportes não podem mudar de destino nem ser reexpedidas sem apresentação, em qualquer dos casos, de nova guia da Secretaria do Estado das Subsistencias e Transportes.

Como consequencia d'estas disposições, nas notas da expedição de remessas acompanhadas das referidas guias de transito devem os expedidores fazer a seguinte declaração: «Renuncio ao disposto no artigo [?]8) do Codigo Commercial.

NOTA—Para as remessas a expedir pela Manutenção Militar com destino a unidades e estabelecimentos militares é dispensada a apresentação de guias de transito sempre que as respectivas notas de expedição venham autenticadas com o sello branco da Manutenção Militar.

Pelo presente ficam anulados os avisos ao publico B. 2882 de 30 de janeiro, B. 2896 de 2 de março, B. 2897 de 6 de março, B. 2921 de 30 de abril, B. 2920 de 14 de maio e B. 2941 de 4 de julho de 1918.

Lisboa, 8 de julho de 1918.

O director geral da Companhia,
Ferreira de Mesquita.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2370 — 9.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sabbado, 17 de Agosto de 1918

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço 2 centavos

O caso das Devezas

O que se passou na estação das Devezas é, sem duvida, um facto grave, e que depois de devidamente averiguado, deveria receber a necessaria sancção. Mas o que ninguem poderá pretender é dar a esse facto qualquer aspecto politico. E' um caso, felizmente isolado, em que debalde se quererá vêr qualquer nota partidaria, ou a manifestação de qualquer corrente politica. O caracter d'esse acontecimento torna-o inteiramente alheio a approximações com o problema da politica portugueza, nas suas condições actuaes.

Quem quizer forçadamente explorar um caso tão lamentavel para os seus interesses de ordem politica commetterá, nas circumstancias presentes, o mais censuravel de todos os actos. Não ha o direito de o aproveitar para uma viva agitação contra o governo, como não ha, para o governo, o direito de o aproveitar para uma tremenda repressão contra os seus adversarios. Se entrassemos em tal caminho, dando a todos os acontecimentos um aspecto que de forma alguma elles comportam, só para servir paixões politicas, a vida tornar-se-hia absolutamente impossivel em Portugal.

E' preciso accentuar estas verdades, porque entre nós floresce ha muito o deploravel sestro de tudo explicar como referindo-se á politica, ou derivando da politica para a politica. E' esse sestro que, porventura, torna mais insoluveis os nossos problemas. Não occorre nenhum incidente, não se trata de nenhuma questão que a politica não venha logo á baila. Evidentemente, não ha melhor maneira de justificar todos os golpes politicos, que se preparem, partam elles de onde partirem. Mas não é só immoral esse processo, como é perigoso, porque promove a intranquillidade que a todo o custo se deveria procurar substituir pela normalidade das condicções sociaes. Nada de enveredar por tal caminho! Se acaso por elle se tomar, pode-se caminhar para as peores catastrophes.

Outro ponto que convém frisar é o da attitude da classe dos ferro-viarios. Ninguem mais do que nós aprecia a solidariedade das classes. Todavia, a solidariedade das classes tem, como tudo n'este mundo, um limite. As classes podem e devem manifestar a sua solidariedade nas questões de interesse collectivo e perante os aggravos feitos aos seus membros. Não é possivel, porém, levar a solidariedade das classes a exaggeros taes que ella possa cobrir actos injustificaveis. A verdadeira solidariedade é sempre effectiva nos casos de razão e de justiça. Não tem de se patentear perante abusos, violencias ou crimes que individualmente repugnem aos membros d'essas classes, dignos, sérios e ponderados.

Um caso d'esta ordem requer muita serenidade e reflexão. Já accentuámos que é muito grave, e por isso mesmo querer generalisal-o afigura-se-nos erraddo e perigoso. Pelo contrario. Tratando-se d'um incidente local, toda a conveniencia está em localisal-o. Não se commetta nenhum acto que possa desviar a questão do eixo em que ella se move, porque se, porventura, ella começa a ser desvirtuada, ninguem com isso poderá ganhar, e todos poderão perder.

No fundo, parece-nos que a causa principal d'este facto é uma questão de costumes. Ella é o fructo da ignorancia, da rudeza, d'uma excessiva irritabilidade que se não compadecem com o tratamento que entre as classes como entre os individuos deve existir, e que não é nem pode ser um tratamento de selvagens. Nos serviços em que as classes estão em mais directo contacto com o publico, maior vantagem ha em que o trato social se caracterise pela urbanidade. O acto das Devezas não tem justificação possivel, e os seus responsaveis, depois de bem esclarecido o assumpto, merecem um castigo severo. Que d'esto triste incidente fique ao menos uma lição que venha acautelar a repetição de tal facto.

A promoção dos alferes praticos

Preterição contra as disposições da lei

Sr. redactor.—Em virtude do bom acolhimento que v. dá a todas as apreciações em que a justiça e o direito transparecem, atrevo-me a vir incommodal-o para assim patentear o grande descontentamento que lavra entre a classe dos alferes praticos de abril de 1916, por causa das promoções arbitrarias que se teem feito, preterindo-nos injustificadamente.

Devido ás exigencias da guerra foram por decreto de 15 d'abril de 1916 promovidos a alferes todos os sargentos ajudantes de infantaria habilitados com o curso da escola central; os que poderam ser intercalados na razão de 1 por 3 com os alumnos da Escola de Guerra que em 1915 terminaram o respectivo curso entraram no quadro e os restantes ficaram supranumerarios em todos os postos até passarem á reserva, isto com o fim de não prejudicar, nem serem prejudicados em promoções futuras.

Sempre que o alferes immediatamente mais moderno da Escola de Guerra era promovido a tenente, promoviam-se na mesma dola os supranumerarios mais antigos.

Em todos os tempos se procede assim.

A justiça parece ter desapparecido nos ultimos tempos, porque os alumnos da Escola de Guerra que em 1916 terminaram o respectivo curso e em setembro do mesmo anno foram promovidos a alferes, já foram promovidos a tenentes em fevereiro ultimo, continuando os alferes supranumerarios no mesmo posto, sem se lhes dizerem o motivo porque se nega um direito conferido por um decreto e consolidado com o nosso sangue nos campos de batalha das colonias e da Flandres.

Não é assim, realmente, que se recompensam os que luctam em defeza da Patria.

Pela publicação d'esta carta lhe ficamos muitos gratos.—X.

Coisas de hoje

Os que se matam

Uma noticia arrastada pelo telegrapho, estendida em fios pormenores na meia duzia de linhas dos jornaes produziu-nos a dolorosa impressão, o funebre estremecimento que se sente quando alguma coisa de estranho, invulgar se passa em volta de nós. Foi esse suicidio inesperado d'um capitão de infanteria, lá longe, muito longe, em terras cuja existencia o egoismo da metropole quasi esquece. Humberto de Athayde, uma face menineira, mas ao mesmo tempo recta e inflexivel onde se espraiavam os traços d'uma vontade, d'uma energia; um corpo amplo, proporcionado, e uma «mens sana», pura, nos seus ideaes, limpida no ambiente que dia a dia ameaça subjugar tudo o que lá está? com a indisciplina, a voragem, a falta de caracter.

Eis porque, a morte de Humberto de Athayde, não deve ser vista, atravez apenas dos artigos saudosos dos seus *amigos*; attonitos ante a noticia, ou pelas linhas cruas d'um noticiario banal. Ainda que mais nada houvesse a attentar na bala que o varou, nem cogitações a fazer sobre as causas dolorosas que o levaram a tal, Humberto de Athayde era um heroe. E como heroe, n'esta patria onde se erguem e derrubam as aureolas com mais facilidade que se tragam reputações, terá da patria a recompensa propria e costumada aos verdadeiros e humildes heroes. Quando chegou de Africa, vae para 3 annos, n'uma tarde quente como as de agora, soavam ainda no local do desembarque os applausos, os vivas, a alguns companheiros seus, não menos heroes e valorosos, e a quem o povo, n'uma suggestão de nome ou de feito, erguia já o pedestal da imortalidade que entre nós dura um pouco menos que as rosas de Malherbe. E Humberto de Athayde, farrapo humano, com algumas balas dentro de si, duplamente heroe, no denôdo, e na modestia, descia á terra mãe, ignorado, amparado, sumido.

Os seus feitos não veem para aqui. Foi um militar, um portuguez, da rija tempera que ainda provamos ter, quando na lucta. A distancia tira o effeito maximo a esse gesto quasi incomprehensivel; se fosse um capitão, dos que se batem em França, que se suicidasse, a noticia seria mais ampla e mais commoveria a alma da nossa esquiva população; se fosse um «cabo de 5 que á hora do recolher se suicidasse na cerca do quartel» aqui mesmo, ao pé de nós, na mesma cidade, o facto demoraria mais a attenção do leitor que busca emoções fortes e proximas. Assim, o ignorado e esquecido batalhador da nossa patria, que defendeu com alma e corpo os restos do velho e grande Portugal, não passa d'um capitão valente como todos que se bateram na negra Africa. Depois, quanto mais se afastar para lá do «sombrio rio dos mortos» mais o esquecimento envolverá o seu nome e os seus feitos, para se tornarem em invisivel átomo do Passado, da Historia, do Nada dos tempos idos.

* * *

Mas, não. Ha mais alguma coisa a attentar na morte brusca, resoluta do capitão Athayde. Humberto de Athayde, de quem a morte fugiu sempre ante o seu peito exposto, veiu a Portugal e fugiu. Elle, o heroe bravio que nunca soubera recuar sob o fogo, fugiu de Portugal, ainda esfrangalhado, com balas inimigas pesando-lhe, alojadas em qualquer recanto do corpo. Ao seu espirito, afeito á liberdade, com uma perfeita e nitida visão do que era a democracia ideal, elle, o pugnador da Republica, o aliciador de elementos que derrubaram a velha oppressão, sentiu-se um dia, apoz ter dado o seu sangue pela patria, encurralado n'um quarto negro, sombrio, porco d'um hospital militar, onde lhe coarctavam as mais infimas liberdades e onde recebia o tracto como que empestado d'uma patria que elle desconhecia. Ahi não somos nós, que rodopiamos dentro d'este torvelinho de paixões desenfreadas, que habituámos os nossos sentimentos á vida sobreexcitada do que se passa em volta de nós, levados quasi até um extremo de inconsciencia propria, para sermos o reflexo da alma collectiva, com a sensibilidade embotada, os nervos sempre tensos, quem pode amar arreigada e vivamente a patria. São, elles, os que fóra d'aqui, livres do ambiente que nos empolga e asphyxia, olham com os claros limpidos olhos da verdade e da saudade a pequenina patria querida, quem póde bem amal-a e bem servil-a.

O que vêem, ignoro. O que pensam, não imagino. A sociedade,—não a nossa, que anda sempre atrazada o tempo necessario para os figurinos, mesmo os sociaes, lá chegarem—soffre actualmente os prenuncios d'uma grave crise. A velha Moral, a fragil Ordem, todos os basilares sustentaculos da sociedade de hontem, o Respeito, a Hierarchia, a Cordura, a Lei, soffrem golpes que periclitam a sua estabilidade. A efervescencia recrudesce, o sôpro das liberdades atêa o fogacho das reivindicações e dos direitos; a plaina do trabalho vae querendo nivelar a sociedade; e tudo freme, estremece, abala-se como se rugidos anteriores a uma erupção ameaçassem o proximo inicio da catastrophe.

Só espiritos maleaveis, ou olhos cerrados, consciencias frias e analistas ou inconsciencias morbidas podem seguir serenamente esta evolução apressada do velho mundo. Os outros, aquelles que ficam presos d'uma ideia, justa, grande, cheia de bondade; os que amaram a Ordem em toda a sua plena força civica, caem no desanimo e na descrença, luctam em pavorosas tempestades moraes contra a perversão do seu eu. São os que se não rendem.

Quantos velhos generaes russos, quantos jovens capitães, em plena mocidade, ainda com uma esperança de vida feliz, procuraram na morte, que os poupou, o alivio aos soffrimentos intimos que sobrevieram ao desabar do velho regimen autocratico?

Chamaram-lhe os «ultimos russos»; não será Humberto de Athayde um dos dos «ultimos portuguezes?»

E' o mysterio que jámais se decifrará e nos não é licito suppôr. Morreu, quiz-se matar, como um heroe a quem não arrancaram a aureola. Escapa ao mundo que se esboça, sem Ordem, sem Moral, sem lei, ou antes com uma nova Ordem, outra Moral, e ignoradas bases e desconhecidos alicerces.

E' ainda uma nova forma do heroismo, é ainda o bravo que se não rende.

Fraqueza, este suicidio? Não. Valor, Fé. Coragem. Quantos outros sentem o desejo de fugir á vida mas não teem a força para o supremo gesto!

E, sobre todos, o mundo gira e o tempo passa.

A. F.

Detonação mysteriosa

Esta manhã, por volta das 9 horas, do lado oriental, deu-se uma enorme detonação, que, segundo uns, foi para os lados da Penha de França, havendo outros que affirmam haver-se dado na Mouraria.

A policia procura averiguar o caso.

Dois roubos importantes

Em virtude de mandados de captura passados contra Leonardo da Conceição Almeida, morador na calçada de Agostinho Carvalho, foi este preso e remettido a juizo. Pesa sobre elle a accusação de um roubo, praticado em Caparica, cuja importancia é de 5.000$00, dos quaes lhe foram apprehendidos 1.355$30.

Tambem foi preso, accusado de haver burlado a firma Abranches & Abranches, rua Garrett, 74, na quantia de 3.814$20, Nuno Ribeiro de Figueiredo, residente na rua de Santa Martha, 89, 3.º

Mutilados da guerra

A offerta de dois curiosos mappas para serem vendidos a seu favor

O sr. major Guilherme Augusto d'Oliveira, que por largos annos serviu nos nossos exercitos do continente e de Africa, tendo uma extensa e brilhante folha de serviços, acaba de fazer um trabalho, de grande valor historico e revelador do mais acendrado culto pelos grandes feitos dos nossos ancestraes, que levaram a cabo a descoberta da India, trabalho que offereceu a *A Capital* para ser vendido em beneficio dos mutilados da guerra.

São dois quadros postos a guisa de mappas, em *baguettes*, proprios para ornar as paredes de gabinete de um estudioso, nos quaes se acham artisticamente compiladas minuciosas gravuras em madeira, aço, agua-forte, lytographia, photogravura e outros processos de estampagem, tirados de publicações antigas e modernas e representando personagens, episodios, naus, caravellas e outros typos de barcos do seculo XVI, apetrechos de guerra, cartas geographicas, derrotas maritimas e outras coisas interessantes, relacionadas com a descoberta do caminho maritimo para India.

Acompanham essas gravuras estrophes dos *Lusiadas*, ao glorioso feito relacionado e descripções e ornam-os vinhetas interessantes, desenhadas á penna pelo sr. major Oliveira, reproduzindo cordame de navios e outros apetrechos maritimos e militares, motivos architectonicos de estylo gothico-manuelino, formando um conjuncto artistico e interessante.

Estão reunidos nos dois quadros retratos do infante D. Henrique, Vasco da Gama, D. Manuel, D. João II, D. Affonso V, o infante que iniciou as emprezas de navegação em Sagres, o sello de D. Manuel, o montante de Vasco da Gama e o «facsimile» da sua assignatura, as armas do rei afortunado e as bandeiras do seu reinado, as caravellas «S. Gabriel», «S. Rafael» e «Berrio», o Prestes João, a divisa e uma nau da epocha de D. Manuel, o mosteiro de Belem no seculo XVI, a partida de Vasco da Gama em demanda do caminho da India, a torre de Belem emergindo das aguas do Tejo e ao largo caravelas de velas pandas, o velho do Restelo, Vasco da Gama a bordo do «S. Gabriel», a passagem do Cabo Tormentoso, o roteiro de Vasco da Gama na primeira viagem á India, o gigante Adamastor, barcos da marinha indiana pelos portuguezes encontradas ao chegarem á India, os bateis dos navios de Vasco da Gama na bahia de S. Braz em 1497, Bartholomeu Dias levantando um padrão além do Cabo da Boa Esperança, a celebre peça do cerco de Diu, que se conserva no museu de artilharia, a audiencia do Samorim, caravellas portuguezas e uma nau de 200 toneis, a recepção do descobridor da India pelos reis de Portugal, as datas de partidas e chegadas das expedições á India, a custodia dos Jeronimos e o aspecto de Lisboa no seculo XVI.

Os dois curiosos mappas encontram-se na nossa redacção, podendo quem pretenda adquiril-os vir vel-os. O producto da venda reverte a favor do Instituto Medico Pedagogico de Santa Izabel.

Obscuridades...

O melhor é não se falar mais n'isso!...

Hontem publicámos o seguinte:

Lê-se em *A Situação* de hoje:

«Internacionalmente a situação nunca foi tão boa. Estamos nas melhores relações possiveis com as nações alliadas e neutras, que nos tratam com uma consideração maior do que nunca.

Não é verdade que o governo houvesse declarado no parlamento que os alliados lhe tivessem pedido reforços. Não o podia declarar, porque os alliados nenhuns reforços lhe solicitaram... antes pelo contrario. A missão de que foi encarregado em Paris e Londres o general sr. Garcia Rosado visa exactamente a que esse «pelo contrario» desappareça.

A Situação responde assim a um suelto de *A Opinião*, onde se lamenta a precaria posição internacional de Portugal.

E' curioso! dizemos nós agora. Sempre que *A Situação* se propõe explicar a nossa posição internacional, fica tudo mais confuso que d'antes. Sempre obscuridades. D'aqui a pouco é o negro absoluto!»

A titulo de esclarecimento, *A Situação* escreveu hoje esta local:

A precipitação com que foi escripta a nossa local de hontem relativa á participação de Portugal na guerra, originou uma redacção defeituosa que não corresponde de forma alguma á ideia que queriamos exprimir. O que nós desejavamos affirmar era simplesmente que o governo não fez declaração alguma no Parlamento, d'onde se podesse deprehender que os alliados lhe tivessem pedido reforços.

Cremos, sem que estejamos auctorisados a asseveral-o, que a missão do sr. Garcia Rosado tem por fim principal remover as dificuldades que tem havido até aqui para a effectivação do «roulement».

Era este sómente o sentido da local que, como estava redigida, podia effectivamente dar logar a confusões.

Como se vê, as obscuridades continuam. *A Situação* não esclarece coisa alguma e quanto mais escreve mais duvidas faz surgir. Entretanto era bem simples o desenlace: bastava dizer a verdade, mas toda a verdade.

"As grandes batalhas"

Vae a Capital iniciar brevemente a publicação da admiravel obra que o eminente escriptor Julio Dantas escreveu expressamente para o nosso jornal. **As grandes batalhas**, *que irão renovar o immenso triumpho da* **Patria Portugueza e do Amor em Portugal no seculo XVIII**, *serão opportunamente annunciadas e hão de constituir, sem duvida, um dos grandes acontecimentos litterarios do anno corrente.*

Cartas de França

As sagradas riquezas

O sr. d'Estournelles de Constant, chegou a Amiens e immediatamente se viu rodeado por dezenas de jornalistas. Eu fui tambem. Este cavalheiro, que vinha acompanhado pelo sr. Boutreux e é chefe de divisão do ministerio das bellas-artes, tem salvo á França centenas de milhões e pelo seu esforço intelligente e continuo, tem-lhe conservado o patrimonio dos avós, disperso pelos muzeus da região invadida. E' um homem baixo, de edade indecisa, grandes e luminosos oculos que faiscam e que se nos mostrou particularmente indignado porque o automovel em que viajava de Paris para Amiens foi abundantemente regado de granadas sobretudo de Breteuil para o norte.

Rodeado d'um sequito de mercurios —estranhos mercurios todos fardados e de lapis na mão,—o sr. d'Estournelles explicou-nos que d'esta vez o trazia a Amiens a preoccupação de salvar os frescos de Puvis de Chavannes que se encontram no muzeu da cidade e que o bombardeamento pode attingir d'um instante para o outro. Estes frescos admiraveis, que são a gloria e o orgulho da capital da Picardia, completando uma collecção d'objectos d'arte quasi unica no mundo, estão, todavia, pintados na propria parede e já, noites sem conto alguns especialistas perderam pensando na forma de fazer a «demarouflage». O sr. Boutreux, companheiro do sr. d'Estournelles, fez uma experiencia complicadissima n'um pedaço de muro, servindo-se de todos os engenhosos recursos da chimica e da industria e perante a nossa attenção muda e interessada garantiu-nos que se poderiam levar d'ali os frescos de Puvis de Chavannes, maravilhosas obras de luz e de côr que uma brutalidade allemã póde de repente reduzir a poeira impalpavel.

Este sr. d'Estournelles, com os seus oculos redondos, o seu sorriso claro e bom, embrulhado n'um jaquetão duvidoso e passando a vida dentro d'um automovel, pesquisando d'um lado e de outro tudo quanto o genio dos seculos foi semeando no norte da França, pareceu-me uma excellente e nobre creatura, soldado a seu modo, heroe á sua maneira e que tanto merece do seu paiz como aquelles cuja missão é morrer. De resto, o seu governo bem o comprehendeu, entregando-lhe ultimamente e solemnemente, a grã-cruz da Legião d'Honra. Póde dizer-se que este homem não dorme ha quatro annos e se lhe dessem apenas um por cento dos milhões que tem salvo e conservado á sua patria, o sr. d'Estournelles seria um dos maiores capitalistas do mundo.

Foi elle que, logo no começo da guerra, e embora se tratasse d'um patrimonio belga, foi a Ypres debaixo de fogo, vencendo perigos e reluctancias, quando ainda ninguem pensava em tal cousa e de lá conseguiu arrancar todos os Memling, todos os Franz-Halls. A sua grande mágua ainda hoje é não ter podido trazer comsigo egualmente aquella maravilha, aquella renda de pedra e de genio que foram as «halls» d'Ypres e que são hoje um montão de ruinas. Por sua iniciativa, sob a sua direcção, desde 1914 centenas de «camions» cruzam estradas, trilham cidades, percorrem destroços salvando a clara e immarcessivel arte franceza. Aquelle funccionario que era talvez, antes da conflagração, um adormecido «rond-de-cuir», vivendo entre tarefas emolientes e soporificas—revelou-se o mais activo, o mais zeloso dos empregados do seu ministerio. Em Lunéville existia um triptico, uma obra delicadissima de Durchael, n'um velho convento abandonado onde já não era possivel a permanencia; foi elle proprio lá buscal-o. Em Reims, levantou um por um todos os vitraes da grande rosacea da cathedral, levou-os, salvou-os entre explosões d'alegria, transportando-os como um avaro pode transportar o seu thesouro. Trouxe de Verdun dois magnificos Rubens que lá corriam grande risco; ultimamente arrancou de Compiégne todos os Winterhalter que se encontravam no palacio. Por toda a parte, onde quer que houvesse uma migalha de passado, um resto d'epopeia, uma aspiração na tela ou na pedra, d'outros homens, d'outras gerações,—apparecia o sr. d'Estournelles, com os seus oculos e o seu sorriso. Cobriu de saccos de terra todas as estatuas dos heroes, todos os monumentos dos artistas. Não repousava, não comia, não dormia. Arrecadava.

Quando os «raids» sobre Paris se tornaram mais insistentes e a «blague» do grande canhão pôz em riscos eventuaes a cidade monumental, o sr. d'Estournelles attingiu culminancias épicas. A' sua voz um exercito de creanças e de invalidos, começou revestindo todas as obras d'arte da grande metropole com largos e protectores saccos d'areia. Todos os dias sahiam do Louvre longos comboios automoveis que levavam, empacotada em lona, a pintura de quatro seculos d'arte, toda Renascença, toda a Meia-Edade, todas as sagradas riquezas, que iam para recato, para abrigo, transportadas entre mil cuidados no meio dos gritos, das recommendações d'aquelle homem de jaquetão duvidoso. Appareceu uma bella manhã no muzeu de Cluny—e levou todo o muzeu de Cluny, por entre o espanto e a alacridade dos guardas. No Luxemburgo deixou salas inteiramente vasias, aferrolhou os Detailles, embrulhou os Millet, enrolou todos os Rodin em algodão em rama, fez tropelias, venceu renitencias, sacudiu a inercia das administrações, repelliu com horror a papelada das formalidades, na preoccupação constante, na unica preoccupação de salvar as sagradas riquezas. E' o defensor da Arte como na linha milhões são os defensores do solo.

Agora, em Amiens, depois de ter resolvido o caso dos frescos de Puvis de Chavannes, o sr. d'Estournelles abalou para a cathedral que felizmente não em soffrido muito. Fui atraz d'elle, colhido na sua vertiginosa actividade. Uma multidão d'artistas está tratando d'arrancar delicadamente todos os vitraes de Nicolau de Ruão encaixilhados nas nervuras gothicas da nave, nos tympanos do portico. O sr. d'Estournelles trepou a um andaime com a ligeireza d'um mancebo e espetou o dedo e fez recommendações sempre com os oculos a rutilar, sempre com o seu claro sorriso bom. E depressa! Porque não podia demorar-se muito, e queria ainda ir a Soissons recolher outros vitraes, outras admiraveis maravilhas de mestre Antonio de Posuania. E depois iria ainda a Compiégne, a Reims, a Nancy, constantemente agodado, eternamente em transe pelas sagradas riquezas... Com effeito não parava, medindo nervosamente, com grandes passadas as tabuas dos andaimes que estremeciam e dobravam debaixo do seu peso. Ainda eu o contemplava cá de baixo, já elle tinha largado no seu automovel pressuroso e diligente, aquelle homem apagado, inquestionavelmente um grande patriota, todo fremente, todo vibrante de piedade e de amor pelas reliquias da sua patria. Do lado de lá existem milhões de «boches» incendiarios, destruidores, possuidos d'uma estranha, maldita, nietzchiana ideia da força barbara. Mas do lado de cá existe o sr. d'Estournelles de Constant. São duas forças que se medem e que se valem. Por isso, quando vier a paz ainda existirão dellas, admirar-se-hão ainda rendas de pedra, reliquias, soluços, aspirações do passado. E sempre um ou outro curioso saberá que deve esse regalo a um homem baixo, quasi calvo, d'oculos rutilantes e fato enxovalhado. Será a melhor, a mais doce recompensa para o sr. d'Estournelles, que não é soldado, que não é combatente—mas que muito merece da sua Patria!

Mario de Almeida

LIVROS NOVOS

A ermida de Castromino, por A. A. Teixeira de Vasconcellos

Velha escola. Antigo auctor. Moldes d'outras eras onde se accumulavam em mais abundancia, phantasia, romantismo, litteratura e sentimento. O romance do jornalista Teixeira de Vasconcellos, que nos dá em 3.ª edição, a galante collecção selecta,—a nossa «Nelson»—ainda é um bom livro, n'este tempo em que quasi poucos fazem romance e raros agitam no desfiar de palavras e phrases, ou ideias, ou paixões, reaes ou phantasticas, fructos do realismo ou do idealismo do auctor. Louvavel é sempre, pois, reimprimir uma obra que dê enlevo e sustento a almas soffregas de leitura; mais louvavel ainda, quando esse acto é revestido da solemnidade artistica que a «Collecção Selecta» põe em todas as suas obras.

Por todos estes motivos, a «Ermida de Castromino» em 3.ª edição ha de continuar com a consagração dispensada pelo publico. E a tarefa de ressuscitar os antigos romances e romances em moldes antigos, continua, felizmente; é o quasi desconhecido Arnaldo Gama tão estudioso e erudito, Rebello da Silva, Garrett... em longa série de edições novas, elegantes, simples e baratas; iniciativa vasta e grande que merece bem o applauso e o louvor de todos que perdem o tempo em louvaminhas e coisas banaes e ridiculas.

"Em flagrante", por Victor Mendes

Peça original em 1 acto, que se diz representada com grande successo em varios theatros da provincia.

Resume-se n'um pequeno «lever de rideau» sem lances, sem situações extranhas, um tudo nada original, se originalidade ainda pode haver no que se faz e diz ou escreve no XX seculo da E. C. E' escripto com correcção; com a pecha porém, o auctor não se desloca nem para a frente nem para traz no logar que já conquistou com obras theatraes de môr vulto.

"A terra de ninguem", por Alves

Pamphleto em verso, linguagem revoltada, com notas em prosa e de preço 5 centavos.

Ficamos scientes.

Ex-tenente X...

A proposito da apresentação do official desertor tenente Constancio

Antes da gerencia, na pasta da guerra, do sr. Norton de Mattos, os officiaes desertores não eram abatidos ao effectivo do exercito senão por effeito de condemnação em conselho de guerra que os julgasse, após a apresentação, ou por terem sido abrangidos pela prescripção legal que, na hypothese, nos parece ser de trinta annos, embora não o possamos affirmar. Seria preciso, para fixar com precisão este praso, consultar os textos legaes e, como o pormenor é de pouca monta, dispensamo-nos d'essa canseira.

Porque é que o sr. Norton de Mattos passou a dar tão errónea interpretação á lei? Não o sabemos. Talvez por um zelo patriotico, afim de supprimir aos officiaes que desertaram n'esta epocha de guerra, a qualidade de militares. Em todo o caso procedeu contra o senso commum, forçando a letra da lei e, ainda mais, o seu espirito.

Apresentou-se agora o tenente X... nas condições do nosso anterior artigo. Que é que lhe acontece? E' augmentado ao effectivo do exercito para ser julgado como desertor. Isto é: foi abatido por ser desertor; continua a sel-o até á sentença final do conselho de guerra que o julgar; pois, apesar de desertor, e, segundo «A Situação», exactamente por isso, volta a ingressar nas fileiras, recuperando, como desertor, a qualidade de militar que perdera por ser desertor. E' absurdo.

Continuamos, pois, a entender que a interpretação do sr. ministro da guerra está errada. Por duas razões principaes: primeira, porque é contraria ao senso commum; e segunda porque briga com as ideas e sentimentos republicanos. Temos de admittir que o sr. ministro da guerra foi forçado, por circumstancias alheias á sua vontade, a fazer o que fez, porque o illustre titular é pessoa de equilibrado criterio e ainda porque é republicano, embora esta segunda qualidade lhe seja contestada por pessoas que tambem são dignas de fé.

A nossa interpretação da lei é que se conforma absolutamente com a intelligencia e o caracter republicanos. Nem admira que assim seja. Exactamente porque somos civis é que melhor collocados estamos para a interpretação das leis e regulamentos militares. Admira-se «A Situação»? Não tem de quê. Pois não é certo que, junto dos membros militares d'um conselho de guerra, se colloca sempre um auditor, isto é, um juiz civil e togado, encarregado especialmente de citar, interpretar e explicar os textos legaes? A sabedoria do legislador guiou os seus passos; elle comprehendeu—e muito bem—que só o civil, isento da rigidez de disciplina militar, possue a necessaria flexibilidade para dar equitativa interpretação á lei. Pôde o militar ter intelligencia para a interpretação; raras vezes terá a maleabilidade que vem da educação juridica. O militar é para a guerra; o civil é para a paz. Por isso mesmo é que o poder civil se deve sobrepôr sempre ao militar. Mas a discussão, d'est'arte, levar-nos-hia muito longe e não vale a pena dispersal-a até ao infinito. O que fica dito é sufficiente. O illustre titular da pasta da guerra é que, d'esta vez, não adregou...

A este proposito recebemos a seguinte carta:

Sr. redactor.—Vendo ha dias no seu mui conceituado jornal determinadas considerações sobre a situação militar actual do tenente Constancio, considerações que, em nada satisfizeram a minha curiosidade de saber se esse senhor está em liberdade ou preso em quanto não for chamado ao tribunal militar, para ali responder pelo crime de deserção, muito me obsequiava v. elucidando-me sobre o que de verdade ha a tal respeito.

Pela informação pedida, muito agradece a v. o que é do seu jornal—Leitor assiduo.

Não possuimos elementos d'informação sufficientes para satisfazer o pedido do nosso leitor. Mas o articulista de «A Situação», que é militar e parece privar com as altas auctoridades do exercito, poderá, com certeza, esclarecer o ponto duvidoso denunciado na carta acima publicada. Quanto a nós—já o dissémos—não nos interessa o caso particular do sr. tenente Constancio. Só a defeza e segurança da Republica nos apaixonam.

Casco d'azeite que rebenta

Esta tarde, quando se procedia á descarga de cascos d'azeite, á porta da casa Jeronymo Martins, ao Chiado, á qual eram destinados, um d'elles rebentou, correndo pela valeta e indo sumir-se na primeira sargeta que o agora tão precioso liquido encontrou.

Alguns populares conseguiram aproveitar parte.

A constituição do primeiro exercito americano

Até hoje, os americanos não tinham combatido na «frente» senão amalgamados com os exercitos francezes ou britannicos.

Eis que se annuncia agora officialmente que um exercito puramente americano foi constituido, tomando pessoalmente o seu commando o general Pershing, que continua a conservar as suas funcções de commandante em chefe do corpo expedicionario americano.

Este exercito foi constituido segundo o plano de organisação e de instrucção de 1917-1918.

Segundo este plano, os regimentos uma vez instruidos, serão absorvidos por divisões em serviço activo e estas reunidas mais tarde em corpos que funccionam normalmente com todos os seus serviços e os seus estados maiores.

E' a reunião d'estes corpos que forma o primeiro exercito.

Os commandantes dos corpos de exercito já designados são os majores-generaes Liggett, Bullard, Bundy, Redd e Wright.

Convem lembrar que uma divisão americana se compõe de 30.000 homens de todas as armas e que um corpo de exercito comprehende muitas d'estas divisões, portanto um exercito é constituido de muitos corpos de exercito augmentados com as tropas auxiliares, tropas de reserva, de aviação, de tanks, de artilharia pesada, etc.

As divisões que constituem os differentes corpos de exercito receberam a sua instrucção e fazem o seu serviço preliminar nos sectores activos do «front» e algumas, já unidades organisadas, tomaram parte nas recentes offensivas.

A questão não foi ainda bem esclarecida, de saber se o general Pershing ficará chefe do 1.º exercito ou se eliminará o commando n'um joven official-general. Não se sabe ainda quando se formarão os outros exercitos. Naturalmente serão constituidos n'um futuro proximo.

Os objectivos para tal necessarios não faltam.

Informações officiaes de Washington dizem-nos, com effeito, que mais de 1.300.000 homens já embarcaram para França.

E' tudo quanto se póde dizer presentemente. Notemos, finalmente, que os exercitos americanos, constituidos e funccionando como acabamos de dizer, ficarão, naturalmente, sob o commando supremo do general Foch.

SPORT

Reclamações

Semana d'Armas

Sr.—A' hora em que a «A Capital» de hontem me chegou ás mãos, estava precisamente pensando n'um assumpto a que a mesma se refere n'uma carta assignada por «Um esgrimista»: A semana d'armas portugueza! E' realmente para extranhar que ainda não fosse effectuada por «Um esgrimista», A semana d'armas portugueza. E' realmente para extranhar que ainda não houve quem se lembrasse de a organisar, se bem que se saiba que esta, pelo seu regulamento, só deverá realisar-se ainda esta epoca por realisar em agosto, apesar do C. N. E. a ter annunciado em tempo competente. V. aconselha o muito bem as salas d'armas a dirigirem-se á direcção do C. N. E., mas é possivel que na resposta, como tem feito quando alguem lhe pergunta pelas medalhas da prova de sabre do anno findo e, se não estou em erro, foram vencedores d'essa prova os srs. Antonio Montez, do Atheneu Commercial; Ermelindo Santos e Luiz Santos, do Grupo d'armas e Sport. Luiz Santos, do Grupo d'armas e Sport. —D. v., etc., «Um atirador».

Transportes Maritimos

Desaproveitando um magnifico vapor

Sr. redactor—Accuda-nos com urgencia porque a commissão dos transportes maritimos quer mandar para Marselha o vapor «Congo» (grande tonelagem) em vez de o mandar para Bordeus ou Rouen onde os nossos vinhos teem boa collocação, ao passo que para Marselha o vapor irá d'aqui vazio por falta de carga, visto que n'esta ultima praça os nossos vinhos não teem acceitação presentemente, devido ao caso da «Peninsular». E', pois, um crime perder-se n'esta occasião, em que a vindima está á porta e as adegas cheias de vinho, visto não haver exportação ha mais de dois mezes! A tonelagem tão importante de um vapor inteiramente perdida, com o simples pretexto de que vae á Tunisia buscar phosphatos, para o sr. Alfredo da Silva, membro do conselho economico e antigo socio do allemão Weinstein.—Um leitor.

Noticias diversas

No «Lawn-tennis» Santo Amaro, em Oeiras, disputa-se amanhã um interessante torneio de tennis em que tomam parte entre outros, os srs. Antonio Pinto Coelho, João Sassetti, Nobrega Lima, Borges de Sousa, Luiz Diogo da Silva, Ernesto Ryder, José da Camara d'Orey, Antonio Gomes da Silva, conforme hontem noticiamos.

—Amanhã, pelas 13 horas, realisa-se em Pedrouços a prova do percurso «Meia

milha» estando inscriptos os srs. Idelino Lima, Rodrigo Bessone Basto, Antonio Bazilio dos Santos, José Henrique Ferreira, Antonio da Silva e Mario Fernandes Garcia.

A. do Campos Junior

Theatros

Cartaz de hoje

THEATRO NACIONAL—A's 21—«Dama das Camelias».—TRINDADE — A's 21,30—«O gato maltez».— GIMNASIO—A's 21,15—«Marionettes»—APOLO—A's 21,30—«A revolta» — EDEN—A's 21,30—«A trombeta da fama».—POLYTHEAMA — A's 21,30 «Salada russa»—AVENIDA — A's 21,30—«Madame Eva com ambula»—SALÃO FOZ — A's 21 — Variedades e animatographo. — COLYSEU DOS RECREIOS — A's 21,30—«A nova missão de Judex».

Animatographos e concertos—Central, Olympia, Chiado Terrasse, Condes e Salão da Trindade.

Nota do dia

Continuam a ficar sem resposta os artigos que diariamente se veem escrevendo sobre a remodelação, que se impõe, do theatro Nacional. Seria deveras lamentavel que a «empenhoca» vencesse a justiça que assiste aos auctores dramaticos nacionaes, embora o facto não fosse para admirar n'esta linda terra que ha de chegar ao ponto de apenas possuir uma coisa de valor e esse mesmo, historico; a sua tradição. Em qualquer paiz em que tudo caminhe nos seus justos logares e onde haja um pouco mais de pudor, descrer de que justiça deixaria de se fazer, seria uma blasfemia. Entre nós, ha um ministro que declara, na presença de varios auctores, apoz uma representação feita por estes, que effectivamente teem razão, que se torna necessaria uma remodelação na casa de Garrett, assumindo consequentemente e em virtude d'essa mesma declaração, o compromisso formal de se interessar pelo assumpto e até hoje... nada. Em tempos idos, por factos de muito menor importancia, destituia-se um ministro quando não era este que tinha o bom senso de se demittir. Hoje que a instrucção é a que todos temos occasião de vêr, de norte a sul do paiz e até na propria capital, existe uma desculpa para tudo, na bocca de todos: «a guerra». E effectivamente, parece-me que o actual secretario da instrucção publica está creando um verdadeiro estado de guerra com os auctores dramaticos portuguezes. Deste modo mesmo que já se romperam as hostilidades e se definiram os campos.

Alvaro Lima

Informações

Realisa-se ainda este mez no theatro do Gymnasio uma festa commemorativa da passagem por aquelle palco dos notaveis artistas D. Palmyra Bastos e Eduardo Brazão, promovida pela revista «O Theatro».

Reclames

—Não ha melhor reclame para qualquer peça do que a opinião publica. Assim succede todas as noites com as «Marionnettes», a adoravel comedia do Gymnasio, pois que todos os que a teem visto são unanimes em elogiar o seu extraordinario desempenho, a sua graça incomparavel e a sua luxuosa encenação.

As «Marionnettes» repetem-se todas as noites.

No extrangeiro

Continua fazendo successo no theatro Vital Aza, de Malaga, a companhia dirigida por Ramon Pena que, ultimamente, ali estreiou «El niño judio».

—No theatro San Martin, de Buenos Ayres, a companhia Membrives-Juarez, levou á scena, com agrado, a peça de Arniches «Que viene mi marido!»

—Está fazendo successo em Barcelona a parelha de baile Las Carmelinas.

—No Romea, de Madrid, estão presentemente trabalhando os seguintes artistas de variedades: Marujita, Blanquita Asensi, Pilar Osiris e Lolita Duran.

Desastre em caminho de ferro

Um revisor que cahe á linha

Hontem deu-se um desastre na linha das Caldas. Anselmo Victorino, revisor do comboio n.º 224, que sahiu ás 17 horas d'aquella estancia balnear, quando passava de uma para outra carruagem, cerca da estação de S. Martinho do Porto, cahiu á linha, fracturando o craneo. Depois de receber os primeiros curativos no hospital local, veiu para Lisboa, onde, no de S. José lhe foi feita a operação do trepano, ficando recolhido em estado que inspira serios cuidados, na enfermaria n.º 4.

DESASTRES SOBRE DESASTRES

Salles-Federação-Malhou

Como consequencia do famoso monopolio dos navios do Estado, a Empreza Nacional de Navegação não mandará mais navios a Bordeus

Na serie de artigos que aqui teem sido publicados acerca d'este escandaloso negocio denominado *Salles Federação-Malhou* ficou já plenamente demonstrado o seguinte:

1.º—Que sendo chefe do gabinete do ministro das subsistencias e transportes o sr. Thiago Salles, medico de profissão e commerciante improvisado, foi celebrado entre o Estado e um alto funccionario um contracto, cujas consequencias são entregar-lhe o exclusivo do transporte para França dos vinhos portuguezes;

2.º—Que o sr. Thiago Salles se associou (ou simplesmente vendeu a concessão) com o sr. José Malhou, ficando este de posse do monopolio;

3.º—Que o sr. José Malhou celebrou um contracto com a Federação do Syndicato Agricola do Centro de Portugal, em virtude do qual a Federação se obrigou a fornecer vinho e o sr. José Malhou a transportal-o para França.

E mais ficou provado o seguinte;

a)—Que segundo todas as presumpções, o sr. Thiago Salles se valeu da influencia que lhe dava o seu cargo de confiança junto do ministro—que era o sr. Machado Santos—para arrancar ao governo a concessão do monopolio dos vapores ex-allemães;

b)—Que, uma vez conseguido o negocio, o sr. Thiago Salles abandonou o cargo, em 18 de maio do anno corrente, o que indica que o não quiz senão para realisar o negocio;

c)—Que o contracto posterior, designado por Federação-Malhou, é ruinoso para a vinicultura portugueza em geral, e especialmente para aquelles lavradores que não pertencerem á *egrejinha* da Federação;

d)—Que mesmo para estes o negocio é mau, porque lhes limitou o preço da venda dos seus vinhos a 40$00, quando é certo que a procura havia forçosamente de elevar a cotação a 60$00, 70$00 e mesmo 80$00;

e)—Que o immoralissimo monopolio servo apenas para gerar muitos novos-ricos, porque, á sombra d'elle, o sr. José Malhou e os seus socios ganham para cima de 7.500 contos de réis;

f)—Que tudo isto assenta n'um mysterio, que é o primitivo contracto *Salles-Estado*, que foi feito á porta fechada, que não foi publicado, mas que é revelado pelos perniciosos effeitos já produzidos;

g)—Que a execução de todos os contractos citados (todo o negocio em marcha...) já deu graves desgostos ao governo, como, por exemplo, no caso do *Peninsular*, com prejuizos materiaes para o erario e gravissimo descredito do nome portuguez junto do governo de França e dos commerciantes francezes importadores de vinhos.

Eis as principaes proposições aqui demonstradas, com grande copia de argumentos e citação de factos insophismaveis.

Como responde o sr. José Malhou a tudo isto? Com o silencio mais absoluto. Apenas annunciou que punha em almoeda o celebre contracto de monopolio dos transportes maritimos, mas tendo o cuidado de fixar, para o preço da venda, a percentagem de 3 o|o sobre quantia incerta. Quereria o sr. José Malhou dizer que os 3 o|o incidiam sobre os seus lucros de 7.500 contos? Não era nada mau. O sr. José Malhou arrecadava 225 contos, dando em troca uma coisa que, ao certo, ninguem conhece o que seja. O primitivo contracto, celebrado entre o sr. Thiago Salles e o Estado, é um mysterio!

O sr. José Malhou guarda, pois, um silencio tumular. E' um processo de defeza como outro qualquer, visto que o monopolisador declara, a quem o quer ouvir, que não ha forças humanas capazes de lhe annularem o precioso contracto de exclusivo!

E o governo que faz? Por emquanto procede com os democraticos no caso dos vapores cedidos á Furness. Conserva-se impassivel, sustentando o *statu-quo*, que é aquillo que convém ao sr. Malhou e aos seus socios, declarados ou não declarados...

Entretanto o desastre accentua-se, com prejuizos enormes para a Nação: Agora surge outro: a Empreza Nacional não mandará mais os seus navios a Bordeus. Porquê? Affirma-se que por causa do incidente do *Peninsular*. Resta saber ainda se a Empreza Nacional de Navegação procede de seu moto proprio ou se o governo francez lhe notificou a exclusão de entrada dos seus navios em portos de França... Jámais se saberá, talvez!

Vamos desvendar alguns dias. Isto não vae a matar! E entretanto é possivel que alguem appareça a contestar as grandes verdades aqui expostas.

Jardim Zoologico

O sr. João Henriques Caldas, filho do grande amigo que foi do Jardim Zoologico Henrique Maria Peres Caldas, offereceu, para a alimentação dos animaes, um saco de grão preto.

O sr. Manoel Coelho de Magalhães tem continuado a remetter para o parque varias porções de carne.

CAMBIOS

Lisboa, 17 de agosto de 1918.

	Compra	Venda
Cheque sobre Londres	30 1|4	30 1|8
90 d|v.	30 1|8	
Cheque sobre Paris	291	296
» Hollanda	880	875
» Italia	215	225
» New York	1660	1680
» Madrid	465	480
Rio sobre Londres	12 3|8	
Libras ouro	10$50	10$80
Agio do ouro	135 0|0	140 0|0

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados

559	20.000$00
2710	2.000$00

5763	600$	2166	100$
2152	200$	2595	100$
3642	200$	3864	100$
3993	200$	3906	100$
4899	200$	4246	100$
5997	200$	4350	100$
558	187$5	4486	100$
560	187$5	4909	100$
581	100$	4918	100$
683	100$	4986	100$
764	100$	5529	100$
930	100$	5564	100$
1566	100$	6164	100$
1797	100$	6230	100$

Desastre no trabalho

Quando hontem, na Fabrica de Tecidos e Fiação em Chellas, o carpinteiro Manuel Joaquim de Sá, de 32 annos, arranjava o pandoar d'uma correia, foi colhido pela serra de que se servia, que quasi lhe separou um dedo. Conduzido ao hospital de S. José, foi-lhe amputado, recolhendo depois a casa.

Ao leitor d'A CAPITAL

Depois de lido, enviar este jornal á *Junta Patriotica do Norte* (Paços do Concelho—Porto), a fim d'esta o mandar para os nossos soldados no «front».

Ultimas noticias

Da guerra e dos exercitos

A offensiva dos alliados

Um forte contra-ataque allemão repellido com grandes perdas

LONDRES, 17. — Communicado britannico de hontem á noite. O inimigo lançou um forte contra-ataque sobre as nossas novas posições de Damery, sendo porém repellido em todos os pontos com grossas perdas e deixando em nosso poder mais de 250 prisioneiros e muitas metralhadoras. Hoje, na mesma região, os nossos contingentes avançaram em ligação, com os francezes, realisando importantes progressos na direcção de Fresnoy-les-Roye e Fransart, fazendo tambem alguns prisioneiros. No resto da frente britannica, nada ha a assignalar alem da actividade reciproca das duas artilharias nos diversos sectores.

Aviação—em 15. Travaram-se poucos combates aereos. Os nossos aviadores abateram 4 apparelhos inimigos, obrigaram 5 a aterrar desamparados e desceram em chamas 2 balões captivos. Não regressou um dos nossos. Durante o dia continuámos o grande trabalho de reconhecimento e fizemos numerosas observações, regulando o tiro da artilharia. O peso total das bombas lançadas por nós, nas ultimas 24 horas, eleva-se a 22 toneladas e meia. Os aerodromos inimigos foram fortemente atacados, bem como muitos depositos de munições e entroncamentos de linhas ferreas. Todos os nossos apparelhos regressaram indemnes.—(Havas).

Os francezes progridem na frente do Avre

PARIS, 16.—Na frente do Avre, as tropas francezas progrediram na região de Viller-les-Rois e St.-Aurin, a leste de Armencourt, occupando as nossas antigas primeiras linhas. Na Champagne fizemos prisioneiros no sector de Perthes-les-Hurlus, e repellimos um golpe de mão inimigo a leste de Maisons-en-Champagne. Nada mais a registar no resto da frente.—(Havas).

Os inglezes atravessam o Ancre e a sua linha avança

LONDRES, 16. — Communicado britannico—Durante a noite avançámos ligeiramente a nossa linha a nordeste de Morlancourt. Na mesma região foi repellido depois de vivo combate um ataque inimigo sobre um dos nossos postos. Tambem na orla nordeste do bosque de Thiepval, houve combate, depois do qual as nossas patrulhas passaram para a margem esquerda do Ancre, e mais ao norte as nossas patrulhas avançaram, entre Beaucourt-sur-Ancre e Puisieux-au-Mont. A artilharia inimiga mostrou crescente actividade ao sul do Somme, entre o canal de La Bassée e Ypres.—(Havas).

A cooperação da aviação franceza

PARIS, 16.—Communicação official de hoje ás 23 horas sobre a aviação franceza: No dia 15 de agosto as nossas tripulações abateram ou puzeram fóra de combate 23 aviões inimigos. Na noite seguinte os nossos bombardeiros effectuaram numerosas expedições na zona da retaguarda da batalha, lançaram mais de 14 toneladas de projecteis nas gares de Nesle e Saint Quentin e nos bivaques de Champien e de Guiscard, onde se notaram alguns incendios. Outras expedições, effectuadas no vale do Aisne e na região a leste, obtiveram excellentes resultados. Foram lançadas 4 toneladas de explosivos, principalmente nas gares de Thionville e na região de Mezières-Charleville. Em total foram utilisadas 25 toneladas e meia de projecteis.—(Havas).

Operações no Oriente

Actividade da artilharia

Ataque repellido

PARIS, 16.—Exercito do Oriente:—Actividade da artilharia na região do Dobropolje. Na Albania, a leste de Progrodeni, o inimigo renovou pela terceira vez os seus ataques, que as nossas tropas repelliram brilhantemente. Nas regiões de Grames o inimigo soffreu serias perdas durante um reconhecimento infructifero. Apezar do mau tempo, a aviação britannica bombardeou os organisações e os ajuntamentos inimigos no valle do Struma.—(Havas).

A guerra aerea

Novo «raid» sobre Paris

Ha victimas e prejuizos materiaes

PARIS, 16. — Communicado official — Tendo sido registados ruidos de motores, pelos postos de vigilancia, na região ao norte de Paris, foi dado o signal de alarme ás 22,52. Os aviões inimigos foram violentamente canhoneados pelas baterias de defesa. Cahiram algumas bombas na região parisiense, tendo feito algumas victimas e prejuizos materiaes. O signal de alarme terminou á meia noite e 36 minutos.—(Havas).

O esforço americano

Como o aprecia lord Northcliffe—A paz só será dictada em Berlim ou Potsdam

LONDRES, 17—Lord Northcliffe, discursando na séde da redacção do «Times», por occasião de um almoço aos representantes da imprensa estrangeira actualmente em Londres, pôs em relevo os esforços de todas as partes componentes do imperio, nos primeiros dias de guerra, e, os dos americanos, accentuando que estes teem mostrado possuir exactamente as mesmas qualidades que se dizia deverem faltar n'um tal exercito poliglota. Diziam que lhe faltaria a coesão, mas, afinal, como succede com os inglezes, esses homens dos Estados Unidos de tão differentes nacionalidades parecem, pelo contrario, empenhados em provar que um tcheco é tão bom como um irlandez ou um sueco, e que lhes equivalem perfeitamente os homens dos Estados Unidos, que são de origem ingleza. Uma coisa por elles posta em pratica, e verdadeiramente miraculosa, foi a cerdeza surprehendente com que organisaram o seu systhema de transportes. Antes da participação dos Estados Unidos na guerra, e mesmo durante algum tempo depois d'ella, a Inglaterra ajudou em grande escala os alliados fazendo-lhes adiantamentos de dinheiro em proporções até então nunca attingidas, e mesmo sem se levar em linha de conta a grandeza e a suprema efficacia da sua marinha, praticou actos verdadeiramente grandiosos. Ora—prosegue lord Northcliffe—leio ás vezes o radiogramma allemão, que chega a todos os paizes neutros e tem por fim fazer uma propaganda quotidiana. Avalio em 800.000 o numero dos nossos mortos, feridos ou desapparecidos, em campanha, dos quaes mais de 800.000 no anno passado, e creio que este calculo é resposta cabal áquella propaganda, que se não faz só em França mas tambem em quasi todos os paizes, propaganda que proclama que a Inglaterra se baterá quasi até ao ultimo homem... «que a França, a Italia, o Canadá e os Estados Unidos possam mandar para o campo de batalha». Farei notar que na Gran-Bretanha não ha um unico jornal pacifista que não tenha necessidade de subvenção, o isto demonstra quanto escasseiam os leitores para esse genero de publicações. Terminando, o orador exclamou: A esses que se entreteem, por exemplo, em fazer calculos sobre o local onde deverá fazer-se a paz, responderei que a minha opinião é de que essa paz só será firmada em Berlim ou em Potsdam!—(Havas).

*

De todo o mundo

O aluminio nos Estados Unidos

PARIS, 15—Calcula-se que a producção de aluminio nos Estados Unidos, em 1918, excederá a 100.000 toneladas.

A nova fabrica de aluminio «Badin» (North Carolina) já está funccionando e dizem que a capacidade de producção será de 22.000 toneladas de metal.

Evocando o saudoso nome de Adrien Badin, os americanos prestam uma homenagem ao engenheiro francez a quem esta industria deve.—(Correspondente).

Morte de um deputado francez

NOVA YORK, 16.—Falleceu com um ataque de apoplexia, ao chegar a um porto do Pacifico, o sr. Albert Metin, deputado e chefe da missão franceza.—(Havas).

Mutilados da guerra

Festejos em Pinheiro de Loures

Em favor dos mutilados da guerra vae realisar-se n'esta linda localidade um grande festival, nos domingos, 25 de agosto e 1 e 8 setembro. O programma consta de um extenso arraial com illuminações á moda do Minho, concertos por uma banda regimental e filarmonicas, tombola, kermesse, cavalhadas, etc.

A commissão promotora, que é composta da sub-commissão local da Cruzada das Mulheres Portuguezas e d'algumas familias que ali estão veraneando, conseguiu das camaras de Lisboa e Loures a cedencia de todo o material decorativo, tendo tambem conseguido que n'esses dias haja carreiras extraordinarias para a festa, que partirão do Lumiar.

Presos politicos

Os presos politicos que se encontravam no grupo B da cadeia do Limoeiro, foram esta tarde transferidos para o forte de Monsanto.

Pela diplomacia brazileira

RIO DE JANEIRO, 16.—O dr. João Fausto de Aguiar, consul geral do Brazil em Genova, foi nomeado inspector dos consulados da Europa e do norte de Africa, em substituição do dr. Baptista Lopes, que não acceitou o cargo.—(Americana).

Fornecimento de ferro fundido

Perante a direcção dos caminhos de ferro de Sul e Sueste, na séde, rua de S. Mamede (ao Caldas), 63, se ha de proceder no dia 6 de setembro, ás 13 horas, á abertura de propostas para a adjudicação do fornecimento de 74 toneladas de ferro fundido.

O programma do concurso e o caderno de encargos acham-se patentes na secretaria da direcção, e na dos Armazens geraes (Barreiro), onde podem ser examinados em todos os dias uteis, das 11 ás 16 horas.

POLITICA

A união republicana, segundo o sr. Machado Santos

O caso da contribuição predial... por engano

Fez o giro da imprensa periodica a nova de que o sr. Machado Santos ia trocar o bastão de marechal politico pela pacifica charrua de Cincinatus, enclausurando-se n'uma quintarola, lá para as bandas de Villa Franca de Xira.

Não ha nada menos exacto. O illustre vice-almirante continua em actividade politica e tem mesmo desenvolvido, n'estes ultimos tempos, uma grande e extensa acção. Não se imagine, porém, que os seus intuitos sejam perturbar a ordem publica. Pelo contrario: todas as approximações politicas que ultimamente tem realisado são inspiradas n'um pensamento de pacificação, procurando levar a bom termo a aspiração dos republicanos a quem repugnam actos de força. Ao commandante da columna do norte na revolução de 5 de dezembro (o sr. Sidonio Paes commandou, como é da historia, a do sul) agrada, sem duvida, a opposição constitucional ao governo; mas as instituições, superiormente representadas pelo sr. Sidonio Paes, considera-as elle intangiveis. A sua approximação de elementos de força do democratismo é, pois, guiada por um accentuado espirito de pacifismo, concretisado na união de todos os republicanos.

Ha uma nota curiosa a destacar.

Como se sabe foi publicado o decreto da contribuição predial e attribuiu-se o caso a um engano, descuido, desleixo ou lá como se queira chamar-lhe. Fez-se um inquerito. Veio hoje a publico o resultado, confirmando-se que, realmente, o decreto foi intempestivamente para o «Diario do Governo». Pois, apezar de tudo isto, ainda não appareceu diploma algum annullando a extemporanea publicação. Não apparecerá, e, provavelmente, não apparecerá...

Productos coloniaes

São esperados brevemente no Tejo, vindos das colonias, carregamentos de assucar, arroz, milho e outros cereaes.

Secretaria d'Estado da marinha

Tomou hoje posse do cargo de chefe da 3.ª repartição da 3.ª direcção da secretaria d'Estado da marinha o capitão de mar e guerra sr. Manuel Eduardo Correia.

Bibliotheca Nacional

Foram mandadas suspender todas as obras internas a que de ha longos annos se estava procedendo no edificio da Bibliotheca Nacional de Lisboa, sob a direcção das Obras Publicas. Vão ser continuadas sob a fiscalisação directa da direcção autonoma das bibliothecas.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2371 — 9.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães

Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Domingo, 18 de Agosto de 1918

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL

Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço 2 centavos

Da guerra

A offensiva dos alliados

Vivos combates na frente ingleza — Actividade da artilharia allemã

LONDRES, 17.— Communicação britannica: — A pressão das nossas tropas ao norte da estrada de Roye e ao norte do Ancre continuou. Realisámos progressos n'estes dois sectores. Hontem, na visinhança de Vieux Berquin, as nossas patrulhas tiveram que sustentar vivos combates que ali tiveram logar. Durante a noite as nossas tropas fizeram progressos n'este sector e capturaram prisioneiros nos arredores de Merris. A artilharia inimiga mostrou-se bastante activa proximo de Montrouge e em Scherpenberg, na visinhança do lago Zillebeke.—(Havas).

N. da R.—Contra o nosso habito, pois que «A Capital» não costuma repetir o noticiario e os telegrammas dos jornaes da manhã, damos este telegramma, que só o nosso collega «Diario de Noticias» deu no seu serviço especial.

A cooperação dos aviadores inglezes

LONDRES, 17.—Communicação da aeronautica:—Na noite de 16 para 17 as nossas esquadrilhas atacaram 4 aerodromos e 2 ramaes de caminhos de ferro. Além dos apparelhos dados como desapparecidos no dia 16 do corrente, falta um 3.º apparelho que não voltou.—(Havas).

*

Guerra maritima

Dois contra-torpedeiros afundados por minas

LONDRES, 17. — Communicação do almirantado:— Dois contra-torpedeiros britannicos chocaram no dia 15 do corrente com minas submarinas e afundaram-se. Desappareceram 26 pessoas, que se suppõe tenham morrido devido á explosão ou então afogadas. Um homem morreu victima dos ferimentos recebidos.—(Havas).

*

De todo o mundo

Declarações do Papa

ROMA, 17.—Respondendo á carta que lhe dirigiu o episcopado irlandez, por occasião da beatificação de Plunket, o Papa disse que, apesar das calumnias, continua a attenuar as consequencias dolorosas da guerra e a procurar apressar o fim da carnificina.—(Havas).

LONDRES, 17—A bolsa esteve hoje fechada.—(Havas).

A cultura do tabaco Em França

AGEN, 17.—Desde o começo da guerra que a crise da cultura do tabaco se accentua dia a dia.

O tabaco é cultivado, na região do sudoeste, apenas em dois departamentos: o do Lot e do Lot-Garonne.

A colheita de 1917, entregue em 1918, attingiu 3.184.445 kilos, pagos por francos 5.623.259, menos 218.348 kilos que a colheita de 1916 e 1.750.405 que a de 1914, ou sejam 35 por cento a menos.

O numero de plantadores era de 9,399 em 1917, menos 2.412 do que havia no começo da guerra. 25 por cento abandonaram pois a cultura do tabaco.

A crise affecta mais particularmente o Lot.

N'este departamento, os tabacos de 1918, plantados em más condições, serão d'um rendimento mais do que mediocre, em razão das grandes seccas. Por outro lado a mão d'obra escasseia por completo.—(Correspondente).

Instrucção aos abrangidos pela mobilisação

WASHINGTON, 17.—A commissão militar do Senado approvou a emenda proposta pelo senador Reed, do Missouri, estipulando que o governo decretará a instrucção gratuita durante dois annos de todos os mancebos com mais de 21 annos.

A instrucção será dada depois da guerra.—(Correspondente).

MONTDIDIER EM RUINAS

O correspondente especial do «Matin», no «front», narra o seguinte:

Montdidier não existe, Montdidier é um montão de tijolos, de pedras e de madeiros partidos e calcinados.

«Montdidier não existe. Foi destruida até aos seus fundamentos. Nos seus destroços não se distingue o traço das ruas que a dividiam. Nada resta d'ella, nem um telhado, nem uma fachada, nem uma parede, nada, absolutamente nada!

Chegamos esta manhã (11 de agosto) a Montdidier, por caminhos inverosimeis, onde um bombardeamento phrenetico cavou milhares de barrancos. Da estação, Montdidier appareceu-nos sobre a sua collina, pela qual grimpam ainda algumas plantas resistentes como uma informe massa vermelha, aqui e além, manchada de branco.

E em boa verdade o seu aspecto não era triste! Essas côres tornavem-se garridas sob os raios do sol no ocaso. Lentamente, fomo-nos approximando. Nas vallas onde foi outr'ora o «boulevard» Parnoi, atravessamos a ribeira dos Trois-Doms, trepamos a uma collina. Na volta do caminho um grande bloco de parede se elevava. Disseram-nos: E' a Caixa Economica. Um pouco mais altos, grandes blocos accumulados uns sobre outros foram a egreja do Santo Sepulchro onde existia um orgão ornado de magnificas talhas e vitraes de grande reputação no côro. Onde estão essas maravilhas de esculptura, onde está o côro, onde se encontra o santo tabernaculo?

O palacio municipal, edificio moderno, está como o resto, subvertido. Em uma pedra lê-se, gravada, esta inscripção: «Fraternidade...» Mais além, onde foi a praça Parmentier, destaca-se ainda um vestigio do pedestal. A estatua desappareceu, certamente roubada, porque era de bronze. O palacio da justiça tambem foi devastado. Creio terem-me mostrado ali, no tempo em que havia paz, tapeçarias magnificas, scenas biblicas de Andenarde e muitas obras-primas de Boulle. Terão sido salvas?

A veneravel basilica de S. Pedro, velha, com mais de quatro seculos, com o seu maravilhoso portico gothico, fôra toda destruida, saqueada. O boche escavou o solo para se occultar e profanou os tumulos e os seus ornamentos.

As escolas de rapazes, os collegios de meninas, foram destruidos até ao subsolo. E depois... e afinal para que emprehender ennumerar essas devastações! Montdidier não existe! E' uma cidade morta! Era guarnecida de muralhas que datavam de ha sete seculos e cincoenta annos, que todas cahiram derrubadas pelos canhões. Mas de longe, do bastante longe, os allemães abriram profundas trincheiras e abrigos para as suas metralhadoras. De lá dominavam todas as plata-formas do Beauvaisis e tem-se, vendo o local, a ideia exacta das fainas inauditas e dos obstaculos formidaveis que aquellas muralhas saberiam oppor a um assalto de frente, se o houvessemos tentado.

D'esses escombros e d'essas cinzas que agora restam de Montdidier, retiramo-nos com o coração confrangido. Mas a que vem mais recriminações? Ha quatro annos que descrevemos as cidades destruidas pelo boche enraivecido! Demais têmos deplorado as suas torpezas, as suas atrocidades!

Sahimos d'essas lugubres ruinas para percorrermos os grandes campos de batalha nas semanas e dias passados. Mesnil-Saint-Georges, primeiramente que, sob um ceu brilhante forma um amontoado de destroços: depois Courtemanche, a seguir o parque e o grande castello de Grivesnes, de onde parte da guarnição se evolou... Malpart e Hargicourt.

Nas terras da immensa campina que percorremos durante um dia inteiro, os trigaes estão calcados.

A miseria fica sobre esta pobre terra por onde os hunos passaram... Mas ao longe, esta tarde, á hora crepuscular, os nossos canhões exaltam-se, repellindo as hordas barbaras, massacrando-as, dizimando-as; as nossas metralhadoras destroçam, lançam-se sobre essa carne maldita e detestada.

E isto consolou-nos um pouco!...

C. E. P.

O Roulement

Varios officiaes da 1.ª linha do C. E. P., de passagem em Lisboa escrevem-nos uma longa carta sobre o «roulement» a qual respigamos os periodos mais caracteristicos:

Sobre «Roulement», que afinal não ha forma de se effectivar, já ha trez decretos. No 3.º, de 13 de julho de 1918, confundem-se os feridos, os doentes de gazes, os doentes pelas privações e pelo clima (de inverno especialmente), os tuberculosos com os syphiliticos, doentes de venereo e os que cumprem prisão correccional e disciplinar!

Em toda a parte são respeitadissimos os feridos e os doentes de gazes. Em Portugal egualam-se a presos. Em toda a parte os feridos e doentes de gazes occupam a 1.ª brigada. Em Portugal não teem cathegoria alguma.

Quanto á licença da junta tambem as irregularidades e injustiças que se commettem na sua applicação são consequencia do desastrado decreto do «Roulement», cujo «Roulement» afinal ainda não está effectivado.

Esse decreto, sobre o «Roulement», (que por signal ainda não se effectuou) chama 1.ª linha á linha dos Q. G. das brigadas que em geral ficam uma legua á retaguarda do «front».

Sr. redactor.—Ao fim da ardua e perseverante campanha desenvolvida nas columnas de «A Capital» a favor do «roulement» ou rotação das nossas forças do C. E. P. em França, foi publicado, como v. sabe, o decreto com as «Instrucções para a rendição do pessoal» na Ordem do Exercito n.º 4 (1.ª serie) de 28 de março ultimo, «Instrucções» que por qualquer motivo não foram cumpridas, sem terem sido revogadas, até hoje!

N'esse decreto se estabelece que para effeitos de rendição seja descontado ao tempo de serviço o da impossibilidade resultante de doença «não contrahida por motivo de serviço», dando-se assim uma compensação áquelles que em defeza da Patria arruinaram a sua saude por ferimentos recebidos, intoxicação ou doença grave proveniente de serviço, e provendo-se simultaneamente á segurança e efficacia das nossas tropas pela eliminação nos quadros do C. E. P. d'esses elementos já extenuados e sua consequente substituição por elementos novos, frescos, cheios de vida.

Pois agora apparece em publico, sr. redactor, a circular 769 da 2.ª Repartição do Q. G. T. do C. E. P., de 3 do corrente mez que vem annular aquella disposição litteralmente, determinando, contra o disposto pelo ministro, que serão descontadas as licenças de qualquer especie no tempo de serviço para effeitos de rendição, isto sem falarmos já nas tristes condições em que ficam os combatentes de primeira linha, quando em preparação, com o pessoal de serviço nos quarteis generaes da retaguarda...

Bastará dizer que áquelles se conta o tempo de serviço por um terço e a estes por um meio!...

Saberá o ministro que o seu decreto já foi «revogado» e a pessima impressão resultante do facto nos meios militares?

Agradecendo antecipadamente e com a maior consideração.—«Um interessado».

A revolta de Mafra

Lê-se em «O Dia», de hontem:

«Ainda sobre a revolta de Mafra recebemos do distincto advogado n'aquella villa, sr. dr. Carlos Galrão, uma carta em que elle apresenta o seu auctorisado testemunho, affirmando que assistiu ao desfile dos revoltados, que heroicamente se bateram em S. Pedro da Ladeira, e não ouviu que nenhum d'elles soltasse qualquer grito contra a guerra. Tal boato é «inteiramente falso», diz-nos s. ex.ª

Devem existir nos archivos da secretaria de Estado da guerra os processos de investigação ácerca da revolta de Mafra D'esses documentos ha-de constar, forçosamente, que os revoltosos de Mafra soltaram, effectivamente, gritos de «abaixo a guerra».

Isto mesmo nos foi dito pelo proprio ministro da guerra de então, o fallecido general Pereira d'Eça. O desmentido do sr. Galrão não é, pois, de receber, senão na parte em que diz que não ouviu taes gritos, o que deve ser verdade, mas não prova senão que esta testemunha tem mau ouvido.

Desejariamos, em todo o caso, que fosse agora registado o depoimento do primeiro interessado, o ex-tenente Constancio.

Negará elle que gritou—«viva a monarchia! abaixo a guerra!»? Seria interessante sabel-o...

Uma exposição em plena guerra

Em Londres, sob o patronato da Sociedade Real e organisada por uma commissão presidida pelo professor R. A. Grégory, vae effectuar-se no King's College, uma exposição, scientifica e industrial, de productos britannicos, que durará dois mezes.

Não tem caracter algum commercial. O seu fim é mostrar ao publico como a união da sciencia e da industria pode acorrer ás necessidades actuaes e futuras do paiz; provar, por forma positiva, que a Allemanha não tem o monopolio das creações industriaes.

Duzentos e cincoenta expositores já enviaram os seus productos. Todavia essa exposição não será tão completa quanto poderia ser, pois que certas invenções ou processos novos não podem ser divulgados antes de terminar a guerra e, por outro lado, muitos industriaes estão agora muito occupados com encommendas do governo.

Tres especialidades, de que a Allemanha tinha açambarcado, em grande parte, a fabricação, chamarão especialmente a attenção dos visitantes.

Em primeiro logar os crystaes opticos que, graças a sir Herbert Jackson, do Instituto de Chimica, e aos seus devotados collaboradores, recuperou em Inglaterra o terreno perdido.

Em seguida, figurarão as côres synthe-ticas, base da tinturaria, pelas quaes a industria ingleza pagava á Allemanha 43.750,000 francos, pois que produzia apenas 5.000.000.

E finalmente, a producção do aço basico, que, mercê do processo inventado por Thomas e Gilchrist, permitte á Allemanha a utilisação de os minerios phosphorosos d'Alsacia e Lorena, e a do aço tungsténo, monopolisado pelos allemães, em detrimento dos manufactores inglezes, francezes e suecos.

Esta interessante exposição será completada por laboratorios de pesquizas, verdadeiros traços da união entre a sciencia e a industria. Beneficia do appoio official do ministerio das munições e do «Board of Trade»—ministerio do commercio—sendo as despezas a realisar feitas por capitaes voluntariamente offerecidos.

"As grandes batalhas"

Vae a Capital iniciar brevemente a publicação da admiravel obra que o eminente escriptor Julio Dantas escreveu expressamente para o nosso jornal. As grandes batalhas, que irão renovar o immenso triumpho da Patria Portugueza e do Amor em Portugal no seculo XVIII, serão opportunamente annunciadas e hão de constituir, sem duvida, um dos grandes acontecimentos litterarios do anno corrente.

Cirurgia de guerra

Sr. redactor de «A Capital».—Tendo tido conhecimento de que no jornal que v. muito dignamente dirige foi publicado em 13 do corrente, um artigo intitulado «Cirurgia na guerra» subscripto pelo sr. J. Correia dos Santos, no qual este mesmo senhor, dizia que a preparação do soluto de Dakin modificado por Dufresno, não era praticada nas pharmacias portuguezas, o que não é a expressão da verdade, muito grato lhe ficaria pela publicação do seguinte:

Os pharmaceuticos portuguezes (na sua maioria) conhecem perfeitamente a technica da preparação do soluto de Dakin, a sua modificação feita por Dufresne, e as formulas analogas de Pozzi e de Duret (esta substituindo o hipoclorito de calcio pelo de magnesio) e para prova basta ler o artigo intitulado «Soluto de Dakin» publicado no jornal «A Saude» em abril de 1918 e que é propriedade do pharmaceutico sr. Oscar Alvim da Anadia.

No hospital da marinha onde presto serviço e onde preparo o soluto de Pozzi analogo ao do Dakin modificado por Dufresno, foram as differentes formulas a que acima me refiro, ensaiadas pelos cirurgiões clinicos que ali prestam serviço, optando todos pela formula de Pozzi, menos alcalina e menos irritante que qualquer das outras, mas cujos componentes são o hipoclorito de calcio, o carbonato e o bicarbonato de sodio, portanto, os mesmos que emprega Dufresne, variando apenas a percentagem das quantidades empregadas, mas observando a mesma technica de preparação.

Em oito mezes de pratica, pois durante elles tenho eu sido sempre o preparador, nunca objecção alguma me foi feita, e o consumo do soluto de Pozzi augmentou bastante.

Pedindo que me desculpe de vir occupar o precioso espaço do seu jornal creia me de v. etc.—Marques de Sousa.

Tribunaes militares

O seu restabelecimento para julgamento de civis é o maior erro politico até hoje commettido pelo governo do sr. Sidonio Paes

Estão realmente restabelecidos os tribunaes militares para julgamento de crimes politicos. Resta que elles entrem a funccionar, o que não tardará a dar-se, tão rapidamente caminhamos na estrada do desvario politico.

Predissémos n'estas columnas, muitas vezes e quando ainda era tempo de não praticar o erro, as consequencias que forçosamente adviriam, entrando-se na lamentavel e desastrosa vereda da repressão «á outrance». Dissemol-o aos republicanos dos primeiros annos das Instituições quando elles entenderam que, para segurança do Regimen, era forçoso applicar aos criminosos politicos penas d'uma severidade já excluida para os mais nefandos delictos communs. Não nos ouviram. Saltou-se a pés juntos sobre as lições da Historia e profundou-se, com innominavel inconsciencia, no abysmo da violencia geradora, até ao infinito, d'outra e outras violencias em serie ininterrupta. Qual foi o resultado? Os tribunaes militares não evitaram as collisões entre monarchicos e republicanos, antes as apressaram e intensificaram. Ninguem deixou de conspirar por medo aos tribunaes militares do sr. Affonso Costa!

Parece que estamos na imminencia de nova conflagração interna. Dil-o a voz publica e o governo confirma-o: Para conjurar o perigo, resuscitam-se as leis de excepção que tornaram a Republica odiosa a uma grande parte dos cidadãos e restabelecem-se os tribunaes militares que hão-de applicar penas severissimas aos conspiradores e aos revoltosos d'amanhã. Ha-de acontecer agora o mesmo que succedeu nos primeiros annos de Republica: quem quizer conspirar, conspira; os tribunaes militares não reduzirão, pelo terror, os revolucionarios. Ninguem deixa de conspirar por medo aos tribunaes militares do sr. Tamagnini Barbosa!

Crêmos que, n'esta questão, foi vencido o claro espirito do sr. Presidente da Republica. Pois é lastimavel. Se S. Ex.ª tivesse conseguido impôr a sua opinião teria evitado que o seu governo tivesse commettido um gravissimo erro politico, o maior de todos, até hoje.

E' por estas e por outras que «O Dia» repete, incessantemente: «os fados hão de cumprir-se...»

Linha de Cascaes

Como se sabe, a exploração d'esta linha ferrea passa a ser feita, d'amanhã em deante, por conta da Sociedade Estoril.

São, porém, mantidos sem alteração todos os serviços combinados existentes entre a Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes e as demais redes de caminho de ferro nacionaes e estrangeiras para transportes de passageiros, animaes e quaesquer mercadorias de ou para o ramal de Cascaes e entrepostos e caes da exploração do porto de Lisboa.

Noticias do Brazil

O café de S. Paulo

SANTOS (Estado de S. Paulo), 17. — A Companhia das Docas do Porto terminou já a construcção de 5 entrepostos de café e dois grandes armazens destinados a recolher 600.00 saccas de café. O governo auctorisou a construcção de 12 entrepostos com a capacidade de 2.000.000 de saccas. A Sociedade Constructora de S. Paulo, logo que tenha terminado a construcção dos armazens, poderá collocar nos seus entrepostos a totalidade da producção de café de S. Paulo.—(Americana).

Ao leitor d'A CAPITAL

Depois de lido, enviar este jornal á *Junta Patriotica do Norte* (Paços do Concelho — Porto), a fim d'esta o mandar para os nossos soldados no «front».

O caso das Devezas

O syndicato ferro viario vae publicar um manifesto

Segundo nos informam, o syndicato ferro-viario, que continua em sessão permanente, vae publicar um manifesto, apreciando as causas que determinaram os graves acontecimentos occorridos na estação das Devezas, para o que, mais nos dizem, aguarda os relatorios das commissões suas delegadas, que seguiram para o norte, com o encargo de estudar o assumpto.

E' de crer que esse manifesto seja redigido em termos cordatos e conciliatorios, dada a gravidade do facto. Certamente os ferro-viarios do paiz, que formam uma classe, não pretenderão abrir um conflicto que pode assumir caracter permanente, de consequencias de extrema importancia para o socego e boa ordem, que convem sejam mantidos, com todas as outras classes, com o agglomerado formado pelo publico, constituido emfim, pela nação.

As occorrencias lamentaveis que se deram em Gaya devem ser consideradas como puramente locaes. Generalisal-as seria enveredar por um caminho tortuoso, o que se deve evitar o que decerto se evitará, havendo d'uma e outra parte boa vontade e cordura e bom senso.

O serviço de combolos continua nas condições em que hontem se achava, tendo, porém, chegado hoje o comboio correio do Porto, que d'ali sahiu ás 22 horas de hontem. Os comboios transitam entre Lisboa e Pampilhosa e vice-versa.

Espera-se que o serviço se normalise hoje ou ámanhã.

Mutilados da guerra

Um officio de agradecimento á «A Capital»

Sua ex.ª o director geral encarrega-me de agradecer a v. a valiosa offerta da quantia de 1.044$04,5 ao Instituto de Reeducação dos Mutilados da Guerra, pela commissão organisadora da 1.ª festa de «sport» que, por iniciativa da secção desportiva do jornal de que v. é digno director, se organisou.

Saude e fraternidade.—Secretaria da guerra, 2.ª direcção geral, 5.ª repartição, 16 de agosto de 1918.

Ao sr. director do jornal «A Capital» — Lisboa. — Pelo chefe, *Arthur Eugenio d'Almeida e Silva*, tenente coronel medico.

Officiaes milicianos

Calçada dos Caetanos, 54—Lisboa, 18 de agosto de 1918—Sr. director de «A Capital».—Venho rogar a v. o favor, que desde já muito sinceramente agradeço, de fazer constar ao sr. alferes Alberto de Sousa que a carta que s. ex.ª me dirigiu e de que «A Capital» do 16 transcreveu uns trechos ainda por mim não foi recebida, razão esta porque ainda não respondi nem agradeci a honra que com ella me fez.

Desejando apenas com o meu projecto obter a promulgação de medidas absolutamente justas, é com o maior prazer que receberei todas as criticas e alvitres que tendam a melhorar um projecto que eu sou o primeiro a reconhecer defeituoso nos seus pormenores.

Confiando em que a conhecida amabilidade de v. me perdoará o incommodo que com esta lhe vou causar, tenho a honra de me subscrever de v. etc.—Conde de Mangualde, Fernando.

Como não conhecemos a morada do alferes sr. Alberto de Sousa, tomamos a liberdade de publicar a carta do sr. conde de Mangualde, para que esse official d'ella tenha conhecimento.

Obras do porto de Macau

O engenheiro civil sr. Adriano Augusto Trigo e o guarda-livros sr. Ludgero de Freitas Martins, em tempo contractados pelo Estado para servirem na direcção das obras do porto de Macau, respectivamente como director e chefe da secção de contabilidade, recorreram para o Supremo Tribunal Administrativo do despacho do sr. secretario de Estado das colonias que mandou celebrar novos contractos com o contra-almirante sr. Hugo de Lacerda e com seu filho sr. Hugo Fânger de Lacerda para, na qualidade de chefe e contabilista secretario da Missão de Melhoramentos dos portos de Macau, irem ali exercer funcções que pelos respectivos contractos, ainda em vigor, competem aos recorrentes.

Contra a legalidade d'esses novos contractos se manifestou em sessão de 27 do mez passado o Conselho Superior da Administração Financeira do Estado, negando-lhes o «visto», com fundamento em que os direitos dos reclamantes eram incontestaveis e não podiam ser revogados por lei posterior aos seus contractos.

O sr. Secretario d'Estado das colonias não se conformou, porém, com essa resolução e mandou que se mantivessem sob sua inteira responsabilidade os contractos contestados, o que deu logar a que os interessados levassem recurso para o referido tribunal

O "meu" batalhão

Quando parti de Portugal ignorava qual seria o batalhão em que ia servir; mas, como um principe de balada que parte á conquista de uma Bella Desconhecida, já sabia que havia de ser o melhor de todos e que dentro d'elle não haveria companhia melhor que a do meu commando. E assim foi. Quando horas depois da minha chegada, seguiamos para as trincheiras, mirando as filas á testa das quaes caminhava, eu sentia que não haveria nunca soldados como aquelles. Mais tarde, quando as circumstancias, que não o favor de ninguem, me deram o commando de mil almas e a defeza de um troço da linha portugueza, em certas noites em que latejava no meu peito o coração de todos os meus rapazes, eu quasi chorava de orgulho. Não trocaria o meu batalhão por nenhum, e com o cego amor de um pae repetia sempre: «E' o melhor!»

Batalhão de cadetes, como alguem te chamava, em que os capitães eram tenentes e o commandante capitão, em que todos trabalhavam unidos, em que os que mandavam eram os primeiros a ensinar como se cumpre, batalhão que pode hoje, apoz quasi dois annos de França e mezes sem conta de linhas avançadas, dizer altivamente que não tem em mãos de «boches» nem um prisioneiro, nem um desertor, e nunca deixou pisar por tacões inimigos o chão que lhe davam a guardar, batalhão que soube, como os bons cavalleiros, ser sempre fiel á sua divisa, aos dois versos arrancados á sua canção de marcha:

> *«Que a gente do vinte e tres*
> *Má figura nunca fez...»*

batalhão que, nas horas duras de desanimo ou de fadiga, soubeste sempre responder á voz de quem te clamava: «Para a frente», batalhão onde aprendi a conhecer-me e vivi as maiores horas da minha vida, acompanhei-te como a um filho que vemos crescer e medrar em forças e perfeições, o senti, nas bellas horas da fé e da esperança, a tua alma collectiva a afazer-se ás mil tragedias de cada instante e temperar-se cada vez mais. Faz hoje um anno que senti bem que o amor que te tinha era merecido. Lembram-se, rapazes, o 14 de Agosto? Aquellas tropas de assalto, especialmente adestradas, vindas de proposito de tranquilos campos de treno da Alsacia e lançadas de madrugada sobre aquellas historicas ruinas de Neuve Chapelle? Era o primeiro e formal grande «raid» sobre as nossas linhas e ao passo que no sub-sector visinho a surpreza colhia effeito e havia prisioneiros e havia uma baralha infernal, a nossa linha mantinha-se integra, vedada pelas metralhadoras da ilharga, e os «boches» que por ella passaram ou iam de pernas vacillantes, prisioneiros, ou, de pés adeante, mortos. Que importa que então se sonegassem relatorios? Vocês bem sabem, meus soldados, o que foi essa madrugada, anniversario de uma outra madrugada gloriosa, a de Aljubarrota. Que importa que então vos não louvassem, se o vosso maior amigo, o vosso commandante, ao voltar *ao seu abrigo*, sentia estoirar o peito de alegria?!

*
* *

E os mezes foram passando e o meu amor por ti, meu batalhão, não esmorecia, nem mesmo quando, durante algumas semanas de retaguarda, outras mãos, que não as minhas, te dirigiram. Eu sabia então que havia de voltar, que entre a minha alma e a tua havia laços que só uma fé maior do que a minha poderia quebrar. E não havia fé maior. No alvorecer d'este anno á minha mão voltaste, ali na lama revolvida das trincheiras, e nunca mais a cegueira inepta das repartições nos voltou a separar. Passaram os dias dolorosos de março em que te vi sacrificado inutilmente e vieram as horas crueis de abril de que nos salvámos. Um mór frio de orgulho me cobria o corpo n'aquella manhã em que, atravez do torvelinho do combate, eu entrei á tua frente na estação onde nos esperava o comboio que devia levar-nos para a retaguarda e onde desfilámos, cornetas e cyclistas em frente, fileiras alinhadas como para uma parada, emquanto em torno de nós havia uma multidão de soldados desamparados, no sobresalto de uma insubordinação e na atmosphera de uma derrota. E tu, meu batalhão, desfilavas assim, porque na vespera, cara a cara, em formatura de fileiras cerradas e sahidos da forma os poucos officiaes que restavam comigo, eu te tinha falado claramente e te tinha dito que o primeiro acto de uma revolta tua deveria ser a minha liquidação porque emquanto eu tivesse balas na minha pistola nunca um soldado meu deixaria de ser soldado. Sentiras então que era teu dever manteres-te atravez de tudo, e assim cumpriste, quando, cuidando chegar a um descanço sempre promettido e nunca concedido, não conseguiste medir os palmos de terra da cama em que te ias deitar o meia duzia de horas depois partiste novamente para a frente. E foi então essa marcha que deve ser um dos teus orgulhos, como é o meu. Para onde iamos? Nem tu o sabias nem eu. Era para a «frente», para onde estava o inimigo triumphante, onde troava sem descanço o canhão. Todos estavam exhaustos, sangravam os pés da maior parte, sangrava o meu coração onde pesavam todos os desconsolos e todas as angustias e marchavamos no emtanto, dispensando os *camions* que transportassem as mochilas, não ficando para traz um unico estropiado ou doente, não se abandonando um artigo de material. Eram muitos os kilometros. Embora! Como aquelles soldados de Napoleão que Raffet immortalisou, vocês grunhiam, mas marchavam sempre. Ficavam para traz os batalhões sahidos antes de nós e, atravez das povoações, as caras curiosas que vinham ás portas viam-nos passar, as maxillas cerradas pelo esforço, mas de cabeças levantadas.

Lembram-se, rapazes, aquella tarde de sol e de poeira em que cruzámos n'uma estrada interminavel os regimentos de cavallaria franceza que, com duzentos kilometros de marcha sem interrupção, subiam para os lados do Monte Kemmel onde ficaram aniquilados depois de se baterem oito dias consecutivos com um inimigo quinze vezes superior em numero? Nós sentimos que aquelles eram grandes soldados desde o coronel de Legião de Honra ao peito até aquelle alferes que parecia uma menina. Elles sentiram que nós, restos de um corpo derrotado, buscavamos ainda ser dignos companheiros. Para onde iam essas duas tropas que se cruzavam? Para o dever. E na continencia então trocada n'essa estrada deserta houve qualquer cousa de grande.

Depois foi a «frente» novamente, as horas que tu, meu batalhão, passaste cavando trincheiras com a espingarda á mão, o inimigo accumulando na nossa frente os preparativos de uma offensiva, cujo primeiro objectivo era a cidade em ruinas cujo accesso tinhamos de defender. Não ha um mez ainda, a data estava fixada. Assim nol-o communicavam todas as informações. Era uma questão de horas e, a effectuar-se o ataque, quantos de nós teriamos voltado? Mas lá em baixo, na Champagne, a contra-offensiva finalmente victoriosa desencadeava-se e por fim as divisões inimigas foram descendo a acudir ao desastre irremediavel. Respirou o meu coração oppresso. Mais uma vez a sorte te poupára, batalhão que bem o mereces! Na hora da decisão, sei bem que não hesitarias e que marcharias em frente. Recordas-te d'aquella tarde de maio ultimo em que, braços estendidos para a nossa bandeira, eu te fiz renovar o juramento classico, o de te dar todo á patria e ao nosso nome? Na hora decisiva havias de cumpril-o porque eras o *meu* batalhão. No emtanto senti-me feliz que a ameaça affrouxasse e senti-me feliz por ti.

*
* *

No momento em que me concediam um repouso a mim proprio perguntei, á minha consciencia de soldado, se o merecia. Só que eu fosse no mundo nunca me teria separado de ti. Mas, na terra distante de Portugal, uns braços pequeninos se estendiam para mim e um gorgeio de passarinho cada noite resava ao Menino para que eu voltasse. E tu, meu batalhão, bem sabes que me não poupei ás tuas fadigas, que caminhei a pé as estradas aonde os teus pés sangravam, que dormi sempre na mesma lama onde tu descançaste, que sempre estive onde estiveste e nunca sahi do meu logar. Sabes bem que, por te castigar ás vezes, não deixei nunca de ser o chefe amoravel que não se esquece de ser pae. Sabes que sempre falei em teu nome aos chefes, claramente e sem baixezas. Sabes bem que não fiz a «minha» guerra, mas sim a nossa e que mais me envaideciam um louvor que te davam ou um elogio que te dispensavam do que poderiam contentar-me as maiores satisfações do meu amor proprio. Os galões novos que trago nas mangas foste tu que m'os ganhaste e são teus. Convicto de que merecia um repouso para o qual não podia, infelizmente, trazer-te comigo, vim.

Hoje, n'uma casa bem longe da terra onde ficaste, cada noite ao deitar-se uma creancinha resa na sua algaravia ainda confusa as orações que sua mãe lhe ensinou para que pedisse a Deus a volta breve de seu pae. E, como seu pae voltou e a escuto enternecido, para ti, meu batalhão, vão as préces de minha filha: «Menino Jesus! Muita sorte para os amigos do papá que estão na guerra...»

Meu batalhão, agora que não posso dar-te mais nada, que nas longinquas terras da Flandres onde ficaste te acompanhe a minha saudade e te ajudem as rézas ingenuas de uma creancinha.

Figueira da Foz, 14 de agosto de 1918.

Mal. André Brun

Uma tributação ilegal e contraproducente

O caso conta-se em poucas palavras e não é senão mais um exemplo a juntar aos muitos, já sobejamente demonstrativos da desordem administrativa em que andamos todos envolvidos. Legisla-se a torto e a direito. Agora até apparece esta originalidade: para lançar um imposto novo basta uma simples portaria. Brilhante exemplo de normalidade constitucional, tão claramente apregoada!

Como toda a gente sabe, a industria de seguros tomou entre nós um grande desenvolvimento. O governo pensou em obter á custa d'ella recursos para occorrer ao geral esbanjamento dos dinheiros publicos. O peior é que, á força de cardar muito rente, corre o risco de nada colher... Se não veja-se:

O contracto de seguro tem um sello preceituado na lei que regula o assumpto. Acontece, por vezes, que a companhia ou empreza que tomou o seguro—e pelo qual paga o respectivo imposto de sello—lhe convém o reseguro, preferindo, para o caso, como é natural, um outro semelhante organismo financeiro portuguez. Como o imposto de seguro já fôra pago, é claro que no contracto de reseguro nada ha a pagar. E assim foi resolvido pela estação official competente.

O caso parecia arrumado, quando surgiu uma portaria que transformou tudo. N'esse diploma obriga-se o contracto de reseguro a outro sello egual ao do seguro e tantos quantos forem os reseguros a fazer.

Salta á vista a primeira illegalidade: Uma portaria revogando a lei do sello! Uma portaria — cujo valor legal é nullo ou, pelo menos, mais que discutivel, quanto aos seus effeitos juridicos—preceituando nova forma de cobrar o imposto e alargando indefinidamente a incidencia d'elle. Indefinidamente, n'este sentido: que os reseguros podem ser muitos e não um só, como é obvio.

Mais ha mais. E' que se dá á portaria effeito retroactivo, fazendo a tributação sobre todos os contractos de reseguros, de ha quinze annos a esta parte. Dizer isto não é sufficiente para demonstrar a iniquidade e a leviandade com que são tratados estes assumptos, tão importantes como melindrosos?

Pois tudo continúa de pé. Protestou-se, reclamou-se, pediu-se. Tudo em vão. Manda quem pode!

E' curioso, porém, que o Estado nada ganha mantendo a teimosia. As companhias teem, effectivamente, fórma facil de se livrarem do novo e illegalissimo imposto. Basta, para o conseguirem, preferir uma companhia estrangeira para o reseguro, para o que é sufficiente uma simples carta ou um telegramma, ambos confirmados, como é da praxe commercial. E lá se vae o imposto sobre o reseguro!

Mas se o remedio é tão facil, porque não preferem as companhias portuguezas lançar mão d'elle, em vez de andarem a prégar no deserto official, onde não ha, senão raras vezes, quem tenha olhos de vêr e ouvidos para ouvir? Por esta razão, simplicissima: por patriotismo.

Se as companhias portuguezas fizeram os reseguros nas congeneres estrangeiras prejudicam a Nação e o governo, contribuindo na sua quota parte, que não é pequena, para a drenagem do ouro para fóra das fronteiras. Por isso ellas insistem junto do governo para que este lance ás ortigas a sua inutil portaria. Mas na secretaria do Estado das Finanças fazse ouvidos de mercador e parece não se dispor de tempo para se encontrar uma solução para este caso, naturalmente porque todo elle é pouco para se saber o motivo porque, sem consentimento do governo e antes a contre-coeur d'este foi publicado o decreto da contribuição de registo.

Mas que se ha de fazer? Se nós somos assim!...

ponde a 78 enchentes no Politeama, ou, se quizermos referirmos a pessoas, a para cima de 100.000. O quadro novo «Comes e bebes» é cheio de graça, tem uma extraordinaria opportunidade e um optimo desempenho. Os novos numeros «O Boa Nova», «Irmandade de Santo Amaro», «A propagandista», «As festeiras», etc., não poderiam ser melhores. Com tantos attractivos justifica-se o successo, que se não sabe quando terminará.

—No Salão Central estão causando extraordinario successo, á medida que se vão estreando, os episodios da celebre fita do extraordinario artista cinematographico Edie Pólo «O Phantasma Gris», que todas as noites se está exibindo n'este magnifico salão e que ali tem levado extraordinarias enchentes.

—Quadro cheio de luz, côr e movimento, bizarro e alegre, espirituoso e simples, o quadro da «Ceramica» da revista do Apollo, a que empresta um brilho especial e um encanto sem limites a graciosidade d'essa figurita esbelta e amoravel da «Argila» em que Auzenda d'Oliveira nos apparece travestida para recitar uma poesia que é um primôr de idéa e de forma. O barro ás vezes vale muito mais do que o oiro...

Propaganda contra a guerra

Aproveitando o que no parlamento o deputado sr. Mello Vieira disse a quando da sua interpellação, a «Patria» jornal monarchico do Porto, diz:

«Tancos fôra um bluff. Disse-o ainda ha dias em S. Bento o sr. Mello Vieira. O que a soldadesca ali aprendeu não lhe serviu de nada. Só o paiz sentiu os effeitos d'essa phantasmagoria, em que até o sr. Bernardino, o immaculado e o impolluto, tambem collaborou, passando revistas ás tropas, lá para os lados de Abrantes, repimpado n'uma excellente carruagem á Daumont. Mas o paiz sentiu a mentira de Tancos apenas porque a pagou. Mais nada».

Foi o capitão sr. Mello Vieira, o official que esteve no «front» e que actualmente é chefe de gabinete do sr. secretario d'Estado do interior quem assim falou.

Como, porém, a guerra ha de acabar um dia, será talvez melhor esperarmos pelos outros officiaes que ali estão ou estiveram tambem, para ouvirmos o que elles dizem sobre as opiniões do sr. Mello Vieira.

Um pontapé brutal

Depois do operado do trepano, deu entrada na enfermaria 5 do hospital de S. José Luiz Guilherme Candido, de 33 annos, morador na calçada da Picheleira, M., rez-do-chão, direito, que foi aggredido com um pontapé que lhe fracturou o craneo.

O aggressor foi preso.

O caso do Naná

Continua sem solução, e detido forçadamente na fronteira o portador do «film» «Naná» que devia ter-se estreado na passada quinta-feira no Olympia.

No sentido de evitar novos prejuizos, a referida empreza está empregando os seus melhores esforços, junto das auctoridades competentes, para que o «film» em questão se possa estrear por toda a proxima semana.

PEQUENAS NOTICIAS

Falleceu no hospital de S. José, enfermaria 13, o menor de 18 mezes Alfredo Patricio Marques, filho de Manuel Marques Patricio e Maria Marques, moradores em Venda Nova, Amadora, que ingeriu um liquido insecticida.

—Na enfermaria n.º 11 do hospital de S. José deu entrada Joaquim Bonifacio, de 6 annos, filho de Arthur Bonifacio e de Maria de Jesus, que na quinta da D. Rosa, em Chellas, cahiu d'um muro, da altura approximadamente de tres metros, ficando muito ferido na cabeça.

—Alfredo Mendes Loureiro, morador na calçada da Boa Hora, 210, 1.º, ao sahir de casa, foi atacado de doença subita, cahindo á porta. Conduzido ao hospital de S. José, quando ali chegou ia morto, pelo que o cadaver foi removido para a Morgue.

Aggredidos á facada

No banco do hospital de S. José recebeu curativo Eduardo Mendes Figueiredo, de 28 annos, trabalhador, morador na rua do Valle Formoso Debaixo, 22, que n'uma taberna proxima da estação de Braço de Prata foi aggredido com tres facadas por um individuo que diz não conhecer. Os ferimentos, que são nas costas e nos hombros, não offerecem gravidade.

Tambem ao banco foi receber curativo Augusto Soares, de 29 annos, trabalhador, morador na rua do Limoeiro, 30, 2.º, que n'aquella rua foi aggredido com uma facada na face por um desconhecido.

Atropellamento

Josephina Seixas, de 63 annos, moradora na rua do Marquez de Fronteira, 78, foi atropellada por um automovel na praça do Brazil, ficando ferida na cabeça.

Festas associativas

LISBOA-CLUB—Hoje, ás 21 e meia horas, ha baile.

CENTRO ESPAÑOL—N'esta collectividade ha hoje baile. No dia 31, realisa-se a assembleia geral, para leitura e discussão das contas correspondentes ao exercicio do 1.º semestre do anno corrente.

Publicações recebidas

«A Heroina de Portugal»

Sahiu o n.º 6 da «Heroina de Portugal». Apesar da irregularidade de sahida, só proveniente das difficuldades que a situação actual põe em todas as obras de typographia e livraria, irregularidade que enerva os leitores numerosos do já celebre e popular romance d'amor, do nosso camarada Garibaldi Falcão, a sua publicação periodica vae-se fazendo para contento de todos.

O tomo n.º 6, encerrando tres capitulos bem marcados, bem construidos na regra do romance, com uma illustração profusa, vem augmentar o interesse que tão popular romance despertou desde o seu inicio, o que não admira, porque além de ser um romance no tempo em que poucos cultivam esta forma litteraria, é uma obra patriotica, cheia de brilhantismo, vida, acção e originalidade.

A Allemanha e os neutros

A guerra submarina contra o escandinavos

As nações escandinavas teem tido grandes perdas com os ataques dos submarinos allemães. Só a Noruega á sua parte, apezar das compras que tem effectuado e dos navios que tem construido, viu reduzida á quarta parte a frota que possuia antes da guerra.

Paiz essencialmente maritimo, esforçára-se, desde o principio das hostilidades, por augmentar a importancia da sua tonelagem nacional por meio de construcções, mas principalmente por meio de compra. Não dispondo, como a Inglaterra e os Estados Unidos, d'um consideravel material industrial, os seus esforços eram muito limitados quanto a navios novos. Por outro lado, a necessidade de fretes em breve supprimiram o mercado mundial de navios. A destruição devia, pois, affectar profundamente esse paiz.

De 1910 a 1914, a Noruega conseguira ter um augmento de 225.000 toneladas por anno e as perdas medias haviam sido de 122.000 toneladas. Esse periodo de quatro annos havia, portanto, dado um augmento annual superior a 110.000 toneladas.

Em 1915, 400.000 toneladas de acquisição apenas dão um augmento liquido de 140.000 toneladas. Em 1916, a Noruega poude ainda realisar compras importantes, apezar do que houve n'esse anno um «deficit» de 25.000 toneladas.

Com 1917 entra-se no periodo da guerra submarina «á outrance» e os resultados fazem-se sentir brutalmente: a um augmento de 142.000 toneladas corresponde uma destruição de 774.400.

Em 1918, até 23 de maio findo, 34.000 novas toneladas correspondem ao desapparecimento de 120.000.

Calcula-se que a Noruega perdeu, desde o começo da guerra, em navios de mais de 100 toneladas, 736 unidades com o total de 1.117.909 toneladas, ou 34 por cento do numero total de navios e 44 por cento da tonelagem, calculados pela importancia da sua frota mercante no 1.º d'agosto de 1914.

A Suecia não tem tido melhor sorte. Mas as perdas por ella soffridas são muito menos consideraveis, visto que tem uma marinha mercante pouco desenvolvida.

Em 1914, desappareceram-lhe doze barcos, na totalidade de 13.000 toneladas; durante o primeiro trimestre do anno corrente, 12 navios, 20.000 toneladas.

No total, 174.472 toneladas destruidas, das quaes 119.309 pelos submarinos, o resto pelas minas.

A Allemanha, entendendo que o seu futuro está no mar, emprega todos os esforços para mandar para o fundo os das nações neutras.

No parque da Pena

Do «Jornal de Noticias», do Porto:

«Segundo consta, o sr. dr. Sidonio Paes, que ainda se encontra veraneando em Cintra; teve ideia de organisar no formosissimo parque que cerca esse antigo palacio regio algumas festas de caridade, cujo producto reverteria em favor do cofre da Assistencia 5 de Dezembro. Mas não poude levar por deante taes intuitos em virtude dos monarchicos, apesar de estarem absolutamente ao lado do chefe do Estado, terem feito constar que a taes festas não iriam, por ellas não serem, como outr'ora, promovidas por gente de sangue regio. Accrescenta-se que o sr. dr. Sidonio Paes commentou com bonhomia o facto e asseverou ainda que s. ex.ª não sahirá da Pena sem que o seu programma de «garden partys» seja levado a effeito, muito embora tenha de ir procurar entre o povo os seus numerosos convidados.»

Theatros

Cartaz de hoje

NACIONAL—A's 21—«Dama das Camelias». — SÃO LUIZ— A's 21,30—«Os mineiros»—TRINDADE — A's 21,30—«O gato maltez». — GIMNASIO—A's 21,15— «Marionettes»—APOLO—A's 21,30 —«A revolta»—EDEN—A's 21,30 —«A trombeta da fama».—POLYTHEAMA — A's 21,30 «Salada russa» — AVENIDA — A's 21,30— «Madame Eva somnambula» — SALÃO FOZ — A's 21 — Variedades e animatographo. — COLYSEU DOS RECREIOS — A's 21,30—«A nova missão de Judex».

Animatographos e concertos—Central, Olympia, Chiado Terrasse, Condes e Salão da Trindade.

Nota do dia

Foi posto á venda o n.º 8 da revista «O Theatro» que, presentemente, sob a direcção de Roque da Fonseca, se apresenta cuidado como todos os anteriores, mercê da sua escolhida collaboração litteraria e da feliz collaboração artistica de Amarelhe que nos dá na sua costumada pagina «Em flagrante», uma «charge» deliciosa no 3.º acto da peça «Altar da Patria» que, ultimamente foi representada no theatro do Gymnasio. Sem sombra de reclamo, a que sou, por feitio, avesso, considero essa revista aquella que, dos ultimos tempos, mais cabalmente preenche a sua missão, n'uma terra em que ha duzias de jornaes que abordam a especialidade do theatro.

Além dos nomes illustres que são já assiduos collaboradores de «O Theatro», outros ha que, reconhecendo a verdade da minha affirmativa, deram a Roque da Fonseca a honra de os incluir á cabeça do jornal, como Bento Mantua, Carlos Santos, Ernesto Rodrigues, João Bastos, dr. João de Barros, João Soller, Mello Barreto, Lino Ferreira e dr. Magalhães Lima. Conseguirá elle manter-se? Oxalá que sim. Devem ser esses os votos de todos que, de qualquer forma, estão ligados ou se interessam pelo theatro que, felizmente, são já muitos. E, como a missão do jornalista é valorisar o trabalho dos que effectivamente valem arredando do caminho os que, ao mesmo theatro, apenas são nocivos, pena seria que o «Theatro» continuando a corresponder ao que devem ser, as justas aspirações do publico e artista, tivesse, como tantas outras, uma vida ephemera. Confiemos, porém, n'esse mesmo publico que, digam lá o que disserem, tem já a perfeita noção do «Bello».

Alvaro Lima

Réclames

O confronto que «Os Mineiros» nos offerecem no desempenho portuguez deve ter um valor especial para os que viram ou ouviram falar já da interpretação que deram em Madrid ao drama «Daniel» do D. Joaquim Dicenta, os grandes artistas do paiz visinho que são Diaz de Mendoza e Maria Guerrero, então delirantemente applaudidos por platéas de todas as classes sociaes. Ora esta circumstancia impõe-se a quem ama o verdadeiro theatro.

—Avalia-se do valor da «Salada russa» pelo numero de representações que esta noite accusa:—78, o que corres-

NATURISMO

O fumo

Por motivo da falta de tabaco, milhares de creaturas teem soffrido. E, em mais de que um lar, as mulheres e as creanças, dos maridos e dos paes, obtiveram mau humor ou mesmo flagicios. Havia e ha, ainda fumistas que, á mingua da letal «solanea», teem usado o cisco das caixas ou folhas d'outras plantas... Tem-se fumado tudo.

O fatal costume de absorver o fumo e envenenar o sangue com a nicotina, causa uma verdadeira depressão nos centros nervosos e escravisa a quem se habitue. Ha fome em todas as casas, menos nas dos que se teem locupletado com a miseria alheia. Pois o dinheiro ha de apparecer para os vicios do homem, mesmo que as creanças chorem com fome... O homem tornado «chaminé» é um ser esquisito, caricatural e pernicioso pelo exemplo.

Não lhe bastando intoxicar-se com a alimentação cadaverica; não lhe chegando envenenar-se com o alcool attentador da dignidade—ainda foi buscar esse veneno «aereo»—o fumo—a juntar ao «liquido» e «solido». As tres formas de constituição molecular mais perceptivel, das que são proprias á substancia! Mil entraves á saude causa o tabaco: faringites, glossites, bronchites, etc., e o chamado cancro dos fumadores. A inflamação localisada do fumo é notavel em muitos casos como pathologica. A' medida que o organismo se adapta a tal costume ruim e contrario a todas as regras de hygiene (havendo medicos até que chegam a aconselhar, n'um desvario acomodaticio...) o corpo humano soffre e o deixa depois. Que desperdicio de energia e dinheiro em tal habito, faz um homem em 50 annos de vida!

Com esse vicio cortado é, por exemplo, a sua vida posta no seguro — a familia não morreria de fome ao faltar a cabeça do casal...A's companhias de seguros a ideia apresento. Fumar é ainda, n'esta hora de peste, fome e guerra, um attentado á collectividade, pelo exemplo.

Dr. Amilcar de Sousa

Echos & Noticias

CASAMENTOS

Pela sr.ª D. Maria Antonia Dias Antunes foi pedida em casamento para seu filho o alferes de artilharia sr. Olegario José Antunes, que se acha de licença e regressa em breve a França, a sr.ª D. Isabel Pinto da Cruz, interessante filha da sr.ª D. Emilia Pinto da Cruz e do sr. Paschoal Rodrigues da Cruz, já fallecido.

SPORT

Nota diaria

E' triste, mesmo muito triste dizel-o, mas a verdade é que toda a gente berra e grita pela realisação da «Semana d'Armas».

Constantemente recebemos cartas e postaes a pedirem-nos para tratar d'este assumpto, como quem pede assucar...

Nós—infelizmente—não podemos fazer mais do que dar publicidade a essas cartas e tanto não seria necessario se o Centro Nacional de Esgrima comprehendesse a sua situação e se resolvesse de vez a marcar as datas da realisação dos torneios que comprehendem a chamada «Semana d'Armas».

Porque o não faz o Centro de Esgrima?

Porque é que o Centro de Esgrima está—em seu prejuizo—a crear uma atmosphera irritante?

Pois não comprehenderá que esta irritação vae reflectir-se nos proximos torneios?

Tal atitude, ninguem a comprehende, —ou para melhor dizer—deprehende-se que o Centro de Esgrima não tem presentemente atiradores, tanto em quantidade como em qualidade que desejava, para que os resultados lhe fossem satisfatorios, mas é necessario attender a que o Centro de Esgrima não faz os torneios só para elle concorrer...

E de mais o Centro de Esgrima em maio passado annunciou a realisação da «Semana d'Armas».

Mas para quê?

Para estarmos quasi no fim de agosto e ella não ter tido realisação!

E' preciso que o Centro de Esgrima realise, pelo menos, o campeonato nacional e o campeonato de juniors.

Ao menos estes dois torneios...

Provas de natação

A travessia do Porto a nado realisa-se a 1 de setembro

Conforme temos noticiado, realisa-se no dia 1 de setembro, no Porto, a importante corrida de natação denominada «Travessia do Porto a nado», que o anno passado foi levada a effeito pela primeira vez, e de cuja organisação o semanario «A Vida Moça» tomou a iniciativa, disputando-se uma magnifica «taça» offerecida pela camara municipal d'aquella cidade, ficando vencedor da prova o sr. Rodrigo Bessone Basto, do Sport Algés e Dafundo.

Quem ganhará este anno?

E' difficil prognostical-o, porque Mario Cezar de Jesus, que o anno passado fez uma bella corrida, classificando-se em terceiro logar, este anno está em perfeita fórma.

Mas ha mais: n'uma carta que acabamos de receber do Porto, de pessoa amiga, diz-se que os nadadores do Porto contam transferir para aquela cidade o trofeu que o anno passado veiu para Lisboa.

Tudo isto nos leva a crêr que a corrida este anno vae ser ainda mais interessante e que será disputada com maior interesse.

A inscripção continua aberta até domingo proximo, devendo os respectivos boletins ser enviados ao Comité Pró Sport, na rua Rodrigo de Freitas, 278, 1.º, Porto.

Para completa informação dos clubs de Lisboa que desejem concorrer a esta prova, damos hoje alguns topicos do seu regulamento:

Dos concorrentes:—Artigo 4.º—Podem inscrever-se os aggremiados de todas as associações legalmente constituidas, e nas quaes se pratiquem usualmente exercicios physicos e sportivos.

Art. 5.º—Esta prova é individual e reservada apenas para amadores.

Paragrapho 1.º — São considerados amadores todos aquelles que não auferiram quaesquer proventos com o ensino ou pratica de natação.

Paragrapho 2.º—O facto de um concorrente trazer as suas despezas de viagem pagas pelo club que representa, não implica a perda de classificação de amador, toda a vez que estas despezas não sirvam para encobrir qualquer remuneração ou estipendio.

Art. 6.º—Cada club far-se-ha representar por um numero illimitado de socios.

Dos delegados:—Art.º 11.º—Cada club que se inscrever, nomeará um delegado, dando parte d'essa nomeação ao «comité», durante o periodo que estiver aberta a inscripção.

Art. 12.º—Dois dias após o encerramento da inscripção, realisar-se-ha a reunião composta dos delegados e do «comité»:

Paragrapho 1.º—Esta reunião terá por fim:

a) Inteirar-se das inscripções recebidas, e dar sobre ellas o seu voto.

b) Eleger entre os seus membros, o jury.

Art.º 13.º—Os clubs cuja séde seja fóra do concelho do Porto, poderão delegar por procuração a sua representação ás reuniões e á prova.

Noticias diversas

No Grupo Sportivo da sociedade João Rodrigues Cordeiro realisa-se brevemente um sarau, em que tomam parte varios socios inaugurando-se uma serie de festas que este novo grupo projecta realisar.

—No Sport Algés e Dafundo continua aberta a inscripção para o Campeonato de 2.ºs teams do «Walter-Polo», até ao dia 23 do corrente.

—Encontra-se entre nós o conhecido sportsman sr. D. Luiz Serpa Pimentel, que regressou ha pouco de Paris.

—Diz-se que é no dia 15 de setembro que a «tornée sportiva Ruy da Cunha» se estreará em Vizeu.

ULTIMA HORA

A guerra

A offensiva dos alliados

Os francezes conquistam posições inimigas n'uma frente de 5 kilometros

PARIS, 17.—Communicação official das 23 horas:—De dia, as nossas tropas continuaram a progredir. Combatendo ao norte e ao sul do Avre, apoderámo-nos das trincheiras, fortemente sustentadas, do Campo de Cesar, na região a oeste de Roye. Ao sul da ribeira levámos as nossas linhas até aos arredores de Beuvraignes (?). A cifra dos prisioneiros feitos, hontem, nos combates ao sul e ao norte do Avre, passa de um milhar e tomámos tambem, grande numero de metralhadoras e importante material. Mais ao sul, a nossa infantaria apoderou-se de Canny sur-Matz. Repellimos um forte contra-ataque inimigo contra a herdade de Carcey, e, ao norte do Aisne, uma operação executada, esta manhã na região de Autreches, permittiu-nos conquistar as posições inimigas n'uma frente de 5 kilometros e n'uma profundidade de 1.500 metros, ficando em nosso poder, approximadamente 240 prisioneiros. Hontem, de dia, abatemos ou puzemos fóra de combate, 12 aviões inimigos.—(Havas).

Os inglezes progridem ao norte de Lihons — Ataques allemães repellidos

LONDRES, 17—Communicado britannico d'esta noite:—A noite passada, ao norte de Proyart, avançámos ligeiramente a nossa linha. Hoje, as nossas tropas progrediram, approximadamente, uma milha ao norte de Lihons, fazendo prisioneiros e tomando metralhadoras. Ao anoitecer, o inimigo atacou alguns dos nossos postos no sector de Schempenberg, sendo, porém, repellido depois de vivo combate. Repellimos, tambem, um «raid» tentado pelo inimigo esta manhã, ao amanhecer, deixando prisioneiros nas nossas mãos.

Aviação:—Hontem, continuou o bom tempo, sendo, porém, a actividade aerea do inimigo muito fraca. Os nossos aviadores abateram 2 apparelhos inimigos, e obrigaram 2 a aterrar desamparados. N'um aerodromo bombardeado, destruimos 6 hangars e 2 apparelhos que se encontravam no exterior; no outro, destruimos 3 hangars, metralhando copiosamente todos os acantonamentos inimigos, declarando-se multos incendios.—(Havas).

*

Nas frentes dos centraes

O commando unico

BERNE, 18.—Informações vindas de Berlim dizem que na conferencia realisada no grande quartel general allemão foi resolvido o haver um commando unico em todas as frentes.—(Correspondente).

*

De todo o mundo

Comicios publicos na Allemanha

ZURICH, 18.—Na Allemanha vão realisar-se comicios publicos nas principaes cidades afim de explicar ao povo os objectivos que o estado maior se propõe alcançar e destruir assim, ou pelo menos attenuar, os exitos ultimamente alcançados pelos exercitos da «Entente».—(Corresp.)

Sempre boas relações

AMSTERDAM, 18.— O embaixador russo retirou de Moscovia para Berlim, onde vae conferenciar com o chanceller, o que indica que continua nas melhores relações o «soviet» com os allemães, cujos desejos, ao que se affirma, vão ser satisfeitos.—(Correspondente).

A fuga de Lenine

AMSTERDAM, 18.—Os jornaes allemães desmentem a fuga de Lenine e de Trotsky.—(Correspondente).

Principe Licknowsky

PARIS, 18.—Ao que dizem informações vindas de Berlim, vae ser processado o principe Licknowsky.—(Correspondente).

Submarino allemão afundado

PORTO, 17.—Sabe-se aqui, que um vapor vindo de Bordeus afundou um submarino allemão, a poucas milhas d'aquelle porto.

DESASTRE

Na quinta do sr. Paula de Carvalho, em Palma de Baixo, abateu um predio em construcção, ficando soterrados dois homens que foram retirados com graves contusões pelo corpo antes da chegada dos bombeiros e da policia.

PONTES—TODOS BONS.

O caso das 33.500 acções

Coisas curiosas que se estão passando

O «Diario do Governo» de hontem, 17 de agosto, publicou o seguinte decreto, datado de 30 de julho:

«Verificando-se do relatorio entregue pela commissão nomeada pelas portarias da Secretaria de Estado das Finanças de 4 e 6 de junho do corrente anno que ella não chegou a conclusões precisas sobre o caso da acquisição de um lote de 33.500 acções da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, a não ser para considerar perfeitamente defensavel a ideia do governo n'aquella acquisição, mas querendo o governo que se faça inteira luz sobre a honestidade e a correcção com que foi conduzida e effectuada a operação referida:

Hei por bem, sob proposta dos secretarios de Estado do interior e interino das Finanças, decretar o seguinte:

Artigo 1.º—E' auctorisado o Secretario de Estado do interior a nomear um magistrado para como syndicante proseguir no inquerito iniciado pela commissão nomeada pelas portarias da secretaria de Estado das finanças de 4 e 6 de junho de 1918, apresentando no final um relatorio do que houver apurado, para o que poderá proceder a todas as diligencias necessarias aos fins indicados, effectuar a detenção á sua ordem de qualquer pessoa suspeita de criminalidade, proceder a buscas e apprehensões, requisitar o auxilio de todas e quaesquer auctoridades e dos agentes de que careça e nomear peritos para os exames convenientes, tomando todas as providencias para que esses exames surtam os devidos effeitos.

Art. 2.º—O syndicante será auxiliado por um secretario de sua livre escolha e nomeação.

Art. 3.º—Todas as despesas com a syndicancia correrão por conta da Secretaria do Estado do Interior.

Os secretarios de Estado do interior e das finanças o façam publicar.»

O sr. ministro da justiça verifica—elle só, pois que a opinião publica é coisa que elle não conhece—que a operação é defensavel. Mas ordena um inquerito judicial e o decreto em que tal se determina só é publicado dezoito dias depois, quando «A Capital» até já deu algumas das conclusões a que esse inquerito chegou.

Não ha duvida de que o sr. secretario d'Estado da justiça está empregando todos os esforços para desacreditar o governo.

No dia 13, publicava «A Capital», referindo-se ao inquerito:

«Segundo informações que reputamos verdadeiras, concluiu-se já, á evidencia, que dois homens publicos representaram no negocio das acções papeis de importancia, sem falar no sr. Ricardo Malheiro. São elles os srs. Anselmo Vieira e Eurico da Fonseca, estando averiguado que o primeiro ganhou na especulação uma quantia approximada a 40 contos de réis.

Não será para surprehender que o sr. dr. Costa Santos venha a expedir, d'um instante para o outro, alguns mandados de captura.

Affirmava-se esta tarde — embora sem fundamento sério—que um dos agentes ás ordens do sr. Costa Santos não lograra encontrar, para effeito d'uma intimação uma alta personagem».

Pois, repetimos, só hontem o decreto que ordena o inquerito foi publicado.

Muito curioso, na realidade.

Para contrapôr a isto appareceu, como já hontem contámos, um decreto augmentando a taxa do registo, que foi «por seu pé» para o «Diario do Governo» para lá chegar mais depressa, exactamente ao contrario d'este, que demorou 18 dias do Terreiro do Paço á Imprensa Nacional!

E' do relatorio do inquerito, sobre a venda das 33.500 acções da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, até agora ninguem tem conhecimento, a não ser o sr. ministro da justiça.

O conflicto ferro-viario

Ficou hoje solucionado o conflicto ferro-viario, tendo sido restabelecido por completo o serviço dos comboios.

PORTO, 17.—Hoje houve comboio correio para Lisboa, tendo partido das Devezas, e a tarde chegou a S. Bento, pouco depois da hora da tabella, o comboio directo, que das Devezas para Campanhã não teve machinista, mas foi pilotado por um fogueiro. Os grevistas estão renitentes; mas, o governador civil tem conseguido manter o principal serviço de comboios correios directos.

A egreja e os monarchicos

O jornal «Liberdade», orgão dos catholicos portuguezes do norte, n'um suelto intitulado «A razão da campanha contra o centro», relembra as seguintes palavras do sr. bispo do Algarve:

«Eu sei muito bem o que se pretende. Pretende-se evitar que a Egreja se organise independentemente da acção dos partidos politicos; pretende-se enfeudal-a ao partido monarchico, principalmente por dois motivos, primeiro por a ter como auxiliar e cumplice no combate á Republica, que assim mais facilmente poderão vencer; segundo para, no caso da monarchia ser restaurada, a encontrar escrava, embora lhe substituam a estamenha que purifica pela seda que corrompe.»

E a «Liberdade» faz o seguinte commentario:

«O «Diario Nacional» com aquelle espirito catholico de obediencia e disciplina que nós lhe conhecemos ha muitos annos chama ás palavras do eminente prelado «objurgatorias». O sr. conselheiro Ayres d'Ornellas continua dirigindo aquelle diario, orgão official do partido monarchico constitucional? Bate certo...»

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2372 — 9.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção. Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Segunda-feira, 19 de Agosto de 1918

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço 2 centavos

Da guerra e dos exercitos

Diario da guerra

As noticias ultimamente chegadas d'aquelles retalhos de terreno que outr'ora foram a grande Russia, annunciaram a chegada a Arkangel e Vladivostok de tropas alliadas, e a Kronstad de allemãs.

Na Russia apresta-se pois tudo para tomar um novo aspecto. Lenine, em vão tenta garantir que não declara guerra aos alliados, mas confessa que realmente, ha para com estes um estado defensivo que equivale ao estado de guerra.

Para melhor se comprehender a acção que os alliados podem exercer, basta lembrar a existencia de nucleos hostis ao bolchevismo, por toda a Russia da Europa e Asia.

Ao norte estão os alliados de posse da costa desde Kola até, agora a Arkangel, avançando pela linha do caminho de ferro para o lago Onega, com o concurso dos russos, polacos e yougo-slavos. Elementos cossacos estão senhores da provincia caucasiana de Kouban, o baixo Volga e a região de Tzaritzine.

Mais ao norte sobre o mesmo rio, os tcheco-slovaques, senhores de Samara e que avançaram para Kazan, a qual estão bombardeando. Para oeste ganharam terreno na direcção de Pensa e parece que tentam insinuar-se para a provincia de Vladimir, entre Moscou e Nijni-Nov-Gorod. Agora estão já em Mourouse, cerca de 300 kilometros de Moscou.

Na Siberia e no Ural, (parece) estão senhores da via ferrea até Urusk e estendem-se ao norte até Perm e Ekaterinenbourg. Mais a leste, dominam de accordo com os contingentes do general Alexeieff, as provincias de Tomsk e Sénisséisk, onde fazem a chamada das classes novas para se reforçarem.

Entre Irkokutsk e Vladivostok, os bolcheviks ajudados pelos prisioneiros austro-allemães tornam a situação dos tcheco-slovacos mais difficil; esses, na região costeira tiveram de se retirar para o sul, contornando as margens do Oussouri que forma a fronteira entre a Mandchuria e Vladivostok.

D'aqui deprehendem os criticos e aquelles que seguirem estas notas sobre um mappa, que uma expedição mesmo muito extensa, na Siberia, não constitue propriamente uma expedição em paiz inimigo. Se os alliados, como parece, se propõem percorrer este longo caminho, encontrarão por toda a parte, á excepção d'alguns nucleos faceis de destruir, tropas e governos locaes que lhes são alliados.

Quanto á resistencia que os bolcheviks offerecem na fronteira da Mandchuria, é pouco seria, se olharmos a que os seus contingentes teem as communicações cortadas com a Russia da Europa.

Desembarcando em Arkangel, e penetrando, avançando e levantando povos e soldados pelo Oriente, é possivel antever uma nova fase interessante da guerra actual nas regiões longinquas da grande e retalhada Russia.

A offensiva dos alliados

As linhas inglezas melhoram — «Raid» repellido

LONDRES, 18. — Communicação official britannica. Hontem melhorámos ligeiramente as posições ao sul de Bucquoy e repellimos um «raid» inimigo n'estas paragens. Durante o dia nada mais interessanse houve na frente britannica.—(Havas).

Povoações tomadas, avançando as linhas n'uma profundidade de 1.000 a 2.000 jardas

LONDRES, 18.— Communicação britannica:—As tropas britannicas executaram hontem uma feliz operação local n'uma linha de mais de 4 milhas, entre Vieux Berquin e Bailleul. Com perdas ligeiras avançámos a nossa linha n'este sector de 1.000 a 2,000 jardas em profundidade e apoderámo-nos da aldeia de Outtersteene e algumas herdades e casas fortificadas. Fizemos mais de 400 prisioneiros. As nossas tropas realisaram egualmente progressos a sudoeste de Merville e entre Ohlly e Fransart. N'estas duas localidades fizemos alguns prisioneiros. Os ataques inimigos contra os nossos postos avançados na visinhança de Beaucourt, Serre e Puisieux foram repellidos, ficando prisioneiros em nosso poder.—(Havas).

Vivos duellos d'artilharia — Golpes de mão allemães que fracassam

PARIS, 18.—Communicação official.—Acções de artilharia bastante vivas na linha do Avre e entre o Oise e o Aisne. Na Champagne fracassaram completamente dois golpes de mão inimigos, um a leste de Ville-sur-Tourbe e o outro na região de Maisons de Champagne. As tropas francezas fizeram prisioneiros. Noite calma no resto da linha.—(Havas).

Acções locaes, viva lucta de artilharia

PARIS, 18.—Communicação official de hoje ás 23 horas. — A lucta de artilharia continuou bastante viva durante o dia, principalmente na região de Canny-sur-Matz e de Bouvraignes. Ao sul do Avre acções locaes permittiram-nos fazer mais de 400 prisioneiros. Nada a registar no resto da linha.

Aviação no dia 17 de agosto: — Foram batidos ou postos fóra de combate 8 aviões inimigos e incendiados 2 balões captivos. Os nossos bombardeiros na noite do 17 para 18 lançaram 7 toneladas de projecteis nas gares de Bazancourt e de Amagne. Está confirmado que no dia 3 de agosto o alferes Poyau abateu o 60.º avião.—(Havas).

*

Guerra maritima

A campanha submarina não dá o resultado que os allemães esperavam

PARIS, 18.—A tonelagem total dos alliados e dos neutros afundada pelos submarinos, durante o mez de julho, apezar do inimigo ter redobrado de actividade e de desenvolvimento da navegação, proveniente do esforço americano, é de 270.000 toneladas, ao passo que em egual mez de 1918 foi de 534.839 toneladas.

Portanto a tonelagem afundada em 1918 é inferior em metade á afundada em 1917, nos periodos competentes.

O paquete inglez «Justicia» e o francez «Djemnah» estão comprehendidos no total das 270.000 toneladas perdidas em julho.

A «Entente» construiu durante aquelle mez 270,000 toneladas a mais da tonelagem destruida no mesmo mez.

A progressão constante, desde o mez de abril ultimo, do numero de navios lançados á agua, sobre o numero de navios afundados, é d'uma importancia capital para a continuação do resultado da guerra.

E' uma das maiores affirmações da supremacia dos alliados.

As perdas navaes devidas á guerra submarina, durante os sete primeiros mezes de 1918, diminuem, principalmente nos ultimos mezes. Assim, temos:

Janeiro, 354.715 toneladas; fevereiro, 386.637; março, 401.463; abril, 313.415; maio, 357.534, junho, 275.629; julho, 270.000. Total: 2.359.393.—(Correspondente).

*

Operações no Oriente

Actividade de patrulhas

PARIS, 18. — Exercito do Oriente: — Grande actividade das patrulhas na região do Vardar. Lucta de artilharia bastante viva na região de Skra di Legen e na curva do Cerna. A aviação britannica abateu um apparelho inimigo ao norte de Guergueli.—(Havas).

*

A intervenção japoneza

Uma nota explicativa do governo de Tokio

LONDRES, 18.—A Agencia Reuter recebeu um telegramma de Tokio dizendo que o governo japonez publicou uma nota declarando que, em consequencia das ameaças das forças dos «soviets» commandadas por prisioneiros allemães e austro-hungaros, na fronteira chineza e na cidade de Manchuli, cuja população teve de fugir, os dois governos decidiram a partida de tropas japonezas, actualmente ao sul da Mandchuria, para Manchuli. Accrescenta a nota que o Japão respeitará a soberania da China, e os direitos e interesses da população local. As medidas propostas servirão para desenvolver as relações, a confiança e a boa visinhança dos dois paizes.—(Havas).

*

Na frente italiana

O inimigo tenta tomar um posto, mas é repellido com grandes perdas

ROMA, 18.—Commando supremo. Desde Sueltio até Astico, no monte Grappa, e no Piava inferior, acções intermitentes de artilharia, pouco intensas. No planalto de Asiago, as nossas baterias e as dos nossos alliados reagiram violentamente, concentrando os seus fogos contra o inimigo. No Piava central, e depois de violenta preparação da artilharia, o inimigo tentou de novo, hontem de tarde, por meio de um forte ataque envolvente, arrebatar-nos o posto a sudoeste de Grave di Papadopoli, mas o nosso terrivel fogo de concentração e os nossos promptos ataques e contra-ataques obrigaram-no a retirar em desordem, depois de soffrer grandes perdas, abandonando metralhadoras e material, e deixando 29 prisioneiros nas nossas mãos. A actividade dos nossos aviadores, e a dos alliados foi grande. Durante o dia, derribámos um apparelho inimigo.—(Havas).

*

De todo o mundo

Aviões empregados no serviço de correspondencia

SAINT NAZAIRE, 17.—Um dos aviões postaes, que partiram de Bourget, chegou ás 20,30 da noite, depois de fazer escala por Lemans; o outro soffreu avaria, fazendo a sua aterrissagem em Lemans.—(Havas).

A gréve de Montevideu

MONTEVIDEU (Republica do Uruguay), 18.—Continua sem solução a gréve dos operarios do porto e dos carros electricos.—(Americana).

A offensiva dos alliados

A surpreza constitue um novo methodo de guerra — As caracteristicas dos ataques nos sectores inglez e francez

O 4.º exercito britannico e o 1.º exercito francez, respectivamente commandados pelos generaes Debeney e Ravlinson e sob a auctoridade superior do marechal Douglas Haig, atacaram n'uma frente de 30 kilometros a leste do Avre e do Ancre, entre Albert e Montdidier e ganharam, no primeiro arranco, um avanço importante, capturando milhares de prisioneiros e material de guerra.

Não se comprehendia a inacção do exercito inglez e das forças alliadas a oeste do Oise, emquanto a contra-offensiva do Marne proseguia victoriosa e repellia os allemães para o Vesle, apesar da sua resistencia encarniçada. Parecia logico que um ataque franco-inglez secundasse, na Picardia a contra-offensiva empenhada a leste do Oise. Não tentemos penetrar no segredo nem nos motivos que levaram a adiar este ataque. Póde-se comtudo suppôr que o commando alliado aguardava os resultados da contra-offensiva; podia receiar uma reacção das reservas estrategicas allemãs, quer no proprio sacco do Marne, quer no sacco de Montdidier-Ribécourt. Tudo dependia do jogo das suas reservas. Por outro lado podia-se ainda prever, que o kronprinz da Baviera, embora estivesse enfraquecido pelas divisões que tinha de enviar ao seu collega o kronprinz da Allemanha, tentaria uma offensiva contra a frente franceza. Mas pelo contrario, notou-se que o principe da Baviera esboçou um recuo das suas linhas avançadas no vale do Ancre. Como os jornaes allemães alludiam—embora sob a protecção ditirambica de «uma victoria defensiva» á eventualidade de um novo recuo «elastico» de Hindenburgo, desenha-se a situação, claramente, dos lados do Somme, ao mesmo tempo que a pressão continuava em Tardenci e no Vesle. E é como se explica a decisão tomada em atacar entre Albert e Montdidier.

Os primeiros communicados foram interessantes, sobretudo pela surpreza causada nos allemães. Parece que o ataque foi lançado como o de Mangin, a 18 de julho, sem bombardeamento preparatorio, nem mesmo muito curto, e foi apenas precedido por barragens rolantes, apoiado por massas de carros de assalto.

Entrou-se, pois, não na guerra de movimento, mas n'uma nova forma da guerra de movimento. Durante tres annos, o dogma da inviolabilidade das frentes ameaçadas, tinha-se incrustado nos estados maiores. Só á força de bombardeamentos esmagadores, se ganhavam difficilmente, bruta e mortiferamente alguns kilometros. Depois do recuo de Hindenburgo em 1917 proseguiu-se no mesmo methodo, com os mesmos resultados; a linha Hindenburgo, fortemente organisada em profundidade, parecia invulneravel. Não sabemos, se Hindenburgo e Ludendorff preparavam desde 1917, ao abrigo d'esta linha, novos methodos, que iam empregar em 1918, devido ao reforço dos seus exercitos pelas divisões da frente oriental.

O ataque inglez executado com uma poderosa guarda avançada de «tanks» sem bombardeamento preparatorio e preventivo, abriu uma brecha e pouco faltou, para que a linha de Hindenburgo não fosse completamente destruida entre Cambrai e Saint-Quentin. Este acontecimento teria originado consequencias incalculaveis. Desgraçadamente, os inglezes, não tinham procedido senão a um ensaio; não tinham previsto um tal successo e não puderam exploral-o.

As surprezas de 21 de março e de 27 de maio de 1918 inauguraram o novo methodo de ataque. Mas a surpreza voltou-se contra os allemães, porque não podia deixar de succeder assim desde que os alliados investiram no commando um chefe sagaz. Os allemães foram surprehendidos a 15 de julho, pelas disposições de defeza ordenadas pelo commando alliado, as quaes fizeram desenvolver as primeiras linhas segundo a posição classica de combate e fizeram assim conduzir em falso, no vacuo, toda a preparação e o primeiro choque do ataque, surprehendidos a 18 de julho pelas disposições do contra-ataque tomadas no maximo segredo, ao abrigo dos bosques, sem preparação da artilharia, apoiado pelos carros d'assalto, que se affirmaram como o verdadeiro material de acompanhamento da infantaria, com o concurso, cada vez mais efficaz, da aviação.

E vemos a surpreza operar-se da mesma forma na Picardia. Os soldados inglezes vão excitar-se e não serão excedidos pelos soldados americanos.

Ha pois qualquer coisa de novo na guerra. Se o commando allemão envaideceu ha dois mezes, por ter encontrado e applicado o novo methodo da victoria, parece hoje bastante desorientado para poder garantir que já não é o senhor da surpreza, nem da batalha.

Os processos de ataque foram diversos nos sectores inglez e francez.

Os inglezes não tinham cursos d'agua a transpôr, utilisaram logo os seus «tanks» e supprimiram o bombardeamento preparatorio; no sector francez, não foi possivel empregar os carros d'assalto no principio, por causa da ribeira. Foi preciso primeiro uma preparação d'artilharia durante uma hora.

Na Allemanha

A falta de legumes e fructas — Difficuldades economicas

Segundo informações emanadas da repartição imperial de fructos e legumes, a despeito dos bons esforços empregados, as circumstancias que são mais fortes, não permittem melhorias n'este ramo de mantimentos.

As importações habituaes que em tempos pacificos a Allemanha fazia de Hespanha, França, Italia e Africa, fazem absoluta falta.

As colheitas allemãs não são boas e em muitas regiões estão bastante atrazadas. A actual importação é uma quinta, ou sexta parte do que era antes da guerra. Por motivos que não se podem dizer publicamente a Hollanda tem enviado este anno pouquissimos fructos e legumes. O Estado faz quanto póde para remediar o mal, augmentando a superficie das culturas horticolas; desenvolvendo o systema de contractos.

Commentando as declarações feitas sobre o caso pelo chefe da repartição mencionada, a «Vossische Zeitung» diz: «O sr. von Tilly está em erro quando diz que a imprensa ou o publico não teem em conta que as quantidades de legumes e fructas disponiveis não podem, depois de quatro annos de guerra, ser eguaes aos do tempo de paz. O que toda a gente pensa e diz é que as quantidades disponiveis, em consequencia das medidas postas em vigor, são repartidas com desegualdade, que o commercio clandestino subtrahe á massa dos consumidores quantidades consideraveis das colheitas, que os preços maximos estabelecidos não estão em relação com a natureza especial d'esses productos e que, por consequencia, não incitam o seu cultivo; finalmente, que consideraveis quantidades de mercadorias se deterioram por falta de cumprimento da applicação dos regulamentos». O director da repartição imperial entende que deve manter, contra todas as opiniões, o systema dos preços maximos. A «Vossische Zeitung» tem a objectar-lhe que os productores, «que são, afinal, pessoas que sabem do que falam», se oppõem aos preços maximos, que é necessario deixar de qualquer modo, vigorar a lei de offertas e pedidos, o que, não sendo assim, os contractos de entrega arriscam-se em grande parte, a ficarem letra morta, como succedeu o anno passado.

A carestia dos fructos é consideravel. Uma communa de agglomeração berlinense, «Berlin-Friednan» vendeu a colheita das suas cerejeiras por 24.000 marcos. O anno passado, as mesmas cerejeiras tinham sido augmentadas em 5.000. Em «Bernstein», as cerejeiras e as ginjeiras plantadas nas avenidas da cidade foram arrendadas ao preço de 9.110 marcos; em 1917, todas as cerejeiras e ginjeiras foram arrendadas por 7.135 marcos, em 1916 por 3.550 marcos e em 1915, por 2.340 marcos. No cantão de Randow, por uma colheita de cerejas avaliada avaliada em 1.000 marcos, foi offerecido o preço de 5.000.

Informações indirectamente vindas da Allemanha, dizem que a despeito de uma ligeira melhoria, as perspectivas da colheita não são nada promettedoras. Por outro lado, os aprovisionamentos de leite e da carne tornam-se tão difficeis que as «semanas sem carne» impõem-se por si mesmas.

O governo faz effectivamente tudo quanto pode para attenuar a impressão causada pelas estatisticas desfavoraveis relativas aos «stocks» alimenticios. Assim, as estatisticas officiaes receberam ordem para dizer que as conjecturas sobre colheitas relativas aos annos de 1890 a 1914 foram exaggeradas e que as conclusões formuladas a este respeito peccaram por excesso de optimismo. E esses funccionarios reduzem methodicamente os antigos numeros na proporção de 10 por cento. O processo é simples, mas não convence as massas.

O facto é curioso e demonstra que os allemães estão realmente em face de uma violenta crise alimenticia.

Difficuldades economicas surgem ainda da paralysação forçada do grande numero de industrias não classificadas como industrias de guerra. N'esse ramo, a penuria de mão de obra e especialmente de materias primas provocou a cessação completa do trabalho.

No campo financeiro, a Allemanha, que vê com magua a baixa do seu credito no mundo, está ameaçada de uma crise violenta da qual se manifestam os primeiros symptomas.

Não faremos já allusão unicamente á desvalorisação do marco que coisa alguma pode entravar, mas tambem do accrescimo espantoso das despezas da guerra e da progressão extraordinariamente rapida da circulação fiduciaria.

As sommas dispendidas pela Allemanha, supponde que a guerra acabe a 31 de dezembro de 1918, elevam-se, segundo o «Economist», de Londres, que se basela nos calculos do allemão Georg Bernhard, a duzentos biliões e meio de marcos.

N'estas cifras ha uma de 31 biliões, correspondente ás pensões de guerra não representa a verba annual do orçamento, mas o capital que é preciso reunir para dispôr da somma a pagar cada anno aos mutilados e viuvas de soldados mortos no decorrer das operações militares. O escriptor allemão suppõe que a Allemanha deve ter milhão e meio de mortos, dos quaes um milhão com direito a pensão, e um milhão de mutilados.

A' razão de 1.250 francos de pensão por cada homem, os dois milhões de pensões custariam ao Estado dois biliões e meio por anno. Como, em todo o caso, os pagamentos d'esta verba devem diminuir rapidamente, Bernhard admitte um encargo de milhão e meio apenas. Capitalisada a 5 por cento, esta somma representa bem o capital de 31 biliões.

Assim, a guerra deve custar mais de 200 biliões de francos á Allemanha até ao fim do anno corrente. Para fazer face a taes despezas, será necessario exigir do contribuinte duros sacrificios e o contribuinte começa a murmurar. Queixa-se de que o governo não exige bastante aos que aproveitam com a guerra e pede muito ás classes médias e inferiores.

Se o povo continua, como é de crer, a protestar, o que fará o governo allemão no dia seguinte áquelle em que fôr firmada a paz?

O futuro apresenta-se cheio de sombrias côres para a Allemanha sob o duplo ponto de vista economico e financeiro.

Noticias do Brazil

RIO DE JANEIRO, 18.—A «Companhia Lloyd Nacional» está construindo, nos seus estaleiros da Ilha das Cobras, dois vapores de 2.000 toneladas cada um.—(Americana).

TURISMO

A INDUSTRIA HOTELEIRA

Graças á acção da Propaganda de Portugal, tem melhorado muito

E' sabido que é na industria hoteleira que reside a principal mola da industria do turismo. Paiz que tenha as mais deslumbradoras bellezas naturaes, como o nosso, mas que não possua bons hoteis, não pode ser nunca um paiz visitado pelos turistas. A falta de hoteis dignos d'esse nome tem sido para Portugal uma verdadeira calamidade. Os nossos hoteleiros, adoptando processos que ficariam muito bem no tempo da edade da pedra, teem contribuido poderosamente para o nosso isolamento, visto não saberem attrahir o viajante europeu, nem saberem acolhel-o quando elle demanda os seus estabelecimentos. E não se terá modificado um pouco este estado de coisas? Sem duvida. E tem-os modificado mercê dos esforços empregados pela commissão de hoteis da Sociedade Propaganda de Portugal, da qual fazem parte patriotas como o sr. Luiz Fernandes e creaturas da cathegoria social dos srs. Raul Lino, Manuel Emygdio da Silva, José Lino, etc.

Todos os mezes essa commissão realisa inspecções aos hoteis de determinadas regiões portuguezas, o que é o mesmo que dizer que todos os annos a Propaganda procura informar-se dos proveitos que, n'este capitulo, resaltam da sua acção civilisadora. Este anno, a respectiva inspecção foi levada a cabo pelos srs. Luiz Fernandes e José Lino, os quaes percorreram os hoteis de Coimbra, Luzo e Figueira da Foz, d'onde trouxeram as melhores impressões. E' que as indicações da commissão de hoteis da Propaganda, a principio acolhidas com desconfiança, passaram a ser acatadas o mais que o podem ser, sendo hoje, para os hoteleiros portuguezes, os delegados da S. P. P. collaboradores preciosos, com os quaes os interessados teem que aprender muita coisa que ignoram.

Da sua inspecção d'este anno, regressaram os srs. Luiz Fernandes e José Lino muito satisfeitos, por terem verificado que os seus esforços não cahiram em chão maninho e por se lhes ter arreigado ainda mais a convicção de que é mais que possivel modificar por completo a industria hoteleira portugueza, desde que o Estado a encare como deve, quer creando escolas da especialidade, quer concedendo facilidades de installação absolutamente indispensaveis.

Em Portugal, as tentativas desinteressadas como a da commissão de hoteis da Propaganda nem sempre teem a corôar-lhe um exito relativo, pelo menos. Esta cruzada em favor da modificação radical dos nossos processos hoteleiros parece, todavia, que faz excepção á regra. Pois regosijamo-nos profundamente com isso, felicitando pelos resultados os que na S. P. P. tanto teem trabalhado pelos progressos da industria hoteleira, base essencial de todo o turismo.

Ao leitor d'A CAPITAL

Depois de lido, enviar este jornal á *Junta Patriotica do Norte* (Paços do Concelho — Porto), a fim d'esta o mandar para os nossos soldados no «front».

COISAS DE HOJE

Zola no "cine,,

Entre lettras grossas e berrantes, que mais ao lado annunciam frescura taurina e companhias de seguros, eu vi hontem o rosto sombrio e grave, sereno e barbado de Zola, o Zola senhor do realismo, o epico do «Germinal», o artista da «Oeuvre», o accusador do «Trabalho».

E' o triumpho da civilisação; o ultimo grito do progresso. Zola, n'um cartaz, está apenas para garantir ao publico que despreoccupado passa, a authenticidade d'um «film». E' a «Naná»; já hontem foi o «Germinal», amanhã será toda a sua restante obra, os «Rougon-Macquart» em 5 mil metros e legendas estupendissimas. A testa alta do auctor da «Debacle» está ao canto do cartaz a dizer então, ao publico: «Sim, meus senhores; sou eu mesmo, o Emile Zola, o grande escriptor e fundador d'uma escola, o grande propulsor d'um movimento litterario, o authentico Zola desterrado por defender Dreyfus, quem escreveu o argumento d'esta soberba obra que os «cines» da moda annunciam: «Naná».

Escrevi, talvez um pouco mais do que o necessario; enchi mais de 400 paginas nas edições de todo o mundo com, a minha escandalosa «Naná», mas, confesso, tudo isso é palavreado vão; a «Naná», a «Naná» de Zola, passa toda na sua esplendida belleza real em duas curtas horas em face dos vossos olhos».

E depois, malicioso, ironico, conhecedor profundo da psichologia humana, accrescentará: «Para que lêr, pois, ó gentes, romances, obras primas, dramas, tragedias ou farças? Tudo passa um dia breve, n'este luminoso seculo, sob os vossos olhares, sem que vos esforceis demasiadamente. Ainda hontem, no local da Paz Eterna, quando passeando com o velho Hugo, elle me confessou, vaidoso, que tivera 2 milhões de espectadores em toda a Europa, em todas as terras, mesmo as mais modestas, as que não possuem livrarias mas teem um barracão servindo de cinematographo, que foram dormir descançados pela justiça que na III parte é feita a Jean Valjean, personagem importante da sua fita «Os miseraveis». A sua «Notre Dame» teve um successo tambem lisonjeiro e está á espera de que a Pathé, ou a Gaumont lhe acceitem o entrecho dos «Homens do mar» ou do «93». Que as coisas agora estão difficeis; o publico agrada-se mais de Guy de Teramond e de Leroux, porque tem dedo para a phantasia em series. Mas, emfim, é preciso fazer pela reputação e por isso, eu vos garanto, ó boas gentes, que a «Naná» é minha; fui eu que a escrevi outr'ora com mais adjectivos mas muito menos effeitos de luz; merece, sim, merece, as duas horas de escuridão e os 3 tostões de entrada.»

* * *

Sem «blague», é caso para os fazedores de prosa meditarem e os seus editores ponderarem gravemente. Quando o auctor da «Legende des Siecles» exclamava olhando a obra de Guttenberg «isto matará aquillo» e aquillo era a litteratura mais expressiva de toda a Renascença, de toda a Idade Média, mesmo de toda a antiguidade, as Cathedraes, a Architectura, a Pedra em toda a grandiosidade da sua eloquencia, não podia adivinhar que muitos annos depois outra nova producção machiavelica poria em risco a sua obra ideal; o invento civilisador de então. Fez-se o livro, findou a Cathedral. Fez-se o cinematographo, estrebuchará o livro.

E, não o matará porque um limitado numero de arreigados fieis, procurarão na forma e no estilo a belleza; o que morrerá no livro será a parte romantica, o dialogo, os embates de sentimentos, a vida na sua exteriorisação, porque isso caberá tudo em poucos metros de gelatina; mas, o resultado da divulgação do cinematographo, da «adaptação» das obras litterarias, as mais sagradas, será a restricção de edições, e a diminuição do numero de livros. Em França, não repugnou a varios escriptores jovens, entre os quaes, esse citado Teramond, abandonarem o romance feito para a typographia, para a leitura com o espirito, a fim de se entregarem ao romance para o «ecran», feito para os olhos, phantastico, com moral, com vida, com aventuras, com amor, que prende, ou seduz, attrahe ou impressiona. E, para que não confessar, quanto essa nova arte mal despontada, é difficil e demanda de especial vocação? Escrever para o cinematographo, o que amanhã será vulgarissimo, e entre nós é rarissimo, exige qualidades novas no auctor: observação, truc theatral, effeito, imaginação, espirito. Porque a palavra falta, porque as conclusões, as replicas, o dialogo não existem, tem o espectador que receber sob outra fórma, emoções ou visões, que supram essas deficiencias; e ahi está o engenho do auctor para as descobrir, para preencher de verdade, com auxilio de actores e actrizes, essa lacuna do cinematographo. Hoje o mundo, por tornar complicado e cheio de sciencia os seus processos, por engrenar a vida em milhares de novos inventos, requer simplicidade e facilidade em tudo. Tambem a arte do novo seculo ainda só com um quinto de róla, tem de manter-se n'essa suava simplicidade requerida. Nada de coisas que perturbem as digestões difficeis; um pouco do sentimento barato, arte em dóse, ou um mysterio novecento, umas aventuras alegres e promptas. Isto satisfaz plenamente. Para que é, pois, preciso lêr?

Antigamente lia-se para distracção ou estudo; hoje para distrahir vae-se ao cinematographo, e ha quem affirme que tambem se aprende lá muito, até mesmo o que se não deve aprender. Não ha razão para que a grande massa, mais ou menos illettrada, mas aquella que faz pezo, deixe de preferir o cine, e regresse ao livro, que sempre mais ou menos foi coisa que o perturbou. Demais, se as emprezas e os fazedores de fitas, derem tudo que constitue o estofo basofio da educação de muita gente, Zola, Hugo, Dumas, Balzac, Amicis—que já andam por ahi estiraçados em longos metros,—e d'Annunzio, Loti, Ibañez, Prevost, um pouco de Ibsen ou de Tolstoi, comedias leves inglezas e phantasias estranhas americanas, podendo ainda dar um dia Schakespeare e Molière pela Borelly, ou pela Karren, pela Bertini ou pela Makowska hoje mais conhecidas que a Lorenzo ou a Vitaliani, e quasi tão canonisadas como outr'ora a Duze, a Bonhardi ou a Réjane... Não toquemos porém no nefando caso e tão batido, da influencia do cinematographo no theatro, influencia que até se nota n'esta reputação de celebridades criadas, á distancia. Trata-se do livro, da possivel existencia d'aqui a meia duzia de annos, das «Pupilas do sr. Reitor» em 3 partes de 500 metros, e dos romances de Camillo e Eça em sessões da moda, sem falar nos «Lusiadas» por «series», para ser exibido por conta do Estado no seu dia feriado, em junho.

* * *

Zola hoje, a um canto do cartaz, garante a especialidade do film. Zola, é ainda hoje um nome que vive entre nós; ámanhã, quando passados cincoenta, quinhentos, milhares de annos fôr uma coisa apagada, não escapando ao diluidor tempo que até os Genios reduz na alma das multidões a um contorno lendario da sua personalidade», o rebuscador da «Taberna» será um desconhecido que apenas os estudiosos e os caducos investigadores descobrirão no pó do passado. E então quando alguem, um frequentador assiduo dos cines, fôr abordado pelo litterato que lhe narre o enredo da «Naná», exclamará triumphante e inchado:

«O' filho, eu já vi isso, ha muito tempo, no animatographo.»

A. F.

Intervenção estrangeira?

Que o governo fale

A *Patria*, jornal monarchico do Porto, noticia o seguinte enviado pelo seu correspondente em Lisboa:

«A chegada de um emissario inglez a Lisboa, militar de envergadura, tem dado margem a differentes boatos. Ha quem diga que elle teve uma larga entrevista com o sr. Sidonio Paes, e que se falou na melhor maneira de se manter a ordem em Portugal. Ha quem affirme que a Inglaterra, sem propositos desagradaveis para o nosso brio nacional, está disposta a intervir se os desordeiros tentarem um golpe favoravel.

Dou estas informações que correm sem desmentido officioso, a titulo de curiosidade».

Sem offensa para o jornalista que escreveu esta noticia—collega que aliás, não sabemos quem é—declaramos que não nos merece credito a versão da intervenção directa da Inglaterra na politica interna de Portugal. E' urgente, pois, que o governo faça desmentir a noticia da *Patria*. O silencio seria a confirmação.

"As grandes batalhas"

Vae a Capital *iniciar brevemente a publicação da admiravel obra que o eminente escriptor Julio Dantas escreveu expressamente para o nosso jornal.* As grandes batalhas, *que irão renovar o immenso triumpho da* Patria Portugueza e do Amor em Portugal no seculo XVIII, *serão opportunamente annunciadas e hão de constituir, sem duvida, um dos grandes acontecimentos litterarios do anno corrente.*

Theatros

Cartaz de hoje

NACIONAL — A's 21 — «Amor de perdição». — SAO LUIZ — A's 21,30—«Os mineiros»—TRINDADE — A's 21,30—«O gato maltez». — GIMNASIO—A's 21,15 — «Marionettes»—APOLO—A's 21,30 —«A revolta» — EDEN—A's 21,30 —«A trombeta da fama».— POLYTHEAMA — A's 21,30 «Salada russa» — AVENIDA — A's 21,30— «Madame Eva somnambula» — SALÃO FOZ — A's 21 — Variedades e animatographo. — COLYSEU DOS RECREIOS — A's 21,30—«A nova missão de Judex». *Animatographos e concertos*—Central, Olympia, Chiado Terrasse, Condes e Salão da Trindade.

Nota do dia

Tenho sempre uma grande admiração por todos os que, abandonando as citações, dizem o que sentem e põem as coisas nos seus verdadeiros termos, pensando, por si, não se limitando a escrever o que outros pensaram e já escreveram. Tudo isto vem a proposito d'um artigo que, ha dois dias, li na «Opinião» firmado por um Diabo Negro, que não conheço mas a quem me não posso furtar de enviar um grande abraço porque é dos poucos que, pensa como eu, sobre a decantada reforma do theatro Nacional.

Conte o Diabo Negro commigo. Nada de affrouxamentos nem de transigencias. E' preciso affirmar ao secretario da instrucção que a imprensa, quando escudada na opinião publica, é uma força que se não deve deitar ao desprezo, o que aquelle ministro não devia ignorar, visto já ter sido jornalista. Mais uma razão para que se não conservasse n'um mutismo que dá logar a todos os commentarios que, decerto, o não elevarão á cathegoria dos «grandes homens». E como o tempo vae quente em demasia e a casaca e o peitilho podem ser causa de qualquer insolação, ponhamo-nos em mangas de camisa e vamos a isto...

Alvaro Lima

Informações

E' hoje que no theatro da rua dos Condes se realisa a recita promovida pelo Club dos Makavencos e cujo producto reverte a favor da construcção do Senatorio-Albergaria para tuberculosos pobres no Cabeço de Montachique.

Além do interesse que desperta a apresentação do grupo dramatico «Tavares de Mello», constituido por distinctos amadores, o fim da recita é tão nobre, tão elevado, e os Makavencos gozam de tantos e tão merecidas sympathias que, estamos certos, não ficará hoje um logar vago na rua dos Condes.

Réclames

—O confronto que «Os Mineiros» nos offerecem no desempenho portuguez deve ter um valor especial para os que viram ou ouviram já falar da interpretação que deram em Madrid ao drama «Daniel» de D. Joaquim Dicenta, os grandes artistas do paiz visinho que são Diaz de Mendoza e Maria Guerrero, então delirantemente applaudidos por platéas de todas as classes sociaes. Ora esta circumstancia impõe-se a quem ama o verdadeiro theatro.

—Todas as noites o grande acontecimento theatral e o espectaculo preferido das familias pela sua honestidade e pela sua graça é o do Gymnasio com a soberba comedia «Marionettes», em que Palmyra Bastos, Brazão, Carlos Santos e Maria Pia teem magnificos papeis.

—O actor Alfredo Silva faz parte da companhia do Politeama e na «Salada russa» e no seu novo quadro «Comes e bebes» exhibe os seus meritos, que desde ha muito o publico, sem conservar-lhe todavia o nome, consagrou com justiça. Modesto, despretencioso, o seu trabalho artistico indica uma grande consciencia e na referida revista tem rabulas que são um primor. A victima das subsistencias é relevada por tal forma que os applausos surgem logo que o seu papel termina e no gramophomania, a similhança é tão perfeita que chega a suppôr-se que é um verdadeiro gramophone, escondido, que está operando.

—Quadro cheio de luz e côr e movimentado, bizarro e alegre, o da «Ceramica» da revista do Apollo, a que empresta um brilho especial e um encanto sem limites a graciosidade d'essa figurita esbelta e amoravel da «Argila» em que Auzenda d'Oliveira nos apparece travestida para recitar uma poesia que é um primor de idéa e de forma.

No extrangeiro

Morreu em Nova York, com 54 annos, o fundador do theatro francez d'aquella cidade, primeiro presidente da alliança franceza e irmão do celebre pintor Rosa Bonheur.

Poeira da Arcada

Productos coloniaes e carvão

Entrou no Tejo um vapor portuguez vindo da costa occidental d'Africa com elevado numero de passageiros e um importante carregamento de productos coloniaes, principalmente coconote, mandioca, tapioca, borracha, cacau, ricino, algodão e algum arroz.

Tambem no Tejo entrou um vapor com carga completa de carvão.

Secretaria da marinha

Assumiu hoje o cargo de chefe da 1.ª repartição da 4.ª direcção da secretaria d'Estado da marinha o capitão de mar e guerra da administração naval sr. Francisco Castro Pedroso.

Foi assignado um decreto transferindo reciprocamente os directores geraes da 2.ª e 4.ª direcções da mesma secretaria d'Estado, srs. capitão de mar e guerra Queiroz Montenegro e contra almirante Julio Gallis.

Contra-torpedeiro "Douro"

Tomou hoje posse do commando d'este vaso de guerra o capitão de fragata sr. Magalhães Ramalho.

Estado maior naval

Reuniu hoje o estado maior naval, sob a presidencia do contra-almirante sr. Canto e Castro, resolvendo nomear uma commissão composta de officiaes do mesmo estado maior para elaborar o respectivo regulamento.

Auctorisações concedidas

Foram para o «Diario do Governo» as portarias concedendo as seguintes auctorisações:

A's confrarias das Almas e Santissimo de S. Salvador do Campo, Barcellos, a applicarem dos seus fundos, respectivamente, 340$00 e 110 escudos á construcção d'um cemiterio; A' Associação de Nossa Senhora Consoladora dos Afflictos de Lisboa a vender á camara municipal de Chaves um terreno que o Asylo dos Cegos possue n'aquella villa; A' Casa Pia de Evora a suspender até ao anno immediato ao da terminação da guerra o pagamento das annuidades relativas aos emprestimos por ella contrahidos de 1.500$00 e 6.00$00; A' direcção da Assistencia Infantil de Santa Izabel, de Lisboa, a applicar o legado de 500$00, que lhe foi deixado por D. Guilhermina de Faria, ao pagamento de abonos feitos pelo thezoureiro; A' misericordia da Mealhada a acceitar o legado deixado por Custodio José de Faria, da Vaccariça;

A confraria de Nossa Senhora do Rosario, da freguezia de Retoyos do Lima, concelho de Ponte do Lima, a acceitar o legado deixado por José Maria da Costa.

Cambios

Lisboa, 19 de agosto de 1918.

	Compra	Venda
Cheque sobre Londres	30 3/16	30 1/16
90 d/v.	30 9/16	
Cheque sobre Paris	291	297
» Hollanda	860	870
» Italia	215	225
» New York	1665	1680
» Madrid	410	425
Rio sobre Londres	12 3/8	—
Libras ouro	10$60	10$80
Agio do ouro	135 0/0	140 0/0

A celebre Lilete

Esta celebre dançarina, estreia-se amanhã no elegante palco terrasse, do grande Casino de S. José de Ribamar, em Algés, sendo acompanhada nos seus encantadores bailados pelo sr. Luiz da Silva, tambem eximio dançarino.

Professores das Escolas Moveis

A reunião de hoje

Com numerosa assistencia, predominando o elemento feminino, realisou-se esta tarde a reunião dos professores officiaes das Escolas Moveis, para discutir o decreto que vae remodelar essas escolas.

Tomou a presidencia o sr. Pedro Garção, secretariado pela sr.ª D. Maria Pequito e pelo sr. Manuel Lopes d'Andrade.

O sr. presidente pede que a reunião decorra o mais ordeiramente possivel.

Depois de lida a correspondencia, falou o sr. Augusto Marques d'Abreu, para propôr a nomeação d'uma commissão encarregada de orientar os trabalhos e elaborar uma representação, que deverá ser entregue ao sr. presidente da Republica. Foi approvado.

A commissão ficou constituida pelos srs. Pedro Garção, D. Maria Pequito, Chacon Siciliani, Mathias e Marques de Abreu. Este ultimo senhor propoz um voto de sentimento pelos collegas fallecidos.

NATURISMO

Ao ar livre

A praia da Costa de Caparica é o logar escolhido e um dos mais apropriados para, perto da cidade artificial, pôr em pratica as regras de Müller e Rickli, Kneipp e Lahman, quanto á higiene solar, sportiva e hidroterapica. N'um dos dias ultimos de descanço, dia em que o resto da humanidade se emboneca para ir á missa ou se encolarinha para o *flirt*; com alguns discipulos fieis lá me reuni para prestar culto á Natureza, a principio fazendo um longo passeio descalço pela orla do rio até em frente á torre do Bugio e depois ir receber do mar as brisas doces e reconfortantes na praia deserta que as ondas beijam, n'uma caricia eterna, n'um murmurio doce, eriçadas de espuma alva, revoltas no ciclico evolucionar d'esse misterioso arfar da vida cosmica. Um grupo de crentes da ienea Natureza se reune quando possivel, n'essa missa sem padres, n'essa sessão sem oradores, n'essas conferencias sem prelecções. E' como que um preito ao Invisivel—emquanto o horisonte se alarga e estende em mysterio na bruma longinqua. O sol doirado tisna, aquece e revigora, tornando a pelle, estimulada pela sua acção energica, um receptaculo de vigor para o resto da semana. Não ha logares para eleitos nem camarotes para gosar as delicias.

Na areia egualitaria, conchas e micas fulgurantes, sentados, a pelle só com o recato d'uma tanga e a cabeça coberta com chapeus de palha, almoçámos: figos, verdadeiros receptaculos de assucar, peras deliciosas e, para prestar homenagem ao tropico tentador, bananas das Canarias e castanhas do Pará. Em seguida ao santo sacrificio do frugal repasto, cosinhado pelo sol nas arvores suas filhas e offerecido pelo edenico designio aos nossos labios e ao nosso paladar—dormimos embalados pela monotonia das vagas alterosas da maré que subia. E, tempos passados, nos acordou respingando-nos com a sua arfagem de rendas humidas... Chegou depois a quadra de irmos ao banho a prestar o culto á talassoterapia — já sem o menor vislumbre de ironia politica.

Na lamina doce e agitante do oceano por onde D. João VI buscou o Brazil, na fuga heroica, decantada ainda hoje no Palacio de S. Bento como um episodio épico—oh historia quanto és offendida—mergulhamos o fragil corpo estimulado pelos effeitos depuradores do astro rei... emquanto os maçaricos saltitavam pela areia e as gaivotas voavam altas como as illusões. A verdade é que nos esquecemos de que havia uma cidade bastarda e uma humanidade a suicidar-se lá longe, fazendo correr ondas de sangue a alastrando a fome e a guerra. O regresso, pela orla da margem, foi menos alegre... era necessario entrar no pantano onde os homens cavam a sepultura com o seu proceder imoral e sem civismo.

Dr. Amilcar de Sousa

C. E. P.

O «roulement»

A proposito da carta que *A Capital* hontem inseriu, em que *Um interessado* punha em relevo o facto da circular 769 da 2.ª repartição do quartel general territorial do C. E. P., de 3 do corrente, vir annular a disposição do decreto de 28 de março ultimo relativo á contagem do tempo necessario para se tornar effectiva a rendição, somos informados officialmente de que o sr. secretario d'Estado da guerra, logo que teve conhecimento d'essa circular, ordenou que ella ficasse sem effeito. Tanto mais que um decreto não pode nunca ser annulado por uma portaria ou uma circular.

Está muito bem. O que o coronel sr. Amilcar Motta resolveu merece elogios. Apenas estranhamos que circulares contendo disposições de natureza semelhante áquella de que se trata sejam publicadas sem seu conhecimento, principalmente quando se não respeitam interesses sagrados como os d'aquelles que tem prestado serviço no «front» e que por isso merecem toda a consideração e todo o respeito.

E' um exemplo frizante do que se passa por essas repartições, onde os que legislam commodamente refastelados nas suas poltronas não attendem a direitos que para todos deviam ser sacratissimos.

Sr. redactor de «A Capital».—Está «A Capital» sempre prompta a defender a causa d'aquelles que pedem moralidade e justiça e por isso me atrevo a pedir a v. o favor de chamar a attenção de s. ex.ª o ministro da guerra para o que se está passando com a rendição do pessoal do C. E. P.

A cada passo está a mudar o criterio do commando do C. E. P., quer na classificação dos differentes serviços em cathegorias, segundo o seu maior ou menor risco, quer nos descontos a fazer para effeito de rendição do pessoal. Ultimamente mesmo foi determinado por aquelle commando que não seja contado para aquelle effeito o tempo de licença de campanha, o tempo de permanencia nos hospitaes ou ambulancias, o tempo de licença da junta, etc., etc., de forma que muitos officiaes e praças que estão fazendo serviço nos corpos ou que estão em suas casas suppondo que já não voltam para França, porque segundo a contagem que lhes havia sido feita tinham já o anno necessario para serem rendidos, deverão agora ser chamados e mandados marchar para o C. E. P. Mas é preciso notar, sr. redactor, que o artigo 4.º do decreto do «roulement» na sua alinea c) diz que deve ser descontado o tempo de impossibilidade temporaria de serviço por motivo de doença adquirida sem ser em razão do mesmo serviço, ao passo que o commando do C. E. P., não querendo saber se a doença foi adquirida ou não por motivo do serviço, manda descontar, de uma maneira geral, todo o tempo de impossibilidade temporaria, alterando, assim o espirito do decreto do ministerio da guerra. E' isto admissivel?

Parece que o erro foi reconhecido e consta que o mesmo commando do C. E. P. o vae remediar com uma nova circular que se diz vir a caminho. E entretanto o que se faz? Vão-se mandando officiaes para França fazendo a contagem pela ultima determinação conhecida do commando do C. E. P., officiaes que amanhã, pela circular que se espera, teem o tempo sufficiente para serem rendidos. Mas como estes officiaes já estão em França quando chegar a esperada circular, já não aproveitam dos seus beneficios. E' isto justo? Porque se não susta a marcha d'esses officiaes? Porque se não aguarda que um criterio justo e racional seja estabelecido de uma vez para sempre, para que cada um saiba a lei em que vive? Parece que só se pensa em mandar officiaes, mais officiaes e sempre officiaes para França, sem attender a que não é assim que se põem as coisas nos seus eixos, porque não havendo justiça de cima, não pode haver vontade e interesse de baixo.

Pela publicação d'estas linhas, sr. redactor, que veem chamar a attenção de s. ex.ª o ministro da guerra para um caso que requer urgente remedio, se confessa muito grato o que é de v. etc. — «Um interessado».

Visitas de estudo

Como noticiámos, effectuaram hontem os socios do Atheneu Popular a visita de estudo ao caes e doca grande de Alcantara, e a bordo do vapor de carga e passageiros «Lima», ao serviço dos Transportes Maritimos do Estado. Os visitantes, que eram em grande numero, entre elles creanças e senhoras, foram recebidos a bordo pelo sr. Rodrigo Sousa de Carvalho, immediato do vapor, que se prestou gentilmente a acompanhal-os na visita, bem como os restantes officiaes de serviço a bordo e demais pessoal. A visita começou pelos alojamentos dos passageiros de 1.ª classe, seguindo-se aos do pessoal de bordo, 3.ª classe e porões.

Na estação da telegraphia sem fios assistiram os visitantes á expedição e recepção de telegrammas, sendo-lhes feita a historia d'este interessante machinismo pelo intelligente telegraphista de bordo.

A ultima parte visitada do vapor foi a casa das machinas, que muito interesse despertou nos visitantes. A bordo foi tirado um grupo photographico dos visitantes e officiaes do «Lima».

Ao retirarem-se, os visitantes agradeceram effusivamente aos officiaes as provas de deferencia de que foram objecto, recebendo d'estes palavras de enthusiastico incitamento para continuarem na util obra de ensino popular começada.

Ultimas noticias

Caminha-se, acaso, para a guerra civil?

«A Manhã», de hoje, publica uma correspondencia do Porto relatando que, contra os presos politicos, se renovaram os attentados que celebrisaram a policia d'aquella cidade. Os jornaes portuenses confirmam todas as noticias.

As maiores barbaridades teem sido infligidas aos detidos. Desde o espancamento a cavallo marinho até á applicação do sabre e da coronha de espingarda, tudo tem sido utilisado para martyrio dos presos, muitos dos quaes ficaram reduzidos a miseros farrapos humanos, sangrando por mil feridas. Um dos desgraçados narrou, assim, á «A Manhã», o seu caso:

«Desde sete de Dezembro que eu fui sete vezes preso, sem que nunca me dissessem o motivo por que me prendiam, nem a razão por que me conservavam trinta dias, e mais, na enxovia. Hontem, sexta-feira, ás 10 horas da noite, eu e mais cincoenta e tantos republicanos do Porto fomos arrancados das nossas casas e mettidos nos calabouços do Governo Civil. Cerca das duas horas da madrugada de hoje, senti que corriam os ferros do carcere. A escuridão em que eu me encontrava foi ferida por um raio de luar. Entraram varios policias fardados e á paisana, que desalmadamente me levaram para o pateo, onde já se encontravam outros companheiros de supplicio. Então, o guarda n.º 100, que, ao que parece, era quem commandava aquella horda de carrascos, ordenou:

—Matem-me estes malandros!

O que se passou não é facil de descrever. Immediatamente vibraram no ar dezenas de cavallos marinhos e de sabres, que, n'uma brutalidade requintadamente cruel, cahiram á tôa, no nosso corpo, ferindo-nos, enchendo-nos de sangue—até que, incapazes de nos defendermos, sem uma arma, cercados por um grupo de janizaros dez vezes mais numeroso do que nós, cahimos por terra, já sem forças para gritar, esmagados, semi-mortos!»

E' inutil accrescentar mais nada, ácerca do facto. Mas convem fixar a moralidade do conto.

E' impossivel acreditar que estes attentados se commettam com desconhecimento do governo. O sr. Sidonio Paes, durante a sua visita ao Porto, verificou a realidade d'elles e reprovou-os com o celebre gesto, que mereceu geraes appausos. Imaginamos então que a approvação do chefe de Estado impediria que elles se renovassem. Que ingenuidade a nossa! Eis que os crimes se repetem e com tal frequencia que é absurdo admittir que se pratiquem com desconhecimento do governo e dos seus delegados no Porto.

Tambem não é de admittir que o governo lhes negue sancção de solidariedade, antes parece que são o resultado d'um systema preconcebido de repressão, adoptado contra criminosos ou pretensos criminosos politicos ou, mais simplesmente, contra adversarios irreductiveis.

Em conclusão: é forçoso admittir que os processos inquisitoriaes, postos na pratica pela policia portuense, são do agrado do sr. ministro do interior, que é aquelle membro do gabinete a quem mais directamente respeita a manutenção da ordem; que os outros ministros concordam com taes methodos policiaes; e, ainda, que o sr. Presidente da Republica não dispõe da força necessaria para impedir a repetida acção criminosa, exercida a distancia e por delegados «ad hoc» escolhidos, dos seus secretarios de Estado.

E não se estranhe que attribuamos responsabilidade a todo o governo, n'este caso particular da policia portuense. E' que os attentados veem sendo repetidos desde ha tanto tempo, que seria levar muito longe uma voluntaria credulidade que persistisse em fechar os olhos á realidade das coisas.

Quando foi dos espancamentos que provocaram ao sr. Presidente da Republica a phrase—«o que eu vi no Porto, é horrivel!...»— travou-se na imprensa d'aquella cidade uma polemica, onde dois homens publicos se attribuiam responsabilidades nos crimes. Foram elles os srs. Belchior de Figueiredo e Solari Alegro, o primeiro ex-governador civil do districto e o segundo inspector—que ainda é, segundo nos parece—da policia portuense. De tal discussão não foi possivel apurar-se a responsabilidade que cabia, realmente, a cada um d'estes altos personagens politicos. Mas attribuiram-se, mutuamente, as mais tremendas responsabilidades!

Pelo governo civil do Porto passaram, entretanto, alguns officiaes. O sr. Costa Soares, que é capitão de cavallaria e o sr. Guilherme de Azevedo, major d'infantaria. Este ultimo official deixou a commissão porque—disse-se—reprovou os actos cannibalescos contra os presos politicos reduzidos á impotencia. Pois, apezar d'isso, os attentados repetiram-se.. Quem os ordena e dirige, então? E' o proprio Poder central?...

Agora está á frente do districto do Porto o sr. major Alberto Margaride. A principio affirmou-se que ia ser alto commissario; mas, de repente, passou a ser governador civil, como os outros. Se bem que não saibamos, assim de repente, a differença entre uma coisa e outra, registemos apenas que, a despeito da sua reputação de homem probo, os crimes renovam-se. E' então o Poder central que os ordena?

Perguntamos agora ao governo, com muita serenidade, para que campo quer elle levar a Nação. Quer a Republica pacificada? Ou prefere reduzir os cidadãos ao desespero, provocando a guerra civil? Ainda hoje nos affirmaram que iam ser feitas, dentro de poucos dias, prisões em massa, colhidas especialmente no partido que arvorou a bandeira intervencionista na guerra.

Bella attitude, a do governo, se tal fizer! A guerra ha de acabar um dia. Os alliados perguntarão então que diabo de Romenia é esta do Occidente, onde os amigos dos alliados são perseguidos como se fossem leprosos cães damnados?...

Resuscitaram-se as leis de excepção e organisaram-se os tribunaes militares, promptos a funccionar á primeira voz. Um tal acto de insensatez fez já mais conspiradores do que o governo póde imaginar. E não fará desarmar ninguem. Repetimos, pois: quer o governo levar a Nação á guerra civil? E toma sobre si a responsabilidade tremenda de a provocar, estando nós em guerra com o estrangeiro?...

Que tristeza que tudo isto faz... E que desespero!

A guerra

A confusão russa

Um «complot» contra o governo maximalista

PARIS, 19.—Noticias officiaes de Berlim dizem que em Tsarskoie-Selo foi descoberto um «complot» das tropas da guarnição, que tinham, por motivo de insufficiencia da alimentação, combinado com um official, marchar sobre Petrogrado e derrubar o governo maximalista.

O commissario Lissovsky, sabendo o que se passava, falou ás tropas, conseguindo dissuadil-as do seu proposito, o que fez com que se suicidasse o seu chefe, o coronel Manen.—(Correspondente).

De todo o mundo

A proposito da viagem de Wilson á Europa

PARIS, 18.—Acerca da pretendida viagem do presidente Wilson á Europa, lembramos que a constituição dos Estados Unidos prohibe que o chefe de Estado abandone o territorio nacional, durante o seu mandato.

Este principio é de tal modo estricto que quando o presidente Taft teve, ha uns dez annos, uma entrevista com o presidente do Mexico, general Porfirio Diaz, os dois chefes de Estado encontraram-se a meio caminho da grande ponte internacional de Juarez.

O presidente dos Estados Unidos não podia dar um passo a mais, sem sahir do territorio americano e violar, portanto, a constituição.—(Correspondente).

e uma saudação á imprensa da capital.

Cirurgia de guerra

O methodo de Carrel e o soluto de Dakin

Quando ha dias publicámos um artigo, acerca do emprego do soluto de Dakin no tratamento das feridas infectadas, pelo methodo de Carrel, dissemos que entre nós, a technica da applicação do soluto era desconhecida e que em regra, se empregavam ainda reagentes, que já estavam postos de parte, como succede com o acido borico. Quando fizemos tal affirmação, foi depois de termos ouvido as pessoas mais competentes no assumpto e de nos informarmos com todo o cuidado sobre a technica seguida. E não trouxemos a publico factos que são do dominio corrente, porque entendemos que não valia a pena insistir n'elles.

O sr. Marques de Sousa n'uma carta publicada hontem n'este jornal vem contestar e affirmar que os pharmaceuticos portuguezes conhecem a technica da preparação do soluto de Dakin. E' possivel que a conheçam. A sua preparação não exige o doutoramento em analyse chimica para se effectuar.

Mas o que garantimos é que poucas são as pessoas que teem preparado o soluto como é aconselhado no methodo de Carrel.

A proposito é com muito prazer que declaramos que nas ambulancias portuguezas do C. E. P. se empregou com todo o rigor a technica de Carrel no tratamento dos feridos de guerra.

J. Correia dos Santos

Movimento associativo

CAIXEIROS DE LISBOA—Reuniu antehontem a direcção d'esta collectividade.

Tratou-se de diversos assumptos da maxima importancia para a classe e foram nomeadas as commissões para levar á pratica o plano de trabalhos que foi approvado na reunião transacta, as quaes ficaram compostas da forma seguinte: commissão de propaganda: Antonio José da Silva, Joaquim Nogueira Lopes, Gil Gonçalves, João Ferreira da Silva Lemos e Fernão Gomes dos Santos; commissão de Arte: Luiz Marques Miguels, José de Almeida, Eduardo Moradas, José Augusto Alves e Claudio Guedes.

Pequenas noticias

Manuel José Dias, morador na rua do Cardal, á Graça, 11, cave, suicidou-se por meio de enforcamento, sendo o seu cadaver removido para a Morgue.

—Queixou-se á policia Julio de Carvalho, morador na calçada das Necessidades, 32, de que lhe furtaram uma carteira com 79 escudos e uma corrente e relogio de ouro no valor de 31 escudos.

O diario de Nicolau II

Alguns extractos relativos á revolução e á abdicação

ZURICH, 18.—A imprensa allemã transcreve do jornal russo «Isvestia» alguns extractos do diario que o czar Nicolau cuidadosamente escrevia desde 1882. O primeiro d'esses extractos é datado do começo da revolução.

A 12 de março de 1917, o czar escrevia:

«Ha dias que começaram tumultos em Petrogrado; as tropas, infelizmente, tomaram n'elles parte. E' um sentimento espantoso o estar assim distante e só ter noticias truncadas e desfavoraveis. Ouvi um curto relatorio. Dei um passeio pela estrada d'Orcha. Depois do almoço, resolvi dirigir-me a Tsarskoie-Selo. A' 1 hora da manhã, subi para o comboio.»

13 de março: «Deitei-me ás 3 horas e um quarto, depois d'uma demorada conversa com Ivanov, que mando com tropas a Petrogrado, para ahi restabelecer a ordem.»

O czar inscreveu em seguida as estações que atravessou durante essa viagem.

14 de março: «Durante a noite, o comboio virou na estação de Wichera, em virtude de Liouban e Tosna estarem occupadas pelos rebeldes. Dirigi-me, passando por Waldaidno, para Piskow, onde passei a noite. Vi Roussky. Danilov e Savitch jantaram commigo. Gatchina e Louga estão egualmente occupados pelos rebeldes. Vergonha e ignominia. Não chego a continuar a minha viagem para Tsarskoie-Selo e estou ali sempre em pensamento e sentimentos. Como deve ser terrivel para a minha pobre Alice o viver sosinha estes acontecimentos. Que o Senhor nos acuda a todos!»

15 de março: «Hoje de manhã, Roussky veiu e leu-me a demorada conversa que teve pelo telephone com Rodzianko. Na sua opinião, a situação em Petrogrado é tal que um ministerio sahido da Duma seria impotente para fazer o que quer que seja, visto que o partido social-democrata, constituido agora em Soviet dos operarios, lhe fará opposição. A minha dedicação é necessaria.

«Roussky transmittiu esta conversa ao grande quartel general e Alexeiev transmittiu-a por seu turno aos commandantes d'exercito. Ao meio dia e meia hora todos mandaram as respostas. Dizem ellas, em substancia, que em nome da salvação da Russia e para manter o socego no exercito da frente é necessario que me resolva a dar esse passo.

«Consenti n'isso. Do G. Q. G. enviaram um projecto de redacção para o manifesto da abdicação. A' noite, chegaram de Petrogrado Goutchkov e Choulguine; conversei com elles e entreguei-lhes o manifesto por mim assignado e modificado.

«A' 1 hora da manhã sahi de Pskov, com um sentimento acabrunhador do que acabava de sentir. Em volta de mim, traição, covardia, mentira.»—(Correspondente).

NO DISTRICTO DE BEJA

Fiscaes que não podem cumprir a sua missão

De fonte insuspeita, pois que veiu da direcção dos abastecimentos, recebemos a seguinte nota:

«Regressaram a Lisboa os fiscaes que haviam ido em serviço de fiscalisação para o districto de Beja, porque o respectivo governador civil lhes não deu auctorisação para ali procederem contra as pessoas que haviam deixado de manifestar generos, declarando-lhes que os mandaria prender caso desobedecessem ás suas ordens.

Pelo mesmo motivo, regressaram a Lisboa os officiaes do exercito encarregados de proceder ao arrolamento do azeite».

Decididamente, o que se passa no nosso paiz é ultra comico e parece mais a reproducção d'um quadro da «Salada russa», a revista em scena no Polytheama— sem reclame para este theatro—do que a realidade.

Fiscaes que vão cumprir uma missão de que foram encarregados ameaçados de prisão! Não ha modo de tomar isto a sério. Só a rir, a rir...

O serviço de comboios

está normalisado entre Lisboa e Porto

Na estação do Rocio foi hoje grande o movimento de passageiros, assim como de bagagens e recovagens.

Está normalisado o serviço de comboios entre Pampilhosa e Porto, incluindo os «tramway» entre Espinho e Porto. Aos passageiros que seguiram para o norte no comboio da manhã já foram fornecidos bilhetes directos para o Porto.

Fornecimento de gaz em Lisboa

Pedem-nos a publicação do seguinte:

São convidados todos os industriaes e commerciantes de artigos para gaz e seus congeneres, a quem este assumpto interesse, a reunir ámanhã, 20 do corrente, pelas 16 horas, na séde da Associação Industrial Portugueza, rua do Mundo, 20, 1.º, a fim de se tomarem resoluções da maxima urgencia.— A commissão.

SPORT

Reclamações

Todos podem fazel-as, sendo pouco extensos e em termos correctos

Sr. redactor sportivo da «Capital».—Sobre o assumpto «Semana d'Armas» já v. publicou quatro cartas, ao que me parece de varios esgrimistas.

Tenho acompanhado as suas notas, assim como as cartas a que v. na sua secção tem dado publicidade e vejo que a unica maneira da «Semana d'Armas» ter realisação é as «Salas» proporem-se effectuar os torneios, visto que o Centro Nacional de Esgrima, a entidade responsavel por tudo quanto se está passando, não liga ao caso a importancia que elle requer.

Mas ,agora, lembro-me que, para as «salas» organisarem os torneios é necessario que o Centro de Esgrima entregue as taças á commissão que porventura se constitua para assim se poderem disputar as provas.

Comtudo v. dirá o que acha de melhor sobre este alvitre.—De v., etc.—Um esgrimista.

Para as «Salas d'armas» organisarem os torneios não se necessitam taças nem premios. Demais o Centro não possue todas as taças da «Semana d'armas».

O que as «sala s» deverão fazer quanto antes é deliberar a realisação do campeonato de Portugal e o de juniors. As restantes provas ficarão para—seis mezes depois da guerra...

Campeonato militar de esgrima

Sr. redactor—Desde o anno de 1914 que em cumprimento do respectivo regulamento então publicado, se realisava em Lisboa este campeonato, ao qual concorriam officiaes e sargentos de todo o exercito. Uma simples circular enviada do ministerio da guerra appareceu o anno passado, sustando o referido campeonato durante o estado de guerra, mas sem mesmo dizer a razão, apezar de ser essa a norma em legislação militar. Procurámos sabel-o, mas não conseguimos: por uma questão de economia, diziam uns; pelo facto de estarem muitos atiradores no «front», diziam outros; o que é facto é que nem uma nem outra das razões apresentadas justifica tal deliberação. No primeiro caso, observa-se que o Estado tem continuado a subvencionar o concurso hippico com importancias muito superiores ás que dispendia no campeonato militar de esgrima; no segundo caso, não vemos razão que pelo facto de estarem alguns atiradores no «front» se não organise uma prova que tanto enthusiasmo despertou no exercito; a taça «Penha Longa» foi o anno passado disputada por um só atirador, que definitivamente ficou com ella; o facto da maioria dos seus antigos detentores estarem em França, não obstou a que o campeonato se realisasse, com a comparencia de um unico atirador —o sr. Antonio Sabo — E' possivel que o sr. secretario de Estado da guerra não saiba d'esta determinação por ser feita pelo governo transato, e mande dar cumprimento á lei. Se o fizer, creia Sua Ex.ª que muito satisfará os esgrimistas militares.— «Um esgrimista militar».

O que se ouve, o que se diz e o que se escreve...

Ouve-se dizer que alguns clubs nauticos estão na disposição de não organisarem esta epocha provas de natação.

Pode lá sêr?!

Pois se um club nautico é exactamente n'esta epocha que mostra a sua vitalidade, podia lá deixar de organisar as suas provas?!

Quando assim procedessem, a sua vida certamente corria risco... não restem duvidas a tal respeito.

Diz-se que a «politica» entrou com toda a força de que é capaz por algumas aggremiações de sport...

E' na verdade para lastimar, porque essas aggremiações, com a politica de portas a dentro, não podem de forma alguma caminhar e a sua marcha tornar-se-ha cada vez mais difficultosa, podendo mesmo redundar em revolução... E' necessario, pois, estar alerta porque aquelle inimigo é terrivel... capaz de tudo e não se comprehende que sendo o «sport» um meio de educar, tanto moral como phisicamente, elle sirva para politiquices...

Do nosso collega portuense «Commercio do Porto» transcrevemos:

«No proximo dia 25 effectuam-se no rio Douro umas grandiosas regatas organisadas pelo «Sport Club do Porto, que é, incontestavelmente, uma das mais prosperas e consideradas agremiações desportivas de Portugal.

Em breve nos referiremos detalhadamente a esse sensacional acontecimento desportivo, que tanto interesse está despertando, limitando-nos por agora a dizer que o numero mais importante do programma será constituido pela corrida entre quatro «out-riggers», cujas tripulações teem, como vogas, os gloriosos remadores da «équipe» de Pedro de Brito, o nosso incomparavel mestre do «rowing».

Escusado será dizer que os treinos tem sido rigorosissimos, sob a superior direcção de Pedro de Brito, o qual conta assim crear quatro «équipes» que mantenham brilhantemente as honrosas tradições do Sport Club do Porto.»

Noticias diversas

Rodrigo Bessone Basto, do Sport Algés e Dafundo, ganhou a corrida de natação «Meia milha», realisada hontem em Pedrouços.

—No proximo domingo, no Lawn-tennis Santo Amaro, em Oeiras, disputa-se um torneio de «tennis» entre jogadores «juniors».

—No domingo proximo realisa-se tambem no caes do Club Naval de Lisboa o campeonato de 100 metros de natação.

—Na travessia do Porto a nado, além da magnifica taça offerecida pela camara municipal do Porto, o Comité Pro Sport offerece uma artistica palma de prata ao nadador vencedor da prova.

—Fala-se em que nos mezes de outubro e novembro o Colyseu dos Recreios abrirá com companhia de circo.

—Parece que um importante club de Lisboa projecta realisar na Figueira da Foz uma festa de «sport».

Pelo estrangeiro

Um «stadiun» em Paris

Devia ter-se realisado hontem em Paris a inauguração do novo «Stadiun» Bergeyre, construido segundo os dados mais modernos e situado em pleno coração de Paris a dez minutos do metropolitano.

Um dos grandes attractivos é a apresentação dos maiores campeões americanos actualmente em França que devem competir ao lado dos melhores athletas francezes e belgas.

Athletismo

De um concurso de «sport» athleticos realisado ha pouco em França damos os seguintes resultados:

Corridas pedestres 60 metros em 7" e 1|5, 400 metros em 57", e 2|5, 1500 metros 4',49" 2|5. Saltos em altura com balanço 1,m45. Saltos em comprimento sem balanço 2,m68.

Lançamento do peso 9m,35 centimetros.

Lançamento de granada

No Stadiun de Educação Phisica da Escola de Artilharia de Fontainebleau realisou-se um concurso de lançamento de granadas, no qual o alumno da mesma Escola, Sarre, lançou a granada a 70 metros e cincoenta centimetros, o que excede a distancia até agora attingida por Shockers, isto é 66m e 67 centimetros.

A distancia attingida foi homologada, sendo considerado um verdadeiro «record». Gordon Sarre é americano, com 22 annos de edade e antigo jogador de «base-ball» de New-York, tendo-se alistado no exercito francez em 1916.

A. de Campos Junior

Pelos clubs

(Communicações officiaes)

Sport Algés e Dafundo

Continua aberta a inscripção para o campeonato de Walter-polo de 2.ª categorias para disputa da «Taça Gloria», que este club leva a effeito brevemente.

Ensino Commercial

O que pode ser a reforma d'este ensino

E' a ultima «etape». E julgo que tem chegado para edificar as gentes sobre tão importante questão, o que «A Capital» me tem consentido expôr em successivos artigos, nas suas columnas.

Consignarei ainda e com satisfação o faço, uma nova reunião de professores das escolas industriaes e commerciaes de Lisboa, noticiaram as gazetas, para pedirem a reforma do ensino commercial.

Tanto mais, me apraz consignal-o, quanto é certo que, tão amiudados pedidos da parte do professorado, se vem dando depois que a nu e cruamente eu tenho posto todos os aleijões e absurdos do nosso ensino commercial.

Se em tal reacção os meus artigos na «Capital» teem influido, dou-me já por satisfeito.

E' a primeira semente. Oxalá que não se perca.

Em minha opinião, o ensino commercial, deve ser constituido por tres graus: elementar, secundario e superior, mas partindo sempre d'este ponto de vista, para mim essencialissimo: o tempo de duração.

O ensino commercial elementar deve ser o mais possivel difundido no paiz, todo subordinado ao mesmo plano, simples e breve, d'harmonia com as exigencias do commercio da provincia, commercio que todo é constituido pelo pequeno commercio, pelo commercio retalhista, salvo uma ou outra excepção.

O curso elementar de commercio nas terras da provincia de regular movimento commercial, algumas capitaes de districto e poucas villas pode pois ser constituido por dois annos de ensino, assim organisados:

1.º anno—Lingua portugueza, lingua franceza, commercio, arithmetica elementar.

2.º anno—Lingua portugueza, lingua franceza, arithmetica e geometria, commercio, geographia geral e historia de Portugal.

Para o nosso commercio provinciano, este curso chega. São os principios geraes de disciplinas todas ligadas com a profissão do commercio e cujos serviços de pequena contabilidade, não vão além dos programmas d'este curso.

Assim a arithmetica do 1.º anno deve abranger apenas até ás operações de complexos inclusivé, e no segundo anno deve ir até ás razões e proporções e sua applicação aos juros simples, percentagens, cambios directos, divisões proporcionaes e regra de companhia. Nada mais.

A edade escolar sendo mantida aos 10 annos, devemos dar como média para a frequencia do curso, o maximo 13 ou 14 annos e em tal edade, ir mais além, é desperdiçar tempo e trabalho; nem o alumno aproveita porque não tem robustez nem capacidade intellectual para isso, nem o ensino desempenha as suas funcções de preparar uma classe que precisa modernisar-se, por não sabermos applical-o.

No ensino do commercio o programma do 1.º anno não deve ir além dos documentos commerciaes e classificação de contas; no 2.º anno pode ir até á execução de uma escripta simples, toda em lançamentos da 1.ª formula e respectivos balanços.

A operação do Balanço não deve entrar no programma do ensino elementar pelos mesmos motivos apontados para o de arithmetica.

Assim constituido, este curso, completo, e não como actualmente, tendo n'umas escolas certas disciplinas e n'outras, outras, devel ser creado no maior numero de localidades possivel, especialmente nas capitaes de districto, villas importantes como Ovar, Povoa de Varzim, Amarante, Penafiel, Thomar, etc.

O ensino secundario terá como habilitação preparatoria o curso das escolas elementares e constará de tres annos, podendo ser:

1.º anno—Lingua portugueza, lingua franceza, lingua ingleza, contabilidade, commercio, historia universal e de Portugal, desenho.

2.º anno—Lingua franceza, lingua ingleza, lingua allemã, algebra elementar, geographia economica, historia universal, commercio, desenho.

3.º anno—Lingua ingleza, lingua allemã, calculo commercial, elementos de direito commercial, economia politica, direito aduaneiro, commercio, sciencias naturaes.

E' claro que, na organisação d'este curso, os programmas são tudo, devendo portanto attender-se na sua elaboração que, devendo estes cursos ser essencialmente praticos, convem que a parte theorica não seja demasiado extensa, para não prejudicar os trabalhos da pratica, que devem ser os preferidos, sem prejuizo tambem da parte theorica para não cahir no extremo opposto—o empirismo.

Seria longo, expôr aqui o que penso sobre organisação de programmas, limito-me, pois a apontar as disciplinas que entendo devem constituir o 2.º grau do ensino commercial e a forma como ainda me parece mais conveniente dividil-as.

Em resumo teremos:

Lingua portugueza, 3 annos; lingua franceza, 4 annos; lingua ingleza, 3 annos; lingua allemã 2 annos; geographia, 3 annos; (2 anno do curso secundario, juntamente com a Historia Patria, deve repetir-se o programma da geographia geral) Historia Patria e Universal, 3 annos (a Historia no 1.º anno deve ir só até á Historia moderna, e no 2.º anno, revisão do programma do 1.º anno, Historia moderna e contemporanea); direito commercial, aduaneiro e economia, 1 anno; arithmetica e contabilidade, 3 annos; commercio 6 annos.

Com um tal corpo de doutrinas o alumno que conclua o curso secundario de commercio fica possuidor de largos conhecimentos geraes e uma importante preparação da especialidade.

As escolas secundarias de commercio devem ser creadas em centros mais importantes do commercio ou da provincia, como Braga, Porto, Lisboa, Vizeu, Coimbra e Faro.

O alumno candidato á matricula n'estas escolas, bem como nas elementares, pagaria propina que poderia ser de 1$50 nas do 1.º grau e 2$50 nas secundarias; além d'isto podiam matricular-se nas secundarias, alumnos com o 3.º anno dos lyceus desde que apresentassem certificado de uma escola particular, cujo director fosse diplomado, de frequencia da disciplina de commercio, durante um anno.

Ao alumno com o curso secundario de commercio, ser-lhe-ia permittido requerer exame, como externo da 5.ª classe dos lyceus, desde que satisfizesse aos respectivos programmas: isto apenas com o fim de poupar a um alumno com cinco annos de estudos, o exame que agora se effectua na 2.ª classe, se pretendesse passar ao ensino geral.

O ensino superior, deve limitar-se a dois ou tres annos.

Ficou bem patente em anteriores artigos que nenhum dos grandes paizes commerciaes mantem cursos superiores da especialidade com cinco annos, como os nossos.

Paiz de bachareis, onde o titulo de doutor agregado ao nome é um irresistivel talisman para todo o bom portuguez, que desde o simples artifice ou pequeno lavrador, se sujeita aos maiores sacrificios para ter um filho doutor, mantenha-se embora a projectada faculdade de commercio, para os endinheirados, para os benjamins da Deusa Afortunada—e o Curso Superior do Instituto de Commercio de Lisboa, pode já tomar esse titulo, como o tomaram as antigas escolas medicas e cursos das Politechnicas—mas criem-se os cursos superiores accessiveis á toda a gente, com dois ou tres annos de duração apenas, á semelhança do que, com incontestaveis e incontestados bons resultados e fructos, tem feito a Hespanha, a França, a Belgica, a Suissa, a Inglaterra, etc.

Os cursos superiores do commercio, de que devia haver quatro ou cinco, Lisboa, Faro, Porto e Vizeu, pelo menos, poderiam ser assim organisados:

1.º anno—Economia politica, physica e chimica, geographia commercial, commercio, algebra financeira, direito aduaneiro.

2.º anno—Portos de mar e vias de communicação, calculo e especulações financeiras calculo de operações commerciaes, direito commercial e maritimo, historia do commercio.

3.º anno—Armamentos maritimos e industrias do mar, direito commercial e internacional, instituições commerciaes, mercadorias, calculo de operações commerciaes e financeiras.

Chega. Dos actuaes grandes commerciantes, quaes os que terão mais vasta somma de conhecimentos especiaes profissionaes, do que os que podem ministrar estes cursos?

São oito annos de estudos que bastam para a carreira commercial, para preparar bons commerciantes, para arrancar o nosso paiz á rotina de processos que ha 13 annos ainda se não conseguiu nem conseguirá tão cedo.

Mas, a reforma do ensino commercial, pelo processo e caminho que costumam levar todas as reformas, não será viavel estes annos mais chegados, dado ainda o desprezo a que este ensino sempre tem sido votado.

Então, urge ao menos já:

1.º—Tornar obrigatoria a disciplina de inglez;

2.º—Separar a contabilidade da 10.ª disciplina, commercio, fazendo-se o exame d'aquella no segundo anno, com applicação ás operações de commercio, no 3.º anno;

3.º—Eliminar da 5.ª disciplina o estudo do direito e economia, ficando apenas historia e geographia, e constituindo com este estudo uma nova disciplina;

4.º—Os requerimentos dos alumnos externos devem ser entregues nas proprias escolas, onde o alumno requer exames;

5.º—Acabar com a iniquidade e immoralidade do pagamento das gratificações de exames aos professores pelos alumnos;

6.º—Preencher com professores exclusivamente da especialidade, as vagas que vão dar-se, devem nas escolas existentes e a crear; isto é, com diplomados pelos institutos commerciaes e

7.º—Vedar á leccionação de commercio e creação de cursos commerciaes, a individuos que não tenham habilitação legal, isto é, que não sejam diplomados com cursos da especialidade dos institutos commerciaes.

Porto, 10-8-1918.

Humberto Beça

Um velho actor no Asylo de Mendicidade

Um brado em favor dos artistas que estão na miseria

Sr. director de «A Capital» e meu estimado amigo—No sabbado ultimo tive necessidade de ir ao Asylo da Mendicidade, e não calcula v. qual foi o meu espanto ao ver envergando o fato de linho de asylado com o n.º 30, da 7.ª camarata, o velho e estimado actor Pedro de Sousa. Creia v. que o abracei affectuosamente e com os olhos marejados de lagrimas.

O velho artista conta actualmente 73 annos de edade.

Não foi certamente uma notabilidade, porque quando debutou ainda não havia fados, nem cançonetas pornographicas que notabilisassem artistas, como actualmente, comtudo foi uma utilidade, concorrendo sempre com o seu estudo para o bom exito dos papeis que lhe eram confiados, tendo até algumas creações.

Debutou no velho templo da arte no primitivo theatro da Rua dos Condes, no drama «A Padeira d'Aljubarrota».

Trabalhou no Gymnasio, no Trindade, na empreza Francisco Palha, no Colyseu dos Recreios, no theatro do Rato e no Avenida, nas emprezas do Salvador Marques e Sousa Bastos.

Representou com Tasso, Santos Pitorra, Theodorico, Cesar de Lima, Joaquim d'Almeida, Emilia Letroublon, Emilia das Neves, Emilia Adelaide, e outras veneraldas reliquias da passada arte dramatica.

Ainda hoje estão vivos alguns artistas, como Joaquim d'Almeida, Pedro Cabral, Carlos Posser que podem asseverar a verdade do que exponho.

Este decano da arte dramatica trabalhou emquanto poude, empenhou e vendeu tudo quanto possuia para não morrerem de fome, elle e sua estremecida mulher. Nada lhe restando já, nem tendo a coragem necessaria para pôr termo á existencia, acabando assim com a sua triste desventura, viu-se obrigado a separar-se da sua velha e dedicada companheira, para ser internado no asylo da mendicidade, onde o encontrei.

Em tempos esteve no palacio de Belem, a pedir protecção ao então presidente da Republica, dr. Bernardino Machado, que tudo lhe prometteu e nada concedeu.

Ultimamente já se dirigiu por escripto ao sr. dr. Sidonio Paes, do qual não recebeu resposta alguma. «Extravio do correio certamente». Existe, creio eu, uma associação de trabalhadores de theatro, que tantos valiosos serviços tem prestado a estranhos, mas que deixa ao abandono os seus irmãos d'arte.

Ainda ultimamente, vi o actor Viljar pedindo esmola por intermedio dos jornaes, egualmente pedindo esmola se encontra o actor Rodrigues Chaves, e agora encontro no asylo Pedro de Sousa.

Não seria possivel as emprezas theatraes, juntamente com todos os seus artistas que actualmente vencem fabulosos proventos, dispensarem umas migalhas dos seus desperdicios, para minorar as angustiosas horas d'aquelles seus collegas que luctam com a adversidade?

Ahi fica a lembrança que espero v. patrocinará.—Julio Estrella.

Queda

Joaquim Bonifacio, de 6 annos, filho de Arthur Bonifacio e de Maria Jesus, deu entrada no hospital de S. José por ter cahido de um muro da quinta da Rosa em Chellas, de uns 4 metros de altura, ferindo-se na cabeça.

TOURADAS

ALGÉS—No proximo domingo, 25, realisa-se n'esta praça uma corrida organisada pelas classes dos sapateiros e alfaiates, sendo os lidadores officiaes e aprendizes das referidas artes.

No dia 1 de setembro realisa-se a festa do bandarilheiro Luciano Moreira com uma excellente corrida, para a qual já se está distribuindo um artistico programa, devido ao pincel de Roque Gameiro, intitulado «D. Miguel e os touros».

A provincia n'A CAPITAL

MORTAGUA, 15.—O fiscal dos impostos sr. João dos Santos, auxiliado por praças do destacamento de infantaria 23 que aqui se encontra, tem procedido a varejos nos estabelecimentos commerciaes. Até hoje foram autuados: Albano de Mattos, Alfredo Rodrigues, Adelino de Carvalho, Angelina Vieira e Tavares Rodrigues, aos quaes foram apprehendidos varios generos por falta de tabella de preços.

Morte subita

Alfredo Mendes Loureiro, morador na Calçada da Boa-Hora, 218, 1.º, caiu doente á porta da sua residencia. Sendo conduzido ao hospital de S. José, chegou ali já morto, sendo o cadaver conduzido para a Morgue.

Publicações recebidas

«O Theatro»

O n.º 8 correspondendo a julho-agosto acaba de sahir. Vem como os seus mais velhos em «rafinement» a toda a prosa. Roque da Fonseca, consegue manter uma linha de elegancia e arte dentro do jornal o «Theatro» que tão necessario é, e que tão superiormente passou agora a dirigir.

Com collaboração do nosso camarada de imprensa Alvaro Lima, Vicente Arnoso, Mello Barreto, Eduardo Schwalbach, Vasco de Mendonça, parte artistica de Amarelhe, numerosas photographias, criticas theatraes noticias novas... um soberbo retrato de Angela Pinto na capa...

Que a «revista» continue, n'uma marcha progressiva e por certo terá o apoio sempre quente do publico que admira e ama a sublime arte de Talma.

Agradecemos os exemplares offerecidos.

Pela direcção geral da estatistica foram publicadas as seguintes estatisticas: «Annuario das contribuições directas, parte III, contribuições de renda de casas e sumptuaria, liquidação e cobrança, anno civil de 1914 e anno economico de 1914-1915»; «Real de agua, anno economico de 1915-1916»; «Anno colheita de 1915-1916—Cultura, colheita, numeros relativos, producção mundial»; «Estatistica agricola de 1916—Producção, existencias, declarantes, lagares de azeite»; «Imposto do sello, anno de 1915-1916».

ANNUARIO DA ESCOLA RAUL DORIA —N'um bello volume, magnificamente illustrado, acaba esta importante escola commercial do Porto de publicar o relatorio referente ao anno lectivo corrente. Do modo como tem desenvolvido o ensino e da reputação alcançada dá testemunho eloquente o facto de no anno lectivo referido ter sido a sua frequencia de 319 alumnos, apezar da guerra que lhe tem sido movida. Basta a citação que fazemos para se avaliar bem o que é a Escola Raul Doria.

O caso de Santa Iria

Brevemente publicaremos o relato documentado de uma nova habilidade prevista e punida pelo Codigo Penal, realisada pelo conhecido Thomaz Reynolds.

Em poucos dias ficará prompto o folheto que será profusamente distribuido, e contem a deliciosa historia dos feitos d'este cavalheiro.

Muitas das suas propostas foram mais tarde adoptadas pelos bolchevicks e levaram á completa paralysação do commercio e da industria.

A voz dos trabalhadores ruraes fez-se ouvir por intermedio de muitos membros das suas organisações. O ponto importante era que estavam a favor de levar a guerra ao fim d'accordo com os alliados, que deploravam as luctas de classes e de partidos como o maior dos perigos presentes e que advogavam a continuação da fórma de governo de concentração.

Guchkoff, com a sua habitual agudeza, demonstrou que a causa principal das continuas crises era o pensar-se no facto de que o governo não tinha realmente auctoridade em parte alguma, por estar dominado por uma facção da democracia.

Shulgin, como o orador precedente, censurou o governo por se ter rendido aos comités democraticos.

Maklakoff estygmatisou o systema de comités no exercito, dizendo que era um machinismo para produzir a agitação revolucionaria que nada tinha de commum com os objectivos proprios do exercito.

Tseretelli, o bardo menshevista da revolução, respondeu que as organisações democraticas tinham salvo o paiz da anarchia, e que não havia adversarios mais resolutos d'uma paz em separado. A sua affirmação foi desmentida dois mezes depois, quando o «soviet» de que elle era um dos membros dirigentes auxiliou Lenine a usurpar o governo.

Apoz discursos de Rodzianko e Miliukoff e dos representantes dos zemstvos—o denominado *o terceiro elemento*—que nada tinham de importancia a accrescentar, o congresso no dia de encerramento ouviu uma eloquente oração do general Alexeieff.

Concordou em que mesmo n'esses dias—antes da revolução—houvera casos de insubordinação e de deserção, devidos principalmente á preparação militar insufficiente dos homens.

Mas esses casos, ao mesmo tempo, haviam sido excepções e tanto soldados como officiaes haviam cumprido o seu dever em plena concordancia com as gloriosas tradições do passado. Mesmo as derrotas que o exercito havia soffrido não tinham sido uma desgraça para elle, pois que eram devidas não á falta de força moral ou disciplina interna, mas principalmente á deficiencia de technica.

Mas sobreveiu a revolução e as condições mudaram immediatamente. Um veneno foi rapidamente introduzido nas fileiras do exercito sob a fórma da famosa Ordem n.º 1, que simultaneamente dividiu e separou os dois elementos mais importantes que compunham o exercito—a saber, soldados e officiaes.

«Diz-se—continuou o general Alexeieff—que esse acto correspondeu ás necessidades do momento. Póde ser. Mas corresponde isso a milhões de momentos do futuro pelo qual o nosso paiz tem de passar. A historia imparcial em breve dará a esse acto o logar que lhe compete e mostrará que foi um acto de má comprehensão ou um acto criminoso.»

Apezar d'isso, era de opinião que essa venenosa pilula podia ter sido digerida pelo saudavel organismo do exercito se uma fervida turma de agitadores não tivesse sido deixada nas suas fileiras.

Espiões allemães e agentes allemães, officiaes e não officiaes, choviam nos acampamentos, trazendo comsigo a desmoralisação e a desordem. Contra essa agitação, mesmo os nobres esforços de Kerensky haviam resultado impotentes.

Seguiu-se, sem auctoridade alguma, a famosa commissão sob a direcção do general Polivanoff, cuja actividade em confeccionar a Carta do Soldado seria

No segundo ponto—a urgente necessidade de restabelecer a disciplina—insistiam porque a intervenção dos comités do exercito se limitasse aos casos internos, deixando ao alto commando a fiscalisação indisputada da efficiencia combativa do exercito.

O terceiro ponto estatuia que as tendencias do socialismo internacional seriam excluidas dos objectivos de guerra russos e dos alliados, que interferencia alguma externa seria permittida nas conferencias internacionaes e que o governo manteria completa independencia das resoluções de qualquer conferencia socialista internacional.

Tres outros pontos diziam respeito á politica interna: independencia completa do governo com relação aos soviets e comités; estabelecimento de organismos administrativos regulares; suspensão de autonomias pendentes da Constituinte e evitamento de classes guerreiras advogado pelos partidos socialistas.

As considerações expendidas em apoio d'este ultimo ponto merecem desenvolvida referencia.

Deve-se observar que os comités de alimentação e de terras eram recrutados exclusivamente entre os elementos revolucionarios e offereciam-lhes o meio conveniente de lhes proporcionar emprego remunerador n'uma occupação de que muitas vezes pouco conheciam e no qual, devido á sua incompetencia e partidarismo, estavam causando o maior prejuizo ao interesse publico, além de absorverem elevadas quantias para seu sustento.

Esses comités tinham quasi que por completo desapossado os zemstvos, muitos dos quaes haviam sido dissolvidos, e eram instrumentos mais para espalhar a anarchia e os excessos do que d'ordem publica e de conservação.

Emquanto os representantes das quatro dumas, isto é, pessoas que haviam sido legalmente eleitas pela nação, estavam expressando o seu modo de pensar sobre a situação e assentando com singular unanimidade as linhas de uma politica governamental constructiva, os representantes das organisações revolucionarias democraticas estavam occupados em discutir as suas dissenções partidarias.

Os bolchevics, como era natural, pediam a transferencia de todos os poderes para os soviets, o que os habilitaria a usurpar o governo.

Os socialistas revolucionarios não estavam unidos mesmo na politica de continuação da guerra. A sua facção internacionalista tinha muito de commum com os bolchevics sociaes democratas, ao passo que os menshevistas sociaes democratas se dividiram na questão de um accordo com a burguezia, dirigindo Tseretelli uma facção que era favoravel a esse accordo, emquanto Bogdanoff dirigia outra que lhe era absolutamente hostil e tinha nas cavideles um exemplo da influencia revolucionaria.

A constituição politica do congresso era assim claramente manifestada: uma politica constructiva na direita, cahos na esquerda, e apparentemente nenhuma esperança de um accordo entre as duas facções.

O general Korniloff chegou a Moscou na tarde da segunda sessão. Foi acclamado com enthusiasmo. Uma escolta pittoresca de turcomanos o acompanhava para toda a parte, mesmo quando elle se dirigiu para a capella Iberian, contigua ao Kremlin para fazer as suas devoções á reliquia mais venerada da Russia.

Kerensky sahiu ao mesmo tempo n'uma das carruagens mais pequenas do ex-czar do Grande-Palacio onde estava residindo no meio do conforto imperial e publicamente evitou encontrar-se com o general Korniloff.

A' noite chamou o generalissimo ao telephone a pedir-lhe que se abstivesse

Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Sociedade Anonyma—Estatutos de 30 de Novembro de 1894.

Aviso ao publico

De harmonia com as instrucções recebidas das instancias officiaes competentes faz-se publico que, até aviso em contrario, o transporte das mercadorias abaixo indicadas, qualquer que seja o seu pezo, está sujeito ás seguintes restricções:

Assucar, arroz, batata, cereaes panificaveis (trigo, milho e centeio) e suas farinhas, feijão, mel e nitrato de sodio. Só se acceitam a transporte remessas d'estes generos quando sejam acompanhadas de guia de transito da secretaria de Estado das Subsistencias e Transportes.

Pelo que respeita a remessas de feijão ter-se-ha em vista que estas ficam sujeitas ainda ás seguintes restricções:

Para a circulação entre concelhos que não sejam o de Lisboa, as guias de transito serão requisitadas á secretaria do Estado das Subsistencias e Transportes pelas Camaras Municipaes de origem e as respectivas remessas só pódem ser consignadas á Camara Municipal do concelho do destino indicado na guia de transito.

Para as remessas de feijão destinadas á cidade de Lisboa, as guias de transito serão requisitadas pelos expedidores á mesma secretaria de Estado e as remessas podem ser consignadas e entregues a qualquer individuo ou firma designada pelo expedidor na respectiva nota de expedição.

Azeite—Para o transporte d'este genero é indispensavel a apresentação de guia de transito excepto quando as remessas sejam despachadas directamente para Lisboa (Rocio, Caes dos Soldados, Caes do Sodré, Alcantara-Mar e Alcantara-Terra). As remessas d'este genero que estejam nas estações mais de 48 horas sem que pelo expedidor sejam concluidas as formalidades para a expedição ou sem serem retiradas pelo consignatario, serão consideradas apprehendidas e postas á disposição da secretaria de Estado das Subsistencias e Transportes.

Gazolina e petroleo—Não se acceitam expedições d'estas mercadorias nas estações que servem Lisboa, sem virem acompanhadas de guia de transito passada pela secretaria de Estado das Subsistencias e Transportes.

Gado para concelhos fronteiriços—Não são aceitas remessas de gado de qualquer das especies comestiveis para as estações abaixo indicadas sem a apresentação de uma guia de transito passada pelo administrador do concelho de onde o gado procede, a qual acompanhará as remessas até destino.

As estações situadas em concelhos fronteiriços são:

Nas linhas da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes—Castello Branco, Alcains, Lardosa, Santa Eulalia, Elvas, Marvão, Portalegre e Castello de Vide.

Nas linhas do Minho e Douro—Ancora, Moledo do Minho (ap.), Caminha, Seixas, Lanhelas, Gondarem, Cerveira, S. Pedro da Torre, Valença, Ganfei (ap.), Verdoejo, Friestas, Lapela, Monção, Sabroso, Vidago e Barca d'Alva.

Nas linhas do Sul e Sueste—Villa Viçosa, Serpa-Brinches, Pias, Machados (ap.) Moura, Cacela, Monte Gordo, Castro Marim e Villa Real de Santo Antonio.

Nas linhas da Beira Alta—Cerdeira, Freineda e Villar Formoso.

Na linha de Bragança—Sendas, Salsas, Rossas, Sortes, Rebordãos (ap.), Mosca e Bragança.

Faz-se egualmente publico que as remessas despachadas á vista de guia da Secretaria de Estado das Subsistencias e Transportes não podem mudar de destino nem ser reexpedidas sem apresentação, em qualquer dos casos, de nova guia da Secretaria de Estado das Subsistencias e Transportes.

Como consequencia d'estas disposições, nas notas de expedição de remessas acompanhadas das referidas guias de transito devem os expedidores fazer a seguinte declaração: «Renuncio ao disposto no artigo 380 do Codigo Commercial».

NOTA—Para as remessas a expedir pela Manutenção Militar com destino a unidades e estabelecimentos militares é dispensada a apresentação de guias de transito sempre que as respectivas notas de expedição venham autenticadas com o sello branco da Manutenção Militar.

Pelo presente ficam anulados os avisos ao publico B. 2882 de 30 de janeiro, B. 2896 de 2 de março, B. 2897 de 6 de março, B. 2921 de 30 de abril, B. 2920 de 14 de maio e B. 2941 de 4 de julho de 1918.

Lisboa, 8 de julho de 1918.

O director geral da Companhia.

Ferreira de Mesquita.

de ir ao congresso. A tão extraordinario pedido, Korniloff replicou que considerava do seu dever assim como seu direito dirigir-se aos representantes da nação como porta voz de todo o exercito, assim como esse direito não fôra conrarctado aos representantes das outras organisações.

Estava, porém, prompto a prometter que o seu discurso se limitaria estrictamente a assumptos militares. Essa notavel conversa infelizmente confirmou as illações que todos haviam tirado do discurso de Kerensky, no qual mostrára grande animadversão contra os generaes e muito em especial contra Korniloff.

E entre os iniciados essa attitude era attribuida á insistencia de Korniloff pelas reformas do exercito, d'onde se inferia geralmente que Kerensky a ellas se oppunha.

Assim, o apparecimento d'esses dois homens no congresso no dia seguinte naturalmente deu origem a demonstrações e contra demonstrações, segundo as respectivas attitudes da respectiva facção para a continuação da guerra, que equivalia á rapida introducção das reformas do exercito. Kerensky, porém, convidou os congressistas a levantarem-se em honra de Korniloff, como o primeiro soldado do exercito russo. Os representantes dos comités do exercito ficaram, apezar d'isso, sentados, o que originou tempestuosas altercações.

Alexinsky, um membro trabalhista da primeira duma, falou eloquentemente em favor da continuação da guerra até que o inimigo tivesse sido expulso do territorio russo. Para esse fim, devia constituir-se um forte governo de concentração liberto de elementos duvidosos. A derrota da Russia, declarou elle, estabeleceria o dominio do capital allemão no paiz e tornaria impraticavel qualquer solução da questão agraria.

Esses argumentos foram applaudidos, mas não puderam convencer os socialistas, porque contendiam com as suas doutrinas partidarias.

O general Korniloff proferiu uma longa objurgatoria contra as destruidoras influencias que haviam desmoralisado e enfraquecido o exercito. Citou uma longa lista de incitamentos á insubordinação, de assassinios de officiaes, de deserção e de rebellião, todos devidos directamente aos agitadores.

A «débacle» na Galicia tinha sido uma grande lição. O inimigo estava agora batendo ás portas de Riga e se o exercito não estivesse em condições de poder sustentar as suas posições na costa e no golpho de Riga o caminho para Petrogrado ficaria aberto.

O exercito estava mal organisado no antigo regimen, mas ao menos combatia. Uma serie de medidas introduzidas desde a revolução tinha, porém, extinguido o espirito combativo. O exercito tinha de ser reformado, custasse o que custasse, ou não haveria Russia livre e o paiz morreria.

Fizera um programma das medidas para restabelecimento da disciplina, que apresentára ao governo. A auctoridade e o prestigio dos officiaes deviam ser restabelecidos, devendo ser compensados das afrontas que injustamente haviam recebido desde a revolução.

Não se oppunha a que houvesse comités, desde que elles se conservassem nos limites normaes da actividade domestica. O exercito não podia existir sem a retaguarda. A disciplina tinha de ser mantida egualmente entre as tropas de reserva e a ordem no serviço de transportes e no fabrico de munições.

A producção d'estas havia diminuido 60 por cento, devido á revolução, e a das fabricas d'aviação 80 por cento.

Quando Korniloff sahiu da sala, toda a assembléa, excepto os representantes dos soviets e dos comités do exercito, se ergueu e o applaudiu enthusiasticamente.

O general Kaledine egualmente proferiu um discurso impressionante em favor dos cossacos. Com enthusiasmo secundariam um movimento da parte do governo provisorio para pôr termo ao perigoso dominio dos partidos que haviam levado o paiz á beira da ruina.

Os cossacos haviam sido sempre homens livres e não estavam embriagados com o novo vinho da liberdade que subira á cabeça das outras classes. Nos seus regimentos não havia desertores. Seguiriam a historica tradição de defenderem o paiz na hora do perigo.

Não sympathisavam com contra-revoluções e trabalhariam pela consolidação d'um regimen republicano democratico. Mas a salvação do paiz exigia primeiro que tudo a continuação da guerra até uma victoriosa conclusão em completa união com os alliados da Russia e apenas com a condição de que o governo provisorio mostrasse que se regosijava com o apoio dos cossacos. Não haveria cabimento no governo para os elementos que entendiam que a salvação dependia da derrota do paiz.

A allusão feita ás sympathias demonstradas pelo ministro Chernoff causaram certa sensação na assembléa.

O general Kaledine enumerou em seguida uma serie de medidas que concordavam em todos os pormenores militares com as do general Korniloff. Formulou-as como sendo os «pedidos» dos cossacos e accrescentou que a Russia necessitava firme auctoridade, livre de todos os programmas partidarios, e guiada por mãos experimentadas.

Tinha de ser uma auctoridade una e indivisa, tanto no centro como nas provincias e devia pôr-se termo a todas as tendencias separatistas. A mais estricta economia era exigida, devendo fixar-se o mais rapidamente possivel os salarios e os lucros tanto na agricultura, como nas manufacturas.

O trabalho obrigatorio na industria tinha de ser introduzido e aconselhava a que se reunisse uma Constituinte em Moscou. Avisava o governo de que a paciencia do povo estava exhausta e que era necessario tomar medidas energicas para salvar o paiz.

A essa clara exposição, tendo a apoial-a o pezo e a influencia de quasi 5.000.000 cossacos, o mais audaz e melhor organisado elemento do paiz, Kerensky retorquiu que não podia permittir a quem quer que fosse que fizesse imposições ao governo.

Essa replica foi applaudida pelas bancadas da esquerda. Esse era ostensivamente o seu fim. Kerensky teve ainda um outro erro de tactica, que devia vir a pagar caro no futuro.

Chkheidze, deputado georgiano, leader dos Menshevistas e presidente do soviet de Petrogrado, falou em nome de toda a ordem de organisações democraticas, apresentando os schemas dos que o apoiavam sob uma fórma moderada e plausivel.

Declarou que estavam dispostos firmemente a salvar o paiz e a revolução. A democracia actuára no interesse de todas as classes, argumentou. A salvação do paiz era inseparavel da revolução.

Só com o apoio das massas o governo podia arrostar os perigos internos e externos. Essa phrase foi d'ahi a pouco horrivelmente applicada pelos bolchevicks contra o proprio que a proferira.

Enumerou uma serie de medidas economicas, militares e politicas, taes como o monopolio dos cereaes, o estimular as industrias, a reorganisação dos transportes, o syndicalismo obrigatorio, o recenseamento de trabalho para todas as classes, uma taxa elevadissima sobre o rendimento, emprestimos obrigatorios, fiscalisação dos bancos, reforma democratica do governo local baseada na não intervenção do governo central, absoluta egualdade e autonomia de todas as nacionalidades, etc.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2373 — 9.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Terça-feira, 20 de Agosto de 1918

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço 2 centavos

Confusão

Appareceu publicado no «Diario do Governo» o celebre decreto alterando a contribuição do registo, e immediatamente surgiu uma nota officiosa, declarando que essa publicação se fizera abusivamente. Ao mesmo tempo annunciava-se que se ia averiguar a fim de castigar severamente o auctor ou auctores d'essa irregularidade. Já lá vão, porém, passados uns poucos de dias, e não ha maneira de se descobrir quem foi que mandou para o «Diario do Governo» o famoso diploma, que tantos protestos levantou logo que foi conhecido o seu theor.

Tambem ainda não ha muito tempo, e a proposito do tão discutido caso das 83.500 acções da Companhia dos Caminhos de Ferro, appareceu na imprensa uma nota de caracter officioso, em que se affirmava, que um jornal, cujo titulo não era citado, procurára fazer não sabemos já que especie de «chantage» com esse caso. Toda a imprensa, indignada, reclamou que se esclarecesse essa accusação, a qual, assim lançada ao vago, a todos attingia. Surgiu então a declaração de que se tratava d'uma falsa nota officiosa, apesar de escripta em papel timbrado d'um dos ministerios. Ao mesmo tempo affirmava-se que se ia averiguar do extranho facto. Escusado será dizer que nunca mais se fallou n'isso.

Ainda relativamente ao caso das 83.500 acções, outra nota é interessante fixar. E vem a ser que o decreto determinando que um juiz procedesse a uma syndicancia sobre esse caso foi publicado dezoito dias depois d'essa syndicancia já estar iniciada, e o decreto nomeando para esse fim o dr. Costa Santos, que já estava fazendo a syndicancia, e até já apresentou o respectivo relatorio, só hoje veiu publicado no «Diario do Governo»!

Mas ha mais ainda, e não menos grave. Todos sabem que apoz inumeras reclamações, foi publicado um decreto estabelecendo as condições do «rouleument». Pois agora appareceu uma circular que modifica, transforma e substitue, a torto e a direito, as disposições d'esse decreto. Quer dizer: nem sequer com os que se batem por este paiz, que por elle derramam o seu sangue, hem com esses ha as necessarias allenções, e passa-se por cima d'elles como se não existissem, quando são elles que affirmam e garantem a existencia da nacionalidade!

Que prova tudo isto, senão desorganisação, incoherencia, trapalhada, desordem? E quando taes exemplos partem de cima, como é que se póde estranhar a desordem, a indisciplina de baixo?

A sociedade portugueza atravessa uma aguda crise, e para que ella se resolva satisfactoriamente para a ordem e para o progresso do paiz, é absolutamente necessario que os poderes publicos introduzam essa ordem na administração e na politica. Não é apenas com retaliações que se prova um melhor governo. E', pelo contrario, provando que se póde e deve governar mais beneficamente para o paiz.

Exemplos como os que deixamos citados provam uma grande confusão nas espheras dirigentes. São factos que se não podem illudir nem desmentir. A unica maneira de reparar é providenciar de forma que ao cahos succeda a ordem, á confusão o methodo, e a todas as preoccupações individuaes ou partidarias a preoccupação predominante, incoherencia, trapalhada, depublica.

Mutilados da guerra

Um donativo—A «matinée» do Polyteama

Na nossa redacção esteve hontem o sr. J. P. Baptista a entregar 2$00 para os mutilados internados no Instituto Medico Pedagogico de Santa Izabel, quantia que hoje para ali enviámos.

Promovida pela Associação de classe dos trabalhadores de theatros, realisa-se depois d'amanhã, ás 14 horas, no theatro Polyteama, uma «matinée» cujo programma está superiormente organisado e que deve attrahir enorme concorrencia, não só pelo fim a que a recita se destina, como ainda pelas verdadeiras *surprezas que esse programma* encerra.

A collaboração do theatro do Gymnasio

Como já noticiámos, a sociedade artistica que está fazendo a epoca de verão no theatro do Gymnasio promptamente accedeu ao convite que lhe dirigimos para collaborar na obra a favor dos mutilados da guerra.

Assim, realisar-se-ha em breve uma recita com o «Altar da Patria», de Bernstein, uma das peças que alcançou verdadeiro successo n'esse theatro, sendo lido por um dos distinctos artistas que ali estão trabalhando o magnifico trecho litterario de Julio Dantas *O tambor*, que *A Capital* publicou em folhetim e que o saudoso Augusto Rosa leu no theatro Republica.

Daremos opportunamente mais pormenores sobre a sensacional recita.

Cartas de França

Os "tanks,, vivem

Pelo travez de Doullens, a dez ou doze kilometros, a linha de trincheiras inflecte francamente para oeste. Começam os grandes planicies quasi alagadiças que um pouco mais para o norte formam as dunas da Belgica oriental. N'essa parte da linha os «tanks» teem tido um papel preponderante, acções quasi diarias, investidas quotidianas d'onde resultam quasi sempre parcellas de vantagens.

Um «tank» parado, arrumado na confusão d'um parque, é uma machina tão complicada como tantas outras, obra de engenho, obra fria e muda, que não commove, não prende a attenção, com a sua apparencia macissa, rebarbativa, de locomotiva blindada. Mas um «tank» agindo, correndo atravez da campina, esmagando a leiva, torcicolando por entre as defensas acessorias,—tem uma alma, tem vida, lembra involuntariamente um dragão hispido e medonho, sahido dos contos de madame Leprince de Beaumont, o dragão que transporta as fadas e opera maravilhas no «Oiseau bleu» e na «Chatte blanche». O «tank» é a expressão suprema do engenho industrial moderno. Quando corre pela terra, hermetico, couraçado d'aço, faiscando sob o sol, o espirito recorda Julio Verne, «A Casa a Vapor», o «elephante d'aço», todas as maravilhas d'esse grande inventivo, que o tempo tem transmudado em realidades. Rugindo e vomitando metralha, assomando como um monstro de desolação e de desastre, na entrada das aldeias, no amago das linhas, é formidavel e bello, atarracado e airoso. Nos rebites que na sua construcção cavilharam as chapas d'aço, ficou colhido um pouco do elmo branco, das brancas armas do cavalleiro do Cysne. Participa das cousas irreaes e das cousas praticas, é o orgulho vivo da nossa vaidade d'homens e o sentimento do phantastico que tem a nossa imaginação. E' um ser que age por si proprio impulsionado pela vontade indomavel dos sacrificados que se abrigam dentro d'elle. Wells, que na «Guerra dos mundos» inventou o projectil dos Marcianos, ficou áquem da verdade. Não concebeu, não pintou o mysterioso horror d'estes engenhos quando surgem perante o inimigo, chispando flammas, fixando pelas seteiras—olhos vitreos—os sêres que deante d'elle se dobram e gritam e urram como deante d'uma visão do Apocalypse. São a grande invenção da guerra, todo um seculo de mechanica e de genio refugiado entre quatro placas d'aço. Os «tanks» vivem.

Pedi para ir n'um «tank» em qualquer excursão ligeira onde não fosse um embaraço. Consegui apenas licença para visitar um. Já não creio que a machina humana seja a mais perfeita, a mais minuciosa de todas as machinas, como o affirmava Brouardel. A tripulação d'um submarino vive n'uma atmosphera mephitica, move-se em decimetros quadrados d'espaço, soffre, pena, agonisa—mas de quando em quando o submarino sóbe á superficie, toda uma brisa carregada d'iodo, d'emanações salinas, refresca e vivifica os pulmões. No «tank» não se respira, no «tank» ninguem se move, ninguem póde ouvir. Toda a vida é cereguem pód ecuvir. Toda a vida é cerebro. E no «tank» ou se morre ou se disparam tiros. São as duas unicas occupações possiveis. Quando a tripulação de um d'estes engenhos está completa, quando o seu municiamento existe na porção devida,—nada mais pode caber lá dentro. Dentro d'um «tank» armado em guerra e correndo para o «boche», o volume d'uma caixa de phosphoros seria nocivo, atravancador. Todo o espaço pertence a orgãos que se movem por apparelhos de relojoaria, aos longos veios azulados que se precipitam nos embolos com estridor, a toda uma serie infindavel de motores enormes ou minusculos, uns rudes como braços de titans, tão frageis outros como porcelanas de Saxe, e d'onde escorrem constantemente oleos lubrificadores, pastosos, nauseabundos, que são como que o sangue d'aquelle Leviathan gerado por homens. E o «tank» maravilhoso, sêr vivo e admiravel, que estremece como se tivesse um coração, e arfa como se tivesse pulmões e que no trepidar das suas machinas oliegantes, tem voz como se tivesse epiglotte, abre a sua portinha couraçada, engole a sua tripulação como um cetaceo de chimera e de lenda engulíria nautas nos oceanos verdes d'além, fecha-se, torna-se invulneravel, é mamouth, é ichtyosauro, monstro bizarro, nunca visto, nunca sonhado, apenas creado para o mal—e caminha. Creação que devia ter maravilhado o seu proprio inventor, que talvez lhe inspirasse pasmo como obra extra-humana, o «tank» é a prova viva da força dos homens. As armas d'Achilles vibravam; os «tanks» vivam, os «tanks» vivem!

Fallei com o sargento Burton, «chauffeur»—se me é permittida a expressão, de um d'estes monstros e que me desenhou em quatro palavras mal alinhavadas a forma porque os inglezes tomaram d'assalto a aldeia d'Arvelle. Quando o sol, na hora do meio dia, devorava toda a planicie, a S. W. A. aproveitando o vento de feição, lançou para as trincheiras occupadas por gentes de Wurtenberg, uma nuvem de gazes d'um amarello sujo, destinada a mascarar movimentos. No pavor d'esta cortina oito «tanks» inglezes iniciaram a sua marcha, todos parallelos, em direitura a um monte de pedras negro, calcinado, d'onde ainda se escapavam longas espiraes de fumo denso, torvelinhando e subindo para o ceu azul ferrete. Era tudo quanto restava da aldeia d'Arvelle. Logo de principio um d'elles afocinhou, cahiu de escantilhão, resvalando pelo funil aberto por uma granada de 38, deu uma volta sobre si mesmo, relampejando e ficou inteiramente voltado, inutil, perdido, fazendo mover ainda a fita sem fim que o movia e que scintilava sob o sol placido como agua corrente d'um riacho tranquillo. Os outros seguiram. As cupulas tremiam no crepitar das balas, que tombavam resoando como granizo que ferisse d'esguelha flexiveis folhas de zinco. Dentro dos carros o ribombo dos canhões repercutindo-se, estrondeando ainda mais na vibração plangente das placas, endoidecia, ensurdecia. Os «tanks» caminhavam, cada vez mais velozes, n'um crescendo d'ira, n'uma raiva d'animaes feridos. E toda a vida dos mechanicos se refugiára nos olhos—e os olhos estavam todos fitos na ruina abominavel do que tinha sido Arvelle. N'um canto de lama e de adobes esboroados, seis allemães faziam fogo quasi á queima roupa sobre o «tank» do sargento Burton; n'um sacão, n'um esforço vivo, a machina galgou a parede tosca, esmigalhou, amassou o barro pegajoso, esmagou os seis allemães no mesmo momento, n'um unico arfar dos motores, deixou para traz a lama fétida, ensanguentada, onde palpitava por instantes aquella cousa sem nome que um segundo antes era ainda um corpo humano. Em frente havia um váu. O «tank» galgou o váu. Depois uma floresta inextricavel de cavallos de friza, atirados a esmo por entre o arame farpado, oppunha barreiras. Roncando, inclinando-se, sem cessar de trovejar, o «tank» destruiu as defensas accessorias, abateu florestas d'abatizes, desbaratou guarnições de metralhadoras. Dentro, os homens nús da cintura para cima, descalços, saltando no chão metallico que escaldava, uivavam, carregando e disparando. Para traz, n'uma grita immensa, n'um ulular tremendo, feerica, monstruosa, estridente de côres, escorrendo de suor, a infantaria escossa corria, apoiava os «tanks», aproveitando-lhes a massa para abrigo, cuidadosa, cruel, allucinada, n'um furor insaciavel de matar. Uma granada ricochetou na cupula do «tank» de Burton, e foi rebentar a vinte passos. A cupula vacou, um raio curioso de sol, entrou logo na sombra velada onde se moviam as engrenagens. E para os homens foi como se o craneo subitamente se lhes despedaçara, tão fulminados, tão enrodilhados n'aquelle pavor de fogo e de ferro, que o «chauffeur» abandonou o volante, levou as mãos á testa como se quizesse certificar-se de que a tinha ainda. E entretanto o «tank» abatia, galgava. No fumo, no fragor, corria entre pedaços de paredes aluidas por entre traves de telhados obliquando sobre o chão, atravez de todo o destroço miseravel, fumegante por onde corriam desvairadas, grandes e fugitivas sombras. Burton retomára o volante e n'esse proprio instante, no burgo desgraçado onde já não havia pedra sobre pedra viu pousada na sua frente, intacta, impavida, uma cadeira de palhinha. Como existia ali, miraculoso, chimerico, ironico, aquelle objecto caseiro? Burton não sabia, não se demorou a pensar, não sabia pensar, e foi para deante aos empurrões, tão anciado, n'um desejo vivo de avançar, que se levantava da almofada como para aliviar o pesado carro. Parecia-lhe que o empurrava. Já na sua frente as «czapkas» amarellas do inimigo corriam abandonando a aldeia e em volta os «higlanders» atroavam n'um clamor de triumpho, disparando as carabinas, espraiando-se pelas ruinas como uma vaga immensa lambendo areias fulvas. O «tank» parou por fim e de repente a sua artilharia emmudeceu. A vaga dos escocezes passára. E na calma relativa d'uma linha que já era retaguarda, a portinhola abriu-se. Um homem livido, nú, esgazeado, horror, abominação, farrapo, sahiu allucinado, louco. Era quanto restava de seis artilheiros. E então Burton saltando tambem para o chão, fraquejou, desyairou e abateu bruscamente na leiva semeada de mortos, n'um longo soluço de desespero, toda uma tensão de nervos que se dobravam finalmente. Ao lado o «tank» permanecia agora inerte e mudo. E no entanto palpitava ainda. Os «tanks» vivem!

Mario de Almeida.

André Brun

Como noticiámos, o nosso velho camarada de redacção e distincto official do exercito major André Brun, que ha dias regressou de França, encontra-se na Figueira da Foz a gozar um repouso, que bem mereceu.

Grande numero de pessoas se lhe teem dirigido, por cartas e telegrammas, a felicital-o, tendo tambem alguns jornaes noticiado o seu regresso em termos os mais elogiosos.

Na impossibilidade de a todos se dirigir e com receio mesmo de qualquer involuntaria omissão, pede-nos André Brun—o que gostosamente fazemos—para em seu nome agradecermos a todos os que tão amavelmente lhe teem escripto.

LIVROS NOVOS

«Camillo Castello Branco e Silva Pinto», por João Paulo Freire (Mario)

Antes de partir para o Brazil em missão da Cruz Vermelha, quiz o capitão Paulo Freire, notavel camilianista e dedicado investigador sobre o grande Mestre, deixar entregue á Livraria Guimarães o seu volume sobre as relações entre Silva Pinto e Camillo.

E' esse o livro que agora vem de ser imprimido e onde os amadores encontrarão talvez mais alguma coisa de inedito e precioso sobre Camillo, bem como dados interessantes sobre Silva Pinto, Cezario Verde e outros idos.

A seriedade e o enlevo com que o espirito arreigadamente camilianista do auctor do presente livro, se entrega á sua obra, são a sufficiente garantia de não se tratar de mais uma «escroquerie» litteraria sob o nome digno de todos os respeitos e veneração de Camillo. Pode não trazer o livro nada de virgem e ser apenas o fructo d'um trabalho meticuloso de compilação em trechos, cartas, esparsos da obra dos dois grandes escriptores mas o que na certeza se pode confiar, é na ploilidade do arranjo e na lealdade da obra.

O capitão João Paulo Freire, com o seu 5.º volume camilianista, merece bem as nossas felicitações e, vá lá, pelo menos, o posto de major.

«Dias que passam, dias que ficam», por Antonio Correia d'Oliveira, Antonio Carneiro e Maria de Gondarem

Não cabe bem nos «Livros novos» este album elegante que a Empreza Luzitana Editora, lançou agora no mercado sob o esforço senhoril e patriotico da sr.ª D. Maria de Gondarem. E não, porque pouco encerra de novo para a litteratura: doze sonetos admiraveis de simplicidade, ineditos do Correia d'Oliveira, e um prefacio fraquinho da compiladora do pequeno «Aide-memoire» de anniversarios.

Dos sonetos é inutil falar: são, como dissemos, de Correia d'Oliveira, o Maior do hoje. Da selecção feita na sua vasta obra, desde a «Arca» á «A minha terra» pela sr.ª D. Maria de Gondarem, tambem nada ha a dizer: que ella é um pouco a phantasia da compiladora, e ajustada irregularmente aos dias do anno, adivinha-se: Correia d'Oliveira não escreveu as suas sublimes poesias para aquelle fim, mas a vastidão e a variedade permittiu escolher algumas, com conceitos tocando toda a gama do Amor, Patriotismo, Pensamento e Unção religiosa. Ha ainda a illustração original de Antonio Carneiro, «sanguineos» originaes e vigorosos, simples e inspirados, a que melhor se podem adaptar os versos de Correia d'Oliveira.

E' isto um livro que venha pedir critica litteraria? Certamente que não. E' um piedoso trabalho de mãos femininas, onde perpassa a arte de dois superiores artistas, e que se destina a sorrir «sobre as mesas das salinhas intimas».

'As grandes batalhas'

Vae a* Capital *iniciar brevemente a publicação da admiravel obra que o eminente escriptor Julio Dantas escreveu expressamente para o nosso jornal.* As grandes batalhas, *que irão renovar o immenso triumpho da* Patria Portugueza *e do* Amor em Portugal no seculo XVIII, *serão opportunamente annunciadas e hão de constituir, sem duvida, um dos grandes acontecimentos litterarios do anno corrente.

Bilhete de identidade perdido

A esposa d'um empregado da nossa administração encontrou hontem um bilhete de identidade, da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, com o numero 11513, pertencente á sr.ª D. Clara Vaz, irmã do telegraphista de 2.ª classe sr. João Vaz, bilhete que certamente faz falta á sua possuidora.

Fica n'este jornal á sua disposição.

Ao leitor d'A CAPITAL

Depois de lido, enviar este jornal á *Junta Patriotica do Norte* (Paços do Concelho—Porto), a fim d'esta o mandar para os nossos soldados no «front».

A revolta de Mafra

O que o sr. Pacheco Soares mandou dizer ao «Dia» e a resposta que nós lhe damos

«O Dia» publicou hontem a seguinte carta:

«Faro, 16 de Agosto de 1918

... Sr. Moreira d'Almeida

Vi em «O Dia», de 14 do corrente, uma local que se me refere provocada por uma declaração que um jornal republicano, que não leio, me attribuiu e que não fiz. E' mais uma invenção a juntar ás muitas outras engendradas em tempos calamitosos que já lá vão. Segundo deprehendi da local referida teve V. duvidas sobre a veracidade da «transcripção» d'esse tal jornal. Venho desmentil-a agora para que as duvidas do espirito de V. se transformem na certeza da falsidade do que esse jornal affirma; e tambem... para evitar a V. o incommodo, aliás desnecessario mesmo antes d'esta minha carta, de justificar declarações que me foram attribuidas mas que V. não sabe se eu fiz, em que condições fiz, e se seriam uma simples mystificação, apezar de me parecer que devia ter razões para suppor, pelo menos hoje, que quasi tudo quanto me foi attribuido não passou de um «truc» habilmente preparado para fazer cahir as pessoas espertas...

Lamentarei sempre muito vêr em jornaes monarchicos de que tenho sido assignante, como acontece com o que v. dirige, enveredar-se por um caminho que me obrigará, apezar do meu afastamento das luctas e trabalhos politicos, a ter um dia de defender-se com verdades que a muitas pessoas podem ir affectar.

Sem mais, subscrevo-me,

De V., etc.

Eduardo Alberto Pacheco Soares.»

Mantemos as nossas informações, em toda a sua extensão.

A revolta de Mafra foi feita aos gritos de—«Viva a Monarchia! abaixo a guerra!...» Nos processos que devem estar archivados no ministerio da guerra ha de estar constatado, sem sombra de duvida, que os acontecimentos tiveram a moralidade que lhe foi attribuida. Os jornaes da epocha noticiaram-nos com esse caracter. Só agora é que os promotores e cumplices do movimento insurreccional de Mafra procuram illibar-se da responsabilidade de terem conduzido a revolta n'um sentido anti-constitucional e anti-patriotico. Já o dissemos e repetimos: o proprio general Pereira d'Eça, então ministro da guerra, disse-nos que a revolta de Mafra fôra contra a Republica e contra a guerra. O desmentido do sr. Pacheco Soares vale tanto como o do sr. Galvão. Afinal, prova demais!

Acreditamos que este assumpto ainda voltará a ser discutido na imprensa e fóra d'ella. Tornaremos a fallar, então. E estamos absolutamente certos de que alguma coisa de novo teremos que dizer...

Palavras claras

Referimo-nos hontem a este caso. Vemo-nos obrigados a insistir porque não encontramos no nosso illustre collega *A Situação* o indispensavel desmentido. E', por conseguinte, legitima a suspeição de que o gravissimo facto noticiado em *A Patria*, do Porto, tenha, desgraçadamente, alguma especie de fundamento.

Sabe-se de que se trata. O jornal portuense noticiou, em correspondencia da capital, que «chegara a Lisboa um emissario do governo britannico, militar de envergadura, encarregado de combinar com o governo a melhor forma de manter a ordem em Portugal». Os termos da noticia não são litteralmente estes, mas o sentido é precisamente o mesmo.

Temos, pois, que o jornal monarchico *A Patria* informa que entre o governo, com o sr. presidente da Republica á frente, e uma potencia estrangeira, se iniciaram diplomaticos «pourparlers» para a intervenção de forças armadas d'uma potencia alliada para resolução de casos escabrosos da nossa politica interna.

Hontem declarámos expressamente: uma tal noticia não deve, não pode ter o menor fundamento. E' inverosimil que um portuguez pense a serio na intervenção estrangeira em Portugal. E excede todas as verosimilhanças possiveis e imaginaveis acreditar que o proprio chefe do Estado admitte a conferencias um estrangeiro—seja qual fôr a sua nacionalidade!—que se julga no direito de vir saber como se deve manter a ordem em Portugal. Isto, felizmente, não é ainda a Mandchuria! Mas nós não somos a nação, embora façamos d'ella parte minima, e não é, portanto, para nós que reclamamos o desmentido. Para nós elle é superfluo, mas para a grande maioria dos cidadãos é indispensavel. A nação precisa de saber, pois, que a noticia de *A Patria* «é totalmente destituida de fundamento». Para casos d'esta gravidade é o unico desmentido possivel. Porque o não fez hoje *A Situação*, de todos os jornaes portuguezes o unico que para tal tem auctoridade?...

Da guerra

Diario da guerra

Os ultimos telegrammas recebidos revelam que os inglezes continuam exercendo pressão vigorosa na Flandres reconquistando Merville que, como se sabe, foi occupada pelos allemães depois do combate de 9 d'abril.

N'esta povoação manteve-se por muito tempo a ambulancia portugueza n.º 5, do C. E. P., sob a direcção do capitão medico sr. dr. Paiva Curado, que apesar do bombardeamento violentissimo poude evacuar todos os feridos e conseguiu-se fazer todas as operações de urgencia!

No sector de Montdidier os alliados avançam para tentarem pôr em cheque a linha de Vesle occupada pelo inimigo. A oeste de Lassigny occupam os francezes novas posições vantajosas.

A offensiva dos alliados

Os francezes chegam aos arrabaldes a oeste de Lassigny

PARIS, 19.—Entre o Matz e o Oise continuámos a progredir durante o dia.

As nossas tropas, apezar da encarniçada resistencia do inimigo, apoderaram-se de Fresnières e attingiram os arrabaldes a oeste de Lassigny; mais ao sul conseguimos ultrapassar o bosque de Thescourt. A' nossa direita conquistámos Pimpez e apoderámo-nos dos arredores ao sul de Dreslincourt. Ao norte do Aisne, completando os nossos exitos entre Carlepom e Fontnoy, apoderamo-nos da aldeia de Morsain. Desde hontem fizemos mais 2:200 prisioneiros.

Nada a assignalar no resto da linha de batalha.

Aviação.—Hontem abatemos tres aviões allemães e incendiámos um balão captivo.

Na noite de hontem para hoje os nossos aviões de bombardeamento lançaram oito toneladas de projecteis sobre os bivaques das regiões de Berry-au Bac e Guignicourt, sobre as gares de Meziéres e de Chatelet-sur-Retourne.—(Havas).

E' repellido um violento ataque—Os inglezes avançam e penetram em Merville

LONDRES, 19.— Communicação britannica:—Esta manhã o inimigo lançou um violento ataque contra as posições n'ma frente de uma milha entre Lihons e Herleville e conseguiu penetrar nas linhas em dois pontos, mas foi immediatamente repellido por meio de um contra-ataque, que restabeleceu completamente a situação. Durante estes combates o inimigo soffreu grandes perdas e fizemos alguns prisioneiros.

No sector de Merville continuámos o nosso avanço e realisámos sensiveis progressos n'uma linha da cerca de 10.000 jardas. As nossas tropas defendem agora a linha da estrada que atravessa Merville desde Paradis até Puresbecques e penetraram em Merville. Durante a nossa progressão tiveram logar vivos combates em differentes pontos; fizemos prisioneiros e tomámos metralhadoras. O total dos prisioneiros capturados por nós hontem nos arredores de Outtersteene eleva-se a 676, entre os quaes 18 officiaes. O numero de metralhadoras e morteiros de trincheira que tomámos ainda não está averiguado.

Aviação:—No dia 18 de agosto a pequena altitude das nuvens e a violencia do vento prejudicaram o trabalho da aviação. O inimigo mostrou pouca actividade; abatemos 6 apparelhos inimigos e descemos um balão em chammas. Não voltou um dos nossos aviões. Durante o dia e a noite seguinte lançámos 16 toneladas de bombas em differentes objectivos.—(Havas).

Nas linhas italianas

Duellos d'artilharia, tentativas inimigas frustradas

ROMA, 19.—Commando supremo.— Em toda a linha de batalha frequentes duelos de artilharia e notavel actividade dos destacamentos exploradores. As nossas patrulhas estorvaram e molestaram as linhas da vanguarda inimiga, efficazmente em Volnelpine e na margem esquerda do Piava, assim como ao norte de Montello. Foram dispersas forças inimigas em Giudicaria, no vale do Astico e ao norte do desfiladeiro de Rosso. Nas linhas da retaguarda do planalto de Asiago foram efficazmente bombardeadas as tropas hostis em movimento. Contivemos rapidamente com o nosso fogo uma nova tentativa de ataque a sudeste de Grave di Papadopoli.

No dia de hontem os nossos aviões de bombardeamento lançaram perto de 9.000 kilos de bombas sobre os campos de aviação inimigos.—(Havas).

Operações no Oriente

PARIS, 19.—Exercito do Oriente, em 18.—Actividade habitual de artilharia e de patrulhas.

Na frente servia, na Albania, o inimigo cessou por completo os seus ataques.

A aviação britannica bombardeou os acampamentos inimigos da região do Vardar, abatendo dois apparelhos inimigos.—(Havas).

De todo o mundo

O panico na Allemanha

HAYA, 19.—As cidades da Allemanha do sul estão cheias de refugiados vindos de Mannheim, Friburgo, Carlsruhe e Francfort.

Heidelberg e as communas e aldeias do vale do Neckar, que são consideradas como ao abrigo dos «raids» aereos, graças aos canhões especiaes collocados sobre as collinas, estão repletos de forasteiros. Mas o grosso dos fugitivos dirigiu-se para leste, buscando agora os valles da Franconia e procura attingir Constancia.

A imprensa da Allemanha do sul faz se echo de amargas queixas contra os proprietarios de hoteis, que não recebem hospedes das classes médias para alojarem os ricos recemchegados. Os jornaes de Constancia reclamam para o caso uma intervenção official.

Em Alexandersbad, na Baviera, foi tomado de assalto um hotel pelas mulheres da cidade, na occasião em que varios hospedes estrangeiros se sentavam a uma mesa excellentemente servida, as quaes comeram o jantar para os hospedes chegados de Manheim e do norte da Allemanha. Um d'elles chegou a ser aggredido e lançado por terra, sem dar accordo de si.—(Correspondente).

Prisioneiros portuguezes de guerra

Um appello em seu favor

Basta a leitura da carta que em seguida inserimos para que na alma portugueza acorde o sentimento de generosidade—do dever até—que a todos cumpre de attender o appello em favor dos bravos que pela Patria se bateram, e que n'esta hora estão soffrendo angustias inenarraveis.

Diz a carta:

Lisboa, 19 de agosto de 1918—Sr. director—A Commissão Protectora dos Prisioneiros de Guerra Portuguezes, exclusivamente composta de mães, esposas, irmãs e filhas dos nossos officiaes e soldados prisioneiros de guerra internados na Allemanha, com o patriotico fim de que lhes não falte o relativo conforto, de que certamente carecem, e a exemplo do que justamente se faz nas nações que se acham envolvidas no conflicto mundial, onde são innumeras as associações d'esta ordem visando todas ao mesmo benemerito fim de proteger aquelles que pela Patria tudo arriscaram, veem respeitosamente solicitar a v. o favor de appellar para os seus leitores na generalidade e para as mulheres portuguezas em especial, a fim de que auxiliem, dentro do possivel, a nossa benemerita missão, enviando a essa redacção donativos, viveres ou agasalhos que irão minorar a triste situação dos nossos irmãos captivos pelo engrandecimento da nossa terra e de cuja exclusiva applicação aos fins mencionados a commissão se reserva o dever de prestar escrupulosas contas.

Digne-se v., sr. director, pelo valioso auxilio que solicitamos e ainda pela publicação d'esta carta, acceitar a expressão sentida do nosso reconhecimento.—De v. etc.—Pela commissão, a secretaria geral, Maria de Pilar Santos Nogueira.

Productos coloniaes

A falta de transportes para a metropole

Os jornaes de Cabo Verde lamentam que lhes seja reservada praça de 7 por cento apenas a bordo dos vapores que tocam nos seus portos.

Fazem calculos dos quaes concluem que mantendo-se no segundo semestre, que corre, egual movimento ao do decorrido, os exportadores apenas poderão embarcar 824 toneladas.

Ora na provincia ha para cima de 4.000 toneladas de purgueira e café, couros, pelles, algodão da provincia e do Brazil, café dos vapores torpedeados em S. Vicente, couros e outras cargas d'esse vapores, alguns generos da Guiné, destinados a Lisboa, etc.

Em conclusão: só para embarcar a carga que ha longos mezes aguarda embarque seriam necessarios dez semestres, estando, portanto, a carga toda na metropole no fim do anno de 1923.

Infantaria 2

«A Situação» desmente hoje a noticia d'outro jornal da manhã, dando como proxima a dissolução do regimento d'infantaria 2, aquartelado em Abrantes.

Noticias do Brazil

RIO DE JANEIRO, 19. — O deputado Mauricio de Lacerda, presidente do Aero-Club Brazileiro, partiu para os Estados Unidos da America do Norte e para a França, onde vae visitar os centros de aviação e as fabricas de apparelhos.—(Americana).

NATURISMO

Psichismo

Vae pelo mundo uma renascença espiritual, alastrando-se um desejo enorme de conhecer o «depois da morte e o porque da vida...» As doutrinas religiosas dogmaticas e as sciencias materialistas teem conseguido formar do homem um ser sem fé e sem conhecimentos do seu papel n'este mundo sublunar. Viver para gosar ou para luctar e ser semelhante, não póde ser o fim do homem. Educado, durante os estudos, na religião catholica—nada aprendi que explicasse os misterios do Além, por falta de experimentalismo—instruido nas sciencias universitarias e materialistas com alguma base positiva—fiquei tambem sem saber a razão da existencia se findaria na desaggregação da materia. Imaginei (porque o aprendia) o homem ser um organismo que se cifrava em atomos e moleculas, tecidos e orgãos que, na paz do tumulo se fundiam. A religião dava-me a alma mas impedia de conhecer o mechanismo da vida, pelo dogma, pela fallencia dos seus procedimentos de moral e bondade atravez dos seculos.

E a sciencia official faltava-lhe um ambito maior de investigação psicologica.

A religião e a sciencia officialistas não me satisfaziam por completo. Uma era fundada em revelações e transformou-se em commercio acomodaticio. A outra dava algumas razões mas não deixava investigar o problema do ser e do destino. Conheci da religião os «males» e da sciencia universitaria os «defeitos».

Propuz-me buscar trabalhos extra-officiaes, estudos fóra do vulgar e pesquizar por todos os modos... Penso que, por methodos positivos applicados á procura, dei um passo além do materialismo que professei durante muitos annos. Ha forças ainda não determinadas mas seguras que me levam a pôr de lado o materialismo dogmatico e, sem ir para os religiões,—poder constatar que o corpo humano possue um «substratum» subtil que póde fazer-se sahir do organismo e exteriorisar-se na sensibilidade, na motricidade. Quando algum leitor quizer obter a confirmação d'esta descoberta, posso em experiencias scientificas concludentes demonstrar esta verdade. Em casos especiaes é egualmente que se apresentam os phenomenos, mas existem. Com a melhor boa vontade estou ao dispôr das Academias Scientificas, dos Homens de Sciencia, dos Investigadores sinceros, para mostrar esta conquista do trabalho psichico experimental a que me dedico ha muito.

Dr. Amilcar de Sousa

Publicações recebidas

ENCYCLOPEDIA DAS FAMILIAS.—Sahiu o numero 380 d'esta revista illustrada, que vae no seu 32.º anno, o que é a melhor prova da acceitação que o publico lhe dispensa. Secções variadas, tanto instructivas, como de recreio, tornam-na uma publicação deveras interessante. Edição da casa Lucas Torres, da rua do Diario de Noticias.

"EL MARCONIGRAMA" — D'esta publicação orgão da casa Marconi, acabamos de receber os numeros correspondentes a junho e ao mez corrente, mas agora redigidos em hespanhol, ao contrario do que vinha succedendo, pois que os recebiamos em portuguez. Profusamente illustrados e com leitura variada.

O COMMERCIO DO PORTO MENSAL — Está publicado o numero correspondente a julho findo d'este mensario, que é um repositorio dos factos mais interessantes occorridos durante o mez. Continua a manter os creditos adquiridos desde o principio.

Praias e campos

FIGUEIRA DA FOZ, 19.—Promovida pela direcção do Colyseu Figueirense, realisa-se no proximo domingo, 25, a 2.ª corrida de touros da epoca. Serão cavalleiros os conhecidos artistas tauromachicos Manuel e José Casimiro. O primeiro, já affastado d'estas lides, toureará trajando á epoca. Abrilhanta a corrida a philarmonica 10 d'agosto.

Pouco depois, ao elevar-se o..., notou-se que um d'elles tinha soffrido avarias, pelo que ficaram até hontem, tendo partido pelas 11 horas da manhã.

—Realisou-se hontem um passeio nautico promovido pelo Gymnasio Club Figueirense e dedicado á colonia balnear. No passeio tomaram parte a philarmonica 10 d'agosto e muitas das distinctas familias que passam na Figueira esta epoca.

—Continua despertando grande enthusiasmo o Concurso Hippico Internacional, que se realisará n'esta cidade nos dias 6, [illegible], 10 e 11 do proximo mez de setembro.

—E' esperada no dia 27 a companhia do Theatro Nacional, que virá ao Parque dar tres espectaculos com as peças «Vida d'um rapaz pobre», «João José» e «Dama das Camelias».

Theatros

Cartaz de hoje

SAO LUIZ—A's 21,30—«Os mineiros». TRINDADE—A's 21,30—«O gato maltez». GIMNASIO—A's 21,15—«Marionettes». APOLO—A's 21,30—«A revolta». EDEN—A's 21,30—«A trombeta da fama». POLYTHEAMA—A's 21,30—«Salada russa». AVENIDA—A's 21,30—Madame Eva somnambula.

Animatographos, concertos e variedades—Central, Olympia, Colyseu dos Recreios, Chiado Terrasse, Foz, Condes e Salão da Trindade.

Nota do dia

Com a 70.ª representação da revista «A Revolta», faz hoje a sua festa de auctor no Apollo, Alberto Barbosa, o auctor d'aquella peça presentemente ali em scena.

E' ella innovada com alguns numeros novos e varias surprezas como no fogo de artificio dos arraiaes do norte. Por todos esses motivos, é de esperar que um pouco pelo espectaculo, muito pelo auctor, a casa se encha de amigos para o applaudir. E quem lá não fôr por qualquer d'estes dois motivos deve ir para vêr o auctor que é afinal de contas, a personagem principal em qualquer peça. A esses, porém, recommendo-lhes que levem binoculo porque o Barbosinha é tão delgadinho, tão pequeno e tão encolhido na sua modestia que só as muitas palmas poderão conseguir que elle cresça uns centimetros mais.

Alvaro Lima

THEATRO S. LUIZ—«Os mineiros», peça em 4 actos de D. Joaquim Dicenta, traducção de Eduardo de Abreu e Ernesto Carmo.

Estou absolutamente convencido de que a peça, presentemente em scena no S. Luiz, ...marca na presente epoca de verão, uma manifestação de arte que não é vulgar entre nós e que, justamente por esse facto, merece incondicionaes elogios. Effectivamente, raras vezes, nos é dado assistir, durante as epocas normaes a uma marcação e a um conjuncto tão completos.

Encarregou-se da primeira, o actor Antonio Pinheiro e não se julgue que seja tarefa facil pôr em scena a bellissima obra de Dicenta, utilisando para figuração, gente absolutamente inexperiente e cuidando ainda que a sua apresentação exteriorise d'uma maneira mais ou menos completa as personagens que exige a rubrica da peça. E', a meu ver, a maior difficuldade, vencida brilhantemente por aquelle actor, n'um trabalho consciencioso e que só póde resultar brilhante feito por quem saiba. Emquanto ao desempenho se justo é que destaquemos Ferreira da Silva no seu primoroso trabalho do 4.º acto; não foi menos brilhante o de Angela Pinto, Theodoro Santos e Joaquim d'Oliveira em todo o decorrer da peça. Mas não só estes, a cargo de quem estão os principaes papeis merecem os nossos incondicionaes elogios. Barbara, Justina de Magalhães, Lucia, Antonio Pinheiro e Judicibus, todos elles concorreram para o successo justificado da peça, sendo lamentavel que os convidados de Judicibus, estragassem, até certo ponto, esse magnifico conjuncto. Resumindo e procurando um criterio justo, o muito que ha de bom consegue que a attenção se não fixe no pouco que ha de mau.

Emquanto á peça, em si, attestando uma bellissima technica do seu auctor, tem menos logica e mais theatro em algumas das suas personagens principaes. Assim se podemos considerar bem definidos os caracteres de «Daniel» e «Paulo», já o mesmo não succede com o de «Cesaria» rustica em demasia para as lindas phrases que lhe ouvimos em todo o decorrer dos quatro actos.

Se Dicenta tivesse conseguido que esta personagem fallasse segundo a sua condição, a sua obra ter-se-hia, incontestavelmente, valorisado mais. E' possivel que lhe diminuisse as condições theatraes, abolindo os «rodriguinhos» mas não ha duvida que o que perdesse em brilhantismo, ganharia em logica.

E' tão conhecida a peça por todos aquelles que lêem um pouco e se interessam pelo theatro que me abstenho de descrever o seu enredo. Demais, repito, ella é, por todos os motivos, digna de ser vista.

Devo ainda fazer uma referencia ao scenographo Ayres muito feliz no panno do 2.º acto e para terminar um pequeno commentario pessoal, visto que ao critico compete apenas dizer o que pensa da obra e dos seus interpretes: attendendo ás constantes gréves que temos atravessado, uma das quaes, ha dois dias ainda, poderia ter tido graves consequencias, julgou o governo opportuna a representação da peça «Os mineiros» e foi, conscientemente que o respectivo cartaz foi visado?

A este ponto, não me compete responder...

A. L.

Informações

Por iniciativa do distincto actor Carlos Santos, ainda este mez se realisará no Gymnasio um sensacional espectaculo em que tomarão parte artistas de todos os theatros de Lisboa em homenagem a Brazão e Palmyra Bastos, sendo n'essa recita inaugurada uma lapide commemorativa da passagem pelo palco do Gymnasio d'aquelles dois illustres artistas.

*

Ao contrario do que publicámos a festa que, proximamente se realisa no theatro do Gymnasio, em homenagem aos distinctos artistas Palmyra Bastos e Eduardo Brazão e em que se procederá á inauguração no mesmo theatro, d'uma lapide com aquelles dois nomes, é da iniciativa do seu illustre collega, o actor Carlos Santos e não da revista «O Theatro» como, por mal informados, dissemos, ha dias.

Réclames

Quem nas peças procure, além dos entrechos, da these ou do dialogo, um motivo emocionante para os sentidos e sobretudo para o da vista, tem em «Os mineiros», com tanto successo em scena no São Luiz, uma peça modelar, quer pela sua complicada montagem, quer pelos effeitos de luz que exige e que resultam realmente bellos, senão mesmo surprehendentes. Accrescentemos a isto que a acção é grande, empolgante, intensa e movimentada e teremos que, sem exaggero, se deve chamar á peça do São Luiz uma peça modelar

—O «Anastacio» é um sujeito impagavel cuja humoristica philosophia só encontra similar na da sua illustre consorte a conhecida «Balbina» do 2.º acto da revista «A Revolta», cujo agrado ainda não diminuiu, apesar de caminhar vertiginosamente para as cem representações. Rivaes dos dois interessantes esposos são os não menos interessante agentes de informações secretas do «21.29 Central».

— O «Boa-Nova», desempenhado por Amarante, com a sua costumada graça e aquella aptidão especial que elle tem sempre para encontrar typos admiraveis e a «Irmandade de Santo Amaro», em que Roldão, Arthur Rodrigues e Soares Correia marcam uma linha comica que não deixa perder o mais insignificante pormenor comico são os dois numeros da «Salada russa», que é bom rememorar aos frequentadores do Polytheama, o mais *fresco* e o mais commodo theatro de Lisboa.

No extrangeiro

Em Madrid, por occasião da «verbena de la Paloma», a mais brilhante e concorrida talvez de todas as festas populares de Madrid, representou-se, ao ar livre, com uma assistencia de mais de tres mil pessoas, a celebre zarzuela, que tem aquelle titulo e entre nós como em toda a Hespanha e nas republicas néo hespanholas da America do Sul, das mais applaudidas.

SPORT

Reclama-se a organisação do campeonato militar de esgrima

Já hontem, n'esta secção, publicámos uma carta de um esgrimista militar, e já outra appareceu hoje sobre a nossa meza.

Reclama-se do sr. secretario de Estado da guerra a organisação do campeonato militar de esgrima, que, desde 1914, se vinha realisando, mas cuja organisação o governo transacto— talvez como medida economica—sustou durante a guerra, allegando que varios officiaes se encontravam em França.

Foi uma medida absurda, na nossa opinião, e por isso esperamos que o sr. secretario da guerra satisfaça a justa pretenção dos esgrimistas militares.

Da carta que hontem publicámos, novamente damos alguns pontos que podem certamente elucidar, o sr. secretario da guerra:

...«Uma simples circular, enviada do ministerio da guerra appareceu o anno passado, sustando o referido campeonato durante o estado de guerra, mas sem mesmo dizer a razão, apesar de ser essa a norma em legislação militar. Procurámos sabel-o, mas não conseguimos: por uma questão de economia, diziam uns; pelo facto de estarem muitos atiradores no «front», diziam outros: o que é facto é que nem uma nem outra das razões apresentadas justifica tal deliberação. No primeiro caso observa-se que o Estado tem continuado a subvencionar o concurso hippico com importancias muito superiores ás que dispendia no campeonato militar de esgrima; no segundo caso, não vemos razão que pelo facto de estarem alguns atiradores no «front» se não organise uma prova que tanto enthusiasmo despertou no exercito...»

A carta de hoje é do seguinte theor:

Sr. redactor sportivo do jornal A Capital—Publicou v. hontem na sua bem orientada secção de sport a carta de um esgrimista militar, chamando a attenção do sr. secretario de Estado da guerra para que ainda esta epoca seja levado a effeito o campeonato militar de esgrima.

Eu, sr. redactor, tambem sou militar e esgrimista de paixão, por isso não podia deixar passar essa carta sem que viesse roubar-lhe um pouco de espaço, reclamando tambem e pedindo a realisação do referido campeonato.

Sob todos os pontos de vista acho estas provas interessantes para o nosso exercito, por isso estou certo que o actual secretario d'aquella pasta não deixará de attender reclamações que são inteiramente justas.

Agradecendo a publicação d'esta sou de v. etc.—«Um esgrimista».

Nota diaria

Ainda A «Semana d'armas»

Admira-nos bastante que o Centro de Esgrima não tenha respondido á pergunta que entre os nossos esgrimistas anda de bocca em bocca:

—A «Semana d'armas» realisa-se?

Sobre o assumpto já aqui publicámos varias cartas e ante-hontem foi ella o motivo da nossa nota diaria.

Pois até agora, o Centro de Esgrima não se moveu, satisfazendo a anciedade d'aquelles que praticam esse sport.

Porque é que o Centro de Esgrima não diz se se realisa ou não a «Semana d'armas»?

—Porque não quer!

Porque é que o Centro de Esgrima realisando annualmente a «Semana d'armas» entre os mezes de maio e junho, conforme manda o regulamento, este anno estando nós já em fins de agosto nada diz?

—Porque não quer!

Porque é que o Centro de Esgrima em maio passado annunciou nos jornaes a breve realisação dos torneios? Porque é que o Centro de Esgrima não os levou a effeito conforme fora noticiado?

—Porque não quer!

Ninguem sabe... é mysterio.

Ao Centro de Esgrima, pois, pedimos que nos esclareça, porque não somos só nós os interessados, são muitos, são aquelles que se estão treinando e que desejam concorrer ás provas como annualmente fazem. Esperamos merecer do Centro a resposta pedida, porque é ao Centro que compete esclarecer o assumpto.

Morte do athleta Francisco Padinha

Foi a hontem que os jornaes da manhã hoje nos deram.

Morreu o conhecido athleta Francisco Padinha, que já ha perto de dois annos se encontrava doente e que ultimamente tinha sahido de Lisboa para Pinheiro de Loures.

Francisco Padinha, que gosava de geraes sympathias, e contava numerosos amigos, praticou o «foot-ball», pesos, lucta, etc., sallentando-se em [illegible] a [illegible]res, obtendo em alguns annos o titulo de campeão de Portugal.

Francisco Padinha foi director do Gymnasio Club, de que era socio, assim como do Sporting Club de Portugal.

Apresentou-se em numerosos saraus no Colyseu dos Recreios e ultimamente n'uma festa realisada em Evora. Contava apenas 40 annos de edade. O seu funeral realisou-se hoje, pelas 18 horas.

A sua familia e aos clubs de que era socio os nossos pezames.

Pelos clubs

(Communicações officiaes)

Luzitano Club Cyclista

No proximo domingo realisa este club grandes corridas ciclistas de 200 kilometros com partida e chegada junto ao Mercado Geral de Gados.

A corrida tem o seguinte itenerario: Lisboa, Loures, Malveira, Torres Vedras, Bombarral, (controle), Caldas da Rainha, Cercal, Azambuja, Villa Franca de Xira, Sacavem, Lisboa.

A partida effectuar-se-ha ás 6 horas e a chegada provavel ás 15 horas.

O incendio do vapor "Loanda"

Completamos a noticia que demos em telegramma, sobre o incendio *occorrido a 24 de junho a bordo do* vapor *Loanda*, com os seguintes pormenores, publicados pelo *Jornal de Angola*:

«Na passada segunda-feira, 24, manifestou-se incendio, pelas 9 horas da noite, na carga de um dos porões a meia nau do vapor *Loanda*, chegado a este porto na vespera.

Logo que se deu pelo fogo, denunciado pela sahida de muito fumo por ventiladores e vigias, tomaram-se as primeiras providencias e fizeram-se alguns signaes de alarme com a sereia e o apito, e pouco depois signaes luminosos pelo telegrapho. Da ponte do carvão, onde o navio estava atracado, foi fornecida uma bomba de incendio grande, atacando o porão incendiado, pelas vigias do lado de EB, ao mesmo tempo que as bombas do navio deitaram agua pelos ventiladores d'esse porão. Os primeiros soccorros estranhos, além dos da ponte, foram prestados pelo transporte de guerra *Salvador Correia*, que, promptamente, ao serem reconhecidos os signaes de fogo a bordo enviou uma baleeira com bomba, mangueiras, baldes, etc., e um grupo de praças e sargentos sob a direcção de um official, que atacaram o porão pelas vigias do lado do mar.

Passado algum tempo veiu da doca fluctuante uma grande bomba de incendios que forneceu agua pelas vigias do mesmo bordo.

Entretanto chegava o commandante com alguns officiaes do *Loanda*, que a lancha tinha ido chamar a terra, e pouco depois vinha uma embarcação com bombas, mangueiras, etc., e um troço de bombeiros sob o commando do sr. Capêlo. Aberta a escotilha de meia nau, que dá accesso ao porão incendiado, iniciou-se o ataque directo avançando alguns bombeiros e marinheiros de bordo com agulhetas, vendo-se pouco depois que o fogo lavrava com certa intensidade na carga de um porão inferior.

Pelas 4 da madrugada como se receasse que o incendio progredisse pela natureza de carga resolveu-se largar da ponte e procurar sitio baixo onde se podesse encalhar o navio, indo este, sob indicações e direcção do sr. chefe do Departamento Maritimo, encalhar de prôa perto da fortaleza do Penedo, onde se está procedendo á completa extincção do incendio, que segundo nos consta ainda continúa lavrando, e remoção da carga para depois se safar o navio».

A provincia n'A CAPITAL

MIRANDELLA, 17.—Está n'esta villa um destacamento de infantaria, que foi requisitado pela administração do concelho, para segurança da ordem publica, pois que consta que ella vae ser alterada, devido á carestia da vida.

—A camara ainda não montou o celeiro municipal, apesar de ter ordem do governo para levantar 70 contos.

—Ha dias que ha falta de pão.

—O calor d'estes ultimos dias tem sido abrazador.

Os ribeiros e nascentes estão seccos e o rio Tua vae quasi secco. As azenhas estão quasi paralisadas. Os hortelões negam-se a preparar as hortas devido á falta de agua.

Ultimas noticias

A guerra

Na Russia

Coordenando a acção dos alliados

PARIS, 20.—O «Echo de Paris» diz que o conselho de ministros reunirá esta manhã para tomar deliberações tendentes a coordenar a acção dos alliados em Arkangel e na Siberia.—(Havas).

Um attentado contra o representante allemão

STOCKHOLMO, 20.—Viajantes chegados de Moscou affirmam que o sr. Helfferich foi alvo de um attentado, quando se dirigia áquella cidade.—(Havas)

Ukranianos contra boches

STOCKOLMO, 20.—Dizem de Kiev á «Krasnaia Gazeta» que a lucta na Ukrania continua. As diversas regiões organisam-se e luctam contra os allemães, que, de quando em quando, enviam destacamentos para expedições de «castigo».

Mas os camponezes batem-se heroicamente contra um inimigo superior em numero e fazem uma guerra de guerrilhas especialmente encarniçada nos dois districtos do norte do governo de Peltava, onde, ultimamente, um corpo de 15:000 camponezes com artilharia occupou por completo um districto.—(Correspondente).

Comboios saqueados

AMSTERDAM, 20.—O jornal de Petrogrado «Krasnaia Gazeta» diz que a população atacou e saqueou comboios cheios de viveres, que os bolchevicks diziam destinados aos prisioneiros de guerra, mas que o povo assegura que iam para a Allemanha.—(Correspondente).

*

De todo o mundo

Invasão de javalis e rapozas

HAYA, 19. — Segundo communicações vindas de Spa e do Neufchateau, na Belgica Oriental, por motivo da guerra, aquellas regiões teem sido invadidas por grande quantidade de rapozas e javalis que destroem as colheitas e fazem grandes estragos no gado que ainda resta.

Veem provavelmente das provincias rhenanas de onde a falta de viveres os afasta para pontos mais ferteis.

Teem sido organisadas grandes batidas.

A população das referidas regiões exprime o sentimento phylosophico de que a nova invasão allemã é um pouco melhor do que a primeira.—(Correspondente).

O manejos pacifistas

STOCKHOLMO, 20. — O presidente do conselho affirmou n'uma nota publicada pela imprensa que determinadas associações pacifistas pediram para que a Suecia intervenha, junto dos paizes belligerantes a favor da paz.

O governo considera tal petição inopportuna, pois todas as negociações n'este sentido fracassariam nas actuaes circumstancias.—(Correspondente).

As mulheres nos Estados Unidos

AMSTERDAM, 19.—Uma immensa vaga de patriotismo e de enthusiasmo envolve presentemente os Estados Unidos. Fazer cada qual o seu dever é a palavra de ordem. N'este sentido, se manifestam tanto os homens como as mulheres. Os homens vão para a guerra, as mulheres dedicam-se á industria ou trabalham nos campos.

Assim, trabalham nas mesmas officinas, ganhando o mesmo salario que os homens um milhão e quinhentas mil mulheres. Dez mil mulheres fazem a policia em Nova York, exemplo que é seguido por outras cidades. Todos estes serviços funccionam irreprehensivelmente. No Metropolitano trabalham centenares de operarias e oito mil mulheres fazem serviço nos caminhos de ferro da Pensylvania.—(Correspondente).

Passeios e excursões

Cirio civil de Chellas. — Com destino á Atalaya embarca este cirio no proximo sabbado, na ponte José da Bateira, Xabregas. E' acompanhado por um grupo musical.

Atropelamento por um automovel

Para a enfermaria de Santa Joanna, do hospital de S. José, entrou Maria do Carmo, de 40 annos, peixeira, moradora no Beco do Marquez, 3, que foi atropelada por um automovel do commando das tropas da guarnição, na rua Saraiva de Carvalho, fracturando uma perna.

TOURADAS

ALGÉS. — «Sete alfaiates para matar uma aranha» e «Sapateiro do largo da Graça» são dois interessantes intervallos comicos que a «troupe» de Antonio Preto exhibirá na corrida do proximo domingo, 25, em Algés, festa dos sapateiros e alfaiates.

Lidam-se «puras» rezes, apresentando-se varios amadores, entre elles um grupo de alfaiates e sapateiros e o popular cavalleiro José Gomes.

POEIRA DA ARCADA

Cultura de cereaes nas colonias

Está sendo estudada a fórma de intensificar a producção cerealifera nas nossas colonias, a fim de as tornar o celleiro da metropole. O secretario d'Estado das colonias assentou já na acquisição d'uma elevada quantidade de sementes de diversos cereaes e do alfaias agricolas que vão ser distribuidas pelas diversas colonias.

Lugre portuguez naufragado

Por telegramma recebido na secretaria d'Estado da marinha, sabe-se ter naufragado no dia 14, nas aguas da cidade de Turyssu, o lugre portuguez «Luctador».

Vindo para a metropole

Telegramma do governador d'Angola noticia que retirou para a metropole, como fôra requisitado, o tenente medico Moracio Menano, deputado por Gouveia.

Arsenal de Marinha

Foi mandado assumir o cargo de vogal da junta autonoma da construcção do Arsenal de Marinha o capitão tenente engenheiro Francisco Sequeira.

Regressando á Patria

São esperados brevemente muitos militares vindos de França, entre elles, doentes, feridos e mutilados.

Indigenas da Zambezia

O governo, attendendo ás reclamações que lhe teem sido feitas contra a forma como na Zambezia tem sido feito o recrutamento de indigenas para diversos districtos africanos, com grave prejuizo para aquella região, que se vê assim privada dos braços necessarios á agricultura, deu já instrucções ao governador geral de Moçambique no sentido de que esse *recrutamento seja reprimido*.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

VENDEDORES DE VIVERES A RETALHO—Reune a assembleia geral, em sessão extraordinaria, depois d'amanhã, ás 21 e meia horas, para tomar conhecimento e resolver sobre os trabalhos da commissão nomeada para apreciar as propostas do socio sr. Vicente Martinho e tratar d'outros assumptos de interesse para a classe.

PEQUENAS NOTICIAS

Carlos Pereira, sem eira nem beira, tentou burlar em 1:400$00, pelo processo do conto do vigario, Francisco Antonio de Almeida, que não se deixou cahir no logro e fez prender o burlão.

Uma representação

Uma numerosa commissão de inspectores de instrucção primaria procurou hoje o sr. Secretario de Estado da Instrucção, a fim de lhe solicitar a revogação da ordem recente que limita a seis annos o maximo de tempo de residencia permanente na séde da inspecção. O sr. dr. Alfredo de Magalhães respondeu que brevemente seria publicado um regulamento em que provavelmente se alteraria, tanto quanto possivel, o preceituado no decreto legislativo.

A commissão solicitou uma audiencia ao sr. Presidente da Republica.

EM LOANDA

Visita do governador geral do Congo Belga

Os jornaes que hoje recebemos de Loanda trazem-nos noticias pormenorisadas da visita feita áquella cidade pelo sr. general Henry, governador geral do Congo Belga, que ali chegou a bordo do hiate «Monette» a 27, acompanhado por sua esposa, pelo general sr. Tombeur, vice-governador de Katanga e respectivos ajudantes.

Ao illustre visitante foram prestadas as devidas honras militares, ficando installado com a sua comitiva no palacio do governo, onde se conservou durante a sua estada em territorio portuguez.

Mr. Henry deu passeios pela cidade, visitou o hospital, que lhe mereceu os maiores elogios, classificando-o de modelo de organisação, ordem e aceio, a inspecção de agricultura, onde chamou a sua particular attenção o muzeu e o laboratorio.

A estas visitas seguiram-se outras, ao deposito geral de degredados, na fortaleza de S. Miguel; ás varias obras do Estado, entre ellas a ponte para a ilha de Loanda, que admirou e achou de boa idéa.

A 29, os visitantes foram em automoveis vêr as plantações e fabrica de assucar da fazenda «Tentativa», onde almoçaram, percorrendo depois as povoações de Caxito e Sassa, regressando a Loanda, onde, no dia seguinte estiveram nas officinas navaes.

Ahi foi-lhe offerecida uma taça de Champagne, dirigindo-lhe o respectivo engenheiro sr. Fonseca um brinde, fazendo votos pela reintegração dos teutonicos belgas e pela victoria da justiça e do direito.

O sr. governador do Congo Belga brindou pelos progressos de Angola e agradeceu as palavras dirigidas ao seu paiz, fazendo votos que, se a Belgica tinha feito um esforço heroico, tambem Portugal havia manifestado as antigas qualidades da sua raça que muito o nobilitam.

Tambem fez um brinde muito significativo o sr. governador geral da provincia.

No dia seguinte madame Henry visitou o Asylo D. Pedro V, a cuja provedoria enviou um cheque de 50$00.

Mr. Henry viu ainda a fabrica de oleos e sabões, do sr. Teixeira Soares, presidente da Associação Commercial de Loanda, sendo-lhe tambem ahi offerecida uma taça de Champagne, que serviu de pretexto a expressivas e enthusiasticas saudações.

Por ultimo os visitantes viram a fabrica de tabacos, o edificio da camara, onde os recebeu a vereação e foram executadas pela banda municipal a «Brabançonne» e a «Portugueza».

A' noite foi-lhes offerecido no palacio do governo o jantar official, a que assistiu todo o alto funccionalismo, tocando a banda alludida variado reportorio e os hymnos dos dois paizes, após os brindes da pragmatica.

Em seguida assistiram n'um cinematographo a uma sessão extraordinaria dada pela respectiva empreza, em beneficio da Cruz Vermelha Belga.

Padarias autoadas

Trigo apprehendido

Por falta de pezo no pão exposto á venda foram autoadas as seguintes padarias:

Rua de S. Bento, 94; rua dos Prazeres, 11; Campo dos Martyres da Patria, 96; rua de Santo Antonio dos Capuchos; rua 20 d'Abril, 159; rua da Gloria, 47; calçada do Duque, 57; rua da Conceição da Gloria, 67; rua das Gaveas, 35; rua Capello, 7; calçada do Duque, 57; rua do Patrocinio, 91; rua do Livramento, 100; rua de Alcantara; rua de S. Bento; travessa do Pasteleiro, 18; rua do Machadinho, 45; rua Vicente Borga, 11; rua Vasco da Gama, 27; rua da Esperança, 108.

A Joaquim Cardoso, morador na quinta da Varzea, Loures, foram apprehendidos 2 saccos de trigo e a Manuel Duarte, com padaria no Pinheiro de Loures, 10 saccas do mesmo cereal.

Atropelamento

João Alves, de 51 annos, policia 727, foi curar-se ao hospital de S. José por ter sido atropelado na rua Ivens, por um automovel, ficando ferido na cabeça e com algumas contusões pelo corpo.

CAMBIOS

Lisboa, 20 de agosto de 1918.

	Compra	Venda
Cheque sobre Londres	30 1/8	3[illegible]
90 d/v.	30 9/16	
Cheque sobre Paris	203	21[illegible]
» Hollanda	860	870
» Italia	220	23[illegible]
» New York	1670	168[illegible]
» Madrid	410	420
Rio sobre Londres	12 3/8	—
Libras ouro	10$60	10$80
Agio do ouro	135 0/0	140 0/0

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2374 — 9.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacções Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Quarta-feira, 21 de Agosto de 1918 | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço 2 centavos

Atrocidades policiaes

Estão chegando novos pormenores das atrocidades commettidas pela policia do Porto contra republicanos d'aquella cidade, presos por espaço de algumas horas, durante as quaes não se tratou senão de os espancar a golpes de cavallo marinho e de os retalhar á ponta de sabre. O caso d'um d'esses presos, o sr. Alberto Midões, é tão grave que se reconheceu ter uma fractura de craneo. Outro dos presos está em perigo de vida. Varios outros apresentam ferimentos mais ou menos graves. Foi uma verdadeira chacina, praticada por aquelles mesmos cuja missão é velar pela segurança dos cidadãos, e defender até os peores criminosos das aggressões de que possam ser alvo.

Já aqui profligámos semelhante facto, cujas consequencias podem ser tão terriveis que até nos desenham as sombrias perspectivas da guerra civil. O que se está passando no Porto é uma reincidencia em processos que foram justamente condemnados pela opinião publica e até provocaram a intervenção do sr. Sidonio Paes. Não se póde dizer que essa policia seja calumniada, essa policia cujas barbaridades, comprovadas por sevicias reconhecidas, levou o proprio presidente da Republica, horrorisado, a abrir as portas dos calabouços aos presos torturados no governo civil.

Mas não foram castigados os auctores ou responsaveis d'esses attentados, e o resultado são novos attentados, ainda de caracter mais grave, e que nenhum pretexto sequer póde acobertar. Era natural que assim succedesse, desde o momento em que nenhuma sancção interviera, no sentido de castigar os carrascos policiaes.

Está á frente da corporação da policia do Porto um commandante, que, nem mais uma hora, ali deve permanecer. Porque das duas uma,—ou foi elle quem ordenou as barbaridades commettidas, ou não as soube impedir nem castigar. Se o governo quer fazer alguma cousa que satisfaça a opinião publica, que se tranquillise, que lhe restitua a noção de que a policia é um corpo destinado a proteger os cidadãos, e não a affrontar todas as leis, a commetter todas as violencias, a despresar todo o direito a toda a humanidade, essa auctoridade deve ser immediatamente demittida. Se o não fôr, será licito a toda a gente suppôr que o governo não vê com maus olhos essas atrocidades, que nos podem dar idéa de que sejam as terriveis repressões a que o sr. secretario do interior alludiu, com voz cavernosa, n'uma das ultimas sessões do parlamento.

Entretanto, o que é certo é que isto não pode continuar assim. Pois não haverá, no governo, alguem que, evadindo-se ás preoccupações exclusivas do mando absoluto, encare a situação tal como ella é e reconheça que vamos infallivelmente caminhando para um conflicto tremendo, que ninguem póde calcular as proporções que tomará, nem quaes os resultados a que conduza? Pois não se vê, não se reconhece, que situações d'esta ordem acabam por explosões irreprimiveis? Pois não se vê, não se reconhece que em vez de caminharmos para a tão apregoada pacificação da sociedade portugueza, unico estado social que pode garantir um poder estavel, se tem aggravado cada vez mais as paixões, mercê de rancores intolerancias e arbitrios em que, porventura, todos terão responsabilidades, mas que ninguem certamente negará que, em relação ao poder, são as mais graves e as mais pesadas?

Ponderação, serenidade, justiça emquanto é tempo, para bem de todos, quer governantes, quer governados, porque as convulsões sociaes dilaceram o coração da patria e, nas circumstancias actuaes, podem até quebrar as raizes da nacionalidade!

Palavras claras

A proposito da noticia dada pela «Patria», do Porto, sobre uma pretensa conferencia d'um emissario inglez com o sr. presidente da Republica, diz hoje «A Situação», sob a epigraphe «E' mentira»:

«Dizia, ha dias, a «Patria», jornal monarchico do Porto, que um emissario inglez chegado a Lisboa tivera com o sr. Presidente da Republica uma larga entrevista sobre a melhor maneira de se manter a ordem em Portugal.

Isto é absolutamente falso. Excede todas as raias do inverosimil acreditar-se que um portuguez possa ter conferencias com um enviado estrangeiro, para manter a ordem em Portugal.

O sr. Presidente da Republica é portuguez—o portuguez de lei—e em Portugal ninguem tem o direito de saber como se deve manter a ordem, senão nós. Só nós! Fique-o sabendo a «Patria» ... saibam-no todos quantos, á volta d'esta atoarda, teem bordado considerações!...»

E' com verdadeiro prazer que registamos tão terminante declaração.

Coisas de hoje

Em que alturas vae o movimento pacifista?

Aquelles que não leem—e só esses—talvez ignorem que ha pela Europa convulsionada um largo movimento pacifista, que não se póde totalmente considerar uma occupação philosophica de reis neutros ou figuras proeminentes do mundo contemporaneo, embora com effeito, até hoje, nas suas démarches varias só tenha conseguido um pequeno accrescimo de celeuma, discussões, dicursos, «meetings» e nem uma leve tregua no crepitar das armas de fogo.

Lord Lansdowne é o representante mais cathegorisado em Inglaterra, do movimento pacifista, e, como tal, acaba de publicar uma carta aos povos sobre a sua orientação, modo de ver, e tira conclusões que devem ser olhadas com respeito. Este lord Lansdowne é alguem; tem uma auctoridade que lhe vem da sua vida politica. Ex-ministro dos negocios estrangeiros e collaborador de Eduardo VII na «Entente Cordial» herdou d'este magnanimo e bom rei o influxo da paz. A primeira vez que publicamente se manifestou foi a 29 de novembro do anno passado, publicando no «Daily Telegraph» uma primeira carta, convidando á paz. O effeito não foi lisongeiro, confessemos, porque a ira incendiada de certa imprensa enthusiastica pela guerra desabou inteira sobre elle. Mas, modestamente, foi grangeando adeptos, trazendo á ideia o concurso de valiosas personalidades britannicas e suscitou actos publicos, cujo remate foi um grande «meeting» a 16 de fevereiro do corrente anno. Ao presidil-o, o conde Beauchamp definiu, d'esta forma a ideia e o caracter do movimento:

«Não se trata d'um acto politico ou de partidos, mas de um movimento nacional em favor da paz. N'esta reunião estão representados o Capital e o Trabalho.»

E realmente confundidos no Essex-Hall com os membros da velha aristocracia estavam os vultos mais importantes do Labour Party. Em seguida á fala do conde Loreburn que protestou contra «a dictadura d'uma imprensa violenta que conduzia á desgraça o seu paiz», Ramsay Macdonald em nome do proletariado adoptou a these de lord Lansdowne e pediu ao governo «que preparasse todos os caminhos que conduzem á paz.

Ao connubio de aristocratas e plebeus pedindo o caminho da paz, o respeitavel Estado inglez respondeu com a unica das respostas possiveis: desembarcando mais alguns punhados de homens no solo de França.

Então, o Lord pacifista esperou a primeira semana de março e inseriu outra carta no «Daily», a qual foi segundo pômo de discordia entre amigos e adversarios da guerra.

Aquelles crivaram-no de vaias, mas o numero de adeptos ainda cresceu. O chanceller Hertling acabava por essa occasião de pronunciar aquelle seu discurso em que acceitava os quatro pontos capitaes do programma wilsoniano. Lord Lansdowne julgou opportuno o momento de entabolar conversações entre os belligerantes, as quaes seriam o preludio d'uma conferencia de Paz.

Em carta dirigida aos organisadores do grande «meeting» supracitado, lord Buckmartes havia escripto: «Desejamos obter por todos os meios uma paz honrosa. Aos que dizem que só se póde alcançar pelos processos militares responderemos que ainda não se empregaram outros. Recusou-se a conferencia de Stockolmo. Não se respondeu nada á nota do Papa. Fingiu-se não perceber as ostensivas offertas de setembro. Os discursos do conde Czernin foram sempre declarados pouco sinceros.»

Mudar-se-hia, de criterio desde que Hertling acceitasse as quatro bases fundamentaes do pacifismo de Wilson? Impossivel; emquanto Lloyd George estiver á frente do governo, representado por elementos bellicosos. Acontecimentos posteriores affrouxaram a sua auctoridade e até houve um periodo em que se esperou a sua queda; mas, Clemenceau—que em França symbolisa o mesmo espirito aggressivo—estendeu-lhe uma mão amistosa, solidarisando a sorte da França com a da Inglaterra. E assim se perdeu ante a muralha de fé d'estes dois homens o esforço pacifista de Lord Lansdowne.

* * *

Foram agora os recentes triumphos que lhe proporcionaram a sua terceira carta. A America restabeleceu o equilibrio das armas. Como disse Kulhmann, a Allemanha já não póde impôr uma paz victoriosa nos campos de batalha. Porque não consulta-a então n'este momento historico?

A terceira e recente carta de lord Lansdowne, pelo criterio e ponderação que encerra produziu grande emoção em Inglaterra. Grande numero de homens publicos se estão associando ao ponto de vista do seu auctor. E pela importancia que o documento ia tomando, lord Churchill, ministro das munições, julgou necessario responder, reflectindo o parecer dos bellicosos. «A Allemanha só possue apparencias de força; basta aguentar um pouco para vêl-a cahir de joelhos ante os seus inimigos.»

E a phrase tentadora, a promessa gulosa, faz de novo hesitar a questão. Mas, vem Marcel Cachin, que secunda na França Lansdowne, e nega esta asserção. A Allemanha ainda dispõe de 4 milhões de soldados. Ainda que os milhões de fabricas dos alliados produzam com intensidade approximada o material de guerra que pode «grosso modo», comparar-se ao do inimigo, o certo é que o poder dos inventores allemães nem sempre encontra equivalencia entre nós.»

E quanto á resistencia dos povos que dizer? Os descalabros parece que a intensificam. Basta attentar—diz o illustre deputado e senhor pacifista Cachin—na temperatura moral do povo teutonico, ante as victorias de Foch, lendo o recente e energico manifesto dos sindicalistas.

«Lord Lansdowne—accrescenta—pergunta se a guerra não durou já bastante e se os objectivos que os alliados tinham estabelecido não estão conseguidos. Em todo o universo se reclama a paz com interesse; entre os nossos inimigos como entre nós mesmo. Não só porque todos tomamos nota do caracter tragico que as perdas de existencias humanas vão tomando, mas tambem porque a esta reflexão de ordem sentimental se unem raciocinios e conclusões tiradas da experiencia de 4 annos. Cada partido poderá obter uma superioridade temporaria no campo de batalha, mas por esse caminho nunca se chegará a uma paz permanente.»

* * *

Todos nós cremos na pureza dos sentimentos e dos ideaes d'estes nobres pacifistas, deputados ou lords, jornalistas ou jornaleiros, que, não tendo de fazer a guerra, fazem a guerra á guerra. Mas, muito do intimo d'alma desejamos que elles continuem em ardua discussão, que dure um anno ou mesmo dois e mais, a fim de dar tempo a que se estrafille, bem estrebuchante, a aguia damninha. Então, sim; todos nós concordaremos que foi uma pena não se ter podido chegar a uma boa conclusão antes d'aquelle extremo de barbarismo ou de victoria, se assim lhe quizerem chamar. Da mesma opinião devem ser Foch, Joffre, Haig, Petain, Mangin e tantos outros a quem,—com os ouvidos affeitos ao ribombar dos canhões e á eloquencia das granadas e dos morteiros,—não chegam as vozes acaloradas dos intrepidos combatentes pacificos da Paz.

Felizmente para elles, e para todos nós.

Dr. José Pontes

De regresso de França, onde foi em missão do governo, chegou hontem á noite a Lisboa o nosso collega de redacção e illustre clinico dr. José Pontes, que se desempenhou brilhantemente do encargo que lhe fôra commettido.

José Pontes vem magnificamente disposto e dentro de dois ou tres dias—talvez mesmo já amanhã—continuará nas columnas da «Capital» a serie dos seus interessantes artigos.

Alcindo Guanabara

Morre este illustre jornalista e politico brazileiro

RIO DE JANEIRO, 20.—Falleceu o grande jornalista e senador Alcindo Guanabara.—(Americana).

O illustre brazileiro que acaba de morrer, contava pouco mais de cincoenta annos de edade, era natural do Estado do Rio de Janeiro e dedicou-se ainda estudante á politica e ao jornalismo, do qual se elevou ás mais altas culminancias. Tendo-o seus paes destinado á carreira medica, fez com grande brilho o curso da Faculdade do Rio de Janeiro, até ao quinto anno.

Mas o jornalismo e a politica fascinavam-o, levando-o a abandonar o bisturi para pegar na penna. Entrou, então, para a redacção da «Folha Nova», onde já collaborava e ahi demonstrou o seu alto valor de plumitivo, escrevendo com egual brilho e facilidade, artigos politicos, litterarios, scientificos sobre artes, industrias, em prosa ou verso.

Quando veiu a Republica foi eleito deputado ás Constituintes e mais tarde senador, pelo Districto Federal, onde foi chefe de partido, director dos jornaes «A Tribuna», «O Paiz» e da «Imprensa» na segunda phase d'este excellente jornal, que o grande jurisconsulto e publicista Ruy Barbosa fundára. Em um dos movimentos politicos, que se deram depois de implantado o regimen que succedera ao segundo imperio, esteve desterrado com outros politicos então em evidencia, entre elles o dr. Barbosa Lima, que foi governador de Pernambuco, deputado e senador por este Estado, pelo do Rio Grande do Sul e pelo Districto Federal.

Alcindo Guanabara esteve por mais de uma vez na Europa e demorou-se algum tempo no nosso paiz, para onde veiu tratar da saude abalada e encontrou melhoras. Era amigo pessoal de alguns dos mais notaveis estadistas francezes, entre os quaes figura o actual presidente do governo francez, mr. Clemenceau, que acompanhou sempre durante a sua visita ao Brazil.

O sr. Alcindo Guanabara era sogro do actual consul do Brazil em S. Luiz, Estados Unidos, que tambem é um jornalista de valor e que exerceu por largo tempo o cargo de secretario da redacção do «Jornal do Commercio» do Rio de Janeiro, a quem enviamos, bem como a toda a illustre familia enlutada a expressão mais sentida das nossas condolencias.

Da guerra e dos exercitos

A offensiva dos alliados

Os francezes atacam n'uma frente de cerca de 25 kilometros, realisando um avanço de 4 — Povoações tomadas, mais de 8.000 prisioneiros

PARIS, 20. — Communicação official de hoje ás 23 horas. — Ao sul do Avre apoderamo-nos de Beuvraignes, depois de porfiado combate. Durante o nosso avanço de hontem entre o Metz e o Oise fizemos 500 prisioneiros. A leste do Oise as nossas tropas atacaram esta manhã as linhas allemãs n'uma frente de cerca de 25 kilometros desde a região de Bailly até ao Aisne.

A despeito da resistencia opposta pelo inimigo, tomámos Lombray e Blerancourdelle e estabelecemo-nos no planalto ao norte de Vassens.

A' direita estão em nosso poder as aldeias de Vezaponi, Tartiers, Cuisy-en-Almont e Osly-Courtil.

Em toda a linha de ataque realisámos um avanço medio de 4 kilometros e fizemos mais de 8.000 prisioneiros.

O numero d'estes ultimos, feitos desde o dia 19 entre o Oise e o Aisne, passa de 10.000—(Havas).

As tropas inglezas repellem um contra-ataque e progridem no sector de Merville

LONDRES, 19.—Communicação britannica.—Ao começo da noite o inimigo contra-atacou as nossas novas posições entre Outterstoene e Meteren. O seu ataque foi completamente mutilisado pela nossa artilharia e metralhadoras. O numero total de prisioneiros feitos n'este dia n'este sector durante a feliz operação de hontem ainda não está averiguado. O exercito inimigo mostrou-se muito activo ao sul do Somme e a sudoeste e norte de Bailleul.

Durante a noite de hontem fizemos prisioneiros no sector de Ayette assim como ao sul do Scarpa, onde as nossas patrulhas fizeram irrupção nas trincheiras do inimigo e penetraram bastante nas suas posições. Ao norte do Scarpa o inimigo tentou um golpe de mão que repellimos, infligindo-lhe perdas.

Durante o dia e a noite de hontem as nossas tropas realisaram sensiveis progressos no sector de Merville; a despeito da resistencia e das metralhadoras inimigas fizemos 45 prisioneiros e trouxemos metralhadoras.—(Havas).

Combates locaes nas margens do Scarpa—Povoações tomadas pelos inglezes

LONDRES, 20.—Communicação britannica da noite.—Durante o dia tiveram logar combates locaes nas duas margens do Scarpa. Ao sul do rio os ataques foram tentados pelo inimigo a certos pontos; as nossas tropas conseguiram restabelecer a leste a sua antiga linha, repellindo-os. Ao norte do Scarpa, apoz um vivo combate durante o qual fizemos prisioneiros, a nossa linha foi ligeiramente avançada a leste de Fampoux.

Durante o dia realisámos um novo ganho de terreno de uma e outra parte do Lys. As nossas tropas apoderaram-se de Epinette e Trouvent a leste de Merville; ao norte de Merville tomaram Vinbeuck e Couronne. O inimigo tentou esta manhã, a nordeste de Locre, um «raid» que foi repellido.—(Havas).

*

A intervenção japoneza

Alto commissario inglez

PEKIN, 19.—Sir Charles Eliot, reitor da universidade de Hong Kong, que pertenceu ao corpo diplomatico, é nomeado alto commissario e plenipotenciario na Siberia e sahirá de Pekin dentro em alguns dias para se dirigir a Vladivostok.—(Havas).

*

A confusão russa

Um novo attentado

AMSTERDAM, 19.—Dizem os jornaes de Varsovia que foi lançada uma bomba á passagem do chefe da policia secreta allemã, o qual não foi attingido. Dois dos aggressores foram mortos; os outros fugiram.—(Havas).

*

Operações no Oriente

LONDRES, 20—Exercito do Oriente.—Actividade da artilharia e os reconhecimentos habituaes. A aviação britannica bombardeou trens e comboios na região de Seres.—(Havas).

Os allemães fazem navios

Informações que teem indiscutivel caracter de authenticidade, affirmam que na Allemanha se prosegue, com febril actividade, na construcção de navios destinados ao commercio, para depois da guerra.

As estatisticas germanicas demonstram que no 1.º de janeiro de 1914 a marinha mercante allemã era de 5.459.296 toneladas. Com a guerra 50 por cento d'esta totalidade não existe e, comtudo, com os navios allemães que se acham em portos neutros, as perdas totaes podem ser avaliadas em dois terços da totalidade.

Os estaleiros navaes da Allemanha teem estado sempre occupados durante a guerra. A nova tonelagem em construcção, segundo as estatisticas authenticas allemãs, eleva-se a 950.000 toneladas.

Alguns barcos se acham em construcção, demonstrando que a reconstituição da frota foi seriamente prevista. Assim, em Hamburgo, está sendo construido para a Amerika-Linie, o «Bismark», de 56.000 toneladas; o navio com turbinas «Tirpitz», de 32.000 e tres outros de 22.000 toneladas cada um.

Em Bremen, acham-se em construcção nove vapores, dos quaes quatro deslocam 18.000 toneladas cada um.

Em Flensburg, estão no estaleiro, tres grandes paquetes e mais dois vapores de 13.000 cada um.

Em Geestemunde, fazem-se dois grandes «cargos» de 17.000 toneladas para o trafico do canal de Panamá.

A Hamburg-South Amerika Linie tem em construcção quatro grande «cargos» e o «Cap Polonio» de 18.000 toneladas.

Em Stettin estão em construcção o «Columbus» e o «Hindenburg», de 35.000 toneladas cada um; o «Muenchen» e o «Zeppelin», de 16.000 e doze outros barcos de 12.000 toneladas cada um, para o Norddeutscher Lloyd.

Em outros estaleiros estão a fazer-se seis navios para a Afrika Linie, doze para a Hansa Linie e dez para a Kosmo Linie, cuja tonelagem varia de 9 a 13.000 toneladas.

Os Estados-Unidos na guerra

O colossal esforço feito pela grande Republica

São titanicos os esforços realisados pelos Estados Unidos para a guerra. Nos estaleiros estabelecidos cerca de Philadelphia estão em construcção 5 navios, empregando 30.000 operarios. Estão concluidos na grande Republica 728 estaleiros e estão em via de conclusão 45. Em 72 estaleiros fabricam-se actualmente navios de aço, em 80 outros estabelecimentos trata-se activamente da construcção de navios de madeira, dedicando-se os restantes á construcção de barcos de cimento armado. Estavam promptos a ser lançados á agua oito navios de aço, sommando 48.250 toneladas e cinco barcos de madeira com um deslocamento de 19.400.

Do maior dos estaleiros do mundo sahiu a 5 do corrente o primeiro barco de uma série de 180 que devem estar concluidos em agosto de 1919.

O ministro da marinha communica que firmou um contracto para a construcção de 28 navios addicionaes de madeira, para carga, de 3.500 a 4.000 toneladas cada um e do novo estaleiro situado na costa do Atlantico foram lançados ao mar oito navios de 8.500 toneladas cada um, tendo anteriormente sido postos a nado barcos analogos dos estaleiros da costa do Pacifico.

Ha pessoal sufficientemente organisado nos centros de instrucção, que podem facilitar 48.000 homens perfeitamente aptos para exercerem a navegação.

Em Nova York, em abril de 1917 o governo tinha adquirido 366.392 animaes de carga, 27.000 motocycletes, 25.874 auto-cars, 9.800 ambulancias de motor para uso do exercito, 75.000 vagons para passageiros e transporte de material de tropas.

Desde que os Estados Unidos entraram na guerra teem-se fabricado 2.750.000 espingardas, 796 metralhadoras, fabricando-se todos os mezes 25.000 granadas de mão e um milhão de balas para espingarda.

O ultimo pedido de carne feito pelo governo norte-americano foi collossal, ascendendo a 49.750.000 kilos de presunto, 67 milhões de kilos de carne em latas, importando em 155 milhões de dollars, que devem ser entregues antes de janeiro de 1919. Para dar cumprimento ao pedido consomem-se 900.000 bois e 1.200.000 porcos.

O campo de aviação estabelecido ao sul dos Estados Unidos, depois da declaração de guerra, contava, em uma semana 4.000 homens e n'um anno receberam instrucção 110.156 soldados e 2.200 officiaes.

O ministro da fazenda participa que a União fez novos emprestimos aos alliados que se elevam á somma de 122 milhões de dollars. A França recebeu 10 milhões, a Belgica 9 milhões e a Servia 3 milhões. O total dos emprestimos feitos eleva-se a 6.409.000.000.

Uma prova do desejo que anima os Estados Unidos em cooperar na lucta contra os imperios centraes deram-a os pelles vermelhas, alistando 8.000 indios no exercito e concorrendo com 33 milhões para o emprestimo.

No outomno haverá para a lubrificação de motores para aeroplanos oito milhões de litros de oleo de castor de producção americana, tendo sido obtida a semente da California.

Em Cuba, Santo Domingo e outros paizes o governo americano, apoderou-se em no mez de julho das redes telegraphicas e telephonicas, ficando assim sob a sua jurisdicção o systema mais extenso de communicações do mundo.

Os donos dos hoteis e restaurantes foram dispensados de empregar trigo até que se faça a colheita do anno actual, visto que os paizes alliados teem assegurada a questão das subsistencias.

Ficou approvada pelo Congresso uma lei mediante a qual os recursos immensos em homens estarão disponiveis para fins de guerra.

Os planos militares do governo para a participação dos Estados Unidos na intervenção alliada na Siberia estão terminados. Serão enviados soccorros economicos á Russia e reforços ás tropas tcheco-slavas que estão actualmente sendo atacadas por forças allemãs e austriacas, compostas dos antigos prisioneiros de guerra.

O nucleo das forças expedicionarias americanas encontra-se a caminho. As forças enviadas pelos Estados Unidos reunem-se nas Filippinas.

Está ultimado o plano de installação de machinas em França para a reparação dos canhões de grande calibre.

As officinas americanas custarão 25 a 30 milhões de dollars.

Até agora, as baixas do exercito americano em França excedem de 10.500.

Estes dados, que respigamos de jornaes hespanhoes são, fornecidos por passageiros do vapor «Mourrerrati», chegado ultimamente a Cadiz.

UMA FIRMA EMPREHENDEDORA E INTELIGENTE

A CASA BORGES & IRMÃO

Uma obra que honra o Porto commercial—Uma historia de trabalho e energia que é um grande exemplo a seguir—Da opportunidade de uma visita de estudo

De passagem pelo Porto, a velha e nobre cidade tão conhecida e apreciada pela sua intelligente actividade commercial e industrial, não podia o nosso enviado deixar de visitar algumas das suas mais importantes casas, e nunca, como d'esta vez, caberia bem aqui o celebre proloquio francez — «à tout seigneur tout honneur» — visto ter iniciado as suas visitas de estudo por uma das mais antigas e acreditadas casas da nobre capital do norte, a firma Borges & Irmão, exportadora de vinhos e agente bancario.

De facto, nenhuma como ella attinge n'este momento de lucta, em que a victoria está para os mais audaciosos e intelligentes, uma tão grande opportunidade de interesse para o estudo e observação de um jornalista verdadeiramente consciente dos seus deveres profissionaes.

Vendo dia a dia subir nos mercados estrangeiros a cotação dos seus apreciados vinhos, de que tão rica é em variedade e pureza a região do norte, attingiu hoje a casa Borges & Irmão um maximo de prosperidade e credito commercial que é bem o digno e logico remate de uma grande e bella missão, exemplo de trabalho, persistencia e honradez que mui justamente causa o orgulho do Porto commercial, unanimemente elogioso para essa dignificadora historia de energia, que é a historia da casa Borges & Irmão.

Modestamente fundada em 1881 pelos dois irmãos Antonio Neves Borges e Francisco Neves Borges, nunca como a elles se podia applicar com mais propriedade aquella velha parabola do feixe de vimes com que um pae previdente, em vesperas de morrer, demonstrava a seus filhos quanto pode a união da familia posta ao serviço de qualquer causa.

Trabalharam muito estes dois irmãos, raros de encontrar no mundo tão amigos e tão zelosos dos seus mutuos interesses. E em cada anno, vendo crescente o desenvolvimento da sua casa, pouco a pouco invadindo as lojas dos visinhos pelas necessidades do seu movimento, os dois irmãos, confiados no futuro, dividiam por outro ramo de negocio, bem diverso do do seu primitivo officio de banqueiros, uma actividade incansavel posta ao serviço de mais culta e previdente intelligencia.

Nasceu assim a exploração de outro commercio, celebre e de honrosas tradições na capital do norte—o dos vinhos.

Villa Nova de Gaya viu um dia com pasmo erguerem-se nos seus terrenos, sobranceiros ás alcantiladas margens do Douro, os maiores armazens de vinhos que mãos de pedreiros ali teem erguido desde que tal commercio invadiu a pittoresca villa que deu nome á nossa terra.

As modelares installações de vinhos da casa Borges & Irmão — Uma visita aos seus armazens—Uma colmeia de operarios

Os maiores armazens e os melhores. Estudadas lá fora pelos seus fundadores e constructores estas installações de vinhos da casa Borges & Irmão são um verdadeiro modelo no genero, methodicamente divididas digno escrinio das verdadeiras preciosidades que encerram, velhissimos vinhos que as mesas regias disputam, carreados das quintas do Pinhão, da Regua e do Sobral nos ancestraes carros de bois, ou rebocados pelo vento rio abaixo nos tão curiosos barcos rebelos, ao som das melopeias alegres dos arraes compassadas pelo bater rithimico dos longos remos de espadana, auxiliando a vela quando o sopro da brisa affrouxa.

Que de maravilhas ali encerradas, diariamente sahindo no ventre dos navios para os mercados estrangeiros que os pagam por alto preço e diariamente abastecendo de novo os depositos immensos, reproduzindo assim, para o trabalho da grande colmeia operaria que ali ganha o seu pão, a lenda do tonel inexgotavel das Danaides, vastissima adega de Pantagruel onde podiam desedentar-se á vontade as guellas de um exercito sem receio de exgotar o riquissimo e cubiçado liquido!

E', pois, de assombro a primeira impressão do visitante ao pôr pela vez primeira ali os pés.

Depois percorrem-se um por um, todos os armazens, a secção de engarrafamento automatico enchendo por dia 4.000 garrafas, os filtros complicados, as machinas registradoras de rolhas, o armazem dos toneis, um dos quaes comporta nada menos de cincoenta e sete mil litros de vinho, os armazens annexos do azeite, onde a temperatura abafadiça contrasta singularmente com a atmosphera gelada da cripta das adegas, tão favoravel á conservação dos vinhos velhos, e comprehende-se sem custo o respeito devido á velhice quando nos dão a provar, religiosamente, no copo proprio, de crystal, um nectar de longa edade, contemporaneo do cêrco do Porto ou da invasão dos francezes, que nos esquenta o sangue e nos faz pensar com espanto que ha lá fóra, na França caprichosa, na severa Inglaterra ou na pratica America, bolsas de humana gente, capaz de despejar uma fortuna por uma só das garrafas que encerram semelhante ambrozia, roubada decerto ás provisões dos velhos deuses epicuristas do esquecido Olympo!

Semeadas por todo o mundo, pela Africa e pelo Brazil pela Inglaterra e pela França, onde as cotações dos vinhos d'esta firma teem ultimamente alcançado cifras prodigiosas, multiplicam-se as agencias da casa Borges & Irmão, os seus caixeiros viajantes a toda a parte levam, n'uma intensa e infindavel propaganda patriotica, o conhecimento dos nossos vinhos, fonte inexgotavel de riqueza que estes dois irmãos de talento souberam em seu proveito tão intelligentemente captar, e assim o nome da cidade invicta, mais que pelas suas tradições historicas ou pela gloria de alguns dos seus filhos illustres, pela fama dos seus vinhos e pela honradez proverbial dos seus homens de negocio se tornou universalmente conhecido e apreciado, honra e orgulho legitimo da casa Borges & Irmão, sem duvida uma das de mais rasgada iniciativa na trabalhadora capital do norte.

Linha de Cascaes

Entra ámanhã em vigor o novo horario da linha de Cascaes, agora explorada, como se sabe, pela Sociedade Estoril. Haverá 15 comboios ascendentes e outros tantos descendentes.

A proposito, vem dizer que os melhoramentos já em via de execução no Estoril são importantes e demonstram bem que a Sociedade está animada do louvavel desejo de concorrer para o desenvolvimento do turismo em Portugal.

A electrificação da linha, immediatamente apoz a guerra, dará logar, como é facil de prever, a que a população de Lisboa, que já hoje, sem commodidades, prefere as praias dos Estoris e Cascaes, n'um futuro proximo não emigre para outros locaes, havendo até quem abandone a cidade e vá para ali residir durante todo o anno.

No proximo domingo abrem já, conforme o annuncio que inserimos, as thermas do Estoril, o que representa mais uma commodidade para os veraneantes.

O ouro em Hespanha

O Banco de Hespanha tem augmentado consideravelmente as suas existencias de ouro, que só de 10 a 17 de agosto se elevaram de 2.167.18 milhões de pesetas a 2.175.20 milhões, isto é, tiveram o augmento de 1.802 milhões em sete dias.

O saldo de conta de thesouraria passou de 51.17 milhões para 99.53 milhões e os beneficios realisados passaram de 10.8 milhões para 10.68 milhões.

NATURISMO

Tomemos banho...

João Chagas, que foi um genial chronista, disse um dia n'uma carta para o «Primeiro de Janeiro»: «Só toma banho quem é feliz.» Pedindo licença para voltar á idéa, replicarei que, com maior propriedade, se deve escrever: Para ser feliz é necessario tomar banho.

De mais é conhecida a idéa sublime da purificação corporea em todas as religiões humanas. As abluções fazem-se em todos os ritos. O banho teve palacios nas antigas humanidades. Foram templos d'arte na Grecia e Roma antigas e nas velhas civilisações egipciacas e orientaes. Ao lado dos Pagodes e das Mesquitas havia o Balneum. E, ainda hoje na religião catholica, os fieis só com a ponta dos dedos tomam a agua benta simbolicamente.

O banho é o estar bem com a Natureza que offerece a agua, nos libertá das impurezas. Aquelles que adoram a agua na bebida restauradora e unica, ou no logão diario e simples celebram um contracto de amor com a Natureza.

Ideias de paz e de belleza, de bondade e de fé necessariamente hão de germinar nas suas almas. A conquista da felicidade faz-se assimilando, em simbiose, a agua nas celulas organicas! E' que o sangue só se prepara assim para a normalidade. O melhor, o unico remedio é a agua que a Natureza nos offerece: se nós somos talento partes d'agua na nossa Constituição molecular.

Falla-em Lisboa, no Parque Eduardo VII, ao cimo da Avenida, um grande balneario com todos os predicados para o publico, mandado construir pela Camara Municipal. Assim se começaria a ensinar o povo a tomar banhos, a depurar-se, a deitar fóra muita celula epidermica velha e expulsar do corpo muita substancia morbida.

A felicidade, creio-o, inicia-se bebendo agua e tomando banho... O momento é propicio á iniciação hidrotherapica.

Dr. Amilcar de Sousa

Instrucção Militar Preparatoria

SOCIEDADE N.º 2—E' convocada a assembleia geral ordinaria para o dia 24 do corrente, pelas 21 horas, na séde, rua do Quando Mór, 39, para eleição do novos corpos gerentes.

Não se realisando, por falta de numero, fica desde já feita a 2.ª convocação para o dia 1 de setembro, pelas 14 horas.

TOURADAS

ALGÉS—Começou hoje na bilheteira da praça dos Restauradores a troca dos talões das circulares por bilhetes baratos para a corrida que no proximo domingo é a classe dos alfaiates e sapateiros realisa na praça d'Algés.

E' corrida destinada a um successo de gargalhada, pois, entre outros numeros de sensação, ha o debuto de artistas que são alfaiates e sapateiros e a apresentação pela «troupe» de Antonio Preto nos clássicos intervallos burlescos «Sete alfaiates para matar uma aranha» e «Sapateiro do largo da Graça».

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

CLASSE DOS OURIVES—Reuniu a commissão executiva delegada da classe dos ourives para continuação dos trabalhos iniciados para a alteração da taxa que lhe foi ultimamente lançada.

Foi largamente apreciado o projecto da representação que vae ser apreciada na assembleia magna que se effectua na proxima quinta-feira na Associação dos Lojistas, á qual assistirá toda a classe.

Tambem se deliberou constituir a secção do seu ramo de harmonia com a doutrina do estatuto da A. C. de Lojistas de Lisboa.

Theatros

Cartaz de hoje

SÃO LUIZ—A's 21,30—«Os mineiros». TRINDADE—A's 21,30—«O gato maltez». GYMNASIO—A's 21,15—«Marionettes». APOLLO—A's 21,30—«A revolta». EDEN—A's 21,30—«A trombeta da fama». POLYTHEAMA—A's 21,30—«Salada russa». AVENIDA—A's 21,30—Madame Eva somnambula.

Animatographos, concertos e variedades—Central, Olympia, Colyseu dos Recreios, Chiado Terrasse, Foz, Condes e Salão da Trindade.

Nota do dia

Se não fosse o fim altruista da festa, a corrida do ultimo domingo na praça do Campo Pequeno prestava-se a variados commentarios no que respeita a theatro, unico assumpto debatido n'esta secção. Assim já na anterior, Henrique Alves tinha pontificado no logar do velho Bettas, agora presidido por Esculapio. Fizeram as cortezias algumas das nossas mais encantadoras actrizes e dada a hypothese que o presidente da Republica não tivesse assistido, teria ella sido presidida pela interessante Estelvina Serra o que deu causa, a dar curso a varios boatos, a que algumas das suas collegas não quizessem ir brincar com as flôres.

Não ha duvida alguma que o recinto é tudo o que ha de mais apropriado para uma batalha de flôres e se, a sério, não commento o caso, é simplesmente por dois motivos. O primeiro porque o fim, que se destinava a festa é altamente sympathico e absolve, por completo, a infeliz idéa da tal batalha. O segundo, a esperança que tenho de ainda ver em qualquer dos nossos palcos, uma peça representada por Jorge Cadete, Theodoro Gonçalves e outros, cavalleiros, sendo regente da orchestra o Segurado, fazendo de «ingenua» o Romão Gonçalves e a assistencia constituida pelos actores e actrizes dos variados theatros da capital. Pensem um pouco e verão que não é utopia, porque, afinal de contas, todos nós andamos trocados...

Alvaro Lima

Informações

Intitula-se «Do ponta a ponta» a revista-opereta que Machado Correia e Accacio Antunes escreveram para o theatro da Trindade e deve subir em breve á scena. Da musica estão encarregados Luiz Filgueiras e Alfredo Mantua.

Réclames

Commemorando a passagem pelo Gymnasio dos distinctos artistas Palmyra Bastos e Eduardo Brazão, deve ser em breves dias inaugurada uma lapida no atrio do elegante theatro, prestando o seu concurso a esse acto grande numero de artistas de todos os theatros de Lisboa.

Como sempre, o Gymnasio, será então representada a lindissima comedia de Wolff «Marionettes», o grande exito d'esta temporada, peça em tudo digna de ver-se, graças ao esplendor da sua encenação ao seu admiravel desempenho e ao luxo do seu guarda-roupa, sendo alem d'isso o seu entrecho de uma alta moralidade.

—A «Salada russa», no Polytheama, continúa a obter o «record» das enchentes. Esta noite marca a 80.ª representação. O quadro novo «Comes e bebes», que actualmente constitue o eixo da revista, e os seus numeros do «Boa Nova», «A menina do Totó e o civico», a «Irmandade de Santo Amaro», etc., lá a vão fazendo singrar com o rumo seguro para ao cem, que são tão fatáes como um destino.

—Pagina evocadora, soberba de verdade e empolgante de enthusiasmo; lindo quadro animado de historia universal, aquello em que o auctor de «A Revolta» faz desfilar ante os olhos e pela memoria dos espectadores uma das grandes passagens da vida da Humanidade:—o da «Revolução Franceza». E' que Alberto Barbosa e os seus cooperadores sabem fazer, arte sem baixarem o nivel dos seus processos, não se tornaram suspeitas as suas intenções. O quadro e que nos referimos é modelarmente composto.

—O interior d'uma mina não é coisa que se torne accessivel a curiosidade de qualquer. Poucos mesmo sonharão a tragedia escura que encerra a vida dos mineiros a quem ella diariamente e cabiçados productos de que se arrancam á terra os cabedaes civilisação. Desta pode ser aproveitado o ensejo que a empreza do São Luiz faculta com a representação de «Os mineiros» de uma digressão ás entranhas da terra.

Portugal no cinematographo

Um «film» da serra da Estrella

Promovida pelo Conselho de Turismo realisa-se amanhã, ás 16 horas precisas, no Chiado Terrasse, a exhibição d'um «film» sobre a serra da Estrella, o primeiro trabalho d'esse genero, tirado n'esse meio e em que se obtida por mr. Bené Moreau, operador da casa Pathé.

Como se sabe, mr. Moreau, encarregado pelo Conselho de Turismo, esteve no nosso paiz, que percorreu a fim de colher elementos para fazer tornar conhecidas as nossas bellezas naturaes.

O Conselho de Turismo fez numerosos convites para a exhibição d'amanhã.

SPORT

O funeral do athleta Padinha

Noticiámos hontem que o funeral do athleta Francisco Padinha se realisaria em Pinheiro de Loures, localidade onde elle estava residindo. Mas um grupo de amigos, tendo á frente Callejo e Jorge Leitão, deram os passos necessarios para que o seu corpo fosse transportado hoje de manhã para a séde do Sporting e d'ali se organisasse o cortejo funebre, prestando assim a ultima homenagem ao athleta tão querido entre nós.

Tambem o Gymnasio Club, juntamente com o Sporting, collaborou n'esta manifestação ao seu socio, que se devia realisar pelas 17 horas.

A' hora de fecharmos o nosso jornal, dizem-nos que é grande o acompanhamento e que quasi todas as collectividades sportivas se fizeram representar.

Como nos fosse impossivel assistir a esse acto, delegámos no nosso amigo Francisco Callejo, a representação da «A Capital», na ultima manifestação ao athleta Padinha.

«Taça Henriques de Seixas»

Realisa-se no proximo domingo, pelas 18 horas, no caes do Club Naval de Lisboa, a prova de natação, 100 metros, por «equipes», para disputa d'esta taça.

Para essa prova inscreveram-se o Club Naval de Lisboa e Sport Algés e Dafundo.

Pelos clubs

(*Communicações officiaes*)

Foot-ball Club Barreirense

Com o fim de desenvolver o sport e fazer a propaganda do magnifico exercicio, que é o «foot-ball», na villa do Barreiro, o Foot-ball Club Barreirense, agora aggremiação desportiva legalmente constituida, resolveu fazer disputar em campeonato, uma taça denominada «Barreiro».

Este campeonato é feito sob o actual regulamento da Associação de Foot-ball de Lisboa, e são as condições seguintes:

Cada club inscrever-se-ha com um grupo de jogadores, socios d'esse club, que não tenham sido inscriptos na A. F. L. em 1.as cathegorias, na epocha finda ou seja a epocha de 1917-1918.

Será formada a direcção d'este campeonato, por um delegado de cada club inscripto, que entre si elegerão o presidente.

O sorteio para a organisação do respectivo calendario e nomeação dos respectivos juizes de campo, será feito na séde do club organisador, no dia 1 de setembro p. f. e a este acto deverão assistir os delegados dos clubs inscriptos, e na falta d'estes, perante a direcção do club organisador, que depois enviará o resultado aos clubs inscriptos.

O Foot-ball Club Barreirense, auxiliará com a importancia de metade das passagens, todos os clubs de fóra do Barreiro, por cada vez que tenham desafio.

A abertura do campeonato é no dia 8 de setembro p. f.

Cada club fará inscrever um juiz de campo.

Este campeonato, visto ser disputado sob o regulamento da A. F. L. é jogado a 2 derrotas. Ao Club que faltar, será marcada uma derrota.

Todos os desafios serão jogados no campo do Club organisador.

A taça será entregue ao club vencedor, no desafio final do campeonato.

*

O Foot-ball Club Barreirense convida todos os clubs organisados a inscreverem-se n'este campeonato, e visto serem todos os desafios jogados no seu campo, annuncia que ha, para o Barreiro carreiras de vapores, que partem do Terreiro do Paço ás 13 e 14,30 horas e do Barreiro para Lisboa, ás 20,10 e 21,50.

A taça é exposta, por estes dias, na casa «Loja Modelo», no Rocio, 4 e 5.

A inscripção encontra-se aberta, encerrando-se no dia 31 do corrente.

Velo Club

Para eleição dos seus corpos gerentes reuniram, na segunda-feira, em assembleia geral, os socios d'este club, dando o resultado seguinte:

Assembleia geral: presidente, Antonio Nunes Soares Junior; 1.º secretario, Luiz de Campos e Sá; 2.º, Alberto Rebocho Costa. Conselho Fiscal, J. J. Mendes Arnaut, Sebastião R. Tenorio d'Oliveira, Carlos Gonçalves, Carlos Bazilio d'Oliveira, Manuel Cartaxo.

Direcção: presidente, Idomeu Rocha; thesoureiro, Carlos Rodrigues; 1.º secretario, Armando de Brito; 2.º, Gil Lourenço; 1.º vogal, Julio Camello; 2.º, Eduardo Gonçalves; 3.º, Armando Alvaro Martins; Carlos Affonso, Manuel Portela, Carlos Thomaz Lopes.

Amora Foot-Ball Club

Realisou-se no domingo passado, conforme noticiámos, o desafio de «foot-ball» entre o Amora Foot-Ball Club e Portugal Foot-Ball; arbitrando o sr. Rogerio Pires, e vencendo o Amora por 2 «goals» a 1.

Noticias diversas

Fala-se em que na proxima epoca de «foot-ball» apparecerão mais dois «teams» de «foot-ball» de primeiras categorias a disputar o campeonato.

—O conhecido professor de gymnastica sr. Arthur dos Santos acaba de abrir uma classe de gymnastica para creanças de ambos os sexos em Cascaes, encontrando-se muito inscriptos.

—E' no domingo que fecha a inscripção para a Travessia do Porto a nado, devendo os boletins de inscripção ser enviados á Avenida Rodrigues de Freitas, 278, 1.º.

—Continuam animados no Club Naval de Lisboa os treinos e ensino do remo superiormente dirigidos pelo conhecido «sportsman» sr. Albano dos Santos.

—Fecha depois de amanhã, pelas 21 horas a inscripção para o campeonato do Walter-Polo de segundas cathegorias, organisado pelo Sport Algés e Dafundo, disputando-se a «Taça Gloria».

—Parece que na primeira quinzena de setembro se realisa um festival sportivo a favor dos mutilados da guerra.

A. de Campos Junior

O Japão e a marinha mercante

Em dois annos a marinha mundial terá reparado as suas perdas

M. Huchida, ministro das communicações do Japão, fez, durante uma reunião no Club da Marinha Mercante, em Kobé, interessantissimas declarações.

Depois de ter recordado em que condições nasceu a marinha japoneza, explanou em poucas palavras os inicios de construcção maritima no Imperio do Sol Nascente, e disse:

—Ha seis annos, assisti ao lançamento solemne d'um barco de 700 toneladas. Hoje os navios de 10.000 toneladas que saem dos nossos estaleiros, não são raros.

Pode-se considerar como certo, que a marinha japoneza terá uma grande actividade, até que a marinha mundial esteja recomposta. Actualmente, no Japão, existem quarenta e cinco estaleiros de construcções navaes.

A guerra russo-japoneza fez-nos nutrir a ambição de attingirmos um milhão de toneladas. A guerra europeia teve tambem a maior repercussão no desenvolvimento da marinha japoneza, pois mais de dois terços da marinha mundial acham-se monopolisados pelas necessidades da guerra. O total da marinha do mundo eleva-se a 49 milhões de toneladas, de vapores. Para a navegação commercial, a do Japão é egual á da Noruega. A politica da Noruega aconselha-a a tratar barcos construidos no estrangeiro, ao passo que a Inglaterra tenta construir ella propria as suas unidades navaes.

Escusado será dizer que o Japão entende seguir o exemplo da Inglaterra.

Examinando o futuro, o ministro affirmou:

—Pode-se dizer que as perdas causadas pela guerra na marinha mercante mundial estarão reparadas, dois ou tres annos após a conclusão da paz.

E' interessante colocar em parallelo estas declarações com algumas indicações que se prendem com o emprego da marinha mercante japoneza.

Ha tempos, 698.000 toneladas eram utilisadas pelo Japão; fóra dos seus mares: 57 navios de 190.000 toneladas nos mares do Mediterraneo, 42 navios e 230.000 toneladas na America do Norte; 37 navios e 143.000 toneladas nos mares do Sul e o resto no Atlantico Norte, nas Indias e na Australia.

Transportes maritimos

Vinhos para França

Recebemos o seguinte bilhete postal: «Sr. redactor.—A sua publicação de ha dias sobre o mau aproveitamento do vapor «Congo» parece que produziu um pouco de resultado visto que hoje os Transportes Maritimos dos dão o vapor «Lagos» para ir a Rouen levar os nossos vinhos. Isto ao cabo de 2 mezes de paralysação total. Agora, sr. redactor, é preciso que v. saiba que este «Lagos» tem apenas capacidade para 2.800 cascos e que aos Syndicatos Agricolas é concedida praça para «2.000 cascos» ficando apenas 800 para todos os demais exportadores, o que naturalmente vae caber 1 por conto no rateio! Emfim, uma moralidade a toda a prova.—um seu antigo leitor».

Quadros da Historia de Portugal

D'este magnifico album, edição da papelaria Guedes & Saraiva, da rua do Ouro, está publicado o capitulo 73, que vem, como os anteriores, soberbamente illustrado.

Já por differentes vezes nos temos referido a esta publicação, uma das mais luxuosas que ultimamente teem entre nós apparecido. Como se sabe, os desenhos são reproducções de aguarellas dos dois illustres artistas Roque Gameiro e Alberto Souza.

Publicações recebidas

PROCURAL—Sahiu mais um numero d'esta revista de jurisprudencia, dirigida pelo sr. M. d'Agro Ferreira. E' a folha 9 do numero 11, concluindo brevemente a parte restante.

Ultimas noticias

A GUERRA

EM AGUAS PORTUGUEZAS

Submarino allemão afundado

pelo caça minas "Augusto de Castilho"

Vindo dos Açôres, com escala pela Madeira, entrou esta manhã o vapor «S. Miguel», trazendo um importante carregamento de productos açoreanos e elevado numero de passageiros.

O vapor, que vinha comboiado pelo caça-minas «Augusto de Castilho», tinha já entrado na bahia de Cascaes. O caça-minas, que vinha um pouco atraz, estava a 10 milhas a oeste de Cabo Raso, quando descobriu á distancia de 1.000 metros um grande submarino allemão.

O commandante, 1.º tenente sr. Oliveira Pinto, ordenou immediatamente que se abrisse fogo contra o barco inimigo, sendo disparadas em curtos minutos 22 granadas, tres ou quatro das quaes acertaram, pois que se viu o submarino descambar um pouco para o lado, desapparecendo em seguida.

O submarino estava tão proximo que se viu distinctamente um dos tripulantes correr da prôa para a ré.

O combate deu-se pelas 6 horas, não soffrendo o «Augusto de Castilho» avaria alguma.

Os tiros foram regulados pelo commandante, sendo chefe da peça o 2.º sargento artilheiro sr. José Ribeiro Nobre.

A offensiva dos alliados

Quatro ataques allemães repellidos—Novos progressos inglezes

LONDRES, 20.—Communicado britannico:—Hontem, á noite, executámos com exito uma operação entre Vieux-Berquin e Outtersteene (?), á direita da região em que recentemente progredimos. N'este sector avançámos a nossa linha até ás proximidades da estrada de Vieux-Berquin a Outtersteene, fazendo 192 prisioneiros.

Na noite passada o inimigo atacou por quatro vezes os nossos postos avançados, estabelecidos a nordeste de Chilly, sendo repellidos todos os seus tentativas. Executámos felizes «raids» contra um posto allemão a oeste de Bray. De noite, as nossas patrulhas realisaram novos progressos no terreno entre Lawe e Lys, chegando a leste da estrada de Paradis a Merville.—(Havas).

Aldeia occupada pelos francezes—Os aviões allemães bombardeiam Nancy

PARIS, 20.—Bombardeamento recíproco na região de Lassigny e de Drosliucourt. Entre o Oise e o Aisne as tropas francezas occuparam esta noite a aldeia de Vassens, a noroeste de Morsain. Um golpe de mão inimigo a oeste de Moisons-en-Champagne, não obteve resultado. A noite foi calma no resto da linha de batalha. Os aviões allemães bombardearam Nancy, na noite passada, causando 6 mortos e alguns feridos na população civil.—(Havas).

*

Os allemães na Finlandia

Modificando a organisação do commando supremo

STOCKOLMO, 20.—Telegramma de Helsingfors que foi modificada a organisação do commando supremo na Finlandia, sendo nomeado chefe do exercito finlandez, o general Wilkman e chefe do respectivo estado maior o coronel allemão von Redern. As operações das forças navaes ficam subordinadas ás indicações do estado maior.—(Havas).

A Hespanha e a Allemanha

As declarações do sr. Dato

Trechos de um artigo de «El Sol»

De dia para dia se vae tornando mais grave a situação da Hespanha ante a attitude da Allemanha, preoccupando se como nunca a opinião publica e a imprensa com a solução do problema.

O sr. Dato, ao receber no sabbado, em San Sebastian, varios jornalistas, manifestou-lhes achar-se contrariado pelo empenho com que certos jornaes teem alludido á questão internacional, provocando na opinião um alarme despedido, em seu juizo, de todo o fundamento.

Disse o ministro dos negocios estrangeiros que o criterio do governo, desde o começo da guerra europeia, tem sido o de manter a Hespanha neutral, e que nada tem occorrido para que tenha de rectificar-se essa linha de conducta, que conta com a opinião unanime do paiz.

Acha lamentavel que se queira produzir esse alarme, quando o governo só acha formado por homens de diversas filiações politicas, unidos por um dever de patriotismo, mas que quer não tem a manutenção da neutralidade, uma vez que esta não se oppõe á defeza dos interesses nacionaes nem á dignidade do paiz, segundo fez notar o sr. Maura, no ultimo conselho presidido pelo rei.

Não pode facilitar o texto da famosa nota da opinião publica, porque tal nota não existe, e não é pratica seguida em paiz algum entregar á imprensa copia das instrucções que os governos enviam aos seus representantes no estrangeiro.

Crê que o governo do que faz parte tem direito a que a opinião n'elle confie e crê tambem que os jornaes devem abster-se de dizer aquillo que a sorte ou a inferioridade evitar, para não occasionar as disparatadas, que tanto damno causam á tranquillidade da nação.

Disse ainda o sr. Dato que não é precisamente o que no ministerio dos estrangeiros haja sido dada nota do torpedeamento do vapor «Servantes». Mas se alguem a fornecer, praticou um erro, pois é sabido que esse vapor se incendiou no porto de Nova York.

Terminou dizendo que dado o caso do governo se ver obrigado a adoptar alguma grave resolução sobre esta materia internacional, convocará o parlamento.

Entre os jornaes que não se abstêem, faz com o grave assumpto, destaca-se «El Sol», que no seu numero de segunda-feira publica um artigo de que vamos dar alguns trechos.

Depois de dizer que repetidas vezes tem sustentado que em todos os conflictos provocados pela Allemanha mediante o torpedeamento de barcos hespanhoes, appareceu sempre o principio intangivel em litigio: o principio da soberania de Hespanha, o grande jornal madrileno faz notar que o governo allemão se entregou a uma certa operação a respeito de Hespanha: «Ou me entregas a tua soberania ou te nego a minha amizade».

E acrescenta: «Por desdita do paiz que foi o mais altivo entre todos, os interesses allemães encontraram em terra hespanhola gente que viu em mais alta estima a amizade allemã que a nossa propria soberania.

«Tinha de chegar algum vez este momento de indubitavel gravidade, dentro da politica hespanhola. Estamos assistindo á coroação de uma obra de atrocidades e desmandos continuos, amparada pelo abandono dos governantes, ajudada pelo criminoso fanatismo de uns quantos desventurados e realisada por elementos estrangeiros, de accordo com anarchistas, commissarios de policia, commandantes de porto, morphinomanos, tecedores e propagandistas corrompidos que receberam ordens directas e terminantes. Não se assume nem se encha de assombro o sr. Dato ante os actuaes acontecimentos, são o resultado fatal de uma politica mediante a qual nos mesmos fizemos crer aos allemães que podiam dispor da terra hespanhola, tão fidalga e hospitaleira, como de uma provincia cuja colonisação se lhes encommendava. Abrimos-lhes o caminho e tomavam Hespanha. Homes grosseiros capazes de consentir e impedir a capaz de applaudir o feito: que mais poderia desejar a Allemanha?»

Depois, «El Sol» examina as causas de tudo quanto tem sido feito para levar a Hespanha á situação critica em que ora se encontra em frente da Allemanha, faz considerações inspiradas no mais acendrado patriotismo e termina:

«Não podemos crer que em agosto de 1918 um governo hespanhol, forte, contendo de se seu dever ante a Historia, trema feminilmente ao ver-se ameaçado por um embaixador. Isto deu-se uma vez e impossivel que se repita. Os aviões serão no principio, mas depressa perderam toda a efficacia. Mantenha-se governo na sua attitude de dignificação da nação hespanhola e verá como os hospedes mais levantadiços amansam, os dominadores rendem e os estrangeiros irascundos se applacam. Continuem os processos de espionagem, ampliem-se as intrigas, que o trabalho feito a Hespanha, se um dia, com essombro, quem são os que a escarnecem, quem são os que a desprezam, quem está que jogam com a sua dignidade e o seu direito. E' este o direito da nossa soberania. Eis aqui o problema.

«As notas officiosas que sabem de cá e a embaixada insistem no thema de contrabando. Sim. Muito bem.

«E sobre os contrabandistas... mas do contrabando existe. Pois caia o castigo das leis hespanholas, das nossas leis nos nossos codigos.

Figuemo-as leis allemãs em Berlim, v. ex.ª, respeitavel embaixador da Allemanha, esteja quieto e pense: «Interessa á Allemanha conservar a amizade de Hespanha? Pois que respeite, integra, totalmente, a sua soberania. O problema é de uma admiravel simplicidade».

POEIRA DA ARCADA

Alimentação de presos

O director da Cadeia Nacional de Lisboa insiste com a secretaria da justiça no sentido de que sejam adoptadas urgentes providencias para poder garantir a alimentação dos reclusos. Mais uma vez aquelle funccionario aponta as difficuldades gravissimas com que está luctando.

Secretaria de Estado do commercio

O secretario de Estado do commercio e interino das finanças tenciona sahir de Lisboa, para o norte do paiz, na proxima semana, com demora, apenas, de alguns dias.

Pessoal ferro-viario

Uma commissão delegada do pessoal ferro-viario procurou hoje o secretario de Estado do comercio para pedir que a sua classe tenha representação na commissão encarregada de elaborar as bases d'uma nova regulamentação dos caminhos de ferro. A commissão foi recebida pelo secretario particular do sr. Mendes do Amaral.

Pela instrucção

Vae ser aberto concurso para provimento do logar de contra-ponto e composição da Escola de Musica do Conservatorio de Lisboa, vago pelo fallecimento do sr. Frederico Augusto Guimarães.

Foram exonerados os srs. Luiz da Veiga Otolini, de segundo assistente provisorio da faculdade de medicina de Lisboa; Francisco Veloso Martins, de preparador dos serviços chimicos do Instituto Central de Hygiene, e Casimiro Arthur Vieira, de bedel da faculdade de Medicina de Coimbra.

Archivo dos hospitaes

Foi auctorisado o segundo conservador da Bibliotheca Nacional, sr. Antonio Joaquim Anselmo, a exercer, em commissão, o cargo de archivista dos hospitaes civis de Lisboa.

Trabalhadores de theatro

O secretario de Estado do commercio recebe depois de amanhã, pelas 15 horas, a commissão delegada da Associação de Classe dos Trabalhadores de Theatro, que vae tratar de assumptos de interesse para a mesma classe.

Secretaria da marinha

Assumiu hoje o cargo de director geral da secretaria da marinha o contra-almirante sr. Julio Gallis.

Dr. Alfredo de Magalhães

Parte hoje para o norte o sr. secretario d'Estado da instrucção.

CAMBIOS

Lisboa, 21 de agosto de 1918.

	Compra	Venda
Cheque sobre Londres	30 1/16	29 15/16
90 d/v.	30 7/16	
Cheque sobre Paris	298	299
» Hollanda	860	880
» Italia	220	230
» New-York	1675	1695
» Madrid	410	420
Rio sobre Londres	12 3/8	
Libras ouro	10$060	10$80
Agio do ouro	132 0/0	140 0/0

Azeite apprehendido

Pelo fiscal Augusto Rato, em serviço no concelho de Loures, foram apprehendidos na casa de habitação do sr. dr. Carlos Granja, sita na freguezia da Caldieira, freguezia da Povoa de Santo Adrião, duas talhas com azeite, que não tinha sido manifestado, transgredindo assim o artigo 1.º do decreto n.º 4636 de 13 de julho do corrente anno.

Atropelamento

Foi hontem atropelada por um electrico na rua do Grillo, Joaquina de Nazareth, de 25 annos, domestica, residente no Tojal, ficando contusa n'uma perna.

Echos & Noticias

DR. JOSÉ DA CUNHA BANDEIRA COELHO

Na casa de sua residencia na rua Borges Carneiro, 6, falleceu pelas cinco horas da manhã de hoje, contando apenas 33 annos de edade, o sr. dr. José da Cunha Bandeira Coelho, 1.º official da secretaria do Congresso da Republica, cavalheiro muito estimado na nossa primeira sociedade e funccionario muito distincto e querido por todos os seus collegas.

Estes, como demonstração e muito sentimento, resolveram acompanhar a pé o prestito funebre da casa da residencia do extincto, para o cemiterio dos Prazeres para o que convidam todos os funccionarios dos diversos serviços e cathegorias do Congresso da Republica.

Tenente Costa Cabral

A bordo do caça-minas «Augusto de Castilho», a cuja entrada no nosso porto nos referimos n'outro logar, veiu o cadaver do seu ex-commandante, 1.º tenente sr. Costa Cabral, que, como se noticiou, falleceu na Madeira.

O feretro foi depositado no Arsenal da Marinha, devendo seguir amanhã para Cintra.

Dr. João da Cunha Bandeira Coelho

1.º official da Secretaria do Congresso da Republica

Os chefes e officiaes das Secretarias do Senado e Camara dos Deputados com o maior sentimento participam a todos os funccionarios dos diversos serviços e categorias do Congresso da Republica o fallecimento do seu muito prezado collega dr. João da Cunha Bandeira Coelho, e que resolveram como preito de muita saudade pelo extincto acompanhar a pé o prestito funebre da casa da sua residencia na rua Borges Carneiro, 6, para o cemiterio occidental, amanhã, 22, pelas 3 e meia horas da tarde.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2375 — 9.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Quinta-feira, 22 de Agosto de 1918

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço 2 centavos

Um artigo de "A Situação"

A «Situação» refere-se hoje, n'um artigo absolutamente infeliz, ao caso das monstruosidades policiaes do Porto. E dizemos absolutamente infeliz porque é preciso que esse jornal não esqueça as responsabilidades que lhe acarreta o seu papel de orgão presidencialista, e nunca se poderia esperar d'um jornal n'essas condições a propositada confusão que pretende estabelecer n'um assumpto em que muito especialmente a esse jornal não é licito estabelecel-a.

Para a «Situação» dir-se-hia que o que só tem importancia é a descriminação das attitudes politicas dos jornaes que se teem referido á infamia commettida no Porto. O caso em si só muito mediocremente o commove.

Mas a «Situação» está em presença de factos, factos de que, cada dia, se conhecem novos detalhes, e todos elles de molde a legitimar a indignação publica. Foram ou não foram presos varios republicanos, que a policia conhece como adversos á politica dominante? Foram. Foram ou não, na mesma noite em que a sua captura se effectuou, aggredidos brutalmente no pateo do governo civil a cavallo marinho e a sabre? Foram. Foram ou não postos em liberdade na manhã seguinte, o que prova que só se tinha tido o proposito de os aggredir cruel e cobardemente, vindo para a rua em farrapos e cobertos de sangue? Foram. Estão ou não estão alguns em perigo de vida? Estão. Posto isto, que ninguem pode negar, conclue-se que houve um crime. Esse crime deve ser castigado. Sel-o-ha? Attitudes como a da «Situação», que na realidade só pretende desviar a questão para recriminações politicas, tornariam absolutamente licita a duvida, se ella já não fosse licita por outros factos inegaveis em que se tem demonstrado uma escandalosa impunidade.

Ponhamos os pontos nos ii. O inspector de policia que está á frente d'essa corporação é o sr. Solari Alegro. E' sob a sua auctoridade que se teem commettido as selvagerias policiaes. E duvida acaso a «Situação» d'essas selvagerias? Ha alguem que as verificou, alguem que mandou ao sr. Tamagnini Barbosa, secretario do interior, que tomasse nota das queixas de victimas d'essas selvagerias; alguem, que, n'um arranco de humanidade, por suas proprias mãos abriu as portas da prisão a essas victimas da policia. Esse alguem é o sr. Sidonio Paes. E a «Situação», que é orgão do sr. Sidonio Paes, parece duvidar, e tenta estabelecer a confusão, e introduzir a politica n'uma questão de direito e de humanidade, como se desejasse salvar os repellentes algozes a quem o chefe do Estado já uma vez arrebatou a presa humana.

Oiça a «Situação» o sr. Sidonio Paes. Elle lhe dirá que «coisas horriveis» viu no Porto. E estas agora ainda foram mais horriveis. E em vez de estar a investigar a côr politica dos jornaes que clamam contra barbaridades que nos relegam á condição d'um Estado de Pelles Vermelhas, reclame do sr. Tamagnini Barbosa o resultado do inquerito a que disse ter mandado proceder, no primeiro caso do Porto. E' preciso sabermos se os presos que o sr. Presidente da Republica pôz em liberdade, depois de lhes vêr as carnes rasgadas pelo chicote e pelo sabre, foram aggredidos ou não por espiritos invisiveis. Que é feito d'esse inquerito? Que sancções foram applicadas aos verdugos? Nenhumas! E reclame tambem comnosco a demissão do inspector de policia que tem a responsabilidade d'este caso, visto que são commettidos no corpo que elle dirige, e das duas uma: ou os ordenou, ou as consentiu e cobre, porque nenhuma medida de repressão lhe mereceram.

O sr. Sidonio Paes deve ter-se sentido hoje indignado ao ler o artigo da «Situação», e ao reconhecer que uma tortuosa, jesuitica e desalmada politica os procura pôl-o em chéque, até nas columnas do seu orgão!

Em Hespanha

O sr. Alba ferido n'um accidente de automovel

MADRID, 22.—O sr. Alba e sua esposa seguiam n'um automovel, com o respectivo «chauffeur», a fim de passarem a estação calmosa, de Bilbao para Noja (Santander). Ao passarem proximo de Castro Urdiales, a fim de evitar uma charrette, o auto deu uma volta brusca, do que resultou voltar-se. A esposa do estadista e o «chauffeur» ficaram indemnes. O sr. Alba ficou ferido e os seus ferimentos, excepto os que recebeu n'um braço, offerecem pouca gravidade. E' para notar que o sr. Alba partiu o mesmo braço n'um accidente semelhante acontecido ha pouco tempo.—(Havas)

Da guerra e dos exercitos

Diario da guerra

Os inglezes continuam exercendo pressão em Merville e ao sul do Lys, tentando repellir os allemães das novas linhas para os lados de Laventie. A infantaria tem atacado em ambos os lados do Scarpe e ao norte do Ancre. A batalha da Picardia prosegue sem intervallo de descanço. Entre o Avre e o Oise ao norte e ao sul de Lassigny, e nas alturas a oeste de Noyon, os alliados teem atacado com violencia. Ao sul do Avre os francezes apoderaram-se de Beauvraigne.

Deu-se o ataque que era esperado a leste do Oise, n'uma frente de 25 kilometros, desde a região de Bailly até ao Aisne. Os allemães apresentaram grande resistencia, porque, como dizem no seu communicado, já esperavam esta tentativa ha dias. Apesar das precauções tomadas, os alliados estabeleceram-se no planalto ao norte de Vassens. O avanço medio realisado em toda a linha do ataque foi de 4 kilometros e o numero de prisioneiros feitos é de 8.000.

O marechal Foch continua escolhendo pontos fracos para persistir nos ataques. O inimigo tem reforçado e resistido na linha geral Braysen-Somme-Chambres, Roye-Noyon.

Ludendorff procura todos os meios para salvar a situação.

A offensiva dos alliados

Lassigny em poder dos francezes — 20 aldeias libertadas — Um avanço de 8 kilometros

PARIS, 21.—Communicado official das 23 horas:

Entre o Matz e o Oise, o inimigo, apezar da sua resistencia, recuou sob a pressão energica das nossas tropas. Lassigny cahiu em nosso poder, e, mais ao sul, apoderámo-nos de parte Leplemont (?), conquistámos o bosque d'Orval e avançámos as nossas linhas até aos arredores de Chiry-Ourscamps. A leste do Oise as nossas tropas proseguiram com exito as suas operações durante o dia. A' esquerda, os bosques de Carlepont estão em nosso poder, e dominámos o Oise a leste de Noyon, entre Simpigny e Pontoise. Mais a leste passámos a estrada de Noyon a Coucy-le-Chateau, conquistámos Hamelin e Fresne-Bleucourt, e avançámos as nossas linhas até ás proximidades de St. Aubin.

Desde hontem libertámos 20 aldeias e realisámos um avanço de 8 kilometros em certos pontos.—(Havas).

N'um ataque dado n'uma frente de 10 milhas, os inglezes penetram nas posições inimigas

LONDRES, 22.—Communicado britannico de hontem:—No ataque lançado esta manhã, n'uma frente de 10 milhas desde o Ancre ás proximidades de Moyenneville, as nossas tropas conseguiram, em toda a extensão da frente, penetrar profundamente nas posições inimigas, fazendo numerosos prisioneiros desde o principio do ataque. As tropas inglezas e neozelandezas, acompanhadas de «tanks» e favorecidas pelo nevoeiro, conquistaram as primeiras linhas de defesa inimigas e apoderaram-se das aldeias de Beaucourt, no Ancre, do monte Bucquoy, de Ablainzevelle e de Moyenneville. Mais tarde, as divisões inglezas levaram o seu avanço até ás proximidades do caminho de ferro de Albert a Arras, apoderando-se da aldeia de Achiet-le-Petit, do bosque de Logéast, e de Courcelles-Lecomte, travando-se varios combates ao longo do caminho de ferro.

Repellimos com perdas para o inimigo, um forte contra-ataque a oeste de Achiet. As nossas patrulhas estiveram muito activas em frente de Thepval. Ao norte da nossa linha de ataque avançámo entre os bosques de St. Marc e Mercatel. Em seguida a combates de patrulhas na frente do Lys, a nossa linha foi tambem avançada na visinhança de Tourost, a leste de Pradis, e entre Merville e Outtersteene fazendo-se varios prisioneiros. N'uma feliz operação, que executámos esta manhã ao sul do Locre, fizemos 138 prisioneiros.—(Havas).

Os francezes progridem em toda a linha de batalha

PARIS, 21.—Durante a noite a situação não mudou entre o Oise e o Aisne, não tentando o inimigo qualquer reacção. Esta manhã as nossas tropas continuaram a progredir em todo o conjunto da linha de batalha. Carlepont e Curts cahiram nas nossas mãos. Ganhámos terreno, depois de vivos combates, a oeste de Lassigny, e repellimos muitos golpes de mão inimigo, na Champagne.—(Havas).

Na Romenia

A perseguição aos intervencionistas

BASILEA, 21.—Um telegramma de Bucarest diz que o presidente da commissão parlamentar de inquerito aos actos projecto de lei auctorisando a commissão do ministerio Bratiano, apresentou um a mandar prender os ministros accusados.—(Havas).

De todo o mundo

A morte de Albert Métin

Como noticiou um telegramma da Agencia Havas, morreu repentinamente em resultado d'uma congestão, o deputado francez mr. Albert Métin, que se dirigia aos Estados Unidos na qualidade de chefe da missão franceza.

Completâmos hoje essa noticia dando alguns pormenores biographicos do fallecido.

Mr. Albert Métin nasceu em Besançon a 23 de janeiro de 1871.

Tendo sido um dos mais brilhantes alumnos da Escola Normal Superior, dedicou-se ao estudo scientifico das questões sociaes. Foi um dos mais uteis collaboradores de Mr. Viviani quando em 1916 se creou o ministerio do Trabalho.

Foi n'esta epocha que publicou o seu livro «Socialisme sans doctrine» sobre o regimen do trabalho nas republicas australianas, que tinha visitado no decurso d'uma viagem que fez á volta do mundo e que realisou como pensionista d'uma bolsa de estudos.

Desde 12 de dezembro de 1900, Mr. Métin representava na Camara a 2.ª circumscripção de Besançon. Estava inscripto no grupo radical e radical socialista no Palacio Bourbon. A' sua assiduidade e á suas raras faculdades de trabalho valeram-lhe ser, por varias vezes, encarregado de importantes relatorios e particularmente do relatorio geral do orçamento.

Ministro do Trabalho no gabinete Doumergue, de 9 de dezembro de 1913 a 9 de junho de 1914, retomou a sua pasta em 29 de outubro de 1915, no gabinete Briand, mantendo-a até 13 de dezembro seguinte. N'essa data, Briand nomeou-o sub-secretario de estado das finanças, logar que conservou no governo Ribot.

Em 16 de agosto de 1917 substituiu o sr. Denys Cochin como sub-secretario de estado do bloco e só deixou o poder quando da queda do gabinete Painlevé.

Mr. Métin era doutor em letras, professor no Conservatorio das Artes e Officios, director honorario do Ministerio do Trabalho e membro do conselho superior da Repartição Nacional dos Pupilos da Nação.

Sacerdotes francezes na aviação

Actualmente, nas esquadrilhas aereas francezas, ha uma dezena de sacerdotes que cumprem os seus deveres militares com inteira satisfação dos seus chefes. Um d'elles, actualmente tenente, conquistou o titulo de «az dos az», em razão das suas repetidas proezas aereas.

«E', na realidade, uma phisionomia curiosa e commovedora a d'este sacerdote da diocese de Agen, que, ao declarar-se a guerra, era professor no seminario de Saint-Caprais.

Quando o destinaram á aviação, a sua personalidade, immediatamente foi posta em destaque.

No seu rosto ascetico, nos seus grandes olhos negros, illuminados por uma chamma ardente, denunciava-e uma vontade mistica, alguma coisa de sobrenatural.

Os feitos não desmentiram a apparencia. O sacerdote fez prodigios.

No decorrer da grande batalha de Verdun derribou diversos apparelhos allemães e sempre, depois de cumprir o seu dever, como soldado, cumpria o seu dever de sacerdote christão, abençoando o inimigo, a quem acabava de arremessar á morte.

Feito prisioneiro, n'um bombardeamento aereo sobre Carlsruhe, o cardeal Hartmann reclamou ao Papa, contra o sacerdote francez, mas este respondeu:

—Cumpri o meu dever como francez e como christão. Compareceré perante Deus sem temor.

Outro sacerdote, o padre jesuita L..., distinguiu-se tambem notavelmente, tomando parte, como piloto, na celebre esquadrilha chamada «das cegonhas».

A MALTA DAS TRINCHEIRAS

Em breves dias, iniciará «A Capital» a publicação, em folhetins, dos capitulos do novo livro de André Brun, A MALTA DAS TRINCHEIRAS.

André Brun tem um nome de ha muito consagrado no mundo das lettras; pelo que diz respeito ao assumpto de A MALTA DAS TRINCHEIRAS faz-se idéa do vivido da descripção, das scenas que o auctor nos vae descrever, sabendo-se que elle esteve mais d'um anno nas trincheiras da frente.

São os seguintes os titulos dos primeiros tres capitulos de A MALTA DAS TRINCHEIRAS:

Madame Letailleur.

José Maria Folgadinho,

"lanzudo" da grande guerra.

Iniciação.

Officiaes milicianos

A sua preterição

Escrevem-nos dois officiaes milicianos agradecendo as palavras que «A Capital» tem tido para com a sua classe e perguntando, a quem de direito, por que motivo não teem sido promovidos os alferes milicianos que teem entrado em campanha e que já se encontram bem preteridos e por que motivo os não querem ainda promover, tentando-se tornar a preteril-os pelos alferes da Escola de Guerra com um anno e dias de posto?

Emquanto—accrescentam—o general sr. Gomes da Costa requisitava os officiaes milicianos para a sua brilhante divisão, promoviam-se os officiaes do quadro permanente em Portugal e esquecíam-se propositadamente os officiaes milicianos que bem longe das nossas fronteiras arrostavam e continuam arrostando as privações e a morte, erguendo bem alto o nome da Patria.

Já preteridos pelo Curso da Escola de Guerra de 2 de setembro de 1916, contra o que reclamaram, mostrando a injustiça que se lhes fazia, não houve quem pensasse em reparar o mal que lhes fôra feito, mas procura-se continuar a monstruosidade.

Póde isto ser? Premeiam-se assim os que pela Patria se sacrificam, commettendo taes atropellos?

"As grandes batalhas"

Vae a Capital *iniciar brevemente a publicação da admiravel obra que o eminente escriptor Julio Dantas escreveu expressamente para o nosso jornal.* **As grandes batalhas**, *que irão renovar o immenso triumpho da* **Patria Portugueza e do Amor em Portugal no seculo XVIII**, *serão opportunamente annunciadas e hão de constituir, sem duvida, um dos grandes acontecimentos litterarios do anno corrente.*

Noticias do Brazil

A creação d'uma feira annual no Rio de Janeiro

RIO DE JANEIRO, 21.—O dr. Amaro Cavalcanti, prefeito do Rio de Janeiro, enviou ao Conselho Municipal um projecto creando uma grande feira annual no Rio de Janeiro, identica ás feiras annuaes de Paris e Lyon. A feira contribuiria para a expansão economica do Rio de Janeiro e forneceria novas receitas fiscaes, necessarias ao equilibrio do orçamento da cidade. D'esta maneira não seria preciso recorrer a taxas impopulares, como a que pesa sobre a exportação.—(Americana).

Em viagem

S. VICENTE DE CABO VERDE, 21—Os officiaes e tripulantes do vapor «Zaire» saudam suas familias.—(Havas).

PELOS THEATROS

A epocha de inverno no da Trindade

Continuámos hoje as nossas investigações ácerca do que nos darão na proxima epoca de 1918-1919 os theatros da capital, cabendo a vez ao popular theatro da Trindade, que continua a ser explorado pelos successores do mallogrado Affonso Taveira, e tendo como gerente o sr. Carlos Borges, um dos mais antigos e entendidos emprezarios theatraes portuguezes.

Foi com elle que tivemos esta manhã uma entrevista sobre o assumpto.

—Resume-se em poucas palavras o que já temos resolvido para o proximo inverno. Como «A Capital» disse, começaremos a nossa epoca em Lisboa, cedendo á empreza Maria Mattos e Mendonça de Carvalho, o theatro Sá da Bandeira, no Porto. Emquanto ali a afinada companhia que conseguiram organisar exhibe o seu já grande reportorio e prepara novas peças, ensaiamos nós as operettas novas. Ao fim de quatro mezes mudam-se as scenas. A companhia que actua no Porto vem para a Trindade fazer dois mezes, com o que de novo tiver, e nós iremos para a cidade invicta fazer outro tanto. A combinação é boa para as duas emprezas, não ha duvida; mas nós tivemos grande prazer em poder realisal-a com Maria Mattos e Mendonça de Carvalho, dois artistas conscienciosos e dois trabalhadores infatigaveis.

—Assim cremos, tambem. Mas vamos, se lhe apraz, ao caso que cá me trouxe.

—Pois, comecemos... Peças novas subirão á scena «A Bella Risette», traduzida por Manuel Neves; «Musica de Zingaros», traducção de Accacio Antunes; «Os pirangas», operetta ingleza, de grande apparato traduzida por Pedro Cabral, e uma revista, que será escripta por Leandro Navarro... Aqui tem por emquanto o que está certo...

—A companhia é reorganisada?

—Ficarão os artistas que estavam com esta empreza ao terminarmos a epoca de 1917-1918, reforçados com algumas estrelas.

—Venham os nomes dos estreiantes...

—Olhe, a primeira é D. Maria Pires Marinho, cuja escriptura estava indicada, dados os exitos que tem tido nos concertos em que tem tomado parte...

—Não ha duvida. Estreia-se em que peça?

—Ou na «Musica de Zingaros», ou na «Serrana», de que faremos reposição; ainda não está bem assente. Além d'esta artista contractámos uma rapariga de bastante utilidade, Militina Neves...

—E homens?

—Tambem temos um, que tem assignalados progressos na arte de «bel canto»...

—Quem é?

—Alfredo Henriques.

—E' excellente a acquisição.

—Tudo isto é o que está disposto, podendo dar-se, o que tão frequentemente succede, qualquer alteração aos planos traçados...

—O homem põe...

—E os artistas... especialmente as actrizes dispõem... Mas creio que tal não se dê... e nutro a esperança de que nem nós nem a empreza que alternará em Lisbôa a sua com a nossa exploração, nos daremos mal.

O caso das 33.500 acções

e a volta do sr. Xavier Esteves para o logar de secretario das finanças

Na sua secção «Ultima hora», diz o «Diario Nacional» de hoje:

«Ao que se affirma, o sr. Xavier Esteves, pelo relatorio do sr. dr. Costa Santos, fica illibado de qualquer responsabilidade no caso das 33.500 acções.

Sendo assim, o antigo secretario de Estado das Finanças será convidado a ir occupar de novo esse logar».

Ora o relatorio do sr. dr. Costa Santos ainda não é conhecido e, n'uma nota officiosa, ou coisa parecida com isso, ante-hontem á tarde enviada a todos os jornaes, cathegoricamente se declarava serem prematuras quaesquer conclusões a que se pretendesse chegar.

O que se sabe de positivo é que a commissão de inquerito nomeada para averiguar da compra das 33.500 acções da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes encontrou factos tão irregulares que aconselhou o governo a fazer intervir no caso a policia. E que assim foi, demonstra-o o facto de ter sido encarregado de investigar um juiz, o sr. dr. Costa Santos. Das diversas «étapes» da investigação feita por esse magistrado tem «A Capital» dado noticia.

Não consta, até hoje, que o sr. Xavier Esteves esteja illibado. O «suelto» do «Diario Nacional» é, portanto, mais um balão de ensaio para vêr se a opinião publica acceitaria a volta do sr. Xavier Esteves á pasta das finanças. Não é já o primeiro que tem vindo a public em letra redonda...

Ao leitor d'A CAPITAL

Depois de lido, enviar este jornal á *Junta Patriotica do Norte* (Paços do Concelho—Porto), a fim d'esta o mandar para os nossos soldados no «front».

E AS COMPANHIAS DE SEGUROS PORTUENSES?

"A Garantia"

COM O CAPITAL DE 1.000 CONTOS

Os sinistros pagos ascendem a 5.900 contos

Atravez de sessenta e cinco annos de uma existencia brilhante

A guerra, desabando «in-abrupto» e com uma violencia ainda não observada na historia, trouxe, logicamente, atraz de si um cortejo infindo de catastrophes, augmentando todos os perigos, fortalecendo a fatalidade, prejudicando e difficultando todas as transacções commerciaes. Affectada por este modo a vida economica de quasi o mundo inteiro, a industria seguradora intensificou-se e immediatamente surgiram ás dezenas, ás centenas, emprezas de seguros, que vinham no objectivo de estabelecer o equilibrio, protegendo o mais possivel os que, contra todas as ameaças, desejavam—ou se viam na necessidade—de continuar com os seus emprehendimentos industriaes e commerciaes, com a sua actividade, emfim. Fóra de duvida, mais do que nunca esse prodigio de defeza mutua que é a industria de seguros se explicava ante a brutalidade do conflicto europeu—e, por isso, o seu desenvolvimento em Portugal foi—como nos outros paizes—uma consequencia natural da guerra. Porém, a guerra terminará d'aqui a semanas ou d'aqui a mezes, não sabemos, ninguem o sabe, mas forçosamente ha de terminar mais dia menos dia e todo esse castello gigantesco edificado, afinal, sobre uma accidencia, nascido e preparado para uma anormalidade, mais ou menos transitoria, baqueará de certo, visto que a sua missão defensiva findou—ao findar o ultimo combate, ao ser torpedeado o ultimo navio.

Mas, ao contrario do que succederá com as emprezas seguradoras que apenas fitaram as consequencias desastrosas da guerra, as outras, as que estão preparadas e desenvolvidas para todos os riscos, aquellas que teem uma vida propriamente sua, uma existencia natural, dentro de uma ramificação de trabalho que em todos os tempos poderá fructificar e desenvolver-se — essas companhias de seguros hão de ter um futuro tão certo, tão mathematico como teem um passado e um presente. Está n'estes casos em primeira plana a Companhia Portuense de Seguros «Garantia», de quem o seu passado, o seu longo passado de sessenta e cinco annos da mais absoluta seriedade, da mais pura honestidade explica fluentemente — eloquentemente — o ambiente de confiança que a cerca e a certeza firme, inabalavel, que todo o commercio, que toda a industria, que toda a agricultura do paiz sentem pelo seu futuro, que em nada abalará, que em nada modificará a vida regular, embora progressiva, que hoje disfructa e que sempre disfructou.

O que é a Companhia "Garantia" — Os seus lucros de guerra — O clarim das cifras

A fundação da Companhia Portuense de Seguros «A Garantia», uma das mais antigas de Portugal, data de 1853. Durante a nossa visita á capital do norte tivemos ensejo de realisar uma reportagem á sua situação actual.

Dedicando-se a seguros maritimos e, sobretudo, a seguros terrestres, dispõe, além do passado glorioso de que já falámos, e que é, já de per si, uma segurança para todos aquelles que pretendam acolher-se sob a sua egide protectora, d'um capital social de 1.000:000$00 escudos, que tem sido sempre manejado pelas suas varias e sapientissimas direcções com prodigios de habilidade financeira.

Como nota curiosa e comprovativa do que affirmamos, vamos reproduzir um trecho do relatorio que, em 30 de março do presente anno, a sua direcção apresentou aos accionistas:

«Como vereis, alargaram-se extraordinariamente as operações da companhia, já porque o impunha o seu credito e exigia o seu interesse como por se ter convencido esta direcção que lhe cumpria, no exercicio da sua industria, contribuir para minorar as difficuldades e prejuizos originados pela guerra, assumindo em maior numero responsabilidades dos riscos que d'ella são a consequencia e dos quaes o commercio e a industria procuravam proteger-se, do que resultou ter-se elevado a receita dos seguros terrestres e maritimos á totalidade de 1:312.234$82 escudos.»

Os prejuizos cobertos pela «Garantia» durante o ultimo anno foram de 983.777$71,7 escudos, e toda esta fabulosa quantia foi distribuida pelos seus segurados amigavelmente, rapidamente, sem que nenhum d'elles tivesse tido motivos de protestar, o que é um grande orgulho d'esta companhia, pois, durante os seus sessenta e cinco annos de existencia, jámais deixou de satisfazer um compromisso, não tendo nunca os tribunaes ao paiz razão de interferirem nos seus negocios.

Quando foram os assaltos de dezembro, por exemplo, a Companhia «Garantia» foi a que mais rapidamente pagou aos seus segurados, apezar dos prejuizos attingirem a somma de 305.481$39 escudos.

Nos doze mezes de funcionamento de 1917, effectuaram-se nos escriptorios da «Garantia» 9.991 contractos de seguros maritimos e 40.453 de seguros terrestres. Estes algarismos serviam já para provar a grande differença que existe entre os contractos dos dois ramos de seguros. Mas, outras cifras poderemos citar: são as das responsabilidades tomadas. As de seguro de fogo sobem a escudos 84.200.000$00; as de seguros maritimos não vão além de 6.901.000$00 escudos.

E, para se perceber o que ha de phantasia e de *blague* nos lucros fabulosos que muita gente julga que as companhias de seguros com vida normal disfructam com as catastrophes produzidas pela guerra, basta dizer que o dividendo que ultimamente «A Garantia» distribuiu pelos seus accionistas, embora fosse importante—10 °/o—é muito inferior aos dos annos anteriores ao conflicto.

Mas, continuemos a reproduzir numeros. A receita da Companhia, durante o anno de 1917, foi a seguinte: *Premios de seguros terrestres:* escudos 318.131$40,3; *premios de seguros maritimos:* 994.103$41,7; *juros, dividendos, etc:* 9.273$83,5. Total: escudos 1.321.508$65,5. Os sinistros pagos até hoje pela «Garantia» desde a sua fundação elevam-se a 5.900 contos. O seu fundo de reserva é, actualmente, de 78.803$13,5 e, em virtude da lei, foi levada á conta de reserva para sinistros a quantia de 40.000$00 escudos. A sua direcção está hoje confiada aos srs. José Adrião da Rocha, Rodrigo Martins Fleming e Arnaldo de Sousa Morêda. Estes nomes inspiram a todos a maxima confiança. Todo o paiz os conhece, os admira e lhes respeita as mil vezes comprovada honestidade e o seu profundo saber technico e administrativo.

Resta-nos agora dizer que os seus escriptorios se encontram installados no seu predio da rua Ferreira Borges—a «Garantia» é a unica empreza seguradora que possue um predio seu—e que o seu serviço de agencias e de delegações está amplamente espalhado por todo o Portugal, que dispõe de uma agencia em Londres e que os seus agentes em Lisboa são os srs. José Henriques Totta & C.ª, firma que dispensa toda a adjectivação e que é a mais importante de todas as garantias que esta Companhia pode offerecer aos seus clientes da capital.

A Academia de Lettras Brazileira

As cadeiras que estão vagas

Com a morte de Alcindo Guanabara, a que hontem nos referimos estão vagas oito cathedras da Academia de Lettras Brazileira: as occupadas por Emilio de Menezes, poeta e jornalista, barão Homem de Mello, historiador e politico muito notavel do antigo regimen, Sousa Bandeira, Oswaldo Cruz e Laffayette Pereira e José Verissimo, sabios ou litteratos de reconhecidos merecimentos.

Alcindo Guanabara era membro da douta corporação desde que ella se fundou.

Os socios effectivos existentes agora são Affonso Celso, poeta e prosador; Afranio Peixoto, professor da faculdade de medicina; Alberto d'Oliveira, poeta; Alcides Maia, professor e litterato; Antonio Austragesilo, professor da faculdade de medicina; Augusto de Lima, poeta e politico; Carlos de Laet, professor e litterato, professor latinista e hellenista; Clovis Bevilacqua, jurisconsulto e litterato; Coelho Netto, o conhecido e illustre romancista; Domicio da Gama, litterato, embaixador do Brazil em Washington; Dantas Barreto distincto militar; Filinto d'Almeida, poeta e prosador; Felix Pacheco, litterato de alto valor, director actual do «Jornal do Commercio», do Rio de Janeiro; Goulart d'Andrade, poeta e jornalista; Graça Aranha, escriptor de relevo e diplomata aposentado; Inglez de Sousa, escriptor e advogado, em evidencia; João Ribeiro, professor e historiographo e litterato de justificado renome; Lauro Muller, o estadista que Portugal muito bem conhece, actual governador do Estado de Santa Catharina; Magalhães de Azevedo, litterato e ministro do Brazil junto do Vaticano; Mario de Alencar, filho do grande romancista José de Alencar e tambem litterato de cunho; Medeiros d'Albuquerque, professor, jornalista e critico; Olavo Bilac, um dos mais illustres poetas modernos da nossa lingua; Oliveira Lima, escriptor e diplomata aposentado; Paulo Barreto, jornalista de grandes meritos; Pedro Leça, prosador, ministro do Supremo Tribunal Federal; Rodrigo Octavio, poeta e prosador; Ruy Barbosa, o estadista, jurisconsulto, orador e escriptor de reputação mundial; Silva Ramos, professor e litterato e Vicente de Carvalho, poeta inspirado e juiz.

Ultimas noticias

NATURISMO

Dormir — Sonhar!...

Erguer do leito cedo, antes de romper o sol, quando os passarinhos gorgeiam no arvoredo, é um dos prazeres simples maiores e ao alcance de todos. Para tal conseguir evidentemente se torna preciso que ao sol-posto e ainda com a claridade ultima do crepusculo nos vamos deitar. O momento é azado agora que a illuminação está reduzida e difficil. Poupar luz artificial é uma boa medida de disciplina. Só talvez a guerra nos seus effeitos sociaes, será capaz de pôr na ordem as despezas domesticas da grande maioria, demonstrando haver absoluta necessidade de reduzir, poupar e não gastar senão estrictamente o necessario. Convem deitar cedo. O somno é o melhor restaurador da saude. Quem dormir bem pode até economisar alimento: oito horas de descanço na cama, n'um quarto arejado e claro e hygienico prepára melhor que a melhor alimentação á lucta diaria da existencia. Quem dorme, come.

Mas só das dez ás 6 da manhã é que o somno é melhor. N'esse terço do dia, ou melhor n'essa parte de dois dias, é que as oscillações da terra são propicias, nas suas correntes selenenoidaes para o bom somno, o leito orientado ao norte, o colchão rijo, a janella entreaberta. Tendo deitado para longe todas as ideias funestas ao conciliar o somno — imagem da morte—o corpo mental se desprende melhor do corpo phisico e então quando ha bons pensamentos, os sonhos fagueiros inebriam, dulcificam e restauram.

Quando se dorme vive-se n'outro plano. Oito horas de somno chegam para restaurar a vitalidade. Devemos deitar-nos quando os derradeiros clarões do poente findam e acordar á alvorada que os melros cantam no arvoredo...

Dr. Amilcar de Sousa

O calor em Madrid

O augmento do preço do gelo

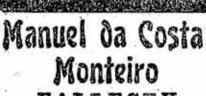
Em Madrid e em toda a Hespanha tem, nos ultimos dias feito, como entre nós, um calor excessivo, chegando, na villa y corte, no domingo a tal grau de intensidade, que quasi se tornava impossivel a circulação pelas ruas, tanto mais que, tendo-se avariado as machinas refrigeradoras das duas principaes fabricas de gelo, não poderam estas fabricar gelo.

Assim tornou-se impossivel obter a orchata de «chufas» (junça) que constitue o refresco mais barato e mais agradavel dos madrilenos.

As fabricas restantes, aproveitando a occasião, chegaram a vender cada barra de gelo que em tempos normaes custa quatro ou cinco reales, ou seja 1,50 pesetas a dez pesetas.

O «Imparcial», commentando o caso diz: «Este é um dos casos, dos pouquissimos casos por desgraça, em que a guerra não pode servir de pretexto para que o industrial eleve o seu producto ao preço que entender; porque a agua, materia prima do gelo, se é que não estamos equivocados, desde o genesis até á data, passando por todas as guerras que a historia regista, sempre se offereceu prodiga nos mananciaes, nos arroios e nos extensos e largos rios, sem que para a conseguir haja havido nunca necessidade de outra coisa além de um pucaro, que pode ser de barro e pode custar, até uma «perra chica» (dez centimos).

Manuel da Costa Monteiro
FALLECEU

A familia convida todos os seus parentes amigos e clientes a incorporarem-se ao funeral que se realisa amanhã, pelas 16 horas, sahindo o prestito funebre da rua dos Retrozeiros, 35, 5.º, para jazigo de familia no cemiterio Oriental.

Manuel da Costa Monteiro
FALLECEU

A firma Luiz José Nunes & C.ª, cumpre o doloroso dever de participar aos seus Ex.mos amigos e clientes o fallecimento do irmão do seu socio sr. José da Costa Ferreira, e que o seu funeral se realisa amanhã, pelas 16 horas, sahindo o prestito funebre da Rua dos Retrozeiros, 35, 5.º, para jazigo de familia no cemiterio Oriental.

SPORT

Noticias diversas

Parece que o Concurso do Tiro deverá ter inicio no dia 20 de setembro.

—Na proxima segunda feira reunem, no Gymnasio Club, varios elementos para tratar da festa que se projecta levar a effeito na segunda quinzena de setembro na Figueira da Foz.

—Diz-se que o Sport Lisboa e Bemfica esta epocha não concorre ás provas de natação.

—Commenta-se o facto do Grupo Patria não levar a effeito provas de tiro entre os seus socios.

—Continua sem solução a «Semana d'Armas»...

—Dá-se como certa a vinda a Lisboa de uma «équipe» de esgrima do paiz visinho.

—Consta que vae ser annulada a prova de natação que este anno se realisou «Taça Awala».

—Em Caxias continua com enthusiasmo o ensino da natação aos alumnos da Escola Academica, ministrado pelo conhecido gymnasta sr. Levy Jenochio.

—Lavra grande enthusiasmo em Vizeu pela ida áquella cidade da «tournée» Ruy da Cunha, sob a direcção artistica de Francisco França. Entre os numeros que certamente farão as delicias dos vizienses contam-se os seguintes: os populares clowns Delmas e Pujol; Ruy da Cunha; Laclau, o grande equilibrista; Milá, celebre concertista; Trio Castini; Charles, Richard e outros de que opportunamente daremos nota.

E' a primeira vez que se organisa uma «troupe» d'esta qualidade para ser exhibida na provincia.

Taça «Mutilados da guerra»

Pela commissão promotora das festas de sport a favor dos mutilados da guerra, foi entregue no Instituto Medico-Pedagogico de Santa Izabel a magnifica taça «Mutilados da Guerra», disputada nos dias 7 e 14 do mez passado, a qual foi brilhantemente ganha pelo primeiro «team» de foot-ball do Sporting Club de Portugal.

Conforme manda o regulamento, a taça ficará na posse definitiva do club *que a ganhar trez annos seguidos* e, até lá, ficará depositada no Instituto Pedagogico de Santa Izabel.

Regatas em Pedrouços

Promovidas por uma commissão de banhistas, socios do Club Naval de Lisboa (secção de Pedrouços), realisam-se n'esta praia, regatas de vela e remos, cujo programma opportunamente publicaremos, depois de definitivamente elaborado.

Sabemos estarem-se já terminando, entre outras, duas tripulações constituidas por gentis senhoras, que se propõem uma corrida em «inrigers» de 6 remos, remando em «slides», o que entre nós é novidade.

A inscripção para as differentes corridas effectua-se até ao dia 25 do corrente, das 22 ás 24 horas, no Eden-Club em Pedrouços.

A. de Campos Junior

Pelos clubs
(Communicações officiaes)

Sport Lisboa e Bemfica

Na ultima assembleia realisada n'este club a direcção ficou constituida por: Bento Mantua, presidente; Alfredo Paulo de Carvalho, vice-presidente; Cosme Damião, thesoureiro; Eduardo Martins Pereira, secretario; Antonio da Silva Pereira, 2.º secretario; Antonio Ribeiro dos Reis, vogal; Julio de Lemos, vogal.

Sport Algés e Dafundo

Fecha amanhã, pelas 21 horas, a inscripção para o campeonato de «water-polo» de 2.ª cathegorias, organisado pelo Sport Algés e Dafundo para disputa da «Taça Gloria». Os boletins deverão ser enviados para a séde d'este club no largo da Estação, 7, 1.º, Algés.

Pelo estrangeiro

Travessia de Paris a nado

O resultado da corrida, disputada sobre seis kilometros, no Marne e á qual concorreram 22 nadadores, foi o seguinte:

1.º, R. Barques, 1,23 m.; 2.º, N. Vedard, 1,25; 3.º, Taupin, 1,27; 4.º, Demange, 1,27,30 s.; 5.º, Villin, 1,29.

Publicações recebidas

ORAÇÃO FUNEBRE — Em opusculo foi agora publicada a eloquente oração funebre proferida pelo rev. bispo de Portalegre, sr. D. Manuel Mendes da Conceição Santos, nas exequias solemnes celebradas na Sé de Lisboa em 15 de maio ultimo por alma dos soldados portuguezes mortos no campo de batalha.

Theatros

Cartaz de hoje

SAO LUIZ—A's 21,30—«Os mineiros». TRINDADE—A's 21,30—«O gato maltez». GIMNASIO—A's 21,15—«Marionettes». APOLLO—A's 21,30—«A revolta». EDEN—A's 21,30—«A trombeta da fama». POLYTHEAMA—A's 21,30—«Salada russa». AVENIDA—A's 21,30—Madame Eva somnambula».

Animatographos, concertos e variedades—Central, Olympia, Colyseu dos Recreios, Chiado Terrasse, Foz, Condes e Salão da Trindade.

Nota do dia

Ainda haverá quem supponha que o theatro não tem amadores?

Se os não tivesse, o calor suffocante d'estes ultimos dias seria motivo mais que sufficiente para que os nossos theatros, todos elles abertos, estivessem «ás moscas», como vulgarmente se diz. Depois, é indesculpavel a falta de commodidades que apresentam ao respeitavel publico! Sem ventilação de qualidade alguma, com plateias constituidas na sua grande maioria por cadeiras que se pagam por boas e em que o pobre espectador se julga entre duas talas, sujeito ás pisadelas e, o que é mais, ao cheirinho do proximo, que é como quem diz, o «opoponax» da estação calmosa, o que eu admiro é que no fim dos actos elle se sinta ainda com coragem de applaudir. Verdade é que o interior dos nossos theatros corresponde em absoluto á parte reservada ao publico.

N'este ponto, pode-se affirmar sem receio que os emprezarios não procuram para os seus contractados «um Deus e um diabo para os outros». Os camarins, são na sua generalidade, verdadeiras cellas, sem respiração e onde, na maioria dos casos, ha que aspirar muito cheiro, o que nem sempre é das coisas mais agradaveis. Claro está que, das pessoas que assim pensam, estão naturalmente excluidos os admiradores dos artistas, aquelles que, n'um rasgo de generosidade lhes enviam diariamente, flôres, talvez para que o seu perfume faça desvanecer os outros a que atraz me refiro. Mas... já lá diz o rifão: «quem corre por gosto não cansa».

Alvaro Lima

Réclames

O operario que quer instruir-se e educar-se mesmo quando se diverte, não deve frequentar theatros á toa, cumprindo-lhe antes ser meticuloso na sua escolha. Tem agora o operariado em scena uma peça que não deve deixar de ver, «Os mineiros», que de resto é peça que tambem pode e deve ser vista pelas classes superiores. Em Hespanha o proprio rei a viu e foi representada no theatro do Estado. Que admira, pois, que o mesmo vá repetir-se agora no São Luiz?

—Apesar do calor que tem feito, não tem faltado concorrencia ao Polytheama, certamente o theatro mais fresco de Lisboa. E é por isso que ella não terá faltado, sem esquecer que a «Salada russa», com o seu novo quadro «Comes e bebes» e os varios numeros com que foi enriquecida, é de molde a attrahil-a seja com que tempo fôr. Não ha espectaculo mais interessante que o que essa revista constitue e a forma como está posta é um grande attractivo.

—Repete-se hoje e todas as noites no Gymnasio o extraordinario successo da epoca, a admiravel comedia «Marionettes» que tem sido o enlevo de quantos a teem visto pelo seu superior desempenho e luxuosa.

—Politica apenas? Ella vê-o passear a pé, de automovel e a cavallo, pelas ruas da cidade, pelos jardins, pelos arrabaldes. Procura vel-o nos theatros e touradas. Segue-lhe os passos, vive da sua imagem, cega da sua adoração. Um verdadeiro martirio! Mas politica sómente! E' necessario vel-a, ouvil-a, estudal-a muitas noites a seguir para, emfim, se perceber se tudo aquillo é politica paixão, ou... arte—é certo da boa que tem ali preso ao Apollo o publico que é seu e bem seu.

Desastre mortal

Pouco depois de ter dado entrada na enfermaria 8 do hospital de S. José, falleceu José Ribeiro, de 28 annos, trabalhador, morador na rua da Cruz, em Alcantara, 62, que esta manhã, nas obras do porto de Lisboa, na doca de Alcantara, foi colhido por uma columna de pedra, que lhe fracturou o craneo.

Juntas da freguezia

DO MONTE PEDRAL— Convida os paes de todos os alumnos moradores na freguezia e frequentadores das respectivas escolas, que desejem utilisar-se dos banhos de mar fornecidos pela Assistencia, na colonia do Lazareto, a dirigirem-se urgentemente á séde da junta, para fazer os respectivos requerimentos, no domingo, das 12 ás 14 horas, nos dias de semana das 19 ás 21, até ao dia 27.

A junta tem continuado a fornecer, aos seus parochianos as senhas para assucar e inaugura na segunda-feira a distribuição de senhas para petroleo.

A junta participa aos pobres que fizeram requerimento para o subsidio da Assistencia, relativo ás rendas de casa, que ainda não receberam os respectivos cartões,

Ferro-viarios do Sul e Sueste

Um manifesto ácerca do caso das Devezas

A classe ferro-viaria do Sul e Sueste publicou um manifesto ácerca do caso occorrido na estação das Devezas, manifesto dirigido á sua classe, ás classes trabalhadoras e ao publico.

D'elle recortamos os seguintes periodos:

«Aos ferro-viarios do Sul e Sueste se recommenda a maior serenidade e cordura e nas suas relações com o publico, a maior correcção e delicadeza, procurando resolver todos os conflictos suasoriamente, desenvolvendo a maior das complacencias para a indelicadeza e falta de correcção, que por parte do publico se manifeste, fazendo comtudo cumprir o regulamento como deve.

«Ao publico que viaja, recommendamos a necessidade de considerar os ferro-viarios como homens, não recorrendo ao insulto para fazer valer as razões que lhe possam assitir, como innumeras vezes succede, procurando-se assim fazer respeitar os direitos e os deveres de todos».

Festas na Atalaya

Por occasião dos festejos da Atalaya, nos dias 24, 25 e 26 do corrente, a Parceria dos Vapores Lisbonenses estabelece as carreiras seguintes para Aldegallega:

Sabbado, sahidas de Lisboa, ás 11 e 17,50; de Aldegallega, ás 8 e 16 horas; Domingo, de Lisboa, ás 9,45 e 17,50; de Aldegallega, ás 8, 16 e 19,30; Segunda feira, de Lisboa, ás 6, 9,45 e 17,50; de Aldegallega, ás 8, 16 e 19,30.

Praias e campos

PRAIA DA ROCHA, 21—Abre amanhã o casino d'esta praia, tendo o emprezario contractado a bailarina «La Dorita» para a inauguração.

—Chegou a sr.ª D. Anna Cumano Bivar e sua familia.

—Continua a haver falta de carros entre a villa e a Rocha.

A provincia n'A CAPITAL

COVILHÃ, 20.—Com uma gentil menina da freguezia do Ferro, d'este concelho, consorciou-se hontem o commerciante da nossa praça sr. Alberto dos Santos Nogueira, que entre nós gosa de geraes sympathias.

—Fez exame do 2.º grau, em que ficou distincto, o menino Alberto Ferreira de Almeida Netto, filho do bibliothecario municipal sr. Nicolau Alberto Ferreira d'Almeida e da professora official sr.ª D. Clotilde Netto Thomé d'Almeida.

—Sahiu para Unhaes da Serra o inspector da Companhia de seguros «A Gloria Portugueza» sr. Alberto Augusto Gomes.

—Para a Figueira da Foz, acompanhado de sua esposa e filhos, sahiu o industrial sr. Amandio de Moraes.

—Acompanhada de sua filha Laurentina, sahiu para a quinta dos Malgraes (Tortozendo) a sr.ª D. Clotilde Netto Thomé d'Almeida.

CAMBIOS

Lisboa, 22 de agosto de 1918.

	Compra	Venda
Cheque sobre Londres	29 15/16	29 13/16
90 d/v.	30 3/16	
Cheque sobre Paris	296	299
» Hollanda	860	880
» Italia	220	230
» New York	1675	1695
» Madrid	406	410
Rio sobre Londres	12 5/8	—
Libras ouro	10$60	10$85
Agio do ouro	135 0/0	138 0/0

Os monarchicos e a guerra

Um desmentido á affirmação de que todos os monarchicos são alliadophilos

Da «Liberdade», jornal catholico do Porto, assignado pelo sr. Ruy Vaz de Sá, n'uma das suas chronicas de Braga, transcrevemos:

«Vae amortecendo o eco dos applausos que «coroaram», como convinha a orador monarchico, o discurso do sr. conselheiro Ayres d'Ornellas.

Não me tiram o somno, como ao outro grego, os louros de ninguem. Associo-me ás homenagens prestadas ao illustre logar-tenente de D. Manuel II; mas a paixão pela logica não me deixa perder esta optima occasião de propôr a s. ex.ª um pequenino quesito. E' o que vou fazer, ainda que mais se assanhem contra mim as iras dos meu correligionarios que de tudo me poderão accusar menos de ter andado em conluios com os assassinos de D. Carlos; de não ter desinteressada e galhardamente combatido em volta do throno até elle cahir miseravelmente abandonado pelos que d'elle viviam; de ter dado o mais leve indicio de possivel transigencia com o novo regimen, nem ainda quando elle apresenta mitigados os seus vicios estructuraes.

O meu pequenino quesito é este:

Disse o illustre conselheiro sr. Ayres d'Ornellas que protestava em seu nome, e em nome de todo os monarchicos, contra a accusação de germanophilia. Fui verificar, quando isto ouvi, ao «Diario Nacional», e lá encontrei, com todas as lettras, confirmado o facto. Ali, se escreveu, em artigo editorial, que todos os monarchicos são alliadophilos.

Dá-se, porém, o caso de viver eu na terceira cidade do paiz, e ahi ser eu talvez o unico monarchico alliadophilo!! Isto é publico e notorio, porque não faço outra coisa ha tres annos, nos centros de cavaqueira, senão discutir guerra, e precisamente defendendo os alliados com uma «cranerie» a que mais de uma vez foi prestada publica homenagem pelos proprios germanophilos. Declaro, pois, ao sr. conselheiro, que entre os monarchicos de este terceiro centro do paiz, «não conheço nenhum», entre os que marcam, segundo se diz, que não seja ardentemente germanophilo. Se esta affirmação fôr posta em duvida, nenhuma duvida terei em voltar ao assumpto, para cabalissimamente me justificar, embora isso me desgoste, por varios motivos, mais este: que o meu fito, n'ele artigo, é outro.

Desejo muito simplesmente propôr ao illustre conselheiro o seguinte quesito:— se s. ex.ª, chefe de um partido, procedendo decerto de boa fé, faz no logar mais solemne uma affirmação assim, susceptivel de contradita, pelo menos parcial, por outras palavras: se quando o sr. Ayres d'Ornellas affirma que todos os monarchicos portuguezes são alliadophilos falta involuntariamente á verdade porque se lhe pode provar que tal affirmação é falsa—teremos ou não teremos o direito de admittir que o mesmo sr. conselheiro Ayres d'Ornellas se engana involuntariamente quando julga que todos os monarchicos portuguezes são catholicos?!

Esta affirmação apparece sempre nos jornaes monarchicos quando é preciso provar a «inutilidade» do Centro Catholico. O Centro não é preciso—dizem—porque nós somos todos catholicos.

Estando eu firmemente convencido de que a grande maioria dos monarchicos são germanophilos porque assim o tenho verificado viajando, occorre-me perguntar ao illustre senhor conselheiro se as affirmações solemnes que se fazem no Parlamento, em occasiões opportunas, se devem tomar a sério, ou dar-lhes o desconto das conveniencias politicas.

Francamente: como registador incorrigivel que sou, de factos, tenho visto e ouvido coisas taes, depois d'aquelle discurso do sr. conselheiro, e aos seu proprios correligionarios, que temo venha a ser superior ás minhas forças o cumprimento do dever de tomar a sério a politica monarchica em Portugal.

Resumindo e formulando o quesito: quando se lê nos jornaes monarchicos que o «Centro» é escusado, porque todos os monarchicos são catholicos, deve-se entender essa catholicismo... como o alliadophilismo d'elles, ou não?

Era só isto, por ora, o que eu desejava saber, se esta curiosidade merece alguma resposta no orgão do sr. conselheiro Ornellas.

Se não fôr logo, pode ser que insistindo eu, até onde fôr preciso, venha uma resposta «seja ella qual fôr...»

Echos & Noticias

JANTAR DE HOMENAGEM

Um grupo de elementos socialistas das freguezias de Santa Izabel e S. Sebastião da Pedreira promove, para um dos proximos domingos, um jantar de homenagem aos seus correligionarios srs. Fernandes Alves, Cesar Nogueira e Antonio Pereira.

PARTIDAS E CHEGADAS

De Monsão, onde foi passar alguns dias, regressou com sua familia o sr. José Tavares, estimado empregado commercial e dedicado republicano.

—Acompanhado do seu secretario particular, sr. Antonio Francisco Marques, partiu para a sua quinta da Granja o sr. dr. Antonio Ribeiro Fernandes Forbes.

A guerra

A guerra aerea

A actividade da aviação ingleza—19 apparelhos allemães fóra de combate

LONDRES, 20.—Communicado britannico sobre a aviação: — Hontem, logo ao amanhecer, algumas das nossas esquadrilhas atacaram, com excellentes resultados, o aerodromo de Phalompin, ao sul de Lille, sendo lançadas numerosas bombas a pequena altura, e empregando-se com exito as metralhadoras sobre os objectivos terrestres. Alguns apparelhos inimigos, que tentaram atacar os nossos aeroplanos, foram impedidos de o fazer pela nossa esquadrilha de protecção. Regressaram todos os aviões que tomaram parte no «raid». Bombardeámos tambem, vigorosamente, as docas de Bruges, as vias ferreas de Roisel, e grande numero de depositos inimigos. O peso total das bombas lançada era de 15 toneladas e meia. Além d'isso, os nossos apparelhos effectuaram importantes trabalhos de reconhecimento, photographia e regulação do tiro da artilharia. Abatemos, em combates aereos, 13 apparelhos inimigos e obrigámos 6 a aterrar desamparados. Foi descido mais um apparelho inimigo e outro obrigado a aterrar sem governo, pelos nossos fogos de mosquetaria. No sector de Merville, um dos nossos aviadores incendiou 4 balões captivos allemães. Não regressaram 7 dos nossos apparelhos, tendo o mau tempo impedido os vôos durante a noite.—(Havas).

A guerra submarina

Boato infundado—Navios torpedeados

Tendo corrido hoje com insistencia o boato de que um submarino nosso fôra afundado, a quando do desempenho de uma commissão de serviço, accorreu á majoria general da armada grande numero de pessoas das familias dos tripulantes, a inquirir da veracidade do boato.

Podemos garantir que é absolutamente falso.

No Instituto de Soccorros a Naufragos apresentaram-se hoje alguns sobreviventes do vapor ex-allemão «Ponta Delgada», que receberam guias de passagem para as terras das suas naturalidades e soccorros pecuniarios.

O vapor foi afundado na costa da Argelia quando vinha com trigo da Argentina para Genova, por conta do governo italiano. Dos seus tripulantes morreram 7.

Um submarino inimigo afundou na costa norte de Portugal o vapor de pesca «Magalhães Lima». A tripulação salvou-se.

ENTRE OPERARIOS

Typographo morto com duas punhaladas

Na rua Direita de Belem, 146, tem o sr. José Maria Louzada uma officina de typographia e papelaria. Entre o pessoal que alli trabalha contavam-se o impressor Antonio Simões de Vasconcellos Junior, filho de Antonio Simões de Vasconcellos e de Judith da Conceição, de 26 annos, natural de Lisboa e morador na rua do Mirante, á Ajuda, 7, e o typographo José Paulo Antunes, de 35 annos, filho de Francisco Antunes e de Maria Antunes, morador na calçada do Galvão, pateo, porta B.

Entre os dois operarios de ha muito que existia uma certa animosidade, pelo que, de vez em quando, se davam scenas de pugilato que terminavam com a intervenção do dono da casa e dos restantes operarios. Hoje de manhã houve entre elles azeda discussão, terminando os dois por se envolverem em desordem. Os companheiros intervieram, mas não conseguiram evitar um crime. O José Paulo estava cahido por terra banhado em sangue, devido ao Vasconcellos o ter aggredido com duas punhaladas.

Soccorrido pelos companheiros e por alguns policias da esquadra de Belem, foi transportado para o posto da Cruz Vermelha, na Junqueira, onde exhalou o ultimo suspiro. Metido o cadaver em uma maca para ser transportado para a Morgue, quando chegava á passagem de nivel de Alcantara o rodado da maca partiu-se, sendo necessario conduzil-o n'uma carroça. Entretanto o criminoso era preso e conduzido para a esquadra de Belem, vindo mais tarde para o Governo Civil onde deu entrada n'um dos calabouços.

O caso produziu sensação em Belem tendo-se juntado em frente do local grande numero de pessoas.

Governador civil de Coimbra

Continúa a sel-o o sr. Solano de Almeida

Apezar do que se passou na memoravel sessão da camara dos deputados que precedeu o encerramento do Congresso, segundo lemos n'uma correspondencia de Coimbra continua a ser governador civil d'aquelle districto o sr. Solano de Almeida, pois que o «Diario do Governo» ainda não trouxe o decreto da sua exoneração d'esse cargo.

Ha mesmo quem affirme—segundo diz a correspondencia a que nos estamos reportando—que elle reassumirá em breve a chefia do districto.

Na America Central

O conflicto entre Honduras e Nicaragua

MANAGUA (NICARAGUA), 21.—Em consequencia do conflicto entre as republicas de Honduras e Nicaragua, sobre a rectificação de fronteiras, concordou a de Honduras em submetter a questão á arbitragem do rei de Hespanha, e entretanto enviou um contingente do exercito para a fronteira de Nicaragua.—(Havas).

POEIRA DA ARCADA

De regresso á Patria

N'um vapor chegado de Inglaterra regressou mais uma leva de trabalhadores portuguezes, dos que ha tempos foram contractados para o córte de florestas n'aquella nação.

Secretario d'Estado da guerra

O sr. coronel Amilcar Motta foi hoje a Cintra conferenciar com o sr. presidente da Republica e submetter á sua assignatura varios diplomas.

Sustento de presos indigentes

O respectivo secretario de Estado concordou com a proposta do director geral de justiça no sentido de que em todos os concelhos, cerca de 80, em que ainda não foi tomada providencia alguma respeitante ao regimen a seguir para o sustento dos presos indigentes, no corrente anno economico, este seja feito por administração directa do Estado.

Sanidade interna

O boletim de sanidade interna respeitante á ultima semana entre outras doenças contagiosas que se manifestaram em Lisboa menciona 20 casos de febre typhoide e 29 de variola e no Porto 8 casos de typho exanthematico com dois obitos.

Bibliotheca Nacional de Lisboa

Por motivo de obras, esta bibliotheca estará encerrada durante o proximo mez de setembro.

Departamento maritimo do Sul

Deixou o cargo de adjunto do departamento maritimo do sul o capitão tenente sr. Ressano Garcia.

Exercicios da policia

A policia volta a ter exercicios militares. Hoje, cerca de 1.400 homens armados de espingarda estiveram no Campo Pequeno fazendo manejo de arma e outras evoluções. Atravessando as novas avenidas, a força, com tambores á frente, fez alto nas alturas da rua das Pretas, onde estacionou uns 5 minutos. O caso fez juntar muitas pessoas. Na ordem do corpo de policia hoje publicada determina-se que sejam nomeados um mestre, um contra-mestre e oito aprendizes, todos policias, para comporem o terno de tambores.

Correio aereo

As primeiras malas que seguem o seu destino

Como noticiámos, em telegramma da «Havas», fez-se no sabbado ultimo a primeira tentativa official de serviço aereo de correio, entre Paris e Saint Nazaire.

A's 14,30 levantaram vôo do aerodromo de Bourget dois apparelhos, um pilotado pelo ajudante Houssais e o respectivo mechanico, levaram um milhar de cartas e o outro, como auxiliar, levava o piloto e dois passageiros.

Assistiram á partida mrs. Clementel, ministro dos Correios e Telegraphos e o seu secretario geral.

No Bourget installou-se uma repartição postal provisoria, que tem sobre a porta a seguinte inscripção: «Aero-Estação — Serviço postal».

Os apparelhos usados para essa tentativa constam de dois motores e apparelhos necessarios á accommodação de malas postaes.

Nas experiencias feitas, os aviões fizeram a média de tres horas e meia os 450 kilometros que separam Paris de Saint Nazaire, comprehendendo uma escala regulamentar em Mans.

Foram fornecidos e equipados pelos serviços de aviação militar e trazem arvorada uma flamula tricolor na qual se lê: «Serviço postal».

Os pilotos estão dispensados do serviço militar. Um d'elles, que outr'ora foi empregado dos correios de Saint Nazaire, foi declarado como incapaz e o seu camarada é um evadido da Allemanha.

A partida foi das mais simples. Mr. Clemenceau estampilhou por sua propria mão uma carta official que enviou ao piloto. As malas foram embarcadas: uma para Mans, outra para Saint Nazaire. As helices puzeram-se em movimento e, pouco depois, os apparelhos desappareciam no horizonte.

O seu vôo foi contrariado por um vento fortissimo. Tocaram na escala de Mans ás 18,30, largando depois de curta demora, attingindo o campo de aterragem, que fica a 11 kilometros de Saint Nazaire, ás 20,35. As correspondencias officiaes e as cartas registadas foram distribuidas á noite, tendo ido a correspondencia para a estação central de Saint Nazaire em automovel.

Antonio Bernardo Carneiro
Agradecimento e missa

Maria Emiliana d'Oliveira Bello e Carneiro, Fernando Antonio Carneiro, mulher e filhos, Maria Adelina Carneiro Sousa Tavares, marido e filhos, Margarida Emilia Carneiro e filhos, Rosa Emilia Carneiro, irmãs, cunhados e sobrinhos, ausentes, Alice Lima Carneiro, filhos e genros, Manuel Maria d'Oliveira Bello, mulher, filhos e noras, Adelina Bello Santos Crespo, marido e filhas, Maria de Jesus Formigal Bello, filhos, genros e noras, Thereza Mendes d'Almeida Bello, filhos, nora e genro, agradecem penhorados a todos que, por occasião do golpe que os feriu, com o fallecimento do seu extremecido marido, pae, sogro, avô, irmão, cunhado e tio Antonio Bernardo Carneiro, lhes manifestaram o seu pezar e acompanharam o seu funeral, pedindo desculpa de qualquer falta no agradecimento directo por ignorancia de moradas. Outro sim participam que no proximo sabbado, 24, terá logar uma missa em sua memoria na egreja de Santos-o-Velho, pelas onze horas da manhã. Desde já agradecem a quem assistir a esse acto.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2373 — 9.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sexta-feira, 23 de Agosto de 1918

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço 2 centavos

Ainda o caso do Porto

A questão do Porto é muito simples, e para a fixar basta apenas enumerar os factos occorridos.

Não é a primeira vez que se commettem selvagerias policiaes, no Porto, contra presos politicos, que teem cahido nas gehennas do governo civil. Aquellas que, antes das actuaes, maior resonancia tiveram praticaram-se n'uma epocha em que estava proxima uma visita do sr. Presidente da Republica á cidade do Douro. Tinham sido aggredidos brutalmente presos politicos, e as auctoridades não o ignoravam. Sabiam-o mesmo tanto que systematicamente era cortada pela censura, nos jornaes d'aquella cidade, a informação relativa aos supplicios. E que fizeram essas auctoridades? Nada. Nada fez o inspector da policia Solari Alegro, que desde a revolução de 5 de dezembro tem occupado esse logar, emquanto outras auctoridades teem sido substituidas. E se não fôsse a viagem do sr. Sidonio Paes ao Porto, se não fôsse o commovente appello da «Montanha», reclamando a ida do chefe do Estado ás prisões para, por seus proprios olhos, se certificar d'essas infamias, d'essas vergonhas, d'essas monstruosidades, indignas d'um paiz civilisado, os presos teriam continuado a ser retalhados a tagante, porque essas auctoridades nada faziam para o impedir, se é que o não consentiam e ordenavam.

O sr. Sidonio Paes foi ás prisões. O sr. Sidonio Paes viu os signaes dos flagicios. O sr. Sidonio Paes mandou ao sr. secretario de Estado do interior que tomasse nota das queixas dos presos, que apresentavam os seus aggressores. O sr. Sidonio Paes queria um inquerito, o sr. Sidonio Paes queria o castigo dos miseraveis que tinham a responsabilidade de tantas crueldades estupidas e ferocissimas. E o sr. Sidonio Paes que, dias depois dizia em Lisboa que tinha visto no Porto «cousas horriveis» não quiz descurar, nem mais um instante, um acto de humanidade, que fôsse ao mesmo tempo uma sancção severa, uma condemnação absoluta, dos processos inquisitoriaes da policia do Porto, postos por essa policia em pratica sob os olhos, attentos ou desattentos, do seu inspector. O sr. Sidonio Paes poz em liberdade os presos, e o seu gesto era de reprovação, desprezo e colera contra as infamias que tivera occasião de verificar.

Agora, novas brutalidades, mais ferozes ainda. E por que se commetteram ellas? Porque não foram castigados os responsaveis das selvagerias anteriores; porque o chefe da policia era o mesmo chefe; porque os processos de vindicta politica continuaram sendo os mesmos, aggravados ainda. E julga-se que basta suspender meia duzia de guardas, e limitar-se a punição ao policia n.º 100, com a sua expulsão do corpo! Não! Quando se dão casos d'estes, as syndicancias impõem-se, e o sr. inspector da policia do Porto já deveria estar suspenso.

E perguntam-nos a «Situação» «onde está a felicidade?» parodiando, com as suas juvenis impressões litterarias, o titulo de Camillo. Na vida, em geral, a pergunta a que nem mesmo o genio do grande romancista deu resposta satisfactoria. Mas, na vida politica como na vida jornalistica, a felicidade está em saber vêr as questões com serenidade, e com firmeza, encaral-as pelo verdadeiro aspecto que resulta da sua essencia, e não pelos prismas, tantas vezes falsos, de quem executa, mais ou menos habilidosamente, um frete partidario. Está em não comprometter interesses superiores, causas que se devem reputar elevadas, para salvar interesses de ordem muito secundaria, e causas pessoaes em que se patenteiam ambições relativamente mesquinhas. Está em pôr acima de tudo um criterio de justiça, sem o qual a opinião publica, não accelta nenhuma defeza, quer se trate de principios, quer se trate simplesmente de pessoas. Esta politica é a unica admissivel no nosso tempo. Todas as suas outras formas estão inteiramente desacreditadas.

"As grandes batalhas"

Vae a Capital *iniciar brevemente a publicação da admiravel obra que o eminente escriptor Julio Dantas escreveu expressamente para o nosso jornal.* As grandes batalhas, *que irão renovar o immenso triumpho da* Patria Portugueza *e do* Amor em Portugal no seculo XVIII, *serão opportunamente annunciadas e hão de constituir, sem duvida, um dos grandes acontecimentos litterarios do anno corrente.*

Cartas de França

Uma brigada russa

De principio aquella brigada foi um corpo de exercito, depois um grupo de divisões. Hoje é uma brigada que tende para os limites d'um simples regimento até ao dia em que desapparecer de todo. Está na linha, ao sul de Arras, tem os canadianos — os canadianos de Vimy! — pela esquerda, e os inglezes do Lincolnshire á direita. A brigada slava é uma excrescencia, um lobinho militar collocado ali desde 1915 e que os acasos, as contingencias da guerra, teem diminuido e que farão obliterar um dia.

Noite negra, noite sem lua e sem estrellas, aquella em que tombei como um bolido na brigada russa. Ia provavelmente passar ao lado d'ella sem a ver, quando encontrei, vagueando na estrada, empoleirado como eu n'um *camion*, o capitão do exercito chileno, Manuel Gutierrez, jornalista, correspondente de guerra da *Gaceta de Valparaiso*. Acamaradámos logo, palrando com abundancia, com alacridade, n'um dialecto que participava do portuguez, do hespanhol e do *poncho*. Nunca se me patentearam tão claros os beneficios da associação. O capitão Gutierrez tinha no seu bornel uma grande garrafa de cerveja e morria de fome. Eu possuia de ração de *pemmican* e desfallecia de sede. Logo dividimos a parca subsistencia que ainda mais nos estomeou. E foi aquelle homem de genio, aquelle espirito tutelar quem suggeriu:

— Vamos jantar ao quartel general da brigada russa!

No abrigo de um muro revestido por uma velha madresilva, meia morta, meia queimada, em volta de um immenso fogão de petroleo pousado sobre a terra, como n'um *pic-nic*, vinte e tantos officiaes de brigada jantavam quando, famelicos e phantasticos, surgimos, impetrando uma codea. *Reporters*, officiaes, ambos nós tiveramos em toda a parte a mais fidalga e mais requintada gentileza da parte dos anglo-francezes. Mas ali o acolhimento embaraçou-nos pela exhuberancia de demonstrações amigaveis com que foi revestido. Levantaram-se, rodearam-nos, apertaram-nos effusivamente as mãos com tanta intimidade, tanta bonhomia como se o portuguez e o chileno tivessem nascido nas margens do Neva. Vi aquellas soberbas torres agaloadas, delmadas de *astrakans* apezar das brisas tepidas de maio, erguerem-se, tocadas já talvez por uma gota de *wodska*, sempre prohibido e sempre abundante, — acavallarem-se na ancia de um abraço festivo, puxaram-nos cestos de vime, bancos escassos e toscos, deram logar aos dois pobres exoticos deante d'uma mesa onde alastrava o manjar nacional, o manjar que fez estremecer de puro horror o meu anemico estomago já incapaz de sensações fortes — o *pilaw*.

Petiscando o piteu moscovita — montanhas de pimentos, de tomates, de mostarda, onde jaziam vestigios de gallinha, — emquanto a reverberação do fogão de petroleo tocava de esguelha as faces barbudas, riscando sombras, effeitos de claro-escuro como só se vêem nas telas de Van Dick, — communguei na mesma alegria franca, na mesma felicidade de viver sob a luz do sol, que irradiava em volta de mim. Todos aquelles companheiros da morte e que amanhã a morte tocará talvez, pareceram-me uma obra magnifica do Creador que deu a muitos homens cordealidade, alegria nativa, simplicidade e sentimento do dever. Eram todos altos, todos fortes, todos com o mesmo ar ingenuo, a mesma barba arruivada que lhes dava uma vaga semilhança com Francisco I ou com o duque de Guize, com os mesmos olhos d'um azul metalico e frio que na bonhomia da face não perdiam nunca uma certa gravidade interrogativa e muda, secca e impassivel. Em todos uma uniforme *chapska* polaca, pousava obliquamente sobre o craneo, vistosas, inverosimeis, tão magistraes como as suas botas altas, as botas altas russas que já ha duzentos annos faziam a admiração do principe de Conti. Mas, sob a apparencia de *moujiks* armados em guerra, irrompiam maneiras e expressões de grandes senhores. De facto, eram quasi todos principes, ou condes, senhores quasi feudaes de vastas terras, maiores do que muitos districtos de Portugal, quasi com o direito e baraço e cutelo e que entretanto gostosamente envergavam a modesta farda d'alferes e tenentes. O mais graduado, o tenente coronel Dmitri Aleixieff, n'uma bizarra fidalguia que decerto nenhum portuguez se lembraria de ter, informou-se logo, com a gravidade de quem cumpre um dever de côrte, da saude dos presidentes das Republicas portugueza e Chilena. Tocados até ao fundo d'alma por aquella idéa que revelava o gran-senhor a mil leguas de distancia, Gutierrez e eu inclinámo-nos balbuciando. E nunca nenhuma emoção nos foi tão grata, tão delicada como aquella que nos deu um official russo saudando com subtil nobreza as nossas patrias na simples maneira porque se interessou pelos seus chefes d'Estado.

Encontrei-me sentado ao lado do tenente Semenoff, sobrinho do famoso auctor do *Rasplata*, o que foi o chronista da guerra naval entre a Russia e o Japão, em 1906. Defronte de mim, entre dois collossos, Gutierrez bebia *wodska* corajosamente. Bebi tambem com a ancia, o desespero d'um homem que sente o seu estomago rugindo. E conversámos. Do que ia na Russia os officiaes nada sabiam e bem depressa percebi que o *czar*, embora prisioneiro e destronado, não deixára para elles de ser o *czar*. Cortados da mãe patria, todos tinham os olhos n'ella, sombrios, anciosos, esperando melhor futuro. Holocaustos, penhores da velha alliança russo-franceza, tinham sido quasi mil. Hoje eram apenas um punhado que ninguem renovava, ninguem fortalecia e augmentava. Nunca mais voltariam á Russia, morrendo ali pela honra, alegremente, nobremente como morriam os officiaes do marechal de Saxe na tarde sanguinolenta de Fontenoy. E a sua bandeira era ainda a da Russia-una, branca, com a cruz de Santo André em azul, bandeira com que tinham nascido e com que esperavam morrer. De todos os homens que teem logar na linha, nenhuns se batem como estes. Outras nações combatem pela sua integridade, pelos seus interesses, pelo seu futuro. Para os russos nada d'isso existe; dão a vida, dão o sangue porque são alliados, cumprem sabendo que a defecção do seu paiz lhes tirou todos os direitos, todas as regalias futuras. E' o melhor heroismo, o mais bello sentimento do dever que jámais vi. Invadiu-me o desejo de o exprimir ao meu visinho e decerto o consegui porque Semenoff perdeu subitamente o seu ar d'etiqueta e senti entre nós dois, tão diversos, de raças tão differentes, tão desconhecidas uma á outra, como que um fio de fraternidade. Podiamos ter sido amigos.

Entretanto, dispersos pelos cestos, pelos bancos, já todos nós iamos accendendo os cachimbos emquanto dois ou tres embrulhavam um cigarro. A conversa era geral, animada, n'aquelle francez tão puro e tão elegante, que falam todos os russos. Gutierrez tentava espalhar um pouco do Chili atravez d'aquelles cerebros do norte, demanchando certas ideias geographicas e ethnologicas que fariam o pasmo d'um estudante de instrucção primaria. Eu contei do nosso sol, do bello sol, do profundo e carinhoso azul dos nossos ceus, mas senti que para aquelles homens das brumas da Finlandia, dos lagos gelados da Russia branca, a nossa terra era inconcebivel, estranha, onde florescem as laranjeiras, como diz a canção de *Mignon*. Falámos tambem da grande, da unica preoccupação que nos atormenta a todos sob o ribombar permanente, angustioso, de dez milhões, da guerra e da paz. Os russos aguardam convictamente o triumpho definitivo dos alliados embora todos sintam que no presente momento o dia da paz trará a primeira humilhação positiva para a Russia. Mas serenamente vivem e pelejam — mancheia de bravos — mais ainda pelo seu imperio que do que pela sua patria. Claramente o comprehendi quando no fim do nosso *pilaw*, do nosso jantar que já se transformava em ceia, o tenente-coronel Aleixieff se levantou com o copo na mão. Em volta o tumulto abateu logo n'um silencio pesado. E com gravidade sombria o official exclamou erguendo o braço:

— Pela vida de sua magestade o czar!

Todos, com a face subitamente triste, levantaram os copos. Onde estaria n'aquelle momento esse imperador que todas as tardes um grupo de russos brindava? Estaria morto? Estaria vivo? Ninguem o podia dizer. Mas o poder das grandes dedicações é irradiante, invade-nos involuntariamente. No meio d'aquella gente recolhida e digna que levantava o copo pelo imperador prisioneiro, levantei tambem o meu copo. Mas não foi só apenas por um sentimento de polidez. N'aquelle instante, envolvido no fluido de delicadeza que se espava do tinta corações, amei tambem um bocadinho aquelle Romanoff distante que não conheço, nunca vi e do qual apenas sei que se chama Nicolau!

Mario de Almeida

Coisas de hoje

Os ultimos neutros

Raros são na Europa os espectadores, em paz do grande drama da actualidade. E' possivel mesmo que a força das circumstancias leve ainda o resto dos moradores do velho mundo a embrenhar-se na lucta; mas, para alguns d'esses raros, ha de custar a sair do comodismo tranquillo em que vão vivendo. A Hespanha esteve mais uma vez em foco, balançando-se na incerta corda bamba da neutralidade; mas tudo se esvaneceu, breve e *salerosamente*; o *casus belli* atenua-se, esfuma-se e sorrindo a uns, sorrindo a outros, o barco lá conseguiu continuar na bôa róta.

Ora o que succede com a Hespanha não succede com os outros neutros. A vida economica, especial, da nação visinha, não se eguala á dos outros neutros; se á Hespanha, a guerra tem trazido lucros exhuberantes, riquezas e força, aos outros a paz seria um grande beneficio, a salvação dos orçamentos avariados, das naus do Estado singrando difficilmente. Algumas notas, illucidam-nos, por exemplo, sobre o que se passa na pequena e outr'ora tão fertil Hollanda. A sua situação, sem ser belligerante é tão critica ou peor como se o fosse. Collocado sob a dependencia da Allemanha, o seu commercio mercante, tão florescente antes da guerra, devasceu e reduziu-se a nada n'estes ultimos 4 annos. Não ha pois, no paiz dos queijos, das lãs, senão um desejo: ver a paz concluida, o caminho dos mares livre, emfim, de novo a vida normal.

A crise alimentar na Hollanda é tal que revoltas espontaneas rebentam por toda a parte, principalmente nas cidades. A ração de pão — metade de farinha, metade de fecula de batata — está reduzida a 200 grammas por dia, os talhos estão fechados, e a população alimenta-se de peixe, dez vezes mais caro que antigamente.

Nem banha, nem chá; apenas uma pequena ração de 10 grammas de café cujos «stocks» se acabam no fim d'este mez.

Quando a ração do pão baixou a 200 grammas deram-se recontros sangrentos em Amsterdam, em Rotterdam, em Haya e Harlem, de que resultaram numerosos mortos. Esta critica situação é consequencia das exportações de productos alimentares para a Allemanha. As primeiras medidas de prohibição datam apenas do principio d'este anno, até então a carne, gorduras, peixe, lãs, passavam para a Allemanha, que lhes fornecia carvão e ferro. Todas estas relações amistosas se faziam com alguns regimentos allemães condensados na fronteira; os hollandezes viam n'isso perpetuamente uma ameaça e... cediam.

Sob o ponto de vista exterior a situação da Hollanda não é menos delicada.

Quando dos recentes incidentes da requisição dos navios hollandezes na America, incidentes de que a Allemanha astutamente se soube aproveitar para obter o transporte de cereaes que necessitava e a auctorisação para se servir do caminho de ferro de Limburgo, a imprensa hollandeza inclinou-se para os alliados.

Até ahi a sympathia era tacita e platonica, se acaso havia. As cidades estão em absoluto divididas, como succede na Suissa. Amsterdam, Rotterdam, Haya e Maestricht são francofilas; Utrecht, Dordrecht e Groningen são germanofilas.

Tendo por base o commercio e vivendo exclusivamente do commercio os holandezes estão sempre actualmente dispostos a voltar-se para quem mais dê.

Ora é com a Allemanha que elles ganham mais dinheiro. Antes da guerra, tinham grandes faculdades de expeculação; hoje teem a fraude e o contrabando. Assim, sem ir até ao desejo de victoria para a Allemanha, porque elles temem cahir no seu dominio, desejam que os seus amigos allemães não sejam esmagados, visto que perderiam os beneficios da guerra.

Os «stocks» consideraveis de mercadorias de que depende a Hollanda quando a guerra rebentou, acham-se totalmente exgotados e como o paiz não é agricola, e todo o seu gado foi abatido para sustentar a Allemanha, caminham para a fome. Quasi todas as fabricas estão fechadas, e as rações de viveres tornam-se insuficientes para que que o governo não conte com um descontentamento popular.

No meio d'esta situação difficil, a imprensa anda á mercê das correntes de influencia creadas pelos serviços de propaganda dos diversos beligerantes. E, n'este campo, sabe-se quanto a Allemanha é «mãos largas». Quanto ao governo, querendo seguir os desejos populares d'uma estricta neutralidade, inclina-se comtudo para a Allemanha. No exercito as opiniões egualmente se dividem: os soldados são pelos alliados, os officiaes, principalmente os de carreira, são germanophilos. Está divergencia, motiva incidentes varios entre o proprio exercito.

O que mantem, porém, a «gana» germanophila dos muitos hollandezes que leem pela cartilha dos «boches» são as noticias em primeira mão que lhes chegam, do que se passa no paiz da «kultur». E' ellas são de molde a esfriar todos os impetos de admiração que possam sentir.

Noticias hollandezas dão a conhecer ao publico que a crise alimentar allemã, esperançada nos recursos que iria arrancar á Russia, foi aggravada nos ultimos tempos. Os comboios de trigo vindos da Ukrania foram regados de petroleo, ao atravessarem a Galicia. Na Allemanha do norte, os trigos perderam-se com os frios bem como as colheitas de batata. Restava o trigo russo; era a ultima esperança; obrigaram então os habitantes a trabalhar n'esta colheita mas os casos de *sabotage* multiplicaram-se.

Um outro ponto interessante que desanima os *bochesinhos* hollandezes é a falta de vestuarios e de coiros no grande imperio de Deus e de Guilherme. Tal, que, os soldados recebem, no interior do paiz, equipamentos de papel e tamancos de pau.

Esta noticia que crêmos absolutamente desconhecida em Portugal fará perder muito, no espirito escondidamente admirador dos exercitos bellicosos e disciplinados do kaiser, aquella fama de «linha», severidade uniforme e escrupulosa sobriedade de trajo.

O mesmo succede naturalmente aos hollandezes, que por este motivo, não dizem alto o que pensam, desejando apenas uma coisa: a paz.

* * *

Em face do que se passa na casa dos neutros, porque quadros quasi identicos poderiamos apresentar da vida difficil e irregular na Suissa dividida em raças e opiniões, nos povos escandinavos, é bom compararmos todos os nossos males; nós, que estamos em guerra, que fazemos o sacrificio mais brilhante e honroso da Historia das nações pequenas, ainda levamos uma vida bastante confortavel.

Que a natureza ou providencia nos protege benignamente, tem uma simpathia velha pelo nosso torrão! Houvesse juizo nos homens e seriamos mais invejados, apezar dos horrores da guerra em que com tanto ardor entrámos, de que esses ultimos neutros, sem fé, nem liberdade, nem pão, nem a esperança de um dia poderem erguer altivamente a sua cabeça honrada e consciente.

A MALTA DAS TRINCHEIRAS

Em breves dias, iniciará «A Capital» a publicação, em folhetins, dos capitulos do novo livro de André Brun, A MALTA DAS TRINCHEIRAS.

André Brun tem um nome de ha muito consagrado no mundo das lettras; pelo que diz respeito ao assumpto de A MALTA DAS TRINCHEIRAS faz-se idéa do vivido da descripção, das scenas que o auctor nos vae descrever, sabendo-se que elle esteve mais d'um anno nas trincheiras da frente.

São os seguintes os titulos dos primeiros tres capitulos de A MALTA DAS TRINCHEIRAS:

Madame Letailleur.
José Maria Folgadinho,
"lanzudo„ da grande guerra.
Iniciação.

A'CERCA DA GUERRA

Palavras solemnemente pronunciadas por um principe da Egreja e por um estadista portuguez

O que disse o sr. bispo de Portalegre, na oração funebre proferida na Sé Patriarchal de Lisboa, em 15 de maio de 1918

Eu não irei, meus senhores, fazer aos nossos heroicos soldados a injuria de entoar uma nenia carpida sobre as suas campas honradas, não irei perturbar com banaes lamentos a paz dos seus tumulos; aos bravos que morreram de fronte erguida e de armas na mão é devida homenagem mais alevantada, e a propria dôr que por elles se senta deve ter um cunho de energia mascula e do nobre desprendimento. E estes merecem bem a consagração posthuma do nosso reconhecimento e da nossa admiração.

N'um agglomerado de exercitos phantasticamente enorme, em que as unidades se contam por centenas de milhar, em que as massas humanas são como avalanches gigantescas a despenhar-se no phrenesi dos ataques e na vertigem das refregas, á reduzida hoste luzitana consegue chamar para si as attenções; e a imprensa de todo o mundo fala com encomio d'esse grupo destemido que tão galhardamente se bate com os aguerridos filhos da Germania.

A nossa imaginação reconstitue penosamente as tragicas scenas que ao longe se estão desenrolando, as varias peripecias d'esta guerra sem nome e sem precedentes passam ante os olhos do nosso espirito como uma visão de inferno e nas azas do vento parece vir até nós o rumor confuso da grita humana, do troar do canhão, do tremer de terra, de todo esse fragor que constitue a musica sinistra das grandes batalhas. E' lá, n'esse fundo movimentado, n'esse scenario horrivel, que se desenvolve a acção do nosso exercito, é lá que o nosso soldado, victima generosa immolada nas aras cruentas do dever, arrosta com a dôr e com a morte, defendendo heroicamente a terra que lhe foi confiada. E' lá que se passam esses lugubres acontecimentos de 9 de abril, cuja triste repercussão nos reune hoje aqui.

Lugubres lhes chamei, porque de facto a muitos lares elles fizeram descer uma atmosphera pesada de luto e dôr; mas bem pudera chamar-lhes, e mais apropriadamente, gloriosos acontecimentos de 9 de abril. Gloriosos sim, porque, n'aquelles lances supremos se viu brilhar mais uma vez o clarão scintillante do valor luzitano. São escassos ainda os relatos, envolvem-se ainda n'um véo de mysterio as peripecias da ardua refrega; mas o que até nós já chega é mais do que bastante para acalentar os nossos brios de patriotas, para verter nas feridas que a saudade abriu o balsamo forte da honra que se manteve, da bravura que se affirmou.

Após violenta preparação da artilharia que vomitou sobre os nossos um diluvio de ferro e de fogo, a que os nossos artilheiros responderam com aquella mestria e com aquelle denodo que os torna admirados, desencadeia-se emfim a grande irrupção; umas após outras, como vagas de um mar em furia, as hordas inimigas succedem-se n'um avanço cego e desvairado; se a metralha varre uma fileira, apparece logo outra para a substituir, a mole ingente não pára, rola sempre, servem-lhe de alfombra os cadaveres dos seus, massa informe que atulha as trincheiras; e perante o rolar da vaga a falange portugueza não recua: se é a morte que ali vem, os heroes saberão esperal-a a pé firme.

Uma prece ao Deus dos exercitos, talvez o grito antigo de Santa Maria, tão familiar ao guerreiro portuguez: — sim uma prece, porque eu sei que o soldado portuguez ora, ora nos campos da batalha, como nas naves dos templos, como oravam os grandes batalhadores do Portugal antigo, como oram suas mães e seus paes suas esposas, suas noivas, seus filhinhos, como nós oramos aqui por elles, — uma vez o grito antigo de Santa Maria, uma prece intima ao Deus dos exercitos, tal lembrança fugitiva aos entes queridos que n'elles pensam, e ao mesmo tempo um arranco formidavel, um correr para a gloria, a defeza ardente, valorosa, titanica, das suas posições, disputadas palmo a palmo ao impeto feroz do invasor. E' uma divisão, são duas divisões, tres quatro, oito divisões, contra o sector portuguez onde duas escassas divisões sustentam briosamente a furia do choque brutal e oppõem uma resistencia herculea ao ariete que as bate em brecha. O assalto é geral, portuguezes e inglezes são rudemente atacados; mas aquelle encarniçamento do adversario contra o sector portuguez, aquelle amontoar de divisões que significa? porventura o desejo de liquidar de vez? acaso a esperança de amedrontar? quiçá o intuito de abafar toda a velleidade de resistencia ante a fera catadupa que se despenhava? E' possivel que fôsse isto tudo: mas nada d'isto se conseguiu, honra seja ao exercito portuguez. Nem Deus permittiu que os nossos fossem liquidados, nem o soldado portuguez se amedronta quando o perigo o assoberba e a morte lhe negaceia, nem o seu peito forte se nega a resistir, ainda quando o esmagamento é inevitavel. Resistir até morrer, succumbir no seu posto, tambem é vencer.

E a lucta accende-se, vigorosa, intensa, corpo a corpo, sem quartel nem desfallecimento. E o que se passa então é horrivel e é bello. Atacado de frente e de flanco, o corpo expedicionario portuguez bate-se com um denodo que assombra, com um heroismo que arrebata. Acorda o vigor antigo da raça, revive n'aquelles peitos o esforço dos portuguezes de antanho: lucta-se não para vencer, que isso é impossivel, mas para vender cara a vida, para mostrar que se não teme nem se verga, lucta-se para honrar uma farda e uma bandeira, lucta-se para desaggravar o nome da Patria.

De pé, no meio das fileiras dizimadas, os que ainda podem combater não se rendem e n'um desprendimento epico preferem a morte ás commodas algemas de uma capitulação. Perde-se terreno, é certo porque a catapulta é irresistivel e a muralha humana é tenue; mas esse terreno é regado abundantemente com sangue, e o inimigo só logra possuil-o quando a morte immobilisou os braços que o defendem. E ao findar a sangrenta jornada, a Patria, como as espartanas de outros tempos, póde recolher ufana os cadaveres dos seus filhos e sepultal-os piedosamente, porque elles luctaram com valentia e morreram com honra. Chamar-lhes-ha alguem porventura loucos, porque se não renderam quando a perda era certa e o sacrificio inutil; mas quem assim fala ignora com certeza que o sacrificio nunca é inutil, que elle vinga a justiça e sagra o valor, que elle affirma o caracter e dignifica o homem, e que só é pobre aquella causa que se defende com o sacrificio.

Esses portuguezes que n'um supremo holocausto de si mesmos combatem até ao derradeiro alento, cercados de inimigos que inevitavelmente os vão esmagar, e nem assim mesmo fraquejam, mas desafiando a morte vão cahindo lentamente, morrendo devagar, como o desditoso rei que os areaes de Alcacer viram succumbir, revestem a nossos olhos proporções gigantescas: são bem os descendentes dos luctadores de Tanger e de Alcacer, do Toro e de Alcantara, d'esses que nem por serem vencidos deixam de ser gloriosos, mas são antes o orgulho de uma Patria que aprecia o valor de seus filhos, não pelo interesse que lhe dão, mas pelo desinteresse com que por ella se immolam.

A vaga é afim contida, amaina o carnificina, os sobreviventes contam-se e recordam os nomes dos seus irmãos de armas que jazem além no campo da peleja, immobilisados uns na rigidez da morte, feridos outros e exhaustos de tanto luctar; mas sobre todos perpassa uma aura sadia de valor, a todos o sol que vae sumir-se envolve n'um derradeiro nimbo de luz como n'um reverbero de honra e de brio. E lá dormem o somno da morte, á sombra pacifica da cruz redemptora, tantos bravos que de longe, n'uma evocação suprema, saudaram o vulto da Patria e lhe offereceram a mais preciosa das homenagens, a homenagem do sangue e da vida.

E em espirito nós vamos áquella terra regada pelo sangue dos nossos irmãos, ajoelhamos sobre as suas campas humildes mas gloriosas, e n'um mixto de saudade e de reconhecimento erguemos ao céu uma prece. Oramos pelos que morreram, mas ao mesmo tempo damos graças; sim, agradecemos ao Eterno a auréola de que soube dourar este infortunio, agradecendo-lhe a fortaleza, a coragem invicta que incutiu aos nossos para que, á custa embora de tantos sacrificios e dôres, escrevessem uma pagina de tanta gloria, que a posteridade recordará, e que vem lançar uma nota de nobreza e generosidade n'este crepusculo incerto de transigencias e baixezas, de capitulações e commodismos, em que por vezes julgamos vae a sossobrar a Patria e a desintegrar-se a raça. Os grandes sacrificios são os tonicos providenciaes que provocam nos povos as reacções salvadoras.

O que disse o sr. ministro da guerra, na sessão da Camara dos Deputados, em resposta á interpellação do sr. Mello Vieira

Sr. Presidente: feita esta exposição, direi que a nossa alliada, a Inglaterra, continuou da melhor vontade e com a maior solicitude a fornecer-nos os meios para podermos mandar para França essas duas divisões e, por isso, nos cedeu os seus navios. Em alguns d'elles, que não tinham a lotação sufficiente, fomos nós que mandámos fazer as obras de adaptação necessarias para que pudessem comportar mais pessoal. Houve até um navio em que se gastaram 50.000$ na sua transformação!

Mas a Inglaterra tinha tambem as suas forças em França e, precisando mandar para lá reforços, abastecel-as, retirou os navios que andavam no transporte das nossas tropas e que, como disse, cedêra para satisfazer os nossos desejos.

Deu-se isto em agosto de 1917.

Nós ficámos com um corpo de exercito composto de duas divisões. Uma rasoavelmente organisada e outra com grandes deficiencias, devendo ambas empregar-se em formações contiguas, em primeira linha; com um tal dispositivo não se tinha em consideração o principio elementar de tactica de ter uma força na frente e outra na rectaguarda como reforço.

O governo inglez, conhecedor da precaria situação das nossas forças, sugeriu, por intermedio do seu ministro da guerra, que, em vez de conservarmos as duas divisões na frente da batalha, ficasse uma em primeira linha e outra á retaguarda, como reserva ou reforço.

O governo democratico não acceitou essa indicação e, por isso, todas as nossas forças iam sendo encorporadas na frente, á medida que iam completando a sua preparação em França extenuando-se simultaneamente.

A indicação do governo inglez era de todo o ponto justa porque se sabia perfeitamente que as nossas forças, habituadas a um clima temperado, não poderiam supportar os rigores do inverno nas trincheiras sem grandes baixas. Foi isso que succedeu. Nos principios de novembro começaram a sentir-se em todo o C. E. P. os effeitos da in-

...renia, e as baixas nos nossos soldados começaram a manifestar-se.

Veiu finalmente o 5 de Dezembro, data gloriosa, em que uma revolução redemptora, sabiamente delineada e dirigida pelo sr. Sidonio Paes, expulsou do poder o partido democratico e pôz a descoberto tudo o que havia a respeito da nossa participação na guerra.

Assim, o primeiro acto do governo sahido da revolução foi tratar de averiguar o que existia ácerca do C. E. P., e soube então que era necessario mandar reforços para França, mas que era absoluta a falta de transportes em virtude da grande imprevidencia havida em preparal-os. Nós apenas dispunhamos de navios de pequena lotação, pouco adaptaveis para as exigencias d'esse serviço; todavia aproveitámos tudo o que pudesse servir para transportar alguns reforços, como realmente n'elles seguiram para França.

Em principios de janeiro o governo inglez renovou o alvitre de modificarmos o dispositivo das nossas forças por forma identica á que tinha apresentado ao ministro da guerra da situação democratica.

Isto é, deveriamos ficar na frente com uma divisão e na retaguarda com outra para reforço. O nosso governo concordou com esse alvitre; mas as condições que se apresentavam n'essa occasião eram differentes das de setembro, porque as nossas tropas já estavam extenuadas e doentes em consequencia do longo estagio nas trincheiras e dos rigores do inverno, que foi desolador. Por isso a divisão que viesse para a retaguarda deveria permanecer n'essa situação por largo tempo para se retemperar e a que estivesse na frente teria de gastar-se demasiadamente antes que pudesse ser reforçada ou substituida. Foi, pois, dada ordem para que uma das divisões viesse para a retaguarda, ficando a outra na frente, como realmente succedeu.

Tornava-se, além d'isso, necessario attenuar um pouco as condições de fadiga em que se achavam os officiaes e praças.

Não podendo vir a Portugal em grande numero, o governo resolveu que fosse estabelecido um regimen de licenças mais equitativo, pelo qual os officiaes e praças pudessem descançar no paiz.

Effectivamente, vieram uns e outros de licença, mas isso ainda não satisfazia, porquanto a maior parte estava em condições de cansaço e fadiga por forma a não poder voltar á França sem um longo periodo de descanço.

Era preciso, portanto, estabelecer a sua rendição ou o «roulement». Tratou-se de estudar esse assumpto com todo o cuidado e interesse, aproveitando os elementos de informação do nosso commando em França e dos officiaes que tinham vindo ao paiz e publicou-se o decreto de rendição, tambem chamado de «roulement».

O processo do «roulement» consiste no seguinte: divide-se a zona de guerra em tres partes ou cathegorias. A primeira desde a frente até ás posições de artilharia; a segunda desde as posições da artilharia até o quartel general do corpo do exercito e a terceira d'ahi até á base. Os que permanecem um anno na primeira cathegoria tinham direito a ser rendidos ficando em Portugal durante egual tempo, os da segunda cathegoria necessitavam de servir dois annos para serem rendidos, e os da terceira tres annos.

Disse o sr. Mello Vieira que esse decreto não satisfaz. Pois posso affirmar-lhe que foi elaborado na melhor das intenções e com o fim de poder agradar a todos; o governo não terá duvida em o modificar e aperfeiçoar, porque o seu desejo tem sido sempre o de melhorar as condições de vida tanto dos nossos officiaes como dos nossos soldados.

Disse tambem o sr. Mello Vieira que tem sido letra morta esse decreto de «roulement».

A este respeito devo responder o seguinte: se a parte do «roulement» dos logares da retaguarda para a frente, em França, não foi executada, as responsabilidades cabem aos que ali lhe não tiveram dado integral cumprimento.

Uma voz:—Quem exige as responsabilidades?

O orador:—Sou eu, uma vez que tenha dados positivos sobre taes factos. (Apoiados).

O orador:—Poderão perguntar-me porque ainda se não fez o «roulement» das tropas de Portugal para as de França?

A isso responderei que quando se ia a proceder á sua execução, estando já em Portugal de licença algumas praças e mesmo alguns officiaes, appareceu a desastrosa epidemia do tifo exantematico, que levou o governo inglez a recommendar instantemente que não fossem mandados para França, nem officiaes, nem soldados.

O governo inglez não queria que se transmittisse a epidemia ás tropas que estavam na «front», porque isso era o peior de todos os desastres, como facilmente se comprehende. (Apoiados).

O governo portuguez acatou, como lhe cumpria, essa recommendação do governo alliado; mas tratou logo de se... ver se se poderia remediar esse mal, construindo-se um lazareto em Brest, o qual comportaria algumas centenas de homens.

Como a epidemia do tifo ia declinando, novas tentativas fez o governo para enviar homens para França, o que não foi julgado ainda opportuno.

Por fim, accedeu o governo inglez a enviarmos officiaes, mas sómente por mar e alguns seguiram desde então.

Quando se deu o desastre de 9 de abril, tinham as divisões portuguezas falta de officiaes, devido á sua deficiente organisação primitiva, e outros se achavam de licença em Portugal, não tendo podido recolher a França pelos motivos já expostos. Não posso deixar de lamentar essas faltas; mas—repito—a desorganisação do Corpo Expedicionario Portuguez vem desde a origem. (Apoiados).

Eu tenho ouvido censuras ás nossas tropas por não resistirem convenientemente ao embate das hostes inimigas. Permitta-me V. Ex.ª que eu lhe diga que li relatorios que vieram do commando do Corpo Expedicionario Portuguez relativamente á offensiva de 9 de abril e cheguei a esta conclusão:

As nossas forças não resistiram, recuaram porque a offensiva foi extremamente violenta, brutal.

Eram duas divisões de ataque, duas de apoio e quatro de reserva; o todo oito divisões contra uma divisão!

Não era possivel resistir-se. (Apoiados).

Tanto as nossas tropas, como as que estavam nos flancos, tiveram que recuar, e nos flancos achavam-se divisões inglezas bem organisadas e mais frescas do que a nossa. A offensiva foi de tal ordem, que não havia forças humanas que, n'aquellas proporções, a pudessem conter de prompto, visto que ahi o inimigo poude realisar uma das grandes surprezas da campanha do actual anno, empregando massas consideraveis de artilharia.

O sr. Mello Vieira:—O ataque foi só sobre os flancos?

O orador:—O ataque foi em toda a linha da nossa divisão. Os flancos cederam primeiro porque não podiam deixar de ceder!

Visto que falo dos nossos soldados, devo dizer que elles se comportaram com a maior coragem, valentia e abnegação, e permitta-me V. Ex.ª e a Camara que eu d'aqui dedique aos heroicos sobreviventes as minhas calorosas saudações e ao mesmo tempo apresente o testemunho da minha infinita saudade por aquelles que tão gloriosamente morreram no campo da batalha, honrando a Patria! (Muitos apoiados).

Sr. Presidente: desmantelladas como ficaram as nossas forças, é evidente que ali não podem continuar e a sua substituição impõe-se. (Ap.os). E se até agora o governo não tem realisado, como é seu grande desejo, essa substituição, é porque infelizmente subsistem todas as difficuldades que já expuz, entre as quaes avulta a falta de transportes, que não está na nossa mão remover e que é a mais grave consequencia da imprevidencia com que foi preparada a nossa cooperação militar em França. (Apoiados).

Creio ter respondido, ainda que muito succintamente, á interpelação que me fez o illustre deputado sr. Mello Vieira.

Echos & Noticias

EXAME DISTINCTO

Fez exame de inglez no Lyceu Maria Pia com raro brilhantismo, tendo obtido a elevada classificação de 19 valores, a menina Alice Moreira, interessante filha do nosso amigo sr. J. Sabino Moreira, antigo empregado da casa Ramos, representantes da Mala Real Real Ingleza, a quem felicitâmos pelo optimo resultado dos estudos da sua filha.

FALLECIMENTOS

Em Sacavem falleceu hoje o sr. Diogo Armando Serra, commandante dos bombeiros da localidade e irmão da distincta actriz Etelvina Serra, a quem enviamos os nossos pesames. Deixa viuva e um filho menor.

A' familia enlutada enviamos os nossos pesames.

A nova missão de Judex

Repetição do celebre «film» em despedida

A extraordinaria pelicula «A nova missão de Judex» que incontestavelmente, tem sido a mais sensacional attracção da epoca e uma verdadeira fabrica de enchentes para o Colyseu dos Recreios, está dando os seus ultimos irrevogaveis espectaculos. E a empreza garante que, pelo seu contracto, o assombroso «film» não pode ser apresentado em outro qualquer local sem terem decorrido seis mezes. Vão repetir-se no sabbado e no domingo todos os soberbos episodios e ninguem deve perder a occasião de admirar a mais celebre pelicula da actualidade, cheia de sentimento, de imprevisto e de engenhosas combinações.

Hoje, repetem-se os dois ultimos episodios e o esplendido «film» «Os Filhos da Morte». Amanhã, em penultimo espectaculo, exhibem-se os primeiros seis episodios; e no domingo, em despedida, os restantes seis, e, d'este modo, em dois dias o publico poderá gozar o mais extraordinario espectaculo d'estes ultimos tempos.

Anna Maria Rodrigues Gomes da Silva

FALLECEU

Antonio Gomes da Silva, Geraldina Gomes da Silva seu marido e filhos (ausentes), Antonio Gomes da Silva Junior sua mulher e filhos, Augusto Gomes da Silva (ausente), José Luciano Gomes da Silva sua mulher e filho, participam que foi Deus servido chamar á sua divina presença sua muito extremosa mulher, mãe, sogra e avó e que o seu funeral se realisará amanhã, 24, pelas 15 horas, da Travessa do Chão da Feira n.º 11, 1.º (ao Castello), para o Cemiterio Oriental.

Anna Maria Rodrigues Gomes da Silva

FALLECEU

Nettos & Companhia, Limitada, participam o fallecimento da Ex.ma Sr.ª D. Anna Rodrigues Gomes da Silva, mãe do seu socio Germano Gomes da Silva, e que o funeral se realisará ámanhã, 24, pelas 15 horas, da Travessa do Chão da Feira, n.º 11, 1.º (ao Castello) para o Cemiterio Oriental.

ULTIMAS NOTICIAS

Economias! Restricções!...

O que pensamos ácerca do annunciado decreto de arraçoamento

Noticia-se officiosamente que o governo vae publicar um decreto arraçoando alguns generos alimenticios de primeira necessidade. São elles o assucar, o feijão, a batata, o azeite e o pão, sendo as quantidades attribuidas a cada cidadão, por mez, de um kilo para o assucar e o feijão, de quatro kilos para a batata, de 8 decilitros para o azeite; e de 400 grammas, por dia e por pessoa, para o pão.

Se não deixassemos aqui falar senão o nosso egoismo, bateriamos incondicionaes palmas de applauso ao acto do governo, porque a effectivação da annunciada providencia attenuará as difficuldades da nossa vida particular. Mas uma coisa é o nosso egoismo e outra o dever profissional que nos impõe a obrigação de falar claro e dizer a verdade, sem nos preoccuparmos do beneficio ou maleficio que d'ahi nos possa resultar.

O arraçoamento premeditado pelo governo não resolverá, por forma alguma, as difficuldades do momento presente. Elle vem favorecer as classes médias ou ricas, mas em prejuizo manifesto dos pobres. Estes, até hoje, tinham no feijão e no pão, a base principal da sua subsistencia diaria; agora, com o arraçoamento, ficam reduzidos á expressão simplicissima de se alimentarem com um litro de feijão, por mez e por pessoa, com o exiguo conducto de 400 grammas de pão. E' manifesto que isto não chegará para tres dias, quanto mais para um mez! Dir-se-ha, como victoriosa objecção, que outros generos ficam livres no mercado e com elles pode o pobre supprir o «deficit» alimenticio. Nós respondemos que tal lhe é defeso, porque o preço que attingiram os generos está fóra do alcance dos magros cobres da bolsa do pobre. Já o mesmo não acontece, é claro, ás classes médias e ricas, porque as primeiras são, em regra, composta de individuos que ainda podem recorrer aos generos caros e as segundas nunca tiveram nem terão senão a difficuldade da escolha dos generos com que se alimentem. Estas duas classes são, pois, favorecidas, porque terão o feijão e a batata, generos que até aqui lhes faltavam, porque o pobre os consumia na quasi totalidade; mas os pobres verão augmentadas, além de todos os limites do comportavel, as difficuldades da vida presente.

N'estas condições, como será possivel manter-se o arraçoamento que se projecta? Elle está fatalmente destinado a fracassar. Porque, de duas, uma: ou se executará á risca, o que é impossivel, porque uma parte da população se não deixará morrer de inanição, mesmo lentamente que seja; ou se fecharão os olhos ás burlas, ás extorsões e até ás violencias a que o instincto da conservação individual vae obrigar as multidões famintas.

A nosso ver o problema foi mal e incompletamente estudado. O arraçoamento restricto a alguns generos de preço inferior, aggrava o mal, concorrendo para a elevação do preço venal de todos elles: dos arraçoados, porque o consumo será maior, pela concorrencia do rico e do remediado; e dos outros, não arraçoados, porque os pobres procurarão obter com elles o supplemento indispensavel ao equilibrio alimentar. Este equilibrio, porém, pouco tempo se poderá manter, visto que os recursos monetarios dos pobres são já extremamente moderados. E quando a fome apertar, lá se vae o decreto por agua abaixo, ficando os governantes a dizer, mais uma vez e com tanta razão como até hoje, que isto é um povo ingovernavel.

Mas qual é então o remedio? E' simples: o arraçoamento deve ser generico e não parcial. Devem ser arraçoados, não só os generos em que já se pensa, como muitos outros: carne, peixe, massas, arroz, manteiga, café, chocolates, grão, etc.

Fazendo-se isto ha realmente economia pela restricção no consumo visto que todo o cidadão terá direito ao necessario para a sua alimentação. Isso reclamamos nós durante muito tempo, sem que nos ouvissem. Continuamos na mesma ordem de ideias. Repetimos, hoje como hontem: ECONOMIAS!... RESTRICÇÕES!... Mas que ellas sejam para todos, pobres ou ricos, fracos ou poderosos. Que todos soffram a sua quota parte dos males d'hoje, visto que é a Nação que está em guerra.

Devemos, em todo o caso, ser justos. O problema é extremamente delicado e os meios de o resolver não abundam, antes escasseiam extremamente, mercê de duas causas principaes: a desorganisação administrativa e a indisciplina social. As nossas observações não são, pois, censuras. São avisos, apenas. Em resumo: seria preferivel, antes de começar a executar-se o arraçoamento, estudar a forma de o tornar extensivo a muitos outros generos de primeira necessidade, porque, se assim não fôr feito, o fracasso é mais que provavel, é quasi certo.

O Conselho de Seguros

Ha dois mezes que não reune

Alguem nos informa que vae já para dois mezes que o Conselho de Seguros não reune. Por este motivo muitas das companhias novas que não podem iniciar o seu movimento sem que aquelle Conselho delibere estão soffrendo importantissimos prejuizos. E', portanto, necessario, e indispensavel que termine por uma vez essa inercia, mixto de indiferença que a maioria das pessoas de quem dependem resoluções d'esta indole votam aos interesses das emprezas industriaes e commerciaes, que representam uma parte da vida economica do paiz.

Da guerra e dos exercitos

Diario da guerra

Raro é o dia em que os alliados não realisam avanços ainda que pequenos; mas vão proseguindo sempre, para melhorarem as condições da linha e levantarem o moral das tropas. A tomada de Lassigny é uma etape brilhante, para a posse de Roye e de Chaulnes.

O systema adoptado pelos belligerantes n'estes momentos parece ser o mesmo: não comprometter grandes massas, manobrarem com elementos avançados, com a maxima economia de effectivos.

Tinha-se notado, a seguir a cada offensiva allemã, que os exercitos do Kaiser ficavam petrificados na sua nova linha. Desta vez, porém, depois da offensiva franceza, os soldados dos exercitos alliados não descansam, nem deixam descansar os seus inimigos. A guerra continua apresentando o caracter de maior mobilidade e ligeireza, da parte dos alliados, que continuam senhores da offensiva.

des resultados de ordem politica e militar.

A opinião publica allemã espera grandes das conferencias que se realisaram no grande quartel general e a que assistiu o imperador Guilherme e o imperador Carlos.

A offensiva dos alliados

Os francezes progridem, apoderando-se de varias povoações—Mais de 200 canhões tomados desde o dia 20

PARIS, 22.—Communicado official das 23 horas:—As nossas tropas continuaram a progredir em toda a linha de batalha. Entre o Matz e o Oise occupámos o Divette desde a foz até Evricourt. A leste do Oise avançámos as nossas linhas até ás proximidades de Quierzy. Entre o Ailette e o Aisne apoderámo-nos de St-Aubin, Selens, Bagneux, Epagny, Rieux, Vauxrezis e Pommiers. O material abandonado pelo inimigo entre o Oise e o Aisne é consideravel, tendo já sido contados mais de 200 canhões desde o dia 20 do corrente.

Aviação:—Em 21—As nossas esquadrilhas abateram, ou puzeram fóra de combate, 17 aviões inimigos, incendiaram 6 balões captivos, e atacaram, muitas vezes á metralhadora, as tropas allemãs em retirada na região de Lassigny, e entre o Oise e o Aisne. Os nossos aviões de bombardeamento lançaram, de dia, 34 toneladas de projecteis sobre as regiões de Chauny, Margival, Vauxaillon, Arizy-le-Chateau, e, durante a noite, 28 toneladas sobre as gares de Thionville, Gonflans, Mezières, assim como sobre o campo de batalha. Numerosos ataques provocaram incendios nas gares de Conflans, Ham, Guiscard, Chauny, Thionville, Thiaucourt e Pontavert. Nos dias 19, 20 e 21 do corrente, os nossos observadores fizeram um consideravel trabalho, durante a batalha, apesar das condições atmosphericas sem muito desfavoraveis e dos ataques da aviação inimiga, que tentava principalmente impedir os nossos aviões, que cooperavam com a infantaria, de effectuarem as suas missões de reconhecimento a baixa altitude e a balizagem das linhas. Na noite de 21 para 22, os allemães bombardearam Dunkerque com granadas de grosso calibre, matando 7 pessoas da população civil e ferindo uma.—(Havas).

Os inglezes atacam as posições allemãs entre o Somme e o Ancre, fazendo mais de 2.000 prisioneiros

LONDRES, 22.—Communicado britannico:—Esta manhã, ás 4 horas e 45 minutos, as nossas tropas atacaram as posições inimigas entre o Somme e o Ancre. Hontem, ao anoitecer, as nossas patrulhas tinham progredido na margem esquerda do Ancre, ao sul e a sudoeste de Beaucourt. Ao norte do Ancre, o avanço de hontem foi mantido apesar dos violentos contra-ataques inimigos tentados de tarde e á noite. Entre Miraumont e Achiet-le-Grand a artilharia inimiga esteve muito activa durante a noite. Ha noticia de que, esta manhã, novos ataques inimigos se desenvolvem em face de Tiraumont. No decurso das operações effectuadas hontem fizemos 2 a 3 mil prisioneiros, tomámos alguns canhões e progredimos a leste e a nordeste de Merville. As nossas tropas, na noite passada, atacaram e tomaram uma forte posição inimiga ao norte de Bailleul. Os allemães tentaram, hontem, de manhã, um violento contra-ataque na herdade de Locrehof, a noroeste de Dranoutre, mas foram repellidos depois de vivo combate. A luta continuou durante a noite n'este sector.—(Havas).

A actividade dos aviadores francezes — Bivaques e passagens atacadas á bomba e á metralhadora

PARIS, 22.—Communicação franceza de 21, ás 23 horas, sobre a aviação.—No dia 20 de agosto, apezar do tempo desfavoravel e das nuvens baixas a nossa aviação mostrou-se activa. Foram postos fóra de combate 9 aviões inimigos e incendiados 3 balões captivos; 41 toneladas de projecteis foram lançadas durante o dia d'uma altura entre 50 e 500 metros sobre os ajuntamentos e comboios da região de Guny, Saint Paul, nos bosques de Juvigny, Chavigny, Crecy-au-Mont e nas passagens do Aillete, n'estes mesmos objectivos foram lançadas algumas dezenas de milhares de cartuchos. Na noite de 20 para 21 continuámos a atacar á bomba e com as metralhadoras os bivaques e as passagens do valle do Aillette; além d'isso foram lançadas 23 toneladas de projecteis nas gares de Mézières, Amagne, Lucquy, Chatelet-sur-Retourne, Conflans e Armonvilliers. A gare de Thionville 4 sua parte, recebeu 4 toneladas de explosivos. Notaram-se incendios e houve grandes explosões, principalmente nas gares de Mezières e Armonvilliers. Em total foram utilisadas 64 toneladas de projecteis com excellentes resultados.—(Havas).

O tempo impede as operações aereas

LONDRES, 22.—Communicado britannico em 21 sobre a aviação:—No dia 20 a actividade aerea inimiga foi muito fraca. Abatemos um apparelho inimigo e falta um dos nossos. Durante a noite as nuvens baixas impediram qualquer operação aerea.—(Havas).

Nas linhas italianas

Uma tentativa de ataque repellida—Campo de aviação bombardeado

Roma, 22.—Commando supremo em 22:—Em todo o conjuncto da linha de batalha actividade moral da artilharia. No valle do rio Frenzo (Posina) as forças inimigas, depois de uma breve e intensa preparação da artilharia, tentaram atacar as nossas linhas, mas foram obrigadas a retirar em desordem pelo nosso fogo. As nossas patrulhas repelliram forças exploradoras inimigas ao sul do Mori e causaram embaraços ao inimigo nas linhas da margem esquerda do Piave até leste de Nervase. Os aviadores italianos bombardearam com exito objectivos militares no valle de Sugana e lançaram 2.000 kilogrammas de bombas sobre um campo de aviação a oeste da torrente do Meduna, causando avarias. 5 apparelhos austriacos foram abatidos pelos nossos aviadores e pelos dos alliados.—(Havas).

Nas linhas americanas

Ataques allemães quebrados

PARIS, 22.—Communicação americana, ás 21 horas:—Foram quebrados pequenos ataques inimigos nos Vosges e a noroeste de Toul antes de attingirem as nossas linhas. Hontem os nossos aviadores bombardearam com successo o caminho de ferro em Flobeuville. Todos os nossos apparelhos regressaram.—(Havas).

A victoria dos alliados

Será alcançada, completa, ainda este anno

PARIS, 22.—O «Matin», publica um telegramma de New York, dizendo que o senador americano Lewis, n'uma entrevista com o sr. Clemenceau, adquiriu a certeza de que o presidente do conselho francez crê que os alliados conseguirão este anno um triumpho completo sobre a Allemanha, e que a guerra estará terminada antes de que outro anno tenha passado. O sr. Clemenceau declarou tambem que os americanos aterrorisaram os allemães, e, accrescentou que a França está segura da rapida victoria.—(Havas).

Portugal e os alliados

O general Garcia Rosado recebido por Jorge V

LONDRES, 23.—O rei Jorge V recebeu em audiencia, no castello de Windsor, o general Garcia Rosado, commandante das forças portuguezas.—(Havas).

Operações no Oriente

Vivos duellos de artilharia

PARIS, 22.—Exercito do Oriente:—No conjuncto da linha actividade da artilharia e de reconhecimentos. Um destacamento servio executou com exito uma incursão nas linhas bulgaras. A aviação franceza abateu um avião inimigo ao sul de Prilep.—(Havas).

PARIS, 22.—Exercito do Oriente em 21:—Fraca actividade da artilharia em todo o conjuncto da linha de batalha. Apesar do mau tempo, a aviação britannica bombardeou a região a oeste de Demir-Hissar.—(Havas).

A guerra aerea

Aviões «boches» que não conseguem voar sobre Paris

PARIS, 22.—Esta manhã, pelas 9 horas e 45 minutos, alguns aviões inimigos, em reconhecimento, dirigiram-se a grande altitude para os lados de Paris. Violentamente canhoneados pelas nossas baterias e perseguidos pelos nossos aviões de defeza, tomaram a direcção do norte.—(Havas).

A aviação ingleza ataca docas, depositos de munições e submarinos inimigos

LONDRES, 21.—Communicado do almirantado.—Desde 18 do corrente, inclusivé, contingentes de aviação, trabalhando de accordo com a marinha, bombardearam os seguintes objectivos militares: as officinas de Zeebrugge, docas de Bruggs, baterias Westedf, docas de Ostende, canal Passchendaele, deposito de munições de de Zeebrugge, Aertrycke, Middelkirke, Stalhille, canal de Eelkerke, Leffingre, Zeebrugge, Bruges, e varios navios inimigos. Continuámos as operações de reconhecimento, photographia e patrulhas anti-submarinas. Durante estas operações destruimos 9 apparelhos inimigos, e mais 3 foram vistos desamparados. Perdemos 4 apparelhos, dos quaes 1 aterrou na Hollanda, e tivemos 3 officiaes feridos. Nas aguas metropolitanas, durante o mesmo periodo, os nossos hydro-aviões e aeroplanos continuaram os trabalhos de protecção aos comboios maritimos, contra os submarinos, e de patrulhas contra a aviação inimiga. Foram destruidas algumas minas e descobertos e atacados alguns submarinos. Faltou um dos nossos apparelhos no regresso d'uma d'estas patrulhas.—(Havas).

O esforço da America

Os rapazes de 18 a 20 annos não serão chamados por emquanto ás fileiras

WASHINGTON, 21.—Uma commissão do exercito na camara dos representantes votou a favor da lei dos effectivos com uma emenda estipulando que os rapazes de 18 a 20 annos sejam postos de parte e chamados ao serviço militar só depois dos homens de 20 a 45 annos.—(Havas).

De todo o mundo

A missão franceza no Brazil

PORTO ALEGRE, (Estado do Rio Grande do Sul), 22.—O dr. Borges de Medeiros, presidente do Estado, deu uma recepção no palacio do governo em honra da missão franceza de abastecimentos. O presidente do Estado e o coronel Taupenas, chefe da missão, pronunciaram discursos muito cordeaes, fazendo votos pela victoria das armas alliadas. Os consules portuguez e norte-americano estiveram no consulado francez, apresentando cumprimentos ao chefe da missão.—(Americana).

A lingua allemã substituida pela franceza

AMSTERDAM, 23.—Informam de S. Francisco que nas escolas do Estado da California foi banido o ensino da lingua allemã, que foi substituido pela lingua franceza.

Em Milwaukee, a cidade mais allemã dos Estados Unidos, é expressamente prohibido ensinar o allemão.—(Correspondente).

O crime de hontem

Ao tribunal da Boa-Hora deve ser amanhã enviado o impressor Antonio Simões do Vasconcellos Junior, que hontem assassinou em Belem, com uma punhalada o typographo José Paulo dos Reis Antunes. Confessou o crime, allegando que o Antunes era mau companheiro e por elle ter escripto uma carta ao marido de uma mulher do nome Laura dos Reis, moradora na rua do Embaixador, 101, participando-lhe que ella se portava mal, o que provocou scenas de ciumes entre o casal e varias disputas na officina entre todo o pessoal.

Escolas Moveis

Reunem amanhã, ás 14 horas, na Sociedade Promotora de Educação Popular, no largo do Calvario, em Alcantara, os professores das Escolas Moveis, para continuação de trabalhos.

Poeira da Arcada

Boato infundado

Nas estações officiaes desmente-se categoricamente que tenha succedido qualquer accidente a um dos nossos vasos de guerra.

Lugre «Maria Luiza»

Telegramma de Peniche diz terem hoje ali desembarcado 12 naufragos do lugre portuguez «Maria Luiza», da praça da ra Martins, Limitada, afundado por um Lisboa, pertencente á firma José Ferreisubmarino na costa de Portugal.

Sementes oleaginosas

Os productores da Guiné telegrapharam ao governo dizendo haver ali sementes oleaginosas em quantidade extraordinariamente elevada e pedindo permissão para exportarem o excedente ao consumo do paiz.

Secretario da guerra

O sr. coronel Amilcar Motta esteve hoje em Cintra, a conferenciar com o chefe do Estado.

Caixa Economica Portugueza

O movimento da Caixa Economica Portugueza durante o mez de março ultimo foi de 25.615.177$41 na sua totalidade, sendo 13.599.381$39 de entradas e 12.015.796$02 de sahidas, de que resultou um saldo positivo de 1.583.585$37, que, addicionado ao existente no mez anterior, perfaz o de 46.110.700$39.

SPORT

Depois de paginado o nosso artigo sobre «A Semana d'Armas», na respectiva secção, foi resolvido marcar desde já os torneios com as seguintes datas.

Torneio de sabre em 29 de setembro; campeonato de Portugal em 3 de outubro; campeonato de juniors em 5 de outubro.

Os regulamentos para estas tres provas serão publicados brevemente e a inscripção abre no dia 5 de setembro encerrando a 20 do mesmo mez.

Sports

Realisa-se ou não a semana d'armas?

Quem é que responde:

O Centro de Esgrima ou as outras sallas?

Realisa-se ou não a «Semana d'armas»?

Quem é que nos responde:

O Centro Nacional de Esgrima ou as outras salas d'armas?

Tanta responsabilidade tem, n'este caso, o Centro de Esgrima, por Le organisar—conforme manda o regulamento—aliás feito por elle proprio, a semana d'armas, como as restantes salas que consentem estarmos já nos fins de agosto e nada se saber...

E' preciso que alguem tome a responsabilidade, perante numerosos atiradores, dos quaes aqui já publicámos varias cartas—cujos originaes estão em nosso poder.

Quem é que toma essa responsabilidade?

O Centro de Esgrima ou as outras salas?

E' necessario acabarmos com esta indifferença, é necessario falarmos claro, lealmente, sem receio.

A verdade é esta!

O Centro de Esgrima até agora não se dignou deliberar a realisação dos torneios, depois de repetidas vezes falarmos no assumpto e fazermos duas notas diarias, além das cartas cuja publicidade nos foi pedida.

Por isso, estamos convencidos de que o Centro de Esgrima não nos lê, ou, se o faz, não nos liga importancia...

Deixemos, pois, as palavras para tomarmos uma resolução e vamos ao caso:

Vamos nós organisar o campeonato de Portugal de espada, campeonato de juniors e uma prova de sabre, estando certos de que as salas d'armas nos darão o seu apoio assim como os seus atiradores. Não necessitamos de taças nem de medalhas para realisar estes torneios; que serão os da «Semana d'Armas» de 1918.

Não, os atiradores o que querem são as provas e deixemos esses premios para quando a actual situação se modificar e as aggremiações sportivas viverem desafogadamente.

Comtudo, e desde já o declaramos, temos em nosso poder uma taça destinada á prova de sabre e facil será apparecerem mais duas.

Vão todos decerto applaudir este nosso gesto que tem unicamente por fim não atirarmos com a esgrima para o logar onde—infelizmente—jazem outros sports de egual interesse e cuja responsabilidade, entre nós, não é habito tomar, a quem quer que seja.

Estamos a tempo de salvar a esgrima e de a não deixar cahir no abysmo!

Compete agora ás salas d'armas e aos atiradores darem-nos a sua completa adhesão e, finalmente, veremos dentro em breve realisados trez torneios de esgrima.

Nota diaria

Publicámos ante-hontem n'esta secção uma communicado official do Foot-ball Club Barreirense.

E' a realisação de um campeonato de foot-ball, que aquelle club annuncia e que se deverá effectuar nos primeiros dias de setembro.

Ainda ha pouco, quando se disputou a taça «Mutilados da Guerra», nós, apesar de sermos um dos organisadores e aquelle torneio estar marcado quasi um mez antes da sua realisação, protestámos contra o facto da Associação de Foot-ball ter dado inicio ao campeonato tão tarde e ainda porque este torneio teve que alterar a sua primeira data, pela vinda inesperada do Sevilha Foot-ball Club.

Mas agora, agora que tudo descança e em que os jogadores de foot-ball praticam a natação, a esgrima e outros sports proprios da epocha, achamos a iniciativa do Foot-ball Club Barreirense muito boa, mas fóra de tempo.

Porque não se realisa em outubro o referido campeonato?

Achamos muito bem que se faça sport, que elle progrida e se desenvolva, mas não devemos andar a remar contra a maré... Comtudo, desejamos frisar ao Foot-Ball Club Barreirense que póde contar com o nosso modesto auxilio, mas, pelo amor de Deus, transfira o campeonato para disputa da taça «Barreiro», para um mez mais tarde.

Assim fica certo...

Noticias diversas

Está marcada para 1 de setembro a corrida de natação de 100 metros, organisada pelo Gymnasio Club Portuguez. A sua inscripção encontra-se aberta até depois de ámanhã, pelas 12 horas, na sede d'aquelle club.

—Segundo parece, apenas dois clubs concorrem á prova de natação do Porto «Travessia», e são elles: O Algés e Dafundo e Gymnasio Club.

—No domingo, pelas 18 horas, realisa-se o campeonato de 100 metros organisado pelo Club Naval de Lisboa.

Entre athletas

Realisa-se ou não o match de pesos e alteres?

Como fomos nós, quem, em «A Capital» tratou d'este assumpto e deu publicidade ás cartas do sr. João Pinto d'Almeida e Raul Alves Martins, voltamos hoje ao assumpto visto que no nosso collega «Diario de Noticias» lê-se:

«... Devemos dizer que Raul Alves Martins nos procurou. O sympathico e antigo campeão veiu dizer-nos que tinha já posto de parte qualquer idéa de realisação do desafio, visto que Pinto d'Almeida declarára desistir; mas, perante a offerta da taça, não quer que se julgue que não a aprecia, e entende Alves Martins que é seu dever de cortezia agradecer ao por emquanto desconhecido offerente, e é seu dever desportivo pôr-se de novo á disposição de Pinto d'Almeida. A Raul A. Martins não o move a ambição do premio; collocando-se de novo á disposição de Pinto de Almeida, simplesmente quer mostrar ao offerente da taça que sabe corresponder á gentileza.

Resta agora vêr a attitude de Pinto de Almeida. E' opinião corrente que acceitará o desafio que o seu repto lançado a todos os athletas motivou. E essa opinião baseia-se em tres pontos: que Pinto de Almeida é o campeão da cathegoria e tem portanto o dever moral de defender o seu titulo; que Pinto de Almeida foi quem lançou o repto que Alves Martins levantou; e que a offerta da taça constitue para os dois athletas uma prova de apreço a que falta apenas que Pinto de Almeida corresponda.

Podemos accrescentar que o offerente deseja que o desafio seja disputado com os exercicios classicos, e exporá a taça dias antes do desafio.»

Para completar, a attitude do sympathico campeão R. Alves Martins, publicamos hoje alguns periodos da sua ultima carta publicada em «A Capital» de 30 de junho:

«... E' bastante para lamentar que v. ex.ª não houvesse, antes de lançar tal repto, ponderado bem a responsabilidade que, com tal gesto, assumia perante o publico, e mais especialmente para com todos aquelles que se interessam pelo nosso meio desportivo, porquanto, permitta-me que lhe diga que não são para acceitar as razões por v. ex.ª invocadas, porque, depois de assumir, como já disse, tal responsabilidade, não se vem dizer que motivos particulares o obrigaram a deixar os seus «treinos».

Comprehende-se, sim, que v. ex.ª pedisse um addiamento, mas nunca declarar-se «vencido».

Devo ainda dizer-lhe que se v. ex.ª se considera vencido eu não posso acceitar a qualidade de vencedor, porque o meu caracter não me permitte acceitar um titulo que não ganhei, e v. ex.ª com a sua resolução não me permittiu o ter occasião de se ver quem seria vencido ou vencedor.

Todas as occasiões, que na minha vida desportiva fui vencedor ou vencido, foi sempre defrontando-me franca e lealmente com os meus adversarios, e se me orgulho de ter obtido alguns titulos para mim muito honrosos, devo tambem dizer-lhe que nunca me envergonharam as derrotas.»

Ora depois d'isto estamos certos que o sr. João Pinto d'Almeida não se recusará a tal «match», e tão convictos estamos, que quasi podemos affirmar, que não tardará dois dias que o sr. Pinto d'Almeida não nos envie uma carta resolvendo de vez esta questão.

Se esta affirmação fazemos é porque conhecemos bem o espirito sportivo do sr. Pinto d'Almeida.

Não podemos deixar de registar a iniciativa do «sportsman» que offerece uma taça, porque, na realidade, ella tem um alto significado.

A. de Campos Junior

Pelos clubs

(Communicações officiaes)

Sport Algés e Dafundo

Fecha hoje a inscripção para a disputa da taça «Gloria» em campeonato de «waller-polo» de 2.ªs cathegorias, organisado pelo Sport Algés e Dafundo.

Lawn-Tennis Santo Amaro

Conforme noticiámos, realisou-se no domingo passado nos courts de tennis do «Lawn-Tennis de Santo Amaro» em Oeiras, o torneio de tennis, havendo cinco pares inscriptos entre os srs. Fernando Reis, Alvaro Reis, Nobrega de Lima, João Sasseti, José d'Orey, Luiz Diogo da Silva, Ricardo Borges de Sousa, Antonio Pinto Coelho, Antonio Gomes da Silva e Vasco Galvão.

Depois de ámanhã realisa-se um torneio men's doubles para jogadores juniors, para o qual já ha numerosos inscriptos.

TOURADAS

ALGÉS—Vae ser de gargalhada a corrida que os sapateiros e alfaiates realisam no proximo domingo, em Algés, bastando dizer que toma parte um grupo de artistas das classes que promovem a festa, a «troupe» de Antonio Preto, um valente grupo de forcados e o applaudido cavalleiro amador José Gomes. Com taes elementos é enchente certa.

Publicações recebidas

ESTATISTICA DEMOGRAPHICO - SANITARIA—Estão publicados os boletins mensaes, relativos a dezembro findo, das cidades de Lisboa e Porto. E' um util repositorio, dado á publicidade pelo Instituto Central de Hygiene.

Theatros

Cartaz de hoje

TRINDADE — A's 21,30 — «O gato maltez». GIMNASIO — A's 21,15 — «Marionettes». APOLO — A's 21,30 — «A revolta». EDEN — A's 21,30 — «A trombeta da fama». POLYTHEAMA — A's 21,30 — «Salada russa». AVENIDA — A's 21,30 — Madame Eva somnambula».

Animatographos, concertos e variedades—Central, Olympia, Colyseu dos Recreios, Chiado Terrasse, Foz, Condes e Salão da Trindade.

Nota do dia

Que bella virtude é a Caridade! E, quando se nos apresenta sem enfeites nem atavios, sem reclames pomposos e com o fim unico para que foi creada, qual o defazer o bem pelo prazer de bem fazer, é mais bella ainda! Impressiona-nos duplamente, dando-nos ao mesmo tempo a commoção deliciosa, resultante de vermos os outros cumprir um dever sagrado e o prazer enorme de verificarmos, no enthusiasmo com que vibramos, que, por muito embotados, somos ainda susceptiveis de sentir acordar em nós o amor pelo proximo, o que define uma raça que, como a nossa, n'um torvelinho de intrigas e inimizades constantes poderia já ter perdido muito d'esses sentimentos affectivos.

Assisti hontem a parte da *matinée* que a Associação dos Trabalhadores de Theatro, apesar de todas as peias burocraticas, conseguiu levar a effeito no theatro Polyteama, com o concurso de muitos dos nossos artistas, para recreio dos estropeados da guerra. Muitas são as recitas que, em favor d'esses mesmos mutilados se tem promovido e, manda a verdade que se diga, sempre de iniciativa particular. Nenhuma, porém, como a de hontem! Os nossos artistas que não são ricos, na impossibilidade de poderem attenuar com dinheiro as agruras que, mais do que nunca, se resentem no viver d'aquelles que tudo sacrificaram pela sua Patria e que outra compensação não terão no futuro a não ser a consciencia do dever cumprido e o carinho e as lagrimas d'uma mãe, d'uma esposa ou d'uma filha, visto que a gratidão dos povos, dura emquanto dura e é sempre problematica, com um espirito de solidariedade que muito os honra, sentindo e pensando da mesma forma, que o theatro não é só apanagio dos ricos, tiveram a feliz inspiração de proporcionar a esses pobres soldados um sorriso no meio da sua amargura, dando-lhes, de alma e coração, o que lhes podiam dar: *a sua alegria.*

A quantos elles não teriam afugentado maus pensamentos durante essa tarde inteira de hontem? Quanta gargalhada só elles não fizeram brotar em labios que, ha muito tempo já, se não entreabriam n'um pequeno sorriso? Que de bemquerenças não conquistaram e, façamos-lhes a devida justiça, que felizes se não devem sentir por, em tão humanitaria cruzada, tão nobremente terem cumprido o seu dever?!...

Bem haja a Associação dos Trabalhadores de Theatro que, juntamente com a empreza do Polytheama e artistas, sem distincção de classe, promoveram hontem tão linda festa. Teem direito á gratidão de nós todos e ainda á d'aquelles que valem mais do que nós: os mutilados da guerra.

Alvaro Lima

Réclames

Repetem-se hoje em 15.ª representação as «Marionettes», a encantadora comedia. Brazão, Palmyra Bastos, Carlos Santos e Albuquerque todas as noites são enthusiasticamente applaudidos nos principaes papeis da graciosa comedia.

—Cada dia que sobe á scena no Polytheama a explendida revista «Saladas russas», um encanto novo se lhe descobre, um novo motivo para os espectadores se manifestarem em applausos estrondosos. E' isso que lhe permitte uma larga carreira que com a noite de hoje se assignala por 82.ª representações. E continuará assim, com enchentes até ás 100.ª.

—Quadro cheio de luz e côr e movimento, bizarro e alegre, espirituoso e simples, o quadro da «Ceramica» da revista do Apollo, a que empresta um brilho especial a graciosidade d'essa figurita esbelta e amoravel da «Argila» em que Auzenda d'Oliveira recita uma poesia que é um primor, de idéia e de forma.

FIGURAS DA GUERRA

A familia do general Mangin

A figura prestigiosa do general Mangin, o glorioso cabo de guerra francez que iniciou, á frente das suas tropas, a presente offensiva, merece que demos algumas notas biographicas de sua familia.

E' ella oriunda da Lorena. Uma das suas avós era natural da Polonia e foi dama da côrte do rei Estanislau.

O avô de Mangin, procurador geral no tempo da Restauração deixou tres filhos. Os dois primeiros foram militares, um morreu, chefe de batalhão no seu regresso da expedição á China e o outro voltou do Mexico general. Era amigo do imperador Napoleão III e de Mac-Mahon.

Por ultimo, o filho mais novo do procurador chegou a ser um alto funccionario da repartição das aguas e florestas. Teve quatro filhos. O mais novo, Eugenio, entrou n'uma ordem religiosa. Porém a guerra despertou os seus instinctos de soldado e é hoje aspirante no corpo de atiradores senegalezes. O filho mais velho, Henrique, era capitão aos 27 annos e morreu heroicamente em Tonkin.

O terceiro, Jorge, alcançou tambem o posto de capitão, morrendo em Marrocos.

O quarto filho, Carlos, é o illustre general cuja vida hoje já pertence á historia.

definir claramente a nossa attitude, não só para com a Austria, mas tambem para com a Allemanha, que apoiava a Austria.

Sabiamos muito bem que a Allemanha desejava a guerra, que, na realidade, era incapaz de evitar um conflicto porque sabia que o nosso largo programma estaria concluido em 1918, e que precisava aproveitar a opportunidade antes d'esse programma estar completo.

De Peterhof dirigi-me directamente para o conselho de ministros, n'esse momento reunido, para lhe lêr o ukase que havia sido assignado pelo imperador. Mas n'esse mesmo dia—30 de julho—cêrca das 11 horas da noite, fui chamado ao telephone pelo imperador. Perguntou-me em que ponto estava a mobilisação. Respondi-lhe que estava em execução. Foi-me então feita a seguinte pergunta: «Não seria possivel substituir uma mobilisação parcial por uma geral, de modo apenas que fôsse alvejada a Austria Hungria?»

Respondi que isso seria excessivamente difficil, que tal procedimento traria uma verdadeira catastrophe, que a mobilisação havia já começado, que 400.000 reservistas haviam sido chamados.

Então foi-me explicado pelo imperador que recebera um telegramma de Guilherme, no qual elle lhe dava a sua palavra de honra que, se a mobilisação geral não fôsse decretada por nós as relações entre a Allemanha e a Russia continuariam «como até ahi amigaveis.

Depois da conversação com o ex-czar—continuou o general—dirigi-me a Sazonoff, ministro dos negocios estrangeiros, e convenci-o de que n'aquelle momento não era possivel parar com a mobilisação geral. Pedi-lhe para me dar o seu apoio. Prometteu-me fazer o seu relatorio ao imperador na manhã seguinte.

Assim fez, e ás quatro horas e meia da tarde de 31 de julho houve no palacio uma conferencia, á qual assistiram Sazonoff, Suhkomlinoff e eu. No espaço de 10 minutos resolveu-se que era impossivel deter a mobilisação geral e que semelhante medida seria fatal para a Russia. Sazonoff fizéra o seu relatorio ao imperador n'esse sentido. A's 5 horas da tarde, a questão estava definitivamente resolvida em favor da mobilisação geral.»

Transpirou depois que as conversas telephonicas do general Yanushkevitch durante esses dias com o czar e outras personagens haviam sido immediatamente relatadas ao estado maior general allemão, que soube precisamente o dia, a hora e o essencial de cada uma d'essas conversas. O general soube o que se passára com a espionagem e deu ordens immediatas para ser collocado um fio directo para Peterhof.

Resumindo a sua narrativa da anterior conversação com o czar, o general Yanushkevitch accrescentou:

«Aventurei-me a retorquir que não tinha fé na palavra de honra de Guilherme, porque sabia definitivamente que a Allemanha tinha já mobilisado, e, realmente, havia recebido informações dignas de fé n'aquella occasião que demonstravam que a Allemanha tinha mobilisado. Havia uma differença entre os methodos russo e allemão. Na Allemanha a mobilisação é feita por ordens do ministro da guerra, ao passo que entre nós tem que ser precedida da promulgação d'um ukase por intermedio do Senado.»

Essa narrativa foi confirmada pelo depoimento do general Sukhomlinoff, o qual disse o seguinte:

«Na noite de 30 de julho, fui chamado a toda a pressa pelo antigo imperador, que me disse que disse contra-ordem para a mobilisação—(o ex-ministro da guerra no seu depoimento seguinte mostrou como o general Yanu-

lembrada como um perigo pelo historiador do exercito russo. A Carta tirára aos officiaes a auctoridade disciplinar e suspendera a applicação das leis militares em geral.

A soldadesca de subito tornára-se consciente da sua impunidade, os officiaes a seus olhos tornaram-se um inimigo e seguiram-se ultrajes de que foram victimas alguns dos melhores officiaes.

Alexeieff continuou criticando severamente os comités, assim como os commissarios, contou alguns incidentes occorridos na frente, que demonstravam o espirito de insubordinação entre a soldadesca.

Singularisou o caso d'um ataque, que fôra dado por 28 officiaes, 20 officiaes inferiores e apenas dois soldados de certo regimento.

Os commandantes haviam-se tornado, devido á constante interferencia dos comités e dos commissarios, uma especie de trabalhadores diarios, que apenas tinham de executar tarefas determinadas ante elles por alguem.

Não era exaggero, declarou elle, dizer que o exercito russo não tinha na occasião actual infantaria e pedia o immediato restabelecimento da disciplina, tanto na frente como na retaguarda, pela applicação das mais energicas medidas, inclusivé a pena de morte. Cada dia de demora era mais um passo para a morte.

Kerensky pediu á sr.ª Breshko-Breshkovskaya, ao principe Kropotkine e a Plekhanoff que se dirigissem ao Congresso, como veteranos da Revolução.

Catharina Breshko-Breshkovskaya pediu o restabelecimento da disciplina tanto no interior como na frente e convidou todos os presentes a pôrem de lado as suas dissensões internas. Ao mesmo tempo não poude deixar de censurar os capitalistas pelo seu egoismo e convidou o governo a voltar para elles a sua attenção.

Plekhanoff fez um longo e eloquente appello á unidade nacional.

Fôra sempre e era ainda um revolucionario e esperava que o Congresso teria a sufficiente tolerancia para escutar a franca confissão d'um revolucionario russo. Primeiro que tudo pedia ao Congresso para se recordar de que a Duma tomára parte e apoiára a Revolução e que seria um acto de ingratidão o esquecer os serviços que ella prestára.

Ao mesmo tempo pôz em evidencia que sem a longa e previa obra da democracia revolucionaria revolução alguma se teria dado. Por esse motivo, os serviços d'essa democracia deviam ser constantemente lembrados.

Em conformidade com isso, pedia aos representantes das classes commercial e industrial que procurassem uma approximação com o proletariado, com o qual estavam unidos n'um ponto essencial—a saber que o paiz devia desenvolver as suas forças productoras, se queria fazer progressos economicos, politicos e sociaes.

Por outro lado, assegurava a essas classes que a democracia revolucionaria era tão opposta á idéia da paz em separado como ellas e vendo que, sem essa democracia, seria impossivel governar o paiz, entendia que era melhor para a burguezia o entrar n'um accordo com o proletariado.

Dirigindo-se depois aos representantes do proletariado, achou ridicula a idéa de transferir toda a auctoridade para os representantes da classe trabalhadora e para os camponezes, desde que nenhuma d'essas classes estava preparada para o exer do poder e desde que o paiz estava na vespera não d'uma revolução socialista, mas d'uma revolução capitalista.

Sendo assim, era do interesse do proletariado o chegar a um accordo com a burguezia. Se o proletariado fizesse uma tentativa para se apoderar

Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Sociedade Anonyma—Estatutos de 30 de Novembro de 1894.

Aviso ao publico

De harmonia com as instrucções recebidas das instancias officiaes competentes faz-se publico que, até aviso em contrario, o transporte das mercadorias abaixo indicadas, qualquer que seja o seu pezo, está sujeito ás seguintes restricções:

Assucar, arroz, batata, cereaes panificaveis (trigo, milho e centeio) e suas farinhas, feijão, mel e nitrato de sodio. Só se acceitam a transporte remessas d'estes generos quando sejam acompanhadas de guia de transito da secretaria de Estado das Subsistencias e Transportes.

Pelo que respeita a remessas de feijão ter-se-ha em vista que estas ficam sujeitas ainda ás seguintes restricções:

Para a circulação entre concelhos que não sejam o de Lisboa, as guias de transito serão requisitadas á secretaria do Estado das Subsistencias e Transportes pelas Camaras Municipaes de origem e as respectivas remessas só pódem ser consignadas á Camara Municipal do concelho do destino indicado na guia de transito.

Para as remessas do feijão destinadas á cidade de Lisboa, as guias de transito serão requisitadas pelos expedidores á mesma secretaria do Estado e as remessas podem ser consignadas e entregues a qualquer individuo ou firma designada pelo expedidor na respectiva nota de expedição.

Azeite—Para o transporte d'este genero é indispensavel a apresentação de guia de transito excepto quando as remessas sejam despachadas directamente para Lisboa (Rocio, Caes dos Soldados, Caes do Sodré, Alcantara-Mar e Alcantara-Terra). As remessas d'este genero que estejam nas estações mais de 48 horas sem que pelo expedidor sejam concluidas as formalidades para a expedição ou sem serem retiradas pelo consignatario, serão consideradas apprehendidas e postas á disposição da secretaria do Estado das Subsistencias e Transportes.

Gazolina e petroleo—Não se acceitam expedições d'estas mercadorias nas estações que servem Lisboa, sem virem acompanhadas de guia de transito passada pela secretaria de Estado das Subsistencias e Transportes.

Gado para concelhos fronteiriços—Não são aceitas remessas de gado de qualquer das especies comestiveis para as estações abaixo indicadas sem a apresentação de uma guia de transito passada pelo administrador do concelho de onde o gado procede, a qual acompanhará as remessas até destino.

As estações situadas em concelhos fronteiriços são:

Nas linhas da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes—Castello Branco, Alcains, Lardosa, Santa Eulalia, Elvas, Marvão, Portalegre e Castello de Vide.

Nas linhas do Minho e Douro—Ancora, Moledo do Minho (ap.), Caminha, Seixas, Lanhelas, Gondarem, Cerveira, S. Pedro da Torre, Valença, Ganfei (ap.), Verdoejo, Friestas, Lapela, Monção, Sabroso, Vidago e Barca d'Alva.

Nas linhas do Sul e Sueste—Villa Viçosa, Serpa-Brinches, Pias, Machados (ap.) Moura, Cacela, Monte Gordo, Castro Marim e Villa Real de Santo Antonio.

Nas linhas da Beira Alta—Cerdeira, *Freineda e Villar Formoso.*

Na linha de Bragança—Sendas, Salsas, Rossas, Sortes, Rebordãos (ap.), Mosca e Bragança.

Faz-se egualmente publico que as remessas despachadas á vista de guia da Secretaria do Estado das Subsistencias e Transportes não podem mudar de destino nem ser reexpedidas sem apresentação, em qualquer dos casos, de nova guia da Secretaria do Estado das Subsistencias e Transportes.

Como consequencia d'estas disposições, nas notas da expedição de remessas acompanhadas das referidas guias de transito devem os expeditores fazer a seguinte declaração: «Renuncio ao disposto no artigo 38 do Codigo Commercial.

NOTA—Para as remessas a expedir pela Manutenção Militar com destino a unidades e estabelecimentos militares é dispensada a apresentação de guias de transito sempre que as respectivas notas de expedição venham autenticadas com o sello branco da Manutenção Militar.

Pelo presente ficam anulados os avisos ao publico B. 2882 de 30 de janeiro, B. 2896 de 2 de março, B. 2897 de 6 de março, B. 2921 de 30 de abril, B. 2920 de 14 de maio e B. 2941 de 4 de julho de 1918.

Lisboa, 8 de julho de 1918.

O director geral da Companhia,

Ferreira de Mesquita.

do poder desacreditar-se-hia a si proprio e á causa socialista e toda a nação se desviaria d'elle. Se as duas classes, concluiu, chegassem a um entendimento, o paiz tornar-se-hia tão forte que seria invencivel.

Por outro lado, se continuassem com as suas dissensões, a historia dos gatos de Kilkenny tornar-se-hia verdadeira e apenas os restos dos rabos seriam deixados á Russia, com grande gaudio dos capitalistas allemães.

Kropotkine tambem falou, aconselhando o povo russo a nada querer com os partidarios de Zimmerwald e a defender o paiz e a Revolução.

Dando como exemplo a politica psychologica da França desde 1871, em que, devido ás suas derrotas, ella se tornára subserviente para com o czarismo, disse que coisa alguma de peior podia haver para a Russia do que a derrota. Ao mesmo tempo era de opinião que simples medidas repressivas não seriam de qualquer utilidade. O que era necessario era educação e organisação.

Na sua opinião, porém, outra coisa era necessaria—que a Russia se proclamasse n'uma republica em bases federaes como os Estados Unidos. Concluindo, advogou apaixonadamente a unidade na ordem, de modo a não haver mais direita nem esquerda e não pudesse haver divisões na mesma sala.

Os que falaram pelos comités do exercito, como era natural, apoiaram a theoria que elles e só elles podiam restabelecer a efficiencia combativa das tropas. Eguaes declarações foram feitas pelos representantes dos comités de marinheiros.

Os elementos burguezes foram representados por diversos oradores, que falaram ácerca dos desastrosos effeitos da Revolução sobre o commercio e a industria, a agricultura e o capital.

Riabushinsky, conhecido millionario de Moscou, que mais tarde foi preso pelo soviet de Yalta na Criméa, denunciou os comités que, a si proprios se haviam nomeado e haviam usurpado a auctoridade na região. Pôz de sobreaviso o governo contra utopias perigosas que levariam a Russia ao abysmo.

Guchkoff, falando pelos comités industriaes da guerra, declarou que o capital estava disposto e prompto a fazer sacrificios, mas queria saber para o que eram feitos. Devia ser no interesse do Estado, em conjuncto, e não para um unico partido.

Um supposto representante dos cossacos denunciou o general Kaledine, dizendo ser presidente da secção dos cossacos no soviet. Depois soube-se que era representante de si mesmo apenas. Depois foi expulso dos cossacos. Foi apoiado por Kerensky—outra prova da sua má vontade contra Kaledine e os cossacos, má vontade de que ia dentro em breve ter a retribuição.

Este «incidente» e uma dramatica approximação entre Bublikoff, representante da industria, e Tseretelli, puzeram fim aos discursos.

Todos os partidos e classes haviam falado, mas não havia ainda signaes da união que os socialistas da velha escola tão eloquentemente advogavam. Plekhanoff, o adversario de sempre do bolchevismo e da immediata applicação das doutrinas extremas, era para Lenine e os seus apaniguados um simples idealista falho do senso das realidades politicas.

E Kerensky, que suppuzera ir buscar força áquelle Congresso de partidos e de classes, tinha pouco perspicazmente incensado alguns dos melhores e mais audaciosos elementos da direita sem desanimar nem por um instante os seus inimigos da esquerda. Comtudo, com a ingenuidade que caracterisou a sua breve carreira imaginou que havia alcançado uma victoria em Moscou.

O seu caprichoso antagonismo com o

general Korniloff ia dar em breve terriveis fructos. O seu desaffecto pelos cossacos estava destinado a produzir mais tarde a sua queda.

Simultaneamente, um outro Congresso da egreja se realisava em Moscou, no qual prelados, sacerdotes e seculares discutiam as novas condições de vida da egreja emancipada da tutela do Santo Synodo e do Grande Procurador.

Outro importante acontecimento se estava dando em Petrogrado, o julgamento do general Sukhomlinoff, a que n'um outro capitulo fizemos já uma breve allusão. Esse acontecimento tinha um singular interesse historico, devido á luz que lançou sobre as circumstancias do principio da guerra.

Como a imprensa allemã não deixou de pôr em evidencia a lenda de que o czar não queria a guerra, mas que foi a ella arrastado por officiaes despidos de escrupulos, damos um extracto dos principaes depoimentos.

O general Yanushkevitch, então chefe do estado maior general, e o general Sukhomlinoff ao tempo ministro da guerra, foram as principaes testemunhas. O primeiro disse o seguinte:

«A 29 de julho resolveramos fazer a mobilisação. O imperador deu-me instrucções para que assegurasse ao conde Pourtalès, embaixador allemão, que ao decretar a mobilisação a Russia não abrigava qualquer sentimento de hostilidade contra a Allemanha. Informei Sazonoff; o ministro dos negocios estrangeiros tinha fraca opinião de Pourtalès. Disse que o conde entenderia as palavras no sentido que lhe conviesse e aconselhou-me a que me entendesse com o addido militar allemão, que era mais competente no assumpto.

O major XXX falou commigo no estado maior general. Habitualmente vinha uniformisado, pontualmente á hora marcada e falava russo. N'essa occasião fez-me esperar uma hora, appareceu á paizana e falou apenas em francez. Eu disse-lhe que a Russia não tinha intenções aggressivas contra a Allemanha. O major replicou que, infelizmente, a Russia começára já a mobilisar.

«Assegurei-lhe que a mobilisação não começára. Declarou então com aprumo que n'esse ponto tinha informações mais precisas. Dei-lhe a minha palavra de honra como chefe do estado maior general que, n'aquelle momento, 3 horas da tarde de 29 de julho, a mobilisação não fôra ainda decretada. Não me deu credito. Offereci-me para lhe dar uma declaração por escripto. Delicadamente, recusou-a. N'esse momento, a mobilisação russa não tinha começado, embora o ukase que a ordenava estivesse no meu bolso.

Da attitude do addido comprehendi que a Allemanha resolvera antecipadamente ter guerra comnosco e que poder algum da terra podia evitar a guerra. Comprehendi, e mais tarde certifiquei-me de que a Allemanha n'aquelle momento havia já mobilisado, mas o fizera em segredo, e a imprensa allemã depois assegurou que n'esse momento a Allemanha não tinha mobilisado e que a Russia começára a mobilisar. Affirmo cathegoricamente que o primeiro dia de mobilisação na Russia foi o dia 30 de julho»

Proseguindo na narrativa do que succedeu a 29 e 30 de julho, o general declarou:

«Primeiro resolvera-se ordenar uma mobilisação parcial, abrangendo apenas os districtos militares do sudoeste, com o fim de atemorisar a Austria Hungria. Mas reconsiderou-se e no dia 30, depois de eu ter feito um relatorio ao imperador, foi assignado o ukase ordenando a mobilisação geral.

Ao aconselhar a mobilisação geral, eu mostrára ao czar a necessidade de

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2377 — 9.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Sabbado, 24 de Agosto de 1918 | Telephone n.º 2298 — Endereço telegr. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço 2 centavos

Contraste

O leitor reparou hontem que transcrevemos uma grande parte da oração funebre proferida pelo sr. bispo de Portalegre, na Sé de Lisboa, em memoria dos nossos bravos soldados mortos nos campos de batalha. Ha n'ella trechos que fazem pulsar patrioticamente os corações bem portuguezes. O sr. bispo de Portalegre, segundo elle mesmo o accentuou, não pensou em fazer dos nossos soldados a injuria de apenas os prantear com banaes lamentos. Não! Para esse principe da egreja, para esse sacerdote, as palavras que se devem proferir sobre as campas de homens que morreram batendo-se valorosamente por um grande ideal não são palavras em que o receio da morte destaliecidamente transpareça, mas sim palavras fórtes, luminosas, vibrantes, as palavras que soam como toques do clarim, como clamores de combate, as palavras da vida, do enthusiasmo, da gloria, do triumpho!

O sr. bispo de Portalegre approhendeu fielmente o verdadeiro sentido d'esta lucta em que uma pleiade de povos livres se batem por uma causa sagrada. Comprometeu-se da essencia d'uma tal lucta; sentiu-lhe toda a elevação moral, reconheceu a sua admiravel finalidade. E para que semelhante causa triumphe, para que uma humanidade redimida possa penetrar n'um futuro melhor e mais amplo, aquelle principe da Egreja, apezar de ser um homem de paz, teve a noção nitida da sublimidade da guerra que advem da sua propria e atroz necessidade, e marcou-lhe, com palavras sahidas d'uma alma bem portugueza, o seu caracter espiritual, que é aquelle que a torna grande, e que justifica todos os sacrificios supportados.

Como o leitor terá tambem reparado, collocamos as nobres e alevantadas palavras do sr. bispo de Portalegre ao pé do relato da sessão parlamentar, em que o sr. secretario da guerra respondeu a uma interpellação do deputado governamental, o sr. Mello Vieira, que lhe fez varias perguntas acerca da nossa participação na guerra.

Que contraste! Aqui não se nota senão o lado material, e o lado material explorado para servir interesses politicos, embora gerando o desanimo e a desconfiança na alma popular. Vê-se que o pensamento dominante é apenas o de esmagar um adversario. A questão da guerra, a questão sagrada, a questão vital da guerra, está, na realidade, posta n'um plano secundario. O que vemos é a retaliação, é a suspeição. O que vemos é acoimar a torto e a direito, a preposito e a despreposito de tudo, sem se attender ás circumstancias, sem se pensar no alto esforço que representa sempre para uma nação entrar em guerra, e que é necessariamente tanto mais titanico quanto mais fraca e menos prospera essa nação é.

Na approximação d'estes criterios differentes está marcada toda a questão que agita a sociedade portugueza. E' necessaria muita fé, muita elevação, para comprehender a guerra, para fazer a guerra, e as sociedades em que é possivel, a proposito da guerra, produzirem-se as manifestações de mais sordido egoismo ou da mais rancorosa paixão, são sociedades arriscadas a afogarem-se n'uma sombra crepuscular quando as outras caminham, illuminadas pelo clarão do seu genio, para um futuro bello e glorioso.

Quando um dia se fizer a historia d'esta crise nacional, apagada já a chamma de tantas devoradoras paixões, e desfeita a poeirada de tantos interesses de ambição ou lucro que n'esta crise se tem desenvolvido, justiça ha de ser feita a todos aquelles que, como o sr. bispo de Portalegre, viram a guerra pelo seu lado espiritual, reconhecendo que d'ella depende não só a independencia de muitos povos, mas tambem a salvação de ideias que teem de prevalecer para que a humanidade progrida no caminho do seu necessario progresso.

Cidade açoutada por um cyclone

MINNEAPOLIS (Estado de Minnesota), 22.—Na noite passada passou um cyclone sobre a cidade de Tyler, causando estragos, 50 a 100 mortos e numerosos ferimentos.—(Havas).

O calor em França

PARIS, 23.—Uma vaga de calor passou sobre Paris. O thermometro marcava, hontem, 32 graus, e em alguns pontos 33; contudo deram-se poucos casos de insolação.—(Havas)

Da guerra e dos exercitos

A offensiva dos alliados

Os inglezes avançam n'uma frente de mais de 30 milhas, tomando diversas povoações, fazendo prisioneiros e infligindo grandes perdas aos allemães

LONDRES, 23.—Communicação britannica da noite:—Durante o dia, n'uma frente de mais de 30 milhas, desde Lihons até Marcelet, as nossas tropas intensificaram vigorosamente os seus ataques e como resultado do successo obtido no sul do Somme as tropas inglezas, escocezas e australianas, com os seus ataques que duraram 4 horas e 45 minutos, tomaram as aldeias de Herleville, Chuignes e Chuignolles, assim como o bosque de Trouvent que fica entre estas aldeias e o rio Chuignolles. Durante um avanço de mais de 2 milhas nas posições allemãs, foram mortos muitos inimigos e feitos grande numero de prisioneiros. Dez minutos mais tarde os batalhões inglezes, escocezes e a guarda atacaram á esquerda da linha de batalha e tomaram as aldeias de Gommiercourt, Ervillers, Hamilincourt, Boyelles; fizemos tambem grande numero de prisioneiros. Durante o resto do dia as nossas tropas fizeram progressos a leste d'estas aldeias e no mesmo tempo no centro e á direita da linha de batalha as tropas inglezas e do paiz de Galles avançaram contra as posições allemãs da margem esquerda do Ancre, desde o sudoeste de Albert até aos arredores de Grandcourt e ganharam terreno depois do vivo combate.

Ao sul de Grandcourt um contra-ataque inimigo foi repellido rapidamente. Mais tarde, por volta das 11 horas, as tropas inglezas atacaram entre a esquerda da linha de batalha ao longo da linha do caminho de ferro e o norte de Grandcourt e tomaram Achiet-le-Grand e Biencourt, assim como a altura que domina Irles. As nossas tropas continuaram o ataque durante a tarde. Durante o dia fizemos alguns milhares de prisioneiros e infligimos grandes perdas ao inimigo.

Aviação:—No dia 22 o trabalho confiado aos esforços dos nossos aviadores foi coroado de exito. O tempo claro permittiu-lhes realisarem missões de photographia e de reconhecimento a grande numero de baterias inimigas e a outros objectivos que interessavam á nossa artilharia, em ligação com os aviões e os balões. Os progressos da nossa infantaria eram assignalados pelos apparelhos ao passo que o inimigo era constantemente incommodado pelas forças aereas.

Durante o dia lançámos mais de 35 toneladas de bombas. De manhã cedo o aerodromo de Gondecourt foi atacado a pequena altura com successo e alguns depositos de munições e pontes inimigas foram vigorosamente bombardeados, assim como as docas de Bruges. Tiveram logar numerosos combates aereos, sendo abatidos 20 aviões allemães. Durante o violento bombardeamento foram lançadas 19 toneladas em objectivos bem visiveis, sendo os principaes o ramal e as vias ferreas de Valenciennes, Somain, Douai e Cambrai. Todos os nossos apparelhos da noite regressaram indemnes, menos um que foi abatido nas nossas linhas por um grande apparelho de bombardeamento inimigo nocturno.—(Havas).

*

Guerra maritima

Vapor americano afundado

WASHINGTON, 23.—O vapor americano «Montana» foi torpedeado e afundado em aguas estrangeiras no dia 16. Morreram tres homens da tripulação e desembarcaram oitenta sobreviventes.—(Havas).

*

Nas linhas americanas

Posto avançado abandonado e retomado

LONDRES, 23.—Communicação americana.—Um dos nossos postos avançados foi abandonado em uma pequena acção local, mas foi reoccupado mais tarde. Os nossos aviadores bombardearam com exito as vias ferreas. Todos os nossos apparelhos regressaram.—(Havas).

*

A cooperação do Brazil

A exportação de carnes congeladas para os alliados

PORTO ALEGRE (ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL), 23.—Constituiu-se n'esta cidade uma companhia frigorifica brazileira destinada a exportar carne para todos os paizes alliados do occidente, com excepção da Inglaterra, que tem contractos com outros frigorificos inglezes, recentemente fundados n'este Estado. A nova empreza, denominada «Frigorifico Presidente Wilson», dispõe do capital de 20.000 contos de réis e funccionará durante 99 annos.—(Americano).

(Vêr mais telegrammas na «Ultima Hora»)

Os portuguezes da Flandres

As memorias do tenente-coronel Fernando Freiria

O sr. tenente coronel Fernando Freiria, professor da Escola de Guerra, regressou ha pouco tempo de França, onde permaneceu 14 mezes em serviço no quartel general do C. E. P. O illustre official realisou algumas conferencias, por proposta do general commandante da Escola e a seguir resolveu, instado por alguns dos seus camaradas, dar publicidade, n'um livro de 260 paginas, do resultado das suas observações, em capitulos resumidos, expostos com muito methodo e clareza.

O auctor põe em evidencia qual foi o esforço dos nossos bravos compatriotas, que ha mais de um anno combatem em França no lado dos alliados. Da leitura d'estes livros se comprehende qual a organisação do exercito inglez, o seu valor combativo e a caracteristica da guerra de trincheiras.

Por meio de «crequis» bem delineados faz-se ideia da extensão da frente de batalha e dos pontos que foram occupados pelo sector portuguez, bem como do systema geral de defeza.

Alludindo á montagem do serviço de espionagem organisado pelo inimigo, cita o sr. Freiria factos concretos que revelam como na população da Flandres, de natureza hibrida, se encontrou um meio adequado para um amplo desenvolvimento da transmissão de noticias ao inimigo. No primeiro «raid», projectado pelos portuguezes, elle falhou, porque se foi encontrar o inimigo devidamente apercebido para nos receber. E estendal das roupas a seccar, pela população civil, a côr dos solipedes empregados na lavoura das terras e até a telegraphia optica, eram elementos utilisados pelos espiões para a communicação com o inimigo.

Os serviços de aviação, telegraphia, gazes asphyxiantes, liquidos inflamados, meios de acção dos differentes armas e serviços são tratados por uma fórma bem elucidativa para orientar os que desejam conhecer a technica da guerra actual.

O auctor trata n'um capitulo, dos boletins da guerra, assim chamados nos impressos que os inimigos lançavam sobre as trincheiras, com o intuito de abaterem o moral dos nossos. Esses impressos eram arremessados dentro de projecteis «ananazes» por meio de um pequeno morteiro.

Um d'esses folhetins era redigido nos termos seguintes:

«Desmobilisação das tropas em Portugal».—Paris 30-12. O jornal «Echo de Paris» communica desde Lisboa. A desmobilisação do exercito portuguez começou em 18 de março ultimo. Exceptuaram-se apenas as tropas portuguezas, que se acham nos diversos theatros da guerra, permanecendo estas onde estão actualmente».

Por ultimo encontra-se no livro uma extensa lista de nomes no quadro de honra, promoções por distincção e louvores. O livro do sr. tenente coronel Freiria é um trabalho que revela muito methodo e é da maior utilidade não só para os technicos, mas para toda a gente que deseja fazer uma ideia do que seja a guerra actual, em todas as suas phases na offensiva e na defensiva.

A MALTA DAS TRINCHEIRAS

Como já dissemos, começará brevemente A CAPITAL a publicar, em folhetins, os capitulos do novo livro de André Brun intitulado

"A malta das trincheiras,,

Estylista primoroso, humorista d'uma graça inegualavel, tendo vivido e sentido no meio que nos vae descrever, pois que, como se sabe, André Brun esteve no «front» mais de um anno, em contacto de todas as horas, de todos os momentos, com os soldados portuguezes—os nossos bisonhos e heroicos soldados—facilmente se póde calcular o interesse que vae despertar

"A malta das trincheiras"

cujos tres primeiros capitulos se intitulam:

Madame Letailleur.

José Maria Folgadinho,

"lanzudo,, da grande guerra.

Iniciação.

O "Roulement,,

Originalidades da nossa administração publica

Publica o nosso illustre collega «A Situação»:

Da secretaria da guerra recebemos o seguinte officio:

«Sr.—Tendo o jornal «A Situação» de que v. é digno director, publicado no seu numero 110, de 20 do corrente, uma noticia com o titulo «Roulement» em que se diz que sua ex.ª o secretario de Estado mandara ficar sem effeito a circular n.º 769 da 2.ª Repartição do Q. G. T. do C. E. P., accrescentando que «fôra informado officialmente», e podendo deprehender-se da tal noticia que aquelle Q. G. T. mandara expedir a referida circular com o fim de contrariar a disposição do decreto de 28 de março ultimo, quando é certo que o mesmo Q. G. T. apenas se limitou a fazer correr uma ordem recebida do commando do C. E. P. em França, sem suspeitar que essa ordem contivesse materia que fosse desapprovada por sua ex.ª o secretario de Estado, encarrega-me o mesmo ex.mo sr. de dizer a v. que o Q. G. T. só cumpre ordens d'esta secretaria de Estado e do commando do C. E. P., do qual depende, e que seria, portanto, de grande conveniencia fazer a necessaria rectificação para evitar que aquelle Quartel General possam attribuir-se-lhe responsabilidades que lhe não pertencem.—Saude e Fraternidade.—Secretaria da Guerra, 23 de Agosto de 1918.—Ao sr. director do jornal «A Situação».—O chefe do gabinete, Antonio M. de Freitas Soares, tenente.»

Isto é muito curioso.

Uma circular do ministerio da guerra alterou effectivamente o disposto na lei acerca da contagem do tempo aos officiaes do C. E. P., na linha de fogo. «A Capital» referiu-se ao abuso e logo o sr. secretario de Estado da guerra se apressou a dizer que tal circular fôra publicada sem seu conhecimento e a ser annulada. Um erro fôra, pois, commettido, e esse erro era reconhecido pelo chefe do exercito. A quem cabia a responsabilidade d'elle? Eis o problema que ficou em aberto...

O Q. G. T. diz que o caso não é com elle, porque se limitou a «fazer correr uma ordem recebida do commando do C. E. P., em França, sem suspeitar que essa ordem contivesse materia que fosse desapprovada por s. ex.ª o secretario de Estado».

Ha aqui uma confissão. O Q. G. T. ignorava o preceituado na lei acerca da permanencia dos officiaes na linha de fogo. Só assim não fosse, o Q. G. T. teria feito observações respeitosas ao ministro da guerra acerca da circular que altera disposições legaes. Cremos que isso não seria contra a disciplina. E, se assim tivesse feito, o sr. ministro da guerra teria impedido certamente a circulação do documento em questão. Em todo o caso, este passou pela secretaria de Estado da guerra. Então também lá se desconhecia a lei?

E póde acaso admittir-se, sem prejuizo para a disciplina e boa organisação do exercito, que um diploma de tal importancia, fosse enviado ao Q. G. T. sem conhecimento prévio do titular da pasta? A quem pertence a responsabilidade do facto?

Que trapalhada!

A missão do marechal Foch

Continúa a causar enthusiasmo a unidade de commando dos alliados

Como se sabe foi difficil conseguir a unidade de commando dos exercitos alliados e durante cerca de quatro annos, os germanicos tiraram todo o partido da falta de uma unidade de acção nas operações militares na frente occidental. O enthusiasmo e a admiração por Foch são o sentimento dominante entre os alliados. A missão a desempenhar era difficil, porque se tornava necessario improvisar um exercito unico, servindo-se de cinco exercitos de paizes differentes para oppôr á unidade centralisada do inimigo. Era uma nova torre de Babel.

Havia não só a differença de linguas mas a differença de temperamentos.

Da massa confusa, o marechal Foch obteve em alguns mezes resultados magnificos. Poude, com golpes successivos, bater o inimigo no Marne e na Picardia. Seria difficil conceber um triumpho maior. Nunca mais se viu a ruptura onde os exercitos se ligam. Nunca mais se notou senão uma amalgama perfeita de forças.

Além d'isso Foch possue o talento de se servir das unidades e dos commandos estrangeiros para os adaptar á sua estrategia. Não marca limites á iniciativa d'aquelles que são incumbidos de executar os seus planos. E' assim que elle dá carta branca, nos seus sectores respectivos, aos commandos inglez e americano. Os americanos declaram por intermedio da sua imprensa que se sentem bem commandados sob a direcção de Foch, n'esta campanha decisiva para a civilisação

O arraçoamento

Idéas simples expressas por palavras claras

«A Situação», referindo-se ao nosso artigo d'hontem, escreve o seguinte:

«Quando fôr totalmente conhecido o systema que se vae seguir, hão de ser necessarias explicações demoradas, apesar d'esse systema ser relativamente simples. Não as fazemos hoje, porque vamos terminar. Antes, porém, em resposta a um artigo da «Capital», devemos desde já accentuar que não são opportunas as suas criticas, antes de conhecer perfeitamente a questão. Se não se estabelece desde já o racionamento para todos os generos, é porque isso ainda mais viria complicar um systema de distribuição a que o nosso povo ainda se não habituou.

Portugal começa fazendo o racionamento por seis generos.

A Inglaterra começou o por um unico, e usa-o agora para todos. Entre nós succederá o mesmo. Pouco a pouco se racionarão todos os generos, não cahindo desde já n'uma medida geral e brusca, que poderia produzir lamentaveis confusões.

Talvez até seja demasiado o estabelecer logo de começo racionamento para seis generos. Peor ainda seria se o fossemos a estabelecer para todos.

Uma outra objecção ainda se nos póde apresentar. A deficiencia da quantidade permittida para consumo.

Tambem essa objecção não tem razão de ser. O racionamento destina-se a favorecer todas as classes, e muito especialmente as menos abastadas, que por meio d'elle obterão generos que sem as senhas seriam açambarcados pelos ricos. Effectivamente, desde que um genero escasseia, e desde que a fiscalisação não seja formidavel e exercida por todos os consumidores, succedo que esse genero irá parar ás mãos de quem der mais dinheiro por elle. Seriam os ricos naturalmente os preferidos. Ora, qual é o remedio? Distribuir esse genero egualmente por pobres e ricos. Para isso, conhecidas as quantidades existentes, cabe ao Estado distribuil-as por todos, n'um rateio justo e equitativo. Claro está que a quantidade a distribuir deve ser fracção da quantidade de genero existente. Se houver muito poder-se-ha dar mais, se houver pouco, para que chegue a todos, dar-se-ha menos.

Se as colheitas, conhecidas pelo resultado dos manifestos, e se as importações, permittirem augmentar a «ração», a ração será augmentada.

Todos comprehenderão a verdade d'estas considerações, que porventura, terão a magia de convencer o illustre articulista de «A Capital».

Fazemos votos para que «A Situação» se não illuda. Desejamos, para bem de todos, que o erro esteja do nosso lado. Mas como as razões do illustre collega nos não convenceram, cabe-nos o dever de dizer porquê.

A razão principal do insuccesso frequente dos nossos homens publicos reside n'esta circumstancia: desconhecimento completo da vida popular.

Os estadistas portuguezes sahem, em regra, das classes medias. O menino feito doutor ou official do exercito fica habilitado a aspirar á governação publica e julga-se habilitado com os conhecimentos indispensaveis (e até de sobra...) para resolver, de pé para a mão, os mais complicados problemas sociaes. Se o menino sahiu doutor em direito, ainda traz uns leves resaibos de educação juridica, capazes de reprimirem os impetos da orientação governativa symbolisada no vae-ou-racha dos agrados dos nossos governos; mas se as circumstancias lhe deram outra formatura ou outra profissão liberal, mais ou menos equivalente á doutorice em leis, então tudo é soluvel pela violencia e pela postergação dos mais elementares direitos que a Civilisação reconhece aos cidadãos.

Com o arraçoamento da população portugueza está a reproduzir-se o fenomeno: os nossos governantes, desconhecendo a vida difficil dos pobres, resolvem tudo pela forma simplista da reducção do alimento.

Teria razão o jornal governamental se o pobre não tivesse já feito, de motu proprio, todas as reducções possiveis e imaginaveis. Chame o sr. ministro do interior ao seu gabinete o continuo ou, mesmo, um terceiro official da repartição. Pergunte-lhe, com intenso agrado e modos suaves, o que elle come, de ha um anno a esta parte. Responder-lhe-ha que as suas refeições se limitam a pão de primeira ou segunda qualidade, a feijão, a massa, e, em dias excepcionaes, a bacalhau ou atum. Mais nada! E, se descer a classes ainda mais desfavorecidas, dir-lhe-hão que uma chavena de muito café aguado e pouco leite, com pão errado por manteiga franceza, é a alimentação diaria das costureiras, das lavadeiras, de toda a população feminina que vive do producto ingrato d'um labor extenuante. Ora limitar, por meio do arraçoamento, a alimentação das classes pobres, é condemnal-as á fome, pura e simplesmente, e a fome é má, é mesmo pessima conselheira.

Mas os governantes, que sahiram das classes medias, não sabem da miseria do povo. Elles avaliam a vida dos outros pela propria. Julgam ingenuamente que todas as familias lisboetas comem abundantemente, não lhes faltando a sopa, a vacca e o arroz, mais o desenjoativo do doce ou da fructa de sobremeza.

Logo, toca a reduzir! Mas estas idéas são falsissimas, porque não correspondem ás duras realidades da vida. O pão é, para muitos, o unico alimento. Reduzir-lhe o consumo a 400 grammas diarias é legislar no vacuo, sujeito fatalmente aos fracassos impossiveis de evitar nas leis feitas contra as exigencias imprescriptiveis da propria natureza humana.

O arraçoamento é indispensavel. Temol-o dito. Repetimol-o! Mas é indispensavel que se faça em conjuncto, por forma a deixar ao povo a margem indispensavel para elle se alimentar. Nas condições actuaes, é impossivel restringir o consumo do feijão, porque elle é o unico alimento ainda accessivel ao povo. Este não póde comprar carne, nem peixe, nem massa. Este producto, por exemplo, subiu de hontem para hoje a 1.000 réis o kilo, quando se vendia a 700 réis, preço já inaccessivel á maior parte das familias proletarias. Quem quizer azeite ha de pagal-o a 900 réis, que aquelle que se vende ao preço da tabella é pouco e insufficiente, portanto, para o consumo; quem precisar de batata ha de pagal-a a 120 réis o kilo, que, pelo preço da tabella, não obtem nenhuma. Perante tudo isto, que é a expressão da verdade, que é a realidade e não phantasia de gabinete, como admittir que o arraçoamento projectado se torne viavel, na pratica?

Sabemos muito bem que não somos nós o unico povo afflicto pelo mal do encarecimento dos generos primarios da alimentação.

Em França a carestia attingiu 132 por cento; a percentagem, em Inglaterra, é ainda maior. Mas estes povos estão organisados em bases economicas mais justas e já o arraçoamento é geral e foi feito em tempo proprio, quando a população podia supprir por outros meios deficit alimentar occasionado pelo arraçoamento de alguns generos. Agora o problema é já differente e mais difficil de resolver. Precisa de estudo mais profundo. Mas a simplicidade dos nossos homens de Estado tudo suppre: faz-se o arraçoamento e, se houver resistencia, a policia fará o seu dever.

Pois, se assim tem de ser, que seja!

Maneiras de arranjar dinheiro

O "conto do vigario" applicado á administração publica

Isto é um nunca acabar. Quanto mais se olha, com vontade de vêr, para as coisas da publica governança, mais originalidades se apparecem, todas indicativas da profunda desmoralisação do Terreiro do Paço e da sem cerimonia com que se carrega na bolsa do particular. São ordens e quem não puder que arrebite!

O caso d'hoje é dos mais typicos. Diz-se em poucas palavras:

Como é sabido está-se exportando muito vinho para França. Os transportes de que dispômos são insufficientes para attender a todos os pedidos de praça. Tem de se fazer rateio. O governo encontrou n'esta circumstancia um processo habil de fazer dinheiro. Habil no sentido de extorsão...

Abre-se o concurso para a praça. Concorrem os exportadores, cada um d'elles pedindo a quantidade de que necessita. O Estado exige-lhes logo o deposito do frete total, restituindo-lhes o excesso sobre o rateio muitos dias depois.

Imagina-se acaso que a quantia assim obtida é pequena? Nada d'isso. Nem dos vapores que está a carregar, o Estado recolheu cinco milhões de francos, visto que o deposito é feito em moeda franceza. E, por esta forma centovigarista, o Estado retem em seu poder o dinheiro dos particulares, servindo-se d'elle para occorrer ás despezas publicas. Muito simples, na verdade!

E' claro que um tal artificio traz graves inconvenientes á praça. A exigencia em francos força os exportadores a virem comprar cambiaes ao mercado, concorrendo, assim, por uma forma que não é innocente—para a elevação da taxa cambial.

Por estas e por outras é que «A Situação» diz que nós falamos, falamos, falamos... Mas ella cala-se, cala-se, cala-se... E' que não é facil encontrar defeza para o que é indefensavel!...

Ao leitor d'A CAPITAL

Depois de lido, enviar este jornal á *Junta Patriotica do Norte* (Paços do Concelho—Porto), a fim d'esta o mandar para os nossos soldados no «front».

Manigancia em projecto...

O conhecido conselheiro Empata procura destruir as energias d'uma industria em plena prosperidade

Fala-se muito, entre os homens de negocio, de um projectado assalto ás iniciativas particulares, tendo em mira entravar a marcha ascencional d'uma industria que a guerra tornou prospera. Do Terreiro do Paço virá o golpe. Do Terreiro do Paço é um modo de dizer, porque nós não sabemos, ao certo, se é lá ou não que se esconde o Conselho de Seguros. Eis como se segreda que o drama se vae desenrolar...

O Conselho de Seguros reunirá muito brevemente, devendo ser-lhe presentes os processos das companhias que estão em via de organisação, já com os capitaes subscriptos, promptas, pois, a entrar no effectivo das suas operações. Pois affirma-se que o conselho está influenciado para entravar a legalisação d'esses organismos financeiros, com o pretexto de que já o numero de companhias de seguros é excessivo. A tentativa de asphyxia não é, aliás, inteiramente nova, visto que já ha tempos o governo n'ella pensou, mas desistiu da execução, por ver a iniquidade a que se pretendia arrastal-o.

E' absurdo dizer que o momento actual não permitte a organisação e funccionamento de mais companhias de seguros. Pelo contrario, ellas são, cada dia, mais necessarias á vida nacional. A demonstração d'esta verdade está no facto de que muito dinheiro portuguez vae ainda para as companhias de seguros estrangeiras, com prejuizo manifesto e evidente para as finanças e economia nacionaes. E' ouro que sahe do paiz e Deus sabe a falta que elle nos faz!

Argumenta-se ainda com o futuro, como se fosse legitimo applicar ás realidades do presente as incertezas do futuro post bellum. O futuro a Deus pertence! O presente é que é nosso e d'elle convem tirar o melhor e mais partido, dentro da legalidade, sem faltar aos deveres do patriotismo. Ora a organisação e funccionamento das novas companhias obedece, em tudo, aos preceitos legaes; e onde offendem ellas o patriotismo que a todos obriga?...

Note-se isto: ha mais de cem annos que não ha uma unica crise financeira nas companhias de seguros. Isso demonstra, mesmo nos tempos da paz, a sua vida desafogada. A que titulo e com que justificação apparecem agora os absurdos temores de certos espiritos tão inclinados a acolher proteccionismo o aspecto extemporaneo e terrorista das coisas?...

Fala-se ainda na existencia precaria das companhias logo que terminem os seguros de guerra.

Em primeiro logar a guerra ha de acabar... quando acabar. D'aqui até lá as circumstancias não mudarão, antes serão cada vez mais favoraveis á vida desafogada de taes organismos. E quando a guerra terminar, a selecção ha de fazer-se e viverá quem puder viver. Mas condemnar á morte quem ha de agora forças para viver, é antecipar-se ás leis naturaes, praticando um acto injusto e um gravissimo erro financeiro. Se algumas companhias de seguros se extinguirem, depois da guerra, outras podem ser as novas como as velhas. Não nos antecipemos ao Destino.

Não ha, pois, motivo para suster quanto á concorrencia. Pelo contrario, aos poderes publicos convem a multiplicação das companhias de seguros, não só porque ellas constituem uma importante fonte de receita para o Estado, como podem algumas d'ellas—pode acaso, saber-se agora quaes?—tornarem-se para o governo importantes pontos de apoio na lucta financeira e economica que ha de seguir-se á paz geral.

Confiamos, pois, que o Conselho de Seguros se não deixará influenciar por temores infundados e desarrazoados.

Anarchia!

Como a entende «A Situação»

Se o illustre collega de «A Situação» escrevesse n'um jornal da opposição nada de melhor poderia produzir que o artigo publicado no jornal que representa, para o publico, o reflexo das opiniões do sr. presidente da Republica. Com o titulo que nos serve de epigraphe lançou «A Situação» um artigo, onde se pinta com as mais negras côres a crise que se abate a Republica, assediada por perigos de toda a ordem, n'um estado de paroxismo anarchico que arrepia os nervos do mais fleugmatico dos seus leitores.

Ha verdade no que diz? Ha alguma, sem duvida. Mas não nos parece que seja funcção d'um diario eminentemente governamental lançar o alarme no espirito publico em vez de procurar, com palavras suaves, embora sem faltar á verdade dos factos, incutir no animo de todos os portuguezes a confiança indispensavel no futuro da nacionalidade. Affirma-se positivamente n'um artigo que uma nova revolução se prepara; denuncia-se que uma fracção do partido democratico—a menos decente, isto é, a que acompanha o sr. Affonso Costa — conspira terrivelmente; que, finalmente, as paixões andam, mais que nunca, desencadeadas e que «só á custa de hercúleos esforços se sahirá do cahos em que se lançou a malfadada politiquinha a tôrto lançado». E accrescenta o seguinte, para que se não tem duvidas acerca do estado de desorganisação do paiz inteiro:

«E' por mercê d'este estado de espirito que se dão factos como os dos tempos...

tatado desde ha dias. São assaltos, disturbios, desordens. São conspirações, «complots» e bombismos da mais diversa especie. Uns querem revolução social, com «guardas verelhas», «guardas brancas», «bolchevicks» e o resto. Outros a revolução democratica. Outros a revolução dos «historicos». Outros ainda desejam attentados chacinosos, em que meio mundo assassinará o outro.

Ninguem se entende, e d'este desentendimento resulta a mais descommunal «mayonnaise» que se regista na historia portugueza. Se não se acode a tempo a esta desgraçada situação, vae esta barca desconjunctada direitinha para o fundo, tal como se um torpedo «boche» a apanhasse em cheio.

Não cabe á «A Capital» responsabilidade alguma do estado anarchico da Nação. Desde a primeira hora da conflagração apontámos ao paiz os sacrificios a que a hora grave nos ia obrigar. Dissemos-lhe que, para se salvar a nacionalidade ou, pelo menos, a integridade territorial, era indispensavel collaborar effectivamente na guerra, pondo ao serviço da causa dos alliados, que nossa era, todos os recursos da Nação, á semelhança do que fizeram a Belgica, a Servia, o Montenegro, todos aquelles pequenos paizes que comprehenderam que a sua vida dependia da victoria dos alliados e dos sacrificios que elles fizessem em favor do ideal commum. Acrescentamos ainda que a neutralidade seria o suicidio, sem ao menos nos alliviar das angustias da guerra. A Hollanda, que é neutra, soffre dos males da guerra como se fosse belligerante e nem ao menos conseguiu, mantendo o egoismo da sua indifferença pela causa do Direito, evitar a tomadia dos seus navios mercantes e a miseria do seu povo; a Suissa, que é neutra, vive a vida miseravel que lhe é consentida pela tolerancia dos seus visinhos belligerantes; e a propria Hespanha, cuja posição geographica era singularmente favoravel á manutenção da neutralidade espectante, debate-se n'uma crise angustiosa, mais deprimente e depressiva que a nossa, encontrando-se agora a dois passos da belligerancia, d'aquella guerra que ella tem querido evitar até mesmo á custa da honra nacional.

Entretanto, emquanto nós procuravamos levantar o coração portuguez, outros o apertavam nas tenazes do «manfichismo» internacional, envenenando o espirito publico com a fallaz promessa d'uma neutralidade absurda. Por todas as formas se procurou entravar a acção dos governos inspirados no espirito alliadophilo: conspirações de toda a ordem, revoltas como a de Mafra, incendios como o do Deposito de Fardamentos, boatos dissolventes, tudo, absolutamente tudo se poz em pratica para abater o animo portuguez.

E porquê? Por causa da politica interna, feita de ambições mesquinhas e falta de amor á Republica e á Patria. Por isso «A Situação» inumera agora tantos, tão graves e tão imminente perigos. Mas esquecem-lhe dois, que são os principaes, que são a origem de todos os outros: o germanophilismo e o monarchismo. O primeiro é a negação da propria vida nacional, é o derrotismo antecipado d'aquelles que nem combater quizeram; e o monarchismo é a perturbação constante, a intranquillidade para os cidadãos, a proliferação de toda a fauna de pedantes que fez a gloria do constitucionalismo dos Braganças. Porque omittiu «A Situação» estes dois grandes males?...

Gremio Technico Portuguez

Esta aggremiação, em sessão do mez de julho findo resolveu organisar brevemente uma grande exposição de Artes e sciencias, abrangendo: architectura, engenharia, pintura, esculptura e outros ramos de actividade humana.

A commissão organisadora já iniciou os seus trabalhos.

CAMBIOS

Lisboa, 24 de agosto de 1918.

	Compra	Venda
Cheque sobre Londres	29 5/8	29 1/2
90 d/v.	30	
Cheque sobre Paris	298	302
» Hollanda	875	895
» Italia	225	235
» New York	1690	1710
» Madrid	385	405
Rio sobre Londres	12 5/16	—
Libras ouro	10$20	10$50
Agio do ouro	128 0/0	132 0/0

Professores das Escolas Moveis

Voltaram a reunir os professores officiaes das Escolas Moveis, a fim de approvarem a representação que vae ser entregue ao sr. secretario de Estado da instrucção. N'ella fazem diversas petições, entre as quaes a que trata da suspensão do decreto, dos subsidios de ferias e para que sejam ouvidos os professores, quando se trate da sua reforma.

Chefe Morgado

Foi hoje declarado aposentado, por estar ao abrigo da lei, continuando a exercer o cargo de secretario de todos os comandantes da policia desde 1910, o sr. Alexandre Morgado, que ha 38 annos entrou para a corporação e tem uma honrosa e larga folha de serviços.

A colheita de assucar na America Latina

O mercado será regulamentado pelos governos alliados

A colheita de assucar na ilha de Cuba attinge este anno 3.019.936 toneladas contra a de 3.006.825 toneladas em 1917 e 2.596.576 em 1916.

As culturas de canna d'assucar em Cuba occupam 1.381.812 hectares, e a producção annual média do hectare é de 2 e meia toneladas.

As outras ilhas das Antilhas produzem egualmente grandes quantidades de assucar. S. Domingos envia a maior parte da sua colheita para os Estados Unidos.

A proxima colheita de Porto Rico promette ser abundantissima e espera-se que as do Haiti e de S. Domingos sejam maiores que as de 1917.

A canna de assucar mexicana está perdida em parte, devido á persistencia das séccas e a o presidente Carranza ter decretado a prohibição da exportação d'este producto.

Apezar da sécca, espera-se que a colheita das Honduras não soffrerá mais que uma perda de 2 p. c. sobre o rendimento habitual.

Ao contrario, em Nicaragua, a colheita annuncia-se superior ás dos annos anteriores.

No Brazil a cultura da canna de assucar faz-se em grande escala. Em média, a exportação annual de 300 mil toneladas.

A producção peruviana é importantissima: 200.000 toneladas por anno, das quaes 40 p. c. vão para os Estados Unidos.

A Columbia, Venezuela, Chili e Bolivia exportam egualmente assucar, mas em menor quantidade.

Devido á extraordinaria procura mundial d'este artigo, não haverá excesso de producção.

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados

6319 . . . . 20.000$00

5914 . . . . 2.000$00

2106	600$	2015	100$
570	200$	2482	100$
1084	200$	2689	100$
1682	200$	3100	100$
4221	200$	3390	100$
4944	200$	3925	100$
6318	137$5	4364	100$
6320	137$5	4755	100$
62	100$	5268	100$
85	100$	5832	100$
624	100$	6375	100$
1405	100$	6386	100$
1700	100$	6475	100$
1801	100$	6500	100$

TOURADAS

ALGÉS—Começa ás 5,45 horas a corrida que amanhã se realisa em Algés, festa de gargalhada, organisada pelas classes dos alfayates e sapateiros. Lidam-se rezes bravas e os amadores são a «fina flôr» do toureio. E' cavalleiro o popular amador José Gomes, apresentando um destemido grupo de forcados. Completa esta corrida para rir a exhibição de dois curiosos intervallos comicos «Sete alfayates para matar uma aranha» e «Sapateiro do Largo da Graça», desempenhados por Antonio Preto e a sua «troupe».

Junta Patriotica de Arroyos

Para assumpto de immediata resolução que se prende com o auxilio a prestar aos nossos soldados em campanha, convoca-se a reunião d'esta junta para amanhã, ás 15 horas, no Centro Dr. Affonso Costa. Funcionará a reunião com qualquer numero dos seus membros, por ser a segunda convocação.

Assistencia 5 de Dezembro

Mais uma cozinha em Cintra

Foi esta tarde inaugurada, na freguezia de S. Pedro de Pena Ferrin, Cintra, uma cosinha, onde foram distribuidas 200 sopas aos pobres.

Ao acto, que foi muito concorrido por familias que ali estão veraneando, presidiu o chefe do Estado, e assistiram entre outras pessoas as auctoridades locaes, junta de parochia respectiva, e os membros da commissão central srs major Affonso, inspector, tenentes Mariares e Ferreira da Silva, vogaes, e João Affonso, secretario.

Abrilhantou o acto uma philarmonica e foram proferidos discursos pelo chefe de Estado e outras pessoas.

PEQUENAS NOTICIAS

Reapparece no proximo dia 1 o quinzenario «O caixeiro portuguez», orgão da classe dos empregados do commercio e industria.

Theatros

Cartaz de hoje

SÃO LUIZ—A's 21,30—«Generos alimenticios».—TRINDADE—A's 21,30—«O gato maltez».—GIMNASIO—A's 21,15—«Marionettes».—APOLO—A's 21,30—«A revolta».—EDEN—A's 21,30—«A trombeta da fama». POLYTHEAMA—A's 21,30—«Salada russa».—AVENIDA—A's 21,30—Madame Eva somnambula».

Animatographos, concertos e variedades—Central, Olympia, Colyseu dos Recreios, Chiado Terrasse, Foz, Condes e Salão da Trindade.

Réclames

Conta mais dois numeros de successo a espirituosa revista do Apollo, a saber: «A Carioca», em que Maria Alves dança a primor um movimentado maxixe, e «Os namorados» em que Alice Ribeiro e José Alves arrulham com o maior agrado da plateia, que todas as noites pede bis. Ambos os numeros contribuem sobremaneira para valorisar o quadro da agencia de investigações secretas em que Antonio Gomes e Carlos Leal continuam ferindo a mais hilariante nota.

—O incontestavel successo das «Marionettes», a deliciosa comedia que todas as noites leva ao elegante Gymnasio numerosa multidão ávida de passar algumas horas agradaveis é um facto que todos podem facilmente verificar. Basta passar pela porta do theatro á hora de começar o espectaculo e observar a enorme fila dos compradores de bilhetes e ainda o bom negocio que os contractadores fazem com os retardatarios para ter bem nitida a impressão do enorme exito que a soberba comedia conquistou entre nós.

—No Colyseu dos Recreios, onde se teem apresentado tantas celebridades, está dando as ultimas exhibições o assombroso «film» «A Nova Missão de Judex», o maior acontecimento cinematographico da epoca. Hoje e na «matinée» de amanhã exibem-se pela ultima vez o prologo e os seis primeiros episodios da celebre e deslumbrante pelicula. Amanhã á noite, em despedida, apresentam-se os seis ultimos e prologo. Assim, quem assistir aos soberbos espectaculos nocturnos, de hoje e amanhã, ou á «matinée» e ao espectaculo nocturno de amanhã, terá apreciado todos os episodios da «Nova Missão de Judex». São tres enchentes, seguras para o Colyseu, pois já durante o dia de hoje a venda de bilhetes foi enorme.

A empreza garante que o celebre «film» «A Nova Missão de Judex se despede amanhã á noite.

—Hoje e amanhã, sensacional «reprise» da chistosa comedia «Generos alimenticios» o grande successo do São Luiz.

—No numero dos valiosos elementos do Polytheama, comprehende-se a actriz Filomena Lima. Na revista o seu valor artistico impõe-se sempre e qualquer dos papeis que se lhe confie pode contar com um desempenho excellente. Não a viram na «Salada russa»? Tem ella uma «Fortuna», que qualquer desejaria ter a patrocinal-o. Na «pescadora» de Setubal deseja-se cahir-lhe na rede e quando canta o «fado» hespanhol, quantos «olés» se nos saltam dos labios para applaudil-a!... Vejam a referida revista—optima para passar um pedaço de noite e temos a certeza que serão de opinião egual.

NO ASYLO DO LUMIAR

Realisa-se amanhã uma festa para distribuição de premios ás alumnas

No Asylo do Lumiar—instituição de beneficencia verdadeiramente modelar a que um grupo de benemeritos tem dado o mais carinhoso do seu esforço—realisa-se amanhã, pelas 14 horas, uma festa para distribuição de premios ás alumnas que mais se distinguiram, durante o ultimo anno lectivo.

Como todas as festas que se realisam no Asylo do Lumiar, será a do proximo domingo revestida do maior brilho e commovente ternura.

SPORT

Tres torneios de esgrima

organisados pela secção sportiva de «A Capital» nos dias 29 de setembro, 3 e 5 de outubro

Causou grande sensação a noticia que hontem demos da realisação dos torneios de esgrima organisados pela «A Capital».

Hontem, pelo adeantado da hora a que nos foi possivel fazer a secção, não pudemos, como era nosso desejo, esclarecer bem a organisação e quaes os torneios que vamos realisar, nos dias 29 de setembro, 3 e 5 de outubro proximo, mas antes de darmos essa informação que se torna necessaria para completo esclarecimento, não queremos deixar de registar com satisfação o enthusiasmo que no meio esgrimistico causou a nossa noticia. E' que todos esperavam com anciedade os torneios de esgrima, comprovada pelas cartas que aqui publicámos e ainda por algumas a que não demos publicidade.

Os torneios que vamos realisar e de que brevemente publicaremos os regulamentos, são tres, a saber:

Torneio de sabre aberto a todos os atiradores do paiz (civis e militares), disputando-se uma artistica taça;

Um campeonato de espada aberto a todos os atiradores, disputando-se uma artistica medalha denominada «Medalha Portugal», offerecida pela «A Capital» e, finalmente, um campeonato de espada exclusivamente aberto a atiradores «juniors».

Eis as provas que nós julgamos de utilidade e de interesse realisar; por isso vamos—com um pouco de falta de competencia é certo—mas esta, confessamol-o, será supprida pela energia que dispenderemos ao effectivar a sua organisação.

A inscripção para os tres torneios estará aberta na redacção de «A Capital», das 13 ás 17 horas, do dia 5 ao dia 20 de setembro proximo.

Estamos certos de que a todas estas provas concorrerão os nossos melhores esgrimistas de todas as salas d'armas, porque ellas vão ser realisadas — não com fins de mesquinha rivalidade—mas para interesse geral da esgrima.

O Gymnasio Club Portuguez, Centro Nacional de Esgrima, Atheneu Commercial de Lisboa, Sala Carlos Gonçalves, Sociedade de Esgrima de Espada, Grupo d'Armas e Sport e Sport Lisboa e Bemfica vão com certeza collaborar comnosco, apezar de, segundo hontem á noite nos constou, o Centro Nacional de Esgrima ter officiado, finalmente ás salas d'armas, communicando a realisação do campeonato official de espada e do campeonato de «juniors».

Se o Centro de Esgrima realmente fez tal communicação, tanto melhor, porque, assim, os atiradores não teem só dois torneios officiaes, teem além d'aquelles mais os tres que nós vamos levar a effeito.

Estes torneios deverão realisar-se n'um dos nossos melhores jardins e o producto de marcação de cadeiras no recinto será destinado aos mutilados da guerra.

Grandes corridas de automoveis

vão realisar-se brevemente

Foi o que hontem nos affirmou um amigo, que está presentemente ligado ao automobilismo. Diz-nos elle:

—Vão realisar-se dentro em breve grandes corridas de automoveis.

Como a noticia nos apanhasse um pouco de surpresa, procurámos do nosso informador detalhes, a que elle gentilmente accedeu:

—Sim, pode affirmal-o e já que v. com tanto interesse deseja saber detalhes e dá esta «nova», pode tambem dizer que os nossos «sportsmen» que se dedicam ao automobilismo, que são em grande numero, vão ter occasião de affirmar as suas grandes qualidades de «volantes».

—Mas pode dizer-nos mais alguma coisa sobre a sua organisação?

—Por agora, ainda é cedo, mas devo dizer-lhe que se para todos os «sports», annualmente, se realisam provas, sendo essa a unica maneira do seu progressivo desenvolvimento, porque se não hão-de organisar provas automobilistas?

«Decerto que sim, e demais a mais contando ella hoje maior numero de adeptos e tambem pela grande quantidade de novas marcas—algumas desconhecidas—esta iniciativa impõe-se e vae certamente obter grande exito.

—Na realidade, de uma prova d'esta natureza fazia sentir-se a falta.

O nosso amavel informador continua:

—E ainda ha mais porque ao lado da parte sportiva temos a parte commercial, que é importante, e na qual se registarão as qualidades de resistencia das novas marcas de «autos» que ultimamente teem affluido ao nosso mercado.

O nosso amigo, que já ha tres dias reservava esta «caixinha», termina a palestra, dizendo:

—Para tudo de sport, meu caro, é necessaria muita vontade, muita energia e, sobretudo, uma boa propaganda. Por isso, espero que v., assim como os seus collegas, prestem o seu auxilio a esta arrojada iniciativa, que interessa todo o meio sportivo.

—Conte v. desde já com o meu auxilio, ainda que fraco, e logo que tenha mais informações, não as conserve em segredo tantos dias, sendo ellas de mais a mais de tal importancia.

A. de Campos Junior

VIDA PARTIDARIA

Nucleo Republicano Dr. Sidonio Paes

Reuniu esta aggremiação da freguezia de Alcantara juntamente com a commissão politica do Partido Nacional Republicano.

A assembleia tomou conhecimento da perseguição de que está sendo victima o presidente do nucleo, sr. Antonio J. da Costa e Sousa, ultimamente transferido para Beja. Essa transferencia, ao que se affirma, tem em vista affastar de Alcantara o illustre cidadão que á propaganda republicana e á obra de cinco de dezembro tem prestado os mais relevantes serviços.

O delegado do nucleo junto do Partido Nacional Republicano avistar-se-ha hoje com o sr. secretario de Estado das finanças, para tratar do assumpto, e até á sua solução, os corpos gerentes da collectividade e a commissão politica de Alcantara conservar-se-hão em sessão permanente.

Resolveu-se mais que substituisse o sr. Costa e Sousa na presidencia do nucleo o vice-presidente sr. Apolinario de Abreu.

As commissões politicas do Partido Nacional Republicano reunem na proxima segunda-feira com os corpos gerentes do Nucleo dr. Sidonio Paes e do Centro dr. Egas Moniz, para protestar contra a transferencia do sr. Costa e Sousa, imposta pelo director geral, sr. Julio Baptista.

Ultimas noticias

As sentenças de "O Dia,"

Notaveis previsões d'uma bruxa ácerca da sorte da Romenia e do dia de amanhã, em Portugal...

«O Dia», é um livro aberto. Sempre que é preciso prevêr, basta folheal-o: elle diz tudo, elle sabe tudo.

O mundo inteiro vive na incerteza do dia de ámanhã. O que acontecerá depois da guerra?

Ao certo, ninguem o sabe. Hypotheses e mais nada. Para «O Dia», porém, não ha incertezas. O jornal diz tudo, alli, á preta: sabe o que está escripto no grande livro do Destino!... E senão, veja-se:

Em 25 de abril «O Dia» escrevia o seguinte, em editorial:

«O paiz, que se não exime aos maximos sacrificios em vidas e em recursos, tem o direito de ser esclarecido e confiamos que se não eternisará este regimen intoleravel de mysterio, que tem de acabar, porque a opinião publica começa a despertar do seu lethargo e tem agora exigencias que se legitimam em épicos sacrificios!

Ninguem pensaria em exigir responsabilidades se, invadido o territorio patrio, não só dezenas, mas centenas de milhares de vidas se perdessem para defendel-o. Ninguem quereria então saber se era republicano ou não o governo da nação, porque portuguezes todos somos e commum o patrimonio d'esta terra bemdita onde nascemos, onde jazem os que nos foram queridos, onde repousaremos tambem.

Ninguem condemnaria, mesmo na hypothese d'uma guerra além fronteiras, como esta, os que tivessem de ceder á coacção, vencidos pelo direito da força.

Mas se assim não foi, como se diz, e tudo indica ter havido «instantes, offerecimentos...» de tantas vidas e de tantos sacrificios, feitos pelos que jámais expuzeram a propria vida nem se sujeitaram a quaesquer riscos e abriram a muitos encravados «patriotas» a carreira para millionarios, não podem taes crimes ter perdão. E não só aos que teem perdido na guerra os que eram a sua alegria e o seu arrimo, mas a todos os que teem a responsabilidade de tudo isto haverem permittido pelo resignado assentimento á politica que se seguiu nos ultimos annos, incumbe o dever, e não só assiste o direito, de exigir que esses grandes responsaveis sejam julgados no grande tribunal da opinião publica quando não possam ser amarrados aos bancos dos réus e sentenciados ás penas maximas que, com todas as aggravantes, castigam os culpados dos mais monstruosos crimes de assassinio!»

Sabe-se o que aconteceu na Romenia. A nação entrou na guerra, ao lado dos alliados. Foi vencida, embora apenas temporariamente. O gabinete Bratiano, que preparou a entrada da Romenia na guerra, foi substituido pelos amigos da Allemanha. E logo, sem perda de tempo, os germanophilos romenos, senhores da situação, se prepararam para a perseguição aos amigos da «Entente», processando-os e encarcerando-os. O seguinte despacho, publicado hontem n'este jornal, esclarece este aspecto da politica interna da Romenia:

BASILEA, 21.—Um telegramma de Bucarest diz que o presidente da commissão do ministerio Bratiano, apresentou um projecto de lei auctorisando a commissão parlamentar de inquerito aos actos a mandar prender os ministros accusados.—(Havas).

«O Dia» viu claro o que havia de acontecer na Romenia. O que lhe peza é que identicas circumstancias lhe não permittam extravasar contra os alliadophilos portuguezes o odio torvo inspirado pela sua politica facciosa, toda feita de egoismo e vaidade insatisfeitos. Elle lá reclama, no artigo que transcrevemos, que «os grandes responsaveis (da effectivação de Portugal na guerra) sejam julgados no grande tribunal da opinião publica quando não possam ser amarrados aos bancos dos réus e SENTENCIADOS ÁS PENAS MAXIMAS QUE, COM TODAS AS AGGRAVANTES, CASTIGAM OS CULPADOS DOS MAIS MONSTRUOSOS CRIMES DE ASSASSINIO!»

Assim falará agora, com certeza, o jornal que, na Romenia, reflecte as ideias do governo germanophilo. Assim falaria, ainda hoje, «O Dia», se a victoria não se fosse, hora a hora, accentuando para o lado dos alliados!

"A Capital,, fala mas "A Situação,, calou-se!...

Rememoremos os acontecimentos. Basta isso para demonstrar o desacerto governativo.

A repetição incessante dos maus tratos aos presos politicos, exercidos pela policia portuense, forçaram o sr. presidente da Republica a uma viagem á capital do norte, com o proposito manifesto de conhecer de «visu» o que por lá se passava e prover de remedio uma situação intoleravel. Verificou o chefe do Estado a realidade dos atentados; por sua proprias mãos deu liberdade aos torturados; declarou que o fazia por si mesmo, sem interferencia do proprio secretario de Estado do interior, a quem ali mesmo demittiria, sem mais formalidades, se com a forma expedita da summaria justiça presidencial elle não concordasse; garantiu solemnemente que taes crimes jámais se repetiriam. Eram, então, governador civil o sr. Costa Soares e inspector da policia o sr. Sollari Alegro.

Tempos passaram. Deu-se o assalto de «A Montanha», á mão armada, com depredações varias e attentados pessoaes. Não houve forma de descobrir os criminosos, que ficaram impunes e assim continuarão, naturalmente... Por uma causa qualquer, effectuaram-se mais prisões. E novo clamor de indignação se ergueu, por que os maus tratos aos presos se repetiram, com novos e ainda ineditos processos de tortura. Novamente se annunciou o infallivel castigo dos culpados. Mas na policia inepta, espancadora e desordeira continua a dominar o sr. Sollari Alegro!

Quer então «A Situação», que nós applaudamos taes attentados? Imagina acaso que havemos de amordaçar a propria consciencia, impedindo-a de gritar contra os crimes dos energumenos, que se perdem e nos perdem? Não, isso não!

Protestamos com energia. Dizemos, alto e bom som, que um tal estado de anarchia official se não pode permittir, que tem de acabar de vez. E ha-de acabar! Disse-o o sr. presidente da Republica. Ha-de repetil-o a voz das multidões, se tanto fôr necessario. Mas ha-de acabar!

O inquerito que se annunciou toma as apparencias de mais uma burla. Mais afastar do exercicio o chefe sr. Sollari nada!

Para ter confiança n'elle, seria preciso Alegro. Mas mantel-o no logar, a elle que devia ser o primeiro sindicado, é querer tapar os olhos dos outros com a peneira transparente que nada encobre e só engana os encobridores.

Mas a verdade dos factos ha-de apurar-se. E a responsabilidade tambem!

Mutilados da guerra

Festejos em Pinheiro de Loures

E' amanhã, como noticiámos, o primeiro domingo dos festejos em Pinheiro de Loures, cujo producto reverterá a favor dos mutilados da guerra.

A commissão promotora, que é composta de delegados da Cruzada das Mulheres Portuguezas e e algumas familias que ali estão veraneando, não se poupando a esforços, vê com regosijo poder cumprir o seu inteiro programma que consta de grande arraial, concertos por uma banda militar e philarmonicas, cavalhadas, um sarau dramatico com o concurso de distinctas artistas e duas kermesses com inumeras prendas, algumas de subido valor.

Attendendo ao fim patriotico e ao bello passeio áquella linda localidade, é de esperar grande concorrencia, tanto mais que ha carreiras extraordinarias que partem do Lumiar.

A guerra

A occupação de Albert

PARIS, 24.—Corre o boato de que os inglezes occuparam Albert.—(Correspondente).

*

A cooperação dos aviadores inglezes na linha de batalha—Comboios de munições e columnas dispersas

LONDRES, 23.—Communicado official britannico de hontem á noite, sobre a aviação:—O nevoeiro espesso que se mantem desde a manhã de hontem impediu os nossos apparelhos de continuar os ataques ao norte do Ancre, mas os nossos aviadores puderam mostrar-se activos durante o resto do dia, em que a atmosphera aclarou. Alguns apparelhos, tendo por missão assegurar a ligação entre as nossas patrulhas, communicaram ao estado maior a posição dos nossos elementos avançados. Outros apparelhos, voando a pequena altura, atacaram com bombas e metralhadoras as tropas e os transportes inimigos, dispersaram comboios de munições e columnas em marcha. Muitos canhões allemães que atiravam sobre os nossos «tanks» foram reduzidos ao silencio pelas bombas e metralhadoras dos nossos aviões. Realisamos bom trabalho de reconhecimento, regulação do tiro da artilharia, e descoberta das baterias inimigas. Lançámos 12 toneladas de explosivos durante o dia, e descemos, em chammas, 21 apparelhos inimigos. Faltam 8 dos nossos. Na noite de hontem para hoje, estando a atmosphera limpida e bom luar, os nossos apparelhos de bombardeamento lançaram mais de 25 toneladas e meia de explosivos sobre diversos objectivos. As gares de Cambrai e Marceing foram violentamente atacadas, bem como um certo numero de pontes, vias ferreas, aerodromos, acantonamentos, etc. A ponte de Aubigny-au-Bac, na estrada de Douai a Cambrai, foi destruida. Regressaram todos os nossos apparelhos e um d'elles abateu, em chammas, nas nossas linhas, um grande apparelho inimigo de bombardeamento. Regressou á noite um apparelho que fôra dado como desapparecido no communicado de hontem.—(Havas).

Os inglezes continuam a progredir—Ataques allemães repellidos

LONDRES, 23.—Communicado britannico:—Continuaram os combates em toda a linha de batalha. Entre Lihons, ao sul do Somme, e Cojeul, ha noticia de que as nossas tropas avançaram em alguns pontos. Durante a noite o inimigo atacou por duas vezes as nossas posições nas proximidades da herdade de Ballescourt, mas foi repellido. Na frente do Lys avançámos ligeiramente a nossa linha a leste de Tourent, a noroeste de Neuf-Berquin e a leste de Outtersteene. Quebrámos um ataque inimigo a noroeste de Bailleul.—(Havas).

*

O esforço americano

Desmentindo boatos espalhados pelos allemães—Para que se desenvolve a marinha americana

WASHINGTON, 24.—O sr. Surley, presidente da «Shipping Board», declarou que os boatos adrede espalhados de que os Estados Unidos, empregando no serviço de reabastecimentos o grande numero de transportes maritimos, fazem apenas com mira na preparação de futuras conquistas commerciaes, fazem parte integrante do programma da propaganda allemã destinada a provocar divergencias entre os alliados, e accrescentou que se póde confiar em que as nações alliadas contra a autocracia saberão sempre descobrir a origem de semelhantes boatos e dar-lhes o seu justo valor. «O fim dos Estados Unidos—disse o sr. Surley—construindo a marinha mercante, é, fundamentalmente, ganhar a guerra e, depois, remediar a incuria nacional, no que diz respeito aos meios de transporte transoceanico indispensaveis ao commercio americano. E' com esse intuito que o povo americano se prepara para desenvolver os transportes nas linhas commerciaes que lhe sejam proprias, sem, aliás, causar com isso qualquer prejuizo aos direitos commerciaes das outras nações, sendo absurdo imaginar que a nação, batendo-se ao lado das outras democracias, iria, depois da guerra, empregar contra essas democracias os seus recursos para fazer conquistas commerciaes, como as que contribuiram em grande parte para essa mesma guerra.»—(Havas).

*

A confusão russa

Um chefe do exercito vermelho preso pelos camponezes

BASILEA, 23.—A «Gazette Weser», de Petrogrado, diz que Patapoll, chefe do exercito vermelho no territorio da Mormania, foi preso pelos camponezes e entregue ás tropas britannicas.—(Havas).

*

De todo o mundo

Manifestação dos syndicatos operarios americanos

PARIS, 23.—O «Matin», publica um telegramma de New York dizendo que os sindicatos operarios preparam para o dia 28 uma manifestação lealista, demonstrando o seu appoio ao governo até ao esmagamento do kaiser.—(Havas).

Um protesto ainda sobre o caso Malvy

PARIS, 23.—Os jornaes publicando uma carta assignada pelos grupos sindicalistas dos caminhos de ferro de Leste, ainda ácerca da questão Malvy, protestam contra essa nova ingerencia no assumpto e consideram esse acto como attentatorio das disposições regulamentares.—(Havas).

As victimas da aviação

O funeral do 1.º tenente Azeredo e Vasconcellos

Um numeroso sequito foi esta tarde levar ao cemiterio occidental os despojos mortaes do desditoso aviador 1.º tenente sr. Eduardo Francisco Azeredo e Vasconcellos, victima do desastre hontem occorrido a bordo do avião n.º 5, na costa de Cascaes.

Fizeram-se representar o chefe do Estado e o secretario de Estado da marinha, pelo ajudante de campo d'este ultimo, sr. 1.º tenente Moreira da Silva, que, antes de dirigir-se ao Arsenal da Marinha, para acompanhar o sahimento funebre, visitou a viuva e o pae do malogrado official e á volta do enterro d'este foi dirigir palavras de consolo á familia do grumete Joaquim Antonio dos Passos Teixeira, tambem victima do desastre.

Junto do athaude esteve todo o dia a desolada viuva do intrepido aviador, acompanhada por senhoras de familia e do amizade, e outras pessoas, entre ellas officiaes e marinheiros do serviço de aviação.

O funeral poz-se em marcha depois das 16 horas, carregando aos hombros o athaude até ao carro funerario collegas do sr. Azeredo e Vasconcellos. A' frente seguia o sr. prior de S. Sebastião da Pedreira, um outro sacerdote e o acolyto e atraz o sr. tenente Santos Moreira, que tambem esteve hontem em grave risco de perder a vida, levando o espadim e o «bonnet», cobertos de crepes, do seu camarada.

Abriam o cortejo, em alas, numerosos marinheiros dos serviços de aviação e outros.

O athaude levava sobre a cobertura negra bordada a ouro e prata a bandeira nacional; nas columnas do carro viam-se formosas corôas dos aviadores do exercito, dos sargentos da aviação maritima, dos marinheiros do Centro de Aviação, e outras, e grandes ramos de flôres naturaes, dos primeiros tenentes aviadores Mesquita Rosado, Trindade, Moreira de Carvalho e Santos Moreira.

O cadaver ficou depositado em jazigo de familia.

Nenhum pormenor se conhece ácerca da tragica scena, que victimou os dois aviadores, mas não ha duvida que a sua morte foi motivada por explosão do motor do avião e não por tiros de um submarino inimigo, como hoje correu pela cidade.

A guerra submarina

Mais pormenores sobre o afundamento do «Maria Luiza»

O lugre portuguez «Maria Luiza», que hontem noticiámos ter sido afundado por um submarino allemão, havia sido construido no Porto e fazia a sua primeira viagem para Lisboa, a fim de receber vinho para França.

Os allemães, antes de collocarem as duas bombas que, em curtos minutos, afundaram o lugre, levaram de bordo 18 peças de lona, tendo pedido os apparelhos nauticos, que o navio não trazia, pois os vinha metter em Lisboa. Perguntaram tambem se a bordo havia vinho fino, gallinhas e batatas.

O commandante allemão falava correctamente o portuguez e mostrou ao capitão do «Maria Luiza», quando este esteve a bordo do submarino, que conhecia perfeitamente a collocação das redes de defeza do nosso porto, a fórma como é feita a vigilancia pelos caça-minas, etc.

O submarino era de grande tonelagem, tendo ao meio uma peça de 15 cm.

Os tripulantes estiveram hoje no Instituto de Soccorros a Naufragos, onde receberam guias de caminho de ferro para Aveiro e subsidios pecuniarios.

POEIRA DA ARCADA

Pharoes d'Angola

Deixaram de funccionar todos os pharoes da costa e portos d'Angola, por falta de combustivel.

Secretario d'Estado do commercio

Acompanhado dos seus secretarios srs. Barros e Vasco de Carvalho, partiu hoje para o Porto o secretario d'Estado do commercio, que ao regressar á capital visitará os estaleiros de construcções navaes da Figueira da Foz.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2378 — 9.º Anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Domingo, 25 de Agosto de 1918

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71 — Preço 2 centavos

Da guerra e dos exercitos

A offensiva dos alliados

As tropas portuguezas teem tido papel importante nas operações

RIO DE JANEIRO, 24.—Correm insistentes boatos de que as tropas do corpo expedicionario portuguez em França desempenharam um papel muito importante nas ultimas offensivas das tropas alliadas da frente occidental.—(Americana)

N. da R.—Não receberam os jornaes portuguezes informação alguma que concorde plenamente com a versão enviada para o Brazil. E' certo, todavia, que unidades portuguezas tomaram parte na offensiva franco-americana e é naturalmente á sua acção no campo de batalha que se referem os telegrammas publicados pela imprensa brazileira.

*

Os inglezes retomaram Albert — Entre o Somme e Moyenneville são feitos 5.000 prisioneiros

LONDRES, 23—Communicação britannica de 22—Esta manhã, eram 4 horas e 45 minutos, as tropas inglezas dos condados de leste e de Londres e as tropas australianas que defendiam o sector entre o Somme e o Ancre, atacaram. Os seus objectivos eram as posições inimigas no terreno elevado, atravessado pela estrada de Bray-sur-Somme a Albert. O ataque foi coroado de successo, todos os objectivos foram depressa attingidos e o avanço foi de 2 milhas.

As nossas tropas retomaram Albert. Encontrámos uma forte resistencia em certos pontos e muito particularmente nas vertentes ao norte de Bray, cidade a qual nem mesmo fazia parte dos nossos objectivos. N'este sector um contra-ataque inimigo foi repellido e os nossos elementos avançaram cerca de 500 jardas. Os combates continuaram tambem durante algum tempo em Albert, até ao momento em que as nossas tropas limparam a cidade. N'esta operação feliz fizemos cerca de 1.400 prisioneiros e tomámos alguns canhões.

As nossas tropas realisaram novos progressos na margem esquerda do Ancre, ao sul de Beaucourt. Durante o dia o inimigo foi fortemente atacado em differentes pontos ao norte do Ancre. De manhã cedo, no sector de Miraumont, o inimigo lançou um ataque que repellimos e de novo atacou mais tarde, durante o dia, no mesmo ponto, penetrando nas nossas posições. Contra-atacamos immediatamente e repellimos o inimigo. De manhã, a nordeste de Achiet-le-Grand, o inimigo tambem conseguiu repellir os nossos postos avançados, mas os nossos contra-ataques restabeleceram immediatamente as nossas posições. Fizemos 200 prisioneiros. Outros ataques inimigos a leste de Courcelles e Moyenneville foram repellidos. O numero de prisioneiros feitos por nós, hontem e hoje durante as operações entre o Somme e Moyenneville sobe a 5.000.

Na linha do Lys as nossas tropas progrediram a leste de Merville e na direcção de Neuf-Berquin, onde estamos em contacto immediato com o inimigo. N'este sector fizemos alguns prisioneiros e capturámos algumas metralhadoras. Esta manhã deu-nos resultado uma operação local ao norte de Bailleul, avançando a nossa linha n'uma frente de milha e meia; tambem fizemos alguns prisioneiros. Foi repellido um «raid» inimigo lançado de manhã cedo nos arredores de Dickebusch.—(Havas).

N. da R.—Como foi o nosso collega «Diario de Noticias» o unico jornal da manhã a dar a noticia, importante, da retomada de Albert, noticia da sua correspondencia especial, damos o telegramma acima, do serviço da Havas, que confirma plenamente o publicado pelo nosso collega.

Albert fica no «arrondissement»—districto, se assim nos é permittido traduzir—de Peronne, sobre o Ancre, e é uma posição importantissima.

Já hontem, na sua secção de «Ultimas noticias», d'«A Capital» deu a noticia de correr em Paris o boato da tomada de Albert. Esse boato acaba felizmente, como se vê, de ser confirmado. Mais uma victoria a inscrever na lista dos alliados, que tantas teem já a registar no decurso da actual batalha.

O abatimento moral e physico da Allemanha, segundo o que dizem os officiaes aprisionados

LONDRES, 25—Da frente britannica telegrapham á Agencia Reuter em data de hontem que o procedimento das centenas de officiaes allemães feitos prisioneiros forma um contraste frisante com a attitude dos officiaes aprisionados na primavera durante a retirada britannica. Estes eram arrogantes e falavam em esmagar-nos; os prisioneiros de hoje estão abatidos, muito inquietos, parecem dispostos a conversar e o theor das conversas pode resumir-se assim: dizem elles que a Allemanha entrou na guerra com enthusiasmo, mas que esse enthusiasmo desappareceu ha muito tempo e a lucta tornou-se uma lucta economica com a Gran-Bretanha. Reconhecem que a Allemanha se encontra virtualmente em uma situação desesperada sob o ponto de vista economico dos effectivos e perguntam se a Gran-Bretanha não poderá considerar hoje a Allemanha como sufficientemente attingida para não mais ser a sua rival commercial perigosa ou se os alliados querem esmagal-a completamente; n'este ultimo caso, dizem elles, ella será forçada a combater até ao ultimo alento, mas não fazem quaquer esforço para occultarem a sua impressão sobre o que isso significará para o seu paiz.

Dizem elles que a Allemanha se encontra disposta a abandonar a Belgica e o norte da França e mesmo a transaccionar a respeito da Alsacia-Lorena. São quasi unanimes em reconhecerem que as annexações feitas e o tratado de Brest Litovsk constituem um erro grave, mas julgam impossivel retirar-se da Russia nas condições em que esta actualmente se encontra. Sabem que o auxilio americano attingiu agora proporções formidaveis e reconhecem a gravidade d'este facto. Não podem falar na campanha submarina sem fazerem movimentos de impaciencia. Os sargentos prisioneiros attribuem os recentes derrotas á insufficiencia do serviço de aviação e mais particularmente á inexperiencia e á fraqueza phisica e moral dos ultimos recrutas, os quaes estão imperfeitamente exercitados e incapazes de supportarem as grandes fadigas da guerra defensiva e a simples presença d'elles nas companhias desmoralisa os soldados mais antigos que vêem no facto a que extremos a Allemanha deve estar reduzida para empregar gente tão pouco apta para a servir.—(Havas).

*

De todo o mundo

Ainda a morte de lord Kitchener

LONDRES, 24—A morte de lord Kitchener, o celebre generalissimo inglez, ficou até hoje envolta em profundo misterio. Mr. Arnold White acaba de levantar um pouco o véu d'esse misterio, dizendo que tal morte—homicidio machiavelico—foi obra da grande organisação da espionagem allemã.

Vinte e quatro horas antes de lord Kitchener partir para a Russia, resolveu-se que o «Hampshire», o navio aonde elle devia embarcar, fizesse um rodeio para uma visita á grande esquadra.

N'esse mesmo dia um cabogramma foi enviado de Hollanda, em inglez, com as seguintes palavras: «Shall Herbert enter the legal Academy next december?» Um primeiro censor deixou passar o telegramma, mas um segundo, mais experimentado, ficou intrigado com o palavra «the», que lhe pareceu inutil.

Depois de largamente ter estudado o mysterioso telegramma descobriu que as primeiras lettras das palavras empregadas formavam a palavra: «Shetland». Com effeito, foi deante das ilhas Orcades que Kitchener encontrou a morte.—(Correspondente).

O odio dos romenos contra os allemães

ROMA, 24—Uma personagem romena altamente cotada, que chegou ha pouco á Italia, vinda da Austria e da Suissa, fez a um redactor da «Tribuna» as seguintes declarações:

Os allemães continuam na Romenia a sua obra de saque e de devastação. O odio contra elles tornou-se um verdadeiro culto nacional; nas montanhas, principalmente, as revoltas succedem-se, os camponezes deteem os comboios e apoderam-se dos cereaes destinados á Allemanha. Em Bucarest, na Ploiesti Craiona Campina, todos os dias são encontrados cadaveres de soldados allemães.

«As victorias alcançadas pelos alliados e principalmente pela França dão origem a manifestações enthusiasticas, que provocam graves ameaças de repressão.

«A familia real trata de suavisar a sorte da população e o rei chegou a ordenar a divisão dos bens da corôa pelos camponezes».—(Correspondente).

Politica americana

WASHINGTON, 25—Os senadores republicanos elegeram, por unanimidade, o sr. Lodge, para «leader» do partido republicano no Senado, em substituição do sr. Gallinger, recentemente fallecido.—(Havas).

Um desmentido do sr. Clemenceau

PARIS, 23—O sr. Clemenceau desmente as entrevistas que lhe são attribuidas, declinando a responsabilidade das palavras, propagadas nos jornaes, não governamentaes, por estimaveis visitantes, excellentemente impressionados, mas mal familiarisados com as «nuances» da lingua franceza.—Havas).

As mulheres perante a guerra

Congresso das alliadas em Paris — Discursos notaveis das representações de França, Belgica, Inglaterra e America do Norte

PARIS, 24—Verificou-se na terça feira ultima, 20, a inauguração do primeiro congresso de mulheres alliadas, no qual tomaram parte numerosas delegadas das obras da guerra dos paizes alliados Ao terminar o banquete que n'esse dia se effectuou, mrs. Woobs Bliss, presidente, brindou pelas mulheres que teem dado a sua vida pelos feridos alliados

Mlle. Helene Goblet d'Alviella, que esteve muito tempo na Belgica invadida falou em nome das obras belgas, explicando com commovedora eloquencia os esforços que as mulheres belgas, sobretudo aquellas que teem continuado a viver no seu paiz, realisam diariamente para soccorrer mais de quatro milhões e meio de indigentes creados pela guerra.

Entre grandes applausos referiu o martirio das que foram encarceradas por haverem collaborado em obras patrioticas.

Mrs. Alfred Lyttleton, esposa do deputado inglez chefe dos serviços voluntarios agricolas, falou das emprezas inglezas, dizendo que a Gran-Bretanha sempre se tem inspirado no exemplo dado pelas francezas, cujo estoicismo na dôr elogiou. Dirigindo-se depois ás americanas, declarou que as mulheres inglezas as tinham visto vir para seu lado com tristeza, pensando nos filhos que vão morrer; mas tambem com alegria, porque depois de quatro annos de esforços teem a certeza de que a ajuda formidavel dos Estados Unidos apressará a victoria do Direito e da Justiça.

Miss Maxwell, chefe das enfermeiras militares americanas, expôz a sua esperança de vêr as obras da nova alliada fazerem para os seus soldados o que a Inglaterra e a França teem feito pelos seus.

M.me Emile Boutroux, em nome das obras francezas, agradeceu ás mulheres de Inglaterra e da America os soccorros dados desde o primeiro momento. Falou dos serviços prestados ao paiz, tanto sob o ponto de vista economico como o de auxilio social pelos esforços incansaveis das mulheres francezas, que por toda a parte, em todas as classes da sociedade, teem trabalhado ardentemente. Terminou enviando ás mães da America, afastadas de seus filhos que se acham combatendo, as sympathias das mães francezas.

O congresso encerrou-se no dia seguinte.

Entre as congressistas figuravam Mme. Poincaré, os ministros Loucheur, Clémentel(?) e Boret, o marechal Joffre e outras personalidades.

Lord Derby leu numerosos telegrammas, entre os quaes figurava um de Lloyd George, expressando a sua admiração pelas mulheres alliadas, e muito particularmente pelas francezas.

Mr. Pichon fez um notavel discurso falando da mulher e da missão que está desempenhando no decurso da guerra, missão que é um dos melhores esforços realisados por lord Derby, que personifica de uma maneira tão illustre a Gran-Bretanha, fiel companheira dos soffrimentos e das victorias da França. Prometteu dedicar toda a sua vida a uma estreita intelligencia entre a França e a Inglaterra.

Fez depois uma descripção minuciosa da obra realisada pela mulher durante a guerra, e diz que a vida da mulher se converteu em vida de trabalho, de dever e de submissão voluntaria, como os suas mais elevadas obrigações. Fez o mais caloroso elogio da rainha da Belgica, da religiosa soror Julia e de miss Cavel, cujos nomes serão recordados eternamente com a admiração e reconhecimento pelos povos. A mulher conquistou na grande lucta que se travou, um novo papel na sociedade nova, e que tem participado de tal forma e tanto pela libertação do mundo, que nunca mais poderá andar affastada das grandes causas.

Terminou dizendo: «A victoria está ás nossas portas e a continuação do nosso concurso é-nos necessaria para acabar a guerra»—(Correspondente).

O MOMENTO POLITICO

Entrevista com o sr. Ladislau Batalha, ácerca do proximo Congresso Regional Socialista do Sul

O Partido Socialista soffreu, como é sabido, um desastre notavel nas ultimas eleições geraes. A perda da batalha teria desanimado os luctadores derrotados? Logo dissemos que não, reproduzindo as ideias que nos foram transmittidas pelos homens eminentes do Partido. Vae agora realisar-se um Congresso. Apresenta-se, pois, a opportunidade para de novo ouvir alguns dos membros do Partido Socialista. Escolhemos, para tal, o sr. Ladislau Batalha, jornalista e professor lyceal e presidente da Commissão Executiva da Federação Municipal Socialista. O illustre collega amavelmente nos recebeu, em sua casa e nos deu interessantes pormenores ácerca da actividade politica socialista,—pormenores que vamos reproduzir, resumidamente.

Reorganisação do Partido Socialista

—Quaes são os fins do Congresso?—perguntamos.

—O Partido Socialista Portuguez, resolveu abandonar os velhos principios rotineiros, em que durante uns bons dez annos, se tem estiolado, e tanto no Norte como no Sul se manifestam as maiores tendencias para um rejuvenescimento de vida e de aspirações.

Ao já evidente renascimento da Federação Municipal Socialista de Lisboa pela acção da sua nova commissão executiva, irá seguir-se a remodelação completa das engrenagens em que até aqui tem assentado a Confederação do Sul.

Estou certo que das suas proprias cinzas vae resurgir um Partido Socialista novo, repassado de enthusiasmo e dirigido por homens que tenham a envergadura necessaria para fitar de frente os grandes problemas determinativos da horrivel crise que o paiz atravessa, e saibam prover de remedio, influindo poderosamente nos altos poderes do Estado.

Os fins do Congresso

—De que irá tratar-se no proximo Congresso?

—Acabo de expôr-lhe em geral o espirito que nos anima a todos. E' muito provavel que se apresentem propostas e theses de largo folego, destinadas a definir perante a sociedade portugueza a nossa situação ante os partidos republicanos, e a nossa attitude, decisiva e francamente declarada, em presença das actuaes tendencias regressivas dos monarchicos e dos clericaes.

Estas declarações são positivamente as que teem de marcar no nosso proprio Congresso, pois em vista da politica espinhosa e confusa que vem minando e carcomindo a sociedade portugueza, ella aguarda necessariamente a intervenção de uma nova força modificadora e remodeladora que venha restabelecer a necessaria normalidade, reprimindo os desmandos de uns, contrariando o reaccionarismo de outros, e impelindo todos, incondicionalmente, para as Esquerdas que constituem a tendencia inevitavel do Progresso.

Esta nova força, já se sabe pela natureza evolutiva das ideias, não poderá ser outra senão o socialismo.

Alguns problemas a resolver

—Sabe se já haverá algumas theses em preparação?

—Certamente. A Federação Municipal Socialista está elaborando uma these sobre a remodelação das nossas commissões parochiaes socialistas, e destinada a fazel-as crear uma vida que ainda parece faltar-lhes.

Egualmente procede a estudos que apresentará no sentido de fitar de frente o chamado problema ou questão colonial e o reconhecimento das immunidades e regalias dos indigenas. O grupo de Propaganda d'Estudos Sociaes já tem promptas duas theses para apresentar:—uma sobre propaganda socialista, e outra sobre modelos para a Contabilidade das Associações Partidarias.

A gréve é uma manifestação de revolta

—A respeito de gréves?

—O Congresso vae definir officialmente a attitude do Sul, que esperamos será secundada pelo Norte. A gréve é uma manifestação de revolta. Legislar sobre ella, reconhecendo-a como um direito, foi um erro da burguezia. Mas querer negar o direito já reconhecido, constitue uma afronta ao operariado. Não que elle por essa lei se regule. A revolta não tem lei. Bem o sabem os homens do 5 de outubro, do 14 de maio e do 5 de dezembro. Mas nos tempos que correm, não é licito andar para traz. A marcha encaminha-se toda em direcção das Esquerdas

Municipalisação dos serviços publicos

—No Congresso não se tratará tambem dos municipios?

—Mas, certamente, e com enthusiasmo. Um dos objectivos immediatos do Partido é a conquista dos municipios onde alguns dos nossos companheiros já teem iniciado trabalhos valiosos de morigeração. Mas pretende-se mais. Os socialistas propõem-se ir acabando com os monopolios odiosos que os municipios ainda favorecem criminosamente, até estabelecer em definitivo o regimen da municipalisação de todos os serviços publicos a seu cargo, como subsistencias, agua, luz, viação terrestre, fluvial e aerea, etc., unica forma de attenuar o custo da vida, a despeito das maiores crises.

A mocidade, reserva de energias

O sr. Ladislau Batalha, como fecho da palestra, alludiu ainda á eleição, que o Congresso fará, da nova Confederação, declarando que não é facil fazer previsão segura a tal respeito, podendo, entretanto, considerar-se, como provavel que o novo organismo propulsor do Partido será constituido por novos elementos de gente moça. «Para velho, basto eu!» sublinhou, sorrindo-se, o grande propagandista.

A MALTA DAS TRINCHEIRAS

Tal é o titulo do novo livro de André Brun, cujos capitulos «A CAPITAL» começará em breves dias a publicar, em folhetins, e cujo valor desnecessario é encarecer, pois que o auctor tem de ha muito o seu nome feito. Primoroso estylista e humorista inegualavel, André Brun vae dar-nos — temos a certeza — um verdadeiro mimo litterario com

A malta das trincheiras

cujos tres primeiros capitulos se intitulam:

Madame Letailleur.

José Maria Folgadinho,

"lanzudo,, da grande guerra.

Iniciação.

O pagamento de subvenções

Um caso que requer a intervenção do sr. secretario d'Estado da guerra

Maria José da Conceição é uma pobre mulher, natural e residente em Coentral Grande, concelho de Castanheira de Pera, casada com Antonio Simões Coelho, que está paralytico ha 10 annos. Tem o casal dois filhos, Alvaro Simões Coelho e Manuel Simões Coelho, os quaes estão em França no C. E. P.

Tendo requerido a subvenção que pertencia ao segundo, quando este ainda estava em Tancos, foram arbitrados $19 para o pae e $08 para a mãe. O requerimento foi deferido em fins de janeiro, com o numero 16.037, tendo de receber a importancia de 37$80, quantia que foi já enviada para a administração do concelho.

Pois dá-se o facto extraordinario—para o não classificarmos d'outro modo—de na administração, onde a pobre Maria José se tem dirigido já algumas vezes, lhe dizerem que nada teem para lhe entregar. E isso, apezar da referida quantia, ao que nos affirmam informações fidedignas, lá estar e da pobre mulher ter de palmilhar quasi duas leguas, que tanta é a distancia do Coentral Grande á sede do concelho.

Para o caso, que é de extrema gravidade, chamamos a attenção do sr. coronel Amilcar Motta.

André Brun

Chega amanhã a Lisboa o nosso presado amigo e distincto official, major André Brun.

Fornecimento de gaz em Lisboa

Reuniu a commissão de propaganda nomeada pela assembleia geral dos industriaes e consumidores de gaz, composta dos srs. Marcelino Paulo Brito, presidente, Pacifico Rodrigues, Successor, e Guimarães & Estrella, L.da, secretarios, e Virgilio Ribeiro & Gonçalves, L.da; Leite & Almeida; J. S. Moutella e Leiria, Neves & Ferreira, L.da, vogaes, tendo resolvido mandar proceder á impressão de cadernos para a angariação de assignaturas de todos aquelles a quem a falta de gaz tem occasionado enormes transtornos e prejuizos, assim como d'uns manifestos que serão profusamente affixados nas paredes para elucidação clara e completa de todo o publico em geral, convidando-o, egualmente, a assignar os cadernos que brevemente se acharão patentes em diversas casas commerciaes.

A commissão volta a reunir depois de amanhã.

NA CIDADE INVICTA

A Companhia de Seguros "Porto,,

Aproveitando o presente, mas preparando, sobretudo, o futuro.

Ao fim de um mez as suas acções teem 50 p. c. de premio.

Ainda ha dias, n'esta mesma secção de reportagem, sobre a vida economica do Porto, nós tratámos da situação de uma companhia seguradora — que era uma das mais velhas de Portugal. Hoje vamos tratar de outra — que é talvez a mais nova do paiz. E se uma tinha um longo passado, um passado de muitas dezenas de annos a offerecer-nos mil e um aspectos lisonjeiros da sua existencia, a facilitar-nos a nossa missão de critica, pela limpidez da sua vasta historia, — esta, que hoje focamos nas columnas do nosso jornal, tendo surgido apenas ha meia duzia de dias, conseguiu, pela forma como se apresentou, como expoz e definiu o seu plano, pela rapidez como marcou o seu logar, como se insinuou ao commercio e á industria da nação — conseguiu, repetimos, impôr tanta confiança e tanta sympathia como se de facto possuisse tambem um passado a servir de garantia ao presente e ao futuro.

Referimo-nos á Companhia de Seguros «Porto». Dissemos que a companhia «Porto» parecia dispôr, apezar do seu unico mez de existencia, de um passado glorioso a garantir o presente e o futuro. E se analysarmos os «dessous» d'essa expressão paradoxal e virmos atravez d'ella a companhia em questão que, como muitas outras de recente fundação, não se organisou unicamente com o fito unico de aproveitar as vantagens momentaneas, ephemeras da guerra, mas, pelo contrario, disposta a perdurar e a progredir mesmo depois da paz, graças a uma conducta só honestidade, só intelligencia—veremos que a «Porto» não parece ter só um passado; parece synthetisar todo o passado glorioso dos seguros em Portugal, que deve contar mais de um seculo de uma existencia viva e honrada, o que attingiu o maximo do desenvolvimento, sem que n'uma hora sombria um acto menos correcto tivesse envergonhado os que se teem dedicado a essa interessantissima industria.

O que a Companhia de Seguros "Porto,, já realisou e o que tenciona realisar ainda

Como acima dizemos, a Companhia de Seguros «Porto» conta apenas um mez de existencia e já está legalmente constituida.

... Um mez só de funccionamento e a importancia das suas transacções sobe já a cem mil escudos! Por aqui se deprehende com facilidade a confiança que ella immediatamente mereceu aos que necessitaram acolher-se a uma empreza de seguros. Mas, outras provas existem da suavidade do caminho que esta companhia soube traçar mal se fundou. As suas acções já se estão pagando com um premio de 50 p. c. E assim mesmo procura-se, rebuscaca-se pelos estabelecimentos do genero e offerece-se gratificações e não se encontra uma só que ainda esteja livre. Os proprios directores quando, ante a insistencia d'um amigo, desejam ceder duas ou tres, não o fazem, porque não podem dispôr de nenhuma.

A montagem da «Porto» deixa antever, até nos minimos detalhes, um grande desejo de perfeição—desejo que aliás foi satisfeito. Uma das grandes «trouvailles» foi o seu proprio nome: «Porto» — «tout court»... V. Ex.as estão vendo, não é verdade? Calculem que poder de suggestão não terá para o norte, para todo o Portugal mesmo, este nome—PORTO—erguido em plena capital do norte, como um monumento que sobresahisse de tudo o que roçasse pelo ceu, que espalhasse n'uma irradiação magica, jorros de luz pelo paiz inteiro. Só o nome d'esta Companhia nos leva a presagiar-lhe o mais prospero dos futuros. Mas... ha mais... O director principal da «Porto» é o sr. Raul Teixeira, que é a expressão mais nitida da viveza, da energia e da audacia e que, tendo conquistado já no automobilismo um nome popularisado e admirado, se dedicou ultimamente com aquella tenacidade e methodo dos sportsmen ao estudo da sciencia de seguros—e hoje, commandando a engrenagem da «Porto» trouxe comsigo uma multidão de amigos—e os mais profundos conhecimentos technicos do «metier».

Affiançámos ha pouco, e agora tornamos a affirmar que a «Porto» não veiu só com a preoccupação da guerra e que tenciona continuar o seu funccionamento mesmo depois da paz. Para isso está ella encaminhando as suas transacções para o campo de incidentes normaes da vida moderna, fortificando-se e fortalecendo desde já a sua existencia para o futuro. Agora está tratando simplesmente de seguros de guerra, mas dentro em poucos dias começará a fazer seguros de atropelamentos, devendo no começo do proximo anno trabalhar todos os ramos de seguro.

No numero dos seus accionistas contam-se as mais conceituadas casas commerciaes e industriaes do norte. Citaremos as seguintes: E. A. Lopes & C.ª, Ernesto Antonio Lopes, Alberto Nunes de Mattos, Luiz Cruz, Aurelio Vieira Braga, Arthur Golheiro, Jorge Lardeley, etc.

Os seus escriptorios estão installados na Rua Nova da Alfandega, com a elegancia e amplidão que conveem a um estabelecimento d'esta ordem. E, para terminar com chave d'ouro, diremos ainda que a agencia em Lisboa está confiada á firma V. de Carvalho & C.ª, Rua da Prata, 227, tendo sido o sr. Alexandre Ferreira—technico sapientissimo e espirito extraordinariamente culto, que gosa em Lisboa do mesmo ambiente e simpathia de que o sr. Raul Teixeira despõe no Porto—quem mais tem contribuido para a organisação dos serviços da «Porto» n'esta capital.

A expansão da Companhia de Seguros «Porto» não se fará demorar—tendo já representação em varios pontos do paiz, entre os quaes Vizeu e Coimbra, a sua delegação no Brazil ficará definitivamente installada no fim do anno.

O arraçoamento

A culpa é de «A Situação»

Perdoe o nosso illustre collega de «A Situação» se, por acaso que não por intenção, de alguma forma o contrariamos ao fazer a critica d'um decreto que está para sahir mas que sómente o collega sabe, ao certo, o que é e quanto vale.

Confessamos que os nossos elementos de informação são poucos, porque, afinal elles se reduzem ao que o distincto collega governamental entende ir despejando, em conta gottas, no conhecimento do publico.

«A Situação» foi o unico jornal que, por esforço acrobatico de reportagem, annunciou o apparecimento, para muito breve, do decreto de arraçoamento. Na sua noticia informava que certos generos (dispensamo-nos de repetir quaes) iam ser sujeitos a restricções de consumo. E mais não disse... Foi com esta base de informação que fizemos reparos á orientação que presidiu á imposição das restricções de consumo, mostrando o erro que se ia praticar, arraçoando sómente os generos primarios que ainda estão ao alcance da bolsa dos pobres.

«A Situação» dá-nos hoje razão. E que (diz o estimado collega) «a ração d'uma determinada especie poderá ser substituida por rações (ou com rações) d'outras especies, sempre que as classes pobres assim o queiram». Pois é isso que deve ser, repetimos nós, E se «A Situação» tivesse começado por esclarecer esta parte, unica sobre a qual é licito, agora, discutir, não teriamos gasto tanta tinta, prejuizo material aliás excellentemente compensado pelo prazer de conversar com collega tão illustre.

Esperemos, pois, pelo decreto de arraçoamento. Parecia-nos preferivel que sobre elle incidisse a critica da imprensa, antes de ser posto em execução. Mas nós vivemos no regimen do «magister dixit» e não temos a pretensão de endireitar o mundo. Os meninos prodigios preparam as grandes leis salvadoras, no segredo dos gabinetes. Elles é que sabem, elles é que vêem... E quando os diplomas apparecem verifica-se, em regra, que não servem senão para tornar ainda mais confuso aquillo que já não era claro. Estimaremos que a enorme secreção cerebral que vae objectivar-se no decreto de arraçoamento não se assemelhe a outras da mesma especie, que abortaram em agricultura, — antes saia logo, de uma vez e para sempre, obra fina e asseiada. Ver-se-ha...

Seja-nos ainda permittida uma observação. «A Situação» publica sobre este caso do arraçoamento, duas locaes que, manifestamente, não são ambas escriptas pelo mesmo redactor. Uma é de poucas dimensões. Diz pouco. Mas fala acertado, porque vae dizendo ao outro redactor prolixo que... quem muito fala pouco acerta. Fica tudo em casa: elles lá se entendem!

Roma porto de mar

Roma vae novamente ser convertida em porto de mar, devendo os primeiros trabalhos a realisar em Ostia Novella, onde, na epocha da supremacia imperial fundeavam os navios que aprovisionavam a capital do mundo, custar cerca de 47 milhões de liras.

As dimensões do novo porto e a profundidade das suas aguas permittir-lhe-hão um movimento annual de um milhão de toneladas.

O ministro do thesouro já assignou um convenio pelo qual o municipio da Cidade Eterna é auctorisada a construir a explorar o porto da Ostia Novella.

NATURISMO

Quem quer almoçar?

Por estes tempos ... pelas ruas da cidade, mulheres, com cestas á cabeça, cucuiadas de deliciosos figos, cantam n'uma melopeia alegre: «quem quer figos, quem quer almoçar?» E a população acceitando o convite, em breve esvasia do contheudo saboroso e nutritivo as cestas miraculosas. Mas, logo pela tarde novo pregão: «quem quer figos, quem quer merendar?» E já noite ainda se ouvem ecos da melopeia...

Os figos são muito bons para a saude. Pelo seu assucar nutrem—são alimento respiratorio, alimento de energia muscular. E pela sua celulose e seus optimos laxativo e reconstituinte celular. Com figos pode viver-se, sobretudo quando se está habituado a prestar culto á Natureza, obedecendo ás suas leis, satisfazendo os seus preceitos e cumprindo as suas regras. Ha variedades excelsas de figos, mas os «moscatel» são dos melhores, quando bem maduros.

Quando os figos são muito assucarados convem demolhal-os ou melhor beber nos intervallos goles d'agua. A digestão faz-se, então, melhor, mais facilmente.

Os figos devem comer-se com a pelle e sem mais nada. Nunca se devem misturar fructos. Se podessemos estar n'uma figueira, era até encher que nos satisfariamos...

Que melhor assucar querem? Nos fructos ha vida, energia, satisfação e bondade. São dons da Natureza. Almoçar e merendar figos que grande vantagem para a saude!

Dr. Amilcar de Sousa

Associação dos Advogados de Lisboa

A Associação dos Advogados de Lisboa, na conferencia do encerramento dos trabalhos do anno, que precedeu as ferias judiciaes, como a imprensa informou, delegou poderes para continuação das deligencias da classe, a fim de obter a reparação que lhe é devida contra o decreto que a considera beneficiada pela crise, que atravessa, sendo ao contrario das mais aggravadas, e soffrendo directamente as consequencias do augmento de sello, salarios judiciaes e mais encargos da justiça, a que os advogados prestam constante auxilio e cooperação, tantas vezes gratuita, da sua valiosa assistencia.

Os delegados da classe e seus representantes no parlamento, com muitos outros collegas tanto do continente como das ilhas, e designadamente os de Lisboa, Porto e diversas comarcas da provincia, fazem deligencia conjuncta para esclarecer o assumpto e se obter a devida reparação, que é de esperar venham a conseguir.

Publicações recebidas

O esforço militar portuguez na guerra europeia

A Imprensa Nacional pôz á venda o n.º 9 da publicação «Portugal na Guerra», 2.ª serie, em que se encontra compilada e coordenada toda a legislação militar proveniente da nossa organisação intensiva para a intervenção de Portugal no grande conflicto europeu. As campanhas determinadas pela conservação da nossa integridade colonial merecem capitulo especial n'esta obra. As medidas legislativas sobre mobilisação, instrucção de officiaes milicianos, e ainda as subvenções e subsidios de campanha, encontram-se n'este volume devidamente esclarecidas por todos os documentos officiaes que a tal se referem. As recompensas e condecorações; e, por fim, a defeza maritima das costas do continente e ilhas adjacentes, tudo se acha archivado não só n'este volume como nos anteriores da mesma publicação, a qual marca, a par do seu valor, como elemento interessante de consulta, a sua importancia como factor historico da nossa cooperação militar na guerra actual.

Praias e campos

PRAIA DA ROCHA, 23.—Abriu hontem o cazino, que esteve muito concorrido, dançando-se animadamente até de madrugada. Agradaram muito as variedades.

Chegou de Silves a familia Anessar; de Faro a sr.ª D. Joanna Calé, o sr. Francisco Pinto e familia e a sr.ª D. Maria Alvellos.

Atropelamento

Recebeu curativo, no banco do hospital de S. José, Daniel da Silva, de 58 annos, caixeiro, Avenida Almirante Reis, 85, 4.º, que foi atropelado por um electrico na Avenida Almirante Reis, ficando ferido na cabeça e contuso na face esquerda.

Academia de Estudos Livros

Realisa-se amanhã a reunião da Assembleia geral para eleição dos corpos gerentes e apreciação do relatorio e contas da direcção relativos ao anno escolar de 1916-1917.

A reunião effectua-se com os socios que compareçam, por ser a 2.ª convocação.

Theatros

Cartaz de hoje

SÃO LUIZ—A's 21,30—«Generos alimenticios»—TRINDADE— A's 21,30—«O gato maltez».—GIMNASIO—A's 21,15— «Marionettes».—APOLO—A's 21,30— «A revolta».—EDEN—A's 21,30—«A trombeta da fama». POLYTHEAMA—A's 21,30—«Salada russa».— AVENIDA—A's 21,30—Madame Eva somnambula».

Animatographos, concertos e variedades—Central, Olympia, Colyseu dos Recreios, Chiado Terrasse, Foz, Condes e Salão da Trindade.

Réclames

O publico leu já com certeza os versos inspirados que um poeta compoz na revista «A Revolta», em scena no Apollo, para Auzenda d'Oliveira recitar como recita deliciosamente!—com uma voz que se diria partindo-se, com aquella fragilidade, tão propria do barro como do coração do homem... mas ouvil-os uma vez ainda da bocca da formosa e distincta actriz não será demais. Não concorda o leitor?

—A peça da moda, a deliciosa comedia de Wolff «Marionettes», foi em Paris o mais discutido exito da Comedia Franceza. Como no primeiro theatro parisiense, as «Marionettes» estão obtendo no Gymnasio o mesmo enthusiastico successo, o que não admira visto ser uma peça engraçadissima e constituindo uma nobre lição de moral tendo ao mesmo tempo um explendido desempenho, em cujos principaes papeis muito se distinguem Palmyra Bastos, Maria Pia, Brazão, Carlos Santos, Albuquerque e Erico Braga.

—Conta esta noite 85 representações a revista «Salada russa», posta no Polytheama com desusado esplendor pela empreza Satanella, Amarante & C.ª O exito obtido em todas as noites excedeu todas as previsões e depois que o quadro novo «Comes e bebes» e varios numeros por completo a transformaram, mais esse exito se accentuou. Mostra o facto que o nosso publico concorre sempre onde bem o sabem divertir, e não ha duvida que no Polytheama isso succede.

Ver no Salão Central
—HOJE—
os 3 episodios 8.º 9.º e 10.º do
Phantasma Gris

O correio aereo

Na França e n'outros paizes

O serviço postal aereo iniciado no penultimo sabbado entre Paris e Saint Nazaire, facto que noticiámos, continua e procede-se á organisação de novas linhas.

Nos Estados Unidos, depois de experiencias concludentes, definitivas, realisadas em maio ultimo, estabeleceu-se uma linha regular entre Nova York, Philadelphia e Washington.

Como em França, os apparelhos são fornecidos pelos serviços de guerra e os pilotos são aviadores militares. Ha, todos os dias, uma carreira ascendente e outra descendente. O porte de cada carta importa em cerca de 30 centavos da nossa moeda. Nas experiencias, a distancia total, 460 kilometros, foi transposta em tres horas e sete minutos.

Uma precaução interessante foi tomada para attender ás «pannes» que possam occorrer. Como a pista aerea acompanha a via ferrea, foram estabelecidos no percurso varios postos de atterragem, dos quaes as correspondencias podem, quando tal seja necessario, ser conduzidas pelo caminho de ferro ao devido destino.

Outras linhas vão ser creadas, a começar pelas ligações inter-urbanas mais importantes e tambem de preferencia, por aquellas em que os obstaculos naturaes—montes, braços de mar, etc.—tornem o curso das vias ferreas mais longo e mais difficil.

Na Austria, onde a posta aerea, tinha tambem já começado a funccionar entre Vienna, Cracovia, Lemberg e de Vienna a Budapest, o serviço está interrompido em consequencia de varios accidentes.

Em Inglaterra, onde a utilisação dos aviões para o serviço postal está admittido em principio, nada por emquanto se realisou de pratico.

Parece que se aguardam ali os resultados das experiencias feitas em França, para então ser estabelecido o projectado serviço entre Paris e Londres.

Tambem em Italia, se teem feito experiencias da Sardenha á Corsega, aguardando-se o prolongamento até Roma da linha Paris-Nice.

Na Suecia o assumpto foi visado de outro modo. Por motivo das difficuldades de atterragem, dada a natureza accidentada do solo, a posta aerea será feita por pequenos dirigiveis.

Presos politicos

No forte de Monsanto encontram-se presos ha mais de oito dias, sem culpa formada, contra o que determina a lei, os srs. José Nunes da Graça, Nobrega do Quintal, Avelino Ribeiro, Antonio Bernardo, José Braz Mendes, Francisco João da Silva, José Domingos, Annibal de Vasconcellos e Albano Machado, capturados no largo do Rocio pelo sr. Rocha, secretario do sr. governador civil, que nem sequer é agente da auctoridade, por suspeitos de conspirarem contra o governo.

Porque espera o sr. Costa Torres? E' necessario que esse senhor se lembre de que presos politicos, victimas já de uma inconcebivel e abusiva violencia, teem familia a sustentar e não podem, nem devem estar á mercê das vinganças de quem quer que seja.

Por carta, dirige-se-nos o sr. Arnaldo Correia da Graça, dizendo que se encontra preso ha 88 dias—73 no Porto e 15 em Lisboa—sem que até hoje tenha sido interrogado, ou saiba o motivo preciso por que foi detido. Tem familia a sustentar e tem-lhe valido o vender e empenhar o pouco que possuia, achando-se completamente exhaustos os poucos recursos que tinha. Pede que se lhe faça justiça.

Por nossa parte, repetimos o que acima dizemos: é necessario, é indispensavel mesmo, que se proceda de modo a que não se esteja á mercê de denuncias e de vinganças.

Partido Socialista Portuguez

Missão de propaganda ás colonias

Dizem-nos que está constituida uma commissão, composta de importantes elementos do P. S. P., destinada a visitar as colonias africanas, em viagem de propaganda dos principios basicos do socialismo. Entre outros farão parte da missão os srs. deputado João de Castro, Augusto Dias da Silva e Ladislau Batalha.

Sport

Corrida velocipedica

BOMBARRAL, 25—Na corrida de 2-6 kilometros, promovida pelo Luzitano Club Cyclista, chegaram aqui pela seguinte ordem: José Pereira, do Club do Bombarral; Dias Maia, Branco e Amaral.—(Correspondente).

Os allemães duvidam do commando

Em «Le Journal», diz o seu chronista Saint-Brice, n'um echo intitulado «Uma ordem do dia de Ludendorf»: No momento actual, a crise moral do exercito allemão parece pelo menos tão grave como o empobrecimento dos effectivos. Nada mais facil de explicar. As tropas inimigas haviam sido enthusiasmadas com a campanha de 1918. Haviam-lhes apresentado como um duplo dogma a certeza e a necessidade da offensiva victoriosa.

Esforço indispensavel para preceder a chegada dos americanos. Successo indubitavel, pois que a Allemanha dispunha da superioridade de effectivos e da iniciativa.

Ora os soldados allemães descobriram que esses dois postulados são radicalmente falsos. Os americanos chegaram antes da victoria e os exercitos da Entente detiveram d'um golpe o que devia ser o supremo esforço da offensiva.

Coisa alguma prova melhor a confusão causada por essa fulgurante revelação que as explicações a que o estado maior allemão entendeu dever recorrer para elevar o moral das tropas. Uma ordem de Ludendorf, encontrada a um official prisioneiro, é absolutamente caracteristica.

O grão mestre da estrategia allemã começa por affirmar que a evacuação do saliente do Marne foi determinada apenas pelas «exigencias das ligações com a retaguarda». Só os verdadeiros successos tacticos alcançados pelos francezes a 18 de julho não seriam sufficientes para determinar a retirada.

Essa ordem tenta em seguida demonstrar que a derrota de 18 de julho foi devida a circumstancias que se não reproduzirão:

«As infantarias franceza e ingleza operaram na generalidade com circumspecção; a americana atacou com maior audacia, mas com menos sabedoria. Foi aos «tanks» que o adversario deveu o exito do primeiro dia. Mas não teriam sido elles para temer se a infantaria se não tivesse deixado surprehender e se a artilharia estivesse sufficientemente escalonada em profundidade.

«Actualmente, occupamos, em toda a parte posições que foram poderosamente reforçadas e operamos, não o duvido, um escalonamento judicioso de infantaria e da artilharia: por isso, podemos esperar com a maior confiança qualquer ataque inimigo.

«Como já expuz, não podemos deixar de nos felicitar do vêr o inimigo tomar uma offensiva, que só pode apressar o desagregamento das suas forças».

Temos a certeza de que Ludendorf está hoje mais que arrependido de ter escrito as ultimas linhas. A famosa ordem é de 4 d'agosto. Ainda não estava bem secca a tinta com que fôra escripta quando a magnifica offensiva dos exercitos Rawlinson e Debeney mostrava o que os soldados alliados sabem fazer ás posições reforçadas e illustrava, com uma estranha ironia, a inauguração da defeza em profundidade contra os «tanks».

A 12 d'agosto, chegava a vez ao exercito Humbert. E, agora, Mangin reincide, occupando, d'uma assentada, a maior parte do planalto entre o Oise e o Aisne.

Tres derrotas n'um mez. Será o bastante para esclarecer a opinião allemã? Seja, ou não, é mais do que o necessario para fixar os combatentes allemães sobre o valor das theorias do seu estado maior.

Os soldados allemães, hoje, duvidam do seu commando. E' a maior desgraça que podia succeder á Allemanha.

Espionagem

Na noticia do afundamento, por um submarino inimigo, do lugre portuguez «Maria Luiza»; lê-se em «A Capital», de hontem:

«O commandante allemão falava correctamente o portuguez e mostrou ao capitão do «Maria Luiza», quando este esteve a bordo do submarino, que conhecia perfeitamente a collocação das rêdes de defeza do nosso porto, a forma como é feita a vigilancia pelos caça-minas, etc.»

Este pormenor é muito interessante. Por elle se vê, claramente, que a obra da espionagem allemã é completa, em Portugal. E tão perfeita, tão excellentemente organisada que, até hoje, os nossos tribunaes não tiveram um unico caso de espionagem para punir.

Não admira que assim seja. Ou por desleixo ou por outro motivo qualquer, o facto é que já espiões foram apanhados em flagrante, nada lhes acontecendo, antes continuando em liberdade, entregues á continuação, como é natural, do seu infame commercio.

Recordamo-nos, agora, d'um caso recente. O celebre Padre Domingos, prestante e bemquisto correligionario do sr. Ayres d'Ornellas, foi reconhecido como recebedor, em Portugal, de folhetos de propaganda germanophila. Foi detido. Mas logo foram expedidas, por quem o poude fazer, imperativas ordens para ser posto em liberdade, prestando-se d'art'arte homenagem singular ás virtudes civicas de tão preclaro cidadão e exemplar sacerdote. E foi, ainda por cima de tudo isto, constatado que o catholico apostolo manuelista andava e desandava no desempenho de funcções de confiança do governo da Republica!

E' claro que estas ultimas não eram as de espionagem. Eram outras. Não sabemos quaes, nunca se virá talvez a saber. Mas eram outras, com certeza. E de tal importancia que forçaram o poder central a cobrir, com a aza protectora de um fechar-de-olhos incondicional, o presumivel crime de traição á Patria. Effeitos da protecção mutua, talvez...

Perguntamos: podem acaso surprehender as declarações do commandante «boche»?...

VIDA MILITAR

Juramento de bandeiras

Com grande brilhantismo e numerosa assistencia realisou-se hoje, pelas 16 horas, a cerimonia do juramento de bandeiras aos novos recrutas pertencentes ao 1.º grupo de Companhias de Saude. Estando presentes os representantes do sr. secretario da guerra e do commandante da 1.ª divisão e entre outros officiaes os srs. coroneis Santos Pereira, inspector da arma de infantaria, Mascarenhas de Mello, director do hospital da Estrella, e Mattos Cordeiro, do Estado Maior, tenente coronel Almeida Santos, tenente Galvão, capitães Julio Maria de Sousa, José Bernardo Ferreira e Maximo Brun, o commandante, coronel sr. Justino de Carvalho, mandou começar a cerimonia. Cerca de 250 recrutas formaram na parada do regimento, tendo á frente os respectivos officiaes. O capitão sr. Francisco leu em voz alta os deveres militares, findo o que o tenente medico sr. dr. Martins Pereira pronunciou um vibrante e patriotico discurso mostrando o que representa a bandeira e o dever de todos darem o seu sangue por ella, o que estão fazendo os nossos soldados em França e Africa. Os recrutas prestam juramento e destroçam. Militares e paisanos seguiram depois para a grande parada, onde se realisaram varios numeros sportivos de «foot-ball», lucta de tracção, saltos, etc. Entretanto na sala do bilhar era offerecida uma taça de Champagne aos representantes do secretario da guerra e commandante da divisão, trocando-se varios brindes. Quasi todas as casernas estavam ornamentadas com flores, verdura, bandeiras das nações alliadas e a nacional e varias gravuras e retratos entre os quaes do marechal duque de Saldanha. O rancho tanto das praças como dos officiaes inferiores foi melhorado.

Assistencia 5 de dezembro

Inauguração de mais tres sopas

Foram hoje inauguradas as sopas aos pobres da Assistencia 5 de Dezembro, em Chellas, Penha de França e S. Paulo.

O sr. presidente da Republica acompanhado dos seus ajudantes, chegou ás 4 horas e meia da tarde á Penha de França, sendo acclamado pelas pessoas que alli se encontravam.

O sr. Manoel Ignacio Ferraz, em nome da Junta de Parochia da Penha, saudou o chefe do Estado, que agradeceu, em breves palavras, fazendo a apologia da obra que está tratando de effectivar.

Foram distribuidas 800 sopas e egual numero de pães.

Em seguida o sr. Presidente da Republica retirou, repetindo-se as manifestações em direcção á abegoaria municipal, onde foi inaugurada a cozinha de S. Paulo, tendo sido ahi distribuido egual numero de refeições.

O chefe do Estado era alli aguardado pelo presidente da commissão municipal e outras personalidades, tocando durante o acto a banda dos marinheiros.

Ao leitor d'A CAPITAL

Depois de lido, enviar este jornal á *Junta Patriotica do Norte* (Paços do Concelho—Porto), a fim d'esta o mandar para os nossos soldados no «front».

Ultimas noticias

"Bolchevismo" no governo e fóra d'elle

E monarchismo, onde?...

Definindo, mais uma vez, a sua posição em face das selvagerias praticadas pela policia portuense, escreve hoje «A Situação»:

«A nossa attitude, perante os desmandos de certas creaturas, que com elles só prejudicam uma situação que pretendem defender; a nossa attitude para com esses homens, cujos processos são tão repellentes, e favorecem de tal forma a opposição, que se diriam vendidos a ella; a nossa attitude para com todos os prevaricadores, sejam quem forem, está bem definida:

«Justiça»—só «Justiça» é o que nós queremos.

Ninguem tem o direito de duvidar da nossa lealdade, e da nossa boa fé, para mais, quando esse alguem nos conhece. Se o governo não soubesse castigar aquelles que o inquerito está dando como criminosos, «nós seriamos os primeiros a atacar o governo!» Se o governo não fôr rigoroso, se não proceder com justiça —o pode a «Capital» acreditar que n'estas columnas o seu procedimento será censurado com a energia e a sinceridade que costumamos usar».

Boas palavras, sem duvida. Teem apenas um pequenino defeito... Vamos dizer qual é.

O sr. presidente da Republica esteve no Porto, onde foi sindicar, por si mesmo, dos actos de «bolchevismo» que os agentes do governo lá praticavam. Verificou a sua realidade, corrigiu-os immediatamente nos limites do possivel e ordenou um inquerito. Até hoje (tanto tempo decorrido!...) nada se sabe ácerca dos resultados de tal investigação. Quem foi castigado? Ninguem.

E o sr. Sollari Alegro, primeiro responsavel pelos crimes commettidos, continua no seu posto de confiança ministerial. Onde está o ataque de «A Situação» ao governo?

Foi assaltada «A Montanha». O caso teve repercussão no Parlamento, onde o sr. ministro do interior insinuou coisas varias, offensivas da honra alheia, e que depois se verificou serem falsas. Affirmou-se que os assaltantes de «A Montanha» se intitularam agentes da auctoridade. Mandou-se abrir outro inquerito. Os seus resultados finaes ficaram desconhecidos do publico. Fez-se, em volta do escandalo, um silencio tumular. O sr. Sollari Alegro continuou imperturbavelmente, á frente da policia do Porto. Onde está o ataque da «A Situação» ao governo?

De repente, mais prisões. Renovam-se as torturas aos presos, que são espancados, espadeirados, brutalisados de varias formas e feitios. Outro inquerito e... mais nada.

O sr. Sollari Alegro, que caracterisa sob uma forma sinistra, os seus methodos policiaes, continua a ser auctoridade de confiança do sr. ministro do interior. Onde está o ataque de «A Situação» ao governo?

Agora prenderam-se jornalistas, na Figueira da Foz. Será outro escandalo? E' possivel. Mas se o fôr «A Situação» continuará a defender o sr. ministro do interior, a cuja inspiração directa obedecem —como não pode deixar de ser— os seus delegados de confiança.

N'uma localidade do norte, faz-se uma manifestação monarchica, com abundancia de vivorio e morrorio. Regista-se que a auctoridade administrativa não só tolerou, mas até expressamente consentiu, no attentado á Republica. E «A Situação»... moita!

Nós comprehendemos muito bem as difficuldades do momento politico. Ha, nas espheras governativas, duas correntes oppostas: uma, verdadeiramente republicana, representada superiormente pelo chefe do Estado; outra que se agrupa em torno do ministro que, em pleno conselho de gabinete, declarou que «se a monarchia tem de ser restaurada, que o seja por nós, que não por elles». Talvez não fossem precisamente estas as palavras, mas a ideia é exactamente a enunciada por ellas, segundo se diz. «A Situação» pertence á primeira corrente. Mas não se atreve, por emquanto, a desmascarar a segunda...

Ver no Salão Central
—HOJE—
os 3 episodios 8.º 9. e 10.º do
Phantasma Gris

Regressados da França

Chegam mais 1379 militares, na maioria doentes

Vindo de Brest, chegou esta manhã ao nosso porto um grande transporte inglez trazendo 1.379 militares regressados do Corpo Expedicionario Portuguez, na maioria por motivo de doença. Ao desembarque, que se effectuou na muralha a oeste do Posto Maritimo de Desinfecção assistiram os srs. secretario de Estado da guerra com o seu ajudante; capitão de fragata Ivens Ferraz, presidente da commissão de transportes de tropas, officiaes em serviço na mesma commissão, officialidade do exercito e a commissão de madrinhas de guerra, que, como de costume, distribuiu café e refrescos aos soldados.

Dos militares regressados 1.293 soffrem de molestias communs, 4 veem no goso de licença de campanha e 75 veem com prisão, por terem sido já condemnados em França.

As praças que regressaram foram assim distribuidas:

Hospital de Campolide, 68; caserna de Campolide, 300; deposito de addidos, 705, hospital da Estrella, 36; quartel de Campolide, 90; caserna da Junqueira, 50; caserna do Castello, 21; hospital de Belem, 1; hospital da Junqueira, 1; Instituto Medico-Pedagogico de Santa Izabel, 28.

As praças destinadas a Campolide foram conduzidas em carros electricos.

Os presos, como acima dizemos em numero de 75, condemnados por crime de insubordinação, foram 21 para a Trafaria e 54 para Caxias.

A guerra

O esforço americano

A mobilisação dos 18 aos 45 annos

WASHINGTON, 25—A camara votou por 336 votos contra 2 a nova lei militar, tornando mobilisaveis todos os homens dos 18 aos 45 annos. Foi para o senado, onde será discutida segunda feira.—(Havas).

*

As figuras da guerra

A entrega das insignias do marechalato ao general Foch

PARIS, 23.—Em presença dos srs. Clemenceau, Leyguer, Loucher, Pétain, e Poincaré, foram entregues, hoje ao general Foch as insignias do marechalato. A cerimonia realisou-se na séde do commando do marechal, fazendo uma allocução o sr. Poincaré, que se declarou feliz por entregar a Foch as insignias da alta dignidade que o governo lhe conferiu com o applauso da França e dos paizes alliados. O sr. Poincaré, constata que desde o inicio da guerra, Foch, nos seus diversos postos, justificou brilhantemente a grandeza de todas as esperanças, que em tempo de paz o exercito n'elle tinha depositado.

Relembra os serviços prestados por Foch, especialmente nas tragicas jornadas de 24 a 26 de março, onde demonstrou toda a grandeza do seu caracter, e onde a sua clarividencia e sangue frio, se encontraram em face do perigo, e, depois, quando, graças á adhesão do governo britannico e americano, se realisou a unidade do commando, e quando as primeiras vagas do formidavel fluxo americano foram despejadas sobre a linha de batalha.

O sr. Poincaré accrescenta: não é d'aquelles que se deixam abater pelo perigo, nem deslumbrar pela victoria, nem crê que estejamos no fim dos nossos esforços e sacrificios. O presidente concluiu: «Os vossos magnificos exercitos são dignos do seu chefe: a França e os alliados ficaram orgulhosos dos seus exercitos, porque quando queiramos vencer, nós venceremos».—(Havas).

*

De todo o mundo

Onze biliões para despezas militares

BASILEA, 23—Um telegramma de Klotz diz que foram submettidos ao conselho de ministros os projectos de lei estabelecendo os creditos provisorios para o 4.º trimestre de 1918, n'um total de 12 biliões, dos quaes 11 destinados a despezas militares.—(Havas).

A fome na Austria

ZURICH, 24—A fome augmenta assustadoramente, dia a dia, entre a população de certas regiões da Austria. Em Liebnitz, na Styria, houve, de 1 de janeiro a 7 de julho d'este anno, 190 dias em que não houve pão.

Na Dalmacia, ha muito que não ha pão em Zara e arredores. Foi distribuida, para trez mezes, uma pouca de farinha de milho em vez de farinha de trigo, mas mesmo essa farinha está exgotada.

O Tyrol está falto de viveres. Uma familia composta de seis pessoas, que devia receber 30 kilos de pão, apenas recebeu 11,700 grammas, quer dizer, menos de 60 grammas por pessoa, diariamente.

E a situação não tende a melhorar. Bem ao contrario.—(Correspondente).

Ver no Salão Central
—HOJE—
os 3 episodios 8.º 9.º e 10 do
Phantasma Gris

"As grandes batalhas"

Vae a Capital *iniciar brevemente a publicação da admiravel obra que o eminente escriptor Julio Dantas escreveu expressamente para o nosso jornal.* As grandes batalhas, *que irão renovar o immenso triumpho da* Patria Portugueza *e do* Amor em Portugal no seculo XVIII, *serão opportunamente annunciadas e hão de constituir, sem duvida, um dos grandes acontecimentos litterarios do anno corrente.*

Os protegidos

Chama-lhe, antes que t'o chamem...

Entre «A Situação» e os jornaes monarchicos trava-se grande discussão. Protegem os monarchicos o governo? Ou são aquelles os protegidos?...

Ha razão para acreditar uma e outra coisa. E' certo que os emprezarios eleiçoeiros do extincto regimen conduziram ás urnas, debaixo de forma, a sua antiga gente, euphemisticamente designada pela antonomasia de eleitores... para toda a obra. A qual obra, então, consistiu em carregar de votos monarchicos independentes á maioria republicana eleita na dependencia d'elles. Em troca («A Situação» não o pode negar) consentiu-se na vinda ao Parlamento d'uma numerosa phalange monarchica, embora, felizmente, inferior na qualidade. Dispensaram-se, assim, protecção mutua!

Por outro lado, é certo que muitos monarchicos, uns confessos, outros tidos, havidos, e procedendo como taes, estão occupando cargos publicos de confiança e dos quaes dependem até a defeza e a integridade da Republica. São estes monarchicos (diz-se que os ha, até, dentro do gabinete ministerial!) que protegem a Republica, superiormente representada, na imprensa, por «A Situação». Mas elles são tambem protegidos pelos situacionistas, porque, sem essa efficaz benevolencia, não poderiam exercer taes cargos.

Vê-se, pois, que ha mutua protecção. Crêmos, portanto, que é justa a seguinte local do «Diario Nacional», que não quer, para os seus, a classificação de simples protegidos:

«A' «Situação» pedimos nos que, ao escrever, pense um pouco nas suas responsabilidades, e não esqueça tambem de que não escreve só nem para os membros da sua redacção, nem para os seus collegas de Lisboa, nos quaes pode haver, mesmo em certos adversarios politicos, uma grande boa-vontade de «fechar os olhos» a certas precipitações de linguagem. A «Situação» é lida em todo o paiz, em todo o paiz nós temos correligionarios, e nem o nosso novel collega imagina quanto custa por vezes a sustentar um estado de coisas que se entende ser conveniente ao paiz, mas cuja utilidade nem sempre é vista com a mesma evidencia pela massa geral, o que importa a necessidade de não a irritar inutil e excessivamente...»

Se não fosse, na realidade, o grande golpe de vista dos dirigentes monarchicos, que sustentam, á custa de esforços sobrehumanos, a protecção das hostes provincianas ao actual estado de coisas,—gravissimos perigos desabariam sobre o regimen. Os aguerridos eleitores de Lavacolhos ou Chão de Maçãs não permittiriam na continuação d'esta moralidade politica, celebrisada, n'outras epocas e em circumstancias identicas mas não eguaes, pelo antigo parlamentar Luciano Monteiro, quando narrou, na Camara dos Deputados, a historia desopilante do sapateiro de Braga.

«Arcades ambo!...»

Roubos importantes

Por terem furtado 7 encerados no valor de 1.050 escudos á firma Ernesto George, encontram-se presos no governo civil Antonio Lisboa, morador na rua Particular, aos Prazeres, 15, 1.º, e Alfredo Fernandes, residente na travessa dos Brunos, 5, loja.

Foram presos José Pisco Aragão, morador na rua da Cruz, em Alcantara, 110, José Dias Perdigão, na mesma rua, 40, 1.º e Pedro Quirino, residente na rua da Cascalheira, 13, 1.º, por terem entrado por meio de arrombamento no deposito de fava pertencente á firma José Martins & C.ª, na rua do Alvito, 28, onde furtaram generos e saccaria no valor de 4.000 escudos.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2379 — 9.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães

Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Segunda-feira, 26 de Agosto de 1918

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL

Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço 2 centavos

Nos campos de batalha

Publicou hontem «A Capital» um telegramma do Rio de Janeiro em que se allude a um papel muito importante desempenhado pelas tropas do Corpo Expedicionario Portuguez nas ultimas offensivas dos alliados no «front» occidental. Essa informação causou, como era natural, uma viva impressão, mas essa impressão não poude dessassociar-se da estranheza causada pelo facto, de noticias d'esta natureza só se tornarem do nosso conhecimento por vias indirectas e muitas vezes só bastante tempo depois dos successos a que se referem.

Estamos—esta é a verdade—n'uma situação que em nada patenteia aquella attenção indispensavel que se deve a um paiz de que se reclamam os mais arduos sacrificios. Desde o principio da guerra que essa desattenção se nota. Quantas vezes aqui protestámos contra o silencio que se fazia sobre o nosso esforço militar! Frequentemente se deram casos semelhantes a estes, isto é, frequentemente só pela imprensa estrangeira nós sabiamos o que se estava fazendo relativamente á nossa participação na guerra, ou depois da entrada das nossas forças na lucta, os actos dos nossos soldados. Em todo o caso, deve dizer-se, que chegou a haver um communicado portuguez, por via do qual o publico sabia o que se passava com as nossas tropas em campanha.

Esse communicado acabou, sobreveiu a batalha do Lys, e o publico teve a impressão que o corpo expedicionario portuguez tinha ficado, não desfeito, mas desorganisado. Que sabemos nós a tal respeito, d'essa data para cá? Nada, ou quasi nada. Apenas se sabe que o Corpo Auxiliar Portuguez, que cooperava nas operações do exercito francez, se dissolveu recolhendo ao C. E. P., e ficando sómente duas baterias para darem o seu contingente na defeza de Paris. E' pouco. O telegramma do Rio de Janeiro diz-nos cousas que nós não podemos prevêr, dada a falta de elementos com que o publico conta para formular qualquer opinião ou conjectura.

Entendemos que esta situação deve acabar. Pois quê! Um paiz sangra por todas as veias afim de mandar, para o estrangeiro, desfraldando a bandeira nacional na lucta por uma causa commum, a flôr da sua mocidade, a «élite» dos seus filhos. Espera-se a victoria, descortina-se a derrota, mas o que ninguem podia conceber era o silencio. E' positivamente demasiado! O paiz quer saber se elles vencem, para o seu jubilo; se elles caem em torno d'essa bandeira, para sua dôr,—mas sempre para o seu orgulho.

E responde-se-lhe com o silencio! Dir-se-hia que não está ninguem no «front» batendo-se, ou soffrendo, a toda a hora, os males da guerra, que são tanto de ordem physica como de ordem moral. E muito menos se comprehende que o que se passa com as tropas portuguezas possa ser conhecido por estrangeiros, embora os mais estimaveis, embora mesmo alliados, e não o possa ser por nacionaes.

Nós pensamos, pensámos sempre que as informações da vida das tropas portuguezas em campanha deviam ser tão largas quanto possivel. Pensamos que, quer fallassem de triumpho, quer a derrotas se referissem, ellas estimulariam o heroismo da nossa raça, com o regosijo da victoria ou com as premeditações da desforra. Em vez d'isso, tem-se procurado systematicamente quebrar os elos que unem os que ficaram com os que lá fóra se batem por todos nós. Não deve ser. Não pode ser. Não se quebram assim os proprios vinculos da patria.

Ha ainda soldados portuguezes em França e esses soldados batem-se. Quem primeiro o deve communicar ao paiz é o governo. Cumpre-lhe velar pelo nosso futuro, pela nossa honra, pela execução de todos os compromissos internacionaes. Cumpre-lhe tambem communicar ao paiz tudo o que se passa com os nossos soldados, que lá fóra empunham armas, e, cá dentro, teem familias e amigos, o povo inteiro, que soffrem com a sua ausencia, e cujo soffrimento só póde ter como lenitivo a gloria d'elles!

As licenças

Escrevem-nos pedindo para que apresentemos o alvitre da concessão de uma licença maior a todos os combatentes que estão nos pontos mais perigosos, sendo contada para o tempo do «roulement». A nova circular já sahiu, mas não se occupa d'esta licença de campanha sem mesmo mencionar qual a cathegoria em que deve entrar o tempo de permanencia em tratamento de feridos, atacados por gazes e doentes por motivo de serviço.

Nos demais exercitos, accrescenta a pessoa que nos escreve, classificam-se em 1.ª cathegoria o tempo de tratamento e em 2.ª a licença de companhia.

Da guerra e dos exercitos

Diario da guerra

Os inglezes continuam atacando no sector que teem por eixo Amiens-S. Quentin, com o fim de fazerem desapparecer o saco Montdidier-Noyon. Teem seguido o mesmo metodo de ataque que obrigou os allemães a recuar para o Vesle no sector Soissons-Reims. Alberte Bapaume encontram-se em poder dos nossos alliados, o que obrigará os allemães a abandonar o Somme e evacuar Roy e Chaulnes. E' muito presumivel que o recuo das linhas allemãs se faça dentro em pouco, para novas posições escolhidas, suppondo-se mesmo que se ultrapasse as linhas de Hindenburgo.

O estado maior dos alliados soube escolher o momento opportuno para cair sobre o inimigo e vae vibrando golpes audaciosos, que causam surpreza e depressão moral nos allemães. Quem tenha notado a preoccupação que o inimigo manifesta em não se deixar envolver, para não sacrificar qualquer dos seus exercitos, não deve surprehender-se de ver brevemente a noticia da retirada dos allemães para uma linha passando por Arras-St. Quentin-La-Fère. O communicado allemão confessa a passagem dos inglezes para a margem esquerda do Ancre. Vê-se, pois, como não se pode manter por muito tempo o saco na direcção de Amiens.

A offensiva dos alliados

A tomada de Bapaume

LONDRES, 25.—O correspondente da agencia Reuter junto do exercito inglez telegraphou á ultima hora que as tropas estão actualmente em Bapaume. (Havas).

As operações que precederam a tomada—Mais de 2.000 prisioneiros—Os inglezes avançam em toda a frente

LONDRES, 24.—Communicação britannica de 24-8, noite.—Na frente do Somme continua a batalha, que está travada desde as primeiras horas da manhã. As nossas tropas exercem em todos os pontos uma forte pressão sobre o inimigo, ao qual não deixaram nenhum descanso. Não obstante a chegada de consideraveis reforços inimigos, foram realisados de novo importantes progressos na totalidade da nossa linha de ataque. Cahiram em nosso poder grande quantidade de prisioneiros e de material de toda a especie. Pouco depois da meia noite as tropas australianas, que atacam ao longo da margem norte do Somme, tomaram Bray-sur-Somme, fazendo grande numero de prisioneiros e continuando no seu avanço com muita habilidade e iniciativa, tomaram as posições inimigas visinhas. A' sua esquerda as tropas de Londres e dos condados de leste realisaram novos progressos durante a noite ao sul de Albert, fazendo algumas centenas de prisioneiros. No centro direito do nosso ataque as tropas do paiz de Galles e os batalhões dos condados septentrionaes da Inglaterra avançaram no terreno do antigo campo de batalha do Somme em 1916, nos arredores de la Boisselle, Ovillers, Fresne, Mouquet, Thiepval e Grand-Court. Todas estas localidades, fortemente defendidas, foram tomadas não obstante a defeza obstinada do inimigo, sendo feitos mais de 2.000 prisioneiros. As nossas tropas estão de novo a cavalleiro da crista de Thiepval e avançam para leste.

No centro esquerdo do nosso ataque as tropas de leste de Lancashire batalharam fortemente durante todo o dia nos arredores de Miraumont, onde o inimigo se defendeu com grande teimosia até que a aldeia foi progressivamente invadida com o avanço das nossas columnas. Ao norte d'esta aldeia a divisão neozelandeza, no centro do ataque, manobrou na direcção de Bapaume e avançando com um impeto e uma decisão irresistivel, tomou as defezas do bosque de Loupart, fazendo 400 prisioneiros e continuando no seu avanço com grande valentia tomou Grevillers e Grief-Villers-des-Bapaume e attingiu Avesnes, nos limites de Bapaume.

Nos flancos d'este ataque as tropas inglezas tomaram posse de Irles e avançaram na direcção de Sapignies, dominando a forte resistencia inimiga em Irles e a leste de Bihucourt. A' esquerda da linha de batalha as tropas inglezas e escocezas e as guardas combatem na linha de Mory-Croisilles-Neuville-Vitasse e apoderaram-se de St. Leger e de Henin-sur-Cojeul, assim como da colina a leste d'esta ultima aldeia. Ainda não se pode dar qualquer numero sobre as presas feitas.

No resto da frente ingleza houve ataques locaes com exito para nós. Ao norte do Scarpa tomámos parte da linha na frente allemã a nordeste de Fampoux, assim como alguns prisioneiros. Ao norte do canal de La Bassée tomámos a antiga linha da frente britannica. A leste e a nordeste de Givenchy fizemos progressos nas posições allemãs, sendo completo o successo, sendo attingidos todos os objectivos e fazendo nós mais de 60 prisioneiros.

Durante a noite as nossas patrulhas occuparam Neuf-Berquin, onde encontraram, grande numero de allemães mortos. Avançámos a linha ao norte de Bailleul n'uma frente de 1 milha, fazendo uns 50 prisioneiros. O contra-ataque tentado pelo inimigo de tarde foi inutilisado pela nossa artilharia.—(Havas).

Quatrocentos e sessenta e dois apparelhos allemães postos fóra de combate em uma quinzena

LONDRES, 25.—Communicado britannico sobre a aviação, em 24.—Hontem, os nossos apparelhos cooperaram estreitamente com as nossas tropas sobre o campo de batalha, seguindo-as no seu avanço e assignalando os movimentos do inimigo. A observação para a artilharia, por meio de balões captivos e dos aviões, continuou como de costume. As nossas esquadrilhas, voando a pequena altura, atacaram constantemente, com bombas e á metralhadora, a infantaria, os «camions» e os canhões allemães, provocando grande confusão. Cooperando com os «tanks», reduziram ao silencio as tentativas inimigas, que prejudicavam o nosso avanço.

Um «raid» de bombardeamento sobre o aerodromo allemão de Cantin, ao sul de Douai, foi effectuado por alguns dos nossos apparelhos de exploração com apparelhos de protecção. Muitos «hangars» foram incendiados por ataques directos, e os nossos aviões, voando muito baixo, romperam fogo com as metralhadoras sobre as tropas e os «camions» que se encontravam nas proximidades. Um apparelho inimigo que atacou os nossos apparelhos de bombardeamento, foi abatido, bem como destruimos em combates aereos 3 apparelhos inimigos, obrigámos 2 a cahir desamparados, e abatemos em chammas 4 balões captivos allemães. Faltam 4 dos nossos.

Durante a noite, apesar do tempo ter estado nubloso, lançámos umas 5 toneladas de bombas, sem perdas para nós. Durante a ultima quinzena, abatemos 328 apparelhos inimigos na frente occidental e 134 cahiram desamparados. O numero de balões captivos destruidos durante o mesmo periodo eleva-se a 31. O peso total das bombas lançadas por nós durante o mesmo periodo, é de 594 toneladas.—(Havas).

*

Nas linhas italianas

Duellos d'artilheria

ROMA, 24.—Commando supremo.— Em toda a extensão da frente houve duelos de artilharia. Alguns trabalhadores e tropas inimigas em marcha foram dispersados em Valtellina e Valbrenta. Foi cortada a retirada a algumas patrulhas em Giudicaria. Na noite passada os nossos apparelhos bombardearam efficazmente os campos de aviação inimiga no vale de Lagarina e na planicie de Frioul. Durante os combates aereos foram abatidos cinco aviões inimigos.—(Havas).

*

Na Russia

A morte d'um dos assassinos do czar

STOCKHOLMO, 25. — Bieldrov, um dos assassinos do czar, foi morto em uma das ruas de Ekaterinenburg pela população enfurecida. Dois outros assassinos estão presos.—(Havas).

A retomada de Kazan

BASILEA, 25.—Os tcheco-slovacos retomaram Kazan.—(Havas).

Abandonando Moscou

BASILEA, 25.—O pessoal das legações da China, Persia e Sião sahiu de Moscou.—(Havas).

*

De todo o mundo

Um escandalo em Berlim

BASILEA, 25.—Divulgou-se em Berlim um escandalo sobre fornecimentos militares, sendo a mulher de um conselheiro do tribunal de cassação accusada do desvio de 3 milhões de marcos.—(Havas).

Os polacos e o Brazil

RIO DE JANEIRO, 25.—Os jornaes recórdam que ha um anno as colonias polacas residentes no Brazil e na Republica Argentina pediram ao senador Ruy Barbosa que defendesse perante o mundo civilisado a causa da Polonia martyr e as suas aspirações de liberdade.

Ruy Barbosa levantou então uma campanha, que creou em todo o continente americano uma atmosphera favoravel ás aspirações do povo polaco. O governo do Brazil, correspondendo aos desejos dos paizes alliados, acaba de satisfazer completamente a vontade da Polonia.—(Americana).

"As grandes batalhas"

Vae a Capital *iniciar brevemente a publicação da admiravel obra que o eminente escriptor Julio Dantas escreveu expressamente para o nosso jornal.* As grandes batalhas, *que irão renovar o immenso triumpho da* Patria Portugueza *e do* Amor em Portugal no seculo XVIII, *serão opportunamente annunciadas e hão de constituir, sem duvida, um dos grandes acontecimentos litterarios do anno corrente.*

A SOCIEDADE ESTORIL

Inaugurou hontem o estabelecimento thermal

A grandiosa obra da «Sociedade do Estoril» começou, emfim, a revelar-se ao publico que, ancioso e verdadeiramente interessado, affluiu hontem á linha de Cascaes para assistir á inauguração do estabelecimento thermal, primeira *étape* do notabilissimo programma que aquella empreza delineou e está activamente executando. Desde manhã, que os comboios seguiam litteralmente cheios, tendo ficado ainda muitas familias na estação, em consequencia de não terem conseguido obter logar. Era tal o interesse e tão grande a impaciencia que moviam o publico, hontem, para o Estoril que, no momento de partir o comboio da 1 hora e 40 minutos da tarde, se chegaram a esboçar conflictos entre as centenas de individuos a quem a lotação completa e até excedida das carruagens não permittiu que seguissem para onde desejavam. Uma vez no Estoril, sob uma atmosphera de um azul purissimo, tonificada saudavelmente pelo ar forte da serra e do mar, as centenas de visitantes que os comboios despejavam, espalhou-se rapidamente pelo lindissimo parque que defronta a estação e que já é obra tambem da «Sociedade do Estoril». Para a direita, a dois passos da estação, ergue-se o estabelecimento thermal, hontem inaugurado. As suas linhas, aqui coleantes, serpenteando graciosamente, acolá rematando com soberba magestade, são motivo para um primeiro impulso de admiração...

Mas, ao transpor-se o portal garridamente florido, o que se depara de real, de palpavel excede toda a nossa expectativa. Não ha conforto moderno dentro dos estabelecimentos similares universalmente reputados que a Sociedade do Estoril não tivesse executado ali. São verdadeiramente modelares todas as installações, taes como as que se destinam a banhos de immersão, a douches debaixo de agua, a banhos de bolhas de ar (carbo gazozos) a douches ascendentes, a irrigações vaginaes, pulverisações, inhalações, douches nasaes etc., etc. Todas as dependencias do estabelecimento são de todos os lados batidas de luz e a belleza dos seus marmores e dos seus metaes casa se com a excellencia dos apparelhos empregados e que são dos mais modernos e perfeitos que se conhecem. Como se sabe, as propriedade medicinaes das aguas do Estoril são identicas ás que se procuram em Chatel Guyon a famosa estancia franceza que, antes da guerra, todos os annos attrahia ao seu seio uma numerosa multidão cosmopolita, sedenta de gosar as suas maravilhas de conforto e os milagrosos effeitos da sua therapeutica.

A MALTA DAS TRINCHEIRAS

Tal é o titulo do novo livro de André Brun, cujos capitulos «A CAPITAL» começará em breves dias a publicar, em folhetins, e cujo valor desnecessario é encarecer, pois que o auctor tem de ha muito o seu nome feito. Primoroso estylista e humorista inegualavel, André Brun vae dar-nos—temos a certeza—um verdadeiro mimo litterario com

A malta das trincheiras

cujos tres primeiros capitulos se intitulam:

Madame Letailleur.
José Maria Folgadinho.
"Ianzudo,, da grande guerra.
Iniciação.

Coisas de hoje

O TURISMO EM PORTUGAL

Devia ter-se inaugurado hontem o 12.º Congresso de Turismo. Na Serra da Estrella,—em cujos trechos muitos contemplam embevecidamente paisagens alpinas—juntaram-se uma duzia (duas? talvez não mais que duas) de homens, portuguezes de alma que adoradamente sabem olhar para os encantos da sua terra.

Nós, como a maior parte do publico, ignoravamos criminosamente este pequeno facto; uma noticia estreita entre a reportagem d'um crime, em Belem, e de uma tourada burlesca em Algés, põe-nos comtudo a par d'esse acto tão honroso e tão merecedor do apoio de todos nós. Mas, minutos depois de reconsideração, o enthusiasmo, a simpathia por esse punhado de homens, revestiu o caracter de piedade e de dó.

Vimol-os cheios de fé, de amor patrio, pela decima segunda vez reunidos, para concluirem que «Portugal tem muito a esperar do turismo», tem o seu futuro no turismo» e «deve enriquecer-se pelo turismo». Vemol-os, sinceramente, dedicadamente, estudando, compondo dissertações e theses sobre a industria hoteleira, sobre os serviços de propaganda no paiz e no estrangeiro; ouvimol-os appellar para o amor patrio dos filhos d'esta terra protegida; chamar a attenção dos governos para as estradas, para os caminhos de ferro, para as facilidades de visita aos estranhos da terra. E, depois de tres ou quatro dias de sessão, é fechado o congresso, voltam todos a disseminar-se, cahindo na lucta isolada contra todo o indifferentismo, contra a preguiça, a rotina, a burocracia e a administração official.

* * *

Ora, quer essa meia duzia de patriotas, reunindo-se ambulantemente nos mais bellos pontos panoramicos do paiz, quer a iniciativa arrojada de particulares, como a que presentemente mais se encontra em foco, a da empreza Estoril, não vêem na sua afincada fé, que Portugal, tendo todos os requisitos, pela natureza, para ser o paiz ideal do «turismo», fonte perenne da riqueza, porque é mais cheio de encantos e de espectaculos naturaes mais variados que a propria Suissa, é pelos homens, pela educação e cultura da sua população o paiz prototypo do «anti-turismo».

Esta animosidade contra o turismo, vem-lhe unamente do Estado do publico que viaja e do regional. O Estado como, infelizmente para nós tem de reger mal ou bem mil problemas, tem á força das circumstancias de mostrar-se um Estado europeu com occupações de Estado europeu, não olha seriamente para o turismo. A's vezes, para demonstrar muito boa vontade, omnisciencia, mas multa falta de tempo, um ou outro ministro fala sobre a necessidade de desenvolver o turismo, o futuro do paiz nas estradas á macadam e nos hoteis recommendados e promette (o prometter é da praxe sempre que um ministro fala). Ora na Suissa, exemplo sempre apontado, o caso é differente: o Estado, porque tem delimitado o seu campo de acção, e as nações em volta lhe marcaram as attribuições, os deveres e a maneira de se portar no convivio elegante da Europa central, encontra-se quasi com a occupação d'um gerente d'um bom hotel ou d'uma casa de hospedes: dedicar-se á propaganda, servir bem os forasteiros, arranjar, limpar do pó as bellezas, que são o chamariz dos freguezes, emfim, dedicar-se ao turismo no alto grau que elle attinge no patriotismo e na economia d'uma nação.

Em Portugal o «turismo» para o Estado é uma diversão de ricaços e um sonho de meia duzia de bem intencionados mas que não vale uma reforma de serviços administrativos, uma lei regulando qualquer colonia longinqua, ou um decreto suspendendo as garantias.

Para attentar no interesse que lá por cima se dá ás coisas de turismo, basta dizer que, publicando-se em Portugal uma revista dedicada ao turismo, construida sob o esforço de dois ou tres portuguezes de lei, feita de sacrificios, de dedicações, nunca, apesar dos appellos dirigidos ás entidades officiaes, recebeu um patrocinio, um volver de olhos ou de amparo. Das camaras municipaes, a que se dirigiu, mostrando as vantagens d'uma propaganda illustrada das differentes estancias da sua zona administrativa, raros incentivos recebeu. Em Portugal ha uma «Revista de Turismo», uma só. Ninguem a conhece, nem pretende conhecer. No estrangeiro ha dezenas, encontram-se sobre todas as mezas dos hoteis, dos restaurantes, dos clubs. Attrahem e indicam; prendem a attenção e servem patrioticamente a nação a que pertencem; e, quasi todos os governos, os casinos, as emprezas termaes, as sociedades hoteleiras, protegem e amparam esses orgãos officiaes do verdadeiro turismo.

Aqui, repetimos, em tudo, se esbarra com o indifferentismo e a inercia nacional.

Se do Estado e do publico, o «turismo» recebe este debil acolhimento e, portanto, como factores do seu progresso são de valor nullo, o natural, contribue negativamente para attrahir o turista. Nada ha que mais console um viajante do que uma boa canja, seja ella grossa e azeitada n'um prato de louça grosseira, ou adelgaçada e diminuta no melhor hotel da melhor cidade; mas se essa canja é dada com um claro sorriso, vale mais para a propaganda do turismo do paiz do que os melhores artigos d'um Baedecker. Ora os portuguezes não sabem sorrir; desconfiam; desconfiando não são tão lhanamente hospitaleiros como, embora apenas na mascara, o são os naturaes da Suissa ou da França que se mostra ao estrangeiro. Talvez tambem pela mesma razão apontada para o Estado,—a necessidade e o desejo de captivar não seja em nós natural. A Suissa faz relogios e queijo, mas a sua capital vida é a apresentação das suas bellezas; é o seu commercio, a sua industria, o seu lucro, a sua riqueza; um suisso falando com um turista, não é mais do que um commerciante tratando do seu negocio: é amavel, cortez e sorri. Ora o portuguez não vê, nem comprehende ainda, que seja preciso sorrir e agradar ao intruso de pelle de urso e oculos de immensos vidros, com senhoras altas e magras, que surge um dia entre nuvens de pó, fazendo fugir espavoridas as gallinhas e ladrar os cães na pacata aldeola onde nasceu. Por isso não sorri, enfada-se e é desabridamente grosseiro e portuguez.

Influe tambem indubitavelmente n'este caso, a cultura geral do portuguez: longe iriamos se quizessemos entrar na educação escassa e na preparação minguada do nosso povo. Todos nós sabemos como vamos atraz dos povos civilisados e como de dia para dia, nos vamos atrazando mais. Não pode, portanto, conjugar-se este facto verificado tão sensivelmente com as boas e nobres intenções dos portuguezes illustrados que se esforçam por reduplicar o turismo na nossa linda terra. Quando muito, só o nivel da cultura mediana do nosso portuguez de natureza desconfiada e bulhento, não se elevar, seremos um povo, sim, muito visitado e muito estudado pelo estrangeiro desenfado, mas como exemplar de povo inculto, especie de bicho contido n'uma zona estreita da Europa, que não tem estradas, nem hoteis, nem vias de communicação faceis, nem segurança individual, nem estatisticas, nem recursos, e que se visita de lenço no nariz e com um seguro de vida, n'uma companhia estrangeira.

* * *

Mas não; não chegaremos a esse extremo. Na Serra da Estrella, onde no mais alto pincaro gelado, vae ser erguida uma estatua a Viriato—o fundador do turismo em Portugal—estão reunidos alguns bons portuguezes, amando estremecidamente as bellezas da sua terra, espiritos civilisados e cultos que tudo farão para levantar a fama da sua patria. A sua acção modesta não ficará inutil; a sua fé prevalecerá; para o anno voltarão á carga, e, um dia, visto que todas as boas sementes fructificam, o seu esforço verá esboroar-se o bloco indifferente que hoje inabalavelmente se lhe antepõe. E' rude a tarefa. Ha a despertar outras vontades, quasi 6 milhões de consciencias adormecidas, matar o dragão burocratico que vela á porta da linda «Iniciativa» para a não deixar acordar, interessar o Estado e ensinar, um povo a receber dignamente. E' muito, mas com a fé e a vontade dos que lá estão no alto da Serra da Estrella, mais longe ou mais proximo isso se conseguirá. Certamente. Infallivelmente.

A. F.

ANDRÉ BRUN

No rapido da noite chega hoje a Lisboa, como já hontem noticiámos, o nosso querido amigo e illustre official major André Brun, que ao regressar de França passou uns dias na Figueira da Foz em companhia de sua esposa e de sua estremecida filhinha.

Vem André Brun gosar uma licença a que lhe deu direito a sua permanencia de mais de um anno no «front», onde se comportou de tal modo que lhe foi dado o posto de major por distincção.

André Brun é um velho amigo e collega de redacção e os elogios que porventura lhe fizessemos poderiam ser tomados á conta de louvaminha. Melhor, pois, do que tudo quanto dissessemos está o seu procedimento em França, o desmentido mais brilhante que elle podia ter dado aos seus detractores e aos que o atacavam na sombra.

Emquanto o não podemos fazer pessoalmente, um apertado abraço ao valente e brioso official.

Pelas colonias

A extincção do districto de Gaza

Recebemos o seguinte telegramma:

CHIBUTO, 24.—Chegou ao nosso conhecimento que alguem de Chai-Chai solicitou o patrocinio do ministerio para a conservação do districto de Gaza, recentemente creado, formulando o pedido em nome collectivo da população, praticando-se d'esse modo um inqualificavel abuso, contra o qual energicamente protestamos, declarando ao mesmo tempo a nossa completa adhesão á resolução tomada pelo conselho do governo ácerca da extincção do mesmo districto, podendo affirmar que tão acertada medida foi recebida enthusiasticamente por toda a região e com sincera satisfação pela maior e melhor parte da população de Chai-Chai.—*Commercio e população de Chibuto.*

Ao leitor d'A CAPITAL

Depois de lido, enviae este jornal á *Junta Patriotica do Norte* (Paços do Concelho—Porto), a fim d'esta o mandar para os nossos soldados no «front».

Os catholicos germanophilos

Entre a "Ordem,, e o "Dia,,

«A Ordem» é um jornal catholico, dirigido pelo sr. dr. Domingos Pinto Coelho. Não é, pois, um diario sujeito a exaggeros de linguagem ou a desvirtuamento dos factos. O seu director tem uma alta cotação no mundo catholico, é, acima de tudo, um homem d'ordem, amigo da verdade ou d'aquillo que elle, em consciencia, julga ser a verdade.

D'aqui se segue que um depoimento de «A Ordem», ácerca dos processos de barbarismo empregados pelos allemães na guerra, não pode ser acoimado gratuitamente de falso ou exaggerado, antes merece incondicional credito, até mesmo d'aquellas pessoas que, como nós, não commungam nos principios politicos e religiosos que elle defende. Eis o motivo porque entendemos registar o que elle diz com respeito ao tratamento deshumano empregado pelos centraes contra os sacerdotes catholicos, pondo-o em confronto com a attitude do «O Dia», outro jornal tambem catholico,—mas sómente n'aquillo que pode servir de escora á Causa Monarchica, como lhe chamam os ultimos abencerragens do pretendente D. Manuel, ex-rei por graça de Deus e vontade expressa dos portuguezes.

Transcrevemos, pois, um trecho de «A Ordem»:

«O cura de Buecken, com 83 annos, doente havia muito e incapaz de fazer serviço, é preso sob a accusação falsa de ter atirado sobre os allemães. Atam-no a um canhão; atiram-no em seguida a uma valla; arrastam-no pelo chão e depois fuzilam-no.

O cura de Gebrode foi um verdadeiro martyr na accepção theologica da palavra. E' preso, quando acompanhava dois doentes, maltratado, espancado á coronhada, intimado a apostatar para salvar a vida, ao que se recusa.

Atam-lhe as mãos atraz das costas e as pernas do modo que mal podia andar. Encostam-no ao muro, fazendo-o estar com as mãos erguidas, e obrigam os outros prisioneiros a urinar para cima d'elle. Quebram-lhe as mãos á coronhada, esmagam-lhe os pés e por fim após esta longa tortura fazem-lhe saltar os miolos e deitam o cadaver ao rio.

O padre Vonaux, antes de ser fuzilado, beija o crucifixo, que um official lhe arranca das mãos, pizando-o e proferindo injurias immundas e como o padre não ficou logo morto, quando o fuzilaram, vasou-lhe os olhos com a ponta da espada e esmagou-lhe a cara com os copos.

O jesuita belga Duplerreux, trabalhando como enfermeiro, escreveu depois do incendio de Louvain a seguinte nota intima na sua carteira:

«Quando li outr'ora que os Hunos commandados por Atilla, devastaram as cidades e que os arabes queimaram a bibliotheca de Alexandria, sorri. Agora já não sorrio, desde que vejo com os meus proprios olhos as hordas d'este tempo incendiarem as egrejas e a celebre bibliotheca de Louvain».

Foi a sua sentença de morte. Lida a nota, fazem-lhe a giz uma grande cruz nas costas e fuzilam-no pelas costas, deante de um grupo de padres, que obrigam a presenciar o assassinato.

Em Rotselaer um official vem escarrar na cara do parocho preso; em Montigny atiram á cara dos padres ossos e garrafas vasias; em Louvain despem varios, entre elles o dr. Noel, professor da Universidade, e mettem-nos nus n'uma pocilga de porcos.

O padre Oudin, de Sompris, com 77 annos, velho e doente, é levado, sem comer durante alguns dias, a Vouziers, onde officiaes e soldados lhe escarram na cara, açoitam-no, atiram-no ao ar, maltratam-no com as esporas e os tacões. Poucos dias depois morre, victima d'esses maus tratos.

O cura de Surices é fuzilado e acabado á coronhada deante da mãe octogenaria. O mesmo mesmo succede a outros padres, que apenas tinham ficado feridos.

O cura de Spanten, foi pendurado alternadamente pelos pés e pela cabeça e por fim trespassado por bayonetas e fuzilado.

Em Sorinnes, obrigam o cura a fazer a via-sacra, durante a qual lhe escarravam na cara e o insultavam. Os allemães urinaram na pixide!

Horrivel tortura a que soffreu o cura de Schaffen-es-Diest. Depois de saqueadas e incendiadas 170 casas da povoação e de assassinados 22 burguezes, é preso. Maltratam-no, enforcam-no por duas vezes, retirando-o da força antes que morresse. Fazem menção de lhe cortar os membros. Obrigam-no a fitar o sol por muito tempo. Forçam-no a entrar n'uma casa incendiada. Mandam-no olhar para a egreja, dizendo-lhe que era a ultima vez que a via. Soltam-no no fim de um dia de tortura, chicoteiam-no, dão-lhe ordem de partir e quando a 200 metros, dão uma descarga sobre elle. O pobre padre cahe como morto e assim ficou toda a noite, quasi nu até que se poude salvar.

Em Asnoy o cura é obrigado a assistir á violação de uma mulher que haviam préviamente despido.

O velho bispo de Tournay é levado preso e obrigado á coronhada a andar, quando as forças lhe faltavam e encarcerado em Ath n'um logar infecto, sem alimento.

Basta d'exemplos dos extremos satanicos a que chega a perversão do sentimentos.

Tudo isso se fez para intimidar as populações, com o mesmo cynismo com que se violaram os tratados. O fanatismo lutherano foi por vezes cumplice d'estes crimes, cuja origem primordial vem, porém, da doutrina pagã do direito da força. Disse um general allemão ao cura de Pillon emquanto o maltratavam: «bem sei que não atirastes, mas sois a alma da resistencia».

Perante attentados taes a consciencia catholica ficaria deshonrada se não protestasse com indignação».

Não é possivel descrever, com mais ...

ULTIMAS NOTICIAS

...turas cores, a infamia allemã. Foi para a castigar exemplarmente que as Nações se levantaram em armas. A fim de cooperarem n'essa obra de libertação e saneamento moral do mundo marcharam para França e para a Africa as legiões portuguezas.

Mas, para tal se conseguir, quanto trabalho, quanto esforço, quanta energia foi preciso dispender!

Foi necessario luctar desesperadamente contra a covardia d'uns, a inconsciencia d'outros e a ignorancia da maior parte. A paixão dos partidos tudo embaraçava. Mas, afinal, lá partiram para França os soldados portuguezes, perseguidos, até á ultima hora, pela campanha de desmoralisação da maior parte dos monarchicos portuguezes. «O Dia» entrou então no paroxismo do furor. Acreditando na victoria da Força contra o Direito, ele pediu a morte para os interpretes da vontade nacional.

Os responsaveis pelo crime de tão alto se ir levantar o nome portuguez devieram ser julgados e SENTENCIADOS ÁS PENAS MAXIMAS QUE, COM TODAS AS AGGRAVANTES, CASTIGAM OS CULPADOS DOS MAIS MONSTRUOSOS CRIMES DE ASSASSINIO.

Em 15 de abril «O Dia» escrevia o seguinte, em editorial, isto é, seis dias depois do recuo, em 9 de abril, das divisões portuguezas, na frente da batalha e, quando os exercitos allemães marchavam victoriosos, pela segunda vez, sobre Paris, Amiens e Calais:

«O paiz, que se não exime aos maximos sacrificios em vidas e em remarcos, tem o direito de ser esclarecido, e confiamos que não se eternisará este regimen intoleravel de mysterio, que tem de acabar, porque a opinião publica começa a despertar do seu lethargo e tem agora exigencias que se legitimam em epicos sacrificios!

Ninguem pensaria em exigir responsabilidades se, invadido o territorio patrio, não só dezenas, mas centenas de milhares de vidas se perdessem para defendel-o. Ninguem quereria então saber se era republicano ou não o governo da nação, porque portuguezes todos somos e commum o patrimonio d'esta terra bemdita onde nascemos, onde jazem os que nos foram queridos, onde repousaremos tambem.

Ninguem condemnará, mesmo na hypothese d'uma guerra além fronteiras, como esta, os que tivessem de ceder á coacção, vencidos pelo direito da força.

Mas se assim não foi, como se diz, e tudo indica ter havido «instantes offerecimentos...» de tantas vidas e de tantos sacrificios, feitos pelos que jámais expozeram a propria vida sem se sujeitarem a quasquer riscos e abririam a muitos «enrageados «patriotas» a carreira para millionarios, não podem taes crimes ter perdão. E não só aos que teem perdido na guerra os que eram a sua alegria e o seu arrimo, mas a todos os que teem a responsabilidade de tudo isto haverem permittido pelo resignado assentimento á politica que se seguiu nos ultimos annos, nenhum o dever, e não só assiste o direito, de exigir que esses grandes responsaveis sejam julgados no grande tribunal da opinião publica quando não possam ser amarrados aos bancos dos réus e sentenciados ás penas maximas que, com todas as aggravantes, castigam os culpados dos mais monstruosos crimes de assassinio!»

N'estes termos tão expressivos, extrahidos do fundo do coração, exprime «O Dia» a indignação que lhe causam os attentados infames dos allemães contra indefesos sacerdotes catholicos!

N'aquella alma christã não ha piedade contra as victimas dos barbaros descendentes dos hunos!

Santa creatura...

CAMBIOS

Lisboa, 26 de agosto de 1918.

	Compra	Venda
Cheque sobre Londres	29 11|16	29 7|16
90 div.	30 1|16	
Cheque sobre Paris	296	303
» Hollanda	875	895
» Italia	230	230
» New York	1700	1720
» Madrid	390	400
Rio sobre Londres	12 5|16	
Libras ouro	10$80	10$60
Agio do ouro	180 00	184 00

Atropelamento

Ao hospital de S. José foi hontem recebe curativo Antonio Rodrigues Brandão de 64 annos, conductor dos electricos que foi atropelado por um carro na Avenida da Liberdade, fracturando uma clavicula.

NO MONT'ESTORIL

Grande Casino Internacional

Inaugurou hontem as suas magnificas salas o Grande Casino Internacional do Mont'Estoril que, pela sua sumptuosidade e elegantissima frequencia, representa, evidentemente, o mais distincto centro de diversões da linha de Cascaes. A concorrencia hontem foi numerosissima, vendo-se n'ella representada a nossa melhor sociedade. A empreza que explora actualmente o Grande Casino Internacional do Mont'Estoril está resolvida a dar-lhe, durante a estação, o maior realce, estando em combinações com artistas de reputação mundial para a serie brilhante de espectaculos que deseja organisar.

E' de esperar que a «Sociedade Estoril» a quem move o patriotico intuito de desenvolver a vida e o brilho dos Estoris corresponda bizarramente aos projectos da direcção do Casino Internacional, pondo comboios á disposição dos frequentadores do Mont'Estoril que residem em Lisboa, até mais tarde.

NATURISMO

Breviario Naturologico

De São Paulo (Brazil) acaba de nos chegar, offerecido pelo seu auctor o sr. Arthur Vasconcellos um interessante e bem urdido Breviario de Naturismo.

A idéa difunde-se. E, como tantas vezes acontece, é á distancia que se reflecte: Os portuguezes são desconfiados: imaginam-se uma raça improductiva. Só o que vem de fóra, do estrangeiro lhe interessa! O snobismo nacional só acceita as idéas alheias. Que o Naturismo é tão velho como o mundo... Se agora d'elle se fala é por motivo de idéas necessarias serem accentuadas. Está escripto mas primeiras paginas de todas as religiões.

Antes do fogo ser captado pelo homem—o homem foi frugivoro. E, como não havia tecidos, nem chapeus, nem sapateiros, andava despido, descoberto e descalço o nosso primeiro pae. Infelizmente, hoje nem com raciocinio, nem com a razão, nem a golpes de logica, nem de pratica. A idéa custa a introduzir na mentalidade do homem do seculo XX. Tão vaidoso das suas (falsas) prerogativas está este «rei da creação» que desdenha, sorri, do ideal sublime da Natureza. E, por não se cumprirem as leis, a doença atormenta a humanidade. Qual a origem iniciatica das enfermidades? A modalidade da dieta que gerando um sangue impuro, feito de materiaes artificialisados, anormalisa a mutação ciclica da materia. A humana vida tornou-se um martyrio. A salvação estava e está no culto da Natureza. E' necessario arrancar do pantano, onde se submerge, a raça que cada dia mais se abastarda. A hora do castigo vae chegando. Que é a peste, a fome, e a guerra? A violação das leis naturaes em todos os campos individuaes e sociaes e moraes...

O «Breviario Naturologico» que, com uma gentil offerta, me chega agora, deu-me o inefavel prazer d'uma salutar hora de consolação. Todos nós temos um tanto ou quanto de atracação pelas ideas professadas e espalhadas n'uma communhão de pensamento. Todos os que amam a Natureza polarisam no seu culto os seus melhores esforços. E o auctor explana e apreça sublimando em lições bem deduzidas, o seu objectivo: de ensinar a cultivar a vida e a saude, sob uma forma succinta e intelligente. Os meus cumprimentos atravez do mar que Cabral sulcou primeiramente.

Dr. Amilcar de Sousa

TOURADAS

CAMPO PEQUENO—O valente matador de touros e excellente toureiro de Valladolid Pacomio Peribañez volta a tourear em Lisboa. Brevemente, ha de ser na primeira corrida que vae dar-se no Campo Pequeno, tourearà este matador, que tão grande successo fez na corrida do dia 18, lidando touros em pontas. Pacomio vem acompanhado por seu irmão o matador de novilhos David Peribañez, que tambem trabalha de muleta e alternará em bandarilhas com Luciano Moreira, o festejado de domingo proximo em Algés. Pacomio, desejoso de tourear novamente em Lisboa, recusou duas propostas que tinha para tourear n'uma praça da provincia de Murcia e na de Oviedo, onde deve realisar-se uma corrida regia.

ALGÉS—Como nos annos anteriores, organisou o estimado bandarilheiro Luciano Moreira para a sua festa uma grande corrida á antiga portugueza que se realisa no proximo domingo em Algés. Serão lidados dez touros, todos para as cartas cavalleiros, que pela primeira vez n'esta praça se corre.

Tomam parte na corrida os distinctos amadores srs. D. Alexandre, D. Carlos e D. João de Mascarenhas e alguns dos mais laureados artistas portuguezes.

POEIRA DA ARCADA

Pensões de sangue

Vão ser concedidas pensões de sangue ás familias do 1.º tenente Azeredo de Vasconcellos e 1.º artilheiro Passos Ferreira, victimas do desastre de aviação, de que nos occupámos detidamente.

Protesto de pescadores

O sr. secretario d'Estado da marinha recebeu um telegramma dos pescadores do norte protestando contra o facto das traineiras estarem empregando dynamite no uso da pesca, o que mata não só o peixe, mas a creação, causando graves prejuizos, principalmente aos cercos americanos.

Milho colonial

O sr. secretario d'Estado das colonias mandou adquirir em Moçambique 4.000 toneladas de milho, que em breve virão para a metropole.

Medicos da armada

Ao concurso para medicos auxiliares da armada apenas concorreram tres candidatos.

Conferencia

Em Cintra, a conferenciar com o sr. presidente da Republica, esteve hoje o sr. secretario d'Estado da Instrucção.

O caso das 33.500 acções

O juiz sr. dr. Costa Santos ainda não entregou o seu relatorio sobre o caso da compra das 33.500 acções da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, e nem sequer o começou ainda a elaborar, devido a não estarem terminadas todas as diligencias do respectivo inquerito.

Em relação á informação que recebemos da Arcada. Pois, de quando em quando, apparece um «susto» nos jornaes governamentaes, dando como illibado o sr. Xavier Esteves o lançado na sua volta á pasta das finanças!

"O Radical,,

Recebemos e agradecemos a visita d'este novo collega, que começou a publicar-se em Coimbra sob a direcção do sr. Antonio Leitão. E' propriedade do Centro Republicano Democratico dr. José Falcão e apresenta-se bem redigido.

Dr. Sidonio Paes e a Republica Nova

descripção completa da obra do sr. Presidente da Republica por Sergio Gonçalves, 1 vol. 80 réis, pelo correio 340. Pedidos á Livraria Scientifica, 81, R. Nova do Almada.

Jardim Zoologico

O ministerio das colonias deve conceder lhe um subsidio

O Jardim Zoologico atravessa uma grande crise, devido á carestia dos generos que são precisos ser adquiridos para sustentar a sua população.

A camara municipal subsidia-o, o que é justo, porque o Jardim representa, sem sombra de duvida, um embellezamento da cidade e é um ponto de visita de nacionaes e estrangeiros.

O ministerio da instrucção entendeu tambem que, sendo, como é, um magnifico museu de estudo «in anima vili», devia por sua parte concorrer para que uma tal instituição não desapparecesse, resolvendo o actual secretario de Estado concorrer com a verba annual de 3.000$00. E' uma resolução digna de elogio, sob todos os pontos de vista.

Mas o Jardim Zoologico interessa tambem e em muito á fama das nossas possessões ultramarinas, pois que n'elle vemos se não na totalidade, na maioria representantes d'essa fauna. Parece-nos, portanto, justo que, a exemplo do que fez o seu collega da instrucção, o sr. secretario de Estado das colonias concedesse um subsidio egual aquelle ao Jardim.

Evitar-se-hia assim que um estabelecimento de tão manifesta utilidade se visse forçado a fechar, embora temporariamente.

Antes e depois do chocolate...

Afinal, quem offerece: somos nós a elles, ou elles a nós?..

Conversando amavelmente comnosco e com o publico, *A Situação* allegou que, para supprir o nosso *deficit* alimenticio havia falta de transportes e, d'ahi, a imprescindivel necessidade de se impôrem restricções ao consumo das subsistencias primarias. Não comprehendemos como isso póde ser. *A Situação* desmente, embora tardiamente, uma nota officiosa, emanada da presidencia da Republica, distribuida em 26 de abril do anno corrente, em vesperas de eleições. Eis o seu texto:

«Accedendo ás instancias do governo da Republica, o governo inglez que nos tinha já assegurado fornecimento de cereaes sufficientes para as necessidades do paiz até ás colheitas, acaba de offerecer-se para supprir o nosso «deficit» de tonelagem commercial, encarregando-se do transporte das mercadorias que lhe sejam indicadas pelo governo portuguez como indispensaveis. Tambem o governo inglez prometteu pôr á disposição do governo portuguez navios-hospitaes para o transporte de doentes do C. E. P.»

Do tudo que consta d'esta nota officiosa da presidencia da Republica, distribuida em vesperas de eleições, apenas uma coisa se tem cumprido e ainda assim com muita irregularidade: o transporte dos doentes do C. E. P. Quanto ao resto, nada!

E nota-se: no que diz respeito a supprir o nosso *deficit* de tonelagem commercial, foi o governo inglez que teve o offerecimento de se encarregar d'isso, segundo as expressões empregadas pela nota officiosa da presidencia da Republica, lançada ao publico em vesperas de eleições. O governo britannico assegurou-nos, a nosso pedido, o fornecimento de cereaes sufficientes para as necessidades do paiz, o que não evitou que o pão começe a escassear, por forma verdadeiramente alarmante. Mas isto foi com respeito a cereaes.

Quanto ao resto, nada pedimos: foi o governo de Inglaterra que se offereceu, valendo-nos na afflicção da falta de tonelagem commercial. Logo, há navios. Como admittir-se, pois, as allegações do collega governamental, que diz que não ha feijão e outras subsistencias primarias por falta de transportes?

Tambem não é por carencia de generos exoticos. O seguinte despacho, publicado no «Diario de Noticias», é muito illucidativo:

«NOVA YORK, 24.—O sr. Hoover declarou que os Estados Unidos cumpriram as promessas que fizeram aos alliados quanto ao reabastecimento em carnes, cereaes, etc. Acrescentou que a partir de 1 de setembro não haverá necessidade de ratear rigorosamente os viveres nos paizes alliados, excepto o assucar e a carne. Em Inglaterra, França e Italia as colheitas são maiores do que se esperava, graças ao trabalho das mulheres.—(Correspondente).

Parece que nós somos alliados. E' certo que ainda somos alliados. Então não ha necessidade d'uma rigorosa restricção de consumo, incidindo especialmente nos generos alimenticios indispensaveis á manutenção das classes angustiosa dos pobres. Navios tambem: fornece-os a Inglaterra, generos, tambem, veem da America. Dinheiro, não falta: ha-o a rodos, como provam as despezas illimitadas e as contas de sacco. Porque é então que se vae passar fome?

Ha uma observação a fazer. Uma simples nota á margem e mais nada. A qual consta do seguinte:

No tempo dos democraticos eramos nós que offereciamos tudo e elles, os outros alliados, que se dignavam aceitar, por favor e a custo, o nosso concurso. Gritou-se do Terreiro do Paço ao mundo conflagrado: que é por dá preciso? Homens, dinheiro, armas, munições?... Cá, ha de tudo: é pedir por bocca!

Agora, é o contrario: são elles que instam comnosco para aceitarmos o que nos falta. Que é preciso? gritam-nos—Navios? elles ahi vão! Ou generos, ou carvão, ou dinheiro, ou... E' pedir por bocca!

De repente, baixa o panno: *la commedia è finita.*

Atropelado por uma bicicleta

Manuel de Souza de 10 annos morador na rua do Conde das Antas, 98 foi atropelado em Carnide por uma bicicleta guiada por Joaquim Nunes ficando muito contuso nos braços pelo que foi receber curativo no hospital de S. José.

Os problemas nacionaes segundo "A Situação,,

Começa a falar, a falar, a falar mas, de repente... cala-se!

«A Situação» tem formas originaes de fazer a critica dos problemas que interessam ao publico, mesmo e até principalmente, quando elles dizem respeito á politica internacional. As questões são iniciadas com vigor; depois, vão decrescendo pouco a pouco, até que, brusocamente, param. Nem mais uma palavra! E os leitores do diario governamental—entre os quaes nos contamos como dos mais atentos e veneradores—ficam arreliados, tanto interesse estavam tomando pelo desenrolar do folhetim!

Houve, em tempo, aquella celebre campanha contra os democraticos intervencionistas, onde se prometteu revelar coisas estupendas, que fariam estarrecer de espanto e indignação. Negociatas, trampolinices, o diabo... E quando o romance ia apenas no exordio, suspende-se a continuação, ficando no espirito publico um grande ponto de interrogação, indicativo da duvida sobre o que teria sido o grande e horrivel crime...

Já antes tratára da questão dos vapores ex-allemães cedidos á Inglaterra, affirmando que tal acto representava uma escandalosa renuncia dos direitos nacionaes, levada á effectividade pelo sr. Affonso Costa. Dissemos-lhe que não era bem assim. Demonstrámos-lhe que não valia a pena inventar coisas grosas para condemnar os processos politicos d'um homem publico que, aliás, não tem aspecto digno de grande defeza... Calou-se. Mas hoje reincide. Não está convencida do erro. Pois do novo vamos dizer da nossa razão. E' possivel que, d'esta vez, se resolva a falar.

Discutindo ácerca do arraçoamento, escreve o illustre collega:

«Onde ia o paiz buscar essas enormissimas quantidades de generos? Se tivessemos transportes, bem iria o caso. Mas se, por obra e graça do sr. dr. Affonso Costa, os deixámos de ter, como resolveriamos nós o problema?

Os navios allemães foram apresados porque o solicitou a Inglaterra, invocando os deveres da alliança. No Parlamento leu-se a nota britannica referente ao caso. Logo, os barcos passaram, de direito, para a posse da Inglaterra, que d'elles necessitava para as urgencias da guerra. Não foi, portanto, por obra e graça do sr. Affonso Costa que ficámos sem transportes, mas porque a Inglaterra os pediu para ella. Isto é o que nos parece. Se estamos em erro, diga «A Situação» em quê e porquê. Será d'um effeito surprehendente demonstrar que o sr. Affonso Costa empalmou os navios e com elles presenteou a Inglaterra, que nem os pediu nem insistiu pelo apresamento. Estes coisas são o que são: assim ou d'outra forma. Diga «A Situação» a verdade historica, para nos confundir e lançar as culpas do que resta do sr. Affonso Costa. Que pouco é, afinal!

A nosso vêr o governo democratico não tem responsabilidades na questão internacional da tomadia dos barcos germanicos. Note bem «A Situação» nós dizemos «responsabilidades na questão internacional». E' que é possivel que hajam outras, de ordem diversa, mas que não foram trazidas á discussão.

Entretanto, na questão dos transportes tem responsabilidades, e não pequenas, o governo actual. Já se sabia que a divisão da tonelagem era feita sem equidade. Agora, pelo que diz o jornal governamental, parece que o é tambem sem criterio. Então nós temos transportes para levar vinho para França e não os temos para importar subsistencias indispensaveis á vida dos proletarios? Então temos vapores para entregar, em monopolio, ao sr. Thiago Salles e socios, e não os possuimos para descongestionar os caes das colonias, atulhados de assucar, milho e outros generos? Eis um aspecto do problema que «A Situação» poderia esclarecer, no intuito de defender, com elles, os actos governamentaes.

Em conclusão: «A Situação» fala de mais e de... menos. Começa bem, sem duvida. Mas acaba mal. Pelo silencio. Pelo mutismo. Por isso «O Dia» lhe enviava esta reprimenda:

«Vendo que, pela terceira vez, foi um pouco mais longe do que devera ou quereria ter ido, faz hoje um jogo malabar de palavras para chegar á conclusão de que é tal «mayonnaise» é ainda apenas uma ameaça!

D'aqui por deante, antes de commentar quaesquer palavras da «Situação», pedir-lhe-hemos que as interprete trez vezes. Só assim se saberá ao certo o que ella quer dizer na sua...»

Sabe-se o que foi a tal «mayonnaise». Segundo a «Situação» o paiz estava anarchico e anarchisado. Ninguem se entendia... Era um montemór!... Logo, muito peior que no tempo do democratismo, porque, então, ainda houve gente com juizo para fazer o 5 de dezembro. Mas agora, tudo ruiu, tudo se subverteu... Singular forma de prestigiar o governo da Republica!

Ao proprio «Diario Nacional» não agrada a desenvoltura de «A Situação». Por isso lhe dá conselhos, no interesse da Causa, evidentemente:

«A' «Situação» pediamos nós que, ao escrever, pense um pouco mas suas responsabilidades, e não esqueça tambem que não escreve só nem para os seus collegas de Lisboa, nos quaes póde haver, mesmo em certos adversarios politicos, uma grande boa-vontade de «fechar os olhos» a certas precipitações de linguagem. A «Situação» é lida em todo o paiz, em todo o paiz nós temos correligionarios, e nem o nosso novel collega imagina quanto custa por vezes a sustentar um estado de coisas que se entende ser conveniente ao paiz, mas cuja utilidade nem sempre é vista com a mesma evidencia pela massa geral, o que importa a necessidade de não a ainda inutil e excessivamente...»

E o queridissimo collega governamental, depois de todas estas «raspanssas», ainda é capaz de continuar a dizer que somos nós que... falamos... falamos... falamos...

A guerra

A offensiva dos alliados

Os francezes continuam a avançar entre o Ailette e o Aisne—Gares e bivaques bombardeados

PARIS, 25.—Communicado official das 23 horas:—Durante o dia, actividade das duas artilharias na região de Lassigny. Continuamos a avançar entre o Ailette e o Aisne, a leste de Bagneux, e repellimos os contra-ataques inimigos a oeste de Crecy-au-Mont, fazendo 400 prisioneiros. Nada mais a assignalar no resto da linha de batalha.

Aviação:—Durante o dia de hontem, o mau tempo em toda a linha, e ha tantas dificuldades o trabalho da nossa aviação. Todavia, as nossas esquadrilhas de caça abateram 4 aviões inimigos, embora se não podesse effectuar bombardeamentos. A' noite, porém, tendo melhorado o tempo, os nossos aviões de bombardeamento elevaram-se, e 18.400 kilos de explosivos foram lançados sobre a retaguarda da linha de batalha inimiga, e sobre as gares que a servem. Os bivaques da região de Ognolles e Guiscard, as gares, as vias ferreas e as zonas de concentração de Laon, Anizy-le-Chateau, Jussy, Chauny, La Fère, Ham, Semóde, Pontavert e Guignicourt, foram bombardadas e projecteis em numerosos ataques, observando-se incendios em Laon, Ham, Guiscard e Guignicourt.—(Havas).

Aerodromo inimigo atacado

LONDRES, 25.—Communicado sobre a aeronautica, em 25:—Os nossos aviadores atacaram com exito um aerodromo inimigo e as gares de caminho de ferro de Bettembourg e Luxemburgo, obtendo-se excellentes resultados.—(Havas).

As victorias das ultimas semanas fixaram a futura guerra—diz o sr. Clemenceau

PARIS, 25.—O sr. Clemenceau telegraphou aos presidentes dos conselhos geraes, que felicitaram o governo, e ás assembleias departamentaes, que affirmaram o desejo de ver proseguir, sempre o mais vigorosamente possivel, a actividade de defeza nacional:—«Podem contar com o governo, com o marechal Foch e a magnifica «élite» de chefes militares, alliados e francezes, para levar o inimigo até ao esmagamento, beneficio decisivo dos successos que causam a admiração dos francos corações. As bellas victorias das ultimas semanas, em que os alliados rivalisaram tão nobremente comnosco em «élan», fixaram definitivamente a fortuna da guerra. A estupefacção do inimigo, demonstra-nos que elle proprio nos não conhecia. Esses são os primeiros molhos da colheita de recompensas, das quaes a França vencida está a livrar o mundo da oppressão implacavel da brutalidade, o supremo obstaculo ao estabelecimento do Direito entre os homens vae desapparecer continuemos assim que o triumpho é certo. A collaboração de todos, na renovação mundial do povo, aperfeiçoará a obra do idealismo, para a qual tantas gerações se esforçaram, e que a historia nos reservou—a inexprimivel alegria de realisar.»—(Havas).

O que diz a imprensa franceza

PARIS, 25.—Os jornaes consideram mais grave do que nunca a situação dos allemães na linha occidental, se se esforçam por salvar Bapaume, é unicamente para ganhar tempo, pois não teem esperança alguma de a conservar em seu poder. O «Gaulois» diz: «Preparamos, actualmente, o terreno onde os americanos darão o golpe final do misericordia. Ignora-se onde este golpe será dado, e é este mysterio que aterrorisa o inimigo».

«Le Journal» diz que tres novas divisões inimigas foram identificadas, elevando a 50 o numero das que oppõe aos exercitos de Byng e Rawlinson.

Segundo o «Petit Journal», o numero de prisioneiros capturados pelos britannicos, desde 8 do corrente, é de 20.000 homens.—(Havas).

A guerra no Oriente

Actividade da artilharia, reconhecimentos repellidos

PARIS, 25.—Exercito do Oriente, em 24:—Actividade da artilharia em toda a linha de batalha, especialmente no Struma e a oeste de Vardar. Na Albania, repellimos reconhecimentos inimigos. A aviação franceza abateu um avião inimigo, a oeste de Monastir, e a aviação britannica bombardeou os acantonamentos inimigos na região do Struma.—(Havas).

A neutralidade da Hespanha

O que dizem os jornaes allemães

BASILEA, 26.—Os jornaes allemães teem na sua maioria, uma linguagem ameaçadora para com a Hespanha. Dizem que a nota d'esta nação colloca a Allemanha n'um terrivel embaraço, mas esperam que o povo hespanhol não tomará resoluções precipitadas.—(Correspondente).

De todo o mundo

O casamento do principe Ruprecht

ZURICH, 26.—Annuncia-se officialmente o casamento do principe Ruprecht com a princeza Antonia de Luxemburgo.—(Correspondente).

Comboio descarrilado

PARIS, 26.—Noticias de Vienna informam ter descarrilado um comboio no sabbado á noite, havendo trinta e tantos feridos e tendo-se incendiado cinco vagons.—(Correspondente).

O esforço da Inglaterra

As pessoas que ainda ignoram qual tem sido o enorme esforço desenvolvido pela Inglaterra na actual lucta, devem ler a seguinte communicação feita á imprensa por lord Northcliffe. O imperio britannico tem tido, desde o principio da guerra, 900.000 mortos. Só durante o ultimo anno as perdas em mortos e feridos excederam 800.000 homens. O imperio britannico mobilisou até agora 9.500.000 soldados.

O futuro da Austria

Pergunta de um jornal allemão

ZURICH, 25.—A «Gazeta de Francfort» faz esta pergunta: «Que vae ser a Austria-Hungria depois da guerra?»

Ignoramos, diz o referido jornal, se o projecto de uma Austria confederada corresponde em absoluto á realidade, mas o que é absolutamente certo, é que um tal plano corresponde ao voto dos meios mais influentes da dupla monarchia. E' preciso absolutamente encontrar um meio de pôr fim a esta importante crise constitucional que ameaça a Austria, e mesmo os partidos mais resolutamente centralistas são obrigados a reconhecer que esta situação deve antes de mais nada ser resolvida pela constituição de estados livres e confederados. Seria absurdo impedir o governo austriaco de recorrer a semelhante solução, porque é indiscutivel que a Austria não pode continuar a ser considerada segundo a antiga formula mais ou menos absolutista. E' necessario que o mais rapidamente possivel a Austria faça uma revisão á sua Constituição.»

Mas, tendo visado essa transformação da Austria-Hungria como necessaria, a «Gazeta de Francfort» entrevê, em razão da libertação dos slavos, um grande perigo para a alliança com a Allemanha:

«O fim dos slavos, continua o velho jornal, não é só libertar-se da supremacia dos allemães na Austria. Os slavos fazem, desde já, mais do que politica interna, procuram libertar-se da alliança com a Allemanha, para formarem com os governos da Entente um pacto contra o pan-germanismo.»

Sport

Organisada pela Liga dos Melhoramentos e Recreios de Algés, deve realisar-se no dia 8 de setembro um grande festival de sport.

PEQUENAS NOTICIAS

Foram presos Estevam Antonio, residente na rua dos Mastros, 67, e Manuel d'Oliveira, na calçada do Castello Picão, 46, 1.º, por terem furtado objectos de ouro, prata e dinheiro, tudo no valor de 170 escudos, a Ludovina dos Prazeres, moradora na rua dos Mastros, 35.

—Leonardo d'Almeida, largo dos Trigueiros, 18, 2.º, foi preso por furtar a seu pae, Abel d'Almeida, com livraria na calçada do Sacramento, 44, a quantia de 950 escudos.

Na enfermaria 4 do hospital de S. José falleceu, pouco depois de ali ter dado entrada, Manuel d'Abreu, de 20 annos, serralheiro, morador na rua do Telhal, 27, 1.º, ao Poço do Bispo, que deu um tiro na cabeça.

—Luiza de Jesus Fernandes, de 21 annos, moradora na rua Costa Pinto, em Paço d'Arcos, foi ali aggredida com duas facadas, uma na testa, outra no pulso esquerdo, vejo receber curativo ao banco do hospital.

Tambem ali recebeu curativo Maria de Jesus, de 17 annos, creada de servir na rua do Loureiro, 50, rez do chão, que em Algés foi hontem aggredida por uns individuos, ficando muito contusa no corpo. Os aggressores foram presos.

Presos politicos

No echo que «A Capital» hontem publicou sobre presos politicos dissemos que os que se encontram em Monsanto foram detidos no Rocio pelo sr. Rocha, secretario do sr. governador civil. Houve engano, pois esse senhor é empregado na direcção geral das subsistencias e apenas esteve no governo civil alguns dias, logo apoz o 5 de dezembro, servindo com o sr. Forbes Bessa.

Fica assim restabelecida a verdade.

Sports

Coisas de esgrima

AGORA ESTAMOS TODOS DE ACCORDO

porque o Centro Nacional de Esgrima já annunciou a realisação da «Semana d'Armas»

Não foi sem tempo, mas lá diz o dictado: «Mais vale tarde do que nunca».

O Centro Nacional de Esgrima resolveu finalmente annunciar a realisação da «Semana d'Armas» para a primeira quinzena de outubro.

Estamos, portanto, todos de accordo e se aqui, n'estas columnas, ha vinte dias reclamamos a realisação da «Semana d'Armas» é porque, de facto, ella não podia de forma alguma deixar de se realisar. Os torneios e, muito especialmente, o campeonato de Portugal e o campeonato de juniors, tinham fatalmente de ter realisação, organisados por quem quer que fosse.

Mas é certo que é ao Centro Nacional de Esgrima que compete leval-os a effeito, porque é de facto aquella aggremiação a entidade official para taes torneios.

Do nosso collega «Diario de Noticias», de hontem, transcrevemos uma local em que o Centro de Esgrima diz:

«Deve realisar-se na primeira quinzena de outubro a Semana d'Armas Portugueza torneio annual, organisado pelo Centro Nacional de Esgrima, e de que sahe a «équipe» official portugueza destinada a concursos internacionaes».

E do «Mundo», como a noticia está mais completa, tambem transcrevemos:

«A Semana d'Armas do Centro, que pelo regulamento geral dos concursos deverá ser classificada a «équipe» nacional, que representará officialmente a esgrima portugueza em concursos internacionaes, quer no paiz quer no estrangeiro, deverá realisar-se na primeira quinzena do mez de outubro.

O conselho technico na proxima reunião marcará o dia do começo das provas».

Os torneios organisados pela «Capital» a favor dos mutilados da guerra

Conforme já noticiámos, resolvemos levar a effeito tres torneios de esgrima nos dias 29 de setembro e 3 e 5 do outubro, contando com as inscripções de todas as salas d'armas e até do Centro de Esgrima, que, crêmos, não deixará de se fazer representar.

Os regulamentos d'estas provas, uma de sabre e duas de espada, vão ser publicados brevemente e a inscripção abre no dia 5 de setembro, encerrando-se a 20 do mesmo mez.

Os torneios realisar-se-hão n'um dos nossos melhores jardins, em recinto reservado, sendo o producto destinado aos mutilados da guerra.

Noticias diversas

O Club Naval de Lisboa ganhou a corrida de natação «Taça Seixas» de 100 metros que se disputou hontem.

—Continuam animados os treinos de Walter-Polo o Academico Sport Club e Casa Pia de Lisboa, que são os unicos concorrentes á «Taça Castellobranco» organisada pelo Academico Sport Club.

—No proximo sabbado realisa-se na Trafaria uma festa, na qual tómam parte varios amadores em numeros de gymnastica, box, esgrima, etc.

—Faz na proxima segunda-feira um anno que falleceu o saudoso «sportsman» sr. Carlos Granha.

—O concurso hipico da Figueira da Foz deverá realisar-se nos dias 6, 8, 10 e 11 de setembro.

—Fala-se na constituição das tripulações para disputa da «Taça 5 de Outubro» entre o Club Naval de Lisboa e Associaçoã Naval de Lisboa.

—São em grande numero os novos socios que frequentam a escola de remo que o Club Naval abriu, dirigida pelo conhecido remador sr. Albano dos Santos.

—Parece que a «tournée» Ruy da Cunha» transferiu a data da partida, effectuando-se a 8 de setembro.

—No Gymnasio Club já começaram os treinos dos numeros que devem fazer parte do programma da festa que aquelle club vae promover na Figueira da Foz.

—No mez de setembro parece que nos visitam dois conhecidos jornalistas sportivos do paiz visinho.

—No Grupo d'Armas e Sport tem estado animadas as classes de gymnastica, esgrima e jogo do pau.

—E' certa a realisação de grandes corridas de automoveis, conforme já noticiámos.

—No dia 1 de setembro, o Velo Club realisa a primeira corrida ciclista depois da sua reorganisação.

—O semanario «Sport de Lisboa» completou cinco annos de existencia no sabbado passado. Felicitamol-o.

—A commissão promotora das festas de sport a favor dos mutilados da guerra prepara para a segunda quinzena de setembro um grande festival ao ar livre.

Campeonato de foot-ball «Taça Barreiro»

Continua aberta a inscripção, que fecha no proximo dia 31 do corrente, para o campeonato de «foot-ball», em que se disputa a taça «Barreiro», que se realisa no dia 8 de setembro proximo, no campo do club organisador, no Barreiro.

A taça já se encontra exposta na Loja Modelo, no Rocio, 4 e 5.

As inscripções deverão ser enviadas ao club organisador com séde na rua Conselheiro Antonio Augusto de Aguiar, 111, 1.º, Barreiro.

Passeio cyclista organisado pelo Veló-Club

Na séde d'este club continua aberta a inscripção para o seu primeiro passeio official, que se effectua a Cintra no proximo domingo e termina por um almoço offerecido á União Velocipedica Portugueza, servido nos jardins do Hotel Netto. A partida dos ciclistas é dada da praça dos Restauradores, ás 6,30 prefixas, devendo os socios que utilisarem o caminho de ferro requisitar os bilhetes na séde do club até quinta-feira, das 21 ás 23 horas. Para a corrida que se disputa no mesmo dia estão inscriptos os srs. Soares Junior, Rebocho Costa, Gil Lourenço, Francisco Rocha, João Faria, Carlos Alfonso e Mattos Figueiredo.

Grande festival em Bemfica a favor do Sanatorio Albergaria

E' no proximo domingo que se realisa em Bemfica, no bairro Grandella, um grande festival promovido pelos empregados d'aquella importante casa commercial e cujo producto liquido reverterá a favor do Sanatorio Albergaria no Cabeço de Montachique.

O programma está excellentemente organisado e compõe-se de sport, musica e theatro. Os espectaculos começam ás 13 horas, prolongando-se até ás 23 com o programma seguinte:

A's 13 horas: inauguração do concerto musical.

A's 14 horas: kermesse e tombola.

A's 15 horas: «matinée» sportiva, constando do seguinte:

1.º Symphonia; 2.º Trapezio pelos srs. H. Carvalho e Alvaro F. Silva; 3.º Esgrima pelos srs. José Severo da Silva e Manuel Malheiro; 4.º Argolas pelos srs. Mario Miranda e Fausto Martins; 5.º Box (demonstrações) pelos srs. Raul de Castro e Antonio Silva; 6.º Lucta romana pelos srs. N. N. e N. N.; 7.º Jogo de pau pelos srs. Jorge de Sousa e Jeronymo de Andrade; 8.º Forças combinadas pelos srs. Carlos Moreira e Viriato Rosa; 9.º Athletica pelos srs. Raul Alves Martins e Carlos Moreira; 10.º Jiu-Jutsu pelos srs. Fausto Martins e Lacombe Raposo.

A's 18 horas: Concurso de caretas, concurso de interiores das casas do bairro operario e corridas de ratos.

Na parte theatral o programma é o seguinte:

Um acto de variedades por distinctos amadores e artistas que gentilmente prestam o seu concurso: concerto pela orchestra symphonica, formada pelos alumnos da Academia de Estudos Livres. Um acto de variedades por amadores empregados nos Armazens Grandella.

A concorrencia deve ser enorme. As cadeiras para o espectaculo custam 200 réis.

Pele capital do norte — Travessia do Porto a nado

E' grande o enthusiasmo no Porto pela corrida de natação que se realisa no proximo domingo, effectuando-se a reunião dos delegados dos club amanhã para apreciar as inscripções.

Varias casas commerciaes teem offerecido premios, podendo desde já registar-se uma bola par aWalter-Poló destinada ao club que maior numero de classificações obtenha.

A' noite, depois da corrida, o Comité Pró Sport offerece a todos os nadadores um banquete identico ao que o anno passado foi offerecido pelo jornal «A Vida Moça».

Corrida de 100 metros

Realisaram-se hontem n'aquella cidade as corridas de natação de 100 metros, inscrevendo-se sete clubs n'um total de 20 nadadores, cuja classificação foi a seguinte:

1.º Fontes Junior, do Sport Club do Porto, em 1'33"; 2.º Pires de Castro, do Sport Club do Porto, em 1'36"; 3.º Ferreira d'Almeida, do Salão Sport, em 1'37" 2/5.

O que se não deve fazer

Um kalendario de natação em que se marca no mesmo dia uma corrida de resistencia no Porto e outra cá de velocidade, concorrendo como era natural os nadadores de Lisboa á prova do Porto.

Uma carta do Foot-ball Club Barreirense

Recebemos do Foot-Ball Club Barreirense a carta a que a seguir damos publicidade:

Sr. redactor sportivo de «A Capital»: — Na sua local de ante-hontem, na secção desportiva d'esse jornal, dá v. a sua opinião sobre a realisação do campeonato de «foot-ball», organisado pelo Foot-Ball Club Barreirense, a que pertenço, e louvando a sua iniciativa, discorda em fazer-se disputar essa taça no proximo mez de setembro, que considera fóra de tempo.

Em nome do F. C. B. cumpre-me agradecer a sua gentileza que nos lisongeia, e ao mesmo tempo informar que, essa iniciativa, é feita para propaganda do «foot-ball» na villa do Barreiro, onde existem excellentes elementos, aos quaes este campeonato deve beneficiar.

E o exemplo que v. nos dá, com o caso succedido com a «Taça Mutilados da Guerra», que em parte defende, com a vinda d'um grupo hespanhol, attenua, é facto, mas não justifica totalmente que esse torneio fosse disputado n'uma occasião propicia para o «foot-bal».

Muito mais, permitta-me a minha opinião, é propria a presente occasião, se bem que, sem duvida, fóra do tempo normal, para este exercicio; entretanto, creio que v. estará de accordo commigo, se lhe observar que no mez de setembro já são obrigatorios os treinos, para a epoca que se approxima, e cujos campeonatos, «antigamente», a A. F. L. fazia disputar em outubro.

O F. B. C. B. faz disputar este campeonato, unicamente por varias razões de ordem interna, pois a sua realisação é um beneficio, ou melhor uma preparação para o grupo que representará este Club nos campeonatos da A. F. L. na proxima epoca de «foot-ball».

Como a propaganda é tudo, e nós contamos com a imprensa desportiva e com a adhesão dos clubs da especialidade, esperamos que ao nosso campeonato, que só os beneficia, pois nem a inscripção é paga, concorrerão aquelles que só pelo sport e para o sport trabalham.

Quanto á imprensa, permitta-me, sr. redactor, que lhe manifeste o meu desanimo pois aguns jornaes, tem-nos correspondido ao nosso appello com o... silencio!

Agradecido e ao seu dispor, creia-me de v. etc.—(assignatura illegivel).

Theatros

Cartaz de hoje

THEATRO TRINDADE — A's 21,30—«O gato maltez».—GIMNASIO—A's 21,15 — «Marionettes».—APOLO—A's 21,30—«A revolta».—EDEN—A's 21,30—«A trombeta da fama». POLYTHEAMA—A's 21,30—«Salada russa». — AVENIDA—A's 21,30—Madame Eva sombambula».

Animatographos, concertos e variedades—Central, Olympia, Chiado Terrasse, Foz, Condes e Salão da Trindade.

Informações

No São Luiz está sendo ensaiada a comedia farça «Agua das Caldas», em cujo desempenho tomam parte os principaes artistas da companhia.

Réclames

Nas barracas de feira ha sempre um pregoeiro, qualquer creatura encarregada de chamar a attenção do publico que passa para o espectaculo prestes a decorrer. Imitemol-o, guardadas as distancias e a natureza d'esse mesmo espectaculo. Digamos ao publico que nos lê que onde pode passar a noite divertido é no Politeama vendo a «Salada russa», que é uma maravilha de gosto, belleza e graça.

E' a arte aproveitada em todas as suas manifestações histrionicas, para distracção benefica dos que frequentam o commodo e fresco theatro. E é a verdade.

—No Gymnasio repete-se hoje, com o mesmo exito de sempre, a deliciosa peça de Pierre Wolff «Marionnettes», que ali tem chamado tão extraordinaria concorrencia.

—Continuam obtendo o maior dos agrados os dois numeros novos da revista do Apollo. Sobretudo Maria Alves no seu machiche da «Carioca» consegue enthusiasmar a plateia que todas as noites a applaude sem reservas. Mas o verdadeiro attractivo da «Revolta» é o dos numeros desempenhados pelo gentil actriz Auzenda d'Oliveira.

A provincia n'A CAPITAL

COVILHÃ, 24.—N'uma das ultimas noites manifestou-se começo de incendio na fabrica de lanificios do sr. José Simões Piedade, em Aldeia do Carvalho. Os soccorros por parte do seu pessoal e ainda da gente da povoação foram imediatos, tendo ainda havido um prejuizo superior a cinco contos.

—No Ferro, freguezia d'este concelho, na edade de 95 annos, falleceu a avó do sr. Antonio Luiz dos Santos, marido da sr.ª D. Maria da Conceição Mathoas Correia, professora official n'esta cidade.

—Não receberam ainda os seus ordenados respeitantes aos mezes de julho e agosto os professores primarios officiaes d'este concelho.

Comboios directos extraordinarios entre Lisboa e Porto

No intuito de facilitar o transporte das numerosas familias que em fins de agosto terminam a sua estação balnear ou thermal e, bem assim das que a começam em principio de setembro, a Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes resolveu pôr em circulação extraordinariamenre os comboios directos (rapidos) entre Lisboa e Porto pela fórma á seguir indicada:

Nos dias 30 de agosto (sexta-feira) e 1 de setembro (domingo) far-se-ha o comboio directo n.º 41 de Lisboa para o Porto.

Nos dias 31 de agosto (sabbado) e 1 de setembro realisa-se o comboio directo n.º 42 do Porto para Lisboa.

As marchas d'estes comboios extraordinarios serão as mesmas dos comboios directos entre Lisboa e Porto que actualmente só partem de Lisboa para Porto ás terças, quintas e sabbados e do Porto para Lisboa ás segundas, quartas e sextas-feiras.

sam dar serias complicações em Petrogrado. Faço-lhe saber que a 10 ou 11 de setembro se espera uma seria insurreição dos bolchevicks. A publicação dos seus pedidos satisfeitos pelo governo provisorio proporcionará aos bolchevicks a occasião de fazer a sua manifestação, se por qualquer motivo ella fôse demorada.

«Apezar de termos tropas sufficientes ao nosso dispôr, não podemos, porém, confiar por completo n'ellas, de mais a mais não se sabendo qual será a attitude do C. W. S. D. (soviet) para com a nova lei. Póde talvez voltar-se contra o governo e, n'esse caso, não podemos contar com as nossas tropas. Por isso, peço-lhe que disponha as coisas de fórma a que o 3.º corpo de cavallaria esteja proximo de Petrogrado nos meiados de setembro e o ponha ao dispôr do governo provisorio.

«No caso dos partidarios do soviet e os bolchevicks se levantarem seremos obrigados a proceder contra elles. Apenas lhe peço que não mande o general Krymoff á testa do 3.º corpo de cavallaria, porque não gostamos d'elle E' um bom militar, mas pouco desejavel para taes operações.»

Depois, Savinkoff de novo voltou á questão da possibilidade de esmagar com o 3.º corpo de cavallaria um levantamento dos bolchevicks e do soviet, se este se pronunciasse contra o governo provisorio. N'essa conformidade, Savinsky disse que a acção devia ser do caracter mais resoluto e implacavel.

A isso, o general Korniloff replicou que não comprehendia outro modo de proceder, que instrucções n'esse sentido seriam dadas, que essa attitude na questão de empregar tropas para suffocar desordens era sempre muito grave e que havia já dado ordens para que os commandantes que mandassem fazer fogo para o ar fossem submettidos a julgamento; que no caso presente, se houvésse uma insurreição dos bolchevicks e do soviet, seria esmagada com a maxima energia.

Depois d'isto, Savinkoff, voltando-se para o general Korniloff, disse que era necessario, a fim de não haver enganos e não provocar um levantamento prematuro dos bolchevicks, primeiro que tudo concentrar um corpo de cavallaria em Petrogrado, ao mesmo tempo proclamar a lei marcial no governo militar de Petrogrado e publicar uma nova lei estabelecendo uma lista completa de restricções.

Assignados:—General Korniloff, logar tenente general Lukomsky, major general Romanoffsky.»

Para provar o accordo do general Korniloff com o ministro da guerra, Savinsky, quanto a mandar o 3.º corpo de cavallaria para Petrogrado, póde accrescentar-se o texto do seguinte telegramma, enviado em cifra a Savinkoff a 9 de setembro, ás 2 horas e 40 minutos:

«Ao ministro da guerra: O corpo estará concentrado nas proximidades de Petrogrado na noite de 10 de setembro. Peço-lhe para declarar a lei marcial em Petrogrado no dia 11. N.º 6349.

General Korniloff.»

Savinkoff sahiu de Mogileff no dia 7. N'essa mesma manhã, Vladimir Lvoff, antigo grande procurador do Santo Synodo durante o governo provisorio, e, por isso, collega de Kerensky, pediu para falar ao generalissimo, dizendo que havia sido enviado por Kerensky.

Era quasi um desconhecido para o general Korniloff e não o tinha visto desde abril. Lvoff declarou que Kerensky estava prompto a abandonar o ministerio, se não contasse com o receber auxilio. O general emittiu a sua opinião de que a unica solução da crise era o instituir uma dictadura e a proclamação immediata da lei marcial

shkevitch dissera—que o czar queria voltar a uma mobilisação parcial). Era uma ordem directa, que não admittia replica. Fui vencido, sabendo que era impossivel suspender a mobilisação por motivos technicos e ainda porque isso provocaria uma confusão horrivel no paiz.

Meia hora depois, o general Yanushkevich telephonou-me. O imperador dissera-lhe que suspendesse a mobilisação. Respondera-lhe que era technicamente impossivel fazel-o. Então o czar dissera: «Seja como fôr, suspenda-a.» O general Yanushkevitch perguntou-me o que devia fazer. Respondi: «Não faça nada». Ouvi o general dar um suspiro d'allivio, dizendo «Graças a Deus».

Na manhã seguinte dirigi-me ao imperador. Disse-lhe que a mobilisação estava sendo feita «parcialmente, apenas no sudoeste», apezar d'eu saber que a mobilisação era geral e que era impossivel detel-a. Felizmente o imperador mudára de idéa n'esse dia e fui louvado em vez de ser censurado.»

O odio pessoal e a mutua suspeição entre Kerensky e Korniloff, os dois protagonistas da arena politica, assumindo grande intensidade apoz o Congresso de Moscou, trouxeram á Russia um grande mal.

Decorrida uma semana apoz o seu encerramento, o aviso do general Korniloff ácerca da queda imminente de Riga foi justificado pelos acontecimentos. Os allemães occuparam essa cidade, chave das provincias do Baltico, a 3 de setembro, sem encontrarem grande resistencia, tendo previamente por uma serie de combinados movimentos torneado o flanco russo no Dvina.

Essas operações e a occupação que se lhe seguiu das ilhas do golpho demonstraram de novo—se outra prova fôsse necessaria—que os comités dirigentes do exercito e da armada eram incapazes de um esforço defensivo e muito menos ainda d'um esforço offensivo, e forçaram Kerensky a pôr de lado as suas hesitações e vacillações na introducção das medidas por que o general Korniloff insistira.

No dia 5 de setembro, Savinkoff, ministro da guerra, dirigiu-se ao quartel general e prometteu ao general Korniloff que iam ser tomadas rapidamente essas medidas. Declarou ainda Savinkoff que os bolchevicks estavam preparando uma insurreição para o dia 10 ou 11, principalmente com o objectivo de impedirem o restabelecimento da disciplina no exercito e que seria preciso ter tropas de confiança nas proximidades da cidade contra tal contingencia.

Ao general Korniloff foi, por isso, pedido que mandasse uma força de cavallaria para estar prompta a esmagar os bolchevicks. Ao mesmo tempo, Savinkoff discutiu com o generalissimo as linhas d'uma cooperação entre elle e Kerensky para a organisação d'um governo de força.

Como a «revolta» de Korniloff, assim erradamente chamada, estava destinada a ter parte importante na historia da revolução, vamos citar os depoimentos escriptos do generalissimo e o que se passou entre elle e Savinkoff na conferencia que referimos. Habilitar-nos-hão a um exame imparcial das circumstancias e dos acontecimentos.

Para o fim da historia e dos acontecimentos que d'ahi derivaram, póde considerar-se que a «revolta» de Korniloff foi a consequencia natural e logica do desejo nacional de continuar a guerra e fazer a paz conjunctamente com os alliados da Russia, assim como a insurreição bolchevick e a usurpação da auctoridade por Lenine e pelos seus partidarios foi uma consequencia, que se devia esperar, das tendencias anti-nacionaes e pacifistas do socialismo internacional—operando sobre as massas russas ignorantes—para proclamar um armisticio em separado com o fim de

Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Sociedade Anonyma—Estatutos de 30 de novembro de 1894

Horario dos comboios

4.º additamento ao cartaz D 147

Em consequencia da alteração do horario dos comboios nas linhas dos Caminhos de Ferro do Minho e Douro, a começar no dia 1 do proximo mez de setembro o comboio n.º 8, que parte de Porto—S. Bento ás 19.55, passará a sahir d'aquella estação ás 20.22 conservando, no restante itinerario, a marcha actualmente em vigor indicada no cartaz horario D 147.

Lisboa, 20 de agosto de 1918.

O Director Geral da Companhia

Ferreira de Mesquita

Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Sociedade Anonyma—Estatutos de 30 de novembro de 1894

Horario dos comboios

3.º additamento ao cartaz D 147

Ramal de Cascaes

Em consequencia de passar o ramal de Cascaes a ser explorado pela Sociedade Estoril, considera-se annullado desde 22 do corrente, inclusivé, o horario dos comboios do referido ramal, annunciado por esta Companhia no 1.º additamento ao seu cartaz horario D 147, passando o serviço dos comboios no ramal de Cascaes a fazer-se conforme as indicações annunciadas pela Sociedade Estoril.

Lisboa, 19 de agosto de 1918.

O Director Geral da Companhia

Ferreira de Mesquita

Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Sociedade Anonyma—Estatutos de 30 de Novembro de 1894.

Aviso ao publico

De harmonia com as instrucções recebidas das instancias officiaes competentes faz-se publico que, até aviso em contrario, o transporte das mercadorias abaixo indicadas, qualquer que seja o seu peso, está sujeito ás seguintes restricções:

Assucar, arroz, batata, cereaes panificaveis (trigo, milho e centeio) e suas farinhas, feijão, mel e nitrato de sodio. Só se aceitam a transporte remessas d'estes generos quando sejam acompanhados da guia de transito da secretaria de Estado das Subsistencias e Transportes.

Pelo que respeita a remessas de feijão ter-se-ha em vista que estas ficam sujeitas ainda ás seguintes restricções:

Para a circulação entre concelhos que não sejam o de Lisboa, as guias de transito serão requisitadas á secretaria de Estado das Subsistencias e Transportes pelas Camaras Municipaes de origem e as respectivas remessas só podem ser consignadas á Camara Municipal do concelho do destino indicado na guia de transito.

Para as remessas de feijão destinadas á cidade de Lisboa, as guias de transito serão requisitadas pelos expedidores á mesma secretaria do Estado e as remessas podem ser consignadas e entregues a qualquer individuo ou firma designada pelo expedidor na respectiva nota de expedição.

Azeite—Para o transporte d'este genero é indispensavel a apresentação do guia de transito excepto quando as remessas sejam despachadas directamente para Lisboa (Rocio, Caes dos Soldados, Caes do Sodré, Alcantara-Mar e Alcantara-Terra). As remessas d'este genero que estejam nas estações mais de 48 horas sem que pelo expedidor sejam concluidas as formalidades para a expedição ou sem serem retiradas pelo consignatario, serão consideradas apprehendidas e postas á disposição da secretaria de Estado das Subsistencias e Transportes.

Gazolina e petroleo—Não se acceitam expedições d'estas mercadorias nas estações que servem Lisboa, sem virem acompanhadas de guia de transito passada pela secretaria de Estado das Subsistencias e Transportes.

Gado para concelhos fronteiriços—Não são aceitas remessas de gado de qualquer das especies comestiveis para as estações abaixo indicadas sem a apresentação de uma guia de transito passada pelo administrador do concelho de onde o gado procede, a qual acompanhará as remessas até destino.

As estações situadas em concelhos fronteiriços são:

Nas linhas da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes—Castello Branco, Alcains, Lardosa, Santa Eulalia, Elvas, Marvão, Portalegre e Castello de Vide.

Nas linhas do Minho e Douro—Ancora, Moledo do Minho (ap.), Caminha, Seixas, Lanhelas, Gondarem, Cerveira, S. Pedro da Torre, Valença, Ganfei (ap.), Verdoejo, Friestas, Lapela, Monção, Sabroso, Vidago e Barca d'Alva.

Nas linhas do Sul e Sueste—Villa Viçosa, Serpa-Brinches, Pias, Machados (ap.), Moura, Cacela, Monte Gordo, Castro Marim e Villa Real de Santo Antonio.

Nas linhas da Beira Alta—Cerdeira, Freineda e Villar Formoso.

Na linha de Bragança—Sendas, Salsas, Rossas, Sortes, Rebordãos (ap.), Mosca e Bragança.

Faz-se egualmente publico que as remessas despachadas á vista de guia da Secretaria de Estado das Subsistencias e Transportes não podem mudar de destino nem ser reexpedidas sem apresentação, em qualquer dos casos, de nova guia da Secretaria de Estado das Subsistencias e Transportes.

Como consequencia d'estas disposições, nas notas da expedição de remessas acompanhadas das referidas guias de transito devem os expedidores fazer a seguinte declaração: «Renuncio ao disposto no artigo 380 do Codigo Commercial».

NOTA—Para as remessas a expedir pela Manutenção Militar com destino a unidades e estabelecimentos militares é dispensada a apresentação de guias de transito sempre que as respectivas notas de expedição venham autenticadas com o sello branco da Manutenção Militar.

Pelo presente ficam anulados os avisos ao publico B. 2882 de 30 de janeiro, B. 2896 de 2 de março, B. 2897 de 6 de março, B. 2921 de 30 de abril, B. 2920 de 14 de maio e B. 2941 de 4 de julho de 1918.

Lisboa, 8 de julho de 1918.

O director geral da Companhia.

Ferreira de Mesquita.

forçar os alliados a abandonar a lucta armada com o inimigo.

Tendo Kerensky hesitado longamente em tomar uma linha firme de conducta, foi obrigado pela força das circumstancias a ser esmagado entre os que representavam essas duas tendencias conflictuosas e oppostas.

O depoimento do general Korniloff reflecte a sua experiencia e observações como commandante em chefe em Petrogrado nos primeiros dias da revolução e durante o tempo dos seus commandos na frente sudoeste na occasião da abortada offensiva, em julho de 1917.

Põe em destaque a terrivel influencia do soviet na guarnição de Petrogrado, a destruição da disciplina no exercito que ahi foi iniciada sob essa influencia e a sua obvia intenção de converter os soldados em instrumentos para o conseguimento dos seus fins politicos.

Tendo comprehendido a impossibilidade de conservar o commando em taes condições, o general Korniloff pediu para ir servir na frente. Do papel por elle desempenhado durante a offensiva russa e a retirada já falámos n'um capitulo anterior.

Depois da sua nomeação para generalissimo, Korniloff incessantemente pediu a reforma do exercito. A 16 d'agosto, foi a Petrogrado conferenciar pessoalmente com o presidente do ministerio. Kerensky mostrou uma certa frieza e observou que o general Korniloff estava dando ás representações que fazia demasiadamente o caracter d'um ultimatum.

Mas, quando o generalissimo disse que eram apenas instigadas pela situação critica do exercito e do paiz, Kerensky de subito perdeu a frieza e perguntou a opinião de Korniloff se a influencia de Kerensky, ficaria á frente do governo.

O generalissimo respondeu que a influencia de Kerensky tinha sem duvida possivel declinado, mas que era ainda o «leader» reconhecido da democracia, que como tal devia permanecer, e não via outra solução.

N'uma conferencia que teve á tarde com o governo provisorio, Korniloff expôz os seus projectos sobre a urgencia de restabelecer a disciplina e mostrou a imminencia d'uma offensiva allemã em Riga e no golpho.

Medidas haviam por elle sido tomadas para deter o inimigo, mas a falta de efficiencia combativa das tropas russas, e especialmente na frente do norte, era tal que, segundo todas as probabilidades, lhe seria impossivel manter-se em Riga.

Quando o general Korniloff continuou a expôr os seus planos quanto á possibilidade d'uma contra offensiva n'outro ponto, foi interrompido pelo presidente do ministerio, que lhe segredou que n'esse ponto devia ter cuidado com o que dizia. Poucos momentos depois, Savinkoff passou-lhe uma nota em que lhe fazia aviso egual. Mais tarde, Savinkoff disse-lhe que visava com essa nota o ministro da agricultura, Chernoff.

E' deveras curioso que a imprensa da esquerda encetou immediatamente uma campanha contra o generalissimo e a 20 d'agosto foi elle informado por um dos commissarios do exercito de que fôra resolvido dar-lhe a demissão.

N'esse mesmo dia, um telegramma foi enviado por Kerensky, para fazer saber a Korniloff que a sua presença não era precisa na nova discussão das reformas do exercito, mas o generalissimo havia já chegado a Petrogrado, por convite de Savinkoff.

Kerensky recebeu-o com accentuada frieza e censurou-o por ter sahido do quartel general. Mostrou-se surprehendido por Savinkoff o ter convidado a ir a Petrogrado. O generalissimo notou uma desavença entre os dois homens,

que attribuiu á anciedade de Savinkoff em accelerar as medidas de reforma.

Foi informado de que o governo era favoravel ao seu esquema em principio, mas nada de definitivo foi dito quanto á occasião em que seria posto em pratica. No seu regresso ao quartel general, Korniloff soube que Savinkoff estava demissionario e mandou um telegramma a Kerensky pedindo que não lhe fôsse dada a demissão.

Descrevendo a visita de Savinkoff ao quartel general, a 6 de setembro, o general Korniloff depoz:

«Dirigiu-se para mim, ao sahir do comboio. Juntamente com elle vinham o chefe do estado maior, o general Lukomsky, e Philonenko, commissario addido ao supremo commandante em chefe, que o tinha encontrado na estação. Savinkoff disse que desejava falar-me a sós. O chefe do estado maior e o commissario sahiram do meu aposento.

Savinkoff disse que de todas as tarefas considerava como mais importante preparar o caminho para um accordo entre mim e Kerensky, a fim de basear a formação d'um governo forte e firme n'essa cooperação.

Declarei que, embora não pretendesse ter influencia na composição do gabinete, em meu nome entendia dizer claramente que considerava Kerensky homem de caracter fraco, facilmente sujeito a influencias exteriores e não conhecedor dos negocios á frente dos quaes estava. Pessoalmente, nada tinha contra elle; pensava que outro gabinete, sem Kerensky, podia tambem pôr as coisas a direito.

Após demorado exame da questão, relativamente ao estado do paiz, concordei por fim em que, em virtude das relações que existiam entre os partidos a participação de Kerensky no gabinete era sem duvida desejavel. Accrescentei então que estava prompto a apoiar Kerensky em tudo, se fôsse necessario para bem da patria.

Em resposta, Savinkoff disse-me que se sentia feliz por me ouvir proferir taes palavras. Tudo isto foi corroborado por Savinkoff na conversa commigo, por lo directo a 9 de setembro ás 5,50, da tarde.

Os subsequentes acontecimentos de 6 de setembro e as minhas conversas com Savinkoff são narradas no «Protocollo da visita do ministro da guerra, Savinkoff, a Mogileff.»

N'elle se recorda, segundo as minhas lembranças e as dos generaes Lukomsky e Romanoffsky, tudo o que disse a Savinkoff na sua presença.»

O protocollo diz o seguinte:

«A 6 de setembro, Savinkoff dirigiu-se do comboio para o supremo commandante em chefe.

A conversa particular de Savinkoff com Korniloff foi ácerca do estabelecimento de relações intimas entre o general Korniloff e o primeiro ministro, Kerensky, porque Savinkoff entendia que os dois, sendo «leaders» de partidos differentes, deviam trabalhar juntamente.

Então, Savinkoff mostrou ao general Korniloff os projectos de lei que o governo provisorio fizera tomando como base os pedidos do general. No mesmo dia, depois do jantar, cêrca das nove horas da noite, reuniram-se, nos aposentos do generalissimo, Savinkoff, o logar tenente general Lukomsky e Philonenko.

Depois de examinada a questão de definir os limites do territorio sob a jurisdicção do governador militar de Petrogrado, Savinkoff voltou-se para o general Korniloff e disse o seguinte, quasi palavra por palavra:

«—E assim, Lavr Georgievitch, os seus pedidos vão ser satisfeitos pelo governo provisorio dentro de poucos dias, mas o governo receia que se pro-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2380 — 9.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Terça-feira, 27 de Agosto de 1918

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço 2 centavos

Os alliados reunem em Lisboa?

Uma conferencia do Comité Permanente Inter-alliados para estudos que dizem respeito aos mutilados e estropiados da guerra

Foi na primeira quinzena de maio... A convite do governo inglez e indicações do Comité Permanente Interalliados, seguiu para Londres uma missão portugueza para fazer parte da 2.ª Conferencia annual sobre mutilados da guerra.

N'essa epocha, a situação politica impunha uma vigorosa propaganda internacional. Essa circumstancia tornava melindrosa e difficil a acção dos delegados portuguezes. Representantes do paiz, não podiam limitar-se á sua actividade medica, á discussão scientifica e á apreciação sobre modernos processos de curar invalidos e os readaptar, melhor ou peior, para a vida. Haviam de falar com algumas das personalidades eminentes dos paizes alliados. Era forçoso precisar o que tinham de responder e apresentar razões comprovativas das respostas ás perguntas feitas. Quer isto dizer, que a missão tinha a par d'um caracter technico, um caracter politico.

E foi por isso que...

Os delegados resolveram ser o que tinham sido até ali, portuguezes d'alma, portuguezes acima de tudo, sem partidarismo e sem espirito de facção. Iam trabalhar pelo paiz, affirmando a sua inquebrantavel decisão de cooperar com os alliados na lucta contra a Allemanha. Podiam garantir que essa decisão ia até aos maiores sacrificios. Podiam dar essa garantia em nome do governo, cujo chefe recebeu a missão, horas antes da sua partida para Inglaterra, para lhe dizer:

—«... Vão conviver com algumas das maiores individualidades dos povos alliados. Digam-lhes, se lh'o perguntarem, que Portugal cumpre honradamente os seus deveres para com a sua velha alliada e que deseja acompanhal-a até onde fôr preciso na lucta contra os allemães...»

* * *

O que a missão fez, em terras de Inglaterra, hei-de dizel-o nas columnas d'este jornal, continuando as pequenas chronicas que uma nova viagem a França interrompera. Basta, por emquanto, lembrar, que os medicos entraram nas discussões de ordem technica, valorisando-se pessoalmente e que fortificaram sympathias para a nossa terra, no ponto do ministro Hodje, dizer no banquete official do Hotel Ritz:

—«... e se um dia tiver de escolher qualquer paiz alliado para uma visita, permittam que diga que escolho Portugal em primeiro logar...»

Estas e outras provas de consideração tiveram os delegados portuguezes. A marinha ingleza, quando da visita a Porstmouth foi gentilissima. A missão franceza quiz envolvêl-os nas minhas facilidades que tinha na passagem de fronteiras e reentrada em França. Os delegados belgas procuravam diariamente a sua camaradagem. Tudo isto porque o dr. Aurelio da Costa Ferreira soube impôr o seu incontestavel merecimento de pedagogo, de reeducador de mutilados e de medico, conversando, discutindo e discursando com tal alma e convicção que lhe chamavam «o poeta da oratoria».

Tudo isto porque o dr. José Gomes Ribeiro, soube impôr a sua competencia de medico e de chefe militar, possuidor d'um espirito bellamente orientado e culto. Tudo isto porque,—como já o disse—, eu soube ser irrequieto e vivo, ousado quando entrava nas discussões e o melhor dos companheiros quando terminavam os trabalhos officiaes.

* * *

Os drs. Aurelio Ferreira e Gomes Ribeiro seguiram para o nosso paiz antes de mim. Fiquei para, na qualidade de «membro do Comité Executivo e de correspondente, em Portugal, do Comité Permanente Interalliados», regular alguns assumptos de ordem administrativa e da Revista Inter-Alliados.

Dois dias depois fechava a fronteira franco-hespanhola, obrigando-me a uma permanencia forçada de mais alguns dias emquanto se não regularisavam as formalidades que me permittissem a passagem da fronteira, mesmo em periodo de encerramento.

Não permaneci, porém, inactivo. Continuei acamaradando com os medicos, sociologos, politicos e pedagogos que fazem parte do Comité Permanente, vendo com orgulho que, consegu'a transformar as formulas restrictas de simples conhecimentos em os mais amplos e mais duradouras d'uma grande amizade. Isso agradou ao meu temperamento de jornalista e de homem de propaganda. Aproveitei a opportunidade e tão bem que um dia ouvi dizer que era possivel a reunião, em Lisboa, dos representantes dos paizes alliados. Exultei de contentamento. E' que tinha conseguido o maximo no trabalho de propaganda e de valorisação da minha patria. Os representantes dos povos da Entente vinham prestar homenagem ao paiz pequeno, que entrou na guerra pelo nobre impulso de cumprir o seu dever de alliado.

—Posso considerar essa possibilidade?

—Pela nossa parte sim... E julgo que esse assumpto deve fazer parte das questões a discutir na reunião plenaria de 25 de julho.

* * *

Vim a Portugal. Communiquei o facto e quando voltei a Paris ia disposto a saber se a possibilidade prevista pelos francezes era admittida pelos representantes das outras nações.

Realisou-se a reunião, que foi a mais importante de todas as realisadas depois da guerra, e n'uma das sessões, falei do assumpto e soube fazel-o com tal convicção e possivelmente com tal enthusiasmo que, os presentes, delegados da Inglaterra, do Canadá, da Africa do Sul, da França, da America, da Italia, da Servia, do Montenegro e da Belgica, se levantaram a appaudir. Essa unanimidade, commoveu o sabio dr. Bourillon, que disse:

—Bravo pelo «nosso» Portugal...

Foi votada, como disse, a possibilidade da reunião em Lisboa, depois dos convites do governo portuguez. E mais do que votada a possibilidade, foi marcada a epocha, de maneira a não coincidir com a organisação de trabalhos do Congresso de Roma.

O alcance d'esta resolução é tão grande que as maiores individualidades portuguezas em terras de França, agradeceram a minha cooperação. E hoje que comprehendo o valor d'esta approximação com os representantes dos povos heroicos da guerra, julgo chegado o momento de terminar a minha acção de propaganda. Outros, com largo criterio, vão effectivar o que tive a honra de iniciar.

José Pontes

Secretaria d'Estado das colonias

A sua reforma

Visto dizer-se que vae entrar breve em execução a reforma, ultimamente decretada, nos serviços da secretaria das colonias, e tendo sido, pela imprensa, annunciada, na Sociedade de Geographia, uma conferencia do sr. dr. Caetano Gonçalves, antigo deputado e magistrado colonial, um casual encontro levou-nos a perguntar-lhe:

—Quando se realisa a sua annunciada conferencia sobre a secretaria das colonias?

—Pensei em fazel-a agora, mas reconheci depois que, estando-se já em férias e dados os calores do estio, seria diminuta a concorrencia do publico a que o assumpto pudesse interessar. Não perde, porém, com a demora.

—Todavia diz-se que vae entrar em execução a reforma...

—Isso importa-me pouco. Não sou empregado da secretaria: não lucro, nem perco com a execução da reforma, que só me interessa no ponto de vista dos principios. Convenci-me de que ella não satisfaz, nem aos interesses da metropole, nem aos das colonias, augmentando, pelo contrario, terrivelmente, a despeza e a confusão nos serviços.

—Não teria sido, comtudo, essa a intenção...

—Penso que o auctor pretendeu fazer obra honesta; mas os erros e as difficiencias da nova organisação, aggravando o mal que se propoz corrigir, permittem suppôr que em pouco n'ella interveiu o respectivo ministro, cuja reputação de homem intelligente e illustrado é superior aos meritos d'esse documento.

—Referia-se tambem o annuncio da sua conferencia ao conselho colonial e á magistratura colonial.

—E' certo. Os dois assumptos ligam-se no meu espirito, porque estudei a organisação de ambas as instituições no estrangeiro, e verifiquei, por esse estudo que, emquanto nos grandes paizes coloniaes, mesmo limitado á funcção consultiva, o conselho colonial tem uma organisação menos defeituosa, crescem em Portugal as responsabilidades do conselho colonial, funccionando como tribunal superior do contencioso administrativo e fiscal, e de contas, e reclamando, por isso, a preparação exigida aos juizes d'esse contencioso na metropole e nas colonias, onde um diploma recente mandou que esse contencioso fosse exclusivamente entregue a juizes de 1.ª ou 2.ª instancia. D'ahi a ideia de considerar tambem o problema da magistratura colonial, que na Inglaterra e na França é objecto dos maiores cuidados, em ordem a equiparal-a inteiramente e absolutamente á da metropole, onde pode e deve ser chamada a collaborar com a sua maior experiencia, na alta missão que, sobretudo n'esta hora, incumbe ás nações coloniaes.

Defeza da Republica

Lê-se em *A Situação:*

«Uma Republica appoiada por monarchicos não subsistiria. O sr. presidente da Republica é, depois de portuguez, republicano. A *massa* republicana apoia-o. E aquelles mesmos que, por paradoxos da politica o não apoiam reconhecem a difficuldade do problema politico portuguez. E esses que protestam no gordo corpo 10 dos seus jornaes contra o governo sentem, intimamente, o terror pela situação que uma revolução pudesse fazer suceder a esta, sabido que ella teria dois extremos: ou o Democratismo ou a Monarchia—duas palavras que representam dois regimens de que o paiz tem deploraveis recordações.»

E' esta a boa doutrina. E' lastimavel que tal theoria não guie os passos do governo.

Uma revolução é sempre possivel. No estudo de desorganisação ou de decomposição sociaes em que vegeta o paiz—estado que, ainda ha dias, foi reconhecido existente *pelo illustre collega*—não é difficil reunir os elementos necessarios para perturbar a marcha dos negocios publicos, creando ao governo difficuldades quasi insuperaveis,—ou mesmo invenciveis. Por isso se imponha uma politica conciliadora, feita entre os republicanos e em beneficio de toda a Nação. E' essa a orientação dos homens do governo? Vê-se que não. Os esforços dos republicanos conciliadores esbarram contra a muralha da China que os situacionistas construiram para seu isolamento; a lei, que a todos devia proteger e a ninguem acintosamente perseguir, é usada como arma politica e tão desastrosamente manejada que mais fere os amigos que os inimigos; os crimes praticados no Porto continuam impunes e só não se repetem por falta de opportunidade em Lisboa as prisões arbitrarias succedem-se e tão arbitrarias são que raras vezes se podem manter. Manejam-se estes rigores contra os inimigos do regimen? Não. Para estes, pelo contrario, ha blandicias, afagos, retratações; acceita-se-lhes a collaboração, supplica-se-lhes a alliança.

E' isto boa politica? O futuro dirá que não. Mas a Republica não morrerá!

Ou todos comem...

Os empregados do Congresso estão ainda sem receber os seus vencimentos, apezar das folhas estarem em poder do sr. ministro das finanças, dependendo o seu regular andamento da assignatura de s. ex.ª

Este caso não teria grande importancia, se não denunciasse, da parte do governo, uma singular falta de sensibilidade pelos interesses dos seus administrados. Com esta aggravante: é que o sr. ministro das finanças já recebeu os seus vencimentos, embora se tivesse esquecido ou tivesse desprezado os legitimos interesses dos funccionarios do Congresso. E ainda com outra aggravante: é que os illustres deputados e senadores tambem já embolsaram os subsidios, apezar de não terem reunido as commissões de que fazem parte, excepto uma, e essa mesmo irregularmente.

A este proposito diremos que o sr. Director geral da Secretaria do Congresso se recusou, realmente, a processar as folhas dos subsidios dos parlamentares que não compareceram nas reuniões de commissões; mas a sua resistencia desappareceu, como não podia deixar de ser, perante ordens terminantes do Presidente do Congresso.

«Plus ça change...»

"As grandes batalhas"

Vae a* Capital *iniciar brevemente a publicação da admiravel obra que o eminente escriptor Julio Dantas escreveu expressamente para o nosso jornal.* As grandes batalhas, *que irão renovar o immenso triumpho da* Patria Portugueza *e do* Amor em Portugal *no seculo* XVIII, *serão opportunamente annunciadas e hão de constituir, sem duvida, um dos grandes acontecimentos litterarios do anno corrente.

Ao leitor d'A CAPITAL

Depois de lido, enviar este jornal á *Junta Patriotica do Norte* (Paços do Concelho—Porto), a fim d'esta o mandar para os nossos soldados no «front».

A GUERRA

A offensiva dos alliados

Durante tres dias de combate, os inglezes fizeram mais de 14.000 prisioneiros

LONDRES, 24. — Communicação official britannica. Durante a noite as nossas tropas progrediram no sector de Albert e fizeram prisioneiros. Logo de manhã recomeçou o ataque. Desde 21 de agosto, isto é, durante 3 dias de combate, as nossas tropas fizeram mais de 14.000 prisioneiros, e capturámos um certo numero de canhões. Hontem á noite fomos felizes n'uma operação local a noroeste de Neuf-Berquin. Durante a noite foram repelidos, depois de violenta lucta, alguns ataques parciaes ao norte de Bailleul, ao sul de Locre, e ao norte do Kemmel feitos pelo inimigo. Esta manhã tiveram logar combates felizes para nós no canal de La Bassée e no sector de Givenchy.—(Havas).

Incursões nas trincheiras inimigas

PARIS, 24 (retardado). —Na região de Lassigny e entre o Oise e o Aisne, durante a noite, acções de artilharia, bastante vivas. Na Lorena, destacamentos francezes entraram em varias trincheiras inimigas, e trouxeram prisioneiros. No resto da linha de batalha houve socego.—(Havas).

*

O esforço da America

A lei dos effectivos militares

WASHINGTON, 27. — O Senado reconheceu a urgencia do projecto de lei relativo aos effectivos militares, em consequencia do que a respectiva discussão prefere á de qualquer outro assumpto.—(Havas).

*

Guerra maritima

Os naufragos do «Lisbonense»

FERROL, 26.—Partiram para Gijon, á disposição do consul geral de Portugal, os sobreviventes do navio portuguez «Lisbonense». — (Havas).

*

De todo o mundo

Desertores... que são heroes

LONDRES, 26. — Ha actualmente uma nova classe de desertores, que afinal são nada mais, nada menos que uns valentes, uns verdadeiros heroes

Até hoje, apenas se conhecia o desertor, o cobarde que, abandonava as fileiras para se não bater, commettendo um verdadeiro crime de lesa Patria.

Os nossos alliados americanos crearam, porém, um novo desertor, cujo acto é um gesto de bravura.

O general Pershing achava-se nos ultimos tempos surprezo pelo numero de deserções que diariamente se davam nos seus exercitos.

Como o numero fosse crescendo, ordenou que se investigassem as causas com a maxima urgencia.

Qual não foi a surpreza do illustre general americano, quando soube que todos os desertores tinham fugido... para as primeiras linhas!

Tinham trocado as pás e picaretas pelas espingardas, para combaterem os allemães.

Ordenou immediatamente que se suspendessem os autos de delicto que estavam sendo instaurados contra os «desertores» e que os serviços da retaguarda fossem feitos por turnos, a fim de que todos os americanos possam ter a honra de se baterem com o inimigo.—(Correspondente).

O concurso das colonias francezas

LYON, 26. — Todas as colonias francezas teem ajudado efficazmente a metropole a resistir á aggressão allemã.

Todas ellas a teem soccorrido, enviando combatentes, operarios e productos industriaes.

Um artigo do «Boletim das repartições do governo de Tunis» diz-nos qual foi o concurso d'esta possessão, na presente guerra: 60.000 e 30.000 operarios, numero consideravel, attendendo a que a sua população é apenas de 1.600.000 habitantes. —(Correspondente).

A convocação do Reichstag

PARIS, 27. — O «Matin» publica um telegramma de Zurich, de origem allemã, dizendo que o Reichstag vae ser brevemente convocado.—(Havas).

A MALTA DAS TRINCHEIRAS

Tal é o titulo do novo livro de André Brun, cujos capitulos «A CAPITAL» começará em breves dias a publicar, em folhetins, e cujo valor desnecessario é encarecer, pois que o auctor tem de ha muito o seu nome feito. Primoroso estylista e humorista inegualavel, André Brun vae dar-nos — temos a certeza—um verdadeiro mimo litterario com

A malta das trincheiras

cujos tres primeiros capitulos se intitulam:

Madame Letailleur.

José Maria Folgadinho,

"lanzudo,, da grande guerra.

Iniciação.

ROL DE HONRA

Baixas em França

Intoxicação por gazes em combate —Batalhão de pontoneiros: Soldado n.º 421 da 2.ª companhia, Manuel Gomes Ferreira.

Por desastre em serviço—Regimento de infantaria n.º 35: Soldado n.º 489 da 1.ª companhia, Antonio da Costa, em 18 de julho.

As gréves em Hespanha

Dois mortos e cinco feridos

MADRID, 27.—O ministro do interior recebeu communicação de que, em Barcelona, a gendarmeria foi atacada á pedrada por grévistas que pretendiam generalisar a gréve, em consequencia do que fez fogo, matando 2 pessoas e ferindo 5.—(Havas).

Os que querem seguir para França

Ao sr. secretario d'Estado da guerra foi dirigido o seguinte requerimento:

«*Ex.*mo *sr. Ministro da Guerra.*—Daniel Fernandes de Barros Queiroz, alferes miliciano da 3.ª companhia do batalhão de artilharia de guarnição, achando-se licenceado desde 10 de abril do corrente anno, por ter assistido, fardado, ao congresso do Partido da União Republicana, a que com muita honra pertence, e dos que mais entranhadamente querem á sua Patria e á Republica, não se conformando com a situação em que se encontra, que acha offensiva para o seu brio de militar e deshonra para o seu caracter de homem de bem e de republicano unionista, pede para que seja considerado mobilisado temporariamente e embarque o mais rapidamente possivel para os campos de batalha E muito respeitosamente pede deferimento».

A questão das subsistencias

Recebemos a seguinte carta:

Sr. director—Permitta-me v. que por intermedio do seu muito lido jornal, pergunte se a freguezia de S. Julião não tem junta de parochia pois que até agora não tem feito nada, em questão de subsistencias, a favôr dos seus parochianos. Alguns d'elles, se teem tido assucar e outros generos que só por senhas é vendido, teem-se valido das juntas d'outras freguezias. Ora na realidade não é isto triste?! Agradecendo a v. a inserção d'estas linhas no seu conceituado jornal sou de v. etc.—*Um parochiano de S. Julião*.

COISAS DE THEATRO

A liberdade do theatro

Não existe nem nos livres Estados Unidos — O pequeno Portugal citado

A interdição da peça de combate que se estava representando em o São Luiz chamou, novamente, a attenção sobre o regimen da censura dramatica. Tratava-se d'uma traducção, mas a algumas producções portuguezas outro tanto tem acontecido, sendo a ultima, (se a memoria me não engana, pois entre nós não estão compendiados os apontamentos theatraes, o que ainda mais confirma, pelo desinteresse, a decadencia) «Os vencidos da vida», ha alguns annos, no Gymnasio. E' assumpto de permanente discussão, onde houver gente que se interesse e gymnastica mental, que só provam da educação e cultura. E certamente a discussão só acabará... quando terminarem os argumentos pró e contra. A censura, porém, existe em todos os paizes, muito embora n'este estado de guerra as medidas restrictivas outros nomes tenham e outras circumstancias differentes as imponham, ás vezes até brutalmente. O ultimo inquerito, seriamente feito, foi levado a cabo pelo francez de meritto, dr. Alberic Cahuet, que o reuniu n'um grosso volume, de grande formato. Elucida elle, cabalmente, sobre o funccionamento da censura nos differentes paizes e curioso será dizer que na edição que possuo (1909, f. 5) é Portugal uma das unicas nações que lhe mereceu referencias agradaveis, até pittorescas... Na sua altura, communicarei. Para com methodo effectuar um resumo, pelo principio começarei, servindo-me quer de impressões de leitura, agora, rapidamente tornada a fazer, quer mesmo do que a memoria me recordar.

Entre parenthesis, o estabelecimento da censura—sob um outro nome, naturalmente—data de muito *longe* no passado. Cahuet fixa a sua primeira intervenção, no seu paiz, pelo anno de 1398, em virtude d'uma disposição de preboste (officiaes encarregados de manter a ordem publica). Esta disposição foi a origem de todas as que depois se multiplicaram e dimanaram contra a liberdade dos theatros, por toda a parte. E, com effeito, elle prohibia a representação de mysterios sem prévia licença. E' justo dizer-se que, muito embora se tratasse de dramas sacros, uma certa licença reinava n'essas peças ingenuas e a crença dos poetas e de seus interpretes não impedia de n'ellas introduzirem galhofeiras reflexões e audaciosas chocarrices. As companhias d'actores de mysterios e de satiras tiveram de luctar energicamente contra as severidades e as exigencias dos prebostes; umas vezes vencedores, mas a maior parte vencidos. As ordens das auctoridades não eram para brincadeiras. Os transgressores apenas se arriscavam «a serem vergastados pelas ruas e banidos do reino».

O verdadeiro estabelecimento d'uma fiscalisação moral sobre os theatros constitue-se em 1538 por uma disposição do Parlamento. Esta disposição exige preceptivamente «um pedido quinze dias antes da representação», o que estabelece, de facto, a sua sancção e, portanto, a licença da auctoridade para tudo que se representar.

Desde então, a arte do theatro ficou sujeita a bastantes caprichos e repostadas, em periodos verdadeiramente draconianos:—em todos os paizes, esté dependente uma vez da tolerancia, outras do liberalismo dos governantes. A historia nol-o diz.

Em Inglaterra, apesar das antigas liberdades de que se orgulham os nossos fieis alliados, o theatro nunca deixou de estar submettido ao arbitrio. Ainda, recentemente, o critico do «Times» attribuia á interdição de principio de muitos assumptos a fraca vitalidade do theatro inglez.

Os versados na materia sabem que as peças devem, na maioria dos casos, ser «adaptadas», o que importa dizer desnatural-as e os exemplos não são raros de exitos do estrangeiro serem representados em Londres com taes suppressões e modificações que só por milagre os auctores as conheceriam. Peças houve que foram pura e simplesmente prohibidas: a «Francillon» e ha pouco tempo «Monna Vanna», de Maeterlinck. A censura é exercida, ha quatro seculos, pelo «lord Chambellan», que faz parte do ministerio. E', porém, uma pessoa escolhida por elle (um critico) que examina as peças. E' elle que auctorisa ou recusa as obras dramaticas, que lhe devem ser submettidas sete dias antes da representação.

Este exame não é gratuito. Além do ordenado que lhe estipulam, tem direito a uma gratificação de 2 guinéos (12,500, ao cambio, approximado, de hoje) pela leitura das peças de tres actos e 1 guinéo pelas de menor importancia.

Teem de lhe submetter até as peças já representadas, mesmo quando se trate d'uma repetição, logo que soffram a mais insignificante modificação, de palavra apenas. As suas decisões são virtualmente soberanas: não permitte a menor discussão com os auctores. As multas aos directores são fortes. Ha ainda uma outra auctoridade delegada por toda a parte, da administração que prescreve sobre as licenças ou suspensões diarias, por motivos de conveniencia.

Na Italia a legislação para os theatros approxima-se muito da franceza. A censura, pertence, exclusivamente, aos prefeitos, de maneira que uma peça que não foi auctorisada em Roma póde—pelo menos theoricamente—sel-o em Napoles, em Veneza ou em Florença. E tal tem acontecido, se bem que elles fecham os olhos a muita coisa...

Na Dinamarca, em que a vida intellectual é concentrada em Copenhague, existe uma organisação muito especial. Primeiro, a auctorisação do espectaculo é concedida pelo ministro da justiça. Além d'isso todos os outros theatros são de uma maneira ou outra dependentes do theatro Real. Não podem representar senão as peças que este lhe ceder: é que, na pratica, a maior parte das peças representadas são obras estrangeiras. O ministro da justiça não é dos mais benevolos. Prohibe muitas peças. No entanto, sociedades particulares, com numero limitado de socios podem representar as obras que lhe interessarem.

Na Russia, o regimen era muito severo, á data das ultimas informações anteriores á guerra. Os theatros imperiaes, dependiam do ministerio da côrte e só representavam as obras que lhes designavam. Os outros eram considerados como só existindo em virtude d'uma simples tolerancia da policia, de maneira que uma peça auctorisada pela censura ainda não estava ao abrigo de qualquer accidente desagradavel.

Foi fóra da Russia que foram representadas as obras significativas russas, que, no entanto, por obvios motivos, ou tinham um publico a que ellas verdadeiramente se não dirigiam ou luctavam com interesses antagonicos.

A Hespanha não mereceu citação no livro, nem á mão tenho os regulamentos. Creio, porém, que ha a licença previa e depois mesmo a prohibição. Tambem creio que é o alcaide que regula o caso e ás peças de Dicenta e Guimerá tem sido negada auctorisação ou prohibidas durante as representações por motivo d'ordem.

Na Allemanha, ha funccionario especial para os theatros da côrte. Os outros estão sujeitos a uma censura preventiva e repressiva. Sabe-se que muitas peças foram prohibidas e entre ellas lembra-me d'uma, «A disciplina», que com o titulo «La retraite» foi representada por uma companhia franceza, no antigo D. Amelia.

Quasi todas as peças de Gerardo Hauptmann só conseguiram ser representadas depois de enormes luctas. E os seus «Die Weber» (ou seja «Os teXtões»), que é peça magnifica de technica, com um segundo acto soberbo e d'uma forte e profunda propaganda, mais arte e verdade que «Os Mineiros», foram sempre prohibidas. No entanto, havia peças que não iam em Berlim e se representavam em Munich ou vice-versa.

Na Belgica havia a liberdade absoluta do theatro. A auctoridade só intervinha no caso da haver perturbações, ou escandalo ou alterações por motivo da peça. Se havia delicto commettido por occasião d'uma representação, era punido como um outro delicto de diffamação, d'ultrage á moral. Muitas peças não consentidas em Paris foram buscar abrigo em Bruxellas. Mas não era bem a mesma coisa...

Nos Estados Unidos não ha censura propriamente dita, mas a iniciativa particular pode muitissimo. As sociedades moralisadoras exercem por toda a parte uma ciosa fiscalisação. E' facil obter dos tribunaes e rapidamente uma interdicção. Foi o que aconteceu com «Sapho», com «A vida de Christo», etc. Os commentadores acham que são terriveis certas medidas hypocritas da legislação americana, referentes á liberdade.

Era para Portugal—un petit royaume, que se trouve le systeme le plus original»—que Cahuet reservou os seus melhores elogios, approvando a commissão de censura, composta de homens profissionaes, o exame facultativo, a applicação das leis communs aos casos especiaes, etc. E terminava por aconselhar que em França se usasse esse systema «que nous parait le plus liberal e le plus pratique en matère de police dramatique».

Nem sempre, pois, quando se lê um livro estrangeiro, em que tenha de se fazer referencias ao nosso paiz, nós já encontramos ou o aviltante esquecimento, ou citações que nos vexam. Este se exceptua e com tão brilhante excepção fecharemos estas apagadas notas.

JOSÉ PARREIRA

Naufragio do "Oceania,,

Um grande e sensacional film de estreia no CINEMA CONDES

Estreia-se esta noite no Condes um «film» prodigioso. Fonte de extraordinarias emoções, o «Naufragio do Oceania» que pela primeira vez se projecta n'aquelle vasto «écran», vem-nos do estrangeiro largamente consagrado pela critica cosmopolita que não lhe regateou elogios quando da sua exhibição nos primeiros salões da Europa. E' um drama de palpitantes aventuras, que chega por vezes a atingir as culminancias da tragedia e onde a graduação do effeito artistico se faz insensivelmente, desde a mais dramatica violencia até á doçura idilica de um noivado sentimental que espalha atravez de toda a acção um vago e delicioso perfume de virtude. No naufragio do «Oceania», onde seja dito de passagem o espectador tem occasião de assistir aos emocionantes lances do torpedeamento d'um grande paquete, de uma perseguição de aeroplano, etc., encontram-se em lucta os mais heterogeneos sentimentos da alma humana: ha personagens que encarnam o cumulo do cynismo, o cumulo da bondade, o cumulo da dedicação. E por todo o drama esbate-se um ligeiro fio de comedia que mantem nas situações mais intensas o equilibrio das emoções.

E' pois sob todos os pontos de vista uma obra de arte notabilissima a que o publico de Lisboa, cujas preferencias por este genero de espectaculos são notorias, não deixará certamente de prestar um legitimo applauso.

«O Naufragio do Oceania» comporta duas series apenas. A segunda e ultima, que contem o desfecho do intricado drama, é já exhibida na proxima sexta-feira. A semana de estreias, no Condes, é pois toda consagrada ao «Naufragio do Oceania», que, repetimos, deve considerar-se uma obra prima, quer sob o ponto de vista technico, que é perfeito, quer sob o aspecto artistico, que é simplesmente assombroso.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

SOCIEDADE MUSICAL ORDEM E PROGRESSO.—Para continuação da discussão dos novos estatutos e regulamento interno, reune hoje a assembléa geral.

Atropelado por uma bycicleta

SANTAREM, 27.—Recolheu ao hospital, com a perna esquerda fracturada, Antonio Corado, viuvo, proprietario, por ter sido atropelado por uma bycicleta proximo da ponte de S. Vicente de Paula.

CAMBIOS

Lisboa, 27 de agosto de 1918.

	Compra	Venda
Cheque sobre Londres	29 13/16	29 9/16
90 d/v.	30 1/18	
Cheque sobre Paris	292	302
» Hollanda	875	895
» Italia	215	225
» New York	1700	1720
» Madrid	395	405
Rio sobre Londres	12 7/16	—
Libras ouro	10$90	10$60
Agio do ouro	180 0/0	134 0/0

SPORT

As corridas de automoveis realisar-se hão no fim de setembro

Com o fim de desenvolver o sport automobilista, acaba de se constituir, conforme já noticiámos, uma commissão de sportsmen que levará a effeito para o fim do mez de setembro grandes corridas de automoveis, sendo enorme o enthusiasmo no nosso meio sportivo.

A commissão, que está trabalhando na organisação das provas, vae dentro em breve dirigir convite aos representantes de automoveis, assim como aos sportsmen que podem inscrever-se, contando já com grande numero de adhesões dos nossos primeiros estabelecimentos do genero.

Vão de certo, despertar interesse no publico estas provas, porque ha já annos que no nosso meio ellas se não realisam e ainda porque vão pôr em competencia as diversas marcas de «autos» que presentemente abundam no mercado.

E', pois, uma iniciativa digna de registo e estamos certos de que a commissão vae vêr o seu esforço coroado dos melhores resultados.

Liga de Melhoramentos e Recreios de Algés

Um festival de sport

Acaba de se crear mais um grupo sportivo na Liga de Melhoramentos e Recreios de Algés.

Devido á sua tenacidade e energia actual direcção conseguiu adquirir, além de magnificos apparelhos de gymnastica, um esplendido campo, que vae dentro em breve ser transformado n'um campo athletico.

E o caso é que todos os «sportsmen» residentes n'aquella localidade estão radiantes por tal resolução, porque, além de beneficiar bastante os socios e seus filhos, com classes diversas de educação physica, é mais um esplendido recinto onde se poderão levar a effeito magnificas festas. Para 8 de setembro está já marcado o primeiro festival na sua esplanada, proseguindo com todo o enthusiasmo a construcção de bancadas, etc.

A direcção d'aquella collectividade acaba de entregar a organisação technica da festa ao professor de gymnastica sr. João de Brito. E' grande o enthusiasmo em Algés, depois da noticia que hontem demos sobre este primeiro festival.

NATURISMO

Scenas de pugilato

Não se praticam regras de hygiene social entre nós! Não ha respeito mutuo... Quando um dia passado, avido, lia este jornal, a mais palpitante e moderna das gazetas do paiz, fiquei triste por uma noticia que estampava. No relato d'uma das ultimas sessões do Parlamento vinha a declaração de scenas de pugilato ter havido entre os representantes do povo. Decididamente liquidar questões com desforços physicos, é um indice de rebaixamento civico enorme. O ataque pessoal é um symptoma pathognomonico da mentalidade dos contendores... Nunca ha razão de um homem offender outro com manifestações physicas, de lucta. São indices de atrasamento moral. E porquê? Improperios e doestos, ameaças e pragas soltadas, sem compostura de lado a lado, degeneraram em ataques pessoaes lastimosos, infelizes, improprios de pessoas educadas. Uns defendiam a velha monarchia, cheia de lodo, podrida e sem caracter; outros uma republica capaz de se nobilitar, se todos nós quizermos. E a questão do regimen surgiu, azedando os campos. Os monarchicos atacam e ás vezes com razão os erros da republica. Mas d'ahi a quererem que tornemos ao D. Manuel vae uma grande differença. Como D. João VI—D. Manuel II em vez de se pôr á frente das suas tropas—fugiu, cheio de medo como o seu avô... Portugal não voltará a ter o throno e o altar triumphante. Será uma boa republica se todos nos capacitarmos de que não é com ira e gula, inveja e preguiça que se governa... E' necessario calma, criterio, juizo e economia. Em todos os tempos tem havido em S. Bento pugilatos. Mau é continuar-se n'esses costumes. Os monarchicos que não deixassem fugir o rei!... Os republicanos que se resolvam a governar bem, o que não teem feito. Moralidade de cima até abaixo, é o essencial...

Dr. Amilcar de Sousa

Theatros

Cartaz de hoje

THEATRO TRINDADE—A's 21,30—«O gato maltez».—GIMNASIO—A's 21,15—«Marionettes».—APOLO—A's 21,30—«A revolta».—EDEN—A's 21,30—«A trombeta da fama». POLYTHEAMA—A's 21,30—«Salada russa».—AVENIDA—A's 21,30—Madame Eva somnambula.

Animatographos, concertos e variedades—Central, Olympia, Chiado Terrasse, Foz, Condes e Salão da Trindade.

Informações

Motivos poderosos, entre os quaes avulta a prohibição da representação dos «Mineiros» que á empreza exploradora da estação de verão do theatro da Republica trouxe enormissimos prejuizos—obrigam esta empreza a finalisar os seus espectaculos, procedendo á liquidação de todos os encargos. O pagamento aos artistas e empregados realisa-se na proxima quinta-feira, pelas 13 horas.

Réclames

Vae ser verdadeiramente festa de arte a projectada homenagem a Eduardo Brazão e Palmyra Bastos para inauguração de uma lapide commemorando a passagem d'esses dois illustres artistas pelo palco do Gymnasio. Além do precioso concurso dos principaes artistas dos theatros de Lisboa serão mais uma vez representadas n'essa noite as «Marionnettes», o esplendido trabalho de Brazão e Palmyra, que ainda hoje vae levar ao popular Gymnasio a enthusiastica concorrencia de sempre.

—E' curiosa a forma da constituição da revista «Salada russa», que no Polytheama se exhibe todas as noites com farta concorrencia. No quadro de apresentação expõe-se o motivo da peça, a peregrinação do «Zé Pateta». O 2.º acto é um esplendido acto de comedia. O 3.º é o chamado quadro da rua, fechando com uma aphotheose admiravel. O 2.º acto abre com outro quadro de comedia, «O comes e bebes», ha pouco estreiado e que ainda é melhor que o seu antecessor, seguindo-se-lhe o da «Feira das nações», pretexto para mostrar os numeros novos.

—No theatro Apollo está sendo ensaiada com a maior actividade para ser estreiada brevemente a operetta «A mulher moderna», que, da primeira vez que entre nós foi representada obteve o mais decidido agrado e os mais francos applausos. N'aquelle theatro repete-se hoje a espirituosa revista em 2 actos «A Revolta».

POEIRA DA ARCADA

Corpo Expedicionario Portuguez

O sr. general Garcia Rosado assumiu já o commando do Corpo Expedicionario Portuguez em França. O seu antecessor, o general sr. Tamagnini d'Abreu, partiu já em direcção a Lisboa.

Celleiros municipaes

A verba de 500 contos, que coube ao districto de Braga para subsidios aos celleiros municipaes, foi assim distribuida:

17 contos á camara de Amares, 62 á de Barcellos, 75 á de Braga, 21 á de Cabeceiras de Basto, 20 á de Celorico de Basto, 20 á de Espozende, 36 á de Fafe, 30 á de Guimarães, 20 á de Povoa de Lanhoso, 11 á de Terras de Bouro, 18 á de Vieira, 45 á de Villa Nova de Famalicão e 40 á de Villa Verde.

Pela marinha

O governo vae pedir á Inglaterra que nos forneça o material necessario para acabamento dos destroyers em construcção no Arsenal da Marinha.

Por ter sido julgado incapaz pela junta, vae ser reformado o capitão tenente Piçarra e Gouveia.

Foi nomeado vogal do estado maior naval o tenente sr. Sousa Ventura, que será substituido no commando do torpedeiro n.º 2 pelo capitão-tenente sr. Ressano Garcia.

Transportes maritimos

O sr. secretario do Estado das colonias tem nos ultimos dias tratado da reorganisação dos transportes maritimos, tendo tido repetidas conferencias sobre o assumpto com os funccionarios superiores d'esses transportes.

Praias e campos

FIGUEIRA DA FOZ, 26.—Realisou-se hontem a segunda tourada da epocha no vasto redondel do Coliseu Figueirense, vendo-se quasi todos os logares tomados. Manuel e José Casimiro, arrojados e felizes como sempre. O restante pessoal da brega ajudou efficazmente os cavalleiros, tudo concorrendo para tornar aquella tourada uma das melhores que aqui se teem realisado. A philarmonica 10 d'agosto, que assistiu, foi vivamente applaudida.

Está já annunciada outra corrida para o proximo dia 8 de setembro.

—O movimento de banhistas accentua-se cada vez mais, sendo já maior que o dos ultimos annos a partir de 1914. Todos os casinos e casas de recreio abriram já.

ULTIMAS NOTICIAS

POLITICA

O caso das declarações—Conferencia em Cintra

Fizemo-nos echo—conforme o mais elementar dever de informador jornalistico—do boato corrente e insistente que attribuia a um dos actuaes secretarios de Estado a declaração, produzida em pleno conselho de gabinete, de que—«se a monarchia tem de ser restaurada, que o seja por nós, que não por elles». Alguns dos mais illustres collegas reproduziram a nossa prosa e commentaram-no a seu gosto e, entre elles, *A Opinião*. Hoje *A Situação* que, na imprensa, reflecte, sempre com singular propriedade, as opiniões do egregio chefe de Estado, desmente cathegoricamente *A Opinião*, accrescentando que se trata d'um simples *canard* politico.

Recordamos que n'este jornal se não deu importancia de maior ao caso. Mencionamol-o incidentemente, mais pelo desejo de que elle fosse realmente desmentido—como foi—do que por outro motivo qualquer. Agora está tudo quasi bem.

Dizemos «quasi» porque, nos centros politicos, citam-se ainda pormenores e, mesmo, o nome do illustre ministro que admittiu, por hipothese, uma restauração. Ao estadista visado pelos *racontars* da maldicencia politica não desagradaria que satisfação fosse dada áquella parte da opinião nacional que elle, com mais audacia que verdade, disse «ser constituida pela maioria da Nação», e, para nada omittir, não é demais acentuar que as declarações desmentidas por *A Situação* teriam sido produzidas n'um conselho de ministros, sendo ainda portador da pasta da justiça o sr. Moura Pinto, que á tal reunião porventura teria assistido.

O sr. Alfredo de Magalhães, secretario de Estado da Instrucção Publica, teve hontem uma demorada conferencia, em Cintra, com o sr. Presidente da Republica.

Crise ministerial?

Communicaram-nos que está demissionario o sr. Tamagnini Barbosa, secretario do Estado do Interior.

Noticias do Brazil

Lucta entre contrabandistas e policia militar

CURITYBA (Estado do Paraná), 26.—A policia militar do Estado perseguiu um grupo de contrabandistas, que pretendia passar para a Republica Argentina um carregamento de matte, assucar e tabaco, no valor de 45 contos de réis. Os contrabandistas, vendo-se cercados e não querendo entregar as mercadorias, fizeram fogo sobre a força, ferindo um official e seis policias e matando dois. Em virtude d'esta resistencia, a policia fez tambem fogo, ferindo gravemente onze contrabandistas e matando tres.—(Americana).

O caso d'«A Voz da Justiça»

Prisões arbitrarias e injustificaveis

FIGUEIRA DA FOZ, 26.—Sobre o telegramma enviado pelo correspondente da Agencia Havas n'esta cidade, relativamente ás prisões dos srs. Manuel Jorge Cruz e Carlos d'Assumpção, respectivamente director e editor do jornal local «A Voz da Justiça», temos a accrescentar que, segundo nos consta, esses senhores se encontram em incommunicabilidade rigorosa n'um dos calabouços da Penitenciaria de Coimbra.

O motivo da dupla prisão é já bem conhecido, ainda que inacreditavel: originou-a um artigo que afinal não chegou a ser publicado, sahindo em seu logar um largo espaço em branco!...

Certamente o sr. secretario d'Estado do interior não sancionará a ordem do sr. commissario da policia de Coimbra—que foi, consta-nos, quem mandou proceder á captura—visto que a lei de imprensa não permitte este «desideratum»... desesperado.

No emtanto, a população figueirense vae commentando a seu modo e com pequenas variantes as duas prisões e quasi toda é unanime em se manifestar contra a violencia das auctoridades.

Pela nossa parte e como collegas, protestamos indignadamente contra tamanha affronta, que visa não sómente a «Voz da Justiça» como a imprensa em geral.

N. da R.—Isto o que nos diz o nosso correspondente. Por nossa parte, achamos extraordinario o facto. O crime consiste na divulgação da materia do artigo. Desde que essa divulgação se não fez, não houve crime—se crime se póde chamar a um artigo politico. Quer-nos parecer que é levar demasiado longe o facciosismo.

Atropelamento

Ao hospital de S. José foi receber tratamento Antonio Paes, de 52 annos, carroceiro, que foi atropelado por um electrico na rua de S. Bento, ficando contuso na perna esquerda.

A guerra

A cooperação de Portugal

O general Garcia Rosado em França

PARIS, 27.—O general Garcia Rosado, commandante do Corpo Expedicionario Portuguez, chegou a esta capital, vindo de Londres, a fim de assumir as funcções do seu alto cargo na linha de batalha.—(Havas).

A guerra no Oriente

Actividade da artilharia, installações militares bombardeadas

PARIS, 26.—Communicado do dia 23, relativo ás operações no Oriente: —Em toda a linha de operações, tem havido actividade de artilharia e de patrulhas, tendo sido repellido um reconhecimento inimigo na Albania. A aviação franceza lançou 500 kilos de explosivos sobre as installações militares de Hudeve e Graiske, e a aviação britannica bombardeou a região de Seres.—(Havas).

A guerra aerea

Gare, fabricas e aerodromos bombardeados

LONDRES, 27.—Communicado sobre aeronautica—Na noite de 25 para 26, os nossos aviadores atacaram com exito a gare do caminho de ferro de Francfort e as fabricas de productos chimicos de Mannheim, tendo lançado duas tonelladas de bombas sobre as referidas fabricas produzindo explosões e incendios. Todos os aeroplanos britannicos tiveram de arrostar com violentas tempestades antes de attigirem os objectivos. Outros aviadores atacaram os aerodromos inimigos lançando 4 tonelladas de bombas com bons resultados. Regressaram todos os nossos aviões.—(Havas).

Um hydro-avião que se afunda

WASHINTON, 27.—Um hydro-avião com 3 tripulantes, chocou com outro apparelho, em consequencia do que cahiu no mar afundando-se.—(Havas).

A' cerca da nossa guerra

Rectificando

Com a epigraphe que nos serve do sub-titulo publica «A Ordem»:

«A' «Capital» agradecemos a quasi integral transcripção do artigo de domingo, do nosso director, «Desenrolando o sudario». Simplesmente lhe observaremos que «A Ordem» não tem a honra de ter por director o sr. dr. Pinto Coelho, que lá de longe em longe nos presta a sua valiosissima collaboração e que o artigo transcripto ia firmado com o pseudonymo «Nemo» adoptado pelo nosso director, que se ufana de ter, na apreciação da guerra actual, identidade de opiniões com o illustre causidico e distincto escriptor sr. dr. Domingos Pinto Coelho.»

Pedimos desculpa do involuntario erro por nós commettido. Elle não prova senão que, entre os catholicos alliadophilos, ha muita gente de grande coração. D'ahi a possibilidade do equivoco.

O que nós quizemos que ficasse bem destacado é que, entre os catholicos de A 'Ordem» e os de «O Dia» ha a profunda differença que vae da sinceridade á hypocrisia. E' evidente que o mesmo Deus não póde servir causas tão moralmente divergentes. O Deus de «A Ordem» é o dos christãos; o de «O Dia» é o velho deus allemão, famoso bebedor de cerveja, dado á pratica de todas as crueldades, sempre prompto a absolver os actos de iniquidade praticados pelo «boche» para conseguir a escravisação do mundo e rangendo os dentes aos defensores do Direito e da Liberdade. Por isso «O Dia» pediu a forca para os portuguezes intervencionistas, cego de raiva e de odio porque estes vêem a Patria atravez do coração governado pelo cerebro, emquanto que os germanophilos, digam-se ou não catholicos, sejam ou não monarchicos, não sentem o impulso patriotico senão atravez d'um figado minado pelo virus d'uma politica de raivosa epilepsia.

Ha dias reproduzimos n'estas columnas dois trechos de oratoria. Um d'elles foi pronunciado por um homem de sotaina; o outro por um estadista de farda. Pois dir-se-hia que estavam trocados! Emquanto que a palavra do sr. Bispo de Portalegre vibrava de emoção patriotica, ensinando, aos correligionarios, que os mortos gloriosos da guerra se immortalisaram na historia de Portugal e cumpriram um dever de portuguezes e de christãos—a outra, a do sr. coronel Amilcar Motta, ministro da guerra, era descolorida, amorpha, desfeita em lagrimas convulsivas d'uma carpideira d'officio... Que differença!

Outro homem de farda—o bravo general Gomes da Costa—fala agora. Este não chora. Este diz verdades. Este grita como um homem crente e como um militar valoroso. Anima-o a mesma fé os destinos da Nação, que ao Bispo de Portalegre: não quer que o exercito portuguez seja, em França, um rancho de alveadores dos campos de batalha, mas uma unidade combatente, capaz de sustentar as tradições gloriosas do Exercito.

Eis como o general Gomes da Costa conclue a carta que hoje publica um jornal da manhã:

«Do que devemos tratar, como homens de acção e praticos, é de reconstituir o corpo de exercito, mantendo o nosso logar na guerra, d'onde não poderemos sahir airosamente senão quando ella terminar. Precisamos demonstrar mais uma vez que podemos e que remos «viver», e que não é um simples revez que nos faz retirar da frente de batalha e metter em casa a chorar e a procurar desculpas de creanças.

Portugal ainda não findou a sua missão historica; revezes como os de 9 de abril, e muito maiores, soffreu-os a Inglaterra e soffreu-os a França; e nenhuma d'essas nações se pôz, por isso, a chorar, nem pensou sequer em retirar; pelo contrario, todo o povo, após cada revez, redobrou de energia e de esforço para bater o inimigo,—e estão batendo-o. Façamos nós o mesmo. Se não podemos manter um corpo de exercito na França, mantenhamos pelo menos uma divisão, «mas essa completa», sempre completa. Isso é que é indispensavel. E quanto á questão de transportes, não parece que seja problema tão complicado como o teem pretendido fazer. Onde estão os vapores allemães apreendidos após a declaração de guerra? E quando esses não houvesse, a marinha nacional não póde fornecer esses transportes por uma vez? Não podem as emprezas de navegação fazer um sacrificiosinho quando toda a gente se está sacrificando? A manutenção da representação portugueza na guerra é hoje uma questão de honra nacional e uma questão de interesse pratico, por isso que na conferencia da paz só terão voto aquelles que tiverem ainda as armas nas mãos.»

Os democraticos intervencionistas foram accusados no Parlamento e fóra d'elle dos maiores crimes, todos resumidos n'este, que é medonho: terem posto em França um corpo de exercito a duas divisões. Desde 5 de dezembro do anno passado para cá quantos mezes passaram?... Pois ainda se não conseguiu, ao menos, estabelecer e regularisar o «roulement». Presentemente, temos uma divisão em França, com o que resta da organisação, boa ou má, que primitivamente lhe foi impressa.

Quaes são então os erros praticados que ainda não foram reproduzidos?..

Parece haver o proposito de seguir-se uma politica dissolvente, que torne impossivel a continuação da actividade militar portugueza nos campos de batalha. Para isso pediu-se na Camara dos Deputados a affixação da valiimaria ministerial—mas muito pouco romana...—invectivada contra os portuguezes intervencionistas. Pois em vez d'esse arrazoado era preferivel—era mesmo necessario!—que fossem affixados e distribuidos por toda a parte o discurso patriotico do sr. Bispo de Portalegre e a carta, tão vibrante de verdade e de ardor combativo, do bravo general Gomes da Costa!

QUESTÕES D'INSTRUCÇÃO

Internatos nos lyceus

Pômos sempre em pratica o que nas outras nações já foi posto de parte

Foi sempre uma coisa, quando não votada absolutamente ao abandono, considerada de somenos importancia, a instrucção publica no nosso paiz. Os que teem a seu cargo curar d'ella, ou não o fazem ou a emaranham em reformas inexequiveis pelas complicações que formam os seus programmas de ensino.

Não ha ainda muitos mezes que se levantou em todo o paiz uma campanha que ficará na historia do ensino publico contra o celebre decreto 3091, campanha que parece terá de recrudescer com a publicação da reforma do regulamento da instrucção secundaria, que deve ficar concluido no fim do mez que corre, coisa tão transcendente, tão extraordinaria, que ninguem considerado profano pelas altas regiões de ensino, conseguiu saber ainda qualquer coisa do muito que certamente comportará de sabio, de pratico, de bom.

E' tão grande o sigilo que envolve esse documento destinado a grande exito ou a grande «fiasco»—de um a outro ha um passo em todas as coisas da vida—que nem sequer a sua revisão tem sido feita pelos funccionarios d'esse serviço encarregados na Imprensa Nacional. Quando fôr publicado chegará ao conhecimento dos interessados.

Parece que a confecção d'esse regulamento é da autoria do quem formulou o decreto n.º 3091, de triste memoria, que deu logar a tumultos por parte dos estudantes, protestos dos paes ou tutores, e perdas de anno. Não ha, pelo visto, ninguem capaz de occupar-se de assumptos de instrucção publica n'este paiz além d'essa entidade.

Segundo nos informam o caso é outro. Existe no decreto com força de lei, n.º 4.650, de 14 de julho ultimo, que reformou a instrucção secundaria, um artigo, o n.º 114.º, autorisando o governo a crear lyceus com internatos em Lisboa, Porto e Coimbra, devendo a sua organisação ser regulada em diploma especial. Esta disposição já existia no decreto n.º 3.091 e contra ella se insurge o professorado livre, que vê ameaçados os seus interesses, sem resultados para o Estado.

Taes internatos já não existem, por motivo da sua improficuidade, nas nações que os adoptaram.

Em Inglaterra o que se faz é proteger o ensino particular. Para a installação de taes internatos ha já, segundo consta, edificios destinados. No Porto foi ou vae ser adquirido por 400 contos um collegio, que se diz destinado a hospital de typhosos, mas cujo fim utilisavel não é afinal bem conhecido. Em Coimbra o sr. ministro da instrucção propõe a compra do «Collegio Moderno», ao sr. dr. Oliveira Guimarães, e em Lisboa ou se adopta o Lyceu Pedro Nunes no caso ou vae ser construido edificio apropriado.

Hoje ficamos por aqui, mas voltaremos ao assumpto que é interessante.

O governador civil do Porto não pediu a demissão

E' inexacto que o governador civil do Porto tenha pedido a demissão, como d'aquella cidade informaram para alguns jornaes de Lisboa. Ainda hoje, o sr. major Margaride, interrogado pelo telephone, pelo chefe do gabinete do secretario d'Estado do interior respondeu que não tinha pedido, nem tencionava pedir a demissão.

A questão das subsistencias

Os fiscaes das subsistencias apprehenderam, em Loures, a José Lidão uma talha d'azeite, que estava sonegado. Foi autoado André Gomes Carapinha, do logar da Murteira, do mesmo concelho, por estar vendendo assucar a 1$00 o kilo tendo sido obrigado a vender 7 kilos ao preço da tabella. Tambem em Pinheiro de Loures foram levantados autos de amostras de farinha de trigo á Viuva de Manuel Lemos Duarte.

Os fiscaes em serviço no concelho de Arruda dos Vinhos teem encontrado quantidades de trigo superiores ás manifestadas.

Industria da Madeira

A commissão que junto dos poderes publicos tem tratado dos interesses dos madeireiros, gravemente feridos pelo decreto de 17 de julho ultimo, que creou as sobre-taxas, convida todos os madeireiros, que como tal sejam collectados para uma reunião que deverá ter logar na proxima segunda-feira, 2 de setembro, pelas 14 horas, n'uma das salas da Associação Industrial e onde deverá tambem ser apreciada a concessão que representa um monopolio feito a uma casa exportadora.

A Commissão.

«A Capital»
Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2881 — 9.º Anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Quarta-feira, 28 de Agosto de 1918

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71 — Preço 2 centavos

Dia a Dia

Da guerra e dos exercitos

Diario da guerra

Os alliados continuam obtendo exitos successivos. O kronprinlz da Allemanha deve estar a está hora bastante resignado, porque o seu primo da Baviera foi batido mais completamente do que elle.

Effectivamente, se o successo estrategico foi menor na Picardia do que na Champagne, os progressos tacticos teem muito mais importancia n'aquella região.

O inimigo foi obrigado a accentuar o seu recuo de uma a outra margem do Avre. A linha geral passa a oeste de Chaulnes. A tomada de Ribecourt, de Carlepont, a ameaça sobre Roye, Lassigny abalaram o dispositivo do inimigo e collocam Ludendorff na situação de ser forçado a retirar.

Os jornaes inglezes mostram-se enthusiasmados com a victoria do general Mangin entre o Oise e Aisne, com tanta maior alegria, quanto é certo que primeiramente não tinham visto nos ataques do 6.º exercito senão operações de interesse puramente local.

O marechal Foch ligou entre si as duas batalhas do Aisne e da Picardia, atacando no intervallo que os separa. Póde-se então dizer hoje, que os alliados atacam o inimigo sobre uma frente continua, que se estende d'Albert até Reims; ou se comprehendermos a pressão energica que Gouraud mantem sempre a leste de Reims, d'Albert até quasi á Argonne.

Havia muito tempo que uma batalha não se feria sobre uma tão vasta extensão da frente occidental. E' preciso, para encontrar uma frente analoga, retroceder á batalha do Marne e do Grand-Couronné do Nancy em 1914.

A pressão constante exercida em Lassigny e Albert obrigará certamente os allemães a recuar para uma nova linha de Hindenburgo, como succedeu em março de 1917.

Parece haver indicios de preparativos para uma tal operação e na imprensa germanica alguns orgãos preparam a opinião publica para não se perturbar com a noticia da retirada.

A offensiva dos alliados

Os allemães são obrigados a recuar—Povoações occupadas pelos francezes

PARIS, 27—Communicação official de hoje ás 23 horas—Cedendo á nossa pressão continua, o inimigo foi constrangido hoje a accentuar o seu recuo de uma e outra margem do Avre. N'uma frente de cerca de 20 kiloetros, quebrando todas as resistencias locaes, as nossas tropas realisaram um avanço que excede 4 kilometros em certos pontos. A nossa linha geral passa immediatamente a oeste de Chaulnes, Gruny, Carrepuis, Roye, Laucourt e Crapeaumesnil. Fizemos prisioneiros. A lucta de artilharia continua bastante viva na região de Lassigny e entre o Oise e o Aisne.—(Havas).

Na linha ingleza travam-se violentos combates, realisando-se sensiveis progressos

LONDRES, 27—A Agencia Reuter sabe que ao longo de toda a linha britannica se realisaram hoje progressos sensiveis, a partir do sul do Somme até ao norte de Arras. A linha que segue na direcção sul-norte corre hoje a leste de Liancourt para passar em Halluf e a leste de Herleville e depois, chegando ao Somme, attinge as proximidades de Dompierre, que continua occupado pelos allemães. Mais ao norte tomámos Maricourt e Flers. O norte d Bapaume continua em poder do inimigo. Chegámos ás proximidades de Vaulx-Vraucurt e Ecoust-Saint-Mein; d'alli a linha recua para Croisilles que os allemães continuam a conservar. Croisilles forma agora um saliente allemão, ao norte do qual tomámos Gavrelle. Violentos combates tiveram logar no bosque Delville, proximo de Longueval; não tomámos o bosque e parece que fomos repellidos para a aldeia de Longueval.—(Havas).

Os francezes effectuam um novo e importante avanço

LONDRES, 27—Informação da Agencia Reuter d'esta noite—O primeiro exercito francez, sob as ordens do general Debeney, avançou hoje trez milhas em profundidade n'uma frente de oito milhas, e tomou Roye e Crapeaumesnil ao sul de Roye.—(Havas).

*

Nas linhas italianas

Lucta corpo a corpo, vantajosa para os alliados—Vivas acções d'artilharia

ROMA, 27—Commando supremo—Na região a noroeste do monte Grappa e no Montello tiveram logar vivas acções de artilharia. No valle do Concei (Giudicaria) foi promptamente repellida uma tentativa de contra-ataque contra as nossas posições. A oeste do Asiago, apesar do violento fogo do inimigo, os destacamentos britannicos effectuaram um brilhante «raid» nas posições inimigas, estabelecendo-se um aterrivel lucta corpo a corpo com a guarnição e regressando ás linhas com 270 prisioneiros, entre elles 6 officiaes e algumas metralhadoras. No Piave central as nossas forças exploradoras capturaram armas e materiaes ao inimigo. Os nossos corpos de aviação, apesar das desfavoraveis condições athmosphericas effectuaram com exito um bombardeamento sobre os campos de aviação e outros objectivos militares.—(Havas).

A guerra aerea

Os aviadores inglezes bombardeiam docas, fabricas e aerodromos, com magnifico resultado

LONDRES, 27—Communicado do almirantado.—No periodo que vae de 19 a 25 do corrente os nossos contingentes aereos, trabalhando de concerto com a marinha, bombardearam as docas de Brugges, o molhe de Zeebrugge, o canal de Zeebrugge, as docas de Ostende, Saint Pierre e Capelle, as fabricas de Solvay, Middlekerke, Westendee Mariakerke, assim como os aerodromos de Ostaker, Gistelles, Mariakerke e Vlisseghom. Lançámos cerca de 27 toneladas de bombas. Em Brugges observámos um bom numero de tiros directos no hangar dos submarinos, assim como explosões nas duas docas da bacia de oeste. Nas docas, foram provocadas duas grandes explosões e dois grandes incendios. Atacámos os navios inimigos e as baterias de terra, destruimos 5 apparelhos inimigos e fizemos cahir sem governo outros 5. Faltam 4 dos nossos.—(Havas).

* *

Operações no Oriente

Bivaques inimigos bombardeados

PARIS, 27—Exercito do Oriente em 26—Na Albania, devido ao revez que infligimos ao inimigo no violento ataque do dia 25, as nossas tropas puderam effectuar o seu ligeiro movimento de recuo sem serem inquietadas; o contacto com as tropas italianas mantem-se. A aviação britannica bombardeou bivaques inimigos na região de Demir Hissard.—(Havas).

*

De todo o mundo

O tunel sob o canal de Gibraltar

RIO DE JANEIRO, 27—Os consules da França e da Inglaterra declararam á imprensa que os congressos dos engenheiros francezes, inglezes e hespanhoes, ultimamente realisados em Paris e em Londres, approvaram por unanimidade uma moção pedindo aos governos respectivos a abertura do tunnel sob o canal de Gibraltar, ligando a Europa á Africa. Após a abertura d'este tunnel será inaugurado o caminho de ferro de Paris a Dakar, que reduzirá a sete dias de viagem de Londres-Paris ao Rio de Janeiro, facilitando extraordinariamente as relações commerciaes entre o Brazil, a Hespanha, a França e a Inglaterra.—(Americana).

POLITICA

Outra anecdota para a Historia

O sr. Presidente da Republica não tem, com certeza, a simplicidade de concepção que caracterisa o sr. Tamagnini Barbosa. Pelo contrario: é muito mais complexo. D'est'arte nem todos os planos do illustre Secretario de Estado do interior recebem o beneplacito do Chefe de Estado, a quem, como é natural, são previamente submettidos, embora os detalhes da execução venham a pertencer, exclusivamente, ao sr. ministro do interior. Felizmente para o sr. Presidente da Republica!

Ha dias estudou-se a questão dos «soviets». O sr. Tamagnini Barbosa assegurou a sua existencia e perfeita organisação. Estavam promptos a sahir para a rua. E era preciso, era indispensavel, matal-os á nascença...

A policia do sr. Tamagnini Barbosa é excellente, como acontece com a de todos os ministros do interior. A do sr. Almeida Ribeiro tambem era boa, sem duvida, mas como recebera ordem para imitar Homero, desatou a dormir infindavelmente. A de agora, não é assim: está sempre desperta! Logo, descobre tudo quanto é preciso descobrir e quando convem que se descubra. E' pois, de admirar que tenha posto a limpo essa coisa dos «soviets» portuguezes? E póde acaso surprehender que tivesse arranjado tambem um, para seu uso e gôso?

O sr. Tamagnini Barbosa dizia, pois, ao sr. Presidente da Republica que, o melhor, mais rapido e efficaz, seria o governo ir ao encontro da revolução social, fazendo surgir á luz do sol—ou da lua...—o seu «soviet» policial, chamariz dos outros, dos authenticos. Depois—está-se a vêr!—era uma limpeza...

—Isto é o melhor, dizia o sr. Tamagnini Barbosa. Faz-se rebentar o bubão e applica-se-lhe o cauterio...

O sr. Presidente da Republica torceu o nariz:

—Hum!... Não me parece: estas coisas sabe-se como começam mas não é possivel prevêr-se como acabam!...

Policia de Lisboa

O sr. governador civil de Lisboa dirigiu ao sr. commandante da policia um officio expressando a sua satisfação pelo garbo com que as praças d'aquella corporação se apresentaram nos ultimos exercicios, pela boa vontade da parte dos officiaes e chefes e pela orientação que o commandante tem dado ao corpo sob as suas ordens.

PROCESSOS DE "O DIA"

A' morte os responsaveis!...

«O Dia» entrou em delirio agudo, graças ás pontas de fogo que aqui lhe applicámos, a vêr se elle se doia e despertava. Estava mesmo, apathico o innefavel orgão do monarchismo dissidente. Afinal, embora a custo, foi-se espreguiçando e ejaculou uma prosa cheia de veneno, onde a verdade dos factos soffre aquella tortura com que «O Dia» a costuma adaptar ao sabor das suas intenções malevolas e das suas paixões mesquinhas.

Allega que nós lhe deturpamos a prosa. Queremos destruir-lhe esse recurso de defeza. Vámos reproduzir a parte essencial do artigo em questão, apezar do prejuizo material e moral que d'ahi nos resulta. Eil-a:

«O que não póde consentir-se, porém, porque exige tal reparação a memoria de tantos que em terra estrangeira foram encontrar a morte, embora gloriosa, o que não póde permittir-se, porque assim o reclama tanto sangue generoso de portuguezes agora vertido em França, é que se continue ignorando porque foi que se mandou toda essa gente para a guerra na Europa em que, segundo é voz corrente, só participámos «a instancias» e «a rogo» dos que governavam a republica e não porque tivesse sido expontaneamente feita qualquer exigencia do «unico» dos belligerantes d'onde ella poderia vir—a Inglaterra—pois com nenhum dos outros tinhamos alliança que a tal pudésse levar-nos.

Duas personalidades militares ficaram em relevo n'essa intensa propaganda para a cooperação na guerra: Norton de Mattos e Leotte do Rego.

Um e outro se moviam ao lado de Bernardino Machado, a mola real d'esse macabro triumvirato. Acaso algum d'esses dois antigos officiaes já exemplificou até hoje a sua dedicação pela Liberdade, pela Civilisação, pelo Direito e pelo Progresso, indo dar o corpo ao manifesto, fazendo o que, lá fóra, tantos outros teem feito, indo alistar-se na legião estrangeira e batendo-se como voluntarios no «front»? Ha mais de quatro mezes que fugiram de Portugal. Não deveriam ter gasto sequer quatro semanas a chegar ao «front», onde lhes cumpria terem ido combater, já que para lá tinham mandado dezenas de milhares de compatricios seus, emquanto um fazia a guerra... dentro do seu gabinete do Terreiro do Paço e outro apregoava-a do alto da ponte do «Vasco da Gama»...prudentemente surto no Tejo, em quanto o então major Luiz Galhardo «fazia a guerra...» da Demagogia contra a Ordem, installado no quartel do Carmo, junto de Correia Barreto, general guerreiro... em tempo de paz.

Pois é preciso que o paiz saiba o que fez como chefe do governo e depois na presidencia da republica a nefasta creatura que é o principal culpado de todas as nossas desgraças e, a seu lado, os que acabamos de citar e muitos outros, a começar no sr. Affonso Costa, agora emprezario da «revolução»: e tambem não pode deixar de conhecer-se o que fizeram os governos que se succederam no poder desde 1914, pois tudo constará certamente dos archivos do ministro dos estrangeiros, cujas reservas diplomaticas não podem ir mais longe do que, em casos analogos, teem ido nos paizes belligerantes.

O paiz, que se não exime aos maximos sacrificios em vidas e em recursos, tem o direito de ser esclarecido e confiamos que se não eternisará este regimen intoleravel de mysterio, que tem de acabar, porque a opinião publica começa a despertar do seu lethargo e tem agora exigencias que se legitimam em epicos sacrificios!

Ninguem pensaria em exigir responsabilidades se, invadido o territorio patrio, não só dezenas, mas centenas de milhares de vidas se perdessem para defendel-o. Ninguem quereria então saber se era republicano ou não o governo da nação, porque portuguezes todos sômos e commum o patrimonio d'esta terra bemdita onde nascemos, onde jazem os que nos foram queridos, onde repousaremos tambem.

Ninguem condemnaria, mesmo na hypothese d'uma guerra além fronteiras, como esta, os que tivessem de ceder á coacção, vencidos pelo direito da força.

Mas se assim não foi, como se diz, e tudo indica ter havido «instantes, offerecimentos...» de tantas vidas e de tantos sacrificios, feitos pelos que jámais expuzeram a propria vida nem se sugeitaram a quaesquer riscos e abriram a muitos encravados «patriotas» a carreira para millionarios, não podem taes crimes ter perdão. E não só aos que teem perdido na guerra os que eram a sua alegria e o seu arrimo, mas a todos os que teem a responsabilidade de tudo isto haverem permittido pelo resignado assentimento á politica que se seguiu nos ultimos annos, incumbe o dever, e não só assiste o direito, de exigir que esses grandes responsaveis sejam julgados no grande tribunal da opinião publica quando não possam ser amarrados ao banco dos reus e sentenciados ás penas maximas que, com todas as aggravantes, castigam os culpados dos mais monstruosos crimes de assassinio!»

Aquillo que hypocritamente apoquentou «O Dia» foi que se tivesse mandado gente nossa a combater na Europa, como se não fôsse em França que se estivessem a decidir os destinos do mundo. O que elle queria é que assistissemos impassiveis á victoria do «boche» na Europa, como se essa victoria não nos custasse a perda do dominio ultramarino, qualquer que fôsse a sorte das armas portuguezas em Africa. Enviar gente nossa para as colonias, não era crime, no entender de «O Dia»; mas envial-a a combater no theatro principal da guerra—unico que marca e marcará definitivamente,—isso é que era crime de lesa-Nação!

«O Dia» dil-o assim, n'estes termos: ... «que se continua ignorando porque foi que se mandou gente para a guerra na Europa...» Póde haver maior exemplo de hypocrisia, do que o estampado, assim, nas columnas de «O Dia»?

Depois, mais adiante, accrescenta que «ninguem pensaria em exigir responsabilidades se, invadido o territorio, não só dezenas, mas centenas de milhares de vidas se perdessem a defendel-o.» Aqui «O Dia» finge esquecer que o territorio colonial é portuguez, tão portuguez como é o do continente. E as nossas colonias foram invadidas, não só depois de 1914, em Angola, mas já anteriormente, em Kionga. Apezar d'isso «O Dia» vocifera por apuramento de responsabilidades contra aquelles que promoveram o castigo do «boche» invasor do territorio nacional!...

E, agora, este periodo, que é um verdadeiro grito d'alma:

«Ninguem condemnaria, mesmo na hypothese d'uma guerra além fronteiras como esta, os que tivessem de ceder á coacção, vencidos pelo direito da força.»

Quer dizer: se os soldados portuguezes tivessem ido para França coagidos por uma força estranha, então ninguem pensaria em condemnar os responsaveis. Mas tendo para lá ido afim de se defender a nacionalidade, nos campos de batalha onde se jogam os destinos do mundo inteiro, então sim, então... morte ignominiosa aos responsaveis!...

Vejamos, porém, a opportunidade do artigo de «O Dia». Assim tudo ficará explicado. A moralidade do conto ressurgirá nitida, clara, sem sombra de duvida.

O artigo em questão foi publicado em 15 de abril. No dia 9 de abril os allemães atacavam o sector portuguez. Milhares de vidas pagaram a resistencia terrivel das tropas de Portugal. Em 11 e 12 do mesmo mez as primeiras noticias chegavam a Lisboa, não deixando duvidas ácerca do desastre glorioso dos defensores da França. Depois seguiu-se um periodo de dolorosa espectativa. Que extensão tivera o desastre? Não se soube. Ainda mesmo não se sabe. Mas havia um recuo na frente anglo-lusa e os «boches» corriam desesperadamente sobre Amiens, ainda mais, sobre Paris. Seria a derrota definitiva para os alliados? Conseguiriam estes deter o impulso das tropas do kaiser? Cruel incerteza! Cruel para nós, alliadophilos, que vivemos então horas bem afflictivas. Mas minutos de regosijo para a alma negra dos incondicionaes idolatras da Força e da Reacção, inimigos do Direito e da Liberdade. Para estes o «boche» ia vencer e Paris, centro do mundo, e Calais, porta de Londres, seriam fatalmente verminadas pela immundicie allemã, descendo em torrentes através das terras santas da patria da Revolução.

«O Dia» não poude conter-se. Era emfim chegada a hora de se vingar d'esses malvados republicanos, destruidores do constitucionalismo monarchico, campo excellente de exploração industriosa. Os «boches» ficariam triumphantes. «Deutchs uber alles!» sibilou, relvoso, por entre os dentes semi-cerrados. E então, suggestionado pelo execravel e inextinguivel odio á Liberdade, «O Dia» projectou no publico o artigo peçonhento, com que pretendia preparar a opinião para o julgamento e condemnação dos intervencionistas portuguezes. «A' forca! á fogueira!» gritou, desvairado, sentindo referver no cerebroso figado o odio aos amigos da Justiça e do Direito. «Que todos morram, todos os que tiveram responsabilidades na politica intervencionista! A' morte os responsaveis!...»

Elle lá o diz, claramente, no final do artigo sinistro, no artigo guilhotina:

«... esses grandes responsaveis sejam julgados no grande tribunal da opinião publica quando não possam ser AMARRADOS AO BANCO DOS REUS E SENTENCIADOS A'S PENAS MAXIMAS QUE, COM TODAS AS AGGRAVANTES, CASTIGAM OS CULPADOS DOS MAIS MONSTRUOSOS CRIMES DE ASSASSINIO!

Se ámanhã, por uma circumstancia infeliz, os alliados fraquejarem e as tropas dos «hunos» marcharem sobre Paris, «O Dia» volta á carga, epileptico, cheio de raiva e odio:

—A' morte, os responsaveis!...

Ha muitas eguaes, agora, na Romenia...

André Brun

Lêr, a partir de 1 de setembro, n'«A Capital», a brilhante secção de André Brun

"Migalhas"

Lêr, a partir de 1 de outubro, em folhetins de A CAPITAL, os capitulos de

"A malta das trincheiras"

série de interessantes episodios da vida dos nossos «poilus» em França.

O cão do inglez

Faltariamos a um dos mais sagrados deveres se não archivassemos n'estas columnas um interessante episodio

Transcrevemos de «A Manhã» de hoje:

«O «Primeiro de Janeiro» do Porto, chegado a noite passada, insere o seguinte, que merece a pena lêr-se, tantos são os curiosos episodios a que allude:

... O ministerio dos estrangeiros tem agora a preoccupal-o um caso bicudo, entre outros, e em que está envolvido o sr. Machado Santos, caso que vae a pena contar pelo que possue de pittoresco e significativo. O «fundador da Republica» reside n'um predio da rua José Estevam, predio que tem como locatarios no rez-do-chão um subdito inglez e nos andares superiores o sr. Machado Santos e seu irmão o sr. Augusto Machado Santos. O inglez é dono de um cãosinho muito estimado que constitue o entretenimento dos meninos das familias do almirante e de seu irmão. Costumavam os mencionados meninos arremessar ao animal quesquer coisas que elle devorava com prazer mas que lhe prejudicavam a preciosa saude, no dizer do inglez, que contra o facto não se cançou de lavrar constantes e ruidosos protestos. Ora os pequenos tomaram de ponta o filho de Albion e um d'elles, apanhando-o no quintal a lêr gulosamente o «Times», atirou-lhe á careca um caroço de pecego. O inglez exasperou-se e eil-o gritando a sua indignação, voltado para as janellas do almirante, que estava em casa e não se conformou com os desgajos da linguagem do visinho. O sr. Machado Santos, armando-se com um vergalho, desceu a escada e bateu á porta do inglez, disposto a applicar-lho nas costas. Mas o fiel alliado não se intimidou e quando abriu ás intimações do sr. Machado Santos apontou-lhe friamente uma pistola, antes que elle tentasse desancal-o com o vergalho. O almirante foi aos ares, perante a attitude do britannico; fez bulha, acorreu a policia e, quando soube que a pessoa contra a qual o homem do rez-do-chão se dispunha a disparar era o «fundador da Republica», deu voz de prisão ao inglez e lá o levou para a esquadra. Mas este não podia conformar-se com a violencia e reclamou junto do seu ministro. Foi solto, organisando-se no entanto um processo, por causa da reclamação, processo que está no ministerio dos estrangeiros, não se calculando o seu desfecho...»

Teriamos que lastimar, a esta hora, uma grande tragedia, se as iras provocadas pelo cão do inglez não tivessem sido moderadas pelo cão da pistola...

Ao leitor d'A CAPITAL

Depois de lido, enviar este jornal á *Junta Patriotica do Norte* (Paços do Concelho—Porto), a fim d'esta o mandar para os nossos soldados no «front».

Coisas de hoje

Como se fazem officiaes

Uma das difficuldades com que Portugal mais cedo deparou, ao enfileirar ao lado das nações civilisadas foi, a constituição de quadros de officiaes em numero tal que pudesse pôr á frente da gente mobilisavel. O legado da monarchia, quasi nulo em preparação militar, e mesmo a impossibilidade de antever uma proporção tão grande de effectivos em pé de guerra, tinham-nos perfeitamente escorridos de pessoal habilitado a conduzir tropas. As isenções mais ou menos favorecidas de grande numero de jovens com educação e cultura, a nenhuma importancia ligada aos quadros das reservas ou aos milicianos, causaram um embaraço enorme á nossa mobilisação. Identica situação, de resto, resultou para a Inglaterra e recentemente para a America, obrigadas não só a erguer, da nula preparação guerreira d'uma massa civil, um exercito, mas elementos que o commandassem. Ora as tropas para uma lucta como a moderna são faceis de conseguir, officiaes não se improvisam tão rapidamente.

Cada paiz adoptou um regimen e uma orientação para attenuar esta difficuldade. Portugal tambem creou os seus officiaes, augmentou grandemente os seus quadros; e da forma como os organisou, educou e preparou, se falará mais tarde, entrando em muito justa consideração com a forma como elles se desempenharam da missão tão altamente patriotica que lhes foi confiada. Mas, não deixa de ter interesse, sem o mais leve assomo de estabelecer paralelos, vêr a forma como os americanos, com o seu espirito mestre de logica e reflexão, resolveram o espinhoso problema.

* * *

Desde o primeiro instante, a America «viu», que aquelles que iam contribuir pela technica, pela dedicação, pela paciencia, pela solicitude, para decidir da sorte da guerra, não podiam ser nomeados de afogadilho, e que a escolha a fazer para esses «manejadores de homens», necessitava uma observação attenta, uma prudente circumspecção e um conjuncto de precauções de molde a não dar logar a nenhuma nomeação inconsiderada ou intempestiva.

A 14 de maio de 1917, quarenta mil homens, approximadamente, seleccionados escrupulosamente, foram enviados para escolas especiaes, a fim de ahi trabalharem até se tornarem officiaes competentes. Estes 40.000 homens foram retirados do exercito regular; puzeram á sua disposição os campos de ensino.

Tudo que francezes, inglezes, italianos e tudo o que os austro-allemães aprenderam á sua custa, serviu para instruir os futuros officiaes dos E. U.

Exigiu-se-lhes muito, antes de os promoverem; prestaram provas, tiveram de dar serias garantias não só d'um conhecimento profundo do «metier», mas ainda de aptidões fisicas, intellectuaes e moraes. Um telegramma de Washington chegou um dia ás escolas, dando a saber que toda a tentativa de recommendação particular ou influencia politica pedindo protecção seriam consideradas como graves factos.

A estada nos campos de instrucção era de 3 mezes, ao fim dos quaes os candidatos eram julgados aptos ou não a sahir das fileiras para as commandar. Esses 3 mezes eram laboriosamente occupados.

Alvorada ás 5,40 da manhã, trabalho intensivo todo o dia, só com uma hora de descanço—até ás 9 e meia da noite, hora do recolher.

Feriado era do meio dia de sabbado a segunda-feira mas de pouco se podiam aproveitar d'esse tempo de liberdade visto que era necessario consagral-o ao estudo. Porque, independentemente dos exercicios, das theorias, das conferencias feitas pelos technicos reputados, as tropas dos campos de instrucção tinham de ter conhecimento de livros confidenciaes e elaborados para elles, pelo grande estado maior e onde os interessados tinham de se embeber, por assim dizer. Essas obras eram de um modernismo flagrante. Uma dava os diagrammas do ataque allemão em Verdun. Outro expõe os methodos de ataque dos exercitos francez e inglez. Outra ainda, dá a traducção dos artigos mais importantes publicados n'uma revista militar allemã por um major allemão.

Quanto aos methodos da guerra, instruiram-se sobre o que de melhor existia nos processos allemães, francez e inglez, e eliminando o que parecia defeituoso e o que em algum sitio tivesse dado resultados pouco satisfactorios.

Um official de artilharia, por exemplo, deve estar ao corrente das leis militares e dos regulamentos que presidem ás manobras e acções da cavallaria ou infantaria. Tem de saber tratar dos cavallos, como se deve utilisar d'elles para ter o maximo rendimento, como se deve utilisar de todo o material d'uma bateria, como cuidar d'elle, como dirigir os seus fogos, as tacticas de ataque, de defeza, de retirada; quaes os methodos europeus mais empregados recentemente para cobrir a infantaria. Deve conhecer o funccionamento do semaphoro, do heliographo, do telephone, do telegrapho, ter conhecimento da vida das trincheiras, etc.

Por tudo isto, não superficialmente, succede que os officiaes de reserva do exercito nacional americano são preparados d'uma forma tal, que os habilita a desempenhar o papel de verdadeiros chefes á altura da sua importante missão.

O seu moral e a sua comprehensão dos deveres em face da nação e dos homens que commandam não são inferiores ás noções profissionaes e ás aptidões phisicas que são exigidas d'elles.

O soldado americano nunca será tratado como o soldado allemão, machina organisada, automato bem regulado que os officiaes não consideram senão um instrumento docil, desprovido sistematicamente de iniciativa pessoal, carne desprezivel para canhão, que é olhada atravez d'um monoculo desdenhoso, e que elles commandam sem carinho, brutalmente, seccamente, com uma voz dura e inflexivel.

O soldado americano é, apesar da farda, um homem livre, um cidadão, que se bate não só «pro aris et focis», mas em nome das grandes verdades eternas; a justiça e o direito. A este soldado consciente é preciso inspirar o respeito, o affecto e a confiança: é preciso fazer-lhe comprehender que a disciplina é uma necessidade para aquelle que a impõe, um dever para aquelle que tem de a cumprir.

Ora o official de reserva, «o miliciano», do exercito nacional dos Estados Unidos é educado de forma a tratar com os inferiores d'uma maneira correcta e amigavel, a conciliar a sua differente entonação e a harmonia entre a grande familia militar americana é assim completa, porque a esta preparação se junta o desejo de bem servir, e a comprehensão dos subordinados.

Independentemente da primeira inspecção medica á qual todos são submettidos á entrada para os campos os futuros officiaes são objecto d'um novo exame antes da promoção. Se este exame medico lhes fôr desfavoravel, a sua carreira findou. E, os que resistem ás duras provas dos 3 mezes de intensiva preparação, podem estar tranquillos que são da tempera que ha de vencer na guerra.

Quanto á formação e organisação d'estes campos de instrucção, seria longo narral-as e sem interesse; basta que se saiba, que o espirito methodico, sobrio e largamente avançado do americano, presidiu a ella com o carinho com que emprehende as suas grandes obras. Do resultado obtido tambem é desnecessario falar: estão na ordem do dia os triumphos constantes que, de ha tres mezes para cá, os americanos veem conseguindo nos campos onde a lucta é mais feroz. Chateau-Thierry primeiro, depois todo o avanço ulterior e a cooperação efficaz nas victorias d'este mez, de hontem, de todos os dias. Os allemães sentem-nos, adivinham-nos. A primeira victoria foi já conseguida: a superioridade sobre o moral inimigo. D'ahi ao fim é um arranco só.

Mario de Almeida

Realisou-se o enlace matrimonial d'este nosso prezado collega de redacção e distincto escriptor com a sr.ª D. Maria Helena Teixeira de Mello, uma gentil e prendada senhora, dotada de excellentes qualidades de caracter.

A cerimonia civil realisou-se hontem em casa da mãe do noivo, a illustre actriz D. Maria Pia, e a religiosa effectuou-se hoje de manhã na egreja do Coração de Jesus.

Aos noivos, que esta noite partem em digressão pelo norte de Portugal e Hespanha, desejamos as maiores venturas.

O governo provocando a alta do agio

Como já dissemos, os Transportes Maritimos, quando teem um navio disponivel para embarcar vinhos para França, convidam os exportadores a requisitar o espaço de que necessitam, indicando, elles, no acto, a quantidade que desejam exportar.

Foi o que ainda ha dias succedeu com um vapor .... Mas como os exportadores são muitos e a quantidade de vinho é sempre elevada, succede que, em regra geral, apenas é attendida uma parte minima dos pedidos.

O curioso, porém, é que quando o exportador se apresenta e declára a quantidade de vinho que tem a exportar, é obrigado a depositar immediatamente o preço do frete, como se o seu pedido fôsse attendido por completo. Esse frete é de 250 francos por 1.000 litros.

O navio a que nos referimos levou 2.000 cascos, menos 2 1/4 dos pedidos feitos, portanto o frete total a perceber seria de 300.000 francos. Os Transportes Maritimos não receberam, porém, só essa importancia, mas sim a de 13.500.000 francos approximadamente!

E' facto que dias depois são restituidas aos exportadores as quantias excedentes áquellas que na realidade teem a satisfazer, mas a verdade é que elles no caso que referimos se viram obrigados a ir buscar ao mercado o dinheiro que lhes era exigido e que subiu a mais de 13.000.000 de francos, ou sejam 520.000 libras.

O resultado immediato foi que o cambio sobre Londres se aggravou, passando de 31 para 29 7/16, ou seja por libra mais $411.

E não se trata só d'esse aggravamento. Estiveram immobilisados, durante dias, sem vantagem para ninguem, reportando-nos á ultima cotação do franco, 3.920 contos!

Comprehende toda a gente facilmente os enormes prejuizos e transtornos que de tal facto advêem. Os Transportes Maritimos são um organismo do Estado. E este, em vez de pôr todos os meios ao seu alcance tratar de attenuar a crise, vem landa, por uma exigencia que nada, absolutamente nada, justifica, concorrer para a alta do agio. Viu-se já alguma vez um tal despautério?

Um Estado no Estado

Onde se demonstra, com alguns exemplos recentes, que a Federação-Malhou põe e dispõe dos navios ex-allemães como se elles fossem da sua exclusiva propriedade — O escandalo jámais terá fim?...

Se ainda houvesse duvidas ácerca da iniquidade e da injustiça que presidiram á concessão do monopolio dos navios ex-allemães a favor da Federação-Malhou bastaria um simples facto para as destruir, tão demonstrativo da immoralidade administrativa elle é denunciador. O contracto Federação-Malhou nasceu torto e nunca mais será possivel endireital-o. O unico remedio contra os males economicos que elle produz seria a sua destruição. E isso ha de vir fatalmente a acontecer n'um futuro proximo, tão certo é que não pode já prevalecer a mentira contra a verdade. O contracto Federação-Malhou é a mentira economica mais descarada que até hoje tem conseguido inventar-se. Ruinoso para o bom nome de Portugal no estrangeiro, prejudicial aos interesses da viticultura, damnoso aos interesses legitimos dos exportadores de vinhos, a celebre negociata só convém á proliferação de novos ricos, á cuja frente marcham o sr. José Malhou e os seus socios. Funda-se tal exploração n'um arranjo imaginado pelo sr. Thiago Salles que, para tal fim, se fez nomear chefe do gabinete do sr. Machado Santos, no tempo em que este homem publico exerceu o elevado cargo de secretario de Estado das Subsistencias e Transportes. O sr. Thiago Salles teve artes de arrancar ao Estado o monopolio dos transportes maritimos para a conducção do vinho para França; armado com essa concessão escandalosa — concessão que se funda n'um contracto que se ignora qual seja, sabendo-se apenas que existe...— o sr. Thiago Salles entendeu-se com o sr. José Malhou e, d'esse entendimento, surgiu o contracto Federação-Malhou, onde todos são explorados e só o sr. José Malhou e seus socios, conhecidos—desconhecidos, auferem lucros calculados, por baixo, n'uns 7.500 contos. Tudo isto ficou demonstrado em artigos anteriores, sem que até hoje tenha sido decentemente contestado.

Na execução do contracto Federação-Malhou ainda as auctoridades dispensam aos monopolistas uma escandalosa protecção que excede tudo quanto é possivel imaginar-se. Se os exportadores pretendem embarcar vinho, submettendo-se ao arbitrario rateio imposto pelo governo, não cessam os expedientes para os fazerem desistir da praça, e alguns d'elles tão injustos que merecem, com justiça e propriedade, a classificação de inclassificaveis. Narremos um d'elles, ao acaso.

Já dissemos que se procede sempre a rateio da praça disponivel em cada vapor a largar para França. Pois os Transportes Maritimos exigem aos exportadores o pagamento adeantado de toda praça que elles pedem, em francos; mais tarde é-lhes restituida a differença, em conformidade da differença entre a praça pedida e o resultado do rateio.

Já isto representa, como é evidente, uma grande iniquidade, visto que, por meio d'um verdadeiro «conto do vigario» o Estado retem em seu poder uma quantia que elle sabe que ha de vir a restituir, em parte, depois de feito o rateio. Mas não para aqui a manigancia.

Os exportadores teem de entregar francos e não moeda portugueza. De forma que vem ao mercado comprar-os. Que resulta d'ahi? O aggravamento cambial, necessariamente. Mas pode ainda acontecer coisa mais grave, que é não encontrarem os exportadores a moeda franceza que o Estado lhes exige, ficando assim impossibilitados de fazer o deposito, a que se submettem pela força das circumstancias embora saibam muito bem que elle representa uma verdadeira extorsão.

Bem facil era de remediar isto, se acaso os poderes publicos não procedessem no proposito de difficultar a acção dos exportadores, em beneficio da Federação-Malhou. E o remedio era fazer-se o deposito em moeda portugueza, convertendo-se n'ella, ao cambio do dia, a importancia total de francos exigida aos exportadores. Mas o syndicato Federação-Malhou dispõe, parece, de poderosas influencias, que se não cansam de inventar, dia a dia, mais difficuldades ao legitimo commercio dos exportadores de vinhos portuguezes para França. Tudo á favor do sr. José Malhou, tudo, tudo!...

Ainda agora, com o annuncio da partido do vapor «Lago» para Rouen se deu um caso que merece ser aqui registado.

A capacidade da carga do vapor é de 2.000 pipas de vinho. A Federação poderá embarcar 750 cascos, tendo pedido praça para 2.000; qualquer carregador que tenha pedido os mesmos 2.000 obtem apenas praça para 46 cascos! Para que a Federação podesse embarcar os 750 cascos veiu ordem superior. Sempre o favoritismo a dominar a Justiça e a Equidade!

Mas ha mais ainda. Não basta ao governo dispensar praça excessiva á Federação, torçado talvez pelas condições leoninas do tal contracto de exclusivo arrancado pelo sr. Thiago Salles ao sr. Machado Santos. Exige-se ainda o deposito antecipado do frete, contra todos os usos e costumes e com o manifesto proposito de crear difficuldades ao exportador,—a vêr se elle desiste, para que mais praça possa ser concedida aos amigalhaços reunidos no contracto Federação-Malhou. E esse deposito, para o caso do vapor «Lagos», attingiu a bonita cifra de alguns milhares de francos, que os exportadores tiveram de andar a procurar no mercado, onde os cambiaes se tornam de dia para dia, mais elevados pela procura, como é natural.

O caso remediava-se sem grande difficuldade, se não se tratasse, é claro, de favorecer a Federação-Malhou, acima de tudo. Bastava para isso que o Estado recebesse o deposito em moeda portugueza, convertendo-se n'ella os 300.000 francos, ao cambio do dia. Mas d'esta forma não se creavam difficuldades aos exportadores — difficuldades quasi invenciveis—em proveito do syndicato Federação-Malhou, verdadeiro polvo sugador do commercio Nacional.

No caso do vapor «Lagos» o escandalo do favoritismo á Federação-Malhou é bem patente. Assim deu-se á Federação a regalia de embarcar 750 cascos; ao commercio exportador couberam, deduzidos os 750 cascos da carga e ficaram para o restante commercio 1.250 cascos, que ratearam praças dentre os 60 exportadores que pediram praça dentro da grande percentagem de 2,3 % para cada um sobre o que pediam. Dado que cada um houvesse pedido tanto como a Federação cabia-lhe fazendo a conta 46 cascos!

E' isto ou não uma grande iniquidade? E' isto ou não uma grande injustiça?

O sr. Malhou, commerciante previlegiado pelo Estado, carrega 750 cascos, «por ordem superior», ao passo que qualquer outro apenas consegue carregar 46 cascos!

Quem está ao corrente do negocio de vinhos sabe que Rouen é hoje o porto mais cubiçado para a collocação de vinhos, visto ser aquelle onde elle é mais caro e, portanto, onde melhor se paga.

Pois bem, o sr. Malhou e os seus socios, que os tem, carregam 750 cascos n'um vapor que não podo levar mais de 20.000 e os restantes carregadores só obteem praça para 46, havendo quem só consegue carregar 15!

Isto são factos.

Haverá alguem que os possa desmentir? Isto é moral? Pode continuar assim?

Mas a questão do sr. Malhou quer negociar a 3 p. c. a sua praça em barcos do Estado, que a todos devem pertencer, está sufficientemente clara, comprehensivel, embora envolva o maior dos escandalos.

Pois se o sr. Malhou gosa de todos estes previlegios, como se não ha de arrogar o direito de os negociar vantajosamente para si?

CAMBIOS

Lisboa, 28 de agosto de 1918

	Compra	Venda
Cheque sobre Londres	29 13|16	29 9|16
90 d|v.	30 1|8	
Cheque sobre Paris	900	907
» Hollanda	870	890
» Italia	215	225
» New York	1695	1715
» Madrid	395	405
Rio sobre Londres	12 1|8	—
Libras ouro	10$30	10$60
Agio do ouro	180 0|0	185 0|0

Maria de Mello Bastos

FALLECEU

Branca de Mello Bastos cumpre o doloroso dever de participar ás pessoas das suas relações o fallecimento de sua querida e saudosa irmã Maria de Mello Bastos e que o seu funeral se realiza ámanhã ás 17 horas da sua residencia Avenida Fontes Pereira de Mello, n.º 34, 1.º esq. para o jazigo de familia no cemiterio Oriental

Theatros

Cartaz de hoje

THEATRO TRINDADE—A's 21,30—«O gato maltez».—GIMNASIO—A's 21,15 — «Marionettes».—APOLO—A's 21,30—«A revolta».—EDEN—A's 21,30—«A trombeta da fama». POLYTHEAMA—A's 21,30—«Salada russa».

Animatographos, concertos e variedades—Central, Olympia, Chiado Terrasse, Foz, Condes e Salão da Trindade.

Sanatorio-albergaria de Montachique

O festival de domingo

Em beneficio do projectado Sanatorio-albergaria no Cabeço de Montachique, construcção que vae ser levada a effeito pelos Makavencos, realisa-se no domingo, no bairro Grandella, em S. Domingos de Bemfica, um festival que deve attrahir enorme concorrencia. O programma está superiormente organisado e consta do seguinte:

A's 13 horas: Inauguração do concerto musical; ás 14: Inauguração da kermesse e tombola.

A's 14 horas: Matinée: «Symphonia»; «Trapezio», pelos srs. Henrique Carvalho e Alvaro Penalva Silva; «Esgrima», pelos srs. José Severo, R. da Silva e Manuel Malheiro; «Argolas», pelos srs. Mario de Miranda e Fausto Martins; «Box» (demonstração), pelos srs. Raul de Castro e Antonio Silva; «Lucta greco-romana», pelos srs. N. N. e N. N.; «Symphonia»; «Jogo de pau», pelos srs. Jorge de Sousa, distincto professor do Atheneu e seu discipulo o sr. Jeronymo Andrade; «Forças combinadas», pelos srs. Carlos Moreira e Viriato Rosa; «Athletica», pelos srs. Raul Alves Martins e Carlos Moreira; a pedido dos organisadores da festa desportiva o sr. Raul Alves Martins apresentará alguns dos seus trabalhos de records, e entre elles a ducada humana intitulada «A ponte da morte»; «Jiu-Jitsu», pelos srs. Fausto Martins e Lacombe Raposo.

A's 18 horas: «Concurso de caretas», «Concurso de interiores das casas do Bairro Operario», «Corridas de ratos com premios».

Theatro ao ar livre: «Um acto de Variedades», por amadores e distinctos artistas que gentilmente prestam o seu concurso a esta benemerita festa; «Concerto pela orchesta symphonica», formada por distinctos alumnos da Academia de Estudos Livres; «Um acto de Variedades», por amadores empregados nos Armazens Grandella.

O QUE VAE PELA RUSSIA

Um "soviet" a bordo d'um comboio

Justiça mais que summaria—O cahos

A «Illustração Franceza» publica um curioso artigo ácerca da maneira porque se viaja na Russia, onde o serviço ferroviario é de ha muito propriedade do Estado. No actual regimen, como não ha na Russia estado, mas unicamente russos, o que era do Estado é dos russos, motivo porque se viaja de graça.

Nas estações os passageiros tomam de assalto os vagons de mercadorias, que outros não existem; os que não conseguem logar dentro, sobem para o tejadilho. O numero de logares em cada vagon é de 45, motivo porque, uma vez completo, cada qual trata de defender a entrada de novos passageiros, empregando os meios contundentes mais apropriados e fechando logo as portinholas, cujo fecho amarram com arames ou guitas de que anda prevenido quem tem de seguir viagem.

N'estas fainas succede haver mortes, que ninguem se preoccupa em evitar. Muitos dos que viajam nos tejadilhos morrem gelados, sendo os seus cadaveres entregues aos respectivos chefes da estação como objectos perdidos ou esquecidos.

Cada passageiro deve levar comsigo provisões para alguns dias, ainda que o trajecto seja curto, visto que a marcha dos comboyos não tem horas determinadas, e nas estações não ha cantinas, nem restaurantes. Além d'isso deve cada qual prover-se de velas, por mais caras que sejam, uma machadinha para rachar lenha durante as paragens e alimentar a estufa do vagon, e um bom revolver para defender o corpo e a bagagem, da qual não pode affastar-se um momento, apesar das penas impostas aos ladrões e executadas pelo proprio povo «ipso-facto».

Um episodio edificante sobre o caso: Em um d'esses vagons de mercadoria humana, uma velha que regressava á sua aldeia depois de ter vendido em outra um sacco de farinha, começou a gritar, dizendo que acabavam de roubar-lhe os 12 rublos que obtivera da venda. Os passageiros deixaram-se commover, a velha deitava as culpas sobre um soldado que estava junto d'ella; este protestou a sua innocencia, dizendo que levava comsigo algumas economias, mas a velha insistia em apontal-o como ladrão.

Immediatamente se formou entre os passageiros um «soviet», que decretou a pena de morte contra o ladrão; um dos juizes puxou d'um revolver, apontou-o contra a nuca do soldado e disparou, cahindo a victima instantaneamente morta.

O cadaver foi lançado pela portinhola do vagon. Poucos minutos depois a velha deu um grito: acabava de encontrar os 12 rublos n'uma escarcella que a avareza não lhe tinha permittido verificar. O caso era difficil. O improvisado «soviet» tornou a reunir, deliberando, emquanto o comboyo seguia a sua marcha, tardia e pesada, como se resistisse em carregar tanta miseria.

A sentença não se fez esperar: a velha foi morta com um tiro de pistola e o executor do soldado recebeu outro tiro na cabeça, e como não morresse logo, foi-lhe dado o golpe de misericordia á facada.

Estava assim feita a vindicta popular.

ULTIMAS NOTICIAS

Defeza da Republica

Dignou-se «A Situação» commentar hoje a pequena local que hontem publicámos sob este titulo. Pelo que n'um e n'outro jornal se tem escripto, claramente se depr ehende que não ha fundamentaes pontos de divergencia ácerca da conservação e consolidação da Republica, que todos desejamos, mantendo-a atravez de tudo,—tanto as Instituições Republicanas são hoje indispensaveis á independencia e integridade da Nação. Ha, apenas, uma circumstancia de detalhe em que divergimos, discordancia que será talvez mais apparente que real e originaria dos deveres partidarios que obrigam «A Situação» e que a nós nos não tolhem os movimentos, porque mantemos aquella independencia que foi sempre e sempre será a unica orientadora da nossa acção republicana. A circumstancia de detalhe a que alludimos é esta: não concordamos, antes profundamente discordamos, dos processos de repressão que o governo tem empregado para reduzir á impotencia os seus inimigos politicos.

Disse o sr. Presidente da Republica —e disse muito bem—que não basta a força material das bayonetas para sustentar as instituições, antes é necessario que a sua guarda seja principalmente constituida pela força moral que irradia da opinião manifestada favoravelmente pela maioria dos cidadãos. Assim é effectivamente. Mas se o sr. Presidente da Republica de tal maneira pensa, guiando ainda o seu procedimento em harmonia com esse alto pensamento, já o mesmo não acontece com o governo, especialmente no que se refere á acção politica do sr. Tamagnini Barbosa, ministro do interior, cujo cargo está especialmente confiada a manutenção da ordem publica. Nos processos seguidos por este estadista ha sempre alguma coisa da tortuosa politica dos chinezes. O Direito, para elle, é letra morta; só á Força divinisada presta culto, sempre disposto a sacrificar-lhe os principios e a moral republicanos. Os cidadãos, a pretexto de qualquer coisa ou mesmo sem pretexto algum, são presos e conservados em custodia sem processo, sujeitos ao arbitrio ou á illegalidade que vem do sophisma dos textos da lei; os espancamentos do Porto repetem-se periodicamente, sem que se lhes procure, a serio, pôr definitivo termo; ha jornalistas encarcerados em Penitenciarias, sem que se saiba, ao certo, o crime que lhes é attribuido; a todo o instante ha «complots» descobertos pelo sr. Tamagnini Barbosa e pela sua policia, «complots» de que, afinal, nada se averigua no sentido de estabelecer inilludivelmente as culpabilidades de quem quer que seja; ha redacções assaltadas com injurias e sevicias a jornalistas e typographos; ha... Mas para que se ha de estender mais este sudario de monstruosidades? A realidade dos factos e a frequencia dos attentados dispensam muito bem a sua detalhada enumeração.

São estes processos que nós condemnamos, é contra elles que nos revoltamos. Se fossem apenas prejudiciaes á Republica nascida do 5 de dezembro, o facto desgostar-nos-hia, tão fartos estamos de revoluções e tanto desejariamos que se entrasse n'um periodo de paz. Mas o peior é que este processo feroz de impôr á Nação um modo de vêr pessoal póde acabar de derruir as Instituições de 5 d'outubro. Uma tal politica não terá nunca o nosso apoio. Combatel-a-hemos qualquer que seja o partido que esteja no Poder e quaesquer que sejam as consequencias que pessoalmente nos possam attingir. Os processos do sr. Tamagnini Barbosa são os do sr. Affonso Costa. Não os acceitamos. Não os soffreremos sem protesto. Essa politica concretisa-se n'este trecho do artigo de «A Situação»:

«Accusa a «Capital» o governo de não ter feito a politica conciliadora que se impunha. E' um sarcasmo. Politica conciliadora quando, por todos os lados se conspira! Politica conciliadora com «complots» organisados e desfeitos a todo o momento e em todo o paiz! Politica conciliadora no ambiente de revolta continua. Ainda hontem a revolução era annunciada como coisa certa, ainda hontem, ao que consta, a policia em acção gorou, mais uma vez, os planos dos perturbadores.

Assim mesmo a politica do governo tem sido muito mais conciliadora do que a dos governos democraticos, cheia de prepotencias, odios, estrangulamentos sem conspiração alguma a suffocar.»

A que póde conduzir a cegueira do partidarismo!

Como é que por todos os lados se conspira, sem que, até hoje, os tribunaes tenham tido a julgar um unico processo regular de conspiração? Como é que ha «complots» organisados e desfeitos a todo o momento e em todo o paiz», se os tribunaes—ou sejam civis ou militares—não tiveram ainda de se occupar da instrucção e julgamento de um unico d'esses casos? «A Situação» annuncia até que hontem esteve a revolução para rebentar, mas que foi gorada pela policia: onde está o processo regular, instaurado nos termos legaes, para apuramento das responsabilidades respectivas?

Não. Isto assim não pode continuar! Com taes processos de repressão a torto e a direito; com esta justiça chineza transplantada para este occidente europeu, com um despotismo que, por ser grotesco, não é menos odioso, a Republica soffre fundamentalmente e o sr. Sidonio Paes e mais os seus amigos perdem-se, como se perderam aquelles tyrannetes de papelão que a revolução de 5 de dezembro expulsou do Terreiro do Paço. Assim, não defendem a Republica: matam-na! E isso não póde ser. Não será. Basta!

A guerra

A offensiva dos alliados

Os inglezes avançam, apesar de violentos contra ataques, n'um dos quaes tomou parte a Guarda Prussiana—O inimigo expulso de Longueval

LONDRES, 28—Comunicado do marechal Haig, de hontem á noite—Esta manhã as nossas tropas, operando dos dois lados do Scarpa, atacaram de novo. Quebrando a resistencia inimiga na antiga linha de defeza, occupada antes da sua offensiva de 21 de março, os canadianos penetraram profundamente nas posições allemãs entre a ribeira de Sensee e o Scarpa, apoderaram-se de Cherisy, Vis-en-Artois e Bois-du-Sart, fazendo numerosos prisioneiros. Os escocezes, á direita dos canadianos, atravessaram a ribeira de Sensee, apoderaram-se de Fontenoloz e de Croiselles, e estabeleceram-se sobre as vertentes do saliente ao sul d'esta aldeia, fazendo muitas centenas de prisioneiros. Ao norte do Scarpa, outros batalhões escocezes apoderaram-se do Ailleux-en-Gohelle, e da antiga linha de batalha allemã ao sul d'esta localidade. Entre Croiselles e Bapaume, e mais ao sul, os inglezes e os neo-zelandezes tiveram de travar novos e violentos combates, e repelliram varios e rijos contra-ataques das divisões allemãs, recentemente chegadas em reforço. Apesar d'isto, porém, foram infructuosos todos os esforços empregados para impedir o nosso avanço, pois tomámos de assalto a aldeia de Bougnatre, e progredimos em muitos pontos entre Bougnatre e Croiselles. Ao sul de Bapaume, apesar de viva opposição, os inglezes e as tropas do paiz de Galles, ganharam terreno. Attingimos os arredores a occidente de Flers, e expulsámos o inimigo de Longueval, dos bosques de Delville e Bernafay, repellindo tambem um contra-ataque da guarda prussiana n'esta região. Dos dois lados do Somme, os australianos, inglezes e escocezes repelliram o inimigo em toda a sua frente de ataque. Tomámos as alturas a leste de Manicourt, bem como Fontain-lez-Cappy, os bosques entre esta localidade e o Somme, e fizemos algumas centenas de prisioneiros. Occupámos Vermado-Villers.—(Havas).

A cooperação dos aviadores na linha de batalha

LONDRES, 28.—Communicado sobre aviação, do marechal Haig, em 27:—Apesar das tempestades, das nuvens e das chuvas, os nossos aviadores executaram hontem muito trabalho ao longo da linha de batalha e para além d'ella. As patrulhas de contacto observaram e verificaram as posições attingidas pelas nossas tropas, emquanto outros aeroplanos forneciam, por meio de para-quedas, munições ás guarnições das nossas metralhadoras. As observações para a regulação do tiro da artilharia foram muito difficeis.

Os nossos aeroplanos, voando a pequena altura, bombardearam e metralharam as tropas e os comboios inimigos, em toda a parte onde para isso se lhes proporcionou ensejo. Durante as ultimas 24 horas lançámos 26 toneladas e meia de bombas, destruimos 4 aviões inimigos, obrigámos um a aterrar desamparado e abatemos em chammas 2 balões captivos. Faltam 9 dos nossos.—(Havas).

*

Nas linhas italianas

Tres «raids» executados pelos inglezes, com exito

LONDRES, 28.—Communicado britannico da Italia:—Na noite de 24, executámos tres pequenos «raids», fazendo prisioneiros em todos elles. Na noite passada, as nossas unidades provinciaes penetraram profundamente nas posições austriacas na frente do Asiago. A resistencia foi muito viva causando muito pesadas perdas ao inimigo e deixando-nos 250 prisioneiros, dos quaes um official. Ao mesmo tempo os soldados d'outro regimento executavam um «raid» nas posições proximas a Canove, onde o inimigo combateu tambem com energia; infligimos-lhe numerosas perdas e fizemos 65 prisioneiros, dos quaes 5 officiaes. A artilharia allemã tem demonstrado ultimamente grande actividade. Desde o ultimo communicado, os aviadores britannicos destruiram 10 aviões inimigos. Faltam 2 dos nossos.—(Havas).

*

O esforço da America

A lei dos effectivos militares

WASHINGTON, 28.—O Senado approvou o projecto de lei sobre os effectivos militares.—(Havas).

*

Guerra maritima

Vapor hespanhol torpedeado

LONDRES, 28.—Sabe-se que o vapor hespanhol «Carosa» foi torpedeado, tendo morrido afogados 6 tripulantes.—(Havas).

O recuo dos allemães

PARIS, 28—Os jornaes fazem diversos commentarios sobre a batalha n'este momento travada.

O «Matin» diz que começou hontem o recuo dos alemães n'uma grande profundidade e extensão.

O «Echo de Paris» diz que a batalha vae estender-se a toda a região de Lassigny-Roye.

A queda de Chaulnes está imminente.—(Correspondente).

POLITICA

A crise parece e não parece conjurada

Annuncia-se officiosamente que o sr. secretario d'Estado da justiça não abandonará a sua pasta.

Com respeito á sahida do sr. Tamagnini Barbosa são divergentes as informações que obtivemos.

E' positivo que o illustre ministro do interior quiz abandonar a pasta, em virtude d'um conflicto com o sr. Botelho Moniz. Este senhor insistia pela remoção do governador civil de Beja, em virtude d'esta alta auctoridade não ter permittido a acção dos fiscaes de subsistencias no seu districto,—caso que, por ter alcançado larga publicidade, nos dispensamos de recordar. O sr. Presidente da Republica interveio n'um sentido conciliatorio, mas não foi possivel encontrar-se uma plataforma que harmonisasse os dois eminentes homens publicos. Afim de não aggravar as difficuldades, o sr. Botelho Moniz resolveu abandonar o logar, afastando-se mesmo temporariamente da actividade politica.

Mas o sr. Tamagnini Barbosa continua então no ministerio? Será arriscado affirmal-o d'uma forma positiva. E' certo que uma grande difficuldade foi removida; parece, porém, que ha leves attrictos entre o chefe de Estado e o seu secretario do interior, que forçarão, talvez, este, a instar pela demissão. Esses attrictos não seriam de ordem administrativa, mas sim politica. A sahida do sr. Tamagnini Barbosa poderá vir a determinar uma approximação mais intima dos «centristas», ultimamente um pouco arredios da esphera d'influencia centralisada na «entourage» do sr. Presidente da Republica. Não seria, pois, para surprehender que o sr. Egas Moniz viesse a ser chamado a Lisboa, d'um momento para o outro.

A vida na Bohemia

Privações e soffrimentos

Uma institutrice franceza que ha quinze annos vivia em Praga, que acaba de obter auctorisação para repatriar-se, fez curiosas declarações sobre o estado moral e material da Bohemia.

Assim, segundo ella affirmou a um jornalista, a declaração de guerra não levou restricção alguma á liberdade da colonia franceza, numerosa em Praga, além da prohibição de telegraphar e da obrigação de apresentação todas as semanas á policia, obrigação ultimamente não observada.

A sympathia pela França é extraordinaria na Bohemia, especialmente em Praga, onde se ouve correntemente fallar francez pelas ruas. Em nação alguma do mundo a França é mais querida que na capital tcheco. E' uma verdadeira adoração.

A vida economica é lamentavel. O novo regimen das restricções estabelecido em Praga desde janeiro ultimo—ao passo que só em junho foi posto em vigor em Vienna—torna a vida impossivel nas classes medias. Os ricos, que podem pagar um frangão por 50 corôas (cada corôa vale uns 30 centavos) ou um ganso pequeno por 200 corôas, teem ainda quasi tudo de que necessitam.

Só o pão, de pessima qualidade, custa um preço rasoavel; mas a carne de porco paga-se a 50 corôas o kilo; a banha e a manteiga, a 80 corôas; o chocolate, a 120; o café a 130; o cacau e o chá a 180; um ovo custa 2 corôas. E por estes preços nem sempre se encontra o que se deseja. O leite é exclusivamente reservado para as creanças com menos de dois annos e pessoas doentes. As fructas, sempre tão abundantes na Bohemia, estão por preços fabulosos. Não ha queijo. O sabão só existe na memoria dos que d'elle carecem; as lavagens fazem-se com pós chimicos. N'um paiz tão rico em minerios para aquecimento se permitte só em cada casa 15 kilos de carvão por semana.

Todo o carvão de Kladno, o melhor da Bohemia—é requisitado pela Allemanha. Um fato para homem custa 1.000 corôas; um carro de linhas 30; um metro de panno, 150; um par de botas 230. O linho, esse não tem preço. A institutrice a que nos referimos vendeu a 20 corôas o metro, velhos lençoes de que já não se servia.

—Como vivem os pobres?—lhe perguntou o jornalista.

—Os pobres morrem, muito simplesmente. De principio eram alimentados por associações caritativas, mas como os recursos de que estas dispunham se esgotassem...

As classes medias vão ás cosinhas populares, onde por cerca de 10 centavos da nossa moeda comem um caldo de aveia ou de milho, quando ha milho. Não ha dinheiro, nem generos em geral. A professora em questão pedia muitas vezes em pagamento das lições um pedaço de pão.

E apesar de toda esta miseria, que é geral, horrivel, os theatros e os cinemas enchem-se.

Mas a guerra actual, apesar de todos os seus horrores, é vista pelos tchecos como uma calamidade até certo ponto necessaria, porque augmentando mais—se é possivel—o seu amor pela França libertadora, conserva viva em seus corações a esperança indefectivel da victoria dos alliados, da qual uma das consequencias será a autonomia da Bohemia.

POEIRA DA ARCADA

Operações em Moçambique

Em virtude das baixas soffridas pelas tropas que estão em Moçambique e das retiradas para a metropole, por doença, dá-se como certo que a columna que ali está será reforçada com varias unidades, além da columna de marinha, que em breve se lhe aggregará.

Ministerio das colonias

Vae deixar o cargo de chefe da 8.ª repartição da secretaria d'Estado das colonias o general medico sr. Brito Freire.

Por ter sido nomeado para a direcção do serviço aeronautico militar, deixa o cargo de secretario do sr. Vasconcellos e Sá o major d'estado maior sr. Castilho Nobre.

Officiaes para Angola

Vão ser nomeados em commissão para Angola varios officiaes da metropole.

Conferencia

Os srs. secretarios de Estado da guerra e da instrucção foram hoje a Cintra conferenciar com o sr. presidente da Republica.

Sanidade interna

O boletim de sanidade interna relativo á semana finda, accusa, entre outras doenças, que se manifestaram em Lisboa, 14 casos de diphteria, 27 de variola e 8 de febre typhoide. No Porto houve ainda 5 casos de typho exanthematico.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2382 — 9.º Anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Quinta-feira, 29 de Agosto de 1918

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço 2 centavos

Da guerra e dos exercitos

A offensiva dos alliados

Os allemães precipitam a retirada—40 aldeias retomadas e aprezamento de 3 combóios carregados de material de guerra

PARIS, 28. — Communicação official de hoje ás 23 horas. Durante o dia as nossas tropas continuaram a perseguir o inimigo, o qual, devido ao nosso avanço vigoroso, precipitou a retirada para uma frente d'uns 30 kilometros. Alcançámos as alturas da margem esquerda do Somme, desde Cizancourt até á região a leste de Nesle. Mais para o sul chegámos á margem oeste do canal do Norte na maior parte do seu percurso entre Nesle e Noyon. Ao norte do Oise tomámos Suzoy, Pont-l'Évêque, Vauchelles e Porquéricourt. N'este dia o nosso avanço excede 10 kilometros em certos pontos.

Desde esta manhã foram retomadas umas 40 aldeias. No importante material abandonado pelo inimigo encontrámos 3 comboios carregados de material de guerra. Fizemos 500 prisioneiros. Entre o Oise e o Aisne tiveram logar vivos combates na região de Juvisy durante os quaes os americanos repelliram valentemente varios contra-ataques inimigos. Foi egualmente detida pelas unidades americanas uma forte tentativa allemã para transpôr o Vesle ao sul de Bazoches e de Fismettes. Dia calmo no resto da linha.—(Havas).

A lucta é encarniçada, mas os inglezes avançam, expulsando os allemães de varias localidades e systemas de importantes trincheiras

LONDRES, 29.—Communicação do marechal Haig de 29:—Ao sul do Somme os australianos apertam vigorosamente o inimigo e alcançaram a linha geral Freshe-Herbécourt. O inimigo oppõe resistencia encarniçada nas passagens do rio, em Brie e Péronne. Na margem norte do Somme, apoderámo-nos de Curlu e Hardécourt, depois de violento combate e avançámos na direcção de Maurepas. Entre Bapaume e o Scarpa continuámos a atacar hoje e fizemos progressos em todos os pontos. Os londrinos invadem gradualmente a aldeia de Croisilles, onde o inimigo resistia com encarniçamento e apoderaram-se d'ella. Os inglezes avançaram combatendo na direcção de Vraucourt e sudeste de Fontaine-les-Croisilles. Depois de violento combate que durou todo o dia os canadianos expulsaram os allemães de varias localidades e de systemas de importantes trincheiras, apoderando-se das aldeias de Boiry-Notre-Dame e Pelves. Fizemos um certo numero de prisioneiros durante estas operações. Durante o dia avançámos a nossa linha ao norte de Locon.—(Havas).

Os americanos avançam ao norte do Aisne

PARIS, 29.—Communicado americano de 28, ás 21 horas:—Ao norte do Aisne as nossas tropas em ligação com as francezas avançaram até á via ferrea a oeste de Juvigny e fizeram duzentos prisioneiros ao longo do Vesle. Alguns ataques locaes do inimigo obrigaram os nossos destacamentos avançados a evacuar Bazoches e Fismettes.—(Havas).

Avanço d'um kilometro n'uma linha de seis

LONDRES, 28.—Informação da Agencia Reuter:—A's 11 horas da manhã, a leste de Arras, a frente britannica estende-se para além do bosque Le Sart. Tinhamos alcançado tambem as proximidades occidentaes de Boiry-Notre-Dame e Remyhaucourt e occupavamos Fontaines-les-Croisilles, ou seja um avanço de 1 kilometro em uma linha de 6 kilometros.—(Havas).

*

Operações no Oriente

Duellos d'artilharia, a cooperação da aviação britannica

PARIS, 28.—Exercito do Oriente em 27:—Actividade reciproca da artilharia nas duas margens do Vardar e na curva do Cerna. Na Albania os austriacos apenas fizeram timidos ensaios para retomarem contacto em alguns pontos com a nossa nova frente. A aviação britannica bombardeou os campos do norte do lago Doiran.—(Havas).

*

De todo o mundo

Um grande canhão allemão

PARIS, 27.—O grande canhão allemão que chegou á estação do Campo de Marte tem sido muito visitado. E' um verdadeiro monstro. Está pintado de verde, branco e côr vermelho. O cano mede 12 metros e acha-se montado sobre um vagon especial, que roda sobre duplos pares de «boggis» de dez rodas cada um. A sua construcção especial permitte-lhe fixar-se por meio de pernes sobre uma plataforma. Atraz tem outro vagon blindado para proteger os serventes da peça.

Mediante uma disposição especial póde extrahir os projectis d'esse vagon collocado antes da plataforma.

Tres vagons cheios de munições capturados acompanham o trem. Os inglezes inscreveram no grande canhão o seguinte: «Capturado pelo quarto exercito inglez em 8 de agosto.»

Officiaes de artilharia e numeroso publico desfilaram durante os ultimos dois dias pela frente do mastodonte, cuja guarda foi confiada a soldados inglezes, que amavelmente o fazem manobrar. A machina parece perfeitamente nova.—(Correspondente).

A opinião do general russo Gourko

LONDRES, 28.—Na «Weekly Dispatch», o general Gourko diz que o commando allemão perdeu toda a esperança de obter uma decisão na frente occidental, pelos seguintes motivos:

O alto commando allemão imaginára que esta frente estava mais fraca do que, na realidade se encontrava. Para isso baseava-se na desvantagem da falta de unidade de commando. As tropas vindas da frente oriental não responderam á sua espectativa; tinham passado um anno nas trincheiras da Russia, sem se baterem, e estavam minadas pelo espirito revolucionario russo. As forças dos alliados, principalmente as aerias, são poderosissimas.

Presentemente Ludendorff vê-se obrigado a fazer novos planos, sem ter podido deter os progressos dos alliados. Apesar de lenta, a retirada allemã obriga-os a abandonar territorios caramente conquistados e a tactica actual não saberá manter por muito tempo, o moral d'um exercito, a quem se ensinou que a offensiva é a essencia da victoria.—(Correspondente).

O francez ensinado aos recrutas americanos

NEW-YORK, 28.—Por iniciativa e com o concurso da Associação dos Cavalleiros de Colombo, os recrutas americanos recebem agora um ensino summario da lingua franceza, antes de embarcarem para a Europa.

E' por meio do phonographo que os soldados aprendem as phrases usuaes.—(Correspondente).

André Brun

Lêr, a partir de 1 de setembro, n'«A Capital», a brilhante secção de André Brun

"Migalhas,,

Lêr, a partir de 1 de outubro, em folhetins de A CAPITAL, os capitulos de

"A malta das trincheiras,,

série de interessantes episodios da vida dos nossos «poilus» em França.

Mutilados e estropiados da guerra

A alma generosa do povo não os desampara e a sua assistencia medica é perfeita e carinhosa

Lá de longe segui, dia a dia, a campanha a favor dos mutilados e estropeados da guerra. Foi sempre enorme o meu contentamento porque averiguei que o appello, um dia feito, tinha sido ouvido pela alma generosa do povo portuguez e que a minha iniciativa se consolidava pela dedicação d'um grupo de amigos pessoaes e de collaboradores da «Capital».

Ante-hontem soube que o quantitativo accumulado nos hospitaes de Santa Izabel e de Arroyos, (excluindo verbas especiaes destinadas a este ultimo), obtido por nosso esforço, directo ou influencia indirecta, oscillava entre sommas approximadas de 21 contos. Isto, em menos de 6 mezes, representa um «record». Que nos lembre, nunca um jornal portuguez conseguiu semelhante resultado em tão curto espaço de tempo. Que sirva o facto para justificar o meu orgulho por haver lançado o appello e para comprovar que não ha povo como o nosso para acudir a uma obra de benemerencia ou de altruismo.

Depois, nas verbas obtidas figuram nomes que, por vezes, andam ligados a differentes politicas e religiões, a diversos sentimentos sociaes, até a facções de acção secreta. Ainda bem. Isto quer dizer que para ajudar os nossos bravos militares, que a guerra mutilou ou estropiou, apenas fala o coração de patriotas. E esse coração ha de amparal-os sempre porque a invalidez d'esses bravos não existe apenas durante o periodo de guerra, vae mais além, e continua durante a vida fóra.

Bem hajam os que os auxiliaram e auxiliam. Pela nossa parte, mil agradecimentos a todos, porque nos ouviram.

* * *

A assistencia que o povo portuguez presta aos nossos mutilados de guerra tem sido grande porque os que dão o seu obulo sabem a applicação que elle tem. O dinheiro que entra nos hospitaes tem um destino e uma applicação que qualquer póde fiscalisar. Depois, n'esses hospitaes, os feridos da guerra vivem amparados por uma assistencia medica e reconforto moral, que agrada vêr e que encanta presenciar. D'esta maneira, todos sentem desejos de concorrer para uma obra de reconstituição dos mutilados que é ao mesmo tempo uma obra de ternura.

O que digo, não são palavras. O melhor documento comprovativo do que affirmo, póde reduzir-se ao que, ainda não ha quatro horas, ouvi dos 28 soldados ultimamente internados de Santa Izabel:

—Fomos muito bem recebidos quando chegamos a Lisboa. Apoz tres dias de viagem, durante a qual, não houve novidade alguma, ficámos espantados com o acolhimento. Mal o barco fez a manobra para atracar, appareceram umas senhoras que nos deram bolachas, café, refrescos e tabaco. Davam-nos isso á medida que saíamos de bordo. Disseram-nos que eram as senhoras da Commissão de Madrinhas de Guerra, que já nos tinham feito muitos favores lá por França. Mas, o espanto ainda foi maior...

—Ora essa!?

—Sim, senhor doutor, entregaram-nos á guarda do 1.º sargento Julio Diegues Ferreira, que nos acompanhou em automoveis até ao Instituto de Santa Izabel, onde estavam para nos receber o sr. dr. Aurelio da Costa Ferreira, o sr. Rodil Fernandes e os seus filhos Alberto e Fernando e o cabo Cabral, que foi o primeiro estropeado da guerra. Ora no Instituto fizeram-nos abrir a bocca de admiração e de alegria...

—Que?!

—Pois então?... Então não é para admirar que em menos de duas horas nos dessem barbeiro para nos cortar o cabello e «fazer» a barba, que nos déssem banho, e melhor do que isso, roupa limpa para vestir.

—Que admiração!

—O' senhor doutor, olhe que era coisa que ha muito tempo não viamos!... Mas não fica por ahi. Logo a seguir deram-nos sopa, bacalhau com feijão, vinho e fructa... Ficámos consolados... E no dia seguinte fomos ao Salão Olympia a convite do emprezario... Até dá vontade de estar por aqui...

Ouvindo estas ingenuidades e esta gratidão mais dá vontade de amparar estes bravos, que na sua simplicidade de heroes, agradecem o que por obrigação todos nós deviamos fazer por elles.

José Pontes

Hespanha e França

PARIS, 25.—O sr. Poincaré recebeu hoje em audiencia o sr. Quiñones de Leon, embaixador de Hespanha, que lhe entregou as suas credenciaes.—(Havas).

POLITICA DO DIA

A entrevista do sr. Tamagnini Barbosa relatada em "A Ordem,,

O homem que não esquece nem perdoa...

Desmente o sr. ministro do interior que tivesse apresentado ao sr. presidente da Republica o seu pedido de demissão. Sabemos o que são e o que valem os desmentidos officiaes. Arredada a difficuldade do momento, logo os ministros, que por circumstancias fortuitas pozeram ao chefe de Estado a questão de confiança, se apressam em vir a publico desfazer a impressão — para uns boa e para outros má—da crise do gabinete. E' o caso, segundo parece, do sr. Tamagnini Barbosa.

Não é de estranhar que uma crise estivesse prestes a vir á suppuração. Nenhum inconveniente havia em o confessar, declarando que as difficuldades sobrevindas estavam definitivamente arredadas. O governo não ficaria, por isso, nem mais forte nem mais fraco. As crises de gabinete são proprias do systema que nos rege; só uma crise presidencial seria esporadica, doentia, perigosa: essa não existiu nem existe. Para que serve, pois, negar a realidade de attritos na vida governativa, de incidentes que poderiam vir a determinar o abandono da sua pasta ao sr. Tamagnini Barbosa ou a qualquer outro dos secretarios de Estado?

O que é certo é, d'uma transparencia evidente é que houve uma crise no governo, determinada, especialmente, por divergencia de pontos de vista entre os srs. Tamagnini Barbosa e Botelho Moniz, interessando, de raspão, o sr. governador civil de Beja.

O illustre sr. director do mais perfeito orgão governamental assumira, gratuitamente e em momento difficil, o logar de inspector das subsistencias. Tomou o seu papel a sério, como homem brioso que é. Entendeu que devia cortar a direito, sem fraquezas e sem favoritismos; distinguiu-se pela rectidão e energia que poz ao serviço da solução feliz d'um dos mais importantes problemas da actualidade; fez, emfim, o que lhe era possivel para bem servir a Republica, orientando toda a sua acção por um grande espirito de democracia pura. Mas fracassou, como não podia deixar de ser.

Esbarrou, talvez quando menos o esperava, na barreira do partidarismo e desequilibrou-se, escorregando na casca de laranja representada pelo sr. governador civil de Beja. Quem lh'a poz no caminho? Talvez o sr. ministro do interior. O que parece certo é que o conflicto surgiu, entre o sr. Botelho Moniz e o sr. Tamagnini Barbosa. Venceu, contra o inspector das subsistencias, o secretario de Estado do interior. Não admira: a corda rompe-se sempre pela parte mais fraca!

Continuamos, pois, a ser governados pelo sr. Tamagnini Barbosa. Não tem o illustre secretario de Estado do interior de rectificar o seu programma governativo. Elle é bem conhecido e resume-se no velho proloquio popular que recommenda que quem dá o pão dá tambem o ensino. O pão entrega-o o sr. Tamagnini Barbosa pelo canal da secretaria das subsistencias; quanto ao pau substituiu-o elle pelo cavallo marinho, mais flexivel e, portanto, mais capazmente adaptavel aos lombos dos presos politicos. Com estas duas receitas espera o sr. Tamagnini Barbosa salvar a situação actual, que o governo apregoa, a quem o quer ouvir, que é cheia de perigos, desde os «soviets» alemtejanos até ás excursões provincianas dos chefes democraticos ou unionistas...

Não se esqueceu o sr. Tamagnini Barbosa de dizer porque assim entende dever guiar a sua acção energica. Na entrevista publicada em «A Ordem» é s. ex.ª d'uma precisão e clareza dignas de especial registo. O eminente homem publico, perguntado ácerca da causa dos ataques de que tem sido alvo, esclarece d'esta forma o redactor de «A Ordem»:

«E' natural. Recebi antes do «8 de dezembro» aggravos que não esqueço, quer no Parlamento, quer fóra d'elle. Mesmo depois ataques tenho soffrido absolutamente injustos».

Eis um homem de Estado que tem a virtude da franqueza, digamos mesmo da lealdade. Levado ao Poder por uma revolução que poz no seu programma a conciliação da familia portugueza, o sr. secretario de Estado do interior, em cujas mãos está depositada a direcção da força publica, declara que «jámais esquecerá os aggravos que soffreu antes da revolução» e, ainda mais, aquelles que o feriram já depois de ter trocado o ostracismo prematuro do homem ignorado pela gloria e vã cobiça de mandar. Isto retrata psychologicamente um homem do governo! Nos seus escriptos mais intimos deve o sr. Tamagnini Barbosa ter uma relação de nomes, profissões e moradas de todos aquelles seus infelizes compatriotas que tiveram a desgraça, antes e depois da revolução que o elevou ás culminancias do Poder, de lhe ter ferido a vaidade de homem infallivel, cuja sabedoria não é licito, aos simples mortaes, pôr em duvida. Estaremos nós lá, tambem, n'essa lista medonha?...

O sr. Celorico Gil está, com certeza. Este illustre parlamentar referiu-se ha dias ao governo, n'uma entrevista publicada em «A Manhã»,—em termos e com conceitos que nós não perfilhamos, mas nos quaes reconhecemos o signal indelevel de sinceridade e de altiva coragem que caracterisam os actos do intemerato republicano. O sr. Tamagnini Barbosa leu e não gostou, naturalmente. Mas tomou nota, como diz na entrevista. Pobre sr. Celorico Gil! Está na lista, com certeza!...

Agora fica esclarecida a situação do sr. Tamagnini Barbosa perante o sr. presidente da Republica. Os incidentes ultimos e as palavras pronunciadas pelo sr. ministro do interior na entrevista publicada em «A Ordem», são sufficientes para bem se comprehender a estranha attitude do Poder em face dos attentados do Porto que, aliás, se vão tornando extensivos ao resto do paiz...

O sr. presidente da Republica viu o que se passou no Porto e condemnou os processos selvagens empregados pela policia contra os presos. «O que eu vi no Porto é horrivel-...», disse o chefe do Estado. Remediou os males do momento; prometteu, solemnemente, que os crimes jámais se repetiriam; e, finalmente, ordenou um inquerito para se apurarem as responsabilidades dos energumenos «trauliteiros...» Mas o sr. Sidonio Paes não contava com o sr. Tamagnini Barbosa: o inquerito não andou, os crimes ficaram impunes e, a breve trecho, repetiam-se estrondosamente, culminantemente exemplificados no assalto á «Montanha» e nos espancamentos dos encarcerados. E' que o sr. Tamagnini Barbosa não esquece! Elle tem bem gravados na memoria os aggravos que soffreu antes do «8 de dezembro» e—ainda mais, porque são mais recentes— as criticas, que reputa injustas — dos republicanos que não concordam com o systema «trauliteiro», seu predilecto, de manter a ordem publica.

Que differença entre estes dois homens d'Estado! O sr. Sidonio Paes, chefe de Estado, esqueceu as injurias do passado, varre do seu cerebro o vinco que a injustiça d'hoje pretende accentuar-lhe: mas o seu secretario de Estado do interior jámais esquecerá, nem o passado nem o presente,—e os seus actos governativos serão sempre inspirados na recordação dos aggravos de hontem e das injustiças de hoje. Jámais esquecerá, jámais!

João Paulo Freire

De regresso do Brazil, onde foi desempenhar uma importante missão da Cruz Vermelha, deu-nos hoje o prazer da sua visita o nosso antigo camarada de imprensa capitão João Paulo Freire.

As nossas mais cordeaes felicitações pelo seu regresso.

A favor dos mutilados da guerra

Offerta de dois mappas e um curioso quadro

Como no dia 17 noticiámos, o distincto official do quadro do ultramar major sr. Guilherme Augusto d'Oliveira offereceu, para serem vendidos a favor dos mutilados da guerra, dois curiosos quadros á guisa de mappas, em «baguettes», proprios para ornar as paredes de gabinete de um estudioso, nos quaes se acham artisticamente compiladas minuciosas gravuras em madeira, aço, agua-forte, lytographia, photogravura e outros processos de estampagem, tirados de publicações antigas e modernas e representando personagens episodios, naus, caravellas e outros typos de barcos do seculo XVI, apetrechos de guerra, cartas geographicas, derrotas maritimas e outras coisas interessantes, relaccionadas com a descoberta do caminho maritimo para a India.

Acompanham essas gravuras estrophes dos «Lusiadas», ao glorioso feito relacionado e descripções e ornamentos vinhetas interessantes, desenhadas á penna pelo sr. major Oliveira, reproduzindo cordame de navios e outros apetrechos maritimos e militares, motivos architectonicos de estylo gothico-manuelino, formando um conjuncto artistico e interessante.

Estão reunidos nos dois quadros retratos do infante D. Henrique, Vasco da Gama, D. Manuel, D. João II, D. Affonso V, o infante que iniciou as emprezas de navegação em Sagres, o sello de D. Manuel, o montante de Vasco da Gama e o «fac-simile» da sua assignatura, as armas do rei afortunado e as bandeiras do seu reinado, as caravellas «S. Gabriel», «S. Raphael» e «Berrio», o Prestes João, a divisa e uma nau da epocha de D. Manuel, o mosteiro de Belem no seculo XVI, a partida de Vasco da Gama em demanda do caminho da India, a torre de Belem emergindo das aguas do Tejo e ao largo caravelas de velas pandas; o velho do Restello, Vasco da Gama a bordo do «S. Gabriel», a passagem do Cabo Tormentoso, o roteiro de Vasco da Gama na primeira viagem á India, o gigante Adamastor, barcos da marinha indiana pelos portuguezes encontradas ao chegarem á India, os bateis dos navios de Vasco da Gama na bahia de S. Braz em 1497, Bartholomeu Dias levantando um padrão além do Cabo da Boa Esperança, a celebre peça do cerco de Diu, que se conserva no muzeu de artilharia, a audiencia de Samorim, caravellas portuguezas e uma nau de 200 toneis, a recepção do descobridor da India pelos reis de Portugal, as datas de partidas e chegadas das expedições á India, a custodia dos Jeronymos e o aspecto de Lisboa no seculo XVI.

Hoje, o mesmo official trouxe-nos o pequeno quadro, que esteve em exposição na Baixa e que representa o monumento de D. José e a machina que serviu a tirar a estatua da fundição, para egualmente o producto da venda reverter a favor dos mutilados.

Agradecendo a gentileza da offerta, hoje mesmo remettemos os dois mappas e o quadro ao Instituto Medico Pedagogico de Santa Izabel, onde ficarão em exposição.

A verdade dos factos

Um edificante exemplo do favoritismo que impera na distribuição da praça, para conducção de vinhos nos vapores ex-allemães—A inexplicavel omnipotencia do sr. José Malhou

Os defensores do contracto Federação Malhou—contracto cujos alicerces são constituidos pelo monopolio dos vapores ex-allemães, arrancado ao Estado por artes e influencias manejadas pelo sr. Thiago Salles, nomeado, para tal fim, chefe do gabinete do Ministerio das Subsistencias—accusam aquelles que o criticam de o fazer em *annuncios anonymos*. Eis um processo original de combater argumentos! Aqui se tem demonstrado, com factos concretos e não com palavras gratuitas—que o monopolio dos vapores ex-allemães, concedido pelo Estado para o transporte de vinhos do sr. Malhou ou da Federação, constitue um verdadeiro escandalo de favoritismo. Basta dizer-se que o contracto fundamental, celebrado entre o Estado e o sr. Thiago Salles, é desconhecido do publico, para bem se imaginar até que ponto este negocio immoral foi elevado. E' tudo segredo de gabinete! O celebre contracto apenas é conhecido pelos seus effeitos, sendo o primeiro de todos elles a concessão quasi privativa da praça a favor dos felizes concessionarios, mais tarde associados, para a exploração do rendoso negocio, no contracto Federação-Malhou, tendo á frente, como testa de ferro, o sr. José Malhou, á ultima hora arvorado em commerciante exportador. Isto são factos!

Mas ha alguns outros, recentes. Elles constituem um exemplo perfeito do que vale o primitivo contracto Estado-Salles, conservado cautelosamente em segredo de gabinete. Esse exemplo verificou-se com o embarque do vinho portuguez no vapor *Lagos*. O sr. José Malhou, que é um commerciante como qualquer outro, ou que como tal devia ser considerado pelos poderes publicos, obteve praça para 750 cascos de vinho, a descarregar em Rouen, no vapor *Lagos*,—emquanto que dos seus collegas nenhum conseguiu obter mais do que 46 cascos, havendo quem tenha sido rateado em 34 e até mesmo em 15 cascos.

Para os poderes publicos o sr. José Malhou é um ser privilegiado, um super-homem. Todos nós somos portuguezes e a lei a todos nós abrange. Todos, excepto o sr. José Malhou. Este cidadão é um ser áparte, gosando de regalias especiaes, superior a todos, sem exceptuar o chefe de Estado, tendo dominio sobre tudo quanto existe n'estas terras de Portugal, sem exceptuar a propria Lei. Feliz creatura!

Porque é que o governo se sujeita assim ao poder descricionario do sr. José Malhou? Altos mysterios da governação pratica! Trata-se, talvez, de algum terrivel segredo do Estado, que mantem acorrentados á vontade de tão poderoso cidadão os homens eminentes da Republica Portugueza! Neste caso do vapor *Lagos* o poder incommensuravel do sr. José Malhou é evidente, não admitte mesmo contestação séria. E' ou não é o sr. José Malhou um commerciante exportador como os outros? E'. Não póde ser rasoavelmente considerado sob outro ponto de vista. Como se comprehende então que para elle haja praça de 750 cascos de vinho, emquanto que outro exportador, ha muitos annos estabelecido na praça de Lisboa, só conseguiu embarque para 40 cascos? E' o governo capaz de explicar tão extraordinario phenomeno? Quer-se mascarar este descarado favoritismo como se fosse protecção á agricultura nacional. Já nos referimos a este ponto. Vamos insistir n'elle, para novamente demonstrar que a tal protecção não passa de um dos muitos *trucs* com que se pretende fazer engulir á nação essa escandalosa negociata que entregou os navios ex-allemães á exploração, quasi exclusiva, do sr. José Malhou e seus socios, — visiveis e invisiveis, declarados ou occultos...

O Conselho de Seguros

e as companhias estrangeiras

O Conselho de Seguros effectuou já uma reunião para resolver sobre varios assumptos pendentes e, ao que consta, vae novamente reunir para tratar de outros que ainda não ficaram resolvidos.

Parece-nos acertado que aquelle organismo official que, para outro fim, não foi creado senão para trabalhar dentro da esphera de acção que lhe compete, esteja de novo a funccionar e com a actividade que o momento actual exige, em virtude da multiplicidade da fundação de companhias de seguros.

E' necessario, porém, que se comprehenda o que nós entendemos sobre as companhias de seguros estrangeiras contra as quaes—ao que se diz—o conselho de seguros está demonstrando certa animosidade. Se effectivamente — como temos accentuado—os seguros nacionaes canalisados directamente para o estrangeiro, representam oiro que sahe do paiz,—beneficiando e nada trazendo de beneficios,—a verdade é que as companhias estrangeiras que teem aqui montadas as suas filiaes, pagando contribuições e interessando empregados portuguezes, conquistam direitos que absolutamente devem ser respeitados. Entre um seguro que vae para o estrangeiro apenas por intermedio de uma simples carta e um que se vae fazer atravez já uma engrenagem de actividades e energias nacionaes, — se bem que motivadas e dirigidas por uma empreza estrangeira — vae uma distancia enorme que o conselho de seguros, forçosamente, tem de attender.

A ETERNA BUROCRACIA...

Funccionarios do Estado luctando com a miseria

E' a attenção do sr. presidente da Republica que vamos chamar para um caso de justiça.

Trata-se do pessoal de saude e de assistencia de todo o paiz, muitas centenas de funccionarios do Estado, que ha dois mezes não recebem os seus vencimentos e que presentemente estão luctando com as mais graves difficuldades e isto porque, quando da transferencia das direcções geraes respectivas, da secretaria do interior para a do trabalho, houve esquecimento de fazer acompanhar o respectivo diploma de outro em que as verbas para pagamento do pessoal tambem transitassem de uma para outra secretaria.

Foram os funcionarios em tempo competente pedir providencias ao sr. secretario de Estado do trabalho, no sentido de que os pagamentos não soffressem demora; prometteu elle providenciar, mas o certo é que o decreto de transferencia das verbas que, quando muito, poderia ser publicado em dois ou tres dias, ainda não appareceu, decorridos dois mezes, e os funccionarios das duas direcções geraes e serviços seus dependentes encontram-se nos mais serios apuros, alguns mesmo luctando com a fome.

O sr. presidente da Republica, de certo, ignora os factos que acabamos de expôr. O que não póde nem deve permittir é que funccionarios servidores do Estado se encontrem em tão precaria situação.

O pão dos alliados

Na conferencia inter-alliada em Londres votou-se que os alliados tivessem um unico typo de pão

Na ultima conferencia interalliada que se effectuou em Londres adoptou-se uma proposta segundo a qual d'aqui por deante em França, nos Estados Unidos, na Inglaterra e na Italia, o pão será fabricado com farinha de trigo misturada com succedaneos nas proporções de 30 por cento de farinha de trigo e 20 por cento de succedaneos. Nos paizes alliados já se tinha adoptado um typo unico de pão.

Esta proposta foi apresentada pelo sr. Hoovez, ministro dos abastecimentos americanos e foi considerada como o começo da realisação do programma alimentar preconisado, como se sabe, pelo presidente Wilson e resumido na formula: «Os alliados comerão á mesma mesa».

Em Portugal, onde se está á mercê dos fornecimentos de trigo remettidos da America é que se continua mantendo o luxo dos dois typos de pão.

Mas Portugal que tem nos campos de batalha as suas tropas, não se fez representar na conferencia interalliados realisada em Londres?

E no caso de ter enviado ali os seus representantes, não teriam estes dado conhecimento do que foi votado, com respeito á proposta do sr. Hoovez?

Ou não se deseja acceder ao convite do presidente Wilson para que os alliados comam todos á mesma mesa?

Coisas inexplicaveis e que fatalmente hão de produzir os seus effeitos lamentaveis.

Ao leitor d'A CAPITAL

Depois de lido, enviar este jornal á *Junta Patriotica do Norte* (Paços do Concelho — Porto), a fim d'esta o mandar para os nossos soldados no «front».

A questão das subsistencias

TAVIRA, 27.—Os generos continuam sendo vendidos por um preço exorbitante, como apraz ao vendedor. A tabella veiu do governo civil muito tarde. O governador civil, que é um monarchico intransigente, satisfez assim os seus correligionarios, marcando preços muito mais elevados do que anteriormente. O administrador do concelho não tem tempo para olhar por coisas minimas, porque é advogado, conservador do registo predial, juiz de direito substituto, proprietario, etc.

A guarda fiscal não olha pelo azeite, fazendo cada um o que entende e quer. As secções no Algarve são commandadas por sargentos.

ULTIMA HORA

Theatros

Cartaz de hoje

THEATRO TRINDADE—A's 21,30—«O gato maltez».—GIMNASIO—A's 21,15—«Marionettes».—APOLO—A's 21,30—«A revolta».—EDEN—A's 21,30—«A trombeta da fama». POLYTHEAMA—A's 21,30—«Salada russa».

Animatographos, concertos e variedades—Central, Olympia, Chiado Terrasse, Foz, Condes e Salão da Trindade.

Informações

E' amanhã a recita de gala no Gymnasio em honra dos eminentes artistas Eduardo Brazão e Palmira Bastos, sendo descerrada uma lapide commemorativa da passagem dos dois illustres artistas por aquelle theatro.

Entre outros, usarão da palavra, os srs. dr. Cunha e Costa, Santos Tavares e Carlos Santos.

Réclames

Realisa-se esta noite no Politeama mais uma recita da moda. Representa-se a «Salada russa», que tambem esta noite perfaz o lindo numero de 89 representações, o que indica que ella já foi vista por um numero de pessoas superior a 150.000. Tal cifra dispensa considerações, pois que se a peça não fosse magnifica como é, não chamaria tal concorrencia.

—Ha quem diga que o retrato de Auzenda d'Oliveira não está grandemente parecido com a formosa actriz. N'esse caso, para os que tenham duvidas o confronto impõe-se e o remedio é facil: ás 21 horas vão vêr o retrato e ás 21,30 ao Apollo vêr o original.

TOURADAS

ALGÉS—Na corrida á antiga portugueza, que no proximo domingo se realisa em Algés, festa do estimado bandarilheiro Luciano Moreira, lidam-se touros, todos puros, da casa Cadaval, que serão recolhidos por campinos a cavallo, cedidos pelo abastado lavrador do Carregado sr. Pinto Barreiros. Na corrida, rigorosamente á antiga portugueza, ha cortezias, riquissimos coches, etc. Luciano lidará dois touros embolados á hespanhola, tomando parte na lide os distinctos amadores D. Alexandre, D. Carlos e D. João de Mascarenhas, os festejados cavalleiros José Casimiro e Rufino Costa e os applaudidos bandarilheiros, Theodoro, Cadete, Thomaz da Rocha, Thomé e Custodio.

A sociedade das nações

Vem de muito longe a ideia de realisar uma liga de nações, renovada a 22 de janeiro do anno passado, pelo presidente Wilson. Em todos os grandes momentos historicos do mundo se tem procurado realisar esse grande ideal.

Já nos tempos biblicos se cita a construcção da famosa torre de Babel, que os homens edificaram em signal da sua alliança, mas que só conduziu á confusão das linguas. Mas não foi essa a unica tentativa de federação internacional, pois que, primeiramente os chinezes, depois as republicas gregas fizeram outros ensaios mais felizes, embora sempre muito locaes.

A egreja catholica, que desde as suas origens procurou fazer a pacificação dos povos, chegou a conseguir um verdadeiro triumpho com o «pactum pacis» e a «Tregua de Deus».

No decurso dos tres primeiros seculos da edade moderna o duque de Sully, celebre ministro de Henrique IV de França, tentou dividir a Europa em quinze estados: seis monarchias hereditarias, seis electivas e tres republicas federativas, procurando d'esta fórma chegar a uma paz perpetua.

Os seus projectos utopicos transformam-se em systema philosophico, exposto pelo abbade de Saint Pierre no seu livro «Projecto de paz perpetua», patrocinado por Jean Jacques Rousseau.

Temos, por ultimo, para nos occuparmos dos nossos tempos, a primeira reunião, realisada ha vinte annos na Haya, por iniciativa do czar Nicolau II, na qual se procurava chegar á resolução de todos os conflictos por meio de arbitragem, para assim se conseguir a paz universal.

SPORT

Os torneios de esgrima

Organisados por «A Capital» em 29 de setembro e 3 e 5 de outubro

Conforme temos noticiado, vamos effectuar nos dias 29 de setembro e 3 e 5 de outubro, tres torneios de esgrima, sendo o producto da marcação de cadeiras destinado aos mutilados da guerra.

Os regulamentos d'estas provas estão concluidos, mas é nosso desejo apresental-os n'uma reunião de delegados das salas d'armas que em breve se deverá effectuar e na qual serão discutidos para assim as provas se realisarem de accordo com todas as salas.

Todas as salas d'armas decerto applaudem esta ideia e por isso tomamos a liberdade de convidar a uma reunião que se deverá effectuar no dia 9 de setembro, um delegado de cada sala.

A reunião realisar-se-ha na redacção de «A Capital».

O Gymnasio Club dá-nos a sua adhesão

Do Gymnasio Club Portuguez acabamos de receber um officio em que aquelle club nos dá a sua adhesão, inscrevendo-se nos torneios.

E' elle do theor seguinte:

Sr. redactor sportivo de «A Capital».—Em nosso poder os presados officios de v. de 23 e 26 do corrente, cumprindo-nos responder que empregaremos todos os nossos esforços para que, nos torneios que v. vae organisar, possamos inscrever o maior numero possivel de atiradores e assim concorrer para o bom exito de tão altruista iniciativa.

Saude e Fraternidade—Director secretario, Rogerio Augusto Pancada.

Liga de Melhoramentos e Recreios de Algés

Uma festa ao ar livre

Já começaram com grande actividade os trabalhos da construcção da pista e de bancadas para a festa que a Liga de Melhoramentos e Recreios de Algés vae promover no proximo dia 8 de setembro, inaugurando o novo grupo sportivo, confiando a sua direcção technica ao professor de gymnastica sr. João de Brito.

O programma está sendo elaborado de forma a attrahir áquella localidade milhares de pessoas, contando-se desde já com a adhesão dos melhores elementos que presentemente temos no nosso meio.

Dentro em breve, começaremos a enumerar os varios numeros de sport que o organisador, não se poupando a esforços, está confeccionando.

As corridas de automoveis

A commissão organisadora das corridas de automoveis, que se devem realisar nos fins do mez de setembro, vae por estes dias enviar circulares a todos os representantes de automoveis e a diversos «sportsmen», pedindo a sua adhesão a esta grande iniciativa.

Estamos certos de que todos vão acolher com enthusiasmo a ideia, porque fará movimentar o nosso meio e o sport automobilista.

A. de Campos Junior

Pelos clubs

(Communicações officiaes)

Gymnasio Club Portuguez

A direcção do Gymnasio Club Portuguez na sua ultima reunião resolveu levar a effeito uma sessão solemne em homenagem á memoria do que foi seu prestimoso consocio e amigo Francisco Padinha. N'essa sessão será collocado o retrato do saudoso athleta na galeria de honra do club e serão convidados a assistir todos os clubs sportivos de Lisboa.

Resolveu mais, a fim de perpetuar a sua memoria instituir um premio que se denominará «Francisco Padinha» para ser disputado annualmente n'uma prova de pesos e alteres.

Foot-Ball Club Barreirense

Continua aberta a inscripção para o campeonato de «foot-ball» que este club vae organisar.

LER A'MANHÃ:

As corridas de automoveis
A travessia do Porto a nado
O que é feito da taça Birch?
O campeonato de «foot ball» do Barreiro
A escola de remo do Club Naval e Noticiario diverso

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

SYNDICATO FERRO-VIARIO.—Afim de tratar de assumptos importantes, reune a assembléa geral extraordinaria depois d'ámanhã, ás 20 horas.

Um novo regulamento de instrucção secundaria

Negociatas da instrucção publica

Esta nossa instrucção publica, ou antes, esta malfadada instrucção publica parece que tem um demonio que se lhe aninhou no seio, se lhe introduziu e foi até ás entranhas, onde mexe, remexe, fura que fura, não havendo meio de a deixar descançar um momento, agitando-a, corroendo-a, empenhado e impellido, pelo seu maleficio diabolico, em a deitar a terra, destruindo-a, perturbando-a. Maleficio estranho, magica força é esta, que nos tem apparecido em todas as situações com todos os partidos, que se impõe e domina em todas as conjecturas! Não haverá maneira de quebrar o enguiço?

Ainda ha mezes, teve de se levantar uma campanha contra uma monstruosidade que para ahi appareceu e que ficou celebrada na historia com o pseudonimo de «decreto 3.091»; e já hoje, apenas a alguns mezes de distancia, novamente se tem de dar o grito de alarme contra uma nova iniquidade que se pretende perpetrar dentro do mesmo gabinete do ministerio da instrucção.

Não ha muitos dias, annunciaram os jornaes que o regulamento á reforma de instrucção secundaria estava concluido e que ia ser publicado brevemente. A commissão relatorial deve terminar o seu mandato e apresentar o seu trabalho prompto no fim d'este mez. Nada mais natural da parte de um jornalista do que querer saber alguma coisa, informar o publico do que vae sahir, porque suppunhamos que o tal regulamento era para a instrucção portugueza, para o povo, para a nossa gente, que é a quem, afinal, deve interessar o caso. Mas qual? Aquillo está fechado a sete chaves, aquillo é só para meia duzia, e portanto, só essa meia duzia é que tem direito a saber o que se faz. O resto só o saberá quando fôr publicado. E' tão tremendo o assumpto que vae sahir, que nem sequer a sua revisão na Imprensa Nacional foi confiada aos revisores d'aquele estabelecimento do Estado. No fim, no fim é que rebenta a bomba.

Espantoso! Um assumpto que representa a base da nossa vitalidade, o alicerce do futuro da nossa mocidade e até o «quid» da orientação a dar á nossa vida nacional, a ser objecto de caixinha, de ideias e ambições mesquinhas, de interesses e vinganças forjadas na sombra, de pusilanimidades e descaros que são a nossa vergonha!

Pois quê? Então a mesma entidade que elaborou, forjou e atirou cá para fóra o famigerado 3091, que deu motivo a greves, a desordens a prejuizos incalculaveis porque fez perder o anno a tantissimas centenas de rapazes, que se revoltaram contra aquelle monstro, é a mesma entidade que agora elabora, forja, atira e, que mais é, se impõe e manda no regulamento que vae sahir? Que homem é esse, que poder de magia é esse que está com todas as situações, com todos os governos e com todos os ministros? Então em Portugal já não ha senão um professor que saiba instruir e educar, já não ha senão um reitor que saiba coisas de instrucção? Mas então já se esqueceram do celebre 3091?

O caso é outro, segundo as informações que temos.

Segundo ellas, o caso é mais calvo e reveste proporções mais graves do que á primeira vista parece. Ha n'isto uma negociata, negociata perigosa, que não podemos deixar passar em claro, para que se não diga que com o nosso silencio, nos tornamos connivente, contribuindo assim para que mais destemperos se façam, além dos já existentes, em materia de instrucção.

Existe no decreto com força de lei, n.º 4.650, de 14 de julho ultimo, que reformou a instrucção secundaria, o artigo 114.º, que diz assim: «Fica o governo auctorisado a crear um lyceu com internato em cada uma das cidades de Lisboa, Porto e Coimbra, cuja organização será regulada em diploma especial». A' parte o ser isto uma nova edição d'aquillo que tambem vinha exposto no decreto 3091, que creava os internatos junto de cada lyceu, dirigidos pelo Conselho Escolar respectivo, e que, por isso, representa uma teimosia desnecessaria, pois logo se viu a antipathia com que o publico recebeu esse tolo monopolio, está-se a ver o interesse, o afan, o cuidado com que a mesma creatura se apressou a tomar conta do caso para o regulamentar, e regulamental-o á sua feição, na esperança quasi certa de que será elle o seu futuro reitor-director. Realmente não é mau... o Estado faz as despezas e elle dirige e... vive.

Mas, sr. ministro da instrucção, a que vem este regulamento regulamentar internatos por conta do Estado? Para quê? Com que fim? Com que necessidade? Porventura não está já o Estado agravado com despezas que exigem uma receita que nos esmaga, n'esta crise tremenda da nossa historia, que nos força a evitar despezas superfluas, desnecessarias, absurdas e até immoraes?

Porventura não temos ahi o ensino particular, a quem se deve confiar essa missão, que está fóra da alçada das attribuições do Estado? Porque não se protege antes este ensino, desamparando-o das peias que lhe tem envenenado a existencia, e se não aliviam assim os cofres do Estado, como se faz na Inglaterra. Ignora, o sr. ministro da instrucção que estes internatos estão já postos de parte em França, onde se tentou experientar esta ideia?

Lamentavel mania de copiar o que os outros desprezam. Já em 1805 Jayme Moniz copiava para aqui o que acabava de ser posto de parte na Allemanha. Dez annos depois pretende-se remendar o farrapo e ficou o que tem estado. Agora copia-se da França o que lá não deu resultado. Renegados legisladores que tamanha cabeça teem! E não imaginem que é devagar que se pretende commetter o assalto aos dignitos apontados? No Porto compra-se um collegio por 400 contos, sob o pretexto de ser destinado a hospital de typhosos, mas cujo fim utilisavel ainda hoje se ignora, para que seja; em Coimbra, o sr. ministro da instrucção propõe a compra do «Collegio Mederno» ao sr. dr. Oliveira Guimarães; em Lisboa, ou se adapta o lyceu de «Pedro Nunes» para esse fim, ou se constroe um edificio proprio. Em summa, para estes caprichos ha dinheiro a rodos no ministerio da instrucção, e as escolas primarias asfixiam por ahi todas em miseros casebres de primeiros e segundos andares.

Mas o assumpto é interessante e promettemos continuar, não, obstante estarmos certos de que o sr. presidente da Republica não sanccionará um aleijão d'esta ordem, somente para satisfazer mesquinhas vaidades de uns e sombrios interesses de outros.

Inquerito parlamentar á organisação e funccionamento do C. E. P.

A commissão parlamentar de inquerito á organisação e funccionamento do C. E. P. mandou para o «Diario do Governo» um aviso de que recebe quaesquer reclamações ou informações, fundamentadas, ácerca do mesmo Corpo, todas as terças-feiras e sabbados das 15 ás 17 horas, no Palacio do Congresso da Republica.

O sr. presidente da commissão officiou ao sr. presidente do Congresso requisitando para a secretariar e dirigir todo o serviço de expediente o 1.º official da secretaria da Camara dos Deputados, sr. Eusebio Palmeirim.

A guerra submarina

Sobreviventes do «Horta»

Apresentaram-se hoje no Instituto de Soccorros a Naufragos os sobreviventes do vapor ex-allemão «Horta», que foi torpedeado, quando seguia de Salonica para Malta. O navio tinha 66 tripulantes, dos quaes 34 eram portuguezes. Morreram na occasião do torpedeamento 10, dos quaes 6 portuguezes.

Aos que se apresentaram foram fornecidas guias para as terras da naturalidade e soccorros pecuniarios.

A provincia n'A CAPITAL

FIGUEIRA DA FOZ, 28.—Inaugurou-se no domingo passado o «atelier» de desenho e pintura dos nossos amigos e distinctos artistas Antonio Piedade e Antão Luiz, diplomados pela Academia das Bellas Artes de Lisboa. A exposição tem sido muito concorrida e contém obras de valor que o publico tem justamente apreciado.

N'esse «atelier», modelar no genero, está montado um curso de lições de desenho e pintura e tambem de artes applicadas e bordados, sendo estes ultimos ensinados proficientemente pela sr.ª D. Aida Augusta Pereira, diplomada pela Escola Normal de Leiria.

Subvenções a funccionarios publicos

Pedem-nos que chamemos a attenção de quem competir para o que se está passando quanto ao pagamento das subvenções aos empregados da Mizericordia de Lisboa, relativas aos mezes de julho e de agosto.

A Mizericordia desculpa-se com o ministerio do trabalho e este, por sua vez, allega que é a Mizericordia que tem a culpa, pelo atrazo no confeccionamento das folhas de pagamento.

O certo é que com tal atrazo os prejudicados são os empregados que se veem em serias difficuldades para poder satisfazer os seus compromissos.

CAMBIOS

Lisboa, 29 de agosto de 1918.

	Compra	Venda
Cheque sobre Londres	29 5/8	29 3/8
90 d/v.	30	
Cheque sobre Paris	502	507
» Hollanda	870	890
» Italia	220	230
» New York	1700	1720
» Madrid	395	405
Rio sobre Londres	12 1/8	—
Libras ouro	10$40	10$50
Agio do ouro	181 0/0	185 0/0

A guerra

Diario da guerra

Continuam os allemães a retirar em vista da pressão continuada que os alliados exercem.

Agora não se tem tratado de successos estrategicos como o do saliente do Marne. São exitos technicos successivos em toda a longa frente de batalha. Calculem que serie de esforços não teriam os allemães empenhado para a defeza de Roye e de Chaulnes.

A queda d'estes pontos de apoio obrigará os allemães a retirar para o Somme. Mas a ameaça ingleza em Bray e Albert ha de levar o inimigo a recuar a tempo para não se compromettter entre Peronne e Ham.

Os ataques dos inglezes no Scarpe não teem afrouxado um momento a sua violencia.

Pelo communicado allemão vê-se que o inimigo se preoccupa em poder retirar a salvo.

A offensiva dos alliados

Os allemães soffrem enormes perdas

PARIS, 29.—Os correspondentes na zona de guerra dizem que os allemães soffreram perdas na passagem do canal do Norte, entre Nesles e Ercheux. O «Petit Parisien» informa que o sr. Clemenceau foi hontem visitar a linha de batalha.—(Havas).

Bombardeamentos violentos

PARIS, 29.—Bombardeamentos violentos durante a noite, na linha de batalha do Somme. Não obtiveram resultado muitos golpes de mão tentados pelos allemães na Lorena. Pelo contrario, os francezes fizeram duas incursões nas linhas allemãs, trazendo 15 prisioneiros. A noite foi calma no resto da linha de batalha.—(Havas).

Os aviadores inglezes continuam cooperando na batalha

LONDRES, 29.—Communicado inglez de hontem, sobre aviação:—Hontem, os nossos aeroplanos, voando baixo, manifestaram de novo a sua actividade na linha de batalha, e, apesar das nuvens, bombardearam e metralharam constantemente as tropas e os comboios inimigos. Os nossos aeroplanos e balões de observação deram muitas informações sobre a marcha da batalha. Em numerosos combates aereos, destruimos 9 aviões inimigos e obrigámos 5 a aterrar desamparados. Faltam 7 dos nossos. Abatemos em chammas 2 balões captivos; e os canhões anti-aereos abateram um avião de reconhecimento. Durante o dia lançámos 22 toneladas de bombas.—(Havas).

*

A guerra aerea

O bombardeamento de Ludwigshafen

AMSTERDAM, 29.—A «Gazette», de Francfort, publica um telegramma de Karsruhe, no qual se diz que grande numero de bombas foram lançadas durante o ataque aereo effectuado pelos aviadores alliados sobre Ludwigshafen em 25 e 26 do corrente, causando estragos materiaes.—(Havas).

*

Guerra maritima

Uma importante resolução sobre navegação dos navios neutros

PARIS, 28.—Foi resolvido que todo e qualquer navio neutro que se sujeite á fiscalisação do inimigo recebendo um salvo conducto não reconhecido pelos alliados é em opposição com o exercicio dos seus direitos e os dos belligerantes, seja considerado, até prova em contrario, como navegando ao serviço dos interesses do inimigo, e, assim, sujeito á captura e confiscação, bem como as mercadorias de propriedade, proveniencia ou destino inimigo, que constituam a carga.—(Havas).

*

De todo o mundo

O incidente entre mexicanos e americanos

WASHINGTON, 29.—O governador militar de Sonora, segundo instrucções do general Carranza, apresentou ás auctoridades da União a manifestação do pezar do governo mexicano e o seu pedido de desculpas pela fuzilaria travada com as sentinellas americanas em Nogales.—(Havas).

Homenagem ao presidente Wilson

RIO DE JANEIRO, 28.—O conselho municipal decidiu, na sua ultima reunião, dar á rua da Carioca o nome do presidente Wilson.

Hontem, quando os operarios da municipalidade procediam á mudança das placas nas esquinas da rua, o povo fez uma grandiosa manifestação de sympathia ao presidente Wilson e os Estados Unidos da America do Norte.—(Americana).

A America abastece os alliados

NEW-YORK, 28.—M. Hoover, o fiscal dos abastecimentos, declarou hoje que os Estados Unidos querem participar, com os alliados, nos sacrificios em viveres, como participam nos de sangue, pela causa da democracia.

Affirmou que executará as promessas feitas aos ministros das subsistencias dos paizes alliados e que a America deverá fornecer aos povos da «Entente», no proximo anno, quatro milhões de arrateis de substancias gordas, 900 milhões de arrateis de carne, sob diversas formas, 50 milhões de quintaes de cereaes e um bilião e 500 milhões de arrateis de assucar.

M. Hoover accrescentou que, depois de 1 de setembro, não haveria necessidade de se fazer rações de viveres, de um modo rigoroso, nos paizes alliados, excepto para o assucar e caro e carne. Na Inglaterra, França e Italia as colheitas são melhores do que se esperava, attendendo ao numero de homens que foram retirados dos campos. Este resultado favoravel é devido ao trabalho das mulheres.—(Correspondente).

Prisioneiros de guerra

A' commissão protectora dos prisioneiros de guerra, de que é presidente a sr.ª D. Livia de Magalhães Fachada e secretaria geral a sr.ª D. Maria del Pilar Santos Nogueira, deu o nosso collega «O Seculo» 2.409$01 em roupas, agasalhos e tabaco, que vão ser immediatamente expedidos para os campos de concentração na Allemanha.

Relações entre Portugal e Italia

Realisou-se na Legação de Italia uma reunião de commerciantes italianos de Lisboa e numerosos representantes do commercio portuguez, a fim de se tratar da reorganisação em novas bases da Camara de commercio italiana de Lisboa, sob o ponto de vista do estreitamento das relações commerciaes entre os dois paizes, e tambem para se estudar os elementos de novos tratados de commercio. O sr. ministro de Italia proferiu um discurso indicando a nova orientação que deve tomar aquella importante instituição, a qual deve ser: «desenvolver cada vez mais o seu caracter de orgão de união entre Portugal e Italia». Por fim, propôz que o numero de socios de nacionalidade portugueza seja illimitado. Foi nomeada uma commissão, presidida pelo Cav. Ernesto Piccapano e constituida pelos srs. Crida, Frau, d'Onofrio, Bisso, Battistini e Flora para fazerem nos estatutos algumas modificações cuja necessidade se impõe no momento actual, e dada a nova orientação que a referida Camara propõe seguir.

Carreiras d'Africa

Entrou um vapor da carreira da costa occidental d'Africa, trazendo um importante carregamento de generos coloniaes e 217 passageiros, entre os quaes 59 praças do exercito vindas de Loanda. Vieram tambem 13 ex-condemnados.

Durante a viagem falleceram: Henrique Correia Celles, Rodrigo da Costa, Antonio Martins, Luiz Antonio e Alberto Ferreira.

C. E. P.

Lista de mortos

No quartel general territorial do C. E. P. foi hoje affixada a seguinte lista de mortos:

Por ferimentos em combate: Bateria de artilharia de guarnição: soldado 311 da 3.ª Antonio Joaquim Alves, em 9 de abril; soldado 376 da 2.ª, José Antunes, idem; soldado 502 da 1.ª, José de S. Thiago, em 25 de julho.

Por doença: 1.º G. C.ª de Administração Militar: soldado 831 da 7.ª, Feliciano da Cunha, em 24 de julho, por tuberculose pulmonar; soldado 371 da 7.ª, Manuel dos Santos, em 24 de julho, por tuberculose pulmonar; infantaria n.º 24, soldado 630 da 1.ª, Abilio de Rezende, em 23 de julho, por broncho-pneumonia; infantaria 19, soldado 686, da 4.ª, Manuel Pinheiro, em 4 de julho, por tuberculose pulmonar; infantaria 28, soldado 316 da 9.ª, Joaquim Coelho Pimentel, em 24 de julho, idem; artilharia 3, soldado 219 da 5.ª, José Correia, em 15 de julho, idem.

Por desastre em serviço: infantaria 35, soldado 489 da 1.ª, Antonio da Costa, em 18 de julho.

Por intoxicação: bateria de pontoneiros, soldado 421 da 2.ª, Manuel Gomes Ferreira, em 1 de agosto.

Amnistia a militares

Sr. director do jornal «A Capital».—Como o seu jornal está sempre prompto a pugnar pelos interesses de todos, tomamos a liberdade de sollicitar de v. a publicação do seguinte:

Pelo decreto 4223 de 8 de maio, do presente anno, isto é, pela elevação á presidencia da Republica do sr. Sidonio Paes, foi concedida a amnistia a officiaes e praças de pret do exercito de terra e mar, não sendo, porém, extensivo ás praças que fazem parte das forças coloniaes.

Constando-nos que ha mais de 3 mezes se acha esboçado novo decreto que abrange todas essas praças, e como até hoje nada haja de positivo, attendendo a que o decreto vem beneficiar muitos chefes de familia, tomamos a liberdade de recorrermos ao seu jornal para que com vista ao secretario de Estado das colonias chegue ao seu conhecimento o pedido que deixamos feito, certos de que, baseados na mais completa justiça, não deixará de o publicar.

Agradecendo, somos de v. etc. — «Um grupo de sargentos».

Echos & Noticias

ALUMNO DISTINCTO

Concluiu com distincção o 2.º anno do curso geral de desenho da Escola de Bellas Artes, tendo sido distinguido com a medalha de prata em todas as cadeiras e com o premio pecuniario do Estado o alumno Mario Alberto de Sousa Gomes, filho do nosso amigo sr. Manuel Andrade Gomes e sobrinho do distincto aguarelista e tambem nosso amigo sr. Alberto Sousa. Já no anno passado obtivera egual distincção.

Aos nossos amigos as mais sinceras felicitações.

FALLECIMENTOS

Falleceu o menino Antonio Alberto de Valle Flôr Brito Chaves, filho do considerado clinico sr. dr. Brito Chaves e neto do sr. marquez de Valle Flôr. O funeral realisa-se amanhã, ás 10 horas, da estação do Caes do Sodré para o cemiterio dos Prazeres.

A' familia enlutada e em especial a seu avô, os nossos mais sinceros pezames.

DOENTES

Encontra-se livre de perigo da grave doença de que foi acommettido o sr. Albano Sarmento, estimado chefe da 1.ª secção de investigação criminal.

A imprevidencia com armas de fogo

O commerciante sr. João Dias Martins, de 20 annos, natural e residente em S. Domingos do Souto, Abrantes, quando estava experimentando uma espingarda, fel-o com tal imprevidencia que a arma se disparou, indo a carga, que era de chumbo, fracturar-lhe o maxillar, com perda de todos os dentes.

Trazido para Lisboa, depois de tratado no banco do hospital de S. José pelo sr. dr. Amor de Mello, deu entrada na enfermaria n.º 3.

PEQUENAS NOTICIAS

José Vicente Valente, residente em Mação e de passagem em Lisboa, queixou-se que dois individuos desconhecidos o burlaram pelo processo do «conto do vigario» apanhando-lhe a quantia de 100 escudos.

—Apresentou queixa á policia o sr. Agostinho Augusto Tavares, residente em Setubal, de que lhe furtaram uma carteira com 500 escudos.

A policia de Lisboa

O corpo de policia deve hoje novamente exercicios, apresentando-se muito bem e executando diversas manobras com a maior precisão. Pela orientação que lhe têm imprimido é digno de elogio o seu commandante.

POEIRA DA ARCADA

Dominios portuguezes

Foi entregue na secretaria da instrucção uma carta original do official da armada, sr. Loureiro da Fonseca, que reproduz, na mesma escala, os dominios portuguezes da metropole e das colonias. O respectivo secretario de Estado mandou fazer uma larga edição, para ser distribuida por todas as escolas.

Lyceu Rodrigues de Freitas

O secretario de Estado da instrucção ordenou que, sem perda de tempo, se proceda á acquisição de terreno e inicio das obras, por administração directa, para o novo edificio do lyceu de Rodrigues de Freitas, no Porto.

Internato nos lyceus

Nas estações officiaes desmente-se a noticia que correu de que seriam inaugurados este anno os lyceus com regimen de internato.

Uma syndicancia

O sr. Damião Peres, professor do lyceu de Gil Vicente, foi incumbido de proceder immediatamente á conclusão da syndicancia em tempo feita ao inspector do circulo escolar de Pinhel.

Pessoal universitario

A proposito do pedido de melhoria de vencimentos feito pelo pessoal universitario, foi fornecida á imprensa a seguinte nota officiosa:

Uma commissão de empregados universitarios convocando os seus collegas para uma reunião destinada a pedir melhoria de vencimentos, labora em equivoco ou foi mal informada attribuindo ao secretario de Estado da instrucção publica declarações que positivamente não foram feitas. O que elle disse ao chefe da repartição universitaria para ser transmittido aos interessados, foi isto: «Que reconhecia a legitimidade da reclamação, e que lamentava o lapso, pois d'um lapso se trata, da respectiva commissão deixando de incluir esta classe de servidores do Estado na tabella de augmento de ordenados. Accrescentou que não hesitára em acceitar todas as propostas que as commissões e os directores das escolas lhe fizeram para levantar a situação economica dos funccionarios de todas as cathegorias, e que sendo discutivel a sua competencia para legislar no interregno das camaras, procuraria fazer todavia quanto em si estivesse para dar, logo que possivel fôsse, satisfação aos reclamantes.»

Pela armada

Vae ser presente á junta de saude naval o vice-almirante sr. Barbosa Leal, director da Escola Naval.

D'este estabelecimento de ensino foi nomeado instructor o 1.º tenente sr. Queimado de Sousa.

Bibliothecarios

Foram confirmados nos cargos de bibliothecarios das faculdades de lettras de Lisboa e de direito de Coimbra, respectivamente, os srs. drs. Silva Telles e Alvaro Machado Villela.

Antonio Alberto de Valle Flôr Brito Chaves

FALLECEU

Clotilde de Valle Flôr Brito Chaves e Guilherme d'Azevedo Brito Chaves, os paes, irmãos, cunhados, tios e primos participam a todas as pessoas de suas relações e amisade que foi Deus servido chamar a si seu muito querido filho, neto, sobrinho e primo Antonio Alberto de Valle Flôr Brito Chaves, cujo funeral sahirá amanhã, 30, pelas 10 horas, da estação do Caes do Sodré, para o cemiterio Occidental.

Desde já muito agradecem a quantos se dignarem acompanhal-o n'este transe.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2383 — 9.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sexta-feira, 30 de Agosto de 1918

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL. Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço 2 centavos

Dia a Dia

Da guerra e dos exercitos

A contra-offensiva dos alliados

Os allemães em retirada para a linha de Hindemburgo—A intervenção dos americanos—O inimigo ha de propôr um accordo antes de transpôr o Rheno

Da mesma forma que no Vesle o commando allemão tem sustentado uma violenta batalha,—aspecto muito curioso de luctas de guardas da retaguarda—para salvar a tempo o material que ficou compromettido pela surpreza no sacco de Montdidier-Noyon. Foi sobretudo em Chaulnes e Roye, já em poder do 4.º exercito inglez e 1.º exercito francez, que as tropas allemãs oppozeram uma resistencia mais energica. Pelas instrucções que teem sido encontradas em poder dos prisioneiros sabe-se que as unidades allemãs receberam ordens especiaes, descendo-se a pormenores que revelam a grande preoccupação que se apoderou do estado maior do inimigo com respeito á marcha das operações e á quebra da força moral que se vae exgotando nas hostes dos dois kronprinz.

Já se fala na substituição do principe imperial da Prussia. Parece que da entrevista dos dois imperadores germanicos resultou chegar-se a um accordo para se sacrificar Ludendorff e cobrir assim as responsabilidades que cabem ao principe allemão, que passará á posteridade como a figura mais sinistra da historia.

A sua attitude em Verdun foi desastrada: mas poderia haver duvidas se o fracasso da sua offensiva tivesse sido justificado pela serie de medidas adoptadas pelos alliados; mas agora não póde já haver quem tenha alguma hesitação em poder affirmar que o kronprinz allemão é um grande desastrado em estrategia. A segunda batalha do Marne prova-o á evidencia.

Os allemães teem recuado mais lentamente do que nos primeiros dias da contra-offensiva; mas não resta duvida que Ludendorff sacrifica terreno conquistado e prepara uma posição d'espera ao norte do Somme.

Já por mais de uma vez o nosso Diario da Guerra tem accentuado que a queda de Roye e de Chaulnes levaria o inimigo a abandonar todo o terreno entre o Avre e Somme.

O resultado incontestavel das duas brilhantes manobras em Tardenois e na Picardia não podia ser outro senão levar a frente á tomar a forma rectilinea entre Albert e Reims. Os jornaes allemães deixam prever e aconselham mesmo a retirada para as linhas de Hindenburgo. Mas não é provavel que Ludendorff abandone, sem ser á viva força, as margens do Aisne e o Chemin des Dames e ainda mesmo a margem norte do Somme.

Póde-se dizer que todo o plano «collossal» de separar o exercito inglez do francez já falhou bem como a marcha sobre Paris. E falhou porque o commando allemão apreciou mal a força dos exercitos alliados e a sua capacidade de resistencia. Se Ludendorff suppôz que encontrava em Foch e Petain adversarios temiveis, julgou que os seus talentos seriam estereis no esforço, pela falta de reservas necessarias e que os dominaria pelo accrescimo das forças de ataque e pelo jogo do novo methodo de offensiva fundada na surpreza em massa. Mas a Ludendorff falta-lhe, como a todos os chefes politicos e militares allemães o senso psichologico que faz apreciar pelo seu justo valor a força do adversario: Não avaliam com precisão os elementos oppostos, partem de uma idéa fixa da superioridade incontestavel e todo o seu plano preconcebido falhou quando se encontra em face de uma superioridade imprevista.

Assim se explica na historia d'esta longa guerra, as victorias e os revezes successivos da Allemanha. E n'esta ultima batalha que dura ha cinco mezes, a surpreza de que o commando allemão se julgava o senhor, voltou-se contra elle e parece bem que é a unidade do commando interalliado quem está para o futuro a ditar a lei.

Os chefes politicos e militares allemães são obrigados a reconhecer que o equilibrio das forças se rompeu e que a superioridade momentanea e real que lhes tem sido proporcionada pela deserção dos russos, e de que tinham pensado em tirar partido decisivo antes do fim d'este verão, desapparece de semana a semana e passa cada vez mais para os alliados, que encontram tão valioso auxilio não só na quantidade mas na qualidade dos effectivos americanos.

Depois das brilhantes provas dadas o marechal Foch constituiu o primeiro exercito autonomo americano e os americanos terão o seu sector e contribuirão para as batalhas feridas em todos os outros sectores.

A grande batalha de Albert e Reims está perdida para os allemães e sem duvida o commando alliado vae continuando a pressão sobre as frentes do Somme e do Aisne. Mas outros sectores estão sendo atacados com exito na frente ingleza, o que era naturalmente que succedesse á medida que o inimigo vae deslocando as suas reservas para o sul.

A situação dos alliados é pois excellente e é muito possivel que os allemães se convençam que teem de propôr um accordo antes de serem obrigados a transpôr o Rheno.

*

A batalha é encarniçada—Os francezes transpõem o Ailette

PARIS, 29.—Communicação official de hoje ás 23 horas:—Durante o dia continuou a nossa progressão na região do canal do Norte que alcançámos inteiramente, excepto na direcção de Catigny e Sermaize; occupámos o bosque de Quesnoy a nordeste de Ecuvilly e Beaurains. Mais para o sul a batalha revestiu o caracter de encarniçamento. Tomámos Noyon em alta lucta e progredimos até aos limites sul de Happlincourt. A leste de Noyon estabelecemo-nos nas vertentes do sul do monte Saint Simeon e conquistámos Landrimont e Morlincourt. Fizemos algumas centenas de prisioneiros. Entre o Oise e o Aisne as nossas tropas conseguiram transpôr o Ailette em alguns pontos ao norte e ao sul de Champ, a despeito da resistencia opposta pelo inimigo. Guny e a ponte de Saint Mard estão em nosso poder. Nada a registar no resto da linha.—(Havas).

Como os allemães confessam a derrota

ZURICH, 29.—Uma communicação allemã d'esta tarde annuncia d'este modo a retirada das tropas imperiaes: «Entre o Somme e o Oise os nossos elementos avançados permaneceram deante das nossas novas disposições em contacto e combates com o inimigo; o qual no dia 27 só com hesitação é que nos seguiu e que hontem nos apertou mais vivamente além de Dompierre, Belloy, Nesle, Beaulieu e Suzoy. Por varias vezes as nossas tropas o constrangeram a ataques custosos e o fizeram recuar em seguida. A sudoeste de Noyon, depois de preparação de artilharia muito intensa, atacou as nossas antigas linhas, que já não occupavamos. Noyon foi submettida pelos francezes a violentissimo canhoneio; esta cidade fica deante da nossa linha de combate». D'este documento resulta evidentemente que Noyon está em poder das tropas francezas.—(Havas).

Como elles confessam a perda de Bapaume

ZURICH, 29.—Communicado allemão das 21 horas:—Durante a tarde deram-se novos combates no terreno avançado deante das nossas linhas a leste de Bapaume, Peronne e Noyon. Foram frustrados alguns ataques particularmente violentos dos franco-americanos.»

D'este communicado allemão parece resultar que Bapaume foi tomada pelas tropas britannicas.—(Havas).

*

O cahos da Russia

Negociações de paz russo-finlandeza

BASILEA, 29.—Um telegramma official de Berlim diz que vae haver um addiamento das negociações da paz russo-finlandeza para permittir aos negociadores consultarem os seus governos.—(Havas).

*

De todo o mundo

Os emprestimos feitos pelos Estados Unidos

WASHINGTON, 29.—Os Estados Unidos já emprestaram aos alliados 6.602,040.000 dollars, assim distribuidos: á Inglaterra, 3.345 milhões; á França, 2.065 milhões; á Italia 760 milhões; á Russia, 325 milhões; á Belgica, 154,259.000; á Grecia, 15.790.000; a Cuba, 15 milhões, e á Servia, 12 milhões;—(Correspondente).

O ouro em Hespanha

MADRID, 29.—Continuam em augmento as existencias do ouro no Banco de Hespanha, tendo-se elevado de 17 a 24 do corrente de 2.175.20 milhões de pesetas a 2.779.68.

Os beneficios realisados subiram de 10.88 a 12.04 milhões de pesetas.—(Correspondente).

Os reis visitam-se

BASILEA, 29.—O imperador da Allemanha chegou hoje a Nauheim, vindo pagar a visita ao rei da Bulgaria.—(Havas).

BASILEA, 29.—O imperador Carlos chegou hontem a Munich acompanhado do sr. Burian, em pagamento da visita do rei da Baviera.—(Havas).

A producção de manganez no Estado de Minas Geraes

BELLO HORIZONTE (ESTADO DE MINAS GERAES), 29.—Uma das mais importantes companhias proprietarias de minas de manganez pôz á disposição do governo federal a totalidade da sua producção para o governo negociar directamente com o governo norte-americano, ou ceder ás fabricas nacionaes de fundição para ser applicada na fabricação do aço destinado ás fabricas de armas e munições e aos estaleiros nacionaes.—(Americana).

(Vêr mais telegrammas na «Ultima Hora»)

André Brun

Lêr, a partir de 1 de setembro, n'«A Capital», a brilhante secção de André Brun

"Migalhas,,

Lêr, a partir de 1 de outubro, em folhetins de A CAPITAL, os capitulos de

"A malta das trincheiras,,

série de interessantes episodios da vida dos nossos «poilus» em França.

Honduras e Nicaragua

Ruptura de hostilidades entre as duas republicas

NOVA YORK, 29.—Dizem de S. Salvador que as tropas nicaraguanas já invadiram Honduras. O governo da Nicaragua não acceitou a arbitragem relativa á fronteira porque a decisão do rei de Hespanha favorece Honduras. Os jornaes dizem que o governo entregou já os passaportes aos ministros de Honduras, intimando-os a partirem dentro do prazo de 23 horas.—(Havas).

Menor atropellado

Depois de receber curativo no banco do hospital de S. José, recolheu á enfermaria n.º 4 José Maria Correia dos Santos, de 14 annos, filho de José Correia dos Santos e de Maria Rita Pereira, morador na rua Vicente Borga, 74, 2.º, esq., que na praça do Municipio foi atropellado por uma carroça da Manutenção Militar, guiada por Joaquim José dos Prazeres, soldado n.º 866 da companhia de equipagens. O atropellado ficou muito contuso no peito e costas.

A deslealdade de "O Dia,,

A pena de morte, primitivamente requerida contra os responsaveis das glorias conquistadas pelo exercito portuguez em França, é generosamente commutada em degredo e penitenciaria

Voltou «O Dia» a resmungar. Fez bem. Quanto mais balbuciar, mais se descompõe. Vae confessando. Devagar, é certo, mas vae confessando. E as suas confissões, feitas, entretanto, a contra gosto, merecem ser archivadas, porque são o espelho de intenções occultas. Assim, sem querer, vae descobrindo o jogo...

Sempre tortuoso, tomando por atalhos, evitando cuidadosamente a estrada ampla e cheia de luz da Liberdade, o miguelista transviado, admirador de Torquemada e discipulo de Pina Manique, liberal do tempo da dissidencia progressista, travestido agora de reaccionario a fim de impellir a Republica para o abysmo das perseguições cegas e das tyrannias grotescas, «O Dia» sente-se feliz, n'este periodo transitorio onde o republicano—dentro do seu regimen—soffre a pressão dos monarchicos, influentes no Terreiro do Paço. Em aguas de pantanos é que «O Dia» prefere navegar. Sente-se feliz. Assim, dá gosto viver... Pode envergar o dominó que lhe parecer, pôr a mascara que mais lhe agrade. E' catholico para proveito da sua politiquice de monarchico enviesado, sempre arreganhando o dente, mas mordendo, impotente, o freio que lhe poz o sr. Ayres d'Ornellas; e é monarchico para attrahir os catholicos sinceros que, aliás, percebendo o jogo saloio, lhe comem a isca e desprezam o anzol. Para manter este equilibrio do «jougleur» politico, «O Dia» alinhava uma prosa de agua chilra, misturando tudo e todos, occultando o proprio pensamento, não vá elle repugnar á ingenuidade de leitores desprevenidos!...

As suas habilidades, não nos desviam do bom caminho. A questão, por nós posta, é simples. O resto desprezamol-o. E á questão responde «O Dia» o sufficiente para uma boa, uma salutar escalpellisação.

«O Dia» escreveu isto:

«...esses grandes responsaveis sejam julgados no grande tribunal, a opinião publica quando não possam ser amarrados ao banco dos réus e sentenciados ás penas maximas que, com todas as aggravantes, castigam os culpados dos mais monstruosos crimes de assassinio!»

Referia-se «O Dia» aos responsaveis pela intervenção militar de Portugal nos campos de batalha de França. E nós interpretamos a sua prosa, onde transparecem rancor e raiva, d'esta forma:

«...suggestionado pelo execravel e inextinguivel odio á Liberdade, «O Dia» projectou no publico o artigo peçonhento, com que pretendia preparar a opinião para o julgamento e condemnação dos intervencionistas portuguezes. «A' forca! á fogueira!» gritou, desvairado, sentindo referver no cerebroso figado o odio aos amigos da Justiça e do Direito. «Que todos morram, todos os que tiveram responsabilidades na politica intervencionista! A' morte os responsaveis!...»

Apressa-se «O Dia» a rectificar esta interpretação porque, diz elle, em Portugal não ha pena de morte. Se houvesse, então sim, estava certo! Mas não ha, o que, para a hypothese, deve constituir um grande desgosto para a alma immaculada do truculento monarchic.

E' verdade que se podia, em caso de necessidade, restabelecer a forca, tão do agrado do bom rei D. Miguel, collega do capitão-pretendente D. Manuel, amo e senhor d'aquelle mesmo «Dia» que tanto se distinguiu no açular das multidões contra o paе assassinado em 1 de fevereiro. Mas, emfim, é forçoso reconhecer que não ha, agora, nem forca nem fogueira para estrangular ou queimar os responsaveis pela intervenção militar de Portugal nos campos de batalha de França. Tem «O Dia» de se contentar com menos. E elle o declara formalmente, rectificando a nossa interpretação á sua prosa viperina:

«Onde estão n'estas palavras as phrases com o sentido que «A Capital» lhes attribuiu, chegando a pôr na epigraphe do seu artigo d'hontem, como se nossa fosse, a exclamação — «A' morte os responsaveis!»...?!

Onde se fala de morte? Onde se fala de forca? Onde se fala de fogueira?

Só muita ignorancia ou uma grande má fé—e vamos pela segunda hypothese—póde ter ditado as considerações da «Capital» d'hontem.

Acaso as penas maximas com que se castigam em Portugal os culpados dos mais monstruosos crimes d'assassinio são penas de morte?»

Não, responde «O Dia» solemnemente. E accrescenta que não se tratava de MORTE AFFRONTOSA AOS RESPONSAVEIS mas simplesmente da PENA MAXIMA DE DEGREDO OU PENITENCIARIA com que SE CASTIGAM OS CULPADOS DOS MAIS MONSTRUOSOS CRIMES DE ASSASSINIO. Para os responsaveis da epopeia militar de Portugal em França não pede «O Dia» a pena de morte, porque ella não existe no Codigo Penal Portuguez; limita-se a desejar-lhes um modesto degredosinho em Africa ou uma confortavel cellula nas penitenciarias, como se esses responsaveis tivessem praticado o execrando crime de parricidio, com requintes da mais perversa crueldade. Alma santa, a do «O Dia». Alma de christão... «boche»!

Accrescenta que nós duvidamos, n'um determinado momento, da victoria dos alliados. E' falso. Nunca «A Capital» deixou de exprimir a fé mais pura e ardente na victoria definitiva da Liberdade contra a Reacção...

Sempre assim nos manifestámos, desde a primeira hora da guerra. Tivémos horas de cruel angustia, de tormentosa espectativa? E' certo. Mas quem as não teve? Só os inimigos dos alliados se sentiram reconfortados com a marcha fulminante dos exercitos do kaiser sobre Paris e sobre Calais. Elles é que viram a derrota da França. E foi por isso que «O Dia» publicou o artigo guilhotina, a prosa Torquemada, escripta por uma alma neroniana e dictada por um espirito transviado, cheio de visões e de delirio. Para nós, amigos dos alliados, havia a certeza de que o dia seguinte seria melhor que o de hontem; mas que dolorosos minutos a atravessar ainda, antes de se receber a noticia—que acabaria por chegar com certeza!—da barragem, opposta pelos alliados, á marcha victoriosa do inimigo!...

Para «O Dia», porém, não havia duvidas. O «boche» ia vencer! E estava finalmente proximo o dia da vingança tremenda a tirar d'esses negragados patriotas que sonharam um Portugal grande, reedificado sobre o heroismo do soldado portuguez exteriorisado em França, onde estavam concentradas as attenções do mundo inteiro. Para os responsaveis de tão tremendo crime reclama «O Dia» as penas mais graves do degredo ou da penitenciaria! Não era a morte que «O Dia» reclamava: era peior que isso!

Registámos de novo as datas. Ellas são eloquentes, ellas explicam tudo.

O artigo de ponta e mola de «O Dia» foi publicado em 15 de abril. No dia 9 os soldados portuguezes morriam aos milhares. Em 11 e 12 chegavam as primeiras noticias do glorioso sacrificio. Depois, o silencio, a respeito dos portuguezes. Mas o «boche» avançava victorioso sobre Paris e Calais. As linhas inglezas tinham sido rotas. Uma larga estrada ficava aberta á invasão. E então «O Dia», convencido da victoria infallivel dos «boches» pediu a penitenciaria e o degredo para os responsaveis da intervenção militar de Portugal, sómente pesaroso, como agora confessa, de que a pena de morte não tenha existencia legal em Portugal.

Torce-se agora todo, «O Dia», porque o desmascaramos, recordando-lhe a prosa scelerada e commentando-lh'a como ella merece. Torce-se todo, coitado! «Ah! que se fosse na Romenia...» diz elle, de si para si. Mas não é. Não é e os alliados vão vencer. Que raiva em que «O Dia» se debate!...

Torce-se todo, sob o nosso ferro em braza. Tem ouvido alguma coisa. E' por isso que se torce. Pois talvez ainda venha a ouvir mais e melhor!...

Ao leitor d'A CAPITAL

Depois de lido, envie este jornal á *Junta Patriotica do Norte* (Paços do Concelho—Porto), a fim d'esta o mandar para os nossos soldados no «front».

O problema da ordem

Lições que o sr. Sidonio Paes Presidente da Republica, offerece ao sr. Tamagnini Barbosa, secretario do Estado do interior

Acostumados, como estamos, a que as mais puras intenções sejam desvirtuadas, não estranharemos que as palavras aqui escriptas a respeito da acção governamental do sr. Tamagnini Barbosa venham a ser attribuidas a isto ou áquillo, menos ao verdadeiro motivo que as dita. Isso não tem, entretanto, uma importancia capital. Cumprimos o nosso dever de republicano que quer, acima de tudo, a conservação da Republica, indispensavel á independencia nacional e á integridade do territorio portuguez. E porque julgamos prejudicial á estabilidade das instituições o arbitrio e a violencia exercidas pelo Poder, verberamos e condemnamos os abusos praticados pelo illustre Secretario de Estado do Interior e seus agentes. E' indispensavel parar em tão funesto caminho. Já o dissemos, mas repetimol-o, na esperança de que nos ouçam: assim, perde-se a Republica. Se alguma duvida houvesse, bastava vêr o regosijo dos monarchicos e o afan com que «O Dia» incita o sr. Tamagnini Barbosa a proseguir na nefasta obra de dissolução republicana. Essa sementeira d'odios, tão prodigamente feita pela Secretaria de Estado do Interior, agrada aos monarchicos, porque ella é dissolvente da unidade republicana. Governar tendo n'uma mão o odio e na outra a vingança, é gerar o crime. Governou-se assim na Russia e o imperio perdeu-se e a nacionalidade difficilmente escapará ao afundamento das instituições czarianas; assim agiram despotas, como João Franco e Affonso Costa, e da acção do primeiro surgiu o crime e da do segundo a revolução libertadora. Espera agora o sr. Tamagnini Barbosa escrever uma pagina da historia que contrarie a lei que impõe a producção dos mesmos effeitos perante causas identicas? Estará, a tal ponto, cerebralmente transviado?

Tome o sr. Tamagnini Barbosa por programma de governo o que o sr. Presidente da Republica disse no Porto. Gize o seu procedimento energico—mas sensato, mas ponderado—pelas lições de civismo que o Chefe do Estado a todos deu, na celebre visita aos torturados da policia do Porto. Deixe-se conduzir por tão grande chefe! E leia isto para seu governo, isto que são palavras do sr. Sidonio Paes, ditadas pelo seu grande coração de patriota e de republicano, ainda a palpitar de indignada emoção. Leia, sr. ministro do interior. Pense e reflicta. Encontrará n'essas eloquentes palavras o antidoto necessario para matar o seu odio insatisfeito e a sua sêde de vingança.

Fala o sr. Presidente da Republica:

«O que eu vi, no Porto, é horrivel! O que eu vi, no Porto, não se descreve. E um espectaculo que nunca se me apagará da memoria... Que me deixei levar por impulsos emotivos — diz-se — e que um chefe de Estado deve fazer calar o coração, porque ha alguma coisa mais alta do que a bondade, que é a Justiça! Sim: o chefe do Estado tem de ser, acima de tudo, a lei. Mas tambem não o façamos rigidamente — á estatua. A bondade é tambem por vezes uma forma de justiça e para fazer justiça, pode ser necessario perdoar.

«O que se passou no Porto com os presos politicos necessitava de um exemplo retumbante. Era preciso gritar bem alto que hoje não se aggride um preso! Era necessario, era nobre, era digno bradar aos agentes de auctoridade com tendencias para exorbitar das suas attribuições, que o homem conquistou o direito de não ser açoitado, quando um delicto o levar á prisão! E foi esse brado que eu quiz soltar, de modo que todo o Portugal o ouvisse! A solução que eu achei que devia dar-se ao conflicto visava, principalmente, a resultados moraes. Era um exemplo e uma lição...

....

—A «Manhã», e, sobretudo «A Capital»—diz s. ex.ª—puzeram a questão nos seus verdadeiros termos. Ali estão postos o caso moral e o caso juridico. Ora nem um nem outro teem entendimentos com a presidencia nem com o governo, de cujos actos, por signal, algumas vezes tem discordado...

«Dos que atacam o meu acto, muitos, quasi todos, o farão por medo... E' o pavor do que possa succeder, sem um regimen de severidade repressiva, que seja como um dique a uma receiada torrente de conspiração.

«Eu nada receio, comtudo—eu, que seria o principal alvo das arremettidas revolucionarias. Da mesma forma por que, para dar uma grande lição de moral a agentes da auctoridade prevaricadores, levei esses homens aos empurrões para a liberdade, assim os levarei ámanhã para a cadeia, se um tentativa criminosa puzer em perigo a ordem publica! Que ninguem duvide d'isso! A tarefa a que se impoz a revolução de dezembro não ficará em meio. Para a executar empenharei a minha vida e muito poderá quem tiver forças para me fazer torcer caminho emquanto eu tiver comigo a opinião do paiz. E o paiz, que comprehendeu muito bem o meu gesto de dar a liberdade a dois homens que tinham sido aggredidos na prisão—não deixará ámanhã de me appoiar, com egual enthusiasmo, se eu tiver necessidade de os metter na prisão novamente!»

Quem fala a linguagem da verdade e da intelligencia? O sr. Sidonio Paes, que prega a Justiça como norma de governo, ou o sr. Tamagnini Barbosa quando affirma que nada esqueceu, que jámais esquecerá?...

Quem é grande e quem é mesquinho?...

COISAS DO NOSSO TEMPO

Encurtar distancias...

A «Americana», importante agencia telegraphica que temos em Lisboa, communicou á imprensa que serve, uma resolução tomada pelos engenheiros francezes, inglezes e hespanhoes nos congressos ultimamente realisados.

Tratava-se d'uma petição, unanime, dos respectivos governos interessados, sobre a abertura d'um tunel sób o canal de Gibraltar. Tratava-se de um expresso sulcando a França, cortando d'alto a baixo a Hespanha e enfiando pelo escuro buraco aberto em Gibraltar, para voltar a ver a luz do sol em plena Africa, septentrional é verdade, mas Africa. Com Dakar, um instante de Paris ao Rio de Janeiro, um esfregar d'olhos: Ao todo, sete dias. Quinze dias, gastos em ida e volta para um rico proprietario da Avenida Central chegar a Paris a fazer um negocio na grande Bolsa. Quinze dias para, em ida e volta, uma gentil «modelo» rue de la Paix, trazer do Corcovado, preso e rendido o mais sério e circumspecto dos subditos do sr. Rodrigues Alves.

Ah! o progresso, a marcha veloz para a commodidade, para o conforto, é um facto. Apesar de todas as atrocidades, o seculo XX é ainda, ha de ainda ser o seculo da grande Luz. Porque não havemos todos de concordar n'estas verdades tão lisongeiras ao nosso orgulho de homens civilisados, porque não acreditar plenamente n'estas noticias, n'estes projectos grandiosos que fazem o mundo mais bello e mais habitavel? Porque...

* * *

Porque, em tudo devemos pôr o senso pratico e o esprito da reflexão. Sem termos o acolhimento sempre escancarado para tudo, seja o mais chimerico ou o mais attentatorio á boa realidade, nem tão pouco sermos negativistas por absoluto, devemos ponderar, a frio, os factos que se apresentam e tirar d'elles conclusões.

O mundo de ámanhã vae ser uma obra nova que hoje quasi somos incapazes de conceber. Todos os cerebros trabalharão para o fim commum, todas as energias, as vontades se dedicarão ao resurgimento da civilisação. Os inventos, as descobertas, os progressos que hoje morrem no segredo das nações, virão na paz ser fontes de novas riquezas civilisadoras. No mar ultrapassar-se-ha o limite do progresso, em conforto, em velocidade, em segurança—já attingido antes do anno fatal; na terra a construcção, as industrias sentirão um nunca experimentado impeto de enthusiasmo. No ar o homem dominará já em segurança. Por toda a parte haverá a indomita febre de sulcar, vencer, desvendar, progredir. O ferro, o aço, o cimento, o engenho, os sores, as pinças, attingirão o limite maximo da certeza e do prodigio. E o mundo, será então uma coisa nova, trabalhada, civilisada, mechanicamente detalhada para o conforto, para a commodidade: a maior conquista do homem para esse fim, será a das distancias. O tempo é cada vez mais curto e ha de se aproveitar bem; as distancias empeçam as actividades, o telegrapho, os «rails», os telephones são já de hontem; é preciso voar, voar mais depressa; e por isso o homem consegue definitivamente o seu almejado sonho de tantos seculos: azas.

Mas, tudo se conseguirá depois; quando os espritos voltem a concentrar-se no trabalho util; depois da rude tarefa de santrar o mundo de hontem, depois de exterminar o ruim mal que envenenára a felicidade dos povos—militarismo ou czarismo, ambições de conquista ou plethora commercial — a humanidade voltará á sua obra de paz. Mas, só então. Não ha actualmente no mundo um pensamento, um gesto, um acto infimo que não sinta sobre si, debaixo de qualquer forma, a influencia da guerra. Tudo gira levado pelo sopro que passa no mundo; só com a calma virá a calma. Só, pois, quando terminar a guerra, esses engenheiros que pensem e tranquillamente possam delinear a directriz d'esse tunel sob Gibraltar, esses engenheiros, esses milhões de operarios para abrir a rocha, assentar linhas, construir a abobada, os materies, a mão de obra tudo, emfim, estará livre para se dedicar a qualquer grande emprehendimento. Mais urgente e de necessidade immediata para a guerra, seria o tunel sob a Mancha, tão projectado, tão discutido. Por elle viriam á Europa os soldados intermináveis do «desprezivel exercito» e com que segurança! Mas esse tunel como o de Gibraltar não se fazem. Porquê? Porque a sua necessidade não é tão vital que valha os sacrificios a dispender. E' possivel mesmo que olhando o futuro, prevendo-o, nunca se realisarão, porque a sua vida seria limitada. Feita a paz, a segurança dos mares voltará completa: a navegação será rapida; o que não se fizer por mar, nos grandes «transatlanticos» de dimensões nunca realisadas, far-se-ha pelo ar; ao aeroplano está reservado com um exito seguro os serviços postaes, as communicações rapidas entre paizes; aos dirigiveis de grande raio de acção estará reservado um papel mais largo de navegação e trafico. Os mares serão sulcados assim. Todo o progresso dos caminhos de ferro, da electricidade e do vapor, ficarão reservados para os grandes movimentos continentaes. Não mais tuneis senão os que perfurem as grandes cadeias de montanhas, para encurtar distancias; tudo mais em pleno ar, ar livre, cheio da claridade vibrante d'um seculo grandemente civilisado; por isso o tunel sob Gibraltar nunca se realisará.

* * *

Mas outro lado ha a attentar n'este desejo dos engenheiros e governos dos paizes que hoje formulam as suas petições e esboçam os seus projectos. E' na previdencia d'esses povos.

Apesar da lucta, apesar das mil preoccupações da guerra, para a guerra e pela guerra, elles pensam. O problema das communicações, da reducção das distancias interessa-os, pensam n'elle, d'uma forma realisavel ou não, (os engenheiros o dirão) mas pensam no problema. E nós, a quem os grandes problemas economico e financeiro não assoberbam tanto como a elles deixamos criminosamente perder a mais bella das occasiões para tentarmos qualquer coisa de util para depois da guerra. Lançar as bases de emprezas de navegação, de sociedades coloniaes, crear industrias novas, imprescindiveis para o paiz e que iamos buscar n'uma dependencia absoluta ao estrangeiro, agora que não existe a concorrencia, era um passo logico n'um paiz previdente e intelligentemente organisado. Quando os outros voltassem, encontrariam os nossos proprios productos valorisados, as nossas industrias reputadas, as nossas carreiras frequentadas; mas, não. Em nada se pensa. Olha-se vaziamente para esse telegramma que fala d'um programma gigantesco, d'um sonho de grandeza, e admira-se quando muito o arrojo da temeridade humana e os progressos do engenho». E não se vê que essa linha para Dakar, o abreviamento das communicações entre Paris e o Rio de Janeiro, por esta solução ou outra qualquer, seria a ruina do nosso porto de Lisboa.

Se aqui nada se faz para prender o extrangeiro, se tudo emperra, se difficulta, anda para traz!!

Alguem chegado recentemente do Brazil dizia-nos que é dolorosa a visão da nossa passividade quando olhados lá de fóra. Para o Rio, apesar das difficuldades de navegação, ha carreiras de quasi todos os paizes. Mais ou menos regulares, mas ha-as; só nós, que mais intimos interesses tinhamos na communicação permanente e estreita com o povo irmão, não possuimos nem carreiras proprias, nem ao menos prendemos as do estrangeiro. Para se ir para Portugal, vem-se por Hespanha, vem-se por França, com grandes vantagens para aquelles paizes e grande indifferença para nós.

E' possivel, quasi infallivel, que esse projecto tentador do Rio e Paris em 7 dias não se faça. Mas não deixarão os homens activos, os governos progressivos das nações civilisadas de pensar no caso, e mais cedo ou mais longe tenderão para a sua resolução. Hoje, pensa-se na Africa como ponto mais proximo do nosso continente; a Hespanha não deixa, comtudo, de estender pelo mar os molhes e os caes dos seus portos, n'um desejo absolutamente louvavel de desviar para si a linha inter-continente.

E nós ficaremos para traz; não acompanhamos esta marcha ardente para a abolição das distancias; aqui tudo se demora, cada vez mais, é peor; não se anda, não se facilita; tudo são attrictos e aquelles que desejam ir depressa procuram o caminho mais curto e mais facil.

E' preciso, fundamentalmente preciso, que cheguemos ao seculo XX. D'isto se devem convencer governantes e governados, todos quantos possuem energia, vontade e amor pela nossa terra. A inercia atabafa-nos; a indolencia faz-nos esquecer, e nós, parados a zelar a segurança publica interna, ou a commemorar feitos historicos, nada produzindo de util para o mundo civilisado do Amanhã, mesmo de Hoje, não sabemos fazer-nos lembrados pelos que vão depressa, que pensam, que trabalham, que projectam e não se importam de gastar catadupas de ouro em perfurar o sub-fundo d'um mar, estender milhares de kilometros de rails, para se libertarem do tropeço, incivilisado e politiquinho, que lhes demora a victoria sobre as distancias.

"As grandes batalhas,,

Vae a Capital iniciar brevemente a publicação da admiravel obra que o eminente escriptor Julio Dantas escreveu expressamente para o nosso jornal. **As grandes batalhas,** *que irão renovar o immenso triumpho da Patria Portugueza e do* **Amor em Portugal no seculo XVIII,** *serão opportunamente annunciadas e hão de constituir, sem duvida, um dos grandes acontecimentos litterarios do anno corrente.*

Ha por ahi um monarchico que queira ser governador civil de Coimbra?...

O sr. Solano d'Almeida é ainda governador civil de Coimbra? O sr. ministro do interior affirma que não, visto que o decreto da exoneração d'aquelle alto funccionario já foi assignado. Entretanto, como ainda não foi publicado no «Diario do Governo», o sr. Solano d'Almeida é, de direito, o governador civil de Coimbra, embora já o não seja, parece, de facto.

E porque não foi publicado o decreto? Revela-o o correspondente do «Jornal de Noticias», do Porto, nos seguintes termos:

«Volta a insistir-se em que foi demittido o sr. Solano d'Almeida do governador civil de Coimbra. Pois não foi tal, visto não ter apparecido ainda no «Diario do Governo» o decreto com essa demissão. E porque não appareceu ainda? Porque os monarchicos teem feito tudo para evitar que o sr. Solano d'Almeida abandone o seu logar, ao mesmo tempo que, para remediar esse desastre, se elle se der, teem empregado os maiores esforços para que o novo governador de Coimbra seja pessoa da sua absoluta confiança. E' n'este ultimo facto que reside, principalmente a difficuldade com que se tem luctado para dar a Coimbra um novo governador civil capaz de fazer pela Republica tudo quanto necessario fôr para que ella seja respeitada por gregos e troianos».

D'aqui se conclue, forçosamente, isto: ou que a influencia dos monarchicos em Coimbra é ultra-poderosa ou que o ministro do interior não dispõe d'um republicano para assumir um cargo da sua confiança pessoal...

«Signal dos tempos!» como outr'ora berrava «O Dia»...

NATURISMO

Calor

O thermometro, n'este gabinete onde passo o dia, marca agora 30° c., com as traças entreabertas e portas semi-cerradas. Tomba uma desesperante canícula que bello é o calor que agita e alimenta, vivifica e restaura. Viver n'um tempo quente é, para quem vive com a Natureza, um grande prazer... Geralmente, todo o resto dos homens transpira muito, toma gelados, bebe cerveja, e clama contra o tempo. Conforme-me com a benção do sol que cresta, que doira, que matiza e faz sobre a terra vigor e energia. A luz do Sol encheu e deslumbra. Se quereis ter a imagem de Deus olhae para o Sol. Não podeis fital-o. Astro potente que doira a paisagem e torna tisnadas as faces das ceifeiras que engrandece a vida e que permitte ao paria dormir ao relento! Paizes do sol continuo são a morada ideal. Para elles me transporto agora. E' ali que se devia passar a existencia. O calor já em são não incommodava pelo habito. Se bem que o sol faça crescer o arroz e o faz desabrochar e o fructo amadurecer, tambem provoca a chuva transformadora. N'este paiz, despido do manto da floresta umbrosa e verde onde o espirito se deleita e suaviza, a chuva falta. Crime de arboricidas! E o sol, impiedoso queima e testa, demasiado a terra lusitana, gerando a fome e a peste e a guerra. Calor na floresta, á beira d'um rio ou no alto da serra, cobertos de arvoredo dadivoso de fructo—esse, sim, é que é de benção e italia. O sol é o «primo» motor da creação. Adoremos o Sol.

Dr. Amilcar de Sousa

Caixa Economica Portugueza

O movimento da Caixa Economica Portugueza durante o mez de abril ultimo foi de 27.098.888$76 na totalidade, sendo 14.304.059$34 de entradas e 12.794.829$82 de sahidas, que resultou um saldo positivo de 1.509.230$52 que, adicionado ao existente no mez anterior, perfaz a importancia de 47.548.197$44.

CAMBIOS

Lisboa, 30 de agosto de 1918.

	Compra	Venda
Cheque sobre Londres	29 1/2	29 5/8
90 d/v	29 7/8	
Cheque sobre Paris	805	810
» Hollanda	870	890
» Italia	290	305
» New York	1700	1725
» Madrid	400	410
Rio sobre Londres	12 1/4	
Libras ouro	10$30	10$60
Agio do ouro	134 00	136 00

POEIRA DA ARCADA

Conferencias em Cintra

O coronel sr. Amilcar Motta foi hoje a Cintra conferenciar com o sr. presidente da Republica e submetter á sua assignatura alguns diplomas.

Tambem a conferenciar com o sr. dr. Sidonio Paes esteve á noite passada em Cintra o sr. dr. Alfredo de Magalhães.

Governadores do ultramar

Seguiram já a seu destino o novo governador de Angola, capitão de fragata sr. Philomeno da Camara, e os governadores d'alguns districtos, assim como o pessoal civil e militar que os acompanha.

PEQUENAS NOTICIAS

Carlos Emilio, chefe das cosinhas do hotel de Inglaterra, queixou-se á policia de que no largo de S. Domingos dois individuos desconhecidos o burlaram por meio do conto do vigario, apanhando-lhe a quantia de mil escudos.

—Queixou-se José Maria da Costa, da rua Gil Vicente, 3, D., de que quatro individuos, tres dos quaes conhecidos pelo «Setil», «Emilico» e «Pilão» entraram no seu estabelecimento de mercearia na calçada da Tapada, 180, furtando-lhe objectos no valor de 555 escudos.

—Foi preso Alfredo Augusto Elias, soldado n.º 870, do Deposito de Praças do Ultramar, por ter furtado objectos de ouro no valor de 200 escudos a Antonio José Braga, morador na rua dos Vinagres, 22, 2.º

O abastecimento do Porto

Reclamações justas

As classes commercial e industrial do Porto vão dirigir ao governo uma representação, patrocinada pelo governador civil d'aquelle districto, na qual se pede, entre outras medidas, as seguintes, para serem postas em pratica immediatamente:

Conceder-se a mais ampla liberdade do exercicio do commercio pelo que respeita á importação de todos os generos alimenticios; conceder, pelo menos, tres vapores de 4.000 a 5.000 toneladas para ficarem debaixo da administração directa do Porto, com destino exclusivamente ao abastecimento dos districtos situados na margem direita do Douro, para cima.

Um "escroc" industrioso

Tomando por campo de acção os hoteis

Ao sr. director da policia de investigação foram apresentadas duas queixas contra um cavalheiro de industria ha dias preso nas Caldas da Rainha, tendo sido encarregado o agente Custodio das Dôres das investigações respectivas.

A primeira queixa é da sr.ª D. Maria José Vieira, dona do hotel Lisbonense, em Almeida. A segunda, a do ... que no esteve hospedado 15 dias, sob o nome de Adolpho da Silva Pinto, advogado em Figueira de Castello Rodrigo, Almeida.

Cinco dias depois de ahi se achar hospedado conseguiu apanhar á queixosa a quantia de 300$00, para a compra de generos alimenticios de que o hotel carecia. Tinha em Almeida, de onde esses generos viriam, e onde possuia propriedades, facilidade de obter por preços razoaveis os generos em questão. Como, porém, a sr.ª D. Maria Vieira o não conhecesse, entendia que podesse e devesse ter escrupulos ácerca da sua probidade, deu-lhe como garantia um cheque de 1.190$00, depois do que desappareceu.

Verificou-se que o cheque era falso e que não partira para Almeida, mas para o Hotel das Duas Nações, na rua da Victoria. E entra agora o segundo queixoso, sr. Baptista Duarte, proprietario do mesmo hotel, em scena.

Logo no primeiro dia de residencia ali pretendeu, dizendo-se ser seu antigo conhecido e velho amigo do cavalheiro tauromachico Manuel Casimiro, que o sr. Duarte lhe descontasse um cheque na importancia de 300$00, no que não foi attendido.

O hospede desappareceu logo, só voltando a ter-se noticias d'elle, quando foi preso nas Caldas, de onde, por telegramma foi requisitado ao respectivo administrador pelo sr. director da policia de investigação criminal.

Verdades amargas

A manutenção da escandalosa protecção, concedida pelo Estado ao sr. José Malhou, enriquecerá este á custa de todo o commercio exportador de vinhos, com prejuizos irreparaveis para a agricultura nacional. E' a esse resultado final que se pretende chegar?...

Allegam os felicissimos detentores do monopolio dos vapores exallemães que o contracto Federação-Malhou beneficia a agricultura nacional e que por isso deve ser mantido. E' esta uma simples desculpa de mau pagador, como é facil de provar com um raciocinio que está ao alcance de toda a gente. Dirigir-nos-hemos ao governo da Republica, que é o primeiro e mesmo o unico responsavel pela manutenção e continuação d'este escandaloso negocio, que tem por base um contracto feito entre o Estado e o sr. Thiago Salles, para o conseguimento do qual foi arvorado um chefe do gabinete d'um ministro das Subsistencias e Transportes que demonstrou excessiva credulidade e ingenuidade.

Duas perguntas fazemos ao governo:

1.ª — Onde vae o commercio adquirir o vinho que exporta?

2.ª — Para quem são os lucros da collocação em França do vinho exportado pelo sr. Malhou?

A primeira pergunta só tem uma resposta: todo o vinho adquirido pelo commercio para exportação é fornecido pela viniculura nacional, isto é, pelo lavrador que colhe as uvas e fabrica o vinho. Não pode vir d'outra parte, evidentemente. D'aqui se conclue que o lucro da venda do vinho no commercio exportador cahiu integralmente na bolsa do lavrador, sem poder ser desviado para outro destino. Se, portanto, se quizesse effectivamente proteger a agricultura nacional, fazendo-a beneficiar dos resultados d'uma occasião unica, devia manter-se a liberdade do commercio animando a concorrencia porque, quanto mais intensa esta fosse, mais o valor venal do vinho em cima da borra tardaria a subir, com vantagens indiscutiveis para o cultivador da vinha e o fabricante do vinho, entidades que, em regra, estão reunidas no mesmo individuo, que é o lavrador. A interferencia livre e directa do exportador junto do lavrador era, pois, a melhor forma de beneficiar a agricultura.

Agora, vejamos a resposta á segunda pergunta.

Os lucros da collocação em França do vinho do sr. Malhou não são para os lavradores; são, somente, inteirinhos e limpos, para o mesmo sr. Malhou e seus socios na especulação do contracto Federação-Malhou. A demonstração é simples: o preço de compra para o vinho que o sr. Malhou adquire foi fixado em 40$00. Não pode ser maior, nem menor: é fixo. Os lucros de todo o negocio, d'ahi por diante, são em beneficio apenas do sr. José Malhou & C.ª, — e os lavradores são ainda prejudicados com a ausencia de outros compradores, visto que o sr. Malhou põe e dispõe, a seu bel-prazer, da quasi totalidade da praça dos vapores que carregam vinho para França. E' um duplo prejuizo para a agricultura: aquelle que provém da fixação do preço de venda dos seus vinhos em 40$00 por pipa e o prejuizo que lhe acarreta a expulsão do commercio exportador na concorrencia da compra.

Fundados nas duas respostas ás perguntas feitas—e desafiando qualquer contestação que se lhes queira oppôr—concluimos por outra pergunta: porque é que o governo, ou quem quer que seja por elle, se abstém por certo de dar cabal resposta:

— Que imperiosos motivos levam o moralissimo governo da Republica a enriquecer um unico dos exportadores de vinhos — o sr. José Malhou — em prejuizo e á custa de todo o commercio exportador?...

Mas é realmente o sr. José Malhou um commerciante exportador de vinhos, na verdadeira acepção da palavra? O venturoso concessionario é, apenas, um homem de negocios, como vamos demonstrar. E um homem de negocios é sempre um perturbador.

O sr. José Malhou era viticultor em Alpiarça mas, em certo momento propicio, arrendou as suas propriedades. Não o foi depois, nem consta que seja agora, estabelecido em qualquer ponto do paiz. Entretanto sabe-se que negocia em vinhos, embora não possua armazens, nem vasilhame, nem cascaria, nem sustente um pessoal, nem seja collectado, etc. E' um negociante avulso, especulador de arribação, que aproveita as occasiões, sem responsabilidades nem os encargos de um verdadeiro commerciante exportador de vinhos. Capital, não tem, nem precisa. E' o lavrador que lh'o fornece, preso ás condições leoninas e habilidosas do contracto Federação-Malhou, conforme já aqui demonstramos em artigo anterior.

Entretanto ha uma grande parte da população lisboeta que vive, directa ou indirectamente, do commercio de exportação de vinhos. Essa população habita desde Xabregas até ao Cabo Ruivo, onde estão situados os armazens dos exportadores. O sr. José Malhou tem lá o seu, por acaso? Não tem. Então que especie de commerciante exportador é este?

Pois foi a este commerciante *sui generis*, assim arranjado do pé para a mão, que nada arrisca e tudo tem a ganhar, que o governo entendeu conceder uma illimitada protecção, á custa do legitimo commercio exportador, a quem o Estado não se esquece de cobrar pesadissimas contribuições, mas a quem nega o direito de viver, recusando-lhe praça nos vapores que, aliás, põe incondicionalmente ás ordens do sr. José Malhou. Que moralidade! E é para isto que se fazem revoluções!

O negocio foi tratado com os democraticos, no tempo do sr. Lima Basto, a quem chegaram a pedir que requisitasse a favor do *grupo* todo o vasilhame existente no paiz. O ministro resistiu e o escandalo não se consumou. Agora é o que se está vendo!

A lucta é desegual e os exportadores serão vencidos. Elles não podem combater contra o Estado, que é omnipotente. O sr. José Malhou é o Estado; logo, os exportadores serão arruinados. Está escripto! E não vem longe o momento. Quando o comprador francez verificar que só o sr. Malhou consegue pôr em França quantidades apreciaveis de vinho, convencer-se-ha que os restantes sessenta exportadores não valem grande coisa e entregar-se-ha exclusivamente nas mãos do sr. José Malhou. Será o golpe de misericordia que terminará com a agonia do commercio exportador de vinhos de Portugal, em beneficio das «burras» pejadas de ouro do sr. José Malhou!

Mas não haverá jamais justiça n'esta terra?...

Agora falemos para o articulista d'*A Ordem*. E elle que responda se é capaz:

—Quem são as centenas de horticultores que entregaram as suas colheitas á Federação? Venham os nomes e as quantidades, se são capazes.

—Porque razão entregou a Federação ao sr. Malhou, que não é horticultor, mas que é commerciante sem armazens, nem adegas, nem vasilhame, nem cascos, todo o lucro da transacção e não o guardou para si? Isso é que seria defender a horticultura.

—Porque é que o sr. Malhou exclamou na reunião dos syndicatos em Lisboa que tres quintas partes dos associados eram analphabetos?

—E' capaz alguem de provar que se vendesse vinho a 20$00? Venham provas, não façam só affirmações gratuitas. Os negociantes já provaram que pagaram vinho entre 37$00 e 45$00.

—Quem é que suga a viticultura? E' o sr. Malhou que pelo seu contracto exporta o vinho sem o comprar ou o commerciante que compra com todas as obrigações inherentes ao acto?

—Quem é que explora a agricultura? São os commerciantes ou é o sr. Malhou que, sob o falso pretexto de a salvar da ruina, realisa um lucro para si calculado em 7:500 contos e paga ao lavrador analphabeto o vinho ao preço de 40$00, quando o commercio ha dois annos o pagou a 50$00?

Respondam, se são capazes...

Medicina legal

Uma urgente remodelação de serviços—O que é a Morgue de Lisboa

Ha dias o secretario de Estado da justiça visitou a Morgue de Lisboa vindo d'ali pessimamente impressionado. Nomeou immediatamente uma commissão para estudar um projecto para construcção de novo edificio para a Morgue de Lisboa, ao mesmo tempo que incumbia o director d'aquelle estabelecimento, sr. dr. Azevedo Neves, de elaborar um projecto de organização dos serviços de medicina legal em todo o paiz. N'uma reunião que hontem se effectuou no gabinete d'aquelle secretario de Estado e a que assistiram os srs. drs. Sobral Cid, Lopes Quadros e architecto Rosendo Carvalheira, fez o sr. dr. Azevedo Neves a leitura do referido projecto, que foi approvado e cujas bases são as seguintes: Creação de medicos peritos junto dos tribunaes das comarcas do continente e das ilhas adjacentes; de institutos de medicina legal nas comarcas de Lisboa, Porto e Coimbra, destinados aos serviços periciaes n'essas comarcas; de conselhos de medicina legal em Lisboa, Porto e Coimbra, com funcções revisoras e consultivas; de um curso especial de medicina legal para medicos legistas; e finalmente a manutenção do ministerio publico; effectivação do pagamento dos honorarios aos peritos.

Com referencia ao projecto da construcção de um edificio para a Morgue de Lisboa, apresentou-se um projecto elaborado pelo architecto sr. Leonel Gaia, que reune as condições necessarias e a que a commissão vae procurar dar execução mais rapida possivel.

O estado da Morgue de Lisboa é de facto o que ha de mais precario e improprio para um serviço como deve ser o da medicina legal, bastando dizer-se que teve já como consequencia o fallecimento de 1 assistente e de 3 serventes, resultante de doenças ali contrahidas, e que pelo mesmo motivo se acham atacados de serviço 2 medicos e 3 serventes.

ULTIMA HORA

Da guerra e dos exercitos

A offensiva dos alliados

A queda de Peronne imminente — Combles cercada

PARIS, 30.—Os jornaes dizem que está imminente a queda de Peronne e de Guiscard, o que ameaça Combles, que os alliados já ultrapassaram em muitos kilometros.—(Havas).

Os allemães forçados a abandonar o que tinham conquistado em março e abril — Os inglezes tomam Ham e Bapaume

LONDRES, 30.— Communicado do marechal Haig, de hontem á noite:— Os ataques coroados de exito que os 1.º, 3.º e 4.º exercitos britannicos travaram desde 8 do corrente tornaram insustentaveis as posições allemãs do Ancre e do campo de batalha do Somme. Na linha de batalha, a partir de Bapaume, na direcção do sul, o inimigo foi obrigado a abandonar o terreno que tão caro lhe custou a adquirir nas suas offensivas de março e abril d'este anno, e soffreu grandes perdas em prisioneiros, material de guerra, canhões, mortos e feridos. Attingimos a margem occidental do Somme em Fac-Briere Peronne (?). Tomámos Ham, e avançámos ao norte de Ham na linha geral Combles, Morval, Beaulincourt e Fremicourt. Esta parte da linha de batalha foi theatro de vivos combates durante o dia, no decurso dos quaes infligimos numerosas perdas ás tropas de infantaria que tentaram retardar a nossa marcha.

Esta manhã os neo-zelandezes entraram-se de Bapaume, escorraçando as guardas da retaguarda inimigas. No sector ao norte de Bapaume os allemães continuam a esforçar-se por manterem as suas posições. Avançámos depois de duros combates, nas proximidades de Vraucourt, Ecoust, Saing-Mein, Hendecourt e Lezcagnicourt, fazendo numerosos prisioneiros. Ao norte do Scarpa, uma feliz operação permittiu que nos restabelecessemos nas posições da colina de Greenland, que um contra-ataque allemão nos tinha forçado a abandonar em 27. Tambem ganhámos terreno durante o dia, nas duas margens do Lawe, ao norte de Bethune e a leste da floresta de Nieppe.—(Havas).

Contra-ataques allemães repellidos em toda a linha

PARIS, 30.—Ao sul do Somme e na região do canal do Norte, não houve modificação alguma durante a noite. Entre o Ailette e o Aisne, os francezes repelliram varios contra-ataques e mantiveram as suas posições conquistadas a leste de Pasly. No Vesle e na Champagne tambem se malograram varios golpes de mão, tentados pelos allemães. No resto da linha de batalha houve socego.—(Havas).

Mais de 100.000 prisioneiros, perto de 2.000 canhões tomados—A tomada de Ginchy e Guillemont

LONDRES, 29.—Informação da Agencia Reuter sobre a situação militar:— Ao norte de Bapaume nada a assignalar. Apoderámo-nos de Bapaume, ao sul marchámos sobre a aldeia de Beaulencourt, attingimos as alturas situadas a nordeste de Gendecourt e quasi que attingimos Lotransloy. Mais para o sul, as nossas patrulhas penetraram em Lesboeuf e Morval, tomámos Ginchy e Guillemont e attingimos os arredores occidentaes de Maurepas. Ao sul do Somme, attingimos este rio em Peronne e Happlincourt, de onde a nossa linha segue pelo canal do Somme até quasi ao sul de Rougiegrand, a nordeste de Nesle, e, depois pelo canal do Somme ao Oise até Cachy, a leste de Roye, e, a seguir, de leste de Bouvilly até Noyon. Desde o dia 8 fizemos mais de 40.000 prisioneiros e tomámos 500 a 600 canhões. O total dos prisioneiros feitos pelos alliados desde 18 de julho vae muito além de 100.000 homens, e o numero dos canhões tomados attinge quasi 2.000.—(Havas).

A cooperação dos aviadores inglezes

LONDRES, 30.—Communicado de hontem, do marechal Haig, sobre aviação:—Embora prejudicados pelo mau tempo, os nossos aviadores lançaram 4 toneladas de bombas sobre as gares e os comboios na zona de batalha, e forneceram por para-quedas, em varios pontos da linha de batalha, munições ás nossas tropas avançadas. De noite, lançaram 11 toneladas e meia de bombas, atacando violentamente o entroncamento de Cambrai e o aerodromo a leste de Saint-Quentin.—(Havas).

Nas linhas italianas

Um ataque inimigo repellido, com grandes perdas para os austriacos

ROMA, 29.—Official:—No valle de Concei (Giudicarno), o inimigo, depois de violento fogo, atacou as nossas posições, sendo rapidamente repellido pelo violento fogo dos nossos postos avançados, que contra-atacaram, obrigando o a retirar-se com grandes perdas e deixando prisioneiros em nosso poder. Nas vertentes ao norte do Aristo e ao norte do Rosso, as forças exploradoras inimigas foram atacadas e dispersas por meio de efficazes concentrações de fogo; bombardeou intensamente a linha de batalha inimiga e as suas linhas de communicação.—(Havas).

Guerra maritima

Navios patrulhas atacados por hydro-aviões

PARIS, 29.—Dois navios patrulhas pertencentes á divisão naval da Syria, foram atacados por quatro vezes, hontem de manhã por uma esquadrilha de hidro-aviões inimigos, os quaes lançaram sem resultado 26 bombas e fizeram tambem numerosos tiros de metralhadora. Os patrulhas ripostaram e attingiram um hidro-avião que soffreu avarias.—(Havas).

Operações no Oriente

Violenta lucta de artilharia

PARIS, 29.—Exercito do Oriente em 28:—Actividade crescente da lucta de artilharia nas duas margens do Vardar na curva do Cerna e ao norte de Monastir. Na Albania foram dispersos pelo nosso fogo alguns destacamentos inimigos ao norte de Devoli. A aviação britannica bombardeou bivaques inimigos a noroeste de Doiran.—(Havas).

De todo o mundo

A neutralidade da Suecia em fóco

PARIS, 30.—O «Echo de Paris» diz que os navios construidos pelos alliados de 1 de janeiro a 31 de dezembro de 1918 excederão em um milhão de toneladas os navios afundados.

Accrescenta depois que o campo de minas desde a Noruega ás ilhas Orcadas deixa muito a desejar, porque não impediu os submarinos allemães de passarem, concluindo por dizer que a Noruega de certo não deixará de attender o justo pedido dos alliados para que seja respeitada a sua neutralidade.—(Correspondente).

Um violento incendio

devido á imprevidencia da dona do predio

A sr.ª D. Rosa Amelia Formigal possue na praça do Rio de Janeiro, esquina da rua do Seculo, uma propriedade de azulejo, que se compõe de cave, rez-do-chão, 1.º andar e aguas furtadas. Com sua familia reside no lado direito do 1.º andar o sr. Fernando Formigal de Moraes e no lado esquerdo o sr. Manuel Emygdio Sotto Mayor. A proprietaria do predio, necessitando fazer umas limpezas nas aguas-furtadas para ali se encaminhou hoje com uma mulher que trabalha a dias. Como os escoteiros estavam muito escuros, a sr.ª D. Amelia Formigal accendeu um candieiro, ali ardendo com o phosphoro para o lado. Este, que não estava bem apagado, foi cahir sobre um caixote onde estavam algumas fitas animatographicas pertencentes aos filhos do sr. Fernando Formigal, que se incendiaram; propagando-se o fogo rapidamente e com grande violencia, fugindo a proprietaria e a mulher que a acompanhava, espavoridas e gritando por soccorro. Uma creada de nome Maria do Espirito Santo que ao vêr o fogo se refugiára n'um quarto teve de saltar d'ali por estar sujeita a ser attingida pelas labaredas, ficando ainda queimada na mão esquerda e pescoço. O incendio, que lavrava com incremento, tomou o interior e outras dependencias. O material e pessoal dos bombeiros, tanto municipaes como voluntarios, não tardaram a comparecer, mas de principio teve de se haver com a falta de agua, o que demorou o ataque. Feito este pelo pessoal dos quarteis 1, 2, 3, 4, 7 e 8 e das estações 14, 15, 16, 18 e 19 e voluntarios, todos superiormente dirigidos pelo respectivo commandante, sr. Francisco Carlos Parente, conseguiu-se o fogo extincto duas horas depois, sendo os prejuizos nas aguas furtadas totaes. No local juntou-se muito povo que era contido por forças de policia e da guarda republicana.

Honduras e Nicaragua

A causa do litigio

WASHINGTON, 30.—A acceitação da arbitragem dos Estados Unidos para decisão do litigio entre as Republicas de Honduras e Nicaragua foi devida ao facto de não agradar a esta ultima a indicação feita pela de Honduras, de que fôsse o rei de Hespanha esse arbitro. Parece que a causa principal do conflicto foi ter-se descoberto ouro n'um dos rios que correm ao longo da fronteira commum e em cujas aguas tanto Honduras como Nicaragua pretendem exercer soberania.—(Havas).

Acceitam a arbitragem dos Estados Unidos e cessam as hostilidades

WASHINGTON, 30.—As Republicas de Nicaragua e de Honduras, a pedido dos Estados Unidos, consentiram em retirar da fronteira todas as suas tropas, e a submetter a questão á arbitragem dos Estados Unidos, por intermedio dos seus ministros em Washington —(Havas).

Noticias politicas

Tempestade n'um copo d'agua

Confirma-se a noticia de que o pessoal do gabinete do sr. secretario d'Estado do interior pediu a exoneração, não por incompatibilidades com o sr. Tamagnini Barbosa, mas ao que se diz, por não lhe agradar a apreciação feita pelo sr. presidente da Republica ácerca d'esse pessoal.

O capitão sr. Mello Vieira pediu a exoneração de governador civil de Leiria, logar que não deseja reassumir quando deixar de exercer as funcções de chefe do gabinete do secretario do interior.

Prisioneiros de guerra

A bordo do paquete «Beira» chegaram a Lisboa 7 subditos allemães, sendo 4 irmãs de caridade e 3 padres, vindo todos para terra acompanhados do sr. Lucio Heitor, da policia do porto, que os apresentou no ministerio da guerra.

As gréves em Hespanha

As fabricas em Badalona todas fechadas—Duas mortes

BARCELONA, 30.—Continuam fechadas em Badalona todas as fabricas. As lojas estão com os taipaes postos, sendo as ruas patrulhadas pela guarda civil, que não permitte ajuntamentos.

Um grupo que se formára em frente do Centro Operario foi immediatamente dissolvido.

No hospital falleceram dois dos feridos. O presidente da camara pediu para os cadaveres serem transportados para Badalona, a fim d'ali serem sepultados, mas ao que parece, o pedido não será attendido, para evitar manifestações.—(Correspondente).

Voltando á Patria

Chega ao Tejo mais um vapor com militares vindos de Moçambique

Vindo de Macimbôa, com escala pelos outros portos da costa oriental e occidental d'Africa, chegou esta manhã ao nosso porto um dos vapores da Companhia Nacional de Navegação, trazendo um importante carregamento de productos coloniaes e 290 passageiros, muitos dos quaes militares regressados por motivo de doença, da columna expedicionaria que está operando ao norte da provincia de Moçambique.

A bordo veiu o cadaver do major de artilharia sr. Leopoldo da Silva, morto em virtude de ferimentos recebidos em combate no Niassa.

Durante a viagem falleceram os soldados de artilharia 6 José Saraiva, natural de Sinfães, e de infantaria 23 Antonio Alves, de Tamengas, Anadia; o prisioneiro de guerra Bucca; o passageiro, Alfredo da Assumpção Felizardo, estudante, natural de Lourenço Marques, e tres serviçaes africanos.

Falta de pezo no pão

Azeite apprehendido

Pelo fiscal Antonio José Pereira foi autuado Caetano Marques, residente na rua de S. Bento, 246, por vender pão de 1.ª qualidade com falta de 60 grammas a Maria do Rosario, moradora na rua Manuel Bernardes, 89. O mesmo fiscal tambem procedeu contra Manuel Martha, rua de S. Bento, por falta de pezo de 170 grammas.

Um Aldegallega foram apprehendidas ao sr. Francisco Cardoso Lemos, na herdade da Abegoaria, 600 litros de azeite não manifestado. No logar do Adão Lobo, concelho do Cadaval, foram feitas as seguintes apprehensões de azeite, não manifestado: a Eduardo Augusto Nunes, 50 litros; a Antonio Vicente Marques, 20 litros; a Abel Gaspar Rodrigues, 80 litros e a José Balsa, 13 litros, que se encontravam enterrados no quintal proximo da sua habitação.

No armazem de Vala do Carregado foi levantada toda a farinha julgada incapaz para o consumo, na quantidade de 920 kilos. Vae ser devidamente analysada a amostra colhida.

Foram apprehendidos 4.500 litros de trigo não manifestados, do qual se tiraram amostras. Esse cereal pertence a João Pedro Esteves, do logar das Casmeiras, concelho de Mont'Agraço.

A Anicelo Reis foram levantadas amostras de 2.000 litros de milho, que tinha no casal da Espregueira, concelho de Mont'Agraço.

A José Joaquim Rufino, do mesmo concelho, logar de Gallegos, foram apprehendidos 840 litros de trigo não manifestado. No mesmo concelho, logar das Lameiras, foram apprehendidos 1922 litros, pertencentes a Firmino Alves.

Sports

As corridas de automoveis

devem realisar-se brevemente pondo em competencia os nossos melhores «volantes» e as marcas existentes no mercado

Está assente a realisação de grandes corridas de automoveis, que se deverão effectuar nos fins do proximo mez de setembro.

Depois que a noticia chegou ao conhecimento dos nossos «sportsmen» e dos representantes de marcas de automoveis, o enthusiasmo cresce de dia a dia, na anciedade de vêr disputar uma das provas mais emocionantes.

Vão os nossos «volantes» mais uma vez mostrar as suas superiores qualidades de automobilistas, assim como se vão collocar em competencia as diversas «marcas» que existem no nosso mercado.

A commissão organisadora está trabalhando afincadamente no ensejo de promover com uma modelar organisação, taes corridas, que deverão marcar no nosso meio sportivo.

Na proxima semana a commissão vae enviar a todos os «sportsmen» e representantes de autos a seguinte circular:

Ill.mo e Ex.mo Sr.—Está constituida uma commissão de «sportsmen» que tomou a iniciativa de levar a effeito, nos fins do mez de setembro, grandes corridas de automoveis, julgando assim interpretar a vontade da maioria dos nossos «sportsmen» que se dedicam ao automobilismo e ainda a dos representantes das varias marcas de automoveis que presentemente se encontram no mercado.

A commissão, tendo já encetado os trabalhos de organisação d'essas corridas, vem por este meio convidar V. Ex.a a dar a sua adhesão a esta iniciativa que tem o fim unico de fazer a propaganda do «sport» automobilista e concorrer para o seu desenvolvimento.

Dentro de breve serão distribuidos os regulamentos e mais detalhes da organisação.

Mas, para que o trabalho resulte proficuo e a commissão saiba desde já com que elementos póde contar, muito agradeceriamos a V. Ex.a se se dignasse dizer-nos se podemos ou não contar com o seu valiosissimo concurso.

Certos de que a resposta se não fará demorar, temos a honra de nos subscrever com a maior estima e consideração.—De V. Ex.a Mto. Att.o V.or—Pela Commissão, o secretario, A. de Campos Junior.

O que é feito da «Taça Birch»?

Agora que estamos na epocha de natação e o «Walter-polo» está em acção, lembra-nos perguntar: onde está a taça Birch?

Porque é que não se disputa?

Sabemos que ella existe e foi gentilmente offerecida pelo sr. ministro da America para um campeonato de «Walter-polo» de 1.as cathegorias.

Porventura o seu regulamento mandava fazel-a disputar só um anno?

Porque não se disputou o anno passado?

Ao Club Naval de Lisboa compete esclarecer o assumpto.

A travessia do Porto a nado realisa-se no domingo estando inscriptos sete clubs

Realisa-se depois de ámanhã no Douro, conforme temos noticiado, a Travessia do Porto a nado, organisada pelo Comité Pró Sport, estando inscriptos sete clubs com o total de 14 nadadores, a saber:

N.º 1—Mario Cezar de Jesus, do Gymnasio Club Portuguez.

N.º 2—Antonio Pereira Banedo, do Racing Club do Porto.

N.º 3—João Justino Junior, do Racing Club do Porto.

N.º 4—Mario Duarte, do Sport Club de Espinho.

N.º 5—Rodrigo Besone Basto, do Sport Algés e Dafundo.

N.º 7—José Ferreira de Almeida, do Salão Sport.

N.º 8—Simões de Figueiredo, do Salão Sport.

N.º 9—Carlos Correia da Silva, do Salão Sport.

N.º 10—Antonio Flaveano Rosas, do Salão Sport.

N.º 11—Marques d'Almeida, do Sport Club do Porto.

N.º 12—Antonio Fontes, Sport Club do Porto.

N.º 13—Pedro Ferreira de Macedo, Sport Club do Porto.

N.º 14—Luiz Carlos Teixeira, Sport Club do Porto.

A partida da flotilha para o local da prova é feita ás 15 horas, lançando-se os nadadores á agua ás 16 horas prefixas.

O jury é constituido da seguinte fórma:

Presidente, Antonio Affonso de Paiva, (S. A. D.); juiz de partida, Antonio José da Fonseca, (S. S.); juiz de pista, Alberto Batiza e Antonio Brito, (S. C. P.); juiz de chegada, Armando Estima (G. C. P.); chronometristas, Jayme Campos (R. C. P.) e Antonio Augusto Ribeira (S. C. P.).

Relatos o delegados do Comité Pró Sport Oliveira Valença.

Concurso Nacional de Tiro

Iniciaram-se já os trabalhos preparatorios para a realisação d'este concurso, que deverá effectuar-se de 1 a 15 do outubro proximo.

Apesar das difficuldades que n'este momento se apresentam para a execução do grandioso certamen, tudo se dispõe para que ellas sejam vencidas de modo que elle revista o maior brilhantismo.

Os premios em dinheiro e em objectos de arte serão numerosos e de molde a despertar uma salutar emulação entre os nossos melhores atiradores.

Os treinos realisam-se todos os domingos do mez de setembro, das 12 ás 16 horas, sendo conveniente que os atiradores aproveitem esse mez para valorisar as suas aptidões.

O campeonato de foot-ball da «Taça Barreiro»

Tudo se prepára para a disputa da «Taça Barreiro» que o Foot-Ball Club Barreirense resolveu effectuar n'aquella localidade.

O sorteio para a organisação do respectivo calendario e nomeação dos respectivos juizes de campo, será feito na séde do club organisador, no dia 1 de setembro p. f. e a este acto deverão assistir os delegados dos clubs inscriptos, e na falta d'estes, perante a direcção do club organisador, que de seguida enviará o resultado aos clubs inscriptos.

O Foot-Ball Club Barreirense, auxiliará com a importancia de metade das passagens, todos os clubs de fóra do Barreiro, por cada vez que tenham desafio.

A abertura do campeonato é no dia 8 de setembro p. f.

Que clubs se inscreverão?

Nada se sabe por agora, mas estamos certos que, pelos fins que o Foot-Ball Club Barreirense tem em vista, os nossos clubs de Lisboa, não deixarão decerto de se fazer representar.

Assim o esperam os jogadores do Barreiro.

Noticias diversas

No domingo realisa-se em Pedrouços, pelas 13 horas, a corrida de natação de 100 metros organisada pelo Gymnasio Club Portuguez.

—O «boxeur» portuguez Silva Ruivo vae dentro em breve abrir, n'uma das salas do Centro Nacional de Esgrima, uma escola de box que funccionará á noite.

—Depois de amanhã realisa-se nas Caldas da Rainha um combate de box entre o campeão Silva Ruivo e Oscar da Silva.

—Brevemente no Gymnasio Club Portuguez effectua-se uma festa de homenagem ao fallecido athleta Francisco Padinha, inaugurando-se o seu retrato.

—O athleta Pinto d'Almeida, confirma a sua ultima carta sobre o desafio que lançou a todos os athletas portuguezes, parecendo certo que o sr. Alves Martins vae bater brevemente todos os «records» de Pinto d'Almeida.

—Deve realisar-se até ao dia 8 de setembro o campeonato de Walter-Polo organisado pelo Academico Sport Club.

—Depois de ámanhã realisa-se em Cintra um concurso hippico.

A festa da Liga de Melhoramentos e Recreios d'Algés realisa-se no dia 8 de setembro

Ficam concluidos ainda esta semana todos os trabalhos de construcção da nova pista e bancadas na explanada da Liga de Melhoramentos e Recreios de Algés, para a festa que se realisará no dia 8 de setembro.

O programma está sendo elaborado, com optimos elementos, pelo professor de gymnastica sr. João de Brito.

Hoje podemos já dar a noticia de dois dos seus numeros, que decerto vão imprimir á festa uma nota de interesse.

E' o numero do jogo de pau apresentado pelos srs. Jorge de Sousa (professor), e Jeronymo Andrade, dois jogadores de largos recursos, que farão um assalto movimentado e cheio de elegancia.

O outro é um numero de gymnastica acrobatica, denominado «Acrobatas Olympicos», em que os conhecidos gymnastas srs. Viriato Rosa e Carlos Moreira brilharão pela sua apresentação e correcção com que sempre apresentam os seus magnificos trabalhos.

São dois numeros do programma excellentes e que o publico tem applaudido em festas identicas.

A marcação de cadeiras começa a fazer-se na proxima semana para os socios da Liga, que poderão reservar os melhores logares das bancadas.

Nota diaria

No proximo mez de setembro deve realisar-se em Lisboa a maior e mais importante corrida de natação: «Travessia do Tejo individual».

E' uma prova que o Gymnasio Club Portuguez desde 1910 vem realisando, com triumpho embora n'uns annos, com mais concorrencia do que outros. Ultimamente a ausencia de concorrentes manifestou-se d'uma maneira desagradavel.

A corrida, como acima dizemos, é uma das que tem mais trabalho na organisação e ao mesmo tempo uma corrida de grande despeza. O anno passado, fazendo nós parte do jury, fômos nomeado presidente, e foi assim que immediatamente tratámos de propôr uma revisão ao regulamento, por este se achar um pouco antiquado e conter artigos que nem o club organisador nem os clubs concorrentes podiam presentemente cumprir.

Approvada essa nossa proposta, foi nomeada—como de costume—uma commissão de revisão, mas esta, segundo informações fidedignas, não compareceu ás reuniões, com excepção de um membro, o que levou este a fazer sósinho a referida revisão.

Crêmos que o novo regulamento já foi apresentado em assembleia e até se encontra impresso para ser distribuido pelos clubs congéneres.

Mas ha uma coisa que nos occorre do momento perguntar á actual direcção de aquelle club, antes de se fazer a sua distribuição: Sabe, porventura, quem é a pessoa que compareceu sempre ás reuniões e que resolveu—em vista da ausencia dos restantes—elaborar o regulamento? Pois, se não sabe, sabemos nós e vamos dizer-lh'o:

Foi o auctor do regulamento da Taça Awata.

Não necessitamos dizer mais nada, para que a actual direcção, que no proximo mez tem que organisar a prova, immediatamente faça uma revisão completa ao citado regulamento.

E' preferivel remediar agora o que porventura esteja incomprehensivel do que ir amanhã effectuar a corrida e ver-se em embaraços que só acarretam desgostos e trabalhos e até podem, sem intenção, é claro, collocar o nome d'aquelle club fóra do logar que já conquistou e que mantem.

E' esta a nossa opinião, e estamos certos de que com ella concordam os actuaes directores d'aquella casa.

Os torneios de esgrima organisados pela «A Capital»

Na proxima segunda-feira, pelas 22 horas, reunem na redacção de «A Capital», delegados das salas d'armas, para serem apreciados os regulamentos dos torneios que se deverão realisar em 29 de setembro e 3 e 5 de outubro, a favor dos mutilados da guerra.

Pelo estrangeiro

Travessia de Paris a nado

Acaba de se realisar em Paris a importante prova de natação annual que, como nos annos anteriores, obteve um grande successo.

Era enorme a multidão, que enchia as margens do Sena, desde a ponte Nacional até á ponte Mirabeau.

A partida foi dada ás 2 horas, ao primeiro concorrente.

E quem lhes parece que foi? Uma joven de 13 annos, Henriett Caredelle.

O veterano Paulus partiu ás 2,15 minutos, não levando nenhum barco a acompanhal-o. Os restantes concorrentes lançaram-se á agua ás 2,30 minutos. Debounet, o vencedor, passou á frente na ponte d'Austerlitz a 2 kilometros e 400 metros do ponto de partida.

A. de Campos Junior

Pelos clubs

(Communicações officiaes)

Sport Lisboa e Bemfica

Depois de ámanhã, pelas 16 horas, realisa-se no «rink» de patinagem do Sport Lisboa e Bemfica um campeonato de hockey em patins de cujo regulamento publicamos alguns topicos:

O Sport Lisboa e Bemfica organisará annualmente um campeonato de honra nas seguintes condições:

1.º—O campeonato de honra realisar-se-ha após o campeonato de patinagem.

2.º—A inscripção será aberta seguidamente ao campeonato de patinagem e estará aberta por espaço de oito dias.

3.º—Só serão admittidos os clubs, que tomarem parte no campeonato de patinagem.

4.º—Cada club concorrente pagará de inscripção escudos 3$00 sem inscripção individual dos jogadores.

5.º—Os encontros dos grupos serão designados pelos delegados dos clubs em calendario especialmente elaborado para esse fim n'uma reunião convocada para o dia seguinte, ao do encerramento da inscripção.

6.º—O campeonato será disputado em «poule», havendo uma lista de classificação e sendo declarado vencedor o grupo que tenha alcançado maior numero de pontos.

7.º—Um jogo ganho vale dois pontos para o vencedor e um jogo empatado representará um ponto para cada um dos adversarios.

No caso da egualdade de pontos entre os grupos melhores classificados no final do campeonato, effectuar-se-hão novos desafios para apurar os vencedores.

8.º—Todo o grupo que não compareça no dia e hora marcada para o jogo, será considerado em falta e considerado vencido.

9.º—Estabelecer-se-ha como premio para o club vencedor uma taça «Taça de Honra» que ficará na posse definitiva do club que a ganhe tres annos consecutivos.

Egreja de S. Roque

Reabre ámanhã ao culto

Recomeça ámanhã, na antiga egreja da Misericordia, o culto, entregue ultimamente á irmandade de S. Roque, sendo celebrado *Te-Deum* por musica vocal e instrumental, precedido de pratica pelo reverendo Vacondeus.

Será dada a beijar a reliquia do santo, não só ámanhã, como em todos os dias em que se celebra missa, no altar respectivo, que, aos domingos será ás 12 horas, a começar em 1 de setembro.

Theatros

Cartaz de hoje

THEATRO TRINDADE—A's 21,30—«O gato maltez».—GIMNASIO—A's 21,15—«Marionettes».—APOLO—A's 21,30—«A revolta».—EDEN—A's 21,30—«A trombeta da fama». POLYTHEAMA—A's 21,30—«Salada russa».

Animatographos, concertos e variedades—Central, Olympia, Chiado Terrasse, Foz, Condes e Salão da Trindade.

Nota do dia

Tive hontem a enorme alegria de abraçar dois bons amigos cujos nomes, consagrados no theatro portuguez, a elle teem dedicado uma grande parte da sua intelligencia e da sua actividade. São elles André Brun e Augusto Pina. Ao primeiro, se não bastassem para o lembrar, até dos indifferentes, os serviços que vem de prestar á sua Patria, combatendo ininterruptamente, durante mais de um anno no «front», a sua obra de auctor dramatico e as suas brilhantes qualidades de jornalista, que o elevaram, sem contestação possivel á cathegoria dos nossos primeiros humoristas, seriam mais que sufficientes para ser recebida, com verdadeiro alvoroço, pelo publico de Lisboa, a noticia da sua chegada. Veiu com elle o «Praxedes» e tanto basta para, facilmente, se comprehender a anciedade de ouvirmos este sobre assumptos da guerra, muito embora todos estejamos convencidos de que o sympathico lisboeta não passou da Alcabideche.

Por sua vez, Augusto Pina, tem o seu nome ligado á scenographia nacional, applaudido entre todos, pela firmeza do seu traço, artistica concepção dos seus pannos e delicadeza de côres.

Que após o repouso necessario elles voltem a deliciar-nos, o primeiro com as suas brilhantes chronicas e com o theatro da guerra e o segundo com as novidades, facilmente apprehendidas pelo seu espirito culto, durante uma larga permanencia no estrangeiro, são os meus mais sinceros votos.

Alvaro Lima

Informações

O actor Carlos Barros, do theatro salão dos Anjos, realisa ali, na proxima segunda-feira, a sua festa artistica com um escolhido programma. Para ella nos enviou tres bilhetes de balcão, para serem vendidos e o producto da venda reverter a favor dos pobres nossos protegidos, em nome dos quaes agradecemos.

Réclames

Para a recita de honra de Palmira Bastos que no dia 3 se realisa no Gymnasio, estão tendo grande procura os bilhetes antecipadamente marcados pelas mais distinctas familias da nossa sociedade elegante. Representa-se em recita unica a deliciosa comedia «Bicho do matto», cuja distribuição é a seguinte:

«Fran Duvrenet», Palmyra Bastos; «Lili Duvrenet», Ilda Stichini; «Helena», Carlota Sande; «Senhora Conture», Regina Montenegro; «Celeste», Carmen Marques; «Gerardo Fauville», Carlos Santos; «Napoleão Conture», Erico Braga; «Henrique Devrenet», Eduardo de Freitas; «Condé de La Perliere», Jorge Grave; «Cheranoe», Henrique d'Albuquerque; «Carlos Duvrenet», Holtermann; «Contura Pae», Miranda; «Um creado», Teixeira Soares.

—E' finalmente ámanhã que no Gymnasio se realisa a recita de homenagem aos dois grande artistas Eduardo Brazão e Palmyra Bastos, descerrando-se uma lapida no atrio do theatro, commemorando a triumphal passagem dos dois queridos actores pelo palco do elegante theatro. Na festa usam da palavra o grande orador Cunha e Costa, o distincto jornalista Santos Tavares e o illustre actor Carlos Santos, representando-se mais uma vez a deliciosa comedia «Marionettes».

—A «Mulher moderna», no original «Die moderne Eva», a graciosa operetta que dentro em pouco se estreiará no theatro Apollo, é da auctoria de dois consagrados homens de theatro Georg Okonkowsky e Alfredo Schonfeld, com musica do maestro Jean Gilbert. A traducção é do Accacio Antunes e os scenarios de Magni e Constantino. Hoje no Apollo repete-se a «Revolta» que está dando as suas ultimas representações.

—Está perfeitamente justificada a preferencia dada pelo publico ao theatro Polytheama, onde as noites de concorrencia completa se contam pelas representações da «Salada russa». E' que a revista, esplendida em tudo, peça, montagem, musica e desempenho, tem o «Comes e bebes» e varios numeros novos que são uma delicia.

Quadros de anatomia humana

No Salão Bobone, na rua Serpa Pinto, vae realisar o sr. Julio Lopes d'Oliveira, professor de desenho e trabalhos manuaes da Escola Nacional de Agricultura de Coimbra, uma exposição de quadros parietaes de anatomia humana, feita sob a direcção do sr. dr. Alberto Pimentel, professor da Escola Normal Primaria de Lisboa.

A imprensa foi convidada a visitar essa exposição ámanhã, pelas 11 horas, e será ella franqueada ao publico no domingo, pelas 16 horas.

TOURADAS

CAMPO PEQUENO.—A corrida que no dia 8 de setembro se realisa n'esta praça, em festa do secretario da empreza, o nosso collega de imprensa Mario Sant'Anna, promette ser uma das melhores da epocha. Vem tomar n'ella parte Pacomio Peribañez, que na tarde de 18 corrente tão grande exito alcançou.

ALGÉS.—Na festa de Luciano Moreira que se realisa depois d'ámanhã, o curro é todo puro, da Casa Cadaval, e será recolhido, depois de lidado, por campinos a cavallo, trabalho interessante e pouco visto. A corrida é rigorosamente á antiga portugueza, dirigida pelo intelligente emprezario sr. José Segurado e tomando n'ella parte os cavalleiros D. Alexandre de Mascarenhas, José Casimiro e Rufino Costa e os bandarilheiros D. Carlos e D. João de Mascarenhas, Theodoro, Cadete, Thomaz da Rocha, Thomé, Custodio e o festejado, que lidará dois touros embolados á hespanhola.

Sociedade Lisboa Industrial

(Em liquidação)

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Capital realisado Esc. 800.000$00

Desde o dia 1 de Setembro proximo em diante paga-se no escriptorio na rua de S. Julião, 131, 3.º esq. a quantia de 25$00 por conta da importancia que a cada acção venha a pertencer na liquidação final.

As acções devem ser apresentadas no escriptorio acima referido para serem carimbadas acompanhadas do respectivo recibo selado e assignado e o pagamento effectua-se dois dias depois da apresentação das acções.

No nosso escriptorio fornecem-se os recibos.

Lisboa 26 de agosto de 1918.

A commissão liquidataria.

tivesse reflexo no exercito. Os cossacos offereceram a sua mediação; mas de novo foram tratados com desconfiança. Miliukoff foi consultado e aconselhou que o general Alexeieff fôsse mandado a Mogileff.

Assim se fez e devido á boa vontade e lealdade do general Korniloff o quartel general passou alguns dias depois para as mãos de Alexeieff.

Mas não ficou esse general, como mais tarde elle explicou, porque o governo, que havia sido substituido por um conselho de cinco membros—sem os ministros do partido Cadete—persistiu n'uma politica de repressão entre o alto commando.

A mancha de traidores lançada por Kerensky sobre Korniloff e outros generaes fizera renovar as atrocidades no exercito contra generaes e officiaes. Korniloff e outros membros do estado maior general foram presos e depois levados, para serem submettidos a julgamento, para uma cidade proxima, Bykhoff. Os soldados encarregados de os guardar foram o mais respeitosos possivel com elles e trataram-nos muito bem.

Para interesse d'uma estricta imparcialidade, teria sido bom que Kerensky depuzesse perante o tribunal de investigação que interrogou Korniloff e outras pessoas implicadas na «conspiração», mas foi precisamente o que elle não fez e por boas razões.

Apenas em duas coisas se podia basear provando que Savinkoff procedera sem seu conhecimento e auctorisação e que Vladimir Lvoff não tinha motivo para se apresentar a Korniloff como seu enviado. Ora nada d'isso elle podia negar.

Que Savinkoff estava mal visto pelo presidente do ministerio antes do Congresso de Moscou é verdade. O proprio Savinkoff explicou mais tarde que isso era devido á má vontade de Kerensky pôr em execução o programma das medidas militares apresentado por Korniloff, com a approvação d'elle, Savinkoff, mas isso desappareceu quando Kerensky mudou de pensar e depois da «conspiração» de Korniloff, sabendo perfeitamente o que se havia passado entre o generalissimo e Savinkoff, Kerensky continuou a ter n'este a mais plena confiança, mesmo quando elle exerceu cummulativamente os logares de ministro da guerra, ministro da marinha e commandante em chefe em Petrogrado.

Só mais tarde as suas relações se tornaram tensas em virtude da repetida insistencia de Savinkoff pelas reformas militares, quebrando este as suas relações com Kerensky, demittindo-se de todos os seus cargos e retirando-se até do partido socialista revolucionario, de que fôra membro durante longos annos.

Deve notar-se que Savinkoff, n'uma declaração publicada pela imprensa, não attribuia ao general Korniloff qualquer proposito mau ou designio contra-revolucionario, mas ao mesmo tempo sustentava que havia sido organisado um movimento contra a Revolução e que essa descoberta antes do Congresso de Moscou predispuzera mal Kerensky contra o generalissimo, de cuja cumplicidade suspeitava.

A conspiração foi, ao que parece, descoberta por Philonenko, um irresponsavel, mas um exaltado bem intencionado, associado a Savinkoff na frente e mais tarde addido ao quartel general como commissario principal do governo. Não apresentára, porém, provas concretas.

A prisão do general Gurko, effectuada na occasião da descoberta da pretensa conspiração, foi baseada n'uma carta por elle escripta ao ex-czar pouco depois da revolução. Gurko foi posto em liberdade por ordem de Kerensky, que lhe deu licença para se retirar para o estrangeiro.

Não queria a dictadura para si e estava prompto a submetter-se áquelle a quem a auctoridade fôsse conferida, quer fôsse Kerensky, Kaledine ou Alexeieff.

Lvoff replicou que o governo não tinha duvida em concordar e offerecia a dictadura a Korniloff. Por isso, na presença do seu official ás ordens, V. S. Zavoiko, o general Korniloff repetiu a Lvoff a summula do que tinha dito.

No dia seguinte—8 de setembro—o general Korniloff encarregou o capitão Philomenko, Zavoico e Aladyin, deputado trabalhista da primeira Duma, de elaborar um plano de governo, sob o nome de «Conselho de Defeza Nacional» com o generalissimo como presidente, e Savinkoff, o general Alexeieff, o almirante Kolchak e Philonenko como membros.

Esse «comité» transformar-se-hia n'uma dictadura collectiva, porque não era conveniente que uma só pessoa exercesse esse cargo. Logares no ministerio deviam ser dados a Takhtamysheff, Tretiakoff, Pokrovsky, conde Ignatieff, Aladyin, Plekhanoff, principe G. E. Lvoff e Zavoiko.

Tal era a phase em que se encontrava a denominada «revolta» de Korniloff. O general era, evidentemente, animado por designios patrioticos e tinha o apoio moral de todos os elementos sãos do paiz.

Mas desconfiava de Kerensky e não conversára sufficientemente com as personalidades partidarias e politicas de Petrogrado.

Pondo n'um plano um soldado capacissimo, d'um lado, e um bem intencionado, mas um estadista amador e caprichoso, torturado por duvidas e receios da salvação da sua amada Revolução e sujeito a uma feroz pressão d'uma facção cheia de recursos e sem escrupulos dos seus partidarios revolucionarios, do outro, temos todos os elementos de desaccordo e do conflicto.

Vladimir Lvoff foi o instrumento inconsciente que produziu a ruptura entre os dois homens. A sua mensagem do quartel general foi ou sonegada ou desvirtuada. Ao que parece, Kerensky tirou falsas conclusões. Uma conversa entre elle e Korniloff pelo telegrapho, a 8 de setembro, não aclarou o mal entendido, falando os dois homens em objectivos differentes, mas Korniloff obteve de Kerensky a promessa de ir a Mogileff no dia 9, para discutir o assumpto, e convidou um certo numero de eminentes homens publicos a uma entrevista com elle no dia 11.

Na manhã de 9, recebeu, porém, uma curta mensagem de Kerensky ordenando-lhe que entregasse o alto commando ao general Lukomsky e que fôsse a Petrogrado. Kerensky prendera Lvoff e demittira Korniloff sem sequer consultar os seus collegas.

Mais tarde, um telegramma chegou ao quartel general noticiando a nomeação do general Klembovsky para generalissimo. Nenhum dos nomeados quiz acceitar o substituir o general Korniloff, o qual resolveu continuar no seu posto.

No dia 10, o governo declarou traidor o general Korniloff e ao mesmo tempo ordenou-lhe que chamasse a cavallaria mandada para Petrogrado. Kerensky no entanto estava dirigindo as operações contra as tropas de Korniloff com o auxilio do soviet e de Chernoff.

O que dera causa a essa notavel reviravolta? As causas foram indicadas no principio d'este capitulo. As tendencias bolchevistas ganharam força logo que a guarnição de Petrogrado soube que tinha de ir para as trincheiras. Os marinheiros em Cronstadt estavam já ao lado dos bolchevicks e promptos a apoiar os seus camaradas de Petrogrado contra o governo.

Kerensky no ultimo momento serviu-se do soviet contra Korniloff, aggre

Combolos directos extraordinarios entre Lisboa e Porto

No intuito de facilitar o transporte das numerosas familias que em fins de agosto terminam a sua estação balnear ou thermal e, bem assim das que a começam em principio de setembro, a Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes resolveu pôr em circulação extraordinariamente os combolos directos (rapidos) entre Lisboa e Porto pela fórma a seguir indicada:

Nos dias 30 de agosto (sexta-feira) e 1 de setembro (domingo) far-se-ha o comboio directo n.º 41 de Lisboa para o Porto.

Nos dias 31 de agosto (sabbado) e 1 de setembro realisa-se o comboio directo n.º 42 do Porto para Lisboa.

As marchas d'estes comboios extraordinarios serão as mesmas dos comboios directos entre Lisboa e Porto que actualmente só partem de Lisboa para Porto ás terças, quintas e sabbados e do Porto para Lisboa ás segundas, quartas e sextas-feiras.

«A Capital»

Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Sociedade Anonyma—Estatutos de 30 de novembro de 1894

Horario dos comboios

4.º additamento ao cartaz D 147

Em consequencia da alteração do horario dos comboios nas linhas dos Caminhos de Ferro do Minho e Douro, a começar no dia 1 do proximo mez de setembro o comboio n.º 8, que parte de Porto—S. Bento ás 19.55, passará a sahir d'aquella estação ás 20-22 conservando, no restante itinerario, a marcha actualmente em vigor indicada no cartaz horario D 147.

Lisboa, 20 de agosto de 1918.

O Director Geral da Companhia
Ferreira de Mesquita

Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Sociedade Anonyma—Estatutos de 30 de novembro de 1894

Horario dos comboios

3.º additamento ao cartaz D 147

Ramal de Cascaes

Em consequencia de passar o ramal de Cascaes a ser explorado pela Sociedade Estoril, considera-se annulado desde 22 do corrente, inclusivé, o horario dos comboios do referido ramal, annunciado por esta Companhia no 1.º additamento ao seu cartaz horario D 147, passando o serviço dos comboios no ramal de Cascaes a fazer-se conforme as indicações annunciadas pela Sociedade Estoril.

Lisboa, 19 de agosto de 1918.

O Director Geral da Companhia
Ferreira de Mesquita

EXTREMOZ

A CAPITAL vende-se no estabelecimento do sr. J. de Mattos Mexias, em Extremoz.

gando uma Guarda Vermelha recrutada por elevado soldo entre os operarios revolucionarios e fazendo a paz com os amotinados de Cronstadt.

Explicou mais tarde que havia sido obrigado a temporariamente se unir aos extremistas, porque elles haviam amontoado grandes quantidades de explosivos e fariam ir pelos ares importantes pontes e vias de communicação.

A' narrativa do general Korniloff a unica auctorisada dos acontecimentos discutidos—dá os seguintes interessantes pormenores:

«Tendo acceite o logar de commandante em chefe, e estando occupado com a necessidade de assegurar a nossa posição nas estradas que conduziam para Petrogrado, a capital, ordenei ao meu estado maior que tratasse do assumpto.

Assignei a ordem da formação d'um exercito de Petrogrado a 26 d'agosto, mas não se tornou publica em virtude da minha intenção de não remover essas tropas ou unir as frentes até que fosse forçado pelas circumstancias a retirar das nossas posições no districto de Wenden.

O cargo de commandante do 1.º exercito de Petrogrado entendi eu dever dal-o ao general Krymoff, commandante do 3.º corpo de cavallaria, um dos melhores, mais energicos e mais resolutos generaes do nosso exercito.

Esse general foi chamado ao quartel general e deu-se-lhe instrucções para tomar disposições respeitantes á defeza das approximações de Petrogrado, ou atravez a Finlandia ou pelas praias do golpho do mesmo nome, e para nomear um estado maior.

Foi proposto que o exercito de Petrogrado comprehendesse as tropas que estavam então na Finlandia, a guarnição de Petrograde, as tropas do districto fortificado de Reval, dois corpos de exercito do flanco direito do 12.º exercito e as divisões de cavallaria que eu tinha transferido da frente sudoeste para reforçar a frente noroeste, a saber, a divisão de cavallaria indigena caucasiana e o 3.º corpo de cavallaria.

A necessidade de transferir essas divisões de cavallaria para a frente norte tornára-se apparente desde que a possibilidade de um avanço allemão sobre Riga se tornára evidente. Todas essas divisões foram tiradas, não da linha de frente, mas das reservas do exercito e das frentes sudoeste e romena.

Assim, a linha de combate de modo algum era affectada ou enfraquecida pela transferencia d'essas tropas. Além d'isso, em virtude do provavel avanço allemão na direcção de Riga, ordens foram dadas para a transferencia d'uma divisão de infantaria da frente sudoeste para a septentrional.

Eu escolhera para a transferencia a divisão de cavallaria indigena caucasiana e o 3.º corpo de cavallaria para a frente do norte, para os dispôr ao longo da retaguarda d'essa frente e nas proximidades de Petrogrado, porque desejava ter tropas proprias a resistir á desmoralisadora influencia do soviet de Petrogrado de deputados dos operarios e dos soldados.

Krymoff seguiu para a região onde estavam os corpos do seu commando na noite de 8 de setembro. Antes de partir além das instrucções relativas á divisão caucasiana, dei-lhe as seguintes:

1.ª—No caso de serem recebidas noticias quer d'uma, quer d'outra origem, respeitantes ao começo d'um levantamento bolchevista, as duas tropas deviam avançar sobre Petrogrado sem demora, occupar a cidade, desarmar a parte da guarnição que se tivesse juntado aos bolchevicks, desarmar a populaça da cidade e dissolver os soviets.

2.ª—Depois d'executada essa tarefa, o general Krymoff mandaria uma brigada, com artilharia, para Oranien-

baum e ao chegar ahi exigir o desarmamento da guarnição de Cronstadt e a sua remoção par o interior.

O presidente do ministerio consentira no desarmamento do porto de Cronstadt e na transferencia da guarnição a 21 d'agosto e um relatorio a tal respeito, do estado maior naval, com a resolução do presidente do ministerio, fôra enviado ao director do estado maior do commandante em chefe, com uma carta do almirante Maximoff.

Não tornei a vêr o general Krymoff. Attribuo o facto d'elle não ter executado a tarefa que lhe incumbia a terem sido cortadas as communicações entre nós e elle não poder receber as minhas instrucções.

Passos alguns em especial foram dados para conservar a communicação com elle, porque o seu corpo avançou sobre Petrogrado a pedido do governo provisorio e eu não podia prever que a sua communicação com o quartel general seria cortada por ordem do governo.

No dia 11, dei-lhe instrucções para continuar o avanço e no caso de novo córte de communicações que procedesse em conformidade com as circumstancias, tendo em vista as minhas primeiras instrucções. Essa carta foi confiada a um correio, de cujo nome me não recordo, mas não sei se foi ou não entregue.

No dia 12, tendo recebido communicação directa telegraphica da sorte do general Krymoff, tomei medidas para liquidação do conflicto que se dera entre mim e o presidente do ministerio, de modo a evitar derramamento de sangue e o mais possivel qualquer damno ao paiz e ao exercito.»

O soviet, alarmado pelo avanço do destacamento de Korniloff, fez causa commum com os bolchevicks, que, por seu turno, ainda que assustados pela perspectiva de represalias abandonaram os seus planos de uma insurreição.

Todos os elementos revolucionarios se uniram a Kerensky, não sabendo a esse tempo que elle estava no segredo da ida de tropas para Petrogrado e que approvára a transferencia da guarnição da cidade para as trincheiras, noticias de que coisa alguma fôra dito ao soviet, para elle tomar o seu partido.

Reinava a maior confusão e a maior consternação nas fileiras revolucionarias. Coisa alguma, na realidade, as poderia ter salvo se Krymoff tivesse avançado resolutamente sobre a capital, mas as ordens que havia recebido eram de cooperar com o governo contra uma revolta dos soviets.

As suas communicações com Korniloff foram interceptadas na retaguarda por agentes bolchevicks. Os seus homens não viram signal algum de insurreição. Enganado pelo governo, encontrou-se n'uma situação impossivel.

Em breve os emissarios da hoste bolchevista que sahira de Petrogrado sob o commando de Chernoff para ir ao encontro do destacamento de Korniloff, sem vontade alguma de combater, conseguiram espalhar entre elles que Korniloff era um traidor, que se havia suicidado e que não havia insurreição alguma, nem desordens.

Por taes meios, sem combater, o accordo Kerensky-bolchevick conseguiu uma completa immunidade. O general Krymoff, dirigindo-se a Petrogrado para conferenciar com Kerensky e, vendo como fôra enganado, suicidou-se e os seus homens, repudiando as calumniosas censuras levantadas contra elles, juntamente com Korniloff, de que estavam atraiçoando o paiz e a Revolução, affirmaram a sua fidelidade ao governo, tendo assim o movimento um fim inglorio.

Havia ainda elementos leaes e patrioticos que fizeram esforços para apaziguar o conflicto, a fim de que elle não

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2384 — 9.º Anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sabbado, 31 de Agosto de 1918

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço 2 centavos

Da guerra e dos exercitos

Diario da guerra

Os ultimos telegrammas confirmam que os allemães tendem a rectificar a linha de batalha de Peronne a Reims, abandonando o terreno conquistado com tantos sacrificios desde 21 de março.

Os inglezes chegaram á linha de Hindenburgo, tendo conquistado algumas das trincheiras avançadas.

O saliente de Bapaume a Peronne tende a desapparecer. A situação dos allemães tem sido critica desde que Foch teve a feliz idéa de lhes vibrar o golpe em Chateau Thierry, quando tudo levava a crêr que reiniasse para o sul.

Os allemães viram completamente compromettida a sua situação estrategica, com os ataques nas alas dos salientes do Marne e de Montdidier.

A forma como os alliados teem manejado as suas reservas em apoio dos sectores atacados, a opportunidade com que intervêem, tem dado origem a que mantenham uma superioridade constante nos pontos d'onde se deseja repellir o inimigo.

Nota-se na frente de batalha uma disciplina de commando verdadeiramente admiravel. O avanço inglez—segundo declaram os correspondentes da guerra—tem-se executado como a marcha em linha de um unico batalhão. A obediencia cega ao marechal Foch, que inspira uma confiança illimitada, tem produzido o resultado que se regista n'esta contra-offensiva.

Como temos dito, os allemães não podem manter-se nas posições occupadas. Teem de escolher á retaguarda uma nova posição para a sua primeira linha, que fique livre da ameaça dos alliados, sobre pontos fracos que foram originados pela inepcia do kronprinz. Essa nova linha, será nas celebres posições de Hindenburgo? Será mais á retaguarda? Não se sabe, porque só o estado do terreno, as manobras que Foch fôr executando, tendo em vista difficultar a retirada do inimigo, é que nos poderão guiar para formularmos juizos sobre operações futuras.

Por agora vae-se realisando o que estava previsto.

*

A offensiva dos alliados

Os francezes continuam a progredir — Combates encarniçados, transpondo o canal do Norte

PARIS, 30.—Communicação official de hoje, ás 23 horas:—Durante o dia repellimos para a margem leste do canal do Norte os elementos inimigos que resistiam ainda. Catigny e Sermaize estão em nosso poder. Proseguindo nos seus progressos, as nossas tropas transpuzeram o canal em dois sitios, em frente de Cattigny e de Beaurains, tomaram Chevilly e a cota 89 e penetraram em Genvry. Mais ao sul travaram-se combates encarniçados. Na região ao norte e ao leste de Noyon estamos de posse de Happlincourt e do monte Saint Simeon. Durante estas acções fizemos algumas centenas de prisioneiros. Entre o Oise e o Aisne a lucta não foi menos viva. Na margem norte do Ailette conquistámos a aldeia de Champ. Ao norte de Soissons apoderámo-nos de Chavigny e de Cuffiés e levámos as nossas linhas até aos limites a oeste de Crouy.

Aviação:—No dia 29 os nossos bombardeiros de dia atacaram a floresta de Pinon, a gare de Anizy-le-Chateau e as passagens do Ailette, situadas n'esta região; foram lançadas mais de 48 toneladas de projecteis. 20 aviões inimigos foram abatidos ou cahiram nas nossas linhas sem governo; foi incendiado 1 balão captivo inimigo.—(Havas).

*

Operações no Oriente

Duellos d'artilharia, ataques inimigos repellidos

PARIS, 30.—Exercito do Oriente em 29.—Grande actividade da lucta da artilharia nas duas margens do Vardar e na região de Skra di Legen. Na Albania foi repellido pelas nossas tropas um ataque inimigo na região da confluencia do Tomorica e na direcção de Dobreny. Ficaram em nosso poder prisioneiros e metralhadoras. As aviações alliadas bombardearam os acampamentos inimigos ao norte de Doiran e ao norte de Monastir. A aviação servia abateu um avião na região do Dobroplojo.—(Havas).

*

Hespanha e Allemanha

A nota facultada á imprensa depois do conselho de ministros

MADRID, 30.—A' sahida do conselho de ministros foi facultada á imprensa a seguinte nota: «O ministro dos negocios estrageiros communicou ao conselho as noticias recebidas, segundo as quaes no dia 25 d'agosto corrente o navio hespanhol «Carasa», de Bilbao que ia para Inglaterra, foi torpedeado e afundado, morrendo 6 homens da sua tripulação. O ministro dos negocios estrangeiros deu tambem conta das instrucções dadas ao consul hespanhol em Cardiff, onde desembarcaram os sobreviventes do «Carasa», pedindo uma ampla informação que deve ser telegraphicamente enviada para Madrid, a fim de que o gabinete habilitado com todos os elementos necessarios, possa adoptar as resoluções convenientes. O ministro do interior chamou a attenção do conselho para a conducta de certos jornaes que se furtaram á censura sem terem em conta os prejuizos que d'ahi podem resultar para os interesses geraes do paiz. O ministro ficou encarregado de fazer um appello ao patriotismo d'esses orgãos, contra os quaes serão applicados, em contrario, os rigores da lei.—(Havas).

*

De todo o mundo

A recepção da delegação socialista

LONDRES, 30.—O governo offereceu um almoço á delegação socialista americana, que chegou recentemente. O sr. Lloyd George, discursando n'esse banquete, disse: «Queremos assegurar a tranquillidade do mundo contra a ameaça do militarismo prussiano».—(Havas).

O casamento do principe Rupprecht

PARIS, 30—Um despacho da Basilea, traz-nos um communicado official do governo bavaro, que diz que o rei annunciou, durante um jantar de familia, o casamento do kromprinz Rupprecht com a princeza Antonieta de Luxemburgo.

Quando se annunciou nos ultimos dias que o principe Rupperecht tinha deixado o commando do grupo dos exercitos do norte, para ir gosar uma pequena licença em Munich, houve quem dissesse, com certa malicia, que ao herdeiro dos Wittelsbach não faltava tino, pois a sua partida coincidia com o dar uma tahida ao exercito Byng contra o exercito von Bulow, que sustentava a esquerda do grupo Rupprecht, e o caso promettia ser menos brilhante do que a batalha de Mornange, que ficou sendo o titulo militar da mais vulto do principe real da Baviera.

Os sorrisos ironicos accentuaram-se quando se soube que havia uma combinação matrimonial assente.

O principe Rupperecht não é precisamente um joven. Filho mais velho do rei Luiz III e da archiduqueza Maria Thereza d'Austria, nasceu em maio de 1869. Tem portanto quarenta e nove annos bem contados. E viuvo desde 1912 de Maria Gabriella, duqueza da Baviera, com quem casou em 1900 e que lhe deu um filho, Albercht, nascido em 1905, e que é herdeiro, e segunda linha, do throno.

A noiva é quinta filha do defunto Guilherme Alexandre, grão-duque de Luxemburgo e de Maria Anna, infanta de Portugal. Nasceu em 1899, em 7 de outubro, no castello de Hohenburgo. Conta, portanto, hoje 19 annos.

A alliança projectada fará dissipar as ultimas illusões sobre os sentimentos da grã-duqueza reinante, a nosso ver. Os laços allemães sobrepõem-se aos de origem portugueza e portanto a neutralidade luxemburgueza não passa d'uma apparencia.—(Correspondente).

Mutilados e estropiados da guerra

Um artigo de «O Radical» de Coimbra

O Centro Republicano Democratico Dr. José Falcão está editando, em Coimbra, um jornal dirigido pelo sr. Antonio Leitão. No seu segundo numero, publicava uma chronica, subscripta pelo sr. Virgilio Moreno o que se refere, ácerca da necessidade de repressão da mendicidade em Portugal, á campanha de mutilados da guerra, de iniciativa do «A Capital». São d'essa chronica, as seguintes palavras:

«... Creio que só agora, n'esta guerra, se pensou a sério nos mutilados, procurando-se tornál-os uteis a si e á sociedade por meio de reeducação profissional.

Por occasião de outras guerras que teem affligido os povos, e não teem sido poucas, aos mutilados concedia o Estado uma pensão de sangue, na maior parte dos casos insignificante, mal dando para o pão nosso de cada dia, mas pesando sempre no orçamento como despeza improductiva. A reforma era o triste futuro que esperava os soldados mais valorosos que se cobriam de gloria no campo da batalha, defendendo a Patria ameaçada, ou impondo o que era, ou se suppunha ser, o direito da Nação. A reforma era, e é, o pagamento d'uma divida sagrada, mas, em todos os casos, uma indemnisação insufficiente, comparada com a grandeza do sacrificio, que não deixa de sel-o ainda que seja a consequencia do um dever cumprido.

Hoje, felizmente, comprehende-se melhor a obrigação do Estado com os mutilados da grande guerra. Não se lhes nega a pensão, mas, ao mesmo tempo, dá-se-lhes a alegria de, no meio do seu infortunio, se sentirem ainda válidos, aptos para angariar os meios de vida como qualquer homem livre e digno.

Entre nós o dr. José Pontes tem sido um fervoroso apostolo d'esta nova cruzada.

Bem haja!...»

"As grandes batalhas"

Vae a Capital iniciar brevemente a publicação da admiravel obra que o eminente escriptor Julio Dantas escreveu expressamente para o nosso jornal. As grandes batalhas, que irão renovar o immenso triumpho da Patria Portugueza e do Amor em Portugal no seculo XVIII, serão opportunamente annunciadas e hão de constituir, sem duvida, um dos grandes acontecimentos litterarios do anno corrente.

André Brun

Ler amanhã a secção

"MIGALHAS,,

Lêr, a partir de 1 de Outubro, em «A Capital» e em folhetins, os capitulos do novo livro de André Brun

A malta das trincheiras

episodios interessantissimos da vida dos nossos «poilus» em França.

O caso de Abrantes

Quando appareceram as primeiras noticias sobre o que occorrera em infantaria 2, em Abrantes, a censura apressou-se a cortal-as e nas estações officiaes foram desmentidas.

Pouco a pouco vão apparecendo os resultados. Assim, sabe-se hoje que o ajudante d'esse regimento, alferes sr. Camarate de Campos, foi ou vae ser castigado com trinta dias de prisão por ter dado vivas á Republica. Com vinte e cinco dias vae egualmente ser castigado o aspirante Féria, pelo mesmo delicto, tendo-se dado a manifestação, que originou o castigo, ao ser conhecida a transferencia do tenente-coronel commandante do regimento.

Anatomia humana

Exposição de quadros destinados ás escolas

Esteve hoje patente á imprensa e será desde ámanhã franqueada ao publico a exposição de quadros parietaes de anatomia humana, feitos pelo professor de desenho e trabalhos manuaes da Escola Nacional de Agricultura de Coimbra, sr. Julio Lopes d'Oliveira, feitos sob a direcção do sr. dr. Alberto Pimentel, professor de sciencias naturaes na Escola Normal Primaria de Lisboa.

Esses quadros, em numero de 18, são destinados a escolas primarias, normaes, primarias e superiores e vão ser submettidos á apreciação do conselho superior de instrucção publica.

Cada quadro, em aguarellas, tem a sua legenda, como numeros ou lettras, correspondentes aos pontos marcados com identicos caracteres e flexas nos respectivos figurinos e comprehendem os estudos de systema muscular (anterior e posterior); cabeça cessea; cabeça e tronco; membros; mão, pé e articulações da coxa; conjuncto do esqueleto; musculos do pescoço e apparelho do intestino; glandulas, estomago, pancreas, duodeno e figado; pulmões e outros orgãos thoraxicos; apparelhos circulatorio e respiratorio; schemas da circulação do sangue e da lympha; systema porta e vasos sanguineos; cerebros em diversos córtes e posições e centros da caixa cerebral; conjuncto do systema nervoso e sysema nervoso central; apparelhos urinario e glandulas sodoriferas e orgãos dos sentidos.

Foram convidados para visitar a exposição, onde deverão ir um dia d'estes, os srs. secretarios de Estado da instrucção e da agricultur. A'manhã visital-o-hão os srs. Christovão Moniz, secretario geral do ministerio da agricultura; Paulo Nogueira, director da repartição de instrucção agricola, Boaventura Faria de Azevedo, chefe da 2.ª divisão do ensino agricola, e outros directores de serviços de instrucção de escolas publicas e particulares.

Noticias do Brazil

Garantias dadas a companhias francezas

RIO DE JANEIRO, 30.—O dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, ministro da fazenda, communicou á imprensa que, em virtude do accordo feito por occasião da visita da missão franceza presidida pelo engenheiro Chevalier, que o governo brazileiro regulamentou definitivamente as garantias devidas ás companhias de Caminhos de Ferro de São Paulo e Rio Grande do Sul, e ás companhias dos portos do Pará e do Rio Grande do Sul, no valor de 200 milhões de francos.—(Americana).

Boletim Pharmacologico

Uma publicação importante

Sob a direcção do conhecido professor sr. José Correia dos Santos sae brevemente o primeiro numero do «Boletim Pharmacologico», que encerra varios artigos de vulgarisação scientifica, methodos elementares de analyse chimica, conselhos praticos, etc.

E' um trabalho de maior interesse, não só para medicos e pharmaceuticos mas para todas as pessoas illustradas.

Internatos do Estado

Está confirmado pela nota fornecida ante-hontem aos jornaes que o regulamento dos internatos do Estado é um facto. O que não são é inaugurados este anno, esses internatos.

N'este caso, visto a teimosia em levar por diante uma questão irritante e gravosa, lancemos mão do «Inquerito», que, ha annos, se fez aos internatos do Estado em França. No tomo 1 d'esse «Inquerito», a paginas 241, diz o sr. Dupuy, inspector geral da Universidade: «Os collegios que estão por conta de um particular são mais florescentes que os do Estado. Tomarei para exemplo certos collegios da Academia de Lille: estavam decadentes, entregaram-se a particulares e hoje estão florescentes. Este resultado, estou em crêl-o, não é somente devido aos interesses mais directos do seu director mas tambem por que este director é mais livre nas suas acções, pode modificar o regimen á sua vontade, pode fazer ás familias certas concessões que um collegio do Estado não pode fazer.»

Isto diz o sr. Dupuy, como confronto e parallelo entre os internatos particulares. Com relação aos encargos e despezas que elles acarretam para o Estado, diz o sr. Moreau, inspector geral das finanças (Inquerito, t. II, p. 530): «Em 1869, havia 22 lyceus-internatos que não podiam subvenção alguma ao Estado; em 1870 havia 19; em 1871 havia 12; em 1872 havia 11; em 1873 havia 10; em 1874, 1875 e 1876 havia 3 ou 4. Hoje todos, sem excepção, são subvencionados». Quer dizer: nenhum internato do Estado, em França, se aguentou sem que o Estado tivesse de cobrir as despezas.

Mas ha mais: O sr. Grandeau (Inquerito, t. II, p. 625) accrescenta: «Poderia citar tal internato que custa 20.000 francos á cidade e que conta um alumno de rhetorica, um em 2.ª classe, dois e 3.ª e quatro em 4.ª».

Isto é, custam ao Estado uma continha que attinge cerca de 3.000 francos por cabeça. O sr. Ribot, presidente da commissão de Inquerito, no tomo II, p. 633, observa: «Quando se vê no orçamento de um pequeno internato que uma 6.ª classe, que conta quatro alumnos, e que tem um professor custa mais de 5.000 francos, devemos perguntar se não seria possivel fazer alli alguma economia».

Claro que nos podem objectar que esses são tudo pequenos internatos que não estão nos casos do artigo 114.º do decreto de 14 de julho ultimo, que os cria apenas em Lisboa, Porto e Coimbra, onde é possivel e quasi certo arranjar um numero mais elevado de alumnos internos. Mas então ouçâmos o sr. Sabatier (Inquerito t. I, p. 291): «O internato de Lakanal, contém 150 alumnos: cada alumno consome cerca de 750 francos—quer dizer, os 150 alumnos consomem ao Estado um total que, pelo nosso cambio actual, sobe a Esc. 34:537$50. Notando, além d'isso, que o edificio de Lakanal custou ao governo francez cerca de dez milhões de francos.

Que dizem a isto os mentores dos nossos internatos do Estado? Que dirá a isto o sr. ministro da instrucção, que, pelo visto, tambem é um enthusiasta da sua creação em Portugal? Não será isto exactamente o que se deu cá, com os internatos de Setubal, Povoa do Varzim e não sabemos onde mais? Que teimosia é essa, que interesses são esses em querer assim defraudar os cofres do Estado? Não, sr. ministro da instrucção, o nosso dinheiro não nos é arrancado para fazer face a estes destemperos, e quiçá esbanjamentos. Proteja-se com leis humanas, leaes e racionaes o ensino particular, que é a unica coisa que pede ao Estado, e applique-se o excesso de rendimento, se o ha, em beneficiar as escolas primarias—que lyceus já nós temos muitos.

Opera lyrica

Vamos tel-a no proximo inverno em S. Carlos

Como dissémos n'um d'estes dias, o theatro de S. Carlos foi concedido á Sociedade de Propaganda de Portugal, que organisará uma parceria, para o explorar, dando opera lyrica.

Procurámos colher informações minuciosas sobre o assumpto, que amavelmente nos foram dadas pelo sr. Nunes da Matta, secretario adjuncto da direcção da patriotca aggremiação. Disse-nos elle o seguinte:

—Está—pode dizer-se—constituida essa parceria, da qual fazem parte numerosas pessoas conhecidas entre o «dilettantismo» lyrico, na alta finança e outros meios sociaes. A Propaganda entrará tambem co a sua quota e dentro de alguns dias estará definitivamente formada a parceria.

Já se entrou e negociações com elementos artisticos de valor estrangeiros e nacionaes, tendo, é claro, estes a preferencia: cantores, maestros-directores e ensaiadores-auctores de «librettos» e «spartittos», scenographos, indumentaristas, tudo, emfim, será, podendo ser, portuguez.

«Serão, portanto, representadas operas portuguezas, o velho e novo repertorio estrangeiro, exhibir-se-hão bailados, etc.

«A parceria inaugurará os seus espectaculos no proximo inverno com uma companhia regularmente organisada, de cujos artistas dentro de pouco tempo poderemos publicar os nomes, assim como o do maestro principal e seus auxiliares, etc.

«Contamos com bastantes contribuintes e tambem com numerosas assignaturas, o que garante uma exploração seria do nosso theatro lyrico, onde ha oito epochas não funccionam os espectaculos para que foi creado, aos quaes concorria a melhor sociedade lisbonense e os entendidos de musica.

«O plano não é de agora, terminou o sr. Nunes da Matta, e já decerto teriamos feito uma temprada lyrica esta primavera, se a gréve telegrapho-postal não impedisse as negociações entaboladas então. Não poude ser na primavera, ficará para o inverno.

Eis o que por emquanto se pode adeantar—e cremos não ser pouco—ácerca da futura epocha lyrica no theatro de S. Carlos.

A guerra civil

Como o DIA a prégou, contra a Republica e contra os alliados

Causas e effeitos que a historia ha de registar

O jogo de «O Dia» comprehende-se muito bem. Elle julga que não. Como tem a preoccupação de ser habil, acredita que os outros se deixam prender no labyrinto das suas secreções cerebraes. Engana-se. E, para prova, deixemo-nos voluntariamente arrastar para as aguas a que procura attrahir-nos. «O Dia» escreveu isto:

«Agora, que arrancou a mascara, póde «A Capital» continuar a enxovalhar-nos, na certeza de que mau caminho é o que trilha querendo cavar um abysmo n'um campo em que a todos importava estar de accordo.»

«O Dia» quer assim dar a entender, manhosamente, sornamente, que a união da familia portugueza, em face da guerra, é absolutamente necessaria e que, se ella se não realisa, é por culpa nossa, que não d'elle. E' a isso que elle chama «cavar um abysmo n'um campo em que a todos importava estar d'accordo». Pois vamos vêr o que «O Dia» fez para que se realisasse QUANDO ERA PRECISA, a tal união da familia portugueza. O que elle fez agora, sabe-se. Tudo se resume em incitar o governo a perseguir os republicanos, chamando ao sr. Tamagnini Barbosa o «Mão de Ferro», com o que, aliás, o illustre ministro do interior parece [illegible] ... Ao mesmo tempo que instiga o governo á violencia ... desgraçadamente, ... par, cada vez mais profundo, o desar... republicano, «O Dia» desacredita a Republica, simulando dar-lhe um apoio que de facto lhe nega. De resto, nunca «O Dia» desempenhou outro papel na politica portugueza. Foi sempre, sempre, um dissolvente!

Mas não nos afastemos da questão que se debate. «O Dia» reclamou (confessou já...) as penas mais crueis para os responsaveis da intervenção do exercito portuguez nos campos de batalha da Europa. Quer dizer: houve em dia um grupo de portuguezes que sonharam—e que bello sonho, já agora, talvez, completamente desfeito!...—fazer d'este Portugal decrepito, dessorado, minado, até á medula, pelo virus de uma politica de campanario mesquinha e reles, um paiz que viesse reeditar, nos heroicos tempos d'hoje, as paginas do passado, tão cheias de gloria que inspiraram o estro sublime d'um dos maiores poetas que a Humanidade possuiu. A occasião era unica. Toda a Europa—e agora, todo o mundo—batalhava. D'um lado, a Allemanha arvorava a bandeira negra da rapina, da oppressão, da Força; do outro, em soccorro da França, sacrario das mais excelsas idéas da Liberdade, postava-se a Inglaterra. Ia renovar-se a lucta do mal contra o bem. Que bellos louros a ganhar para esta terra portugueza! E esse nucleo d'homens, que já derruira, a golpes de audacia e de talento, uma monarchia safada e corrupta, lançou-se resolutamente na obra de encaminhar a Nação para uma lucta, que, aliás, os tratados e compromissos de honra tornavam inevitavel.

Mas existiam ainda, em Portugal, os homens do passado. A' frente d'elles, arvorando a bandeira da reacção, estava «O Dia». E aquella união que tão necessaria era para que Portugal se elevasse e engrandecesse, logo encontrou em «O Dia» a primeira resistencia. E' que o jornal reaccionario, via, na victoria dos alliados, o triumpho da Liberdade e a consolidação da Republica, emquanto que, se a Allemanha sahisse victoriosa, a monarchia, de que «O Dia», á falta d'outra sahida, se fizera corypheu, seria restaurada em Portugal. E «O Dia» quer tudo, seja o que fôr, excepto a Republica. Tudo, até mesmo Affonso XIII!

E a desunião, graças ao «Dia», logo se estabeleceu. Formaram, d'um lado, os republicanos, prégando a guerra ao lado da Inglaterra; e do outro os monarchicos, tendo como orgão principal «O Dia», advogando, primeiro que tudo e antes de tudo, a revolução interna restauradora da monarchia. Em 4 de agosto de 1914, trez dias apenas depois da guerra iniciada, «O Dia» fallava assim, em artigo de fundo, sob o titulo «A REPUBLICA E A GUERRA»:

«Dir-se-hia que, se ámanhã, por effeito da alliança com a Inglaterra, a nossa neutralidade tiver de tornar-se em belligerancia, e nos mantivermos internamente na situação actual, não ha razão plausivel para nos dispensarmos dos encargos e das contingencias a que esse reflexo estado de guerra porventura obrigará.

Mas póde haver uma causa legitima a allegar: a de estarmos entregues, então, á restauração das velhas instituições portuguezas para que, sob ellas assistamos, com a possivel defeza, no momento opportuno e finda a guerra, á consequente remodelação do mappa da Europa e das suas colonias. E sendo assim, ninguem pode exigir-nos forças que nos não são bastantes para a segurança e defeza proprias.

Purifiquemo-nos primeiro, emendando o erro colossal em que cahimos e aguardemos então que a justiça do mundo se faça, no respeito concedido ao authentico direito historico de quem o invocará já curado d'um desvario que tem envergonhado a propria civilisação.»

«O Dia» prégava, assim, a guerra civil. Elle queria, primeiro que tudo, a «purificação nacional», que é como quem diz, a restauração do sr. D. Manuel, ex-rei por graça de Deus e do povo portuguez. E só então, depois de cantar o «rei chegou», é que «O Dia» admittiria a união de todos os portuguezes perante o perigo da guerra mundial.

Não estava só, em campanha, «O Dia». Outros jornaes o acompanharam. Póde acontecer que os transcrevamos a todos. Por agora, basta este trecho de «A Nação», o jornal que na epocha representava os interesses d'outro pretendente á corôa, o sr. D. Miguel, socio do sr. D. Manuel na partida de «bluff» de Dover, e official, por desfastio, do exercito austriaco:

«Ainda agora, no passo que a Russia, a Allemanha, a Austria, invocam a Providencia, nem a solemnidade d'esta hora tragica é incapaz de demover a França ... sua impiedade, cada vez mais provocadora!

Crimes d'estes ... [illegible]

Tambem nós expiamos—por crimes semelhantes. A nossa expiação, porem, vem de mais longe, desde 1910, pelo menos. Que futuro nos reserva a presente conflagração? Mysterio, que a ninguem é dado desvendar! O que, porém, nos cumpre é pedir a Deus que a espada da sua justiça se não descarregue inutilmente e que, d'esta tremenda provação, a humanidade saia ao menos curada da sua impiedade, curada do seu jacobinismo, das suas loucuras demagogicas, curada, n'uma palavra, das funestas theorias bebidas na Revolução e nas quaes se contem o germen de todos os males actuaes.»

Era n'estas aguas que «O Dia» navegava. Onde conduziram ellas? A perturbações internas de toda a especie, desde a simples desordem das ruas até á revolta dos quarteis, desde a campanha difamatoria dos jornaes até á publicação anonyma dos folhetos germanophilos, espalhados aos milhares por todo o paiz. A' frente d'essa campanha de dissolução da nacionalidade portugueza ia sempre «O Dia». Elle manobrava na sombra, procurando não se comprometter criminalmente, receado, nas trevas amigas da noite, as perfidias que haviam de embaraçar a obra patriotica dos homens que imaginaram um Portugal resurgindo glorioso, alicerçado sobre a epopeia dos feitos militares, caminhando, seguro de si, para um futuro doirado pelo sol da Liberdade, esquecido, para sempre, o tenebroso passado de quasi um seculo de ignominia monarchica constitucional. Esta visão tivemol-a nós, os republicanos intervencionistas. Era bella demais! O sectarismo monarchico, com «O Dia» á frente, não permittiu que se tornasse em realidade. Crime ignominioso, que a Historia não esquecerá de registar!

Com o pretexto da intervenção militar portugueza, explorando a ignorancia d'uns, a ambição d'outros e a maldade da maior parte, «O Dia», expoente maximo da imprensa monarchica da epocha, conseguiu levar os seus correligionarios á revolta armada contra a Republica. O que foram essas perturbações—que, mesmo assim, não conseguiram evitar que para França fôsse enviado um corpo de exercito a duas divisões—dil-o uma noticia da epocha, referindo-se ao movimento de Mafra:

«Todo o plano dos monarchicos consistia em levantar na provincia insurreições militares e motins, a pretexto de que, proclamada a monarchia, nem um só soldado iria para a guerra. Os elementos de Lisboa e Porto não se manifestariam emquanto as forças das respectivas guarnições não fossem obrigadas a marchar para a provincia, a suffocarem as insurreições preparadas. N'essa altura, quando as duas cidades estivessem entregues quasi exclusivamente á vigilancia e defeza feitas por os republicanos civis, é que os monarchicos sahiriam para a rua, a sanccionar, por assim dizer, as rebelliões da provincia.

«Sabe-se que alguns dos adversarios do regimen se affirmavam contrarios ao movimento, que já esteve para rebentar a 30 d'agosto, não chegando a manifestar-se por causa da carta que o ex-rei mandou a João de Azevedo Coutinho e em que se recommendava a todos prudencia e moderação. Mas os mais exaltados respondiam que, embora o movimento fracassasse, sempre se conseguia perturbar a acção do governo, dando lá fóra a impressão de que continua a haver em Portugal descontentamento contra a Republica. Em ultima instancia, sempre realisavam esse objectivo, que é o seu «mot d'ordre» perturbar a acção de todos os governos da Republica».

Mas não antecipemos. O que tem sido a obra de «O Dia» ha de vêr-se ainda mais claramente. São documentos para a historia, que vamos archivando, sem pressa.

Quando chegar a hora do apuramento das responsabilidades, a opinião publica ficará habilitada a julgar QUEM SÃO REALMENTE OS HOMENS QUE MERECEM SER ARRASTADOS A' BARRA DO TRIBUNAL CRIMINAL E, COMO DIZ «O DIA», CONDEMNADOS A'S PENAS DO DEGREDO E PENITENCIARIA, PRECEITUADAS PARA CASTIGO DOS MAIS REPUGNANTES CRIMES DE ASSASSINIO!

Está a chegar—finalmente!—a hora em que todos poderão fallar...

Os portuguezes não cooperam na actual offensiva

Assim o affirma peremptoriamente «A Situação»

O nosso collega *A Situação*, orgão se não governamental, pelo menos officioso, e, portanto, muito melhor informado do que qualquer outro, diz hoje:

O governo não pode passar o seu tempo desmentindo todas as atoardas de que se lembram os jornaes sedentos de noticias á «sensation».

Nós, pela nossa, é que podemos garantir que é completamente destituida de fundamento a noticia de que as nossas tropas tenham tomado parte nas ultimas operações.

Ficamos assim sabendo que, infelizmente, as tropas portuguezas não teem tomado parte nas batalhas que se teem ferido e continuam ferindo.

N'um momento decisivo como o actual, em que na lucta estão empenhados os grandes exercitos francez, inglez e americano, este ultimo tomado ha pouco autonomo e ao qual está confiada a acção na Alsacia-Lorena e na região de Verdun, no actual momento em que na lucta entram numerosas divisões belgas e italianas, regimentos ou forças de *élite* russa, servia, montenegrina, polaca e tcheco-slavos, quando na frente occidental, nos mares estão empenhadas forças navaes inglezas, francezas, americanas, japonezas e brazileiras, Portugal brilha pela sua ausencia.

Assim o affirma *A Situação*.

Sanatorio-albergue do Cabeço de Montachique

O festival d'ámanhã em S. Domingos de Bemfica

E' ámanhã que, no bairro Grandella, e S. Domingos de Bemfica, se realisa o festival cujo producto reverte a favor da projectada construcção do sanatorio-albergaria do Cabeço da Monachique, iniciativa dos Makavencos merecedora de todos os elogios e da maior protecção.

Démos já o programma completo d'essa festa que é promovida pelos empregados dos Armazens Grandella, limitando-nos, portanto, hoje a accrescentar mais alguns pormenores.

A festa começará ás 14 horas pela entrada triumphal de uma cavalgada, cavalgada por interessantes senhoras que, trajando factos regionaes, irão proceder á venda das sortes n'uma linda barraca toda delineada e construida pelo sr. Raphael Neves. N'essa barraca haverá uma curiosa tombola, com premios valiosos.

No recinto do festival, construiu-se um palco, em frente d'uma vasta plateia, e no qual começará ás 15 horas a matinée desportiva que consta do numero bastantes interessantes, trapezio, esgrima, argolas, box, lucta greco-romana, jogo de pau, forças combinadas, athletica e jiu-jitsu.

A's 18 horas ha concurso de caretas, para o qual se acham inscriptas muitas creanças. A todas será entregue uma lembrança e a classificada em primeiro logar receberá um lindo carro de bois, á moda do Douro. O concurso realisa-se no coreto e começará pelo desfile de todos os concorrentes que deligenciarão fazer as mais feias caretas. Segue-se a classificação, fazendo cada um por sua vez, as caretas que souber. Corrida a roda é escolhido o premiado, formar-se-ha um cortejo que percorrerá todo o recinto do festival até ao palco.

Tambem haverá uma interessante novidade e que constitue uma surpreza, a corrida de ratos com premios. E' uma diversão catalã, ainda não realisada em Portugal.

A's 19 horas começa o espectaculo de theatro ao ar livre por um acto de variedades desempenhado por amadores, seguindo-se o concerto pela orchestra symphonica composta de alumnos da Academia de Estudos Livres. Fecha o espectaculo outro acto de variedades desempenhado por empregados dos Armazens Grandella.

Ainda a Federação-Malhou

Com a ajuda do Estado, o menor predomina sobre o maior: 200:000 é menos que 25.000...

Escolheu o sr. José Malhou o nosso collega *A Ordem* para responder á cerrada argumentação com que aqui temos posto a nú a grande maniganeia dos vinhos, fundada no celebre contracto Estado-Salles, que ninguem conhece, porque continua fechado a sete chaves, n'aquelle mesmo cofre onde se encontra o contracto da «Furness». E' natural que o sr. José Malhou fôsse refugiar a sua prosa nas columnas de *A Ordem*. Este jornal é apreciado especialmente pelos cerebros simples das mulheres crendeiras e, influenciando n'ellas, o sr. José Malhou está certo de manter em boa e passiva disciplina as victimas do contracto Federação-Malhou. As ovelhas não balarão: eis o que o sr. Malhou ambicional

Isso não impede que continuemos a falar. Desfiaremos todo o rosario de falsidades e de sophismas com que o sr. José Malhou pretende cohonestar a negociata monstruosa, que o enriquece a elle, só a elle e mais alguns, poucos, comparsas, á custa dos commerciantes exportadores e da viticultura nacional.

O polvo sugador tem a protecção do Estado, que com elle proprio se confunde. A lucta é desegual, bem sabemos. Mas, apezar de tudo, nós confiamos ainda que, talvez mais por acaso que por outra circumstancia, venha a apparecer um homem, um verdadeiro homem de Estado, que acabe com o veneno matando a vibora. A qual vibora é, na especie, o contracto Federação-Malhou, segregando o veneno que infecciona a agricultura nacional, concorrendo poderosamente para o seu depauperamento e, quiçá, a morte!

Publica *A Ordem* uma longa lista de pessoas que venderam—segundo ella diz — ao sr. José Malhou 25.000 pipas de vinho para exportação para França. A verdade é que tal quantidade de vinho foi entregue pela Federação ao sr. Malhou ao preço de 40$00 por pipa, para elle vender em França á razão de 140 francos ou mais.

A resposta d'*A Ordem* nada adianta: simplesmente um sophisma e dos mais grosseiros. Aquillo que importava saber—mas isso nunca *A Ordem* o dirá — seria qual a quantidade de vinho entregue por cada uma das pessoas citadas.

Em todo o caso ficou-se sabendo que o sr. José Malhou tem 25.000 pipas de vinho para exportar. Mas os commerciantes exportadores já declararam que dispõem, para o mesmo fim, de 200.000 pipas. Parece que 200.000 é mais que 25.000. Então como é que os commerciantes exportadores são preteridos pelo sr. José Malhou? E' o mais fraco a predominar sobre o mais forte? E' que tal predominio é só um **favor do Estado**, conseguido por artes e modos ignorados (mas que devem ser moralissimos!) no tempo em que o sr. Thiago Salles desempenhou, junto do sr. José Malhou, as altas funcções do seu chefe de gabinete!

E' assim que se protege a agricultura nacional: as 200:000 pipas dos commerciantes exportadores ficam em Portugal, só passando para França a exigua quantidade de 25.000, que o sr. José Malhou diz ter ás ordens. Eis o beneficio com que o contracto Federação-Malhou gratifica a viticultura nacional!

Os commerciantes exportadores, adquirindo 200.000 pipas de vinho para exportação, prestaram á agricultura nacional um serviço muito maior, sem duvida, que o sr. José Malhou, que conseguiu da Federação que lhe puzesse ás ordens, para exportação, apenas 25.000.

Note-se: nós conhecemos o contracto Federação-Malhou e o leitor tambem, que já aqui lh'o explicámos. E' preciso não confundir a compra real feita pelos commerciantes exportadores das 200.000 pipas e o *bluff* do sr. José Malhou, que tem ás suas ordens as 25.000 pipas da Federação, para ir exportando nas quantidades que entender. No caso dos exportadores a compra foi perfeita e o dinheiro da transação foi para o lavrador; no caso do sr. José Malhou ha de ir ou não ir, conforme e quando a este senhor convier.

Mas isso não impede que o Estado dê mão forte ao sr. José Malhou em prejuizo dos exportadores. Que moralidade! E que dentistas!...

NATURISMO

A Guedes d'Oliveira

O Naturismo não morrerá já n'este paiz! Os seus progressos são lentos e graduaes.—Mas o movimento avança. Os crentes são reduzidos. Christo tambem teve poucos a seu lado. E ainda hoje ninguem o imita. As doutrinas de renuncia são difficeis de medrar. Necessitam de fé—n'este caso fundada na razão, na sciencia, na moral e no exemplo. Os portuguezes são indisciplinados: não ha directriz senão: comer bem e do melhor... A pança é um symbolo; o nariz vermelho e as faces rubras uma ambição. A gordura de Sancho o ideal...

«Sete annos Jacob serviu Labão...»—diz o soneto. Outros tantos annos tenho servido a causa. No Porto e no «Janeiro» terceí armas de bondade e crença a favor da idéa. Depois vim para a «Capital» onde me deram guarida. Mas nada tinha a dizer aos povos do norte: agora, n'este viver, chega a vez aos do sul... Não será assim a propaganda? E depois, mais tarde, irei ao Brazil, finda a guerra. O meu dever é este. Melhor vida levaria se me puzesse a turibular um quidam qualquer politico: já teria sido ministro ou secretario das subsistencias, se soubesse louvaminhar e me accomodasse. Demais, o Naturismo não se impõe—sente-se na consciencia, quando se come o que a terra dá e o vicio não pede o «bacalhausinho». A guerra vem dar razão aos que adoram a Natureza. Se tivessemos cultivado a terra com saber e plantado mais arvores, haveria menos fome e d'ah' menos peste. Mas os detentores da terra lusitana são pouco amigos das arvores de fructo e destróem-nas. O Naturismo avança, porque, nas cidades, as casas de fructa são cada vez mais e é porque se compra... Não faz prodigios o Naturismo? E' porque a raça já não tem energia e vigor geralmente. Depois só enveredam por este caminho os que, exgottada a bolsa e a vitalidade por grandes carregadas de drogas ingeridas, não podem regenerar-se bem. Apezar de difficil de comprar o alimento «necrofagico» continuará a ter admiradores e adoradores. O Naturismo tem o seu logar. Não mais se apaga. Triumpha no silencio, no intimo de nós proprios quando o sentimos dando-nos energias desconhecidas. Mas não se deitam foguetes... A polvora está cara. E só serve para a guerra que a carne e o alcool gera dentro de quem bebe este e come aquelle...

Dr. Amilcar de Sousa

A expulsão dos Jesuitas

Passando na proxima terça-feira o 159.º anniversario da expulsão dos jesuitas de Portugal, a Federação Portugueza do Livre Pensamento resolveu celebrar essa data com uma conferencia que se realisa na séde, largo do Intendente, 45, 1.º, pelas 21 horas, e para a qual está convidado um dos mais illustres e dedicados apostolos da liberdade de consciencia.

Pessoal telegrapho-postal

Commemorando o anniversario da greve d'este pessoal, realisa-se amanhã, ás 15 horas, no salão de musica do Conservatorio de Lisboa, uma sessão solemne.

Tambem a Associação de Classe dos Empregados menores dos correios e telegraphos celebra a data d'amanhã com uma sessão solemne, ás 17 horas, no salão da Caixa Economica Operaria, seguindo-se ás 21 horas sarau dramatico.

SPORT

Os torneios de esgrima de «A Capital»

Mais uma adhesão

Reunem depois d'amanhã, pelas 22 horas, na redacção de «A Capital», delegados de todas as salas d'armas, para apreciarem os regulamentos e assim as salas concorrerem a estes torneios cujo producto reverte a favor dos mutilados da guerra.

A Sala Carlos Gonçalves tambem concorre aos torneios

Da sala d'armas Carlos Gonçalves acabamos de receber um officio de adhesão, promettendo o seu concurso nos torneios.

O officio é do theor seguinte:

Sr. redactor sportivo de «A Capital». —Accusando o recebimento do officio de v., cumpre-me communicar-lhe que esta Sala d'Armas contribuirá com todo o seu esforço para o auxiliar na sua tão sympathica iniciativa.

O delegado d'esta Sala d'Armas para a reunião convocada por v. será o sr. Fernando Farinha.

Saude e Fraternidade—Lisboa, 30 de agosto de 1918.—Carlos Gonçalves.

A travessia de Paris a nado

Ainda sobre esta importante prova de natação, realisada ha pouco, conforme já noticiámos, temos a accrescentar que a inscripção foi de 19 concorrentes e que 500.000 pessoas assistiram a esta prova que desperta sempre grande curiosidade na população parisiense.

Imperio Lisboa Club

Por ordem do sr. presidente da mesa da assembleia geral é convocada uma reunião para amanhã, ás 14 horas, na estrada de Palhavã, 115.

Não havendo numero legal a essa hora, fica a mesma assembleia convocada para as 15 horas, em que deliberará com qualquer numero de socios.

A ordem dos trabalhos é a apresentação de contas da gerencia finda e eleição dos corpos gerentes para a proxima epocha.

A festa na Liga de Algés promette revestir grande brilhantismo

O programma da festa que, conforme temos noticiado, a Liga de Melhoramentos e Recreios de Algés realisa no dia 8 de setembro, deve ficar concluido na proxima segunda-feira, podendo comtudo desde já darmos nota de mais dois numeros que vão obter a sympathia do publico.

E' o numero de «Argolas», executado pelos gymnastas srs. Mario de Miranda e Fausto Martins, que na ultima festa em que se apresentaram foram delirantemente ovaccionados pela maneira correcta e elegante como se apresentaram.

O outro é «Trapezio» em que os srs Henrique Lopes de Carvalho e Alvaro da Silva fazem magnificas passagens, baixadas, etc.

Estes dois numeros do programma, justificam quanto o organisador está trabalhando para o confeccionar, recebendo a adhesão de optimos elementos que em breve noticiaremos.

As familias residentes em Algés podem na proxima semana marcar os seus bilhetes, devendo a venda ao publico começar na quinta-feira proxima.

A. de Campos Junior

FIGUEIRA DA FOZ, 30.—Continua despertando bastante enthusiasmo a realisação do Concurso Hippico Internacional, nos proximos dias 6, 8, 10 e 11 de setembro. As provas serão disputadas por, além dos nossos melhores cavalleiros, tambem distinctos cavalleiros hespanhoes. O sr. Xavier d'Almeida, principal organisador do concurso, não se poupa a esforços no sentido de imprimir o maior brilhantismo possivel a esta festa sportiva. Agradecemos o convite que nos foi enviado.

Pelo estrangeiro

Uma festa imponente, inaugurando-se um novo Stadium em que toma parte o boxeur, Carpentier

Realisou-se no domingo passado uma imponente festa sportiva, para inauguração do novo «Stadium» no Centro de Educação Physica de Dinard.

A organisação technica foi perfeita e devida á escola de Joinville, activamente dirigida pelo commandante militar Labrosse e o capitão Bellefon. A concorrencia era enorme, vendo-se nas tribunas officiaes, as pessoas de maior destaque, quer na politica quer no exercito, representados por: Paul Deschanel, presidente da camara dos deputados; general Amade; general Cottez; Craulard, «maire» de Dinard; o general americano Flenning; o general belga Deguise; Jau, medico inspector da marinha, e o commandante Royel, chefe da repartição da educação physica do ministerio da guerra.

Depois de varias provas de educação physica, apresentadas por numerosos grupos do «Centro», houve um numero sensacional que despertou vivo interesse na assistencia.

Foi uma corrida de touros, varios exercicios em apparelhos e demonstrações de esgrima de bayoneta.

O programma, que foi excellentemente elaborado, continha uma parte puramente sportiva, que por muitos motivos foi deveras interessante e cujos resultados foram os seguintes:

Salto em altura: Carpentier e Mathey 1,65 centimetros.

Salto á vara: Gajan, 3,20; Mathey, 3,10

Corrida de 100 metros: 1.º, Carpentier; 2.º, Le-Gall.

Corrida de 1.000 metros: 1.º, Arnaud; 2.º, Gunger.

Corrida de estafetas: 1.000 metros, concorrendo quatro equipes. 1.ª equipe classificada de Joinville, constituida por Arnaud, Carpentier, Gajan e Maslin.

Em quarto logar classificou-se a equipe constituida por officiaes do exercito.

A receita total d'esta imponente manifestação sportiva reverteu para o cofre do comité Nacional de Educação Physica, que é presidido por Henry Paté Carpentier, que todos conhecem como um verdadeiro campeão de box, da que fez algumas exhibições sendo delirantemente ovacionado.

Theatros

Cartaz de hoje

THEATRO TRINDADE— A's 21,30—«O gato maltez».—GIMNASIO—A's 21,15 — «Marionettes».—APOLO—A's 21,30—«A revolta».—EDEN—A's 21,30—«A trombeta da fama». POLYTHEAMA—A's 21,30—«Salada russa».

Animatographos, concertos e variedades—Central, Olympia, Chiado Terrasse, Foz, Condes e Salão da Trindade.

Informações

Como dissémos, é hoje que no Gymnasio se realisa a recita de homenagem a Palmira Bastos e Eduardo Brazão. Será descerrada uma lapide commemorativa e discursará o dr. Cunha e Costa. Na proxima terça-feira, em festa de Palmyra Bastos, uma unica representação da deliciosa comedia «Bicho do matto».

—No desempenho da operetta «A mulher moderna», que na sexta-feira sobe á scena no Apollo, entram os seguintes artistas: Antonio Goes, Sophia Santos, Auzenda de Oliveira, Flora Dyson, Carlos Leal, Luiz Leitão, Carmen d'Oliveira, Aurelio Ribeiro, Clara Baptista, Idalina Lopes, José Santos, Zulmira Bettencourt e Julio Burgos. A traducção da peça é de Accacio Antunes.

Junta Patriotica da freguezia de Arroyos

Esta junta convida as familias necessitadas dos soldados que combatem em França e Africa ou que tenham fallecido em combate e que residam n'esta freguezia a entregar os seus requerimentos até 5 de setembro no Centro Escolar dr. Affonso Costa, estrada de Sacavem, 1, a fim de receberem o donativo a que por rateio tiverem direito.

Publicações recebidas

A QUESTÃO DO PEIXE—Em opusculo foi agora publicado o relatorio apresentado pelo sr. Carlos Rates ao director do serviço dos abastecimentos sobre as causas do encarecimento do peixe e a maneira de conseguir a abundancia no mercado e, consequentemente, a baixa de preço.

VIDA E SAUDE—Sahiu o numero 25 d'esta revista mensal de hygiene, scientifica, litteraria e illustrada, de que é director o sr. dr. João Vasconcellos, correspondente a julho. Vem, como de costume, interessante.

PEQUENAS NOTICIAS

Na enfermaria 13 do hospital de S. José falleceu Maria Beatriz, de 18 annos, moradora no becco dos Contrabandistas, 20, 1.º, que tomou uma poção venenosa para se suicidar. No banco do mesmo estabelecimento recebeu curativo Olinda da Silva, de 19 annos, residente no beco de Santa Helena, 25, 1.º, aggredida no Caracol da Graça com uma facada no braço direito por um individuo conhecido pelo nome de Armando Preto.

—Os gatunos entraram, por meio de arrombamento na garage pertencente ao sr. Arthur Francisco dos Reis, na rua Gomes Freire, levando differentes artigos no valor de 900$00.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

CONDUCTORES DE CARROÇAS—Reune amanhã, ás 14 horas, a assembleia geral com qualquer numero, por ser a segunda convocação.

TOURADAS

ALGÉS—Organisou o applaudido bandarilheiro Luciano Moreira, para a sua festa, uma soberba corrida á antiga portugueza, que se realisa amanhã, em Algés, começando ás 17,30 horas. Conseguiu o festejado que a casa Cadaval lhe fornecesse um excellente curro, todo puro, que depois de lidado será recolhido por campinos a cavallo. Na lide tomam parte distinctos amadores, como os srs. D. Alexandre, D. João e D. Carlos de Mascarenhas, os applaudidos cavalleiros José Casimiro e Rufino Costa e os estimaveis bandarilheiros Theodoro, Cadete, Thomaz da Rocha, Thomé e Custodio Domingues. O festejado lidará dois touros embolados á hespanhola. Os cavalleiros D. Alexandre de Mascarenhas e José Casimiro; toureiam um dos touros a duo com o festejado e com ferros curtos. Dirige a corrida o sr. José Segurado, intelligente emprezario do Campo Pequeno e Algés.

Ao leitor d'A CAPITAL

Depois de lido, enviar este jornal á *Junta Patriotica do Norte* (Paços do Concelho—Porto), a fim d'esta o mandar para os nossos soldados no «front».

Echos & Noticias

PARTIDAS E CHEGADAS

Com sua esposa e mãe, encontra-se em Miranda do Corvo, onde foi passar algum tempo, o nosso estimado collega de imprensa sr. Luthero de Moraes.

—Do regresso das thermas, está já em Lisboa o sr. Americo Vianna.

GREMIO LAFONENSE—Realisa-se amanhã, ás 21 horas a festa commemorativa do 4.º anniversario da aula de dança d'este gremio. Apresentação de duas gentis creanças, que dançarão o «Fado Prazeres» e «Tango Argentino», com trajes caracteristicos, sob a direcção do sr. Mario Prazeres.

CLUB RECREATIVO «OS CHORAS»—Começam amanhã as festas commemorativas do 1.º anniversario, havendo: ás 7 horas, alvorada por um grupo musical; ás 15, sessão solemne abrilhantada pelo grupo musical «Maria Gorjão» e abertura da «kermesse»; ás 19, inauguração da nova bandeira, concerto pela banda da Academia Musical 1.º de Janeiro de 1901 e sarau dançante.

Festas associativas

GRUPO SPORTIVO E DRAMATICO ESTEPHANIA—Amanhã, recita dedicada ao presidente da commissão administrativa, com a peça «Os desprezados», um acto de variedades e a operetta «A filha do Panaças», seguindo-se baile.

—Na Sociedade Philarmonica Alumnos d'Apollo, ha hoje recita promovida pelos srs. Januario da Cruz e Francisco L. Serrano, na qual toma parte a troupe dramatica Borges Frazão, que desempenhara a peça patriotica «Belgica heroica» e a comedia «Para homem só» e um acto de variedades, por diversos amadores, seguindo-se baile. Amanhã, de tarde e á noite, concerto musical pela banda da Sociedade, sarau desportivo, canções nacionaes, diversos concursos e baile.

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados

5821. . . . 12.000$00

1844. . . . 1.000$00

Numero	Premio	Numero	Premio
5251	500$	3767	100$
5820	241$5	4349	100$
5822	241$5	4587	100$
1542	200$	5035	100$
4261	200$	5070	100$
4288	200$	5944	100$
7822	200$	6184	100$
9909	200$	7228	100$
84	100$	7238	100$
75	100$	7760	100$
713	100$	8763	100$
1525	100$	8872	100$
1627	100$	9009	100$
3032	100$	9378	100$

CAMBIOS

Lisboa, 31 de agosto de 1918.

	Compra	Venda
Cheque sobre Londres	29 1/2	29 1/4
90 d/v.	29 3/4	
Cheque sobre Paris	305	312
» Hollanda	880	895
» Italia	220	230
» New York	1700	1730
» Madrid	395	410
Rio sobre Londres	12 1/4	—
Libras ouro	10$30	10$60
Agio do ouro	128 0/0	135 0/0

ULTIMA HORA

A guerra

Vinte e um apparelhos allemães fóra de combate

LONDRES, 31—Communicado de hontem á noite do marechal Haig, sobre aviação:—Incendiámos um balão captivo allemão e hontem abatemos 11 aviões inimigos e obrigámos 10 a aterrar desamparados. Faltam 9 dos nossos. Os nossos aviadores proseguiram activamente durante todo o dia, todas as operações que lhes dizem respeito. Lançaram 15 toneladas e meia de bombas sobre diversos objectivos, especialmente, as docas de Bruges, e numerosos entroncamentos ferro-viarios, situados além da zona de batalha. O mau tempo impediu os vôos nocturnos.—(Havas).

Gare ferro-viaria e aerodromo bombardeados

LONDRES, 31—Communicado de hontem sobre aeronautica:—Esta manhã atacámos com exito a gare ferro-viaria de Conflans e um aerodromo inimigo. Destruimos, em combate aereo, um avião inimigo. Regressaram todos os nossos. Uma das nossas esquadrilhas atacou tambem as gares de Conflans e Thionville. Esta esquadrilha atacou um numero muito superior de aviões inimigos, travando violento combate, no decurso do qual destruimos um avião e obrigámos outro a cahir desamparado. Faltam 4 dos nossos.—(Havas).

São 202 as divisões inimigas empenhadas na lucta

LONDRES, 31.—Communicado official—Frente occidental:—Foi dispersa mais uma divisão allemã. O total, actualmente, n'essa frente, é de 198 divisões allemãs e 4 divisões austriacas.—Havas).

Os inglezes continuam avançando apezar da resistencia allemã—Povoações tomadas—Combates encarniçados

LONDRES, 31.—Communicado do marechal Haig, de hontem á noite. A leste e a norte de Bapaume, as nossas operações continuam o mais satisfactoriamente possivel, apezar do recrudescimento da resistencia allemã.

Deram-se violentos combates na maior parte da linha de batalha, e os allemães effectuaram varios contra-ataques. Penetrámos em Riencourt-les-Bapaume e Bancourt, que disputámos ao inimigo durante todo o dia. Apoderámo-nos de Fremicourt, Vaulxvrancourt, fazendo prisioneiros, e attingimos ao occidente os arredores de Beugny.

Em Ecoust e Saint-Mein, as nossas tropas exercem forte pressão sobre o inimigo, que continua a defender-se encarniçadamente. Em Bullecourt e Hendecourt, o inimigo contra-atacou vigorosamente, obrigando-nos a retirar sobre os arredores occidentaes d'estas aldeias, e sobre o systema de trincheiras allemãs estabelecido entre ellas, onde o nosso fogo quebrou o ataque inimigo. Ao norte d'estas aldeias, um ataque desencadeado esta manhã pelos canadianos, dos dois lados da estrada de Cambrai a Arras, deu-nos a posse das defesas entre Hendecourt e Bancourt, bem como d'esta ultima aldeia e de algumas centenas de prisioneiros.

Ao sul de Bapaume, mantivemos vigorosa pressão sobre o inimigo, ganhando terreno. Avançámos a leste e a nordeste de Clery, fazendo 300 prisioneiros.

No sector de Lys, os allemães continuam a retirar, seguidos de perto pelas nossas tropas. Estamos de novo senhores de Bailleul.—(Havas).

A lucta d'artilharia, golpes de mão allemães malogrados

PARIS, 31.—Ao norte de Noyon e entre o Ailette e o Aisne, houve, durante a noite, renhida lucta de artilharia. Na Champagne, o inimigo tentou alguns golpes de mão, que se malograram.—(Havas).

*

A intervenção na Russia

Na Siberia, no Caucaso e na Transcaspia

LONDRES, 31.—Communicado official britannico—Siberia—Os tchecos tomaram Verkhneumisstask a 40 milhas a leste do lago Baikal. O general Semenoff avançou de novo ao norte da fronteira Mandchuriana. Os japonezes estão actualmente combatendo no «front» de Ussuri e declararam a sua intenção de enviarem mais reforços para a Siberia.

Caucaso—A presença das tropas em Baku produziu excellente effeito. Algumas das tribus caucasicas offereceram o seu auxilio.

Transcaspia—Os bolcheviks avançaram 120 milhas a oeste de Mery.—(Havas).

*

De todo o mundo

Mercados fechados

NEW-YORK, 29—Os mercados de algodão e generos de New-York, e o de New Orleans, estão fechados amanhã—(Havas).

*

O esforço americano

E' votada a lei dos effectivos militares

WASHINGTON, 30—O congresso approvou a ultima redacção da nova lei sobre os effectivos militares, pela qual são considerados mobilisaveis todos os homens dos 18 aos 45 annos. Logo apoz aquella approvação foi a referida lei assignada pelo presidente Wilson.—(Havas).

Para os prisioneiros de guerra

Acompanhado de uma carta com expressões commovedoras, recebeu o nosso collega Alvaro de Lima de seu primo e amigo o considerado cirurgião dentista sr. Saturio Baiva um pacote com tabaco destinado aos prisioneiros de guerra portuguezes.

Pede o remettente para, por intermedio da «Capital», fazer chegar ás mãos das senhoras que constituem a Commissão protectora dos prisioneiros de guerra essa pequena dadiva, desejo que vamos tratar de satisfazer.

Intoxicados com raizes

No banco do hospital de S. José foi hoje feita a lavagem do estomago a Joaquim Gomes, de 7 annos, filho de Antonio Gomes e Angelica Maria, moradores na estrada de Bemfica, 91, e a Laura do Jesus, de 5 annos, filha de Garibaldi Jesus e Henriqueta Marques, moradores na mesma estrada, 90.

Os dois menores apresentavam symptomas de envenenamento, por haverem comido umas raizes que o primeiro arrancára n'uns terrenos proximos da sua morada.

A questão das subsistencias

A junta de parochia de Bemfica distribue na proxima segunda feira senhas para a compra de batata, a qual será vendida a 10 cent. o kilo, dando cada comprador pela senha de um kilo um centavo, quantia que reverte a favor da Cantina Escolar «Flores de Bemfica» depois de pagas as despezas da impressão das senhas. Cada comprador poderá levar até 5 kilos, tendo de apresentar no acto da acquisição das senhas o recibo da renda da casa do mez de agosto.

Companhias de seguros

Reuniram hoje na Associação Commercial, em reunião secreta, os representantes de algumas companhias de seguros, a fim de deliberarem sobre a situação gravissima em que os multiplos prejuizos soffridos ultimamente em riscos maritimos, collocam varios organismos seguradores. Ao que consta, esses prejuizos attingiram nos ultimos dias uma coisa parecida com 5.000 contos de réis que serão cobertos, na sua quasi totalidade, por companhias de Lisboa.

Se bem que desejassemos acompanhar com mais fidelidade o que se passou na reunião hoje effectuada, foi-nos inteiramente impossivel fazel-o, pois que á imprensa foi difficultado o ingresso na sala da Associação Commercial.

Apprehensões de trigo, azeite e pão

Foram levantadas amostras de farinha de trigo e centeio a Feliciano Saiote e a Manoel Marques, ambos de Loures; de pão de mistura julgado improprio para consumo, n'uma padaria na rua oriental no Campo Grande, pertencente á Sociedade de Padarias Limitada; de azeite, a Fonseca Correia Limitada, na rua Andrade, 60.

No concelho de Alcacer do Sal foram apprehendidas a José Luiz Mendes, 55 litros de azeite, quantidade que excedia a que tinha manifestado.

Os fiscaes em serviço no concelho de Arruda dos Vinhos continuam arranjando grandes porções de trigo para o celeiro municipal, visto alguns productores não terem feito bem a divisão, autuaram Manoel Lopes Bexiga no logar de Santiago da Serra por transferir trigo do concelho de Arruda dos Vinhos para o de Loures.

POEIRA DA ARCADA

Commandante do "Augusto de Castilho"

Consta que vae ser concedida a Cruz de Guerra ao 1.º tenente sr. Oliveira Pinto, commandante do caça-minas «Augusto de Castilho», que ha dias combateu um submarino inimigo em frente do Cabo Raso.

Secretaria de marinha

Assumiu hoje o cargo de director geral da 4.ª direcção da secretaria de marinha o capitão de mar e guerra sr. Martinho Queiroz Montenegro.

Foi exonerado de inspector fiscal da commissão liquidataria de marinha o capitão de mar e guerra da administração naval sr. Saldanha da Motta

Portos de S. Thomé

Foi exonerado de capitão dos portos de S. Thomé e mandado regressar ao serviço da arma o capitão tenente sr. Dores Quadros.

Cruzador "S. Gabriel"

Foi exonerado do cargo de immediato d'este cruzador o capitão-tenente sr. Carvalho Crato, que hoje se apresentou na 1.ª direcção de marinha.

Capitão Brito Rebello

Por telegramma hoje recebido na secretaria d'Estado das colonias sabe-se ter fallecido em Huilla, Angola, o capitão do quadro occidental sr. Brito Rebello, filho do general sr. Jacinto Brito Rebello.

O fallecido era um distincto official tendo uma longa folha de serviços.

A provincia n'A CAPITAL

FIGUEIRA, 30—Os artistas Antonio Piedade e Olhão Luiz que, como ha pouco noticiámos, abriram um «atelier» de pintura n'esta cidade, teem visto coroados de exito os seus esforços para introduzir a arte n'esta cidade, pois que teem vendido bastantes quadros onde a sua maestria se revela com exhuberancia.

—Effectuar-se-ha no proximo dia 8 de setembro a terceira tourada da epocha na qual tomarão parte os distinctos cavalleiros José Casimiro e Adolpho Machado. Abrilhantará a corrida a Philarmonica Figueirense e dirigil-a-ha o amador tauromachico João Marcelino d'Azevedo.